Ano 3.° Arazêde, 3 de Janeiro de 1915 N.° 150

Director, administrador e editor
J. d'Almeida Junior

Representantes em muitas terras do país, Africa e Brazil

PROPRIEDADE DA DIRECÇÃO

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguêsa

Pátria e Humanidade

Redação e Administração
ARAZEDE

Toda a correspondencia relativa a este jornal, deve ser dirigida ao Director, para Coimbra

Composição e Impressão
Tip. Silva (a vapor)—AVEIRO

"O DEVER,,

Com a entrada do novo ano entra este semanario numa nova fase. Mudando a sua direcção não quer dizer que negue os seus primitivos principios, pugnando na medida das suas forças pelo progresso da Republica implantada para a regeneração e felicidade da Patria, cuja ideia sobrelevará sempre a todos os programas e a todos os outros interesses.

O Dever não será o orgão de um partido, mas será o denodado defensor de todos quantos sinceramente se interessarem pelos progressos moraes e materiaes do concelho de Montemór-o-Velho, cujas tradições honrosas respeitará e procurará tornar perduraveis por meio duma propaganda apaixonadamente patriotica e salutar.

Nele não serão abertas questões de ordem pessoal, que por mais justas que pareçam são sempre nocivas, simultaneamente para o agredido e para o agressor.

Procurará quanto possivel congrassar todos os elementos preponderantes e aproveitaveis para o progresso deste concelho, respeitando os ideaes e as crenças de cada um, aceitando controversias no campo dos principios, de onde só pode surgir beneficio de conquista para o campo mais perfeito e forte.

Com uma efétiva e distinta colaboração de afamados escritores e jornalistas, a nova orientação deste jornal representará uma vitoria futura, e dela só virão vantagens de toda a ordem para o nosso concelho.

Procurará informar os seus leitores de tudo quanto lhe possa interessar, dos seus deveres para com as repartições publicas nas epocas proprias, avisos de novas disposições legaes, emfim um noticiario tão completo quanto possivel, que redunde num interesse positivo.

O amôr e a paixão pelo novo regime poderão por vezes ter afastado o *Dever* da sua exclusiva missão, mas não cabe á nova direção mexer no passado, para não quebrar o principio do respeito devido a todos e não macular os intuitos com que vae entrar nesta nova fase que o ha-de por todos os titulos honrar.

O concelho honrar-nos-ha com o seu auxilio e protéção, e assim caminharemos resolutos para o nobre fim que nos inspira.

Principiamos por saudar o concelho de Montemór-o-Velho desejando-lhe um ano novo cheio de prosperidades.

E avante!

Defecção constitucional

O país assistiu nos ultimos dias ás maiores provas de faciosismo que homens politicos podiam dar em manifesta flagrancia com os preceitos da constituição da Republica Portuguêsa.

A constituição no seu artigo 86.° determina que as vagas do primeiro Senado serão preenchidas emquanto a Camara dos Deputados tiver mais de cento e trintra e cinco membros.

Ora, os deputados do grupo unionista para evitarem o cumprimento desta fórmula constitucional na eleição dos senadores, que faltam para completar a segunda Camara, renunciaram em massa aos seus mandatos. E os seus correligionarios no Senado, comparecem na abertura da sessão, para não perderem o subsidio, e saem igualmente em massa para a camara não poder funcionar.

Segundo a doutrina do § 1.° do artigo 7.° da Constituição os membros do Congresso são representantes da Nação e não dos colégios que o elegem, e, portanto, aqueles senhores deputados e senadores, com o seu referido procedimento, fazendo sobrelevar a representação do partidarismo que os elegeu, á representação da Nação que lhe confére deveres ponderosos de velar pela abservancia da Constituição e das leis e promover o bem geral da Nação, não só deram ao país uma evidente prova de menospreso pelo seu mandato, mas tambem procederam inconstitucionalmente.

Efetivamente sendo o Poder Legislativo um orgão da Soberania Nacional, que reside essencialmente em a Nação, todos apueles que, por circumstancias que não interessam ao país, perturbarem o funcionamento regular desse orgão, atentam forçosamente contra aquela Soberania, produzindo um desequilibrio nos poderes do Estado, que romperá a harmonia e independencia que devem manter entre si.

As imunidades dos Deputados e Senadores referem-se unicamente ás suas opiniões e votos, mas a Constituição não os torna inviolaveis pelos seus actos e o que os deputados unionistas praticaram renunciando e abandonando o Congresso foi um acto de defecção constitucional, que constitue uma grave falta de patriotismo, com ofensa do decoro proprio e do respeito que deve merecer a Soberania Nacional.

Quanto ao procedimento dos Senadores do partido unionista, com certeza que cae sob a alçada do regimento da Camara, porque eles não podem privar-se do exercicio das funções legislativas, sem licença da respetiva Camara.

O artigo 25.° da Constituição manda continuar o Senado no exercicio das suas funções legislativas, depois de terminada a respetiva legislatura, se por algum motivo as eleições não tiverem sido feitas nos prasos constitucionais, e, por consequencia, os senhores senadores unionistas tem que exercer as suas funções legislativas e não podem estar a entravar impunemente o funcionamento do Senado, abandonando em massa a Camara depois de tirar a falta como fazem os estudantes cábulas.

Esta situação não póde ser permitida pelo País, que deve manifestar-se nas proximas eleições senatoriaes, negando o seu voto áqueles que sem respeito pelos seus deveres parlamentares, teem desempenhado um tão facioso papel de intransigencia partidaria, pretendendo acobertar-se com a significação de um voto de desconfiança, que foi forjado sobrepticiamente pela falta do cumprimento de determinações constitucionaes, que sendo observadas, teriam dado uma votação contraria de confiança.

Em conclusão:—os parlamentares unionistas fizeram e estão fazendo uma *politica* faciosa e partidarista, com manifesto menospreso dos interesses colectivos e nacionaes, demonstrando a sua falta de patriotismo num momento tão grave para a nossa nacionalidade.

E' indispensavel consultar o país imediatamente, para que ele castigue devidamente os cidadãos que assim tem procedido.

23—12—1914.

Baldaque da Silva.

Na penumbra

O meu termómetro marca 10 graus. Dez graus é uma temperatura já regularmente baixa, que custa a suportar. E quando há uma temperatura baixa, a gente sente-se entanguido, mal póde mover a cabeça, porque o frio corta-nos a pele e deixa-nos entibiados. Mas dez graus para uma algibeira que necessita de entrar em despêsas tambem não é coisa muito agradavel. A temperatura da minha algibeira tende muito a baixar, e somada com a temperatura atmosférica não faz com certeza 20 graus positivos, *cómo a muitos se poderá afigurar, mas* negativos, *o que é bem diferente e o que é deveras gelificante.*

Pois é verdade. Neste momento eu estou debaixo duma temperatura ardentemente *gelada. Tenho frio na pele e frio na algibeira. Para a primeira ainda poderá haver remédio com um calorífero, que atenuará a crueldade do ambiente; mas para a segunda é que eu não descortino alivio eficaz. As contribuições, o passadio obrigatório e inadiavel, as dividasitas importunas, tudo me põe a alma em trancos infernais.*

E ainda eu não quero considerar os 10 graus de civilisação mundial que agora está acusando o termómetro dos povos da Europa. A hecatombe, a carnificina, a tragédia humana que se está desenrolando no imenso tablado social, denuncia-a claramente no espirito dos povos uma depressão triste e desalentadora. Eu não queria agora de forma alguma corporisar-me nas ideias dos pacifistas, que devem estar experimentando uma temperatura arripiante. Pois se só a temperatura da minha algibeira é suficiente para me fazer tiritar...

Oasis.

"O DEVER,,

Vende-se em **Montemór-o-Velho**, no estabelecimento comercial do snr. Bernardo Gonçalves Ferreira; em **Arazêde**, no do snr. Antonio Ismael da Cruz; em **Vila Franca**, no do snr. Manuel Costa Junior; em **Amieiro**, no do snr. João Pires Couto, onde os nossos leitores o poderão obter ao preço de 20 réis cada exemplar.

Ferreira Galvão

Está muito doente este nosso presado amigo de Montemór-o-Velho, muito conhecido e justamente estimado em todo o concelho, pelas suas excelentes qualidades de caracter.

Cumprimentando o nosso amigo, fazemos votos ardentes para o seu completo restabelecimento.

Aniversario

Passou na quinta-feira o aniversario natalicio da gentil filhinha mais velha do nosso querido amigo snr. Antero da Veiga, inteligente administrador dêste concelho e nosso presado colaborador.

Um grande abraço de felicitações.

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autôres.

Interesses do concêlho

A ponte de Montemór-o-Velho

Os senhores não fazem uma pequena ideia do que seja esperar, cá na provincia, por uma obra prometida pelo Estado! Dá tempo a que um homem nasça, viva e morra de velho, antes que a obra dobre a primeira infancia, mórmente se o respectivo processo corre á revelia! Vão ver o que se passa comigo, a respeito da nossa ponte sobre o Mondego. Vai para 9 anos, sendo ministro das obras publicas, o nosso patricio snr. D. João d'Alarcão, deixou ele em testamento ministerial diversos projectos de pontes por esse paiz além, incluindo, é claro, a ponte de Montemór, sobre o Mondego. Aconteceu, porém, que o homem a substituil-o na respectiva pasta foi o ministro regenerador Pereira dos Santos, meu correligionario politico, ao tempo.

Exultei com o facto, porque vi nele a possibilidade de levar a cabo a projectada ponte, dadas as relações de estima entre mim e o novo ministro. Imediatamente me fui ter com ele, a lembrar-lhe o meu pedido e a sua antiga promessa, que era precisamente a construção déssa ponte, logo que para isso tivesse ensejo. Respondeu-me que sim, que já tinha pensado nisso, que ia anular todos os mais projectos de pontes legados pelo seu antecessor, fazendo apenas seguir o que dizia respeito á ponte de Montemór, visto que o estado de penuria do erario publico não dava para mais. E com efeito, o projecto seguiu, embora, com um vicio d'origem que era a escolha do local, a que eu fôra completamente estranho. Como, porém, em assuntos d'obras publicas dar um passo atraz corresponde a uns poucos de anos perdidos, deixei seguir o projecto tal qual vinha. Não, que os governos tinham pouca vida e nós podiamos ficar sem ponte — nem ali, nem noutra parte. E então,... deixar lá ir!

Seguiu, portanto, o projecto até que se realisou a arrematação da parte metalica, cuja obra foi entregue á Empreza Industrial Portuguesa, e que d'ela se desobrigou dentro do praso estabelecido.

Mas agora subir para a ponte, se ela estava 10 metros acima do nivel do terreno e nós não tinhamos azas para voar?!

A situação politica, porém, havia transitado para os progressistas ou seus tutelados e a ponte e a ponte ai ficou 5 anos, armada, pintada e macadamisada a servir de poleiro aos passaros e canteiro ás ortigas! Até que finalmente entra de novo o snr. Pereira dos Santos como ministro das obras publicas no ultimo governo da monarquia, e eis que a minha humilde pessoa volta a instar junto d'ele, para que a ponte fosse levantada do mau sitio em que estava e armada no Casal Novo do rio ou Lavandeira, unico local reconhecido por todos, como proprio ás exigencias do serviço publico. E com efeito, o snr. Pereira dos Santos dispunha-se a autorisar a mudança e conclusão, requeridas, quando foi proclamada a republica e deposta a monarquia.

Não perdi as esperanças. A republica havia de querer acreditar-se

e não tinha melhor meio para fazêl-o do que fomentar a viação publica, instrumento indispensavel a todas as industrias. Até que, em certo dia, o snr. Brito Camacho, já ministro do fomento do governo provisorio, veio até nós para conhecer *de visu*, dizia-ele, as necessidades mais urgentes do districto de Coimbra.

Lá fomos,... lá fomos vêr a ponte, depois do hino nacional e do respectivo vivorio e foguetes. Acompanhava-o oficialmente, como engenheiro das obras publicas, o meu antigo condiscipulo e amigo, Tavares, a quem imediatamente pedi que informasse o ministro no sentido de mudar a ponte, quanto antes, no que aliás, ele proprio, como tecnico tambem concordava. E com efeito, ao despedir-me, que Brito Camacho tão depressa chegasse a Lisboa, como autorisaria a mudança requerida. E assim foi, na verdade, a ponte lá está já armada no Casal da Lavandeira, mas armada, no ar, como estava cá em baixo, porque o Estado imagina pontes sem encontros nem estradas de acesso! Voltavamos, portanto, á primeira fórma: como a *estrada de S. Tiago*, que dá passagem para o infinito! Era necessario, pois, mais dinheiro para estradas de ligação, revestimentos, encontros e fundações. Voltei-me, então, para amigos pessoais e politicos, afim de me auxiliarem na empreza, e na verdade, grande tem sido o concurso de todos.

O snr. director d'obras publicas do distrito, snr. Paulo de Barros, organisou o novo orçamento, o Conselho Superior aprovou e o respectivo ministro autorisou a verba orçada, cerca de oito contos. Tudo isto, é claro, com as delongas inerentes ás complicadas formulas burocraticas, que me trazem ha nove anos n'um verdadeiro rodopio, desconsolador e enervante!

Obtido, pois, o respectivo numerario, abre-se concurso para a arrematação e o concurso fica deserto! Averiguado o motivo, respondem-me que o orçamento estava escasso! E então agora, inquiro de novo? Agora tem de se abrir novo concurso. Mas novo concurso com as mesmas condições ficará igualmente deserto, atalhei eu! Pois sim, mas é de lei! — respondem-me eles.

E, na verdade, lá fica deserto o segundo concurso em nome da lei e do desperdicio de tempo!

Paciencia te dê Deus!...

Até que, finalmente, se organisa novo orçamento com mais 900 escudos, quantia julgada necessaria para garantia do empreiteiso, o orçamento segue para o Conselho d'Obras Publicas, que ha poucos dias aprovou, faltando apenas a portaria, que autorise a nova arrematação e que de Lisboa me dizem, estar para ser brevemente publicada.

E eis a triste odisseia dum humilde politico d'aldeia, através duma justa pretenção, que póde chamar-se de interesse nacional, pois que dá acesso e abre a porta ao maior celeiro do paiz, qual o mercado de cereais e legumes de Montemór-o-Velho.

E se lhes faço a historia cronologica do caso é tão sómente para mostrar ao publico do meu concelho, que a ponte ha de concluir-se, embora eu tenha de continuar no ingrato oficio de impertinente cauteleiro, não largando os amigos e as estações oficiais que porventura no assunto tenham ingerencia. Muitos dizem, que a ponte ha de servir para os nossos netos, mas eu tenho fundamentada crença, que todos passaremos sobre ela em menos dum ano, a não ser que as exigencias da guerra actual, determinem a suspensão de trabalhos publicos.

Na certeza, de que irei elucidando publico, a par e passo, nas colunas dêste jornal, das fases por que o caso vai passando, tal qual o medico aasistente d'um homem d'Estado que dá notas, em boletim publico, da situação preciza do enfermo. E na verdade, nada mais enfermo do que as obras do Estado em terras de provincia!

Batista Loureiro.

Novo arcipreste

Foi nomeado arcipreste o antigo prior désta freguezia, snr. Joaquim Maria Larangeira.

Este titulo eclesiastico estava vago em Arazêde, desde a morte do snr. arcipreste Manuel da Natividade, tio do snr. Silva Ferrão, e que todo o distrito de Coimbra tão bem conheceu, pois foi um prelado esmoler, humanitario e bondoso.

Evocando a sua memoria santa com saudade, cumpre-nos apresentar ao nomeado dagora, e nosso ex.mo amigo, os nossos cumprimentos de parabens pela merecida distinção.

Tem estado doente, com uma forte constipação, o nosso presado amigo, snr. Joaquim Francisco Coca Junior, importante industrial no Zambujeiro, o mesmo amigo da sua terra natal que inspirou o artigo sobre a fonte daquela localidade, publicado no numero anterior.

Desejamos o seu pronto restabelecimento.

A' Camara Municipal

Toda a gente tem visto que a camara do nosso concelho procura sempre, em harmonia com a urgencia e possibilidade das coisas, não criar embaraços, antes resolver depressa os problemas de interesse publico.

Confiados, pois, no seu patriotismo, tomamos a liberdade de lembrar o pessimo estado em que se encontra um pequeno ramal de estrada que, bifurcando á porta do snr. Silva Ferrão, em Vila Franca, com a estrada nacional, conduz ao olival chamado do *Cardoso*. Os habitantes por ela servidos não podem, pelo menos calçados, transitar por ela. E acresce ainda a circunstancia agravante das aguas da chuva, acumuladas, deteriorarem os edificios que se encontram á beira do caminho.

A despeza a fazer é pouca. E a camara póde remediar o mal quanto antes. Aqui fica o pedido, bem modesto, inspirado pelos constantes queixumes da população do logar.

CARTA DE COIMBRA

26—12—914.

Apresentação.—Amigo dedicado de José d'Almeida, lídimo caracter por quem nutro suprema veneração, fui por ele gostosamente emprazado a ser o correspondente do *Dever*. Anuí, porque sôbre as mesquinhas forças do *métier*, avultado é sempre o coeficiente da censura e do louvor para o progresso desta linda terra que tanto adoro: motivo porque aceitei o encargo, que tem menos de *honorable* que de contrariedades quando se é justo. Não investiguei se a Historia portuguêsa começa por Afonso Henriques ou pelo Prior do Crato. *In principio erat verbum*, dizem as Escrituras; mas o modesto papel dum correspondente deve ser o da Verdade, esclarecendo, premiando ou anatematisando, conforme a Justiça e o Direito, como é dever, e proprio d'*O Dever*, sem peias na consciencia, caminhando á luz do dia, sem enveredar por atalhos.

Testemunhos de confiança. — O snr. dr. Marnoco e Sousa, eminente catedratico, que é, talvez, a maior gloria da Universidade; o snr. dr. Luiz Rosete, medico abalisado, que desde o mais modesto lar tem em cada peito um altar de simpatia; o snr. dr. Antonio Leitão, que sobre advogado de merecimento é um pedagogista insigne; o snr. Antonio Paes Martins dos Santos, respeitabilissimo caracter e considerado comerciante, e o snr. Antonio Bravo, arquiteto da camara, acabam de ingressar nas fileiras do partido democratico. Honra seria para qualquer partido a inscrição dêstes nomes. O facto é de bem significativa eloquencia.

Civismo.—Os alunos do Colegio Mondego vão cometer ao ilustre capitão de infantaria 23, snr. Luiz Pereira da Mota, o encargo de fazer chegar ao comandante da proxima expedição o material sanitario obtido por subscrição, na importancia de cem escudos.

Melhoramento indispensavel. — A' Sociedade Protectora dos Animais lembramos a necessidade de intervir com os seus bons esforços para o calcetamento da feira de Santa Clara. Era um alto beneficio para os seres que protege, para compradores e vendedores e até para o desenvolvimento comercial daquele bairro.

Com o lamaçal que ali observámos no dia 23, pouco poderá progredir aquele mercado, que bem importante podia ser.

Concursos. — Começam no dia 28, no edificio da Faculdade de Letras, as provas dos candidatos a professores do liceu.

Melhoras. — Vai em vias de restabelecimento a snr.ª D. Sebastiana Cruz, extremosa esposa do nosso dedicado amigo, snr. José Pereira da Cruz, apreciado correspondente do *Primeiro de Janeiro*.

Escola Nacional de Agricultura. — Vai ser nomeado professor deste estabelecimento, o engenheiro-agronomo, snr. José de Souza Menezes e Vasconcelos.

Por falta de cavalos não teem funcionado nesta Escola os exercicios de equitação. Sabemos que o respectivo ministro está nas melhores disposições de transferir para aqui da Estação Zootecnica Nacional, de Fonte Boa, os exemplares necessarios.

A quem competir o pedido...

Guarda Republicana.—Por motivo de inventario de menores, vai á praça no dia 10 de janeiro, por 12:000$00, a casa do Pateo da Inquisição, destinada ao respectivo quartel.

Museu da Sé.—Vão começar as obras na egreja de S. João de Almedina para a instalação do Museu de Arte Sacra, tendo já passado a irmandade dos Clerigos Pobres para a egreja de S. Salvador.

Falecimento.—Foi hoje sepultado Carlos Clemente, operador cinematografico do Teatro Sousa Bastos. Esplendido moço e habilissimo artista, era um amigo dedicado, um pae e um marido exemplar. Todos os empregados do Teatro Avenida lhe prestaram tambem a homenagem da sua estima e saudade, acompanhando-o á ultima morada.

CASTILHO.

Padaria Lisbonense

Tem tido extraordinario acolhimento esta acreditada padaria, de que são proprietarios no Seixo, dêste concelho, os nossos presados assinantes e amigos, snrs. Joaquim Goes e Julio Goes, pae e filho que, á custa do seu aturado esforço, tão bem teem sabido desenvolver o seu negocio.

Recomendamos aos nossos leitores a importante Padaria Lisbonense, no Seixo de Gatões, certos de que prestamos um bom serviço ao publico.

Carta de Lisboa

Haja juizo!

Os jornais cá da capital inserem diariamente paginas que atacam, com justiça, o papel que o snr. dr. Brito Camacho está desempenhando na politica portuguêsa. O snr. dr. Brito Camacho, foi um daqueles que, no dia 7 de agosto, aclamou com delirio, em pleno congresso, quando foi aprovado o nosso oferecimento para combater as aguias imperiais ao lado da nossa velha amiga e aliada Inglaterra, dizendo ele que essa foi a melhor medida que o governo póde adotar.

Porém o snr. Camacho, esquecendo por completo o seu dever patriotico e esquecendo que se torna necessario o nosso auxilio e a nossa cooperação na guerra, manifesta-se de um modo incoerente e ridiculo, supondo que a nossa intervenção no conflito europeu se tornava desnecessaria. Pois não!... O congresso, na sua sessão de 7 de agosto, aprovou o nosso auxilio ao lado da nossa velha aliada. Para que negal-o? Seria uma ação infame e depravada, se Portugal renegasse a sua participação em prol da liberdade e da justiça. Portugal entrará na guerra, conscio do seu dever, cumprindo assim uma honrosa missão de povo civilisado e respeitador das leis. Avante, pois!

O ciume

Ha dias que uma das vielas da Mouraria, um dos bairros que maior numero de episodios fornece para a cronica policial, foi alarmada com uma cena de tiros que deixou ás portas da morte uma mulher da vida facil, de nome Maria Judit, mais conhecida pela *Judit Petiza*.

O protagoniata da cena, que é um esbelto rapaz empregado no comercio, tem apenas 18 anos de idade, chama-se Joaquim Candido da Silva, que julgando ser atraiçoado pela sua amante, com um rival de nome Joaquim dos Santos Gouveia, a alvejou com dois tiros de pistola deixando-a assim entre a vida e a morte.

Propaganda patriotica

Assisti, num dos passados domingos, a uma conferencia que o ilustre oficial da nossa marinha de guerra, snr. Leote do Rego, realisou no Centro Solidariedade Republicana.

As salas dêsse centro estavam literalmente cheias de pessoas que, quando o ilustre orador entrou na tribuna, irrompeu numa estrondosa salva de palmas, ouvindo-se tambem muitos vivas á Patria e á Republica. S. ex.ª começa por acentuar qual o seu papel: levantar o prestigio désta querida Patria que tão vilmente tem sido atraiçoada por filhos que a não sabem amar. A Inglaterra é grande, afirma o orador, pois todos os seus cidadãos, desde o humilde e honrado operario aos mais orgulhosos *lords*, teem, como á mais bela religião, a mais profunda simpatia pelo prestigio da Patria. Na Russia, ha tambem um grande culto pela bandeira nacional. No Japão, paiz de iniciativas fecundas, foi o mestre escola que levantou o patriotismo de raça. Em Portugal, só ha pouco tempo, desde o 5 d'Outubro para cá, se começou a venerar a bandeira. E, terminando, enviou uma carinhosa saudação aos que partiram já a defender a integridade da nossa querida Patria.

Ano Feliz

O modesto rabiscador desta carta, deseja muito boas festas e um ano cheio de Felicidade aos seus amaveis leitores e em especial ás suas gentis leitoras.

Para Angola

Deve partir no proximo dia 15 de janeiro uma nova expedição á provincia de Angola. O novo reforço, que será composto de dois mil e duzentos homens, segue a bordo dos paquetes *Moçambique* e *Zaire*. Ignora-se, porém, quem seja o comandante da nova expedição.

NOROÊ.

---

2) **Folhetim d'O DEVER**

M. DUARTE LOPES

UM HEROI

(CONTINUAÇÃO)

—As razões... as razões... Mas os maus instinctos, a ambição, a ferocidade, a senda do crime que de ha muito trilha...

—Milhares de razões, dr., milhares de razões.

—Creio que já compreendi. Vossência é medico, não? As leis de Lombroso, as modernas teorias, quer, naturalmente, citar...

—Não. Mas quando assim fosse... A bereditariedade, as taras, o atavismo, a meu vêr...

—Na sua opinião a sentença deveria ser lida em face da certidão do medico. Ora!... E' um criminoso, ha prova concludente que lesou a sociedade? Afasta-se, anula-se. A sociedade exige-o? Pois cumpra-se a exigencia da sociedade.

Nos labios do desconhecido pairou um enigmatico sorriso. Abanou a cabeça, fixou novamente o dr. Justo e disse:

—Se Vossência conseguisse perguntar á sociedade quantos criminosos ela abriga e considera!... A vida é um paradoxo e a sociedade está putrefácta e cega.

E olhando-me tambem com um certo interese e deferencia, quasi que murmurou:

—Se Vossências permitissem eu contava-lhes, á proposito, um episodio que os fará filosofar um pouco. E' a vida rial e julgo que os deve interessar.

Chegou a cadeira para junto de mim, debruçou-se um pouco sobre a pedra branca da meza e disse, quasi confidencialmente:

«Imaginem Vossências um grupo de homens, em plena noite escura, caminhando sem ruido, por uma estrada deserta. Caminham devagar, precavidamente. O grupo vai armado e vai capitaneado por um chefe a quem todos se submetem, sem lhe discutir as ordens. Caminha-se, caminha-se, e em plena noite ainda, faz-se alto numa povoação pequena e humilde, de casas pauperrimas, onde não brilha uma unica luz. São talvez perto de quarenta homens e vão exaustos da caminhada, sem forças, mal podendo com o peso das espingardas. O cansaço e a fome quasi que os prostra. Alguns atiram-se ao solo, parecendo doentes, incapazes dum só passo. O chefe dêsse grupo...»

—Déssa quadrilha, emendou o dr. Justo, rindo.

—«Como quizer, doutor. Os epitetos não influem nos factos. O chefe, justo a seu modo, porque a justiça é uma palavra tremenda que diverge de definição na consciencia de cada individuo, amoldando-se a maior parte das vezes a conveniencias pessoais, incutia-lhes animo e coragem. Parar era talvez a derrocada. Era forçoso que continuassem para a frente, apesar de tudo. Ele bem percebia que a alguns dos seus homens era quasi impossivel dar mais um passo, mas incitava-os, com exclamações persuasivas, a seguir sem demora. O bando, por fim, mexeu-se e continuou num passo dolenie, vagaroso, desanimado. Entre esses homens dois destacaram-se moderando o passo, encostados um ao outro, amparando-se mutuamente e declararam a plenos pulmões que não podiam caminhar, que desobedeciam. O chefe impacientou-se, dirigiu-lhes palavras de censura, acres e intimativas e afirmou-lhes que aquele acto representava uma tentativa de revolta, cujas consequencias poderiam ser graves porque podia influir na disciplina dos seus companheiros. Que não podiam mais, responderam-lhe. Estavam mortos de fome e de cansaço, que não dariam nem mais uma passada. O chefe impacientou-se, vincou a testa cheio de cólera, mordeu um momento os labios despertado e berrou arrogante, cruel, infernal, disciplinador, fixando um dos seus logares tenentes:

—Fusilem estes dois homens.

Cumpriu-se o mandato. Uma descarga fez-se ouvir, dentro em poucos minutos e os dois cadaveres para ali ficaram abandonados, á espera dos córvos que os dilacerassem ou que alguns piedosos camponezes lhes dessem guarida em tosca sepultura cavada entre o matagal bravio.»

—Brutal, desumano, exclamou o velho juiz, secundando a exclamação com o murro costumado.

(*Continúa*).

CAMARA MUNICIPAL

Sessão ordinaria de 19 de dezembro de 1914. Presentes os seguintes vereadores, vogaes da comissão executiva: Monteiro da Costa, J. Goes e Esteves de Barros, secretariados pelo vogal Rodrigues Pato, sob a presidencia do dr. Simões.

Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior.

EXPEDIENTE

1.º — Uma circular do chefe da 10.ª Repartição da Direcção Geral da Contabilidade Publica a responder a esta Comissão Executiva sobre o subsidio que o governo tem de dar á camara para despezas da instrução publica, que só depois de liquidadas as contas e preenchido o mapa.

O presidente informou a comissão de que já tinha preenchido o mapa que fôra enviado, explicando tudo e o que o governo tinha de dar.

2.º — Um oficio do inspector da 5.ª Divisão do Exercito, a solicitar a remessa áquela Inspecção das multas cobradas em resultado das faltas dadas pelos mancebos da instrucção militar preparatoria.

A comissão resolveu que se remetesse o importe das ditas multas.

3.º—Oficio do Instructor—curso de Montemór—Augusto dos Santos Pinto, a remeter dois recibos para pagamento de multas dos mancebos Joaquim Custodio Pinto e Joaquim Gomes Piroto. 9 escudos de 9 faltas cada um.

Mandou a comissão que por oficio se solicitasse do snr. regedor désta freguezia os avise para pagamento com o praso de cinco dias.

4.º — Oficio do encarregado da I. M. P. na Figueira da Foz, a declarar que o producto das multas por transgressão do decreto de 26 de maio de 1911, por ter faltado a exercicio da mesma Instrucção, deve ser enviado á Inspecção da 5.ª Divisão do Exercito, em Coimbra.

A comissão resolveu que o snr. Tesoureiro faça entrega da quantia depositada, respeitante ás multas cobradas.

5.º—Oficio da Inspecção da 2.ª Circunscrição Escolar de Coimbra a responder a esta comissão, que em harmonia com o que foi determinado pelo Ministerio da Instrução Publica, só depois da camara ter exonerado da escola o professor Tubarão Mendes, é que então se poderá pôr a escola de Verride a concurso.

Disse o snr. Presidente que no caso presente, e conforme já foi deliberado em sessão municipal de 13 de novembro ultimo, que caso não fossem recebidos pela estação competente os papeis para o concurso da escola de Verride, fosse nomeado um professor interino, para evitar que a escola continue a estar fechada por mais tempo, por vêr nisso grave prejuizo para as creanças; depois doutras considerações propôs que fosse nomeado professor interino o cidadão Julio Jacinto Nunes Neves da Costa, que se acha habilitado como professor de ensino livre, e que fosse dada comunicação ao Inspector Escolar para os devidos efeitos.

A comissão concordou com a opinião da presidencia e assim fez a nomeação do professor interino.

REQUERIMENTOS

De varios municipes do concelho a pedirem alinhamentos e licenças para vedações de seus predios e outros a pedirem licenças para depositos de materiais para construções e reconstruções.

Ao mestre de obras e respectivos vereadores das diferentes localidades para informar.

O mestre de obras apresentou diversas informações sobre alinhamentos e licenças de terreno para depositos de materiais.

A comissão aprovou os alinhamentos e licenças para deposito de materiais, pagando a devida taxa.

Em seguida a presidencia deu conhecimento de que por oficio tinha pedido ao snr. Inspector Escolar que ordenasse ao professor da escola masculina das Means que entregasse a chave da casa da escola. A comissão ficou inteirada.

Deliberou a comissão encarregar o guarda campestre Faustino da Costa Figo de promover a mudança da escola do sexo feminino de Santo Varão, da casa onde se encontrava para a nova casa oferecida pela Junta de Paroquia, para esse fim.

Resolveu que por oficio se agradecesse á mesma Junta de Paroquia.

A presidencia deu tambem conhecimento de que fôra reconhecido pelos tecnicos que na casa de escola do sexo feminino nesta vila eram indispensaveis umas obras acessorias para a conservação do edificio, e eram as seguintes: — trez vãos de portais com bandeiras, etc., etc. E mais informou que, segundo indicação do mestre de obras e encarregado da fiscalisação, tinham sido dadas de arrematação aos empreiteiros pela quantia de 30$00. A comissão concordando com as obras acessorias a fazer, e aprovou-as.

Disse tambem o snr. Presidente que o empreiteiro das obras da estrada e rua de Verride, Arsenio Lopes Quaresma, tinha vindo fazer entrega á camara das suas empreitadas, por reputar concluidas as obras que arrematou e que ele presidente mandára que o mestre de obras fosse examinar, vêr se elas estão nas condições, para depois mandar pagar ao empreiteiro.

A comissão aprovou plenamente a resolução tomada pela presidencia.

Aprovou mais a comissão e autorisou o pagamento duma requisição do Administrador do Concelho para enterramento e abatimento de cães em Verride.

Passou atestado de pobreza, confirmando o atestado passado pela Junta de Paroquia de Pereira, a José Augusto Pereira Bernardes, do mesmo logar e freguezia.

Autorisou o levantamento de 300$00 escudos da Caixa Economica Portuguêsa.

Autorisou e mandou pagar diversas despezas.

Em seguida foi encerrada a sessão.

Alice Oliveira,

aluna externa do 5.º ano de piano do Conservatorio e com o curso de musica: léciona, em sua casa ou dos alunos, como se convencionar.

RUA DO SUB RIPAS, 10
COIMBRA

Falecimentos

Finou-se no domingo passado o snr. Ernesto Martins, filho estremecido e unico do snr. Cristovão Martins, zeloso chefe de Reserva de Tráção dos Caminhos de Ferro, em Alfarélos.

O pobre Ernesto, que contava apenas 30 anos de idade, tinha diante de si um brilhante futuro, pois, sendo o unico enlevo de seus pais, que tanto lhe queriam, não teria necessidade de sacrificar-se muito para viver desafogadamente.

Mas a morte é traiçoeira! Não olhando a idades nem a sexos, leva tudo nas suas azas devastadoras e ingratas, cobrindo de luto, para sempre, quem lhe não merecia tamanha desventura.

Que descance em paz o pobre moço. A seus pais aflitos o nosso cartão de saudade.

Faleceu em Montemór-o-Velho o snr. Joaquim Campos, pae do snr. Antonio Augusto Rodrigues Campos, inteligente ajudante de notario naquela vila.

A toda a familia em luto, o nosso cartão de pêsames sentidos.

José Pedro Godinho

Com o proximo numero começa, neste jornal, a sua brilhante colaboração este mimoso poeta figueiroense, que em Figueiró dos Vinhos é imensamente querido.

Temos em nosso poder o seu primeiro soneto, que é bem um lamento da sua alma apaixonada e crente, e que sentimos não poder agora inserir.

Folgamos em o apresentar aos nossos presados leitores.

Dr. Bátista Loureiro

Chamamos a atenção dos nossos leitores para o magnifico e interessantissimo artigo que, sobre a já celebre questão das pontes sobre o Mondego, em Montemór, este nosso prestantissimo amigo teve a amabilidade de remeter-nos, com a promessa gentil de continuar. Por ele se vê a incúria á que se votam os problemas de interesse publico.

A falta de espaço obriga-nos a retirar, á ultima hora, colaboração importante.

Carta de Montemór

Montemór-o-Velho, 30.

Estamos nas festas do Natal que desejamos aos nossos colegas e leitores do *Dever*, as tenham tido muito boas e felizes, nestes bemditos dias de amorosa solidariedade humana em que todos os resentimentos se esquecem e os escandalos se apagam para todas as familias se enlaçarem em enternecidos afectos de paz e harmonia consoladoras.

— A nota de mais palpitante interesse nestes dias de festa, foram, conforme o tinhamos profetisado, os bailes que a direcção do rancho das *Formosas do Mondego* realisou no Teatro Ester de Carvalho, nas noites de sexta e sabado, pois que ha muito aqui se não têm realisado outros com mais ordem, animação e compostura. Todas as raparigas e rapazes se divertiram bem e com muito entusiasmo, sem que qualquer incidente triste viesse perturbar a alegria que reinou na sala, de principio ao fim.

E demais, para se fazer ideia do respeito e harmonia que se guardaram mutuamente, basta citar-se o admiravel exemplo de cordura e delicadeza que ali se observou entre as tricanas e os rapazes do *Rancho 6 de Julho* e as raparigas e rapazes do *Rancho Formosas do Mondego*, o feliz promotor dos bailes.

E' mais que sabido: desde que em pequenos meios, como o de Montemór, existam duas sociedades deste genero que se degladiem e defrontem, eis que as raparigas, e não só estas—mas ainda as mulheres casadas e viuvas — tornando-se ainda peores que as primeiras, ultrapassando por vezes os limites do decôro e da decencia, de parte a parte se injuriam umas ás outras por forma tal que depois da refrega do *linguado*, ficam familias suscetibilisadas e indispostas. E' isto pelo menos que nós temos visto nas terras pequenas em que temos estado e a que Montemór este ano tambem não escapou.

Imagine-se, pois, que agradavel surpresa foi a nossa quando nos bailes de que vimos falando, se apresentaram as *Formosas do Mondego* dançando com os rapazes do *6 de Julho* e vice-versa, com uma jovialidade e cordura como se nada existisse a separá-los.

Uma coisa bonita, emfim, que bastante e agradavelmente devia ter impressionado todos que a presenceiaram, tanto como nos impressionou e consolou a nós. Foi para todos sobretudo a nota mais simpatica dos bailes, e o que estavamos muito longe de esperar, dada a intensa rivalidade entre os dois ranchos.

E' assim que sempre gostamos de os ver, porque se é certo que da reação entre os dois, vem o fogo do entusiasmo que lhes dá vida, é tambem muito mau que na ancia do despique, desçam a sujar-se em excessos de linguagem agressiva e injuriosa na inconscienceia dos prejuizos moraes que tal processo lhes acarreta, não só a si mas á tranquilidade das nossas familias.

Reatando agora o fio do que vinhamos dizendo sobre os bailes, com relação á orquestra, sendo na sua maior parte composta de amadores que lhe nasceram os dentes no estudo desta bela arte, desempenhou á altura da sua missão, tocando muito —o que poucas vezes tem sucedido —e sempre muito afinada e harmoniosa, pelo que lhe dirigimos os nossos cordiais parabens.

Concluindo, diremos que este brilhante exito alcançado se deve aos esforços da direção que promoveu os bailes, e especialmente ao *fervilhismo* de Henrique Milheiro e á *diplomacia* de Alfredo Beiroca.

— No dia 26, tomou posse o novo secretario de finanças, o snr. Antonio Teixeira Cabral, que para aqui veio transferido de Fafe, sendo-lhe dada pelo seu colega, o snr. Leopoldo Augusto da Silva Neto, que nesse mesmo dia partiu para as Caldas da Rainha, concelho para que foi tambem transferido e onde ha mezes se achava fazendo serviço em comissão. *M.*

Nascimento

Deu á luz uma robusta criança do sexo feminino, a esposa do nosso amigo snr. Antonio José Dias Galvão, socio da acreditada firma João Antonio Rodrigues, de Montemór-o-Velho.

Parabens.

Teatro
Gremio de Instrução e Recreio

Em Pampilhosa do Botão realisa-se na quarta-feira, 6 de janeiro de 1915, um atraente espectaculo, promovido pelo aplaudido *Grupo Dramatico de Beneficencia*, cujo produto total reverterá em beneficio dos feridos da guerra. Eis o programa:

«A representação do celebre e extraordinario drama em 2 actos, original de Aristides Abranches — *O Gaiato de Lisboa*. Distribuição: José, aprendiz de tipografo, Antonio Cigarra; General Sarmento, Mario Pedrosa; Eduardo Sarmento, Joaquim Pires; Cosme, sacristão, José Marques dos Santos; Manuel, creado do General. Domingos Pires; Dorotea, avô de José, Maria José dos Santos; Baroneza do Valme, Albertina M. dos Santos, Emilia, irmã de José, Irene C. Lopes.

A engraçadissima comedia em 2 actos—*Casado, sem mulher*. Personagens: Aniceto, brazileiro, José Marques dos Santos; Manuel, Joaqnim Pires; Patricio, Domingos Pires; Ramon, aguadeiro, Mario Pedrosa; Um creado, M. Pedrosa; Joaquim, Eugenio S. Lopes; Socorro, Irene C. Lopes; Francisca, Maria José dos Santos.

O Estudante Alsaciano, monologo pelo snr. Guilherme F. da Silva».

Abrilhantará este espectaculo um magnifico sexteto. Preços e horas do costume.

Em férias

Encontra-se em Coimbra, passando as férias do natal e ano novo, o nosso amigo snr. Henrique de Melo, professor oficial em Montemór-o-Velho.

ANUNCIOS

Editos de 30 dias

(2.ª *publicação*)

NO Juizo de Direito da Comarca de Coimbra e cartorio do escrivão Rocha Calisto, correm editos de 30 dias que começam naquêle em que se publicar o respétivo segundo e ultimo anuncio a citar o executado Joaquim Gomes de Matos, morador que foi no logar e freguezia das Meãs, comarca de Montemór-o-Velho, e, agora ausente em parte incerta nos Estados-Unidos do Brazil, para no praso de trinta dias, findo o dos editos, pagar êle e sua mulher Joaquina Vaz, moradora no mesmo logar e freguezia, á exequente Maria de Nazaré Ferreira Mósca, viuva, proprietaria, moradora na cidade de Coimbra, a quantia de noventa e nove escudos e noventa e seis centavos constante das letras pelos executados aceites em vinte de fevereiro de mil novecentos e dôse e vencidas em egual dia e mez do ano de mil novecentos e treze, juros de oito por cento desde a data do saque até real embolso, honorarios a advogado e salarios de procurador, e a quantia de vinte centavos por dia a contar da distribuição da mesma execução conforme o estipulado e custas ou nomear bens á penhora suficientes, sob pena de se devolver áquela exequente o direito de os nomear e seguir a execução os seus devidos termos até final, em conformidade com o Decreto de vinte nove de maio de mil novecentos e sete.

Montemór-o-Velho, 21 de dezembro de 1914.

O Escrivão,

João Paes da Cunha Mamede.

Verifiquei a exatidão:

O Juiz de Direito substituto,

F. Barbosa.

Editos de 30 dias

(2.ª *publicação*)

NO Juiso de Direito da comarca de Coimbra e pelo cartorio do escrivão do quarto oficio, nos autos de execução comercial por letras que Dona Elisa Augusta Mósca, maior, solteira, daquela cidade, move contra Joaquim Gomes de Matos e mulher Joaquina Vaz, das Means, désta comarca de Montemór-o-Velho, correm editos de trinta dias, citando aquele Joaquim Gomes de Matos, ausente em parte incerta no Brasil, para no praso de cinco dias, findo o praso dos editos que se conta da segunda publicação do anuncio no *Diario do Governo*, pagar juntamente com a sua dita mulher, á exequente, a quantia de noventa e nove escudos e noventa e seis centavos, juros de oito por cento até real embolso, honorarios do advogado e salarios do solicitador, e a quantia de vinte centavos por dia a contar da distribuição do processo, e custas, ou dentro do mesmo praso nomearem á penhora bens suficientes para aquele pagamento, sob pena de esse direito se devolver á exequente, e a execução seguir seus termos até final.

Montemór-o-Velho, 21 de dezembro de 1914.

O escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei.

O Juiz de Direito substituto,

F. Barbosa.

AGUA DE LUSO -- Cura pela Diurése

(ESTABELECIMENTO TERMAL E HOTEIS ABÉRTOS TODO O ANO)

A mais diurética e mais digestiva. Aumenta a diurése, regularisa as funções digestivas e ativa os fenómenos nutritivo

Muito radioativa—4,49 miligramas—minutos
Muito ionisada, resistividade a 18° 18300 ohms
Muito rica em gazes raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotonica, ponto criospico 0°,04

} Conclusões da analise feita pelos distintos professores Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitissimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tifico

USO EXTERNO—Molestias de pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc,), reumatismo e gôta.
USO INTERNO—Artritismo, impaludismo, neurastenia—Albuminuria, diabetes—Intestinos, estomago—Rins—Bexiga.

Depositos -- LISBOA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros, 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 428. FUNCHAL, José Quirino de Castro, rua dos Murças. AFRICA ORIENTAL: Oswald Offmann. BEIRA: F. L. Simões & C.ª. LOANDA: Beltrão, Pena & C.ª, e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositarios nas terras onde ainda os não haja.

Seguros contra incendio — incluindo riscos de explosão de gaz e raio.

Seguros contra incendio — cobrindo tambem os riscos de *Greves* ou *Tumultos* (portaria de 14 de Março de 1914).

Seguros contra incendio — cobrindo ainda os riscos de *Guerra* (portaria, 30—XI—1914).

Unica companhia autorisada a segurar os riscos de Guerra nas apolices Incendio

As apolices d'A MUNDIAL são portanto as que mais conveem aos interesses dos proprietarios, locatarios, industriais, comerciantes, etc.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS
Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital Esc. 500.000$

Séde em Lisboa
Rua Garrett, 95
Telephone n.º 4084

Delegação do PORTO
Praça Almeida Garrett 22|24
Telephone n.º 1459

ENDEREÇO TELEGRAPHICO—**MUNDIAL**

Agentes em todas as localidades do paiz ilhas e colonias

Livraria e Tabacaria Cunha

Livraria Moderna e Tabacaria Augusto Henriques (reunidas)

Alberto Gonçalves Cunha

150, Rua Ferreira Borges—COIMBRA

TELEFONE N.º 293

LOTARIAS—Bilhetes, suas fracções e cautelas. Variada série de numeros certos.—Premios frequentes.
TABACOS—Nacionais e estrangeiros. As melhores marcas de cigarros e charutos.—Todos os artigos para fumadores.
POSTAIS ILUSTRADOS—Sempre as ultimas novidades em todos os generos.—Bilhetes de visita, impressão rapida.
PAPELARIA—Finissimos papeis de carta em caixas aos cadernos.—Objectos para escritorio e desenho.
LIVRARIA—Nacional e estrangeira, Revistas, Publicações.—Figurinos.—Musicas.

Livros usados, antigos ou modernos, em qualquer estado, em grandes ou pequenas quantidades, compra em qualquer parte.

Passagens para o Brazil e Africa

José de Almeida

Negociante nas Pontes de Cadima, concelho de Cantanhede, e correspondente de todas as Companhias de navegação

Faz constar que vende passagens para todos os portos do BRAZIL, AFRICA, etc., a preços reduzidos, para o que está legalmente habilitado.

A sua vida de seriedade e honestidade são garantia segura para que os que desejam comprar passagens o procurem de preferencia a qualquer outro.

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., *etc.*, podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz**—Camarneira—Cantanhede.

Restaurante Ferro-viario
ALFARELOS

ESTE bufete, um dos que melhor servem o publico que transita nos comboios, acha-se situado na estação do caminho de ferro de Alfarelos. Fornece almoços, jantares e *lunchs* e toda a qualidade de refeições, por preços comodos.
Tem pessoal habilitado, tanto em cosinha como em sala de mesa.
Tudo se encontra com esmero e perfeição.
Fornece comida para fóra, e presta se a servir em casamentos, batisados, etc., desde que seja prevenido com antecipação.

O proprietario, **Artur de Oliveira Coelho.**

Companhia de Seguros
A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz
Antonio d'Oliveira Guerra
RUA DA REPUBLICA, 84

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL
Correio de Cadima—Vila Nova d'Outil

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraude praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legitimo: acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de fórma a servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamavel, isca em cordão vendida fraudulentamente a titulo de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva acção civil de perdas e danos contra os delinqnentes, independentemente da multa ao Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente guardando-se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalisação para procederem ás necessarias diligencias. Dirigir-se pessoalmente ou por carta á Companhia Portuguêsa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS
MELO & MARTINS
PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada

PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiencia dos nossos adubos, devido ao seu magnifico resultado os adoptarão de preferencia a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro
PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex.mos passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.
Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA
Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.
PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações
Deposito das afamadas aguas de Luso.

Hotel de la Paix
JEAN OZUN

Situado num dos pontos mais centrais da capital, belas vistas sobre o Rocio, é um dos modernos hoteis que mais comodidades oferece.

Bom serviço de cosinha á franceza

Almoços, 60 centavos. — Jantares, 80 centavos. — Serviço á lista.

3 Calçada do Duque, 3 — **Lisboa**

Fabrica de Lanificios
— DE —
MANOEL JERONIMO DE MATOS
COVILHÃ

Fornecedor da caixa de socorros dos empregados da Companhia Portuguesa

Esta fabrica, uma das mais acreditadas da Provincia da Beira Baixa, fornece, por preços convidativos, especialmente a particulares do continente e ilhas, os melhores produtos da sua fabricação, tais como casimiras, cheviotes e estambres, empregando materia prima de primeira qualidade, esmerando-se quanto possivel na sua execução e adotando os melhores padrões e côres que a moda impõe nos centros elegantes estrangeiros.

Envia amostras para todos os pontos, para o que bastará o pedido feito num simples postal.

Pedidos a
Manoel Jeronimo de Matos--Covilhã

Ano 3.° Arazêde, 10 de Janeiro de 1915 N.° 151

Director, administrador e editor
J. d'Almeida Junior

Representantes em muitas terras do país, Africa e Brazil

PROPRIEDADE DA DIRECÇÃO

CORREIOS TELEGRAPHOS 12 JAN 15 COIMBRA

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguêsa

Pátria e Humanidade

Redação e Administração
ARAZEDE

Toda a correspondencia relativa a este jornal, deve ser dirigida ao Director, para Coimbra

Composição e Impressão
Tip. Silva (a vapor)—AVEIRO

CORREIOS TELEGRAPHOS 27 JAN 15 COIMBRA

Biblioteca da Universidade Coimbra S. R.

Pedimos aos nossos presados assinantes da freguezia, em debito, especialmente aos que devem o ano todo, o favor de mandarem ou irem satisfazer ao estabelecimento comercial do sr. Antonio Ismael da Cruz, em Arazêde, para onde já mandámos os recibos.

Outros que quizerem honrar-nos com o pagamento, poderão faze-lo em estampilhas enviadas ao director deste jornal.

O facto d'alguns nossos antigos assinantes o deixarem de ser agora, não deve importar o pagamento, pois o tempo decorreu e a despeza está feita. A eles egualmente pedimos a mesma fineza, cuja pratica deporá em favor da sua honra.

A's armas, portuguêses!

O notavel escritor hespanhol, Blasco Ibañez, num estudo consciencioso que acaba de fazer do atual conflito europeu, ilucida por completo a opinião publica, ácerca dos aturados preparativos de que o governo de Berlim ha muito se ocupava, para em momento propicio dilacerar, sob a bota rancorosa da sua dementada ambição, todas as nações que, ao brado imperativo do carrasco, não subissem, com prestêsa, os sinistros degraus patibulares, que o insolente teutão, ardilosamente, ia preparando.

Mas antes que a vitima se entregasse, paciente e submissa, ao cutelo do algoz; antes que, com a resignação dos grandes martires, fosse, sem vacilar, sorver o fel da amargura; a mão justiceira do Direito, intimida o adversario, cravando-lhe, na alma gangrenada por paixões pútridas, a adaga vingadora do ultraje.

Era a voz sublime da dignidade, dessa velharia provavelmente já morta no paiz de Bismarck, mas nunca olvidada pelos povos que, na luz rutilante do progresso, antevêem dias de ventura e horas de felicidade, que ia despertar com assômos de heroismo, a velha raça gaulêsa, os filhos sublimes da Revolução.

E a França, a França de Victor Hugo, a patria de Gambeta, ergue-se magestosa, e, sem hesitar, ao som da *Marselhêsa*, aos acordes maviosos do hino da Liberdade, marcha radiante para a fronteira, e em nome da honra vae asseverar ao mundo que os filhos da terra bemdita de Danton, presam a dignidade da sua patria, e veneram a memoria sagrada de seus maiores.

Mas a guerra alastra. Nações pacificas, paizes laboriosos que á custa de seus esforços mantinham um honroso viver, escutam, em breve, o lúgubre troar do canhão, a voz merencoria da guerra, com que o «Atila moderno», num gesto funambulesco, pretendia subjugar a Europa inteira.

A luta continúa, o sangue derrama-se, e a humanidade é a vitima infeliz dos desvarios do imperador da Alemanha, «o kaiser doente», como o definiu o dr. Agostinho Fortes.

O fraco extorce-se na mão homicida do opressor, e a dignidade, numa luta titanica, debate-se honrosamente com o insolente fanfarrão que, com a sua faca de estripador, ameaça a velha raça latina.

Mas a dignidade, ha-de vencer.

Póde a chancelaria alemã violar a neutralidade da Belgica, estrangular covardemente a voz autorisada da Justiça, infringir as normas solénes dos tratados, anavalhar os sagrados preceitos das alianças, opôr ao brado altivo do Direito as bôcas potentosas de seus canhões; póde, enfim, cometer toda a casta de crimes, que nunca a alma generosa dos humildes saberá fugir, ou empregar subterfugios, tendentes a deixarem enlamear a dignidade de seus paizes.

Não, nunca!

Se Guilherme II não teve pejo em cobrir de desonra o seu proprio nome, e se não trepidou em conduzir o seu paiz pelo caminho nauseabundo da traição, felizmente para nós todos, esse proceder iniquo, que bem define o desprezo que nos deve merecer o chefe barbaro d'além Rheno, não se repercutiu em nenhuma das nações, a quem costumamos dar o nome de pequenas.

Os belgas preferiram vêr o luto pairar sobre a sua querida terra; os servios ofereceram o seu peito destemido ás iras leoninas de Francisco José; os montenegrinos marcharam intrépidos ao primeiro brado de reunir, mas nenhum, absolutamente nenhum consentiu que a mão ferrea do algoz maculasse a honra das suas patrias.

Abençoados povos!

* * *

Folheio agora a historia da minha Patria.

Ajoelho, reverente, ante a memória imorredoira de nossos antepassados, e saúdo, em humilde préce, os ilustres bravos de Ourique.

Vou pela mão do historiador assistir á grandiosa batalha de Aljubarrota, e, impelido pela minha fé de português, desfolho umas singelas pétalas de saudade, sobre o tumulo venerando de Nun'Alvares!

Vou mais além:

Admiro os heroicos navegadores da minha linda terra, esses arrojados que, no seculo XV, em frageis e pequeninos lenhos, fôram arrancar a Africa a um longo esquecimento, chegaram ao Brazil, fôram á India, e desafiaram as iras do Pacifico, ostentando no topo de suas caravelas o pendão insigne das quinas.

E do solitario recanto duma aldeia, com a imagem sacrosanta do meu Portugal firmemente arreigada em minha alma de patriota, eu sinto dedilhar, em meu peito de português, uns suaves harpejos em homenagem aos filhos amantissimos da minha querida Patria!

Continúo folheando...

Mas agora a minha alma de patriota verte duas lagrimas de dôr e o meu coração pulsa com desespero: — é que, pela minha vista, passa o nome nefando do Cardeal-rei.

O meu peito arqueja descompassadamente e o cerebro estonteado, delira!

Vejo a minha Patria, a terra ilustre de inclitos varões, gemer opressa sob o jugo de Castela, e o braço fradesco de Henrique a amortalhar a alma nacional, na sotaina jesuitica de Roma; vejo a humilhação, o cativeiro dum povo que ao mundo legou largos horisontes, mas que a imbecilidade dum rei não poupou pretendendo encarcera-lo para sempre, no ataúde infamante da escravidão!...

Fecho a historia.

Quero esquecer o Rei-traidôr, olvidar, por completo, que Portugal foi vitima dum dominio estrangeiro; e viver á luz redentôra da liberdade, gosando o sol benefico duma patria livre.

Mas até mim vem um gemido triste.

Escuto-o atentamente.

E' um brado soléne como o que, em 1640, havia de ter encorajado os nossos destemidos antepassados, quando fôram arrancar a Patria ás mãos criminosas de Filipe de Castela. E' um grito enternecedor, uma súplica que implora justiça e clama o nosso esforço.

E' o brado sacrosanto do nosso Portugal, é o apêlo sagrado da Patria-mãe que, numa prece fervorosa, que nos dilacera a alma, nos avisa com carinho, e num terno balbuciar confia aos nossos peitos ardentes de portuguêses, a verdade amarga, de que rudes gananciosos lhe pretendem impôr a golilha de escrava.

E' porque a Alemanha, a Alemanha destruidora, acaba de chacinar em Angola irmãos nossos e de violar a integridade da Patria; é porque os troços germanicos, transpondo a fronteira da nossa colonia, acabam de fazer verter o sangue generoso de nossos soldados, dos nossos irmãos mais queridos!

E o Portugal geme, êsse heroico Portugal que em 1910, ao libertar-se da tutela brigantina, provou ao mundo inteiro que o dominio fradesco dos Orleans, não se coadunava com o espirito livre dos Lusos. E é êle agora, povo português, é êle que neste momento faz chegar até nós uma súplica sagrada, um apêlo que nos encoraja, guindando-nos á prática dos maiores sacrificios.

Prescutai bem a vossa alma, e haveis de ouvir o brado dilacerante da Patria; deitai para o lado o vosso génio sonhador de meridionais, e vinde comigo, bradar com todo o entusiasmo de vosso coração:

— A's armas, portuguêses!

Arazêde, 29 | 12 | 914.

Ribas de Souza,
Académico.

Interesses do concêlho

A redação dêste jornal, desejando tratar com carinho dos interesses do concelho de Montemór, pede aos cidadãos de todos os logares, de todas as freguezias e especialmente aos presidentes das juntas de Paroquia, a especial fineza de dirigirem, bazeando-se na justiça e na verdade, as suas reclamações a esta redação, indicando melhoria a introduzir nas terras das suas residencias, afim do *Dever* as fazer chegar aos poderes constituidos e publicamente a toda a gente que se interessa pelo progresso do seu concelho.

Só assim se poderá conseguir que a Camara conheça bem as necessidades de cada paroquia e, não só a Camara, mas todos os snrs. municipes.

Muito ha a fazer, mas muito está no esquecimento. Esperamos o generoso e patriotico auxilio de todos, pois o *Dever* é de todos os seus leitores, todos nas colunas dêste jornal podendo emitir a sua opinião.

A redação.

Dr. Mario Mendes

Vai ser nomeado médico do partido municipal, nesta freguezia, o snr. dr. Mario Mendes, medico distintissimo e muito atencioso.

Sua ex.ª, que nos foi ante-hontem apresentado em Coimbra, é de um trato cativantissimo. Novo ainda, afavel e bondoso, Arazêde orgulhar-se-á em o contar no numero dos seus ilustres habitantes.

O dr. Mario Mendes é irmão do rev. dr. Joaquim Mendes, um dos padres mais bemquistos e liberais da capital do distrito, onde ambos gosam de geral estima e simpatia.

Cumprimentamos o futuro clinico desta localidade.

Duas palavras...

Nós bem sabiamos que a nova atitude do *Dever* nos havia de merecer, por parte dalguns homens, insultos e alcunhas; visto que não ponderaram o fim que temos em vista e o norte luminoso que nos guia.

Felizmente que são em reduzido numero, os que não concordam com o nosso papel de educadores do povo, e, póde dizer-se, porque se diz a verdade absoluta, que essas criaturas são levadas ao seu antagonismo por meras questões pessoais, diremos, por rixas pessoais e ódios ao semelhante, e portanto por sétarismo.

Não por nos odiarem, a nós, que os respeitamos e continuaremos a considerar, mas porque não olham com bons olhos que este jornal, passando a ser de toda a gente, para toda a gente seja egual sob o ponto de vista de simpatias pessoais e politicas.

Caminhariamos bem, entendemos perfeitamente, mas deviamos continuar o papel dissolvente e desagregador dos ultimos anos, atacando crenças alheias, perseguindo todos os que não viessem a nós. Triste figura a de um misero jornalista em circunstancias tais!

Mas não importa. O caminho está encetado. Sacrificios, não ha ninguem que os não faça. O sofrimento é proprio das almas idealistas, e muito sofreram e se sacrificaram os maiores vultos da nossa terra.

Não nos desanimam más animadversões, e a nossa estima irá ainda mais para todos aqueles que, sem razão, pelo menos não sendo nossos inimigos, procuram ferir a nossa dignidade. O antagonismo de ideias, o facto de nos não quererem acompanhar, não ha-de importar da nossa parte ataques ou despeitos mal contidos. Não sômos obrigados a comungar, unidos, no mesmo credo. Entretanto, tomaremos as nossas notas, para fazermos um balancete, que apresentaremos, um dia, aos nossos presados leitores.

A má orientação dalguns espiritos leva-os a convir que o simples facto de se não acompanhar um homem por amôr do seu ideal politico ou doutrinario, é razão para descompôr esse homem ou cortar com ele relações pessoais.

Por mal dos nossos pecados, esse tem sido todo o mal para a familia portugueza, esse tem sido o grande erro e o grande prejuizo para Portugal. Os homens, por causa da politica, odeiam-se pessoalmente de uma maneira degradante. E o que sucede no *alto*, dá-se cá pelas camadas mais rentes á terra. Educação de principios? Onde está ela? Politica pessoalista, politica de lareira, isso sim, ha por cá muito.

Gente que atira a pedra e esconde a mão, tambem Honra? Sim, honra poderá haver, honra ha. Mas não se sabe usar dela.

Bem procuram certos discolos empurrar-nos para as contendas pessoais, atacando este e aquele, como se esses processos estivessem no nosso caracter.

Por causa da má lingua chegou a imprensa provinciana ao cáos em que se encontra, desacreditada, abandalhada, porque, é notorio, na maior

parte das terras do paiz, a imprensa periodica tem-se afastado imensamente do papel proveitoso que devia cultivar, da nobre missão que deveria, acima de tudo, ser o seu lêma.

A descrença pelo jornalismo de aldeia é manifesta, e a antipatia pelos jornais tende a subir de tenção nos espiritos.

Vamos a vêr se, não nos importando com meia duzia de adversarios, não já tanto nossos, pessoalmente, como dos principios que professamos, conseguiremos convence-los da razão e da logica, tendo esperanças de que virão a nós.

Uma coisa, porém, pedimos, para honra e decôro pessoais: — é que se fiquem, na paz abençoada das suas crenças e das suas convicções, deixando avançar quem quer seguir.

Isso farão, estamos certos, porque assim fazem todas as pessoas bem educadas e todos os caracteres impolutos.

A familia portugueza precisa de paz, para salvação da Republica. Abdicação dos principios politicos que nos animam ha muitos anos? Isso não. Esses estão firmes, imutaveis na nossa alma como enormes rochas de granito. Mas não havemos de enlamiar os outros que não estão, politicamente, comnosco, porque de politica não nos importa. .

Retiraram para Vizeu e Coimbra, respetivamente, os nossos presados colaborador e representante, snrs. Ribas de Souza e Alvaro da Silva Ferrão, estudiosos academicos que estiveram passando as ferias com suas estremosas familias.

Augusto Bisarro

Este ilustre Inspetor Principal da companhia portugueza ferroviaria, um dos mais distintos funcionarios, sem lisonja se póde dizer, de todos os caminhos de ferro de Portugal, na classe do inspetorado, esteve, ele e sua ex.ma familia, por ocasião da grande cheia que inundou a cidade de Coimbra, em risco de perecer, nas aguas revoltas e inclementes da enorme enchente que tantos prejuizos e desgostos originou, valendo a todos o terem saído a tempo, para um Hotel, onde escaparam á fúria da tempestade, mas não sem que a sua casa, na Avenida dos Oleiros, deixasse de ser toda inundada.

Felicitamo-los, por terem saído ilesos da tremenda catastrofe, que enlutou tantas familias e levou a mizeria a tantos lares.

Pediu a demissão de sub-inspetor do movimento da Beira Alta, o snr. Antonio de Matos Tavares, que foi colocado como agente comercial do trafego da companhia do Vale do Vouga, partindo em breve a tomar posse do seu novo cargo.

Sentimos a saída do nosso presado amigo, que ha longo tempo vem vivendo nesta localidade, onde conta tantos amigos quantas são as pessoas com quem trata.

CARTA DE MONTEMOR

Montemór-o-Velho, 6.

Parece-nos que o ano de 1915 não será amigo de que se possam esperar muitas festas nem caricias, a avaliar pelos modos bisonhos, ásperos e deshumanos com que fez as suas entradas. Parecendo trazer na alma os instintos da *barbarie alemã*, apresentou-se terrivel, fero e mau, fustigando-nos desapiedadamente e sem cessar com chuvas torrenciaes durante todo o dia 1.º e a noite precedente sem nos deixar pôr pé fóra de casa, ao mesmo tempo que um frio incisivo e penetrante nos fazia gelar no corpo a ultima gôta de sangue.

Assim pois, as aguas da inundação, que ainda cobria os campos, reforçadas por tão abundantes chuvas, crescendo assustadoramente, eis que ás 22 horas de sexta-feira, rompendo diques e galgando estradas numa corrente devastadora e impetuosa, aí nos veem honrar com a sua impertinente e incomoda visita, inundando a praça da Republica e as ruas da parte baixa da vila, invadindo lojas e os andares ao rez do chão das casas.

Pode-se calcular o sobresalto e a inquietação que produziu nos espiritos, tanto mais que a maior parte dos habitantes da vila não esperavam ainda que a cheia tão de repente os viesse fazer saír do agasalho de suas camas, onde se achavam dormindo o primeiro sono.

E se os prejuizos não são, felizmente, tantos como se receava, deve-se isso a alguns espiritos mais desconfiados e cautelosos, que, tendo-se mantido em vigilancia, depois chamavam e batiam ás portas de todos os que dormiam, para virem salvar da agua os generos ou valores que tinham ameaçados, passando pouco depois o transito pelas ruas a fazer-se por meio de barcos.

Os prejuizos são, portanto, insignificantes. Os maiores foram nos couvaes, ervilhaes, pastos e outros legumes que se achavam semeados e que estão todos perdidos, o que já não representa pouco para os pobres lavradores.

Devido á grande impetuosidade da corrente das aguas, desabou um grande pedaço de muro na importante propriedade do *Mosteiro*, onde vive o nosso amigo sr. José Luiz Ferreira Galvão, muro que estava construido de fresco, representando um prejuizo de 30 escudos.

Aos nossos amigos Antonio José Dias Galvão e Manuel Rodrigues Galvão, socios da acreditada firma comercial desta praça, *João Antonio Rodrigues, Sucessores*, tambem se lhes virou o deposito do petroleo na cheia, tendo por isso tambem um prejuizo menos mau.

Consta-nos ainda que sob os aquedutos da estrada que liga esta vila com Alfarelos, se encontra, desde hontem, o cadaver d'um homem, em completo estado de nudez, sem que tenha sido reconhecido e sem que as auctoridades judiciaes da comarca de Soure, talvez por o ignorarem, tenham mandado proceder á sua remoção.

—— O mercado quinzenal de hoje, como o passado, foi feito nas ruas e largos da vila, sendo a concorrencia muitissimo diminuta e fazendo-se muito pouco negocio.

—— A exemplo do que fez nas noites do Natal, o rancho das tricanas *Formosas do Mondego*, dá outra vez hoje bailes no Teatro Ester de Carvalho, sendo de esperar que decorram com o brilhantismo dos primeiros.

—— Já hontem vimos na rua, completamente restabelecido da doença que o teve retido no leito por tantos dias, o nosso presado amigo, sr. José Luiz Ferreira Galvão, a quem por tal facto muito abraçamos.

M.

Alice Oliveira,

aluna externa do 5.º ano de piano do Conservatorio e com o curso de musica: léciona, em sua casa ou dos alunos, como se convencionar.

RUA DO SUB RIPAS, 10

COIMBRA

EM FERIAS

Passando as ferias do Natal e Ano Bom estiveram em Coimbra as snr.as D. Purificação Pereira da Cruz e D. Virginia Fernandes Duarte, consideradas professoras, respétivamente em Tazem e Arazêde, que, acompanhadas da distinta professora da Sé Nova de Coimbra, snr.a D. Ana de Jesus Colaço, tiveram a gentileza de visitar o nosso director.

As primeiras regressaram ás suas residencias oficiais, todas três tendo já retomado os seus simpaticos cargos de iluminar o cerebro da infancia, educando a mocidade com carinhoso disvelo.

Agradecemos a cativante amabilidade.

Secção de Variedades

Quem te manda sapateiro...

O czar da Russia, do começo do seculo passado, gostava muito de lêr poesias, e um dia experimentou a sua veia poetica e fez tambem uns versos. E querendo vêr se eles agradavam, ofereceu-os aos seus cortezãos, para saber o que eles lhe diziam. Os cortezãos leram, não lhe disseram nada, mas piscaram os olhos uns aos outros. O czar despeitado, e querando mostrar que os versos estavam bem feitos, chamou um poeta e disse-lhe: examina estes versos e dá-me a tua autorisada opinião. O poeta leu, examinou e disse comovente: isto não presta! O czar, zangado com esta resposta, mandou-o encerrar numa prisão.

Ficou, porém, a ruminar sobre o caso, e fez novos versos; e para se certificar de que estes, agora, estavam bons, mandou á prisão buscar o poeta e diz: ora vê agora estes e dirás se estão bem feitos. O poeta leu, releu e franziu o nariz. O czar, que estava ancioso por uma boa resposta, disse-lhe: oh homem! parece que estás embaraçado! diz francamente a tua opinião. O poeta fitou-o, atirou-lhe com os versos e botou a fugir. O czar grita-lhe: oh homem! onde vais tu? não fujas!... E ele, sempre a fugir, responde: volto para a cadeia... e ia dizendo: quem te manda a ti, sapateiro, tocar rabecão, se não sabes pôr-lhe a mão...

L.

CARTA DE COIMBRA

Calamidade.—Dão-se as mãos na desgraça quantos momentos antes em Coimbra haviam trocado nos seus melhores anceios os votos de prosperidades pelo novo ano. O primeiro de janeiro marca nos anais desta cidade a pagina mais pungente que gerações sucessivas jámais presenciaram.

A inundação que invadiu as ruas da baixa, nivelando-as pelo patamar dos Paços do Concelho, veio abrir uma profundissima crise que ha-de reflectir-se por anos adeante, malbaratando tantos esforços e tantas energias que se traduzirão num tristissimo desalento para a vida do trabalho honesto, para a força que ministra a já minguada compensação dêsse trabalho, sem que medidas do coração e providencias governativas possam atenuar sequer as malfadadas consequencias. Dever, porém, é anestesiá-las por momentos; e louvores sejam dados a quem tão desinteressadamente e com sublimes rasgos de abnegação contribue para minorá-las. Contar os revezes sucedidos, citar quantas desilusões desfeitas, descrever os prejuizos sofridos... está do dominio publico uma pequena parcela, e o resto compendia-se na palavra *cataclismo*.

Pela politica.—Inscreveram-se no Partido Republicano Português os srs. drs. Pires da Rocha, Maximino de Matos e Viriato Teixeira.

Senado Municipal.—Foi reeleita a comissão executiva, constituida por elementos evolucionistas.

Antonio Bravo.—Foi dispensado dos serviços a seu cargo o ilustre engenheiro da camara, que ha pouco, como noticiámos, dera o seu apoio á orientação do partido de Afonso Costa.

Exoneração—Por motivo disciplinar foi exonerada de regente da Escola de Santa Cruz a sr.ª D. Olivia Fontes.

Cadeia Nacional.—Deram entrada neste presidio 27 conspiradores de Mafra, tendo vindo escoltados por uma força de infantaria 2.

Bando precatorio.—Em favor das victimas da inundação realisa na proxima segunda-feira a Federação Operaria um bando precatorio.

Russo em bolandas.—Ha mezes que se encontra em Coimbra o professor russo Paul Lister. Só não é preso quando se encontra na cadeia. Foi á Regoa, a Penacova, a Vila Nova de Poiares... tendo sido preso por suspeito em todas estas localidades. Não se pode ser estrangeiro em terras de Portugal. E se não vivesse no edificio da Inquisição... só se resaria dêle a guilhotina. E' o que lhe vale, felizmente, para o reclame periodico á sua profissão.

Que dirá êle dos seus aliados? Esta questão de prender provém dum antigo legado de condecorações que honraram por seculos as glorias de muitos Pinas Maniques, cuja descendencia se encontra espalhada ainda por territorios varios da Republica.

Falecimento.—Ao nosso presado amigo sr. dr. Mario Simões da Silva a expressão bem sentida do nosso pezar pelo falecimento de seu extremoso pae, sr. Joaquim Simões da Silva, comerciante probo e honesto que pelo seu caracter deixa saudosissima memoria.

Castilho.

Politica dissolvente

Chama-se, ou, mais propriamente, deve chamar-se politica destrambilhada áquela que certos homens publicos estão fazendo por méras questões pessoais e desvários de ambição de mando.

A pena é que o povo, que acordou em 5 de outubro, durma agora a sono solto, alheio ao mal que lhe está causando tanta incoerencia e tanta tolice.

Sofreu ha dias uma melindrosa operação nos olhos o nosso presado assinante da capital, snr. José Maximo de Carvalho, que está felizmente livre de perigo.

Parabens.

CONFUSÕES...

A politica portuguêsa está de tal maneira baralhada, que aos homens de censo prático repugna o ocuparem-se de politica. Ninguem se entende e já agora quer-nos parecer que isto irá até ao fim, que se nos afigura proximo, da liquidação de certos politiqueiros. Os homens podiam, eles proprios, não se entenderem pessoalmente, fazendo, juntos, a politica de saneamento e de progresso de que tanto carece o país. Mas não. O tempo dirá sobre que cabeças hão de caír as tremendas responsabilidades que se estão já inclinando e arrastando comsigo, o que sobretudo é o mais duro, a economia e o bem estar, a tranquilidade e a paz do povo, que fará justiça na hora propria. Não haja duvidas.

E a gente a ralar-se com tudo isto, emquanto os grandes da Terra baralham e confundem tudo, lá no *alto*, com uma inconsciencia criminosa que tantos arripios causa...

Esteve na sexta-feira em Coimbra o snr. arcipreste desta freguezia, rev. Joaquim Maria Laranjeira, que já regressou a esta localidade.

3) **Folhetim d'O DEVER**

M. DUARTE LOPES

UM HEROI

(CONTINUAÇÃO)

— «O bando, continuou o desconhecido, seguiu a sua marcha. A chuva, fria e por vezes violenta, fustigára-lhes o rosto e molhára-os até aos ossos. Os caminhos lamacentos e por vezes transformados em verdadeiros regatos, dificultavam-lhes a marcha. De vez em quando paravam, abrigando-se sob o arvoredo, sempre de atalaia, como se esperassem um ataque subito, mas previsto.

As bátegas d'agua sucediam-se ininterruptas e de longe vinha o som violento duma trovoada distante que radiava fulgurações repentinas.

A' voz do chefe tudo aquilo se punha de novo em movimento, agora com a celeridade proveniente do terror inspirado pelo imprevisto fusilamento dos dois companheiros. Galgaram vigorosos mais umas leguas e as três da madrugada, solénes, compassadas, tanjeram num campanario afastado.

Reconheceu já tarde o maioral do bando a razão das suas vitimas. Ele sentia-se tambem exausto, sem forças. Era necessario acampar, descançar, comer — caminhavam desde que o sol despontara, quasi sem cessar e sem alimento.

Não, era impossivel a marcha. Na primeira aldeia que se deparasse, acampar-se-ia. Observem vossencias os factos sem uma interrogação unica. A explicação de toda esta historia talvez fastidiosa ser-lhes-ha dada em duas palavras. Moderem a sua curiosidade e permitam que eu atinja o alvo a que me propuz chegar. Adivinho-lhes nos labios interrogações prestes a interromper-me. Não s'impacientem: a sequencia dos factos e o fim a que viso, estão coordenados dentro dos rigores da logica. Mas, continuando:

A uns três quilometros encontraram novas habitações. Era tambem uma aldeia pobre, sem luz, nem atrativos. Aguas impetuosas corriam num regato proximo, com um ruido violento. A ramaria do arvoredo, que o vendaval fustigava, gemia lugubre; e, no firmamento plumbeo, nuvens negras caminhavam impelidas pelo vento e iluminadas de vez em quando pelo fulgor repentino do relampejar. O fragor dos trovões repercutia nas serranias o seu éco vigoroso, e, após a queda coriscante e longinqua de linhas deslumbrantes de azulado fogo, ranjiam arvores tombando estrondosamente. Raios de luz sáem d'alguns casebres. Despertavam já os moradores com o bramir da borrasca, talvês tremulos e receiosos. Uivavam os cães de guarda funebremente, nas quintas proximas e nos aidos dos quinteiros balavam medrosas as ovelhas. O grupo de homens resguarda-se do temporal, cingindo-se aos troncos do arvoredo frondoso, aconchegando a si o armamento. Uma casa rustica de lavrador, talvês a maior e a que mais fausto ostentava, erguia-se fronteira. Junto, num quintalorio pegado, barracões bem construidos, serviam talvez de adega ou aguardavam, naturalmente, o fruto da ultima colheita. De subito feriu-lhes a vista, por detraz dos vidros da janela, uma luz frouxa. O chefe do bando atentou uns segundos e ordenou-lhes calmo:

— Batam a essa porta!

Esperaram uns momentos, mas, dentro, o silencio continuou. Repetiram a chamada com coronhadas violentas, perenes d'impaciencia. Ladrou um cão raivosamente no quinteiro a dentro rangeu o soalho sob os passos incertos d'alguem:

— Quem é? perguntou uma voz de homem, arrastada e sonolenta.

— Abra, respondeu o chefe, imperativo.

De dentro, após um silencio de momentos, veio uma exclamação admirada:

— Abrir?! Mas quem é que está aí?!

— Abra sem demora. Se não... arrombamos.

Mas o bando precipitára-se para a porta, forçando-a violentamente e sem resultado. Ouviu-se uma detonação.

— Hein?! Atacam-nos, bradou o maioral agastado. Arrombem isso! E depressa!

A turba, num esforço supremo, fez ranger a porta que estalou, e se abriu ruidosa. Palido de terror um velho camponio, com as roupas em desalinho, apareceu junto á porta, como que a impedir a entrada. Mas o bando rodeou o homem que, tremulo e confuso, olhava aparvalhado, sem articular palavra.

— Com que então, você recebe-nos a tiro, motejou o chefe cruel e sinistramente.

(*Continúa*).

Poetas e Prosadôres

SONETO

Caem chuvas de graça no teu rosto,
Como o luar em leite sobre a terra,
Que no peito do fogo ainda encerra
Os ultimos abraços do sol-posto...

O teu sorriso branco de que eu gosto
E' uma chuvinha doiro que descerra
As portas d'amargura que me aterra,
Por onde sae a dôr do meu desgosto!

Sorrí, ó meu amôr! desprende a luz
Dos teus olhos ridentes sobre mim,
E ilumina o calvario desta cruz

Aonde estou pregado, aonde existo,
Vertendo como outr'ora o pobre Cristo
As gotas do meu pranto, em mar sem fim.

J. P. G.

NÃO VOLTAM!

Assim como no inverno as andorinhas
Juntas adêjam a melhor paragem,
Vão taciturnas, em cruel romagem,
As dôces ilusões que eu chamei minhas.

Vão cansadas, talvez, de iras mesquinhas
Que se vão agrupando na engrenagem
Désta corrúta esfera e, de passagem,
Elas lá vão, chorosas pobresinhas!

Lá vão em reboáda, ávante, ávante,
Como andorinhas que num ai cortante
Se despedem dos ninhos nos beirais...

Uma dif'rença existe e essa é bem féra:
As andorinhas vém na primavera
E as minhas ilusões não voltam mais!...

Lisboa, 20 | XI | 1914.

Gomes Monteiro.

Carta de Lisboa

6—1—915.

Não ha juizo!...

Na manhã do dia de ano novo foi a cidade alarmada com uma triste e dolorosa ocorrencia. Eis o caso: no predio numero 81 da rua Borja, á Fonte Santa, residia o pedreiro Amiano Antonio da Silva, de 43 anos de idade, e sua mulher Maria da Gloria Machado e mais três filhos. A sua casa era muito frequentada por um individuo de nome Mateus Rodrigues que alvejado pela lei de 13 de fevereiro, da autoria de Jão Franco, nunca mais deixou de cultivar o anarquismo e modernamente o sindicalismo.

O Rodrigues e o Silva, que desde ha tempos vinham fabricando bombas de dinamite, tiveram um desfecho tragico; pois, quando neste dia estavam preparados para começar a exercer o seu mister, tiveram a infelicidade de duas delas rebentarem, causando morte horrorosa ao Mateus Rodrigues e deixando o seu companheiro num estado horripilante.

Em seguida foi a casa evacuada pela policia e varios populares que, tendo ouvido as detonações, não sabiam a que atribuil-as. A policia conduziu o Silva ao hospital a curar-se dos ferimentos que recebêra e d'ali para uma esquadra, onde se acha incomunicavel, e o Rodrigues foi logo removido para a Morgue.

A mulher do Silva tambem se acha incomunicavel numa esquadra. A policia, procedendo a varias pesquizas, achou nada mais e nada menos de 43 bombas. O Silva, ao ser interrogado pelo snr. João Eloi, director da policia, declarou-se realmente anarquista doutrinario, e seguindo as doutrinas de Kropotkine. Oh! falsos hipocritas!... A natureza vos castiga!...

Adesões ao Partido Republicano

Nestes ultimos dias teem aderido ao Partido Republicano Português algumas individualidades, cujo valor politico nos faz prever vitoria para a nossa querida Republica. E outra coisa não atestam os nomes de Manuel Ferreira, proprietario; Joaquim Ferreira, proprietario, e Manuel Ferreira, estudante, que, por intermedio do snr. Dr. Antonio Leitão, aderiram em Coimbra ao Partido Republicano Português.

Ainda bem.

E' justo

Os jornais cá da capital confirmam a noticia de que o imperador Guilherme telegrafou ao Pápa aceitando a sua proposta para a troca de prisioneiros cujos ferimentos os impossibilitem de combater. A Servia e a Inglaterra enviaram tambem pelo telegrafo a sua adesão.

Noroé.

CARVALHO NEVES

Passou no dia 1 do corrente o aniversario natalicio dêste nosso querido amigo e ilustre jornalista, filho da visinha povoação de Cadima, e que no Rio de Janeiro, onde dirige importantes transações comerciais, suas, gosa de geral estima pelas suas belas qualidades de caracter e inteligencia.

Um grande abraço a Carvalho Neves.

A intervenção de Portugal

No atual conflito armado, Portugal tem que intervir a pedido da Inglaterra.

Nós temos de lhe dar, sem transigencias, todo o apoio de que ela careça, pois que, em diversas ocasiões, ela nos tem dado tambem o seu leal apoio. Partidarios da Inglaterra, somos, já se sabe, contra a Alemanha. Mesmo que não fossemos aliados da Inglaterra, tinhamos que ser contra a Alemanha, pois que ela, sem declaração de guerra, nos invadiu já a nossa provincia de Angola, assassinando alguns dos nossos soldados; por isso devemos entrar no conflito ao lado dos aliados e desalojar os alemães da nossa rica provincia ultramarina.

Os nossos soldados são briosos e valentes e, por isso, saberão vingar os seus irmãos mortos no ataque de Naulila. A aguia germanica, já ferida numa aza, tem que ser escorraçada d'Africa, mas de *toda* a Africa, partindo-se-lhe a outra aza, para, de futuro, não poder adejar por sobre as nações mais fracas.

O despotismo tem que baquear fatalmente pela força da Liberdade e para dar ao mundo a paz de que tanto carece.

Portugal, pois, entra no conflito, mas com toda a nobresa e com toda a coragem. O nosso exercito é cioso da independencia da sua Patria, e defende-la-ha com toda a coragem e valentia que sempre o distinguiu.

Soveral da Rocha.

Vindo de Lisboa encontra-se entre nós o nosso presado assinante, snr. José Ferreira Jacinto.

Tambem chegou do Brazil o snr. José Petrus.

Damos as boas-vindas aos nossos patricios e amigos.

Agradecimento

No dia 30 de dezembro ultimo faleceu, no lugar do Cazal, da freguezia de Cadima, uma menina de 4 anos de idade, de nome Celestina de Jesus, filha querida e sobrinha dos nossos amigos e assinantes, Francisco Jorge Melanda e Saul Jorge Melanda. Estes nossos amigos agradecem, por este meio, a todas as pessoas que se dignaram acompanhar á sua ultima morada, sua saudosa filha e sobrinha.

Baldaque da Silva

Passou no dia 28 de dezembro o aniversario natalicio deste ilustre engenheiro hidrografico e nosso valiosissimo colaborador, a quem por tal motivo saudamos cordialmente.

Transcrição

O nosso brilhante colega da Figueira da Foz, *Voz da Justiça*, transcreveu, no seu numero de 5 do corrente, o artigo *A politica partidaria*, inserto no *Dever* de 27 de dezembro e devido á pena do grande republicano e eminente homem publico, snr. Baldaque da Silva.

Agradecemos a distinção.

Alemanha miseravel

Raivoso como uma fera esfaimada, ou só, simples patriota, esmagar-te-ia se pudésse, traidora, que, sem declaração de guerra, desrespeitando assim a pratica do direito internacional, atacas cobardemente os desprevenidos, semeando em cada lar a saudade por aqueles que assassinas batalhando como herois pela defeza e gloria da Patria.

Alemanha provocadora, a tua revoltante atitude terá pelos portugueses o devido corrétivo; não será hoje, mas alem ou depois, tu pagarás com capital e juro elevado, dura como ossos, a vitoria que, por superioridade numerica, conseguiste obter em Naulila.

Fomos de facto desfeitiados, mas tu, rainha da *kultura*, verterás as mesmas lagrimas de sangue que para nós anunciaste, visto que, cedo ou tarde, este ano ou no futuro, soará alegremente a hora da desforra; e seja ela tamanha que as tuas garras aduncas sejam retalhadas da fórma mais horrorosa, como tu, de ferós, Alemanha imbecil, te mostras perante o mundo civilisado, perante a inteira opinião publica, que te reduziria a cinzas com o esforço dos seus protestos, se derrubada pudésse ser instantaneamente a tua herculea posse, e finalmente te arrancaria dos soldados o coiro cabeludo com a semcerimonia com que tu, barbara Alemanha, empregas as balas *dum-dum*.

Respeito sincero e saudosa homenagem da nação, para os mortos,

E para os vivos que hajam de combater com tal bando de selvagens e criminosos, a fé e coragem de que necessitem para duma só vez massacrarem, despedaçarem, o ultimo dos bocados da soldadesca germanica que invadiu os nossos territorios de Angola.

E se justiça celeste puder haver, que um raio os dizime tão miudos, que só dêles se veja a evaporação.

E' este o desejo bem significativo, aliás o protesto mais veemente dum português que não admite afrontas, e que ama do coração a sua heroica raça.

Antonio d'Oliveira Guerra.

COISAS UTEIS

A cultura das batatas

Em Portugal ainda hoje se faz a importação da batata. Alimento substancial para as familias pobres, constitue um elemento preponderante na mêsa dos ricos.

Apesar da sua recente existencia na Europa, o precioso tuberculo representa um papel importantissimo, e contra uma relativa expansão no nosso país.

A cultura da batata molesta, de ordinario, dum defeito, do que já se vai espurgando em diversos pontos.

Ha o costume nas nossas aldeias, de semear a batata mais raquitica, e cortar a que represente maior volume. E' um erro que o tempo se encarregará de modificar. A selecção deve ser operada de maneira que a batata mais grada seja precisamente a que se semeie, e a mais fraca póde destinar-se para as rações dos animais. Claro é que das primeiras se devem escolher as que hão-de servir para alimento da familia do lavrador.

A rama da batata é empregada em diversos pontos para a alimentação dos animais, mas deve haver o maximo cuidado, não contenha algum sulfato de cobre, o que lhes seria prejudicialissimo.

O concelho de Caldas é fertil em batatais. Tanto nos terrenos arenosos da Foz, como nas freguezias orientais a cultura da batata é importante. Isso constitue uma riquêsa que mais poderá aumentar aplicando-se os principios culturais preceituados pela agronomia moderna.

(Do Defensor).

Tambem no concelho de Montemor, especialmente na região gandareza, a produção do saboroso tuberculo é importante, e, com efeito, não ha o menor cuidado na sua cultura. A colheita poderá, porém, ser mais elevada, um dia que o lavrador menos culto se convença de que para a agricultura é indispensavel conhecer bem minudencias tecnicas que duplicam os haveres de cada um.

Está completamente restabelecida da enfermidade que ha tempo a vinha incomodando, a snr.ª D. Tereza Almufrey, irmã dedicada do nosso presado correspondente da capital, snr. Afonso Almufrey.

Folgamos.

"O DEVER,,

Vende-se em **Montemór-o-Velho**, no estabelecimento comercial do snr. Bernardo Gonçalves Ferreira; em **Arazêde**, no do snr. Antonio Ismael da Cruz; em **Vila Franca**, no do snr. Manuel Costa Junior; em **Amieiro**, no do snr. João Pires Couto, onde os nossos leitores o poderão obter ao preço de 20 réis cada exemplar.

CAMARA MUNICIPAL

Sessão da Comissão Executiva da Camara Municipal de Montemór-o-Velho de 26 de dezembro de 1914. Presentes os vereadores cidadãos Monteiro da Costa, Esteves de Barros, J. Goes, sob a presidencia do cidadão dr. Simões, secretariado pelo vereador Rodrigues Pato.

Abriu-se a sessão. Lida e aprovada a acta da sessão anterior.

Mandou o presidente que se puzesse em praça a primeira empreitada das obras da escola a fazer em Verride, conforme tinha sido anunciada, sendo arrematada pela quantia de 390$00 a Antonio da Silva Soares, pedreiro de Verride.

Em seguida tomou conhecimento do seguinte expediente:

De varios professores do concelho a responderem á Comissão Executiva, que aceitam o seu pagamento no fim de cada mez. A Comissão ficou inteirada.

Um oficio do sr. administrador do concelho a dar conhecimento que a Maternidade de Coimbra mandou suspender até julho a remessa de processos para subsidio de lactação, por não haver verba. Inteirada.

Um oficio da professora de Santo Varão a comunicar que mudou de residencia. Inteirada.

A presidencia propoz que oficialmente fosse solicitada á Direção Geral da 10.ª Repartição da Contabilidade Publica a quantia de 500$00 para pagamento do 2.º semestre das rendas das casas d'escola e do 4.º trimestre do expediente e limpeza, visto que a quantia a receber da Fazenda Nacional não é suficiente para tais despesas e a Camara não poder adeantar mais quantia alguma. Foi aprovada a proposta por unanimidade.

Foi mandada fazer uma porta para o chafariz do Largo Diogo d'Azambuja, nesta vila, e fazer uma fechadura nova para a porta do talho, bem como adquirir uma balança para o publico fazer o repeso das carnes verdes no mesmo talho, por ter sido informada a Comissão que aquela que ali existe não funciona bem.

Foi apresentado o balancete semanal acusando um saldo de 1:100$ na Caixa Economica Portuguesa e 361$92 na tesouraria municipal.

Autorisou e mandou pagar diversas despesas.

Foi apresentada informação do mestre d'obras acerca de um alinhamento requerido por Manuel Tinôco da Portela, freguezia de Tentugal, para vedação do seu predio. Concedida a licença na forma da informação.

Foi autorisado o levantamento da Caixa Economica da quantia de 117$23.

Pocha em vez de ROCHA

A revisão e o tipografo quizeram, no penultimo numero, crismar o nosso amigo e colaborador Soveral da Rocha, chamando-lhe Soveral da Pocha.

Podiam escrever outra coisa peior. Com um *a* em vez de *o*, teria ficado *Pachá*. E o nosso amigo certamente encomodava-se pouco em ser um *pachá*. Mas um pachá em fórma.

Que ele releve a falta involuntaria.

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autôres.

IMPRENSA

Com o n.º 209 passou mais um aniversario o nosso presado colega *Bairrada Livre*, de Arcos de Anadia, e em que Cipriano Simões Alegre se tem revelado um jornalista de belos predicados, norteando-se sempre por um caminho saudavel de republicanismo, que muito o tem elevado no conceito publico.

Um abraço de felicitações, pois 4 anos de labuta, no jornalismo d'aldeia, é bem meter uma lança em Africa neste tempo d'ingratidões que vamos atravessando.

— Egualmente passou ao 5.º ano de publicação o nosso distinto confrade da capital «A Humanidade», que vem, com brio, defendendo o abençoado ideal da regeneração popular, com acrisolado afêto dedicando-se sempre á sã educação e proteção dos que sofrem. Saudamo-lo com carinhosa estima.

Valor da nova moeda

Um escudo ou avo de ouro (1$000 rs.) divide-se em 100 centavos:

1/4 centavo	equivale a	2 1/2 réis
1/2 centavo	»	5 »
1 centavo	»	10 »
2 centavos	»	20 »
5 centavos	»	50 »
10 centavos	»	100 »
20 centavos	»	200 »
50 centavos	»	500 »
1 escudo (100 centavos)	equivale a...	1$000 »
2 escudos (200 centavos)	equivale a...	2$000 »
5 escudos (500 centavos)	equivale a...	5$000 »

Comissões, Consignações e Conta Propria

CRAVEIRO & ALMEIDA

Endereço telegr.—CRAVEIRO & ALMEIDA

Santa Comba Dão

SERVIÇO DE AUTOMOVEIS DE ALUGUER

CASA MATRIZ

SANTA COMBA DÃO — Estação

CASA FILIAL — MIDOES

Depositarios de materiais para construções, carvão de forja, sal, cal hidraulica, cimentos, palhas de todas as qualidades, etc., etc.

Representantes de Abecassis (Irmãos) & C.ª de Lisboa e Porto, importadores dos mais afamados adudos quimicos para todas as culturas, sulfato de cobre, pulverizadores, enxofre, etc., etc.

Biblioteca da U...

AGUA DE LUSO -- Cura pela Diurése

(ESTABELECIMENTO TERMAL E HOTEIS ABÉRTOS TODO O ANO)

A mais diurética e mais digestiva. Aumenta a diurése, regularisa as funções digestivas e ativa os fenómenos nutritivo

Muito radioativa—4,49 miligramas—minutos
Muito ionisada, resistividade a 18° 18300 ohms
Muito rica em gazes raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotonica, ponto criospico 0°,04

} Conclusões da analise feita pelos distintos professores Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitissimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tifico

USO EXTERNO—Molestias de pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc.), reumatismo e gôta.
USO INTERNO—Artritismo, impaludismo, neurastenia—Albuminuria, diabetes—Intestinos, estomago—Rins—Bexiga.

Depositos -- LISBOA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros, 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 428. FUNCHAL, José Quirino de Castro, rua dos Murças. AFRICA ORIENTAL: Oswald Offmann. BEIRA: F. L. Simões & C.ª. LOANDA: Beltrão, Pena & C.ª, e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositarios nas terras onde ainda os não haja.

Seguros contra incendio — incluindo riscos de explosão de gaz e raio.

Seguros contra incendio — cobrindo tambem os riscos de *Greves* ou *Tumultos* (portaria de 14 de Março de 1914).

Seguros contra incendio — cobrindo ainda os riscos de *Guerra* (portaria, 30—XI—1914).

Unica companhia autorisada a segurar os riscos de Guerra nas apolices Incendio

As apolices d'A MUNDIAL são portanto as que mais conveem aos interesses dos proprietarios, locatarios, industriais, comerciantes, etc.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital Esc. 500.000$

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telephone n.º 4084
Delegação do PORTO — Praça Almeida Garrett 22|24 — Telephone n.º 1459

ENDEREÇO TELEGRAPHICO—**MUNDIAL**

Agentes em todas as localidades do paiz ilhas e colonias

Livraria e Tabacaria Cunha

Livraria Moderna e Tabacaria Augusto Henriques (reunidas)

Alberto Gonçalves Cunha

150, Rua Ferreira Borges—COIMBRA

TELEFONE N.º 293

LOTARIAS—Bilhetes, suas fracções e cautelas. Variada série de numeros certos.—Premios frequentes.
TABACOS—Nacionais e estrangeiros. As melhores marcas de cigarros e charutos.—Todos os artigos para fumadores.
POSTAIS ILUSTRADOS—Sempre as ultimas novidades em todos os generos.—Bilhetes de visita, impressão rapida.
PAPELARIA—Finissimos papeis de carta em caixas aos cadernos.—Objectos para escritorio e desenho.
LIVRARIA—Nacional e estrangeira, Revistas, Publicações.—Figurinos.—Musicas.

Livros usados, antigos ou modernos, em qualquer estado, em grandes ou pequenas quantidades, compra em qualquer parte.

Passagens para o Brazil e Africa

José de Almeida

Negociante nas Pontes de Cadima, concelho de Cantanhede, e correspondente de todas as Companhias de navegação

Faz constar que vende passagens para todos os portos do BRAZIL, AFRICA, etc., a preços reduzidos, para o que está legalmente habilitado.

A sua vida de seriedade e honestidade são garantia segura para que os que desejam comprar passagens o procurem de preferencia a qualquer outro.

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz**—Camarneira—Cantanhede.

Restaurante Ferro-viario

ALFARELOS

ESTE bufete, um dos que melhor servem o publico que transita nos comboios, acha-se situado na estação do caminho de ferro de Alfarelos. Fornece almoços, jantares e *lunchs* e toda a qualidade de refeições, por preços comodos.
Tem pessoal habilitado, tanto em cosinha como em sala de mesa.
Tudo se encontra com esmero e perfeição.
Fornece comida para fóra, e presta se a servir em casamentos, batisados, etc., desde que seja prevenido com antecipação.

O proprietario, **Artur de Oliveira Coelho.**

Companhia de Seguros

A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz

Antonio d'Oliveira Guerra

RUA DA REPUBLICA, 84

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima—Vila Nova d'Outil

GRATIFICA-SE BEM a quem dê informações de que resulte a condenação por fraude praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legitimo: acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de fórma a servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamavel, isca em cordão vendida fraudulentamente a titulo de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva acção civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa ao Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando-se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalisação para procederem ás necessarias diligencias. Dirigir-se pessoalmente ou por carta á Companhia Portuguêsa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS

MELO & MARTINS

PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada

PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiencia dos nossos adubos, devido ao seu magnifico resultado os adoptarão de preferencia a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS

Pampilhosa do Botão

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro

PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex.mos passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.

Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA

Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.

PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações

Deposito das afamadas aguas de Luso.

Hotel de la Paix

JEAN OZUN

Situado num dos pontos mais centrais da capital, belas vistas sobre o Rocio, é um dos modernos hoteis que mais comodidades oferece.

Bom serviço de cosinha á franceza

Almoços, 60 centavos. — Jantares, 80 centavos. — Serviço á lista.

3 Calçada do Duque, 3 — **Lisboa**

Fabrica de Lanificios

— DE —

MANOEL JERONIMO DE MATOS

COVILHÃ

Fornecedor da caixa de socorros dos empregados da Companhia Portuguesa

Esta fabrica, uma das mais acreditadas da Provincia da Beira Baixa, fornece, por preços convidativos, especialmente a particulares do continente e ilhas, os melhores produtos da sua fabricação, tais como casimiras, cheviotes e estambres, empregando materia prima de primeira qualidade, esmerando-se quanto possivel na sua execução e adotando os melhores padrões e côres que a moda impõe nos centros elegantes estrangeiros.

Envia amostras para todos os pontos, para o que bastará o pedido feito num simples postal.

Pedidos a

Manoel Jeronimo de Matos--Covilhã

Biblioteca da Universidade
S. R.
Coimbra

Ano 3.° Arazêde, 17 de Janeiro de 1915 N.° 152

Director, administrador e editor
J. d'Almeida Junior

Representantes em muitas terras do país, Africa e Brazil

PROPRIEDADE DA DIRECÇÃO

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguêsa

Pátria e Humanidade

Redação e Administração
ARAZEDE

Toda a correspondencia relativa a este jornal, deve ser dirigida ao Director, para Coimbra

Composição e Impressão
Tip. Silva (a vapor)—AVEIRO

Sendo a assinatura do DEVER paga adiantadamente, como é de uzo em todos os jornais, vamos proceder á cobrança do trimestre correspondente a dezembro, janeiro e fevereiro, rogando aos nossos assinantes o favor de satisfazerem. Aqueles que, por ficarem longe das estações postais competentes, não poderem liquidar ali, enviarão em estampilhas a importancia do seu debito, ao director dêste jornal.

LEI ELEITORAL

Até que finalmente foi votada no Parlamento a lei eleitoral que reduz a 164, o numero de deputados, conforme o projecto já aprovado na Camara dos Deputados, na sessão de 30 de junho de 1914.

A divisão dos circulos eleitorais, não é, como muita gente julga, arbitraria; nela colaboraram todos os grupos politicos quando foi discutida na Camara dos Deputados, e basea-se em principios geralmente aceites em outros paizes e tambem no nosso.

No parecer da comissão de legislação civil e comercial, ácerca dêsta lei, se enumeram os referidos principios, tais como: o numero de deputados em relação com a população do continente e ilhas adjacentes, correspondendo um deputado a cada 42:663 habitantes; o agrupamento de concelhos de modo que haja continuidade em todo o circulo; e a representação de minorias de um quarto, como sucede nas actuais camaras municipais.

O numero de deputados em relação á população é absolutamente racional e justo, visto que a soberania reside no povo, e portanto cada circulo eleitoral deve ter o numero de deputados preciso para representar cada um o mesmo numero de habitantes.

Na adoção dêste principio não ha partidarismo, mas simplesmente egualdade.

E' da maxima conveniencia que cada circulo seja formado por concelhos limitrofes e ligados reciprocamente com a séde, em vez de concelhos separados ou encravados noutros circulos.

A adoção da continuidade dos concelhos na divisão dos circulos, obriga a uma regra não só util, mas tambem contraria ao arbitrio, e, por consequencia alheia tambem ao partidarismo.

A representação das minorias de um quarto, é muito suficiente para a fiscalisação parlamentar; evita o obstrucionismo que se dá quando as minorias são grandes e que formam um parlamento dentro doutro parlamento; e já está adotada nas camaras municipais.

Como fica exposto, as bases principais da lei ultimamente votada são racionais, equitativas e em harmonia com os costumes; o que é preciso agora é ter eleitores para fazer vingar as candidaturas; é o paiz que é chamado a pronunciar-se sobre os homens que o hão-de representar no Congresso Nacional.

Hoje, a ação eleitoral do governo está muito diluida, digâmos mesmo apagada. As eleições vencem-se onde ha votos, pois as comissões municipais e paroquiais dos partidos, velam pelas prorogativas dos eleitores, e teem no codigo eleitoral vigente, grande margem de ação para inutilisarem quaesquer manejos do poder central.

O tempo em que os deputados eram escolhidos no ministerio do reino, e dêste saiam as ordens para os elegerem nos diversos circulos, já lá vae. Agora é o eleitor que escolhe e que não toléra as prepotencias das autoridades.

Ha um ditado, muito portuguez, que diz:—*quem não póde, trapaceia*—e por tanto quem não tem votos, diz mal da lei eleitoral, do governo e de tudo.

E' preciso pois o publico não se deixar arrastar pelas diatribes da oposição, e votar segundo a sua consciencia, lembrando-se sempre de que essa oposição, ámanhã, póde ser governo, se conseguir merecer pelos seus atos e serviços publicos a confiança do paiz.

Baldaque da Silva,
Engenheiro.

PAGINAS SOLTAS

E' o titulo da nova e interessante secção que o *Dever* inicia hoje, devida á pena brilhante da distinta escritora e professora, snr.ª D. Aurea Judit Amaral, que novamente honrará, com pontualidade, as colunas deste jornal.

Medico de Arazêde

Bem informados estavamos quando, no ultimo numero deste jornal, démos aos nossos amaveis leitores a agradavel noticia de que estava indigitado para medico désta freguezia o snr. dr. Mário Mendes.

Com efeito confirmou-se a nova, com o despacho de sua ex.ª, que é já o inteligentissimo facultativo municipal com séde na nossa terra.

Lisonjeiras são as referencias ao seu talento e á sua comprovada honestidade, como ainda não ha muito lh'as teceu, na nossa presença, o não menos consideradissimo medico que é o snr. dr. Alvaro de Matos, gloria da medicina contemporania e um dos mais desvelados protetores dos que sofrem e dos que choram, como o atestou ha dias na *Maternidade Portuguêsa*, instituição de caridade de que é generoso presidente, oferecendo o seu magnanimo concurso a todas as criancinhas cujos paes mais hajam sofrido por ocasião das inundações da capital do distrito.

Parabens ao povo de Arazêde.

Horas d'insónia

D. Inês de Castro

A Historia de Portugal tem paginas de uma luminosidade comovente, extraordinariamente emocionante, que nem o povo, cioso já do elevado grau da sua cultura intelectual, se quer já dar ao encomodo de reler!

Ha 560 anos, feitos em 7 do corrente,—e o tempo passa ligeiro, aproximando-nos, cada vez mais, das portas do coval humilde—em 7 de janeiro de 1355 a capital do nosso distrito, aquela Coimbra de tão queridas recordações, assistiu, de olhos simi-cerrados de comoção, ao assassinato nefando da pobre Inéz de Castro!

Gerações sucessivas têm passado, após tão triste cêna humana, e ainda nenhuma deixou de quedar-se, soluçante e enternecidamente, sobre o tumulo gélico da pobre morta!

Razões d'ordem patriotica, segundo alguns historiadores, determinaram o lugubre acontecimento. Mas nós não achamos nenhuma explicação airosa, ou, pelo menos, absolutamente lógica, á face do sagrado direito da existencia humana, que nos leve á conclusão de que é justo roubar-se á vida uma criatura qualquer, ao menos pelo entranhado amor e respeito profundo ao instinto de conservação, que todos devemos ter.

Inéz de Castro era uma alma feita de sonho! E o seu crime, o crime que lhe valeu a morte, em circunstancias tão tragicas, foi amár.

O ter amado muito,—medite o leitor bondoso, o leitor que ama com paixão um ideal ou uma mulher de olhos azues, moréna e sonhadora, um tanto desgraçada; o leitor que seria capaz, sem hesitar, de correr para a morte, de olhos vendados, resolutamente, por uma causa justa, humanitaria e bela,—o ter amado com carinhoso afêto, valeu á pobre Inéz, cujos restos mortais o povo se acostumou a venerar, no seu tumulo de Alcobaça, o ter sido vitima, ali á beira do Mondego que ainda hoje chora por ela, do mais cruel dos atentados!

A gente pega na Historia, percorre-a, e, ao deparar com a triste narrativa, suspira comovidamente, sentindo o acontecimento como que se ele se houvesse dado na propria hora.

Inéz era uma alma feita de sonho e de luz! Semeava o Bem.—Amava!

E por isso mesmo o sol, no dia em que ela fechou os olhos, para sempre abraçada com ternura e com lagrimas aos frutos do seu grande amor, como ela ensanguentados e lacrimosos, não teve, no ceu, o brilho do costume!...

E a lua, pálida e terna de comoção, verteu prantos sentidos na noite historica do seu préstito enorme, iluminando e beijando, com doçura, o povo, todo ajoelhado numa extenção de 150 quilometros ou mais!

A vida dos martires é assim feita de sacrificio. O sofrimento, para as almas luminosas e amantes, chega a ser um lenitivo para novas esperanças e novos desenganos.

Se D. Afonso IV foi um bravo rei, e um grande rei sob o ponto de vista administrativo e de jurisprudencia, foi um rei cobarde deixando manchar de sangue, assim tão aflitivamente, o seu reinado.

Por isso o povo, quando o rememora e relembra a pobre Inéz, tem para um palavras sacrílegas de desespero, envolvendo a memoria santa da outra na túnica alvissima da sua saudade funda!...

ALMEIDA JUNIOR.

D. Amália Nunes de Souza

Foi-nos apresentada ha dias, em Coimbra, esta ilustre filha da ridente vila de Estarreja, que naquela cidade está tirando, com muita distinção, o curso da Escola Normal.

Futura educadora da infancia, inteligente e dedicada, a snr.ª D. Amália prometeu ao *Dever* o seu valioso concurso, quer abrilhantando as suas paginas com os seus delicados escritos, quer auxiliando-nos na propaganda por pessoas das suas relações.

Agradecemos a cativante gentileza, que bem demonstra a bondade da sua alma e o seu amôr ao progresso das modernas ideias.

CASAMENTO

No registo civil de Montemor registou-se, na segunda-feira, o casamento do snr. Francisco Pinto d'Almeida, do concelho de Cambres, com a snr.ª D. Maria da Luz Jorge Teixeira, gentil filha do nosso presado amigo, snr. Manuel Teixeira, acreditado negociante e proprietario em Gatões, e neta dêsse venerando ancião, cheio de bondade, que se chama José Maria de Andrade, tambem negociante e abastado proprietario, do mesmo logar.

Dada a aprimorada educação que a noiva recebeu de seus estremecidos país e avô e os dotes que exornam o carater do nubente, auguramos-lhes uma deliciosa e prolongada lua de mel.

Fôram testemunhas, o pai da noiva, por procuração da doutora a snr.ª D. Carolina Micaëlis de Vasconcelos, e o snr. Bernardo Pinto de Almeida, irmão do noivo.

Desejamos-lhes as maiores venturas.

DR. SOARES COUCEIRO

Esteve em Coimbra na terça-feira este ilustre clinico municipal do nosso concelho, que na Carapinheira, onde reside, bem como em todo o distrito gosa de grande prestigio pela sua bondade e pela lhaneza do seu trato afavel.

Paginas soltas

A mulher na guerra

De quando em quando dizem-nos os jornais que na ordem do dia, no campo da batalha, teem sido mencionados varios nomes de heroínas modestas e obscuras—as religiosas.

Foram para ali cumprir um dever que lhe impõe o coração feminino:—a caridade. Ainda mais—se é possivel—que os seus votos me parece que impera naqueles altruistas actos o coração, o sentimento.

O sofrimento e a dôr teem o seu quê de convidativo ás almas simples e bondosas, assim como a alegria e a coragem são comunicativas nas empresas entusiastas e arrojadas.

Os sucessos da «grande guerra» vieram dar ensejo a tornar-se bem patente o valor da mulher na sua altruista missão de patriotismo, de abnegação, de bondade. Não é uma manifestação de ideias, de politica, de sentimentos religiosos: é essencialmente a revelação de predicados femininos.

Assim como se agregaram, se uniram, sob a mesma bandeira representantes de partidos bem opostos, se congregaram na mesma comunhão de sentimentos varios povos na conquista dum fim—a vitoria da Civilisação, assim tambem em campos bem diferentes, sob o imperio de ideias bem diversas, a mulher de todo o mundo se tem manifestado trabalhando com um mesmo intuito—minorar o sofrimento dos combatentes.

E são as modestas religiosas (que por patria só almejam uma universal além-tumulo) que partem para os campos onde se cruzam armas, se apagam vidas, se derrama o sangue humano; vão recolher os mortos e os feridos, prestando a derradeira homenagem áqueles, tratando estes carinhosamente. E são as damas da aristocracia que deixam o conforto dos salões dourados e vão para as ambulancias da Cruz Vermelha. E são as mulheres de quáse todas as nações angariando donativos, confeccionando roupas para os feridos, para os combatentes. E' emfim a voz do coração feminino.

O concurso feminino tem sido valioso nesta grande conflagração. A mulher tem dado um grande exemplo de coragem. A historia não esquecerá a heroica resignação da rainha dos belgas, como a intemerata dama que assumiu as funções de *maire* duma cidade quando até os homens fugiam!

A mulher tem trabalhado no campo da batalha; tem angariado donativos para os combatentes; tem emfim entercedido a favor da paz. E o seu brado tem sido ouvido e a sua acção tem frutificado.

O futuro ha de trazer a consagração do Feminismo.

Aurea Judit Amaral.

CAMARA MUNICIPAL

Devido ao mau tempo, cheias no campo, intransitabilidade dos caminhos, etc., não têm podido efétuar-se as sessões da camara, motivo porque não publicaremos, durante algum tempo, os respétivos extratos.

E' isto que acaba de nos ser comunicado.

CARTA DE MONTEMOR

Montemór-o-Velho, 13.

A nova orientação do *Dever*, está aqui sendo apreciada com simpatia e julgamos ser só essa a nobre e alevantada atitude que lhe póde dar uma longa existencia, pois ela é a que mais se harmonisa com a missão que um jornal tem que exercer nestes meios pequenos da provincia, onde as venenosas aspides da intriga encontram sempre melhor campo para indispôr e desunir homens, semear odios, malsinar intenções e protelar a verdade e ofuscar a razão.

Só os que labutam e se dedicam ás lides espinhosas da imprensa é que sabem os sacrificios que é preciso fazer-se, e as enormes dificuldades de toda a especie com que surgem ás vezes para um jornal se sustentar á altura da sua saudavel missão nestes pequenos e ignorados recantos da provincia, em que ás vezes basta uma frase mais mal entendida ou um periodo menos claro para o jornal cair logo no desagrado dos leitores que o assinam.

Ora, sendo assim, todo o mal lhe irá, se o jornal, atraiçoando a missão educativa e civilisadora que se deve impôr, consentir que, nas suas colunas, se derimam irritantes questões pessoais. Como consequencia acarretaria logo a animadversão do publico sensato e ilustrado e a sua morte viria rapida, sem prestigio nem gloria.

Portanto, educar, orientar e instruir, tem de ser esse o honroso caminho do *Dever*, conforme nobremente o vae já seguindo, sem deixar, já se sabe, de escalpelisar os actos nocivos da sociedade, corrigir abusos e desmandos, desde que os critique e discuta com elevação e grandeza e sempre sob os mais sagrados ditames da verdade e da justiça.

E será assim que, proseguindo sempre nesta luminosa senda do Bem, terá uma vida cheia de prosperidades e ocupará um logar de destaque na impreesa periodica provinciana.

Bailes. — Como noticiámos, realisaram-se no Teatro Ester de Carvalho, no dia 6 do corrente, os bailes promovidos pelo *Rancho Formosas do Mondego*, que como os do Natal, nada deixaram a desejar, fazendo nós votos para que se repitam nestes dias solenes de festa todos os anos que o possam fazer.

Ainda as inundações.—Alem dos prejuizos cauzados pela cheia que noticiámos no ultimo numero, ha a juntar ainda dois suinos e uma galinha que morreram afogados ao snr. Alfredo Mendes dos Santos, negociante; e alqueire e meio de azeite que se perdeu ao nosso amigo Francisco Augusto Pereira Veloso, tambem negociante.

A cheia ainda continua cobrindo os campos e o largo da Feira, não parecendo ainda resolvida a fazer-nos por uma vez as suas despedidas por estes dias mais chegados. Se ela ainda nos não repetir a sua visita a casa, será bom, pois que o tempo, continuando chuvoso e mau, parece fazer-lhe esse convite.

M.

DR. SEIÇA E CASTRO

Este considerado facultativo municipal do visinho concelho de Cantanhede, com residencia ali em Cadima, esteve a semana passada naquela vila, tratando de assuntos particulares.

Saudamos o medico inteligente e o bondoso cidadão, a quem a instrução, no seu concelho, deve o importante impulso que ultimamente sofreu, pois o dr. Seiça e Castro está sempre pronto para auxiliar todas as obras de engrandecimento patrio.

Cumprimentamo-lo.

FALECIMENTO

E' provavel que aos nossos presados patricios passasse desapercebida a triste noticia, dada na *Carta de Coimbra* do ultimo numero, do falecimento, naquela cidade, de um filho desta terra. Não admira, pois o snr. Joaquim Simões da Silva, ha muitos anos que aqui não vinha, mas ainda cá tem parentes, que, se não nos enganamos, são da familia dos snrs. Simões Lameiro.

O snr. Joaquim Simões da Silva, agora falecido, gosou em Coimbra da maior consideração e estima, pois era um comerciante honrado.

Sentindo o triste acontecimento, quizémos salienta-lo, e enviamos a seu filho, snr. dr. Mário Simões da Silva, que por largo tempo colaborou no *Dever*, e bem assim a todos os seus parentes que aqui vivem, a expressão da nossa saudade.

Esteve no domingo em Coimbra o nosso presado e velho amigo, snr. Padre José Ferreira Monteiro, que já regressou á sua casa de Arazêde.

"O DEVER,,

Vende-se em **Montemór-o-Velho**, no estabelecimento comercial do snr. Bernardo Gonçalves Ferreira; em **Arazêde**, no do snr. Antonio Ismael da Cruz; em **Vila Franca**, no do snr. Manuel Costa Junior; em **Amieiro**, no do snr. João Pires Couto, onde os nossos leitores o poderão obter ao preço de 20 réis cada exemplar.

DO BRAZIL

O nosso presado assinante snr. Antonio Pedro, um entusiasta pelo nosso jornal e pelo progresso da sua terra, escreve-nos a penhorante e bem significativa carta que a seguir publicamos, agradecendo-lhe as amaveis referencias que imerecidamente nos faz:

Presados amigos:

Não tenho podido escrever para a redacção do nosso *Dever*, que tão boas e agradaveis doutrinas espalha por toda a parte.

Na minha opinião humilde, o jornal é um bom professor que tem uma grande parte dos seus assinantes, especialmente do nosso concelho, onde a luz das letras tem chegado com dificuldade e com morosidade. Não vos posso exprimir, como seria meu desejo, o muito que quero a estas 4 paginas queridas que quinzenalmente me trazem noticias da minha patria abençoada, desse Portugal novo e redemido. Alguns exemplares me tem faltado, e quando o não recebo só eu sei a tristeza que invade a minha alma saudosa dessas paragens longinquas onde eu nasci e me criei á custa de tanto sacrificio!

Ha mais de um ano que assino o nosso *Dever* e até á data não me procuraram dinheiro, pois, em eu sendo avisado, pagarei prontamente e continuarei a minha assinatura.

Saudades a todos do vosso amigo

Antonio Pedro.

Infelizmente nem todos tem a noção dos seus deveres, como o nosso amigo Antonio Pedro, acusando o seu debito a esta administração.

São poucos os que o não fazem, mas ainda os ha!

Renovando os nossos agradecimentos, chamamos a atenção do nosso amigo para a nossa *Caixa Postal*.

Movimento do Tribunal

No dia 12 do corrente, responderam em audiencia de policia correcional, os seguintes reus:

José da Costa, um velho de 90 anos, de Alfarelos, por ter morto uma cabra a Joaquim Ramos dos Santos, do mesmo logar.

Foi absolvido.

João Faria, do Casal do Redinho, por ofensas corporais na pessoa de Antonio Antunes, do mesmo logar.

Foi condenado em 18 mezes de prisão correcional, com mais um ano de multa a 10 centavos por dia e nas custas e selos.

Paulino da Costa Tabanez, dos Pelicanos, freguezia de Arazêde, por tentativa de violentação na pessoa de Maria da Gloria, casada, do mesmo logar e freguezia.

Foi absolvido, sendo seu patrono de defeza, o snr. dr. Manuel Gaspar de Lemos, ilustre advogado na Figueira da Foz.

Raul Marques, de Montemor, por ter disparado, contra Zacarias de Almeida, uma arma de fogo, sem contudo o ter atingido.

Foi condenado em 4 mezes de prisão correcional, sem custas e selos, por ser pobre, sendo seu defensor oficioso o snr. dr. Luiz de Alarcão, ilustre advogado desta comarca.

Passou hontem o aniversario natalicio do nosso velho e presado amigo, snr. Francisco Côca, do Zambujeiro, e pae do nosso amigo, snr. Joaquim Francisco Côca Junior.

Um grande abraço pelo seu 73.º aniversario, idade respeitavel num homem de bem como é o nosso amigo.

OLIVEIRA NEVES

Inicia no presente numero a sua colaboração poetica o nosso querido amigo, snr. Joaquim Augusto d'Oliveira Neves, consideradissimo Tesoureiro de Finanças do nosso concelho.

Dum temperamento sensivel e delicado, o nosso amigo é de uma bondade sem limites, possuindo uma ilustração e uma educação primorosas.

Folgamos imensamente em o poder contar no numero dos nossos mais distintos colaboradores literarios.

Alvaro de Matos

Prof. das Clinicas obstetrica e ophtalmologica na Faculdade de Medicina

CLINICA GERAL. DOENÇAS DAS SENHOAAS.

Residencia: R. de Tomar, 5. Tel. 51

Consultas da 1 ás 3 no Largo Bombarda, 27, 1.º Tel. 20

As consultas de gynecologia e ophtalmologia são gratuitas para as classes pobres.

Estiveram em Coimbra, na terça-feira, as snr.as D. Assunção e D. Virginia de Melo, de Mortagua, duas ilustres criaturas a quem os pobres da sua terra muito devem, pelas suas qualidades de benemerencia.

Secção de Variedades

Uma anedota de Bocage

Bocage foi um dia convidado para recitar num baile e Nicolau Tolentino tambem. Tolentino, reconhecendo a evidenciada superioridade de Bocage, foi, com a condição dêste dizer só cinco palavras.

Chega, por fim, Tolentino esbaforido, e interrogado sobre a sua demora, explicou-a: Oh! minhas senhoras e cavalheiros! Comi agora admiravelmente! Comi tantas galeotas como de filisteus matou Samsão!

E Bocage, do seu canto, acrescentou: *e com as mesmas armas!*

E' sabido que Samsão matou os filisteus com uma queixada de burro.

Um bilhete de vizita

Voltaire, um dia, procurou Pison, em sua casa, para lhe pedir umas explicações, e como não o encontrasse, Voltaire, contrariado, pegou num bocado de giz e escreveu na porta= Burro.

No dia seguinte, encontrando-se os dois, Voltaire disse a Pison: procurei-o, hontem. Eu sei, respondeu maliciosamente Pison; encontrei estampado na porta o seu cartão de visita!

Entre pintores

Pois meu caro, pintei, ha pouco, uma pequena taboa de pinho, imitando marmore, com tanta perfeição, que deitando-a na agua, vai ao fundo!

Ora!... diz o outro — cá estou eu que, tendo uma vez, por acaso, pendurado um thermometro no cavalete, em que estava a minha «vista das regiões polares», ele desceu imediatamente 20 graus abaixo de zero!

Tudo isso não vale nada — concluiu um terceiro. — O meu retrato do Marquez X, tem tal vida, que é preciso fazer-lhe a barba um dia sim, outro não!

Exame ferro-viario

Fez exame ha dias, obtendo a classificação de *distinto*, afim de ser passado á classe imediata, o nosso patricio e amigo, snr. Antonio d'Almeida, fator de 2.ª classe dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Esse belo exito deve-se tambem, em parte, á solicitude e competencia do seu chefe, o nosso velho e dedicado amigo, snr. Manuel Matoso, que instruiu o examinando.

Felicitamos.

CARTA DE LISBOA

Não pôde ser publicada. Pedimos desculpa aos nossos presados leitores.

4) Folhetim d'O DEVER

M DUARTE LOPES

UM HEROI

(CONCLUSÃO)

— Não, senhor. Não me servi de nenhuma espingarda! Juro-lhe que não!

— Sabe qual o importe da bala? Não sabe? Vou dizer-lh'o: — Custa-lhe a vida.

E virando-se para um aulico que, sentado no chão, descalçára as botas altas, molhadas e cheias de lama, ordenou violento:

— Prendam-n'o para ser fusilado logo!

O dr. Justo, tremulo e nervoso, bateu, novamente, o punho com ruido. Estava palido e olhava o misterioso desconhecido com um tenue temor, com o vago receio de estar tratando com um louco fantasista.

— Do interior do casebre houve um despertar em sobresalto. Ouviram como que um ruido de gente que se levanta apressadamente, e dentro em pouco, três mocetões altos, fortes e espadaudos, apareceram trazendo nos rostos a impressão bem frisante da colera, do terror e da duvida.

— Pae, que sucedeu, que quer esta gente? perguntou um deles.

— Queremos comer, bradou um dos homens que tinha ficado de guarda ao pobre velho. Olha, velhote, manda dar-nos de comer, antes de te mandarmos para os anjinhos. Vais ser fusilado, bem sabes!

O velho estupidificado nada respondeu, emquanto os moços estupefactos se julgaram talvez vitimas dum pezadelo horrivel. De certo havia algum equivoco; não podia ser.

Não consentiriam que lhe tocassem num cabelo que fosse. Como impelidos pelo mesmo pensamento, correram como relampagos para o interior da habitação, talvez, para se armarem.

O sino duma igreja já tocava, sem cessar, a rebate e da rua vinha o rugir do povo, curioso, ameaçador, disposto a castigar tanta audacia. Os homens do bando dispuzeram-se para o combate, mas, antes disso, á vista da gente que chorava, dos tres mocetões que pediam misericordia, dos camponios mais corajosos que protestavam com vigor e á luz da lua que surgira d'entre as nuvens, láctea e funebre, crivaram de balas o corpo do inditoso velho, que tremulo e ignorante recebeu a morte como se sonhasse... Ululou o povoleu. Tal morte requeria uma vingança, e os tiros partiram espaçados. O bando pôs-se em guarda e raivoso, de dentes cerrados, brutal disparou certeiro. Ouviram-se rugidos de maldição, de dôr, de colera distinguindo-se do tiroteio constante. As descargas sucederam-se e o bando, ebrio de sangue e louco, feroz, cruel, sem atender ao comaudo, assassinou, saqueou, prostituiu, fusilou, numa grita infernal, num uivar de lobos, em rugidos bestiais de féra! Depois, já manhã alta, quando saciado e vingado, quando postos em fuga os sobreviventes de tal carnificina que horrorisara, o incendio ateado de casa em casa, completou a sua obra crepitando em fogueiras enormes, tomando vulto, consumindo por completo a aldeia que ficou reduzida a um montão de ruinas. Por lá ficaram no estertor alguns dos barbaros.

O chefe conseguiu reunir os que sobreviveram e falar-lhes da coragem e da vitoria; admirou o seu valor e disse-lhes que representavam o brio e a honra não sei de quê. O seu feito era dos que inspiravam louvores e não seria ele que lh'os regatearia, e quando se referia novamente ao que tinha ocasionado aquele ataque e á lição dada aos habitantes da aldeola que os tinham hostilisado na pessôa do velho aldeão, ouviu tremulo de remorso, abatido pela tortura moral, palido pelo rebate da consciencia, um dos seus homens, alvar e crasso, declarar em voz vibrante como um escarneo, que o aldeão não fizera fogo e que o estampido fôra ocasionado pela sua arma se ter disparado ao cair-lhe involuntariamente no solo.

— Horrivel, horrivel, bradou o dr. fôra de si.

Eu devia tambem estar medonhamente palido e ofegante. Tremulo e opresso, perguntei:

— E não morreu de remorsos, esse biltre?

— E' vivo e desabafa e sofre.

— Mas que homem era esse, tão desumano e tão perverso, bradou irrito o meu amigo. Sem duvida é um criminoso infame que merece bem a corda da forca a separar-lhe a vida de reprobo!

— Engana-se, replicou o outro placidamente, abanando lentamente a cabeça. E' hoje coronel d'infanteria e mereceu a gran-cruz de merito militar.

Mas o juiz, impulsivo, colérico, congestionado, atirando novo e tremendo murro sobre a mesa, bradou irado:

— E' um ignobil assassino, repito! Um miseravel!...

— Não se exalte, meu caro senhor, afirmou o outro sempre calmo e delicado. Nem é ignobil, nem é assassino, nem é miseravel!

E alçando um pouco mais a voz serena exclamou:

— E' um heroi!

Depois, num gesto rapido, afastando o sobretudo grosso e confortavel, patenteou na lapéla da sobrecasaca negra uma roseta rubra e branca — uma condecoração.

Novembro, 1914.

Poetas e Prosadôres

Sonhos d'amôr

A... M. C.

Manhã crepitante, dum sól de maio fulgurante e belo. O sól, em reverbéros de encanto, vae procissionalmente fazendo a sua rota de luz.

A terra, numa promiscuidade de hetaira, fecunda os seres dum divinal prazer.

Papoulas, jasmineiros toucando-a, têm modelações encantadoras no tom vibrante das côres.

Perfumes de miosotes ascendem aos céus, impregnando cérulias coisas.

A natureza desprende sorrisos numa apoteose a Deus, emquanto a minha alma é afagada por brizas de pureza.

O vago perpassa, incompreensivel, mas vibrante, fazendo-me soluçar. O que sinto?! O que tenho?!

Que mão estranha toca a lira da minha paixão?! Não sei! Por isso sofro, por isso soluços amargos criam orquestrações de pranto!

A minha alma já não tem mais luz.

O veu da noite entenebreceu-a, mergulhando-me no escuro das coizas.

As dolencias funebres dum *Chopin*, amarguram uma vida!

Que tenho?! Que sinto?!

Não sei! alguem o saberá? Quem me encanta?

Que princezinha me insensibilizou em sonho marmoreo?

Esse sol de maio, vibrante de luz, não me ilumina mais com os seus reverberos! Estranha coisa! Tudo me parece esmaicido...

Agonizo, num soluço interminavel a estrangular-me a vida.....

.....

De repente, luz de sáfira surge; em meio um anjo de divinal candura apontando-me o *Além!*...

Refugiei-me nele. Senti-me feliz, e é a ti, meu anjo, que devo tão edénico milagre...

José P. Godinho.

A' memoria

De minha sobrinha Izabel

Como a lufada rija, asperrima do Norte
rasga, corta, destróe o mimoso, alvo lirio,
assim o furacão, a rajada da Morte,
esta flor destruiu...flor santa do martirio!

Doença a consumiu, ai! como o branco cirio
se consome tambem, lentamente... —Que sorte!...
Anjo do céo descido, ali volve — ao empirio,
ferida a alma da mãe, d'antes tão bella e forte!

Tão boa, inteligente, essa infeliz creança!...
mas breve se esfolhou...a bella flor da Esperança
no coração dos paes, açoitados pela Dôr!...

E quatorze anos só a pobre tinha apenas...
mas do mundo não era...ascendeu ás serenas
regiões da eterna Luz, santa patria do Amôr!...

Montemór-o-Velho, 1915.

J. Neves.

CARTA DE COIMBRA

Inundações. — Tendo melhorado o tempo, trabalha-se afanosamente na beneficiação dos artigos prestes a deteriorar-se, tendo a delegação de saude ordenado já que sejam inutilisados para o consumo avultadas quantidades de cereais e especiarias varias, continuando guardados pela policia os armazens e celeiros em que se fez a tentativa de séca, para evitar que ao publico sejam vendidos os generos avariados. Deve ser bem grato para os que sofreram os horres da cheia o altruismo de tantos que por todos os modos procuraram suavisar as agruras de um grande numero de infelizes, dando guarida, alimentação e agasalho e procurando dar remedio a um periodo mais ou menos longo em que as manifestações de tamanha calamidade seriam dificeis de debelar.

Bem sentido deve ser o reconhecimento dessas creaturas para com os filhos de Coimbra, que, ainda que ausentes, teem dado sobejas provas dos seus sentimentos de civismo e humanidade. Por seu lado o governo tem manifestado ás entidades que se interessam pelo bem estar de toda a cidade o mais desvelado cuidado em atender no possivel ás necessidades de Coimbra. O bando precatorio rendeu cerca de 230 escudos.

Demissão. — Antonio da Costa, guarda civico n.º 67, foi demitido do cargo que exercia.

Nomeação.—Para o cargo de juiz substituto foi nomeado o snr. dr. Clemente de Mendonça, conservador da comarca.

Caixeiros. — A prestimosa classe dos empregados do comercio vae efectivar uma sessão solene, de regosijo pelas regalias obtidas com a regulamentação das horas de trabalho, e de homenagem ao governo pelo acto de justiça praticado.

Castilho.

Continua doente o snr. Antonio Maria Ferreira Monteiro, que ha tempo vem sofrendo do estomago. Rodeado de carinhosos cuidados, hade certamente achar-se bom dentro em pouco, com o que muito folgaremos.

Doutora Isaura Oliveira

Deu á luz uma simpatica creança do sexo feminino, esta ilustre medica, esposa carinhosa do snr. Sebastião de Caires Fernandes e filha do nosso presado patricio snr. José Mauricio Oliveira, antigo professor de instrução secundaria.

A doutora Isaura e interessante filhinha, ficaram otimamente.

Daqui enviamos, para a Ilha da Madeira, onde reside a ilustre clinica, os nossos saudosos cumprimentos e respeitos.

IMPRENSA

Agradecemos ao nosso brilhante colega de Aveiro, *O Riso do Vouga*, as cativantes palavras que nos dirige no seu ultimo numero, a preposito da nova direcção e colaboração do *Dever*.

Tambem os nossos camaradas *Gazeta de Coimbra* e *Leiria Ilustrada*, a nós se referiram na semana finda, mas felicitando-nos por mais um aniversario jornalistico que ainda havemos de atingir, se *Deus quizer*, lá para 25 de fevereiro do corrente ano.

A todos agradecemos.

O nosso colega da Figueira da Foz, *Gazeta da Figueira*, passou, com o seu n.º 2368, ao 24.º ano de publicação.

Defendendo ultimamente, com paixão, o ideal politico do evolucionismo, tem-no feito por fórma que o seu chefe supremo se deve ter orgulhado de partidarios assim.

A *Gazeta da Figueira* tem sido, atravez do seu longo periodo de publicação, colaborada pela pena das melhores mentalidades da cidade do Mondego.

Felicitamos cordialmente o nosso estimado colega.

Gesso e adubos compostos

Para todas as culturas

DE

J. CORTEZÃO

Fabrica — Sá (Anadia)
Escritorio — Figueira da Foz.

DOENTES

Encontram-se muito doentes em Montemór-o-Velho, a menina Maria do Carmo, interessante filhinha do snr. Fernando da Silva Coelho Pessoa, zeloso ajudante do Registo Civil daquela vila; o snr. Antonio Duarte Vilarinho Soares, oficial do juizo de direito, e o snr. Elisio Esteves da Costa, estimado operario de carpinteiro.

A todos desejamos pronto e completo restabelecimento.

Por falta de espaço retirámos, á ultima hora, noticias e colaboração importante.

Esteve em Coimbra ante-hontem o nosso presado representante de Pampilhosa do Botão, José Martins Catarino.

O nosso amigo parte para Lisboa, amanhã, demorando-se uns dias.

Caixa Postal

Armando Duarte—PORTO.—O jornal tem ido sempre para a Rua da Fabrica, n.º 37, e ainda não veio devolvido. Pedimos ao amigo o favor de diligenciar obter o que sabe e não se esqueça da relação dos assinantes.

Antonio Pedro—(S. PAULO)—**BRAZIL.**—Achámos a sua amavel carta tão interessante e penhorante, que não pudémos fugir á tentação de publica-la.

Desculpe, mas doutrinas tão saudaveis muito abrilhantam as paginas do *nosso Dever*. E seu lhe póde chamar, pois o jornal é de toda a gente bem intencionada.

Sobre a liquidação do seu debito, póde dirigir-se ao sr. Saul Baia, na Rua da Conceição, n.º 121, ou ao irmão do nosso director, sr. Joaquim d'Almeida, na Travessa Paissandú, n.º 3.

Ainda, querendo, póde dirigir-se ao nosso director, para Coimbra.

José Bento da Cunha—VIZEU—Recebemos os seus amaveis postais e tomámos nota dos nomes dos srs.: A. Pereira do Loureiro, de Vizeu; Augusto d'Almeida, de Vouzéla, e bem assim dos considerados e inteligentes ferro-viarios do Vale do Vouga, sr. Carlos Ferreira, Arménio Gonçalves, Maximiano Rodrigues, A. Oliveira, J. Pereira, Julio Calix, Antonio Ferreira das Neves e Alipio José do Desterro, a todos abraçando, como camaradas queridos nas lides ingratas dos caminhos de ferro, e de todos esperando o seu amavel concurso.

A. Afonso Almufey—LISBOA—*O Dever* não tem sido enviado á sr.ª D. Aurora Pinto de Figueiredo em virtude de aqui ter sido recebido com a nota de «devolução».

Pedimos o favor de saber se foi a mesma senhora que tal escreveu, queremos averiguar.

Vae agora, novamente.

Sai na terça-feira para o Porto o nosso bom amigo Joaquim Côca Junior, tencionando demorar-se na capital do norte quasi toda a semana.

Boa viagem.

BRINDE

Recebemos, da importante retrozaria do snr. João Mendes, de Coimbra, um magnifico porta-cartas, luxuoso e de bom gosto, réclamando o seu acreditado estabelecimento.

Agradecemos a gentileza da oferta, que só manifesta a solicitude com que o publico ali é tratado e prontamente servido, como em nenhuma outra casa congenere destas circunvisinhanças.

Em Pereira do Campo

Esta pacata e laboriosa vila, de tão gratas e historicas tradições, uma das terras mais populosas e pitorescas do nosso concelho, foi ha dias alarmada por uma cêna tragica da vida mundana, que causou a morte a um pobre homem e deixou, na mais horrorosa e aflitiva das miserias uma pobre viuva e 7 criancinhas, de tenra idade, para quem o sol do futuro não terá raios dardejantes de esperança, mas a desgraça espreita com todo o seu cortejo de desditas e incertezas!

Queremos referir-nos á morte do sr. José Pereira de Souza, da interessante e antiga vila, morte causada, ao que se diz, por três meliantes sem nenhuma especie de consideração pela vida do semelhante e que se chamam Joaquim Bernardo Rasteiro, Manuel dos Santos Guiso e Manuel Pereira Senior, todos da mesma vila. Pelo menos, estes 3 individuos estão entregues ás autoridades judiciaes, tendo sido removidos de Coimbra para a cadeia de Montemór-o-Velho, afim de serem julgados no tribunal da nossa comarca.

Parece que deu logar á agressão um facto de importancia minima, qual o de discutirem, entre si, a posse de um animal qualquer.

Deploramos o triste acontecimento, que, demonstrando a vileza dos instintos humanos, serve para corroborar que a ambição continúa sendo nos povoa menos cultos como nos de educação e ilustração elevadas o maior mal das modernas sociedades.

Pereira do Campo não tem culpa de tão vergonhosas e repugnantes cênas, pois a vila, em si, é essencialmente pacata, com um povo trabalhador e honesto, bem digno das maiores prosperidades e felicidades.

Encontra-se retido no leito com um forte ataque de *gripe*, o nosso presado amigo Joaquim Ferreira de Figueiredo.

Sua esposa tambem tem passado incomodada estes ultimos dias.

Desejamos-lhes rapidas melhoras.

Teve logar no dia 14, nesta localidade, o enlace matrimonial do nosso presado assinante, snr. José dos Reis, com a simpatica menina Maria Marques, da visinha povoação dos Porticarios.

Partiram para o Porto, com os convidados, hospedando-se no Hotel Amôr á Patria, passando naquela cidade a lua de mel, que lhe desejamos prolongada e feliz.

Alice Oliveira,

aluna externa do 5.º ano de piano do Conservatorio e com o curso de musica: léciona, em sua casa ou dos alunos, como se convencionar.

RUA DO SUB RIPAS, 10

COIMBRA

Deu á luz, com felicidade, no dia 10 do corrente, uma robusta creança do sexo feminino, a esposa do nosso assinante, snr. Antonio de Oliveira Bento, do Zambujeiro.

A neófita já foi batisada com o nome de Elvira. E' neta do venerando ancião, snr. Francisco Côca.

Parabens.

«COVILHÃ»

E' o titulo de um diario independente, de distribuição gratuita em todo o país, que começou a publicar-se na laboriosa e importante cidade do mesmo nome.

O numero 1, aqui recebido, insere um grande numero de cartas nas quais os clientes demonstram, com palavras justamente encomiasticas, a maneira satisfatoria como o nosso presado assinante, snr. Manuel Jeronimo de Matos, importante industrial de lanificios, serve os seus numerosos freguezes.

Agradecemos a visita e vamos permutar.

A filhinha do snr. João Figueiredo, desta localidade, queimou-se num braço, em virtude de ter caído numa panela de agua a ferver.

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autôres.

ANUNCIOS

Hotel Porto

Rua do Amparo, 12

LISBOA

NESTE acreditado Hotel, situado no centro da capital, encontrará o publico um esmerado serviço de meza, por preços comodos.

Espaçosas habitações para familias; linha eletrica á porta para todos os pontos de Lisboa e arredores; a 2 minutos da estação do Rocio e do Porto de Lisboa. Magnifico serviço de meza á hespanhola e á franceza.

Salão de visitas e de piano. Espaçosas e higiénicas salas de banho. Luz elétrica em todos os aposentos.

Trata-se do embarque de passageiros para todos os portos do Brazil, America do Norte e Europa.

Encarregam-se da compra de passagens por mar sem aumento de preços.

Interpretes em varias linguas.

Os proprietarios,

Dias & Almeida.

ANUNCIO

(1.ª publicação)

POR sentença de dois do corrente mez, proferida nos autos de interdição por demencia, requerida por José Ramos Cascão, casado, lavrador, das Quintas, freguezia das Means, desta comarca, contra seu irmão Joaquim Ramos Cascão, solteiro, do dito logar, foi este julgado interdicto de governar sua pessoa e bens em virtude do estado anormal das suas faculdades mentaes, o que se anuncia para os devidos efeitos.

Montemór-o-Velho, 5 de janeiro de 1915.

O Escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei.

Lemos Viana.

Comissões, Consignações e Conta Propria

CRAVEIRO & ALMEIDA

Endereço telegr.—CRAVEIRO & ALMEIDA

Santa Comba Dão

SERVIÇO DE AUTOMOVEIS DE ALUGUER

CASA MATRIZ

SANTA COMBA DÃO — Estação

CASA FILIAL — MIDOES

Depositarios de materiais para construções, carvão de forja, sal, cal hidraulica, cimentos, palhas de todas as qualidades, etc., etc.

Representantes de Abecassis (Irmãos) & C.ª de Lisboa e Porto, importadores dos mais afamados adubos quimicos para todas as culturas, sulfato de cobre, pulverizadores, enxofre, etc., etc.

AGUA DE LUSO — Cura pela Diurése

(ESTABELECIMENTO TERMAL E HOTEIS ABÉRTOS TODO O ANO)

A mais diurética e mais digestiva. Aumenta a diurése, regularisa as funções digestivas e ativa os fenómenos nutritivo

Muito radioativa — 4,49 miligramas — minutos
Muito ionisada, resistividade a 18° 18300 ohms
Muito rica em gazes raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotonica, ponto criospico 0°,04

Conclusões da analise feita pelos distintos professores Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitissimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tifico

USO EXTERNO — Molestias de pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc,), reumatismo e gôta.
USO INTERNO — Artritismo, impaludismo, neurastenia — Albuminuria, diabetes — Intestinos, estomago — Rins — Bexiga.

Depositos — **LISBOA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros. 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 428. FUNCHAL, José Quirino de Castro, rua dos Murças. AFRICA ORIENTAL: Oswald Offmann. BEIRA: F. L. Simões & C.ª. LOANDA: Beltrão, Pena & C.ª**, e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositarios nas terras onde ainda os não haja.

Seguros contra incendio — incluindo riscos de explosão de gaz e raio.

Seguros contra incendio — cobrindo tambem os riscos de *Greves* ou *Tumultos* (portaria de 14 de Março de 1914).

Seguros contra incendio — cobrindo ainda os riscos de *Guerra* (portaria, 30—XI—1914).

Unica companhia autorisada a segurar os riscos de Guerra nas apolices Incendio

As apolices d'A MUNDIAL são portanto as que mais conveem aos interesses dos proprietarios, locatarios, industriais, comerciantes, etc.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS
Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital Esc. 500.000$

Séde em Lisboa
Rua Garrett, 95
Telephone n.° 4084

Delegação do PORTO
Praça Almeida Garrett 22|24
Telephone n.° 1459

ENDEREÇO TELEGRAPHICO — **MUNDIAL**

Agentes em todas as localidades do paiz ilhas e colonias

Livraria e Tabacaria Cunha

Livraria Moderna e Tabacaria Augusto Henriques (reunidas)

Alberto Gonçalves Cunha

150, Rua Ferreira Borges — COIMBRA

TELEFONE N.° 293

LOTARIAS — Bilhetes, suas fracções e cautelas. Variada série de numeros certos. — Premios frequentes.
TABACOS — Nacionais e estrangeiros. As melhores marcas de cigarros e charutos. — Todos os artigos para fumadores.
POSTAIS ILUSTRADOS — Sempre as ultimas novidades em todos os generos. — Bilhetes de visita, impressão rapida.
PAPELARIA — Finissimos papeis de carta em caixas aos cadernos. — Objectos para escritorio e desenho.
LIVRARIA — Nacional e estrangeira, Revistas, Publicações. — Figurinos. — Musicas.

Livros usados, antigos ou modernos, em qualquer estado, em grandes ou pequenas quantidades, compra em qualquer parte.

Passagens para o Brazil e Africa

José de Almeida

Negociante nas Pontes de Cadima, concelho de Cantanhede, e correspondente de todas as Companhias de navegação

Faz constar que vende passagens para todos os portos do BRAZIL, AFRICA, etc., a preços reduzidos, para o que está legalmente habilitado.

A sua vida de seriedade e honestidade são garantia segura para que os que desejam comprar passagens o procurem de preferencia a qualquer outro.

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz** — Camarneira — Cantanhede.

Restaurante Ferro-viario
ALFARELOS

ESTE bufete, um dos que melhor servem o publico que transita nos comboios, acha-se situado na estação do caminho de ferro de Alfarelos. Fornece almoços, jantares e *lunchs* e toda a qualidade de refeições, por preços comodos. Tem pessoal habilitado, tanto em cosinha como em sala de mesa. Tudo se encontra com esmero e perfeição.
Fornece comida para fóra, e presta se a servir em casamentos, batisados, etc., desde que seja prevenido com antecipação.

O proprietario, **Artur de Oliveira Coelho.**

Companhia de Seguros
A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz
Antonio d'Oliveira Guerra
RUA DA REPUBLICA, 84

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima — Vila Nova d'Outil

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraude praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legitimo: acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de fórma a servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamavel, isca em cordão vendida fraudulentamente a titulo de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva acção civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa a Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente guardando se a maior discreção. A Companhia logo que receba informaçõe fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalisação par procederem ás necessarias diligencias. Dirigir-se pessoalmente ou por car á Companhia Portuguêsa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS
MELO & MARTINS
PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada

PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiencia dos nossos adubos, devido ao seu magnifico resultado os adoptarão de preferencia a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro
PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex.mos passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.
Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA

Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.
PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações
Deposito das afamadas aguas de Luso.

Hotel de la Paix
JEAN OZUN

Situado num dos pontos mais centrais da capital, belas vistas sobre o Rocio, é um dos modernos hoteis que mais comodidades oferece.

Bom serviço de cosinha á franceza

Almoços, 60 centavos. — Jantares, 80 centavos. — Serviço á lista.

3 Calçada do Duque, 3 — **Lisboa**

Fabrica de Lanificios
— DE —
MANOEL JERONIMO DE MATOS
COVILHÃ

Fornecedor da caixa de socorros dos empregados da Companhia Portuguesa

Esta fabrica, uma das mais acreditadas da Provincia da Beira Baixa, fornece, por preços convidativos, especialmente a particulares do continente e ilhas, os melhores produtos da sua fabricação, tais como casimiras, cheviotes e estambres, empregando materia prima de primeira qualidade, esmerando-se quanto possivel na sua execução e adotando os melhores padrões e côres que a moda impõe nos centros elegantes estrangeiros.

Envia amostras para todos os pontos, para o que bastará o pedido feito num simples postal.

Pedidos a

Manoel Jeronimo de Matos — Covilhã

S. R.
Biblioteca da Universidade
Coimbra

Ano 3.° Arazêde, 24 de Janeiro de 1915 N.° 153

Director, administrador e editor
J. d'Almeida Junior

Representantes em muitas terras do país, Africa e Brazil

PROPRIEDADE DA DIRECÇÃO

COIMBRA 24.JAN.15 CORREIOS TELG

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguêsa

Pátria e Humanidade

Redação e Administração
ARAZEDE

Toda a correspondencia relativa a este jornal, deve ser dirigida ao Director, para Coimbra

Composição e Impressão
Tip. Silva (a vapor)—AVEIRO

Sendo a assinatura do DEVER paga adiantadamente, como é de uzo em todos os jornais, vamos proceder á cobrança do trimestre correspondente a dezembro, janeiro e fevereiro, rogando aos nossos assinantes o favor de satisfazerem. Aqueles que, por ficarem longe das estações postais competentes, não poderem liquidar ali, enviarão em estampilhas a importancia do seu debito, ao director dêste jornal.

Defeza nacional

Vulgarmente, quando se pergunta qual é a população de Portugal, responde-se que é de cêrca de 6 milhões de habitantes, esquecendo que temos mais 10 milhões de habitantes nas nossas possessões ultramarinas, e mais 4 milhões de habitantes nas nossas colonias da America da Norte e do Sul, ilhas Sandwich e outros paizes, perfazendo um total aproximadamente de 20 milhões de portuguezes.

O territorio portuguez no mundo abrange uma área de mais de 2 milhões de kilometros quadrados.

E' preciso notarmos que a Espanha, actualmente, conta tambem uns 20 milhões de habitantes e que a área do territorio espanhol é pouco mais de 700 mil kilometros quadrados.

Para termo de comparação diremos tambem que a Belgica não chega a ter 30 mil kilometros quadrados de superficie e a sua população 7 milhões de habitantes. A Servia 48 mil kilometros quadrados e um pouco menos de 3 milhões de habitantes.

A actual guerra europêa tem demonstrado á evidencia a enorme resistencia que as pequenas nações, como a Belgica e a Servia, podem oferecer mesmo aos grandes colossos, como a Alemanha e a Austria, estando militarmente bem organisadas.

E' corrente julgar-se que é o numero que vence, mas em primeiro logar está a qualidade e a força moral do combatente.

O papel que as pequenas nações tem desempenhado nesta guerra, devem-nos animar muito, a nós portuguezes, no empenho de olharmos pelas nossas instituições militares, preparando a defeza da nossa Patria.

Temos recursos materiaes e de gente muito superiores ás duas nações acima apontadas, para podermos organisar a nossa defeza. No continente temos excelentes posições militares e numero suficiente de homens, para a elaboração dos planos defensivos e para a organisação dos quadros do exercito. Possuimos o porto de Lisboa, suscetivel de se poder manter em condições de acesso a todos os reforços e auxilios que nos enviem os nossos dominios e colonias de além-mar.

Nessas possessões temos robustos guerreiros para adextrar nos modernos processos de combate e para se baterem ao nosso lado no continente, como agora se batem em França os senegalezes, argelinos, marroquinos e indios, contra os alemães.

Não nos faltam recursos para podermos atender á nossa segurança; o que nos falta é juizo, para evitar a perda de energias em politiquices, que só servem de perturbação e ruina.

E' chegado o momento de o povo impôr a sua vontade, fazendo calar os relapsos, e apoiando os homens que mostram boa vontade e dedicação pelas prosperidades da Patria, não dando ouvidos a desvarios e a manejos ilicitos que possam ser contrarios aos sagrados interesses nacionaes, que devem estar muito acima dos caprichos e vaidades de umas duzias de ambiciosos.

A Patria Portugueza pelas suas tradições e pelas condições do seu solo e do seu povo, ainda póde vir a desempenhar um importante papel na historia da civilisação e é para isso que todos nós devemos trabalhar.

Baldaque da Silva,
Engenheiro.

Estiveram em Coimbra no domingo passado, os nossos presados amigos da Pampilhoza, snrs. Antonio Cigarra e Mario Pedrosa.

Pela instrução

E' o titulo de um brilhante artigo que o *Dever* publicará no proximo numero, devido á pena do ilustre jornalista e inteligente advogado, snr. dr. Raul de Brito.

A' Direcção d'Obras Publicas

E' lastimoso o estado em que se encontra a estrada distrital, no largo denominado de Santo Cristo, nesta localidade, e a valeta que, desde a farmacia do nosso presado representante, snr. Alfredo Ferrão, até ao estabelecimento comercial do nosso antigo camarada Ismael da Cruz, se encontra completamente impedida com grande camada de lixo acumulado ali pelas aguas das ultimas chuvas.

Pedimos á Direcção d'Obras Publicas do distrito, cujo funcionario superior foi sempre um espirito de subido criterio, que mande reparar tudo aquilo, pois, ficando mesmo no centro da povoação, e portanto o local mais concorrido aos domingos e dias de feira, dá uma nota desagradavel aos nossos hospedes e depõe em desabono de quem superintende em assuntos desta natureza, sem deixar de ser prejudicial ao povo desta localidade, que tem á sua porta montes de estrume que bastante podem prejudicar a saude publica.

Horas d'insónia

Sobre o mar, sobre as aguas desse oceano incomparavel que indómitos navios de guerra de todas as nacionalidades rasgam de lado a lado; sobre as vagas revoltas e côr do ceu, que 'baloução os grandes transatlanticos, pudsam, neste momento soléne de duvidas e incertezas, com saudade e com amargura, alguns milhares de corações portuguêses que vão a caminho da vitoria ou ao encontro da morte, resignados e aconchegados á intima esperança de um regresso breve e triunfal!

E a gente viu-os partir, olhos marejados de lagrimas e as almas iluminando, em clarões de patriotismo, o futuro da sua raça, desta raça latina, tão dôce e tão suave, e sentiu, na hora da despedida, um estremecimento de entusiasmo, mixto de dôr e de ternura, vendo a claridade do sol, atravez do embaciado dos olhos, que nêsse dia nos envolveu a todos num amplexo de tristura, rezando, comnosco, as orações das almas amarguradas pela incerteza do dia de ámanhã!...

E ei los que marcham, sentindo na alma, bem vivo, o ideal sacratissimo da defeza da sua Patria em perigo, e deixando, em cada um de nós, a impressão dolorida de quem mais se não torna a ver, de quem faz a viagem lugubre do além-tumulo!

Ha, entretanto, a diferenciação enorme dos que morrem cobertos de gloria em contraste com os que, enlamiados e conspurcados, tombam no campo da deshonra e do vilipendio.

A ambição, a ambiguidade de sentimento dos povos leva-nos, infelizmente, a este estado psicologico, sentindo pela integridade das nossas fronteiras o amor bem proprio da defeza da nossa autonomia, conquistada á custa de tanto sangue e de tanto sacrificio, em razão de, nos outros povos, imperando o sentimento da uzurpação, haver a sinistra ideia do engrandecimento á custa do que é dos outros, muito legitimamente seu.

E essa ambição, meus amigos, tem avermelhado de sangue as aguas de todos os mares, as searas de todas as terras, muitos lares em lagrimas e em sonhos luminosos de esperança no porvir!...

E é essa ambição a causa de tantos horrores e de tantas calamidades que açolam o estado economico das nações mais pobres, dos povos mais humildes em holocausto á Força das circunstancias, que não á Força da Razão e da Logica; em obediencia ao Direito de potentado, que não ao sagrado Direito da Humanidade e da Honra. Mas quando raiar, no ceu da emancipação humana, na perspetiva abençoada da Civilisação, a luz esplendorosa e tonificante da fraternidade, daquela fraternidade saudavel que prégou ás multidões o sábio inegualavel, de candura e doutrinação, que foi o fundador do cristianismo, então sim, então deixará a vida dos povos de ser ofuscada pelo negrume terrorista da desunião das raças e do desamor do semelhante...

Porque, não sendo assim, a intranquilidade é manifesta e, de quando em quando, sobre as aguas revoltas desse oceano incomparavel, que leva á Africa, singrarão enormes cidades flutuantes, levando-nos para longe o melhor dos nossos afétos e as mais intimas esperanças da nossa alma, na alma atormentada e indecisa dos que partem a caminho da gloria imorredoira ou ao encontro da morte gloriosa e inesquecivel dos grandes herois e dos martires estremos do sofrimento!..

ALMEIDA JUNIOR.

Anulação de contribuições em Coimbra

Realisou-se no dia 19 uma demorada conferencia entre os snrs. ministro das finanças, director geral das contribuições e impostos e inspector de finanças de Coimbra, em que se tratou, segundo consta, da anulação de contribuições por sinistro, devido aos grandes prejuizos causados pela ultima cheia do Mondego na parte baixa daquela cidade.

Aí está um acto de profunda magnanimidade que o governo não deve deixar de praticar para com a população da linda capital do nosso importante distrito.

Está na memoria de toda a gente a enorme desgraça, a triste calamidade que levou a cidade ao mais profundo dos lutos, atirando para a miseria e para as lagrimas, criaturas já de si pobres e humildes, a grande cheia de ha poucos dias!

E a Republica, com provas assim de consideração pelos que choram e andam nús, só se dignifica, tornando-se cada vez mais amada das camadas sociais mais pobres, que são, afinal, uma grande parcela da razão da sua existencia e da sua vitalidade.

Oxalá venha a ser um facto a anulação das contribuições, assunto de alto interesse e de grande economia para as classes necessitadas daquela terra.

Declinou o convite que lhe foi feito, para governador civil de Angra do Heroismo, o nosso presado amigo, snr. Kemp Serrão, ilustre inspetor da circunscrição escolar de Coimbra.

SILVA FRANCO

Está melhor do grave encomodo de saude que o acometeu, repentinamente, no dia 14, o nosso velho e presado amigo, snr. Francisco da Silva Franco, importante e considerado industrial na Figueira da Foz, e pae extremoso do nosso querido amigo Antonio Franco, farmaceutico e publicista inteligente na mesma cidade.

Desejamos o pronto e completo restabelecimento do nosso ilustre e bondoso amigo.

Triste desvairamento

Continuam os ataques ás instituições vigentes! Não ha maneira de socegarem! Não ha maneira de se conformarem com o existente. Com franqueza, faz-nos doer o coração tais actos de loucura!

A Republica é uma forma de governo legal e popularmente constituida. E' certo que os seus homens teem praticado erros e andado mal, mas isso vê-se nos regimes governativos de todo o mundo. 7 seculos durou a monarquia, e por vezes se esqueceu, especialmente nos ultimos tempos, dos seus deveres de forma de governo ao povo aféto. E' certo que se praticaram graves êrros, e todos sabem que a Republica, por mais disparates que haja feito, está ainda muito longe de se aproximar do regime monarquico.

Então, devemos andar sempre a mudar de forma de governo?

E' airoso um retrocesso, voltar ao antigo? Todo o mundo sabe quantos sacrificios e quantos milhares de libras custa a transição do sistema de governo de um povo, e quantos sacrificios, quanto sangue e quantos milhares de libras custaria uma nova revolução para despojar a Republica do seu meio de acção governamental.

E o povo, é obvio, não pode andar sempre em revoluções, nem tolerar a instabilidade dos sistemas de gerencia nacional. Ninguem se tem metido comnosco sob o ponto de vista politico, é notório, e tristissimo é o termos dado ao mundo culto, nestes ultimos tempos, um exemplo tão frisante de indisciplina social, de desvairamento politico!...

Queremos referir-nos ao malogro da tentativa de rebelião militar, que alguns oficiais de varias patentes e de alguns regimentos da capital, pretenderam levar a efeito no dia 20.

Esse gesto de loucura valeu a prisão a perto de 70 oficiais, e naturalmente leva-los-á para longe da Patria cumprindo penas rigorosas impostas pelos codigos vigentes, castigos que representam muitas aflições e algumas desgraças, por deixarem mergulhadas em lagrimas algumas esposas e originarem precaria existencia a muitas familias!

Era bom, e dizemo-lo sem paixão politica, antes condoidos com a dubia situação dos revoltosos, que se deixassem de uma vez para sempre de actos desta natureza, porque Portugal não pode andar sempre a mudar de fórma de governo, sem correr o risco de subverter-se, sendo eliminado do mapa da Europa.

Diz-se que os oficiais pro-

cederam assim por solidariedade com o snr. major Craveiro Lopes, de infantaria 28, ali da Figueira, que uma boa medida do governo havia transferido para Castelo Branco.

Se assim foi, e considerando nós os actos de solidariedade como legitimas manifestações da alma colétiva, não haveria razão para não deixar levar a cabo o protesto, espreitando-se, em todo o caso, se ele era ordeiro ou não, ou se tinha fins politicos mais ou menos nocivos ao poder constituido.

Seja como fôr, nós, que não somos politicos, sómente lamentamos o triste acontecimento, que denuncia um latente mal-estar que se pode estender ás camadas sociais mais baixas com grave prejuiso para todos os portugueses.

Haja moderação e criterio.

BISPO DE COIMBRA

Na acta da Santa Sé ultimamente recebida, vem o decreto nomeando bispo da diocese de Coimbra, o rev.mo dr. Manuel Luiz Coelho da Silva, deão da Sé do Porto e respeitabilissimo representante do Vaticano.

Esteve em Figueira da Foz, tratando dos seus negocios particulares, o considerado lavrador de Santo Varão, snr. Alberto Carlos Vaz, que no nosso concelho gosa de geral estima e consideração.

Paginas soltas

Contrastes da natureza

A peninsula italica é uma região favorecida pela natureza, pois que ha paizes privilegiados assim como povos.

Nenhuma cidade mais cheia de recordações historicas, onde se possa evocar mais a vida dum Passado grandioso do que Roma: e ela é o coração da Italia.

Foi ali onde viveu com mais intensidade a civilisação antiga dos famosos tempos do paganismo; mas tambem nos seus muros se prendem as raizes da civilisação moderna que o Cristianismo produzira. Embora os etruscos e os italiotas não tivessem os dons artisticos que fizeram dos helenos um povo unico, foi todavia ali onde a Arte teve os melhores cultores; e a teoria do governo, a sciencia do direito ali colheu a eficacia dos seus primeiros ensaios.

Fugiram das regiões do Olimpo os quimericos deuses; dos nichos, dos altares, foram derrubados os idolos. Mas, sobre os escombros dessa arte pagã, sensualista, algo terrena, caracteristica do seculo — havia de surgir mais tarde o verdadeiro espirito da Arte criado pela grandiosa força que transmuda as almas — a Fé; havia de surgir a época brilhante da Renascença.

Em quasi todas as cidades da Italia ha paginas de historia, e lenda, e poesia que lhes legou o passado; eram sédes de reinos, de republicas.

A natureza aformoseou a peninsula italica: tem montanhas, tem lagos; a extensão das campinas, o olor dos laranjais. Do Meditarraneo recebe as brisas; banha-a o Adriatico onde a poetica Veneza se mira saudosa das éras medievais em que era soberana, o mar Jonio e o Tirreno em cuja costa do golfo de Napoles Lamartine fez viver a *Graziela*...

A suavidade do clima acalenta o génio: é terra classica de pintores, musicos e cantores.

Mas a natureza que lhe deu tantos encantos designou-lhe para seu flagelo estes dois agentes da morte, da destruição: — os vulcões e os terremotos; gargantas vomitando fogo e abismos sorvendo vitimas.

E' o paiz mais vulcanico da Europa; o Vesuvio, o Etna, o Stromboli são as suas sentinelas ignivomas sustendo em si uma ameaça de ruina.

A' ernpção do Vesuvio no ano de 79 que amortalhou nas suas lavas os vicejantes vinhedos de Campania e as cidades de Herculano e Pompeia sucedeu-se ainda violenta a erupção de 1779; ¿e daquela enorme cratera surgirá mais algum vomito de ignescente lava?

Mas a Italia tem tido outros flagelos nos abalos sismicos. De bem recente memoria é ainda a catastrofe de Messina; outra porêm, e bem pavorosa veio marcar de luto os começos do ano — e são estes ultimos tremores de terra na região dos Abruzzos. Milhares de vitimas, derrocadas, incendios; cidades cheias de vida convertidas num momento em necrópoles.

São estes os contrastes que a natureza põe a tantos privilegios e graças com que exornou a peninsula italica.

Janeiro de 1915.

Aurea Judit Amaral.

Interesses do Concelho

Vai ser submetida á assinatura do snr. ministro do fomento uma portaria aprovando o projecto e orçamento na importancia de 949 escudos, para modificação no primitivo projecto da ponte da Lavandeira (Avenidas) na estrada de Montemór-o-Velho á estrada nacional n.º 51, no distrito de Coimbra.

Obra importante, a sua realisação muito beneficiará, não só o povo de Montemór, mas todo o concelho lucrará com o melhoramento que em breve vae ter começo.

E é disto, destas provas de *politica* pratica que carecem os povos que, longe dos grandes centros e alheios a manejos da politiquice central, só cuidam de obter qualquer coisa que os engrandeça, que sirva de esteio á sua vida economica, ao seu bem-estar, pois as necessidades são muitas e muito ingentes, sendo necessario remedialas ou atenua-las o mais e o melhor possivel.

Falecimentos

Na Praia de Buarcos finou-se o snr. Abel Pessoa, considerado comerciante e sogro do snr. Antonio Marques Murta, da visinha povoação de Lemede e ha longos anos farmaceutico naquela praia.

Endereçamos-lhe os nossos sentidos pezames.

Tambem faleceu em Coimbra o snr. Antonio Maria Pimenta, sargento reformado da guarda fiscal e considerado homem de bem.

Era sogro do snr. José Augusto da Silva, inteligente professor oficial de instrução primaria na mesma cidade e nosso presado amigo.

Sentidas condolencias.

Dr. Augusto Jorge Marçal

Esteve em Gatões, em goso de ferias, este consideradissimo juiz de direito de Anadia e ilustre filho do nosso concelho.

Cumprimentamo-lo afétuosamente.

No rio Dueça, em Manguinha, proximo de Miranda do Corvo, apareceu afogada Maria do Rosario, casada com Antonio Rodrigues, da Quinta da Morada. Supõe-se não ter havido crime, pois que Maria do Rosario, padecendo de alienação mental, tinha tendencias para o suicidio. A desgraçada atou as pernas antes de se deitar á agua. A autoridade procedeu ao seu enterramento.

Juiz de Paz de Souzelas

Foi nomeado juiz de Paz de Souzelas, do nosso distrito, o snr. Manuel Maria Marques de Quadros, honrado cidadão daquela localidade, onde gosa de geral simpatia e estima.

Felicitamos o povo de Souzelas por ter no seu juiz de Paz um cidadão tão prestimoso.

Brasfemes quer progredir

Ao snr. Director Geral dos Correios

Muitas têm sido as cartas que nos teem sido dirigidas a proposito da creação de um deposito postal em Brasfemes, a oito kilometros de Coimbra.

População numerosa, acresce ao seu movimento a circunstancia de estar ausente no estrangeiro, especialmente na America, uma grande parte dos seus habitantes, o que ocasiona um movimento extraordinario de correspondencia, jornais, cartas, valores, registos, etc., que bem justifica o desejo do povo da ridente povoação de Brasfemes, que se vê engrandecer e aumentar de uma maneira bem palpavel, e outra coisa não é o grande numero de edificações que ultimamente ali se teem feito, etc.

Por outro lado não se compreende bem como se agrava a vida profissional de um pobre distribuidor rural com uma caminhada diaria de 16 kilometros, de Coimbra áquele logar e volta, não indo pela Pedrulha, logar limitrofe da séde do distrito e a cargo do mesmo distribuidor, porque, havendo, como ha, para ali quasi diariamente correspondencia, o desgraçado funcionario, que ganha a bagatela de 40 centavos por dia, ou menos, tirando os descontos, terá que percorrer perto de 20 kilometros todos os dias, sem haver nada que tal corrobore. O povo de Brasfemes deseja da Republica bem pouco. A criação de um posto postal, onde se deposite a correspondencia que será procurada pelos interessados, não podendo ser criado um distribuidor rural com determinada área a seu cargo.

A mala de Brasfemes poderia ir dentro da de Souzelas, todos os dias, e um condutor, a troco de meia duzia de vintens, iria á estação de Souzelas busca-la, levando-a para Brasfemes. Assim se receberiam os jornais das duas principais cidades do paiz, no mesmo dia, e aumentaria a receita do estado com novos envios de correspondencia, etc.

Sabemos que o snr. Joaquim Nabo, acreditado negociante de Brasfemes, por exemplo, se prestava a ter o deposito postal em casa, com venda de estampilhas e de mais franquias, e bem assim a competente caixa postal, gratuitamente.

E', pois, um melhoramento importante, que, não representando para o Estado aumento de despeza, beneficiaria extraordinariamente a população de Brasfemes, que não é menos do que a de Souzelas e outras localidades onde existe tal serviço.

Esperamos que a Direcção Geral dos Correios atenda o desejo do povo de Brasfemes.

Novas secções

Além da nota da nossa freguezia e das noticias que possâmos colher mais cedo, referentes ao movimento da população, daremos aos nossos amaveis leitores uma nota do movimento de todo o concelho, quinzenalmente dos nascimentos e obitos e mensalmente de casamentos.

São estas informações de bastante importancia, especialmente para os ausentes que desejam saber o que vae pelas terras onde nasceram, e assim demonstra o *Dever*, ao mesmo tempo, o desejo de ser cada vez mais util aos seus presados assinantes, mercê da gentileza de amigos seus que nos teem acolhido com cativantes provas de imerecida estima.

Outras secções de interesse publico se seguirão, se todos nos fizerem vêr, tambem, praticamente, que vale a pena tanto sacrificio e tanta canceira.

"O DEVER,,

Vende-se em **Montemór-o-Velho**, no estabelecimento comercial do snr. Bernardo Gonçalves Ferreira; em **Arazêde**, no do snr. Antonio Ismael da Cruz; em **Vila Franca**, no do snr. Manuel Costa Junior; em **Amieiro**, no do snr. João Pires Couto, onde os nossos leitores o poderão obter ao preço de 20 réis cada exemplar.

Passou no dia 15 o aniversario natalicio da snr.ª D. Roza Emilia d'Oliveira Cunha, extremosa esposa do nosso bom e valioso amigo, snr. José Bento da Cunha, ativo fiscal do governo junto dos caminhos de ferro, em Vizeu.

Parabens.

Alice Oliveira,

aluna externa do 5.º ano de piano do Conservatorio e com o curso de musica: léciona, em sua casa ou dos alunos, como se convencionar.

RUA DO SUB RIPAS, 10

COIMBRA

Esteve na capital, em goso de licença, o nosso presado amigo, snr. José Ferreira Candeias, funcionario ferro-viario em Coimbra-velha.

Retomou já as suas ocupações oficiais.

Carta de Lisboa

12—1—915.

Regulamento das horas detrabalho

O senado aprovou, na sua sessão de 7 do corrente, a seguinte proposta dos snrs. deputados Albino Pimenta de Aguiar e Alfredo Ladeira, e que, convertida em lei, espera-se que em breve entre em execnção:

Artigo 1.º— E' fixado em dez horas o tempo maximo de trabalho diario para os empregados no comercio, além de duas destinadas, intercaladamente, ás refeições.

§ 1.º— Para os empregados de estabelecimentos de credito, de cambios e de escritorios, é fixado o maximo de sete horas para dia normal de trabalho.

§ 2.º— Quando as circunstancias exijam serviço extraordinario nos estabelecimentos de que trata o paragrafo anterior, este terá remuneração especial, sendo a hora contada na razão da do dobro do dia normal de trabalho.

§ 3.º— São mantidos e respeitados os contratos de trabalho em que á data da promulgação desta lei se fixe menor numero de horas.

Art. 2.º — Consideram-se empregados no comercio, para os efeitos da presente lei, todos os individuos de qualquer idade ou sexo que exerçam a sua actividade em estabelecimentos onde se façam transações comerciais.

Art. 3.º—Esta lei é aplicavel ao continente e ilhas adjacentes, e ás camaras municipais compete fazer os regulamentos para a sua boa execução, de harmonia com os interesses locais.

§ 1.º—Os regulamentos serão elaborados e postos em vigor dentro do praso de quatro meses, a contar da publicação da presente lei, e, ao elaboral-os, as camaras municipais ouvirão os interessados. Nos concelhos em que haja associações de classe, por intermedio dos seus delegados, e onde elas não existam, por delegados eleitos pelos colegios de patrões e empregados.

§ 2.º— As camaras municipais podem conceder uma tolerancia não superior a três horas por dia, e que nunca vá alem de cento e quarenta horas por ano, quando em requerimento bem fundamentado seja solicitada pelos interessados.

Art. 4.º — Fica revogada a legislação em contrario.

Horas de jubilo

Na Associação dos empregados do comercio comemorou-se pelas 22 horas do dia 8 do corrente, em frente á séde da Associação dos Caixeiros, a lei reguladora das horas de trabalho.

No Chiado, o numero de manifestantes era grande, aclamando com delirio os seus melhores amigos, os defensores das suas regalias.

Abriu a sessão o snr. José d'Almeida, uzando em seguida da palavra o snr. Alfredo Moura. Ele, orador, via todos jubilosos, e essa alegria era de facto justificada. Quando se triunfa, o riso chega-nos aos labios, e é assim que eles, os trabalhadores do comercio, torturados por um trabalho persistente, hoje aparecem ali a rir o seu prazer. Seguiram-se varios oradores, terminando a sessão pelas 24 horas, no meio de muitos aplausos e vivas á Patria e á Republica, etc.

Folgamos.

Tribunais militares

No tribunal militar de Mafra terminou o julgamento dos réus implicados na conspiração de 20 de outubro p. p., e de que era chefe o bacharel Pacheco Soares, sendo condenado em 20 anos de degredo em possessão de 1.ª classe, e os seus cumplices em penas que variam entre dois e três anos de prisão, e respectiva multa, etc.

Por falta de provas foram absolvidos onze réus. A sentença foi bem recebida.

Baldaque da Silva

O modesto rabiscador desta *Carta* envia um abraço de felicitações ao seu grande amigo e colega snr. Baldaque da Silva, pelo seu aniversario natalicio, fazendo ardentes votos para que esse feliz dia se repita por longos anos, sempre de ventura em ventura e de alegria em alegria.

Noroé.

Retirou para Lisboa o nosso assinante, snr. José Ferreira Jacinto, que aqui veio passar uns dias com sua familia.

Felicidades.

Secção de Variedades

A CAIXA DE RAPÉ

Guilherme I, imperador da Alemanha, era muito afeiçoado ao rapé, e tinha sobre a meza uma caixa do mais fino e exquisito. Porém o seu secretario particular, que tambem gostava da sua pitada, sempre que se lhe oferecia ocasião, ás furtadelas, metia os dedos na caixa do imperador.

Guilherme I deu por isto, e um dia perguntou ao seu confidente, mostrando-lhe o corpo de delito:

— Que te parece esta caixa?

— Que é preciosa, senhor.

— Pois olha, guarda-a, porque tem um defeito.

— Qual é? perguntou o secretario.

— E' pequena para o serviço dos dois, e é bastante para ti só.

O secretario aceitou a caixa tão visivelmente perturbado e comprometido, que não articulou palavra.

Duas perdizes de presente

Um caçador de Tavarede, foi um dia levar duas perdizes ao seu compadre A. G. Mesquita, da Figueira da Foz. A criada, emquanto o amo se levantava, poz-lhe um queijo flamengo, para ele petiscar. Porém ela vendo que o homem estava com modos de comer o queijo todo, corre a chamar o amo. Este chega, ajoelha, agradece as perdizes e diz:

— Oh! compadre, você não sabe o que tem comido: esse queijo faz perder a fala a quem o come!

— Oh! snr. compadre! então deixe-me levar este resto, que tenho lá uma mulher, que é levada de seis centos diabos para falar, e quero vêr se a calo!

E' autentica.

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autôres.

Poetas e Prosadôres

P'RA QUE?

a C. Machado

Altiva, orgulhosa, resplendente
Dardejando sorrisos fascinantes
Coberta de atavios cintilantes,
Envolta num sudario transparente,

Deslumbras todos, prendes toda a gente
Ao passares, graciosa, estonteante,
Nimbada de orgulho, radiante
Da tua beleza, creança inexperiente.

Dó de ninguem, tens tu, beldade,
E assim a vida vaes passando
Sempre a gozar e nada futurando

Mas p'ra que essa vaidade
Essa imponencia, esse orgulhoso porte?
Se como tudo, terás por fim a morte?!!

8 | 12 | 14

Armando Duarte.

Esteve ha dias em Cantanhede, o nosso presado e velho amigo, snr. padre Antonio Carvalheira, considerado coadjutor da nossa freguezia.

Em Pampilhoza do Botão

E' sempre simpatico aos bem-intencionados registar actos de altruismo e beneficencia. Assim, não podemos deixar de aplaudir o benemerito grupo dramatico Pampilhosense, que no elegante teatro da localidade promoveu um espétaculo, como noticiámos, em favor dos feridos da grande guerra europeia, que tanto sangue tem feito e fará jorrar nos sinistros campos de batalha!

Louvamos a generosa iniciativa do Grupo Dramatico de Beneficencia da Pampilhoza do Botão, onde contamos amizades sinceras e onde as belas iniciativas são sempre acolhidas com fervor e levadas a cabo com brilhante exito, para o que contribue, não se póde olvidar, a boa vontade, persistencia e importancia pessoal de tantas criaturas de bem, tais como os considerados industriais, snrs. Francisco Bastos Mourão, Adriano e Joaquim Teixeira Lopes, Joaquim Cruz, o grande patriota e deputado dr. Francisco Cruz, Abel Godinho, Domingos Rodrigues da Silva, José Martins Ferreira Pires, Abel da Costa Loureiro, João Loureiro, Guilherme Ferreira da Silva, José Martins Catarino, José e Joaquim de Melo, e muitas mais individualidades que ao bem e ao progresso da simpatica povoação teem prestado o melhor do seu concurso e da sua inteligencia.

Ha em Pampilhoza uma casa de recreio como em nenhuma terra da provincia. O teatro, cujo palco tem sido pisado pelas melhores companhias de Lisboa, deve-se ao generoso impulso de todos os que citamos e ainda a um grande benemerito, alma feita de luz e de progresso, que se chama Joaquim Teixeira Lopes e que já lá está na morada do além-tumulo.

Outras belas energias se perderam já tambem, ceifadas pela morte ingrata, e que os filhos da terra chorarão eternamente.

Um numeroso grupo de rapazes, amadores de musica, — por falarmos em musica lembra-nos, com saudade, uma filarmonica que ali houve, composta de bons elementos e em que a união dos homens era um pouco mais evidente —, um grupo de rapazes lembrou-se, ha dois ou trez anos, de organisar uma tuna, e eis que levam a cabo a sua ideia, possuindo o logar mais esse melhoramento devotador de progresso e bom-gosto.

E' de justiça lembrar o nome de João Climaco Batista, fiscal do governo, hoje chefe de posto, em Coimbra, que muito trabalhou tambem para o bom exito das iniciativas.

O Grupo Dramatico que deu logar a estas justas considerações, é composto das meninas Irene Cristina Lopes, Maria José da Silva Santos e Albertina da Silva Santos e dos nossos presados amigos, snrs. Antonio Cigarra, Joaquim Pires, José Marques dos Santos, Mario Pedroza, Domingos Pires e Eugenio Lopes, rapazes cheios de vida e sempre prontos para auxiliar seja o que fôr que inspire progresso e bom tom, e, diga-se, porque se diz a verdade, uns amadores de teatro já muito razoaveis e dando esperanças de aperfeiçoamento.

O espétaculo renden 25 escudos, que já fôram remetidos á Cruz Vermelha.

A todos felicitamos cordialmente.

Está doente ha dias o zeloso chefe da estação velha de Coimbra, snr. Adelino de Melo, a quem desejamos pronto e completo restabelecimento.

O snr. Melo é um funcionario muito dedicado, e nós avaliamos os sacrificios e as ralações que o devem consumir, auzente, forçado pelas circunstancias, dos deveres do seu cargo oficial.

Coimbra sofre!

A gente sente, ao atravessar as ruas lamacentas e insalubres da cidade baixa, em Coimbra, confranger-se-lhe a alma por tanta miseria presenciada e tanta lagrima vertida!

Nos grandes centros a mendicidade abundou sempre de uma maneira entristecedora. Mas agora, como nunca, essa incuravel chaga social mais e mais se dilatou, vertendo calamidades sem fim!

As tristes lamurias dos sem lar, dos enregelados de frio e encarquilhados de fome, ouvem-se a cada passo, cada uma dessas lamurias sendo a mais sentida e a mais justificada!

E nós sem podermos agasalhar todos os pobres, senta-los todos á nossa modesta meza, cobrir as carnes nuas dessa avalanche que pede e que vive da Dôr e do Martirio!...

E depois, a gente caminha com atenção. Lá mais em cima, pouco mais, ouvindo-se ainda as lamentações dos que gritam, dilacerantemente cá em baixo cheios de fome e de miseria, topamos o luxo e a gangrena sociais, ululantes de goso e de orgia, criaturas semeando o virús purulento do vicio!

As *vitrines* servem de espelho aos *parvenus*, a todos os *dandis* pavoneantes que vão passando, de charuto ao canto do *beiço*, fazendo em fumo aqueles quatro centavos que chegavam para aconchegar quatro estomagos famintos!

Mas a miseria social é tanta e tão manifesta, que dir-se-ia que Coimbra é a rainha da maldade e da pagodeira.

Um alheamento absoluto e sintomatico pela desdita que invade tragicamente os lares húmidos e desgraçados que lá em baixo estão!

N'outros tempos, quer-nos parecer, a fome não seria tanta porque o luxo era menor.

E a gente passa, na parte encharcada da cidade baixa, e vê, com pasmo e com horror, a maior das calamidades porque Coimbra tem passado!

CEZAR.

AOS AGRICULTORES

Estamos entrados na epoca da sementeira da batata, e é de toda a conveniencia que os senhores se não esqueçam dos adubos quimicos e organicos, da acreditada casa *Varela, Leal & C.ª, das Varzeas*, proximo de Leiria, e que se encontram **á venda em casa de Manuel Monteiro Godinho,** com deposito no **Casal do Gaio, Arazêde.**

Alvaro de Matos

Prof. das Clinicas obstetrica e ophtalmologica na Faculdade de Medicina

CLINICA GERAL.
DOENÇAS DAS SENHORAS.

Residencia: R. de Tomar, 5. Tel. 51

Consultas da 1 ás 3
no Largo Bombarda, 27, 1.º
Tel. 20

As consultas de gynecologia e ophtalmologia são gratuitas para as classes pobres.

Foi nomeado para reger interinamente a escola do sexo masculino de Vila Nova d'Outil, o snr. Benjamin Marques Bronze Mendes, filho do bemquisto comerciante de Lemede, snr. José Marques Bronze Mendes.

Felicitamos o nomeado, que é um rapaz inteligente e merecedor do logar que o governo da Republica lhe conferiu.

Gesso e adubos compostos

Para todas as culturas
DE
J. CORTEZÃO

Fabrica — Sá (Anadia)
Escritorio — Figueira da Foz.

Está gravemente enferma a esposa do nosso amigo, snr. Joaquim Caetano Louro, zeloso distribuidor rural desta freguezia.

Desejamos o pronto restabelecimento da pobre doente.

Posto do Registo Civil de Arazêde

MOVIMENTO DO MEZ DE MARÇO DE 1914

Nascimentos

Florina, filha de Manuel Rodrigues dos Santos e de Joaquina Jorge, da Volta da Tocha.

Etelvina, filha de José Simões Matias e de Luiza da Cruz, dos Bizarros.

Abilio, filho de Manuel de Jesus Frade e de Joaquina de Jesus, da Mata.

Maria, filha de Manuel Teixeira e Maria do Espirito Santo, dos Catarruchos.

Manuel Joaquim, filho de Joaquim de Jesus Tiso e de Joaquina Cardosa, das Faiscas.

Casamentos

Luciano Pereira de Araujo, de Covas do Douro, com Tereza Baeta, de Arazêde.

MOVIMENTO DO MEZ DE ABRIL

Nascimentos

Ludovina, filha de Manuel Duarte e de Luiza de Jesus, de Arazêde.

Eliza, filha de José Maria Ferreira e de Maria dos Ramos, de Arazêde.

Manuel, filho de Antonio Miranda e de Maria Mendes, das Faiscas.

Fernando, filho de Alberto Borges Tavares, do Porto, e de D. Maria Emilia Ferrão Tavares, de Vila Franca.

Antonio, filho de Joaquim Tocha e de Maria Rosa Gomes, dos Pelicanos.

Julio, filho de João d'Oliveira e de Maria da Silva.

Armando, filho de José Francisco do Nuno e de Joaquina de Oliveira.

Casamentos: não houve.

Obitos

Maria da Cruz, de 80 anos, exposta, do logar do Amieiro.

Manuel Miranda, de 11 dias, filho de Antonio Miranda e de Maria Mendes, das Faiscas.

Fernando Borges Tavares, de 2 horas, filho de Alberto Borges Tavares e de D. Maria Emilia Ferrão Tavares.

João Jorge Buco, de 84 anos, do logar do Zambujeiro.

Antonio Rodrigues Rôlo, de 22 mezes, filho de Manuel Rodrigues Rôlo e de Nazaré da Silva, do logar de Vila Franca.

Luiza da Cruz, viuva, de 85 anos, do logar de Vila Franca.

Ana de Jesus, viuva, de 65 anos, do logar das Faiscas.

José Joaquim da Costa Chigangas, viuvo, de 68 anos, dos Gordos.

MOVIMENTO DO MEZ DE MAIO

Nascimentos

Fernando, filho de pae incognito e de Belmira da Cunha, de Arazede.

Albertina, filha de Manuel Rodrigues e de Ana da Cruz, de Arazede.

Belmira, filha de Francisco Azenha e de Luiza Jorge, de Arazede.

Manuel, filho de Manuel dos Santos Agostinho e de Rosa da Conceição, da Bunhosa.

Lurceina, filha de Joaquim Albino e de Rosa Monteiro, do Bebedouro.

José, filho de João da Siva Ranhel e de Maria de Jesus, do Zambujeiro.

Antonio, filho de Mainel dos Ramos e de Maria Ferreira, de Vila Franca.

José, filho natural de Ana Teixeira, de Amieiro.

REGISTO CIVIL DO CONCELHO

1.ª quinzena de Janeiro de 1915

NASCIMENTOS

FREGUEZIA DE ARAZEDE:—Manuel, filho de Joaquim dos Santos e de Maria Cardosa.

Joaquim, filho de Joaquim Fernandes Pelixo e de Maria dos Santos.

Maria, filha de Francisco Alves Morteiro e de Joaquina Pires, de Vila Franca.

FREGUEZIA DA CARAPINHEIRA:—Antonio, filho de Manuel Gonçalves e de Ana Marques.

Ismael, filho de José Mendes dos Santos e de Ana Tavares Nobre.

FREGUEZIA DE LICEA:—Francisco, filho de João Gomes da Cruz e de Ana Gomes.

FREGUEZIA DE MEANS:—Maria, filha de Francisco Casimiro Pereira e de Maria Nazaré da Graça Cunha.

Armando, filho de Joaquim dos Santos Serôdio e de Maria de Nazaré dos Santos Pinto.

José, filho de Antonio Ferraz Monteiro e de Maria Bonita.

FREGUEZIA DE MONTEMÓR:—Maria da Estrela, filha de Manuel Rama Constantino e de Ana de Jesus Canósa.

FREGUEZIA DE PEREIRA:—Maria José, filha de Antonio Pereira Gaspar e de Maria Paiva Tarrafa.

Olimpia, filha de José Ferreira de Almeida e de Maria José Silva.

José, filho de Amadeu Dias e de Maria Ribeiro.

Maria José, filha de Manuel Batista Sanches e de Piedade Conceiro.

Francisco, filho de José Mendes e de Maria da Costa Figo.

FREGUEZIA DE SANTO VARAO:—Conceição, filha de José Maria Gomes Aires e de Maria de Jesus.

FREGUEZIA DO SEIXO:—Irene, filha de José de Jesus e de Maria José da Silva.

FREGUEZIA DE TENTUGAL:—José, filho de Manuel Tinoco Ferreira Calado e de Mariana Monteiro.

Albertina, filha de Manuel Pereira Floro e de Joaquina d'Oliveira.

FREGUEZIA DE VERRIDE:—Victoria, filha de José Batista Duarte e de Augusta Duarte Carregado.

FALECIMENTOS

FREGUEZIA DE ARAZEDE:—Antonio Moita, de 23 mezes, do Zambujeiro.

José Simões Matias, de 64 anos, da Bunhosa.

Antonio do Espirito Santo Catana, de 86 anos, viuvo, de Vila Franca.

Joaquina Rosa da Silva, de 84 anos, do Méco.

José Carvalho, de 42 anos, do Amieiro.

FREGUEZIA DA CARAPINHEIRA:—Maria de Nazaré Barriga, de 70 anos, dos Pelames.

José Gomes Artur, de 86 anos, das Nobrezas.

FREGUEZIA DE GATÕES:—Maria Neto, de 65 anos, do Casal de Nossa Senhora.

FREGUEZIA DE LICEA:—Antonio Rodrigues Angelo, de 33 anos, do Pisão.

FREGUEZIA DAS MEANS:—Antonio Rama Cadima, de 2 anos, da Coitada.

Joaquina Ferraz, de 70 anos, das Means de Cima.

José da Queda, de 86 anos, das Quintas.

FREGUEZIA DE MONTEMÓR:—Antonio Gonçalves, de 2 anos, do Moinho da Mata.

Daniel de Jesus, de 67 anos, do Moinho da Mata.

FREGUEZIA DE PEREIRA:—Nascido morto, filho de Antonio Pereira Girão e de Maria José Pereira Zambujo.

FREGUEZIA DE SANTO VARÃO:—Maria Angelica, de 98 anos, de Formoselha.

FREGUEZIA DE VERRIDE:—Joaquim Afonso da Graça, de 60 anos, da Caixeira.

ANUNCIOS

ANUNCIO

(2.ª publicação)

POR sentença de dois do corrente mez, proferida nos autos de interdição por demencia, requerida por José Ramos Cascão, casado, lavrador, das Quintas, freguezia das Means, desta comarca, contra seu irmão Joaquim Ramos Cascão, solteiro, do dito logar, foi este julgado interdicto de governar sua pessoa e bens em virtude do estado anormal das suas faculdades mentaes, o que se anuncia para os devidos efeitos.

Montemór-o-Velho, 5 de janeiro de 1915.

O Escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei.

Lemos Viana.

Comissões, Consignações e Conta Propria

CRAVEIRO & ALMEIDA

Endereço telegr.—CRAVEIRO & ALMEIDA
Santa Comba Dão

SERVIÇO DE AUTOMOVEIS DE ALUGUER

CASA MATRIZ
SANTA COMBA DÃO — Estação
CASA FILIAL — MIDOES

Depositarios de materiais para construções, carvão de forja, sal, cal hidraulica, cimentos, palhas de todas as qualidades, etc., etc.

Representantes de Abecassis (Irmãos) & C.ª de Lisboa e Porto, importadores dos mais afamados adudos quimicos para todas as culturas, sulfato de cobre, pulverizadores, enxofre, etc., etc.

AGUA DE LUSO -- Cura pela Diurése

(ESTABELECIMENTO TERMAL E HOTEIS ABÉRTOS TODO O ANO)

A mais diurética e mais digestiva. Aumenta a diurése, regularisa as funções digestivas e ativa os fenómenos nutritivo

Muito radioativa—4,49 miligramas—minutos
Muito ionisada, resistividade a 18° 18300 ohms
Muito rica em gazes raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotonica, ponto criospico 0°,04

} Conclusões da analise feita pelos distintos professores Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitissimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tifico

USO EXTERNO—Molestias de pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc,), reumatismo e gôta.
USO INTERNO—Artritismo, impaludismo, neurastenia—Albuminuria, diabetes—Intestinos, estomago—Rins—Bexiga.

Depositos -- LISBOA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros, 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 428. FUNCHAL, José Quirino de Castro, rua dos Murças. AFRICA ORIENTAL: Oswald Offmann. BEIRA: F. L. Simões & C.ª. LOANDA: Beltrão, Pena & C.ª, e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositarios nas terras onde ainda os não haja.

Seguros contra incendio — incluindo riscos de explosão de gaz e raio.

Seguros contra incendio — cobrindo tambem os riscos de *Greves* ou *Tumultos* (portaria de 14 de Março de 1914).

Seguros contra incendio — cobrindo ainda os riscos de *Guerra* (portaria, 30—XI—1914).

Unica companhia autorisada a segurar os riscos de Guerra nas apolices Incendio

As apolices d'A MUNDIAL são portanto as que mais conveem aos interesses dos proprietarios, locatarios, industriais, comerciantes, etc.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS
Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital Esc. 500.000$

Séde em Lisboa, Rua Garrett, 95, Telephone n.º 4084
Delegação do PORTO, Praça Almeida Garrett 22|24, Telephone n.º 1459

ENDEREÇO TELEGRAPHICO—**MUNDIAL**

Agentes em todas as localidades do paiz ilhas e colonias

Livraria e Tabacaria Cunha

Livraria Moderna e Tabacaria Augusto Henriques (reunidas)

Alberto Gonçalves Cunha

150, Rua Ferreira Borges—COIMBRA

TELEFONE N.º 293

LOTARIAS—Bilhetes, suas fracções e cautelas. Variada série de numeros certos.—Premios frequentes.
TABACOS—Nacionais e estrangeiros. As melhores marcas de cigarros e charutos.—Todos os artigos para fumadores.
POSTAIS ILUSTRADOS—Sempre as ultimas novidades em todos os generos.—Bilhetes de visita, impressão rapida.
PAPELARIA—Finissimos papeis de carta em caixas aos cadernos.—Objectos para escritorio e desenho.
LIVRARIA—Nacional e estrangeira, Revistas, Publicações.—Figurinos.—Musicas.

Livros usados, antigos ou modernos, em qualquer estado, em grandes ou pequenas quantidades, compra em qualquer parte.

Passagens para o Brazil e Africa

José de Almeida

Negociante nas Pontes de Cadima, concelho de Cantanhede, e correspondente de todas as Companhias de navegação

Faz constar que vende passagens para todos os portos do BRAZIL, AFRICA, etc., a preços reduzidos, para o que está legalmente habilitado.

A sua vida de seriedade e honestidade são garantia segura para que os que desejam comprar passagens o procurem de preferencia a qualquer outro.

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz**—Camarneira—Cantanhede.

Restaurante Ferro-viario

ALFARELOS

ESTE bufete, um dos que melhor servem o publico que transita nos comboios, acha-se situado na estação do caminho de ferro de Alfarelos. Fornece almoços, jantares e *lunchs* e toda a qualidade de refeições, por preços comodos.
Tem pessoal habilitado, tanto em cosinha como em sala de mesa.
Tudo se encontra com esmero e perfeição.
Fornece comida para fóra, e presta se a servir em casamentos, batisados, etc., desde que seja prevenido com antecipação.

O proprietario, **Artur de Oliveira Coelho.**

Companhia de Seguros

A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz
Antonio d'Oliveira Guerra
RUA DA REPUBLICA, 84

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima—Vila Nova d'Outi-

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraude praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legitimo: acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de fórma a servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamavel, isca em cordão vendida fraudulentamente a titulo de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva acção civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa a Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente guardando-se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalisação para procederem ás necessarias diligencias. Dirigir-se pessoalmente ou por carta á Companhia Portuguêsa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS

MELO & MARTINS

PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada

PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiencia dos nossos adubos, devido ao seu magnifico resultado os adoptarão de preferencia a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro
PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex.mos passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.
Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA

Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.
PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações
Deposito das afamadas aguas de Luso.

Hotel de la Paix

JEAN OZUN

Situado num dos pontos mais centrais da capital, belas vistas sobre o Rocio, é um dos modernos hoteis que mais comodidades oferece.

Bom serviço de cosinha á franceza

Almoços, 60 centavos. — Jantares, 80 centavos. — Serviço á lista.

3 Calçada do Duque, 3 — **Lisboa**

Fabrica de Lanificios

—DE—

MANOEL JERONIMO DE MATOS

COVILHÃ

Fornecedor da caixa de socorros dos empregados da Companhia Portuguesa

Esta fabrica, uma das mais acreditadas da Provincia da Beira Baixa, fornece, por preços convidativos, especialmente a particulares do continente e ilhas, os melhores produtos da sua fabricação, tais como casimiras, cheviotes e estambres, empregando materia prima de primeira qualidade, esmerando-se quanto possivel na sua execução e adotando os melhores padrões e côres que a moda impõe nos centros elegantes estrangeiros.

Envia amostras para todos os pontos, para o que bastará o pedido feito num simples postal.

Pedidos a

Manoel Jeronimo de Matos--Covilhã

Ano 3.º — Arazêde, 31 de Janeiro de 1915 — N.º 154

Director, administrador e editor
J. d'Almeida Junior

Representantes em muitas terras do país, Africa e Brazil

PROPRIEDADE DA DIRECÇÃO

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguêsa

Pátria e Humanidade

Redação e Administração
ARAZEDE

Toda a correspondencia relativa a este jornal, deve ser dirigida ao Director, para Coimbra

Composição e Impressão
Tip. Silva (a vapor)—AVEIRO

Biblioteca da Universidade
Coimbra
J. R.

Pela Instrução

Uma das coisas que mais me impressionou depois de alguns dias de permanencia em Arazêde, foi sem duvida a enormissima percentagem de analfabetos que aqui se nota.

O analfabetismo, que chega a atingir entre nós a vergonhosa cifra de 82 %, é o peor cancro da sociedade portugueza, mas dele são unicamente responsaveis os governos do extinto regimen que tinha um especial interesse em que o povo portuguez se conservasse indefinidamente mergulhado nas trevas da ignorancia.

Que a Republica tem procedido em sentido diametralmente oposto é prova frizante o carinho e dedicação com que desde 5 de outubro tem sido tratadas as coisas que á instrução dizem respeito.

Apezar de ser vulgar ouvir dizer-se a todo o passo que a Republica nada tem feito, é deveras consolador registar o que no respeitante á instrução, que é apenas o que ora nos ocupa, teem feito os governos republicanos.

Foi a Republica que concentrou num ministerio proprio todos os serviços resultantes do problema do ensino, podendo assim mais facilmente estudar e atender, á medida que as nossas magras finanças o permitam, todos os complexos e delicados capitulos da Instrução publica.

Foi tão grande a ação desse ministerio que a pouco e pouco tem sido creadas nos ultimos anos nada menos de 500 a 600 escolas, conseguindo-se ainda pôr a funcionar cêrca de 400 que a monarquia creára mas que por um inqualificavel desleixo se conservavam fechadas.

Mas o que sobre tudo dignifica e exalta a obra da Republica quanto ao magno problema do ensino publico, são as centenas de Cursos Moveis que teem sido organisados por esse paiz além e que estão dando já ótimos resultados difundindo entre milhares e milhares de espiritos o grande raio de luz que delas dimana. Isto é tanto mais para louvar quanto é certo que a sua influencia se manifesta especialmente entre os adultos que devido aos seus trabalhos agricolas e aos encargos da sua subsistencia não podiam, quantas vezes com pezar, frequentar as escolas diurnas.

Mas ha mais.

Foi a Republica, foi o governo do grande estadista snr. dr. Afonso Costa que dotou o ministerio da instrução com mais 1:000 contos do que anteriormente lhe era destinado, além de muitas outras verbas que agora nos não ocorrem, entre as quaes avulta a destinada ainda ha pouco a construções escolares.

Porém, se tudo isto é já alguma coisa, não é todavia ainda o necessario.

Quantos e quantos concêlhos ha onde não existe ainda uma missão das benemeritas Escolas Moveis?

Aqui, por exemplo, no concêlho de Montemór-o-Velho, parece-me que até á data nenhuma existe, apezar da sua necessidade ser por demais manifesta.

Porque não requer a camara deste concêlho ao governo pedindo a creação imediata dalguns desses gloriosos nucleos da instrução popular?

E' para a instrução e educação do povo que deve convergir toda a atenção dos que teem por dever preocupar-se com o progresso da nossa querida Republica.

Instruamos portanto as futuras gerações e assim teremos contribuido para dizimar o mais perigoso de todos os obstaculos que nos embaraça e que só muito tarde poderemos afastar de vez, sepultando-o para sempre no coval onde a incorruta monarquia se afundou.

Arazêde, 19 | I | 915.

R. Brito.

DOENTE

Acha-se enfermo o juiz de direito da nossa comarca, snr. dr. Lemos Viana.

Desejamos o pronto restabelecimento do ilustre doente

A PROVINCIA

Ao menos, a atenuar um pouco os sofrimentos e dissabores de um pobre jornalista d'aldeia, como nós cheio de fé na união das almas e na emancipação colectiva, surgem, de quando em quando, amigos dedicados e velhos companheiros de labuta tecendo-nos incómios que não merecemos.

Assim, o nosso querido confrade conimbricense, *A Provincia*, que tem a dirigi-lo o grande homem de Bem que é o dr. Teixeira de Carvalho, auxiliado por outros bons patriotas, como o inteligente jornalista e nosso antigo companheiro, Joaquim de Assunção, (o Martinho, o nosso Martinho), quiz, no seu n.º 286, tecer-nos ilogios que apenas atingem os principios que nos norteiam e de que jámais nos desviaremos.

Agradecidos.

As cartas duma infeliz

MEU CARO LEOPOLDO:

Não sei se tu tens reparado no simpatico movimento de caracter religioso que ultimamente se tem visto nos sangrentos campos de luta da grande conflagração da Europa, em que se está jogando o destino dalgumas nacionalidades.

Acredito que essas coisas, para ti de pouca monta, te hajam passado em claro. Mas eu, a tua Irene tão desdenhada, acompanho a par e passo todas as manifestações da alma humana no atinente á simbólica religião do pobre martir do Golgota. Apezar da tua descrença, em contraste manifesto com a Fé profunda que ha-de amortalhar a minha alma, eu sinto-me admiravelmente sempre que se oferece ensejo de poder desabafar comtigo, comtigo que me não acreditas e com quem prefiro, afinal, conversar um pouco sobre coisas que fazem tristeza mas predispõem o espirito para novos convencimentos que os doutrinarios procurem de certa maneira impingir-nos, a nós as religiosas a quem muito bem faz as ave-marias ensinadas por nossos avós...

Mas se não tens reparado, Leopoldo, para a heroicidade dessas amigas, dessas crentes criaturas que, com amôr e dedicação, teem acudido aos feridos da guerra, levando nos labios orações e na alma a Fé nobilitadora dos arrependidos, vê; vê bem que, nem por serem religiosas, essas bem-intencionadas almas deixam de cumprir o seu dever de patriotismo e de olhar, com unção religiosa de um fanatismo de independencia, o destino das suas patrias amarguradas e dos seus soldados ébrios de heroismo e glorificados de honra e de brio militares! Olha para a Belgica!

Não me importa que te rias... Disseste-me, em longas e sucessivas cartas, o que entendias dever aconselhar-me para beneficio do teu ideal. Consente agora que, em holocausto ao meu, eu desabafe comtigo em mais meia duzia de linhas.

Adeus, Leopoldo, até qualquer dia.
Saudades da tua

Irene.

Dr. Ismael de Sampaio

Foi nomeado conservador do registo predial em Murça, o nosso distinto amigo, snr. dr. Ismael de Sá Carvalho Sampaio, estudioso advogado da nossa comarca e filho do nosso presado amigo, snr. Quirino de Sampaio, considerado secretario da administração do nosso concelho.

Parabens.

Horas d'insónia

Missa

Um grupo de senhoras manda depois de ámanhã, na Sé Catedral, celebrar uma missa como suplica para que os soldados portuguêses alcancem triunfos nas regiões africanas.

(Da *Provincia*, de Coimbra).

A alma feminina tem manifestações de natureza tal, tão elevadas de sensibilidade, tão iluminadas de patriotismo, que a gente põe-se a pensar se a emancipação da mulher portuguêsa atingiu, ou já está proxima do seu glorioso triunfo.

A' parte o sentimentalismo religioso que as levou á Sé Catedral, a pedir gloria para os soldados que lutam e sofrem lá longe da sua patria, em matagais e charnecas desconhecidas, as senhoras de Coimbra, promotoras de tal gesto de ternura que lembra a consagração das almas medievais de que a Historia intimamente nos fala, impõe-se á consideração de todo o país.

Lá fóra, ligando feridas e enxugando lagrimas, tem a mulher de todas as nações beligerantes sido de uma dedicação e de um patriotismo sem limites, contribuindo, nos hospitais de sangue, para a salvação de muitas vidas e, na solução de magnos problemas, para o triunfo de muitas causas em litigio.

Em Portugal, — constata-se com prazer — a ideia da Patria e a solidariedade emancipadora da raça, acordou, já em clarões de idealismo o coração das senhoras, levando-as a interessar-se e chamando-as a colaborar nos grandes problemas do bem estar da nacionalidade em perigo!

E emquanto as senhoras de Coimbra, reunidas e pedindo ao céu gloria para os nossos soldados em Africa, se lembravam da incerteza do dia de ámanhã para a sua Patria, os combatentes, com os olhos postos na bandeira aureolada do seu país, e as almas saudosas envolvendo ternas esperanças que por cá ficaram, não se terão preocupado menos com a sorte dos seus e com o destino a que o sagrado cumprimento do dever os conduzirá.

A vida é cheia de surprezas! E o raiar de um sol, cheio de luz e de glorias, após uma noite tenebrosa de pezadelos, não deve servir de guia a ningem para um perduravel repouzo ou uma ilimitada confiança nos destinos de uma raça. O alvaroço das nossas tropas, a sua valentia historica, o seu brio guerreiro herdado de Luiz em que a humanidade tem muito que aprender e os latinos muito que estudar, que imitar, não deve servir de esteio á nossa tranquilidade de povo experimentado nas grandes lutas que decidem do destino e autonomia dos povos.

E emquanto a alma feminina, em manifestações de supremo e doce idealismo, em extasis de ternura, roga, nas suas orações, vitória para Portugal, os homens, orgulhozos da emancipação do seu sexo, semearão ideias nobres e exemplificarão a virtude e a sua crença na regeneração completa da sua Patria, que os loiros da gloria tanta vez têm envolvido, mercê da bravura do seu povo enorme!...

ALMEIDA JUNIOR.

Interesses do concêlho

Arazêde — Sua tradição historica — Um jardim que morreu ao abandono — Belezas naturais

Terra de simpaticas tradições historicas, ela tem sido berço de individualidades de incontestavel valor, de homens de uma envergadura moral que bem se impõe ao respeito e á consideração de todo o país. Noutros tempos, quando a desunião dos homens não era tão palpavel nem as ambições tão desmedidas, Arazêde era um poderoso auxiliar da séde do concelho, com o seu tribunal de juizo de paz, apropriado e rigoroso, a sua cadeia comarcã, os brasões, hoje quasi extintos, da fidalga casa Zuzartes, e outras reliquias que o tempo apagou mas de que ainda, para admiração de todos os seus filhos, existem alguns vestigios.

Ha, ao fundo da rua principal, uma capelinha que invoca tristezas e saudades, chamada do Senhor da Varzea. Conservando-se sempre num primoroso estado de aceio exterior, todas as noites iluminada desde que o sol, lá longe, no horisonte infinito se escondia, até que voltava de manhã, ela falava, antigamente, ao coração dos habitantes! A evolução do ideal humano é um facto, mas o povo, aferrado ás tradições historicas do seu meio, gosa recolhendo-se, na sua crença e na sua Fé, como outros gosam espandindo-se, na sua descrença e no seu indiferentismo. Todos terão razão, mas os embates violentos podiam evitar-se, por meio de uma mais sã educação de principios, talvez...

Havia um riquissimo, um formoso jardim publico, com o seu gradeamento de ferro, a sua porta de ferro, mesmo á beira da estrada nacional de Lisboa ao Porto, possuindo frondosos e copados arvoredos, que ainda hoje lá estão deliciando a nossa vista, mas amargurando a nossa alma de saudades pelo passado, lembrando-nos o que foi a nossa terra, em beleza e em bom-gosto, e o que ela é hoje em despreso e esquecimento!

Possuimos fontes de riqueza publica, de utilidade pratica; vastos terrenos de uma fertilidade exuberante; um clima primoroso; um comercio desenvolvido; a industria, se mais não tem avançado, é por falta de iniciativa. Fabricas de cal, oficinas varias, salientando-se, pela sua reconhecida utilidade e raridade em quasi todo o distrito de Coimbra, a que montou e dirige o snr. Alfredo Gomes Ferrão, um verdadeiro talento artistico que, sem prévia preparação em estabelecimentos cientificos, apresenta trabalhos de um valor mecânico extraordinario, prestando-se a toda a sorte de afazeres da especialidade.

Varias oficinas d'alfaiateria, tivemos, subsistindo, cada dia mais desenvolvida e acreditada, a do snr. Antonio Rodrigues Baia, que é, como seu irmão Augusto, e Ismael da Cruz, um importante mercador.

Houve uma filarmonica, — agora já se lhe não póde dar esse nome —, que teve as honras de primeiros premios em Figueira da Foz e em muitas terras onde se apresentou, dirigida por largos anos por um homem que é bem a encarnação da bondade, a suprema delicadeza, e a quem o conce-

lho muito deve. Queremos referir-nos ao importante lavrador, snr. Antonio Maria da Silva Ferrão, sobrinho de duas notabilidades na vida eclesiastica, essencialmente esmoleres, os snrs. Arcipreste Natividade e seu irmão padre cura, tão conhecidos.

A egreja principal, um monumento de valor artistico e evocativo de coisas idas, todas muito gratas ao coração do povo, é, ainda assim, a unica coisa que nos atesta que nem tudo morreu no nosso acanhado e ingrato meio, pois o atual arcipreste, homem de um gosto esplendido de arte e modernismo, tem-lhe introduzido melhoramentos de incontestavel valor, não se esquecendo nunca de juntar o util ao agradavel para preencher as duas lacunas ao mesmo tempo. E tudo o mais, e tudo o mais...

Arazêde vive ainda um pouco do seu glorioso passado. Possue, á sua volta, dentro da freguezia, outras terras, como ela, berço de individualidades historicas: no Amieiro, a distinta familia Souto Maior; em Vila Franca, o grande lavrador Manuel Mendes, J. Couto de Almeida, os Nunos de Almeida; no Bebedouro, o importante lavrador Oliveira Costa, de que vive ainda um membro respeitavel, etc., etc.

Se todos, unindo-se com esforço, quizessem reviver as suas belezas historicas, engrandecendo a sua terra, tinham muito por onde principiar, já, e talvez nunca por onde acabar.

Arazêde! Tu foste bela!...

P. S. — Relendo estas linhas, escritas a correr, agora vemos que não nos referimos a algumas familias importantes da nossa terra, dentre as quais não podemos deixar de saudar a memoria querida das consideradissimas familias Silva Carvalho, Ferreira Monteiro e Ferreiras Figueirêdo. Não admira. Muitos lapsos haverá...

No proximo numero: *Montemór-o-Velho — Suas belezas naturais*, etc.

A' Direcção Geral dos Correios

Ainda não foi, ao que nos consta, abonado subsidio para renda de casa á encarregada da estação telegrafo-postal de Montemór-o-Velho, nem nomeado um ajudante para aquela estação, que dia a dia vê aumentar os seus serviços, sendo impossivel, a um só empregado, por vezes dar cumprimento cabal a tal complexidade de afazeres.

O snr. director geral dos correios é um homem réto, um bondoso cidadão, e por certo remediará a falta, atenuará e resolverá o problema como fôr de inteira justiça.

Triste desvairamento

Este artigo do ultimo numero, saíu algó mutilado. Ha rétificações a fazer, indispensavelmente.

Nós escrevemos: «7 seculos durou a monarquia, e por vezes se esqueceu, especialmente nos ultimos tempos, dos seus deveres de fórma de governo ao povo *pouco* afeto». E a revisão deixou passar a falta do *pouco* afeto, ficando *ao povo afeto*. Tambem escrevemos, mais adiante, *boa* ou *má* medida do governo transferiu o snr. Craveiro Lopes, etc., e ficou só *boa* medida do governo, etc. Não sabemos se foi boa se foi má. Fôram ordens superiores.

OBRAS PUBLICAS

A proposito do nosso pedido de desobstrução do Largo de Santo Cristo, que se achava em mau estado de limpeza, recebemos do ex.mo snr. Paulo de Barros, conscienciosо e ilustre Director das Obras Publicas do Distrito, uma carta amabilissima, em que sua ex.a nos comunica que deu ordens imediatas para que fosse atendido o nosso desejo, que é, afinal, o desejo de todos os nossos patricios.

Em nome deles, pois, agradecemos ao snr. Paulo de Barros a gentileza da deferencia.

Fez anos no dia 29 do corrente, mademoiselle Maria Augusta Sant'Ana, gentil prima do nosso correspondente da capital, snr. Afonso Almufrey.

Parabens.

Paginas soltas

Pobre velhinha

Guerra na infancia, guerra no ocaso da vida; pobre velhinha! A memoria ainda incipiente de criança e já nela a fixar-se a recordação tragica duma guerra; as faculdades mentais agora adormecidas na senilidade e a receberem ainda impressões identicas, as da tragedia duma guerra.

Disseram os jornais que fugira dos arredores de Waterloo para Amsterdam uma velhinha com medo da «grande guerra»; na sua infancia fugira tambem, mas com seus pais, quando naquele historico campo de batalha se eclipsaram os ultimos lampejos da gloria de Napoleão.

Após um seculo a guerra voltou com seu lugubre fragor a afugéntar aqueles que por natureza lhe são contrarios: as crianças e os velhos.

Em 1814 eram as nações coligadas contra a França; em 1914 são as nações aliadas, pela França. Eis uma das muitas surprezas que a historia em todos os tempos nos dá.

Na vida das nações e portanto da humanidade, repetem-se sempre os mesmos factos; variam os personagens como as ideias e por isso outros são tambem os resultados.

Agora não ha a rivalidade franco-britanica; ha entre os dois povos a ligação de interesses, a solidariedade moral.

Os personagens esses é que são caracteristicamente diferentes...

Franch por certo que não será «um Wellington»; mas em compensação tambem não ha um Bonaparte que vencer, pois que o «Napoleão n.º 2», que tambem usa águias no seu escudo, querendo imitar a grandeza do outro, não tem sequer a coragem de aparecer a peito descoberto na frente do exercito, antes passeia em automovel blindado e repousa em tenda chapeada de aço... Ha destas diferenças entre 1814 e 1914.

... Pobre velhinha que motivaste as linhas desta crónica, talvez que ainda voltes á tua terra e descansem os teus ossos no abençoado solo da Belgica!

Aurea Judit Amaral.

DESASTRE

No dia 26 deu-se, na visinha povoação do Casal do Gaio, um lamentavel desastre que causou a morte a uma menina de 6 anos, aproximadamente, tendo ferido dois irmãositos mais novos.

A desgraça originou-a o desabamento duma parede da casa de Maria Camoiça, na ocasião em que trez netinhos seus, filhos de Nazaré Camoiça e de Joaquim Granjo, ausente no Brazil, se aqueciam á lareira!

Não ha senão fatalidades a enlutar a alma dos pobresinhos, e parece que a ingratidão da sorte procura sempre os mais desprotegidos!

O leitor avalia quanto deve custar e desgostar a perda de uma filha de 6 anos, em circunstancias tão tragicas, e quanto o pobre pae, lá longe, procurando pão para a familia, deve sofrer ao ter conhecimento de tão triste facto.

Lamentando-o, apresentamos os nossos sentimentos.

Convem saber-se...

Que no dia 20, pelas 9 horas da manhã, o snr. Alvaro de Castro, ministro das finanças, levou á assinatura do snr. dr. Manuel de Arriaga, estes decretos: um suspendendo as garantias individuais e proclamando o estado de sitio: outro dissolvendo varios regimentos da guarnição de Lisboa; e outros, demitindo varios oficiais do exercito.

Que a todos estes decretos o snr. presidente da Republica recusou a assinatura, não cedendo nem aos rogos do snr. Vitor Hugo, que ao meio dia foi ao Palacio solicitar de novo a assinatura do chefe de Estado, nem aos rogos do conselho de ministros que, horas depois, se reuniu em Belem.

Que, depois desse conselho, nenhum ministro voltou ao palacio presidencial, apesar do snr. presidente da Republica os haver chamado a todos para reunirem com ele, de novo, em conselho.

Que só no dia 26 os jornais puderam dar estas e outras noticias, por causa da censura e do calabouço, que esperava os seus directores, etc.

Que o *Noticias de Cantanhede* transcreveu, para o seu fundo do dia 24, o artigo do *Seculo*, *Portuguezes e Alemães*, não dizendo aos seus leitores a proveniencia de tal artigo.

Que, apesar do *Jornal de Coimbra*, no seu n.º 251, de 17 de dezembro de 1913, ha perto de 14 mezes, se referir ao lastimoso estado das letras da estatua de Camões, á porta da Universidade, ainda ali se lê *Camõe*, faltando-lhe o *s*, assim como ao glorioso poeta faltou, em vida, um dos seus olhos...

Que, a despeito do mesmo *Jornal de Coimbra*, no mesmo numero de ha 14 mezes, lamentar, em fundo, o caminhar tortuoso da politica portugueza, ela caminha agora mil vezes peor, peor até do que nunca...

Que um *sujeito* qualquer nos escreveu, crêmos que da Pampilhoza do Botão, protestando contra a noticia que démos, da ida a Coimbra, de dois rapazes nossos amigos, que só teem o defeito, para a tal *mentalidade*, de não serem ricos nem grandes senhores do Burgo.

Que o nosso *amavel* correspondente, que não quiz assinar, escreveu *nujentissimo*, com *u*, como podia ter escrito *burro*, com *ó*, ficando assim á altura da missão que se impôz.

Que nós achamos democratico, genuinamente democratico, tratar todos egualmente, quer sejam ricos, quer sejam pobres.

Que é esse o papel do *Dever*, que conta com a amizade de todos...

Foi nomeado fiscal dos impostos, junto da Repartição de Finanças de Barcelos, tendo já tomado posse, o nosso presado assinante, snr. Manuel Lucio Torres de Carvalho. Merecida foi a distinção que o governo da Republica lhe conferiu, pois o snr. Lucio de Carvalho é um homem honesto e inteligente, muito dignificando a sua nobre classe.

Felicitamo-lo.

AOS AGRICULTORES

Estamos entrados na epoca da sementeira da batata, e é de toda a conveniencia que os senhores se não esqueçam dos adubos quimicos e organicos, da acreditada casa *Varela, Leal & C.ª, das Varzeas*, proximo de Leiria, e que se encontram **á venda em casa de Manuel Monteiro Godinho**, com deposito no **Casal do Gaio, Arazêde.**

Secção de Variedades

UMA APOSTA

— Adeus, minha tia, como tem passado?

— Oh! por cá, meu estravagante! eu vou bem, e tu?

— Excelentemente. A tia não sabe ao que venho?

— Sei, sei, como se já m'o tivesse dito.

— Apostemos cinco corôas em como não adivinha?

— Apostadas.

— Pois sabe a que venho então?

— Ao que vens sempre, a pedir-me dinheiro.

— Perdeu, tia, e dou o primo por testemunha. Vinha saber da saude da tia. Dê-me cá as cinco corôas.

PUDIM DE LARANJA

Em 12 gêmas de ovos, com 3 claras, 500 gramas de assucar branco, uma pequena quantidade de aguardente, canela em pó e noz moscada ralada.

As laranjas empregam-se raladas, isto é, só a casca, cosem-se, espremem-se por um pano e misturam-se com os mais ingredientes. Depois de tudo bem misturado, deita-se na fôrma, bem untada de manteiga, e cozese a banho d'agua.

Estiveram em Coimbra na semana finda, os nossos presados amigos, snrs. Quirino de Sampaio, bondoso secretario da administração do nosso concelho; Joaquim Maria Pedrosa, antigo regedor na Pampilhoza e Arcipreste Joaquim Maria Laranjeira, desta freguezia.

A todos tivemos a satisfação de cumprimentar.

Efeitos do alcool

Quando, no dia 24, regressavam da feira mensal desta localidade, um tanto embriagados, envolveram-se em desordem, por alturas da Bunhosa, os snrs. José Domingos Eugenio e seu filho Manuel Eugenio, do logar dos Pelicanos, agredindo-se violenta e mutuamente.

Acudiram varias pessoas, e os contendores acabaram por fazer as pazes, e ainda bem.

O alcool está sendo, nos meios acanhados das sociedades, um terrivel inimigo do homem, dando logar a scenas desta natureza, em que o filho não respeitou o pae nem o pae se atreveu a impôr o seu respeito ao filho!

Triste!...

Carta de Lisboa

25—1—915.

A bordo dos vapores *Zaire* e *Moçambique* partiu no dia 20 o novo contingente que se destina a esta provincia das nossas possessões ultramarinas. Como de costume, com as mais expedições, o desfile das tropas iniciou-se na Avenida, para onde o povo se dirigiu, para dar o ultimo adeus aos valentes soldados que vão combater pela integridade da Patria. E' que o sentimento do dever e o sagrado amôr da Patria bem amada, sobrepujaram todas as comoções e foi assim que a cidade acordou, sob um formosissimo ceu, cheio de um sol resplendente, ao ruido alegre de dias festivos. O elemento oficial, incluindo o chefe do Estado, assistiu á passagem das tropas, da varanda da camara municipal. Quando acabava de passar o batalhão de infanteria 18, o ex-ministro do interior, snr. dr. Alexandre Braga, usou da palavra, proferindo uma curta mas vibrante saudação, cheia de calôr e patriotismo.

A Direção Geral das Colonias enviou á imprensa uma nota oficiosa, relacionando a totalidade dos mortos, desaparecidos, prisioneiros e feridos no combate travado entre as nossas forças e os alemães, no posto de Naulila, no dia 18 de dezembro. O numero de mortos é de 58, e os desaparecidos são 53; feridos, 34.

A expedição que acaba de partir, mostrará ao militarismo teutonico a força e a alma da raça sempre invencivel e triunfante que é a raça portugueza. Eles, que vão vingar a cruel morte dos seus irmãos de armas, saberão demonstrar aos subditos do kaiser, quanto custa ofender Portugal e fazer verter o sangue portuguez.

A Patria confia plenamente nos soldados que partiram e que, á hora a que estou escrevendo, só avistam as aguas agitadas do mar alto, espalhando sobre a memoria dos que em terras de Africa morreram, as flôres da sua saudade.

O povo portuguez associa-se, comovidamente, á grande dôr que, neste momento grave, aflige a imortal patria de Dante, de Garibaldi e de Giordano Bruno, ainda mal refeita por uma outra grande catastrofe que é do dominio publico, e que deixou ficar de luto todo o povo da heroica raça italiana. De luto, sim, porque jámais essa nobre e leal nação encontrará lenitivo para aliviar a terrivel dôr que predomina em sua alma desconsolada!

Na sessão plenaria do dia 15, á noite, na camara municipal desta cidade, foi aprovado um voto de sentimento pela catastrofe de Italia.

Infeliz nação!...

Na Avenida dos Defensores de Chaves iniciou-se no passado domingo, ás 13 horas, a inauguração do novo quartel Carlos José Barreiros, assistindo a esse delirante acto o snr. presidente da Republica, a quem uma força de 60 bombeiros municipais, comandada pelos chefes Carvalho, Silverio e Luz, prestou as devidas honras.

Terminados os cumprimentos, subiram todos ao primeiro andar, onde, numa camarata preparada para o acto, se fez a abertura da sessão. Presidiu o snr. Henrique de Vilhena, que, num brilhante discurso, elogiou os promotores dessa benemerita obra. Em seguida, enviou os mais gratos cumprimentos ao snr. Almeida Lima, professor da Universidade de Lisboa, que se encontrava ausente. Em nome da camara municipal agradece ao snr. presidente da Republica pela sua comparencia ali.

Os jornais estrangeiros já começam a comentar os ultimos acontecimentos. Alguns tratam-nos com sarcasmo, outros tratam-nos com desdem, ainda outros com piedade.

E' profundamente triste!

Noroé.

NASCIMENTO

Deu á luz uma criança do sexo feminino, no domingo passado, a snr.ª D. Maria do Ceu Ferreira da Silva, distinta professora oficial em Pampilhoza do Botão e dedicada esposa do nosso presado colega da *Mealhada*, professor Guilherme Ferreira da Silva.

Um abraço de felicitações sinceras, por este meio, porque pessoalmente lh'o démos já, em Coimbra, na quinta-feira.

Foi exonerado de ajudante do posto do registo civil de Reveles, do nosso concelho, o snr. Julio Jacinto Nunes Neves da Costa, sendo nomeado para o mesmo cargo, o snr. Manuel Jorge da Silva.

FALECIMENTO

Faleceu no dia 22 do corrente a esposa do nosso estimado amigo, snr. Joaquim Caetano Louro, distribuidor rural desta freguezia, a qual sofreu, por largo tempo, as ingratidões duma pertinaz enfermidade, tendo sido impotente a medicina para a salvar, apezar de ter estado sempre rodeada de carinhos. Deixa filhinhos menores, que bem cedo começam a experimentar as inclemencias da vida!

A' familia enlutada, e principalmente ao snr. Caetano Louro, apresenta o *Dever* as suas sentidas condolencias.

Poetas e Prosadôres

PARABENS

(No dia de anos da mademoiselle Maria Augusta Sant'Ana)

Em dia festivo de teus anos, bem quero
Trazer-te os parabens mais radiosos;
Aqueles parabens que muito venturosos
S'abrigam em meu peito que é sincero.

Ainda que este mundo rude e féro
Seja um fóco de crimes rancorosos,
Eu julgo que aos teus anos graciosos
Ha-de surgir a dita que eu espero.

Bem haja o sacro dia vinte e nove
Que me sensibilisa e me comove
E me faz antever a tua ventura!

E crê, ó minha pomba, eu só anceio
Que cada ano caia no teu seio
Como uma rosa branca, muito pura!

Castelo de S. Jorge, 27 de janeiro de 1915.

Manuel Afonso Almufrey.

Tomou posse no dia 27, em Espinho, do seu logar de inspetor do movimento dos caminhos de ferro do Vale do Vouga, o nosso querido amigo, snr. Antonio Matos Tavares, que exercia, a contento de todos, o logar de sub-inspetor na Beira-Alta.

O nosso amigo é cunhado do nosso representante, snr. Alfredo Gomes Ferrão, a quem a população desta localidade deve inumeros favores, pois está sempre pronto a acudir, com serviços de cirurgia, a todos os doentes que reclamem a sua presença.

Apresentamos-lhe os nossos cumprimentos, felicitando o pessoal do Vale do Vouga por ir ter tão belo funcionario superior.

CARTA DE MONTEMOR

Montemór-o-Velho, 27.

No domingo realisou-se a costumada romaria á Senhora da Paz, no pequeno largo do Moinho da Mata, que ficando a dois passos de Montemór, é sempre muito concorrida por gente d'esta vila, que para ali vai divertir-se e saborear os seus farneis, enchendo o pequeno casal de animação e movimento e regressando de lá á boquinha da noite prazenteiros e satisfeitos.

Montemór fica, emfim, quasi deserto na tarde d'esse dia.

Mas d'esta vez, infelizmente, a Senhora da Paz, quasi se transformou em Senhora da Guerra, devido a uma grande desordem que se armou no fim do arraial, na qual se viram, iminentes, graves acontecimentos que a esta hora podiam ter levado as lagrimas e a desgraça ao lar de algumas familias, pelo menos, e a que, pelo que nos informam, parece não ter sido estranha a rivalidade que existe entre os dois ranchos de tricanas, d'esta vila, o *6 de Julho* e *Formosas do Mondego*, juntamente com alguma pinga de vinho que animava os espiritos.

As raparigas do segundo rancho andaram dançando com os rapazes e raparigas do seu rival, sem que entre si se tivesse dado qualquer incidente desagradavel. Porém, como as *Formosas do Mondego* se sorrissem, isso foi-lhes levado a mal, por alguem afecto ao *6 de Julho* que se achava de fóra vendo a dança e que tomou o sorriso das raparigas como *chuchadeira* que estavam fazendo das do seu competidor.

E foi isto o bastante para umas mulheres se insultarem e socarem mutuamente e d'ai por ponco toda a gente de Montemór, que estava no arraial, se envolvia na desordem, indo uns para desforrar as mulheres que tinham originado o conflicto e outros para acomodar. As coisas estiveram muito feias. Havia ali espiritos por tal fórma excitados e colericos que se na ocasião do tumulto cáe a primeira pancada, talvez tivessemos hoje a lamentar algumas victimas.

Mas felizmente, graças á prudencia d'alguns espiritos que a muito custo lá conseguiram evitar que os animos explodissem, o caso não passou de gritos, de sustos e de algumas agarradelas.

—— Voltou de novo o mau tempo a flagelar-nos com as suas inclemencias, tendo hontem e já hoje de manhã chovido agua a cantaros e pairando hontem á tarde uma grande trovoada sobre esta vila, a qual, porém, não fez prejuisos. A persistencia d'estas invernias está prejudicando muito os trabalhos agricolas da presente quadra do ano.

—— Em resultado d'uma queda que deu ha dias, tem passado muito doente, sem poder sair de casa, o nosso presado amigo, snr. João Dias, acreditado negociante de vinhos n'esta praça e proprietario.

—— Faz anos ámanhã, o nosso prestimoso amigo, o snr. Eduardo Castanheira de Carvalho, assinante do *Dever*.

N.

Está a concurso a escola do sexo feminino das Means do Campo, do nosso concelho.

Dr. Gonçalves Santiago

Foi nomeado ajudante do conservador do registo predial, em Ovar, o snr. dr. Antonio Gonçalves Santiago, nosso presado assinante, que em Leiria exerceu, por algum tempo, o logar de juiz auditor.

Merecida foi a nomeação.

PELO DISTRITO

Desordens em Brasfêmes

A pacata povoação de Brasfêmes, limitrofe de Coimbra, foi no domingo passado teatro de várias desordens, a que não foi estranho o vinho, chegando até a haver tiroteio que poz em sobresalto o pacifico logar, tão dado ao trabalho produtor e á paz das coisas tumulares.

Em um bailarico qualquer, os rapazes, certamente um pouco esquecidos dos seus deveres de cidadãos que teem de obedecer á lei, acabaram, depois da festa, por se espancar mutuamente, scenas que, segundo nos informam, se repetiram na segunda-feira e se produzirão, sem duvida, hoje outra vez, e a manutenção da ordem, confiada a um homem honesto e de probidade, não se faz sentir, pondo cobro a tais desafôros, sem ser necessaria a intervenção do snr. administrador do concelho, para que as coisas não vão tão longe.

O regedor, snr. Manuel Rodrigues Velho, por certo se convenceu já de que é necessario manter a ordem na sua paroquia, para que não tenhâmos que lamentar alguma desgraça de maior vulto.

Brasfêmes é uma terra populosa e berço de individualidades ilustres, tais como as distintas familias Quadros, Costa, etc., criaturas que, pela sua educação e preponderancia pessoal, se hão-de sentir vexadas eom tais desmandos e provocações, que muito depõem contra o prestigio da laboriosa localidade.

Que tudo se resolva a bem e airosamente, são os nossos mais ardentes desejos.

Não citamos nomes, por nos parecer isso desnecessario. De resto, informações, temo-las e de fonte limpa.

Junta Geral

Aprovou os orçamentos ordinarios para o ano de 1914-1915, da Irmandade de Santa Luzia, de Pomares, concelho de Arganil; das Confrarias do Santissimo, de S. Silvestre, concelho de Coimbra, e de Santo Varão, concelho de Montemór-o-Velho; e os suplementares das Irmandades dos Clerigos Pobres, de Coimbra, da Senhora da Conceição, de Santa Cruz e do Instituto da Senhora da Graça, S. João do Campo, concelho de Coimbra; e da Confraria do Santissimo, de Reveles, concelho de Montemór-o-Velho.

Portugal intervirá na guerra?

E' a continua interrogação que todos os patriotas portuguezes, aqui residentes, fazem, sendo a resposta, de uns, afirmativa, e de outros, negativa. Uns aprovam, reprovando outros a intervenção de Portugal na guerra europeia.

Mas Portugal não é cóvarde!

Cumpre, e cumprirá leal e honrosamente os deveres que a sua aliança lhe impõe, não hesitando, perante quaesquer sacrificios, desde que a sua cooperação seja solicitada.

Não falaremos, porém, das naturais simpatias que nos inspira a causa dos aliados: França, Inglaterra e Belgica, que nada militarmente nos obrigava a um auxilio. Mas só o nosso pacto com a Inglaterra traçava a norma da nossa conducta. Todavia, o nosso tratado de aliança com a Gran-Bretanha, mais e mais se enlaçava na ocasião oportuna, e pela fórma que melhor servisse os interesses e compromissos das duas nações âliadas. Portugal é um paiz de heroica gente, e aonde, nos tempos da antiguidade, se desenrolaram scenas da mais inergica bravura e aonde os nossos antepassados derramavam a sua ultima gota de sangue em defeza da sua Patria. Os de hoje farão igualmente os mesmos sacrificios para provar que são portuguezes; por isso sobresaem sempre perante todos os outros povos do mundo culto. Portugal pequenino, sim, mas saberá cumprir com os seus deveres na hora propria. Todos irão, á primeira voz de *marche*, cumprir velozmente a sua obrigação de povo civilisado e independente.

E se assim não fosse, se não se cumprissem os deveres da nossa aliança, d'ai adviriam, para a nossa nacionalidade, sacrificios tais e tão grandes, que não teriam compensação na paz. E se, acaso, nos declarassem guerra, como nos defenderiamos sem o auxilio da Inglaterra?

E' necessario pensar bem, antes que se fale, pois que, apezar dos nossos soldados serem classificados pelo *Evening Standard*, de Londres, como leões, não teriamos força para poder lutar com uma nação incomparavelmente maior, como o é a Alemanha.

O nosso dever, a todo o transe, é combater ao lado dos aliados, para mais rapidamente aniquilar aqueles que estão cometendo tanta crueldade, enlameando e conspurcando toda a raça latina, toda a Europa civilisada.

Viva Portugal!

Vivam os aliados!

S. Paulo, 24 | 12 | 914.

Celso Bahia.

Gêsso e adubos compostos

Para todas as culturas

DE

J. CORTEZÃO

Fabrica — Sá (Anadia)

Escritorio — Figueira da Foz.

DOENTES

Tem estado muito doente e de cama, o nosso presado e velho amigo, snr. Manuel Simões Lopes, pae extremoso do nosso patricio Simões Lopes, considerado chefe de Pampilhoza.

== Tambem estão gravemente enfermos, em Montemór-o-Velho, o nosso estimado amigo, snr. Antonio Vilarinho Soares, zeloso oficial de deligencias desta comarca, e o menino José, filho do nosso amigo, snr. Antonio Dias Galvão.

Que as melhoras de todos se não façam esperar.

Carta de Bom Sucesso (Quiaios), 25 | 1 | 915

Em muitas povoações sertanejas, onde a civilisação não atingiu ainda a sua almejada méta na radicação de viciosos atavismos, não é raro deparar, quasi continuamente, com a baixa superstição dos *esp'ritos* que, vogando das regiões do Mistério, se veem internar nos corpos dos entes que por cá deixaram em contrabalanço com as desditas torturantes dêste vale de lagrimas! Dizemos isto porque, entre nós, se estão dando amiudadamente esses casos que vexam e humilham os que com êles estão em ação diréta. Em qualquer enxaquêca ou doença de gravidade, anda logo envolvido o *esp'rito* do pae, do tio ou do avô, porque, dizem, avolumando muitos pecados durante a vida, lhes foi negada guarida nos altos ceus. E', portanto, numerosa a afluencia de espectros que, errantes sobre a terra, óra rodeiam o casal, óra aparecendo em fluidos de fantasmagorificas aparencias a fulano e a sicrano, óra introduzindo-se no seu proprio corpo, etc., etc. Isto são, pois, factos que, na aparente realidade dos ignorantes, se manifestam, com deslustre para as suas dignidades sem escrupulo.

Triste ignorancia!...

== Depois de alguns dias verdadeiramente primaveris, voltou o rigoroso inverno cuja ação nefasta se reflete em agravos de miseria para as classes pobres, já de si tão sacrificadas com o excessivo aumento dos preços das subsistencias alimentares. Oxalá o tempo melhore sem delongas, permitindo assim aos deserdados da Sorte o angariarem, á custa do seu braço honrado, um pedaço de pão para enganar a vida.

== Em serviço profissional, esteve hontem aqui, dando-nos o agradavel prazer da sua visita, o nosso amigo da Figueira da Foz e zeloso oficial do 1.º oficio, snr. José de Almeida.

== Faleceu em Quiaios, o snr. Alfredo Barbedo Vieira, sogro do snr. dr. Afonso Henriques, medico municipal daquela localidade. O saudoso extinto mantinha entre o povo geraes simpatias pelo trato cavalheiresco e afavel que exornavam o seu caracter lidimo.

A' familia enlutada, as nossas condolencias.

F. F. de Carvalho.

N. da R. — Fazia-se já sentir, nesta casa, a ausencia das noticias deste nosso presado camarada que, com Soares Catita e outros homens de valor no meio associativo, tanto teem impulsionado a organisação social operaria no concelho da Figueira da Foz.

Seja bem-vindo, e que não falte ao prometido sob o ponto de vista de assiduidade.

TRANSCRIÇÃO

O nosso distinto colega açoriano, *A Folha*, transcreveu do *Dever*, no seu ultimo numero chegado aqui, o brilhante artigo do nosso ilustre colaborador, snr. Baldaque da Silva, intitulado *Mentalidade Portuguêsa*.

Agradecemos a merecida e justa distinção do nosso confrade da ilha, que assim fez justiça ao grande patriota que é o snr. engenheiro Baldaque da Silva.

Passou no dia 28 do corrente o aniversario natalicio do nosso estimado assinante, snr. José Lopes Couto, de Vila Franca, filho do falecido e considerado professor oficial desta localidade, snr. João Couto d'Almeida, a cuja memoria querida prestamos homenagens sinceras.

Por falta de espaço retirámos, á ultima hora, noticias e colaboração importante.

Alvaro de Matos

Prof. das Clinicas obstetrica e ophtalmologica na Faculdade de Medicina

CLINICA GERAL.
DOENÇAS DAS SENHORAS.

Residencia: R. de Tomar, 5. Tel. 51

Consultas da 1 ás 3 no Largo Bombarda, 27, 1.º Tel. 20

As consultas de gynecologia e ophtalmologia são gratuitas para as classes pobres.

Com demora de 10 dias esteve no Zambujeiro, sua terra natal, descançando e de visita a sua familia, o nosso velho e presado amigo, snr. Antonio Maria Marques, zeloso jardineiro do Asilo Militar de Runa.

O nosso amigo seguiu já a retomar o seu cargo oficial, onde é muito considerado e estimado.

Apresentamos-lhe os nossos cumprimentos.

D. Emilia de Castro Bizarro

Foi provida definitivamente na escola do sexo feminino de Santo Varão (Formoselha), do nosso concelho, esta ilustre professora de instrução primaria, que ha tempo vinha regendo a cadeira para que agora foi despachada, com muita distinção e agrado do povo da localidade e circumvisinhanças.

A bondosa professora é filha do talentoso inspetor principal dos caminhos de ferro, snr. Augusto Fortunato Bizarro, a quem uma grande parte dos servidores da mesma companhia devem excelentes provas de consideração.

Os nossos sinceros parabens.

Alice Oliveira,

aluna externa do 5.º ano de piano do Conservatorio e com o curso de musica: léciona, em sua casa ou dos alunos, como se convencionar.

RUA DO SUB RIPAS, 10

COIMBRA

"O DEVER,,

Vende-se em **Montemór-o-Velho**, no estabelecimento comercial do snr. Bernardo Gonçalves Ferreira; em **Arazêde**, no do snr. Antonio Ismael da Cruz; em **Vila Franca**, no do snr. Manuel Costa Junior; em **Amieiro**, no do snr. João Pires Couto, onde os nossos leitores o poderão obter ao preço de 20 réis cada exemplar.

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autôres.

Comissões, Consignações e Conta Propria

CRAVEIRO & ALMEIDA

Endereço telegr.—CRAVEIRO & ALMEIDA

Santa Comba Dão

SERVIÇO DE AUTOMOVEIS DE ALUGUER

CASA MATRIZ

SANTA COMBA DÃO — Estação

CASA FILIAL — MIDOES

Depositarios de materiais para construções, carvão de forja, sal, cal hidraulica, cimentos, palhas de todas as qualidades, etc., etc.

Representantes de Abecassis (Irmãos) & C.ª de Lisboa e Porto, importadores dos mais afamados adudos quimicos para todas as culturas, sulfato de cobre, pulverizadores, enxofre, etc., etc.

AGUA DE LUSO -- Cura pela Diurése

(ESTABELECIMENTO TERMAL E HOTEIS ABÉRTOS TODO O ANO)

A mais diurética e mais digestiva. Aumenta a diurése, regularisa as funções digestivas e ativa os fenómenos nutritivo

Muito radioativa—4,49 miligramas—minutos
Muito ionisada, resistividade a 18° 18300 ohms
Muito rica em gazes raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotonica, ponto criospico 0°,04

} Conclusões da analise feita pelos distintos professores Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitissimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tifico

USO EXTERNO—Molestias de pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc.), reumatismo e gôta.
USO INTERNO—Artritismo, impaludismo, neurastenia—Albuminuria, diabetes—Intestinos, estomago—Rins—Bexiga.

Depositos -- LISBOA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros, 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 428. FUNCHAL, José Quirino de Castro, rua dos Murças. AFRICA ORIENTAL: Oswald Offmann. BEIRA: F. L. Simões & C.ª. LOANDA: Beltrão, Pena & C.ª, e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositarios nas terras onde ainda os não haja.

Seguros contra incendio — incluindo riscos de explosão de gaz e raio.

Seguros contra incendio — cobrindo tambem os riscos de *Greves* ou *Tumultos* (portaria de 14 de Março de 1914).

Seguros contra incendio — cobrindo ainda os riscos de *Guerra* (portaria, 30—XI—1914).

Unica companhia autorisada a segurar os riscos de Guerra nas apolices Incendio

As apolices d'A MUNDIAL são portanto as que mais conveem aos interesses dos proprietarios, locatarios, industriais, comerciantes, etc.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS
Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital Esc. 500.000$

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telephone n.º 4084
Delegação do PORTO — Praça Almeida Garrett 22|24 — Telephone n.º 1459

ENDEREÇO TELEGRAPHICO—**MUNDIAL**

Agentes em todas as localidades do paiz ilhas e colonias

Livraria e Tabacaria Cunha

Livraria Moderna e Tabacaria Augusto Henriques (reunidas)

Alberto Gonçalves Cunha

150, Rua Ferreira Borges—COIMBRA

TELEFONE N.º 293

LOTARIAS—Bilhetes, suas fracções e cautelas. Variada série de numeros certos.—Premios frequentes.
TABACOS—Nacionais e estrangeiros. As melhores marcas de cigarros e charutos.—Todos os artigos para fumadores.
POSTAIS ILUSTRADOS—Sempre as ultimas novidades em todos os generos.—Bilhetes de visita, impressão rapida.
PAPELARIA—Finissimos papeis de carta em caixas aos cadernos.—Objectos para escritorio e desenho.
LIVRARIA—Nacional e estrangeira, Revistas, Publicações.—Figurinos.—Musicas.

Livros usados, antigos ou modernos, em qualquer estado, em grandes ou pequenas quantidades, compra em qualquer parte.

Passagens para o Brazil e Africa

José de Almeida

Negociante nas Pontes de Cadima, concelho de Cantanhede, e correspondente de todas as Companhias de navegação

Faz constar que vende passagens para todos os portos do BRAZIL, AFRICA, etc., a preços reduzidos, para o que está legalmente habilitado.

A sua vida de seriedade e honestidade são garantia segura para que os que desejam comprar passagens o procurem de preferencia a qualquer outro.

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas — Escaroladores — Esmagadores de uvas — Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz** — Camarneira — Cantanhede.

Restaurante Ferro-viario
ALFARELOS

ESTE bufete, um dos que melhor servem o publico que transita nos comboios, acha-se situado na estação do caminho de ferro de Alfarelos. Fornece almoços, jantares e *lunchs* e toda a qualidade de refeições, por preços comodos. Tem pessoal habilitado, tanto em cosinha como em sala de mesa. Tudo se encontra com esmero e perfeição.
Fornece comida para fóra, e presta se a servir em casamentos, batisados, etc., desde que seja prevenido com antecipação.

O proprietario, **Artur de Oliveira Coelho.**

Companhia de Seguros

A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz
Antonio d'Oliveira Guerra
RUA DA REPUBLICA, 84

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima—Vila Nova d'Outil

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraude praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legitimos acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de fórma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamavel, isca em cordão vendida fraudulentamente a titulo de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva acção civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa a Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente guardando-se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalisação par procederem ás necessarias diligencias. Dirigir-se pessoalmente ou por car á Companhia Portuguêsa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS
MELO & MARTINS
PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada
PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiencia dos nossos adubos, devido ao seu magnifico resultado os adoptarão de preferencia a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro
PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex.mos passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.
Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA
Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.
PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações
Deposito das afamadas aguas de Luso.

Hotel de la Paix
JEAN OZUN

Situado num dos pontos mais centrais da capital, belas vistas sobre o Rocio, é um dos modernos hoteis que mais comodidades oferece.
Bom serviço de cosinha á franceza
Almoços, 60 centavos. — Jantares, 80 centavos. — Serviço á lista.
3 Calçada do Duque, 3 — **Lisboa**

Fabrica de Lanificios
= DE =
MANOEL JERONIMO DE MATOS
COVILHÃ

Fornecedor da caixa de socorros dos empregados da Companhia Portuguesa

Esta fabrica, uma das mais acreditadas da Provincia da Beira Baixa, fornece, por preços convidativos, especialmente a particulares do continente e ilhas, os melhores produtos da sua fabricação, tais como casimiras, cheviotes e estambres, empregando materia prima de primeira qualidade, esmerando se quanto possivel na sua execução e adotando os melhores padrões e côres que a moda impõe nos centros elegantes estrangeiros.

Envia amostras para todos os pontos, para o que bastará o pedido feito num simples postal.

Pedidos a
Manoel Jeronimo de Matos--Covilhã

Ano 3.º — Arazêde, 7 de Fevereiro de 1915 — N.º 155

Director, administrador e editor
J. d'Almeida Junior

Representantes em muitas terras do país, Africa e Brazil

PROPRIEDADE DA DIRECÇÃO

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguêsa

Pátria e Humanidade

Redação e Administração
ARAZEDE

Toda a correspondencia relativa a este jornal, deve ser dirigida ao Director, para Coimbra

Composição e Impressão
Tip. Silva (a vapor)—AVEIRO

COIMBRA 12 FEV. 15 COIMBRA

U. C. B. Biblioteca Geral
Biblioteca da Universidade
Coimbra

Que a Patria lhe agradeça!

Meu caro Pimenta de Castro:

Vejo-me violentado a intervir novamente nesta amaldiçoada barafunda politica em que as paixões sectaristas e a intolerancia dos velhos costumes teem envolvido esta nossa querida Patria. Se não se acode desde já com firmeza e prontidão ao incendio em que as facções estão ardendo ha muito tempo, como desejando reconduzir tudo isto á podridão e á miseria, estamos perdidos. Isto não são frases, isto é uma inevitavel realidade! Careço de ti e de fórma que sem ti poderá caducar para sempre o remedio a dar-se ao grande mal. Em duas palavras: preciso de um governo extra-partidario com o acôrdo, se não de todos os partidos (e talvez se consiga), ao menos por quasi unanimidade, para atalhar ao antagonismo que pretendem introduzir entre a Republica e o exercito. Dêste governo serás o presidente e ministro do interior, e será ministro dos estrangeiros o Freire de Andrade ou outro de egual valor. Os mais serão escolhidos pelos tres partidos militantes, conforme ajustarem entre si, quando se possa conseguir, com a clausula expressa de ficar interdita entre eles a politica partidaria até ás eleições gerais. O teu austero e belo nome servirá para garantir a genuinidade do sufragio, a conciliação e a paz na Republica e no exercito. Esta ideia que ha um mez atraz era repelida pelos politicos militantes, hoje, dizem-me, e eu creio, será aceita, imposta pelas imperiosas forças das circunstancias. Eu, que anciava por ir-me embora, conservo-me ao teu lado até o fim da chefatura, e que grande sacrificio não faço em ficar! E' necessario que outro tanto te suceda. Tem paciencia: somos dois velhos que nos vemos obrigados a dar alento aos novos. Por tudo pois te peço que, neste momento tão angustioso para mim e tão grave para a Nação, não te esquives; não venhas com evasivas. Peço-te em nome da Republica e da Patria que não me abandones. Será curto o nosso cativeiro e, ao fim dele, seremos compensados com a paz da nossa consciencia por havermos servido de algum bem á Patria gloriosa onde nascemos.

Belem, 23 de janeiro de 1915.

Manuel de Arriaga.

Para quem, como nós, encara as coisas sem paixão politica, mas sempre com os olhos anciosamente postos no futuro desta Patria de tão luminoso passado, berço fecundo de tantos herois que a engrandeceram e notabilisaram, envolvendo-a em clarões abençoados de patriotismo e quiçá de legitimo orgulho; para quem, como nós, vê as coisas serenamente, á luz fria da Razão e da Logica, não póde deixar passar, sem a maxima divulgação, o brilhante documento historico que o mais alto magistrado do paiz ditou, numa hora perigosa para a nacionalidade e de incertezas para todos os cidadãos que, como nós, desinteressadamente a amam.

Com efeito, muitos têm sido os perigos, as calamidades que a Republica tem sofrido, depois da sua implantação; mas nenhum momento tão decisivamente marcou ainda a sua derrota como aquele que o regime atravessou a semana passada, e que não teve, felizmente, os seus efeitos de destruição, mercê do alto patriotismo do snr. dr. Manuel de Arriaga, que se póde ufanar, nesta hora, com legitimo e profundo orgulho, de ter salvado a Republica mais uma vez do seu tragico e lamentavel fim!...

Não nos importa se do governo faz parte A ou B. O que nos preocupa, porque foi o que preocupou, principalmente, o snr. presidente da Republica, é a tranquilidade, o socego do paiz. O que nos importa, a nós e a todos os bons portuguezes, sem querermos saber do seu credo politico ou religioso, é a boa marcha dos negocios da publica governação.

Peço-te, em nome da Republica e da Patria que não me abandones. Será curto o nosso cativeiro e, no fim dele, seremos compensados com a paz da nossa consciencia por havermos servido de algum bem á Patria gloriosa onde nascemos.

Pondere o leitor. Ponderem todos os portuguezes, monarquicos, republicanos ou socialistas, e vejam se aquelas frases não são bem a consagração de um homem. Mais: a sua glorificação eterna.

Que a Patria Portugueza lhe seja agradecida!

Voto de louvor

A Junta de Paroquia de Tentugal, ultimamente reunida, lançou na sua acta um voto de louvor ao nosso jornal, por nos termos colocado ao lado de todas as agremiações administrativas congéneres do concelho e nos prontificarmos a punir pelos interesses de todos os municipes, oferecendo o nosso semanario para todos dizerem da sua justiça, é claro, dentro dos limites da razão e da logica.

Agradecemos á Junta de Paroquia de Tentugal a gentileza da deferencia, que muito nos honra e incita a proseguirmos no caminho que traçamos.

NO *DEVER*

Deu-nos o prazer da sua visita, na quinta-feira, o nosso presado e velho amigo, snr. Manuel d'Oliveira Junior, da Figueira, primeiro fornecedor de madeiras de todas as companhias de caminhos de ferro de Portugal e algumas do estrangeiro e pae do nosso presado amigo e colaborador Oliveira Guerra.

Agradecidos.

TRANSCRIÇÃO

Os nossos presados colegas de Coimbra, *Provincia* e *Gazeta de Coimbra*, respetivamente dirigidos pelos velhos jornalistas e nossos amigos, snrs dr. Teixeira de Carvalho e Ribeiro Arrobas, transcreveram as *Horas d'Insónia* do nosso director, artigo aqui publicado no ultimo numero.

Agradecemos.

Foi colocado novamente na estação de Cantanhede, o snr. Pais de Souza, antigo e zeloso chefe de estação da Beira Alta. O comércio da visinha vila, recebeu o nosso amigo admiravelmente.

Abraçamos, com carinhoso desvelo, seu filho, o nosso amigo snr. Celestino Pais de Souza, funcionario competente da repartição do movimento, em Figueira da Foz.

«Humanidade»

Suspendeu a sua publicação este nosso presado confrade, de Coimbra, que saía duas vezes por semana.

Interesses do concêlho

Montemór-o-Velho --- Termas --- Interesses publicos

O concelho de Montemór-o-Velho é, sob o ponto de vista panoramico e de fertilidade, um Portugal em miniatura.

Possue vastos campos agricolas, todos de facil cultura e de rendimentos positivos e palpaveis. E' um jardim em toda a sua extensão, especialmente na parte sul, na parte compreendida entre Coimbra e Figueira da Foz, rio Mondego abaixo. A séde é um monumento historico de transcendental importancia, e onde a vida de todo o povo se agita e se reflete, pois é lá que estão as repartições publicas, a relação dos haveres de cada um, tudo emfim que diz respeito á nossa razão de agir e calcular sob o ponto de vista economico e financeiro.

Em Montemór tudo nos fala ao coração, tudo nos evoca, com saudades, o passado de nossos avós, desde o tumulo ignorado de Diogo de Azambuja até á mais modesta repartição do Estado.

Nos tempos inclementes de interminaveis invernias, o Mondego, suspirando aflitivamente de contrariedades, alarga as suas azas aquosas e vai, lento e lacrimoso, encharcar as habitações da população, arrazar os seus jardins em cultivação, e, quantas vezes,— quantas! — surpreender, a desoras da noite, esposos trocando-se beijos em caricias conjugais deliciosas ou abraçando os filhinhos a arder em febre, doentes, moribundos!...

E até nisto a pobre vila se impõe á admiração de todos que a visitam. E até nisto se torna notavel o seu rio, de acanhado leito para tão grande coração, para vôos tão largos e espreguiçamentos tão langorosos, como quem, cingido aos braços duma adorada, apertando muito, quebrasse os elos da grande cadeia dos seus afétos indo cair, desamparado, na alma tragica da incerteza ou no coração agoirento da desgraça!...

Um pouco abandonado de ha anos para cá, mercê das circunstancias do tempo, que não da incompetencia dos seus homens, que os tem e de valor, politica, administrativa e intelectualmente falando, o nosso concelho possue fontes de verdadeira riqueza. Tem nascentes de aguas minerais e termais abundantissimas, que, se fossem aproveitadas e exploradas, resultariam de um beneficio extraordinario para os municipes, contribuindo para o desenvolvimento da sua riqueza e do seu aformoseamento, como, por exemplo, a nascente das *Caldas*, junto á vila de Montemór e a de Brulho, na freguezia de Verride.

E' certo que lhes falta um importante factor auxiliar, qual é o da locomoção a vapor, isto é, o caminho de ferro, mas ainda assim não é muito longe o apiadeiro da linha de Alfarelos, a 3 quilometros e tal da vila e a estação de Verride, a 2 da nascente do Brulho. A exploração déstas duas fontes de receita publica, seria, sob todos os aspétos por que encaramos este problema economico, de um alto beneficio para todos nós, que amamos este cantinho onde nascemos e pelo qual temos uma veneração inextinguivel.

Afastaria o povo de outros estabelecimentos balneares, aqui bem proximos. E o turismo é, em todas as nações do mundo e em todas as terras dos paizes cultos, um dos mais eficazes factores do seu desenvolvimento economico e popular, ultimamente bem cuidado e posto em pratica em alguns paizes da Europa.

Citamos hoje estes dois exemplos, certos de que a Camara, podendo, mandará estudar o assunto para resolver o problema, porque todos, contribuindo com a sua cota parte de auxilio, não deixarão de prestar o seu concurso a obra de tão magna importancia e de tão transcendente interesse colectivo.

No proximo numero: — *Vila Franca — Sua impopularidade — Seu abandono.*

PROMOÇÃO

Foi promovido a factor de 1.ª classe dos caminhos de ferro da Beira Alta, e colocado na Pampilhoza, o nosso patricio e amigo, snr. Antonio d'Almeida, irmão do nosso director.

Parabens.

José Ferreira Patricio

Tivemos o prazer de abraçar em Montemór este nosso ilustre amigo, acreditado negociante de cereais em Leiria, que, com seu irmão Joaquim, esteve na séde da nossa comarca tratando dos seus negocios. Retiraram já para a linda e saudosa cidade do Liz.

DOENTES

Está muito doente na sua casa de Sant'Ana, o nosso estimado assinante, snr. Joaquim da Silva Carvalho, acreditado vereador camarario e importante lavrador.

Tambem está doente, e de cama, o nosso estimado assinante de Montemór-o-Velho, snr. Silvino Ferreira de Carvalho.

Desejamos o breve restabelecimento dos enfermos.

NOMEAÇÃO

Foi nomeado factor de 1.ª classe da companhia ferro-viaria da Beira-Alta, e colocado em Pampilhoza, o nosso presado patricio e amigo, snr. Antonio d'Almeida.

Cumprimentamo-lo.

A politica e sempre a politica

Entrevista com um velho republicano

Ontem, pela tarde, topámos na Rua do Ouro com um velho republicano, afastado das lutas politicas, mas que tem conservado toda a vida uma grande fé nos destinos da democracia.

O nosso amigo Madeira Barros, passeava tranquilamente num dos intervalos da chuva agreste que ontem quasi todo o dia açoitou por intermitencias a cidade de Lisboa. Cumprimentámo-lo e pedimos-lhe impressões. Madeira Barros andava por acaso fazendo estudos na fisionomia e nas conversas da nossa população. Como o momento é excepcional para a vida publica, o nosso amigo saiu-se da concha, não para se intrometer na vida politica de que está inexoravelmente afastado, diz êle, mas para observar o que se passa, visto que lhe interessa o futuro desta Patria que era digna de melhor sorte.

Abordámos então decisivamente Madeira Barros e pedimos-lhe que nos contasse o que pensava a respeito do grave momento em que nos encontramos.

— Eu lhe digo. Eram muitos os aspectos sobre que se podia encarar, na conjuntura presente, o problema português, que continua a sêr, no fundo, uma questão de moralidade. Por agora, porém, dir-lhe-ei apenas uma coisa: Portugal não tem emenda. Esta sociedade é de seu natural viciosa com umas tendencias hereditarias para o abuso e para o disparate.

— Pedimos ao nosso interlocutor que se explicasse.

— Perfeitamente. Em duas palavras lhe digo o que penso. Repare o amigo. O momento é grave, diz toda a gente. Apezar disso porém ninguem se preocupa com as coisas fundamentais e de importancia. Imagine. Só se ouve preguntar quem é que o Pimenta de Castro mete no Interior, para se fazerem as eleições devidamente, ou quem êle põe na guerra para se resolver o caso dos oficiais.

Numa palavra, só se quer saber quem é que vai para as pastas politicas e a guerra pelos modos tambem subiu ou desceu a essa categoria. Das questões vitais ninguem quer saber. Se por acaso se pensa nas finanças, no fomento, nas colónias ou na instrução, é ainda sob o aspecto politico. Do mais ninguem se importa.

Toda a gente pregunta se o titular das finanças vai ser do Antonio José, do Camacho ou do Afonso.

Ninguem se importa com a questão financeira em si, própriamente. Somos um pais pobre que a monarquia administrou pessimamente e a que a Republica não deu o bem estar que lhe era devido. As despesas excécionais com as expedições, com a subida de cambios, com o aprovisionamento dos nossos arsenais, são enormes. Como fazer face a essa aluvião de despezas? Para quem vai o fomento? para os democraticos, evolucionistas, ou unionistas? Eis tudo. O resto, isto é, a maneira de debelar ou atenuar a crise das industrias, a miseria dos operarios, a fome de milhares de familias,—isso é ninharia, é zero para a inteligencia dos nossos grandes homens.

Relativamente ás Colonias, a mesma coisa. Do que se trata, é da nomeação de governadores, de altos empregados do Ultramar, e quiçá da reforma do ministerio para anichar afilhados.

Compreende o meu amigo, volve Madeira de Barros, que isto assim é uma desgraça, é uma verdadeira miséria moral.

Daqui a dois dias não ha pão, o que equivale a dizer que não ha ordem, não ha paz, não ha tranquilidade publica. No entretanto os politicos vão fazendo a sua intriga, pensando no predominio, nas votações, nos interesses de campanário, nas mil e uma misérias da vida usual dêste país de patetas envaidecidos e petulantes.

— Está então tudo perdido? atalhámos nós.

— Não, volve rapido o nosso amigo. Isto há de salvar-se, porque tem de salvar-se. Não sei, porém, se será já desta vez. E' crivel que não. No entanto a actual situação póde ser um passo para outra que ponha as coisas nos seus eixos. O Pimenta de Castro está fóra dos conventiculos da politiquice. Póde, por isso, fazer muito. Fa-lo-há? Só o tempo o póde dizer. No entretanto esperemos.

Era quasi noite e Madeira de Barros lá seguiu para o Rocio, a estudar costumes, e colher impressões...

—

Porque as nossas impressões são as mesmas, no atinente a politica, aí ficam, como sendo nossas, as palavras da *Republica*.

DOTAÇÃO

Foi aprovada a verba de 600 escudos para reparações e melhoramentos escolares na importante povoação d'Ançã, do visinho concelho de Cantanhede.

Louvamos.

Horas d'insónia

A solidariedade, não sendo tomada como palavra vã, sem significação, é, ainda assim, na pratica, uma das mais belas manifestações da alma colétiva.

Muita gente, não sentindo com profundeza a essencia dêsse ideal sublime, pratica a solidariedade sem nenhum vislumbre de entusiasmo, antes, e na maioria dos casos, como sendo uma necessidade imperiosa, uma lacuna a preencher, sem se preocupar com a parte respeitante ao sentimentalismo humano, que nêstes casos é o que sempre deve preocupar quem pratica tão nobres gestos.

Assim, ponderado, com profundeza, o acto quasi heroico de socorrer o semilhante, essa ação é tanto mais nobre, quanto desinteressado fôr o gesto que a sugestiona.

Ao professorado deve a pratica da solidariedade humana ser bastante alevantada, por isso que, tendo o mestre-escola na sua frente os futuros obreiros da sua patria, insuflam nas suas almas o germen fecundante que mais tarde ha de frutificar em beneficio da nacionalidade.

Um dia destes, ali em S. João do Campo, ridente povoação dos suburbios da capital do distrito, comnosco se praticou, em toda a sua plenitude, o gesto abençoado da solidariedade humana. O snr. professor Faria de Castro, sabendo-nos aflito, recolhe-nos em sua casa, e mandou-nos dispensar todos os auxilios indispensaveis a uma criatura que se encontra só, sem carinhos de familia, sem os beijos afagantes de uma mãe amiga e bôa!

Um desastre nos fez bater á porta do distinto professor.

Alma feita de sonho, ele é bem a encarnação da bondade e da isenção. Ele e o snr. Julio Ferreira.

E' que a solidariedade, não sendo tomada como uma palavra vã, sem significação altruista, é, ainda assim, uma das mais belas manifestações da alma coletiva.

ALMEIDA JUNIOR.

Em Tentugal

Reune hoje em Tentugal, freguezia do nosso concelho, um nucleo de cidadãos daquela freguezia afim de organisarem a comissão paroquial politica.

Ao que nos consta, seguirá a politica democratica e defenderá esses principios politicos nas proximas eleições.

Passou no dia 1 do corrente o aniversario natalicio do nosso presado amigo, snr. Antonio Lucas Caleira, zeloso funcionario de tração da Companhia Portugueza, em Alfarelos, em cuja oficina gosa de muita estima e consideração.

Convem saber-se...

Que, a proposito da atitude que os monarquicos tomarão em face do acto eleitoral, diz *A Capital* que eles só irão á urna no caso de serem deferidas umas reclamações que vão apresentar e que consistem no seguinte: Novos recenseamentos, com um periodo mais largo de propaganda e garantia de completa liberdade para as suas afirmações politicas.

—— Que essas reclamações serão apresentadas ao governo por intermedio de um monarquico de elevada categoria.

—— Que, se o governo responder afirmativamente, não tardará que principie em todo o paiz a propaganda eleitoral monarquica.

—— Que em caso contrario, é de esperar que os inimigos das instituições não continuem procurando derrubal-as por meio de processos revolucionarios.

—— Que isto diz a *Capital* e que corre, porém, com insistencia, que muitos monarquicos não são de opinião que deve concorrer-se ás eleições, por entenderem que com as autoridades pertencentes aos partidos politicos e os presidentes das mezas eleitorais tambem partidarios, não podem ter a necessaria garantia da liberdade do voto.

—— Que alguns pensam d'outro modo, dizendo-se ter chegado carta de Hespanha dizendo que os monarquicos devem ir á urna.

—— Que se julga certo que prevalecerá a corrente que prefere a abstenção.

—— Que os catolicos têm tambem opiniões diversas, dizendo-se que os do norte querem concorrer ás eleições e que os de Lisboa os aconselham a que não usem de tal recurso.

—— Que um republicano *adesivo* nos escreve, escrevendo chamadas no proprio jornal, concordando com tudo que cheira a politica partidaria, de feição democratica, e regeitando a opinião do *Dever* no tocante á sua abstenção politica.

—— Que as paixões pessoalistas, á maneira désta, só prejudicam a Republica.

—— Que nos não importa nada com a sua atitude, e doutros despeitados, continuando altivamente o nosso caminho de unir, unindo-os mesmo a eles, sem desdoiro...

—— Que foi já publicada a lei autorisando as juntas de paroquia a poderem fazer o lançamento e a cobrança das suas contribuições directas, por intermedio da tesouraria de finanças do respectivo concelho e juntamente com identicas contribuições gerais do Estado, sempre que o requeiram ao respectivo ministerio, pertencendo aos tesoureiros de finanças vinte por cento da cobrança efetuada.

Uma data inolvidavel

Escudados em vibrações intimas de liberdade está ainda bem patente na memoria de todos os feitos compungentes e ao mesmo tempo gloriosos que se desenrolaram no dia 1.º de fevereiro de 1908. O complemento do acto primacial que nesse dia se manifestou foi ingloriosamente sentimental para uma familia que, pelo simples facto de ser ilustre e poderosa, compartilhou nessa bora de desdita com a amargura e atrocidades do Destino. Só quem nunca em sua vida experimentou as blandicias ternas e sacrosantas do veneravel Amôr da Familia poderá julgar uma utopia as nossas afirmações e classificar de ridiculo contraste êsse tormentoso momento em que corações se sentiram opressos pela petrificação augustiosa que a realidade lhe apresentou em scênas martirisantes e lhes predispoz á vista o redundar na inação da morte dois dos seus entes mais queridos — pae e filho —. Mas o que acabava de recair sobre o Porvir déssa familia empanando-lhe o brilho e a alegria era uma prova concludente na selécção dos factos e dela derimiu uma data imorredoira que se vinha impondo ao conceito daqueles a que no dia anterior haviam sido coartadas todas as regalias e direitos de cidadãcs portugueses.

Não somos adeptos de severas punições e principalmente quando o torvelinho macabro do seu castigo faz eliminar homens, porque, a vida particular não póde estar sujeita aos caprichos doutrem. Mas, quando a insidia crapulosa denegrida as paginas dum reinado, quando o soberano começa a trilhar o mau caminho que o eleva ao abismo e ao descredito da consciencia popular por certo que faz criar um ambito de paixões adversas á sua obra retrógrada e donde lhe advem o desenlace fatal.

Quem matou, pois, o rei?! Foi um homem dominado pela ira feroz do assassinato ou automatisado por certa influencia pessoal? Foi um réfen que desconhecesse os rudimentares preceitos da estabilidade publica e individual ou estivesse guindado pelos processos criminosos do despotismo na ancia de praticar o mal? Não; quem matou o rei foi a malaventura insidiosa dos seus actos e o arbitrio livre da sua vontade dominante.

Paz á sua alma torturada pelo sofrimento e gloria aos herois que o dia consagra com galas de verdadeira libertação nacional!...

Bom Sucesso (Quiaios).

F. F. de Carvalho.

Emigrando

Seguiram para a America do Norte, em busca de melhor futuro, os snrs. José de Souza Lucas, Manuel de Souza Lucas, Antonio Manuel Oliveira, Antonio Carlos, Antonio Correia, José Ferreira Mendes, Julio d'Almeida e Adrião de Carvalho, nossos amigos de Brasfemes, do nosso distrito.

Feliz viagem e breve e triunfal regresso, é que lhes desejamos sinceramente.

CARTA DE COIMBRA

Alma Nacional. — Fôram vibrantes as manifestações de entusiasmo na estação ás colunas expedicionarias. Não houve divergencia de vistas a enublar a fé nos destinos da Patria.

Club Recreativo.—Promovido por um grupo de socios, realisou-se no proximo passado domingo nesta florescente casa de recreio um esplendido baile, que decorreu com o brilhantismo e correção que é norma dêste Club.

Eleição.—Efetuou-se no dia 31 a da Comissão Municipal do Partido Republicano Portuguez, dêste concelho. Houve duas listas: em ambas houve elementos de prestigio. Mais prudente seria uma conciliação honrosa, que mais engrandeceria o partido, do que o trabalho a dar aos escrutinadores com o córte dos votos conscientes. Mas a vida dos partidos deve ser na essencia a escolha ponderada. Talvez uma terceira lista venha a agradar a gregos e troianos.

Dr. Carvalho Lucas.—E' um monarquico impenitente. Tem a pezarlhe no passado uns tantos arrateis de Herodes revolucionario, de tendencias moscovitas ali á Ladeira da Forca, a quem fez enjoar a tempo o cheiro das romãs. D'ai os pecados dos nossos avós... A *formiga branca* deu com ele ao cantar dos galos, e... quasi houve um empastelamento aqui no Bêco de Mont'Arroio.

Discordâmos, por não haver sequer a proporção do sublimado, e pelo respeito que nos merecem as crenças quer politicas, quer religiosas dos nossos adversarios. Porque, com qualquer politica é, aliás, um primorosissimo caracter.

Festa d'arte.—E' a que promove a redação da *Galera* ao insigne poeta Antonio Nobre para os dias 20 e 21 do corrente, com alvorada, receção a poetas, artistas, escritores e oradores, passeio á Lapa dos Esteios, sarau de gala, sessão solene na camara municipal, descerramento duma lapide na Torre d'Anto e cortejo. E' um preito de homenagem ao saudoso poeta e uma reabilitação das tradições academicas que teem o merito de pôr em destaque as intelectualidades e energias do futuro. No sarau tomam parte João Arroio, Alves dos Santos, Oscar da Silva e outros elementos de valor.

Barreto Barbosa.—Vae ser inaugurada no liceu uma aula com o nome dêste ilustre professor, á memoria de quem os alunos do mesmo estabelecimento prestaram ha pouco no cemiterio a homenagem da sua saudade.

Hospital militar.—Passou a desempenhar as funções de director, o snr. capitão Monterroso.

Escola Agricola. — Partiu para Lisboa o snr. Antonio Cardoso de Menezes, director daquele estabelecimento.

Barcas de passagem. — Por 11 e 300 escudos fôram respetivamente arrematadas as da Guarda Ingleza e Almegue.

Causas crimes. — Pelo crime de furto foi julgado no dia 31 Antonio Candido da Silva, e por homicidio frustrado, no dia 3, Fausto Augusto. Do primeiro foi advogado Jaime Sarmento; do segundo, Mario de Aguiar.

Medicos militares. — Désta cidade partiram na ultima expedição os snrs. drs. Flaminio Teixeira d'Azevedo e Armando Macedo. Sobre a sua proficiencia, uma qualidade respeitamos mais: a de verdadeiros patriotas. Não procuraram subterfugios. Sentiram-se bem com o cumprimento dos seus deveres civicos.

Castilho.

AOS AGRICULTORES

Estamos entrados na epoca da sementeira da batata, e é de toda a conveniencia que os senhores se não esqueçam dos adubos quimicos e organicos, da acreditada casa *Varela, Leal & C.ª, das Varzeas*, proximo de Leiria, e que se encontram **á venda em casa de Manuel Monteiro Godinho,** com deposito no **Casal do Gaio, Arazêde.**

DR. LEMOS VIANA

Vae ser colocado em Torres Vedras este ilustre magistrado da nossa comarca, que infelizmente a doença retem no leito ha longo tempo.

E' um juiz inteligente e consciencioso, fazendo honra á classe a que pertence.

Cumprimentamos em Coimbra o nosso bondoso amigo de Pampilhoza, snr. Adriano Teixeira Lopes, socio da importante fabrica de ceramica, Mourão, Teixeira Lopes & C.ª, junto á estação do caminho de ferro daquela localidade.

O livro do Soldado Portuguez

E' o sugestivo titulo dum belo livro que a livraria Figueirinhas, do Porto, acaba de lançar no mercado, devido á pena brilhante do snr. padre J. Lourenço de Matos.

Sem querermos saber da parte religiosa do inteligente trabalho do snr. padre Matos, apraz-nos constatar o alto patriotismo do seu autor e a fecundidade do seu talento.

Agradecemos o exemplar oferecido.

Gêsso e adubos compostos

Para todas as culturas

DE

J. CORTEZAO

Fabrica — Sá (Anadia)

Escritorio — Figueira da Foz.

Secção de Variedades

Uma no cravo e outra na ferradura

Numa audiencia o juiz disse para o advogado:

— V. ex.ª não bate certo na defeza: dá uma no cravo e outra na ferradura!

O advogado responde:

— Se dou uma no cravo e outra na ferradura, é porque v. ex.ª me foge com o pé.

Maneira de mudar a côr ás hortenses

Basta introduzir um bocado de ferro novo na terra, junto á raiz das hortenses, que de côr de roza se tornam azues. Tambem produz o mesmo efeito, o rega-las com agua ferrea.

Uma resposta a tempo, do dr. Vale

Um juiz, no tribunal de Lisboa, advertindo o dr. Vale, e chamando-o á ordem, numa discussão acalorada, disse-lhe:

— Lembre-se v. ex.ª que eu, pela minha posição, estou mais alto do que v. ex.ª. (Como querendo indicar que tinha mais autoridade).

Resposta:

— E' certo que v. ex.ª está mais alto do que eu; porém, o erro foi do carpinteiro!

Um geitinho no chapeu

Ha, em Pariz, uma sociedade, denominada a *Sociedade da Elegancia*, composta sómente de homens casados, cujo fim principal é dar ao sexo forte a nota da elegancia. Tem uma sessão ordinaria mensal, e as extraordinarias que o presidente determina. Ali se discute o *chic*, o rigor da moda e da elegancia para os socios, que dão a todo o mundo civilisado a ultima palavra do modernismo.

Ha mezes, um dos socios apresentou a proposta seguinte:

— Que os socios, cujas consortes dançam o tango argentino, com todas as suas consequencias.... uzem o chapeu á banda, com todo o requinte da elegancia; e os restantes continuem a uza-lo direito.

A proposta foi aprovada por unanimidade, e assentou-se que na sessão seguinte, cada socio fizesse a sua declaração: se a consorte dançava on não o tão falado tango.

Um socio, dos mais filosofos, e que nunca tinha pensado no modo como havia de uzar o chapeu, não tratou de saber o que se passava lá por casa; e deixou chegar o dia e mesmo a hora de ir para a assembleia, sem saber coisa alguma. E só então, e muito á pressa, contou á mulher o que se havia resolvido na sua sociedade, e perguntou-lhe qual a declaração que ele havia de fazer. A mulher, muito admirada, exclamou:

— Olha no que vocês passam o tempo, na nossa sociedade! Em saber se as mulheres dançam o lindo tango, com todas as suas consequencias!...

— Deixa-te de exclamações; não posso demorar-me; diz-me se danças ou não, que é o que importa.

— Oh filho! não faças mau conceito de mim!

— Eu não faço mau conceito; faço esta pergunta, por ser do estilo, no caso presente.

— Vai, filho, descançadinho, leva o chapeu muito direitinho, e tem cuidado em que o vento t'o não tombe.

— Sim, minha linda, terei todo o cuidado. Até logo.

O marido desceu a escada e ela foi para a janela, para o vêr saír. E quando ele ia já a distancia, ela bate as palmas a chama-lo e diz-lhe:

— Olha, menino, pelo sim e pelo não, para livrar de escrupulos de consciencia e para andares mais elegante, *dá-lhe sempre um geitinho*...

CASAMENTO

Consorciou-se hontem nesta localidade o snr. Manuel Teixeira, do visinho logar do Casal do Gaio, com a menina Maria da Silva Pessôa Barreto, filha do nosso amigo e assinante, snr. Antonio da Silva Barreto e de Maria Pessôa.

Foi padrinho da noiva o nosso estimadissimo e prestante amigo, snr. Joaquim Francisco Côca Junior, industrial e devotado amigo do *Dever*.

Dando aos noivos os nossos parabens, desejamos-lhes uma prolongada lua de mel.

Passou no dia 2 do corrente o aniversario natalicio do nosso estimado amigo, snr. Manuel d'Oliveira Junior, importante negociante de madeiras na Figueira da Foz.

Parabens.

Poetas e Prosadôres

A minha mãe

(Fala um pobresinho)

Ai mãe! dizes-me tu quando eu nasci um dia
—Que ao veres-me soluçar tremeu a tua voz.—
Então teu coração decerto compreendia
O meu destino atroz?!

Se tu lias em mim a dôr e o sofrimento
Se era o teu filho amado e se me qu'rias bem,
Deixasses-me morrer sem passar p'lo tormento
Não era melhor? mãe!

Julgavas que era mal eu morrer pequenino
Sem conhecer o fel que a minha vida tem?
Sem conhecer a dôr d'este cruel destino?
Enganaste-te... mãe!

Leão Correia.

Um passeio na Torreira

(A' minha amiga Maria de Nazaré Fragoso)

Eu não sei se haverá alguem que não sinta, por Lisboa, infindas saudades! Ao lembrar-me, entretanto, da Torreira, uma tristeza profunda invade todo o meu ser. Fala-me ao coração, com tristura, aquela atmosfera balsamica que por lá se respira. Enche-me de melancolia a lembrança do seu ceu azul, a suavidade do seu mar, o saudavel da sua paisagem atraente e consoladora! Os seus horisontes saudosos humedecem-me os olhos! Queria vê-los agora, soberbos e atraentes, falando á alma dos sonhadores...

Recordo-me neste instante, mergulhada em dôce extasi, daquele momento feliz em que eu, sentada ao pé dum barquito de distracção, olhando muito atenta para o mar, para o oceano imenso de aguas então tranquilas, fui surpreendida pela chegada da Cecilia querida, que me perguntou:

— Que tem, minha tia? Que tristeza é essa?! Vamos. Ande comigo. Olhemos o mar, este lindo ceu de agosto, e esqueça-se do passado.

— Para onde me levas, minha filha?—lhe perguntei eu cada vez mais triste.

— Até aos Cordeirinhos. A tia ha-de gostar. E' encantador.

Ficando-me, calada, ela toma o meu silencio como sinal de aprovação, toma-me o braço, e lá fomos juntas.

Com efeito, o passeio é magnifico, atraente. A atmosfera, um pouco mais agitada agora, açoita, dos lados do mar, baloiçando flôres, sacudindo as folhitas dos *cordeirinhos*, que voavam pelo areal deserto da praia.

Sol quente, tarde de saudaveis recordações. Sombrinhas abertas. Lá longe no mar, que eu olhava de quando em quando como quem procura alguma coisa, as gaivotas volitavam meigamente. Eram mais felizes do que eu. Iam onde eu não podia estar. Efectivamente eu procurava alguma coisa... mas em vão!

De que me valia, sim, sofrer as minhas maguas ao pé da Cecilia, sentir o halito perfumado da atmosfera; vêr, por entre sonhos idilicos, o sorriso angelico da primavera; vêr, emfim, o meigo bando de gaivotas redemoinhando por sobre as nossas cabeças ou pousando sobre as aguas azuladas do mar saudoso, como que brincando, com os seus vôos incertos ora vagarosos ora rapidos, á nossa vista deslumbrada, se o que eu esperava não vinha e eu me sentia cada vez mais triste, mais melancolica?

Porque?! Porque tinha saudades da Maria de Nazaré. Não posso lembra-la, Cecilia; não posso pronunciar o seu nome para mim tão grato, sem que as lagrimas me não embaciem tristemente os olhos!

— Então, tia, nem este passeio atraente, aquele sol esplendoroso e tonificante, a faz esquecer-lh'a?

— Não, minha Cecilia. Lembro-me de tudo: as felizes, as incomparaveis horas que passámos juntas na Escola Normal de Lisboa; da sua amizade sempre crescente! Não se esquece assim uma amiga certa, uma amiga das melhores. Esquecer-me, oh meu Deus! se eu, quer olhando para o mar, quer olhando para o ceu vejo sempre a sua imagem adorada, muito pura, muito bela, de longos cabelos loiros caindo-lhe sobre os hombros como que a esconder-lhe as fórmas divinaes, a atraente beleza, para a suspeitarem menos bela! Se eu a vejo sempre nos meus sonhos e penso nela com saudade! Como esquece-la? De fórma alguma.

E ali, sob um sol ardente d'agosto, eu lembrava-me que seria mais feliz se, em vez de estar na Torreira, estivesse em Lisboa, ao pé da minha amiga.

Um sorriso, porém, invadiu com felicidade a minha alma amargurada pela saudade:—a esperança de vê-la em breve.

. . . . . .

Reparo agora que a noite se aproxima. Com a Cecilia, tomei o caminho de casa, dando por terminado um passeio em que, cheia de saudades, eu pensei sempre na querida Maria de Nazaré Fragoso.

Torreira, 18 d'agosto de 1914.

Amalia Nunes de Sousa.

Deu entrada na repartição respectiva o orçamento na importancia de 4.101$25, das obras a executar para reparação dos estragos causados em varias estradas do distrito de Coimbra, pelos temporais e inundações dos dias 1 a 6 do mez findo.

Carta de Lisboa

4—2—915.

O dia 31 de janeiro deste ano, foi um dia cheio de amôr e poesia, pelo brilhantismo da sua significação historica. Ao palacio de Belem fôram varias individualidades inscrever os seus nomes, recebendo o sr. presidente da Republica numerosos telegramas de saudações.

Comemorando essa data, realisou-se no Centro dr. Antonio José d'Almeida, uma sessão de homenagem ao coronel sr. Manuel Maria Coelho, um dos bravos dirigentes d'aquele movimento revolucionario. No Centro Solidariedade Republicana efétuou uma interessante conferencia o deputado sr. dr. João de Deus Ramos que, no meio de muitos e calorosos aplausos, descreveu a atual situação politica, elogiando a obra do sr. dr. Afonso Costa, cujo retrato ali foi inaugurado.

Emfim, foi mais um dia que todas as almas genuinamente portuguezas, passaram no meio da mais fraternal alegria.

—— Passou no dia 27 de janeiro o aniversario natalicio do imperador Guilherme II—o Kaiser—pelo que o atual governo do sr. Pimenta de Castro, foi felicitar s. ex.ª por intermedio do ministro da Alemanha em Portugal. No momento em que os nossos irmãos se batem corajosamente em terras de Africa, impondo a mais veemente resistencia aos vis súbditos déssa féra vil e repelente, que a todo o transe procura, por meio das suas ignominiosas e bestiais crueldades, atropelar os povos cultos e honestos, assaltando como bandidos as nossas possessões ultramarinas, o governo da Republica felicita s. ex.ª pelo seu aniversario natalicio! E' profundamente triste e doloroso!...

—— A Casa da Moeda vai iniciar a cunhagem de cinco milhões de moedas do valor de um escudo e do desenho igual ás de cincoenta centavos, que estão em circulação.

Igualmente, para completar o sistema monetario criado pela Republica, procederá á cunhagem de três milhões de escudos do valor de 10 centavos.

Noroé.

Foi provido definitivamente na escola do sexo masculino da Pampilhoza do Botão, o nosso presado amigo, snr. Guilherme Ferreira da Silva.

Um abraço pela merecida distinção.

REGISTO CIVIL DO CONCELHO

DE 15 A 31 DE JANEIRO

OBITOS

ARAZEDE

Joaquim de Matos Garrido, de 65 anos, casado, falecido em Rio Tinto.

Maria d'Oliveira, de 44 anos, casada, falecida em Vila Franca.

Maria da Luz de Jesus, de 27 mezes, falecida no Casal do Gaio.

Palmira Ramos, de 4 anos, falecida no Casal do Gaio.

Paulo de Souza, de 74 anos, viuvo, falecido nos Catarruchos.

Manuel Carromeu, de 78 anos, solteiro, falecido no Bebedouro.

CARAPINHEIRA

Joaquim Couceiro, de 3 anos, falecido no Alhastro.

José Simões Monteiro, de 23 anos, solteiro, falecido nos Nobrezos.

Joaquina Rainho, de 82 anos, viuva, falecida na Bandurreira.

MEANS

Antonio dos Santos, de 4 mezes, falecido nas Quintas.

Bernarda Queda, de 72 anos, casada, falecida na Coitada.

MONTEMÓR

Mariana Sales, de 75 anos, solteira, falecida em Montemór.

PEREIRA

Albino d'Almeida, de 80 anos, viuvo, falecido na Torre.

REVELES

Tereza Marques, de 45 anos, casada, falecida em Abrunheira.

SEIXO

Antonio Pereira Minau, de 6 mezes, falecido nos Carapetos.

Nota. — Houve nesta quinzena 5 nascidos mortos em todo o concelho.

Nascimentos

ARAZEDE

José Maria, filho de Manuel Pagaimo e de Maria dos Santos, nascido na Moita Vagueira.

Manuel, filho de Joaquim Mendes da Cruz e de Carmina Gonçalves, nascido no Casal do Gaio.

Albertina, filha de Manuel Ventura Junior e de Maria de Jesus, nascida nos Gordos.

Catarina da Luz, filha de Manuel Teixeira Moinho e de Maria d'Ascenção, nascida em Pelicanos.

Ludovina, filha de Manuel Marques e de Ana Clara, nascida nos Catarruchos.

Emidio, filho de Manuel Francisco Junior e de Rosa da Cruz, nascida nos Pelichos.

José, filho de Joaquim da Cruz e de Maria da Cruz, nascido nos Pelicanos.

Joaquim, filho de Antonio da Silva Carapeto e de Maria de Nazaré da Silva, nascida no Zambujeiro.

CARAPINHEIRA

Amelia, filha de Antonio Maria Rama e de Maria Ferraz de Melo, nascida no Casal do Mato.

Joaquim Maria, filho de Antonio Pardal e de Maria Rama, nascido no Casal d'Alem.

Amelia, filha de Maria Vaz, nascida no Casal do Mato.

José, filho de José Vagos e de Maria Marques, nascido no logar das Palheiras.

Maria da Conceição, filha de Augusto Gonçalves Travassos e de Maria Amelia Marques, nascida na Quintã.

LICEA

Manuel, filho de Joaquim Ribeiro e de Luiza Maria, nascido no Viso.

MEANS

Antonio, filho de Antonio Rama Cadima e de Ana Rama, nascido nas Calaçotas.

Maria de Nazaré, filha de Joaquim Maria Ferreira e de Maria Lucas, nascida no Casal Novo.

Antonio, filho de Joaquim Maria Carapeto e de Maria da Cruz, nascido nas Quintas.

MONTEMÓR

Antonio Maria, filho de Manuel Maria Caniceiro e de Maria de Nazaré Murta, nascido nas Pedrosas.

Francisco, filho de Joaquim dos Santos e de Emilia Lopes de Souza, nascido no Casal Novo do Rio.

Rosa, filha de Antonio José Dias Galvão e de Filomena da Silva Galvão, nascida em Montemór-o-Velho.

PEREIRA

Carmo, filha de Manuel Bátista Medina e de Elisa Maia, nascida em Pereira.

Ascensão, filha de José Pereira de Souza e de Emilia Afonso, nascida em Pereira.

Justino, filho de Francisco Ferreira de Lemos e de Guilhermina Paira, nascida na Torre.

Carmo, filha de José Figo de Goes e de Maria Letra, nascida em Pereira.

SANTO VARÃO

Maria, filha de Francisco Pimentel Girão e de Joaquina Bernardes, nascida em Formozelha.

SEIXO

Belmira, filha de Francisco da Costa Tabanez e de Maria Pedrosa, nascida no logar da Borda da Estrada.

VERRIDE

Conceição, filha de José Maria Esteireiro e de Maria Arsenia, nascida na Ereira.

Casamentos

ARAZEDE

José Marques com Maria de Oliveira.

José Joaquim com Joaquina Fernanda.

José dos Santos Reis com Maria Marques.

Joaquim Simões Serafim com Maria Rosa da Silva.

Manuel Francisco Amaro com Maria de Jesus.

Julio Rodrigues Cação com Maria Rosa Teixeira.

CARAPINHEIRA

Joaquim Gomes Pires com Ana de Jesus Gomes.

Joaquim Rama Maganão com Maria da Silva Maganão.

Joaquim Monteiro de Matos com Zulmira Simões Monteiro.

José Veneza com Maria de Nazaré Marques.

Francisco de Jesus com Maria Rama Veneza.

José Ferreira com Maria de Nazaré Freitas.

LICEA

Manuel Jorge Fabião com Emilia da Cruz.

Manuel Jorge Serrano com Maria de Nazaré Almeida.

PEREIRA

José Vaz Lameiro com Maria Serrano Pimentel.

Antonio Batista Sanches com Guilhermina da Costa Silva.

SANTO VARÃO

Joaquim Martins com Maria Gonçalves Veloso.

Antonio Augusto de Lemos com Maria Rosa Moreno.

SEIXO

Francisco Pinto d'Almeida com D. Maria da Luz Jorge Teixeira.

Manuel dos Santos Neto com Joaquina da Conceição.

VERRIDE

Humberto Soares com Maria de Jesus Pereira.

Camilo Simões Pereira com Emilia Pinto Machado.

Joaquim de Sá Correia Junior com Emilia Batista Gaspar.

Joaquim da Costa e Silva com Maria José Pereira e Oliveira.

AGUA DE LUSO -- Cura pela Diurése

(ESTABELECIMENTO TERMAL E HOTEIS ÀBÉRTOS TODO O ANO)

A mais diurética e mais digestiva. Aumenta a diurése, regularisa as funções digestivas e ativa os fenómenos nutritivo

Muito radioativa—4,49 miligramas—minutos
Muito ionisada, resistividade a 18° 18300 ohms
Muito rica em gazes raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotonica, ponto criospico 0°,04

Conclusões da analise feita pelos distintos professores Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitissimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tifico

USO EXTERNO—Molestias de pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc.), reumatismo e gôta.
USO INTERNO—Artritismo, impaludismo, neurastenia—Albuminuria, diabetes—Intestinos, estomago—Rins—Bexiga.

Depositos -- **LISBOA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros, 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 428. FUNCHAL, José Quirino de Castro, rua dos Murças. AFRICA ORIENTAL: Oswald Offmann. BEIRA: F. L. Simões & C.ª. LOANDA: Beltrão, Pena & C.ª**, e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositarios nas terras onde ainda os não haja.

Seguros contra incendio — incluindo riscos de explosão de gaz e raio.

Seguros contra incendio — cobrindo tambem os riscos de *Greves* ou *Tumultos* (portaria de 14 de Março de 1914).

Seguros contra incendio — cobrindo ainda os riscos de *Guerra* (portaria, 30—XI—1914).

Unica companhia autorisada a segurar os riscos de Guerra nas apolices Incendio

As apolices d'A MUNDIAL são portanto as que mais conveem aos interesses dos proprietarios, locatarios, industriais, comerciantes, etc.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS
Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital Esc. 500.000$

Séde em Lisboa
Rua Garrett, 95
Telephone n.º 4084

Delegação do PORTO
Praça Almeida Garrett 22|24
Telephone n.º 1459

ENDEREÇO TELEGRAPHICO—**MUNDIAL**

Agentes em todas as localidades do paiz ilhas e colonias

Livraria e Tabacaria Cunha

Livraria Moderna e Tabacaria Augusto Henriques (reunidas)

Alberto Gonçalves Cunha

150, Rua Ferreira Borges—COIMBRA

TELEFONE N.º 293

LOTARIAS—Bilhetes, suas fracções e cautelas. Variada série de numeros certos.—Premios frequentes.
TABACOS—Nacionais e estrangeiros. As melhores marcas de cigarros e charutos.—Todos os artigos para fumadores.
POSTAIS ILUSTRADOS—Sempre as ultimas novidades em todos os generos.—Bilhetes de visita, impressão rapida.
PAPELARIA—Finissimos papeis de carta em caixas aos cadernos.—Objectos para escritorio e desenho.
LIVRARIA—Nacional e estrangeira, Revistas, Publicações.—Figurinos.—Musicas.

Livros usados, antigos ou modernos, em qualquer estado, em grandes ou pequenas quantidades, compra em qualquer parte.

Passagens para o Brazil e Africa

José de Almeida

Negociante nas Pontes de Cadima, concelho de Cantanhede, e correspondente de todas as Companhias de navegação

Faz constar que vende passagens para todos os portos do BRAZIL, AFRICA, etc., a preços reduzidos, para o que está legalmente habilitado.

A sua vida de seriedade e honestidade são garantia segura para que os que desejam comprar passagens o procurem de preferencia a qualquer outro.

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas—Escaroladores—Esmagadores de uvas—Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz**—Camarneira—Cantanhede.

Restaurante Ferro-viario

ALFARELOS

ESTE bufete, um dos que melhor servem o publico que transita nos comboios, acha-se situado na estação do caminho de ferro de Alfarelos. Fornece almoços, jantares e *lunchs* e toda a qualidade de refeições, por preços comodos. Tem pessoal habilitado, tanto em cosinha como em sala de mesa. Tudo se encontra com esmero e perfeição.
Fornece comida para fóra, e presta-se a servir em casamentos, batisados, etc., desde que seja prevenido com antecipação.

O proprietario, **Artur de Oliveira Coelho.**

Companhia de Seguros

A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz
Antonio d'Oliveira Guerra
RUA DA REPUBLICA, 84

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima—Vila Nova d'Outil

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legitimos acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de fórma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamavel, isca em cordão vendida fraudulentamente a titulo de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva acção civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa ao Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando-se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalisação para procederem ás necessarias diligencias. Dirigir-se pessoalmente ou por carta á Companhia Portuguêsa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS

MELO & MARTINS

PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada

PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiencia dos nossos adubos, devido ao seu magnifico resultado os adoptarão de preferencia a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro
PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex.mos passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.
Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA

Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.
PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações
Deposito das afamadas aguas de Luso.

Hotel de la Paix

JEAN OZUN

Situado num dos pontos mais centrais da capital, belas vistas sobre o Rocio, é um dos modernos hoteis que mais comodidades oferece.

Bom serviço de cosinha á franceza

Almoços, 60 centavos. — Jantares, 80 centavos. — Serviço á lista.

3 Calçada do Duque, 3 — **Lisboa**

Fabrica de Lanificios

— DE —

MANOEL JERONIMO DE MATOS

COVILHÃ

Fornecedor da caixa de socorros dos empregados da Companhia Portuguesa

Esta fabrica, uma das mais acreditadas da Provincia da Beira Baixa, fornece, por preços convidativos, especialmente a particulares do continente e ilhas, os melhores produtos da sua fabricação, tais como casimiras, cheviotes e estambres, empregando materia prima de primeira qualidade, esmerando-se quanto possivel na sua execução e adotando os melhores padrões e côres que a moda impõe nos centros elegantes estrangeiros.

Envia amostras para todos os pontos, para o que bastará o pedido feito num simples postal.

Pedidos a

Manoel Jeronimo de Matos--Covilhã

Ano 3.° Arazêde, 14 de Fevereiro de 1915 N.° 156

Director, administrador e editor
J. d'Almeida Junior

Representantes em muitas terras do país, Africa e Brazil

PROPRIEDADE DA DIRECÇÃO

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguêsa

Pátria e Humanidade

Redação e Administração
ARAZEDE

Toda a correspondencia relativa a este jornal, deve ser dirigida ao Director, para Coimbra

Composição e Impressão
Tip. Silva (a vapor)—AVEIRO

COIMBRA 15.FEV.15 CORREIOS TELG

U. C. R. Coimbra
Biblioteca da Universidade

ELEIÇÕES

Quando em 7 de fevereiro do ano passado entrou em exercicio o ministerio Bernardino Machado, tendo no seu programa presidir ás eleições geraes, clamavam evolucionistas e unionistas que elas deviam realisar-se o mais tarde possivel, para serem executadas pelo novo recenseamento e haver tempo de fazer a propaganda eleitoral.

O snr. Bernardino Machado, por decreto de 31 de julho, fixou então as eleições para o dia 1 de novembro, satisfazendo-lhes a vontade; isto é: deu trez mezes para a tal propaganda, que já podia ter-se realisado seis mezes antes, prefazendo nove mezes, desde a sua subida ao poder até á data que fixou para as eleições, e deu assim tempo a serem feitas pelo novo recenseamento.

As eleições não se realisaram a 1 de novembro, com grande satisfação daqueles grupos politicos, que certamente continuaram a tal propaganda eleitoral, e como elas fôram fixadas novamente para 7 de março, já devem contar agora com um ano de propaganda, mas insinuam de novo ao ministerio do snr. Pimenta de Castro, que sejam o mais tarde possivel para dar tempo á propaganda eleitoral e feitas pelo recenseamento agora em elaboração, que é para ainda terem logar mais tarde, visto que os prasos do novo recenseamento só terminam em 8 de julho.

A' ultima hora, vendo de certo a perturbação que o adiamento das eleições acarreta á Republica, tambem os monarquicos nos seus orgãos dizem que concorrem á urna, mas que é preciso prorogar o praso das eleições, e até aspiram a uma nova lei eleitoral, tudo cousas impossiveis de atender, e por isso mesmo é que são lembradas e exigidas com a ameaça de recorrerem a atos revolucionarios, se os não deixarem partilhar legalmente da vida politica da Nação!

Mas o jogo está descoberto.

Os primeiros não querem eleições, porque convem-lhes argumentar que as atuaes camaras não estão completas, nem representam a atual opinião do paiz, e julgam que assim podem ser chamados á governação do Estado. Sabem que o paiz lhes é adverso, porque se lembra das perturbações que o chefe evolucionista provocou, antes da subida ao poder do snr. Bernardino Machado, chegando a dar-se tumultos em Lisboa e Porto; e tem bem presente a provocação á revolta que o chefe unionista fez, concorrendo para a recente situação anti-constitucional do governo.

E' por tudo isto, que, tanto uns como outros, dizem que é absolutamente necessario consultar a Nação; mas que evitam sempre que tal consulta se realise, pedindo que as eleições se façam o mais tarde possivel, afim de ganhar tempo e espreitar a possibilidade de algum acontecimento imprevisto que lhes dê o poder.

São dois grupos sem organisação definida, sem estudo nem opiniões conhecidas sobre os diferentes problemas da governação, sem orientação politica, e finalmente sem apoio nas correntes populares e democraticas da Nação. Querem escalar o poder pelo favoritismo do chefe do Estado, o que é impossivel numa Republica parlamentar, a não ser por um ato de força, que evidentemente só póde dimanar da Nação, e altamente condenavel, como se está dando na atual situação, que é insustentavel e que a continuar acarreta os maiores perigos para a segurança interna e para a existencia da Republica em Portugal.

Pela Constituição portugueza a Soberania reside na Nação e por consequencia sómente com o apoio dos seus representantes é que se póde constitucionalmente governar; isto é: os ministerios tem de ser formados em harmonia com as indicações do Congresso Nacional.

Os atos deste governo devem ser derogados pelo primeiro ministerio constitucional que subir ao poder; é a Constituição que o diz, e é o Paiz que o reclama.

E' absolutamente necessario que as eleições se realisem no dia 7 de março, para que a Nação diga quem quer que a governe, e que depois se adótem as medidas convenientes para que em Portugal não seja possivel repetir-se uma situação como a que atravessâmos, pois vae nisso o decoro nacional e a existencia da Patria.

Baldaque da Silva.

GOVERNADOR CIVIL

Consta-nos, á hora do nosso jornal entrar na maquina, que o snr. dr. Duarte Sereno, de Penacova, aceitou o cargo de Governador Civil deste distrito.

E' uma individualidade de superior destaque que o governo coloca á frente do distrito de Coimbra.

O snr. dr. Duarte Sereno é um alto espirito, dotado de um limpido caracter e consciencia recta.

Estas qualidades, aliadas á sua conhecida firmeza e á sua grande prática da vida, levam-nos a esperar da administração de sua ex.ª os mais proficuos resultados.

Congratulamo-nos com a escolha feita e daqui enviamos ao snr. dr. Duarte Sereno as nossas felicitações pela prova de consideração que a Republica acaba de lhe dar.

(Da *Provincia*).

Efétivamente é já o nosso governador civil aquele ilustre cidadão e integerrimo magistrado.

Felicitamo-lo.

Paginas soltas

INVENTOS

A America do Norte é o paiz dos inventos e das maravilhas da fantasia.

A exuberância da vegetação: cerradas florestas virgens, extensas pradarias povoadas de alto capim onde vai pascer o bufalo; a configuração do solo com as altas montanhas rematadas em caprichosas curvas e gargantas hiantes formidaveis, montanhas onde repuxam *geysers* e se despenham cascatas; e até o clima de zona temperada onde impéram, é certo, os ventos frios que descem das regiões arcticas, mas onde tambem se fazem sentir as brizas do Pacifico, como os ventos alizeos do Atlantico; — fazem da raça *yankee* a gente da aventura e do maravilhoso.

E depois, o dinheiro é a mola oculta e mesmo á vista que faz andar a engrenagem do poderio e da filosofia alegre—(os filosofos sem dinheiro são sempre merencórios como Diogenes ou Rousseau...) E a America é rica. Nas entranhas do seu solo ha galerias auriferas, gigantes escrinios de pedrarias e até na zona boreal, na região do gelo ha pepitas de ouro.

Pois bem. A fantasia da excentricidade tem as suas afinidades com a fantasia inventiva do util. E assim, ao tempo que pelas ruas passam despreocupadas feministas, ou antes «masculinistas»... fumando charuto ou assobiando árias, estão nos seus gabinetes trabalhando os inventores.

Quem não conhece Edisson, ou antes os seus inventos? Nos Estados-Unidos desde a casa de papel até á babilónia de cincoenta andares em tudo se vê a inventiva americana.

Mas as linhas desta minha crónica fôram sugeridas pelo facto de um nosso compatriota residente nos Estados-Unidos ali ter feito duas descobertas: um preparado para tornar mais rijo o metal usado nas armaduras, e a obtenção dum combustivel com as propriedades da gazolina. O governo norte-americano recompensára o nosso patricio.

Isto fez-me pensar. Se aquele portuguez, que dizia o jornal chamar-se João Andrade, não tivesse emigrado levado pela sua fantasia para America por certo que não teria o seu nome ligado a nenhum invento. Se aqui se deixasse estar seria contaminado pela «febre de não fazer nada» que grassa na nossa sociedade; teria como único objectivo: ou viver do orçamento como empregado de secretária, ou embrenhar-se na politica para sêr pelo menos... ministro. E então adeus faculdades inventivas...

E' por isso que as nossas industrias definham e que temos de ir buscar ao estrangeiro o que nós poderiamos produzir com igual, senão mais, vantagem.

Ha dias no Porto a Companhia Carris suprimiu algumas carreiras. Perguntou-se o motivo. Falta de carvão? Não, informáram; é que a companhia não se preveniu a tempo e as peças dos carros que são *todas* de fabrico alemão, não podem vir agora.

... Bem fez o nosso compatriota em ir buscar a celebridade e o dinheiro á America, visto que aqui só a politica tem lugar...

Aurea Judit Amaral.

Regressou da sua importante casa da Beira (Vila Chã), acompanhado de sua gentil filha D. Elvira, o nosso presado amigo e considerado capitalista, snr. Antonio Maria da Silva Ferrão.

Damos-lhe as boas vindas.

Interesses do concêlho

Vila Franca — Sua impopularidade — Seu abandono

Vila Franca é pouco conhecida. Longe, em terras distantes, é necessario falar em Arazede, para distinguir esta ridente e laboriosa povoação do nosso concelho.

Ainda assim é uma localidade fertil, e não é já hoje nada do que era antigamente. Ligada á séde da freguezia por habitações recem-construidas, numa extensão de quasi mil metros, Vila Franca tem tambem condições de vida propria. Esquecida, completamente abandonada dos poderes publicos, a sua população, toda nascida ali e ali creada, emigra de uma fórma assustadora para paragens longinquas das Americas, Africa e notavelmente para Lisboa.

Teve, em tempos, um belo largo publico, denominado «Relveiro», hoje açambarcado por alguns habitantes, que gananciosamente lhe tiraram o seu valor historico, com consentimento da camara municipal; pois, arborisado, ou com edificações em linha reta, ficaria aformoseando o logar e deliciando os seus habitantes, pelo menos aos domingos e dias de festa. Nunca ninguem pensou em criar um mercado mensal em Vila Franca, e isso seria de uma grande utilidade publica, porque dava margem á sua popularisação e ao seu desenvolvimento economico. Ha anos efétuava-se ali uma das mais importantes romarias do concelho, a de Santa Eufemia, de tão gratas e historicas recordações populares. A santa, que segundo o povo apareceu no tronco de uma secular oliveira, foi de lá levada procissionalmente para casa de um pobre ancião, chamado Costa, e aí esteve até que lhe fosse feita a elegante capelinha que hoje possue, no centro do logar.

Houve uma fonte, — lembra a toda a gente a fonte da *Mina*, a deliciosa e fresca agua que ali se bebia— de uma nascente rasoavel, que nunca foi aproveitada, morrendo no esquecimento. Parte da população abasteceu-se de lá durante muitos anos; ao pé d'ela se namorou, ao pé da fonte da *Mina* se chorou e se cantou.

Podendo estar ligada á Tocha, aos Gordos, Zambujeiro e Zambujal, por uma estrada reta que muito incurtaria distancias, está de todas estas povoações completamente isolada, sendo necessario, para ir lá baixo á Tocha ou subir lá cima aos Gordos, ir por areias interminaveis para um lado e de volta, por Arazede, para o outro, ou então atalhar por terras cultivadas e prejudicar o semelhante.

Um dia falou-se na construção de uma estrada para a Tocha, mas essa lembrança teve a sorte das *despedidas*, uma flor odorante mas de pouca dura.

Não possue, pois, uma fonte publica, tendo a população que se abastecer de poços cuja agua é tudo quanto ha de mais nocivo e improprio para consumo publico!

E', porém, necessario ponderar que a vida d'hoje não é o viver de ha 50 anos, e os seus habitantes teem ali já ao pé um cartorio de notario cujo movimento atesta bem a importancia que o logar podia atingir, em melhoramentos, se os poderes constituidos se não esquecessem de Vila Franca.

Falecimento

No dia 7 do corrente faleceu em Coimbra a snr.ª D. Tereza Marques Ramos, virtuosa sogra do ex.mo snr. Joaquim Antonio Pedro, nosso presado assinante, e avó estremecida dos ex.mos snrs. Antonio de Barros Taveira Junior, inteligente e considerado guarda-livros da importante fabrica de moagens e massas alimenticias, da Estrada da Beira, daquela cidade, carinhosa esposa D. Amelia Taveira, Gilberto Simões e esposa.

Os restos mortais da ilustre extinta fôram piedosamente transportados de Coimbra para esta localidade, num carro armado em camara ardente e encerrados numa rica urna de mogno. Acompanharam o cadaver, daquela cidade até Arazêde, varios carros e automovel, realisando-se o préstito funebre, nesta terra, com a maior solenidade, organisando-se varios turnos no Largo do Santo Cristo, de onde a pobre e saudosa morta foi levada para o cemiterio, acompanhada por muitas pessoas amigas das familias Antonio Pedro, Pinto Ramos, etc.

Foi sepultada junto de seu marido, que ali já se achava ha anos.

A encomendação religiosa foi feita pelos arcipreste désta freguezia, snr. Joaquim Maria Laranjeira e padre Antonio Simões Carvalheira.

O *Dever* fez-se representar pelo ex.mo snr. dr. João Constantino, considerado notario na visinha povoação de Vila Franca.

A' ilustre familia enlutada, o nosso cartão de pezames sentidos.

Questões de ensino

Influencia educativa das professoras nas escolas para o sexo masculino

Ao ex.mo snr. J. Nunes Pais, distinto Inspector Escolar no circulo de Coimbra

Se a maioria das mulheres portuguêsas, pela sua constituição delicada, por hereditariedade ou sedentarismo, são bastante sensiveis e nervosas; e, «se a educação é uma segunda natureza», que corrige defeitos ou os agrava e multiplica, não ha que duvidar das minhas palavras um pouco em controvérsia feminista.

* * *

Tem-se discutido muito a influência educativa das professoras nas escolas para o sexo masculino. Hoje, que se me oferece o ensejo, vou apresentar a minha débil opinião sôbre êste importante assunto.

Eu julgo que o ensino ministrado por professoras nas escolas destinadas á frequencia dos meninos é prejudicial aos destinos do homem e ao progresso da Sociedade. Vejamos se assim é.

A mulher não é perfeitamente igual ao homem. Possue qualidades que diferem um pouco das do homem em intensidade e extensibilidade. Se assim é, como julgo, não infiltrará a professora aos seus alunos masculinos as suas qualidades mais intensivas e menos apreciaveis, como: *timidez, dissimulação, loquacidade...?*

* * *

Aquilo de que a nação precisa é de homens inspirados em um profundo sentimento dos seus deveres e responsabilidades politicas que tenham sido educados para cidadãos.

«Ora, depois da idade dos 7 anos, se as esferas da actividade masculina e feminina são perfeitamente distintas, e os homens devem assumir todas as responsabilidades da administração do país, não é conveniente que os rapazes fiquem a cargo de mulheres». E porquê? Eu penso que a mulher, como mãe, é divinal; como companheira nos destinos do homem, é magnifica; como artista de trabalhos manuaes, é habil; e é esplendida auxiliar do professor na educação e instrução de todos os alunos, e creio mesmo que ela é insubstituivel na educação e ensino das crianças com menos de 7 anos de idade.

Como professora, porém, das crianças do sexo masculino, com mais de 7 anos de idade, isoladamente, sem auxilio de professor masculino, julgo-a insuficiente e até prejudicial ás conveniencias do ensino e da Sociedade. Com efeito:

A criança do sexo masculino, por volta dos 7 anos, precisa de quem a guie no caminho da independencia digna, de quem lhe saiba formar o caracter, no sentido de atingir o grau mais perfeito do seu destino sobre a Terra: ser cidadão justo, livre e prestante. Ora, para atingir esse grau, precisa a criança do sexo masculino de quem lhe possa desenvolver e aperfeiçoar os sentimentos e qualidades que a natureza parece ter concedido em maior graduação ao seu sexo.

¿Poderá então o aluno masculino, depois daquela idade, receber orientação sólida e apropriada duma professora que treme de susto ao ouvir a detonação dum tiro? ou que grita ao avistar a cauda dum inocente lagarto? ¿Poderá receber orientação conveniente no caminho da liberdade justa e independencia digna, de quem toda a vida precisa dum certo amparo e protecção?

Não falta quem atribua á mulher qualidades extraordinarias que ela não possue.

Por isso, eduque-se e estime-se a mulher, sim, para que ela possa compreender o homem e auxilia-lo no decurso da sua atribulada vida; mas simplesmente naquilo para que tem aptidão especial, naquilo para que a natureza a destinou.

Eu não creio que a mulher por maior instrução que receba possa igualar o homem de talento ou de génio, quer na acumulação de conhecimentos vários, quer na manifestação de certos influxos subtis que irradiam do cerebro. Não creio. E não creio, porque nenhuma mulher, até hoje, tem conseguido atingir a vastidão intelectual dum Camilo Castelo Branco, ou dum Teófilo Braga... ou feito brotar do seu espirito os clarões assombrosos e profundos já dum Newton, Gutemberg ou Rogério Bacon, já dum Pasteur, Roentg ou Edison; quer dum Victor Hugo, Guerra Junqueiro, etc., etc....

E, se ha portuguêsas ilustres, como Filipa de Vilhena, ou francêsas corajosas, como Joana d'Arc, são elas raras excepções no mundo feminino. Mas, apesar de excepções, não notará o leitor alguma diferença entre o gesto, aliás nobre, de Filipa, e o feito heroico de Nun'Alvares Pereira? Não encontrará alguma diferença entre a coragem, aliás heroica, de Joana, e o prodigioso valor guerreiro de Napoleão?

A mulher é inegualavel no sentimento, e póde ser grande, muito grande, pelo coração e pela virtude. Mas, nas vastas operações que se efectuam no cérebro; nas altas concepções que se criam no espirito; na fôrça que firma e dirige a vontade, a mulher não póde emparceirar com o homem. Julgo que a prática mo tem confirmado.

* * *

Quanto a mim, pois, o melhor serviço que a mulher inteligente póde prestar ao homem intelectual que produz é atraí-lo por meio dos seus sentimentos altruistas para o Bem; é impulsioná-lo por meio da sua crença fervorosa para o Progresso; é dirigi-lo e animá-lo por meio dos seus sorrisos encantadores para o Belo.

Desenganem-se os feministas exagerados: apesar da mulher não ser igual ao homem, fisiologicamente, tambem não lhe é superior nem inferior. E' o seu complemento. E assim: na companhia dos pais, sendo honesta, é santa; ao lado do marido, sendo lial, é bela; junto do filho, sendo extremosa, é sublime; no lar, sendo cuidadosa, é rainha. A mulher é, pois, santa, é honesta, é bela, é sublime, é rainha, mas sempre ao lado de alguem que a compreenda e a reforce. Entregue a si mesma, porém, e fóra da órbita para onde a Natureza a impeliu, a mulher, por mais que faça, por mais que estude, não avançará, não progredirá jámais.

* * *

Por isso me parece poder concluir: A professora, tendo a seu cargo exclusivo alunos do sexo masculino, com mais de 7 anos de idade, não presta os serviços educativos que a Sociedade espera e precisa.

POMPEU FARIA DE CASTRO.
Professor.

P. S. — Ao oferecer este modesto artigo ao ex.mo Inspector do meu circulo, eu não tenho em mira qualquer favor material. O meu interesse é simplesmente de ordem moral. Consiste em prestar homenagem ás belas qualidades dêste distinto funcionário, as quais, reunidas no mesmo individuo, constituem um caso deveras singular: inteligencia, saber pedagógico, justiça e isenção politica (na acepção vulgar da palavra!)

P. de Castro.

DONATIVO

O interesse pela instrução do povo é uma coisa que felizmente se está evidenciando, mercê de almas generosas, de espiritos que, acima de tudo, põem a simpatica causa da emancipação popular, pelas letras.

Queremos referir-nos ao nobre gesto que praticou o importante proprietario e nosso presado amigo, snr. Antonio Joaquim d'Oliveira, da Quinta do Taipal, Montemór-o-Velho, oferecendo á Camara Municipal 50 escudos para auxiliar a aquisição de mobiliario para as duas escolas da séde do nosso concelho.

Práticas désta natureza, no nosso acanhado meio provinciano, são raras, mas muito contribuem para dignificar e tornar mais queridas as pessoas que assim procedem.

Bem haja quem tão bem compreende os seus deveres civicos e quem tanto procura tornar-se util ao similhante.

As cartas duma infeliz

MEU CARO LEOPOLDO:

Uma das tuás cartas sugeriu-me a ideia de lembrar-te a frase do pobre Job, daquele desgraçadito que, ha muitos seculos, andou por aí assim pedindo de porta em porta, sem cama e sem camisa.

«Porque a tua iniquidade ensinou a tua bôca, e tu imitas a linguagem dos blasfemadores. Pois a tua propria boca te condenará, e não eu; e os teus labios te responderão». Vê tu, Leopoldo. Olha bem para o conceito filosofico, sob o ponto de vista de educação de principios, das palavras que aí ficam. Eu ás vézes lembro-me de que aquilo é tudo comtigo, e com os homens e mulheres que, como tu, se preocupam com o semear ideias dúbias, como que querendo que toda a gente se converta ao mesmo dogma de irreligiosidade.

Eu bem sei o mal que me fazem á alma blasfemias como aquelas que tenho ouvido dos labios de creaturas que, pela sua edade avançada, tinham obrigação de ponderar melhor no desastroso efeito de falsos apostolados.

Como sou nova; como, porém, nesta idade, mais me preocupam os horisontes iluminados do futuro, mais me emocionam os idilios lembrando amôr e caricias, rosas odorantes de ventura, pouco se me dá que tu te aferres á vida misteriosa das casas de conspiração contra o meu crédo. Eu não vou lá.

A' noite, quando a luz da lua bate deliciosamente de chapa aqui nos vidros da janela do meu quarto de dormir, ponho-me a sonhar, mesmo acordada, nas horas felizes dos namorados, e então lembro-me, com saudade, das minhas amigas auzentes, dos seus contos de criança, dos seus amôres dalgum dia, e sinto-me reviver para um passado pouco distante ainda que, iluminando a minha existencia despreocupada e feliz, mais feliz me tornava então!

Eu não quero dizer, como diz a Biblia, que tu uzas da linguagem blasfemadora. Mas não ha duvida que um dia, eu o espero, nos havemos de encontrar a sós, e depois conversaremos juntos sobre o nosso antagonismo de ideias e de crenças. Tu não te zangas, e eu não me zango. Entendamo-nos bem, e eu julgo que a diferenciação das nossas opiniões, não póde causar a desagregação das nossas pessoas. E' este o livre pensamento mais alto e mais conceituoso. Hoje sou pouco extensa. Adeus. Saudades da tua

Irene.

Agua da Curia
Mogofores

As unicas aguas sulfatadas-calcicas que existem no paiz, similhantes ás afamadas aguas de Contrexéville, nos Vosges (França).

Ao snr. Director das Obras Publicas dêste distrito

Continua no mesmo estado, com grave prejuizo para a higiene publica e, sobretudo, para a conservação das habitações, o entulho da estrada distrital, mesmo dentro da povoação.

Impedindo a corrente das aguas, não só origina o seu emprezamento, como o seu curso para a propria estrada, danificando-a e causando maior prejuizo ainda.

O ex.mo snr. Paulo de Barros, digno director das Obras Publicas do Distrito de Coimbra prometeu nos, ha dias, numa carta amavel que nos dirigiu, tomar imediatas providencias neste sentido.

E' certo que o cabo désta secção, com séde na Carapinheira, aqui veio, mas devemos dizer, em abono da verdade, que este funcionario não só não faz caso das determinações superiores, como parece fazer vêr, senão ainda *chalaceia* com o assunto.

Esperamos do snr. Paulo de Barros a gentileza de providenciar inergicamente.

CAMARA MUNICIPAL

Sessão ordinaria da Comissão Executiva da Camara Municipal, de 16 de janeiro de 1915.

Presentes os seguintes ilustres vereadores, vogaes da Comissão Executiva: Monteiro da Costa, Goes, Esteves de Barros e Bazilio Tavares, bem como o presidente da mesma Comissão dr. Antonio Joaquim Simões.

Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior.

Em seguida disse o snr. dr. Simões, que tendo a Camara resolvido reconduzir a Comissão Executiva com excepção apenas do vogal Ferreira de Andrade, devido á sua residencia em Coimbra, causa grave transtorno e prejuiso vir assistir ás sessões, o que fizera saber á Camara, recondução aquela que muito penhora a Comissão, pela confiança que lhe deu, tendo sido eleito para substituir aquele vogal o digno vereador sr. Bazilio Tavares Lebre, cumprimenta-o por isso e felicita-se por ter um camarada e colaborador tão distinto na Comissão. E dito isto entende e propõe que a Comissão eleja, pela forma legal, a sua meza, Presidente, Vice-Presidente e Secretario.

A Commissão agradeceu toda a prova de confiança que pela Camara lhe foi dada na sua recondução, sentindo a saida do seu ilustre colega Ferreira de Andrade, cumprimentam o novo colega sr. Tavares Lebre que vê presente, passou a Comissão a fazer a eleição dos membros da mesa, recaindo a eleição nos mesmos vogaes—para presidente, o dr. Antonio J. Simões; para vice-presidente, o sr. José A. Monteiro da Costa; para secretario, o sr. Armenio Rodrigues Pato; e para vice-secretario, o sr. Bazilio Tavares Lebre; todos agradeceram a sua eleição.

Foi presente o seguinte expediente:

1.º Oficio da Secretaria da Imprensa Nacional, a comunicar que póde ser enviada a quantia de 5$00 para deposito de pagamento de inserção d'anuncios no *Diario do Governo*. Inteirada, mandou que lhe fosse enviada em selos postaes a aludida quantia, para em conta corrente serem pagas as importancias dos anuncios, porque o modo como foi no ano findo feito este serviço, causou embaraços e muito serviço á Secretaria.

2.º Oficio da 3.ª Repartição do Governo Civil de Coimbra, no qual o novo governador civil participa haver tomado posse do cargo de governador civil, afirmando poder este concelho contar com a sua franca e leal coadjuvação.

A Comissão resolveu cumprimentar sua ex.ª, oferecendo o seu auxilio.

3.º Oficio da Direcção Geral de Administração Politica, a comunicar que deu entrada naquela repartição o impresso de funções publicas, respeitante ao administrador Veiga.

Inteirada.

4.º Oficio de 9 do corrente, da Direcção das Obras Publicas, a perguntar de um caminho velho, abandonado, a confinar com uma propriedade de Eugenio Simões Marques, de Verride, se é ainda aproveitado ou dá serventia a alguma propriedade.

A Comissão, devidamente informada, resolveu-se respondesse: póde ser concedido porque nem serve para dar serventia nem é aproveitado.

5.º Dois oficios, dos professores de Tentugal, José Alexandrino Beja da Silva e das Means, Francisco Antonio Mendes, a comunicarem terem aberto as suas respectivas escolas no dia 2 do corrente, e enviaram a nota do respectivo mobiliario que nélas encontraram.

Inteirada, mandou que se archivassem.

6.º Oficio do medico de Pereira, dr. Calisto de Souza Brandão, a comunicar ter reassumido as suas funções em 23 do mez ultimo, tendo-se ausentado apenas por espaço de 6 dias.

Inteirada.

7.º Oficio do professor interino da escola de Verride, Julio Jacinto Nunes da Costa, a comunicar que entrou em exercicio no dia 4 do corrente, data do oficio.

Inteirada.

8.º Dois oficios dos professores de Verride a pedirem licença para não darem aula no dia 20 do corrente, dia de festa ali, dando a mesma aula no dia 21 (quinta-feira).

Foi concedido, visto não haver prejuizo para o ensino.

9.º Oficio do Presidente da Comissão Administrativa da Maternidade de Coimbra a enviar as folhas para pagamento ás subsidiadas de julho a dezembro ultimo, informando o presidente que se tinha efectuado o pagamento em 12 do corrente.

Fôram apresentados varios requerimentos de diversas pessoas do concelho a pedirem alinhamentos e um de Francisco d'Oliveira Girão e doutros proprietarios assinados, todos do Amieiro, a pedirem que sejam tomadas as necessarias providencias contra uma casa em estado de ruina, parte da qual já caiu.

Fôram apresentadas pelo mestre d'obras e alguns vereadores diversas informações sobre alinhamentos e licenças de terrenos para deposito de materiais.

Concedidas na fórma da lei.

Informa mais o mestre d'obras que tendo examinado as obras executadas na estrada da ladeira de Verride e as da rua, pelo empreiteiro Arsenio Lopes Quaresma, entendia que elas não podiam ser recebidas, por não se acharem concluidas, porque falta na estrada uma camada de saibro em parte do empedrado e na rua faltam por empedrar 15 metros de comprimento, junto ao Terreiro do Paço, e rectificar as covas que se acham feitas.

A Comissão ficou inteirada e entendeu que o mestre d'obras bem andou em dar das faltas conhecimento ao empreiteiro.

Foi nesta ocasião presente um requerimento da professora de Gatões, Lia Ramos de Matos, a pedir licença de 30 dias para tratar de negocios particulares.

A Comissão concedeu a licença e resolveu consultar a Inspecção Escolar do Circulo sobre se a licença deverá ser concedida com ou sem vencimento de categoria, visto que o motivo alegado não é o de doença.

O mestre d'obras apresentou uma nota da despeza feita com o calafate Adelino Narciso Gaspar, de Verride, como perito na vistoria feita á barca-ponte de Verride, sendo ele de opinião que a barca não necessita de obras durante 6 mezes.

A Comissão mandou pagar a despeza, na importancia de $80.

Foi presente um atestado medico para provar que o amanuense Contente Ribeiro esteve impossibilitado

de comparecer ao serviço desde o dia 2 até 19 do mez de dezembro.

Inteirada.

Resolveu satisfazer uma remessa de impressos á professora Gracinda Gouvêa Rodrigues, da escola das Means.

Confirmou o atestado da Junta de Paroquia de Montemór da pobreza de Maria Aureliana, do Casal Novo do Rio, creada de servir.

Resolveu lançar algum saibro na estrada que désta vila segue ao Casal Novo do Rio e rebater a calçada na rua Fernão Mendes Pinto, désta vila.

A requisição do vereador Goes colocar umas gaiolas de ripas para resguardo das arvores plantadas no Amieiro.

Suspender o guarda do viveiro de Arazêde e ordenar aos zeladores Manuel da Costa Monteiro e Manuel Serrano de alternadamente fazerem o serviço do mesmo viveiro, sendo dispensados de fazerem serviço de inspecção ao açougue désta vila.

Pôr a concurso a cadeira da escola feminina das Means, vaga pela demissão pedida por D. Alda Gomes de Paiva.

Em seguida foi encerrada a sessão.

AOS AGRICULTORES

Estamos entrados na epoca da sementeira da batata, e é de toda a conveniencia que os senhores se não esqueçam dos adubos quimicos e organicos, da acreditada casa *Varela, Leal & C.ª, das Varzeas*, e que se encontram **á venda em casa de Manuel Monteiro Godinho,** com deposito no **Casal do Gaio, Arazêde.**

Está doente e de cama o nosso presado assinante, snr. Manuel Costa, comerciante na visinha povoação de Vila Franca.

Tambem tem estado muito doente a snr.ª Justina d'Almeida, esposa do snr. Manuel d'Almeida, de Vila Franca, e mãe estremosa dos nossos presados patricios snrs. Eduardo d'Almeida, ferro-viario zeloso no Cacem e Manuel d'Almeida, activo jardineiro em Bemfica.

Desejamos as melhoras dos enfermos.

POSTA RURAL

David Araujo, Marmeleira.—Ainda nem tudo o que é bom acabou. V. ex.ª declara-nos que o seu debito á administração do *Dever* é superior áquele que lhe indicámos. Calcule v. ex.ª: acostumados como estamos á auzencia de taes honrosos processos, ainda o seu nobre gesto nos parece um sonho. Tem razão e enviar-lhe-hemos recibo com maior importancia.

José Bento da Cunha, Vizeu. — Recebemos tudo e a tudo demos cumprimento. Nada tem que agradecer. V. ex.ª é uma alma generosa e bôa, e por isso não estranhamos que nos preste sempre o seu valioso auxilio. A demora de resposta motivou-a a nossa auzencia de quatro dias. Desculpe.

Joaquim Marques Craveiro, Lisboa. — O *Dever* tem sido sempre remetido. Pontualmente endereçado, conforme sua determinação, só ao correio cabe a culpa de lhe não ter sido entregue. Ha por esse paiz fóra muito disso. Reclamar? Já não vale a pena...

Alice Oliveira,
aluna externa do 5.º ano de piano do Conservatorio e com o curso de musica: léciona, em sua casa ou dos alunos, como se convencionar.
RUA DO SUB RIPAS, 10
COIMBRA

CARTA DE MONTEMOR

Montemór-o-Velho, 10.

Mariana Ricarda. — Faleceu ha dias esta mulher, que, apesar de ser uma creatura humilde e simples, muitos pobres a hão de chorar com saudade, pelas muitas lagrimas que ela lhe enxugou e beneficio que lhe fez.

Era pobre e humilde como eles, mas no seu magro arcaboiço de mulher rude e simples, albergava-se uma alma franca e um coração onde nunca faltou a abnegação e o carinho, para, atravez as sombras da obscuridade em que vivia ignorada, socorrer e mitigar a fome aos seus irmãos de infortunio.

Que o digam esses mendigos estranhos que por aí aparecem a pedir, que na sua humilde barraca encontravam sempre asilo certo, ainda que alguns fossem bastante indignos de tal beneficio. E isto porque estes, não passando de refinados gatunos, mascarados de pobres no fim dela os ter agasalhado, saciado a fóme e limpado a miseria que traziam, pagavam-lhe toda essa caridade e abnegação, roubando-lhe artigos de roupa e outros objectos.

Sucedeu-lhe isto muitas vezes, mas apezar dos firmes protestos que indignada fazia de não tornar a abrir as suas portas, a pobres estranhos, nunca, porém, teve animo nem coração para se manter nessa atitude.

Vivia a caridosa mulher com sua irmã, Maria Rosa, a quem sempre protegeu e nunca abandonou, sustentando-se apenas dos reduzidos proventos que lhe deixara uma locandasita, onde nos dias de mercado, vendia vinho e comida aos feirantes e duma pensão de 4$50 centavos mensaes, que Joaquim Jeronimo de Oliveira, capitalista falecido em Lisboa, lhe tinha deixado em testamento, em recordação dos muitos sacrificios que a falecida em tempos por ele tinha feito.

O tempo e a agricultura.— Está-se tornando bastante critica a situação dos pobres lavradores, pois que, retidos em casa ha tanto tempo pela insistencia das desapiedadas invernias que nos teem flagelado e continuam flagelando, não sabem quando poderão proseguir nos trabalhos agricolas da presente quadra do ano e cujos serviços se acham, por tal motivo, atrazadissimos.

Devido ás chuvas caudalosas que hontem caíram durante o dia, já hoje as aguas, que quasi já tinham desaparecido dos campos, tornaram a crescer com bastante força, estando por isso em riscos de sermos mimoseados com uma enchente ainda maior do que a passada, bastando para isso que uma pinga dagua morna dilua as neves que se acham aglomeradas nas serras. Porém, dado mesmo que isto não suceda, que o tempo melhore e que as aguas desapareçam dos campos, estes com as terras feitas em lama, não se encontrarão em estado de se poder cultivar tão cedo como o reclama a exigencia dos trabalhos agricolas da época.

Este estado de coisas, está pois revestindo um aspecto muito feio e desanimador, cujas consequencias não poderão deixar de ser amargas, sobretudo para aqueles que apenas vivem do que mourejam de sol a sol, pois que ha tanto tempo paralisados por falta de trabalho, não tardará muito que a fome lhes bata á porta com todos os seus horrores.

Ranchos de tricanas. — Se bem que estejamos ainda no principio de fevereiro, todavia, para que nem tudo sejam maguas e tristezas, os ranchos de tricanas desta vila, *6 de Julho* e *Formosas do Mondego*, quer um quer outro, já se andam preparando com novas musicas e canções, para nas noites de S. João do corrente ano disputarem a palma do triunfo e cujos ensaios devem principiar brevemente.

O *Formosas do Mondego*, que no ano proximo findo apresentou um luxuoso pavilhão, trabalha activamente para este ano apresentar outro ainda superior, no qual se exibirá tambem um interessante rancho de creanças, o que muito, de certo, deve realçar a beleza do conjunto.

Por sua parte o *6 de Julho*, emprega tambem os esforços para apresentar um pavilhão melhor que o do ano passado, de medo a poder hombrear com o do seu rival.

A avaliar, portanto, pelo entusiasmo e influencia com que as duas colectividades dançantes andam por esta forma, tão cedo, dispondo as coisas, devem fazer sucesso, atenta jamais a boa apresentação dos nossos rapazes e raparigas e muito especialmente a competencia dos ensaiadores que escolheram, os quaes pelo seu saber e bom gosto de marcas são dignos um do outro.

Tanto um como outro, que por sinal são ambos de Coimbra, já teem dado provas do que sabem neste genero.

Para tudo, porém, correr bem, sem desaire para nenhum dos ranchos, será bom que as meninas, e, ainda mais, suas mães, tias e avós, não comecem para aí a dar largas á lingua, cuspindo insultos e injuriando-se umas ás outras, como fizeram no ano passado, chegando ao excesso de ficarem mal e indispôr familias.

Devem reconhecer que além de esse procedimento as prejudicar moralmente é muito feio e vergonhoso para uma terra de nobres tradições de fidalguia como é Montemór.

Que o despique entre si, não passe, pois, de uns picarescos versos sem medida nem rima obrigada que vão cantando aos influentes de cada um dos ranchos, visto que é uma coisa que tem piada e não ofende nem melindra ninguem.

Posse de medico. — Tomou hontem posse na secretaria da Camara Municipal, o snr. dr. Mario Mendes, medico ultimamente despachado para o partido da freguezia de Arazede e que nos dizem ser sua ex.ª um clinico muito distinto e dotado dum primoroso caracter. Certamente devido ás boas informações de que vinha precedido e a que o *Dever* já se referiu, a posse foi muito concorrida, sendo o respectivo auto assinado pelos seguintes cidadãos, snrs.: dr. Francisco Luiz Coutinho da Silva Carvalho, dr. João Batista Rodrigues Loureiro, dr. Armando Geraldo Pinto Monteiro de Carvalho, dr. Ismael de Sá Carvalho Sampaio, Benedito Galvão de Carvalho, Fernando Augusto Barbosa, José Paiva Bobela Mota, Adrião Pereira Forjaz de Sampaio, João Paes Mamede, Antonio Augusto Rodrigues de Campos, Carlos Delnegro Monteiro de Carvalho e Alberto Barbosa de Sá Osorio.

A posse foi dada pelo snr. Fernando Barbosa, presidente do Senado.

Passeio fluvial. — Depois de ter lançado á agua, no domingo, em Coimbra, um novo barco a que poz o nome de *Judith*, uma equipe composta dos snrs Idães Junior, Amandio Reis, Dias Santos, Macario Andrade, João Estrela e José Santarino, realisaram em seguida o passeio fluvial no mesmo barco, Mondego abaixo até á Figueira da Fóz, em visita á Associação Naval desta cidade, de que são socios.

A despeito do mau dia que escolheram, pois não estava nada agradavel para passeios fluviaes, eles chegaram a Montemór muito bem impressionados com a sua viagem até aqui, dizendo ter sido magnifica.

Depois de terem petiscado alguma coisa afim de se reconfortarem das fadigas da viagem, seguiram para a Figueira muito satisfeitos e esperançados de chegarem tambem a esta cidade sem novidade.

Preces a favor da paz. — No domingo tambem se realisaram preces para acabar a guerra, na egreja matriz desta vila, sendo muito concorridas e no fim das quaes, a comissão de beneficencia deste concelho, mandou distribuir 50 centavos de esmola por cada um dos seguintes pobres:

Amelia Xavier, Luiz da Silva Coelho, Maria Gregoria, Maria Rita Faria, Maria da Conceição Pires, Rosa Crispim, Maria Ferreira, Maria Pereira, Tereza da Costa Cordeiro, estes de Montemór; Maria Coelho Missa, do Casal Novo do Rio, Joaquim Correia e João de Deus, de Quinhendros.

Anos.—Fal-os hoje a menina *Mariquinhas* Dias, simpatica e bondosa filha do nosso amigo snr. João Dias.

Os nossos parabens.

M.

Agradecimento

Joaquim Caetano Louro, distribuidor rural em Arazêde, agradece penhorado e comovido a todas as pessoas que sentiram o seu desgosto, causado pelo falecimento de sua esposa, e a todas aquelas que se dignaram acompanhar a pobre morta á sua ultima morada, especialisando as pessoas suas amigas do concelho de Montemór e mais particularmente as da freguezia de Arazêde.

Foi exonerado a seu pedido o regedor da nossa freguezia.

Ainda não foi substituido, e a falta de regedor depõe mais ou menos em desabono da nossa terra. Ha muito que nem ajudante tinhamos, e é de justiça que se não faça demorar a nomeação de novo regedor com o respetivo substituto.

Beira-Alta

Pedin a demissão de Director da Exploração da Beira-Alta, o snr. engenheiro Vasconcelos e Sá. Parece que sua ex.ª resolveu sair em vista de lhe não ter sido aprovada superiormente uma proposta tendente a melhorar a situação do seu pessoal graduado, cujos salarios por fim fôram aumentados em 5 centavos diarios.

Foi provisoriamente substituido pelo snr. D. Fernando de Serpa Pimentel.

Foi promovido a chefe de 1.ª classe e colocado em Figueira da Foz, o nosso presado amigo snr. José Gomes d'Almeida, zeloso funcionario daquela companhia.

O antigo chefe de Figueira, snr. Manuel Matoso, que fez ali um excelente logar, foi colocado em Pampilhoza, com a mesma categoria, mas exercendo as funções de adjunto.

A todos felicitamos.

Por lapso não mencionámos, no nosso numero passado, o nome de todos os padrinhos que testemunharam o consorcio do nosso presado assinante snr. Manuel Teixeira.

Além do snr. Joaquim Coca Junior, paraninfaram o acto o snr. Manuel Cação Ribeiro, da Arribança, Belarmina Mendes e Maria Costa Barreto. Tudo correu em socego, com o maximo respeito.

MEDICO

Tomou posse na terça-feira, do seu logar de medico do partido municipal com séde na nossa freguezia, o snr. dr. Mario Mendes, que tenciona apresentar-se nesta terra lá para fins da proxima semana.

CARTA DE COIMBRA

Ensino agricola.—Com a creação da Escola Tecnica Secundaria de Santarem sofreu algumas modificações a Escola Nacional d'Agricultura, avultando a da eqnivalencia do 5.º e 7.º ano da Escola á 2.ª secção e curso complementar dos liceus, o que fará derivar a concorrencia para a verdadeira fonte da riqueza nacional, desviando, como é mister, das carreiras democraticas a que desde sempre andamos apegados. O ensino compreende três ciclos: o de preparação geral, o de preparação profissional e o complementar, cuja frequencia é obrigatoria apenas para a matricula no Instituto Superior d'Agronomia.

Só alunos internos podem frequentar a Escola Nacional d'Agricultura, de 11 a 14 anos incompletos, no acto da matricula, sendo transferidos para Santarem os alunos externos, e os internos que o requeiram até 15 do corrente.

Foi restabelecida a cadeira da lingua latina para a uniformisação, no ciclo de preparação geral, com o ensino dos liceus. Ha apenas um exame no fim do ciclo. Conveniente seria que providencias se tomassem para que maior fosse a lotação da Escola, reduzida atualmente a uns sessenta alunos.

Pela policia.— Por Maria Emilia Simões da Luz, da Marmeleira do Botão, foi ontem apresentada queixa ao sr. comissario contra uns *graciosos* d'aquele logar que se entreteem na escuridão da noite a lançar *pulhas* que ferem a honra e a dignidade de sua filha Laurinda. Bom seria que lição fosse dada, embora gratuita, aos espirituosos cidadãos.

Jornaes.— Apareceu *A Capa Comica*, de pequeno formato, dos alunos do liceu Antonio Donato e Bastos Junior. Que cresça são os nossos votos.

— Assumiu a direcção do *Debate* o ilustre medico sr. dr. Julio da Fonseca.

— Interrompeu a sua colaboração no *Jornal de Coimbra* o nosso dedicado amigo Gualberto da Cunha e Melo.

Julgamento.—Depois de absolvido no Porto pelo crime de ter assassinado a esposa, foi novamente julgado em Coimbra José da Silva Miranda, condenado em 4 anos de Cadeia Nacional e 6 de degredo, sentença que foi bem acolhida pela justiça prestada.

Defendeu as reclamações da sua constituinte, Ester Fernandes Rodrigues, filha da assassinada, o advogado portuense sr. dr. Bernardo Lucas, sendo defensor do reu o sr. dr. Antonio Alberto dos Reis.

Despachos e transferencias. — Foi nomeado ajudante do conservador do registo predial nesta cidade o sr. dr. Antonio Alberto dos Reis.

— Foi transferido da Estação Zootecnica da Fonte Boa, Santarem, para a Escola Nacional d'Agricultura o siderotecnico sr. João Baptista da Silva Valente.

Castilho.

CASAMENTOS

Consorciou-se no dia 10 do corrente, nesta localidade, o snr. Manuel d'Oliveira Costa, do Bebedouro, com a snr.ª Maria Rosa de S. José, da Bunhosa. O noivo é sobrinho do nosso presado patricio e amigo, snr. Francisco d'Oliveira Costa, dignissimo escrivão de direito e notario em Vila Viçosa. Foram padrinhos os snrs. Manuel Jorge Fernando e Manuel Ferreira Miranda.

Tambem no mesmo dia se efétuou o consorcio do snr. José Francisco Bajança, de Liceia, com a snr.ª Ermelinda de Jesus, do Tojeiro, desta freguezia. Foram padrinhos Antonio Loureiro e Manuel Gomes.

Desejamos aos noivos as maiores felicidades.

Guilherme dos Santos Pinto & Irmão
COM
OFICINA DE CANTEIRO

Encarregam-se de jazigos de toda a especie e todo o serviço concernente á sua arte.

Tambem executam todos os trabalhos que digam respeito a *Plantas, Alçados, Copias, Projectos e orçamentos de edificios, edificações, etc.*

Montemór-o-Velho=Verride

FABRICA DE CAL

Cal fina e grossa, fornece-se em muito boas condições. Preços modicos, sobre o wagon, no caminho de ferro e nos proprios fornos.

Agente de telha tipo marselha e tijolos de todos os formatos, da fabrica Lacerda, Figueiredo & C.ª Limitada, da Pampilhosa.

Pedidos a

Joaquim F. Coca Junior
Zambujeiro—Arazede

AGUA DE LUSO -- Cura pela Diurése

(ESTABELECIMENTO TERMAL E HOTEIS ABÉRTOS TODO O ANO)

A mais diurética e mais digestiva. Aumenta a diurése, regularisa as funções digestivas e ativa os fenómenos nutritivo

Muito radioativa—4,49 miligramas—minutos
Muito ionisada, resistividade a 18° 18300 ohms
Muito rica em gazes raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotonica, ponto criospico 0°,04
} Conclusões da analise feita pelos distintos professores Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitissimo pura, não tem colibacilo nem bacilo titico

USO EXTERNO—Molestias de pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc.), reumatismo e gôta.
USO INTERNO—Artritismo, impaludismo, neurastenia—Albuminuria, diabetes—Intestinos, estomago—Rins—Bexiga.

Depositos -- **LISBOA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros. 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 428. FUNCHAL, José Quirino de Castro, rua dos Murças. AFRICA ORIENTAL: Oswald Offmann.**
BEIRA: F. L. Simões & C.ª. LOANDA: Beltrão, Pena & C.ª, e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositarios nas terras onde ainda os não haja.

Seguros contra incendio — incluindo riscos de explosão de gaz e raio.

Seguros contra incendio — cobrindo tambem os riscos de *Greves* ou *Tumultos* (portaria de 14 de Março de 1914).

Seguros contra incendio cobrindo ainda os riscos de *Guerra* (portaria, 30—XI—1914).

Unica companhia autorisada a segurar os riscos de Guerra nas apolices Incendio

As apolices d'A MUNDIAL são portanto as que mais conveem aos interesses dos proprietarios, locatarios, industriais, comerciantes, etc.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS
Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital Esc. 500.000$

Séde em Lisboa
Rua Garrett, 95
Telephone n.º 4084

Delegação do PORTO
Praça Almeida Garrett 22|24
Telephone n.º 1459

ENDEREÇO TELEGRAPHICO—**MUNDIAL**

Agentes em todas as localidades do paiz ilhas e colonias

Livraria e Tabacaria Cunha

Livraria Moderna e Tabacaria Augusto Henriques (reunidas)

Alberto Gonçalves Cunha

150, Rua Ferreira Borges—COIMBRA

TELEFONE N.º 293

LOTARIAS—Bilhetes, suas fracções e cautelas. Variada série de numeros certos.—Premios frequentes.
TABACOS—Nacionais e estrangeiros. As melhores marcas de cigarros e charutos.—Todos os artigos para fumadores.
POSTAIS ILUSTRADOS—Sempre as ultimas novidades em todos os generos.—Bilhetes de visita, impressão rapida.
PAPELARIA—Finissimos papeis de carta em caixas aos cadernos.—Objectos para escritorio e desenho.
LIVRARIA—Nacional e estrangeira, Revistas, Publicações.—Figurinos.—Musicas.

Livros usados, antigos ou modernos, em qualquer estado, em grandes ou pequenas quantidades, compra em qualquer parte.

Passagens para o Brazil e Africa

José de Almeida

Negociante nas Pontes de Cadima, concelho de Cantanhede, e correspondente de todas as Companhias de navegação

Faz constar que vende passagens para todos os portos do BRAZIL, AFRICA, etc., a preços reduzidos, para o que está legalmente habilitado.

A sua vida de seriedade e honestidade são garantia segura para que os que desejam comprar passagens o procurem de preferencia a qualquer outro.

MACHINAS AGRICOLAS

Tararas—Escaroladores—Esmagadores de uvas—Charruas de *Rud-Sach*, etc., etc., podem ver-se no meu armazem de Cantanhede, onde estão em exposição, as quaes são fornecidas pela acreditada casa *Herold*, as quaes tambem são uma especialidade da industria allemã.

Preços limitados.

Dirigir a **Fortunato Vaz**—Camarneira—Cantanhede.

Restaurante Ferro-viario

ALFARELOS

ESTE bufete, um dos que melhor servem o publico que transita nos comboios, acha-se situado na estação do caminho de ferro de Alfarelos. Fornece almoços, jantares e *lunchs* e toda a qualidade de refeições, por preços comodos. Tem pessoal habilitado, tanto em cosinha como em sala de mesa. Fornece comida para fóra, e presta se a servir em casamentos, batisados, etc., desde que seja prevenido com antecipação. Tudo se encontra com esmero e perfeição.

O proprietario, **Artur de Oliveira Coelho.**

Companhia de Seguros

A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz
Antonio d'Oliveira Guerra
RUA DA REPUBLICA, 84

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima—Vila Nova d'Outil

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraude praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legitimos acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de fórma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamavel, isca em cordão vendida fraudulentamente a titulo de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva acção civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa ao Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando-se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalisação para procederem ás necessarias diligencias. Dirigir-se pessoalmente ou por carta á Companhia Portuguêsa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS

MELO & MARTINS

PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada

PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiencia dos nossos adubos, devido ao seu magnifico resultado os adoptarão de preferencia a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro
PAMPILHOSA DO BOTÃO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex.mos passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.
Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA

Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.
PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações
Deposito das afamadas aguas de Luso.

Hotel de la Paix

JEAN OZUN

Situado num dos pontos mais centrais da capital, belas vistas sobre o Rocio, é um dos modernos hoteis que mais comodidades oferece.

Bom serviço de cosinha á franceza

Almoços, 60 centavos. — Jantares, 80 centavos. — Serviço á lista.

3 Calçada do Duque, 3 — **Lisboa**

Fabrica de Lanificios

— DE —

MANOEL JERONIMO DE MATOS

COVILHÃ

Fornecedor da caixa de socorros dos empregados da Companhia Portuguesa

Esta fabrica, uma das mais acreditadas da Provincia da Beira Baixa, fornece, por preços convidativos, especialmente a particulares do continente e ilhas, os melhores produtos da sua fabricação, tais como casimiras, cheviotes e estambres, empregando materia prima de primeira qualidade, esmerando-se quanto possivel na sua execução e adotando os melhores padrões e côres que a moda impõe nos centros elegantes estrangeiros.

Envia amostras para todos os pontos, para o que bastará o pedido feito num simples postal.

Pedidos a

Manoel Jeronimo de Matos--Covilhã

Ano 3.° Arazêde, 21 de Fevereiro de 1915 N.° 157

Director, administrador e editor
J. d'Almeida Junior

Representantes em muitas terras do país, Africa e Brazil

PROPRIEDADE DA DIRECÇÃO

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguêsa

Pátria e Humanidade

Redação e Administração
ARAZEDE

Toda a correspondencia relativa a este jornal, deve ser dirigida ao Director, para Coimbra

Composição e Impressão
Tip. Silva (a vapor)—AVEIRO

Biblioteca da Universidade Coimbra

Dominio Colonial Portuguez

O nosso dominio ultramarino tem custado ondas de sangue, rios de oiro e incalculaveis sacrificios.

A' custa de aturadas canceiras, e interminaveis pesquizas, descobrimos as nossas terras de alem-mar, algumas já perdidas, mercê de irreflectidos golpes de vista, e á custa de não menores sacrificios temos mantido algumas, a despeito da cubiça alheia, cada dia mais acendrada e impertinente.

O povo do continente da Republica não sabe bem ainda o que possue em Africa. Pouco dado á solução de problemas de maximo alcance e interesse maximo, deixando-se enamorar por politicos de facção e ambiciosos escaladores do mando, pouco se lhe dá com o que vae lá por longe, ignorando, quasi criminosamente, o seu valor como povo colonial.

N'esta hora de suprema dôr lá se estão jogando, muito longe de nós, os destinos de uma das nossas mais ferteis e importantes provincias africanas. Angola tem manchado de sangue as paginas da nossa historia colonial. E ainda agora, causando lagrimas e aflições, atirou para o luto muitas familias, originando a desgraça de muitos lares saudosos e de futuro já de si comprometido, não se sabendo até onde irá tamanha tragedia nem quantos desgostos mais causará ámanhã!

Os relatos oficiais dão-nos, por emquanto, cento e tantas vidas perdidas, entre mortos, feridos e desnorteados, mas a caminho da morte ou ao encontro da gloria teem sucessivamente partido muitos irmãos nossos, alguns perecendo no caminho com a alma mergulhada na saudade e os olhos postos no futuro dos que por cá ficaram a chora-los comovidamente.

E' duma responsabilidade enorme o dever dum cidadão fiel á sua patria, ás tradições aureoladas da sua raça aferrado com desvelado carinho.

E essa responsabilidade e esse dever são tanto maiores, quanto a historia de um povo é iluminada pelos clarões pujantes duma bravura inegualavel.

Neste paiz de canções guerreiras não se póde nascer varão sem se ligar, desde o berço, o melhor do seu sangue e o mais saudavel da sua vitalidade á sua patria muito amada.

A' medida que se vae cicatrisando o cancro minaz do analfabetismo, vae subindo de tenção, na alma dos portuguezes, o amor por tudo que denote independencia e valentia, enormidade de patriotismo e aperfeiçoamento de caracter. Por isso mesmo não admira a perda de tantas vidas em holocausto á honra da nacionalidade ofendida.

Quem nos atacar ha de saber como e, só falseando-nos, poderá, ficticiamente, levar a melhor. Porque o nosso dominio ultramarino tem custado ondas de sangue, enormissimos sacrificios, e não é de pé para a mão que abdicamos dos nossos direitos de povo livre e emancipado.

A' custa de aturadas canceiras e interminaveis pesquizas descobrimos as nossas colonias, que a maior parte do povo do continente persiste em não querer avaliar nem conhecer, como se lá longe, envolto em florestas e areais desertos não sofresse a mesma patria que nos viu nascer, que nos embalou nas primeiras horas da nossa existencia incerta e atormentada por luctas e pezadelos sem fim, e á custa de aturados sacrificios temos o dever de manter a sua integridade ameaçada, muito embora haja que derramar-se mais sangue e dispender-se mais oiro.

Almeida Junior.

BAILES

Em casa do nosso presado amigo snr. Antonio Maria da Silva Ferrão realisaram-se, nos trez dias de carnaval, bailes deslumbrantes, em que a *jeunesse dorée* da localidade se divertiu imensamente.

Todas as noites se dançou com entusiasmo, mas o baile de terça-feira suplantou os outros pela sua concorrencia e animação.

Fôram trez noites que nos recordaram, com saudade profunda, as noites distantes da desenvoltura da nossa mais ardente mocidade, aquele tempo em que a lua, batendo de chapa no lago do jardim, coando-se atravez das grades de ferro, ia iluminar os rostos gentis de graciosos namorados.

Dentre a numerosa assistencia lembra-nos ter visto os snrs. Canelas e sua gentil filha, a snr.ª D. Maria das Dôres Canelas; D. Fernandina e Isaura Tavares e suas manas; o nosso presado representante snr. Alfredo Ferrão, ex.ma esposa e filhos; Antonio d'Almeida, irmão do nosso director; D. Guilhermina da Queda; D. Elvira Ferrão, Alvaro Ferrão e familia, Ismael da Cruz, Padre Antonio Simões Carvalheira, Ribas de Souza, Alberto Matos Tavares, Coca Junior, D. Maria d'Andrade, D. Arminda Baia e muitas outras pessoas cujos nomes nos não ocorrem.

De Coimbra fôram os estudiosos academicos, snrs. dr. José Rafael de Sampaio, do 4.º ano de direito; José João d'Azevedo Cruz Pereira, do 2.º ano de matematica; Matias Lopes Guêdes, do 2.º ano de farmacia e Alvaro Ferrão, do 2.º ano de medicina.

As senhoras, que trajavam vistosas *toilettes* á moda do Minho, muito contribuiram para realçar cada vez mais os interessantes bailes carnavalescos.

Noites de amôr, noites de sonho, em que o coração dos amantes palpitou com frenesi, elas hão-de perdurar, na memoria dos assistentes, da mocidade que ama, por largo tempo, com saudades infindas...

Estas festas encantadoras fôram abrilhantadas pela distinta Tuna de Lemede e quatro guitarristas do Casal do Gaio.

Eleições

O modo como foi resolvida a ultima crise ministerial não contentou por fórma alguma a opinião publica.

Porque? Todos o sabem.

Porque taf situação nem tem base segura em que se apoie.

O ministerio que, mercé dum bamburrio politico, tomou numa hora critica conta das cadeiras governamentais, está realisando ás claras e abertamente a mais furiosa das perseguições contra o maior e mais bem organisado dos partidos da Republica.

Encapotadamente a principio, sob a mascara dum pretendido extra-partidarismo, em breve, porém, se viu ter a sua constituição obedecido a um unico fim: exterminar *(sic)* o partido democratico ou, pelo menos, obstar a que pelas proximas eleições gerais este partido alcance de novo a maioria nas camaras.

Poderá por ventura considerar-se extra-partidario um ministerio que está nomeando para os cargos administrativos individuos de reconhecida filiação partidaria, e ostensivamente adversos ao Partido Republicano Portuguez?

Como se compreende que evolucionistas e camachistas quando do gabinete Bernardino Machado, ha poucos mezes ainda, pedissem em altos brados a substituição de todas as autoridades administrativas partidarias, e hoje aplaudam já a nomeação dêssas autoridades?!

Não será, por ventura, já necessario para a tão implorada imparcialidade das eleições, que á frente dos corpos administrativos estejam individuos estranhos aos partidos?!

Oh coerencia! Onde estás tu?

Mas, se todas essas perseguições politicas que nos ultimos dias se tem dado, teem por fim, como já para ai se diz sem o menor rebuço, *exterminar* o partido democratico, parece-nos ser já tarde de mais para tal conseguir.

Não se extermina assim, com essa facilidade, um partido politico que está fortemente constituido e radicado na alma nacional, que tem o apoio das massas populares e que realisou já, quando no governo, uma larga obra republicana e patriotica.

Não; e que tal não conseguirão os seus variados inimigos ver-se-ha mais uma vez nas proximas eleições gerais que urge realisar o mais breve possivel, para que o paiz diga por quem quer ser governado.

O Partido Republicano Portuguez ha muito que anda clamando por que as eleições se realisem para que a Republica entre de vez na normalidade constitucional, mas os outros partidos vão sempre requerendo sucessivos adiamentos como que prevendo a inevitavel derrota por que mais tarde ou mais cedo terão de fatalmente passar.

R. Brito.

Pessoas de bem e obras meritorias

Os senhores Luiz Leitão, Fontana da Silveira e suas esposas; Luciano Silva, Eduardo Moreira, etc., formam uma pleiade simpática de criaturas honestissimas que vivem em Lisboa e que se impuzeram o dever inquebrantável de propagandear os mais sadios princípios de moral social e humanitária, por êsse Portugal fóra.

E, assim, o senhor Luiz Leitão, que não é rico de dinheiro (embora o seja de inteligência e de bondade), é o digno director de uma revistinha, que se chama *Revista do Bem*, e que espalha gratuitamente por todo o país.

O senhor Fontana da Silveira é o distinto director doutra revistinha infantil, que tambem envia gratuitamente ás escolas primárias da sua Patria.

Suas esposas, respectivamente, auxiliam-nos eficazmente nesse cruzada santa e bela, dando a lume livrinhos fundidos nos mesmos moldes morais e educativos. Ainda agora recebemos uns livrinhos devidos á pena e ao coração da snr.ª D. Ermelinda da Silveira, cuja leitura é encantadora e cheia da maior oportunidade.

Os senhores Luciano Silva e Eduardo Moreira são os respeitaveis redactores dum jornal mensal que dá saude fisica e moral, a quem o lê, e que se publica em Lisboa, cujo titulo, *Mundo Moral*, não podia ser mais adequado á doutrina professada pelos referidos cidadãos e superiormente exposta nas colunas do salutar jornal. Enviam-no a quem oferecer 20 centavos por ano!

Ora, todas estas publicações, duma grandeza moral infinita (permitam-me a frase), ou são muito pequenas no formato, ou muito irregulares na sua aparição. Porquê?

Julgo que por falta de auxilio monetario suficiente.

LUIZ LEITÃO

Não haverá então entre os leitores dêste jornal uma ou mais pessoas boas, com fortuna ou com boa vontade, que queiram auxiliar, directa ou indirectamente, êste genero de publicações?

Não é verdade, leitor amigo, que nem só de pão vive o homem?

Pois quem tiver alguma lembrança boa e queira torná-la um facto, póde dirigi-la ao snr. Luiz Leitão, o mais velho propagandista citado, morador na Avenida Casal Ribeiro, L. L. —

LISBOA.

P. de C.

N. da R.—O Dever, fazendo suas as palavras dêste amigo e aproveitando a fina gentileza de outro amigo, tem a subida honra de apresentar aos seus presados assinantes o retrato do ilustre propagandista do Bem — snr. Luiz Leitão.

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autôres.

Pampilhoza do Botão

No proximo numero daremos aos nossos leitores, conta do que se passou nos bailes realisados pelo carnaval, no elegante Gremio de Instrução e Recreio daquela localidade, pois tardiamente nos chegaram ás mãos os competentes dados.

CAMARA MUNICIPAL

Sessão da Comissão Executiva da Camara Municipal de Montemór-o-Velho, de 23 de janeiro de 1915.

Presentes os vogaes vereadores da Comissão Executiva: Tavares Lebre, Monteiro da Costa, J. Goes e Esteves de Barros, como fossem treze horas e meia e não comparecesse o presidente da comissão, ocupou a presidencia o vice-presidente, dela vereador, Monteiro da Costa.

Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior.

Tomou conhecimento do seguinte expediente:

1.º Oficio da Junta de Paroquia de Tentugal a enviar a copia da acta respeitante em parte a esta Camara a subsidiar com 15$00 a aquisição do mobiliario para a escola mixta da Portela, daquela freguezia, e louvar a Camara por ter resolvido a creação daquela escola.

A Camara agradece o auxilio oferecido e folga em verificar que a junta reconhece o grande beneficio que a Camara pretende fazer á Paroquia de Tentugal.

2.º Oficio da 5.ª Divisão do Exercito, a pedir que lhe seja enviado o produto das multas aplicadas aos mancebos da I. M. P., e que se hajam arrecadado.

A presidencia informou que o produto dessas multas foi pelo tezoureiro da Camara, entregue ao Tenente Instrutor nesta, Santos Pinto, conforme instruções superiores.

Ficou inteirada a comissão.

3.º Do encarregado da I. M. P. em Ferreira a Nova, 2.º sargento Manuel d'Oliveira, a solicitar que seja retirada a participação n.º 1 que foi enviada em seu oficio n.º 12, de 2 do corrente, contra o mancebo Antonio Maria Carvalheiro, do Ninho do Grou, por se averiguar que o dito mancebo se tinha apresentado no curso de Montemór.

Inteirada para satisfazer.

4.º Oficio circular do Director Secretario de Propaganda de Portugal a ponderar que quasi todas as municipalidades enviaram a sua adesão moral e materialmente, e para saber com que ha-de contar, pede a necessaria resposta.

Resolveu que o oficio fosse apresentado á proxima sessão plenaria da Camara.

5.º Varios oficios dos professores do concelho a responderem á circular de 7 de dezembro ultimo, concordando em que o pagamento dos seus ordenados seja efétuado nos fins dos mezes.

Inteirada.

6.º Oficio do Secretario de Finanças do concelho a pedir a remessa da estiva dos preços dos generos de consumo, relativos aos anos de 1912 e 1913, enviando-lhe a de 1914 logo que seja confécionada.

7.º Oficio circular do Governo Civil de Coimbra a enviar uma relação dos vereadores efétivos e substitutos da Camara deste concelho, para serem feitas as alterações que careçam na atualidade.

Como todos os vereadores constantes da referida relação sejam todos vivos, entende a comissão que nenhuma alteração ha a fazer, devolvendo-se sem alteração alguma.

Foram presentes alguns requerimentos.

Um assinado por varios proprietarios e lavradores dos Carapetos, a queixarem-se de que alguns confinantes de predios com os caminhos publicos e a estrada que liga a estrada velha que vae para Arazede com a estrada macadam teem alargado os seus predios para a estrada, ocupando terreno publico e integrando arvores nos seus predios, que nele havia. Os limites desses predios estão confundidos com a dita estrada dos Carapetos, e esta cheia de estrumeiras que devem ser levantadas e a estrada concertada com o imposto do serviço braçal.

A Camara encarregou o mestre d'obras de com o Dig.º Vereador Goes informarem sobre o requerido, indo examinar o local que se alega pelos requerentes. Outros sobre alinhamentos para vedações de predios de diversas localidades do concelho.

Informações do mestre d'obras com os respetivos vereadores das diversas freguezias do concelho, a informarem que podem ser concedidas as licenças e alinhamentos na forma da lei. Inteirada.

O vereador snr. Lebre, disse desejar saber se é a Junta de Paroquia de Pereira, se é a Camara, que trata dos interesses de Pereira, e faz esta pergunta porque tendo a Camara vendido em hasta publica a madeira verde na estrada de Vale de Rans, consta-lhe que foi outro individuo, que não o arrematante da Camara, que corton essa madeira, que tambem lhe consta ter sido vendida pela Junta de Paroquia.

Interrogado sobre o assunto o Guarda Campestre Figo, disse ele que efétivamente vira andar a cortar a madeira individuo que não foi o arrematante dela perante a Camara, resposta esta que foi estranhada pela Camara, visto que ela fez ver ao empregado que, logo que viu aquele facto, que era anormal e em detrimento dos interesses dela, que devia ter dado logo conhecimento.

Resolveu dar conhecimento do facto á Camara, em sua sessão plenaria.

Em seguida encerrou o presidente a sessão.

Dr. João Constantino

Esteve em Coimbra passando o carnaval, acompanhado de sua ex.ma esposa, este nosso presado amigo, prestantissimo e inteligente notario na visinha povoação de Vila Franca.

Seja bemvindo.

Circular aos párocos

Os jornais da penultima quinta-feira noticiam o seguinte:

Tendo o vigario capitular de Coimbra expedido uma circular aos parocos da diocese sem o beneplacito do governo da Republica, determinando que desde 1 de janeiro findo não fossem batisados os filhos de pais não casados catolicamente, o ministerio da justiça vai proceder em harmonia com a lei da Separação.

Consta que apenas o paroco de Quiaios, Figueira da Foz, leu a circular á hora da missa.

Consta-nos que o vigario capitular não expediu tal circular e que as ideias do ilustre vigario capitular são inteiramente opostas ao que se diz na circular acima transcrita, tanto mais que sabemos dalguns arciprestes desta diocese, que não receberam comunicado algum.

ALFREDO PRAZERES

O *Diario do Governo* trouxe-nos ha dias a grata noticia da nomeação déste nosso queridissimo amigo para chefe dos serviços de exploração dos caminhos de ferro de Angola.

Acertada foi a escolha para tão importante cargo dos caminhos de ferro ultramarinos, pois Alfredo Prazeres é um caracter integro em toda a aceção da palavra, e um ferro-viario que, pela sua competencia e desvelado amôr ao estudo, soube conquistar, na companhia portugueza, onde foi sub-inspetor, e ultimamente na Beira-Alta, como chefe de movimento, a mais acendrada simpatia de todos os seus servidores, que ainda hoje lamentam a auzencia de Alfredo Prazeres que, sobre ser um superior conscienciosó, era ao mesmo tempo um bom e leal amigo.

Um grande abraço.

Aniversarios

Passou no dia 19 o aniversario natalicio do nosso estimado amigo, snr. Antonio Borges de Matos Tavares, considerado inspetor do caminho de ferro do Vale do Vouga.

Tambem no dia 23 faz anos sua interessante filha D. Fernandina.

Os nossos cumprimentos.

POSTA RURAL

José Fernandes Jorge, Lisboa. — Tomámos nota da sua indicação respeitante ao snr. Joaquim Duarte de Almeida. Tudo fica liquidado, até 27 de fevereiro corrente. Não é assim?

Joaquim Marques, Lisboa. — O *Dever* tem sido sempre remetido, com toda a pontualidade. Mandámos-lhe já um exemplar do dia 7. A culpa é sempre dos correios. E' o que sabe toda a gente. Escrupulos, não ha. E daí as reclamações para as quais não contribue esta administração.

Pedimos-lhe que continue a zelar os interesses do jornal.

Secção de Variedades

Cortezia das Means

Means é uma freguezia pouco conhecida: está situada na margem direita do campo de Coimbra, e fica entre Tentugal, dos bons pasteis, e Carapinheira, terra de boa gente, muito hospitaleira e brioza.

No campo, em frente das Means, ha valas, onde se criam muitos roubacos, que são peixitos muito pequenos, e que fazem as delicias daquela gente. Fritos são muito saborosos.

Ha anos, um lavrador dali convidou uns rapazes alegres, seus visinhos e amigos, para uma ceia, animada, de roubacos fritos. Os convidados não se fizeram rogados, e a ceia começou com grande animação, como é costume entre a gente do campo, que está á vontade, numa pandega de estalo, como esta. Na meza não havia garfos: comiam democraticamente, á mão, os bons roubacos, que tiravam dum grande alguidar, que estava no centro.

Iam comendo, bebendo, contando a sua historia, e a ceia corria bem. Todos gostavam da bela petisqueira, e os roubacos fôram á gloria! Ficou só um no meio do grande alguidar! Então o dono da casa disse para os rapazes:

— Não vale a pena ficar ai um roubaco, coma-o um de vocês.

Disseram, logo, todos:

— Não, senhor, este roubaco não se come: fica ai para nossa cortezia: é a cortezia das Means.

Porém um dos convivas, que passava por mais engraçado, e que mais lhe luzia o olho para o roubaco, apagou a candeia e vai para o apanhar, mas quando chegou, já lá encontrou as mãos de todos os companheiros!!!

CARTA DE LISBOA

16—2—915

O carnaval deste ano passou quasi despercebido. Notou-se por completo a falta de mascaras que nos anos anteriores notabilisavam o povo alfacinha, pelo belo e fino gosto como se apresentavam atravez as ruas da capital. Este ano talvez que, este povo verdadeiramente sentimentalista, prevendo a cruciante dôr que, neste momento verdadeiramente perigoso, poz de luto os povos cultos e honestos, motivado pela grande conflagração europeia e associando-se á dôr que predomina nessas almas desconsoladas, não festejou este dia de tradições de folia, passando-se assim quasi despercebido o carnaval de 1915.

—— Espera-se que dentro de duas semanas chegue ao Tejo o trigo que falta para satisfazer as exigencias do consumo. E sobre o preço em que ficará o pão, é impossivel dize-lo neste momento, porém o que se afirma na Nova Companhia de Moagens é que ficará mais caro do que está atualmente e de qualidade inferior.

—— O governo e a Camara Municipal, vão adotar energicas providencias no sentido de proibir a exportação de gado, pois que em virtude da grande quantidade de rezes que ultimamente se exportava respectivamente para Gibraltar e para o consumo das tripulações inglezas que fazem o cruzeiro do Atlantico, se está notando uma falta insuportavel de carne, em Lisboa, o que proporciona que os talhos não possam servir os seus consumidores.

Ainda bem.

—— O governo da Republica cumpriu honrosamente o seu dever patriotico em pôr em liberdade os snrs. tenentes Ribeiro da Fonseca, Oscar Torres e Souza Maia e o alferes Guimarães, que se encontravam presos em virtude dos acontecimentos que, por ocasião da ultima crise politica, se deram em Estremoz, no regimento de cavalaria 3.

—— E' no proximo dia 1 de Março que, sob a direcção do nosso amigo e dedicado correligionario e deputado na nação, snr. Ricardo Covões, reaparece *O Povo*, continuando este nosso colega da noite, a obra da defeza da causa popular e do Partido Republicano Portuguez.

Felicitamo-lo antecipadamente.

—— Uma das mais brilhantes figuras do teatro portuguez desapareceu — o actor João Gil. O teatro portuguez tem tido artistas de grande talento. Pois bem; recordem as figuras maximas de Antonio Pedro, Taborda, João Rosa, e digam se aquele alquilador que João Rosa desempenha na *Severa*, não foi um tipo lidimo de correcção e de observação, capaz de enfileirar entre algumas das melhores creações anteriores e se o temperamento de Gil bastaria áquele papel para o revelar e sagrar definitivamente.

Que nesta hora em que o seu corpo vai descer á derradeira jazida, caiam sobre ele as saudades do publico que tanto o festejou e aplaudiu e as lagrimas dos que foram seus companheiros de trabalho.

Que descance em paz.

—— Terminou o julgamento do caso que se passou na noite de 24 para 25 de setembro, na Praia das Maçãs. Tratava-se, pura e simplesmente, de uma frustrada tentativa de assassinio na pessoa do snr. dr. Afonso Costa. O juri deu o crime como não provado, sendo os réus postos em liberdade. Não foi bem recebida a sentença.

Noroé.

DR. ALVARO MACHADO

Foi nomeado administrador do concelho de Mealhada este nosso presado amigo, ilustre medico na ridente vila do mesmo nome e inteligente director do nosso colega *Mealhada*.

O seu despacho fez-se a contento do partido unionista, o que prova a isenção politica e a integridade de caracter do dr. Alvaro Machado.

Cumprimentamo-lo.

Gesso e adubos compostos

Para todas as culturas

DE

J. CORTEZAO

Fabrica — Sá (Anadia)

Escritorio — Figueira da Foz.

Tivemos a satisfação de cumprimentar em Coimbra, na quinta-feira, o snr. dr. Luiz Navega, considerado clinico na Mealhada e jornalista primoroso, que gosa em todo o distrito de Aveiro de um alto prestigio politico e pessoal.

AOS AGRICULTORES

Estamos entrados na epoca da sementeira da batata, e é de toda a conveniencia que os senhores se não esqueçam dos adubos quimicos e organicos, da acreditada casa *Varela, Leal & C.ª, das Varzeas*, e que se encontram **á venda em casa de Manuel Monteiro Godinho**, com deposito no **Casal do Gaio, Arazêde.**

Horas d'insónia

Santos velhinhos

Unidos agora, depois de uma longa ausencia que a morte originou, eles lá repousam, na mesma terra fria e insensivel, sem se darem pela presença um do outro. Em vida, trocando beijos e dividindo caricias, foram dois esposos exemplares! A morte levou um deles, ficando o outro banhado em lagrimas e entregue aos sofrimentos sem fim desta vida ingrata de lagrimas e amarguras! Mais tarde, o crepusculo da existencia do segundo, uma santa velhinha de cabelos de prata, tornou-se cada vez mais negro e indeciso, e apagou-lhe por completo os lampejos do raciocinio, tornando-a cadaver. Antes, porém, e eu vejo aqui a essencia de toda a ternura e de toda a saudade, a velhinha amiga manifestara desejos de que, ao declinar de todo, para ela a vida terrena, a levassem, fosse como fosse, para junto do marido cujo corpo em atomos feito estaria já confundido com o pó do cemiterio, coberto de malmequeres em flôr e embalado suavemente pelo canto consolador das ternas avesinhas campestres que lhe beijam, de manhãsinha, a sepultura inesquecivel!

Assim foi. E ha dias, mal o sol se levantava do seu leito de trevas densas, já ela vinha, num caixãosito de preto, a caminho desta pobre aldeia, onde ficou junto de seu marido.

Coimbra servia-lhe, em vida. Calcava as mesmas ruas e comia á mesma meza.

Em cada amigo do pobre morto via ela, a santa velhinha de cabelos de prata, uma recordação saudosa dos seus tempos d'alegria. Quando a morte a surpreendesse, queria vir descançar, ali em cima, á beira do caminho que leva á mesma cidade. Lá dentro, do seu coval de 7 palmos, sorriria com meiguice, junto do marido amado, para quem, passando cá na rua, tirasse o chapeu saudando-os com carinho e com respeito. E lá estão. Vi-os eu partir. Nunca os vi, mas adivinho que terão conversado imenso sobre as podridões da vida, sobre esta miseria humana que envergonha os santos e os puros.

Lá estão, e eu adivinho que terão maldito, unidos agora na morte, esta chaga pestilenta da ambição que por cá vai! A vida!...

ALMEIDA JUNIOR.

CARTA DE COIMBRA

Desastre. — Foi colhida pelo electrico que se dirigia á Estação B a aluna da Escola Normal Estrêla Coutinho, moradora na rua da Sofia, que precipitadamente saira de casa para salvar um gato que se assestára entre os rails. E' grave o seu estado, tendo sido preso o condutor, que, segundo testemunhas do facto, nenhuma responsabilidade teve no caso pelo inesperado do incidente que se passou nuns ligeiros segundos, sem tempo de deter o carro para evitar o desastre.

Facadas. — Deu entrada na esquadra Francisco Pereira, capitalista, que á saida do Teatro Circo agredin violentamente o empregado do Café Ginja Brandão, na Praça 8 de Maio, de nome tambem Francisco Pereira. Sáias, lingua e maus instintos.

Escola Nacional d'Agricultura. — A'manhã, 20, deve reunir o Conselho Escolar para tomar conhecimento da lei n.º 308, relativa ás alterações introduzidas nesta Escola.

A proposito convem rectificar um lapso tipografico. Falando da necessidade de desviar das correntes *burocraticas*, alargando a lotação da Escola, dum diminutissimo internato, sobretudo quando agora teve a equivalencia liceal, disse o ultimo numero do *Dever* que havia necessidade de desviar das correntes *democraticas!*... Pelo amor de Deus. Sangue dos martires sim; porque quando julgarem que o *ite missa est* foi o anátema da Democracia, uma semente selecionada a porá no pedestal devido, sem a formiga, mas com a Razão.

Castilho.

Poetas e Prosadôres

INVERNIA

Em furia o vendaval rasga a amplidão dos ares;
chuva a torrentes cai, fustigando as colinas,
e vai—cheia alterosa—alagar as campinas,
invadindo, cruel, a mansidão dos lares!...

Oh! que saudade evoca a estação dos folgares,
messes a loirejar, de flores purpurinas,
aves gentis soltando umas canções divinas,
á sombra fresca e sã dos viçosos pomares!...

Ai! que desolação! que tempo de miseria,
em que ao pobre escasseia a já escassa feria!...
tempo de fome, sim! tempo d'angustia e dôr!

Por sobre a terra—um mar—esvoaça a tristeza!
—a humanidade, aflita, olhando a Natureza,
a Deus implora auxilio:—o bem, a paz, o amôr!...

Montemór-o-Velho, fevereiro de 1915.

J. Neves.

BOBY

Era um minusculo cão, de felpa branca, focinhito agudo, orelhas compridas e flacidas de listas cinzentas e d'olhar inteligente e leal. Dava pelo nome de Boby e fôra oferecido á filha mais velha do mestre Venancio, importante industrial de tecidos, agora quasi senhora, no dia do seu decimo aniversario.

Boby fôra logo muito apreciado. Viera numa condecinha fechada, muito tranquilo, muito calado, o pescoço envolto n'um grande laço de sêda côr de safira d'onde pendia um guizito dourado e sonoro, conjunfamente com um crômo assetinado e lindo onde redondilhas perfeitas davam parabens sinceros.

Madalena, a festejada, batia palmas do contente ao receber o presente da sua pequena amiga e n'esse dia jubiloso todas as visitas travaram conhecimento com o inteligente Boby a quem acariciavam o pêlo cuidado e alvo. Boby docil e irrequieto, ladrava contente e, no jardim, para onde tinha sido levado, corria atraz da sua pequena dona, que brincava despreocupada e feliz, entre os arbustos em flôr.

Mestre Venancio rejubilou pela lembrança e ordenou á creadagem que tratasse com carinho o minusculo animal, e, á noite, ás horas tardias de descanco, quando todos moidos e fatigados das *valsas* recolhiam aos leitos, Boby tamhem achou, junto ao leito branco e dourado de Madalena, um colxãosito comodo e macio.

* * *

Mas Boby com o andar dos tempos tomara fóros d'importancia. Não se deixava acariciar por toda a gente, ladrava aos operarios que ele via na fabrica, um casarão enorme seguido d'outros mais pequenos, instalado junto á habitação do industrial e pela qual comunicava, e tentara, por vezes, morder nas creadas com quem não simpatisava.

Riam-se dos seus impetos de pigmeu. Na fabrica, no entanto, era estimado. A sua visita quotidiana era quasi que pontual. Chegava, farejava, parecia olhar atento e seguia ao escritorio do industrial, que o recebia sorrindo; e, muitas vezes atrevia-se a saltar-lhe para a secretaria espaçosa, onde já por diferentes ocasiões entornára a tinta. Depois, descia pachorrentamente e saia como se tivesse cumprido uma missão decretada. Outras vezes Boby vinha de mau humor. Embirrava com tudo e com todos e, desde que entrava na fabrica até ao gabinete do dono, era um ladrar sem fim, umas vezes aspero e provocante, outras agressivo e colérico.

Boby, uma ocasião, distinguira-se. Atirara-se a uma pequenita pobre que lamuriava á porta, um pedido d'esmola, rasgando-lhe mais ainda a andrajosa sáia, tentára com os dentitos aguçados morder-lhe a mão que se estendia suplicante, arranhando-a ainda e provocando-lhe uma ferida onde o sangue borbulhou. A dôr fez má a pobre creança que lhe puxou uma orelha com a mão ensanguentada. Boby gritou, Boby ganiu.

Mas logo Madalena e a creadagem acudiu pressurosa, indignada, gritando estridente. Que sucedêra, quem maltratára o pobre e indefeso animal incapaz d'arremeter com ninguem?

— Foste tu? perguntaram á pequenita.

Que sim. O cão ferira-a, modêra-a e ela defendêra-se... Mas logo adulando, sevandijando, sôcos colericos molestaram a mendiga, expulsando-a chorosa, emquanto a filha do industrial tomava Boby ao colo e subia com ele a escadaria ampla, amimando-o, acariciando-o, dando beijos no focinhito alvo...

— Que mal fazia o animalsito áquela desalmada, perguntaram pouco depois as creadas na cosinha. Talvez quizesse surripiar alguma coisa. Sábe-se lá d'onde veem estas serigaitas!

Ficou assente a heroicidade de Boby. Não só se batera em defeza propria como em prol da propriedade dos seus donos.

A fantasia fez, pouco a pouco, da pobre rapariguita que pretendia matar a fome, uma ladra da pior especie—fera, cruel, sem um unico sentimento bom, sem coração, sem alma, capaz de todos os crimes, manejando a faca tão bem como Madalena manejava a sua agulha de bordadora eximia.

Ficára assente—Boby era um cão corajoso, cheio de valor e denodo... Não lhe tinha dado a natureza as fauces hiantes que amedrontam, a força muscular que esmaga, o corpanzil esforçado que intemida, do contrario não haveria animal mais belicoso e valente e ao mesmo tempo mais leal dedicado.

Entre os servos estimulara-se a lenda. A descrição da lucta entre o animal e a pedinte tomou fóros de lucta ciclopica. Boby, sem um apice de cobardia não fraquejára um só instante. A rapariga levantára a mão armada d'um punhal agudo e faiscante, pronta a exterminar o corajoso animal; mas este não se intimidara, redobrara de furia e atirára-se-lhe á mão assassina, cravando-lhe, féro, os dentes aguçados.

Faltavam poetas para lhe cantar os feitos em verso heroico, e arcaico era o simbolico diadema celebrando aventuras guerreiras, porque a intenção de consagrar tal facto, estava no animo dos admiradores de Boby.

Durante o jantar, um relato sucinto de Madalena poz ao corrente do caso, mestre Venancio, que, admirado, inquiriu, perguntou, bradon interjeições olhando o já lendario animal que comia de redor da meza indiferente ao seu rasgo de audacia.

— Mas que quereria a rapariga, perguntou, por fim, o industrial, decarregado sobrecenho e punho fechado sobre a mesa.

— Ora...roubar, acudiu a creada que andava servindo o cosido. Mas Boby defendeu-se, Boby returquiu-lhe condignamente. E' um valente animal!

(Continúa).

M. Duarte Lopes.

Alice Oliveira,

aluna externa do 5.º ano de piano do Conservatorio e com o curso de musica: léciona, em sua casa ou dos alunos, como se convencionar.

RUA DO SUB RIPAS, 10
COIMBRA

CARTA DE MONTEMOR

Montemór-o-Velho, 18.

Com excéção de terça-feira gorda, que esteve um dia de rosas, animado dum sol vivificante e quente, convidando todos ao divertimento e folias carnavalescas, o tempo continua revolto e mau, sem que a chuva e o frio nos deixem sair de casa.

Assim, segundo dissemos na nossa ultima carta, a cheia veio banhar pela 5.ª vez algumas ruas da parte baixa da vila, no domingo gordo, não causando felizmente prejuizos.

Por isso, com um tempo destes, as classes pobres ha muito sem trabalho, o preço dos generos pela hora da morte, que vontade e alegria pode o povo ter para se divertir?

Portanto, áparte os bailes que o Montepio realisou no teatro Ester de Carvalho, e que decorreram com extrema animação e concorrencia durante as tres noites de domingo a terça-feira, o carnaval, nas ruas, no tocante a mascaras e outros divertimentos proprios, foi a coisa mais sensaborona e sem graça que aqui se tem visto. Tudo muito frio, sem entusiasmo nem vida.

Se bem que o carnaval tem vindo desde 1905, ultimo ano em que ele se apresentou cheio de diversões e animado, decaindo de ano para ano, esta decadencia mais agora se acentuou, devido á assustadora crise a que acima nos referimos e que está preocupando todos os espiritos e enchendo de sobresalto, jámais as classes trabalhadoras.

Os divertimentos na rua apenas se limitaram a uns grupos de rapazes mais foliões que por aí andaram empoando-se uns aos outros e ás raparigas, e esguichando-se com agua que chegou a ser aos almudes, fazendo enorme algazarra, brincadeiras estupidas, estas que ha anos aqui haviam sido postas de parte e que agora tornaram a resuscitar.

Umas brincadeiras que deviam banir-se duma vez para sempre, pois que só servem para provocar desordens, quando se tenham com espiritos desconfiados e para produzir constipações, pneumonias e outras doenças de maior gravidade.

Nos bailes do Montepio, onde, como já dissemos, tudo se divertiu muito bem e com muita ordem, apresentou-se grande variedade de mascaras, alguns vestidos a primor, porém, todos mudos, sem um dito nem uma chalaça que fizesse rir.

Entre eles, o que foi mais felicitado e elogiado por todos os que se achavam na sala, pela sua originalidade, foi, na noite de domingo, José Maria Crispim de Carvalho, vestido de anão.

Em casa do snr. João Paes da Cunha Mamede, escrivão de direito da comarca, tambem se realisaram com grande animação e alegria, bailes de senhoras, durante as tres noites.

M.

ALEA JACTA EST...

Neste supremo momento em que a Europa se debate numa convulsão terrivel, arremessando numa loucura inconcebivel cidades inteiras para a ruina, matando milhares de seres humanos em holocausto das ambições de um despota cruel e sanguinario, o Destino já marcou no seu livro do Futuro em caratéres de sangue e fogo a sua sorte. Ao futuro da Europa estão reservadas duas coisas: ou uma época de decadencia que a pouco e pouco irá crescendo até fazel-a socumbir no abismo que todos antevemos, e que será depois inevitavel, ou uma época de paz e florescencia, libertada de tiranos que no atual momento tentam agrilhoá-la, oprimindo-a iniquamente. Todo o mundo conhece que quem agitou a Europa inteira foi a Alemanha, e por conseguinte o sangue das vitimas que ela tem feito, reclamam o sangue dos assassinos.

A Europa inteira não póde permanecer por mais tempo num estado caotico, como este que está passando. Num esforço supremo a Europa triunfará dos barbaros tentonicos.

A luta sangrenta em que anda empenhada, não é mais que uma cruzada pela Paz e Liberdade, contra a ambição e tirania duma nação que se diz civilisada e que tem na vanguarda a guia-la os espiritos gloriosos de Goethe e Schiler.

A Europa inteira precisará de bradar bem alto, como outr'ora os romanos ao falarem de Cartago:

—Delenda Germania!

Sim. E' preciso destruir a Germania. Mas para isso tambem é preciso que a Europa desperte do estado letargico em que se tem encontrado, que se torne energica, e então a queda do imperio teutonico será irremediavel. Rolará perdido num abismo terrivel donde jámais se levantará.

A Europa inteira reclama a vingança. Pois é justo que tiremos a mais cruel vindita dessa horda de barbaros.

* * *

Pois bem. A nós, os Portuguêses, compete-nos o nosso quinhão. Não abatemos o jugo tiranico da Alemanha na Metropole, mas compete-nos abater o seu dominio na Africa.

Está demonstrado que os prussianos foram os primeiros a desafiar-nos.

Pois nós crêmos responder a esse insulto, ensinando-lhes como os nossos antepassados ensinaram, a castigar a insolencia dos seus adversarios.

A nossa sorte está lançada. Triunfar ou morrer. Mas morrer gloriosamente, de fronte erguida, para demonstrarmos ao mundo que no nosso peito ainda vibra a alma dos velhos lusitanos, e para que o nosso passado glorioso e lendario se não ofusque com a mais pequena demonstração de cobardia. Morrer lutando até final para que o mundo diga que não renegamos as nossas tradições gloriosas, os nossos feitos heroicos, que Camões cantou em estancias sublimes no seu poema *Lusiadas* que todos nós consideramos o nosso Evangelho Civico. Pois bem. Vamos entrar na luta. Vamos lutar pela Paz e Liberdade. Confiemos no nosso destino e na nossa valentia legendaria. Não reneguemos as tradições e marchemos para a frente.

O Destino resolverá qual o nosso futuro, porque no momento presente, toda a hesitação será um crime que a Patria não perdoará.

Coimbra, 15-1-915.

Joaquim do Espirito Santo,
Academico.

A' ultima hora

Nova cheia

Coimbra, 20, ás 11 horas. — O Mondego, campos marginais, Choupal, etc., levam enorme enchente.

A agua continúa crescendo extraordinariamente. Ha probabilidades de cheia igual ou superior á de 14 de janeiro. O comercio está preparando tudo para que os prejuizos não sejam tão sensiveis.

A desgraça continúa. A dôr e a miseria, aproximam-se novamente da população da cidade.

A agua quasi que rompe, a esta hora, a linha ferrea.

Triste!

C.

No «Dever»

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso presado representante da Pampilhoza, snr. José Martins Catarino.

Agradecemos.

Por falta de espaço retirámos, á ultima hora, noticias e colaboração importante.

ANUNCIOS

Agua da Curia
Mogofores

As unicas aguas sulfatadas-calcicas que existem no paiz, similhantes ás afamadas aguas de Contrexéville, nos Vosges (França).

Alvaro de Matos

Prof. das Clinicas obstetrica e ophtalmologica na Faculdade de Medicina

CLINICA GERAL.
DOENÇAS DAS SENHORAS
Residencia: R. de Tomar, 5. Tel. 51
Consultas da 1 ás 3
no Largo Bombarda, 27, 1.º
Tel. 20

As consultas de gynecologia e ophtalmologia são gratuitas para as classes pobres.

FABRICA DE CAL

Cal fina e grossa, fornece-se em muito boas condições. Preços modicos, sobre o wagon, no caminho de ferro e nos proprios fornos.

Agente de telha tipo marselha e tijolos de todos os formatos, da fabrica Lacerda, Figueiredo & C.ª Limitada, da Pampilhosa.

Pedidos a

Joaquim F. Coca Junior
Zambujeiro—Arazede

Anuncio

Direcção das Obras Publicas do Districto de Coimbra

3.ª Secção de Construcção

Ponte da Lavandeira
(Avenidas) E. D. n.º 111

Faz-se publico que no dia 3 de março, ás 12 horas, na secretaria da Administração do Concelho de Montemór-o-Velho, perante o respectivo Administrador, se procederá á arrematação duma empreitada de terraplenagens, obras de arte e obras acessórias, a executar entre perfis 1 a 11 (a), 13 a 24 e 15 a *h*, na extensão de 354m,34.

Base de licitação, esc. 7:215$70.

Deposito provisorio, esc. 180$39.

O deposito definitivo será de 5 por cento do preço da adjudicação.

As medições, desenhos, orçamentos, perfis, tipos e condições especiais de arrematação estarão patentes na secretaria da Direcção das Obras Publicas em Coimbra, todos os dias não feriados, desde as 10 horas até ás 16.

Coimbra, secretaria da Direcção, 11 de Fevereiro de 1915.

O Engenheiro Director,

Paulo de Barros.

AGUA DE LUSO -- Cura pela Diurése

(ESTABELECIMENTO TERMAL E HOTEIS ABÉRTOS TODO O ANO)

A mais diurética e mais digestiva. Aumenta a diurése, regularisa as funções digestivas e ativa os fenómenos nutritivo

Muito radioativa—4,49 miligramas—minutos
Muito ionisada, resistividade a 18° 18300 ohms
Muito rica em gazes raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotonica, ponto criospico 0°,04

} Conclusões da analise feita pelos distintos professores Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitissimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tifico

USO EXTERNO—Molestias de pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc,), reumatismo e gôta.
USO INTERNO—Artritismo, impaludismo, neurastenia—Albuminuria, diabetes—Intestinos, estomago—Rins—Bexiga.

Depositos -- BEIRA: F. L. Simões — **LISBOA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros, 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 428. FUNCHAL, José Quirino de Castro, rua dos Murças. AFRICA ORIENTAL: Oswald Offmann & C.ª. LOANDA: Beltrão, Pena & C.ª**, e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositarios nas terras onde ainda os não haja.

Seguros contra incendio — incluindo riscos de explosão de gaz e raio.

Seguros contra incendio — cobrindo tambem os riscos de *Greves* ou *Tumultos* (portaria de 14 de Março de 1914).

Seguros contra incendio — cobrindo ainda os riscos de *Guerra* (portaria, 30—XI—1914).

Unica companhia autorisada a segurar os riscos de Guerra nas apolices Incendio

As apolices d'A MUNDIAL são portanto as que mais conveem aos interesses dos proprietarios, locatarios, industriais, comerciantes, etc.,

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS
Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital Esc. 500.000$

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telephone n.º 4084
Delegação do PORTO — Praça Almeida Garrett 22|24 — Telephone n.º 1459

ENDEREÇO TELEGRAPHICO—**MUNDIAL**

Agentes em todas as localidades do paiz ilhas e colonias

Livraria e Tabacaria Cunha

Livraria Moderna e Tabacaria Augusto Henriques (reunidas)

Alberto Gonçalves Cunha

150, Rua Ferreira Borges—COIMBRA

TELEFONE N.º 293

LOTARIAS—Bilhetes, suas fracções e cautelas. Variada série de numeros certos.—Premios frequentes.
TABACOS—Nacionais e estrangeiros. As melhores marcas de cigarros e charutos.—Todos os artigos para fumadores.
POSTAIS ILUSTRADOS—Sempre as ultimas novidades em todos os generos.—Bilhetes de visita, impressão rapida.
PAPELARIA—Finissimos papeis de carta em caixas aos cadernos.—Objectos para escritorio e desenho.
LIVRARIA—Nacional e estrangeira, Revistas, Publicações.—Figurinos.—Musicas.

Livros usados, antigos ou modernos, em qualquer estado, em grandes ou pequenas quantidades, compra em qualquer parte.

Passagens para o Brazil e Africa

José de Almeida

Negociante nas Pontes de Cadima, concelho de Cantanhede, e correspondente de todas as Companhias de navegação

Faz constar que vende passagens para todos os portos do BRAZIL, AFRICA, etc., a preços reduzidos, para o que está legalmente habilitado.

A sua vida de seriedade e honestidade são garantia segura para que os que desejam comprar passagens o procurem de preferencia a qualquer outro.

Guilherme dos Santos Pinto & Irmão
COM
OFICINA DE CANTEIRO

Encarregam-se de jazigos de toda a especie e todo o serviço concernente á sua arte.

Tambem executam todos os trabalhos que digam respeito a *Plantas, Alçados, Copias, Projectos e orçamentos de edificios, edificações, etc.*

Montemór-o-Velho=Verride

Restaurante Ferro-viario ALFARELOS

ESTE bufete, um dos que melhor servem o publico que transita nos comboios, acha-se situado na estação do caminho de ferro de Alfarelos. Fornece almoços, jantares e *lunchs* e toda a qualidade de refeições, por preços comodos.
Tem pessoal habilitado, tanto em cosinha como em sala de mesa.
Tudo se encontra com esmero e perfeição.
Fornece comida para fóra, e presta-se a servir em casamentos, batisados, etc., desde que seja prevenido com antecipação.

O proprietario, **Artur de Oliveira Coelho.**

Companhia de Seguros

A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz
Antonio d'Oliveira Guerra
RUA DA REPUBLICA, 84

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima—Vila Nova d'Outil

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraude praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legitimos acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de fórma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamavel, isca em cordão vendida fraudulentamente a titulo de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva acção civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa a Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente guardando se a maior discreção. A Companhia logo que receba informaçõ fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalisação par procederem ás necessarias diligencias. Dirigir-se pessoalmente ou por cart á Companhia Portuguêsa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS
MELO & MARTINS
PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada

PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiencia dos nossos adubos, devido ao seu magnifico resultado os adoptarão de preferencia a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro
PAMPILHOSA DO BOTÃO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex.mos passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.
Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA

Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.
PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações
Deposito das afamadas aguas de Luso.

Hotel de la Paix
JEAN OZUN

Situado num dos pontos mais centrais da capital, belas vistas sobre o Rocio, é um dos modernos hoteis que mais comodidades oferece.

Bom serviço de cosinha á franceza

Almoços, 60 centavos. — Jantares, 80 centavos. — Serviço á lista.

3 Calçada do Duque, 3 — **Lisboa**

Fabrica de Lanificios
— DE —
MANOEL JERONIMO DE MATOS
COVILHÃ

Fornecedor da caixa de socorros dos empregados da Companhia Portuguesa

Esta fabrica, uma das mais acreditadas da Provincia da Beira Baixa, fornece, por preços convidativos, especialmente a particulares do continente e ilhas, os melhores produtos da sua fabricação, tais como casimiras, cheviotes e estambres, empregando materia prima de primeira qualidade, esmerando-se quanto possivel na sua execução e adotando os melhores padrões e côres que a moda impõe nos centros elegantes estrangeiros.

Envia amostras para todos os pontos, para o que bastará o pedido feito num simples postal.

Pedidos a

Manoel Jeronimo de Matos--Covilhã

Ano 4.° Arazêde, 28 de Fevereiro de 1915 N.° 158

Director, administrador e editor
J. d'Almeida Junior

Representantes em muitas terras do país, Africa e Brazil

PROPRIEDADE DA DIRECÇÃO

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguêsa

Pátria e Humanidade

Redação e Administração
ARAZEDE

Toda a correspondencia relativa a este jornal, deve ser dirigida ao Director, para Coimbra

Composição e Impressão
Tip. Silva (a vapor)—AVEIRO

BRAZIL

Prevenimos os nossos assinantes do Brazil de que, se não mandarem satisfazer os seus débitos a esta administração, até ao dia 1 de maio do corrente ano, deixarão de receber o jornal.

Tambem aqueles que pedirem assinaturas terão que depositar, ao fazerem o pedido, 5$000 réis fortes, sem o que não poderão ser considerados assinantes.

HA 4 ANOS!

O decorrer do tempo abrevia-nos a existencia. Ainda hontem, reunidos nesta pacata aldeiasita, meia duzia de companheiros combinavam a publicação do *Dever*. Todos vivem. Foi-se um, depois outro, depois outro. Fôram-se todos! Do entusiasmo que nos arrastou a tamanha empreza, resta, em todos eles, a mais fria indiferença pelo unico melhoramento que esta terra possue, digno de enaltece-la! Ficou, firme no seu posto, com sacrificio da propria saude, quem, com dolorosa magua, com intensa saudade escreve estas linhas a correr!

Muito póde a força de vontade, a preserverança, a isenção! Varias teem sido as fazes atravessadas por este jornal que, vivendo do pôvo e para o pôvo, o pôvo tem sempre, em todo o caso, defendido. O meio em que vivemos é aspero. Mal brota a flôr da esperança, logo a desilusão surge, terrorista, agoirenta, a enegrecer o caminho que pretendemos seguir.

Falar do passado, é coisa que nos desgosta. Basta que, cheios de fé no futuro, e acompanhados por toda a gente de bem, prosigamos na nossa santa cruzada de prestarmos, d'alguma maneira, serviços ao semelhante.

Tudo passa! Já lá vão 4 anos, e, no decorrer d'este lapso de tempo, quantos desgostos,—quantos!—nos não tem vindo molestar a nossa conduta, sem, comtudo, nos desanimar!

A vida! Não sabemos se valerá a pena tanta canceira, tanto sacrificio.

Entretanto, lutemos. O sacrificio é proprio das almas feitas de luz! E a unica compensação que esperamos, é o ficarmos com a nossa consciencia tranquila, na hora em que tivermos, forçados pelas circunstancias, de abandonar o nosso posto. Por emquanto, amigos certos, aqui nos terão, cheios de vida e entusiasmo.

4 anos! Parece que ainda foi hontem!...

Almeida Junior.

Eleições

Está finalmente fixada a data das eleições gerais. Realisar-se-hão em 6 de junho, e tudo faz prever a enorme, a extraordinaria concorrencia ás urnas. O governo, reconsiderando, andou bem em não acirrar mais as paixões politicas, varrendo do ar a atmosfera carregada que abafava toda a gente.

No nosso país, infelizmente, o acto eleitoral ainda não corresponde bem ás lindimas aspirações da maior parte do povo, ou, por outra, ao sonho *idealista* de meia duzia de homens que queriam o sufragio eleitoral liberrimo, sem coacções de especie alguma. Para isso, porém, seria necessaria uma sã educação de principios, uma intensa propaganda que levantasse bem alto as camadas menos cultas.

Os oficiais do exercito, soldados, e até os funcionarios de qualquer mistér ou repartição publica, pódem agora concorrer ás urnas. Discordamos dessa atitude. E' um mau serviço que se presta á causa da democracia e, sobretudo, um pessimo acto de subordinação, porque assim não póde o acto eleitoral ser livre, atenta a pessima educação dos nossos costumes. Um chefe, um director ha de, em todos os tempos, exercer pressão sobre os seus dirigidos. E estes, ninguem o desconhece, vão votar contra a sua consciencia, por não quererem desagradar aos chefes. De resto, o praso agora fixado parece-nos oportuno, por isso que todos têm tempo suficientemente bastante para propagandear.

Vamos a vêr se se esquece, desta vez, um pouco mais a politica *homemsista*, para se acudir um pouco á politica alta dos principios, á genuina politica da nação.

Pena foi que a lei eleitoral agora publicada não tivesse a sanção do parlamento, porque, sendo uma lei ali discutida, deveria ter sido ali resolvida a sua publicação. De resto, o parlamento abre no dia 4 de março, e não era até essa data que os prejuisos resaltariam.

Vamos a vêr.

IMPRENSA

Reapareceu o *Dia*, jornal monarquico da capital, que ha tempos havia suspendido a sua publicação em virtude do snr. Moreira d'Almeida ter sido expulso do paiz no governo do snr. dr. Bernardino Machado.

Está despertando grande entusiasmo a sua leitura, e isso prova uma coisa, infelizmente: que o povo arrefeceu muito, mesmo o povo republicano, mercê da desorientação dalgumas personalidades da Republica.

Triste verdade!

Começou a publicar-se em Angra uma revistasita intitulada *Arquivo Escolar*, e néla tem o professorado muito que aprender, pois é de grande utilidade conhecer a legislação em vigor, que o novo jornal publica.

Agradecemos a amavel visita.

As cartas duma infeliz

Meu caro Leopoldo:

Passou o carnaval, dia universalmente destinado a alegrias e folgares. Confesso-te, caro amigo, que ha muito tempo não sentia tamanha tristeza.

Cada descante popular, ali na rua, arrancava á minha alma uma lamentação dolorida!

Moçoilas, de carnes palpitantes e olhares sorridentes, duma eterna mocidade e duma frescura eterna, como eu iludidamente fui, expansivas e desenvoltas, divertiram-se imensamente. Conservei sempre a minha janela fechada. E agora, sentindo ainda a impressão amargurada que no meu sentimento imprimiam os folgares do pôvo, eu escrevo esta sobre o encantador livro de Hornung, *Proezas de Raffles*, que a snr.ª D. Alda de Souza tão mimosamente traduziu. Fechei-o com cuidado, tendo na alma o reflexo vivo da emoção, agravada agora com a lembrança de que começou a epoca quaresmal, em que a Igreja tem papel importantissimo a desempenhar na complicada engrenagem da humanidade que sofre.

Amanhã a esta hora estarei eu aos pés do meu confessor, uma criatura que aconselha o Bem e pratica actos de altruismo e generosidade, dando esmola a quantos pobresinhos lhe batem á porta e sentando á sua meza muitos famintos que pedem pão e agasalho.

Hei-de dizer-lhe coisas a teu respeito, quasi certa de que tu, á mesma hora, estarás no Grande Oriente Luzitano Unido, acudindo ao chamamento do teu Grão-mestre. Vê tu, Leopoldo, que flagrantissimo contraste: Um na Igreja catolica, que sou eu, e outro na Maçonaria, que és tu. Pensarás em mim á mesma hora? Quasi que jurava que sim. Que nós, afinal, sômos amigos. Ha diferenciação de ideias, antagonismo de sentires, mas, no fundo, e sob o ponto de vista humano, sômos, contudo, a mesma coisa.

Os dias da Quaresma lembram me, com saudades infindas, os nossos tempos de mais novos! Recordas-te?

Adeus.

Tua
Iréne.

DR. LEMOS VIANA

Foi nomeado para, em comissão, exercer as funções de Governador Civil de Castelo Branco, este ilustre magistrado da nossa comarca, que ha tempo vinha exercendo tambem, a contento de todos, o logar de juiz de direito em Montemór.

Faz-se assim justiça ao nobre caracter do dr. Lemos Viana.

Saudamo-lo.

ESCOLA DEMOCRATICA

Ha alguns anos começou-se, em Pampilhosa, mercê da vontade de um grupo de conhecidos patriotas daquela fertil localidade, a construção duma escola para ambos os sexos. Varios têm sido os donativos para ela angariados, alguns espectaculos promovidos em seu beneficio.

Quem escreve estas linhas contribuiu já, com a sua modesta palavra, e a sua pena inválida, para a sua divulgação e para o seu proseguimento, por nos merecerem especial atenção os assuntos da educação popular.

Sugeriu-nos estas considerações mais um acto de benemerencia, em favor da escola praticado pelo Carnaval, com a promoção de 3 bailes de mascaras realisados no Gremio d'Instrução e Recreio, por iniciativa generosa de tres grandes admiradores do povo da aldeia, os nossos prestantissimos amigos, snrs. Joaquim da Cruz, Francisco Bastos Mourão e José Martins Catarino, aos quais se deveu o belo exito das festas carnavalescas.

Os bailes renderam 107$42, total, tendo ficado liquido, depois de deduzidas as consequentes despezas, a soma de 36$94, que reverteu a favor da aludida escola democratica, cuja construção tem estado um pouco parada devido ás inclemencias do tempo e ás circunstancias da vida atual do povo, que sofre e que se vê a braços com mil dificuldades.

Aos tres grandes benemeritos da causa popular, envia *O Dever*, que os conta no numero dos seus amigos, carinhosas saudações pelo acto de altruismo, feito á custa de trabalhos e canceiras, que praticaram com pleno aplauso de toda a gente de bem.

EXAME

Regressou da capital, onde foi prestar provas no concurso para o posto imediato, o nosso presado amigo e companheiro de labuta, snr. Gregorio Olivier Lopes, digno factor de 1.ª classe dos caminhos de ferro portuguezes, na estação velha de Coimbra.

O nosso amigo foi distintamente classificado, como se esperava, pois é um funcionario muito zeloso e estudioso.

Parabens.

Instituto Branco Rodrigues

Um cego de nascença que adquire vista

A Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, aceitando o oferecimento que o snr. Branco Rodrigues lhe fez para admitir na sua instituição duas crianças cegas, filhas de empregados da Companhia, aproveitou esse oferecimento para o menor de 8 anos José Maria Carvalheiro, filho do assentador da via ferrea Antonio Carvalheiro e de Emilia Barroca, guarda da linha, em Marinha das Ondas, concelho da Figueira da Foz.

Esta criança, antes de dar entrada no Instituto de Cegos, foi examinada pelo snr. dr. Gama Pinto, como são todos os candidatos a alunos desta instituição.

Pelo facto de sofrer de catarata congenita ficou internada durante dois mezes no Instituto de Oftalmologia, onde foi operada com tanto exito, que conseguiu obter vista.

Depois de sair do Instituto de Oftalmologia, foi apresentada pelo fundador do Instituto dos Cegos ao snr. Melo e Souza, presidente do conselho da Administração da Companhia dos Caminhos de Ferro, que felicitou muito o snr. Branco Rodrigues, pelo brilhante resultado obtido.

Como a criança é de fraca compleição, vai agora para a séde do Instituto de Cegos, no Estoril, que é um verdadeiro Sanatorio, afim de adquirir forças, e ao mesmo tempo receber instrução ministrada naquele estabelecimento.

Será o primeiro discipulo com vista que as professoras cegas vão ensinar e que apresentarão a exame de instrução primaria.

Aniversarios

Passou na segunda-feira o aniversario natalicio do nosso presado amigo, snr. Antonio Moreira, digno encarregado da oficina de tracção da companhia portugueza de caminhos de ferro, em Altarelos.

O nosso amigo é um bondoso funcionario, respeitador dos seus superiores hierarquicos e querido pelos inferiores a seu cargo.

Hontem passou o aniversario natalicio dos nossos amigos, snrs. Antonio e Manuel Ramos de Almeida, irmãos do nosso director. O primeiro é ferro-viario em Pampilhosa; o segundo é proprietario do Hotel Porto, em Lisboa.

Um abraço.

Salvé! «O Dever»

(*Comemorando o dia 25 | 2 | 915*)

Cá estamos mais uma vez. Ainda bem. Os meus amaveis leitores hão-de desculpar as minhas calinadas, pois que, invadido por uma persistente alegria, não sei se a minha mente poderá ter a inspiração clara para, com a minha miserrima prosa, poder felicitar este nosso leal amigo, que, com este numero, nos vem alegrar com o seu IV aniversario!

N'um meio como o nosso, em que muitas e fecundas iniciativas se produzem dia a dia perante a indiferença do povo, a vitalidade ativa de um periodico representa, evidentemente, um *tour de force*. Eu, que estou prestes a abandonar as letras, cujo frontão transpuz como um simples intruso, queria, neste momento, ser Homero, Virgilio, Dante ou Camões que, cultivando a poesia, lhe queria dedicar quimericas saudações, pois não ha maior alegria para cativar minh'alma, do que esta de vêr registar o aniversario de um jornal.

O Dever acaba de entrar n'uma nova fase orientadora; portanto, educar, orientar e instruir é o caminho progressivo que ele anceia para o seu brilhante futuro. Educar, sim, pois a sua leitura é positivamente fina e educativa. *O Dever*, sim, que apesar da sua curta existencia, tem sabido conquistar um elevado merecimento e valor literario, pela sua inalteravel cultura e preponderante criterio.

Eu sou um predileto do jornalismo, e já que não posso faze-lo, afigura-se-me verdadeiramente benemerito todo o homem que, por esse meio, tente estimular o proximo por meio de salutares conceitos que eduquem e emancipem.

Por isso, sabendo que, no decorrer d'este mez, *O Dever* regista mais um ano de vida, venho sauda-lo com todo o entusiasmo de que é capaz um humilde e obscuro mancebo que ainda não excedeu das 18 sorridentes primaveras! Saúdo-o, e a Almeida Junior, e em geral a todos os seus apreciaveis colaboradores e leitores, e faço ardentes votos pela sua larga existencia em crescente progressão de prosperidades.

Castelo de S. Jorge, 16 | 2 | 915.

Manuel Afonso Almufrey (Noroe).

Administrador do Concelho

Os jornaes trazem a noticia de que foi á assinatura o despacho da exoneração do digno administrador deste concelho, snr. Antero d'Alte da Veiga, que ha dois anos exerce dignamente esse logar.

A Republica deve ao snr. Veiga assinalados serviços, antes e depois de proclamada, nada justificando essa exoneração, porque o seu elevado espirito de rectidão grangeou-lhe geraes simpatias no concelho, em todos os partidos.

Consta-nos á ultima hora, a despeito de tal noticia, que o snr. Antero da Veiga continúa á testa da administração deste concelho, o que muito estimâmos por todos os motivos.

Alice Oliveira,

aluna externa do 5.° ano de piano do Conservatorio e com o curso de musica: léciona, em sua casa ou dos alunos, como se convencionar.

RUA DO SUB RIPAS, 10
COIMBRA

CAMARA MUNICIPAL

Sessão da Comissão Executiva da Camara Municipal de Montemór-o-Velho, de 30 de janeiro de 1915.

Presentes os cidadãos vereadores vogaes da Comissão Executiva: Monteiro da Costa, Goes, Batista e Esteves de Barros, sob a presidencia do dr. Antonio J. Simões.

Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior.

Tomou conhecimento do seguinte expediente:

Um telegrama do Governador Civil com data de 25 do corrente a pedir lhe informe qual o vereador encarregado do pelouro da instrução, sua profissão e habilitações literarias.

Informou a presidencia haver-se respondido em abril de 1914, haver comunicado ser o vereador do pelouro da instrução, Bacharel Formado em Direito, e o presidente da comissão executiva, Antonio J. Simões.

1.º Oficio da Junta de Paroquia de Arazêde, a informar que tendo verificado o estado da casa em ruina no Amieiro, encontrara pessoa competente a demolir a mesma casa, informando o vereador Goes ser essa pessoa um cunhado do dono da casa.

A comissão ficou inteirada.

2.º Oficio da 2.ª repartição da secretaria do Hospital de S. José, a remeter o recibo da quantia de 92$04, que a Camara pagou por conta do excesso da quota do ano de 1905 e por conta do ano de 1905.

Deliberou que fosse arquivado, fazendo-se a devida escrituração.

3.º Oficio n.º 239; L.º 11 da Inspéção do Circulo Escolar da Figueira da Foz, a informar em resposta a um oficio que a Comissão lhe enviou, que, em seu parecer, pode a Camara conceder licenças de 15 dias aos professores, com o vencimento de categoria e exercicio. Além de 15 dias pode concedel-as com o vencimento de categoria até 90 dias por motivo de doença.

Por qualquer motivo de interesse particular dos professores, essa licença não deve passar de 15 dias, e não deve contar-se-lhes o exercicio.

Deliberou que na folha de pagamento do corrente mez, sejam apenas abonados 15 dias com categoria á professora de Gatões.

4.º Oficio da Comissão Administrativa da Maternidade de Coimbra, a participar ter entrado na sua secretaria a folha em duplicado dos vencimentos pagos ás subsidiadas, relativos ao 2.º semestre de 1914.

Inteirada.

Foram apresentados diversos requerimentos.

Da professora de Gatões a pedir mais 30 dias de licença por motivo de doença, apresentando atestado.

A Comissão deliberou conceder-lhe a pretendida licença, só com o ordenado de categoria. E resolveu oficiar ao snr. Inspétor do Circulo a preguntar se tem conhecimento d'alguma professora que possa ser nomeada interinamente, para não haver prejuizo para aquela freguezia.

Outro do Paroco da freguezia de Pereira a reclamar contra o pagamento da coléta que lhe foi lançada pela Camara, pela pensão que do Estado recebe, fundado em ter sido privado do rendimento de inscrições, etc., etc.

A Comissão deferiu a reclamação e mandou anular as colétas em divida.

Informações ácerca de licenças pedidas.

O mestre de obras com os vereadores das diversas freguezias, informam faroravelmente sobre diversos alinhamentos e licença para depositos de materiaes, construções de casas, e reconstruções.

Concedidas na forma da lei.

Foi a Comissão informada de que em mão dum particular de Tentugal, existia uma torneira de metal e uma corrente de ferro pertencentes á Camara.

Foi encarregado o mestre de obras a fazer a cobrança destes objétos.

Apareceu o empreiteiro das obras de reparação da escola feminina desta vila, Elisio Esteves da Costa, a fazer a entrega hoje da mesma casa por ter concluido a sua empreitada.

A Camara aceitou provisoriamente a casa e as obras executadas, na forma do contrato.

Teve a Comissão conhecimento de que a Camara em sua sessão plenaria de 28 do mez corrente e a proposito do corte das madeiras verdes da estrada de Vale de Raus em Pereira, vendidas pela Junta de Paroquia, abusivamente por elas serem da Camara, tinha resolvido que o assunto fosse tratado, e sobre ele deliberasse, a Comissão Executiva. Esta conhecendo a gravidade do assunto, resolveu devolver áquela corporação a resolução do referido assunto na sua proxima sessão plenaria, propondo o digno vereador Tavares Lebre que a resolução fosse tomada numa sessão extraordinaria da Camara.

Foi ouvido o guarda Figo sobre o assunto, que não deu explicações cabaes que satisfizessem a Comissão; rasão por que foi aprovada a proposta do digno vereador Lebre.

Não havendo mais que tratar encerrou o presidente a sessão.

Idem, de 6 de Fevereiro

Presentes os ilustres vereadores vogaes da Comissão Executiva: Monteiro da Costa, Goes, Pereira Batista e Esteves de Barros, secretariado pelo vogal Pato, sob a presidencia do dr. Antonio J. Simões.

Lida e aprovada a acta da sessão anterior.

Foi presente o seguinte expediente:

OFICIOS

Um da Inspéção do Circulo Escolar da Figueira da Foz, a responder que não tem conhecimento de professora alguma diplomada, para assumir a regencia interina da cadeira de Gatões.

Dito da professora da vila de Montemór a requisitar uma bancada para a cozinha da casa da escola. A comissão aprovou a requisição e mandou que se fisesse.

Dito do professor de Reveles a comunicar que neste dia entrava em exercicio. Inteirada.

Dito da Comissão Executiva da Camara da Figueira da Foz, a preguntar se a barca de passagem ao porto da Ereira anda arrendada, e no caso afirmativo, diz pertencer-lhe metade da renda, por a passagem ser feita entre a Ereira e o Campo de Maiorca. A comissão ponderou que nunca o Municipio da Figueira mostrou pretenção alguma da barca da Ereira, resolveu no entanto mandar dizer que o porto anda arrendado por 6$00 por ano, durante dois anos, e que fosse enviada a copia do auto da arrematação.

Dito da Comissão Executiva da Camara de Soure, a proguntar se o porto de passagem á Lavandeira se já foi arrematado, e por quanto, sentindo não ter sido avizada para se fazer representar. Informou o presidente que já tinha enviado áquela corporação a copia do auto da arrematação e que não teve conhecimento de que ela desejasse assistir á arrematação. A comissão ficou inteirada.

Em seguida informou a presidencia de que o portal da Capela de S. Pedro, em Verride, que vae ser transformada em casa de escola, necessita de ser limpo e duma soleira nova, por não servir a que existia.

Que tinham sido apresentadas 3 propostas para fazer aquele serviço, e a do canteiro J. A. da Cunha Maia foi a mais vantajoza, que faz o serviço por 7$80. A' comissão as ditas obras.

O vereador Monteiro da Costa, propoz para que a Comissão represente ao ex.mo Ministro do Fomento para que seja aprovado com urgencia o orçamento, para reparação das motas marginaes do rio Mondego, quebradas pelas cheias.

A Comissão aprovou a proposta, ficando o presidente encarregado da redacção da representação.

Foi presente o empreiteiro das obras da escola Conde Ferreira, Manoel R. Sales, a fazer entrega da casa por se acharem concluidos os trabalhos. A Comissão recebeu as obras provisoriamente, e convidou o condutor de obras da Figueira, para examinar as obras executadas nas duas escolas desta vila.

Pede licença por algum tempo, por se auzentar do concelho, o vereador Pereira Batista. Concedida a licença.

O vereador Goes, propoz que do viveiro de Arazede fossem dadas algumas arvores á Junta de Paroquia de Arazede. Foi prometida a cedencia das arvores.

Confirmou um atestado de pobreza, passado pela Junta de Paroquia de Arazêde.

Foram presentes uns processos de alinhamentos em que ha cedencia de terrenos publicos. A Comissão aprovou as cedencias dos terrenos, sendo pagos pelas avaliações dos peritos para isso nomeados pela Comissão Executiva, e mandou que fossem avisados para pagamentos os requerentes.

Foram presentes varios requerimentos para alinhamentos, das diferentes freguezias do concelho. Ao mestre de obras e vereadores para informar.

Foi presente o balancete semanal, acusando na caixa economica 100$00 e na tesouraria 83$29.

Foi presente um mapa de denuncias, do guarda de Tentugal.

Em seguida passou a Comissão a confecionar a estiva dos preços medios dos generos de consumo do concelho.

Em seguida mandou pagar diversas despezas.

O vereador Monteiro da Costa que requeria que ficasse consignado que ele havia proposto se oficiasse ás camaras da Figueira e de Soure, para que representassem ao ex.mo Ministro do Fomento, para que fosse aprovado o orçamento, para taparem as motas do Mondego, pois que todos os trez concelhos teem interesse daquelas obras.

Em seguida foi encerrada a sessão.

Falecimento

Finou-se no dia 19, em Pampilhoza do Botão, a snr.ª D. Maria Henriqueta Nunes, estremosa esposa do nosso velho amigo, snr. José Nunes, cunhada do snr. Paulo Bergamin e tia do snr. Feliciano Rocha, representante da casa Herold & C.ª.

O funeral, que se realisou no dia seguinte, foi bastante concorrido por pessoas de todas as classes sociais, o que bem patenteou a estima em que a finada era tida e a grande consideração de que gosa a ilustre familia Bergamin. Dentre outras pessoas, tomamos nota dos seguintes nomes: snrs. dr. Francisco Cruz, deputado da nação, e Joaquim da Cruz, Francisco Bastos Mourão, Adriano Teixeira Lopes, Abel Godinho, industriais; Domingos Rodrigues da Silva, comerciante; Manuel Rodrigues da Silva, ferro-viario; José de Figueiredo, guarda-livros; João Mano, Guilherme Ferreira da Silva, professor; e José Martins Catarino, industrial.

A' enlutada familia, que chora com saudade a pobre morta, envia o *Dever* o seu cartão de sentidas condolencias.

AOS AGRICULTORES

Estamos entrados na epoca da sementeira da batata, e é de toda a conveniencia que os senhores se não esqueçam dos adubos quimicos e organicos, da acreditada casa *Varela, Leal & C.ª, das Varzeas*, e que se encontram **á venda em casa de Manuel Monteiro Godinho**, com deposito no **Casal do Gaio, Arazêde.**

Secção de Variedades

Um requerimento para o descanço semanal

As avaicho assiguenadas,
Amas de leite aprovadas,
Pra crear qualquer criânço,
Veem aqui representar,
E esperam ser óbtidas,
De tamem ser incluidas
Nessa coisa do descanço.

A gente leva a semana
Toda a dar chucha ós pequenos,
Que fica sem ter ómenos
De leite o mais triste pingo!
E por quanto é de justiça
Vir a lei muito esclarada,
Que a gente num é obrigada
A dar a chucha ós domingos.

Que os senhores num faz idêa
O que isto custa do peito,
Estar-se dias a eito
Sempre a dar chucha á criança.
A gente num é de ferro,
Mas nem que seja robusta,
Deus sabe o que ás vezes custa,
O que uma pessoa cança.

Ora, por tanto está visto
O dreito que a gente tem
Pra ter descanço tamem,
O' domingo, como ós mais;
Já que á semana os pequenos
Nos chucham continuamente,
Descance ó domingo a gente
E chuchem eles nos pais!

LEOPOLDO NETO

Por ter sido aprovado, foi admitido á prova oral para inspetor de finanças, o nosso presado amigo, snr. Leopoldo Augusto da Silva Neto, que por algum tempo exerceu o cargo de secretario de finanças no nosso concelho e atualmente se acha em Caldas da Raínha.

Cumprimentos.

O ministro do fomento concedeu 1:500$00 para reparações dos estragos dos temporais e inundações na estrada da Fonte da Guia e Buarcos, distrito de Coimbra.

Alvaro de Matos

Prof. das Clinicas obstetrica e ophtalmologica na Faculdade de Medicina

CLINICA GERAL. DOENÇAS DAS SENHORAS

Residencia: R. de Tomar, 5. Tel. 51

Consultas da 1 ás 3 no Largo Bombarda, 27, 1.º Tel. 20

As consultas de gynecologia e ophtalmologia são gratuitas para as classes pobres.

CARTA DE COIMBRA

Antonio Nobre. — Glorificou se a academia com a consagração feita ao insigne poeta que na Torre d'Anto, na Rua de Subripas, viveu, desferindo aqui e lá fóra os acordes do seu estro pelas estancias de Coimbra que tão carinhosamente estremeceu. *A Galera*, revista de sciencia e arte, relicario da vida espiritual dum novo ciclo academico que desponta, depois duma duradoura *paz*, pode sentir-se orgulhosa da obra da Nova Renascença encotada, e os nomes dos promotores da grande obra educativa não devem citar-se hoje porque ao Futuro pertencem.

Ouve dizer-se que o brilhantismo das festas deixou a desejar. Não houve touradas, nem tiro aos pombos, nem lutas de galos e leões. Para o Poeta do Martirio houve o estrondo dos morteiros a mais, e o silencio, o civismo, o dever de camaradagem a menos. Para o bom exito dum assunto colectivo é preciso bater-se e bater-se muito... na propaganda.

A'parte as boas intenções havia numeros impraticaveis, como a batalha das flores e o passeio fluvial á Lapa dos Esteios.

Houve descuidos na recepção á familia do poeta por culpa da mordomia, que devia ter no seu seio tambem um saragoçano para lhe indicar uma epoca propria para a Natureza se associar a uma festa que, apezar de tudo, achamos extremamente consoladora e do mais alto grau de vitalidade para o nome da academia, que parece ter rejuvenescido com o mais honroso dos deveres. De resto, a Coimbra burguesa representou-se devidamente, o trabalho associou-se com dignidade, em contraposição numérica, talvês, ao feriado oficial. Não se sentiu muito a falta do professorado universitario por não estarmos habituados a vê-lo propulsionar obras educativas e de realce. Dos estabelecimentos de ensino oficial apenas vimos representada condignamente a Escola Nacional d'Agricultura, merecendo o seu carro alegorico os encomios geraes.

Castilho.

CORRESPONDENCIAS

Abrunheiro, 18 | 2 | 915

A pedido dum ex.mo amigo que muito prézo, vou iniciar hoje as minhas correspondencias para *O Dever*.

Nunca fui correspondente de jornaes, e por tal motivo, como sou um novo, é natural que nem sempre desempenhe regularmente, para não dizer *bem*, as minhas funções de correspondente.

De politica não tratarei, porque não tenho *embocadura* para tal instrumento, mas procurarei, quanto possivel, chamar os meus conterraneos á realidade dos factos, quando isso fôr necessario.

Feita, pois, esta simples apresentação, cumprimento o snr. Almeida Junior, a quem não tenho a honra de conhecer pessoalmente, apesar de aqui ter vindo procurar-me, mas que sei ser um homem inteligente e um caracter puro.

=== O inverno tem sido atrevido de mais. Os lavradores encontram-se bastante descontentes, e com razão, com o aspecto que ele vai tomando. Falta de trabalho e fome, é o que se espera.

=== Já se encontra em exercicio na escola do sexo masculino desta localidade, o snr. Jorge Fernando da Cruz Vieira, zeloso professor de instrução primaria.

=== O carnaval foi bastante aborrecido. Apenas houve na sala da Sociedade Filarmonica dois bailes que correram bastante animados, dançando-se até altas horas da madrugada.

=== Abriu aqui um novo estabelecimento de fazendas, mercearia e ferragens, o snr. Joaquim de Souza Carvalho.

Desejamos-lhe muito negocio.

=== A passar o carnaval, retirou para Coimbra o nosso amigo dr. Martinho de Brito.

=== Vimos aqui com pouca demora, o snr. dr. José Elisio da Gama Regalão, integerrimo juiz da comarca de Aveiro.

=== Tem continuado com os ensaios do seu *orfeon*, que tenciona apresentar em publico no proximo mez de março, o nosso amigo snr. Julio Neves da Costa, habil farmaceutico nesta localidade.

=== Deve realisar-se num dos ultimos domingos de março uma festa escolar na escola mista desta localidade.

Os distintos professores D. Aida da Fonseca Mota e Jorge da Cruz Vieira, estão empregando todos os seus esforços para que a festa resulte o mais brilhante possivel.

Brevemente reunirá a Comissão que foi convidada pelos mesmos professores, para os auxiliar, na escola mista, onde será organisado o programa e se combinará o dia em que a mesma festa se realisará.

=== Foi nomeado ajudante do oficial do Registo Civil nesta localidade, o snr. Manuel Jorge da Silva, distinto farmaceutico.

=== Em goso de ferias, encontra-se aqui o nosso amigo Batista da Costa, aluno do Liceu de Coimbra.

=== Esteve no dia de carnaval nesta localidade, de visita aos seus parentes e amigos, o snr. Camilo da Costa Ferreira.

=== De visita a seu mano Antonio de Ornelas e Vasconcelos, aspirante a oficial de artilharia 2, partiu para Alcobaça o nosso presado amigo, snr. Duarte de Vasconcelos e Ornelas.

Boa viagem.

N.

Defeza de Coimbra

Foi nomeada uma comissão composta dos snrs. engenheiros Cecilio da Costa, Costa Couraça, Severino da Cunha, Paulo de Barros e Jorge de Lucena para, depois de ouvidas as entidades e associações interessadas, proceder, com a maior urgencia, á revisão do projecto aprovado das obras de defeza da parte baixa da cidade de Coimbra contra as cheias do rio Mondego, de modo que esse projecto se adapte ás circumstancias actuais, indicando ainda a fórma de mais rapidamente levar a cabo aquelas obras e apresentar por fim um plano geral de melhoramentos a realisar na cidade, no rio e nos campos marginais que garanta aquela dos prejuizos que possam provir das grandes cheias do rio.

Agua da Curia

Mogofores

As unicas aguas sulfatadas-calcicas que existem no paiz, similhantes ás afamadas aguas de Contrexéville, nos Vosges (França).

Poetas e Prosadôres

MONTEMÓR

Como raínha assente em trôno de verdura,
de longe aspecto tem o mais risonho e bélo!
Quem no alto se vê do famoso Castelo
sente impressão real de encanto e formosura!...

O rio, de cristal; da Poesia a figura
graciosa reflectindo... e com que doce anélo!...
Os campos marginais, trata los com disvélo...
e os montes, mais além... que esplendida moldura!...

Povoações a distancia olham p'ra nós sorrindo,
quando aos beijos do sol sentem prazer infindo!...
—Quadro sublime emfim, cheio de vida e côr!

O' vós que visitais a Suissa afamada,
vinde a esta terra, pois, da Natureza amada,
paisagem gosareis... toda encanto, esplendor!...

Montemór-o-Velho, Fevereiro de 1915.

J. Neves.

MAIS UMA ROZA

(Ao *Dever*, pelo seu 4.º aniversario)

Já tens quatro anos! E's uma creança
Cheia de amores e ternos carinhos,
Perpassaste um mar cheio de espinhos,
Vitoriou... tua ferrea lança!

E's uma creança, mas já tens amores
Que embalsamam no teu lindo berço,
Por isso de te enviar hoje m'apresso,
Um lindo *bouquet* de viçosas flores...

E' na fulva vastidão do teu seio,
Que tu abraças num pueril esteio
Carinho, paz, fraternidade, amôr,

E num simples soneto eu queria ter
A sublime inspiração p'ra te dizer:
— Salvé *O Dever*, viva o seu directôr...

Castelo de S. Jorge, 16-2-915.

Afonso Almufrey (irmão).

BOBY

(CONCLUSÃO)

Nesse dia o pequeno cão foi acariciado com mais ternura, a creadajem primava em festejal-o, Madalena, embevecida, trouxera-o ao cólo largo tempo e o industrial, satisfeito, brindara-o com minusculos bocados de Bruyére que ele mastigava com ancia e delicia.

* * *

Boby, uma manhã aparecera triste, o olhar mortiço, as orelhas pendentes, a respiração opressa e dificil. Ao contrario do seu costume não percorrera, latindo, toda a casa, alegremente, como costumava; deixara-se ficar encolhido e tristonho no seu colchãosito macio. Conservava a boca aberta, mostrando os dentes brancos e aspirava com dificuldade, grunhindo, de quando em quando, um grito rouco de dôr. Estava doente, era incontestavel e Madalena correu solicita e o industrial fora informado.

Boby parecia respirar cada vez mais a custo, era preciso tratar do pobre animalzito, quanto antes.

Que se havia de fazer?

As creadas opinaram que se resguardasse do ár, que se embrulhasse num cobertor de lã, com o maximo recáto.

Mas que se havia de fazer?

Como iniciar o tratamento do pobre animalzito, que medicamentos se lhe haviam de propinar?

Ah! A anciedade perturba e faz esquecer!...

O industrial lembrou uma visita da casa. Morava ali perto, o dr. Simplicio, seu amigo, velho veterinario municipal. Ia naquele momento escrever-lhe, e, decerto, ele viria imediatamente.

— Manda-se o cão, bem embrulhado, não, papá?

Que não, que era um perigo. A vida do pobre Boby era-lhe preciosa, não queria, de maneira alguma, expol-o. O dr. Simplicio era um amigo velho, e certamente, desculpará o incomodo.

E chamara Jorge, um rapazola, mixto de creado e d'aprendiz, para levar a carta ao veterinario amigo. O dr. Simplicio não se fez esperar e diagnosticou uma angina, incomoda, sim, mas sem gravidade de maior. Os medicamentos foram-lhe ministrados com solicitude e interesse e Boby melhorava, dentro em pouco, como por encanto. Já recebia com demonstrações gratas as festas amigaveis que lhe faziam, sacudindo a cauda e grunhindo rouco, já os seus olhitos tinham readquirido o brilho normal, quando o medico que o visitara a miude o déra como quasi curado.

— Ora aqui teem o Boby, quasi curado. Mandem-no ámanhã, lá, ao meu consultorio. Quero examinar lhe mais uma unica vez a gorja.

Não faltaram — o interesse era supremo. Jorge, o creado, levara-o, muito embrulhado num cobertor de lã fina, com muito cuidado e muitas recomendações, ao cólo, como se fôra uma creança fraca.

Mas, logo ao sair a porta, alguem gritou aterrorisado, aflito e uma balburdia enorme se produziu na rua, de ordinario silenciosa e pouco movimentada. Uma carroça tirada por dois cavalos desbocados colhêra o pobre Jorge, continuando na sua correria louca. N'um momento juntou-se uma multidão gritando, barafustando, acotovelando-se, emquanto um agente da autoridade dava providencias e tirava notas. Uma maca chegou rapido e o cadaver do pobre aprendiz, ensanguentado, ferido, foi envolto n'um cobertor de lã fina que para ali aparecêra caído, abandonado...

Os creados do industrial acorreram em grita, curiosos, palidos, horrorisados, inquerindo, perguntando. Do cimo da escada o industrial perguntou despreocupado o que sucedêra. N'um momento saciaram-lhe a curiosidade. Ai! Uma desgraça! Jorge... Boby... uma carroça, tudo esmagado, tudo desfeito.

O cadaver do pobre aprendiz lá fôra para o cemiterio; os cavalos tinham-se ido estatelar d'encontro á *vitrine* duma loja de modas, no fundo da rua, partindo tudo, ferindo-se, desfazendo-se. Uma desgraça, uma grande desgraça!

— Mas Boby, o nosso pobre Boby, perguntou o industrial um tanto pálido e perturbado.

O cão não morrêra. Tremulo e medroso acocorára-se a um canto, sem uma leve arranhadura, ganindo rouco.

— Trago-o aqui, ileso, respondeu uma creada subindo á pressa a escadaria larga.

— Tinham dito que ficara esmagado...

— Boby, não. O pobre Jorge é que lá ficou, coitado. Levaram-lhe o cadaver...

Mas o industrial tinha-lhe voltado as costas e afastára-se, encolhendo os hombros insensivel, indiferente, murmurando:

— E' preciso ser-se supinamente estupido para se deixar esmagar assim!

E reparando em Madalena que lacrimejava a um canto, nervosa e comovida, acariciou-lhe o cabelo louro e abundante.

— Porque choras, filha?! Boby não morreu. Jorge?! Ora... Seria dificil arranjar outro Boby, mas quem nos ganhe o nosso dinheiro e esvasie os nossos pratos, substitue-se facilmente...

E sempre de sorriso nos labios grossos, amimou o cãosito que a creada tinha posto, com mil cuidados, sobre um almofadão fôfo de setim azul.

Novembro, 1914.

M. Duarte Lopes.

Sonhos d'amôr

Sonhar é viver, dormindo,
Vida de fumo e neve...
Sonhos etérios d'amôr,
São longos e passam bréve.

Vive-se ás vezes, sonhando,
Numa hora de prazer,
O que durante a existencia
Nunca podemos viver.

Sonhos d'amôr são perfume
Abrangendo a imensidade!
Num só minuto, sonhando,
Vivemos a eternidade!

Sonhos d'amôr, brancas nuvens...
São como sombra e penumbra!
Hálitos brancos de lirio,
Arôma que me deslumbra...

Sonhos d'amôr! se os tivesse
No silencio do jazigo,
Não me importava morrer,
Morrer sonhando comtigo!...

Sonhos d'amôr, branco fumo
A saír d'aquela chama
Que arde constantemente
No coração de quem ama!

Sonhos d'amôr, quem me déra
Tel-os dormindo e acordado,
E sonhar constantemente
Que a tinha sempre a meu lado.

José P. Godinho.

AMIGOS DO ALHEIO

Os emeritos gatunos assaltaram, na noite de 22, o escritorio da importante fabrica de ceramica dos nossos ex.mos amigos srs. Mourão, Teixeira Lopes & C.ª, junto á estação ferro-viaria da Pampilhoza, não conseguindo arrombar o grande cofre, a despeito dos maus tratos que lhe fizeram com marteladas violentas.

Foi bom não conseguirem os seus fins, pois não ficariam mal servidos. Os larapios aproveitaram a ausencia do guarda noturno, que havia ido, no seu giro habitual, percorrer as dependencias do estabelecimento industrial dos nossos amigos.

Nada podendo levar do cofre, abriram a gaveta de uma secretária e conseguiram furtar 4 escudos, o que lhe não chegou para o susto ao notarem a presença do guarda, que não conseguiu conhecê-los.

Pampilhosa do Botão é um covil de ladrões, e não se nos dá de acreditar que alguns são bem conhecidos...

Seria oportuna uma rigorosa vigilancia por parte da autoridade, ao menos para alivio dos que trabalham e á custa de sacrificios conseguem uma vida desafogada e honrada.

UM LOUCO

O desventurado oficial do estado maior Aparicio Rebelo dos Santos, que num acesso de loucura matou o ilustre alienista dr. Bombarda, continua em estado horroroso no hospital de Rilhafoles, sempre com colete de forças e as paredes da cela acolchoadas.

E' visitado por sua mãe, que ele não reconhece.

Pobre mãe!

Valor da nova moeda

Um escudo ou avo de ouro (1$000 rs.) divide-se em 100 centavos:

1/4 centavo equivale a	2 1/2	réis
1/2 centavo »	5	»
1 centavo »	10	»
2 centavos »	20	»
5 centavos »	50	»
10 centavos »	100	»
20 centavos »	200	»
50 centavos »	500	»
1 escudo (100 centavos) equivale a...	1$000	»
2 escudos (200 centavos) equivale a...	2$000	»
5 escudos (500 centavos) equivale a...	5$000	»

REGISTO CIVIL DO CONCELHO

DE 1 A 15 DE FEVEREIRO

Nascimentos

ARAZEDE — Elisio, filho de Manuel Gonçalves Sebastião e de Maria Gomes da Cruz, nascido no logar dos Bisarros.

Elvira, filha de Antonio d'Oliveira Bento e de Luiza Mendes dos Reis, nascida no logar do Zambujeiro.

Maria, filha de Antonio Rodrigues Cação e de Joaquina da Cruz, nascida no logar dos Pelicanos.

Conceição, filha de José Goes de Oliveira e de Maria da Cruz, nascida no logar do Amieiro.

CARAPINHEIRA — Francisco, filho de Francisco Goes e de Ana Malva, nascido no logar do Casal do Mato.

Antonio, filho de José Maria Bonito e de Maria da Pureza Maleita, nascido no logar do Cabeço.

MEANS — Alvaro, filho de Alvaro Caixeiro e de Joaquina Ferraz, nascido no logar das Means.

MONTEMOR — Joaquim, filho de José Mendes da Costa e de Tereza Gomes Cavaleiro, nascido no logar de Fonterma.

Maria José, filha de Joaquim Amaral e de Ana Maia, nascida na vila de Montemór.

PEREIRA — Maria José, filha de Manuel Rasteiro Amado e de Emilia Pereira Gaspar, nascida no logar dos Montes de Cima.

SANTO VARÃO — Auzenda, filha de Luiz dos Santos Cravo e de Nazaré Carvalho, nascida no logar de Formoselha.

SEIXO — Antonio Maria, filho de José Fernandes Canteiro e de Joaquina do Carmo Redonda, nascido no logar da Vergieira.

TENTUGAL — Bento, filho de José Ribeiro Russo e de Engracia Craveiro dos Santos, nascido na vila de Tentugal.

Isaura, filha de Antonio de Carvalho e de Maria Candida, nascida na vila de Tentugal.

Maria da Encarnação, filha de Julio Leitão e de Maria Tinoco, nascida no logar da Portela.

Francelina, filha de Adriano Ramos e de Maria Ferreira, nascida no logar da Ribeira dos Moinhos.

VILA NOVA DA BARCA — Laurinda, filha de Antonio Maria Monteiro e de Maria Amelia Batista Gaspar, nascida em Vila Nova da Barca.

OBITOS

ARAZEDE — Maria d'Oliveira, casada, de 70 anos, falecida no logar das Faiscas.

Maria da Encarnação Marques, solteira, de 38 anos, falecida em Arazede.

Bernarda Fernandes, viuva, de 86 anos, falecida no logar da Azenha Derrubada.

José Costa, viuvo, de 77 anos, falecido no logar do Murteiro.

Maria da Cruz, viuva, de 70 anos, falecida no logar dos Resgatados.

Belarmina de Jesus, casada, de 54 anos, falecida no logar das Faiscas.

MEANS — Antonio Girão, de 3 anos, falecido no logar da Cortada.

MONTEMOR — Maria da Conceição Ferreira, viuva, de 53 anos, falecida no logar de Quinhandos.

Houve dois nascido-mortos.

SEIXO — Joaquina Cavaleira, solteira, de 88 anos, falecida no logar do Seixo.

PEREIRA — Fortunato Grilo, viuvo, de 52 anos, falecido no logar dos Montes de Cima.

João Mendes Farrafa, viuvo, de 74 anos, falecido no logar da Torre.

VERRIDE — Joaquim Ferreira, casado, de 60 anos, falecido no logar da Ereira.

Rita Alves dos Santos, viuva, de 88 anos, falecida no logar da Ereira.

TENTUGAL — Joaquim Monteiro Pedreiro, de 12 anos, falecido na vila de Tentugal.

Por falta de espaço retirámos, á ultima hora, noticias e colaboração importante.

Vai ser contratado o fornecimento e assentamento de mosaico no pavimento e patamar da escadaria nobre do edificio da Academia Politecnica do Porto.

"O DEVER,,

Vende-se em **Montemór-o-Velho**, no estabelecimento comercial do snr. Bernardo Gonçalves Ferreira; em **Arazêde**, no do snr. Antonio Ismael da Cruz; em **Vila Franca**, no do snr. Manuel Costa Junior; em **Amieiro**, no do snr. João Pires Couto, onde os nossos leitores o poderão obter ao preço de 20 réis cada exemplar.

ANUNCIOS

FABRICA DE CAL

Cal fina e grossa, fornece-se em muito boas condições. Preços modicos, sobre o wagon, no caminho de ferro e nos proprios fornos.

Agente de telha tipo marselha e tijolos de todos os formatos, da fabrica Lacerda, Figueiredo & C.ª Limitada, da Pampilhosa.

Pedidos a

Joaquim S. Coca Junior
Zambujeiro — Arazede

Anuncio

Direcção das Obras Publicas do Districto de Coimbra

3.ª Secção de Construcção

Ponte da Lavandeira (Avenidas) E. D. n.º 111

Faz-se publico que no dia 3 de março, ás 12 horas, na secretaria da Administração do Concelho de Montemór-o-Velho, perante o respectivo Administrador, se procederá á arrematação duma empreitada de terraplenagens, obras de arte e obras acessórias, a executar entre perfis 1 a 11 (a), 13 a 24 e 15 a *h*, na extensão de 354m,34.

Base de licitação, esc. 7:215$70.

Deposito provisorio, esc. 180$39.

O deposito definitivo será de 5 por cento do preço da adjudicação.

As medições, desenhos, orçamentos, perfis, tipos e condições especiais de arrematação estarão patentes na secretaria da Direcção das Obras Publicas em Coimbra, todos os dias não feriados, desde as 10 horas até ás 16.

Coimbra, secretaria da Direcção, 11 de Fevereiro de 1915.

O Engenheiro Director,
Paulo de Barros.

Gêsso e adubos compostos
Para todas as culturas
DE
J. CORTEZAO

Fabrica — Sá (Anadia)
Escritorio — Figueira da Foz.

AGUA DE LUSO -- Cura pela Diurése

(ESTABELECIMENTO TERMAL E HOTEIS ABÉRTOS TODO O ANO)

A mais diurética e mais digestiva. Aumenta a diurése, regularisa as funções digestivas e ativa os fenómenos nutritivo

Muito radioativa—4,49 miligramas—minutos
Muito ionisada, resistividade a 18° 18300 ohms
Muito rica em gazes raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotonica, ponto criospico 0°,04

} Conclusões da analise feita pelos distintos professores Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitissimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tifico

USO EXTERNO—Molestias de pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc,), reumatismo e gôta.
USO INTERNO—Artritismo, impaludismo, neurastenia—Albuminuria, diabetes—Intestinos, estomago—Rins—Bexiga.

Depositos -- **LISBOA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 428. FUNCHAL, José Quirino de Castro, rua dos Murças. AFRICA ORIENTAL: Oswald Offmann. BEIRA: F. L. Simões & C.ª. LOANDA: Beltrão, Pena & C.ª**, e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositarios nas terras onde ainda os não haja.

Seguros contra incendio — incluindo riscos de explosão de gaz e raio.

Seguros contra incendio — cobrindo tambem os riscos de *Greves* ou *Tumultos* (portaria de 14 de Março de 1914).

Seguros contra incendio — cobrindo ainda os riscos de *Guerra* (portaria, 30—XI—1914).

Unica companhia autorisada a segurar os riscos de Guerra nas apolices Incendio

As apolices d'A MUNDIAL são portanto as que mais conveem aos interesses dos proprietarios, locatarios, industriais, comerciantes, etc.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS
Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital Esc. 500.000$

Séde em Lisboa
Rua Garrett, 95
Telephone n.º 4084

Delegação do PORTO
Praça Almeida Garrett 22|24
Telephone n.º 1459

ENDEREÇO TELEGRAPHICO—**MUNDIAL**

Agentes em todas as localidades do paiz ilhas e colonias

Livraria e Tabacaria Cunha

Livraria Moderna e Tabacaria Augusto Henriques (reunidas)

Alberto Gonçalves Cunha

150, Rua Ferreira Borges—COIMBRA

TELEFONE N.º 293

LOTARIAS—Bilhetes, suas fracções e cautelas. Variada série de numeros certos.—Premios frequentes.
TABACOS—Nacionais e estrangeiros. As melhores marcas de cigarros e charutos.—Todos os artigos para fumadores.
POSTAIS ILUSTRADOS—Sempre as ultimas novidades em todos os generos.—Bilhetes de visita impressão rapida.
PAPELARIA—Finissimos papeis de carta em caixas aos cadernos.—Objectos para escritorio e desenho.
LIVRARIA—Nacional e estrangeira, Revistas, Publicações.—Figurinos.—Musicas.

Livros usados, antigos ou modernos, em qualquer estado, em grandes ou pequenas quantidades, compra em qualquer parte.

Passagens para o Brazil e Africa

José de Almeida

Negociante nas Fontes de Cadima, concelho de Cantanhede, e correspondente de todas as Companhias de navegação

Faz constar que vende passagens para todos os portos do BRAZIL, AFRICA, etc., a preços reduzidos, para o que está legalmente habilitado.

A sua vida de seriedade e honestidade são garantia segura para que os que desejam comprar passagens o procurem de preferencia a qualquer outro.

Guilherme dos Santos Pinto & Irmão
COM
OFICINA DE CANTEIRO

Encarregam-se de jazigos de toda a especie e todo o serviço concernente á sua arte.

Tambem executam todos os trabalhos que digam respeito a *Plantas, Alçados, Copias, Projectos e orçamentos de edificios, edificações, etc.*

Montemór-o-Velho=Verride

Restaurante Ferro-viario

ALFARELOS

ESTE bufete, um dos que melhor servem o publico que transita nos comboios, acha-se situado na estação do caminho de ferro de Alfarelos. Fornece almoços, jantares e *lunchs* e toda a qualidade de refeições, por preços comodos. Tem pessoal habilitado, tanto em esmero e perfeição. Tudo se encontra com esmero e perfeição. Fornece comida para fóra, e presta se a servir em casamentos, batisados, etc., desde que seja prevenido com antecipação.

O proprietario, **Artur de Oliveira Coelho.**

Companhia de Seguros

A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz
Antonio d'Oliveira Guerra
RUA DA REPUBLICA, 84

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL
Correio de Cadima—Vila Nova d'Outil

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legitimos acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de fórma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamavel, isca em cordão vendida fraudulentamente a titulo de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva acção civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa a Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando se a maior discreção. A Companhia logo que receba informaçõ s fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalisação para procederem ás necessarias diligencias. Dirigir-se pessoalmente ou por carta á Companhia Portuguêsa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS

MELO & MARTINS
PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada
PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiencia dos nossos adubos, devido ao seu magnifico resultado os adoptarão de preferencia a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro
PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex.mos passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.
Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA
Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.
PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações
Deposito das afamadas aguas de Luso.

Hotel de la Paix

JEAN OZUN

Situado num dos pontos mais centrais da capital, belas vistas sobre o Rocio, é um dos modernos hoteis que mais comodidades oferece.

Bom serviço de cosinha á franceza

Almoços, 60 centavos. — Jantares, 80 centavos. — Serviço á lista.

3 Calçada do Duque, 3 — **Lisboa**

Fabrica de Lanificios

— DE —

MANOEL JERONIMO DE MATOS

COVILHÃ

Fornecedor da caixa de socorros dos empregados da Companhia Portuguesa

Esta fabrica, uma das mais acreditadas da Provincia da Beira Baixa, fornece, por preços convidativos, especialmente a particulares do continente e ilhas, os melhores produtos da sua fabricação, tais como casimiras, cheviotes e estambres, empregando materia prima de primeira qualidade, esmerando se quanto possivel na sua execução e adotando os melhores padrões e côres que a moda impõe nos centros elegantes estrangeiros.

Envia mostras para todos os pontos, para o que bastará o pedido feito num simples postal.

Pedidos a

Manoel Jeronimo de Matos--Covilhã

Biblioteca da Universidade
Coimbra

Ano 4.º — Arazêde, 7 de Março de 1915 — N.º 159

Director, administrador e editor
J. d'Almeida Junior

Representantes em muitas terras do país, Africa e Brazil

PROPRIEDADE DA DIRECÇÃO

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguêsa

Pátria e Humanidade

Redação e Administração
ARAZEDE

Toda a correspondencia relativa a este jornal, deve ser dirigida ao Director, para Coimbra

Composição e Impressão
Tip. Silva (a vapor)—AVEIRO

MOMENTOS DE GRAVIDADE!

A' parte a divisão de partidos, que por abundar demasiadamente na Republica, e cêdo de mais, conseguiu levar tudo isto ao cáos tremendo da indisciplina, a sociedade portuguêsa dividiu-se agora em dois enormes grupos, cujo antagonismo se vae acentuando de dia para dia e em cuja irredutibilidade se está desenhando um abismo em que tudo se afundará irremediavelmente perdido: ilusões, esperanças na regeneração da raça portuguesa, a paz, a tranquilidade do pôvo, a flor odorante das garantias e liberdades individuais!

Ha transigencias que dignificam, que aureolam imorredoiramente um feito de patriotismo, e mal irá a toda a gente de Portugal se no actual momento de incertezas e bem justificados receios, essa salvadora transigencia muito se fizer esperar. Agora, que Portugal carece de todas as energias para garantir a vitalidade da sua independencia, engrandecer o seu prestigio de nação gloriosa entre as mais gloriosas do antigo e novo mundo, é que parece inevitavel um embate formidavel entre os seus filhos, embate que deixará Portugal muito abalado nos seus velhos alicerces de soberania, se não inteira e para sempre perdido no mar tormentoso das paixões politicas e do ódio mutuo entre a sua gente dominadora e em cujas mãos está ainda a salvação da nossa autonomia de seculos.

A classe militar, a alta classe militar, isto é, a classe conservadora, a burguezia e burocracia, de um lado, exercendo férrea acção não sabemos com que reservados intuitos, ou com que lampejos de luz; do outro a plebe, os pessimistas, os rôtos e *meia duzia* dos outros á mistura, talvez bem intencionados, mas impotentes para guiar o léme, toda a vida uns párias e uns *idialistas*, — eis ao que estamos reduzidos, depois de 5 anos de disparatada politica, de inqualificaveis desvairamentos que muito contribuiram para a situação desta hora de dolorosos pezadelos e para a desagregação da familia portuguêsa, servindo consequentemente a causa dos adversos ao regime republicano.

Arredados da politica activa teem estado altas individualidades historicas, de um prestigio intelectual e moral inconfundiveis e, para os conservar alheios aos manejos dos partidos militantes, muito tem feito a calunia e a impericia, e quiçá a embriaguês extemporania da vitoria, visto que o triunfo não assentou desde logo na serena reflexão das altas lições da Historia, criando-se-lhe um alicerce de Logica e de Juizo, de sobriedade e de ideias definidas para servir de trajétoria luminosa á marcha apetecivel e ascencional do Progresso e da Razão.

Um dia, quando se realisar o funeral desta sociedade que se está suicidando a olhos vistos; quando, ao pronunciarem-se os discursos do estilo á beira da sua sepultura de incongruencias e absurdos, de podridões e desacertos, se vir então o mal, constatar-se-á, mas em hora adiantada, até que ponto o crime impunemente se praticou, á face do sagrado direito da autonomia e da independencia dos povos, punivel, para que as responsabilidades não possam ser desviadas do seu caminho, desalojadas do seu nefando covil, da alma sinistra dos perdulários sem a noção do dever nem a consciencia do direito.

Tudo vê a hora do perigo para a nacionalidade portuguêsa, toda a gente pressente, admirando e rememorando a vastidão das suas glorias, a aproximação do momento d'amargura.

E se assim é, não devia importar a fórma de governo ou a opinião dos homens, se de determinado sistema governativo ou maneira de pensar, adviesse a garantia da nossa estabilidade de povo autónomo, independente e cioso da sua emancipação.

Trata-se de evitar a uzurpação dum paiz, de afastar para sempre seculares cubiças, afrontas constantes ao brio nacional? Pois arredem-se sétarismos que maculam, arrefeçam-se paixões que desnorteiam. Não será isso dificil. Atear ódios, exercer pressões de qualquer especie, é fomentar cada vez mais a indisciplina e cavar cada vez mais fundo o abismo inglório da nossa ruina nestes tempos da já manifesta falta de caracter que atravessamos.

A liberdade de crenças não deve ser ficticia, palavra que se escarneça a todo o passo, porque, enjaular o pensamento humano, não é bem a mesma coisa que encarcerar, com sentila á vista, um criminoso da mais infima condição social. A sociedade portuguêsa atravessa uma das fases da sua maior decadencia d'educação de principios. E, separada em dois campos de oposição, sem viabilidade de fundir-se numa mesma comunhão de ideias salvadoras, ha de acabar por acabar com tudo, sendo ela a primeira a perecer, coberta de ódios e maldições, pois não é em vão que se pratica um crime de leza-Patria.

Ainda é tempo de reflétir?

Que se pondere na situação presente, enquanto não entardece mais.

ALMEIDA JUNIOR.

BRAZIL

Prevenimos os nossos assinantes do Brazil de que, se não mandarem satisfazer os seus débitos a esta administração, até ao dia 1 de maio do corrente ano, deixarão de receber o jornal.

Tambem aqueles que pedirem assinaturas terão que depositar, ao fazerem o pedido, 5$000 réis fortes, sem o que não poderão ser considerados assinantes.

Snr. director d'*O Dever*.

Coimbra, 4 de março de 1915.

O ultimo numero do semanario, que distintamente dirige, trata-me com penhorante consideração, ao referir-se á minha exoneração de administrador do concelho de Montemór-o-Velho.

Sou profundamente reconhecido á sua delicadeza.

Ao contrario do que disse, eu terei sido um péssimo administrador, mas não perturbei a paz do concelho, não pratiquei uma violencia durante os quase dois anos que exerci o logar; em cousa alguma fui *acintoso*, ou descortez, para com os partidos da Republica, ou mesmo para com os seus adversarios.

As demonstrações de simpatia recebidas dos homens sérios de todos os partidos, *de dentro do concelho de Montemór*, levam-me á convicção de que, a despeito das minhas faltas, não fui aí um homem mau, ou truculento.

Fui sempre um republicano dentro da fé suprema das minhas aspirações patrioticas, e, déssa fé não desci nunca a infima parcela de um degrau.

Os monarquicos respeitaram sempre as leis e dignissimamente me reclamavam o que de mim dependia. Sem desrespeito pela Lei da Separação, consenti sempre a pratica dos actos religiosos que dependiam do meu consentimento, como auctoridade.

Isto porque a Republica não estorva a religião de ninguem.

Toda a gente tem ido á missa como ia, todos teem resado em sua casa como resavam.

Creio, pois, que a estima geral que tenho a felicidade de sentir nesse concelho, provindo muito da generosidade dos seus habitantes, é tambem devida ao respeito que sempre tive por todas as opiniões, sem quebra das minhas.

Quanto á informação que lhe deram, á ultima hora, de que eu continuaria a administrar esse concelho, a despeito das noticias dos jornaes, ela não era, nem podia ser verdadeira, porque eu sei que o snr. Governador Civil deste districto, propoz a demissão de todos os administradores. Foi medida geral.

O favor que me fez, nas suas aludidas referencias, podia eu agradecer-lhe em carta particular, mas esta peço-lhe que a publique, para que seja do conhecimento geral, que, eu, não pedi, quer directa, quer indirectamente, ao snr. Governador Civil, dr. Luiz Duarte Sereno, integerrimo Juiz e conceituado homem de bem, para me conservar no logar de seu delegado de confiança nesse concelho, ou em outro, pelo simples motivo de que, para pessoas de escrupulos e de educação, não é proprio pedir cousas que estejam fóra das normas moraes e legaes.

Agradecendo-lhe, snr. director, a publicação désta, resta-me saudar o concelho de Montemór, e subscrever-me com estima e reconhecimento

De v., etc.,

Antero d'Alte da Veiga.

Engenheiro Santos Viegas

Consta que vae ser nomeado sub-director da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, na vaga do snr. engenheiro João de Fontes Ferreira de Mesquita, que foi elevado a director geral, o snr. engenheiro Santos Viegas, actual chefe da exploração daquela Companhia.

(Do *Diario de Noticias*).

Nem sempre no nosso paiz a justiça aquece, em clarões de independencia, a alma dos que valem, dos que prestam á Patria e ao similhante relevantissimos serviços, vivendo mais para os alheios do que para si proprios.

Agora, porém, é-nos agradabilissimo constatar que, no caso presente, a justiça resalta, luminosa e orgulhosa, pois se presta condigna homenagem a uma das figuras mais prestimosas, ao talento mais fecundo da geração actual, elevando ao alto cargo de sub-director o ilustre e sabio engenheiro snr. Santos Viegas.

O pessoal da exploração da companhia portugueza fica sem o melhor e mais consciencioso dos pugnadores da sua causa, pois não será facil preencher a lacuna que vae abrir-se. Mas antes assim!

Cumprimentando o distinto funcionario superior, o *Dever* congratula-se por vêr que nem tudo é ficção entre nós e que muito valem o estudo e a dedicação ao trabalho, prevalecendo sempre a honestidade de processos e o labôr honrado e persistente.

As cartas duma infeliz

MEU CARO LEOPOLDO:

Os jornais trouxeram esta semana verdadeiras surprezas á minha alma de crente e de sentimentalista. Mas dentre todas as tragicas novas ao meu conhecimento chegadas, nenhuma délas tanto me impressionou como a da morte dum deputado da Republica, déssa Republica que tu ha tantos anos sonhavas e da qual, com entusiasmo, me tens contado coisas extraordinarias.

Com efeito, caro Leopoldo, não se atira assim para o luto uma familia inteira! Não se amargura assim, sem razão plausivel, uma esposa que,—quem sabe!—á mesma hora em que o marido estava caindo por terra, atravessado por duas balas homicidas, estaria ela, beijando com internecimento, os filhinhos bem amados, fruto da sua carne e da sua entranhada dedicação de esposa amantissima!

Já outro dia te disse que não compreendia como se era capaz de arrastar o similhante á morte. Mas estes factos, meu amigo, são todos a determinante lamentavel do ódio e da mal-crença! Nos tempos que vão correndo, eu já cheguei a pensar que nem uma mulher anda segura. E eu, Leopoldo, que vou sempre só para toda a parte, quer seja de noite, quer seja em pleno dia. A despeito da minha ideia de religiosidade, eu entendo que, com o crédo na bôca, se póde afoitamente marchar sem receio. Ponho a cruz ao peito, envolvo o pescoço no rozario das minhas orações, e vou. Foi assim, caminhando com a alma banhada pela aragem tonificante das minhas avé-marias, que me veio surpreender a noticia da morte do pobre republicano! Avalio quanto tu terás sofrido, porque sei que ambos, por varias vezes, se encontraram ligados pelos laços do mesmo aféto, vinculados ao mesmo pensamento de republicanismo e idialisação.

Tragico destino o de um ente que se deixa embriagar pelo sonho quimerico da regeneração humana! Eu já em nada disso creio. Estranharás, Leopoldo, que hoje me espraiasse em ideias desta natureza, mas nada tens de que te admirar. A perda injustificada de uma pessoa que não faz mal a ninguem, contende-me com a alma, impressiona-me doloridamente. Foi o que me aconteceu ao saber da morte do teu amigo.

Adeus. Tua,

Iréne.

Manuel d'Oliveira Junior

Regressou da capital, ante-hontem, este nosso presado amigo, importante capitalista e um dos primeiros negociantes de madeiras de todas as qualidades, em Figueira da Foz. O nosso amigo esteve hospedado no Hotel Porto, propriedade do nosso patricio Manuel Ramos d'Almeida, hotel que acaba de sofrer transformações com a saída do socio Dias, saída imposta por circunstancias de momento e que não veem para o caso.

O nosso aniversario

A proposito do nosso aniversario, muitas teem sido as cartas e bilhetes de felicitação aqui recebidas, o que prova que nem tudo é lama e nem todos quizeram deixar de compreender-nos.

A todos, penhoradamente agradecemos, pois é-nos agradavel constatar que as boas amizades, as velhas dedicações cada vez mais se arreigam e vinculam, ao menos para nosso estimulo e compensação a tantos sacrificios.

José Marques Pinto

Passou na sexta-feira o aniversario natalicio deste nosso querido amigo, acreditado negociante em Figueira da Foz e proprietario do importante armazem de vinhos das Caldas da Amieira.

O nosso amigo, que ha longo tempo se encontra em casa, com doença de gravidade, já ante-hontem saiu a passeio, indo felizmente em via de restabelecimento, com que muito folgamos, cumprimentando-o.

Congresso fechado

Dias de luto esperam esta patria, de sacrificios feita e de luz aurifulgente inundada em toda a sua gloriosa tradição.

O congresso da Republica foi impedido de funcionar, na quinta-feira, conservando-o o governo fechado e guardado pela força publica, não consentindo a reunião a que aludimos no numero passado. Infrutiferas foram todas as tentativas dos deputados e senadores, e do proprio sr. dr. Bernardino Machado, antigo presidente de ministros e a quem Portugal deve um pouco da sua gloria e a Republica muito da sua vitalidade.

Correram hontem os mais desencontrados e tétricos boatos, e de boatos estamos agora vivendo, sempre sob uma atmosfera de indecisões e periclitancias para a Republica e para os seus homens.

Encarando as coisas á luz fria da razão, como é habito nosso, não sômos capazes de atinar com o motivo porque se não permitiu a reunião do Congresso da Republica, uma vez que o governo tem a certeza da sua força e do apoio moral e politico da nação portugueza.

E' certo que é necessario manter a ordem e fazer criar, á volta da nacionalidade, o quasi gasto ambiente de simpatia, mas torna-se indispensavel que a imparcialidade seja a pedra de toque de todos os gestos do governo, a menos que se queira fazer da força condição essencial para governar a nação.

Afinal a reunião parlamentar efétuou-se no palacio da Mitra, em Santo Antão do Tojal, povoação circumvisinha de Lisboa, e ali se verberou o procedimento do governo, tomando-se varias medidas. O sr. presidente do ministerio esteve todo o dia em casa, ligeiramente adoentado, emquanto cá fóra, por sua determinação, a força das armas mantinha a ordem publica e o sr. dr. Bernardino Machado e varios membros do Congresso tentaram romper, á valentona, o cordão da força que guardava o palacio de S. Bento.

Não sabemos até onde isto irá, e mal vae áqueles que, em vez de apaziguarem e serenarem os animos, fomentam constantemente a desordem, pondo o paiz em sobresalto.

Uns e outros procedem lamentavelmente, como se verá.

A Voz do Caixeiro

Reapareceu este nosso colega de Coimbra, propriedade de um grupo de dedicados caixeiros e socios do Ateneu Comercial. No numero dos seus colaboradores conta-se o nosso presado director, que dirige naquele quinzenario, a pedido de um amigo, uma secção interessante e na qual versará doutrinas de interesse colectivo.

Convem saber-se...

Que se fala em que brevemente se realisará um movimento no corpo diplomatico portuguez, dizendo-se que o nosso ministro em Paris será substituido.

— Que se afirma que o ministro de Portugal em Madrid veio a Lisboa afim de tratar de negociações para o tratado de comercio com a Hespanha e informar o governo do que lá se está passando a nosso respeito.

— Que o *Dia*, como anunciou, vai ocupar-se d'este assunto, prometendo fazer revelações.

— Que tem corrido muitos boatos fantasistas e entre eles o de que o snr. dr. Afonso Costa pretendêra um entendimento com o snr. dr. Brito Camacho para combater o actual governo, formando-se depois um ministerio unionista a que o Partido Republicano Democratico daria todo o seu apoio.

— Que se acrescenta que o snr. Brito Camacho não aceitára.

— Que por emquanto nada se sabe da atitude dos partidos evolucionista e unionista perante a situação actual, o que depende de reuniões que se vão realisar brevemente, dando-se como certo que os monarquicos não concorrem ás urnas.

— Que consta que o governo entre outros decretos vai publicar aqueles que dizem respeito á Lei de Separação, Reforma Militar, Codigo Administrativo, Liberdade de Imprensa, leis de excepção e outros.

— Que vai ser submetido a aprovação o orçamento da reparação da estrada nacional n.º 63 entre Coimbra e Condeixa.

— Que o *Diario do Governo* publicou o despacho nomeando o snr. dr. Antonio Gonçalves Santiago subdelegado em Albergaria-a-Velha.

Administrador do Concelho

Vae ser nomeado administrador do nosso concelho, o snr. Roberto Canelas, de Cantanhede, sobrinho do ex.mo snr. José de Napoles, da Granja do Ulmeiro. Homem inteligente, por certo honrará o seu logar, como o honrou e dignificou o nosso presado amigo, snr. Antero d'Alte da Veiga.

Consultando o snr. dr. Daniel de Matos, esteve ha dias em Coimbra a snr.ª Maria do Ceu, esposa do nosso presado assinante, snr. José Marques Barreto, considerado enfermeiro da canhoneira *Ibo*, na Ilha de Cabo Verde.

Acompanharam a enferma sua cunhada Maria Marques, esposa do nosso amigo, snr. José dos Reis e Laura Marques, habil engomadeira.

Desejamos as melhoras da esposa do nosso amigo José Barreto.

Centro politico

Alguns academicos tratam de procurar casa para fundarem em Coimbra um centro monarquico.

Não está ainda resolvido se será exclusivo de academicos ou se nele se podem filiar outras pessoas.

O TORNEIO

Acaba de ser distribuido mais um numero deste simpatico jornal dos novos, destinado exclusivamente a campo de apresentação e tirocinio para os que se sentem com vocação para as coisas de literatura e que de ordinario teem na dificuldade das primeiras publicações, o maior entrave ao desenvolvimento das suas faculdades. *O Torneio* veio preencher uma lacuna que muito se fazia sentir no jornalismo portuguez, facultando as suas colunas a quem desejar fazer parte do numero dos seus colaboradores, desde que um benigno conselho de redação julgue os seus escritos em condições de serem admitidos.

Sendo um jornal de novos, mais parece ser colaborado por literatos de valor, tão bem redigido se nos apresenta nos numeros que recebemos.

Aqueles dos nossos leitores que desejem conhecer melhor *O Torneio* podem pedir numeros especimens ao seu director Correia de Faria—kiosque de Campanhã—Porto, que os enviará gratuitamente a quem os requisitar.

Prestou provas para ser promovido á classe imediata, o nosso estimado amigo, snr. Manuel d'Oliveira, zeloso sub-chefe da companhia ferro-viaria, em Coimbra B.

O snr. Oliveira, que ha tempo vem exercendo o seu mistér com reconhecida solicitude, foi propositadamente chamado a Lisboa, de onde regressou com a satisfação de ter prestado excelentes provas.

Cumprimentamo-lo

ANIVERSARIO

Passou no dia 2 o aniversario natalicio do nosso presado amigo, snr. Rui d'Oliveira, ferro-viario na estação velha de Coimbra, ultimamente promovido por distinção, e filho do nosso velho amigo, snr. Bernardo d'Oliveira, sub-inspetor dos caminhos de ferro.

Cumprimentos.

Paginas soltas

Os inventores

Na minha ultima crónica para *O Dever* falava casualmente de uns inventos e hoje vou regressar ao mesmo assunto, mas para me referir aos inventores...

Um jornal de Lisboa contava, ha dias, a odisseia dum portuguez inventor dum aparelho registrador de tremores de terra que ele denominára sismocografo (se não estou em erro) —inventor que, depois de ludibriado por uns, escarnecido por outros, tendo gasto na execução do seu invento os seus haveres restritos, foi por ultimo cair sob a alçada das justiças a titulo de vadio e por isso se encontra na prisão de Monsanto.

O inventor é um individuo excentrico, sonhador talvez, que a maioria dos seus concidadãos considera louco. A multidão não sabe compreender o inventor, mas aufere os resultados do invento.

Fulton inventou o primeiro barco a vapor, mas da mole de curiosos que assistiam ás suas experiencias saiam gargalhadas escarnecedoras e todos lhe chamavam louco. O portuguez Gusmão fazia vôos na sua «passarola» — a modesta precursora do balão dirigivel e do famoso *zepelin* — e o povo supersticioso, assustado, dizia que a ascensão era devida a arte diabólica; o proprio D. João V lhe pede para que abandone as suas experiencias e Alexandre de Gusmão fica com o apelido que o povo lhe dá — o *Voador*. Timonier inventa a maquina de costura e os alfaiates seus colegas, em vez de lhe agradecerem, invadem-lhe o estabelecimento, dão-lhe uma tareia monumental e estilhaçam as tôscas maquinas precursoras da *Singer* mundial. Jacquard por pouco não ia tomar um banho forçado no Ródano por ter cometido a ousadia de inventar um tear!

Triste azar dos inventores! Sofrem as contrariedades da vida, o desprezo dos homens, a miseria até; só após a morte é que lhes veem as honras... Erguem-lhes estatuas á memoria e os seus nomes aparecem nos livros scientificos e nas crónicas dos jornais...

A gloria em vida é dificil de conquistar em toda a parte e sobretudo na nossa terra. E todavia nenhum povo teve mais autenticas glorias que o portuguez. O estranjeiro é que invadiu os dominios da nossa casa e muitas vezes nos veiu ou contestar descobertas ou roubar inventos. Por isso Latino Coelho escreveu: «Nunca ceifámos uma palma talhando-a de palmeira virgem em terra nunca dantes visitada por europeus, que não viéssem dizer-nos que era furtada». Pedro Nunes, o celebre matematico inventou o *nónio* (divisão graduada aplicada ao quadrante para avaliar pequenissimas mensurações) e logo viéram os francezes a dizer que tinha sido Vernier!

Se, já de sempre assim foi, muito peor agora. Os inventores ou os que trabalham nalguma obra proficua de estudo ou arte são quasi ignorados. Na nossa terra só os politicos são talentosos .. Póde o tal inventor José Neto descansar á vontade lá em Monsanto e mais o seu invento...

Pobres inventores! E' preciso que tenham a paciencia dum Silvio Pêlico ou dum Palissy...

Aurea Judit Amaral.

Questões de ensino

A proposito do conceituoso artigo que, sob esta epigrafe, publicou no *Dever* o nosso presado amigo, snr. Faria de Castro, bordou o professor do visinho logar do Seixo, snr. Gomes Tomé, algumas considerações amaveis, que fez inserir no nosso colega de Figueira, a *Voz da Justiça*.

O snr. Constantino Gomes Tomé é um nosso inteligente e velho companheiro de lutas, antigo camarada nas lides jornalisticas, camaradagem que data desde 1904.

Ao lembrarmo-nos de Gomes Tomé, sentimos um estremecimento de profunda saudade!

Tivemos o prazer de cumprimentar em Coimbra os nossos presados amigos, snrs. Manuel Rodrigues Rolo, acreditado comerciante em Verride e seu genro, o nosso velho amigo, snr. Albano Cunha, chefe de secção da Fiscalisação da Beira-Alta, logar que exerce com muito zelo e proficiencia.

Pedido de exoneração

Pediu a sua demissão de chefe de Mozelos, linha do Vale do Vouga, o nosso presado assinante e amigo, snr. Armenio Gonçalves, que actualmente se encontra em Sarnada, de posse do bufete que ali se instalou.

Muitas prosperidades lhe desejamos.

ARES TURVOS

Estão turvos os ares! Está em perigo a nacionalidade portuguêsa!

Portugal, glorioso em tantos actos de heroicidade, está préstes a ser de novo mergulhado no sangue dos herois do sacrificio e dos martires areolados da sua independencia! Qualquer coisa de grave se vae passar!

Por maior que seja a nossa confiança nos homens do governo, somos obrigados a convir que tudo indica uma fatal derrocada. Acreditamos, entretanto, que os dirigentes, pondo acima das paixões politicas e do odio setarista, o culto, o amor da sua patria, procurarão, todos, os meios de evitar o cataclismo.

Horas de pesadelo são estas que vão decorrendo, e a tranquilidade está muito longe de ser um facto. D'ha muito que o desassocego era manifesto, mas agora tudo indica que horas de sangue e de martirio se vão passar em breve.

Pode ser que nos enganemos, mas não podemos deixar de desabafar. A Republica proclamou-se com o intuito de trazer ás camadas sociais mais humildes um pouco de conforto, e alguma coisa tem conseguido nesse sentido, a despeito de tanta impaciencia e de tanta falta de confiança nos seus propositos.

Quando o actual governo subiu ao poder, fomos nós os primeiros a aplaudi-lo, longe, afastados dos partidos como sempre estivemos.

Pareceu-nos que o snr. Presidente da Republica dera um grande passo para as prosperidades do regime, chamando ao governo o snr. Pimenta de Castro. Os dias passam-se e os factos, sucedendo-se dia a dia cada vez mais dúbios e indecisos para a tranquilidade popular, teem-nos demonstrado que nem tudo enveredou pelo caminho da logica e da Razão.

O paiz arde numa febre de patriotismo bem evidente, e não será sem graves consequencias uma tentativa de golpe de menosprezo para com o pôvo. Repugna-nos abordar assuntos desta natureza, mas faz-nos assim falar um pouco d'amor á independencia da nossa terra e ao bem-estar da humanidade que luta.

Onde iremos nós parar?

Sagração

Os bispos eleitos de Coimbra e Guarda, rev.mos Coelho da Silva e José Alves Matoso, devem ser sagrados este mez no Porto, na capela particular do snr. D. Antonio Barroso.

Um grupo de amigos e admiradores do snr. Alves Matoso está obtendo meios para oferecer a sua ex.ª uma cruz pastoral.

A PROVINCIA

Este nosso querido colega conimbricense tem para o *Dever*, a proposito do seu aniversario, no seu penultimo numero, palavras de cativante amizade. Assim faz quem, acima de tudo, coloca a amizade e a velha dedicação.

Agradecemos.

Secção de Variedades

CHINEZICES

Os chinezes, para em tudo serem um povo excentrico, fazem tudo ás avessas.

A lingua falada não se escreve, e a escrita não se fala. Os livros leem-se da direita para a esquerda, e as notas fazem-se na parte superior. A côr branca é de luto, e as noivas vestem-se de preto. O apelido coloca-se antes do nome, e as saúdes fazem-se apertando cada um a sua mão, em vez de apertar a mão da pessoa saudada. Os barcos lançam-se á agua, de costado, e monta-se a cavalo pela direita. Começam a comer pelo tosta e acabam pela sopa. Nós tiramos o chapeu em sinal de cortezia, e eles carregam-no para as orelhas. Para nós é mais honroso o lado direito, para eles é o esquerdo. Ao medico pagam em saude, e suspendem-lhe os honorarios quando doentes. Quando enfermos, escrevem o nome do medico por cima da casa, como aviso e desaire para este. Os homens usam tranças, e as mulheres o cabelo atado. Os homens são modistas e as mulheres cozem fardos. Os homens vestem saias e as mulheres calções largos. E até a agulha magnetica volta o seu polo austral para o sul!!!

* * *

Tolices da humanidade

Dizer mal das mulheres e andar sempre atraz delas.

Homem velho casar com uma rapariga.

Trazer esporas sem ter cavalo.

Patrão namorar creada.

Ir por mar, onde se póde ir por terra.

Ser casado, e namorar para parecer solteiro.

Tomar um *bico* com mau vinho.

Casar duas vezes.

Fazer caretas ao espelho.

Passear com meninos ao colo.

Arranjar fortuna para deixar a parentes.

Falar daquilo que não entende.

Ir á caça, tendo que comer em casa.

Ser casado e consentir que a mulher vá a bailes sem o marido.

Acreditar em lagrimas de mulher.

Deixar-se governar pela mulher.

Consentir hospedes em casa, tendo mulher bonita.

Cazar com velha pobre. Esta é arquitolice.

EM ARAZEDE

Vimos nesta localidade, de passagem para a visinha vila de Cantanhede, os nossos presados amigos, snrs Roberto Canelas, dig.mo tesoureiro, e Braga, inteligente escrivão de direito, ambos na comarca da mesma vila.

Tambem tivemos a gentileza de cumprimentar o nosso bom amigo e colega do *Jornal de Cantanhede*, snr. Henrique Ferreira Barreto e o snr. José Luiz Maria d'Andrade.

RAINHA SANTA

Ha em Coimbra uma grande corrente para que se realisem este ano com a pompa doutros tempos as festas da Rainha Santa, padroeira da cidade. Algumas pessoas estão resolvidas a oferecer importantes donativos se elas se levarem a efeito com o mesmo aparato.

AOS AGRICULTORES

Estamos entrados na epoca da sementeira da batata, e é de toda a conveniencia que os senhores se não esqueçam dos adubos quimicos e organicos, da acreditada casa *Varela, Leal & C.ª, das Varzeas*, e que se encontram **á venda em casa de Manuel Monteiro Godinho**, com deposito no **Casal do Gaio, Arazêde.**

Poetas e Prosadôres

A uns olhos...

Os teus olhos meigos, scismadores,
Esses olhos com que Deus te quiz dotar,
São uns olhos que na terra não tem par,
Esses olhos grandes, sonhadores.

Se me fitas, embora por instantes,
Com esse lindo olhar, ó minha amada,
A minha alma, louca, fascinada,
E' preza desses olhos scintilantes.

Eu não sei, meu amôr, onde haja assim
Um olhar tão meigo e sedutôr,
Um olhar casto, olhar cheio d'amôr,
Que me mata se o volves para mim...

Eu já tenho na minh'alma tão gravados
Esses olhos porque dava a minha vida...
Não te esqueças, não, minha querida,
De volver-me esses olhos tão amados!..

Fernando Teixeira da Silva.

Politica e mais politica

Neste malfadado paiz, ha muito condenado a figurar sempre na rétaguarda dos bem intencionados e dos paizes ciosos d'avanço e regeneração, com tudo se politica.

E' triste que tenhamos de constatar tais processos nada airosos, partindo dos nossos homens, precisamente daqueles de quem mais havia a esperar, após o trinnfo do novo estado de coisas.

Mas não. Ultimamente tem-se politicado com tudo. Com a morte do semelhante, com um simples acontecimento da rua.

Vejam o que acontece com o caso do apedrejamento, ou coisa que o valha, da estátua a Eça de Queirós. Um malandrim qualquer, ou muitos malandros juntos, partiram fosse como fosse, dois dedos da estátua da mulher que, nos braços de Eça, no largo do Barão de Quintela, na capital, simbolisa a Verdade em toda a sua nudez, em toda a sua pujança. Vê-se o que se vê.

Os politicos militantes puzeram-se á roda do caso, cada qual puxando para o seu lado, cada um deles deduzindo do lamentavel facto o melhor dos argumentos para servir os seus interesses politicos. Foi o governo o culpado, segundo uns; outros, os evolucionistas, pela pena do seu chefe supremo, tornam a culpa aos democraticos, porque, estes, no parlamento, incitaram ódios contra a memoria querida do incomparavel romancista, a pretexto de que os seus filhos, na fronteira, andam conspirando contra a Republica. Com efeito essa campanha parlamentar dos democraticos originou a suspensão do subsidio conferido á viuva de Eça de Queirós, pensão legada pela monarquia como tributo e homenagem ao muito que Eça fez em favor da letra patria.

Outros ainda querem que o triste acontecimento seja a determinante de perseguições do governo, no qual vêem um sem numero de razões contribuindo para a intranquilidade da vida portuguêsa e para os perigos iminentes que atravessam as instituições vigentes. E' fantastico. Por outro lado, até á beira das campas se faz politiquice, esquecendo-se os mais rudimentares principios de humanidade. Se não, todos sabem o que se passou junto do *fourgon*, armado em camara ardente, onde se encontravam os restos mortais do saudoso Santos Cardoso, deputado. Ali se fizeram afirmações politicas, ressaltando, dos labios de onde só pranto devia sair, as mais assanhadas manifestações politicas e de oposição aos politicos contrarios,

Chegamo-nos a convencer, por tudo isto, que neste paiz de pouco mais se trata do que de politica, mas de politica baixa, esquecendo-se, mesmo em solénes momentos de dôr e saudade, o que devemos ao nosso proprio temperamento e ás tradições aureoladas de povo sonhador e ponderado.

A politica, sempre a politica a empanar o brilho de actos sublimes de comoção e pranto, e a enlamiar, o que é peior, nobres intuitos e saudaveis propositos de paz e amôr, fraternidade e isenção!

Quando nos convenceremos de êrros praticados e da periclitante situação que atravessamos, avisinhando-nos da derrocada e do cataclismo? Já agora, é mal que de longe vem, e não será muito facil uma recomposição de caractéres. Veremos até onde chega tudo isto, se não largarem mão de tão nefandos processos de combate, que só servem para atestar o atrazo e a inconsciencia dos politicos da réphublica, ainda mesmo daqueles que ás instituições têm ligadas tremendas responsabilidades.

Suspensão

Foi suspenso do exercicio e vencimentos, o snr. Floro Henriques, inspector da policia civica de Coimbra.

Causou estranheza tal procedimento do governo, pois o funcionario em questão foi sempre um dedicado servidor das instituições republicanas, á Patria tendo prestado assinalados serviços.

Enfim!...

Pediu a demissão de sub-director da companhia dos caminhos de ferro portuguezes, o ilustre engenheiro snr. Carrasco Bossa. Grande amigo do pessoal seu subordinado, em cada funcionario encontrava um verdadeiro admirador.

Lamentamos a resolução do considerado funcionario.

Alice Oliveira,

aluna externa do 5.º ano de piano do Conservatorio e com o curso de musica: léciona, em sua casa ou dos alunos, como se convencionar.

RUA DO SUB RIPAS, 10
COIMBRA

Está de licença o nosso presado amigo e dedicado assinante, snr. Antonio d'Oliveira, digno ferroviario na importante estação do Entroncamento.

Adelino Veiga

As homenagens prestadas em Coimbra á memoria do poeta operario Adelino Veiga, constam de cortejo civico ao cemiterio da Conchada, sessão solene e sarau no teatro da União Geral dos Trabalhadores, pelo grupo dramatico Adelino Veiga.

E' hoje que se fará esta comemoração.

O "Casaca,, foge da cadeia da comarca

Está averiguado, que a cadeia da comarca, pelas suas pessimas condições de segurança, não se encontra em estado de ter presos de certa responsabilidade, pois que estes, logo que isso lhes dê na gana, a arrombam com a maior facilidade e fogem, sem serem presentidos pelo carcereiro nem por ninguem.

Não ha ainda muito tempo que numa madrugada, emquanto um tal Manoel Claro, que se achava cumprindo uma pena grave, fugia para uma festa de Gatões, sua terra natal, os seus companheiros da prisão, encontrando as portas abertas, foram por sua vez fazer as compras ao mercado da vila e ouvir missa á Misericordia, com a tranquilidade e placidez de espirito de pacatos e honestos cidadãos, regressando depois á cadeia acompanhados do carcereiro.

Não obstante tratar-se duma coisa seria, o caso tornou-se engraçado pelas circunstancias em que se deu, fazendo rir muita gente e sendo durante dias o assunto mais falado.

Mas apezar das chicotadas da critica com que o retalharam, isso ainda não serviu de aviso para se pôr a cadeia em condições de maior segurança de forma a evitar mais evasões.

Em resultado, pois dessa incuria, ou falta de cuidado por parte de quem é obrigado a providenciar sobre o assunto, na noite de domingo para segunda-feira, pôz-se mais um preso ao fresco. Referimo-nos ao José d'Oliveira, *o Casaca*, um temivel gatuno que ha tempos roubou 36 libras em ouro ao snr. Jorge Batata, do Bebedouro, freguezia de Arazede, deste concelho, não tendo ainda sido recapturado, até á hora em que escrevemos.

Conseguindo realisar a evasão com a mesma habilidade dos precedentes, não foi visto nem presentido pelos companheiros da prisão que dormiam como abades, nem indicios alguns deixou pelos quaes se lhe possa descobrir a pista ou rumo que seguin.

Foi á capital do distrito, de onde já regressou, o nosso assinante e amigo, snr. José de Barros Amorim, acreditado comerciante na visinha povoação dos Fornos.

ROUBO

Ao nosso amigo, o snr. Antonio Marino de Salvaterra, fiscal dos impostos na vila de Montemór, foram roubados, no sabado, 100$00, segundo a queixa que ele nos apresenta, facto que o tem trazido bastante incomodado durante estes dias, por não saber como o roubaram, sem poder descobrir o ladrão.

O nosso amigo contou-nos o caso da seguinte fórma:

Na ocasião em que em casa do sr. Julio Manta se achava naquele dia jantando, apareceu ali Ana Bocana, residente na mesma vila, que disse ter recebido um telegrama de sua irmã Maria das Dôres, amasia dum gatuno de larga fama e longo cadastro criminal, pedindo-lhe para ela, Ana, estar na estação de Alfarelos ás 21 horas, hora a que a Maria das Dôres e o amigo ali deviam chegar de passagem para Pombal.

Como a Bocana cedesse ao desejo da irmã, indo para Alfarelos no barco de seu filho Pedro Henrique, o snr. Salvaterra, aproveitando a ocasião, foi tambem no barco com os dois para a mesma estação e aqui embarcou no comboio para Soure, sua terra natal, aonde de vez em quando costuma ir, sem prejuiso para os serviços do seu cargo oficial, visitar sua mãe e levar-lhe algum dinheiro como agora aconteceu.

Ao chegarem a Alfarelos, já ali se achavam a Maria das Dôres com o amante e parece que mais dois marinheiros companheiros e colegas dêste ultimo e os quaes todos estiveram conversando por largo tempo com a Bocana.

O snr. Salvaterra levava comsigo uma nota de 100$00 com a qual, á vista da Bocana, ao jantar, quiz satisfazer umas contas ao snr. Julio Manta, e ainda uns miudos para as despesas do comboio.

Apesar de no comboio não ir com ele gente que lhe causasse suspeita, nem ter sofrido durante a viagem qualquer assalto, a verdade é que, ao chegar a casa da mãe, dava pela falta da nota dos 100 escudos, sem saber por que meios ou por que artes lha haviam roubado.

Ora como a Bocana lhe tivesse visto a nota em casa do Manta e estivesse a conversar com a irmã e o amante desta, eis o motivo porque a convicção arreigada do sr. Salvaterra é que o roubo lhe foi feito na gare da estação pelo amante da Maria das Dôres ou pelos outros dois larapios que os acompanhavam.

O desgosto que o sr. Salvaterra acaba de sofrer tem sido devéras lamentado por todos os seus amigos, por isso que este nosso amigo gosa na vila de Montemór de geraes simpatias, sendo muito estimado por todos, já por ser um empregado que honra o logar que ocupa, já por ser possuidor de um belo caracter. Lamentamos tambem o sucedido, e é bom que se acautelem os ingenuos.

Deu á luz, no dia 1 ultimo, uma criança do sexo feminino, a snr.ª D. Emilia Ferrão Tavares, esposa dedicada do nosso amigo, snr. Alberto Tavares.

A petizinha apenas viveu algumas horas, o que deveras lamentamos.

Alvaro de Matos

Prof. das Clinicas obstetrica e ophtalmologica na Faculdade de Medicina

CLINICA GERAL.
DOENÇAS DAS SENHORAS

Residencia: R. de Tomar, 5. Tél. 51

Consultas da 1 ás 3
no Largo Bombarda, 27, 1.º
Tel. 20

As consultas de gynecologia e ophtalmologia são gratuitas para as classes pobres.

David Araujo

Com um grande abraço nos surpreendeu na quinta-feira este nosso querido amigo, ilustre professor de instrução primaria em Marmeleira de Mortagua e honrado cidadão. Ha muito que o não viamos, e o seu peito, sinceramente de encontro ao nosso, fez-nos reviver com saudades tempos que lá vão e que os dias fazem alongar cada vez mais!

Passou no dia 28, o aniversario jornalistico do nosso presado confrade *Defeza de Santa Clara*, belo semanario de propaganda democratica, que se publica no esplendido bairro suburbano de Coimbra.

Parabens.

A CAMINHO D'AFRICA

(Impressões)

PARTIDA

I

. . . . . .

Eram 16 horas. Os ultimos raios de sol saudavam a praia onde as vagas, uma a uma, alegremente corriam sobre a doirada areia, tão longe quanto a brisa póde levar-nos e o mar cobrir-se de espuma, o patriotismo,—«essa febre sublime que nos seus acessos triunfa da natureza — palpita em nossos corações com uma ardencia louca por amôr a esta querida Patria!»

Ao ultimo adeus! soltado de nossos labios correspondem sentidas e sinceras lagrimas de despedida de entes que ficaram com o coração mergulhado em profunda e pungente tristeza, por verem partir, sem esperança de que voltem, entes a quem dedicam acrisolado e quente amôr.

A nossa alma, nesse momento, chora e sorri!

Chora, por lhe não ser possivel estreitar em seus braços entes queridos que adora, e que em pranto vê banhados; sorri, porque sente nas profundezas do agitado seio a esperança a sorrir tambem.

* * *

Ouve-se o primeiro sinal. Num momento soltam-se saudações de bôa viagem, escutam-se palavras amigaveis, apertam-se reciprocamente as mãos e os beijos de entes queridos afastam a incerteza de um regresso feliz.

Dentre a multidão que se aglomera em massa compacta, almas sinceras de patriotas, ouve-se de quando em quando o éco tremulo de seus brados patrioticos soltados por centenas de labios e correspondidos por milhares de corações:

Viva a Patria!...

Viva a Liberdade!...

Taes são os brados que se erguem, taes são as vozes que os tremulos écos repetem e que parecem canticos de ternas e melodiosas canções, para assim tão vivamente impressionarem os nossos corações, como intrepretes defensores desses magicos e irradiantes brados, que, desde o berço, trazemos gravados em nossa alma em disticos imorredoiros, e desde o banco das escolas aprendemos a amar!

E porque assim é tão terna a nossa afeição, tão sincera a nossa vontade, tão ardente o nosso desejo; partimos alegres e satisfeitos, entoando, bem alto, a harmonia suave das glorias da patria inspiradas na pena de Alfredo Keil.

E porque partimos alegres e satisfeitos?

Que importa a morte, desde que o inimigo pareça a nosso lado?

Partimos alegres porque vamos defrontar-nos com o perigo; partimos satisfeitos porque vamos cumprir um dos mais sagrados deveres de todo o cidadão para com a sua Patria que lhe foi berço; e, ainda porque, como o diz Sinéca:— «Vencer sem perigo é triunfar sem gloria.»

A morte!...

Que importa que ela venha? Que venha quando lhe aprouver, e quando vier pouco importa que ela seja pela doença ou pelas balas.

No entanto é preferivel morrer com gloria no campo da batalha, do que sofrer no leito, ou ser conduzido á campa, vitimado por longos dias, mezes ou anos de atróz e horrivel sofrimento!

* * *

São estes os ultimos sentimentos que exprimimos a pessoas amigas, e que a multidão, que me rodeia, acolhe com ternos sorrisos e protestos admiradores.

Conjuntamente escutam-se vozes ternas e inquietas de mulheres que a muito custo abafam em sua garganta um suspiro dolorido, proprio de corações que sofrem, mas que, apezar disso, não conseguem esconder em seu peito a magua que lhes corroe a alma e lhes faz brotar lagrimas de saudade.

O tempo que corre veloz, redobra de velocidade trazendo-nos a hora de partida.

Um ultimo beijo, um ultimo abraço, e em breve se ouve o ultimo sinal secundado por a triste palavra: adeus!

* * *

Larga a amarra! Solta! A caminho! Içam-se bandeiras nos barcos surtos no Tejo, como sinal de bôa viagem, e o navio começa navegando, cortando docemente as aguas.

A multidão, ao vel-o partir, faz vibrar em nossos ouvidos o ruido entusiastico e frenetico de suas quentes suadações e quando ainda ao largo vê-se e bem claramente o tremular de lenços agitados em sinal de adeus, áqueles que em regiões Africanas vão pugnar pelo *Direito*, pela *Justiça* e pela *Liberdade*, escorraçando, pelas armas, os traidores que tão cobarde e traiçoeiramente, massacraram nossos queridos companheiros darmas, que velavam pela defeza e integridade da Patria!

Alto-mar, (Canarias), 6—12—914.

(*Continúa*).

Ricardo Fernandes Sardinha.

Tivemos a satisfação de abraçar em Coimbra os nossos velhos e estimados amigos, snrs. Domingos Rodrigues da Silva, acreditado comerciante na Pampilhoza, e Joaquim d'Almeida, professor aposentado e tio do nosso director.

Doente

Com um ataque de reumatismo acha-se no leito o nosso presado amigo, snr. Alfredo Gomes Ferrão, a quem desejamos sinceramente que em breve se restabeleça.

FABRICA DE CAL

Cal fina e grossa, fornece-se em muito boas condições. Preços modicos, sobre o wagon, no caminho de ferro e nos proprios fornos.

Agente de telha tipo marselha e tijolos de todos os formatos, da fabrica Lacerda, Figueiredo & C.ª Limitada, da Pampilhosa.

Pedidos a

Joaquim F. Coca Junior
Zambujeiro—Arazede

Gêsso e adubos compostos

Para todas as culturas
DE
J. CORTEZAO

Fabrica — Sá (Anadia)
Escritorio — Figueira da Foz.

AGUA DE LUSO -- Cura pela Diurése

(ESTABELECIMENTO TERMAL E HOTEIS ABÉRTOS TODO O ANO)

A mais diurética e mais digestiva. Aumenta a diurése, regularisa as funções digestivas e ativa os fenómenos nutritivos

Muito radioativa—4,49 miligramas—minutos
Muito ionisada, resistividade a 18° 18300 ohms
Muito rica em gazes raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotonica, ponto criospico 0°,04

} Conclusões da analise feita pelos distintos professores Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitissimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tifico

USO EXTERNO—Molestias de pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc,), reumatismo e gôta.
USO INTERNO—Artritismo, impaludismo, neurastenía—Albuminuria, diabetes—Intestinos, estomago—Rins—Bexiga.

Depositos — **LISBOA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros, 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 428. FUNCHAL, José Quirino de Castro, rua dos Murças. AFRICA ORIENTAL: Oswald Offmann. BEIRA: F. L. Simões & C.ª. LOANDA: Beltrão, Pena & C.ª**, e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositarios nas terras onde ainda os não haja.

Seguros contra incendio — incluindo riscos de explosão de gaz e raio.

Seguros contra incendio — cobrindo tambem os riscos de *Greves* ou *Tumultos* (portaria de 14 de Março de 1914).

Seguros contra incendio — cobrindo ainda os riscos de *Guerra* (portaria, 30—XI—1914).

Unica companhia autorisada a segurar os riscos de Guerra nas apolices Incendio

As apolices d'A MUNDIAL são portanto as que mais conveem aos interesses dos proprietarios, locatarios, industriais, comerciantes, etc.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS
Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital Esc. 500.000$

Séde em Lisboa
Rua Garrett, 95
Telephone n.º 4084

Delegação do PORTO
Praça Almeida Garrett 22|24
Telephone n.º 1459

ENDEREÇO TELEGRAPHICO—**MUNDIAL**

Agentes em todas as localidades do paiz ilhas e colonias

Livraria e Tabacaria Cunha

Livraria Moderna e Tabacaria Augusto Henriques (reunidas)

Alberto Gonçalves Cunha

150, Rua Ferreira Borges—COIMBRA

TELEFONE N.º 293

LOTARIAS—Bilhetes, suas fracções e cautelas. Variada série de numeros certos.—Premios frequentes.
TABACOS—Nacionais e estrangeiros. As melhores marcas de cigarros e charutos.—Todos os artigos para fumadores.
POSTAIS ILUSTRADOS—Sempre as ultimas novidades em todos os generos.—Bilhetes de visita, impressão rapida.
PAPELARIA—Finissimos papeis de carta em caixas aos cadernos.—Objectos para escritorio e desenho.
LIVRARIA—Nacional e estrangeira, Revistas, Publicações.—Figurinos.—Musicas.

Livros usados, antigos ou modernos, em qualquer estado, em grandes ou pequenas quantidades, compra em qualquer parte.

Passagens para o Brazil e Africa

José de Almeida

Negociante nas Pontes de Cadima, concelho de Cantanhede, e correspondente de todas as Companhias de navegação

Faz constar que vende passagens para todos os portos do BRAZIL, AFRICA, etc., a preços reduzidos, para o que está legalmente habilitado.

A sua vida de seriedade e honestidade são garantia segura para que os que desejam comprar passagens o procurem de preferencia a qualquer outro.

Guilherme dos Santos Pinto & Irmão
COM
OFICINA DE CANTEIRO

Encarregam-se de jazigos de toda a especie e todo o serviço concernente á sua arte.

Tambem executam todos os trabalhos que digam respeito a *Plantas, Alçados, Copias, Projectos e orçamentos de edificios, edificações, etc.*

Montemór-o-Velho=Verride

Restaurante Ferro-viario
ALFARELOS

ESTE bufete, um dos que melhor servem o publico que transita nos comboios, acha-se situado na estação do caminho de ferro de Alfarelos. Fornece almoços, jantares e *lunchs* e toda a qualidade de refeições, por preços comodos. Tem pessoal habilitado, tanto em cosinha como em sala de mesa. Tudo se encontra com esmero e perfeição.
Fornece comida para fóra, e presta-se a servir em casamentos, batisados, etc., desde que seja prevenido com antecipação.
O proprietario, **Artur de Oliveira Coelho.**

Companhia de Seguros

A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz
Antonio d'Oliveira Guerra
RUA DA REPUBLICA, 84

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL
Correio de Cadima—Vila Nova d'Outil

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legitimos acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de fórma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamavel, isca em cordão vendida fraudulentamente a titulo de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva acção civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa ao Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando-se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalisação para procederem ás necessarias diligencias. Dirigir-se pessoalmente ou por carta á Companhia Portuguêsa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS
MELO & MARTINS
PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada
PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiencia dos nossos adubos, devido ao seu magnifico resultado os adoptarão de preferencia a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro
PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, offerece aos ex.mos passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.
Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA
Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.
PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações
Deposito das afamadas aguas de Luso.

Hotel de la Paix
JEAN OZUN

Situado num dos pontos mais centrais da capital, belas vistas sobre o Rocio, é um dos modernos hoteis que mais comodidades oferece.
Bom serviço de cosinha á franceza
Almoços, 60 centavos. — Jantares, 80 centavos. — Serviço á lista.
3 Calçada do Duque, 3 — **Lisboa**

Fabrica de Lanificios
— DE —
MANOEL JERONIMO DE MATOS
COVILHÃ

Fornecedor da caixa de socorros dos empregados da Companhia Portuguesa

Esta fabrica, uma das mais acreditadas da Provincia da Beira Baixa, fornece, por preços convidativos, especialmente a particulares do continente e ilhas, os melhores produtos da sua fabricação, tais como casimiras, cheviotes e estambres, empregando materia prima de primeira qualidade, esmerando-se quanto possivel na sua execução e adotando os melhores padrões e côres que a moda impõe nos centros elegantes estrangeiros.

Envia amostras para todos os pontos, para o que bastará o pedido feito num simples postal.

Pedidos a

Manoel Jeronimo de Matos--Covilhã

Biblioteca da Universidade
Coimbra

Ano 4.º — Arazêde, 14 de Março de 1915 — N.º 160

Director, administrador e editor
J. d'Almeida Junior

Representantes em muitas terras do país, Africa e Brazil

PROPRIEDADE DA DIRECÇÃO

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguêsa

Pátria e Humanidade

Redação e Administração
ARAZEDE

Toda a correspondencia relativa a este jornal, deve ser dirigida ao Director, para Coimbra

Composição e Impressão
Tip. Silva (a vapor)—AVEIRO

Escravos do sacrificio

Como nunca, a hora presente é cheia de sobresaltos e de duvidas. A historia patria, irradiando luz e inspirando poesia em todas as suas paginas gloriosas, virá talvez a ser denegrida!

E' o proprio governo da Republica que tal constata.

Um seu ministro o prevê! E depois, quem sente por Portugal a suprema dedicação de filho ou admirador, sente tambem, como consequencia do seu proximo abismo, a alma feita em pedaços.

Não sabemos se se pensa em reconsiderar na situação presente.

Se assim é, os factos demonstram-nos, todos os dias, em contraposição com esse sentimento dos que podem remediar tudo, que a preocupação pelo bom norte da patria não é sincera nem constante.

Turvos dias nos esperam! Quando as coisas deviam, porque podiam, avançar tranquilamente nêste país, se nos apresentam assim de côres carregadas, sinalisando desgraça e desassocego, não será de admirar que a fé na salvação da Patria de todo se esvaia na nossa alma de escravos do sacrificio.

Os portuguêses são assim: teem momentos de esperança, nada os fazendo acreditar que a vida da nacionalidade corre perigo. Então, nesse pé, pódem dizer-nos o que quizerem. Ai! porém, d'essa convicção, no momento em que o português presinta, fundamentadamente, como agora, que tudo caminha de molde a amortalhar lugubremente a sua terra abençoada e generosa!

E bem póde ser que a borrasca passe, e que tudo seja filho do acendrado patriotismo de nós todos. Não é muito para crer. Pobre humanidade, que ainda não chegou a tua hora de alto sacrificio. O actual conflito armado não é mais do que o prenuncio longinquo, por ora, da verdadeira *étape* do teu sofrimento.

Quem diz humanidade, generalisando, por certo se quer referir, com mágua, á actual situação da vida politica e da estabilidade da nação portugueza.

Um voto só de pouco servirá. Infelizmente, a nossa voz, apagada e sem brilho, de pouco vale. Longe da balburdia das multidões e do desencadiar das paixões politicas e dos odios sétaristas dos que tudo vêem atravez de um prisma pessoal, de pouco valemos na opinião publica. Ciosos, contudo, do cumprimento dum sacratissimo dever de civismo, é-nos muito agradavel ficar com a consciencia tranquila.

E a politica, a *porca* da politica é que tudo desencadeia e contamina, tornando sem valor os caracteres e enlamiando intuitos sádios de quem acima de tudo, coloca a sua paixão pela independencia do seu país e pela regeneração e tranquilidade dos seus irmãos de sacrificio.

Quem não tem aspirações, quem não sabe ou não quer sentir o grande amor que deve ao semilhante, póde, ao contrario do nosso sentimento, encarar os factos de maneira diferente e vêr tudo por um prisma claro de socego e paz.

Quem sente no coração o coração amargurado dos que sofrem e trabalham em prol do bom nome dos nossos avós gloriosos, por certo vê tudo sempre negro de indecisão e calamidades.

ALMEIDA JUNIOR.

A caminho do sacrificio

Partiu na ultima semana para Angola, acompanhado dalguns oficiais do exercito, o snr. general Pereira Eça, ex-ministro da guerra da Republica.

Sua ex.ª vae exercer o alto cargo de governador da provincia, em substituição do snr. Norton de Matos.

A'cêrca da nomeação e da partida do snr. general Eça correm varias versões. Com efeito esta nomeação deu logar ao pedido de exoneração do snr. Alves Roçadas, homem inteligente e muito conhecedor das ingrenagens da guerra no ultramar, experimentado já em varias lutas das quais se tem sabido sair com brio e gloria.

O snr. general Pereira Eça parte em hora de aflição para a nacionalidade, no momento em que por cá caminha tudo um pouco agitado, mercê das paixões politicas e não sabemos que mais!

Nesta hora de suprema dôr e de profunda indecisão, só lhe apetecemos os mais doirados loiros de gloria.

A vida é cheia de surprezas, mas ela não pertence bem áqueles que se decidiram a lutar em prol da dignificação da patria em que nasceram.

Boa viagem e regresso triunfal, eis o que do coração lhe augoramos.

A CARESTIA DO PÃO

Por este andar, caros leitores, não haverá maneira de resistir.

Os salarios são exiguos, e o pão está cada vez mais caro. A fome espreita á porta dos pobres, fazendo tuberculosos e anemicos.

Todas as faltas são mais ou menos sensiveis, mas a mais consideravel, na alimentação publica, é a escacês do principal genero alimenticio.

Num pais democratico, ou com pretensões a isso, é uma pena vêr definharem-se, á falta de pão, milhares de criaturas já assoberbadas com milhares de dificuldades. Sem enxerga, sem agasalho para o corpo, falta-lhes, para cumulo de desgraça, o pão para o estomago.

A carne encareceu tambem. O milho, de ha longo tempo não desce do seu preço elevadissimo! E, só o vinho que devia subir ao duplo do custo por cada decilitro, se conserva no mesmo preço, não importa se com prejuizo manifesto da humanidade, que definha a olhos vistos e se depaupera por causa do uso abusivo do alcool.

A semana passada houve na capital contendas varias, entre a população e os moageiros e proprietarios de padaria, desordens, a nosso ver bem justificadas, visto que as motivon o aumento do preço do pão.

Se não é a questão politica, é a questão economica ou financeira do país a originar desordens. Uma ou outra coisa, cada qual mais grave, ha de sempre agitar o país em convulsões vulcanicas de ódio, em explosões de colera sempre prejudicial á boa marcha dos negocios publicos.

Fernando Barboza

Partiu para Lisboa, onde estará por algum tempo tratando da sua abalada saude, que um trabalho aturado comprometeu alguma coisa, o nosso presado amigo snr. Fernando Augusto Barboza, digno presidente do senado municipal do nosso concelho. Sua ex.ª vae tratar-se com o snr. dr. Egas Moniz, que será seu medico assistente.

Desejando o seu pronto restabelecimento, fazemos votos ardentes para que em breve regresse ao seu labôr e ao seu lar muito amado.

Ironía que fére...

A proposito da noticia, aliás infundada, que os jornais deram de ter abandonado a redacção da *Lucta*, o sr. dr. João de Menezes, o ilustre director do mesmo jornal, num éco sublime de ironia, que fére fundo os especuladores politicos deste paiz, escreve o seguinte, que os deixa a arder:

Os jornais teem dado a noticia, parece que sensacional, de ter o dr. João de Menezes abandonado a *Lucta*. O facto é absolutamente verdadeiro, e não ha razão para ocultal-o. Ainda hontem á noite o dr. João de Menezes abandonou a *Lucta*, aí por volta da meia noite, e tinha feito a mesma coisa na vespera. E' verdade que ele faz isto ha bons nove anos, e foi só por isso que não levámos ao conhecimento dos nossos leitores o facto que os jornais noticiaram.

E aí está, desfeita, toda a balburdia que á volta do caso se estava já fazendo. Não sômos partidarios de nenhum politico, mas, com franqueza, satisfazem-nos desmentidos desta naturêsa, pelo que teem de ensinamento para os adversarios, que especulam com tudo para servirem os seus apaniguados. Que tristeza, que tristeza, que sintomas de ganancia politica!...

Convem saber-se...

Que tem sido vivamente comentada uma longa visita de von Bulow ao snr. Salandra.

—— Que a conferencia durou duas horas e dela não forneceu o governo á imprensa qualquer comunicado.

—— Que a missão de von Bulow junto do governo italiano foi a de oferecer-lhe, em nome da Austria, determinadas compensações em troca da manutenção da neutralidade da Italia.

—— Que é opinião corrente que esta nova *démarche* de von Bulow fracassou tambem, visto que a Italia tem mais largas aspirações e o direito de reivindicar os seus interesses no Mediterraneo Oriental.

—— Que tendo o governo italiano chamado algumas classes de reservistas, o ministro da guerra francez decidiu desobrigar dos seus compromissos os voluntarios italianos que servem na legião estrangeira.

—— Que o pontifice ordenou que os arcebispos e bispos, no caso do governo decretar a mobilisação geral, incitem os moços a cumprir o seu dever para com a Patria. Tem causado uma impressão profundissima esta nova atitude politica do Vaticano.

—— Que o snr. Lloyd George desenvolve na Camara dos Comuns o projecto que confere ao Estado a fiscalisação sobre todas as fabricas que possuam aparelhos que permitam a fabricação de material e munições de guerra.

—— Que os proprietarios das fabricas receberão indemnisações.

—— Que o exercito belga adoton um novo modelo de uniformes de *kaki*, para todas as armas.

—— Que o sultão da Turquia conferiu ao kaiser uma medalha especial de merito de guerra.

—— Que logo ao começo da guerra o Vaticano ordenou imediatamente a venda dos titulos estrangeiros, encarregando monsenhor Luigi Misciateli dessa operação, cujo montante foi de 25 milhões de liras. Segundo alguns calculos, que se dizem aproximados, se não certos, o tesouro de S. Pedro conserva ainda nos subterraneos do Vaticano 20 milhões em ouro e 20 milhões em prata.

—— Que por intermedio do nosso consul em Londres, o governo recebeu comunicação de que aumentaram 7 e meio por cento as taxas cobradas nas docas daquele porto.

O mesmo funcionario informou tambem que, logo que as esquadras consigam libertar os Dardanelos e o Bosforo, dando livre transito aos grandes *stoks* de cereaes existentes na Russia, haverá baixa nas elevadas cotações do mercado cerealifero.

Administrador do concelho

Como noticiámos, foi nomeado administrador do nosso concelho o ex.mo snr. Dr. Roberto Canelas, de Cantanhede.

A posse, que lhe foi conferida solenemente, revestiu o maior brilhantismo, prova de que o novo administrador reune todas as qualidadas de um verdadeiro homem de bem. Não é republicano historico, é certo, mas nem por isso deixará de fazer cumprir as leis vigentes, com todo o desinteresse e imparcialidade, como lhe cumpre.

A' posse assistiram, segundo as nossas informações, os seguintes cidadãos filiados nos diferentes partidos e extranhos á politica activa:

Major Firmino Teixeira Mota Guedes, Governador Civil substituto
Fernando Augusto Barbosa, Presidente da Camara
Roberto Azevedo Canelas
Calisto Martins Canelas
Delfim José Rodrigues Braga
José de Vasconcelos Sousa Napoles
Dr. Antonio Joaquim Simões
Dr. Francisco Luiz Coutinho Carvalho
Dr. Beato Malva Matoso
Dr. Luz d'Alarcão Velasques Sarmento
Dr. Calisto de Sousa Brandão
Henrique Ferreira Barreto
José Antonio Monteiro da Costa
José de Paiva Bobela Mota
Boaventura Augusto Simões
José Luiz Maria de Andrade
Mario Augusto Mota
Guilherme José da Silveira
Adrião Pereira Forjaz de Sampaio
Benedicto Galvão de Carvalho
Acacio Cardoso Aires Pinheiro
Bazilio Tavares Lebre
Augusto Fernandes Carranca
Joaquim Goes
João de Vasconcelos de Napoles
Dr. Francisco dos Santos Neto
Manoel Bernardes Rasteiro
Antonio Augusto Rodrigues de Campos
Alberto Augusto Barbosa
José Soares da Costa
Joaquim Contente Ribeiro
Antonio Peixoto da Silva
João Duarte Pessoa Simões
Antonio Ferreira Gomes
Eduardo Castanheira de Carvalho
Antonio Caldeira d'Oliveira
Antonio Manoel Teixeira
Francisco da Costa Cabeço
José Augusto Duarte Geral
Joaquim da Cruz
Henrique Mendes dos Santos
Alfredo Mendes dos Santos
Henrique Ferreira da Silva Carvalho
Francisco Augusto Pereira Veloso
José Maria Lobo
Manoel Gonçalves Ferro
José Monteiro de Campos
Francisco dos Santos Pimenta
João Castanheira de Carvalho
Joaquim Maria Lopes Maranha
José Mendes dos Santos
Quirino de Sampaio.

Bento da Cunha

Esteve ha dias em Coimbra o nosso querido amigo, snr. José Bento da Cunha, dignissimo fiscal do governo do movimento e trafego junto dos caminhos de ferro, em Vizeu, e antigo funcionario superior da Beira-Alta.

Sentimos não ter podido dar-lhe o abraço sincero que agora lhe endereçamos.

BRAZIL

Prevenimos os nossos assinantes do Brazil de que, se não mandarem satisfazer os seus débitos a esta administração, até ao dia 1 de maio do corrente ano, deixarão de receber o jornal.

Tambem aqueles que pedirem assinaturas terão que depositar, ao fazerem o pedido, 5$000 réis fortes, sem o que não poderão ser considerados assinantes.

CARESTIA DA VIDA

A alta de quasi todos os generos indispensaveis á alimentação é um facto que se assinala, póde dizer-se, cada dia com a maior gravidade. Causas de natureza diversa se conjugam para produzir este lamentavel resultado. Para os generos que habitualmente importamos do estrangeiro, por ser insuficiente a produção nacional, ha explicações bem compreensiveis e naturais. O conflito europeu causou prejuisos enormes nos mercados do mundo inteiro, e determinou, por toda a parte, perturbações economicas e financeiras com as quais nós necessariamente teriamos tambem de sofrer. A elevação do agio do ouro e das taxas de fretes, seguro de guerra, etc., são os motivos que maior influencia produzem na subida de preço das mercadorias importadas; mas ha evidentemente causas de outra natureza, e algumas de caracter artificial, e entre elas é justo não desconhecer o papel exercido pela especulação.

Por infelicidade nossa, este desgraçado expediente põe-se de preferencia em pratica nas ocasiões mais criticas, ou seja quando o preço das mercadorias se eleva e a sua falta se faz sentir mais intensamente nos mercados. A's vezes, sucede isso, mesmo após uma colheita rasoavel que entre nós se faça. Os especuladores avistam-se directamente com o produtor e facilitam-lhe o trabalho da venda, adquirindo por grosso toda a produção. Assim é que os generos não aparecem no mercado.

No ano ultimo, os açambarcadores tomaram conta duma abundante colheita de feijão, e recolheram-na para negocio. O resultado fez-se sentir imediatamente, tendo o produto subido logo de preço, pelo criminoso expediente que se pôz em pratica.

O mesmo sucedeu agora em relação ao milho, tendo a especulação adquirido a maior parte do que apareceu á venda, e quasi varrendo o mercado dum produto que é essencial á alimentação publica e que, póde dizer-se, constitue o exclusivo alimento do proletariado.

Contra estes processos de elevar o preço dos generos é que o governo e as autoridades não podem deixar de precaver-se, adoptando todas as medidas indispensaveis, para pôr côbro a tão torpe artificio. Todos os negocios são legitimos quando não visam um fim que é, como neste caso, evidentemente criminoso.

Aumentar por processos artificiais o preço do pão de milho é mercadejar com a miseria, é escarnecer dos pobres, é contribuir conscientemente para agravar uma situação economica, já de si precaria e desgraçada.

O snr. ministro do fomento, a cujas qualidades de inteligencia e de caracter não podemos deixar neste momento de render a mais sincera homenagem, certamente ha de consagrar a este problema fundamental da alimentação publica os mais conscienciosos cuidados; e crêmos bem que da sua iniciativa resultará alguma providencia salutar em beneficio dos pobres. O que não é possivel é permitir por mais tempo esta desaforada especulação, que tão fundamentalmentte afecta as condições de existencia das classes mais humildes. A averiguação do que se passa não é dificil, desde que, nas respectivas regiões produtoras, se proceda ao apuramento das responsabilidades, e se decretem de futuro as medidas indispensaveis para reprimir a pratica regular de semelhantes negocios.

Infelizmente o nosso paiz não tem por enquanto maneira de, pelas suas proprias forças agricolas, dispensar uma importação de cereal que, só no ano de 1910 orçou por 4:414 contos, sendo 4:033 de trigo e 364 de milho. Isto basta para salientar o desequilibrio da nossa balança comercial e advertir-nos da necessidade de olhar um pouco mais a sério para a nossa agricultura. Para cobrir o *deficit* formidavel da produção cerealifera em Portugal, bastava que se aumentasse a percentagem de produção por hectare aravel, ainda mesmo que se não alargasse, como é incontestavelmente possivel, a area dos terrenos de cultura. O nosso paiz ocupava ainda ha pouco, entre as nações em que o trigo se cultiva, o ultimo logar relativamente ao progresso no rendimento da produção, em face da unidade de superficie. E, comtudo, ninguem poderá sustentar com fundamento sério que não seja largamente compensadora uma tal cultura.

Se a nossa produção cerealifera bastasse ás necessidades nacionais, veja-se que importantissimo elemento de correcção trariamos á economia do paiz no ouro que poupavamos, aplicando-o a outras necessidades.

Vai sendo tempo de considerar com mais atento cuidado, este aspéto grave do problema. Quando o resolvermos a valer, teremos dado o maior golpe na especulação e a economia portuguêsa entrará necessariamente numa fase mais desafogada.

(Do *Primeiro de Janeiro*).

CAMINHOS DE FERRO

Para a comissão de reforma ultimamente organisada, fôram nomeados, dentre outros, os snrs. Augusto Bizarro, ilustre inspetor principal e Adelino Soares de Melo, chefe de Coimbra B.

Cumprimentos.

Secção de Variedades

Negativa dum prospeto

Um individuo andando a distribuir prospetos, um sujeito lhe estende a mão para receber um.

— Não, ao senhor, não.

— Então porquê?

— Porque o senhor uza barba toda, e eu anuncio navalhas de barba.

BOA RESPOSTA

Atraz da cachopa bela,
Corria, doido por ela,
Nobre fidalgo a dizer:
— Por teus olhos tão formosos,
Trago, ha muito, os meus chorosos,
Chorosos por te não vêr.

Donde és? Não fujas, espera,
Que eu palacios e quintas déra
E joias mil, que mil são;
E mais, se mais me pedias,
Fidalgas e fidalguias,
Tudo por teu coração.

Oh! dize-me dêle o caminho,
Dize-me a que porta, sosinho,
A' noite o meu lucido pôr?
— Quer lá ir? Pois olhe, veja,
Porta e caminho da Egreja,
Vê-se daqui, meu senhor.

I. de Lemos.

Post-scriptum dum procurador

Um administrador duma fazenda acaba de escrever ao proprietario, uma carta, que termina com este *post-scriptum*:

— Peço a V. Ex.ª mil desculpas de lhe escrever em mangas de camisa, mas o calor é tanto!!!

Por jogar em dia santo

Um rapaz perdeu ao jogo,
Num domingo, não sei quanto:
— Olha, foi, disse a mãe logo,
Por jogares ao dia santo.

Póde ser; eis lhe voltou
O rapazola, em desdem:
Mas quem a mim me ganhou,
Diga lá... pois não jogou
Em dia santo tambem?!

Requereu a sua exoneração, que lhe foi concedida, o snr. José Simões Calvo, distribuidor rural do concelho da Figueira da Foz, sendo nomeado para o substituir, o snr. Manuel Bertão. O snr. Calvo era aquele funcionario que passava na estação desta localidade, com destino a Pampilhoza e volta, muito conhecido da nossa terra.

Alice Oliveira,

aluna externa do 5.º ano de piano do Conservatorio e com o curso de musica: léciona, em sua casa ou dos alunos, como se convencionar.

RUA DO SUB RIPAS, 10
COIMBRA

CAMAAR MUNICIPAL

Sessão da Comissão Executiva da Camara Municipal de Montemór-o-Velho, de 20 de fevereiro de 1915.

Presentes, os ilustres vereadores Monteiro da Costa, J. Goes e Esteves de Barros, sob a presidencia do bacharel Antonio J. Simões.

Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior, tendo o vereador Monteiro da Costa feito modificação em uma proposta que tinha apresentado.

Em seguida foi presente o seguinte expediente:

Um oficio do digno delegado do procurador da Republica a pedir diversas reparações nas cadeias desta comarca.

Resolveu a comissão que fosse o mestre d'obras vêr os serviços a fazer na cadeia e fizesse o orçamento para se executarem as ditas obras ou reparos.

Dito da junta de paroquia de Pereira a responder á comissão que não era ela que devia ter vendido a madeira de salgueiro de Vale de Rãs, mas sim a junta de paroquia.

O presidente propoz para que se oficiasse ao presidente da camara para convocar uma sessão extraordinaria para tratar deste e doutros assuntos.

Foi aprovada a proposta em absoluto.

Dito da professora de Verride a concordar com o pagamento dos professores no fim de cada mez.

Inteirada.

Dito do novo Governador Civil do distrito a participar que tomou posse em 11 do corrente mez e que podia a camara contar com a sua leal coadjuvação.

A comissão resolveu agradecer a sua ex.ª.

Dito da inspecção da 2.ª circunscrição escolar a enviar o processo da professora das Means, unica concorrente ao concurso.

A comissão resolveu dar conhecimento ao presidente da camara, para ser dado para ordem do dia.

Dito do professor de Vale Grande a fazer uma requisição de impressos.

Mandou se satisfizesse.

Dito da comissão executiva da Figueira da Foz a mostrar a conveniencia das camaras da Figueira e Montemór representarem ao governo, para a continuação da construção da estrada distrital daquela cidade a Mira.

A comissão resolveu aceder ao pedido.

Uma circular da 10.ª repartição da direcção geral da contabilidade publica, com respeito ao subsidio do Estado ás camaras, para despezas da instrução primaria e a fazer sobre o assunto diversas considerações.

A comissão ficou inteirada e mandou que se arquivasse o exemplar que vinha junto com a circular.

Foi novamente presente o oficio da camara da Figueira ácerca da barca do porto da Ereira, e o presidente disse que se lembrara de o submeter á apreciação da camara, na proxima sessão de abril.

A comissão depois de varias considerações resolveu, visto estar averiguado que metade do porto, o da margem direita, existe no concelho da Figueira, lhe seja dada metade da renda daquele porto, por lhe pertencer.

Em seguida tomou conta de varias informações, apresentadas pelo mestre d'obras e dignos vereadores das diferentes freguezias do concelho, ácerca de alinhamentos, vedações de predios, licenças de terrenos para ocupações de material e construções e reconstruções de casas.

Aprovadas na fórma da lei.

Foi presente uma relação de varios transgressores das posturas, apresentada pelo guarda Figo, que foi assinada.

O vereador Monteiro da Costa propoz que os empregados de policia limitem o seu serviço a manterem a ordem nos mercados.

Foi presente o balancete semanal, acusando um saldo de 4:800$00 na Caixa Economica Portugueza e de 179$93 na tesouraria da camara.

Autorisou e mandou pagar diversas despezas.

Em seguida foi encerrada a sessão.

Constantino Gomes Tomé

Não se zanga o nosso velho amigo por, sem sua autorisação, publicarmos esta sua penhorante carta. Não pudémos fugir ao desejo de inseri-la. Ela recorda-nos, com saudosa magua, tempos que mais não voltam! O *Dever* é de Gomes Tomé, e ele o saberá honrar com o seu auxilio e com os fulgores do seu talento.

E ele diz-nos:

Meu caro amigo

Agradeço-lhe sinceramente as amaveis referencias que me faz no seu jornal, referencias de que me considero bem longe de ser merecedor, mas que considero ditadas por um espirito que condéna em absoluto o servilismo e a adulação.

Fomos, com efeito, meu caro amigo, companheiros nas lides jornalisticas no tempo em que ser republicano era, para certos monarquetes que hoje fingem abraçar o grande ideal de emancipação, arvorar o pendão da discordia e do crime.

E nós, com os nossos escritos despidos de tropos inflamados, mas pejados da sinceridade que deve caraterisar um bom republicano, verberávamos os maus atos dos politicos incorrigiveis!

Tempos de saudade que não esquecem, principalmente em periodos, como este, em que alguns homens puzeram a paixão politica acima dos interesses nacionaes.

Digne-se, meu caro amigo, aceitar o testemunho sincero da minha admiração pela fórma digna como tem dirigido o simpatico Dever, *o que é empreza dificilima num meio restrito, como Arazede, e para o que lhe fôr prestavel mande o seu*

Velho e dedicado amigo,

Seixo de Gatões, 9 de Março de 1915.

Constantino Gomes Tomé.

Nomeação

Com a classificação de distinto, foi promovido a chefe de 4.ª classe o nosso estimado amigo, snr. Gregorio Olivier Lopes, considerado funcionario da companhia portugueza de caminhos de ferro.

Parabens.

Alvaro de Matos

Prof. das Clinicas obstetrica e ophtalmologica na Faculdade de Medicina

CLINICA GERAL.
DOENÇAS DAS SENHORAS

Residencia: R. de Tomar, 5. Tel. 51

Consultas da 1 ás 3 no Largo Bombarda, 27, 1.º Tel. 20

As consultas de gynecologia e ophtalmologia são gratuitas para as classes pobres.

A FOME

O assassinato do marchante José Rufino, efectuado em condições tão tragicas, na capital, prova bem que é impossivel o encarecimento da vida. Os generos alimenticios estão pelo ultimo preço, e, eleva-los mais, é fomentar a desordem na familia portuguêsa, que tem já bastantes encargos e a diminuição bastante de salarios para morrer de fome.

Rufino tinha 9 filhos, e por certo, ao não querer transigir no preço da carne, não pensou bem no que virá a ser dos seus filhos todos.

A carestia dos generos é a principal preocupação dos que trabalham. Com efeito, será impossivel fazer face a tanto compromisso, especialmente os que ganham uma bagatela.

Seis vintens é pouco para sustentar uma familia inteira, e terras ha onde os salarios pouco maiores são do que seis vintens por dia.

Seria logico que o preço dos generos se aumentasse conforme os lucros, mas, para isso, era preciso arranjar uma tabela para cada cidadão, proporcional aos seus lucros, aos seus haveres.

Podem fazer tudo o que quizerem do povo. Ele tudo consentirá. Encarecer-lhe a vida, isso não.

O nosso aniversario

Aos nossos queridos confrades, *Sul da Beira*, *Jornal de Coimbra*, *Leiria Ilustrada* e outros, agradecemos muito penhorados as amaveis referencias que fizeram ao *Dever* pelo seu aniversario, e em especial as dirigidas ao seu director.

Agua da Curia
Mogofores

As unicas aguas sulfatadas-calcicas que existem no paiz, similhantes ás afamadas aguas de Contrexéville, nos Vosges (França).

Descuidos lamentaveis

Não é norma dêste jornal publicar informações anónimas. Entretanto, o postal que abaixo transcrevemos, apezar de não trazer assinatura, não representa, para nós, um anonimato. Sabemos bem de onde ele procede, pois ainda não ha muito, dormindo no mesmo quarto, conversávamos com o seu autor, um nosso dedicado amigo.

Com efeito é bem justo o seu alvitre, porque, quem escreve estas linhas, é a vitima do desastre a que o mesmo postal alude.

Protestámos junto da Direcção das Obras Publicas do Distrito, mas ali tudo dorme a sôno solto. Se ha, ou não, o propósito de prejudicar a Republica, não sabemos. Temos na Direcção dedicações e amizades pessoais, e só provas de deferencia temos recebido do snr. engenheiro Paulo de Barros, sem nos importarmos da sua politica.

Mas é verdade. A estrada da Geria está num estado lamentavel. E se se puder mandar reparar em conformidade com o desejo do povo de S. João do Campo, bom será.

E assim, o postal resa o seguinte:

Dignar-se-ha inserir no seu jornal uma noticia, chamando á vida a dorminhoca Direcção das Obras Publicas para as enormes quebradas que existem na estrada distrital n.º 67, entre a Geria e S. João do Campo. Se as Obras Publicas quizessem, as quebradas teriam sido muito menores. Bastaria mandar os cantoneiros pôr estacas e fachina nos topos das referidas quebradas, o que seria muito barato. Agora, terão que dispender contos de réis.

Haverá o proposito de prejudicar a Republica? Penso que sim.

Não se esqueça, pois, que já alguns desastres se deram. Um, foi um ciclista que se despenhou com a bicicleta num poço da segunda quebrada.

Valeu-lhe, talvez, o saber nadar.

Um leitor.

AOS AGRICULTORES

Estamos entrados na epoca da sementeira da batata, e é de toda a conveniencia que os senhores se não esqueçam dos adubos quimicos e organicos, da acreditada casa *Varela, Leal & C.ª, das Varzeas*, e que se encontram **á venda em casa de Manuel Monteiro Godinho**, com deposito no **Casal do Gaio, Arazêde.**

Poetas e Prosadôres

A' pequenina Marilia

no dia dos seus anos

Do mundo a porta entrou, pela mão côr de rosa
da rosea Primavera,—a linda, meiga flôr!
e cada ano ela vem, á florita mimosa,
dar alento, dar vida, em caricias d'amôr!

Bafejada, querida, eleva-se graciosa,
circundada de luz, cheia de seiva e côr!
—oh! onze anos de encanto, em estação formosa,
que a Natureza anima, ao bom sol creador!...

Onze anos!... a candura, a inocencia, creança!...
—a alma a correr atraz da borboleta Esp'rança,
em viçoso jardim, de perfumes subtís!...

Botãosinho d'amôr, de essencia pura e fina:
Ventura, luz do céo, que aquece e ilumina,
te guie, estrada além, — a sorte bem feliz!...

Montemór-o-Velho, março de 1915.

J. NEVES.

As cartas duma infeliz

MEU CARO LEOPOLDO:

Chego agora do baile. Cá fóra, no jardinsito odorante, passeava, quando eu saía do palacete, uma criatura qualquer, que me pareceu agitada e nervosa, olhando o céu em todas as direcções.

Dir-se-ia que procurava, no brilho das estrelas, uma consolação para as máguas bem sentidas.

A minha amiga do costume acompanhou-me até á porta. Despedindo-nos, ficou em mim a imensa saudade com que quasi adormecia, depois de lêr mais um capitulo saudavel da Biblia, em que muito ha de filosofia e de verdade, sem me lembrar que tinha de escreverte a minha carta habitual. Tu andaste, Leopoldo, dizendo-me coisas por muito tempo, e eu deixei que á tua vontade desabafasses. Não te interrompi nunca. E tu tens, contudo, manifestado já o desejo de escreveres-me, considerando terminado o nosso incidente e mostrando-te enfadado com os meus conselhos e os meus despretenciosos desabafos. Tem paciencia. Tu sabes bem que eu digo tudo isto em obediencia a um principio comum, que afinal nos envolve a ambos sob a mesma bandeira de humanisações e idialismos. Quando, convencida de que me não queres ouvir, eu me certificar de que te enfado, descança, caro amigo, que não mais te importunarei.

Dancei muito. O Angelo tornou-se por vezes importuno com os seus ditos espirituosos, que por vezes se tornaram aborrecidos. Eu quasi o não ouvia. Convidou-me varias vezes, dei-lhe o meu braço com sinceridade, e via nele o lampejo do passado de tormentos que alguem outrora por mim passou.

Quando vi, passeando no jardim, sob a grande arcaria, o vulto de que te falei, lembrou-me logo as horas atormentadas do teu viver, sempre cativo a um pensamento e subordinado a uma maneira d'agir. Não ha nada como a liberdade que tu apregoas, e em que eu vou agora acreditando. De tudo que me tens dito, conservo ainda uma ideia nitida e inapagavel que nem todos terão o condão de saber guardar.

Adeus. Tua

IRÉNE.

A CAMINHO D'AFRICA

(Impressões)

POR SOBRE AS AGUAS

II

A trez dias de viagem.

Longas e amarguradas 72 horas fôram essas!...

A par duma doença enjoativa e repugnante a saudade devora e queima nossa alma.

No bliche onde a maioria dos passageiros as passaram, respirava-se uma atmosfera asfixiante.

Ao grito de—*ao convez!*—sobem-se as escadas ainda cambaleando, e eis-nos aspirando o perfume da brisa e recebendo os osculos ternos dos raios do sol.

Espraiando a vista ao largo, vê-se o horisonte confundir-se com o oceano e este, ora agitado, ora calmo, desperta-nos da melancolia em que levamos mergulhado o nosso espirito.

Por momentos sentimos uma nova luz raiar em nossos corações, enchendo-nos de alegria.

Breves momentos, porém, fôram esses.

Espessa nuvem de tristeza tolda rapidamente os meus sentidos, que os raios do sol tão magicamente haviam embriagado, e de novo me vejo mergulhado em profundas cogitações.

Descai lentamente pelas minhas faces uma quente lagrima de saudade!

Privado dos carinhos cheios de ternura, de que se é alvo no seio da familia, ou no convivio de doce amada, ocorre-me inquirir de mim proprio, quem neste momento poderá ofertar-me, senão afetos, pelos menos um sorriso...

Olho, diviso, contemplo, e eis a resposta que colho:

QUEM SORRI?

. . . . . .

Sorri o glauco mar esbatido de sol,
E ao longe ouve-se o rir do meigo rouxinol;

Ri a lua no ceu, quando o dia falece,
E nos jardins a flôr a sorrir estremece;

Sorri nos violões dos salgueiraes em flôr,
A brisa perfumada a suspirar amôr;

Sorri a minha amada em noites de luar,
Quando, sob a janela, ela me vê passar.

Tudo no mundo canta, se diverte e ri,
Só eu choro, por fim, pois chorando nasci.

O' prantos enxugai, risos d'amôr volvei!
Que eu inda hei-de voltar á santa que deixei.

. . . . . .

Alto-mar (Cabo-Verde), 10—12—914.

(*Continúa*).

Ricardo Fernandes Sardinha.

COISAS UTEIS

Adubações

O desenvolvimento que tem tido o comercio de adubos quimicos, mostra bem que o seu emprego se vai vulgarisando entre nós; todavia, é necessario que o agricultor se convença de que os adubos quimicos não são destinados a dispensar inteiramente o emprego do estrume de curral, mas a *completar* este estrume, quando a analise quimica demonstre que na sua composição faltam elementos constituintes da planta que se cultiva. O que mais falta no estrume de curral é o acido fosforico, e, sendo agora ocasião de adubar a vinha, convem lembrar que os produtos que dela derivam, são compostos de principios extraidos do ar e da terra pelas videiras. Entre os ultimos ha tres, cuja falta se faz sentir no terreno e que devem, por isso, constituir a parte essencial dos estrumes: a potassa, o acido fosforico e o azote.

O lavrador cuidadoso póde, porem, aumentar o valor dos seus estrumes de curral, juntando-lhes todos os detritos animaes e vegetaes—trapos, cinzas, penas, hervas, folhedo, mato, palhiço, varreduras de ruas, limpeza de valas, formando em mêdas ou deitando em covas esses detritos dispostos por camadas, alternadas com outras de esterco, polvilhar estas com fosfato de cal ou gêsso, e regar tudo com agua e um fermento liquido, que póde ser a urina levada dos estabulos para junto das estrumeiras. Formará assim um bom estrume de curral, que enterrado nesta ocasião nos intervalos de cada cêpa fará aumentar consideravelmente a produção e dará á vinha, ao rebentar, um aspéto sádio e vigoroso.

Albano Coutinho.

(Da *Voz da Justiça*).

"GLYCINIAS"

Revista quinzenal
de letras, artes e sports

SOB A DIRECÇÃO DE

Antonio Basto e Armando Duarte

Brevemente

CARTA DO BRAZIL

Como isso anda!

Os varios membros da nossa colonia, domiciliada aqui em Santos, estão quasi a não entender como é que os nossos homens estão governando a náu sempre gloriosa da nossa querida Patria.

Sempre ávidos de noticias, ora lendo cartas, ora telegramas, vemos com assombro esse desconcerto que nos faz duvidar dos destinos de Portugal. Ministerio em baixo, ministerio em cima; nós mesmo não sabemos o que isso quer dizer; foi daqui o snr. dr. Bernardino Machado, formou ministerio, mas de *cordialidade*, com grandes homens. Toda a gente julgava que alguma coisa faria um governo composto de homens das direitas. Decorreram uns *mezitos*, e zás — o ministerio em baixo. Isso assim não póde ser.

Passam-se uns dias menos mal, e tudo parece correr num mar de rosas; mas como atrás da bonança, vem a tormenta, que é ódio rancoroso com que os nossos homens se mimoseiam uns aos outros, eis a causa da nossa decadencia!

E' o desmantelar, talvez, da nossa nacionalidade, que só necessita de muita calma, muita ordem, e que comunguem todos nas mesmas crenças, como nós, republicanos, aqui por estas longinquas paragens, fazemos.

Eu podia não me importar com estas cousas, porque nunca ganhei um centavo da nossa querida Republica. Amo-a, num dever de cidadão português que se présa. Não disputo logares, nem nunca os disputei.

Defendo esta causa, livre e desobrigadamente, como é do meu dever.

Tenho amizade á minha Republica. Adoro-a como a um idolo; adorava-a nos comicios em favor dela, nos bons tempos da propaganda. Perdi dias com esse fim; ouvi falar, em Montemór, o snr. dr. Brito Camacho, e gostei; ouvi falar o snr. dr. Antonio José de Almeida, em Cantanhede. Que lindas palavras as daquela boca de revolucionario! Ouvi o snr. dr. Afonso Costa, na Moita do Ribatejo, nos tempos em que ainda era um perigo ser republicano! Agora, tudo mudou!

Já ninguem quer saber do passado.

Seria bom a união dos homens, para o progresso da nossa Patria, porque com mais facilidade conseguiriam seus fins. Mas eu estou só vendo desuniões, nos melhores vultos da nossa terra. E' pena!

Era bom que ponderassem.

Santos, janeiro de 1915.

Elisio Ramalhão.

A VIDA

(*Ao meu amigo G. Monteiro*).

O bem e o mal são palavras.
O homem é um misterio.

A. Forjaz de Sampaio.

Ao lembrares-te do que a vida é, tu terás formulado a ti proprio as mais fantasistas perguntas. A crueldade do homem, o trabalho, o goso, a felicidade, o encanto, a beleza, a dôr, a desventura, o sofrimento, enfim, este meio em que vivemos com prazeres e infortunios, com venturas e dissabores, é a vida em toda a sua realidade! Não pretendo interrogar-te sob o ponto de vista da sciencia, porque tu, decerto, me responderias á materialista, ou então dir-me-ias, como os psicologos: «Que a Vida é uma impulsionante e automatica manifestação dada á materia, por essa flama que se chama — alma...». Porém o meu desejo é, sómente, que me respondas, explicando-me a vida fóra do individuo, a acção exterior, criada por nós, homens! Para Camilo, a vida foi uma coisa bela, cheia de poesia e de encanto, de ventura e de goso; assim o provam os primeiros tempos da sua existencia. Para Mantegazza, a vida tambem é boa e bela, cheia de amôr e carinho. Para Schopenhauer e Sampaio, seria formidavel luta acesa e terrivel, uma feroz e monstruosa guerra sem treguas. Mas, estendendo-me em considerações: Faure, Zola e Cropotkine, entendem o que, meditando, me faz acercar da realidade: bôa e má, feia e linda. Mas, afinal, o que é a vida? Sim, espero que me digas o que vem a sêr *isto* que tudo nos suporta e que tudo nos proporciona e que sobre ela todos fazemos considerações e ninguem me diz positivamente o que ela é...

Castelo de S. Jorge (primeiras caricias da primavera de 1915).

Manuel Afonso Almufrey.

Valor da nova moeda

Um escudo ou avo de ouro (1$000 rs.) divide-se em 100 centavos:

1/4 centavo equivale a	2 1/2	réis
1/2 centavo »	5	»
1 centavo »	10	»
2 centavos »	20	»
5 centavos »	50	»
10 centavos »	100	»
20 centavos »	200	»
50 centavos »	500	»
1 escudo (100 centavos) equivale a...	1$000	»
2 escudos (200 centavos) equivale a...	2$000	»
5 escudos (500 centavos) equivale a...	5$000	»

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autôres.

CORRESPONDENCIAS

Abrunheira, 10—3—915.

Fomos no domingo a Verride assistir á Festa da Arvore que ali se realisou, e com satisfação dizemos que ficámos belamente impressionados com tão simpatica festa.

As duas escolas do sexo feminino e masculino estavam muito bem enfeitadas com verdura e flôres.

A alegria das creanças comunicava-se-nos!

Era vê-los correndo, brincando, soltando as suas alegres gargalhadas naquele lindo dia de sol quente que nos abrazava.

Pois se era o dia da sua Festa!

Antes de se organisar o cortejo démos um passeio pelas ruas da vila.

Daqui surge-nos um grupo de quatro ou cinco creanças, com os seus fatos novos, as suas pás enfeitadas com fitas de côres varias; d'além surge-nos outro grupo de seis ou oito, depois outro, outro mais, e assim sempre, cantando e rindo, alegres e satisfeitas!

Dirigem-se para as suas escolas e nós seguimol-as.

Pouco depois aparece a filarmonica da localidade, que abrilhantou os mesmos festejos, organisando-se em seguida o cortejo civico no qual se incorporaram as crianças das duas escolas, professores, Junta de Paroquia, autoridade, Comissão dos festejos e por ultimo a filarmonica, dirigindo-se o cortejo para a Enchida, onde foram plantadas duas acacias, cantando as crianças a Sementeira. Em seguida, o cortejo sempre acompanhado de muito povo, dirige-se para a estrada que nos conduz á Estação do Caminho de Ferro, onde foram plantadas mais duas arvores, tocando a filarmonica a Sementeira, cantando depois as crianças o Hino da Arvore.

Por fim dirige-se novamente o cortejo para a Escola do sexo masculino onde se realisou a sessão solêne, á qual presidiu o snr. dr. Carlos Gaspar de Lemos, secretariado pela professora e snr. Antero Alte da Veiga.

Usou primeiro da palavra o snr. dr. Gaspar de Lemos, seguindo-se-lhe a ilustre professora, D. Ana Moutinho Barbedo e por fim o snr. Antero Alte da Veiga.

Procedeu-se depois á distribuição de premios ás crianças que cantaram o Hino das Escolas e o Hino Nacional. Recitaram tambem duas poesias as meninas Maria Artemiza Gomes Pinto e Delminda Cardoso. Finalisou a festa com a distribuição dum abundante lunche aos alunos das escolas.

Foi, emfim, uma festa bastante simpatica, que todos os anos e em todas as terras se devia fazer.

Não desanimem, pois, os verridenses e façam esforços para que todos os anos aí tenham uma festa déssa natureza.

Os nossos parabens a todos.

—— E' no proximo dia 28 quê aqui se realisa tambem uma festa escolar. Na vespera e dia á tarde, exibir-se-á uma manobra infantil, habilmente ensaiada pelo nosso conterraneo Elias da Silva.

No dia da festa haverá cortejo civico, sessão solêne, distribuição de premios e lunche ás crianças das escolas.

Os festejos serão abrilhantados pela filarmonica abrunheirense.

—— Foi pedida em casamento pelo nosso amigo snr. Joaquim de Sousa Carvalho, conceituado comerciante da nossa praça, a snr.ª D. Coralia Simões Graça.

—— Teem estado uns dias lindissimos. Oxalá tragam companheiros, porque fartos de chuva e temporaes estamos nós todos.

N.

Por falta de espaço retirámos, á ultima hora, noticias e colaboração importante.

ANUNCIOS

FABRICA DE CAL

Cal fina e grossa, fornece-se em muito boas condições. Preços modicos, sobre o wagon, no caminho de ferro e nos proprios fornos.

Agente de telha tipo marselha e tijolos de todos os formatos, da fabrica Lacerda, Figueiredo & C.ª Limitada, da Pampilhosa.

Pedidos a

Joaquim F. Coca Junior
Zambujeiro—Arazede

Gêsso e adubos compostos

Para todas as culturas

DE

J. CORTEZAO

Fabrica — Sá (Anadia)
Escritorio — Figueira da Foz.

AGUA DE LUSO -- Cura pela Diurése

(ESTABELECIMENTO TERMAL E HOTEIS ABÉRTOS TODO O ANO)

A mais diurética e mais digestiva. Aumenta a diurése, regularisa as funções digestivas e ativa os fenómenos nutritivos

Muito radioativa—4,49 miligramas—minutos
Muito ionisada, resistividade a 18° 18300 ohms
Muito rica em gazes raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotonica, ponto criospico 0°,04

} Conclusões da analise feita pelos distintos professores Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitissimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tifico

USO EXTERNO—Molestias de pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc.), reumatismo e gôta.
USO INTERNO—Artritismo, impaludismo, neurastenia—Albuminuria, diabetes—Intestinos, estomago—Rins—Bexiga.

Depositos -- LISBOA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros, 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 428. FUNCHAL, José Quirino de Castro, rua dos Murças. AFRICA ORIENTAL: Oswald Offmann. BEIRA: F. L. Simões & C.ª. LOANDA: Beltrão, Pena & C.ª, e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositarios nas terras onde ainda os não haja.

Seguros contra incendio incluindo riscos de explosão de gaz e raio.

Seguros contra incendio — cobrindo tambem os riscos de *Greves* on *Tumultos* (portaria de 14 de Março de 1914).

Seguros contra incendio — cobrindo ainda os riscos de *Guerra* (portaria, 30—XI—1914).

Unica companhia autorisada a segurar os riscos de Guerra nas apolices Incendio

As apolices d'A MUNDIAL são portanto as que mais conveem aos interesses dos proprietarios, locatarios, industriais, comerciantes, etc.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS
Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital Esc. 500.000$

Séde em Lisboa, Rua Garrett, 95, Telephone n.º 4084
Delegação do PORTO, Praça Almeida Garrett 22|24, Telephone n.º 1459

ENDEREÇO TELEGRAPHICO—**MUNDIAL**

Agentes em todas as localidades do paiz ilhas e colonias

Livraria e Tabacaria Cunha

Livraria Moderna e Tabacaria Augusto Henriques (reunidas)

Alberto Gonçalves Cunha

150, Rua Ferreira Borges—COIMBRA

TELEFONE N.º 293

LOTARIAS—Bilhetes, suas fracções e cautelas. Variada série de numeros certos.—Premios frequentes.
TABACOS—Nacionais e estrangeiros. As melhores marcas de cigarros e charutos.—Todos os artigos para fumadores.
POSTAIS ILUSTRADOS—Sempre as ultimas novidades em todos os generos.—Bilhetes de visita, impressão rapida.
PAPELARIA—Finissimos papeis de carta em caixas aos cadernos.—Objectos para escritorio e desenho.
LIVRARIA—Nacional e estrangeira, Revistas, Publicações.—Figurinos.—Musicas.

Livros usados, antigos ou modernos, em qualquer estado, em grandes ou pequenas quantidades, compra em qualquer parte.

Passagens para o Brazil e Africa

José de Almeida

Negociante nas Pontes de Cadima, concelho de Cantanhede, e correspondente de todas as Companhias de navegação

Faz constar que vende passagens para todos os portos do BRAZIL, AFRICA, etc., a preços reduzidos, para o que está legalmente habilitado.

A sua vida de seriedade e honestidade são garantia segura para que os que desejam comprar passagens o procurem de preferencia a qualquer outro.

Guilherme dos Santos Pinto & Irmão

COM

OFICINA DE CANTEIRO

Encarregam-se de jazigos de toda a especie e todo o serviço concernente á sua arte.

Tambem executam todos os trabalhos que digam respeito a *Plantas, Alçados, Copias, Projectos e orçamentos de edificios, edificações, etc.*

Montemór-o-Velho=Verride

Restaurante Ferro-viario

ALFARELOS

ESTE bufete, um dos que melhor serve o publico que transita nos comboios, acha-se situado na estação do caminho de ferro de Alfarelos. Fornece almoços, jantares e *lunchs* e toda a qualidade de refeições, por preços comodos. Tem pessoal habilitado, tanto em cosinha como em sala de mesa. Tudo se encontra com esmero e perfeição.

Fornece comida para fóra, e presta se a servir em casamentos, baptisados, etc., desde que seja prevenido com antecipação.

O proprietario, **Artur de Oliveira Coelho.**

Companhia de Seguros

A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz
Antonio d'Oliveira Guerra
RUA DA REPUBLICA, 84

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima—Vila Nova d'Outil

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legitimos acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de fórma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamavel, isca em cordão vendida fraudulentamente a titulo de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva acção civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa ao Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalisação para procederem ás necessarias diligencias. Dirigir-se pessoalmente ou por carta á Companhia Portuguêsa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS

MELO & MARTINS

PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada

PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiencia dos nossos adubos, devido ao seu magnifico resultado os adoptarão de preferencia a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro
PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex.mos passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.
Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA

Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.
PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações
Deposito das afamadas aguas de Luso.

Hotel de la Paix

JEAN OZUN

Situado num dos pontos mais centrais da capital, belas vistas sobre o Rocio, é um dos modernos hoteis que mais comodidades oferece.

Bom serviço de cosinha á franceza

Almoços, 60 centavos. — Jantares, 80 centavos. — Serviço á lista.

3 Calçada do Duque, 3 — **Lisboa**

Fabrica de Lanificios

— DE —

MANOEL JERONIMO DE MATOS

COVILHÃ

Fornecedor da caixa de socorros dos empregados da Companhia Portuguesa

Esta fabrica, uma das mais acreditadas da Provincia da Beira Baixa, fornece, por preços convidativos, especialmente a particulares do continente e ilhas, os melhores produtos da sua fabricação, tais como casimiras, cheviotes e estambres, empregando materia prima de primeira qualidade, esmerando-se quanto possivel na sua execução e adotando os melhores padrões e côres que a moda impõe nos centros elegantes estrangeiros.

Envia amostras para todos os pontos, para o que bastará o pedido feito num simples postal.

Pedidos a

Manoel Jeronimo de Matos--Covilhã

Biblioteca da Universidade Coimbra

Ano 4.º Arazêde, 21 de Março de 1915 N.º 161

Director, administrador e editor
J. d'Almeida Junior

Representantes em muitas terras do país, Africa e Brazil

PROPRIEDADE DA DIRECÇÃO

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguêsa

Pátria e Humanidade

Redação e Administração
ARAZEDE

Toda a correspondencia relativa a este jornal, deve ser dirigida ao Director, para Coimbra

Composição e Impressão
Tip. Silva (a vapor)—AVEIRO

Regalias populares

Quando nessa historica manhã de outubro deixou de troar o canhão, e de mil bôcas saíam aclamações vibrantissimas e expontaneas ao sacratissimo ideal que fez baquear um trono carcomido por tantas baixezas e humilhações, todos os bons portuguêses, que hoje encaram com magua a situação, julgaram bem que esta nossa infeliz patria enveredaria por outro caminho mais compativel com as aspirações do povo.

Desgraçada ilusão!

A ambição do mando, que nos malfadados tempos do extinto regime, tanto fascinava os nossos politicos, continua, na vigencia da Republica, a revelar-se duma fórma não menos deploravel do que então.

Triste é dizer que o desejo de ser util a esta patria, que nos aureos tempos de Cabral, Albuquerque e Gama, atingiu o apogéo das suas glorias, é substituido por uma politica de retaliações, cujos efeitos não deixarão de ser perniciosos para a nossa nacionalidade.

Mau caminho este que trilhámos. As regalias populares, por que tanto pugnavamos nos malfadados tempos da realêsa, são problema, para cuja solução ainda não convergiram bem as atenções dos nossos estadistas.

O povo das aldeias, principalmente, que nos campos rebenta com um trabalho insano, continúa ainda numa vida que está bem longe de corresponder aos resultados beneficos duma Democracia.

Se vamos para as cidades o que vêmos?

Ainda que um pouco mais suavisada das agruras do trabalho, não oferece a vida aí os meios de subsistencia necessarios para precaver da terrivel tuberculose milhares de desgraçados.

Tem-se legislado, durante o atual regime, alguma cousa em prol das regalias populares?

Não dizemos que não.

Mas não tanto como o exigem as condições vitais dum povo escarnecido e vilipendiado durante seculos.

Não são as perseguições e as espingardas que levantam um regime, mas escutando-se o povo, inquirindo-se da sua miseria e empregando-se os meios para a debelar.

Esta massa anonima que se chama povo, tão desprezada foi pelo regime brigantino, que aceitou, póde dizer-se afoitamente, a Republica como um verdadeiro Messias salvador.

E, com efeito, se ela não lhe tem melhorado as suas condições economicas tanto como seria para desejar, não se póde dizer, no entanto, que tenha sido um regime de latrocinios, como aquele que teve o seu desfecho numa dourada manhã de outubro.

Facto verdadeiramente axiomatico, que ninguem de boa fé poderá contestar.

Mas é preciso que as paixões politicas, que ha um certo tempo a esta parte se teem desencadeado como terriveis vendavais, acalmem, e que no nosso país, cujo clima, riqueza do seu solo e excelente posição geografica são a inveja de muitos estrangeiros, a paz e a ventura entrem em todos os lares.

E como realisar tão bela aspiração?

Melhorando as condições de vida do povo, deste povo infeliz que é bem a encarnação do sofrimento e da bondade!

Constantino Gomes Tomé.

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autôres.

Um acto de subalternidade

O caso Leandro é um manifesto acto de fraqueza. O governo da Republica, indultando o incendiario da Madalena, que na capital causou tantas vitimas, demonstrou mais uma vez a subalternidade em que as circunstancias nos colocaram.

A' roda do sucedido estão-se derimindo culpabilidades que era necessario conhecer. O país tem vivido longe da verdade no atinente a certos homens publicos. E' necessario que os factos se dêem, que os factos insofismaveis ocorram para que todos fiquem conhecendo a sinceridade politica de certas individualidades em destaque.

D'ha muito que se fala na cobiça da Hespanha, no desejo que a Hespanha tem em nos afrontar. E' certo que, para opôr resistencia ao pais visinho, Portugal possue, *felizmente*, um exercito numeroso mas que... não tem nada, nem mesmo homens, a despeito do crescendo das despezas para fazer face á manutenção do exercito de terra e mar.

Seja como fôr, é sempre triste termos que ceder pela fraquesa, porque tal pratica denota quanto estamos receiosos d'ataques e de violencias.

Somos, por temperamento, apologistas do perdão, mas do perdão refléti do, do indulto que não envergonhe.

A hora é de pacificações, assim o entendemos, mas jámais podemos desejar um retrocesso da nossa autonomia e da nossa independencia.

Com a questão Leandro se tem gasto arrobas de papel e uma infinidade de horas de trabalho, que, como consequencia inevitavel, trouxe o desperdicio de dinheiro. Leandro é rico. Em Portugal fez a sua fortuna, como a fazem por cá muitos estrangeiros, em manifesto antagonismo de processos com os nossos compatriotas, que, com facilidade, se deixam espoliar e enganar.

Do decreto, a seguir transcrito para melhor apreciação dos nossos leitores, resalta evidentemente esse receio, essa fraqueza a que nos referimos, e que o país viu com desconsolação. E' este:

Atendendo ao pedido que ao governo da Republica Portuguêsa foi feito pelo governo de Hespanha, e querendo significar a este os meus sentimentos de cordeal amizade; atendendo ás informações que me foram dadas ácerca do exemplar comportamento de Leandro Gonzalez Blasques na Cadeia Nacional de Lisboa; atendendo a que ele, quando lhe fosse contado o tempo de prisão que sofreu no Limoeiro, já teria terminado a pena de prisão maior celular:

Hei por bem, sob proposta dos ministros da justiça, dos estrangeiros e interior, e ouvida a Comissão de reforma penal e prisional, usando da faculdade que me confere o n.º 8 do artigo 47 da Constituição politica da Republica Portugueza, decretar que o Leandro Gonzalez Blasques, condenado por acordão da Relação de Lisboa, de 5 de fevereiro de 1910, na pena de 8 anos de prisão maior celular seguida de degredo por 20 anos de degredo em possessão de 1.ª classe, com 8 anos de prisão no logar de degredo, e atualmente preso na cadeia nacional de Lisboa, seja comutado o resto da pena que lhe falta cumprir, na pena de expulsão do territorio portuguez pelo mesmo tempo.

Contudo o criminoso não escapou ás iras populares, sendo alvejado a tiro na estação ferro-viaria do Setil, quando se dirigia á fronteira.

Emquanto Gonzalez passeia, com os filhos, na sua patria, choram ainda por cá familias inteiras que ele atirou para um eterno luto. Não sabemos o que seria de Leandro, se Leandro Gonzalez fosse um pobre sem eira nem beira.

Agitação politica

Correm intranquilos os dias na politica portugueza. Estaremos em vesperas de graves acontecimentos? Tudo faz prever que sim.

O partido democratico, que não póde perdoar ao governo as constantes perseguições feitas a homens da sua *nuance*, não desarma nem desanima.

Não transige, e mal irá a tudo isto se continuar na mesma atitude hostil. Bem sabemos que o governo faz mal em não transigir tambem, e que faz pior em perseguir.

Em Coimbra acaba de reunir-se todo o elemento do partido radical, tendo vindo de Leiria todos os democraticos daquela cidade, afim de parlamentarem sobre a actual situação, que não póde deixar de ser transitória, porque o governo, refletindo, ponderando, ha-de por certo achar o *X* do magno problema, que solucionará da melhor fórma, da maneira mais airosa para as instituições republicanas, sem deixar de salvaguardar os interesses da Republica e do país, que está reclamando criterio e boa norma. De homens experimentados não ha outra coisa a esperar.

A Republica não se fez para servir clientelas nem para exercer represálias. Fundou-se, ao contrario, para corrigir erros e para pacificar as paixões desnorteantes; e já vae sendo tarde de mais para tal se conseguir. O povo, até aqui, tem se mostrado indiferente ás lutas dos partidos; mas agora, abrindo os olhos pouco a pouco, vae enveredando pelo verdadeiro caminho do dever. Desanimado, cançado de esperar, de justiça seria que não fosse enganado por muito tempo mais, para que a reacção não tenha que ser tão violenta.

Dr. Batista Loureiro

Sentimos ainda viva na nossa alma, a impressão de agradavel surpreza que a visita deste ilustre clinico do nosso concelho nos deixou, na quinta-feira, em Coimbra.

Com efeito, o snr. dr. Batista Loureiro é uma figura insinuante, que alia á inteligencia uma bondade sem limites e uma modestia inegualavel.

Agradecemos ao ilustre chefe do partido democratico tão cativante deferencia.

As cartas duma infeliz

MEU CARO LEOPOLDO:

Pela tua carta, hoje recebida pelo correio, vejo que [illegible] coragem de doutrinar no *Dever!*

Afinal fiquei eu só, eu que sou uma infeliz, na tua frase, só porque sou uma crente como tantas crentes que existem á face da terra, e creio que ainda no ceu até as estrelas crêem na vida do além-tumulo e na desventura das sociedades decadentes.

E' a mesma coisa. Eu irei desabafando contigo. Tu, Leopoldo, não pódes estorvar-me de eu escrever. Entretanto sinto imenso o teu silencio, que é bem significativo

Bem sei que te repugnam estas *étapes* da humanidade, demonstrando decadencia, mas tem coragem. Mais me têm a mim preocupado os ataques injustificados á crença do semelhante, as injurias recebidas, e, todavia, não desanimei ainda.

Tu com pouco te enfadas. Ou queres trazer-me surprezas, como é costume, ou aborreces-te por completo a engrenagem social tal qual ela se está manifestando aos sedentos de justiça.

Esta tarde abeirou-se de mim, palida de comoção, uma velhinha de cabelos brancos. Chegou cançada, estenuada do longo caminho percorrido. Nas mãos tremulas trazia um rozario preto e na fronte encarquilhada, indicios de quem muito amou mas de quem muito sofreu.

Vinha vêr o comboio que passa além ao fundo da minha quinta. Nunca tinha visto o resfolegar de uma locomotiva, assim enorme como a que passou ha pouco. Do mar conserva ainda uma vaga reminiscencia, do tempo de rapariga. Foi ao mar a pé, 18 kilómetros e tal descendo montanhas e cêrros alcantilados! Vê tu. E anda bôa. Reza muito. Comunga todos os sabados, de manhansinha cêdo, e fica-se sem almoçar, naqueles dias, até á tarde!

Da vida, sabe só o que é amar com amarguras! Nunca foi mãe. Não se casou, porque ela é das que, como eu, consideram o amôr livre a melhor expansão da nossa alma. Amamos quem nós queremos, sem nos importar a convenção do casamento imposto pelos habitos das sociedades em luta. E o nosso amôr, Leopoldo, é mais firme e mais intenso. E' imutavel. Tu sabes bem que eu amo com loucura, e, todavia, ainda não sofri desgosto algum. A alma da minha alma vê as coisas como eu vejo e sente tudo como eu sinto. Vêmo-nos de tempos a tempos. E chega bem para nos amarmos com entranhado afeto...

Adeus. Tua

IRÉNE.

FESTA DA ARVORE

No pequeno logar do Moinho da Mata, suburbios de Montemór, uma comissão, composta dos snrs. Candido Lopes de Castro, professor da escola movel ali existente ha pouco, Antonio Rodrigues Aveiro e João Silva, proprietarios do mesmo logar, trabalharam com todo o entusiasmo, para ali levarem a efeito a simpatica e comovedora festa da arvore, o que conseguiram com brilhantismo.

Tambem na Ereira, pequeno logar a meio do campo, entre Montemór e Verride, se realisou no passado domingo a mesma festa civica.

Eis, pois, como estas duas modestas aldeias aqui bem proximo de nós, estão dando uma edificante lição de civismo a Montemór, onde, apezar de séde de comarca e cabeça de concelho, não tem sido possivel organisar-se uma comissão que promovesse a mesma festa, para o que jámais dispõe de tantos elementos, tendo sido baldados todos os esforços que a snr.ª D. Etelvina Jorge da Silva, professora oficial, tem empregado nesse sentido.

Até no Moinho da Mata!... Que vergonha, meus senhores, para a vila, que devia ser a primeira a dar o exemplo!

Morão da Encarnação

Fez anos no dia 13 este ilustre inspector da contabilidade da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes e distinto publicista, antigo professor da Academia de Estudos Livres e actual colaborador scientifico do boletim da mesma Academia.

Felicitamos sua ex.ª, fazendo votos porque se repita a data, pedindo-lhe que não se esqueça de abrilhantar as colunas do *Dever* com os seus escritos cheios de interesse e oportunidade.

Pontes sobre o Mondego

O concurso para a arrematação dos encontros e estradas de ligação das pontes sobre o Mondego, em Montemór, efétuado no dia 3 do corrente, conforme aconteceu aos dois primeiros, ficou igualmente deserto de concorrentes. E' que nem ao menos apareceu um para vista.

Nada, snr. dr. João Batista Loureiro; escusado é v. ex.ª, que tem sido realmente duma tenacidade extraordinaria de esforços a este respeito, ralar-se e massar-se mais, porque estamos vendo que, por mais diligencias que empregue, por mais que trabalhe e se esforce, não consegue livrar a desfavorecida vila da má estrela que a tem perseguido em tudo que diga respeito ao seu engrandecimento e prosperidade.

Apre! que é ter macaca de mais, com tresentos milhões de demonios!..

CAMARA MUNICIPAL

Sessão da Comissão Executiva da Camara Municipal de Montemór-o-Velho, de 27 de fevereiro de 1915.

Presentes os ilustres vogaes vereadores da Comissão Executiva: J. Goes, Esteves de Barros, sob a presidencia do vice-presidente Monteiro da Costa, secretariado pelo vereador Tavares Lebre.

Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior.

Tomou conhecimento do seguinte expediente:

Um oficio da Inspéção do Circulo Escolar da Figueira da Foz a participar que o professor Adrião Tubarão Mendes, reclamou na pertença de qualidade de professor de Verride, por a Camara ter nomeado um professor interino para aquela escola. E aquela repartição respondeu que se o professor Tubarão se acha prejudicado recorra para o auditor administrativo, por ela já não ter que intervir.

A Comissão ficou inteirada.

Dito da Junta de Paroquia de Arazêde, assinado pelo cidadão Ferreira Monteiro, que consta não ser o atual presidente, a pedir que o serviço braçal dos Casaes de Arazêde, pertencente á Camara, seja empregado num caminho, que é de grande necessidade, e a pedir um empregado para dirigir os trabalhos.

A Comissão resolveu responder á Junta de Paroquia, dizendo-lhe constar que o sinatario do oficio não é presentemente o seu presidente, e ouvido o mestre d'obras sobre o assunto.

Dito da Comissão Executiva de Cantanhede a pedir que se lhe mande afixar dois editaes, para arrematação dum matadouro novo naquela vila.

Mandado afixar.

Foram presentes diversos requerimentos a pedirem alinhamentos e terrenos para deposito de materiaes, e um de Maria Pereira de Sousa, de Montemór, a pedir que lhe seja vendido o terreno no cemiterio, da sepultura de sua filha Julia.

INFORMAÇÕES

O mestre d'obras apresenta diversas informações sobre alinhamentos, aquisições de terrenos para deposito de materiaes, vedações com valados e ainda de construções e reconstruções, sendo concedidas na forma da lei.

O mestre d'obras tambem informou que era urgente e de muita necessidade, mandar fazer uma caleira de ferro zincado para a escola do sexo feminino desta vila e que pode custar 7$00.

A Comissão, vendo que a obra é indispensavel, mandou que se fizesse.

O mestre d'obras apresentou um orçamento dumas tarimbas a fazer para as cadeias desta comarca e caiações e mais concertos.

A Comissão resolveu que se fizesse as caiações e reparações indispensaveis e que só se faça metade das tarimbas, que mais adeante se fará o resto quando se fizer um orçamento suplementar.

Em seguida foi presente o balancete semanal, acusando um saldo na Caixa Economica, 4:800$00 e 148$47 na Tesouraria Municipal. E como ha-de ser pago aos professores e empregados, resolveu que se levantasse da Caixa Economica 900$00 para essas despezas.

Resolveu tambem que se oficiasse ao snr. Diretor das Obras Publicas a solicitar os reparos da estrada do Amieiro segue á Tocha, no sitio das Biecas.

Em seguida foi encerrada a sessão.

No dia 9 do corrente houve sessão extraordinaria da Camara do Senado, para nomear a professora para as Means do Campo, ficando nomeada a ex.ma D. Gracinda Rodrigues Gouvêa, e tambem foi admoestado o guarda Figo, duma falta cometida, por ter visto um fulano qualquer cortar a madeira de salgueiro, em Vale de Rans, em Pereira, e não ter participado á Comissão Executiva, e esta deliberou submeter á apreciação do Senado, o que este deliberou aconselhar o dito guarda a não continuar. Este caso deu-se por a Junta de Paroquia tambem ter vendido a mesma madeira, sem que ela lhe pertença, sendo resolvido mandar para juizo.

O DESPERTAR

Porque sabemos que Ribas de Souza é uma alma gentil, aliando á inteligencia, amôr ao estudo e perseverança ao trabalho, um coração magnanimo e um caracter integro, que muito honra a academia visiense; porque sabemos bem que o ilustre director do simpatico *Despertar* é um excelente cidadão, não estranhámos, porque não nos surpreenderam as amaveis palavras, as imerecidas referencias que ao *Dever* dirige no ultimo numero do seu quinzenario.

Seja tudo por amôr da grande amizade que nos vincula ao grande academico que sabe sêr ao mesmo tempo um cidadão exemplar e um republicano ás direitas.

O tempo e a agricultura

Que dias de risonhos encantos, estes que ultimamente tem vindo a desentorpecer-nos com os seus quentes beijos de luz dos rispidos frios e inclementes vendavais que atrozmente nos flagelaram durante tres longos mezes de desapiedadas invernias que pareciam não ter fim!

E' a primavera que, cheia de esplendores, já anuncia a sua chegada florida e magestosa, com todo o seu cortejo de esplendentes fulgores, alegrias e de inefaveis delicias que nos extasiam e arroubam a alma em inebriantes sonhos de esperança, amôr e ventura.

Bemvinda sejas, bemdita rainha das estações!

Assim, devido á amenidade dos dias doirados de sol e cheios de animação, os lavradores, exultando de alegria por tal facto, já vão desenvolvendo grande atividade nos trabalhos agricolas, proseguindo no fabrico das sementeiras proprias da quadra do ano que tão atrazadas se achavam pela insistencia das invernias.

Mudou a sua residencia para Albergaria-a-Velha o nosso querido amigo e valioso cooperador, snr. José Bento da Cunha, activo fiscal do governo do Movimento e Trafego.

O nosso amigo passou a dirigir o posto fiscal de Sarnadas, ultimamente ali criado.

PEDIDO DE CASAMENTO

Foi pedida em casamento a snr.ª D. Laura da Graça Ribeiro, de Montemór, gentil filha do snr. dr. Elisio Freire d'Abreu Pessoa, de saudosa memoria, á qual este deixou a terça dos seus bens, pelo snr. Ernesto da Silva Coelho, filho do snr. Joaquim da Silva Coelho, que ha poucos anos veio da Africa, onde, ha custa de um honesto e laborioso trabalho, conseguiu arranjar alguns meios de vida desafogada, estabelecendo-se na Abrunheira com uma loja de comercio.

A nubente tem tido por tutores, desde o falecimento de seu pae, os snrs. dr. José Mendanha Raposo, depois o snr. Joaquim Esteves de Barros, farmaceutico, e agora, depois que este faleceu, tem sido seu irmão, o snr. José Esteves de Barros, honrado negociante na vila de Montemór.

Todos estes homens de bem, teem empregado os seus melhores esforços para dotar a sua tutelada com uma delicada e fina educação.

Doente

Está gravemente doente, no hospital de Belem, o nosso querido amigo e assinante, snr. Francisco Joaquim Joia.

Desejamos-lhe rapidas melhoras.

A Festa da arvore no Moinho da Mata

A festa da arvore que no dia 14 do corrente se realisou no pequeno logar do Moinho da Mata, dêste concelho, correu de maneira a deixar bem impressionados e plenamente satisfeitos todos os que a ela assistiram. Pelo menos, atendendo á grande dificuldade de elementos com que se luta num logarejo tão pequeno e inculto como este, onde só agora o luminoso farol da instrução começa a abrir horisontes de luz nos cerebros obscurecidos pelo analfabetismo—não se podia exigir coisa mais bonita.

Pois, se ela não teve a engrandecê-la a suntuosidade, o luxo e o aparato dos meios mais populosos e movimentados, em compensação desta falta, teve a dar-lhe fulgurante brilho a candida ingenuidade das crianças que nela tomaram parte, cantando e apresentando-se com toda a beleza da sua simplicidade aldeã.

E', porém, de justiça, dizer-se que se os humildes habitantes do Moinho da Mata, tiveram a dita de vêr no seu pequenissimo torrão a festa da arvore levada a cabo com exito tão feliz, devem-o á boa vontade, ao trabalho, e, sobretudo, ao muito amor que tem pela instrução dos seus filhos, o distinto professor que lá teem, o sr. Candido Lopes de Castro, o qual, embora auxiliado pelos srs. Antonio Rodrigues Aveiro e João Silva, foi comtudo na festa, a alma de tudo.

Eram cerca de 15 horas quando chegamos ao casal, para tomarmos notas do que se passasse, conservando o logar ainda a essa hora a sua habitual pacatez, sem nada indicar o bulicio e ruido que dai a algumas horas havia de ir pelas ruas. Chegando porém, momentos depois uma fanfarra de Montemór para abrilhantar a festa, é a sua vinda saudada com alguns foguetes, e é então dai em diante que o casal se enche de vida e animação, não tardando muito tempo que o largo fronteiro á capela da Senhora da Paz e onde tambem se acha estabelecida a escola movel, se visse repleta de forasteiros, vindos das povoações visinhas, com especialidade de Montemór, muitos dos quais não cessavam de elogiar, não só as maneiras atenciosas, como o carinho e a paciencia com que o sr. Lopes de Castro ministra o ensino aos seus alunos, não obstante o seu elevado numero.

Logo que chegaram de Montemór algumas pessoas de representação social e cuja vinda era anciosamente esperada, poz-se o cortejo em marcha. Os alunos da escola formavam um interessante e curioso grupo, superior a 60 crianças, empunhando todas elas bandeiras nacionais e entoando revesadamente a *Portugueza* e a *Maria da Fonte*. Os vivas á instrução, á Patria, á Republica, ao povo de Montemór e Moinho da Mata, eram constantes durante o percurso, todos correspondidos com delirante entusiasmo, emquanto no ar estralejavam muitos foguetes. A junta de paroquia era representada pelo seu presidente, o nosso amigo sr. Bernardo Gonçalves Ferreira, e o sr. Antonio da Mota de Matos, vogal. Estes eram ainda acompanhados pelos srs. reitor Santos Pimenta e regedor João de Jesus Simões e Abel Maria de Melo Brandão, presidente da *Troupe Dramatica Ester de Carvalho*.

O cortejo seguiu rua acima até ao fim do casal e no regresso, ao chegar ao largo da capela, foi ai que o sr. Lopes de Castro, fazendo uso da palavra, nos deleitou com um dos belos e eloquentes discursos que ha muito não temos ouvido, comovendo e entusiasmando os forasteiros que lhe estiveram suspensos dos labios por mais dum quarto de hora e que de momento a momento, não podendo resistir a tão suaves impressões, o interrompiam com entusiasticos vivas e palmas.

Que mimosas flores ele por cima de nós esfolhou; que formosura de frase, que riqueza de eloquencia, que lindas coisas, emfim, ele disse sobre a instrução, a festa da arvore e sobre o proletariado em geral!

Foi a chave de ouro com que a festa se encerrou.

Em seguida procedeu-se á ceremonia da plantação da arvore, que foi plantada ao lado da capela, num pequeno recinto junto á fonte, discursando ali o sr. reitor Santos Pimenta, que falou tambem muito bem, repetindo os mesmos vivas, e com isto terminou a festa da arvore no Moinho da Mata, pelo feliz exito da qual afectuosamente abraçamos o sr. Candido Lopes de Castro, e bem assim os srs. Antonio Aveiro e João Silva que ao lado do primeiro tambem prestaram um bom concurso de serviços.

Foi promovido a chefe de 3.ª classe, por merito, o nosso presado amigo snr. Manuel d'Oliveira, digno sub-chefe da estação velha de Coimbra.

Foi assim feita inteira justiça a tão zeloso funcionario, que ha mais de 6 anos vem lutando com denodo para manter o seu logar com honra e isenção profissional.

Cumprimentamos o nosso amigo.

A CAMINHO D'AFRICA

(Impressões)

POR SOBRE AS AGUAS

III

Longe, que vejo? Agua e céo.

Que sinto?! O cerebro lutar com mil e mil pensamentos, e o coração dilatar-se por mil e mil saudades!

Dentro de meu peito arde brandamente a flama de uma saudade eterna!

Evoco uma recordação gentil, graciosa, mas a minha alma doe-se, temendo que outra dela se esqueça!

São louros de infortunio e amargas decéções do dever. Nem um unico momento de repouso!

A muito custo me arrasto para junto de um grupo, onde um companheiro, repassado de sentimento de saudade tambem, dedilha mansamente as cordas de uma guitarra, para vêr se assim me é possivel acalmar ou adormecer os meus sentidos, escutando os seus acordes!

Não; não me é possivel socegar e antes desperto ao escutar a voz da harmonia.

Comigo despertam tambem os magicos sonhos de ventura que sentia desvanecerem-se, e então, como que querendo fazer chegar aos ouvidos de minha doce amada os rumores da minha debil voz, canto:

O' lua, suspende os ais,
Reveste risos de amôr,
Que eu ainda hei-de voltar
A'queles campos em flôr.

Campos de unção e de paz,
De verdura sem egual;
Campos como o sabem ser
Os campos de Portugal!

Se os teus vibrantes trinados
São venturas, não deplores;
Lira, suspende os teus ais,
Não chores, lira, não chores.

Nos teus suspiros sentidos
Fazes recordar com pena
Os longos cabelos déla,
Cabelos de Madalena.

E hoje, longe do mundo,
Só fitando céo e mar,
Eu só sinto os teus queixumes
Com saudade a suspirar.

Voltarei? Quem sabe lá?
Terei prantos? Terei flores?
Ainda assim tenho esp'rança,
Não chores, lira, não chores!

.....

Alto-Mar (Serra da Leôa), 16 | 12 | 914.

Ricardo Fernandes Sardinha.

(*Continúa*).

Semana santa

Já começaram ha dias, na capela do ante-côro da egreja dos Anjos, em Montemór-o-Velho, os ensaios da orquestra para os actos religiosos da semana santa, e os quais teem corrido admiravelmente. Parece que as novas musicas dos responsorios de Quinta-feira de Endoenças são mimosissimas.

CARTA DE LISBOA

12—3—915.

Carestia da vida

Procedente da Argentina, chegou no dia 8 o vapor *Nominoe*, com um carregamento de 4.380:000 quilogramas de trigo exotico. Esse trigo será distribuido pelas fabricas de moagens e pela manutenção militar.

Espera-se em breve um outro vapor com cêrca de 5.000:000 de quilogramas, esperando se que até ao fim do mez cheguem mais 50.000:000 de quilogramas da Argentina e Estados-Unidos.

Ainda bem que se adotam providencias, e é de esperar que o nosso governo resolva este problema, de evitar o aumento do preço dos generos, o mais breve possivel, para evitar a exaltação do povo e normalizar a situação.

Ainda bem

Em sessão plenaria realisada no passado dia 8 na camara municipal, ficou definitivamente resolvido o problema da construção de casas economicas.

Numa das primeiras sessões assentara-se em que a camara construisse casas economicas para as classes menos abastadas, e nas seguintes tratou-se da fórma de levar á pratica aquela resolução.

Folgamos.

A festa da Arvore

Decorreu com brilhantismo a festa nacional da Arvore, realisada no passado dia 7. O tempo estava limpido e sereno, ouvindo-se milhares de crianças entoando hinos armoniosos, sendo extraordinaria a concorrencia de seres infantis que afluiram ao Jardim Zoologico, onde se realisou, pelas 16 horas e meia, a ceremonia da plantação da arvore, abrilhantando este acto verdadeiramente encantador, as bandas de infanteria 2 e 5 que, durante a plantação, entoaram o *Hino Nacional*, a *Sementeira* e o *Hino da Arvore*, fazendo-se ouvir tambem a banda *Cinco de Outubro*.

Egualmente houve festa em varias escolas centrais, onde os professores pronunciaram brilhantes discursos demonstrativos da utilidade da arvore, etc.

Tambem nos diversos jardins da Casa Pia, os rapazes fizeram a sua simpatica festa, plantando diversas arvores.

Enfim, foi um dia cheio de alegria e de prazer.

Noroé.

D. Ana de Jesus Colaço

Está para muito breve o enlace matrimonial desta ilustre professora da escola da Sé Nova, de Coimbra.

Senhora de raras virtudes e dotada de uma fina educação, que muito honra a nobre classe a que pertence, a snr.ª D. Ana Colaço, é de uma bondade sem limites e de uma honestidade de caracter pouco vulgar.

Cumprimentamo-la.

Aniversario

No proximo dia 25 completa 18 sorridentes primaveras, a gentil mademoisele Aurora Pinto de Figueiredo, nossa estimada assinante da capital.

Felicitamo-la ardentemente.

AOS AGRICULTORES

Estamos entrados na epoca da sementeira da batata, e é de toda a conveniencia que os senhores se não esqueçam dos adubos quimicos e organicos, da acreditada casa *Varela, Leal & C.ª, das Varzeas*, e que se encontram **á venda em casa de Manuel Monteiro Godinho**, com deposito no **Casal do Gaio, Arazêde.**

Poetas e Prosadôres

A' PRIMAVERA

Das estações princeza, a gentil Primavera
côrte luzida tem:—Beleza, Amôr, Poesia...
A Natureza, ao vê-la, entôa a sinfonia...
que une ao gorgeio da ave o rugido da féra!

Assim—todos vigor como os braços da hera
muro em ruinas sustém, ela pois da invernia
os estragos suspende, espalhando a alegria
na terra, céus e mar... onde domina, impera!

A Terra, agradecida, a seus pés, na passagem,
um tapete em matiz desdobra de verdura,
formando-lhe o arvoredo um docel de folhagem...

E as florinhas então, quando radiosa passa,
a saúdam, abrindo os labios—rosa pura—
em sorrisos d'amôr, cheios d'arôma e graça!...

Montemór-o-Velho, março de 1915.

J. Neves.

CARTA DE MONTEMOR

Montemór-o-Velho, 11.

E' deveras lamentavel o pouco cuidado e nenhuma atenção que a alguns chefes de familia desta vila está merecendo a educação dos filhos, ignorando ou parecendo ignorar as graves responsabilidades moraes que lhes pezam a esse respeito, por quanto estão assim contribuindo, com a sua indiferença e condenavel desleixo, para a ruina e perdição dos filhos, cuja educação e ensino lhe deviam merecer os mais extremos cuidados e disvelada solicitude.

No nosso tempo de rapazes, desde que a noite envolvia a terra no seu manto de sombras e no céo começavam a bruxulear as primeiras estrelas, já nenhum menor se via pelas ruas, porque os pais os obrigavam a estar em casa a essa hora, e, quando algum mais revesso transgredia essa ordem paternal e recolhia mais tarde, via logo o santo em cima da arca grande, e de tão severo aspecto, que o deixava sem vontade de tornar a reincidir.

Além disso se, durante o dia, na rua jogavam a *bilharda*, garotavam, ou se divertiam com os jogos e outras distrações proprias da sua idade infantil, faziam-no com inocencia, sem desrespeitar ou maguar ninguem que passasse, de maior idade que eles.

Mas isto por quê? Porque os pais não só sabiam, *a tempo*, fazer-se obedecer e respeitar por eles, mas ainda os ensinavam a ser respeitadores e comedidos com os estranhos.

Venham hoje para cá vêr isso. Hoje vêem-se por aí menores de oito a dez anos, com toda a liberdade, pelas ruas, até á hora da noite que lhes apatece, a exercitarem-se na vadiagem, fumando o seu *bregeiro*, associando nas tabernas a beber o seu copo do *roxo* e dirigindo chufas e apupos a pessoas que pela sua idade, posição, ou infelicidades, deviam ser respeitadas.

E se alguem se queixa aos pais, estes, pretendendo desculpa-los, alegam que são *coisas de rapazes*, de que se não póde fazer caso, se outros ainda não teem a franqueza de maguadamente declarar que os filhos se acham de tal maneira insubordinados, que já se não atrevem a fazer nada bom deles, por mais que os repreendam ou castiguem!

Pois está claro que não tratando de os reprimir e educar do principio, concedendo-lhe todas as liberdades, fazendo-lhe todas as vontades, mais tarde, depois que eles já se acham educados na escola do vicio e amadurecidos na pratica do mal, os pais já não teem autoridade nem força moral para os meter no bom caminho, tornando-se, portanto, não só as primeiras vitimas da desobediencia e desrespeito dos filhos, mas ainda mais, os principais responsaveis perante a sociedade, pela educação desregrada que lhes deram.

E' decerto bastante doloroso para nós termos de verberar tais factos no *Dever*, mas os actos desses filhos insubordinados tornam-se por tal fórma deprimentes para o bom nome desta terra, que não podemos resistir ao impulso de chamarmos aqui a atenção dos pais, afim de que eles, entrando no cumprimento dos seus deveres e das pezadas responsabilidades que lhes impendem a tal respeito, reprimam e eduquem seus filhos, de fórma a torna-los bons, comedidos e respeitadores, e, emfim, cidadãos que no futuro honrem a terra e sejam prestantes á suas familias e á sociedade.

São estes os nossos maiores desejos.

B.

Cartas Politicas

E' o titulo duma publicação semanal editada pelo snr. Manuel de Melo, e de que é depositaria a acreditada livraria F. França Amado, de Coimbra. O seu autor é um anonimo, João Ninguem. As *Cartas Politicas* saem todos os sabados e o seu preço é apenas de 5 centavos. A' maneira de João Chagas, João Ninguem, que escolheu para a sua obra o mesmo titulo que aquele grande jornalista usou nas suas, em tempos de propaganda saudavel e republicanismo profundo, analisará semanalmente os acontecimentos politicos que se fôrem desenrolando. Terá muito que analisar, não haja duvida.

A destruição dos ninhos é uma obra condenavel

Com todo o seu cortejo de esplendorosas galas, avisinha-se de nós a Primavéra. E' esta a mais primorosa estação que os vaticinios da sciencia ditaram sôb a trajetoria dos Tempos. Perpassa como uma época ridente em todo o seu contraste de pura e notavel poesia. Vestindo a Terra de orgulhosas pompas, e, vivificando a radiação sólar de molde a tornar mais agradavel o clima, vem trazer a alegria ao lar domestico e a saude ao desiludido que os frios rigorosos prostraram num leito de dôr.

Nesta quadra de rejuvenescimento tudo adquire fôrças e propaga a sua vitalisação. Os prados toucam-se de luxuriante vegetação e convidam o passeante a admirar o conjunto matisado de mil florinhas cujas pétalas frêscas inebriam de perfumes o ambiente. Embevecidos neste soberbo painel que a Natureza retrata e predispõe aos nossos olhos, não é raro que a nossa atenção se mude e concentre em bandos de crianças que, tagarelando os prodigios da infancia, procuram na folhagem do arvoredo alguma coisa que lhes denota grande prazer. Andam na faina dos ninhos! Não ha na sua mente a veneração pelas avesinhas, porque, não estando ainda as suas consciencias purificadas com conhecimentos humanitarios, pregnosticam a acção destrutiva a um sêr que é para nós inofensivo e encantador. Mordidos pela intenção voraz de apanharem os ninhos, essas crianças, passam horas seguidas embrenhadas pelas florestas, saltando valados, transpondo sébes e galgando até ao cume alterôso das arvores gigantes. E' uma romaria de depressão e baixêsas esse costume antiquissimo em que tenros corações que a sinceridade devia polvilhar de abnegação e altruismo, desempenham (movidos pela sânha petulante de praticar o mal) o detestavel papel de algozes. O que quer dizer que se destrua uma obra que encerra em seu valor a estrutúra de mil maravilhas e as emoções ternas de dois corações unidos pelas cadeias do Destino? Para que se ha-de repudiar dum idilio santo e amoravel uma pról caraterística que, anichada a um cantinho duma arvore tem por tecto o sol das alturas e por conforto a anunciação das alvoradas e os vapores cálidos das noites luarentas? E' um crime tudo isto, mas quem o comête não tem o alcance para meditar na nefasta acção que pratica. Torna-se portanto energica uma intensa propaganda a favor dos infelizes habitantes do ar. A nosso vêr esse brado de civismo e abnegação devia partir da Escola Primaria. O nosso professor, pronto para todas as lides da instrução, tendo por base integral a formação de caratéres bem intencionados e metodicamente moralistas, devia encetar em preleções instrutivas aos alunos o valor dos ninhos e das aves, quaes os beneficios que nos prestam, quer como benfazejas amigas da agricultura, quer como sêres encantadores.

Incutindo assim no espirito dos alunos estas obras de extraordinario alcance em pról das avesinhas, chegariamos a tempo de viver com os passarinhos numa intimidade familiar.

E' preciso lançar o nosso olhar para as nações mais adeantadas que estão hoje promulgando leis no sentido de permitir ás aves um viver desafogado.

Os nossos professores — repetimos — iniciando essa obra de regeneração, dignificariam a sua consciencia com mais um acto altruista que a Civilisação esculpiria em data imorredoira nas paginas da sua obra colossal!...

Bom Sucesso (Quiaios).

Francisco F. de Carvalho.

Secção de Variedades

Um sapateiro de Quimper, nas suas horas vagas, desempenha outros oficios, entre eles, o de velar os mortos.

Gabava-se de que nunca morto algum lhe causara mêdo, o que levou um visinho a pregar-lhe um susto.

Um dia meteu-se na cama, fingiu-se doente, e tomou algumas drogas inofensivas. Poucos dias depois fez-se morto, confiando a familia ao sapateiro a tarefa de o velar.

O bom sapateiro, para não perder tempo, levou consigo o trabalho, e assentando-se junto do leito mortuario, principiou a cozer umas botas, e para se distrair, poz-se a cantar.

De repente, sentiu-se aturdido por uma valente bofetada, e ouviu as seguintes palavras:

— Quando se vela um morto, não se canta!

O sapateiro, surpreendido, deu um passo atraz e esteve para fugir; mas recuperando o sangue frio, exclamou:

— Quem está morto não se mexe.

E impunhando o tirapé, vibrou-o de tal modo no corpo do suposto morto, que ele teve de estar alguns dias de cama, e desta vez, em risco de vida.

Uma anedóta

Conta-se que Bocage foi um dia informado de que uma creatura sem cotação moral e intelectual no mercado, o agredia em conversas e até em cartas abertas que fazia publicar em determinado pasquim, e que seria bom Bocage responder ás destemperadas e desconexas cutiladas da tal creatura sem cotação. Bocage, que havia protestado não responder, lançou, contrariado, a publico, num tom de desprezo, a quadra seguinte:

Dizem que certo rafeiro
Em Bocage ferra o dente;
Olha a forte admiração,
Vêr um cão morder na gente.

Para tirar nodoas de gordura

Raspe-se sabão e peneirem-se finamente cinzas de videira. Tomem-se partes iguais de cada coisa, e adicionem-se-lhes pós de alumen, de sóda, e tartaro pulverisado; formem-se umas bolinhas, as quais servirão perfeitamente para tirar as nodoas de azeite e gordura.

O POVO

Reapareceu efétivamente este nosso brilhante colega da capital, de Ricardo Covões. Publica-se á tarde e vem sensivelmente melhorado, tanto na parte material como na redatorial.

Que os seus desejos sejam cumpridos e o seu patriotismo bem apreciado, são os votos ardentes de quem em Ricardo Covões conta uma amisade sincera.

CARTA DE COIMBRA

19—3—915

Pelo liceu.— Com boa intuição ficou sanado o conflito entre dirigidos e dirigentes na questão respeitante ao pagamento de propinas, com subordinação tacita dos primeiros, embora com um pouco de desdoiro perante os aliciados, para o que contribuiram alguns alunos dêste liceu, que aliciaram, seduziram, provocaram greves e...sairam das comissões depois dos colegas encravados. Mocidade dos 15 anos!

Nos anos anteriores os alunos internos tinham a faculdade de pagar as suas propinas em Outubro e Junho. Moderadas eram: 8:330 reis. O ultimo orçamento exigiu 15:000 reis, com o pagamento em Outubro e Março. Ninguem protestou. Costumes portugueses. Lembraram-se agora de protéstos, quando o caso não tinha remedio por ser *orçamental*. Um motivo havia justo: era o isentar da 2.ª propina — o rehaver a sua importancia — o aluno que não tivesse média para ir a exame, como a não pagava anteriormente.

Mas quem sabe se o governo acha de boa justiça que incida sobre os cábulas uma boa contribuição?

Um meio de conseguir um caustico para os academicos, e um alivio para os paes... A' antiga portuguesa. Mas se isso é retrógrado! Fruta dos tempos.

Universidade.—Costumavam chegar mais tarde os disturbios:— eram os actos em Julho. Natural era que pela Nova Reforma, sendo os exames de Estado em Março, rebentasse ha dias uma bomba numa das salas de reunião dos lentes, o que fôra precedido do roubo de todos os exercícios, prova do aproveitamento dos alunos.

Reuniram logo os interessados da Faculdade de Direito a fim de organisarem uma comissão, que ficou constituida por 3 membros e 3 agregados, a que pertencem Rui Cunha e Costa, Teofilo Carneiro e P.e Elias, director do Orfeon, a fim de continuarem a tratar da defeza da sua *causa*, inutilisando a obra da reforma universitaria a que deram o seu concurso e apoio, pedindo o desdobramento dos exames de Estado em grupos de cadeiras, quando não possam ser singulares, e agradecerem aos srs. Governador Civil e Vice-Reitor da Universidade o apoio e correcção do seu procedimento perante os protestos de quem *protestou* contra o passado, e de quem *protesta* que o passado é bom. Estes não são dos 15; estes são dos de 25 anos! Bons ideaes que não atingem sequer o começo da Primavera!

— Tomam posse ámanhã das novas cadeiras os srs. drs. Fezas Vital e Magalhães Colaço: o primeiro sobre Constitucional comparado; o segundo sobre Confissões religiosas.

Escola Nacional de Agricultura.— Sôbre assuntos que se relacionam com a nomeação do novo director dêste importante estabelecimento de ensino, tem estado nesta cidade o sr. Lima Bastos, chefe da repartição do Ensino Agricola, constando nos que pediu a sua exoneração o sr. Cardoso de Menezes, que desempenhou com uma competencia e cordura inegualáveis o espinhoso e responsabilissimo cargo de que se achava investido, ficando, todavia, a reger as suas cadeiras por que tem um verdadeiro culto e em que é um verdadeiro sábio.

Curso de pratica forense.—No Colegio Mondego vai iniciar-se um curso de prática forense, para candidatos aos logares de escrivães de direito e contadores, de fórma a habilitarem-se a requerer o respétivo concurso. E' professor deste curso um funcionario judicial dos mais competentes, que oferece todas as garantias de aproveitamento, estando já aberta a matricula.

Escola Brotero.—Abriu ha dias a aula de inglês, regida gratuitamente pelo professor interino do liceu, snr. Barjona de Freitas.

Crêmos que é sol de pouca dura, pela *generosidade* que estes oferecimentos teem...

Com uma aula começou a caida das penas. E ha por ai tantas associações onde se póde mostrar o desinteresse...

Pela Policia.—Na Marmeleira do Botão o roubo dum chaile. Uma testemunha de acusação e meia duzia de defeza. A' arguida, Maria da Luz, mulher de Francisco Julio, parecia ter saldas as contas com a esquadra. Chegada á terra natal, lembrou-se de animar a arte pirotécnica, esgotando quantos foguetes havia nos estabelecimentos. O comissario de policia, não gostando do entusiasmo da inocente, chamou-a novamente a contas. Ninguem póde manifestar a sua alegria por um acto que lhe sôa bem. Até a ditadura do sentir!

Dr. Gaspar de Matos.—Devido ao coice dum cavalo, recebeu tratamento no posto Rosete e Armando Gonçalves, aquele ilustre advogado, que se encontra bastante molestado. Os nossos votos pelas suas melhoras.

Restabelecimento.—Poude já saír de casa um estremecido filhinho do nosso muito dedicado amigo, João Arrobas, diretor da *Gazeta de Coimbra*, que ha cêrca dum mês fraturara uma perna.

Carestia da vida.—Na União Geral dos Trabalhadores reune no domingo a classe operaria para tomar medidas que obstem ás dificuldades que a assoberbam.

Castilho.

Alice Oliveira,
aluna externa do 5.º ano de piano do Conservatorio e com o curso de musica: léciona, em sua casa ou dos alunos, como se convencionar.
RUA DO SUB RIPAS, 10
COIMBRA

O DESPOTISMO

E' o titulo de um explendido artigo que o *Dever* publicará em fundo, no proximo numero, e de que é autor o nosso querido colega do *Despertar*, de Vizeu, snr. Ribas de Souza, que é ao mesmo tempo um inteligente membro da academia daquela cidade beirã.

Chegou-nos tarde ás mãos, sentindo não o publicar já.

Por falta de espaço retirámos, á ultima hora, noticias e colaboração importante.

Gêsso e adubos compostos
Para todas as culturas
DE
J. CORTEZAO
Fabrica — Sá (Anadia)
Escritorio — Figueira da Foz.

AGUA DE LUSO -- Cura pela Diurése

(ESTABELECIMENTO TERMAL E HOTEIS ABÉRTOS TODO O ANO)

A mais diurética e mais digestiva. Aumenta a diurése, regularisa as funções digestivas e ativa os fenómenos nutritivo

Muito radioativa—4,49 miligramas--minutos
Muito ionisada, resistividade a 18° 18300 ohms
Muito rica em gazes raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotonica, ponto criospico 0°,04

} Conclusões da analise feita pelos distintos professores Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitissimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tifico

USO EXTERNO—Molestias de pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc,), reumatismo e gôta.
USO INTERNO—Artritismo, impaludismo, neurastenia—Albuminuria, diabetes—Intestinos, estomago—Rins—Bexiga.

Depositos -- LISBOA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros. 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 428. FUNCHAL, José Quirino de Castro, rua dos Murças. AFRICA ORIENTAL: Oswald Offmann. BEIRA: F. L. Simões & C.ª. LOANDA: Beltrão, Pena & C.ª, e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositarios nas terras onde ainda os não haja.

Seguros contra incendio — incluindo riscos de explosão de gaz e raio.

Seguros contra incendio — cobrindo tambem os riscos de *Greves* ou *Tumultos* (portaria de 14 de Março de 1914).

Seguros contra incendio — cobrindo ainda os riscos de *Guerra* (portaria, 30—XI—1914).

Unica companhia autorisada a segurar os riscos de Guerra nas apolices Incendio

As apolices d'A MUNDIAL são portanto as que mais conveem aos interesses dos proprietarios, locatarios, industriais, comerciantes, etc.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS
Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital Esc. 500.000$

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telephone n.º 4084
Delegação do PORTO — Praça Almeida Garrett 22|24 — Telephone n.º 1459

ENDEREÇO TELEGRAPHICO—**MUNDIAL**

Agentes em todas as localidades do paiz ilhas e colonias

Livraria e Tabacaria Cunha

Livraria Moderna e Tabacaria Augusto Henriques (reunidas)

Alberto Gonçalves Cunha

150, Rua Ferreira Borges—COIMBRA

TELEFONE N.º 293

LOTARIAS—Bilhetes, suas fracções e cautelas. Variada série de numeros certos.—Premios frequentes.
TABACOS—Nacionais e estrangeiros. As melhores marcas de cigarros e charutos.—Todos os artigos para fumadores.
POSTAIS ILUSTRADOS—Sempre as ultimas novidades em todos os generos.—Bilhetes de visita, impressão rapida.
PAPELARIA—Finissimos papeis de carta em caixas aos cadernos.—Objectos para escritorio e desenho.
LIVRARIA—Nacional e estrangeira, Revistas, Pu licações.—Figurinos.—Musicas.

Livros usados, antigos ou modernos, em qualquer estado, em grandes ou pequenas quantidades, compra em qualquer parte.

Passagens para o Brazil e Africa

José de Almeida

Negociante nas Pontes de Cadima, concelho de Cantanhede, e correspondente de todas as Companhias de navegação

Faz constar que vende passagens para todos os portos do BRAZIL, AFRICA, etc., a preços reduzidos, para o que está legalmente habilitado.

A sua vida de seriedade e honestidade são garantia segura para que os que desejam comprar passagens o procurem de preferencia a qualquer outro.

Guilherme dos Santos Pinto & Irmão

COM

OFICINA DE CANTEIRO

Encarregam-se de jazigos de toda a especie e todo o serviço concernente á sua arte.

Tambem executam todos os trabalhos que digam respeito a *Plantas, Alçados, Copias, Projectos e orçamentos de edificios, edificações, etc.*

Montemór-o-Velho=Verride

Restaurante Ferro-viario

ALFARELOS

ESTE bufete, um dos melhor servem o publico que transita nos comboios, acha-se situado na estação do caminho de ferro de Alfarelos. Fornece almoços, jantares e *lunchs* e toda a qualidade de refeições, por preços comodos. Tem pessoal habilitado, tanto em cosinha como em sala de mesa. Tudo se encontra com esmero e perfeição.
Fornece comida para fóra, e presta se a servir em casamentos, batisados, etc., desde que seja prevenido com antecipação.
O proprietario, **Artur de Oliveira Coelho.**

Companhia de Seguros

A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz
Antonio d'Oliveira Guerra
RUA DA REPUBLICA, 84

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL
Correio de Cadima—Vila Nova d'Outil

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legitimos acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de fórma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamavel, isca em cordão vendida fraudulentamente a titulo de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva acção civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa ao Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando-se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalisação para procederem ás necessarias diligencias. Dirigir-se pessoalmente ou por carta á Companhia Portuguêsa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS

MELO & MARTINS

PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada

PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiencia dos nossos adubos, devido ao seu magnifico resultado os adoptarão de preferencia a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro
PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex.mos passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.
Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA

Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.
PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações
Deposito das afamadas aguas de Luso.

Hotel de la Paix

JEAN OZUN

Situado num dos pontos mais centrais da capital, belas vistas sobre o Rocio, é um dos modernos hoteis que mais comodidades oferece.

Bom serviço de cosinha á franceza

Almoços, 60 centavos. — Jantares, 80 centavos. — Serviço á lista.

3 Calçada do Duque, 3 — **Lisboa**

Fabrica de Lanificios

=DE=

MANOEL JERONIMO DE MATOS

COVILHÃ

Fornecedor da caixa de socorros dos empregados da Companhia Portuguesa

Esta fabrica, uma das mais acreditadas da Provincia da Beira Baixa, fornece, por preços convidativos, especialmente a particulares do continente e ilhas, os melhores produtos da sua fabricação, tais como casimiras, cheviotes e estambres, empregando materia prima de primeira qualidade, esmerando-se quanto possivel na sua execução e adotando os melhores padrões e côres que a moda impõe nos centros elegantes estrangeiros.

Envia amostras para todos os pontos, para o que bastará o pedido feito num simples postal.

Pedidos a

Manoel Jeronimo de Matos--Covilhã

Biblioteca da Universidade

Coimbra

Ano 4.° Arazêde, 28 de Março de 1915 N.° 162

Director, administrador e editor
J. d'Almeida Junior

Representantes em muitas terras do país, Africa e Brazil

PROPRIEDADE DA DIRECÇÃO

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguêsa

Pátria e Humanidade

Redação e Administração
ARAZEDE

Toda a correspondencia relativa a este jornal, deve ser dirigida ao Director, para Coimbra

Composição e Impressão
Tip. Silva (a vapor)—AVEIRO

DESPOTISMO

Os muitos afazeres têm-me impedido de escrever com pontualidade para *O Dever*, forçando-me, assim, a não satisfazer ao convite assaz honroso que o seu preclarissimo director, snr. Almeida Junior, galhardamente me dirigiu, e a dar uma prova demonstravel duma grande indolencia ou talvez duma grosseria desmedida?

Não; a indolencia não costuma visitar-me pela razão simples de andar em continua e franca convivencia com os opulentos é uma grosseria, só irrefletidamente seria capaz de praticar; pois, apesar do *assucar* escassear e ter subido de preço, eu ainda continúo a tomar uma chavena de chá, (mas de chá preto, por recomendação do abalisado farmaceutico de Arazêde, snr. Alfredo Ferrão), todas as tardes, ali no café do Santa Rita.

Não obstante, o leitor que um dia suportou a minha rude prosa, é provavel que já tivesse notado a minha falta, e arriscar-se-ia a imaginar que o autor do artigo *A's armas, portuguêses!*, teria tambem feito entrega do seu lapis, para se solidariesar com aqueles oficiais do nosso exercito que, numa manhã enevoada e chuvosa de fevereiro, fôram depôr as suas espadas nas mãos do snr. presidente da Republica.

Pura ilusão.

O lapis continúa em meu poder, talvez mais aguçado ainda, disposto sempre a aturar as minhas humildes fantasias e a ajudar-me a rabiscar artigos que o leitôr benevolente certamente perdoa, mas que a arte, essa dama tão criteriosa e nada condescendente, não suporta, apontando-os eternamente á irrisão dos criticos.

Hoje mais uma vez suponho não escutar a sua justa recriminação, aventurando-me a subir ao tablado da imprensa.

* * *

Escrevo para *O Dever* num momento angustiosissimo para a nossa querida Patria.

Sinto uma magua profunda a aguilhoar-me o espirito quando evoco a politica de perseguições do atual governo. Pergunto á minha consciencia se o ser-se genuino republicano é afrontar as leis do país, e se a jornada heroica de 5 de Outubro, serviu apenas para substituir a corôa monarquica pelo capacete frigio, que uma ditadura nefasta pretende encarcerar ignominiosamente no scétro imperial.

Não, de modo algum.

Não foi para isto que o povo de Lisboa levantou o seu protesto altivo contra a ditadura de Franco, e com sangue e heroismo, fez baquear uma monarquia que nos desprestigiava aos olhos do estrangeiro.

Não foi para o snr. Pimenta de Castro assumir o mando supremo da nação, esfrangalhar as leis da Republica, mandar cercar o parlamento para que os deputados do povo não erguessem o seu brado de revolta contra a terrivel ditadura, nem para que se consentisse que fosse covardemente assassinado o grande apostolo da democracia, snr. Henrique Cardoso.

Não foi para que um pezo tremendo de opressão e desordem continuasse a esmagar o povo português, nem para que os adeptos dedicados da Liberdade fossem espadeirados como o eram outr'ora nos reinados de Carlos I e Manuel II.

Não, não foi para isto.

Se o snr. presidente do ministerio está disposto a embrenhar-se numa politica de viela, todos os bons patriotas saberão então fazer frutificar o sangue dos martires que em lutas pela Liberdade, caíram varados pelas balas da Tirania.

* * *

Ha tempos um ilustre professor do Liceu Passos Manuel, o snr. dr. Lopes de Oliveira, em frases quentes de patriotismo, falava com o entusiasmo dum revoltado á alma sempre generosa de todos os portuguêses.

Hoje sinto as palavras de sua excelencia.

Vou cimenta-las em meu peito plebeo, com aquele amôr que dedico á Republica.

Tenho fé no futuro.

Ha-de raiar uma aurora de Liberdade.

O sangue de Bombarda foi o pronuncio do nosso emancipamento e o de Henrique Cardoso ha-de ser, incontestavelmente, o primeiro sintoma para um alvorecer de Liberdade, de Trabalho e Amôr.

Tornêmos aos tempos da oposição.

Não importa o rotulo de republicanos, é imprescindivel que os actos sejam a afirmação de palavras.

A Constituição foi esfrangalhada e o snr. presidente do ministerio, proibiu o funcionamento do Parlamento.

Unam-se todos os portuguêses e pense-se em salvar a Patria.

Não ouçamos os falsos republicanos, ou os poltrões sem honra, que ousem falar numa restauração monarquica.

Trabalhemos pela Republica, pois vamos trabalhar por Portugal.

E eu, sentindo o ardôr das minhas 20 primaveras e a minha fé ardente de republicano a agitarem-me o peito, levanto nestas modestas palavras um protesto bem veemente contra a ditadura do snr. Castro. De nada vale. Mas ámanhã, quando a Historia fizer uma apreciação inflexivel e estigmatisar o atual ditador, ha-de ser com orgulho que apontarei aos vindouros, que tambem altiei um brado contra a opressão, colocando-me ao lado do povo, desse povo que agora geme sob o pezo dum governo que inconstitucionalmente dirige os destinos da nação.

Sinto-me mais aliviado.

Estou conscio dum dever cumprido.

O despotismo sufocanos e eu sou um português... Amo a Liberdade.

Ribas de Souza.

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autôres.

Para a frente...

Não ha que fugir do nosso caminho. Podem, á vontade, procurar todos os meios para nos desnortear, que o não conseguirão nunca. Queremos morrer no nosso posto. Vencidos? Muito embora. Mas nunca convencidos. Entretanto, um dia, quando o tempo nos sobejar, ainda havemos de fazer vêr que dispômos de belos elementos e que nos sentimos acompanhados de belos caracteres.

Por agora, como testemunho irrespondivel a quem procura todos os pretextos para macular a nossa conduta, só publicaremos o postal que segue:

Cidadão redactor do jornal *O Dever*:

Vencido e desiludido com a orientação politica atual, entendi por bem não lêr jornais e, portanto, acho asneira paga-los. Por isso peço ao meu amigo a fineza de me eliminar do numero dos seus assinantes.

Esta resolução não obedece a qualquer má impressão para com o seu jornal, porque ele é ainda aquele que na provincia rabisca alguma cousa aproveitavel e de bom-senso. Mas são tão poucos!...

Sete Rios, 18 | 3 | 915.

Venancio da Silva.

E' nosso o italico.

Venancio da Silva é uma figura proeminente na politica portuguêsa, especialmente no meio associativo, que agitou com *moderação* e criterio, nos aureos tempos da propaganda.

Orador distinto, é hoje um dos ilustres e sabios inspectores da Divisão de Tracção, da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguêses.

Nosso assinante desde o primeiro numero do *Dever*, tem-nos honrado sempre com a sua amizade sincera.

Desiludido com a actual situação politica, deixou de lêr jornais! Como ele ha muitos. O que importa, porém, é pôr em evidencia o seu conceito amigo. Para ele, que vê e que sente as coisas com briosa imparcialidade, o *Dever* é um dos jornais da provincia aproveitavel. Para outros — triste contraste — o *Dever* fez se nem sabemos o quê. Que pena, que saudades que nos inspira o passado glorioso de algumas almas pequeninas, que não sabem o que é uma transigencia que dignifica nem um gesto que aureola e leva ensinamentos preciosos.

Deixa-los fala-los.

Para a frente, será sempre o nosso lêma.

Horas d'insónia

A policia e as toleradas

Esta tomando fóros de uma verdadeira perseguição a fórma como a policia procede com as mulheres de vida facil, remetendo diariamente para a Boa Hora grande numero dessas desgraçadas, na maior parte dos casos sem causa que justifique esse procedimento. Se ha algumas que praticam abusos castiguem se com rigor; mas perseguir sistematicamente, sem outro motivo que não seja o de as obrigar a permanecer em casa, como parece querer agora a policia, achamos duro a valer. Ainda ontem foi presa e remetida ao tribunal uma pobre rapariga que, tendo estado a velar uma sua companheira que havia falecido, regressava a casa vestida de luto e cheia de lagrimas. Pois de nada lhe valeu as explicações dadas á policia, e lá foi para a Boa Hora, pelo grande e horrivel crime de ser encontrada na rua a horas adiantadas da noite. Como este caso muitos outros chegam ao nosso conhecimento que pouco abonam o serviço policial e que cumpre evitar.

De tristezas e dissabores deve ser cheia a vida atormentada duma rapariga, assim sem carinhos de ninguem, nem mesmo das autoridades, que deviam ser as primeiras a ser complacentes e carinhosas, ao menos para amenisar o sofrimento das inditosas que lhes vão caír nas mãos, sob o rigor enexoravel das leis e dos costumes!

Eu ás vezes nem acredito que haja negociantes de carne humana, que se prestem tão vilmente á compra de beijos e á feitoria da prostituição.

Devia ter sido doloroso á pobre rapariga abandonada, o encontrar no seu caminho, trazendo na alma as amarguras da saudade pela companheira morta, um agente policial, intimando-a a comparecer na prisão!

A vida destas desgraçadas é tão cheia de martirios, que nem lhes é dado, ás vezes, chorarem á vontade os entes estremecidos que partem para o além-tumulo.

Mas admitamos, meus amigos, que as raparigas abandonadas saiam á rua para olhar o ceu, para ver no brilho das estrelas um pouco de conforto ás agruras do seu cativeiro de lagrimas. Não lhes será dado amar um pouco, livremente, quem elas quizerem?

E o amor, tocado levemente pela brisa amenisante do sol-posto, não será digno delas?

O simples facto de serem atiradas ao rigor da sorte, não deve servir de pretexto para abandono completo. E eu ás vezes encontro-as a chorar, rindo com amargura, pelas ruas solitarias da capital, e não sei o que mais hei-de lamentar: se o despreso com que o semilhante as olha, se as lagrimas que são o seu pão quotidiano, desde que madruga até altas horas da noite.

Pobres aves sem ninho nem carinhos ardentes de sinceridade...

ALMEIDA JUNIOR.

Nomeação

Recaiu no nosso amigo Henrique de Melo, professor em Montemór-o-Velho, a nomeação para a escola de Ceira. Fez assim justiça a camara municipal de Coimbra, como era de esperar do seu ilustre presidente, que é ao mesmo tempo o vereador do pelouro de instrução, snr. dr. Silvio Pelico d'Oliveira.

O snr. Henrique de Melo foi o n.° 1 do concurso.

Sabiamos de varias influencias, que a favor do antigo professor de Ceira se moviam, no sentido de continuar ali. Mas ele, no concurso, ficou n.° 8. Não podia, pois, restar duvida que seria o snr. Melo o despachado. Trez dias antes da reunião da camara, para deliberar, esteve com alguem da camara de Coimbra, falando no assunto, quem escreve estas linhas. O nosso amigo Henrique de Melo tinha receio que justiça se não fizesse, inteira, insofismavel; não porque não confiasse no alto caracter do snr. dr. Pelico d'Oliveira; mas por saber que a justiça, neste país, está sempre a ser torcida a belo prazer de conveniencias varias.

Abraçando o nosso amigo, felicitamos a camara por ter sabido arredar empenhocas com altivez e desassombro.

Abel Brandão

Tivemos a satisfação de cumprimentar em Coimbra, na segunda-feira, este nosso ilustre e obsequioso cooperador, que em Montemór, onde é distinto farmaceutico, gosa de simpatias pela lhaneza do seu caracter.

Fernando Barbosa

Regressou da capital, na sexta-feira, este prestimoso advogado da nossa comarca e presidente do senado municipal que, como o *Dever* noticiou, foi estar algum tempo em Lisboa, afim de se tratar dos seus padecimentos, consultando varios clinicos abalisados.

O nosso amigo vae, felizmente, um pouco melhor, com o que folgamos.

SUICIDIO

Na povoação do Tojeiro, proximo desta freguezia, um pobre rapaz, cujo nome ignoramos, pôz termo á existencia por meio de enforcamento.

Os motivos que levaram tão tresloucada creatura a tomar tão tragica resolução, correm na bôca do povo com uma certa diversidade.

Dizem algumas pessoas que foi o seu mau comportamento na Instrução Militar Preparatoria e o receio que teve de sofrer as suas más consequencias; outras dizem que foi por questões de amôres, etc., etc.

Nós inclinamo-nos mais para esta ultima versão.

Malditas mulheres, que fazem assim perder a cabeça a um pobre rapaz!

A Festa da Arvore nas Alhadas

No dia 21 deste mês teve logar nas Alhadas, concelho da Figueira da Foz, a festa da Arvore, surpreendendo e admirando quantos a presenciaram, pela sua ordem e brilho, atento o meio em que ela se efétivou.

A' digna Junta de Paroquia, convidada pelos professores, constituida em comissão, a que agregou mais alguns cidadãos, se deve, com os seus bons e louvaveis esforços, o esplendor da festa. Além desta, outra comissão, composta de meninas, sob a direção da inteligente professora, snr.ª D. Olimpia das Neves, era especialmente encarregada de preparar os carros alegoricos, em cujo desempenho se houveram de modo a merecer justos elogios.

Apesar do aspéto carrancudo do tempo, chovendo por vezes copiosamente, lá se aproveitaram algumas horas, e a festa decorreu animadissima, cumprindo-se á risca o respétivo programa, devéras simpatico e atraente.

De manhã cédo, alvorada pela filarmonica das Alhadas, que, ao ser içada a bandeira na escola do sexo feminino, executou a *Portugueza*, percorrendo em seguida as ruas da povoação. A's 3 horas da tarde, saida do cortejo da mesma escola, levando as alunas encorporadas, acompanhando o carro alegorico representando a Instrução; a seguir as crianças da escola do sexo masculino, rodeando o carro representando a Agricultura, com a menina Maria da Gloria Pessoa, vestida de ceifeira, e na retaguarda o carro da Republica, representada pela menina Catarina Lopes, primorosamente vestida. Após vinham as comissões; fechando o cortejo, devéras brilhante, a filarmonica, e uma massa composta de povo, aumentada por numerosos forasteiros, atraidos pelo esplendor do programa.

Perto da rua da Fonte fôram plantadas algumas arvores, entoando as crianças das duas escolas, habilmente ensaiadas pelo regente da filarmonica, snr. Fortunato Esteves, os hinos da *Plantação* e *Escolar*, sendo acompanhadas por uma orquestra composta dos snrs. Joaquim Cardoso, Joaquim Anadio, José Joaquim Carlos, Joaquim Varela e José Vitorino da Cruz. Ainda no largo do Arenal outras arvores foram plantadas, onde as crianças entoaram os hinos da *Sementeira* e *Nacional*. Depois, no largo da Praça, foi servido um *lunch* ás crianças pelas meninas da comissão, executando então a filarmonica algumas peças do seu reportorio.

Pouco antes haviam sido tiradas algumas fotografias pelo habil fotografo-amador, snr. Agapito Neves, de Montemór.

E assim terminou a festa do dia, no meio da satisfação geral. A' noite houve, num teatrinho improvisado na casa de ensaios da filarmonica, recita pelas crianças das duas escolas, constando de monologos, poesias e cançonetas, havendo-se os pequeninos actores a contento do publico. Findo o espetaculo, a digna professora, em seu nome e do professor, ausente por incomodos de saude, agradeceu, em palavras de vivo reconhecimento, ás comissões, os bem empregados esforços para a realisação de tão esplendida festa, sendo as suas palavras coroadas dos mais entusiasticos e merecidos aplausos.

O *Dever* sauda com entusiasmo o bélo povo das Alhadas, e em especial os promotores da patriotica festa, pois ela demonstrou um alto acto de civismo que muito enobreceu os alhadenses e serviu de lição a outros póvos ainda aferrados ao marasmo e á indiferença pelo Progresso.

CARTA DE MONTEMOR

Montemór-o-Velho, 26

Partiu no dia 24 do corrente para Ceira, para onde vai transferido por assim o ter pedido, o snr. Henrique de Melo, professor que ha sido um dos mais proficientes que teem regido a cadeira do ensino primario nesta vila, pelas provas do muito saber que sempre deu, ensinando as creanças com toda a moderação, sem usar para com elas dos castigos barbaros que alguns dos seus antecessores lhe teem infligido.

Primeiro que retirasse fez aos alunos uma comovedora despedida que vivamente os impressionou e enchen de saudade, segundo nos contaram alguns pais e irmãos das mesmas creanças e os quaes por tal motivo se mostravam gratamente reconhecidos para com o snr. Melo. *F.*

N. da R.— Quando recebemos a carta do nosso amavel correspondente, já estava composta a noticia que vai noutro logar.

Enfermos

Encontra-se gravemente enfermo com um ataque de reumatismo, o nosso presado e velho amigo, snr. Antonio Baía, comerciante e industrial na nossa terra.

Tambem tem estado de cama, muito enfermo, o nosso presado amigo, snr. Alfredo Gomes Ferrão, inteligente farmaceutico, mecanico e ajudante do oficial do registo civil de Arazêde.

O nosso amigo já se levantou, indo em vias de restabelecimento.

Desejamos as melhoras dos nossos amigos.

Tivemos o prazer de cumprimentar em Coimbra, o nosso estimado assinante de Camarneira, snr. Fortunato Vaz, grande negociante de adubos quimicos e agente de companhias maritimas.

Prisão do «Casaca»

Na segunda-feira ultima foi recapturado em Gatões, o temivel gatuno José d'Oliveira Casaca, que ha dias, segundo noticiámos detalhadamente, havia fugido da cadeia da comarca.

Havendo constado ás autoridades que ele andava em Gatões, a podar vinhas e a fazer outros serviços agricolas proprios da epoca, nos dias que as suas empresas de rapinagem lhe deixavam livres, para ali partiram naquele dia, os tres oficiais de diligencias do juizo de direito, os snrs. João de Deus de Melo Brandão, Francisco Augusto Pereira Veloso e Joaquim dos Santos Neto, incumbidos de proceder á sua recaptura, caso lhe podessem pôr a vista em cima, o que lhe não foi muito dificil, por quanto, pouco tempo depois dos tres chegarem a Gatões, o gatuno era recapturado pelos snrs. Pereira Veloso e Santos Neto, sem que tivesse oferecido resistencia alguma.

Durante o caminho para Montemór, veio pelo contrario na melhor disposição de espirito, sorrindo-se e conversando com os seus recapturadores, muito satisfeito, como se nenhuns remorsos tivesse a pesar-lhe na consciencia.

Disse ser verdade ter praticado diferentes roubos, mas negou ter feito o das 36 libras de que se queixa o snr. Jorge Batata, do Bebedouro.

Ao chegar a Montemór deu entrada na esquadra do edificio dos paços do concelho, prisão de maior segurança para os gatunos da sua elevada categoria, e ali espera agora o procedimento judicial.

Cumprimentámos em Coimbra, na terça-feira, o nosso presado anunciante, snr. Manuel Monteiro Godinho, do Casal do Gaio, que foi á capital do distrito.

Aguas da Curia

Recebemos um bem elaborado relatorio da importante empreza das afamadas aguas da Curia, e em que o conselho de administração demonstra, por fórma clara e insofismavel, o grande, o crescente progresso que de ano para ano se nota no interessante estabelecimento balnear.

Agradecemos a penhorante amabilidade.

CAMARA MUNICIPAL

Sessão da Comissão Executiva da Camara Municipal de Montemór-o-Velho, de 6 de março de 1915.

Presentes os ilustres cidadãos vereadores vogaes: Monteiro da Costa, T. Lebre, Esteves de Barros, sob a presidencia do snr. dr. Simões, secretariado pelo cidadão Pato.

Lida e aprovada a acta da sessão anterior.

Expediente:

Um oficio do Secretario de Finanças deste concelho, a responder á Comissão a rasão por que foi o augmento das contribuições neste concelho. A Comissão ficou inteirada e agradece a informação.

Dito da Camara Municipal de Soure a responder a esta Camara que ia tambem representar ao Ministro do Fomento, a pedir que sejam reparadas as motas do rio Mondego. Inteirada.

Dito dos professores de Verride a informarem que no proximo domingo, 7 do corrente, deverá realisar-se a festa da arvore naquela vila, e pedem para que a Camara se faça representar. Resolveu a Comissão agradecer a deferencia, resolvendo fazer-se representar pelos vereadores daquela localidade.

Dito do Governo Civil, a remeter um requerimento de Antonio Manoel Teixeira, de Montemór-o-Velho, a pedir que lhe seja paga a hospedagem duns guardas de policia que estiveram na sua casa. O oficio é dirigido ao snr. Administrador que o enviou á comissão. A comissão deliberou que a conta e oficio fosse presente á Camara na proxima sessão de abril.

Dito da Associação Central d'Agricultura Portuguêsa, a oferecer o seu livro, *O Guia Pratico das Caixas do Credito Agricola*. A comissão agradece a oferta do livro e resolveu assinar o Boletim.

Dito do snr. Administrador do Concelho, bacharel Roberto Azevedo Canelas, a dar parte ter tomado posse daquele cargo. A comissão ficou inteirada e que pode sua ex.ª contar com a cooperação leal desta Camara.

Dito do medico de Arazede dr. Mario Mendes, a comunicar que entrou no exercicio do seu cargo no dia 24 de fevereiro ultimo. Inteirada para os devidos efeitos.

Uma circular da Camara Municipal d'Azambuja, a fazer varias considerações ácerca da necessidade de ser promulgada uma lei que permita aos individuos com o curso superior e que interinamente exercem funções de professores primarios, para que possam fazer exames de professores da Escola Normal de Lisboa, sem a frequencia previa nela. A comissão foi de parecer que não é á Camara que compete representar a favor de pessoa particular, e por isso resolve abster-se de secundar o pedido daquela Camara.

Foram apresentados varios requerimentos:

Um dalguns individuos desta vila de Montemór, a requisitar á Comissão para que seja colocado um candieiro no largo da Feira da Madeira, por ser de grande necessidade. Disse o presidente que o momento actual não é de molde a satisfazer o pedido, porque o carboreto está por um preço elevadissimo, mas logo que ele baixe será satisfeito. A comissão aprovou a proposta.

Outro da Junta de Paroquia e varios proprietarios e lavradores, de Arazede, a pedir para que a comissão municipal os auxilie na construção da estrada publica, do Juncal, que da estrada distrital de Arazede segue para o piorno. O mestre d'obras foi interrogado pela Camara, e informou que a estrada não era municipal. Resolveu a comissão ceder o seu imposto do serviço braçal respeitante aos casaes de Arazede e Casal do Gaio, respeitante ao ano findo.

O Presidente informou a comissão de que tinha dado conhecimento ao Inspétor Escolar das sucessivas licenças que a professora de Gatões, Lia de Matos, pedia, pois que estavam prejudicando muito o serviço escolar daquela freguezia, e por isso dera conhecimento áquele funcionario de que não fôra concedida a ultima licença sem que a professora seja submetida a uma junta medica. A comissão ficou inteirada e aprovou o procedimento da presidencia.

O vereador Lebre, deu conhecimento que o aquedato junto á estação de Formozelha, precisa de urgentes reparos. A comissão encarregou o mesmo vereador de mandar proceder aos reparos.

Informou a presidencia de ter convidado o condutor Santos Pinto, para vir fiscalisar as obras das escolas já á tres sessões, sem que até hoje ele tenha vindo; propõe para que o mestre d'obras e o encarregado José Melo, fossem examinar as obras entregues, e que se entendessem que se devia pagar, fazel-o por escrito. A comissão concordou que se efétuasse o pagamento nas condições expostas.

O presidente apresentou um mapa que mandou organisar para ser enviado á 10.ª Repartição da Direção Geral de Contabilidade Publica, do qual consta a receita e despeza da instrução primaria do ano findo, vendo-se dele haver a Camara ter adeantado 441$49 que o Estado deverá abonar á Camara. A comissão ficou inteirada e mandou que fosse expedido.

Foi presente o balancete semanal acusando um saldo de 390$00 na Caixa Economica Portugueza, e 236$62 na Tesouraria do Municipio. Autorisou e mandou pagar varias despezas.

Em seguida foi encerrada a sessão.

Fez anos no dia 25 a snr.ª D. Conceição Fernandes Almufrey, gentil prima do nosso presado amigo e correspondente da capital, snr. Afonso Almufrey.

Tambem hontem completou 18 primaveras, a snr.ª D. Efigenia Alves.

Felicitamo-las.

Ha mais Marias...

Um tal snr. Almeida Junior polémica, no nosso colega das Caldas, o *Defensor*, com o snr. Branco Lisboa, a proposito de qualquer coisa. Parece que dos jornais se estão servindo para ensinarem gramatica um ao outro, como se a imprensa chegasse já a ser carteira de aula primária.

E vai daí escrevem-nos varias cartas e postais estranhando o proceder do nosso director.

Ha mais Marias na terra.

O snr. Almeida Junior, das Caldas, não é o nosso director, que infelizmente não tem tempo para perder com questiunculas estereis e nem se proporia discutir com quem quer que fosse. Prova-o a sua atitude para com muitos que o têm chamado a terreiro, para com alguns que têm procurado, por todos os meios, discussão, seja ela como fôr e a proposito do que fôr. Gente que não tem que fazer e que faz da imprensa periodica vasadouro de despanterios ou campo apropriado para desabafar maguas, como que se a imprensa não tivesse outro papel mais sublime e mais saudavel a desempenhar.

Pobres diabos...

Está a concurso o segundo logar de professora da escola do sexo feminino do visinho concelho de Cantanhede.

Dr. Seiça e Castro

Está de luto este ilustre clinico municipal da visinha povoação de Cadima.

Faleceu, no dia 17, em Calçôa, seu tio, rev. Joaquim Seiça e Castro, homem de bem e caracter lhano, que muito honrou o clero a que pertenceu.

Pezames á sua alma e condolencias á familia em luto.

Luzidas festividades da Semana Santa em Montemór

Conforme os mais anos, realisam-se em Montemór, nos dias de Quinta e Sexta-feira Santas, com todo o luzimento e solenidades proprias de tais actos, as ceremonias da semana santa, respeitantes a estes dois dias e cujo programa é o que segue:

QUINTA-FEIRA SANTA

A's 11 horas. — Comunhão geral, missa solene a grande instrumental e em seguida exposição do Santissimo.

A's 16 e meia horas.—A emocionante ceremonia do *Lava-pedes* a 12 pobres, seguindo-se o sermão do *Mandato*, pelo rev. Cruz e Costa, paroco de Liceia.

A's 19 horas. — Oficio de trevas pela orquestra e *Miserere*.

SEXTA-FEIRA SANTA

A's 11 horas.—Missa de Presantificados com o canto da paixão de Cristo, adoração da Cruz e no fim procissão no interior do templo.

A's 16 horas. — Procissão do enterro de Cristo da egreja de S. Martinho para a dos Anjos, acompanhada pelas irmandades da Misericordia e Nossa Senhora de Campos e Filarmonica 25 de Setembro, tendo no fim logar a ceremonia do enterro, depois de haver o respetivo sermão pelo rev. reitor Santos Pimenta.

A's 17 horas. — Oficio de trevas e em seguida sermão da Soledade pelo rev. dr. João Antunes, prior e conservador de Condeixa, no fim do qual terminarão as festas com a procissão, conduzindo a imagem de Nossa Senhora das Angustias para a egreja da Misericordia.

A orquestra está a cargo e sob a habil regencia do snr. Benedito Galvão de Carvalho, ilustre contador da comarca.

Estas festas, devido á boa ordem e esplendor com que são levadas a efeito, costumam todos os anos atrair á vetusta e historica vila enorme concorrencia de forasteiros.

HOTEL PORTO

O nosso patricio e amigo, snr. Manuel d'Almeida, acaba de dissolver a sociedade comercial que tinha com um tal snr. Antonio Dias, — que tem mais de *Noites* do que de *Dias*, — ficando a seu cargo todo o activo e passivo, até constituir nova sociedade com um nosso patricio respeitavel e muito conhecido na nossa terra, pela sua honestidade de caracter e cujo nome talvez no proximo numero possâmos indicar aos nossos leitores.

Folgamos que o snr. Almeida tivesse conseguido livrar-se de criaturas sem nenhuma especie de escrupulos.

Noutro logar vai publicado o documento relativo á dissolução da sociedade, e no proximo numero publicaremos o extrato da nova sociedade que ficará transacionando sob a firma de: Almeida & C.ª.

Agradecimento

José de Jesus Barreto participa a todos os seus amigos e correligionarios de S. Paulo (Brazil), que chegou bem á sua casa do Zambujeiro, encontrando toda a familia de perfeita saude, pedindo a todos desculpa por não ter feito pessoalmente, como era seu desejo, as suas despedidas.

José de Jesus Barreto.

AOS AGRICULTORES

Estamos entrados na epoca da sementeira da batata, e é de toda a conveniencia que os senhores se não esqueçam dos adubos quimicos e organicos, da acreditada casa *Varela, Leal & C.ª, das Varzeas*, e que se encontram **á venda em casa de Manuel Monteiro Godinho**, com deposito no **Casal do Gaio, Arazêde.**

Poetas e Prosadôres

BELGICA

Bela, grande nação!—Grande, sim, na sciencia,
nas artes, na industria.. —em seu labôr: grandeza!
De seu Progresso a luz, a irradiar beleza,
lhe dava todo o brilho... e estima, e preferencia!

Cidades... um encanto!—a flôr, a pura essencia
da Civilisação!—museus... uma riqueza!
os campos, um jardim; no seu povo—a nobreza...
oh! formosa nação!—bela por excelencia!

Mas a felicidade é meteoro que passa...
—subito a guerra estala, e—vulcão infernal—
vomita a destruição...—ruinas, luto... a desgraça!

Em defeza da Patria—heroica, grande, nobre!
defendendo sua Honra... oh! vitima... imortal:
—a sorte a nivelar:—o rei, o rico, o pobre!...

Montemór-o-Velho, março de 1915.

J. Neves.

A pobresinha

Ao distinto academico e meu amigo
FRANCISCO RIBAS DE SOUSA

Indo outro dia a passar
Por uma rua apertada
Que ninguem quer habitar;
Sentada estava a chorar
Criança desconfiada
Qual avesinha cançada
Sem forças para voar.
Nos olhos da tal criança
Virginais, cheios de dôr;
Já não havia bonança
Nem de alegrias pendôt;
Só tristesa—aguda lança!—
Os seus labios descorados
Pela fome, com certesa,
Ainda que descarnados
Cheios de dôr e tristeza,
Mostravam em harmonia
Co'a côr dos lindos cabelos
A graça e a dôce poesia,
E a ternura dos mais belos.
E ao vêr aquela criança
Sombria, triste, curvada
Sem a frescura da esp'rança
Filha dessa madrugada,
Disse para o ceu: Senhora
Que sabeis o que é ser mãe
Olhai que esta criatura
Tambem é filha d'alguem.
E filho daquele riso
Num longo beijo fundido,
E não tem—como é preciso—
Quem lhe diga num gemido:
Minha filhinha, meu bem!
Chega-te a meu coração
Que o dôce calôr de mãe
Mata a fome, como o pão!

Vizeu, 10—3—915.

Leão Correia.

Olvidando

Como a nuvem que o vento arrasta e leva;
Pelo azul merencorio do infinito,
—Nuvem que deixa a lua de granito
Imergida no pó da negra treva;

Como, ao romper a luz alva d'aurora,
O sol, beijando a terra orvalhada
Pelo pranto da noite desolada,
Nesse beijo o orvalho lhe evapora,

Assim um misterioso e forte vento
Arremessou ao pó do esquecimento
A tua imagem branca e vaporosa,

E um sol radiante evaporou, Maria,
O amor imenso que por ti sentia;
—E eu esqueci tua imagem luminosa.

Lisboa.

José Pedro Godinho.

A TUA TRANÇA

Eu bem sei que côr tem, ó minha amada,
A tua trança comprida e luzidia,
Essa trança com que eu sonho noite e dia,
Só porque é tua, ó mulher idolatrada.

Não é bem negra, negra, ó minha amada,
Tem outra côr, outra côr mais sedutora,
Essa trança farta e encantadora
Que a minha alma traz enfeitiçada...

.....

Mas tu queres que te diga, meu amôr,
Qual a côr dessa trança tão formosa?
E' castanha. Essa trança setinosa,
Sem egual na beleza e no valor!...

Resende, 7—3—915.

Fernando Teixeira da Silva.

Dissolução de sociedade

NOTARIADO PORTUGUEZ

CARTORIO DO NOTARIO
Eugenio de Carvalho e Silva
Rua de São Julião, numero cento quarenta e seis, primeiro andar
LISBOA

Livro de Actos e contractos entre vivos numero trezentos trinta e oito, a folhas cincoenta e sete

No anno de mil novecentos e quinze, aos desoito dias do mez de março, nesta cidade de Lisbôa, e no meu cartorio na rua e freguesia de São Julião, numero cento quarenta e seis, primeiro andar, perante mim Eugenio de Carvalho e Silva, notario da comarca, e as duas testemunhas idoneas adeante nomeadas compareceram:

Como primeiro outhorgante o senhor Manoel d'Almeida, solteiro, maior, commerciante, morador na Rua do Amparo, numero doze; e

Como segundo outhorgante o senhor Levindo Alves, solteiro, maior, empregado no commercio, morador na Rua Renato Baptista, numero quarenta e nove, na qualidade de procurador especial do senhor Antonio Marques Dias, casado, empregado nos Caminhos de Ferro, morador na Costa do Castello, numero quatorze, poderes que prova com a procuração que neste acto me entregou e fica archivada para ser transcripta nos traslados d'esta escriptura.

São ambos os outhorgantes pessoas cuja identidade reconheço.

Por ambos foi dito:

Que, em desenove d'agosto de mil novecentos e quatorze, por escriptura lavrada pelo notario Cornelio da Silva, d'esta comarca, a folhas quarenta verso do livro seiscentos quarenta e cinco, o primeiro d'elles outhorgantes e o constituinte do segundo, tomaram de trespasse a Luiz Franck, residente que foi nesta cidade, o «Hotel Porto» que a este pertencia, e por elle havia sido explorado, n'esta cidade, na Rua do Amparo, numero dôze, primeiro, segundo e terceiro andares;

Que feito esse contracto para a exploração do mesmo Hotel, elles se constituiram em sociedade sob a firma Dias & Almeida, não obstante nunca terem chegado a celebrar a competente escriptura social, nem terem praticado outra qualquer formalidade equivalente;

Que não lhes convindo a continuação da Sociedade, nem a continuação em commum da exploração do mesmo negocio, convencionaram dissolver tal Sociedade e entre si regular os direitos e obrigações communs resultantes d'aquelle contracto de trespasse, e da mesma exploração;

Que, assim, pela presente escriptura elles outhorgantes, o primeiro por si e o segundo no uzo dos poderes conferidos por seu constituinte dissolvem e declaram extincta para todos os effeitos a Sociedade que entre ambos tem existido tacitamente sob a firma Dias & Almeida, e convencionam que todo o activo com obrigação de pagamento de todo o passivo d'essa sociedade fique unicamente a cargo do ex-socio, primeiro outhorgante Manoel d'Almeida, mediante o pagamento por este ao constituinte do segundo outhorgante senhor Antonio Marques Dias, da quantia de quatrocentos e trez escudos e sessenta centavos, em que por accôrdo fixaram ou valorisaram os respectivos direitos;

Que egualmente convencionaram, que o pagamento dos mesmos direitos sociaes seja feito pelo primeiro outhorgante ao constituinte do segundo em trez prestações, uma de cento trinta e quatro escudos e cincoenta e trez centavos, outra de cento trinta e quatro escudos e cincoenta e trez centavos e outra de cento trinta e quatro escudos e cincoenta e quatro centavos, respectivamente venciveis no dia desesete de cada um dos mezes de abril, maio e junho proximos, contra outras tantas letras, que o constituinte do segundo outhorgante saccou já contra o primeiro outhorgante, que este acceitou e que o segundo outhorgante declara ter já em seu poder contra o aral de Manoel da Silva Lirio;

Que, mediante este pagamento, elle segundo outhorgante, no uzo dos referidos poderes cede e transfere inteiramente para o primeiro outhorgante, todo o direito, acção e posse, que até hoje seu constituinte, como socio da referida sociedade tacita, e como co-adquirente do referido Hotel, tem tido quer a este, quer aos lucros e vantagens da sua exploração, ficando, é claro e na fórma dita o primeiro outhorgante com obrigação de integral pagamento de todo o passivo correspondente a taes direitos e valores, obrigação que o primeiro outhorgante expressamente declara assumir;

Que assim ambos elles outhorgantes sempre nas mesmas referidas qualidades dão por dissolvida a sociedade e por bem liquidados os seus direitos e por bem regulada a fórma do seu pagamento, sem prejuizo do que, ambos se dão a mais plena e geral quitação, auctorisando-se a todos os actos de publicação e registo.

Assim disseram e outhorgaram perante as testemunhas senhores: Manoel da Silva Lirio, solteiro, maior, proprietario, morador na Amadora, e Manoel Tavares da Silva Pereira, casado, commerciante, morador na Travessa da Palmeira, numero vinte e cinco, que vão assignar esta escriptura com os outhorgantes depois de perante todos ella ter sido lida em voz alta por mim Notario.

Leva sellos no valor de trez escudos e vinte e um centavos. D'esta dois escudos e noventa centavos, pelos numeros vinte e cinco, sessenta, quarenta e cinco do artigo oitenta e um da tabella.

Manoel d'Almeida Levindo Alves — Manoel da Silva Lirio — Manoel Tavares da Silva Pereira.

Signal publico — Em testemunho de verdade. O notario, Eugenio de Carvalho e Silva.

Tem colladas e devidamente inutlisadas seis estampilhas, sendo quatro fiscaes no valor de trez escudos e vinte e dois centavos, e duas da contribuição industrial no de vinte e dois centavos.

DOCUMENTO

Logar do sêllo a tinta de oleo da taxa de dez centavos.

Eu, Antonio Marques Dias, casado, empregado nos Caminhos de Ferro, morador na Costa do Castello, numero quatorze.

Constituo meu procurador o senhor Levindo Alves, solteiro, maior, empregado commercial, morador na Rua Renato Baptista, numero quarenta e nove, rez-do-chão, direito, a quem dou os poderes precisos para em meu nome liquidar a parte que possuo como co-proprietario no Hotel Porto, podendo para tal fim transigir, assignar escriptura de trespasse e de dissolução de sociedade tacita, pagar ou receber indemnisações, dar ou acceitar quitações, accordar com o meu co-proprietario do mesmo hotel ou seus procuradores bastantes, arbitrar e nomear arbitros, e resolver como melhor entender a bem dos meus interesses todos os assumptos referentes ao mesmo hotel, podendo assignar, requerer, promover e praticar o que fôr conveniente e preciso para os mesmos fins digo para esses fins o que tudo haverei por firme e valido, podendo substabelecer.

São testemunhas os abaixo assignados sui-juris, residentes nesta cidade. Lisboa, vinte e cinco de fevereiro de mil nove centos e quinze. Antonio Marques Dias.

Tem collada e devidamente inutilisada uma estampilha fiscal da taxa de sessenta centavos.

Manoel Tavares da Silva Pereira — Antonio Alves.

Certifico que foram feitas perante mim, as tres assignaturas supra, as quaes reconheço. Lisboa, vinte e cinco de fevereiro de mil novecentos e quinze. Signal publico. M. Facco Vianna—notario.

Tem colladas e devidamente inutilisadas duas estampilhas, sendo uma fiscal da taxa de quatro centavos, e uma da contribuição industrial da de um centavo. Logar do carimbo d'este notario. Quinze centavos.

E' traslado, que fiz extrahir e vae confórme os originaes. Lisboa, vinte e quatro de março de mil novecentos e quinze. Emolumentos: rasa oitenta e sete centavos, papel cincoenta centavos, total um escudo e trinta e sete centavos. Entrelinhei: «com obrigação de pagamento de todo o passivo» e «ou valorisaram» a folhas duas verso, «sacou já contra o primeiro outhorgante, que este acceitou, e que o segundo outhorgante» a folhas trez.

E eu, Escrivão, o subscrevo.

Eugenio de Carvalho e Silva.

A camara municipal do nosso concelho representou ao snr. ministro do fomento, no sentido de ser acabada a construção da estrada de Figueira da Foz a Mira.

D. Ana Colaço

Consorciou-se em Coimbra a snr.ª D. Ana Colaço Mendes de Vasconcelos, professora da escola da Sé Nova, com o snr. José Mendes de Vasconcelos, sobrinho do professor da Universidade, snr. dr. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcelos.

Testemunharam o acto o snr. Antonio Couceiro Martins, professor da Escola Normal, e sua ex.ma esposa.

Na *corbeile* da noiva viam-se muitas prendas de valor.

Não nos enganámos noticiando o proximo enlace matrimonial da ilustre professora e nossa estimada assinante, a quem desejamos as maiores felicidades, porque bem merece ser feliz.

A' Direcção das Obras Publicas do Distrito

MAIS UMA VEZ

Escrevem-nos a seguinte carta, que achamos oportuno e justo levar ao conhecimento do nosso valioso amigo e distinto Director das Obras Publicas, snr. engenheiro Paulo de Barros.

Meu caro amigo:

A valeta ao pé da loja do snr. Ismael da Cruz, foi limpa, mercê do interesse que o *Dever* teve pelo assunto. Mas o mal não era bem só da valeta estar *entulhada*. O que é preciso é que a estrada seja concertada e o leito da valeta levantado numa extensão de 30 metros, para ir buscar a elevação á porta do snr. Alfredo Gomes Ferrão, evitando assim o estacionamento das areias. E' uma reparação de grande necessidade e pouco dispendiosa. Veja se consegue este melhoramento do snr. Director das Obras Publicas.

Seu *F.*

Com efeito o nosso amigo tem razão. E o snr. Paulo de Barros, que a coisas desta natureza ligou sempre a maxima atenção, porque o nortêam sentimentos de bem e o desejo de acertar e de auxiliar as povoações do seu distrito, por certo se não esquecerá de ordenar a reparação pedida com a urgencia desejada.

Ficamos esperando.

Alice Oliveira,
aluna externa do 5.º ano de piano do Conservatorio e com o curso de musica: léciona, em sua casa ou dos alunos, como se convencionar.
RUA DO SUB RIPAS, 10
COIMBRA

Por falta de espaço retirámos, á ultima hora, noticias e colaboração importante.

DEFEZA DE MIRA

Ao menos, a amenizar um pouco as agruras desta vida agitada e ingrata de jornalista, valham-nos palavras amigas e de incitamento sincero á nossa modesta obra.

E assim, o nosso presado colega da risonha vila de Mira, cujo titulo nos serve de epigrafe, quiz ser, no seu ultimo numero, a proposito do nosso aniversario, de uma amabilidade cativante.

Ao seu ilustre director, snr. dr. Elias Gordilho, envia o *Dever* os seus agradecimentos mais sinceros.

Fez anos no dia 19 o nosso presado assinante e amigo, snr. Augusto Ferreira de Andrade, antigo vice-presidente da camara municipal do nosso concelho.

Parabens.

Alvaro de Matos
Prof. das Clinicas obstetrica e ophtalmologica na Faculdade de Medicina

CLINICA GERAL.
DOENÇAS DAS SENHORAS
Residencia: R. de Tomar, 5. Tel. 51
Consultas da 1 ás 3
no Largo Bombarda, 27, 1.º
Tel. 20

As consultas de gynecologia e ophtalmologia são gratuitas para as classes pobres.

Pontes de Montemór

Temos em nosso poder uma carta sobre as pontes de Montemór, á qual, por falta de espaço, só no proximo numero aludiremos.

CORRESPONDENCIAS

Abrunheira, 24—3—915.

Não é no proximo domingo, 28 do corrente, que aqui se realisa a festa escolar, como haviamos dito na nossa ultima correspondencia, mas sim no domingo de Pascoéla.

A comissão que para tal fim se constituiu, é a seguinte: D. Aida da Fonseca Mota, professora oficial; e os snrs. dr. Antonio Joaquim Simões, dr. Martinho de Brito, Duarte de Ornelos e Vasconcelos, Ernesto da Silva Coelho, Joaquim de Sousa Carvalho, Antonio Cachulo da Trindade, Jorge da Cruz Vieira, professor oficial; Julio Neves da Costa, José Augusto Carvalho e Antonio Francisco Guardado.

=== Tem aqui estado uma companhia de variedades, dando alguns espétaculos que muito agradaram.

=== Continua o mau tempo. Com as ultimas chuvas e devido a umas quebradas no Mondego, o nosso campo está novamente cheio.

=== Consta-nos que no domingo de Pascoa haverá um baile na sala da Sociedade Filarmonica Abrunheirense.

=== Em gôso de ferias, está entre nós, o nosso amigo, snr. Aires Batista da Costa, aplicado aluno do Liceu de Coimbra.

N.

ANUNCIOS

FABRICA DE CAL

Cal fina e grossa, fornece-se em muito boas condições. Preços modicos, sobre o wagon, no caminho de ferro e nos proprios fornos.

Agente de telha tipo marselha e tijolos de todos os formatos, da fabrica Lacerda, Figueiredo & C.ª Limitada, da Pampilhosa.

Pedidos a
Joaquim F. Coca Junior
Zambujeiro—Arazede

Gêsso e adubos compostos
Para todas as culturas
DE
J. CORTEZAO

Fabrica — Sá (Anadia)
Escritorio — Figueira da Foz.

AGUA DE LUSO -- Cura pela Diurése

(ESTABELECIMENTO TERMAL E HOTEIS ABÉRTOS TODO O ANO)

A mais diurética e mais digestiva. Aumenta a diurése, regularisa as funções digestivas e ativa os fenómenos nutritivo

Muito radioativa—4,49 miligramas—minutos
Muito ionisada, resistividade a 18° 18300 ohms
Muito rica em gazes raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotonica, ponto criospico 0°,04
} Conclusões da analise feita pelos distintos professores Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitissimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tifico

USO EXTERNO—Molestias de pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc,), reumatismo e gôta.
USO INTERNO—Artritismo, impaludismo, neurastenia—Albuminuria, diabetes—Intestinos, estomago—Rins—Bexiga.

Depositos -- **LISBOA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros, 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 428. FUNCHAL, José Quirino de Castro, rua dos Murças. AFRICA ORIENTAL: Oswald Offmann. BEIRA: F. L. Simões & C.ª. LOANDA: Beltrão, Pena & C.ª**, e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositarios nas terras onde ainda os não haja.

Seguros contra incendio — ineluindo riscos de explosão de gaz e raio.

Seguros contra incendio — cobrindo tambem os riscos de *Greves* ou *Tumultos* (portaria de 14 de Março de 1914).

Seguros contra incendio — cobrindo ainda os riscos de *Guerra* (portaria, 30—XI—1914).

Unica companhia autorisada a segurar os riscos de Guerra nas apolices Incendio

As apolices d'A MUNDIAL são portanto as que mais conveem aos interesses dos proprietarios, locatarios, industriais, comerciantes, etc.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS
Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital Esc. 500.000$

Séde em Lisboa
Rua Garrett, 95
Telephone n.º 4084

Delegação do PORTO
Praça Almeida Garrett 22|24
Telephone n.º 1459

ENDEREÇO TELEGRAPHICO—**MUNDIAL**

Agentes em todas as localidades do paiz ilhas e colonias

Livraria e Tabacaria Cunha

Livraria Moderna e Tabacaria Augusto Henriques (reunidas)

Alberto Gonçalves Cunha

150, Rua Ferreira Borges—COIMBRA

TELEFONE N.º 293

LOTARIAS—Bilhetes, suas fracções e cautelas. Variada série de numeros certos.—Premios frequentes.
TABACOS—Nacionais e estrangeiros. As melhores marcas de cigarros e charutos.—Todos os artigos para fumadores.
POSTAIS ILUSTRADOS—Sempre as ultimas novidades em todos os generos.—Bilhetes de visita, impressão rapida.
PAPELARIA—Finissimos papeis de carta em caixas aos cadernos.—Objectos para escritorio e desenho.
LIVRARIA—Nacional e estrangeira, Revistas, Pu licações.—Figurinos.—Musicas.

Livros usados, antigos ou modernos, em qualquer estado, em grandes ou pequenas quantidades, compra em qualquer parte.

Passagens para o Brazil e Africa

José de Almeida

Negociante nas Pontes de Cadima, concelho de Cantanhede, e correspondente de todas as Companhias de navegação

Faz constar que vende passagens para todos os portos do BRAZIL, AFRICA, etc., a preços reduzidos, para o que está legalmente habilitado.

A sua vida de seriedade e honestidade são garantia segura para que os que desejam comprar passagens o procurem de preferencia a qualquer outro.

Guilherme dos Santos Pinto & Irmão

COM

OFFICINA DE CANTEIRO

Encarregam-se de jazigos de toda a especie e todo o serviço concernente á sua arte.

Tambem executam todos os trabalhos que digam respeito a *Plantas, Alçados, Copias, Projectos e orçamentos de edificios, edificações, etc.*

Montemór-o-Velho=Verride

Restaurante Ferro-viario ALFARELOS

ESTE bufete, um dos que melhor servem o publico que transita nos comboios, acha-se situado na estação do caminho de ferro de Alfarelos. Fornece almoços, jantares e *lunchs* e toda a qualidade de refeições, por preços comodos. Tem pessoal habilitado, tanto em esmero e perfeição. Tudo se encontra com esmero e perfeição. Fornece comida para fóra, e presta se a servir em casamentos, batisados, etc., desde que seja prevenido com antecipação.

O proprietario, **Artur de Oliveira Coelho.**

Companhia de Seguros A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz
Antonio d'Oliveira Guerra
RUA DA REPUBLICA, 84

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima—Vila Nova d'Outil

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legitimos acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de fórma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamavel, isca em cordão vendida fraudulentamente a titulo de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva acção civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa ao Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando-se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalisação para procederem ás necessarias diligencias. Dirigir-se pessoalmente ou por carta á Companhia Portuguêsa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS MELO & MARTINS

PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada

PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiencia dos nossos adubos, devido ao seu magnifico resultado os adoptarão de preferencia a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro
PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex.mos passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.
Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA

Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.
PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações
Deposito das afamadas aguas de Luso.

Hotel de la Paix

JEAN OZUN

Situado num dos pontos mais centrais da capital, belas vistas sobre o Rocio, é um dos modernos hoteis que mais comodidades oferece.

Bom serviço de cosinha á franceza

Almoços, 60 centavos. — Jantares, 80 centavos. — Serviço á lista.

3 Calçada do Duque, 3 — **Lisbon**

Fabrica de Lanificios

= DE =

MANOEL JERONIMO DE MATOS

COVILHÃ

Fornecedor da caixa de socorros dos empregados da Companhia Portuguesa

Esta fabrica, uma das mais acreditadas da Provincia da Beira Baixa, fornece, por preços convidativos, especialmente a particulares do continente e ilhas, os melhores produtos da sua fabricação, tais como casimiras, cheviotes e estambres, empregando materia prima de primeira qualidade, esmerando-se quanto possivel na sua execução e adotando os melhores padrões e côres que a moda impõe nos centros elegantes estrangeiros.

Envia amostras para todos os pontos, para o que bastará o pedido feito num simples postal.

Pedidos a

Manoel Jeronimo de Matos--Covilhã

Biblioteca da Universidade
Coimbra

Ano 4.° Arazêde, 4 de Abril de 1915 N.° 163

Director, administrador e editor
J. d'Almeida Junior

Representantes em muitas terras do país, Africa e Brazil

PROPRIEDADE DA DIRECÇÃO

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguêsa

Pátria e Humanidade

Redação e Administração
ARAZEDE

Toda a correspondencia relativa a este jornal, deve ser dirigida ao Director, para Coimbra

Composição e Impressão
Tip. Silva (a vapor)—AVEIRO

Prevenimos os nossos assinantes da freguesia de Arazêde, de que vamos mandar-lhes avisos indicando a importancia que devem mandar satisfazer no estabelecimento comercial do snr. Ismael da Cruz, pois o pagamento deve sempre ser feito com alguns mezes de adiantamento, para bôa marcha dos serviços administrativos deste jornal.

Tambem podem pagar a qualquer dos nossos estimados amigos, snrs. Alfredo Ferrão ou Coca Junior.

Tudo passa...

Já lá vai o tempo em que nêste dia de Paz e Amôr, de fraternidade familiar, quasi todos os povos, segundo as suas leis e os seus costumes, viam, na Pascoa, um dia soléne de confraternisação, unindo-se num abraço, os que estivessem juntos, e envolvendo-se na saudade enorme os que, longe, sentiam as amarguras da auzencia.

Hoje não. Tudo mudou. A Pascoa passa, para a maior parte da humanidade que luta, quasi desapercebida. Este ano, por exemplo, decorre ela cheia de indecisões e pezadelos. Os homens odeiam-se, lutam encarniçadamente, disputam entre si os seus haveres, discutem os seus azares ou cantam as suas vitorias. Morrendo e lutando, que a vida não é outra coisa, eis como se encontra vivendo uma grande parte dos habitantes da terra.

A auzencia origina sempre uns sentimentalismos absorventes e doentios; toda a gente pensa a sério no que a vida é, depois de se ter experimentado a sua agrura, após haverem transposto o limiar das suas contradições e duras realidades. Uma lição de sofrimento, trazida por um desengano ou muitas desilusões seguidas, é, para os homens, o mesmo que para a fatalidade é a desgraça.

A Pascoa dos antigos, quer entre os plebeus quer entre a nobreza preponderante, era uma religião como qualquer outra, das muitas religiões que a humanidade convencionou segundo o temperamento de cada individuo ou a caracteristica simbólica de cada coisa. E assim, mundo em fóra, este dia vai decaindo, como se tal data não significasse qualquer coisa de humanidade e de liberdade, assim um mixto de candura e emancipação, nos povos dados ás nostalgias obcecadoras e naqueles que pensam livremente e procuram na luta ao misticismo uma luz guiadora dos seus cerebros e um cantico de vitorio ao seu agir revolucionario.

Se consultarmos os classicos, os classicos de merecimento, encontraremos duas fazes mais ou menos acariciadoras, ambas elas, á parte o norte de cada uma e a diferenciação de interpretações. Uma, é aquela que nos demonstra, sob o ponto de vista cientifico e racional, que o homem fês as leis e os habitos consoante as suas conveniencias de momento, á medida que os problemas da vida se fossem tornando insolucionaveis; outra, aquela que presiste em dar á religião pascal um todo de alma afétiva e humanizante, saudavel de intuitos e ponderavel de simbolismos.

Dia soléne de afeições, tendo lagrimas á mistura, é, entretanto, uma data que tem momentos de luz e de agonia.

Os humildes, que pedem pão e agazalho, nunca têm mais do que um folar de sofrimentos, esperando, desde o berço obscuro, o alvorecer duma madrugada em festa, dum clarão resplendente que lhes ilumine os olhos baços de chorar. Esperam sempre. E, por fim, as amargas decéções cortam-lhes os vôos da existencia!

Os ricos, esses, tambem teem a sua esperança: que onde possuam dez, apareçam vinte.

Mas o tempo da confraternisação dos povos, por ocasião da Pascoa, já lá vai. E com ele foi-se, para nunca mais voltar a sorrir e a alumiar a humanidade que sofre, o dia soléne da Pascoa...

Almeida Junior.

Ponte de Montemór-o-Velho

Por falta de arrematante, que oficialmente tomasse conta da execução dos encontros e avenidas da ponte sobre o Mondego, vai a obra ser feita, como é de lei, por conta do Estado. No entretanto, o snr. Director d'obras publicas do distrito, Paulo de Barros, tenta ainda procurar empreiteiro que tome a responsabilidade dos trabalhos nas condições da respétiva dotação e caderno de encargos. Parece-nos, com efeito, esta ultima solução, a melhor, visto que o contrato estabelecido com pessôa estranha, prende absolutamente a verba votada, sem que dela possa distrair-se um ceitil, que seja, para outras obras. Oxalá, pois, que por uma ou outra fórma, os trabalhos comecem quanto antes, para satisfação das necessidades economicas e comodidade dos povos dêste concelho.

Mas temos, desta vêz, fundadas esperanças, que a cruzada do snr. Dr. Batista Loureiro, vai ter, finalmente, o seu termo, para compensação de suas contrariedades e canseiras, sobre o assunto. E nós que assim falamos, sem desprimôr para outrem, é porque temos visto documentos oficiais e particulares, em que se revela a ação eficaz e permanente daquele nosso amigo, em melhoramento de tal valia.

Nada mais fazemos, pois, que dar *o seu a seu dono*, como é proprio de quem quer fazer justiça.

DR. RAUL DE BRITO

Mercê dum grande abraço que tivemos a satisfação de lhe dar, em Coimbra, mesmo sobre a ponte historica de Santa Clara, soubemos que este nosso estimadissimo amigo se encontra já ha tempo em Pombal, exercendo a advocacia.

Ao encontro da santa mãe, que não via ha dias e, provavelmente, ao encontro de mais alguem..., o nosso querido amigo foi á capital do distrito passar, junto dos seus, as festas da Pascoa. E' mais feliz do que nós, condenados eternamente a sofrer, longe dos nossos, os rigores e as ingratidões do destino, que nem ao menos em dias solénes de familia podemos abraçar!...

Agitação politica

O artigo que, sob esta epigrafe, publicámos no penultimo numero, mereceu o reparo de varios nossos colegas, especialmente do *Defensor*, das Caldas, e *Leiria Ilustrada*.

Não era caso para tanto. Na redação dêstes dois nossos colegas contamos nós verdadeiras amizades, amigos tão queridos e tão certos, que não podiamos duvidar da sua amizade, por mais que eles nos molestassem.

A nossa referencia á ida dos democraticos de Leiria a Coimbra, baseou-se em informações que nos deram, muito em segredo.

Quem no-lo disse foi um velho republicano, referindo até o nome de Alipio de Mesquita e Antonio Ferreira Pinto, d'entre outros. Mas enganou-se, enganando-nos a nós, na boa fé que lhe é peculiar.

De resto, não achamos desonroso que tivessem ido a Coimbra os democraticos de Leiria.

E' assim, com reuniões, que se discutem os bons principios de solidariedade.

Nós desejavamos, entretanto, vêr defendida a politica da nação em vez de se agasalhar a politica homemsista. E por causa dêsta é que nós andamos todos ás aranhas...

D. AMALIA DE SOUZA

Foi passar as ferias pascaes a Estarreja, ridente vila do norte, esta ilustre normalista e nossa dedicada colaboradora.

Interesses do concêlho

O Hospital de Montemór — As suas irmãs hospitaleiras — Solicitudes e atenções — Carinhoso disvelo

Houve uma epoca em que a administração dos serviços internos do importante instituto de caridade, que é o Hospital de Nossa Senhora de Campos, em Montemór, deixava tudo a desejar, pois as irregularidades e abusos eram de tal ordem, que chegou a ponto das pessoas que adoeciam sentirem relutancia em recolher a esta casa de saude não o fazendo senão no ultimo extremo.

E isto porque, a principiar pela confécção das refeições, se os doentes davam entrada no hospital com mais ou menos apetite, passado pouco depois, apenas a custo beliscavam nas comidas, as quaes, pela sua falta de sabôr e tempero necessario, terminavam por as pôr de parte, preferindo não comer.

Desta maneira, eram constantes as queixas que os diferentes facultativos, que serviram a casa durante essa epoca, recebiam quasi diariamente dos pobres enfermos e por mais que os ilustres homens de ciencia fizessem as suas recomendações e chamassem para o assunto a atenção dos mezarios, nunca se conseguia remediar este lastimoso estado de coisas, ou fosse por falta de gente mais competente para o desempenho dos serviços, ou porque a capa da misericordia vinha cobrir, com excessiva benevolencia, os erros e as faltas dos delinquentes.

Com relação aos serviços de enfermagem, estes, do mesmo modo, não eram, por bastantes vezes, tão limpos e perfeitos, nem prestados com a solicitude que era para desejar, devido á falta de competencia e ao pouco escrupulo d'alguns enfermeiros que, algumas vezes, chegavam ao cumulo de dormirem fóra do hospital, deixando os desgraçados doentes abandonados, a sós com as suas dores e sofrimentos!

Assim se praticou e abusou por longos anos, até que, havendo-se construido já o novo edificio do hospital, a meza governativa de então, presidida pelo falecido Reitor Cardote e sendo tesoureiro Paulo Coelho, tambem já falecido, resolveu dotar a mesma casa de beneficencia com um pessoal interno tambem novo, que fosse mais habilitado do que o existente a essa data, de fórma a pôr-se um termo aos abusos e queixas dos doentes e reclamações dos medicos.

Mas onde desencantar esse pessoal com as necessarias habilitações e que fosse cuidadoso e cumpridor para desempenhar serviços de tamanha responsabilidade, especialmente, os de curativos e enfermagem, que demandam de tanta pratica e saber, de tanta assiduidade e carinho?

Não era tarefa facil, encontrar-se gente nestes meios obscuros e acanhados da provincia, que reunisse todos estes predicados.

Foi então que o venerando Reitor Cardote, auxiliado por Paulo Coelho, pondo para isso ambos em campo toda a influencia das suas relações pessoaes e politicas, que as possuiam de bastante prestigio, especialmente o primeiro, recorreram ao extinto convento das Trinas, onde, mercê de poderosa cunha e ao cabo de muitos obstaculos e canceiras, obtiveram finalmente que ali lhe cedessem quatro irmãs hospitaleiras para os serviços internos do hospital, sendo duas para enfermeiras, uma para cosinheira e a restante, que na *Ordem* tinha a graduação de *superiora*, para dirigir e fiscalisar os serviços daquelas e os respectivos serventes, percebendo cada uma o ordenado mensal de 9$00.

Ainda que recebidas com todas as manifestações de agrado, pelo povo, houve, em principio, receios que, vindo elas, de mais a mais, de um convento onde o jesuitismo tinha um dos seus mais inexpugnaveis baluartes, viessem para Montemór fanatisar os espiritos com o misticismo das suas praticas e rezas. Mas a este respeito lá tinham a opôr-se o espirito liberal e esclarecido do snr. dr. João Batista Loureiro, distinto clinico do hospital, que decerto lho não permitiria.

Em breve, porém, todos esses receios se dissiparam por completo, ao vêr-se o modo escrupuloso e esmeradissimo como eram desempenhados por as bondosas e caritativas senhoras todos os serviços do hospital, cujas dependencias manteem sempre no mais inexcedivel aceio, causando a entusiastica admiração dos estranhos que visitam o edificio e que, por tal motivo, tecem os mais calorosos elogios ao seu zelo extremo, á sua modelar solicitude e á sua dedicação inimitavel.

Tratando de todos os assuntos e coisas a seu cargo, com um cuidado e interesse como se fossem propriamente suas, elas poupam aqui para remediar acolá, sendo assim que, em ocasiões de confécionar roupas novas para a casa, chegam ao extremo de aproveitar pequenos retalhos de pano que ficam, e, depois de os cerzir com toda a paciencia, fazer deles barretes para os doentes.

Não inventamos. São factos vistos e apreciados por nós.

Foi então que, nesta vila, ao admirarem-se tão belos actos de solicitude e carinho, todos reconheceram quão grande era o me-

recimento e a abnegação destas creaturas, bemdizendo a maravilhosa ideia de Reitor Cardote e Paulo Coelho em as mandar vir.

(*Continúa*).

C.

Antonio Cardoso Mota Junior

Encontra-se em Montemór com sua ex.ma esposa e filhinhos este nosso dedicado e prestante amigo, inteligente secretario de finanças do concelho do Sardoal, afim de passar as festas da Pascoa com seus estremecidos paes.

Fez anos no dia 29 de março o nosso estimado amigo, snr. Luiz Alves da Cruz, de Vila Franca, e no dia 3 do corrente, o seu filhito Jorge.

Parabens.

Paginas soltas

EM PASSEIO

Pouco convidativo era este primeiro dia de primavera; amanhecera tristonho: aspecto de chuvoso.

Uma excursão? Sim; haviamos de ir fazer uma excursão, terras em fóra: aspirar a haustos outros ares, recrear a vista na contemplação de outros horisontes.

O scenario da natureza é bélo em toda a parte — embora ás vezes seja duma beleza sinistra — mas observar sempre a mesma paisagem é como que localisar o pensamento. Na idiosincrasia do individuo teem por certo influencia as condições do meio ambiente; e assim, disse Vitor Hugo, «a alma do terreno encarna-se no homem».

... E fômos. Depois de utilizarmos o comboio, — o trem. Aquele passa numa vertigem: sob os nossos olhos a paisagem tem o seu quê de fita cinematográfica em que as côres se mesclam, se casam, se confundem num tom virente mas sem harmonia; o trem — meio de locomoção antigo que o auto, o vapor, a eletricidade não vencêram ainda totalmente, — cuja data da invenção se perde no seculo XIII, é para quem não tenha a preocupação das horas de «chegada» o melhor que podemos utilizar em passeio.

Seguimos. Aquelas nuvens feias, plúmbeas, nimbos que alastravam na banda do mar, esfarraparam-se em grossas cordas de agua. E depois clareou; o azul do céu era firme e o sol a espalhar luz, a espargir imponderaveis limalhas de ouro sobre a verdura das relvas.

Afinal era bem a primavera. Os campos anunciavam-na na sua roupagem verdejante e o proprio ambiente a patenteava no ar balsâmico, produto dos olores das arvores floridas, do cheiro acre e capitoso dos montes, da resina dos pinheiros, do tojo dos matos.

A estrada seguia numa linha quasi recta, sem declives, sem barrancos: uma alvacenta fita estendida campos em fóra. E vai cortando, duma e doutra margem, terrenos cultivados onde a charrua fendeu a terra e a semente germinou, e outros, maninhos, de pousio, onde a erva, a grama, o escalracho brótam exuberantes...

E que diversidade de tons! Ali, aparece-nos á vista uma enorme mancha quadrangular, de tom lilaz agradavel: era um prado inteiramente tapetado de flôres campesinas, «chupões» (assim chamados na minha terra) cujo colorido tanto se assemelha ao rôxo-lilaz das arçãs que vestem as encostas dos montes. Depois um campo povoado de margaças, os malmequeres de corola branca e pequeninas pétalas; mais longe uma floresta de boninas amarelas, os «pimpilros» de berrante côr. Regatos abundantes coleiam pelos campos fendendo o massiço de verdura.

Mas agora variou a estrutura do terreno. Vêem-se de onde em onde pequenas matas de pinheiros e o simulacro de um lago abrigado entre fragas e quasi todo povoado de algas; e do outro lado, para a banda do mar, as azas esfumadas dos moinhos de vento, girando apressadas... O sol doira agora o morro de Laundas banhando de luz as pequenas capelinhas e o zimbório de tantos campanários como de onde em onde se avistam em terras minhotas ou seus arredores.

E depois, quando a tarde vinha declinando, recolhiamo-nos ao comboio, de regresso...

No scenario da natureza, sempre belo e atraente, colhem-se sempre impressões novas que encantam as almas sonhadoras e quiçá nos fazem por momentos esquecer as torturas do pensamento sempre inquieto, divagando sempre...

Primeiro dia de primavera, 1915.

Aurea Judit Amaral.

Está doente a estremosa mãe da snr.ª D. Amalia Nunes de Souza, em Estarreja.

Tambem se acha encomodada de saude, a snr.ª D. Nazaré Baía da Cruz, esposa do nosso presado assinante do visinho logar de Vila Franca, snr. Luiz Alves da Cruz.

Desejamos as melhoras das enfermas.

CARTA DE COIMBRA

26 — 3 — 915

Reeleição.— Em sessão do Conselho Tecnico da Escola Nacional de Agricultura foi reeleito para a direção dêste estabelecimento de ensino o ilustre professor sr. Antonio Cardoso de Menezes.

Doentes.— Vai em vias de restabelecimento da pertinaz doença que o tem acometido o nosso amigo sr. Antonio Sanhudo, estimado compositor.

— Continúa enfermo o sr. Antonio Viriato Pereira de Moura, secretario interino do Liceu José Falcão.

— Acometido de doença súbita tem estado gravemente doente o antigo e considerado empregado da secretaria da Escola Agricola sr. Antonio Augusto Pinto da Costa, a quem desejamos rapidas melhoras.

Serviços sertanejos. — O formoso lanço de estrada que da Ponte da Portagem conduz a Santa Clara, está sendo orlado de faxas de arame farpado para evitar a descida para as insuas marginaes. Não só o sistema de vedação é improprio de um meio civilisado, como constitue um perigo permanente para os transeuntes e dano para os animaes, sobretudo em dias de feira de 23. Assim observámos já ter ficado uma senhora com um rico vestido de seda inutilisado e um boi que em correria se desviou para o passeio com uma longa farpadela, com prejuiso para a venda. Ao menos um revestimento de arbustos para evitar maiores males.

Panificação.— Em virtude do aumento do preço das farinhas desistiu do fabrico de pão a Fabrica Minerva, de Henrique & Ventura, da rua da Moeda.

Considerações revoltantes. — No Terreiro da Herva ameaça ruina iminente uma casa do sr. dr. Vicente Rocha; na rua do Sargento Mór, outra do sr. dr. Costa Lobo; em frente da Adega Regional, a dois passos da Estação A, no ponto mais concorrido de visitantes, um amontoado de casibeques de madeira, de todas as alturas e tamanhos, das mais variadas epocas, de aspecto mais que repugnante, que pertencem ao sr. dr. Costa Alemão.

Para os tristes mortaes, que da opulencia só conhecem a fava rica, as considerações cifravam-se numa Contra-fé com o mais luzido sequito de alcavalas. Pois considerações deve haver pela vida dos viandantes e pelo aformoseamento dos locaes mais em evidencia, para o bom nome da cidade.

Tourada aos lentes.—Na febre do desalento evoca a minha imaginação a tentativa generosa, duma parte da academia ha anos, de extinguir praxes absurdas, abrir horisontes vastos por sôbre cumeadas luminosas, por onde pudesse expandir-se livremente o ideal do progresso. Assim se ensaiou uma recepção florida aos neófitos universitarios, em que o canelão, as *troupes*, a móca e a tesoira cediam logar ao respeito e á amisade. Sol de pouca dura.

Em nome do século das luzes destruiram-se as cátedras, cravejaram-se de balas quadros que os museus aproveitaram, estilhaçaram-se a dinamite *water-closets*, houve a degolação de inocentes bonecos de pedra, pediu-se a supressão do sapato de fivela, do calção, da capa e batina, reformou-se o ensino na medida de todos os desejos, com cursos livres, exames de estado, etc., etc. Parece-me que a luz, com a vertiginosa velocidade de 300:000 quilometros por segundo, correspondia no progresso academico apenas ao lento caminhar do sapo perante o mais veloz expresso, e que em Março de 1915 tivesse chegado á conquista do Sol a atual mocidade escolar. Desconsoladora evolução na reforma de costumes! Como reaparecem as *velharias*, já condenando hoje o que á batalha conseguiram, já caindo em arcaicos desprimores que por decoro educativo bom era se tivessem de todo olvidado!

— Tomaram posse ha dias das suas cadeiras os srs. drs. Magalhães Colaço e Fezas Vital. Pois a titulo de uma antiga praxe os alunos foram para as aulas com harmonios, bombos, com ditos quixotescos para os seus professores, pegando nêles e assentando-os na cadeira que previamente haviam colocado sobre uma mesa, na rectaguarda da qual estava uma armação de carneiro.

Ora... façam os leitores os comentarios a tal soma de progresso.

Cadeia Nacional.— Para a enfermaria dêste presidio foi transferido da cadeia da comarca, José da Silva Miranda, com indicios de alienação mental. Este preso assassinára a esposa no Porto, em cujo tribunal foi absolvido. De novo julgado em Coimbra, o juri deu o crime como provado.

Pelo tribunal.—Foi condenado em 3 meses de cadeia e quinze dias de multa a 20 centavos, José dos Santos, o «Malicia», pelo crime de roubo e burla. Em dois meses de prisão e dez dias de multa Antonio dos Santos Pereira. E ambos são *santos!*

Em 30 dias de prisão e outros tantos de multa, três leiteiras.

Francisco Pimentel. — Entrou no exercicio das suas funções como escrivão de direito interino êste nosso prestimoso amigo, que em pratica forense é extremamente perito, sendo dotado dum honestissimo caracter, a par de excepcionaes virtudes como extremoso chefe de familia. Francisco Pimentel deu provas já da sua actividade e saber, e quantas vezes de desinteresse material, no logar de solicitador encartado que desempenhou com brio e honradez, creando em cada cliente um amigo dedicado.

Passos de Taveiro. — Entre dois cabos de infantaria 35 e varios populares houve grossa contenda no regresso de Taveiro, de que resultaram ferimentos graves. Milagres de todos os anos.

Dr. Artur Leitão. — Encontra-se nesta cidade êste ilustre medico, denodado defensor dos interesses désta cidade.

Arcebispo da Guarda.—Tem sido muito felicitado no seminario o sr. D. José Alves Matoso. Rendemos o preito da nossa homenagem ao infatigavel trabalhador, que é dotado das mais excelsas virtudes e que ha-de honrar pela sua extrema bondade, prudencia e criterio a Sé da Guarda.

Associamo-nos aos testemunhos de consideração que são devidos a S. Ex.ª.

Castilho.

Idem, 2 — 3 — 915.

Transferencias.—Da estação telegrafo-postal desta cidade foram transferidos para o Porto e Castelo Branco o 1.º e 2.º aspirantes snrs. Domingos Inacio da Silva e Silva Bastos, por estarem inscritos no partido democratico. Poderiam ser retintos monarquicos, que não seriamos nós que os increpariamos desde que fossem, como são, zelosissimos cumpridores dos deveres do seu cargo.

A politica, pelos altos, desvaira. Mais serenidade, porque no *ramo* tudo é sol de pouca dura, com prejuizo apenas para os serviços oficiais. Ha mar tão largo para dar vôos aos interesses primaciais do paiz! A vingança continúa a ser o prazer dos deuses.

Mau caminho. Os nossos pergaminhos d'almas grandes deterioraram-se com o tempo. Pois se na primavera sentimos ainda o regêlo do inverno...

Doente.— Com um ataque de variola recolheu hoje ao leito o nosso estimado amigo snr. dr. Mario Simões. Prontas melhoras.

Professora. —Contratada pelo Colégio Mondego chegou a esta cidade a licenceada pela Universidade de Viena d'Austria, Madame Magda Moravey, que vem dedicar-se ao ensino de Francês, Inglês, Alemão pratico e Piano, realisando na proxima semana nêste estabelecimento de ensino uma conferencia sobre metodos de conversação.

De visita.—Está entre nós o snr. dr. Guilherme Moreira, ministro da justiça.

Missão de estudo. — Esteve nesta cidade o curso de engenharia quimica do Instituto Tecnico de Lisboa, acompanhado pelo snr. Charles Lepierre, seguindo para a Figueira da Foz e Alcobaça.

Excursões.—A classe operaria, a Defeza e propaganda de Coimbra e o Orfeon academico preparam-se para excursão ao norte. Ontem, hoje e amanhã não ha trabalho de *motu proprio*. Cremos que a carestia da vida não é bem o que se diz. Depois temos ai perto a romaria de Santo Antonio dos Olivaes. A politica a meter-se sempre nos assuntos de vida domestica ali pelo Favas, pelo Miguel e pelo Alipio...

Eternas más linguas. Assim se matam as cruas saudades dos tempos.

Bailes. — Vai uma azafama doida em todas as casas de recreio e partes circunjacentes. Palmeiras, heras, flores transpõem essas ruas, dando-nos a impressão da terra dos mais felizes mortais.

Louvado seja para sempre tão bom... humor.

Castilho.

Rancho das Formosas do Mondego

Este simpatico grupo dançante, de Montemór, realisa hoje e amanhã, dois bailes que prometem decorrer com entusiasmo e brilhantismo e para os quaes se ornamentou o celeiro que serve de casa de ensaios ao mesmo grupo, na rua Jorge de Montemór.

SCIENCIAS... OCULTAS

Todos sabem que Alan Kardec foi o Patriarca do Espiritismo, ha mais de meio seculo. De então para cá tem havido apostolos crentes e intrujões gananciosos com o lema de espiritistas convictos.

Ora, debaixo do ponto de vista scientifico, podemos considerar o Espiritismo como uma religião nova (feita de pano velho; a *metempsicose*), ou como uma simples variante dos fenómenos psiquicos: hipnotismo e sugestão.

Analisando o caso por este lado, diremos que realmente se produzem fenómenos extraordinarios, que a sciencia mal explica, como seja a transmissão do pensamento a distancia (telepatia); levitação de corpos; aparição de figuras vaporosas, que se deixam fotografar, etc., etc.

Como religião, o Espiritismo não é menos interessante e digno de nota. Vamos, por isso, dar aos leitores um dialogo travado entre o autor destas linhas e UM MEDICO, de Lisboa. O primeiro duvidando como profano; o segundo esclarecendo, como *irmão*.

1.º

P—¿ O mundo humano tende para a superioridade moral por sucessivas reincarnações?

R—Sim senhor. Uma incarnação só não basta para realisar o aperfeiçoamento espiritual.

2.º

P—¿ As reincarnações têem logar de mundo para mundo, ou de pessoa para pessoa dentro do mesmo mundo?

R—Segundo o Espiritismo, a reincarnação dá-se de corpo para corpo até atingir a evolução necessaria para passar a outro mundo, e assim seguir a sua peregrinação atravez os mundos.

3.º

P—¿ Haverá reincarnações melhores ou piores, conforme o espirito se portou anteriormente noutro corpo? ou só no sentido do aperfeiçoamento da Humanidade?

R—A reincarnação futura será o resultado da incarnação presente, como esta é o resultado da precedente.

4.º

P—¿ Que tempo aproximadamente espera um espirito por nova reincarnação? e de que dependerá a maior ou menor espera?

R—O tempo é indeterminado e o tempo é *nada* no espaço. Depende de mil e uma circunstancias que se conjugam e harmonisam, abreviando ou retardando a nova incarnação.

5.º

P—Estando o nosso espirito (entrando na conta o de pretos selvagens, idiotas, loucos, etc.) sujeito a reincarnações, porque não havemos de crêr que tambem o esteja o espirito do orango-tango e dos outros mamiferos, das aves, dos peixes, dos insectos, dos vermes, dos microbios, da sensitiva, da couve, do cogumelo, etc.?

R—O espirito do homem é sempre de homem, ao passo que o espirito dum elefante ha de ser sempre de elefante, pois decerto não poderá, ao tomar corpo, dar-lhe a este uma nova fórma, que é a exteriorisação da sua superioridade.

(*Continúa*).

Secção de Variedades

SENTENÇAS

A vingança, ainda que agrade ao principio, sobre si mesma recáe amarga.—*Milton.*

O habito não faz o monge, mas o vestido faz a mulher.—*Mery.*

Se não houvesse o ferro, o iman não se voltaria para ele; assim se não houvesse outra vida, os nossos desejos não iriam após déla.—*Ed. Ricker.*

O moinho e o coração humano andam sempre á roda; quando não têm que moer, moem-se a si mesmos.—*Longfellow.*

O homem que nada sabe é um mundo em trevas.—*Vauvenargues.*

A solidão é para o espirito o que a dieta é para o corpo.—Idem.

Quando a ignorancia dá a felicidade, é loucura querer saber.—*Alexandre Pope.*

Desgraçado do homem que não sabe sacrificar uns dias de prazer aos deveres da humanidade. — *Rousseau.*

AOS AGRICULTORES

Estamos entrados na epoca da sementeira da batata, e é de toda a conveniencia que os senhores se não esqueçam dos adubos quimicos e organicos, da acreditada casa *Varela, Leal & C.ª, das Varzeas*, e que se encontram **á venda em casa de Manuel Monteiro Godinho**, com deposito no **Casal do Gaio, Arazêde.**

Poetas e Prosadôres

O BEM E O MAL

Do mundo em plena aurora, e lá no Paraiso,
bela arvore se ostenta:—a do Bem e do Mal...
—Curiosa, a mulher, com seu meigo sorriso,
ao homem—fraco—arrasta... ai! á queda fatal!

Desde então Bem e Mal—a lei no céu diviso—
combatem entre si numa luta mortal!
—se ás vezes vence o Bem, que vezes, indeciso,
é o triunfo seu... ou vencido afinal!...

Pela estrada da Vida, é certo, a humanidade
vai avançando, vai, á doce claridade
da civilisação... da moral de Jesus...

Mas embora,—o Mal vive, e potente, bem forte!
—na Guerra ei-lo, feroz, rugindo:—á morte! á morte!
...vencido o Deus do Bem, que ele prostrou... na cruz!...

Montemór-o-Velho, março de 1915.

J. NEVES.

A ALGUEM

Nós somos o exemplo vivo de todas as outras pessoas pela nossa intima estima e profunda amizade,—embora, de vez em quando, tenhamos as nossas zangas, que são apenas de pequenos momentos.

Todas as inclinações que tenho para a alegria ou para a tristêsa pertencem ás tuas opiniões, porque elas são sempre magnificas. Estar sempre ao pé de ti era o meu perpetuo sonho. As recordações dos felizes momentos que passámos juntas enchem-me o coração de tristêsa!

Se a memoria me não falha, foi num mês de Maio, encantador e florido, que tive a suprema ventura de te conhecer. Estavas tu de visita, na encantadora vila de Estarreja. Lembras-te das amabilidades e considerações que me dispensaste? Não, não lembras, porque isso, alem de ser uma delicadeza, que te é peculiar, era tambem o teu coração que te pedia que fizesses bem e o bem esquece logo que se faz.

..... Foste, agora, passar alguns dias a Lisboa. Quando terei a suprema felicidade de te ver regressar? Ha de ser breve, porque antevi esse dia em sonhos e apoz os sonhos vem a realidade.

Desde que partiste tenho passado os dias sómente pensando em ti! Embora eu me ria, no meio das minhas colegas, este rir consterna! E porquê? Porque me faltas, tu, no meia desta vida; e, sem ti, o ruido de tudo isto se torna para mim em silencio de morte.

Sósinha, no meu gabinete de estudo, ponho-me a pensar.. e, recordo-me de todos os momentos felizes que temos tido. No meio destas recordações, que me fazem tão feliz, passam outras, intimas, ardentes, sensitivas, mas tambem, por vezes, enchem-me o coração de tristeza.

Sinto-me alegre ao lembrar-me das felizes horas que passámos, fazendo-nos *arreliar* mutuamente com coisas sem importancia. E porquê estas *arrelias?* Por teimosia de parte a parte. Mas, essas horas, eram para mim, uma eternidade de ventura. Agora...estamos tão longe!

Meu coração dilacera-se com estes pensamentos e com o pêso da saudade. No meu viver fulgura muitas vezes uma luz de alegria como esses astros que brilham a espaços nos abismos do firmamento.

Só sinto esta alegria quando penso em ti. Tenho saudades tuas!.... Ha cinco dias que partiste! Sabes tu o que é a saudade de cinco dias? Sabes tu o que é passar cinco dias sem falar com a pessoa de quem muito gostamos? Sabes o que é passar a vida a olhar para o espaço ilimitado, para a estrela polar da esperança? E quando, já cançadas de olhar para essa estrela, não se realisam os nossos sonhos? Isto é o mesmo que andarmos a caminhar no meio dum deserto enorme e vermos a nossa salvação tão perto, no meio dum oasis, mas, ao aproximarmo-nos, se conhecemos, cheias de dor, que é uma simples miragem a estrela momentanea que nos iluminava, caimos no abismo.

Eis o que se dá com a tua muito amiguinha durante a tua auzencia desoladora e triste...

Coimbra, 16-3-915.

Amalia Nunes de Sousa.

CAMARA MUNICIPAL

Sessão da Comissão Executiva da Camara Municipal de Montemór-o-Velho, de 13 de março de 1915.

Sendo presentes á sessão os ilustres cidadãos, vereadores vogaes: Monteiro da Costa, Esteves de Barros e Tavares Lebre, sob a presidencia do dr. Simões, secretariado pelo vogal Rodrigues Pato.

Lida e aprovada a acta da sessão anterior.

Disse o presidente que não foi necessario usar da autorisação concedida na ultima sessão para levantamento de 150$00 da Caixa Economica, por não ser necessaria.

Tomou conhecimento do seguinte expediente:

Um oficio da Comissão Executiva da Figueira da Foz, a enviar uma representação dirigida ao ex.mo Ministro do Fomento, a pedir a conclusão da estrada daquela cidade a Mira, e a pedir a esta comissão que a assine, e que depois seja enviada á de Cantanhede para o mesmo fim. A comissão entendeu que tambem era de conveniencia para este concelho e resolveu que o presidente a assine.

Foi presente um requerimento do arrematante do concerto da estrada de Verride a pedir á comissão lhe seja concedido mais 30 dias de prorogação de praso, para o acabamento do trabalho. A comissão, atendendo a que não ha prejuizo, acedeu ao pedido.

O mestre d'obras apresentou varias informações sobre alinhamentos feitos nas diferentes freguesias do concelho, na forma da lei, e varias licenças concedidas de terrenos publicos, para depositos de materiais, pelo tempo indicado nos requerimentos, tambem na forma da lei. O presidente mandou que fossem avisadas as pessoas que tenham de pagar as aquisições de terrenos dos alinhamentos.

Resolveu a comissão oficiar ao snr. Administrador do Concelho, a preguntar qual o estado em que se encontram as execuções movidas contra os diferentes devedores remissos á Camara, cujo relaxe foi para ali enviado no proximo ano findo.

Sob proposta do snr. presidente foi resolvido solicitar da Junta de Paroquia de Tentugal, o recenseamento escolar, ou uma copia dele para servir de base ao processo a instaurar para a creação da escola mixta da Portela.

Resolveu oficiar ao Inspector Escolar a pedir que informe se as contas do Estado com a Instrução Primaria, e nomeadamente as que respeitam a material escolar, já estão fechadas.

Foi presente uma conta do fornecedor do petroleo, relativa ao 1.º trimestre do ano corrente, para a iluminação da escola movel do Moinho da Mata, da freguezia de Montemór. A comissão mandou pagar.

O presidente disse que era de grande conveniencia para os interesses do Municipio que fosse nomeada uma pessoa competente com idoneidade para em Verride fiscalisar as obras da adaptação da Capela de S. Pedro á casa d'escola feminina, e sob proposta do vereador Rodrigues Pato, foi indicado para tal fim o artifice Guilherme dos Santos Pinto.

O guarda Batista, informou que o aqueduto no sitio do Pote, necessita muito de ser reparado. A comissão mandou que se fizesse a reparação.

O mestre d'obras informa que em varias fontes do concelho se praticam varios abuzos pela lavagem de roupas, acontecendo que as aguas são prejudicadas, tanto para as pessôas como para os gados. Foi recomendado aos guardas de policia a maior vigilancia sobre tal assunto, procedendo com o maximo rigor contra os delinquentes, e tambem aos mesmos guardas foi recomendado o cumprimento das posturas, e nomeadamente sobre vadiagem de porcos nas ruas desta vila e mais povoações.

A comissão ordenou ao mestre d'obras, que proceda aos reparos da fonte de Fonterma.

Informou o mesmo empregado que não é necessario desbaste algum nos choupos do Moinho da Mata, como haviam informado a presidencia.

Foi ordenado ao mesmo mestre d'obras que vá examinar a ponte de Fonte Quente, nesta freguezia, porque foi informada a presidencia de que ela precisa de reparos, para evitar despesa maior, e foi-lhe imformado que ha quem ceda gratuitamente a pedra que fôr necessaria para os reparos.

Resolveu pedir á Junta de Paroquia de Tentugal, todo o seu auxilio possivel para o policiamento das fontes da paroquia.

Foi presente o balancete semanal acusando um saldo de 3:900$00 em deposito na Caixa Economica Portugueza, e de 250$74 na Tesouraria do Municipio.

Autorisou-e mandou pagar varias despesas.

Em seguida foi encerrada a sessão.

Está doentinha a mãe da snr.ª D. Assunção de Melo, de Mortagua.

Esta bondosa senhora tambem tem passado um pouco encomodada de saude.

Ardentemente lhes desejamos pronto restabelecimento.

A CAMINHO D'AFRICA

(Impressões)

POR SOBRE AS AGUAS

NOITE DE CONSOADA

(FESTA INTIMA)

IV

A marcha veloz, como a morosidade da camisa de um caracol, que empreendemos desde Lisboa, posto de embarque, até Mossamedes, posto de desembarque, obrigou-nos a que tivessemos ainda de confraternisar a bordo, a noite de consoada.

Evocativa de tantas saudades, tradicionalista de tantos e tão variados modos de a festejar. Ela proporcionou em nós o ensejo desejado, para esquecer e perdoar e ainda como, é seu objéto estreitar, tornar mais intimos entre nós, os laços da amizade.

Meia noite...

E' esta a hora que mais se coaduna pela sua maviosidade serena e calma, com o sentimento daqueles que sabem cantar em estrofes de oiro as alegrias e tristezas dum povo, que sorri ou chora!

Confraternisamos hoje essa noite. *Ela* é inspiradora! *Ela* é alegre! *Ela* é triste!... e é por isso, ainda, que variadas são tambem as lagrimas que banham rostos tão diferentes.

E digo variadas, porque emquanto a Patria é banhada em seu rosto por lagrimas de sangue, vertido das veias de irmãos nossos, o rosto de nossas mães é banhado por lagrimas de amargura, em não poderem estreitar de encontro a seu coração, que nesta hora deve pulsar agitado, os entes queridos a quem deram o ser!

Mas ha mais ainda.

Nesta carreira vertiginosa em que caminho, cego e desvairado, eu não posso deixar de a tornar morosa para me lembrar tambem daqueles que sentem no coração a saudade de esposas amantissimas e de filhos queridos.

Se tivesse, se dado me fosse possuir aqui um *bouquet* de saudades, eu iria pô-lo em sitio tal, que ámanhã, logo de manhã cêdo, as gotas cristalinas do orvalho, que pousassem em suas pétalas, me mostrassem a pureza e candura das lagrimas que esses entes vertem por amôr de nós!

Porém, todas elas se casam em dolente harmonia com o que em nossa alma se passa e sente... E casam-se em dolente harmonia, porque as lagrimas da Patria portuguêsa, são irmãs ternas e afeiçoadas das lagrimas de toda a nossa familia, portuguêsas tambem d'alma e coração!

Mas resta-nos a esperança de que os loiros que havemos de colher no campo da batalha, e com eles a alegria da Patria, de que havemos de ser portadores a nossas familias, hade aumentar em seus corações a alegria de nossa presença e o ardôr de nossos beijos!...

Por isso em festa tão intima e tão familiar como esta em que nos encontramos reunidos, permiti-me que eu, embora descoloridamente, vos lembre que é um dever para com a Patria que nos foi berço e nos saudou ao nascer, o derramar no campo de batalha, para onde caminhamos, a ultima gota de sangue que em nossas veias nos restar, por amôr d'Ela, por amôr de nós e por amôr de todos!

Tambem e com o mesmo amôr, com a mesma ternura, com o mesmo carinho e com o mesmo aféto, permiti-me que faça vossas as minhas palavras e com elas abrace nossas familias que tão longe sentem o negro peso da ausencia ferir-lhe o coração.

Terminando, sómente vos peço, meus amigos, que me acompanheis num brinde que só encerrando em si sinceridade, vá de encontro á alma da Patria que tão ardentemente vamos defender:

—Viva a Patria!
—Viva a Republica!
—Vivam as nossas familias!

Alto Mar (nas alturas de Loanda), 24 | 12 | 914.

Ricardo Fernandes Sardinha.

(*Continúa*).

REGISTO CIVIL DO CONCELHO

Nascimentos

1.ª quinzena de Março

Arazede — João Maria, filho de João de Oliveira e de Maria da Silva.

Herminia, filha de Manuel Teixeira Antunes e de Ana Domingues.

Natalia, filha de Manuel Teixeira e de Albertina Marques Diniz.

Antonio, filho de Francisco Marques e de Joaquina Cardosa.

Conceição, filha de Alberto Borges Tavares e de D. Maria Emilia da Silva Ferrão Tavares.

Delminda, filha de Augusto Simões Matias e de Joaquina Cardosa.

Antonio, filho de Joaquim da Costa Junior e de Ana Jorge.

Maria da Gloria, filha de Abel Mendes Nogueira e de Maria de Jesus.

Maria da Ascenção, filha de Anibal da Silva Monteiro e de Maria da Nazaré Monteiro.

Henrique, filho de Alberto da Silva Saltão e de Luiza da Cruz.

Carapinheira — Carmina, filha de Antonio Rama Faria e de Maria Rama.

Antonio, filho de José de Oliveira Paulino e de Amelia da Assunção Benta.

Antonio Bazilio, filho de Maria Correia Pires.

José, filho de Joaquim Gonçalves e de Maria de Nazaré Fonseca.

Gatões — Jesuina, filha de José Dias e de Ana Mendes Pereira.

Liceia — Manuel, filho de Antonio Pereira de Lima e de Maria Rosa Madalena de São José.

Herminia, filha de Antonio d'Oliveira Paulino e de Luiza da Conceição.

Gracinda, filha de Joaquim Fernandes Pelicho e de Joaquina Jorge.

Manuel Augusto, filho de Manuel Maria Cabete e de Maria Rodrigues.

Means — Nazaré, filha de Joaquim Lopes e de Joaquina Gomes Correa.

Joaquim Maria, filho de José Gomes Lavrador e de Maria dos Reis.

Joaquim, filho de Antonio de Souza Abrunheiro e de Ana dos Reis.

Montemór — Maria, filha de Antonio de Jesus Carvalho e de Laura Correia d'Oliveira.

Ataíde, filho de Manuel Antonio dos Louros e de Maria Bernardes.

Elisio, filho de Manuel Antonio dos Louros e de Maria Bernardes.

Pereira — Raul, filho de Nicolau Pereira e de Conceição Simões.

Maria da Purificação, filha de Antonio Figo, de Gois, e de Encarnação Lopes, nasceu no hospital de Coimbra

Antonio, filho de Cesar Geraldo e de Emilia Palheiro.

Alcina, filha de Antonio Ferreira d'Almeida e de Maria Carrua Bessa.

Reveles — Alda, filha de Antonio Cantante e de Olimpia Marques Martinho.

Carlos, filho de José Rodrigues Pato e de Maria Adelaide Coelho.

Seixo — Manuel, filho de João Dias Mendes e de Ana Pereira.

Maria da Luz, filha de Antonio Gomes Cavaleiro e de Maria Joaquina.

José Maria, filho de Joaquim Santos e de Maria José Rama.

Tentugal — Manuel, filho de José Moita e de Joaquina Vitoria.

Maria Amelia, filha de Julio Monteiro Pedreiro e de Maria da Conceição Salgado.

Antonio, filho de João Mendes Laranjeiro e de Maria Craveira.

Maria da Conceição, filha de Francisco Tinoco e de Maria Craveira.

Verride — Antonio, filho de Antonio Gomes Duarte e de Clarinda Carvalho.

Augusto, filho de Joaquim da Silva Lavado e de Ermelinda dos Santos Simões.

Obitos

1.ª quinzena de Março

Arazede — Maria da Conceição Cardosa, casada, 91 anos, falecida no Tojeiro.

Conceição Ferrão Tavares, treze horas, falecida em Vila Franca.

Joaquim de Oliveira, solteiro, 68 anos, falecido em Bizarros.

José Mendes, 5 anos, falecido na Bunhosa.

Antonio Teixeira, casado, 80 anos, falecido em Arazede.

Liceia — Manuel Jorge Batata, solteiro, 16 anos, falecido no Pisão.

Means — José da Silva Alho, viuvo, 70 anos, falecido no Casal Novo.

Pereira — Manuel Pereira Francisco, viuvo, 70 anos, falecido em Casaes Velhos.

Maria Vasques Quinteira, solteira, 65 anos, falecida em Pereira.

Tereza Torres, casada, 41 anos, falecida em Tôrre.

Reveles — Maria do Céu, 2 meses, falecida no Carril.

Santo Varão — Manuel Maria Faina, solteiro, 34 anos, falecido em Formozelha.

Maria Ribeiro, viuva, de 78 anos, falecida em Formozelha.

Tentugal — Luiza Varela, casada, 66 anos, falecida em Morraçã.

Maria José Varela da Silva, viuva, 75 anos, falecida em Portela.

Ermelinda Pereira Batista, solteira, 17 anos, falecida em Tentugal.

Verride — Maria do Rosario Pereira Gaspar, viuva, 70 anos, falecida em Verride.

AGUA DE LUSO -- Cura pela Diurése

(ESTABELECIMENTO TERMAL E HOTEIS ABÉRTOS TODO O ANO)

A mais diurética e mais digestiva. Aumenta a diurése, regularisa as funções digestivas e ativa os fenómenos nutritivo

Muito radioativa—4,49 miligramas—minutos
Muito ionisada, resistividade a 18° 18300 ohms
Muito rica em gazes raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotonica, ponto criospico 0°,04
} Conclusões da analise feita pelos distintos professores Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitissimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tifico

USO EXTERNO—Molestias de pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc,), reumatismo e gôta.
USO INTERNO—Artritismo, impaludismo, neurastenia—Albuminuria, diabetes—Intestinos, estomago—Rins—Bexiga.

Depositos -- **LISBOA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros, 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 428. FUNCHAL, José Quirino de Castro, rua dos Murças. AFRICA ORIENTAL: Oswald Offmann. BEIRA: F. L. Simões & C.ª. LOANDA: Beltrão, Pena & C.ª**, e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositarios nas terras onde ainda os não haja.

Seguros contra incendio — incluindo riscos de explosão de gaz e raio.

Seguros contra incendio — cobrindo tambem os riscos de *Greves* ou *Tumultos* (portaria de 14 de Março de 1914).

Seguros contra incendio — cobrindo ainda os riscos de *Guerra* (portaria, 30—XI—1914).

Unica companhia autorisada a segurar os riscos de Guerra nas apolices Incendio

As apolices d'A MUNDIAL são portanto as que mais conveem aos interesses dos proprietarios, locatarios, industriais, comerciantes, etc.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital Esc. 500.000$

Séde em Lisboa
Rua Garrett, 95
Telephone n.º 4084

Delegação do PORTO
Praça Almeida Garrett 22|24
Telephone n.º 1459

ENDEREÇO TELEGRAPHICO—**MUNDIAL**

Agentes em todas as localidades do paiz ilhas e colonias

Livraria e Tabacaria Cunha

Livraria Moderna e Tabacaria Augusto Henriques (reunidas)

Alberto Gonçalves Cunha

150, Rua Ferreira Borges—COIMBRA

TELEFONE N.º 293

LOTARIAS—Bilhetes, suas fracções e cautelas. Variada série de numeros certos.—Premios frequentes.
TABACOS—Nacionais e estrangeiros. As melhores marcas de cigarros e charutos.—Todos os artigos para fumadores.
POSTAIS ILUSTRADOS—Sempre as ultimas novidades em todos os generos.—Bilhetes de visita, impressão rapida.
PAPELARIA—Finissimos papeis de carta em caixas aos cadernos.—Objectos para escritorio e desenho.
LIVRARIA—Nacional e estrangeira, Revistas, Publicações.—Figurinos.—Musicas.

Livros usados, antigos ou modernos, em qualquer estado, em grandes ou pequenas quantidades, compra em qualquer parte.

Passagens para o Brazil e Africa

José de Almeida

Negociante nas Pontes de Cadima, concelho de Cantanhede, e correspondente de todas as Companhias de navegação

Faz constar que vende passagens para todos os portos do BRAZIL, AFRICA, etc., a preços reduzidos, para o que está legalmente habilitado.

A sua vida de seriedade e honestidade são garantia segura para que os que desejam comprar passagens o procurem de preferencia a qualquer outro.

Guilherme dos Santos Pinto & Irmão

COM

OFICINA DE CANTEIRO

Encarregam-se de jazigos de toda a especie e todo o serviço concernente á sua arte.

Tambem executam todos os trabalhos que digam respeito a *Plantas, Alçados, Copias, Projectos e orçamentos de edificios, edificações, etc.*

Montemór-o-Velho=Verride

Restaurante Ferro-viario ALFARELOS

ESTE bufete, um dos que melhor servem o publico que transita nos comboios, acha-se situado na estação do caminho de ferro de Alfarelos. Fornece almoços, jantares e *lunchs* e toda a qualidade de refeições, por preços comodos.
Tem pessoal habilitado, tanto em cosinha como em sala de mesa.
Tudo se encontra com esmero e perfeição.
Fornece comida para fóra, e presta se a servir em casamentos, batisados, etc., desde que seja prevenido com antecipação.

O proprietario, **Artur de Oliveira Coelho.**

Companhia de Seguros A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz
Antonio d'Oliveira Guerra
RUA DA REPUBLICA, 84

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima—Vila Nova d'Outil

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legitimos acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de fórma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamavel, isca em cordão vendida fraudulentamente a titulo de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva acção civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa ao Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalisação para procederem ás necessarias diligencias. Dirigir-se pessoalmente ou por carta á Companhia Portuguêsa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS

MELO & MARTINS

PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada

PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiencia dos nossos adubos, devido ao seu magnifico resultado os adoptarão de preferencia a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS

Pampilhosa do Botão

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro

PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex.mos passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.

Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA

Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.

PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações

Deposito das afamadas aguas de Luso.

Hotel de la Paix

JEAN OZUN

Situado num dos pontos mais centrais da capital, belas vistas sobre o Rocio, é um dos modernos hoteis que mais comodidades oferece.

Bom serviço de cosinha á franceza

Almoços, 60 centavos. — Jantares, 80 centavos. — Serviço á lista.

3 Calçada do Duque, 3 — **Lisboa**

Fabrica de Lanificios

— DE —

MANOEL JERONIMO DE MATOS

COVILHÃ

Fornecedor da caixa de socorros dos empregados da Companhia Portuguesa

Esta fabrica, uma das mais acreditadas da Provincia da Beira Baixa, fornece, por preços convidativos, especialmente a particulares do continente e ilhas, os melhores produtos da sua fabricação, tais como casimiras, cheviotes e estambres, empregando materia prima de primeira qualidade, esmerando-se quanto possivel na sua execução e adotando os melhores padrões e côres que a moda impõe nos centros elegantes estrangeiros.

Envia amostras para todos os pontos, para o que bastará o pedido feito num simples postal.

Pedidos a

Manoel Jeronimo de Matos--Covilhã

Biblioteca da Universidade
Coimbra

Ano 4.° Arazêde, 11 de Abril de 1915 N.° 164

Director, administrador e editor
J. d'Almeida Junior

Representantes em muitas terras do país, Africa e Brazil

PROPRIEDADE DA DIRECÇÃO

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguêsa

Pátria e Humanidade

Redação e Administração
ARAZEDE

Toda a correspondencia relativa a este jornal, deve ser dirigida ao Director, para Coimbra

Composição e Impressão
Tip. Silva (a vapor)—AVEIRO

Prevenimos os nossos assinantes da freguesia de Arazêde, de que vamos mandar-lhes avisos indicando a importancia que devem mandar satisfazer no estabelecimento comercial do snr. Ismael da Cruz, pois o pagamento deve sempre ser feito com alguns mezes de adiantamento, para bôa marcha dos serviços administrativos deste jornal.

Tambem podem pagar a qualquer dos nossos estimados amigos, snrs. Alfredo Ferrão ou Coca Junior.

A fome alastra

Vão tendo repercussão em toda a Europa os clamores originados pela fôme. Portugal atravessa neste momento uma crise de conforto estomacal verdadeiramente extraordinaria. Os operarios sem trabalho, ou os que, trabalhando, mal ganham para prover á sustentação da familia, de ha muito que se vinham movimentando, com conhecimento de todos os governos da Republica, que, diga-se em abono da verdade, têm descurado um pouco o magno problema da vida economica do povo, para se entregarem lamentavelmente a contendas de caracter politico dum partidarismo doentio e por isso mesmo imensamente comprometedor do brio nacional e da estabilidade da propria Republica.

Por toda a parte a questão predominante, agora, é a carestia da vida. E um estomago com fome, ninguem o ignora, é capaz de cometimentos imponderados que levam á pratica do crime, á pratica de todas as baixezas, de todas as provocações de ordem social e colectiva, baixezas e provocações para cuja responsabilidade muito contribue quem de resolver o assunto não trata, quem, a coisas désta natureza, não liga a importancia maxima e a maxima ponderação e reflexão.

A propaganda revolucionaria faz-se, por meio do planfleto clandestino, da conferencia capciosa, do jornalismo arteiro, manhôso e vestido com habito azulado da legalidade; os espiritos revoltam-se com a desproporção de haveres, com a diferença enorme de salarios e situação financeira; e depois, porque tudo contribue para a derruição da obra das instituições vigentes, quando o mal fôr incuravel, não nos preocupará que todos apertem as mãos na cabeça, pasmados, atónitos de surpreza, vergados ao duro pezo das responsabilidades tremendas, das tremendas cogitações e embaraços.

Em principio, quando começou a acentuar-se a elevação nos preços das substancias alimenticias indispensaveis á vida, foi decretada a proibição do aumento do preço do assucar e dos ovos. Todos os outros generos alimenticios passaram sem reparo, tais como o milho, o feijão, etc., como se a alimentação publica derivasse sómente do assucar e dos ovos.

Agora, já um pouco tarde, lá vêmos que o governo fez baixar o preço do milho e do feijão, proibindo o açambarcamento. Com efeito a medida foi excelente como medida governativa e de economia para as classes necessitadas, que têm nestes dois generos alimenticios a sua razão de existir e de sustento.

Prejudicaram-se os grandes armazenadores?

Que importa o prejuizo de meia duzia de contos a quem, á custa da magra bolsa popular, tem enriquecido?

Atenda-se ao povo, ao pobre povo que trabalha e não póde morrer de fome, e assim se prestará um ótimo serviço aos desgraçados e se contribuirá profiquamente para a prosperidade da raça.

E' esta a verdadeira politica, a politica que deve seguir um governo que deseja ter as simpatias populares.

Almeida Junior.

Triste infamia

Poderá haver quem goste de presenciar o estelhaçamento de braços, o esfacelamento de craneos, a derruição de monumentos causados pela explosão de bombas lançadas por dinamitistas sanguinarios e revoltados!

Poderá existir quem, tendo uma alma de chacal, se compraza com a desgraça alheia, com a martirisação do semelhante, com a sua agonia lenta ou a sua morte instantanea. E' uma questão de sentimento.

Ainda não ha muitas horas que acabámos de presenciar essa aberração psicologica, em varios individuos.

Na capital do distrito, naquela Coimbra de tão amorosas recordações, lançaram uma dessas bombas assassinas sobre um dos seus monumentos historicos invocadores das mais gloriosas tradições do passado.

Quizeram demolir uma preciosidade, sem respeito algum por Portugal que, na Igreja de Santa Cruz, possue uma das suas melhores obras d'arte, sem falar nos restos mortais de Afonso Henriques, Sancho I, etc., que lá repousam desde seculos para admiração do pôvo que se embriaga no oiro fulvo das paginas sacrossantas da sua brilhante historia.

A raça portuguêsa parece declinar no ocaso do altruismo e da abnegação. Já não ha a coragem dos antepassados: ha apenas a cobardia e o cinismo a manchar o *presente*, que devia ser de reconciliação e positivismo, ao menos para encobrir tanto dispauterio e tanta perversidade.

E nós olhámos, com tristeza infinita, para as manchas negras, cinistras, deixadas pela bomba que explodiu á porta da Igreja de Santa Cruz de Coimbra.

Na nossa alma existe ainda, não a repulsa, que é propria de caratéres ambiguos, mas a comiseração pelo autor de tamanho atentado.

Que essa criatura degenerada deve merecer mais o nosso dó que o nosso ódio...

SEMANA SANTA

Ainda que muito ligeiramente, vamos dar-lhes umas notas sobre o que foram as ceremonias da Semana Santa realisadas em Montemór, nos dias de quinta e sexta-feira da penultima semana, e que o *Dever* noticiou, sentindo que a falta de tempo nos não permita ser mais extenso.

Seguindo-se á risca o seu programa, elas fôram revestidas com todo o luzimento e solenidade dos mais anos, deixando as mais lisonjeiras impressões no espirito dos crentes que a elas assistiram.

A musica do côro, regida pela habil batuta do snr. Benedito Galvão de Carvalho, esteve primorosa de harmonia e execução, sem que, do principio ao fim, se notasse a mais pequena desafinação, quer nas vozes, quer nos instrumentos, tornando-se, assim, alvo de calorosos elogios.

Esteve realmente um côro digno de aparceirar-se e comparar-se com os melhores que em Montemór se teem ouvido.

Como este, a Filarmonica 25 de Setembro, apesar de se encontrar um pouco desorganisada, sem ter ensaios ha bastante tempo, devido á falta de brio, união e vontade dos seus membros, tambem se desempenhou na procissão do Enterro, por fórma a honrar sobejamente os seus antigos creditos, tocando sempre muito afinadinha e harmoniosa, sob a habil regencia do snr. Filipe José da Cruz, de Coimbra, o qual, por especial deferencia e simpatia, lhe quiz prestar esse obsequio. Este senhor, que é um professor de musica muito inteligente, segundo nos informam, foi o que no côro desempenhou a parte do orgão.

No proximo numero daremos um resumo das predicas, que foram distintas, se o espaço nos não falhar.

A ambição!

Apezar dos factos que diariamente se estão dando, ocasionando mortes, ferimentos, um mal-estar latente e perigosissimo, persistem vários colegas em não quererem ver a verdade em toda a sua nudez. Não é o pessimismo que de tal maneira nos faz expressar: é o receio que temos de que, por causa dos erros e do ódio dos homens, se torna periclitante a estabilidade do regime e que se comprometa a nossa independencia de povo autonomo.

Veja o leitor o que vae por esse país fóra.

Mortes em Caldas da Rainha, por causa da politica, assaltos ao semilhante, em varias terras da provincia, o desassocego manifesto por toda a parte, e não querem que nós vejâmos as coisas atravez dum prisma de duvidas e incertezas.

Sim; não podemos deixar de estremecer de horror ao presenciar tamanhas calamidades.

Apregôa-se que a Republica não foi ainda proclamada, como que se o sangue jorrado não fosse já o suficiente para fecundar a sementeira e fazer germinar a obra da Democracia! As coisas, mal aproveitadas, não podem frutificar de forma alguma.

O *Temps* fala, quer a paz e a harmonia, defende os direitos de Portugal, assevera que não ha perigo de maior.

Assim seja. O que diz o *Temps*, pela pena de algum português embriagado com os loiros da vitoria, não o podemos dizer nós, que vemos todos os dias as lutas dos partidos pondo de lado interesses da colétividade e a solução dos mais rudimentares problemas da governação do estado.

Quando isto tiver fim, um dia que se reflita, ver-se-á então quem falava com acerto e com criterio.

Maldita paixão politica, prejudicial setarismo que não deixa descortinar aos homens senão o seu *eu* e os interesses inconfessaveis das suas clientelas e dos seus *idolos* sem idial e sem desinteresse.

A ambição!...

"GLYCINIAS,,

Recebemos o primeiro numero desta elegante revista de literatura e artes, de que são directores os snrs. Antonio G. Bastos e o nosso colaborador Armando Duarte. Apresenta-se primorosamente impressa, sobresaindo um erudito artigo da nossa talentosa companheira de redação, snr.ª D. Aurea Judit Amaral. Publica-se no Porto. Felicidades e prosperidades é o que o *Dever* deseja, saudando o novo colega.

Explicação necessaria

A vida é cheia de surprezas, de imprevistos desgostos.

Assim, o numero passado do nosso jornal foi distribuido com dois dias de atrazo.

A culpa, leitores amigos, não foi nossa nem da tipografia.

Todos cumprimos, pontualmente, a ingrata missão das nossas obrigações.

Os empregados do correio, de serviço na ambulancia da madrugada de sabado, porém, entenderam que a esplendida cidade de Aveiro se havia passado para a capital do norte, e levaram para o Porto a carta destinada á tipografia, e na qual remetiamos as cintas para a distribuição.

Comtudo, a compensar o nosso sofrimento, vieram, na terça-feira, varias cartas de amigos certos, escritas antes da chegada do *Dever*, perguntando qual o motivo da não saída do jornal.

Aqui lh'o deixamos explicado, agradecendo aos nossos amigos, especialmente a J. Neves e Moura, de Montemór, e Faria de Castro, de S. João do Campo, as cativantes palavras que nos dirigem.

"Defeza de Mira,,

Passou no dia 4 o seu primeiro aniversario este presado confrade da vila de Mira, de que é director o snr. dr. Elias Gordilho, que lhe tem sabido imprimir um caracter de correção e independencia bastante honrosa.

O numero comemorativo é ilustrado.

Felicitamos cordialmente o seu director e nosso amigo.

Excursão, de Sant'Ana a Montemór

Não tendo podido fazer-se no mez proximo passado, em virtude do tempo borrascoso e mau que se apresentou no dia que para ela se tinha designado, parece que é no dia 18 do corrente que a filarmonica de Sant'-Ana realisa a sua prometida excursão a Montemór e na qual tomarão tambem parte os mancebos da instrução militar preparatoria da mesma localidade.

Sendo verdade, é de esperar que o povo de Montemór receba os excursionistas com todas as demonstrações de carinho e simpatia proprias do seu espirito generoso e hospitaleiro.

E se viessem, depois, a Arazêde? Aqui tambem ha gente... hospitaleira.

Por falta de espaço retirámos, á ultima hora, noticias e colaboração importante.

Poetas e Prosadôres

PAZ!

Um sorriso de Deus—o entreabrir das flôres,
perfumando o espaço azul e oiro—de abril!
—a arvore e a flôr, trajando lindas côres,
gratas á vida nova, o saudam, gentil!

E' bela, encantadora, a quadra dos amôres;
mas ha bem pouco ainda o feio Inverno, hostil,
calca o dominio seu, cercado de esplendores,
e afoga, arrasta, açoita a terra, em furia vil!...

Tudo revolto, tudo!...—ausente a paz bemdita:
além, guerra cruel, assassina, maldita!
aqui, os temporais... a causar pena e dôr!...

Tempo bom!—vinde, vinde acalentar a Vida;
lagrimas enxugai, que a fome é já sentida!
—A' Natureza, paz!—paz aos homens, Senhor!...

Montemór-o-Velho, abril de 1915.

J. NEVES.

FREI DOUTO

(LENDA ANTIGA)

Entre rimas de livros volumosos e em desordem, Frei Douto, alheio ao mundo exterior, seguia atento o pergaminho dum manuscrito que desenrolava vagarosamente. Era um estudioso. O seu nome andava nos labios do povo, com fama de santo, e no dos letrados, com culto de sabio. Envolto no burel negro do habito, ele passava a vida no oratorio, orando humilde, e junto aos livros, na grandiosa biblioteca do convento, estudando, analisando, filosofando... Sabio e velho...

A longa barba branca caía-lhe sobre o peito largo, como um fróco de neve, a sua mão tremia um pouco quando transmitia os seus pensamentos ao papel, um tremor continuo, moderava-lhe a voz quando falava; mas dos seus olhos brilhantes saiam clarões de inteligencia, dos seus labios tremulos jorravam torrentes de luz. Chispava talento da sua oratoria convincente, ungida de crença, perene de piedosa convicção, cheia de eloquencia religiosa e verdadeira fé; e na comunidade, desde o superior austero ao mais humilde leigo, todos o admiram na sua erudição e o imitavam no seu exemplo. Era imponente, magestatica a sua figura simples, quando em rasgos oratorios, defendia a fé. Parecia crescer e ficar suspensa no espaço quando pretendia chamar á sua crença arreigada, os dúbios e os indiferentes. E conseguia-o; a catequese era frutuosa porque o exemplo era fortificante e a doçura dos argumentos inebriava os corações.

Nesse dia, antes de sentar-se no seu logar predilecto—entre os livros — ele prégara eloquente sobre um têma soberbo—a caridade. Dos seus labios tinham saido jorros de perolas que comoveram a assistencia numerosa, onde os altos representantes da nobreza e os nobres cultores das letras abundavam, atraidos pelo brilho inexcedivel e sempre crescente da magia da sua palavra. O assombro percorrera, como um fremito delicioso, o auditorio atento que, com interjeições de pasmo, exteriorisava, recatadamente, a sua impressão. Não eram labios humanos os que assim se exprimiam?! Sim, mas o verbo era divino. De certo a inspiração celeste tocara a Frei Douto com a sua branca aza para que as suas orações sagradas se saissem assim, tão cheias de fé ardente, tão abundantes de divinal eloquencia!

Todos os corações tinham sido tocados pelas suas maximas arrebatadoras e sublimes, instruindo e convertendo. A oração, naquele dia, ultrapassara o que de mais famoso se tinha pronunciado naquele templo; a vertigem do assombro palpitara no coração do auditorio e o povo rude e simples, não atingindo as subtilezas profundas da arte da palavra, murmurava convicto:

—E' um santo!

Frei Douto sorrira, quando ao seu conhecimento da impressão do publico maravilhado. Era um sorriso enigmatico, inexprimivel, em que se não poderia lêr nem a candura nem a perversidade; um destes sorrisos intraduziveis que produzem um mixto de temor e de respeito, de bem estar e de alegria d'alma. Sorrira assim num momento soléne, duma vez que lhe noticiavam a sua fama de eleito do ceu. Ele tomára o facto para têma da sua primeira homilia, e, esquecendo na céla de penitente a modestia com que deveria encobrir-se, confessára que o olhar de Deus se fixára nele, apoz muitos jejuns e muita penitencia, muita devoção e muito sacrificio; que rasgára a carne, brandindo os cilicios e repousára o corpo em cama de tojos, pedindo em orações mais tortura em troca de clemencia para o mundo pecador e mau.

Ouviram os fieis o discurso extranho, não ousando comenta-lo, sequer. Ignorando as subtilezas da oratoria, submetendo-se á fama que honrava o convento, por abrigar numa das suas célas aquele homem extraordinario, eles calaram uma duvida, eles não formularam uma interrogação... E o respeito, a admiração, o assombro, retomaram o seu logar antigo no coração e na alma da comunidade inteira, ao encontrarem-no, cheio de fé ardente, de piedade sacrosanta, beijando a terra e soltando queixumes, horas inteiras, na fria solidão da extensa egreja.

* * *

Depois de ter, novamente, despertado o assombro com a sua extraordinaria oração sobre a caridade, ele voltava para o seu logar, entre os livros e os pergaminhos, e embrenhára-se atentamente na decifração dum manuscrito antigo, desenrolando-o com vagar, á medida que o seu trabalho ia avançando.

Por vezes o seu espirito voava novamente para o pulpito, donde ainda havia pouco tempo ele se dirigira aos fieis, e o seu rosto sorria á lembrança do sucesso que causara e ao recordar a multidão que se aglomerara para ouvir a sua palavra. Além, á gradaria da capela-mór, ele presenceava a multidão escolhida—a nobreza de sangue e a aristocracia das letras; mais em baixo, destacando-se a burguezia rubicunda e o capital imponente, envoltos no populacho, sem pragmaticas, ávido dos melhores logares. E toda a multidão atenta, boquiaberta, sustendo a respiração, suspensa da sua palavra! Revia os olhares de assombro, os géstos de aprovação, a serenidade imponente daquela massa heterogenea que se acumulava no templo pretendendo escutar ávidamente o seu verbo, e sorria ao adivinhar os comentarios que se fariam, pretendendo, decerto, tecer-lhe uma corôa de louros que o proclamava mestre na oratoria, impecavel e divino. Sonhava... sonhava.

A porta da livraria abriu-se de mansinho, como de per si. Frei Douto, não ouviu porque continuou no seu sonho de gloria. Alguem se aproximava a passos lentos, austero, magestatico, mas sem fazer ruido, como se os pés não tocassem no chão, quando Frei Douto despertou, surpreendido, ao olhar um pobre mendigo, silencioso e triste, que o encarava com um olhar dôce e sereno. Quasi colérico, impaciente, chispando raios de indignação que mais trémula lhe tornava a voz, levantou-se arrebatado e perguntou com aspereza:

—Que desejais, irmão? Esmola, não é verdade? E viésteis interromper-me quando eu compunha uma das minhas mais formosas orações! Bárbaro! Como penetrasteis aqui, como? Sois mendigo ou... que sois?! Não sabeis que o caldo e o pão do convento se distribuem na portaria, á hora do jantar? Retirai-vos! Retirai-vos!

O pobresinho continuou a olha-lo sereno e dôce, ergueu o braço ao ceu, e apoz uns momentos de silencio, disse com a voz sempre melodiosa e pausada:

—Meu pobre filho! Vim prescutar a tua alma, vim lêr no teu coração. Sabes que podem enganar-se os homens; mas a Deus é que se não engana! Sou o rebate da tua consciencia!...

Um clarão, como o do sol, iluminou toda a sala, emquanto o vestuario andrajoso do mendigo se convertia numa veste sumptuosa, de ouro e sêda, donde irradiavam aurifulgencias. Cantos sacros voaram do espaço e a figura magestatica e soléne do Nazarêno, evolou-se e desapareceu.

De fóra vinham as vibrações dos sinos e dos orgãos tocados por mãos invisiveis e na abobada do templo resoavam ainda os canticos sagrados, num côro de vozes inumeras...

A comunidade, sobresaltada, atraída pela inefável harmonia, acorrêra á biblioteca. Frei Douto, como que fulminado, pálido e de feições descompostas, jazia no sólo; e, ao voltar a si, fixando a comunidade que o olhava surpreza, de braços em cruz, bradou em grita estridente:

—Afastai-vos de mim, irmãos! Sou um réprobo!

E desmaiou novamente.

O sino, agora, dobrava a finados, vagarosamente, tristemente...

. . . . . .

Vagueia... Rasteja, agora, entre as urzes da serrania, um ente que chora e grita, doloroso. Tem o covil debaixo duma fraga e serve-lhe de cama um monte de ponteagudos tojos. De noite, ouvem-se orações de desespero e préces contritas de angustia. Frei Douto, impenitente, confessa o seu remorso e suplica indulgencia para a sua hipocrisia tremenda...

Novembro, 1914.

M. Duarte Lopes.

ROSA DE JERICÓ

Há aproximadamente 15 anos uma pessoa de minha familia estava para dar á luz.

Uma mulherzinha, tomando a si o simpático papel de mensageira do bem, entrou pela porta dentro, levando na mão direita um objecto, a que ela chamava rosa santa, ou coisa que o valha, mas que nada se parecia com uma rosa, antes se assemelhava perfeitamente a uns gravetos de urze, entrelaçados numa das extremidades dum graveto maior.

Disse-me a boa da mulherzinha, que felizmente ainda vive, que aquela *rosa*, colocada num copo com agua, abria; e, abrindo, era certo que o parto seria feliz.

A operação era facil; e, como poderia influir beneficamente por sugestão, não houve duvida em seguir as determinações da boa mulher.

Como em ditos populares e contos lendarios há sempre alguma coisa de verdade, eu desejava analisar o caso para fazer uma ideia aproximada do fenómeno. Mas, ou porque a agua fosse pouca, ou porque fosse muito fria, ou porque a atmosfera estivesse sêca, o que é certo é que eu não notei qualquer modificação no volume ou fórma do objecto referido. A mulherzinha afirmou que sim.

De quem partiu o engano não sei eu; o que sei é que, depois, tratei de indagar a causa do fenómeno, a origem do objecto, etc., etc. E nada consegui descobrir. Mas ha pouco tempo, inopinadamente e com facilidade cheguei a saber o que então desejava profundar.

E, como não sou egoista, destas coisas, ofereço aos leitores deste jornal o que apurei saber.

* * *

«Rosa de Jericó».—A planta que assim denominam, nem é rosa nem de Jericó, nem tem a propriedade que lhe atribuem, de abrir em a noite de Natal e conservar-se aberta até o dia da Purificação. E' uma especie de arbusto que não nasce em Jericó (Palestina) nem em seus contornos, mas na Arábia deserta, e com suas ramas duras e ligneas se compõem em figura de ramilhetes. A propriedade que tem é que com a humidade se abre e com a sequidão fecha; portanto é um excelente higrometro natural.

Alguma vez que o tempo começasse a humedecer em a noite de Natal, continuando assim até o dia da Purificação, abrindo a chamada rosa, daria logar ao erro comum, que mencionamos, de que sempre acontece o mesmo. Pondo-a em agua, especialmente, nunca deixa de abrir.

O uso em que a empregam as mulheres proximo do parto é ridiculo e supersticioso.

Que este arbusto só nasce na Arabia deserta assevera João Ruy no tomo II da historia das plantas, e o confirmam algumas relações.

Feijó.—Teatro crit., tomo II.

P. de C.

O estudante snr. Antonio Monteiro, de Montemór-o-Velho, atropelou ha dias, com uma motocicleta, em Coimbra, no Largo da Portagem, uma criança, filha de Antonio dos Santos Maria, sapateiro no Alto de Santa Clara. O snr. Monteiro prestou-se a pagar todos os curativos resultantes do desastre, de que ele não teve culpa, pelo que procedimento algum judicial contra ele se moveu.

As cartas duma infeliz

MEU CARO LEOPOLDO:

Tenho estado muito doente. A Pascoa, que para muitos terá sido um dia de sorrisos e felicidades, foi, para mim, de inexoraveis amarguras!

Na manhã desse dia biblico, mal o sol, pondo na terra laivos de oiro e envolvendo de luz as florestas e as montanhas, se erguia de mansinho do seu leito de escuridão e tristezas, já eu resava, com minha mãe, sentada na minha cama de enferma, as orações do costume.

Até o tempo, de vendavais fustigadores, como ha muito me não lembra de haver, concorre para o agravamento dos meus males. Nem dá saude ao corpo, martirisado da doença, nem ao espirito, cansado já de voejar idealisantemente, por regiões desconhecidas onde fosse procurar a paz, a tranquilidade, a saciação da sêde devoradora de dias mais socegados e venturosos.

Recebi a tua carta e o *bouquet* de violetas que remeteste. Algumas vinham já murchas, desbotadas, sem aroma, lembrando a tunica simbólica do Senhor dos Passos da Graça.

Tu lembras-te, Leopoldo, do Senhor dos Passos da Graça? Foi lá que nos conhecemos.

O teu cabelo, iluminado pelo reflexo do sol que áquela hora do dia se coava atravez dos vidros vermelhos da janela do nascente, pareceu-me, á primeira vista, todo manchado de sangue. Até me assustei. Tu olhaste-me, viraste a fronte para o chão e sorriste. Desde então nunca mais te perdi de vista. A' saída da igreja, tinhas na mão um lirio roxo e, na lapéla, um *bouquet* de violetas.

Lembro-me, Leopoldo, se serão as mesmas que ha pouco recebi sem frescura, quasi sem côr, desbotadas, lembrando a côr simbólica da túnica do Senhor dos Passos da Graça.

A vida, pesadelo eterno para os tristes, é para muitos delicias sem fim, um enorme mar de amôr e de sorrisos.

Pelos poucos momentos de alegria que me tem sido dado gozar, e já lá vão alguns mezes após os meus 26 anos, vejo que não ha nada como a paz do espirito e a satisfação de viver. Vê tu! Em 26 anos e tal, só alguns momentos de alegria tenho tido. Se deduzires os 15 anos que passam sempre sobre a nossa vida sem a gente dar por ela, teremos o resto de sofrimentos e pezadelos torturantes!

Não admira, pois, que me encontres velha, abatida, cançada, sem frescura, assim como as violetas da tua lapéla e as violetas que ha pouco recebi da mão do teu criado mais antigo, que me parece ser o mesmo que me trouxe, da outra vez, a tua primeira carta, aquela carta em que tu pretendias ensinar-me o teu crédo predileto de livre-pensador que és.

Adeus. Estou ainda doente. Sinto na alma a nostalgia da saudade que dilacéra. E' sol-posto. Aproxima-se a escuridão da noite, que vem misturar-se á escuridão da minha dôr e dos meus martirios.

Tua

IRÉNE.

Alvaro de Matos

Prof. das Clinicas obstetrica e ophtalmologica na Faculdade de Medicina

CLINICA GERAL.
DOENÇAS DAS SENHORAS

Residencia: R. de Tomar, 5. Tel. 51
Consultas da 1 ás 3
no Largo Bombarda, 27, 1.º
Tel. 20

As consultas de gynecologia e ophtalmologia são gratuitas para as classes pobres.

Dr. Leonardo da Cruz Jorge

Foi nomeado substituto do juiz de Cantanhede este ilustre magistrado, que na visinha vila gosa de grande prestigio pela lhaneza do seu caracter e fina inteligencia.

Cumprimentamos afectuosamente o nosso prestimoso amigo e assinante.

Estradas

A direcção das obras publicas de Coimbra pediu para executar trabalhos no ramal de estrada do Arco Pintado ao Dianteiro.

Esta estrada, uma das mais estimadas pelo turismo, liga Coimbra com a conhecida e formosa Mata de El-Rei.

— Foi pedida dotação para conclusão dos trabalhos da estrada de Lorvão á estrada municipal de Penacova ao Botão, no distrito de Coimbra, a fim de dar acesso a um dos monumentos nacionaes mais notaveis do paiz.

— Foram pedidos reparos urgentes na ponte sobre a foz do rio Alva, no distrito de Coimbra.

Revista a praças licenceadas

Vai ser passada revista ás praças licenciadas dos regimentos de artilharia n.º 2, infantaria n.º 28, infantaria n.º 23, infantaria n.º 24, cavalaria 1 e 8, Poligno de Tancos, 2.º e 8.º grupo de companhias de saude, batalhão de telegrafistas de campanha, e ás de reserva do regimento de infantaria de reserva 28, 5.º grupo de reserva de artilharia, 5.º esquadrão de reserva, 2.º batalhão de sapadores mineiros de reserva, estando marcados os concelhos e dias em que as referidas praças devem ter revista e que pela sua ordem, são os seguintes;

Mira, 2 de maio;
Vagos, 9;
Ilhavo, 16;
Agueda, 22 e 30;
Oliveira do Bairro, 13 de junho;
Cantanhede, 20 e 27 de junho e 4 de julho;
Montemór-o-Velho, 11, 18 e 25 de julho;
Figueira, 1, 8, 15, 22 e 29 de agosto e 5 e 12 de outubro.

Acha-se já elaborado e vai ser submetido á aprovação o orçamento, na importancia de 2.183$00, para reparação dos estragos causados pelas cheias na mata do rio de Foja, do nosso distrito.

AOS AGRICULTORES

Estamos entrados na epoca da sementeira da batata, e é de toda a conveniencia que os senhores se não esqueçam dos adubos quimicos e organicos, da acreditada casa *Varela, Leal & C.ª, das Varzeas*, e que se encontram **á venda em casa de Manuel Monteiro Godinho**, com deposito no **Casal do Gaio, Arazêde.**

SCIENCIAS... OCULTAS

(CONTINUAÇÃO)

6.º

P.—Se os *mediuns* são os interpretes dos espiritos desincarnados, será logico concluir que os *mediuns* são santas criaturas, quando interpretes de bons espiritos? e almas danadas, quando interpretes de espiritos maus?

R.—Os *mediuns* são *aparelhos* de que os espiritos se servem. Porêm, sendo *limpos* (moralmente) dêles se aproximam os espiritos melhores. Quando são *sujos*, os bons espiritos têm repugnancia de se utilisarem de tal aparelho e então os espiritos maus (sujos, moralmente, tambem) se utilisam dêles então. Porêm, são aparelhos e nada mais.

7.º

P.—Estará bem averiguado que os *mediuns* não são anormais do sistema nervoso?

R.—Averiguadissimo; por sábios eminentes, como: Flamarion, Charles Richet, que obteve este ano o premio Nobel, etc., etc.

8.º

P. —E' certo então haver anjos, arcanjos, querubins e serafins? E porque não consultam os espiritos superiores para indicar remedios para a cura da tuberculose, da neurastenia...?

R. — Não ha querubins, não ha titulos, mas sim graus na evolução moral. Os espiritos se comunicam em alguns centros e não só curam os tuberculosos e os neurasténicos, como até os proprios loucos... considerados incuraveis, quando muita gente diz que o espiritismo .. produz a loucura!

9.º

P.—E' certo haver espiritos maus que tentam os vivos incarnados para o mal? E porque não impedem a maldade os espiritos superiores? Porque não protegem a familia os espiritos bons?

R. — O homem tem o livre arbitrio. Ele recebe as boas e as más influencias; escolhe-as e segue as que mais lhe agradam. Os espiritos maus aconselham-no ao mal e os bons ao bem; mas só o homem póde discernir e seguir o que mais lhe aprouver.

10.º

P. — O homem não é livre em suas acções, pois que é o produto da hereditariedade, mais ou menos modificada pelas circunstancias da atualidade; isto é, a sua vida é o produto de melhores ou piores combinações e reacções. E' lançado ao mundo pelo pontapé do Destino que lhe faz descrever uma trajectoria fatal. Logo: não póde haver castigos nem premios, pois ninguem é culpado dos seus defeitos, nem digno de premio pelos seus merecimentos.

A que veem, pois, as incarnações e reincarnações?

Será uma brincadeira de Deus?

R. — Partindo-se dum raciocinio errado, certamente se chega a um resultado errado. A hereditariedade, as influencias ancestrais, parecem á primeira vista muito logicas, mas caiem por si proprias. Actualmente, no mundo das ideias e dos... *factos*, não valem dois caracois.

Como explicar a *diferença de caracter* dos gêmeos?

Como explicar a diversidade de maneiras de vêr entre irmãos?

Como explicar os criminosos saidos de familias honradas e sem... influencias de meio? Lombroso o explica.

Ah! as aparencias são sempre falsas e a verdade anda sempre oculta, como mãe pudica de milhares de filhos, que por toda a parte e em tudo se manifestam.

Na verdade vos digo que o misterio da vida é muitissimo grande e que o misterio do nascimento é muito maior ainda do que o da morte.

Ah! pelo que expõe na decima pergunta póde-se matar, esfolar, roubar e bater, que nós não temos culpas, pois quem tem culpa é o Destino que nos fez assim!... Não temos responsabilidade, e dest'arte caimos no egoismo abjecto, no comodismo repelente, isto é, caimos na velha questão que lançou por terra, com enorme fracasso, o pretencioso... materialismo!

Não ha castigos nem prémios. Mas sômos nós proprios que nos castigamos e nos premiamos, consoante os actos que praticamos!

As leis estão estabelecidas e são inexoraveis. Aqueles que as aplicam e se esforçam por as pôr em pratica obteem maior evolução e será isto o seu premio, se assim o quizerdes; mas, se transgredirem as leis, sofrem-lhe as consequencias, são punidos por essas proprias leis. Depende do homem segui-las ou transgredi-las, como acima já disse. Não ha, portanto, premios ou recompensas e castigos apenas.

Exemplo pratico: se em logar de tomardes uma refeição regular, transgredirdes as *leis fisiologicas* estabelecidas, comerdes brutalmente, sofrereis incomodos: uma indigestão e até mesmo uma congestão, que vos poderá ser fatal. Eis o castigo.

Foi Deus que se entreteve a brincar convosco? Não! Foi a Natureza que vos puniu pelas suas leis estabelecidas com pericia.

Vós transgrediste-las?

Sofrestes o resultado.

E em tudo é assim.

Beneficios e castigos nesta incarnação ou incarnação futura, são dados pelas leis *naturais*, inexoraveis, infaliveis, e não por Deus.

Quasi restabelecido da impertinente enfermidade que o vem ha tempo afligindo, conta retomar em breve o seu posto oficial o nosso presado amigo snr. Fernando Augusto Barbosa, prestante advogado da nossa comarca. Folgamos.

A CAMINHO D'AFRICA

(Impressões)

POR SOBRE AS AGUAS

V

Estamos a quarenta milhas do porto de desembarque.

Uma voz grita — Terra! — e outras a secundam em ecos repetidos e cheios de alegria.

E' uma linda costa que se divisa ao largo, quasi confundindo-se ainda com o horisonte.

A pouco e pouco, vai-se tornando mais visivel, começando a aparecer por sobre lindo taboleiro de areia alvas casitas de pescadores que ao longe scintilam como fulgurantes estrelas.

A rocha que agora as encobre é de um panorama lindissimo, revestido de um brilho esplendido que os raios do sol doiram e fazem realçar.

Mais além, entre duas encostas, um lindo vale nos sorri, apresentando-nos um esplendoroso manto de verde escuro, que projetado em seu solo barrento mais parece qual tapete colorido de variadas e lindas côres.

Um pouco mais e o farol da barra nos indica já o ponto onde bem nitidamente se vê tremular a bandeira verde e vermelha da nossa Patria, que nos sorri em seus movimentos de saudação.

Enfim, eis-nos no porto, depois de havermos percorrido uma distancia enorme ao longo de uma extensa lingua de terra.

Vai lançar-se o ferro e o navio corta vagarosamente as aguas.

Desperta em nós a curiosidade e eis que num abrir e fechar de olhos nos encontramos á prôa, afim de assistirmos á ceremonia.

Solta! — grita o imediato, e o ferro desce veloz, ainda que com ligeiras oscilações, conforme as rotações da maquina.

Quedamos e a faina principia.

Arreiam-se as escadas de estibordo e bombordo, e imediatamente são recebidas as visitas regulamentares.

Rodeiam-nos grande quantidade de embarcações que anciosas esperam o desembarque, como nós esperamos anciosos o momento de pôrmos pé em terra.

* * *

Temos concluida a viagem pelo mar.

Apesar disso, não posso nem devo concluir as minhas pobres impressões, sem dirigir ás aguas uma terna saudação, e mostrar-lhe quão vivo e ardente é meu preito de reconhecimento, pela viagem que nos proporcionaram, comodativa e bela.

Longe do seio da familia e no meio do mar, eu tomo como osculos ternos e carinhos ardentes, o sulco das ondas imprimido ao navio, que eu tinha como casa paterna.

AO MAR

(SAUDAÇÃO)

O' mar, ó grande mar, ó velho amigo,
Quem póde compreender esses teus ais?
Quem se póde baixar ás soturnais
Trevas do teu profundo e triste abrigo?

Noutros tempos, eu sei, rasgando o p'rigo,
Gigantes te envolveram triunfais.
Chamaram-se Albuquerques, Cabrais...
E o teu poder viril morreu contigo!

Hoje és triste e vencido. As tuas queixas
São dolentes, talvez, como as endeixas
Do desterrado. Dante em solidão...

Mas ai! ó velho mar, ha mais quem sofre
E guarda as penas em cerrado cofre
Que chama — vê lá — meu coração!

Porto de Mossamedes, 2, 12, 914.

Ricardo Fernandes Sardinha.

CARTA DE COIMBRA

9—4—915

Petardo. — Ha muito que a falta de religiosidade se não havia feito sentir sem a procissão de Santa Justa, chamada da Resurreição.

Vôos largos deram origem a esse prestito religioso que *por fas ou por nefas* se havia de realisar. Cêrca das 3 horas da manhã explodiu uma bomba junto á porta lateral da igreja, cujo estampido assustou a visinhança, sem danos materiais de importancia. Para averiguações estão detidos os snrs. Eduardo Gomes e Anibal Silva. Na apreciação de muitos está na mente o proposito de, creando-se o terror, haver a força da autoridade. Com efeito, a procissão não foi só de gente de Tovim. Meteu policia civica, secreta, guarda republicana, pôz a postos cavalaria 8 e destacamentos do 23 e 35, com guardas á cadeia e Banco de Portugal. De que lado jogariam os intuitos? Não nos repugna acreditar que, das duas partes em litigio, qualquer tivesse razão.

A autoridade dirá da sua justiça, se o simbolo não continuar vendado.

Visita pascal.—Decorreu sem incidentes, com aprasimento de catolicos e deferencia de cidadãos educados. A um irreligioso ouvimos dizer: «Até as decantadas pilulas de Pink me fizeram já peor do que isto».

Burla.— Na Praça 8 de Maio, prédio do antigo Hotel dos Caminhos de Ferro, instalou-se ha cêrca de dois meses uma casa bancaria, gerida por argentinos e quejandos. Seguiram o seu destino, sem ganancia de maior, pois que *exploraram* apenas uns doze contos. Nem todos na boa fé, por vergonha, sopram ás botas. Daí o haver só doze contos á supuração. Coimbra é terra pacata. Vejam se fês muito barulho a *chaminé-canudo*, ali ao Arnado, para a primitiva instalação dos eletricos, que *custou* a modica quantia de 60 contos, para... nem para casa podermos trazer a canastra de tijolo que nos pertence.

Prisão.— Foi efectuada a de Antonio dos Santos Pereira, por assalto e roubo a uma casa do Penedo da Saudade, onde estava instalado o estudante de direito Antonio Padua. Como companheiro de proeza levou um empregado do Hotel-Palace, que o denunciou á policia... talvez pela insignificancia da proeza.

Ha, realmente, muitas contrariedades na vida.

Desastre.— Proximo das Torres voltou-se a diligencia que daqui havia seguido para Penacova. Varias pessoas ficaram feridas, dentre as quais o snr. Antonio Garcia Regencio, vulgo o *Sal a Valados*, com fractura duma perna e varias costelas.

Se a policia olhasse para a lotação déssas caranguejólas!...

Valioso donativo.— Amigos dedicados de Coimbra, com séde no Brazil, enviaram ao nosso prestimoso amigo snr. João Arrobas, ilustre director da *Gazeta de Coimbra*, a quantia de 700:000 reis para prejuizos dos inundados.

Bem hajam esses patriotas, bem como o jornal que tão dedicadamente tem posto o melhor esforço da sua causa em favor dos progressos da sua terra e em mercê dos desvalidos. Em obra tão meritoria não sabemos distinguir quem mais prende o nosso sentimento: se o que dá, se o que procura que dêem...

Bem hajam todos os que vão mais longe do que o strito cumprimento do dever.

Castilho.

REGISTO CIVIL DO CONCELHO

De 15 a 28 de Fevereiro

Nascimentos

Arazêde — Maria, filha de José Simões Serafim e de Maria Gonçala, nascida no logar dos Resgatados.

Daniel, filho de Manoel Gomes Lourenço e de Joaquina dos Santos, nascido no logar do Casal do Gaio.

Alfredo, filho de Joaquim da Conceição Ferreira e de Maria da Encarnação, nascido em Arazêde.

Antonio, filho de Luciano Pereira de Araujo e de Tereza Baeta, nascido em Arazêde.

Palmira, filha de Antonio Rodrigues Azenha e de Mariana Mendes, nascida no logar do Tojeiro.

Carapinheira—Francisco, filho de Joaquim Simões Pessoa e de Joaquina Marta, nascido em Casal do Corvo.

José, filho de Joaquim Monteiro de Matos e de Ana Vitoria, nascido no logar dos Pelames.

Maria, filha de Joaquim Monteiro de Matos e de Ana Vitoria, nascida no logar dos Pelames.

Maria, filha de Antonio Pardal e de Maria de Nazaré Monteiro, nascida no logar da Bandurreira de Baixo.

Maria, filha de Antonio Nunes Portugal e de Maria da Conceição Silva, nascida no logar da Estrada.

Manuel, filho de Manuel Caldeira da Costa e de Luiza Mendes Fidalga, nascido no logar da Estrada.

José, filho de José Antonio Matias Pardal e de Erminia Bessa d'Oliveira, nascido no logar do Casal do Meio.

Gatões—Mario, filho de Antonio Azambujo e de Ana Nogueira, nascido no Casal de São João.

Liceia — Nazaré, filha de João Pereira e de Tereza dos Santos Neto, nascido no logar da Cabeça Grande.

Ressurreição, filha de Joaquim Corrêa de Souza e de Maria Gomes, nascida no logar do Viso.

Means — Ana, filha de Antonio Cavaleiro e de Maria Rama Clara, nascida no logar do Casal Novo.

Montemór — Maria, filha de Domingos dos Santos e de Maria Correia, nascida em Montemór.

Amelia, filha de Paulo Torres de Menezes e de Maria de Jesus Pedrosa, nascida em Montemór.

Pereira—João, filho de José da Silva Ramos e de Beatriz Seco, nascido na vila de Pereira.

Santo Varão — José, filho de José Fernandes e de Mariana Rodrigues, nascido em Santo Varão.

Seixo—Augusto, filho de Arnaldo dos Santos Simões e de Maria da Conceição, nascido no logar da Cabeça Alta.

Tentugal—Julio, filho de Maria das Dôres, nascido em Tentugal.

Antonio, filho de Joaquim Veiga e de Maria do Nascimento, nascido no logar da Portela.

Verride—Ramiro, filho de Eduardo de Gois Nobre e de Palmira Alves Salgado, nascido no logar da Abrunheira.

Maria, filha de Manuel Pereira Medina e de Gracinda Pereira, nascida em Verride.

Maria, filha de José Fernandes Cardoso e de Ana Amelia, nascida em Verride.

Joaquim, filho de Joaquim d'Oliveira Pato e de Maria de Jesus, nascido em Verride.

Casamentos

Arazêde—Manuel Teixeira, com Maria da Conceição de Jesus.

José Maria Domingues, com Maria da Conceição.

Manuel d'Oliveira Costa, com Maria Rosa de São José.

José Francisco Bajança, com Ermelinda de Jesus.

José Correia de Souza, com Elvira da Silva.

Carapinheira — Joaquim Simões Cavaleiro, com Maria Amelia Abrunheira.

José Barriga, com Maria da Conceição Correia.

Antonio Veneza, com Maria da Conceição Rama.

José Monteiro, com Joaquina da Silva.

Pereira—Emilio Matias Cabelo, com Roza Marques.

Reveles—Antonio Contente Simão, com Carmelinda de Freitas.

Tentugal — Julio Garrote Matias, com Maria da Conceição da Silva.

Joaquim Tinoco, com Joaquina da Silva.

Verride—José Ferreira Valente, com Ema de Jesus Costa.

José Aleixo Pinto, com Maria Emilia Ribeiro.

Antonio Ribeiro, com Elisa Gomes.

Obitos

Arazêde — Joaquim Miguel dos Santos, casado, de 75 anos, no Amieiro.

José Jorge Preguiça, casado, de 75 anos, nos Pelicanos.

Zulmira da Cruz, de 3 anos, nos Pelicanos.

Silvino da Costa, de 20 mezes, nas Faiscas.

Manuel da Silva Tavares, casado, de 63 anos, nos Gordos.

Maria da Conceição Cardoso, casada, de 91 anos, no Tojeiro.

Carapinheira—Joaquim Morgado, casado, de 30 anos, no Casal do Corvo.

Joaquina dos Santos, casada, de 60 anos, na Quinta da Boa Joia.

Joaquim Fernandes, viuvo, de 77 anos, no Casal dos Alhos.

Tereza Figueira, solteira, de 68 anos, na Carapinheira.

Means — Luiza Abrunheira, de 90 anos, viuva, nas Calaçotas.

Montemór — José Leal, solteiro, de 31 anos, em Montemór.

Amelia Torres Pedrosa, de 12 dias, em Montemór.

Pereira—Manuel Pereira Francisco, viuvo, de 70 anos, nos Casaes Velhos.

Maria Vasques Quinteira, solteira, de 65 anos, em Pereira.

Reveles—Clara Aires Cardoso, casada, de 68 anos, no Vale Pequeno.

Seixo—Maria de Jesus Campos, de 5 mezes, na Vergieira.

Augusto dos Santos Simões, de 26 dias, na Cabeça Alta.

Joaquim dos Santos Simões, de 28 mezes, na Cabeça Alta.

Tentugal—José Leitão, casado, de 77 anos, na Portela.

Luiza Varela, casada, de 66 anos, na Morração.

Está a concurso a escola do sexo masculino da Tocha, do concelho de Cantanhede.

FABRICA DE CAL

Cal fina e grossa, fornece-se em muito boas condições. Preços modicos, sobre o wagon, no caminho de ferro e nos proprios fornos.

Agente de telha tipo marselha e tijolos de todos os formatos, da fabrica Lacerda, Figueiredo & C.ª Limitada, da Pampilhosa.

Pedidos a

Joaquim S. Coca Junior

Zambujeiro—Arazede

Gêsso e adubos compostos

Para todas as culturas

DE

J. CORTEZAO

Fabrica — Sá (Anadia)

Escritorio — Figueira da Foz.

AGUA DE LUSO -- Cura pela Diurése

(ESTABELECIMENTO TERMAL E HOTEIS ABÉRTOS TODO O ANO)

A mais diurética e mais digestiva. Aumenta a diurése, regularisa as funções digestivas e ativa os fenómenos nutritivo.

Muito radioativa—4,49 miligramas—minutos
Muito ionisada, resistividade a 18° 18300 ohms
Muito rica em gazes raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotonica, ponto oriospico 0°,04
} Conclusões da analise feita pelos distintos professores Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitissimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tifico

USO EXTERNO—Molestias de pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc,), reumatismo e gôta.
USO INTERNO—Artritismo, impaludismo, neurastenia—Albuminuria, diabetes—Intestinos, estomago—Rins—Bexiga.

Depositos -- **LISBOA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros, 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 428. FUNCHAL, José Quirino de Castro, rua dos Murças. AFRICA ORIENTAL: Oswald Offmann. BEIRA: F. L. Simões & C.ª. LOANDA: Beltrão, Pena & C.ª**, e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositarios nas terras onde ainda os não haja.

Seguros contra incendio — incluindo riscos de explosão de gaz e raio.

Seguros contra incendio — cobrindo tambem os riscos de *Greves* ou *Tumultos* (portaria de 14 de Março de 1914).

Seguros contra incendio — cobrindo ainda os riscos de *Guerra* (portaria, 30—XI—1914).

Unica companhia autorisada a segurar os riscos de Guerra nas apolices Incendio

As apolices d'A MUNDIAL são portanto as que mais conveem aos interesses dos proprietarios, locatarios, industriais, comerciantes, etc.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS
Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital Esc. 500.000$

Séde em Lisboa
Rua Garrett, 95
Telephone n.º 4084

Delegação do PORTO
Praça Almeida Garrett 22|24
Telephone n.º 1459

ENDEREÇO TELEGRAPHICO—**MUNDIAL**

Agentes em todas as localidades do paiz ilhas e colonias

Livraria e Tabacaria Cunha

Livraria Moderna e Tabacaria Augusto Henriques (reunidas)

Alberto Gonçalves Cunha

150, Rua Ferreira Borges—COIMBRA

TELEFONE N.º 293

LOTARIAS—Bilhetes, suas fracções e cautelas. Variada série de numeros certos.—Premios frequentes.
TABACOS—Nacionais e estrangeiros. As melhores marcas de cigarros e charutos.—Todos os artigos para fumadores.
POSTAIS ILUSTRADOS—Sempre as ultimas novidades em todos os generos.—Bilhetes de visita, impressão rapida.
PAPELARIA—Finissimos papeis de carta em caixas aos cadernos.—Objectos para escritorio e desenho.
LIVRARIA—Nacional e estrangeira, Revistas, Pu licações.—Figurinos.—Musicas.

Livros usados, antigos ou modernos, em qualquer estado, em grandes ou pequenas quantidades, compra em qualquer parte.

Passagens para o Brazil e Africa

José de Almeida

Negociante nas Pontes de Cadima, concelho de Cantanhede, e correspondente de todas as Companhias de navegação

Faz constar que vende passagens para todos os portos do BRAZIL, AFRICA, etc., a preços reduzidos, para o que está legalmente habilitado.

A sua vida de seriedade e honestidade são garantia segura para que os que desejam comprar passagens o procurem de preferencia a qualquer outro.

Guilherme dos Santos Pinto & Irmão

COM

OFICINA DE CANTEIRO

Encarregam-se de jazigos de toda a especie e todo o serviço concernente á sua arte.

Tambem executam todos os trabalhos que digam respeito a *Plantas, Alçados, Copias, Projectos e orçamentos de edificios, edificações, etc.*

Montemór-o-Velho=Verride

Restaurante Ferro-viario

ALFARELOS

ESTE bufete, um dos que melhor servem o publico que transita nos comboios, acha-se situado na estação do caminho de ferro de Alfarelos. Fornece almoços, jantares e *lunchs* e toda a qualidade de refeições, por preços comodos. Tem pessoal habilitado, tanto em cosinha como em sala de mesa. Tudo se encontra com esmero e perfeição.

Fornece comida para fóra, e presta-se a servir em casamentos, batisados, etc., desde que seja prevenido com antecipação.

O proprietario, **Artur de Oliveira Coelho.**

Companhia de Seguros

A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

—=—

AGENTE na Figueira da Foz

Antonio d'Oliveira Guerra

RUA DA REPUBLICA, 84

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima—Vila Nova d'Outil

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legitimos acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de fórma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamavel, isca em cordão vendida fraudulentamente a titulo de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva acção civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa ao Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando-se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalisação para procederem ás necessarias diligencias. Dirigir-se pessoalmente ou por carta á Companhia Portuguêsa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS

MELO & MARTINS

PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada

PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiencia dos nossos adubos, devido ao seu magnifico resultado os adoptarão de preferencia a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS

Pampilhosa do Botão

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro

PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex.mos passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.

Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA

Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.

PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações

Deposito das afamadas aguas de Luso.

Hotel de la Paix

JEAN OZUN

Situado num dos pontos mais centrais da capital, belas vistas sobre o Rocio, é um dos modernos hoteis que mais comodidades oferece.

Bom serviço de cosinha á franceza

Almoços, 60 centavos.—Jantares, 80 centavos.—Serviço á lista.

3 Calçada do Duque, 3—**Lisboa**

Fabrica de Lanificios

=DE=

MANOEL JERONIMO DE MATOS

COVILHÃ

Fornecedor da caixa de socorros dos empregados da Companhia Portuguesa

Esta fabrica, uma das mais acreditadas da Provincia da Beira Baixa, fornece, por preços convidativos, especialmente a particulares do continente e ilhas, os melhores produtos da sua fabricação, tais como casimiras, cheviotes e estambres, empregando materia prima de primeira qualidade, esmerando-se quanto possivel na sua execução e adotando os melhores padrões e côres que a moda impõe nos centros elegantes estrangeiros.

Envia amostras para todos os pontos, para o que bastará o pedido feito num simples postal.

Pedidos a

Manoel Jeronimo de Matos--Covilhã

Universidade
Coimbra

Ano 4.º — Arazêde, 18 de Abril de 1915 — N.º 165

Director, administrador e editor
J. d'Almeida Junior

Representantes em muitas terras do país, Africa e Brazil

PROPRIEDADE DA DIRECÇÃO

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguêsa

Pátria e Humanidade

Redação e Administração
ARAZEDE

Toda a correspondencia relativa a este jornal, deve ser dirigida ao Director, para Coimbra

Composição e Impressão
Tip. Silva (a Vapor) — AVEIRO

Paginas soltas

...Há muito tempo

Quando hoje me sentava á mesa para escrever meia dúzia de linhas de ligeira crónica, nuns apontamentos escritos li esta data: 22 de abril de 1640.

Algum acontecimento importante, destes que se fixam para sempre nos calendarios da historia ou na tela da memória? Nada; simplesmente isto: a data do nascimento duma criatura, que muito amou e por isso muito sofreu, — sóror Mariana Alcoforado.

Historia?...Não há ninguêm sem ela; e quantos com a vida bem curta teem uma longa historia semeada de dores... Vitima dos costumes do seu tempo, Mariana Alcoforado, natural de Beja, vai «menina e moça» para o retiro do claustro, ali na sua terra natal.

Claustro! Esta palavra faz sempre evocar um mundo de tragédias. O claustro é a fonte mais viva da história dos antigos tempos; sob as suas arcarias tanto viveu a paz como a intriga, o amor como o ódio, mas sobretudo — a dor. O claustro é o padrão da era de mais fervoroso catolicismo como o circo é o cunho da época pagã.

Mas as monjas não se limitavam sómente a amar a Deus; tinham tambem no século os seus namorados...E sóror Mariana perdidamente se deixou enamorar pelo oficial francês Chamilly, conde de Saint-Leger, oficial que ás ordens de Chomberg ajudava as nossas campanhas da restauração.

O amor — diz Sienkisvicz — corre veloz como a semente duma planta impelida pelo vento, mas quando se arreiga no coração como uma árvore á terra, só se póde arrancar quando tambem se arrancar o coração.

E a verdade desta colorida expressão do autor do *Quo Vadis?* encontramo-la na constancia do amor de Mariana Alcoforado.

Chamilly regressa aos lares patrios, ás terras da Gália e não mais se lembra da freira portuguesa; e então ela, martir d'amor, reflecte todo o sentir da sua alma enamorada, nas cartas que lhe dirige. Cinco apenas; mas são um livro. A desilusão e a dúvida, envoltas ainda num lampejo de esperança — ténue gaze inconsútil que envolve sempre as almas enamoradas — desentranham-se naquelas cartas.

Que grande dor se passaria sob as arcadas do claustro, e entre as paredes desataviadas da cela da freira. «E vós, que sofreis porque amais,—disse Vitor Hugo — amai ainda mais; morrer de amor é viver».

Assim sucederia á freira? Talvez. A memoria de sóror Mariana é que ficou perduravel nas cinco cartas de amor que escrevêra, cartas onde ficáram vinculadas a desilusão, a dúvida, a esperança, — tríade dum coração que muito sofreu...porque muito amou.

13 de Abril.

Aurea Judit Amaral.

Não nos entendemos...

A união republicana, de que é chefe o ilustre estadista, snr. dr. Brito Camacho, acaba de retirar o seu apoio ao actual governo, parece que por este ter enveredado pelo caminho da violencia á magistratura judicial e ás camaras municipais.

O snr. dr. Jacinto Nunes, sogro do snr. dr. Brito Camacho, tendo sido toda a sua vida um acerrimo defensor dos direitos municipais, não concorda com tal atitude.

Liberal convicto, é dos velhos paladinos que entende que a liberdade não é incompativel com a disciplina.

Por seu turno, o snr. dr. Antonio José d'Almeida concorda com o governo, dá inteiro apoio á sua atitude agressiva. Muito bem. Mas não devemos esquecer que foi a União Republicana que levou ao poder o actual governo. E, retirar-lhe o seu apoio, talvez represente, tal facto, um desastre lamentavel para o snr. Pimenta de Castro, que procura agora todos os meios de ser agradavel ao chefe unionista, estando até no proposito de transigir. Seria bom que tudo se encaminhasse bem, para felicidade désta pobre nação bem digna de melhor sorte.

Tenente Augusto Casimiro

De regresso da Africa Ocidental, onde permaneceu um ano, encontra-se nesta terra o inteligente e popular oficial do exercito, snr. Augusto Casimiro.

Atendendo ás suas elevadas qualidades e merecimentos, vieram de Coimbra, após a sua chegada, varios amigos pessoais, oficiais do exercito e uma comissão do Batalhão Voluntario, daquela cidade, apresentar-lhe cumprimentos de boas-vindas.

Aproveitamos este agradavel ensejo para tambem saudarmos o distinto oficial.

* * *

Vai fazer brevemente dois anos que sua ex.ª mostrou, numa festa escolar aqui realisada, os seus predicados de grande orador. Num belo discurso, quente de entusiasmo patriotico, com passagens sentimentais e comovedoras, sua ex.ª prendeu a atenção dos assistentes por mais de meia hora. Essas palavras harmoniosas, sentimentais... ainda hoje ecoam suavemente, agradavelmente, no nosso espirito, grato pelo obsequio da sua presença, admirado pelo brilho da sua eloquencia.

* * *

Mas não é só como oficial distinto e como orador eximio que o apreciamos.

O acaso trouxe-nos ás mãos, um dia dêstes, um soneto inédito de sua ex.ª, com a data de 1909. E' magnifico e mostra bem que a Natureza, quando favorece uma criatura, a favorece em tudo. O snr. Augusto Casimiro é tambem um poeta de grande merecimento.

E para que os leitores não possam duvidar da sinceridade das nossas palavras, aí vai a confirmação plena do que dizemos:

Como nuvem subindo docemente,
Doirada pela luz do sol bendito,
Num vôo triunfante, aurifulgente,
Anceia a paz aérea do Infinito;

Como chama brilhante que incendeia,
Na aspiração enorme de subir,
Assim, febril, demanda a nossa ideia
A luminosa aurora do Porvir!

Nas madrugadas triunfais, no estio,
Reza canções de névoa cada rio,
E a terra é toda um templo: Claridade!

E a minh'alma procura o céu distante
Para onde o Amôr a leve, triunfante,
Sob o sol da Justiça e da Verdade!

Este soneto, belo na fórma, sublime na significação, foi improvisado numa tarde de estio, na pitoresca mata de Antuzede.

O sol dardejava então os seus ultimos raios sanguineos sobre o Campo do Mondego, que se estendia como um grande tapete verde-branco ao longo da vista. E a alma enamorada do poeta subiá nêsse momento ao Infinito, numa prece admiravel de esperança e de amôr, fazendo côro com as canções harmoniosas de milhares de passarinhos, que lá em baixo, nessa tarde encantadora, baloiçavam os raminhos dos salgueiros, fazendo-os beijar meigamente o Mondego exausto...

* * *

Seja bem-vindo.

S. João do Campo, Abril de 1915.

P. F. de C.

Centros monarquicos

Fôram hontem eleitos os corpos dirigentes dos centros monarquicos criados em Lisboa e Porto. Não temos ainda noticias sobre a sua organisação, mas sabemos que serão seus directores altas individualidades preponderantes na causa monarquica.

Depois organisarão nucleos de propaganda pelo paiz, conferencias, etc.

E assim se irá arreigar outra vez, no espirito enfraquecido do povo, a ideia duma causa que teve de caír por si.

Esperemos.

Amôr de Mãe

Santo dia o da Pascoa, alegre, perfumado!
e em dia tão risonho a ela eu vi chorar!
— a chorar em silencio, o rosto amargurado:
imagem da Tristeza — a alegria do lar!...

Aflito ao vê-la assim, inquiro, perturbado:
— Porque chóras? que tens? — E ela — alma a penar: —
— Ai! ha três anos já... pobre filho, coitado,
por doença, não póde... o Pai do Céu beijar!...

Como um fino cristal, espelhando o futuro,
aquela alma entrevê, em quadro bem escuro,
a doença cruel — algôs do seu amôr!...

O coração da mãe — estrela que palpita, —
do filho é guia e norte: — ai! não vá a desdita
seu baixel impelir ao mar de eterna dôr!...

Montemór-o-Velho, Abril de 1915.

J. Neves.

A PROVINCIA

Foi dia de festa, mas de festa intima e confraternisante, bem propria de almas feitas de sonho, o dia 9 do corrente, na redação do nosso presado colega conimbricense, *A Provincia*. Com o seu n.º 307 entrou o distinto companheiro, que, com o snr. dr. Martins de Carvalho á frente, tão bem defende o seu ideal politico, no seu 4.º ano de existencia.

O Dever conta, naquela casa sempre hospitaleira e boa, amisades sinceras e velhas dedicações.

Por isso não nos pudêmos furtar ao desejo de estreitar a redação da *Provincia* num amplexo grande de entusiasmo por mais um ano de canceiras e ingratidões jornalisticas, passado.

Horas d'insónia

A chorar em silencio, o rosto amargurado:
imagem da Tristeza — a alegria do lar!...

J. Neves.

Estava assim aquela criatura que eu ontem vi, de olhos fundos e téz morêna.

Nos braços, magros de fome, embalava, carinhosamente, uma criança adormecida. O Mondego, murmurando as suas rezas deste tempo, serpentiava ao longe, encaminhando-se para a Fóz. Ia passar a Montemór, beijar parte da população do meu concelho. Tive vontade de ir nas suas aguas remurmurantes, e deixar Coimbra por alguns dias. Chorava em silencio, á sombra saudavel duma orearia em cuja ramaria verdejante os pardalitos faziam amor, beijando-se com ternura, a pobre mãe abandonada e faminta. No hospital, o marido curava-se, por caridade, dum desastre que o alcool lhe originara. Um dia, á noite, ao largar da oficina, a companheira apresentou-lhe a conta do padeiro. Levava nos braços o petizinho, adormecido como ontem, como ontem carinhosamente embalado nos braços emagrecidos da pobre mãe. Louco de cólera, esquecido inteiramente dos longos beijos d'amor, das horas felizes do seu lar conjugal, das caricias da esposa nos momentos de entranhado afeto, disparava-lhe dois tiros de pistola, um dos quais o atingiu num braço.

No estomago faminto, mas abarrotando de alcool envenenante, o louco trazia, desperdiçado, o que para pão lhe fazia tanta falta.

Numa casa pobre o orçamento económico deve ser escasso; e gastar, em alcool, o que faz falta para a sustentação da familia, é um crime imperdoavel, um crime de leza-humanidade.

Com lagrimas não se sustenta um filho estremecido. Aconchega-se ao peito resequido, cantam-se-lhe canções dolentes d'amargura e sonambolismo, mas ele não dorme.

Nos peitos maternais ha a lentidão que adormece, ao menos ficticiamente, mas não existe a substancia que alimenta e cria.

Depois, uma mãe com fome, põe-se quasi sempre a chorar; chora em silencio, o rosto amargurado, perfeita imagem da Tristeza, a alegria do Lar nas horas felizes da vida.

Muitas vezes um defeito hereditario, talvez fosse de facil correição, se a educação social tivesse alicerces firmes, profundamente psicologicos, levando ao semilhante o ensinamento pelo exemplo e á colétividade noções de genuina humanisação e de humanos conceitos fisiológicos.

Ha camadas sociais onde a embriaguez, pelo alcool, é um luxo inegualavel. E daí a martirisação da familia e o definhamento das raças. E daí o lacrimal silencioso, o sofrimento das mães amarguradas, «imagem da Tristeza, alegria do lar!...»

Almeida Junior.

Dr. Batista Loureiro

Passou na segunda-feira o aniversario natalicio dêste nosso prestimoso amigo, facultativo municipal em Montemór-o-Velho e apreciado jornalista.

Felicitamo-lo cordialmente.

HOTEL PORTO

Acabam de constituir-se em sociedade, na capital, para exploração do importante Hotel Porto, dois patricios nossos, muito queridos e estimados na nossa terra. Um, o snr. Manuel da Silva Lirio, a quem Arazêde muito deve; o outro, o snr. Manuel de Almeida, irmão do nosso director. São dignos, ambos, das maiores prosperidades, pois o trabalho e a honestidade é, para eles, condição essencial de vida.

O hotel, que tem sofrido ultimamente importantes melhoramentos, com nova iluminação eletrica, etc., está passando por uma transformação de tal ordem que o tornará um dos mais recomendaveis dos hoteis de Lisboa.

Chamamos para a escritura social que noutro logar vae publicada, a atenção dos nossos presados leitores, recomendando-lhe a importante casa comercial.

Nova firma comercial

Notariado Portuguez

Cartorio do Notario

Eugenio de Carvalho e Silva

Rua de São Julião, n.º 146, primeiro andar

LISBOA

Livro de Actos e Contractos entre vivos, numero trezentos e trinta e oito, a folhas setenta e trez, verso

No ano de mil novecentos e quinze, aos vinte dias do mez de março, nesta cidade de Lisboa, e no meu cartorio, na rua e freguezia de São Julião, numero cento e quarenta e seis, primeiro andar, perante mim Eugenio de Carvalho e Silva, notario da comarca, e as duas testemunhas idoneas adeante nomeadas, compareceram:

Como primeiro outorgante o senhor Manuel da Silva Lirio, solteiro, maior, proprietario, morador na Amadora, freguezia de Bemfica, e;

Como segundo outorgante o senhor Manuel d'Almeida, solteiro, maior, comerciante, morador na rua do Amparo, numero dôze.

São os outorgantes pessoas cuja identidade reconheço.

Por eles foi dito que por esta escritura constituem entre si uma sociedade comercial em nome colectivo, nos termos dos artigos seguintes:

Primeiro.—Fica constituida uma sociedade comercial em nome colectivo entre Manuel da Silva Lirio e Manuel d'Almeida, sob a firma **Almeida & Companhia.**

Segundo. — A sua séde é em Lisboa, onde tem o seu estabelecimento, na rua do Amparo, numero dôze, primeiro, segundo, terceiro e quarto andares.

Terceiro. — O seu objecto é a exploração do Hotel Porto, na rua do Amparo, numero dôze, primeiro a quarto andares, e todo e qualquer comercio ou industria, em que os socios concordem.

Quarto.—A sua existencia conta-se de hoje e a sua duração será por tempo indeterminado, contando-se os anos sociais pelos anos civis.

Quinto.—O seu capital é de sete mil escudos, do qual estão já realisados seis mil escudos por ambos os socios, para aquisição da casa, trez mil escudos por cada um, e representados pela chave, moveis e recheio do Hotel.

Os restantes mil escudos serão por eles realisados em dinheiro, quinhentos escudos por cada um, á medida que as necessidades sociais o exijam.

Sexto.—A sua gerencia, ou administração, fica a cargo de ambos os socios que, assim, ambos deverão dedicar-lhe os seus melhores esforços e diligencias e toda a sua actividade, devendo distribuir os diferentes serviços entre si, como acordarem, ficando, contudo, a cargo do socio Almeida, que fica com a gerencia obrigatoria, a caixa da sociedade, ficando aquelas atribuições apenas facultativas para o socio Lirio.

A escrituração será feita por guarda-livros.

Setimo. — A sua firma, como atribuição da gerencia, será usada por ambos os socios, ficando, porém, esse uso absolutamente limitado aos negocios e operações sociais, e expressamente proibido em actos de favor, ou de interesse de outrem, nomeadamente em quaesquer fianças e em saques, aceites e endosses de letras, que não respeitem a operações sociais.

Oitavo.—Os seus balanços serão dados pelo menos uma vez em cada ano, no mez de dezembro, e deverão estar escritos e assinados no livro competente até ao dia quinze de fevereiro seguinte, depois do que ficarão irreclamaveis, considerando-se egualmente aprovados se, depois de concluidos, não houver reclamação escrita sobre eles, até ao dia quinze de fevereiro seguinte.

Nono — Os seus lucros serão divididos em dois lotes, um dos primeiros quatrocentos e oitenta escudos e o outro de todo o saldo restante.

Os lucros do primeiro lote, ou categoria, serão divididos entre os socios na proporção de oitenta e sete e meio por cento para o socio Almeida e de dôze e meio por cento para o socio Lirio.

Todo o saldo de lucros, ou seja todo o segundo lote de lucros, e bem assim as perdas, se as houver, serão divididos em partes eguais por ambos os socios.

Por conta dos lucros provaveis poderá o socio Almeida levantar da caixa social trinta escudos mensais, ou mais, se nisso houver acordo do socio Lirio, e este poderá tambem fazer os levantamentos com que aquele socio concorde.

Decimo.—A sua dissolução dar-se-ha pelo acordo dos socios, pela deliberação, morte ou interdição dalgum deles, e por qualquer outro dos motivos legais, devendo a dissolução por deliberação dum socio ser precedida de aviso escrito desse socio ao outro com a antecedencia minima de trez mezes.

Decimo primeiro.—A sua liquidação e bem assim a liquidação dos direitos de cada socio, sendo os socios vivos e habeis, será feita por eles ou por seus representantes, como acordarem e seja de direito; e, no caso de falecimento ou interdição dum deles, será feita pelo outro socio, e por um só herdeiro, ou representante, do falecido ou interdicto, legalmente designado para isso, tendo por base a escrituração e o ultimo balanço aprovado, devendo os pagamentos do que se verificar pertencer ao socio que saia, ou aos seus herdeiros, ou representantes do falecido ou interdicto, no caso de o sobrevivo ou habil, ficar com o activo e passivo sociais ser feitos, salvo outro acordo, durante seis anos, em quatro prestações, eguais e semestrais, sem juro, representadas por outras tantas letras, devidamente garantidas por fiança idonea.

Decimo segundo. — As suas questões com terceiros serão resolvidas por arbitragem sempre que isso seja possivel; e as duvidas e desinteligencias entre socios, ou entre um e herdeiros ou representantes do outro, serão sempre resolvidas por essa fórma, incorrendo neste caso na multa de quatrocentos escudos quem se recuse á outorga do compromisso legal a favor de quem o reclame.

Decimo terceiro. — Em todo o omisso regular-se-ha a sociedade pela legislação aplicavel.

Assim disseram e outorgaram perante as testemunhas senhores: João Cirne de Madureira, solteiro, maior, comerciante, morador em Espinho, e Joaquim Mendes Correia, casado, proprietario, morador na Avenida Almirante Reis, numero vinte e seis, que vão assinar esta escritura com os outorgantes depois de perante todos ela ter sido lida em voz alta por mim notario.

Leva selos no valor de oito escudos. Desta trez escudos pelo numero cincoenta e nove do artigo oitenta e um da tabela.

Manuel da Silva Lirio, Manuel d'Almeida, Joaquim Mendes Correia, João Cirne Madureira.

Sinal publico. Em testemunho de Verdade. O notario, Eugenio de Carvalho e Silva.

Tem coladas e devidamente inutilisadas seis estampilhas, sendo trez fiscais no valor de oito escudos e um centavo, e trez da contribuição industrial, no valor de vinte e dois centavos e meio.

E' traslado, que fiz extrair e vai conforme o original. Lisboa, vinte e nove de março de mil novecentos e quinze. Emolumentos: rasa oitenta e trez centavos, papel cincoenta centavos. Total um escudo e trinta e trez centavos. Entrelinhei: «quinze» a folhas duas verso.

E eu, escrivão, o subscrevo.

Eugenio de Carvalho e Silva.

Escola a concurso

Está a concurso a escola do sexo masculino da vila de Montemór-o-Velho.

José Nobre de Freitas

Sucumbindo aos dolorosos sofrimentos da tuberculose, que ha longos meses lhe vinha lentamente exaurindo todas as forças, faleceu, em Montemór, no dia 11 do corrente, na joven idade de 28 anos, o snr. José Nobre de Freitas, escrivão das execuções fiscais, morte que bastante entristeceu e encheu de sentimento o povo da terra, devido ás belas qualidades de coração que enalteciam o caracter do extinto.

Embora vivendo num meio muito restrito e modesto, o seu nome havia-se, comtudo, tornado muito popular, conquistando as simpatias geraes, pela grande vontade que o animava de ser agradavel a toda a gente, não sendo poucas vezes que ele, sem esperar que lh'o pedissem, espontaneamente se oferecia para prestar qualquer favor ou serviço a alguem precisado de auxilio e protéção.

Era certo e sabido: em qualquer caso de aflição ou desastre, era José Nobre sempre o primeiro a apresentar-se para acudir e socorrer as vitimas da dôr ou do sinistro.

Por todos estes motivos, pois, o seu funeral, no dia seguinte, constituiu uma das mais belas e enternecedoras homenagens de saudade e simpatia, que em Montemór se tem visto prestar á memoria de um morto das modestas condições do extinto.

No préstito, bastante numeroso, que o conduziu ao cemiterio, encorporou-se gente de todas as classes sociais, indo a do operariado representada em massa. Pegaram ás borlas do caixão os snrs. José Maria da Silva Guardado, Julio Pessoa Leitão, Antonio Marino Salvaterra e Augusto Duarte Soares, sendo os dois primeiros, aspirantes de finanças e os dois ultimos, colegas do extinto e levando a chave o snr. Teixeira Cabral, secretario de finanças

O snr. Abel Maria de Melo Brandão, conduzia uma linda corôa com a seguinte dedicatoria:— *Eterna saudade — Oferecem: o secretari de finanças, Cabral e os seus empregados Leitão, Guardado, Salvaterra e Soares.*

Fechava o préstito a filarmonica 25 de Setembro, tocando a linda marcha de *Choupin*, vendo-se deslisar lagrimas em muitos rostos durante o percurso.

Descance em paz o saudoso amigo. A sua desolada familia envia o *Dever* a expressão sincera do mais profundo pezar.

Corporações administrativas

O *Diario do Governo* publicou um decreto autorisando os governadores civis a dissolverem as corporações que não acatem os decretos do governo ou que incitem a opinião publica a desacata-los.

SCIENCIAS... OCULTAS

(CONTINUAÇÃO)

11.º

P. — Deus existe; mas, a ideia que dele fazemos é tão acanhada e ridicula, que, quando abrimos o *bico* para o analisarmos, só dizemos asneiras, quer o elogiemos, quer o depreciemos. Por isso... não digo mais nada.

R. — A ideia de Deus difere de individuo para individuo, consoante o seu grau de evolução.

Uns concebem-no mau, vingativo, patrono de guerras, etc.; outros não.

E' largo assunto que não póde ser tratado aqui.

12.º

P.—Porque será que os espiritos gostam mais da noite para se manifestarem, e, logo que apareça algum descrente não comunicam?

Tambem serão histéricos os espiritos ou amuados?

R. — Em tudo ha leis. Desconhecê-las não quere dizer que não existem. Ha condições que é necessario acatar.

13.º

P. — Se algumas reincarnações têm lugar para castigo do que se fez noutro mundo ou noutro corpo, de que serve tal castigo, se nós não nos lembramos nem temos consciencia do mal que praticámos?

R. — As reminiscencias de vidas passadas existem.

Praticando a meditação, o isolamento e o exame retrospectivo encontram-se essas reminiscencias claras e nitidas.

E', porém, de absoluta necessidade o esquecimento quasi total das vidas passadas, *quando incarnadas*, para podermos agir livremente e realisarmos a evolução de que necessitamos.

Suponde que um individuo que na sua ultima incarnação fosse um assassino. Como poderia ele realisar a sua evolução, com a visão constante do crime que cometeu?

Ponde o caso em vós e meditai!...

P. de C.

Hospital de Montemór

Por motivo dum lamentavel extravio nos correios, não podemos continuar a inserir o original referente ao hospital de Montemór-o-Velho.

Desgostos sobre desgostos...

SUICIDIO

Suicidou-se em Coimbra, na estação B, o maquinista da Companhia Portugueza Ferro-viaria, Antonio Salvador, ingerindo uma porção enorme de sublimado corrosivo.

O desgraçado trabalhador possuia um genio irrequieto, turbulento, e foi vitima dêsse feitio indomavel, que lhe causou, por vezes, sérios desgostos.

Doloroso é que deixasse, na orfandade, algumas criancinhas sem pão e, na mais triste viuvez, uma pobre esposa que decerto se vae vêr a braços com mil e uma dificuldades para prover ao sustento dos filhitos.

O falecido era ainda novo, e cremos que a neurastenia foi tambem a causa da sua morte.

Pezames aos seus.

Secção de Variedades

A um estudante feio

Quando Rafael Correia
Veio lá da sua aldeia,
Visitar a Lusa Atenas,
Teria dado, apenas,
Uns quatro passos na rua,
Encontrou sua reverencia
O prior de Santo Antonio,
Que disse logo: Demonio!
Que diabo vejo eu??
E correu, correu, correu,
A visitar as capelas,
P'ra vêr se, dalguma délas
Teria fugido algum judeu!

Alcool puro

Para saber se ao alcool foi adicionada agua, deita-se um pouco de alcool suspeito numa colhér, misturam-se-lhe uns grãos de polvora e chega-se-lhe um fosforo aceso.

Quando o alcool é puro, arde por completo e inflama a polvora; mas se contém agua, a polvora empapa-se e não se inflama.

Retiraram para Coimbra e Porto, respetivamente, os nossos estimados patricios, snrs. Alvaro da Silva Ferrão e José Ferrão, que aqui estiveram em goso de férias e naquelas cidades vão continuar os seus estudos.

Tambem retiraram para a Beira o snr. Antonio Fragoso da Rocha e seu ilustre irmão, que em casa de seu primo, o importante lavrador, snr. Silva Ferrão, estiveram alguns dias.

J. Oliveira Neves

Passa um pouco incomodado de saude este nosso querido amigo e distinto colaborador literario, que vem abrilhantando, ha tempos, as modestas paginas do *Dever*.

Sentindo o seu incomodo, muito anciamos por vê-lo restabelecido e bem disposto.

Bispo de Coimbra

Chegou a Coimbra na quinta-feira, no *rapido* das 11 horas, o novo bispo desta diocese.

A imponente recéção que teve, a enorme fila de trens e automoveis que da estação velha se estendia quasi até á cidade, são prova concludente do renascimento da ideia religiosa em Portugal, á despeito da existencia duma lei radicalissima que separa as igrejas do estado e quasi que proibe o culto externo. E o aparato de forças, na recéção ao novo prelado, pouco menos foi do que um acto de culto bem significativo. E assim se demonstra que a liberdade não é inimiga do catolicismo, nem este, por mais arreigado e convicto que seja, prejudica a liberdade, desde que haja a boa-intenção, a verdadeira religião cristã.

Folgamos que assim seja.

Passou no dia 14 o aniversario natalicio do nosso estimado colaborador da capital, snr. Afonso Almufrey.

Um abraço.

Movimento do tribunal

Responderam em audiencia de policia correcional, no dia 15 do corrente, no tribunal judicial da nossa comarca:

Manuel Bernardes Rasteiro, de Pereira, pelo crime de ofensas corporais na pessoa de João dos Santos Torres, do mesmo logar. Foi condenado nas custas e 15 dias de multa á 15 centavos por dia, sendo seu defensor o snr. dr. Francisco dos Santos Neto.

João dos Santos Torres, de Pereira, pelo crime de ofensas corporais na pessoa de Manuel Bernardes Rasteiro. Foi absolvido, sendo seu defensor o snr. dr. Armando Monteiro de Carvalho.

MUNICIPIOS

Vão ser dissolvidas varias camaras municipais que não acataram as deliberações do poder executivo, e ainda aquelas que, de futuro, desrespeitarem o mesmo poder.

Dentre as já dissolvidas contam-se as de Lisboa e Porto, que nem acatam as ordens dadas, nem deixarão os municipios a que pertencem, muito embora o governo pretenda violentar, pela força, as corporações respétivas a abandonar o seu mandato. O mesmo sucede com as juntas de paroquia.

Antevemos, pois, sérios conflitos e grandes embaraços na marcha da governação publica, já agora condenada a um eterno desassocego, a uma permanente desordem, que graves transtornos causam á vida da nação e que muito comprometem o paiz perante o estrangeiro avido de zaragata e ambicioso de conquista.

Veremos onde tudo isto vae parar. Veremos e comentaremos com a serenidade habitual do nosso espirito e a tranquilidade manifesta do nosso pulso. Veremos e comentaremos. Sim. veremos...

Igreja de Santa Justa

Foi nesta igreja coimbrã que explodiu a bomba de dinamite; por lapso dissemos, no ultimo numero do *Dever*, que havia sido na de Santa Cruz.

Fica feita a rétificação.

AOS AGRICULTORES

Estamos entrados na epoca da sementeira da batata, e é de toda a conveniencia que os senhores se não esqueçam dos adubos quimicos e organicos, da acreditada casa *Varela, Leal & C.ª, das Varzeas*, e que se encontram **á venda em casa de Manuel Monteiro Godinho**, com deposito no **Casal do Gaio, Arazêde.**

Poetas e Prosadôres

A MINHA ALDEIA

Ao meu amigo e companheiro de infancia
ANTONIO DIAS ABRANTES

Noite amena de verão; noite de lua cheia
Que envolve em prata e luz a minha pobre aldeia,
Que a faz banhar no amôr que nos segreda e canta,
Em carinhos tão bons a divinal garganta,
Que a gente fica a rir, a rir, a rir de gosto
Como ri uma flôr ao lindo sol de agosto,
Como ri a iluzão no coração da gente
Um riso divinal, meigo, adorado e quente !

O meu ninho infantil, de lirios, de assucenas
Todo enfeitado a flôres, como forrado a penas
E a veludo tão bom com matinal calôr...
Onde eu brinquei, brinquei com meu primeiro amôr...
Onde amei a rir, onde eu amei de vez
Um amôr, grande amôr a repartir por trez;

Por trez ! Sendo o primeiro uma casinha amada
Ao fundo de uma a branquejar caiada
Leve como um sorriso ameno e delicado :
«A capelinha pobre onde eu fui batisado».

O segundo, esse então é um verdadeiro ninho
Feito de mansidão de ressequido arminho
Que embala amôr e luz onde eu a fui bebêr :
«A escola pobre e linda onde aprendi a lêr».

O terceiro, não sei; não o sei traduzir.
Ao cimo de uma encosta a branquejar e a rir
Onde a briza no verão a vai banhar dorida,
Essa casa que fica ao cimo da subida,
Da subida ideal que eu tanta vez subi
A correr e a saltar : E' o berço onde eu nasci !

Quando em noites de verão, noites de lua cheia
Me ponho a contemplar a minha pobre aldeia
Vestida de galas a branquejar de prata,
Ouvindo os rouxinoes a linda serenata,
Ouvindo em ceifeira as lindas raparigas
Cantando com ternura as populares cantigas,
Fito os olhos no chão que eu tanta vez trilhei,
E digo a suspirar : Tão linda te deixei !

Leão Correia.

Novo Juiz

Já tomou posse o novo juiz de Direito da nossa comarca, snr. dr. Antonio Augusto do Amaral Pereira, magistrado duma fina inteligencia e duma integridade de caracter pouco vulgar. Sabemos que o novo juiz goza duma extraordinaria reputação profissional. Foi muito bem recebido e o concelho está contente.

O Dever, saudando o ilustre funcionario, apresenta-lhe os seus cumprimentos de boas-vindas.

Revista a praças licenceadas

Vai ser passada revista ás praças licenciadas dos regimentos de artilharia n.º 2, infantaria n.º 28, infantaria n.º 23, infantaria n.º 24, cavalaria 1 e 8, Poligno de Tancos, 2.º e 8.º grupo de companhias de saude, batalhão de telegrafistas de campanha, e ás de reserva do regimento de infantaria de reserva 28, 5.º grupo de reserva de artilharia, 5.º esquadrão de reserva, 2.º batalhão de sapadores mineiros de reserva, estando marcados os concelhos e dias em que as referidas praças devem ter revista e que pela sua ordem, são os seguintes;

Mira, 2 de maio;
Vagos, 9;
Ilhavo, 16;
Agueda, 22 e 30;
Oliveira do Bairro, 13 de junho;
Cantanhede, 20 e 27 de junho e 4 de julho;
Montemór-o-Velho, 11, 18 e 25 de julho;
Figueira, 1, 8, 15, 22 e 29 de agosto e 5 e 12 de outubro.

José de Napoles

Foi á capital assistir ao congresso do partido evolucionista, este importante lavrador da Granja do Ulmeiro e nosso presado assinante, que tem pelo snr. dr. Antonio José d'Almeida uma veneração pessoal e politica extraordinarias.

DOENTE

Tem passado incomodada de saude a nossa distinta colaboradora, snr.ª D. Amalia Nunes de Souza, que já regressou a Coimbra, vinda da sua casa de Estarreja.

Desejamos as melhoras da ilustre enferma.

Alvaro de Matos

Prof. das Clinicas obstetrica e ophtalmologica na Faculdade de Medicina

CLINICA GERAL. DOENÇAS DAS SENHORAS

Residencia : R. de Tomar, 5. Tel. 51
Consultas da 1 ás 3
no Largo Bombarda, 27, 1.º
Tel. 20

As consultas de gynecologia e ophtalmologia são gratuitas para as classes pobres.

PEDIDO

A' competente comissão promotora do bando precatorio que ha aproximadamente trez mezes percorreu, acompanhada da filarmonica deste logar, as povoações de Arazêde, Vila Franca e Casal do Gaio, afim de angariar donativos para os feridos da guerra, pedimos a fineza de nos informar qual foi o resultado da angariação, e pedimos mais que nos diga se a respétiva importancia já deu entrada nos cofres da Cruz Vermelha. Antecipadamente agradecemos a resposta.

Congresso Evolucionista

Fôram representar Montemór no congresso do Partido Republicano Evolucionista que se realisou em Lisboa, os snrs. Fernando Augusto Barbosa, presidente do senado municipal, José Antonio Monteiro da Costa, José Augusto Monteiro de Campos, Silvino Ferreira da Silva Carvalho e Antonio Augusto Rodrigues de Campos.

CARTA DE COIMBRA

16—4—915

Bispo-Conde. — Teve uma festiva recéção o ilustre antistite desta diocese, snr. D. Antonio Luiz Coelho da Silva.

Dizem-nos ser um espirito prudente e esclarecido, capaz de não desmerecer as faculdades conciliadoras do seu saudoso antecessor, que a uma meditada diplomacia aliava os dotes da intuição da epoca em que exerceu o seu munus pastoral. A cidade, no seu mais que cortês acolhimento, honrou as suas tradições de galhardia.

Posse.—Apresentou hoje os seus cumprimentos aos alunos da Escola Nacional d'Agricultura o distinto professor do mesmo estabelecimento, sr. Emilio Rijo Inso. Não fazemos votos por que faça honrar as suas tradições de faculdades de trabalho e de inteligencia superior. Honrou a Escola com a sua valiosissima cooperação.

Rainha Santa.—Cremos ser ponto assente a realisação desta festa, cuja sumptuosidade tantos forasteiros fazia atrair. A par das festividades religiosas, outras profanas estão em vias de realidade, para o que se tenta conjugar todos os esforços. Coimbra precisa de vida e dumas ferias a tanto faciosismo que por aí impera, de mais quando os festejos a Santa Izabel nunca tomaram o caracter reacionario.

O nosso incondicional apoio a uma deliberação final favoravel a êste áto, com repulsa, já se vê, a tudo o que traga a mascara do retrocesso.

Bombas.— Preso por denuncia o farmaceutico figueirense snr. Vitor Hugo Lino Franco, esteve detido na esquadra de policia desta cidade, sendo remetido para o juizo da Figueira, com o respectivo material.

Cursos de Direito.—Reunem brevemente em Coimbra os de 1885, 1889 e 1895.

Hospital.—Deu ali entrada o maquinista dos caminhos de ferro, Salvador, por ter ingerido por equivoco sublimado corrosivo.

Desistencia. — O alferes de infantaria 35, snr. José Esquivel, desistiu de ir servir no Ultramar.

Desordem. — Em Celas foi ferido por três facadas Fernando Martins, sendo autor da agressão João Nervoso.

Despacho. — Para ajudante do escrivão-notario do 1.º oficio do juizo de direito foi nomeado o snr. dr. Alberto Carneiro Franco.

Carro voltado. — Ao Calhabé, indo de encontro a um cilindro, voltou-se o de Antonio Henriques Simões, de Vila Nova de Poiares, ficando maltratado um passageiro.

Escola-Oficina.—Com o intuito de angariar receita para a continuação das obras dêste instituto operario, á Fonte Nova, realisa-se um espectaculo no Teatro Avenida, em 3 de maio.

Falecimentos. — Em Castendo, a extremosa mãe do snr. Antonio Cardoso de Menezes, director da Escola Nacional d'Agricultura.

— Em Coimbra, o nosso dedicado amigo snr. Lourenço Lobo, comerciante ás Ameias.

A's familias enlutadas o nosso cartão de pêzames.

Castilho.

Alice Oliveira,

aluna externa do 5.º ano de piano do Conservatorio e com o curso de musica; léciona, em sua casa ou dos alunos, como se convencionar.

RUA DO SUB RIPAS, 10
COIMBRA

Esteve em Coimbra, na quinta-feira, o nosso amavel cooperador e representante do Zambujeiro, Joaquim Francisco Coca Junior, capitalista e industrial.

Não nos foi possivel abraçar o nosso amigo.

SILVA LIRIO

Chegou na sexta-feira a esta localidade este prestantissimo filho de Arazêde, importante capitalista em Lisboa. Soubemos agora, por comunicação obsequiosa, que o snr. Silva Lirio estivera cá tambem em 28 de março.

Dando-lhe as boas vindas, cumprimentamo-lo em nome da freguezia que muito lhe deve pelo desvelado carinho que sua ex.ª lhe vota.

Agua da Curia
Mogofores

As unicas aguas sulfatadas-calcicas que existem no paiz, similhantes ás afamadas aguas de Contrexéville, nos Vosges (França).

CARTA DA ABRUNHEIRA

13—4—915.

Festa escolar

Correu, como era de prever, na melhor ordem, a festa escolar realisada na Escola mixta, no ultimo domingo, 11 do corrente.

Constou do seguinte: Na vespera á noite, saiu da sala dos ensaios da Filarmonica Abrunheirense, o rancho infantil que passeou as ruas desta localidade, indo em seguida para um lindo pavilhão, todo enfeitado com verdura e flôres, onde dançou muito bem umas lindas canções, que uma bem organisada fanfarra executou.

No dia da festa, pela 1 hora da tarde, organisou-se o cortejo civico, que acompanhado pela filarmonica se dirigiu para a escola do sexo masculino, seguindo depois para a escola mixta.

Ai realisou-se uma sessão solene á qual presidiu o sr. dr. Antonio Joaquim Simões, presidente da Camara Municipal deste concelho, secretariado pela professora, sr.ª D. Aida da Fonseca Mota e pelo professor, sr. Jorge da Cruz Vieira.

O sr. dr. Simões, usando da palevra proferiu um belo discurso, pondo em destaque os serviços prestados pela professora, no curto espaço de tempo que aqui está, apelando para os paes das creanças para que os mandem á escola, mostrando-lhe a conveniencia e a vantagem que d'ai resulta.

Falou em segundo logar a professora que incita as creanças a frequentarem com regularidade a escola; diz que sendo a missão do professor instruir e educar é necessario que os paes das creanças em casa secundem o trabalho do professor para que este dê o resultado que se deseja.

Falou depois o professor que tambem proferiu um belo discurso e recitou um soneto adequado ao acto.

Por ultimo usou da palavra o sr. dr. Martinho de Brito, que recordando as palavras da sr.ª D. Aida de que é necessario os paes auxiliarem os professores na dificil tarefa da educação e formação dos caracteres das creanças; vê com desgosto que isso nem sempre se faz, porque vão as creanças da escola para casa com o espirito bem preparado para serem no futuro bons chefes de familia e bons donos de casa, e os paes, muitas vezes, obrigam as creanças a trabalhos pesados e dificeis empregando termos que desfazem por completo o trabalho que na escola tem o professor.

Todos os oradores foram ouvidos com agrado, sendo, no fim muito ovacionados.

Recitaram poesias a menina Carmelinda da Costa Patricio e o menino João Pedrosa.

Nos intervalos dos discursos fez-se ouvir o orfeon que cantou muito bem uma Rapsodia de cantos populares da Beira, a canção portugueza *A Vareira*, etc., finalisando com a *Portugueza*.

Em seguida foi distribuido um bom e abundante lanche ás creanças e foram-lhe distribuidos premios, oferecidos pelo nosso amigo e conterraneo sr. João Maria de Oliveira Carvalho, proprietario da Nova Casa Minerva de Coimbra que todos os anos se lembra das creanças da terra que o viu nascer.

Pouco depois voltou o rancho infantil para o seu pavilhão, onde dançou com a mesma correcção da vespera as canções que a fanfarra executava e que as creanças acompanhavam em côro.

Foi bisado o Fado que foi cantado com muito gosto pela menina Conceição Tondela.

A sala da aula foi enfeitada pelo nosso amigo, sr. Francisco Largaço, da Figueira da Foz, que expressamente e de sua vontade, aqui veio para tal fim.

Festa brilhante em que predominava a alegria.

Nesse dia vimos aqui muitas damas e cavalheiros das povoações visinhas e da Figueira da Foz, encontrando-se entre êles o nosso presado amigo sr. Adelino Alves Pereira, que tirou algumas fotografias.

—— Em goso de licença encontra-se entre nós, com seu filhinho Antonio, o sr. Carlos de Sousa, distinto musico de 2.ª classe da banda de infanteria 15.

—— Retiraram já daqui os academicos que vieram passar as ferias da Pascoa com suas familias.

—— Tambem retirou para Coimbra, com sua ex.ma familia, o sr. João Maria de Oliveira Carvalho.

—— Com sua ex.ma familia, está nesta localidade o sr. dr. José de Ornelas Regalão.

—— Foi acometido de uma colica intestinal, que felizmente foi passageira, o sr. dr. Antonio Joaquim Simões.

—— De visita a seu filho, esteve aqui com sua esposa, o sr. Serafim da Cruz Vieira.

N.

Tivemos o prazer de cumprimentar em Coimbra o nosso estimado assinante e amigo, snr. Francisco Martins da Costa, honrado comerciante na visinha vila de Tentugal.

Valor da nova moeda

Um escudo ou avo de ouro (1$000 rs.) divide-se em 100 centavos :

1/4 centavo equivale a	2 1/2 réis
1/2 centavo »	5 »
1 centavo »	10 »
2 centavos »	20 »
5 centavos »	50 »
10 centavos »	100 »
20 centavos »	200 »
50 centavos »	500 »
1 escudo (100 centavos) equivale a...	1$000 »
2 escudos (200 centavos) equivale a...	2$000 »
5 escudos (500 centavos) equivale a...	5$000 »

ANUNCIOS

Gesso e adubos compostos

Para todas as culturas
DE
J. CORTEZAO

Fabrica — Sá (Anadia)
Escritorio — Figueira da Foz.

FABRICA DE CAL

Cal fina e grossa, fornece-se em muito boas condições. Preços modicos, sobre o wagon, no caminho de ferro e nos proprios fornos.

Agente de telha tipo marselha e tijolos de todos os formatos, da fabrica Lacerda, Figueiredo & C.ª Limitada, da Pampilhosa.

Pedidos a

Joaquim F. Coca Junior
Zambujeiro—Arazede

AGUA DE LUSO -- Cura pela Diurése

(ESTABELECIMENTO TERMAL E HOTEIS ABÉRTOS TODO O ANO)

A mais diurética e mais digestiva. Aumenta a diurése, regularisa as funções digestivas e átiva os fenómenos nutritivo

Muito radioativa—4,49 miligramas—minutos
Muito ionisada, resistividade a 18° 18300 ohms
Muito rica em gazes raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotonica, ponto criospico 0°,04

} Conclusões da analise feita pelos distintos professores Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitissimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tifico

USO EXTERNO—Molestias de pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc,), reumatismo e gôta.
USO INTERNO—Artritismo, impaludismo, neurastenia—Albuminuria, diabetes—Intestinos, estomago—Rins—Bexiga.

Depositos -- LISBOA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros, 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 428. FUNCHAL, José Quirino de Castro, rua dos Murças. AFRICA ORIENTAL: Oswald Offmann.
BEIRA: F. L. Simões & C.ª. LOANDA: Beltrão, Pena & C.ª, e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositarios nas terras onde ainda os não haja.

Seguros contra incendio — incluindo riscos de explosão de gaz e raio.

Seguros contra incendio — cobrindo tambem os riscos de *Greves* ou *Tumultos* (portaria de 14 de Março de 1914).

Seguros contra incendio — cobrindo ainda os riscos de *Guerra* (portaria, 30—XI—1914).

Unica companhia autorisada a segurar os riscos de Guerra nas apolices Incendio

As apolices d'A MUNDIAL são portanto as que mais conveem aos interesses dos proprietarios, locatarios, industriais, comerciantes, etc.

A MUNDIAL
COMPANHIA DE SEGUROS
Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital Esc. 500.000$

Séde em Lisboa
Rua Garrett, 95
Telephone n.º 4084

Delegação do PORTO
Praça Almeida Garrett 22|24
Telephone n.º 1459

ENDEREÇO TELEGRAPHICO—**MUNDIAL**

Agentes em todas as localidades do paiz ilhas e colonias

Livraria e Tabacaria Cunha
Livraria Moderna e Tabacaria Augusto Henriques (reunidas)
Alberto Gonçalves Cunha
150, Rua Ferreira Borges—COIMBRA
TELEFONE N.º 293

LOTARIAS—Bilhetes, suas fracções e cautelas. Variada série de numeros certos.—Premios frequentes.
TABACOS—Nacionais e estrangeiros. As melhores marcas de cigarros e charutos.—Todos os artigos para fumadores.
POSTAIS ILUSTRADOS—Sempre as ultimas novidades em todos os generos.—Bilhetes de visita, impressão rapida.
PAPELARIA—Finissimos papeis de carta em caixas aos cadernos.—Objectos para escritorio e desenho.
LIVRARIA—Nacional e estrangeira, Revistas, Pu' licações.—Figurinos.—Musicas.

Livros usados, antigos ou modernos, em qualquer estado, em grandes ou pequenas quantidades, compra em qualquer parte.

Passagens para o Brazil e Africa

José de Almeida

Negociante nas Pontes de Cadima, concelho de Cantanhede, e correspondente de todas as Companhias de navegação

Faz constar que vende passagens para todos os portos do BRAZIL, AFRICA, etc., a preços reduzidos, para o que está legalmente habilitado.

A sua vida de seriedade e honestidade são garantia segura para que os que desejam comprar passagens o procurem de preferencia a qualquer outro.

Guilherme dos Santos Pinto & Irmão
COM
OFICINA DE CANTEIRO

Encarregam-se de jazigos de toda a especie e todo o serviço concernente á sua arte.

Tambem executam todos os trabalhos que digam respeito a *Plantas, Alçados, Copias, Projectos e orçamentos de edificios, edificações, etc.*

Montemór-o-Velho=Verride

Restaurante Ferro-viario
ALFARELOS

ESTE bufete, um dos que melhor servem o publico que transita nos comboios, acha-se situado na estação do caminho de ferro de Alfarelos. Fornece almoços, jantares e *lunchs* e toda a qualidade de refeições, por preços comodos. Tem pessoal habilitado, tanto em cosinha como em sala de mesa. Tudo se encontra com esmero e perfeição.
Fornece comida para fóra, e presta se a servir em casamentos, batisados, etc., desde que seja prevenido com antecipação.
O proprietario, **Artur de Oliveira Coelho.**

Companhia de Seguros
A Lusitana
Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz
Antonio d'Oliveira Guerra
RUA DA REPUBLICA, 84

JOSÉ MARQUES
CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL
Correio de Cadima—Vila Nova d'Outil

GRATIFICA-SE BEM a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legitimos acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de fórma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamavel, isca em cordão vendida fraudulentamente a titulo de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva acção civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa ao Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando-se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalisação para procederem ás necessarias diligencias. Dirigir-se pessoalmente ou por carta á Companhia Portuguêsa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS
MELO & MARTINS
PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada
PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiencia dos nossos adubos, devido ao seu magnifico resultado os adoptarão de preferencia a qualquer outro.

AZEITE
Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis
MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro
PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex.mos passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.
Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA
Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.
PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações
Deposito das afamadas aguas de Luso.

Hotel de la Paix
JEAN OZUN

Situado num dos pontos mais centrais da capital, belas vistas sobre o Rocio, é um dos modernos hoteis que mais comodidades oferece.
Bom serviço de cosinha á franceza
Almoços, 60 centavos. — Jantares, 80 centavos. — Serviço á lista.
3 Calçada do Duque, 3 — **Lisboa**

Fabrica de Lanificios
— DE —
MANOEL JERONIMO DE MATOS
COVILHÃ

Fornecedor da caixa de socorros dos empregados da Companhia Portuguesa

Esta fabrica, uma das mais acreditadas da Provincia da Beira Baixa, fornece, por preços convidativos, especialmente a particulares do continente e ilhas, os melhores produtos da sua fabricação, tais como casimiras, cheviotes e estambres, empregando materia prima de primeira qualidade, esmerando-se quanto possivel na sua execução e adotando os melhores padrões e côres que a moda impõe nos centros elegantes estrangeiros.

Envia amostras para todos os pontos, para o que bastará o pedido feito num simples postal.

Pedidos a
Manoel Jeronimo de Matos--Covilhã

Biblioteca da Universidade
Coimbra

Ano 4.º — Arazêde, 25 de Abril de 1915 — N.º 166

Director, administrador e editor
J. d'Almeida Junior

Representantes em muitas terras do país, Africa e Brazil

PROPRIEDADE DA DIRECÇÃO

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguêsa

Pátria e Humanidade

Redação e Administração
ARAZEDE

Toda a correspondencia relativa a este jornal, deve ser dirigida ao Director, para Coimbra

Composição e Impressão
Tip. Silva (a vapor)—AVEIRO

Pão ou Paz

Num clamôr unisono de indignação e anciedade, as mulheres de Trento reclamam, da camara municipal competente, aquilo a que todos os povos têm direito, como motivo essencial da sua tranquilidade e do seu progresso: — pão ou paz.

Na Austria, como em toda a parte, o pão é a condição básica da estabilidade dos organismos sociais. A conflagração da Europa, que já fez faltar os *stocks* de farinha em Trieste, ha-de terminar por levar os povos á mais infima condição de vitalidade. Pão ou Paz! Ha lá nada mais justo, que mais profunda filosofia encerre? Meia duzia de letras alfabéticas, numa frase assim cerrada de clamôr e de justiça, de vibratilidade, é o bastante para definir um campo. E as austriacas, que pedem pão ou paz, sentem na alma o látego da desgraça e o avisinhar da miseria.

Quem trabalha carece de remuneração condigna. E as femeas da Austria, estamos em crêr, nenhuma participação tiveram na grande calamidade a que deu origem, desastradamente, o governo do seu país, aliado da Alemanha, que, sendo uma nação cultissima, é das que, na presente conjuntura, está dando mais provas de crueldade, como se a crueldade fosse um sentimento proprio dos povos cultos e conscienciosos.

Não nos admiramos de a fome se fazer sentir na Austria: o que nos espanta é que as mulheres, arrastadas por privações de varia ordem, tomem o logar dos homens na defeza da sua legitima sustentação, acumulando esse cuidado com outros bem complicados do seu saudavel sacerdócio de educadoras e de mães.

A Paz é essencial á harmonia das almas, ao Amôr, á religião das nossas crenças e dos nossos mais ardentes afétos. E' a Vida em toda a sua plenitude, em toda a sua pujança. Um povo socegado, trabalhando e produzindo, sonhando tranquilamente o alvorecer dum dia de belezas e de atrações, é sempre um povo ideal, cheio de esperanças e de Fé no futuro da sua patria e na regeneração da sua raça.

O pão é a pedra de toque da nossa felicidade; é o nectar precioso da nossa vontade de agir, do anceio pela conquista da liberdade ponderada, da liberdade altiva; é toda a razão da felicidade popular. E' mais precioso, mais indispensavel á vida do que o algodão que nos cobre a pele e o vinho que transtorna os espiritos enfraquecidos e as criaturas de dubia educação social. Muitos não querem vêr esta verdade luminosa. Daí a sua ruina.

Pão, Paz e Luz! Um ternario de palavras conceituosas. Um *bouquet* odorante de felicidade humana, um mar enorme de sentimentalismo, em que se encerra todo um mundo de sonhos e de venturas.

Um povo iluminado pelo clarão bemdito da felicidade e instrução; um povo em cuja terra a fome se não fizesse sentir nunca; um povo onde a Paz revigorante semiasse os seus beijos de poesia e de independencia, seria um povo ideal, uma terra cheia de astros rebrilhantes que tonificam os espiritos e os tornam fortes e sadios para a luta e para o Progresso.

Infelizmente, estes três elementos indispensaveis á vida e ao organismo social, nenhuma terra os possue completos; e, o que mais dóe é que, não os havendo, não contribuam quanto em suas forças caiba para angariarem a maior soma de bem-estar possivel; porque tudo é possivel, sob a abobada celestial, uma vez que a ponderação e o criterio norteiem os individuos.

Pão ou Paz! E' por que todos devemos impacientar-nos, assim á maneira das pobres mulheres de Trento.

Almeida Junior.

Regimes sem dinheiro

Assim como os organismos humanos se ressentem com a fome e com outras privações de caráter substancial, assim a engrenagem dos regimes politicos das nações se abalam com as dificuldades monetarias do seu povo ou se engrandecem e prosperam sendo lisongeiras as condições economicas dos seus apaniguados.

Irmos a dizer, por exemplo, que o regime republicano em Portugal se ha-de mais ou menos combalir, precisamente porque a ideia da Republica germina com maior fervor na alma dos humildes, e todo o mundo sabe que uma dedicação, por mais sincera que seja, só por si não basta para opôr entraves a qualquer dificuldade financeira ou a qualquer enfermidade fisica que sofra aquele ou *aquilo* a quem nós votamos todo o nosso desinteressado apoio.

E' necessario mais alguma coisa, e nem com tão pouco, por incompreendido muitas vezes, se contentam os que recebem a nossa estima e a nossa afeição de sempre.

A alma colétiva é exigente. Mas quem, dispensando-lhe carinhos, nada mais possa fazer do que dar-lhe sorrisos e desinteressadas demonstrações de solidariedade, ao menos sem afeições, não é tão tido em conta como os que, podendo dispender oiro, oiro distribuem ás mãos cheias.

Assim, os proprietarios de Lisboa, isto é, os capitalistas da capital, reunindo-se, deram todo o apoio ao governo, em vez de terem deliberado distribuir parte dos seus haveres, em demasia, pelos necessitados que todos os dias enxameiam as ruas das cidades e vivem uma vida de privações aqui assim pelos campos e sobre os mares.

E' certo que o governo não é monarquico, mas.... é como se o fosse. Pelo menos muita gente assim o julga, até prova em contrario. Muita gente bôa, é claro...

MELHORANDO

Saiu já á rua, um pouco restabelecida, depois de ter estado gravemente doente, chegando a inspirar sérios cuidados a sua familia, a snr.ª D. Branca Castanheira de Carvalho, filha estremecida do nosso querido amigo, snr. João Castanheira de Carvalho, inteligente amanuense da administração do concelho.

Fazemos votos pelo completo restabelecimento da simpatica doente.

O DECRETO DE AMNISTIA

abrange Paiva Couceiro, Azevedo Coutinho e outros antigos conspiradores

E' do teor seguinte o decreto de amnistia, e publicado na folha oficial:

Excelencia — As circunstancias em que se constituiu o atual governo impõem-lhe o indeclinavel dever de chamar todas as correntes de opinião do paiz a colaborarem numa obra de pacificação e de resurgimento.

Não é um governo partidario. Procurando ser governo nacional, tem, por uma das suas principaes funções, no atual momento, dentro da Republica e fiel aos seus principios, fazer com que ela seja um regimen de liberdade e tolerancia, sem odios sectarios, isento de espirito de perseguições, aberto a todos e em que a todos se mantenha o respeito das suas opiniões, das suas crenças e dos seus ideaes.

Manifestamente o paiz, o paiz que trabalha e produz e que tem correspondido com admiravel constancia e firmeza aos grandes sacrificios que lhe teem sido impostos, está cançado de lutas politicas e reclama dos seus governantes que se feche de vez um tão longo periodo de intranquilidade.

E, por outro lado, para a resolução dos graves problemas da vida nacional, necessita-se de uma atmosfera de socego e de confiança, bem como da união de todas as vontades desinteressadas e patrioticas.

Não é agora ocasião oportuna para descriminar responsabilidades, e nem tal é a missão do governo. Verificados os factos, reconhecida a necessidade urgente de lhes dar remedio, o governo faz um apelo honesto a todas as forças do paiz, para que todas com ele colaborem na sua obra de concordia e de união, e, pela sua parte, vae fazer o que lhe cumpre, dentro dos limites das suas atribuições.

Deste modo se justificam os intuitos deste decreto.

Por virtude dele torna-se extensiva até á presente data a amnistia concedida pela lei de 22 de fevereiro de 1914, a qual foi recebida no paiz com geral e sincero aplauso.

Eliminam-se agora algumas das restrições impostas á concessão dessa amnistia, e assim a Republica, procedendo com ampla benevolencia e generosidade, vem dar um claro testemunho de que nem alimenta odios, nem se arreceia dos seus mais ardentes contraditores.

São estas as razões que levam o governo a submeter á aprovação de v. ex.ª o seguinte decreto:

Usando da faculdade que me é conferida pela lei de 8 de agosto de 1914, e tendo ouvido o conselho de ministros, hei por bem decretar o seguinte:

Artigo 1.º As disposições da lei n.º 114, de 22 de fevereiro de 1914, são aplicaveis aos crimes, delitos e transgressões praticados até á data do presente decreto, com as modificações dele constantes.

§ unico. E' concedida tambem amnistia ás infrações disciplinares por motivos politicos cometidos até á mesma data.

Art. 2.º Ficam revogados os artigos 2.º e seu § unico, 3.º e seus paragrafos, e 4.º da mesma lei, dando-se por findo todo e qualquer procedimento contra os individuos abrangidos nas disposições destes artigos, com excéção dos funcionarios civis e militares, que serão julgados, nos termos do artigo 3.º, para o efeito do artigo 10.º da mesma lei.

Art. 3.º Este decreto entra imediatamente em vigor e revoga a legislação em contrario.

O decreto atinge, pois, os implicados nos acontecimentos de Mafra e os seguintes conspiradores, que haviam sido expulsos do territorio da Republica por um prazo que não excederia dez anos: Henrique Mitchel Paiva Couceiro, João Antonio Azevedo Coutinho Fragoso Siqueira, João de Almeida (ex-capitão), Jorge Perestrelo de Pestana Veloso Camacho, Mario Augusto de Sousa Dias, Vitor Leite da Gama Lobo Sepulveda, Francisco Manoel Homem Cristo, padre Antonio de Moura Leite Maciel, padre Julio Barroso, padre Domingos Pereira e padre Julio Candido Cesar.

CLUB RECREATIVO

No proximo numero publicaremos um alvitre sobre a fundação de um club recreativo em Arazêde.

JOAQUIM DA CRUZ

Tivemos a satisfação de cumprimentar em Coimbra este nosso prestimoso amigo, da Serração Tomaz da Cruz & F.ºs, de Pampilhosa, e desvelado protétor do concelho da Mealhada, onde é muito querido.

Um amigo dos animais

No dia 2 de janeiro uma cheia enorme cobriu todo o Campo do Mondego.

Alguns rapazotes deste lugar, sem instrução nem educação, aproveitaram o facto para se divertirem, lançando á corrente impetuosa das aguas cães indefesos, alguns atados pelas mãos.

A lucta pela existencia dos pobres animais era terrivel e o espectaculo aos olhos civilisados era estupido e barbaro.

Nem todos, porém, são criminosos pela indiferença na culpa alheia. O bem educado cidadão

Antonio Laideley Guedes, negociante, aqui estabelecido, afoitamente se dirigiu aos delinquentes com palavras asperas mas acertadas, ameaçando-os com uma queixa para a policia de Coimbra.

A piedosa ameaça produziu resultados benéficos, e eu entendi por isso, participar á benemerita Sociedade Protectora dos Animais, de Coimbra, a acção honrosa deste cavalheiro. E, comquanto as nossas ideias estejam em manifesto desacordo noutro sentido, eu sinto um grande prazer espiritual em pedir para se arquivar nas colunas do *Dever* o seu retrato e a copia do oficio que lhe foi enviado pela referida Sociedade.

Para honra sua e de quem o educou.

S. João do Campo, Abril de 1915.

P. de C.

* * *

Ex.mo Snr. Antonio Laidley Guedes, de S. João do Campo.

Cumpre-me participar a V. Ex.ª que, em sessão desta Direcção, de 22 de Janeiro ultimo, foi resolvido oficiar a V. Ex.ª, agradecendo e honrando a atitude que V. Ex.ª tem tomado na defeza dos animais que nos são uteis, e que teem o mesmo direito á vida que nós.

O acto nobre praticado por V. Ex.ª, em principios de Janeiro, opondo-se energicamente á continuação de barbaridades que alguns rapazes dessa localidade cometeram, lançando á corrente das aguas animais inofensivos, vem comprovar, mais uma vez, a sua dedicação pela nossa causa.

Por tal motivo esta Sociedade não podia deixar de se honrar, honrando os sentimentos de bondade de V. Ex.ª para com os animais inferiores.

Saude e Fraternidade.

Coimbra, 18 de Março de 1915.

O Secretario da Direcção da Sociedade Protectora dos Animais, de Coimbra,

Antonio Indio.

INFELIZ!

Era atraente e béla, e meiga, e carinhosa:
amando e sendo amada, — á luz do seu amor
vivia tão feliz! — tão qu'rida, tão mimosa!...
— como flor que o sol beija e lhe dá vida e côr!

Mas a felicidade — estrela caprichosa —
entre nuvem sombria ocultou seu fulgôr:
a Morte, arrebatando á sua alma extremosa,
seu amôr, o seu bem.... cobre-a de luto e dôr!

Ai! ao rasgar-se a triste e negra sepultura,
abriu-se á infeliz a estrada da amargura,
por onde se lhe arrasta o pobre coração!

Agora é a Desgraça a nortear-lhe a Vida:
rica outr'ora — infeliz! — desvairada, perdida,
ei-la hoje á Caridade a mendigar o pão!...—

Montemór-o-Velho, abril de 1915.

J. Neves.

Bando precatório

A filarmonica desta localidade promoveu, no dia 26 de dezembro, por iniciativa e solicitação do nosso estimado amigo, snr. Rodrigues de Campos, de Montemór, um bando precatório a favor da Cruz Vermelha.

O snr. Campos, que é uma criatura gentil e presidente, naquela vila, da referida Sociedade, dirigiu-se ao snr. Arcipreste desta freguezia, Joaquim Maria Larangeiro, que, solicita e amavelmente tratou em seguida de atender tão patriotico gésto. Percorreu a filarmonica, saida da casa dos ensaios, levando á sua frente uma bandeira tarjada de luto e com os seguintes dizeres: *Esmola para os feridos da Guerra*, os logares de Vila Franca, Casal do Gaio e Arazêde. A bandeira era conduzida pelos meninos Luiz e Antonio Baía e Afonso da Silva, na frente dos quais ia um bando de crianças composto pelas meninas Elvira e Judit Baía, Conceição e Rosa Valerio e Rosa Pereira, com salvas, nas quais eram colocados os donativos. As crianças, dirigidas pelos snrs. José Fortunato Teixeira e Manuel dos Santos Reis, davam ao acto uma solenidade encantadora.

A filarmonica tocava, repetidamente, o hino nacional, ouvindo-se vivas á Patria, aos Aliados, etc.

O Dever sente que só agora se lembrassem das suas colunas para noticiar um tão patriotico e humanitario feito, que demonstra evidentemente que em Arazêde nem tudo morreu para as belas iniciativas, devendo, entretanto, esclarecer que, ao fazer o pedido, que no numero passado dirigiu á comissão, não teve nenhum intuito reservado, nem suspeita alguma o moveu a faze-lo.

Conhecemos os comissionados, toda a população os conhece como homens honradissimos, incapazes de praticar uma má acção.

O nosso fim foi prestar-lhes agradabilidades, tornando conhecido o seu esforço, levando ao publico a noticia do rendimento do bando precatório.

E, a proposito, recebemos varias cartas, dentre as quais publicamos a do nosso amigo, snr. Antonio Baia, e a resposta da comissão, que teve a amabilidade de explicar-nos o seu procedimento. Dito isto, saudamos e aplaudimos a comissão promotora.

Eis a carta e a resposta:

Arazede, 17 de abril de 1915.

Primo e amigo.

Esta tem por fim participar-lhe que hontem entreguei ao ex.mo snr. Prior, para este fazer seguir á delegação da Sociedade da Cruz Vermelha, 13$40 esc., produto de um bando precatorio que a filarmonica promoveu, conforme adiante explico.

Não tenho feito esta entrega ha mais tempo porque esperava que atingisse maior cifra, pois tencionavamos ir aos logares circunvisinhos, o que nos foi inteiramente impossivel por estar o tempo sempre chuvoso, e ultimamente a minha pertinás doença obstou a esta minha vontade, pois esperava ir ao Tojeiro, Amieiro e Meco, onde de certo receberiamos mais alguma coisa.

Dou estas explicações ao meu amigo, porque já aqui havia linguas mordázes que julgavam que nós não davamos conta do que recebemos.

Sei que já vai tarde para o amigo dizer no nosso jornal, mas, tenha paciencia. Desculpe a massada e creia-me

Seu am.o,
Antonio Baía.

RESPOSTA

A comissão que nesta freguezia promoveu a *quête* para a Cruz Vermelha, responde ao pedido do ultimo numero do *Dever*, dizendo que o produto foi de 13$40 escudos, que foram entregues á Delegação da mesma Cruz Vermelha, neste concelho de Montemór, cujo presidente é o snr. Antonio Campos.

Fica assim satisfeito o pedido, que parece trazer encapotada uma suspeita.

E' certo que houve demora na entrega do dinheiro, mas só com o fim da comissão angariar mais algumas esmolas.

Arazêde, 18 de abril de 1915.

A comissão,
Antonio Baía,
José Fortunato,
Manuel dos Reis.

N. da R. — Temos em nosso poder uma carta do ex.mo snr. Antonio Rodrigues de Campos, dando-nos conta da recéção da importancia aludida. Agradecemos.

Alipio de Mesquita

Tomou a direção politica do nosso estimado colega *Leiria Ilustrada*, o querido amigo Alipio de Mesquita, que em Leiria tem sido a alma *mater* de todas as boas iniciativas.

Sempre pronto para a defeza das instituições, a Republica deve-lhe assinalados serviços e dedicações. Substituindo no jornalismo o antigo deputado e nosso amigo snr. Pires de Campos, por certo o fará brilhantemente, pois iniciou a sua direção introduzindo no jornal alguns melhoramentos que o tornam mais elegante e atraente.

Um abraço.

CULTUAL DISSOLVIDA

Em obediencia a determinações governativas, foi dissolvida a cultual do Paião, do concelho da Figueira da Fóz, e entregue, de novo, a egreja ao snr. padre Pratas, que imediatamente promoveu as cerimonias do ritual em casos tais, pois, segundo o seu conceito, estava o templo excomungado. Ao acto assistiram muitas pessoas da Figueira. A capela do Alqueidão, porém, não foi agora benzida, talvez por não ter sido molestada pelos ateus. O governo, que tal medida decretou, é porque entende que a liberdade, a genuina liberdade de crenças não afétará, em coisa alguma, a realisação do culto interno?

Seria esse o desejo de toda a gente bem intencionada.

CASA FUNERARIA

Chamamos a atenção dos nossos estimados leitores para o anuncio que, sob este titulo, vae na secção competente e de que é proprietario o snr. Adelino Faria, da Figueira da Foz, recomendando tão acreditado estabelecimento.

FALECIMENTO

Em Figueira da Fóz finou-se, ha dias, a snr.ª Maria da Conceição, mãe carinhosa das snr.as Inacia Evaristo e Gatonia de Jesus, com estabelecimento de mercearia naquela cidade. O seu funeral foi imensamente concorrido, o que prova a simpatia e consideração de que gosava a pobre extinta.

Pezames á familia em luto.

José Marques Pinto

Mais uma alma de eleição que desaparece na onda voraz da morte ingrata! Mais um homem que na vida só soube praticar o bem e nortear-se pelo justo, a Parca devastadora roubou ao convivio dos seus amigos e da familia estremecida!

A vida é cheia de surprezas.

Já lá vão 15 dias depois do falecimento do nosso querido amigo, e ainda agora noticiamos tão infausto acontecimento.

Tarde a noticia tragica nos chegou ás mãos; e nunca ela cá viesse. Acostumámo-nos a venerar o caracter do morto amigo, que em vida soube ser um grande cidadão, e essa nova contristou-nos profundamente.

Proprietario em Figueira da Foz, possuia o importante armazem de vinhos em Amieira, sendo consideradissimo como vereador da camara municipal e como homem, sempre pronto a auxiliar as grandes iniciativas.

O seu funeral, que se realisou naquela cidade, em 11 do corrente, foi bem demonstrativo, pela enorme concorrencia de pessoas de todas as classes sociais, de quanto Marques Pinto era querido e respeitado.

Se bem que a firma Pinto & Camara ficasse condignamente representada, tendo á sua frente o nosso estimado amigo, snr. Fernando Marques Pinto, filho dedicadissimo do pobre morto, ela sofreu, contudo, o enorme abalo que a saudade origina, vendo partir para o além-tumulo um dos seus membros mais queridos e mais dedicados.

O finado era padrinho do nosso director.

Sentindo, com magua, a perda do prestimoso amigo, o *Dever* envia, á familia enlutada, o seu cartão de tristes condolencias, não se esquecendo de abraçar seu sobrinho e empregado, Pompeu Mendes Pinto, que, com o snr. Carmo, em Amieira, contribuem para a prosperidade da casa.

SCIENCIAS... OCULTAS

(CONCLUSÃO)

E aqui terminou o nosso diálogo, pois que o ilustre interlocutor, de Lisboa, que é tambem, diga-se de passagem, um distinto redactor dum jornal e duma revista, não se achando disposto para responder a 2.ª dose de perguntas, que lhe formulámos, não mais deu sinal de si...

Enfim, ao principal já ele tinha respondido. O resto eram divergencias, nascidas dessas mesmas respostas, e que davam origem a novas perguntas.

O que é mais digno de anotar-se é o facto deste doutor, em medicina, negar a existencia da lei da hereditariedade! Ora, toda a gente sabe que filho de peixe sabe nadar; que filho de burro sabe dar coices; etc.

Logo: o filho de alcoolico, de criminoso, de degenerado, em suma, ha de sair com tendencias anormais. E a excepção não invalida a regra.

Portanto, perguntamos nós (sem esperança de obter resposta): tem culpa de ser mau o filho de maus pais? ou tem merecimento proprio o filho sadio de pais sadios?

Mais:

Se a humanidade caminha para a evolução por sucessivas reincarnações, perguntamos: que veem cá fazer as crianças que morrem ao nascer ou passados 8 dias? e os abortos?...

Certamente que não tiveram tempo de se aperfeiçoar em coisa alguma.

As nossas observações seriam mais numerosas, se não tivessemos pressa de acabar.

* * *

Terminamos, pois, declarando que as nossas dúvidas são apenas relativas á parte do Espiritismo que atribue os fenómenos espiritas á intervenção dos espiritos.... desincarnados.

Quanto aos fenómenos que se teem verificado em sessões espiritas e que a sciência aponta sob a designação de fenómenos *hipnóticos*, *psíquicos* e *sugestivos* acreditâmos nêles e não fazemos favor algum.

P. M.

A FOME ALASTRA

O nosso estimado colega de Mira, *A Defeza*, transcreveu no seu ultimo numero o artigo do nosso director publicado com esta mesma epigrafe num dos anteriores numeros do *Dever*.

Agradecemos a amabilidade do snr. dr. Elias Gordilho.

As cartas duma infeliz

Estou cansado de te ouvir. Tu tens, Iréne, a ingenuidade das pombas que se amam e que, por sobre as flores do teu jardim, se beijam ao sol-posto.

Estou cansado de ouvir, não. Não tomes a fraze a mal. Bem sabes que não me enfadas nunca.

Eu tinha dó de ti. E esse sentimento de comiseração aumentou no meu espirito, por ver que cada dia estás mais aferrada a velhas e sediças crenças, a coisas que todo o mundo sabe o que são e o proprio mundo catolico não ignora.

Não duvido da probidade do teu confessor, a quem tu chamas santa criatura e de quem tu muito gostas pelos seus honestos ensinamentos e altos conselhos de moral. Mas tu, Iréne, sabes bem que poucos sacerdotes praticam a verdadeira doutrina para que se encaminharam, muitos deles sem convicções, antes com ganancia manifesta.

Tem paciencia que t'o diga. Eu mesmo sou amigo de muitos catolicos praticantes, de alguns ministros da tua religião, e achei-os toda a vida uns pobres-diabos, bondosos, boas criaturas, sempre prontos para o bem. Ora são esses, para mim, os verdadeiros cristãos. Os outros, os maus, apenas fazem mal a si proprios. Porque, desacreditando o seu credo, prejudicam-se tormentosamente.

Não te censuro.

Para mim são respeitaveis todas as crenças. Posso, é claro, discordar delas, da tua, por exemplo, e, no fundo, admirar o teu talento, que é inegavel, e a tua bondade, que é latente de generosidade e boa intenção.

Se tu fosses, á noitinha, extasiar-te na luz amoravel do poente, e aspirar, á largos haustos, o ambiente odorante da Natureza á beira-mar, estou convencido de que te esqueciam a maior parte das coisas que levam a confusão aos espiritos fracos, como o teu.

Adeus. Tu estás doente e eu ainda não melhorei.

Teu,
LEOPOLDO.

INDULTADOS

Paiva Couceiro, Azevedo Coutinho e outros condenados politicos, devem estar de volta em Lisboa por toda a proxima semana, livres do cativeiro, por agora, que as leis da Republica lhe impuzeram.

Não sabemos a quem se irão pedir contas pela perda de tantas vidas na fronteira, quando do ataque ás instituições.

Eles resolverão o problema.

Atravez d'Africa

(Impressões)

I

REMENISCENCIAS...

Ao cabo de quarenta e cinco dias em sólo africano ainda recordo vivamente as angustias e lagrimas vertidas durante a viagem que durara aproximadamente vinte e quatro dias.

Lagrimas, eram elas, de saudade e amor, semelhando qual bouquet de saudades, regado, de quando em quando, por perolas nevadas e cristalinas, impregnadas de um fino e puro sentimento.

A' nossa alma de patriotas, nem dentro do barco que nos conduzia, donde sómente se contemplava céo e mar, era dado o prazer de repousar embora que breves momentos.

Almas sarcasticas e cheias de despotismo, farçavam e maldiziam a auréola de liberdade que desde o glorioso 5 de outubro de 1910 vem embriagando os nossos corações, simbolizada na querida Republica que encarnando a Patria, vimos defender em tão longiquas paragens impondo o Direito pela Força, ás féras vis e repelentes, que envergando a tunica da ignominia e da crueldade, tão barbaramente massacraram aqueles que velavam e sofriam pela defesa da Patria mãe!

Dissera já em carta ao meu amigo Manoel Afonso Almufrey: — «*Tive momentos de tristeza e de alegria; houve festas, descantes e choros*».

— Sim.

Vivia triste quando, meu coração ardia febril e louco, na flama da saudade; vivi alegre quando minha alma desprovida de carinhos ternos de familia sentia a amizade de companheiros, sinceros como Mesquita, estreital-a em seus braços; houve festas, festas a que já me referi nas colunas do nosso querido jornal; houve choros quando os nossos valorosos soldados ardendo febris de um entusiasmo louco de patriotismo, entoavam canticos patrioticos em dias de festa, como a festa da familia!

Nem a saudade lhes causava desanimos...

— Belas e admiraveis virtudes civicas que eles encerram em seu peito de patriotas!

Houve porém um momento que arrefeceu por instantes o calor de seus canticos.

Esperavam eles, como eu, sentir a ventura de mergulhar nossos corações na expansão celeste e harmoniosa dos sons musicaes ao escutar o hino da Patria!

— Triste sonho! — se é certo que sonho se lhe póde chamar. A sua suprema aspiração daquele momento em breve foii dssipada por um dizer: — «*a charanga não sabe tocar a Portugueza*».

Incrivel e inacreditavel!...

O que então se passou impossivel se me torna descrevel-o, porque só a um espirito lucido e fabuloso como o autor da — *Psicologia das Multidões* — seria dado fazel-o.

Assim terminou um dia de festa que tão tristes recordações me deixou gravadas e que improprio seria de mim, humilde cidadão duma Patria gloriosa, escondel-as em meu peito!

. . . . . .

Mossamedes (Africa Ocidental), 10 de Fevereiro de 1915.

Ricardo Fernandes Sardinha.

Secção de Variedades

Pedido de uns oculos

Um amigo dirigiu a outro a carta seguinte: «Meu bom amigo: manda-me os meus oculos pelo portador, que é meu criado, que me ficaram em tua casa, julgo eu.

P. S. Pódes mandar embora o criado, porque já os achei, na algibeira do meu casaco».

Carta a uma namorada

Ah! ingrata! escrevia um namorado á sua querida; com esta carta já são trez que te escrevo, e sómente recebi resposta de duas!...

Compasso quaternario

— Oh! papásinho; quantos beijos entram no compasso quaternario?

— Oh pateta! a musica não tem nada com os beijos.

— Então porque é que o professor está sempre aos beijos á mamã, emquanto ela solfeja?!

AOS AGRICULTORES

Estamos entrados na epoca da sementeira da batata, e é de toda a conveniencia que os senhores se não esqueçam dos adubos quimicos e organicos, da acreditada casa *Varela, Leal & C.ª, das Varzeas*, e que se encontram **á venda em casa de Manuel Monteiro Godinho**, com deposito no **Casal do Gaio, Arazêde.**

Poetas e Prosadôres

Meio segredo

Perguntei ao meu de manhã cedo
Falando-lhe ao ouvido, mui baixinho,
Aonde era que tinha o bom cantinho
P'ra esconder minhas cartas de segredo.
—Disse-me então em doce voz a medo,
De faces a corár, que puro anjinho!
Que as escondia como o passarinho
Que alegre esconde os filhos no arvoredo.
E quando então a mãe vem perguntár
O que ela está a escondêr com tal receio,
Ela, então, assim a disfarçár,
As cartas tira ao fato do passeio
Desaperta o corpete; e sem mostrar
As esconde a sorrir dentro do seio.

Leão Correia

SONÊTO

Um dia a caminhár; (gemia o vento)
Uns olhos me fitaram sem eu vêr,
Um indizivel eu senti cá dentro
Dêste meu coração, pobre, a batêr.
Depois senti um leve aquecimento
Que encheu bem meu coração, meu sêr,
Dir-se-ia que era o rei do firmamento
Que me aquecia em divinal prazêr.
Então olhei, olhei desconfiado:
Alem a côr do céu que não sorri
Mais perto as secas folhas do passado.
Depois tornei a olhár. Ai! então vi
Um mimoso perfil, tão engraçado,
Que desde então p'ra cá não mais 'squeci.

Leão Correia.

Diamantino Diniz Ferreira

Seguiu para o Porto, no *rapido* de sexta-feira, este nosso querido amigo e distinto colaborador, que em Coimbra dirige, com tanta proficiencia, o importante Colegio Mondego.

E' tambem um dos mais ilustres membros do corpo docente da Escola Nacional de Agricultura. Diniz Ferreira regressará em breve á capital do distrito.

A Guerra da Europa

Porque é que a Grã-Bretanha se acha em guerra.—Causas e seus efeitos

Exposição sumaria da correspondencia diplomatica e discursos ministeriais

Para que os nossos leitores conheçam, ao menos a traços largos, a causa da grande guerra que avassala a Europa, a seguir transcrevemos interessantes conceitos de Sir Edward Cook, uma autoridade no assunto que preocupa todo o mundo civilisado:

Foi uma reflexão de um dos primeiros filosofos politicos que as perturbações dos estados, embora se possam suscitar em ocasiões futeis, não representam efeitos futeis. A actual guerra mundial começou pela questão da Servia mas continha logo de principio efeitos de muito maior alcance. Se tivesse sido apenas questão de uma contenda entre a Servia e a Austria, a Grã-Bretanha, como repetidas vezes disse Sir Edward Grey, não se teria preocupado com o caso. Mas uma vez que, como já vamos ver, esta desinteligencia forçosamente ia ter ulteriores consequencias, torna-se necessario compreender sobre que versava a mesma.

A questão da Servia

A Servia é um reino pequeno mas muito antigo, da peninsula dos Balkans. Adquiriu consideravel incremento de territorio em resultado das recentes guerras dos Balkans, a guerra entre os Estados Balkanicos e a Turquia e em seguida a guerra entre os proprios estados dos Balkans. O povo Servio é da mesma raça e religião que os slavos, dos quaes a Russia é a potencia predominante e a cuja raça tambem pertencem muitos dos subditos da Austria-Hungria. Em 28 de Junho de 1914 cometeu-se o «crime de Serajevo» ou seja o assassinato do herdeiro-presuntivo do throno de Austria-Hungria e sua consorte, na capital da Bosnia. Esta provincia, outr'ora parte do antigo reino Servio, caira em poder dos Turcos; a sua administração tinha sido dada á Austria pelo tratado de Berlim, depois da guerra Russo-Turca em 1878 e em 1908 foi anexada á Austria. O governo Austriaco alegou (mas não provou) que o crime de Serajevo fôra o ponto culminante de um «movimento subversivo» organizado pelo governo Servio com o fim de desagregar uma parte dos territorios de Austria-Hungria, da monarquia. Em 23 de Julho o governo Austriaco dirigiu um ultimatum á Servia. A Alemanha havia dado plena carta branca á Austria. Sir Edward Grey admitiu «que era natural achar-se em simpatia com muitas das exigencias do ultimatum» e que o «assassinato do Arquiduque e algumas das circunstancias referentes á Servia, citadas na nota (Austriaca) haviam despertado simpatia pela Austria». A Russia igualmente concordou que «as exigencias eram bastante razoaveis em alguns casos». Havia porém duas carateristicas no ultimatum Austriaco que causaram alvoroço e pezar aos que desejavam ver mantida a paz da Europa. A primeira foi a inclusão de um prazo tão curto (quarenta e oito horas) que deixava muito pouco tempo para a diplomacia poder evitar a guerra. A segunda foi não ser o que a Austria exigia dentro de quarenta e oito horas *uma* resposta, mas sim a resposta dictada pela Austria. «Nunca eu vira até aqui, disse Sir Edward Grey um estado dirigir a um outro estado independente um documento de caracter tão formidavel». O ministro Alemão dos negocios estrangeiros admitiu que o Governo Servio não poderia tragar certas exigencias Austriacas. Sir Edward Grey aconselhou a Servia em ir até ao ultimo ponto possivel para aceitar estas reclamações, recebendo igual conselho da Russia e França. O governo Servio respondeu dentro do tempo marcado acquiescendo á maior parte das reclamações Austriacas, embora elas fossem de indole muito rigorosa. A resposta Servia «envolvia», disse Sir Edward Grey «a maior humilhação que ele jámais vira sofrer um paiz». Não obstante isso, a Austria recusou aceitar a resposta e declarou guerra á Servia (28 de Julho). A parte das reclamações da Austria, que a Servia se achava impossibilitada de aceitar afectavam a sua propria existencia como estado independente e estes pontos prontificou-se a submete-los ao Tribunal da Haya. O facto de que a Austria, ao mesmo tempo que recebia satisfação nos outros pontos tinha considerado como *casus beli* a recusa destes ultimos levantou suspeitas sobre as suas ulteriores intenções. «A questão real», disse o ministro dos negocios estrangeiros Russo, era se a Austria ia esmagar a Servia e reduzi-la ao estado de vassalo ou se ia deixar a Servia como estado livre e independente.

(*Continúa*).

Sir Edward Cook.

Alice Oliveira,

aluna externa do 5.º ano de piano do Conservatorio e com o curso de musica: léciona, em sua casa ou dos alunos, como se convencionar.

RUA DO SUB RIPAS, 10
COIMBRA

CARTA DA ABRUNHEIRA

22-4-915.

Primeiro de Maio

Como nos anos anteriores, prejétam-se para o dia 1.º de Maio, os festejos que os briosos rapazes e as simpaticas raparigas costumam realisar naquele dia.

Pela manhã cêdo, as raparigas vestidas á moda do Minho, com os potes enfeitados com flôres, acompanhadas dos rapazes, tambem todos janotas, vão á fonte do Chafariz ou da Preguiça, levando na sua frente uma fanfarra que é de uso o nosso amigo José Graça organisar expressamente para aquele fim.

Os rapazes, dentre as raparigas, escolhem para seu par aquéla que mais lhe agrada, sendo quasi sempre a sua *conversada*.

Depois, mestre Elias — mestre na sua arte e mestre na de dança, pois é ele o ensaiador de todos os ranchos que aqui se organisam — distribue os pares na rétaguarda da fanfarra, que á voz de *pronto* soltada pelo José Graça, rompe com a marcha 1.º de Maio.

Uma girandola de foguetes anuncia aos que ainda estão deitados, a partida do rancho para a fonte.

Os rapazes e raparigas acompanham em côro a marcha e lá seguem todos, rua acima, até á fonte preferida, que é quasi sempre a da Preguiça, não porque eles e elas sejam *preguiçosos*, mas por ser a mais pitoresca.

De regresso da Preguiça, mas sem *preguiça*, percorrem as ruas désta pitoresca povoação, dançam um pouco na Praça, debandando todos em seguida á procura do almoço que os espera.

A' tarde, e depois de terem dormido uma boa sésta, ei-los novamente a caminho da casa dos ensaios, para de novo exibirem as suas danças na Praça, indo, pouco depois, para um dos mais lindos sitios déstes arredores, que os ha em abundancia, merendar.

E assim, alegremente, se festeja aqui todos os anos o 1.º de Maio.

Bem hajam.

—— No domingo passado, tivemos os prazer de vêr dançar no seu pavilhão, que ainda se acha armado na Praça, o rancho infantil que a pacieneia, bom gosto e trabalho insano do nosso simpatico conterraneo Elias da Silva, muito bem apresentou em publico, quando foi da festa escolar, como aqui noticiámos. Foi novamente muito aplaudido, sendo o seu ensaiador ovacionado por todos.

—— Faz no dia 23 do corrente 23 anos o snr. Jorge da Cruz Vieira, zeloso professor oficial désta localidade.

Muitos parabens.

—— De visita ao seu e nosso amigo, snr. Duarte de Vasconcelos e Ornelas, esteve aqui no domingo o snr. Basilio Tavares Lebre, abastado proprietario em Pereira e vereador do nosso municipio.

—— Tambem aqui esteve em rapida visita, o snr. Antonio Monteiro, filho do capitalista snr. Joaquim Monteiro, residente em Coimbra.

—— A feira do dia 16 do corrente, que aqui se costuma realisar todos os mêses, foi um pouco fraca.

—— Já ha dois dias que sentimos trovoada. Veio acompanhada de chuva, mas não de tanta quanta é necessaria.

—— Realisou-se no dia 17, no Posto do Registo Civil désta localidade, o casamento do snr. Antonio Pais, com a menina Adalgiza Martinho.

—— Tambem se casa no proximo dia 1 de maio o snr. Joaquim de Sousa Carvalho, com a menina Coralia Simões Graça.

A todos desejamos uma prolongada lua de mel.

—— Tem estado doente, achando-se já em via de restabelecimento, o menino Julio da Fonseca Neves.

N.

Continua muito enfermo o snr. Luiz Alves da Cruz, do visinho logar de Vila Franca. E' seu medico assistente o snr. dr. Mário Mendes, que tem sido duma carinhosa solicitude, como, de resto, é solicito para todos os doentes a seu cuidado, pelo que toda a freguezia rejubila por possuir um facultativo tão distinto e atencioso.

Agua da Curia

Mogofores

As unicas aguas sulfatadas-calcicas que existem no paiz, similhantes ás afamadas aguas de Contrexéville, nos Vosges (França).

Guerra Europêa

A situação

Dia a dia se aproxima o inevitavel. A maior tormenta está prestes a estalar. O governo italiano tem refreado os impetos guerreiros da nação, no proposito, ao que parece, de ter de terçar armas apenas com os austriacos. Mas a Alemanha faz causa comum com eles, segundo se descobre das palavras do embaixador von Bulow. Chegadas as coisas, porém, ao extremo que tocaram, o remedio será avançar. A Italia não virá só para a medonha conflagração. Acompanham-a a Romenia, a Grecia e talvês a Bulgaria.

Um outro despacho acrescenta que é completo o acordo entre a Italia e os aliados. Simplesmente ha uma pequena duvida a proposito do desejo da Servia conseguir mais uma saida para o mar.

A Italia deu ordem para sustar a saida de todos os transatlanticos que podem ser necessarios para transportes auxiliares de tropas.

Alvaro de Matos

Prof. das Clinicas obstetrica e ophtalmologica na Faculdade de Medicina

CLINICA GERAL.
DOENÇAS DAS SENHORAS

Residencia: R. de Tomar, 5. Tel. 51

Consultas da 1 ás 3
no Largo Bombarda, 27, 1.º
Tel. 20

As consultas de gynecologia e ophtalmologia são gratuitas para as classes pobres.

Nova morada

José Ferreira Jacinto tem a satisfação de participar a todos os seus amigos e pessoas de suas relações, que mudou a sua residencia, em Lisboa, da Avenida Antonio Augusto de Aguiar, 74, para o Largo de S. Sebastião da Pedreira, n.º 36, onde oferece os seus préstimos.

REGISTO CIVIL DO CONCELHO

De 15 a 31 de Março

Nascimentos

Arazêde.—Emilia, filha de José Jorge Batata e de Maria Gomes, do Bebedouro.

Maria da Encarnação, filha de Manuel Francisco Tezo e de Maria de Melo, das Faiscas.

Manuel, filho de José Rodrigues Azenha e de Joaquina Marques, do Tojeiro.

José Maria, filho de Antonio Dias Ferreira e de Maria da Gloria do Espirito Santo, do Morteiro.

José, filho de Francisco Martinho Couceiro e de Maria da Silva, dos Raposeiros.

Benedito, filho de José da Cruz Neto e de Maria de Jesus, do Arneiro Tecelão.

Maria, filha de José Maria de Oliveira e de Ana Gomes, dos Pelicanos.

Maria, filha de Joaquim de Jesus e de Maria Ferreira, das Faiscas.

Maria Amelia, filha de Manuel Conceiro e de Ana de Oliveira, do Zambujeiro.

Laura, filha de José Maria Carvalho e de Joaquina Cardosa, do Casal do Gaio.

Maria do Carmo, filha de Manuel Teixeira e de Maria da Cruz, dos Catarruchos.

José Luiz, filho de Manuel Francisco Raposeiro e de Maria Jorge Azenha, da Volta da Tocha.

José, filho de José Jorge Preguiça e de Joaquina de Oliveira, dos Pelicanos.

Carapinheira.—Maria, filha de José Pato e de Emilia Rama, do Alhastro.

Antonio, filho de Gaudencio de Matos e de Francisca Miguela Simões, do Casal do Mato.

Maria, filha de Antonio Simões Monteiro e de Maria de Nazaré Raposo, do Vale de Fouro.

Liceia.—Antonio, filho de Antonio Gomes Cavaleiro e de Maria Mendes Correia, da Cabeça Grande.

Maria Rosa, filha de Joaquim Gomes Cavaleiro e de Maria da Encarnação, da Razeira.

Montemór-o-Velho. — Antonio, filho de Manuel Loureiro Junior e de Maria de Nazaré de Oliveira, da Quinta do Areal.

Maria da Conceição, filha de Joaquim Pereira Minau e de Ana Mendes, do Casal dos Silvas.

Julio, filho de Alvaro Duarte Cadima e de Carmina Duarte Soares, de Montemór-o-Velho.

Ludovina, filha de Antonio Maia Ruivo, de Montemór-o-Velho.

Joaquim Maria, filho de Joaquim Caldeira e de Joaquina Veneza, da Torre.

Joaquim, filho de Joaquim dos Santos Neto e de Laura Marques Bom, de Montemór-o-Velho.

Francisco, filho de Tiberio Augusto Bernardes e de Rosa Duarte Cadima, de Montemór-o-Velho.

José, filho de José da Silva Aveiro e de Maria Mendes, do Porto de Valas.

(*Continúa*).

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autôres.

Serie Escolar Figueirinhas

Primeiro Livro de Leitura.—Segundo Livro de Leitura.—Educação Civica.—Historia Patria.—Agricultura.—Gramatica Portugueza.—Aritmética.—Sciencias Naturais.—Manuscrito.—Corografia.—Tabuada das Escolas.—Tabuada de 10 réis.

Todos os livros da *Serie Escolar Figueirinhas* custam 10 centavos cada um, cartonados, exceto a *Taboada das Escolas* que custam 2 centavos e a *Tabuada de 10 réis*, que custa um centavo.

A *Serie Escolar Figueirinhas* é constituida por livros claros, sintéticos e em absoluta harmonia com os programas oficiais e cheios de lindas ilustrações. O preço assombra pela barateza. Vendem-se nas principais livrarias do paiz. Os professores oficiais teem especiais descontos e podem reclamar catalogos á *Livraria Figueirinhas*, Rua dos Martires da Liberdade, 173, Porto.

A *Livraria Figueirinhas* tambem fornece carteiras e caixas metricas, da *Carpintaria Maia*, esferas, globos, etc., etc.

Não ha material escolar mais solido, perfeito e barato, do que este.

A *Livraria Figueirinhas* tambem é depositaria de dois dos melhores sistemas de Leitura: *Cartilha Portugueza* do inspector escolar A. Justino Ferreira e do A B C Ilustrado de Adelino Campos.

ANUNCIOS

Gêsso e adubos compostos

Para todas as culturas
DE
J. CORTEZAO

Fabrica — Sá (Anadia)
Escritorio — Figueira da Foz.

FABRICA DE CAL

Cal fina e grossa, fornece-se em muito boas condições. Preços modicos, sobre o wagon, no caminho de ferro e nos proprios fornos.

Agente de telha tipo marselha e tijolos de todos os formatos, da fabrica Lacerda, Figueiredo & C.ª Limitada, da Pampilhosa.

Pedidos a

Joaquim S. Coca Junior
Zambujeiro—Arazede

AGUA DE LUSO -- Cura pela Diurése

(ESTABELECIMENTO TERMAL E HOTEIS ABÉRTOS TODO O ANO)

A mais diurética e mais digestiva. Aumenta a diurése, regularisa as funções digestivas e ativa os fenómenos nutritivos

Muito radioativa—4,49 miligramas—minutos
Muito ionisada, resistividade a 18° 18300 ohms
Muito rica em gazes raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotonica, ponto criospico 0°,04

} Conclusões da analise feita pelos distintos professores Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitissimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tifico

USO EXTERNO—Molestias de pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc,), reumatismo e gôta.
USO INTERNO—Artritismo, impaludismo, neurastenia—Albuminuria, diabetes—Intestinos, estomago—Rins—Bexiga.

Depositos -- LISBOA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros, 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 428. PUNCHAL, José Quirino de Castro, rua dos Murças. AFRICA ORIENTAL: Oswald Offmann.
BEIRA: F. L. Simões & C.ª. LOANDA: Beltrão, Pena & C.ª, e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositarios nas terras onde ainda os não haja.

Seguros contra incendio — incluindo riscos de explosão de gaz e raio.

Seguros contra incendio — cobrindo tambem os riscos de *Greves* ou *Tumultos* (portaria de 14 de Março de 1914).

Seguros contra incendio — cobrindo ainda os riscos de *Guerra* (portaria, 30—XI—1914).

Unica companhia autorisada a segurar os riscos de Guerra nas apolices Incendio

As apolices d'A MUNDIAL são portanto as que mais conveem aos interesses dos proprietarios, locatarios, industriais, comerciantes, etc.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS
Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital Esc. 500.000$

Séde em Lisboa
Rua Garrett, 95
Telephone n.° 4084

Delegação do PORTO
Praça Almeida Garrett 22|24
Telephone n.° 1459

ENDEREÇO TELEGRAPHICO—**MUNDIAL**

Agentes em todas as localidades do paiz ilhas e colonias

Livraria e Tabacaria Cunha

Livraria Moderna e Tabacaria Augusto Henriques (reunidas)

Alberto Gonçalves Cunha

150, Rua Ferreira Borges—COIMBRA

TELEFONE N.° 293

LOTARIAS—Bilhetes, suas fracções e cautelas. Variada série de numeros certos.—Premios frequentes.
TABACOS—Nacionais e estrangeiros. As melhores marcas de cigarros e charutos.—Todos os artigos para fumadores.
POSTAIS ILUSTRADOS—Sempre as ultimas novidades em todos os generos.—Bilhetes de visita, impressão rapida.
PAPELARIA—Finissimos papeis de carta em caixas aos cadernos.—Objectos para escritorio e desenho.
LIVRARIA—Nacional e estrangeira, Revistas, Publicações.—Figurinos.—Musicas.

Livros usados, antigos ou modernos, em qualquer estado, em grandes ou pequenas quantidades, compra em qualquer parte.

Passagens para o Brazil e Africa

José de Almeida

Negociante nas Pontes de Cadima, concelho de Cantanhede, e correspondente de todas as Companhias de navegação

Faz constar que vende passagens para todos os portos do BRAZIL, AFRICA, etc., a preços reduzidos, para o que está legalmente habilitado.

A sua vida de seriedade e honestidade são garantia segura para que os que desejam comprar passagens o procurem de preferencia a qualquer outro.

Guilherme dos Santos Pinto & Irmão
COM
OFICINA DE CANTEIRO

Encarregam-se de jazigos de toda a especie e todo o serviço concernente á sua arte.

Tambem executam todos os trabalhos que digam respeito a *Plantas, Alçados, Copias, Projectos e orçamentos de edificios, edificações, etc.*

Montemór-o-Velho=Verride

Restaurante Ferro-viario
ALFARELOS

ESTE bufete, um dos que melhor servem o publico que transita nos comboios, acha-se situado na estação do caminho de ferro de Alfarelos. Fornece almoços, jantares e *lunchs* e toda a qualidade de refeições, por preços comodos. Tem pessoal habilitado, tanto em cosinha como em sala de mesa. Tudo se encontra com esmero e perfeição.
Fornece comida para fóra, e presta se a servir em casamentos, batisados, etc., desde que seja prevenido com antecipação.
O proprietario, **Artur de Oliveira Coelho.**

Companhia de Seguros

A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz
Antonio d'Oliveira Guerra
RUA DA REPUBLICA, 84

JOSÉ MARQUES
CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL
Correio de Cadima—Vila Nova d'Outil

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legitimos acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de fórma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamavel, isca em cordão vendida fraudulentamente a titulo de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva acção civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa ao Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalisação para procederem ás necessarias diligencias. Dirigir-se pessoalmente ou por carta á Companhia Portuguêsa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS
MELO & MARTINS
PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada
PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiencia dos nossos adubos, devido ao seu magnifico resultado os adoptarão de preferencia a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro
PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex.mos passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.
Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA
Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.
PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações
Deposito das afamadas aguas de Luso.

Casa Funeraria
DE
ADELINO FARIA

Rua das Flores
FIGUEIRA DA FOZ

Encarrega-se de todos os funerais, podendo ser chamado a qualquer hora da noite.

Preços resumidos, a ponto de ninguem poder competir, tanto em corôas como em todos os pertences respeitantes ao seu negocio. Tem especialidade em ornamentações.

Fabrica de Lanificios
— DE —
MANOEL JERONIMO DE MATOS
COVILHÃ

Fornecedor da caixa de socorros dos empregados da Companhia Portuguesa

Esta fabrica, uma das mais acreditadas da Provincia da Beira Baixa, fornece, por preços convidativos, especialmente a particulares do continente e ilhas, os melhores produtos da sua fabricação, tais como casimiras, cheviotes e estambres, empregando materia prima de primeira qualidade, esmerando-se quanto possivel na sua execução e adotando os melhores padrões e côres que a moda impõe nos centros elegantes estrangeiros.

Envia amostras para todos os pontos, para o que bastará o pedido feito num simples postal.

Pedidos a
Manoel Jeronimo de Matos--Covilhã

Biblioteca da Universidade
Coimbra

Ano 4.º — Arazêde, 2 de Maio de 1915 — N.º 167

Director, administrador e editor
J. d'Almeida Junior

Representantes em muitas terras do país, Africa e Brazil

PROPRIEDADE DA DIRECÇÃO

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguêsa

Pátria e Humanidade

Redacção e Administração
ARAZÊDE

Toda a correspondencia relativa a este jornal, deverá ser dirigida ao Director, para Coimbra

Composição e Impressão
Tip. Silva (a vapor)—AVEIRO

A festa do Trabalho

O mundo operario teve ontem o seu dia de grande gala. Não foi só a Natureza, com seus prados verdejantes e os seus jardins floridos, que se apresentou pujante de garridice a inebriar a alma da humanidade aflita.

As associações de classe, centros de reunião, etc., envergaram o seu manto simbolico de Trabalho e de Progresso, de Paz e Solidariedade. Em cada peito faminto pulsava um coração amoravel. A bandeira universal tremulou ao vento da esperança; aqueceu-se ao sol regenerante da Fé bemdita, da Fé acrisolante da união das almas e da comunhão de idealismos.

Olhares impacientes e carinhosos a envolveram com o mesmo enternecimento, com o mesmo entusiasmo e a mesma dedicação ilimitada.

A data gloriosa do Trabalho revigorante, do Trabalho que dá saude ao espirito e conforto ao organismo fisico, vae passando já sem o aparato soléne dos antigos tempos.

Esse facto, se bem que esteja em contraposição com o avanço intelectual e associativo das classes produtoras, é, por outro lado, a prova real do estiolamento da raça, do indiferentismo popular pela festa encantadora da sua causa, pela canção arrebatadora do seu ideal de emancipação, pelo Hino prometedor das gerações vindouras.

A confraternisação operaria, sendo praticada com ponderado saber, estudada em todas as suas minúcias, bem sentida a sua psicologia propria, seria ainda, e atravez de todos os tempos, o exemplo mais vivo e mais racional da estabilidade economica dum pôvo. O mundo proletario encontraria aí todo o seu apoio, o alicerce indestrutivel da sua grande obra de aperfeiçoamento comunista.

O mutualismo, ninguem o ignora, é um poderoso auxilio do bem-estar material das mais baixas camadas sociais, daqueles que no camartelo e no alvião teem um incontestavel auxiliar da sua sustentação; mas o mutualismo, só por si, não póde frutificar sem organisação adequada e, consequentemente, sem que as classes trabalhadoras aufiram alguns lucros pelo trabalho e pelo amôr ao estudo.

E a festa operaria, que no dia 1 de maio se celébra em quasi toda a parte, especialmente nas nações da Europa onde a luz emancipante da instrução mais irradia, é uma manifestação de solidariedade colectiva que muito engrandece os povos e dignifica a humanidade. Assim dela se arredasse sempre a politica e outras mazélas sociais da politica derivantes, tais como gestos revolucionarios imponderados e sem objectivo algum, espalhafatos com ar de pomposidade e lucta legal, que só atestam instintivas impreparações para a conquista de direitos que nunca despontam no horisonte iluminado das grandes causas e dos extraordinarios feitos das raças habituadas ao exito completo das suas pugnas e dos seus sonhos.

A enorme locomotiva do progresso, embandeirada em arco, toda cheia de rosas e lirios brancos, de braços abertos para o futuro, caminha, sem cessar, ao longo da estrada ampla dos grandes sacrificios. Que a siga o proletariado português, com metodo, com ardôr, com juiso:— E o dia de amanhã será um alvorecer de felicidade sem fim.

Almeida Junior.

Dr. Mário Mendes

Realisa-se no dia 15 do corrente o enlace matrimonial deste ilustre clinico da nossa freguezia, com uma gentilissima senhora de Caçurrães (Mangualde).

E' digno das maiores venturas quem possue, como o dr. Mário Mendes, um caracter impoluto e uma alma de eleição.

ELEIÇÕES

O *Diario de Noticias*, dava-nos, em 28 do mez findo, a seguinte noticia:

Estiveram hontem á noite reunidas, continuando hoje com os seus trabalhos, as comissões de Lisboa do Partido Democratico para se pronunciarem ácerca dos candidatos a deputados pelos dois circulos de Lisboa. Constava á *Capital* que seriam votados os snrs. dr. Afonso Costa, dr. Alexandre Braga, dr. Alvaro de Castro, Victor Hugo de Azevedo Coutinho, major Afonso Pala, Mariano Martins, França Borges, dr. Levy Marques da Costa, dr. Henrique de Vilhena, dr. Antonio Macieira e dr. Augusto Soares.

Se o snr. dr. Bernardino Machado apresentar a sua candidatura como deputado por Lisboa, o Partido Democratico resolverá incluir o seu nome na lista que apresentar ao sufragio.

Pelas provincias ultramarinas consta que a lista está assim organizada, de deputados e senadores:

Cabo Verde — Dr. Henrique de Vasconcelos, deputado, e dr. Francisco Alexandrino da Silva, juiz do ultramar, senador.

S. Tomé — Dr. Alvaro Bossa da Veiga e dr Alberto Nogueira de Lemos, juiz do ultramar.

Guiné — Dr. Carlos Alberto Marques Caldeira, medico naval, e Joaquim Antonio Pereira, general reformado.

Angola — Fernando Reis, escritor e proprietario, e dr. Almeida Arez, juiz da Relação de Lisboa.

Moçambique — Dr. Arsenio Botelho de Souza e almirante Ferreira do Amaral.

India — Major Norton de Matos e dr. Nunes Garcia, juiz da Relação de Lisboa.

Macau — Dr. Luiz Nolasco da Silva e dr. Gonçalves Pereira, medico naval.

Timor — José Augusto Fernandes, capitão-farmaceutico, e dr. José de Andrade Sequeira, medico naval e antigo governador da Guiné.

Quanto aos circulos do continente ainda não foi estabelecida a lista dos candidatos a apresentar. Mas, por informações chegadas das respectivas comissões locais, póde calcular-se como mais ou menos segura esta indicação, em que apenas figuram os antigos deputados:

Porto — Rodrigues Gaspar, Antonio Maria da Silva, dr. Bernardo Lucas, dr. Germano Martins, Freitas Ribeiro e Carvalho Araujo. Um dos senadores por este circulo será o snr. general Correia Barreto.

Aveiro — Dr. Barbosa de Magalhães.

Bragança — Vitorino Guimarães.

Vizeu — Dr. Adriano Gomes Pimenta.

Viana do Castelo — Sá Cardoso.

Guarda — Dr. Teixeira da Fonseca.

Portalegre — Dr. Baltazar Teixeira.

Braga — Dr. Manoel Monteiro e dr. Domingos Pereira.

Castelo Branco — Helder Ribeiro.

Vila Real — Pereira Bastos.

Leiria — Vitorino Godinho.

O snr. Ribeira Brava será proposto pelo Funchal.

Os snrs. Artur Costa e Pedro Boto Machado serão candidatos a senadores pela Guarda. O snr. dr. Machado Serpa propôr-se-ha tambem a senador pela Horta.

Candidatos a deputados pela primeira vez serão os snrs. major Ortigão Peres, por Faro; Lima Bastos, por Santarem; dr. João de Barros, por Vizeu ou Viana do Castelo; coronel Portocarrero, pelo Porto; Ernesto de Vilhena, por Beja; João Soares, por Braga; dr. Costa Cabral, pela Guarda; Domingos Frias, por Bragança, e Ernesto Navarro, por Aveiro.

Os snrs. Ferreira Simas e Vasconcelos Dias, serão candidatos a senadores, o primeiro por Faro e o segundo por Portalegre.

Até aqui a informação do nosso colega; consta-nos, porém, que esta lista está ainda sujeita a sofrer alterações.

REGISTO CIVIL

Foi criado em Taveiro, risonha povoação do nosso distrito, circunvisinha de Coimbra, um posto de Registo Civil. Tal melhoramento tornava-se absolutamente indispensavel para economia e comodidade do respétivo povo.

VELHICE

Velhice é a sombra, é, da pobre humanidade!
— seu doloroso fim; o frio vento Norte,
que abre, rasga o caminho á implacavel Morte:
— amortalhada a Vida, envolta a saudade!

Ai! como lembra então a linda Mocidade,
alegre, toda amôr, — altiva, béla e fórte!...
E a Velhice é fraqueza: — aos impulsos da Sorte
se arrasta — até cair... no campo da Egualdade!

A Velhice é doença, agonia, tristeza,
envolvendo o esplendor até da Natureza!
— é o calvario da Vida, o martirio, a dôr!

Tratai, pois, com respeito, amôr, benevolencia,
a pobre da Velhice, a implorar clemencia...
O' Mocidade, olhai-a... olhai-a com amôr!

Montemór-o-Velho, abril de 1915.

J. Neves.

D. Conceição Cabral

Tivemos a satisfação de cumprimentar em Coimbra a nossa estimadissima assinante, snr.ª D. Maria da Conceição Mendes Cabral, ilustre sobrinha do snr. Vigario Cabral, de Taveiro.

Senhora de distintos dotes de inteligencia, é, ao mesmo tempo, uma alma sempre aberta para largos vôos de generosidade, tendo os pobresinhos em tão bondosa dama, uma amiga desvelada e uma carinhosa protetora.

Saudamo-la cordealmente.

ADIAMENTO

Parece que já se não efétuam no dia 16 de junho, as eleições gerais.

Tem-se falado em recomposição ministerial, especialmente na saída do snr. Pimenta de Castro que, a efétuar-se, será substituido no governo por pessoa que seguirá absolutamente a sua orientação politica e governativa.

Veremos.

ALHADAS

Faltava-nos um representante nesta risonha localidade. Tal falta representava para nós, que muito amamos a instrução do povo e o progresso das Alhadas, uma enorme e constante preocupação, pois dalguma maneira desejavamos corresponder ao grato acolhimento que o nosso jornal tem tido. Mercê de amabilidades imerecidas e da amisade de bons amigos, removeu-se essa preocupação do nosso espirito, porque o *Dever* inicia hoje, pela pena dum amigo, estudioso e ponderado, a publicação de correspondencias daquela povoação encantadora.

Muito obrigados por podermos felicitar os nossos presados leitores alhadenses.

ANIVERSARIO

Fez anos na segunda-feira a snr.ª D. Idalina Correia, zelosissima chefe da estação telegrafo postal de Pampilhoza do Botão. Cumprimentos afétuosos.

Festas da Rainha Santa

Prometem revestir o maior brilhantismo as festas da Rainha Santa em Coimbra, que serão levadas a efeito na epoca competente. O comercio daquela cidade rejubila, pois tudo faz prever excécional afluencia de forasteiros, por serem as primeiras da vigencia da Republica.

As cartas duma infeliz

Meu caro Leopoldo

Depois dum silencio assim, prolongado e doentio, imaginei que, a vires novamente ao meu encontro, com as tuas cartas apreciaveis, esquecesses a ironia que fére e a intenção que molesta. Não sei que sinto! A neurastenia, doença muito vulgar hoje nos pensadores, aflige-me. Por isso perdoa, Leopoldo, se alguma palavra eu escrever um pouco mais mal soante. Não que eu o faça por maldade, por rancor, que tu bem sabes que o meu temperamento a tal não me levava. Mas ás vezes!... Sabes que tenho estado doente, e tomaste isso como menos verdadeiro; com o teu *e eu ainda não melhorei*, queres dizer, por força, que me desculpo para justificar os meus aborrecimentos, a nostalgia da minha alma amargurada!

Enganas-te, Leopoldo. No dia em que me escreveste estiveste tu rindo com tudo e por tudo, bem contente, á mesa dum café concorrido. Falava-se de politica e... de religião. A religião é assunto que te prende. E', creio eu, um problema de tal vastidão e complexidade, que muitos o estudam sem saberem o que fazem e muitos o discutem sem perceberem o que querem nem o que dizem.

Claro que tu bem sabes, Leopoldo, que este conceito não vai para ti. Sei que ha muito não estás doente. Passeias, á luz amoravel da lua. Extasias-te ao sol-posto com o veres morrer a luz do dia, em clarões de fogo, lá p'ras bandas do poente, por sobre o mar ingrato que ha bem pouco ainda amortalhou nas suas ondas indómitas meu pobre irmão que partira em defeza da Patria, com uma espada ainda virgem á cinta.

Convidas-me a ir para lá, para a beira do mar ingrato, extasiar-me tambem! Não, Leopoldo; a minha alma consola-se com coisas mais simples, e para mim mais agradaveis. Recolhida, na solidão do claustro, vendo o sol pela janela, tambem tenho o meu goso. Não é que a Natureza me não encante. E' porque, para maiores tristezas, isto é, dôr por dôr, sofrimento por sofrimento, prefiro ser amargurada aqui, olhando a imagem predileta dos meus sonhos: — a de minha mãe!

O rio corre ali em baixo com socego. O rouxinol, que o tempo enrejelado e quasi sem fim, do inverno, conservou até agora mudo, canta comigo as canções dolentes dos meus tempos idos. Ele chora por um lado, sempre com medo, fugidiamente; eu choro por outro, tambem com receio que a podridão da sociedade, a mentira da sociedade, a ganguerena da sociedade me contamine e me adoeça mais ainda. Por isso, Leopoldo, fujo, recolho-me para não ouvir maldades nem presenciar desgraças.

Estou velha? Embora; quero acabar aqui, agarrada ao sacrificio do isolamento absoluto. Não desejo tornar-me cumplice de crimes que sei praticarem-se a toda a hora por esse mundo de Cristo alem.

E' verdade, meu amigo: as tuas violetas secaram. Caiu hontem a ultima folha, arroxeada, sem vida, que não sem carinhos. Foram-se desfolhando, uma a uma, até que cairam todas. Os troncos, ressequidos e tristes, parecem esqueletos ali no oratorio. Mesmo assim os quero lá ter. Adeus. Tem paciencia que esteja sempre em manifesto desacordo comtigo. Em contradição, não em tudo, não em absoluto, como tu sabes. Adeus. Vou ouvir o rouxinol, o meu companheiro mais querido nestas noites de desventura e sonho...

Tua,
Iréne.

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autôres.

Secção de Variedades

Dorme

Quando uma creança dorme,
Veem os anjos a sorrir,
Abrir as portas do céu,
Para Deus a vêr dormir.

E um deles á terra desce,
Junto do berço a velar,
Para longe do menino,
Os sonhos maus afastar.

Dorme, dorme, meu menino,
Que é alegre o sono teu,
E emquanto na terra dormes,
Folgam os anjos do céu.

J. Diniz.

Uma anedóta

Um professor muito conhecido na Lusa Atenas, tinha na sua aula de historia, entre muitos discipulos, seis com os nomes seguintes: Antonio Carvalho, Tomaz da Silva, Joaquim Manata, José Carvalheira, Tomaz dos Santos e Joaquim Maneta. Um dia chamou estes todos a uma sabatina pela fórma seguinte:

Destino para a sabatina de hoje o snr. Manata e o snr. Maneta; o snr. Carvalho e o snr. Carvalheira e o par de Tomazes.

E' autentica e o seu autor ainda chupa com entusiasmo o seu predileto cachimbo.

A moleirinha

Toma conta, moleirinha,
Que nasceste bem fadada,
E já diz uma visinha,
Que tu sais enfarinhada,
Mas que voltas sem farinha.

Desde o moinho ao casal,
Vai meia legua, se fôr,
E sempre pelo pinhal,
De maneira, meu amôr,
Que o vento não te faz mal.

Sendo assim, não se adivinha,
Porque voltas escovada,
No avental e na roupinha,
Que andava de madrugada,
Toda cheia de farinha.

Para não dar que falar,
Ou com razão ou sem ela,
A's más linguas do logar,
Devias tomar cautela,
Não parando a conversar.

Disseram á tua mãe,
Que te encontraram, Maria,
A conversar com alguem,
E é talvez desde esse dia
Que de ti não falam bem.

E eu te digo... bem pensado,
Foi de estranhar, moleirinha,
Ficar o teu conversado,
Todo branco de farinha,
E tu de fato escovado...

A. Paiva.

Resposta de albardeiro

Perguntando a um albardeiro se o seu oficio era rendoso, ele respondeu que, se todos os asnos trouxessem albardas, ninguem seria mais rico do que ele.

Está gravemente enfermo o nosso presado amigo, snr. Joaquim Francisco Coca, pae extremoso do nosso incansavel cooperador, e industrial importante, snr. Coca Junior.

Desejamos as melhoras do enfermo.

Carta das Alhadas

Fundou-se nesta risonha aldeia uma sociedade denominada Harmonia e Progresso. Conhecidos os fins a que esta se destina, instrução e recreio dos seus associados, é de esperar que á joven coletividade esteja reservado um futuro prospero e longa vida. Assim o desejamos.

Foi promovida á primeira classe a professora oficial, snr.ª D. Olimpia Neves, prima do distinto poeta de Montemór-o-Velho, snr. J. Neves.

As nossas felicitações á inteligente professora.

Ainda se encontra gravemente enfermo o abalisado professor, snr. Elisio Ferreira da Silva Carvalho.

Rapidas melhoras é o que lhe desejamos.

Consorciou-se no dia 26 do mez findo, a menina Izaura Esteves Pardal, com o snr. Joaquim Cardoso, gerente da importante casa de bicicletes Cardoso & Cardoso, na Figueira da Foz.

Desejamos aos nubentes todas as felicidades de que são dignos.

C.

CARTA DE COIMBRA

30—4—915.

Terra feliz.—Coimbra ilumina o farol da preocupação e dá largas á realidade da vida. Amanhã torneio de bombeiros no Porto, com équipes de voluntarios e camarários. Mais longe, a Braga, Barcelos e Viana uma excursão da Sociedade de Defeza e Propaganda. A' mesma hora uma missão de estudo ao Bussaco, do 1.º, 2.º e 3.º ano da Escola Nacional de Agricultura, acompanhada pelos professores dr. Abel Mendonça, Sampaio d'Andrade e Garcia. A seguir, uma excursão do 4.º,-5.º e 6.º ano a terras do sul, sob a direcção de Silva Fialho.

Depois recepção a antigos cursos de Direito, festas operarias na União Geral dos Trabalhadores, desafios de *foot-ball*, *matinée* no Sport-Club, baile no Club Recreativo Conimbricense, excursão dos enfermeiros do Hospital a Montemór, concertos Benetó, Viana da Mota..., Royal Bruxelas, na Avenida, companhia de opereta, cinematógrafos... E uma excursão operaria, para breve, ao Porto e Braga. Os que ficam sabem muito bem onde fica a Tia Maria, o Calhabé, a Maria do O' e o Rego de Bomfins. Terra bemdita!

Afinal, a compreensão da vida, num agradavel *embroglio* de crenças e pensares, com um respeito que muito prezamos, e todos com a devoção mais profunda no grande conceito: «o mundo são dois dias».

Desastres.—Isaura Pinheiro, filha de João Antonio dos Santos, de 6 anos, ficou com um dedo esmagado, porque um irmão de 7 anos fechára a porta no momento em que entre ela e a ombreira estava a mão da criança.

—O mesmo aconteceu ao mestre d'obras da Camara, Ferreira, a quem uma travessa decepou o anular da mão direita.

Guarda Republicana.—Vão adiantadas as obras para a nova instalação dêste corpo de defeza, tendo a camara municipal adquirido os baixos do Colegio Mondego para mais amplo desenvolvimento dêsse ramo e para maior comodidade das repartições a seu cargo.

Não concordâmos com os sacrificios que a edilidade conimbricense está impondo aos seus municipes, embora achemos justas e previdentes as suas vistas. Mas ha tanto para que ela lance os seus olhares... sem sacrificios para o contribuinte!...Tratar-se-ha de eleições?

Foot-ball.—No campeonato realisado ha dias na Avenida Navarro, não foram felizes os aveirenses. Pôde dizer-se, porém, que foram pelos conimbricenses tratados com requintes de amabilidades. A gloria não vem de momento, ás vezes, a não ser pelas gentilezas recebidas.

Politica. — Ao inspector da 2.ª circunscrição escolar, snr. Kemp Serrão, foi ordenada uma sindicancia. Quando deixaremos o azorrague para os adversarios? O ilustre funcionario, parece-nos, é um zelosissimo cumpridor dos seus deveres, e um amigo dedicadissimo dos seus subordinados, que nutrem por ele uma grande veneração. Um homem de bem nunca se inutilisa. Quer republicano, quer monarquico.

Homenagem. — Na Escola Normal foi inaugurado o retrato da ilustre professora, snr.ª D. Adriana Martins Ribeiro, por quem o corpo docente tem uma grande veneração. Algo tem progredido a orientação pedagogica, por fórma a conquistar bemquerenças entre educadoras e educandas. E' digna, na verdade, a homenagiada de tão subidas considerações.

Castilho.

Agua da Curia

Mogofores

As unicas aguas sulfatadas-calcicas que existem no paiz, similhantes ás afamadas aguas de Contrexéville, nos Vosges (França).

Um homem morto a tiro

A pitoresca povoação da Tocha, de belas e interessantes tradições, foi alarmada, pelas duas horas da madrugada de segunda-feira, quando estava mergulhada no seu sono reparador, pela detonação de quatro tiros de revolver. Tiros assassinos, eles causaram a morte a um pobre e indefeso rapaz, que deixou a vida na flôr da existencia, quando tudo eram para ele esperanças e sonhos, sorrisos e venturas.

Contemos a tragedia aos nossos presados leitores:

Manoel de Oliveira, de 18 anos, filho de Joaquim de Oliveira e de Maria Rosa Santinha, estabelecido com loja de fazendas e mercearia, na Tocha, andava de rixa, já mais ou menos antiga, com Francisco Domingos Terezo, de 33 anos de idade, lavrador, filho de Joaquim Domingos Terezo e de Miquelina dos Santos, do mesmo logar.

O Oliveira, esperando o Terezo, ás 2 horas da madrugada de segunda-feira, disparou-lhe quatro tiros que o deixaram morto, pondo-se imediatamente em fuga, e não sendo ainda capturado. Ha suspeitas de que haja ido para Lisboa, para onde partiu na quarta-feira o irmão da vitima, José Domingos Terezo, de 23 anos, com o fim de apanhar o assassino.

Com efeito o José Domingos, uma vez em Lisboa, dirigiu-se, acompanhado de um amigo, ao Governo Civil, onde pediu um guarda para o acompanhar.

A familia do pobre Terezo oferece 50 escudos a quem conseguir indicar o paradeiro do criminoso.

E assim, por causa de inimizades, que muitas vezes são de importancia minima, se atira para o luto com uma familia inteira.

O snr. administrador do concelho de Cantanhede tem sido incansavel na descoberta do malvado, telegrafando e oficiando para toda a parte, continuando as autoridades em deligencias para se conseguir a sua prisão.

Sentindo o doloroso acontecimento, lamentamo-lo profundamente e enviamos á familia em luto o nosso cartão de pezames.

Chegaram a Lisboa os emigrados politicos. Paiva Couceiro teve recéção delirante de entusiasmo, por parte d'alguns oficiais do exercito e elemento civil. Não sabemos que conceito a nação fará, em face de tais acontecimentos, uma vez que o exercito acolhe bem quem muito bem soube ataca-lo.

Emfim. A gente pensa que tinha que ser. Estava escrito e aconteceu. O que está escrito e para acontecer, é que ninguem será capaz de descortinar. Não se sabe.

Vamos andando, e bom será se não tropeçarmos...

Dr. Raul Canelas

Esteve em Coimbra este nosso presado amigo, distinto advogado e administrador do nosso concelho, onde gosa de geral simpatia pela maneira imparcial como está dirigindo a administração e pelo zelo que vota ao seu cargo oficial.

Cumprimentamo-lo amistosamente.

No «Dever»

Estiveram nesta localidade, dando-nos o prazer dos seus cumprimentos pessoais, que imensamente agradecemos, os nossos presados amigos e assinantes snrs. José Esteves de Barros, de Montemór-o-Velho, e seu sobrinho Antonio e o Manuel Figueiredo, da Lomba do Poço Frio.

Professor interino

O snr. Jeronimo Paiva de Carvalho, de Pereira do Campo, do nosso concelho, auzente em Africa, foi nomeado para exercer, interinamente, o cargo de professor da escola de instrução primaria do sexo masculino na Ilha do Principe.

Guerra Européa

A situação

Abre-se uma nova pagina na historia da guerra com o desembarque de tropas aliadas nos Dardanelos.

O desembarque deu-se na madrugada do ultimo domingo. A operação constituiu nada mais nada menos que a invasão da Turquia por mar.

Os aliados contam com a extrema dificuldade da sua empreza, pois sabem que os turcos, dirigidos pelos seus patrões—os alemães—teem estado a preparar-se nestes ultimos tempos para opôr uma tenaz resistencia, servindo-se de tudo — trincheiras, arame farpado, valas mesmo na praia, etc. Mas tinham planeado mandar um exercito para terra e lá está já na peninsula de Galipoli.

As ultimas noticias dizem que apezar de todos os obstaculos, as operações continuaram todo o dia e antes da noite grandes contingentes tinham tomado posições em terra e outros se lhe iam seguir.

O exercito de terra é comandado pelo general sir Ian Hamilton. Ainda não foi revelado o seu efétivo, mas parece que é grande. Não é possivel prevêr o curso das operações, mas tendo em conta a tenacidade e valentia das forças nelas empenhadas, tudo leva a crêr que vai continuar o exito dos aliados.

O desembarque foi coberto pela esquadra, que manteve um constante e vivo canhoneio.

JOSÉ DE NAPOLES

Continua doente e de cama este nosso estimado amigo, proprietario, da Granja do Ulmeiro (Alfarelos).

Fazemos votos pelo seu breve restabelecimento.

Vale do Vouga

Pelo governador civil de Aveiro foi enviada ao snr. ministro do fomento uma representação assinada por varias colétividades de maior representação daquele distrito em que ponderam a necessidade de que a Companhia concessionaria do caminho de ferro do Vale do Vouga ligue a sua linha com o centro daquela cidade, construindo-se a estação terminus no largo do Côjo, baixando assim a linha pelas Agras, até áquele largo, onde se podem construir todas as instalações, que embelezarão o referido local animando-se a vida citadina, e desenvolvendo-se assim o trafego com comodidade para a Companhia concessionaria, para o serviço de passageiros e mercadorias. Dizem os peticionarios que tal melhoramento trará o engrandecimento da cidade de Aveiro e o progresso de tantas povoações circunvisinhas, cujos interesses se congregam com os da capital do distrito e do porto de mar que a põem em constante contacto com o Atlantico.

BRAZIL

Por cartas recebidas do Brazil, dos nossos estimados amigos snrs. M. da Silva Jeronimo, proprietario do Hotel de S. Bento, em Araraquara, e Serafim da Costa, de Campinas, sabemos que estão de perfeita saude e pedem-nos que o comuniquemos a suas familias.

Agradecemos a deferencia.

TRANSFERENCIA

A seu pedido foi despachado para a Povoa de Lanhoso o nosso estimado assinante snr. Manuel Lucio Torres de Carvalho, competentissimo fiscal dos impostos em Barcelos.

Saudando o nosso amigo, o *Dever* apresenta-lhe os seus cumprimentos de felicitações cordiais por ter sido feita justiça ao seu caracter e á sua inteligencia.

Poetas e Prosadôres

DESALENTO

Vida triste, estupida e solitaria,
Cheia de abrolhos e desilusões,
Caminho incerto, onde pareço paria,
Tropeçando sempre em vis traições.

Oh! almas puras, candidos corações!
Porque agora nascestes, sim, é necessaria,
Elevando ao Céu, em cantico de ilusões,
Essa vossa fé, essa divina aria.

Nasceu tambem meu coração cantando!
Tambem minh'alma vos foi egual!
Ah! e hoje tristes, já não amando,

Reparam, descrentes, que só o Mal,
Sarcastico, tôrpe, no Mundo imp'rando,
Vae soprando d'insidias um vendaval.

Abril, 1915.

Marcos Melo.

Carta a uma Deusa

Minha senhora:

Tudo neste mundo é tragedia, cinismo e odio. Todos sofrem e todos fazem sofrer os outros.

Uns, morrem no auge da sua dôr; outros matam cobardemente, e até os ha que matam os proprios filhos; um rouba, outro manda roubar; aquele ganha a vida honradamente, á custa do suor do seu rosto, aquel'outro vende as filhas, para ir para a taberna maldita jogar e envenenar-se...

Eis a Vida! e é isto que v. ex.ª se atreve a elogiar!

A Vida, minha senhora, é fóra de duvida, só serve para gente de coração frio e enregelado. Como é que eu, que tenho um coração sensivel a todos os sofrimentos, hei-de gostar da Vida?

Tudo são albergues, tudo são asilos, hospitais, creches, manicomios, morgues, cemiterios e miserias...

Tudo são halitos diversos, desde o do tisico ao do empestado; tudo são mulheres que vendem as filhas virgens, pelos cantos e esquinas, por dois patacos, como se vendem escravos no sertão...

Tudo é um redemoinho brutal e sinistro de gente que se olha desconfiada, que ri, que chora, que canta, que se embriaga, que se avilta, que se prostitue, que cai exangue e vencida pela Morte!

Que dramas!

E os homens e mulheres celebres dignos de nota?

Maria Madalena? Danton? Marat? Robespierre? Saint Just? Carlos I, de Inglaterra? Voltaire? Luiz XVI? Maria Antonieta? Bonaparte? Joana d'Arc? Egas Moniz? Luiz de Camões? D. Inez de Castro? Pedro I? Rainha Santa? O prisioneiro de Fez? Rainha D. Estefania? D. Pedro V? Mousinho? Soares de Passos? Garret? Antero? Camilo? Antonio Nobre?

O que fôram as almas de todos estes entes? Fôram o palco onde se representaram os mais epicos, os maiores dramas humanos!

Porque, minha senhora, a Vida é uma peça de teatro, como lhe chamou Fialho d'Almeida, se me não engano.

Na Vida tudo é transitorio, tudo é instavel.

Tudo passa, tudo esquece!

Passam as idades, as gerações, os costumes, as contendas, as tormentas, os soluços dos povos, a colera dos ventos, as luctas acerbas da existencia!

Esquecem os amores ainda vivos e os que jazem já na terra humedecida; esquecem os homens, quer sejam herois, quer sejam cobardes; esquecem-se os deveres, as traições, as palavras de amor, os dias de volupia.

Tudo passa, tudo esquece!

De todas as coisas do mundo, dos oceanos, dos rios, dos bosques, montanhas, flores, odios, assassinatos, religiões, amantes, preces de amor, tudo passa, tudo esquece!

Só ha uma coisa na Vida, que nunca passará, que nunca esquecerá, que ha-de permanecer sempre, inalteravel, firme, feia, lugubre e sinistra, atravez dos seculos, e emquanto durar o mundo: é a Morte!

Cada dia que foge, é mais um passo para a cova!

Tenho feito todo o possivel para gostar da Vida. Tudo em vão.

Tenho percorrido grandes cidades, vilas poeticas, montes impregnados de frescura e de ar puro, tenho escutado o bramir ruidoso das tempestades, em noites algidas de inverno; tenho interrogado, em noites suaves de primavera, o Silencio, a estranha Solidão; tenho falado, em conversas meigas e secretas, com a Lua, a casta Diana, a Phebêa loira e gelada; tenho chorado ao pé do Oceano, que pranteia as suas maguas, e que escuta as minhas dores; tenho beijado, com inefavel doçura, as florinhas agrestes, que encontro em dias de religiosidade, no meio de sitios ermos e solitarios; tenho desejado comover, com declarações de amor, febris, quentes, fanatisadas, corações de mulheres idolatradas; tenho ido aos cemiterios, a esses mysticos sepulcros, em noites caliginosas ou de luar, falar com os mortos, por altas horas, na tranquilidade da Noite e do Mysterio; tenho passado por todos os prazeres, por todas as diversões mundanas; tenho profanado corpos de mulheres, que são mimos de esculptura, que são perolas de voluptuosidade, primores de ternura incalculavel; tenho visto prostitutas nos seus leitos de lascivia e de infamia, estorcendo-se em convulsões de desejos, olhos em branco, cabelos pulcros em desalinho, nervosas, frementes de beijos e abraços; tenho visto morrer Creaturas — ai o meu santo Avô — á luz sagrada do sol-pôr, umas vezes soltando ais doloridos, outras cynicas imprecações; tenho chorado diante do tumulo da minha Amada, e minhas lagrimas, saturadas de Saudade e Amor, caem sempre sem resultado, no frio marmore da louza sepulcral; tenho lido todos os poetas, Horacio, Virgilio, Dante, Petrarca, Musset, Camões, João de Deus, Antero, Antonio Nobre...; tenho dedilhado como posso as cordas da minha lyra vacilante e trémula; tenho sofrido o que todos sofrem, chorado o que todos choram, sentido o que todos sentem; tenho amado tudo, desde o verme que roe o Cadaver do Amor Finado, até á Natureza, cheia de primores, de galas e delicias; tenho devassado todas as almas, analisado todos os corações, escalpelado todos os cerebros, perscrutado todas as miserias, subido a todos os horisontes do Infinito, do Sumamente Eterno, e não encontrei ainda nada que me fizesse ter prazer na Vida, e não encontrei absolutamente nada que me levasse a odiar a Morte!

Como os Mortos devem ser felizes na sua mudez!

Só a Morte é poderosa, só a Morte é boa!

E' lá que se despedaçam em pó todas as ambições e orgulhos da Terra, é lá que se despenham todas as miserias e torturas terrenas, é lá que teem fim todas as ilusões e sonhos desta Vida, é lá que se mergulham, na Religiosidade dos tumulos, todos os genios do Mundo, quer esses genios se chamem Homero, Virgilio, Dante, Hugo, Zola, Lamartine, Byron, Chateaubriand, Camões, quer se chamem Alexandre, Bonaparte, Nun'Alvares ou Gama!

Para ela não ha pobres, nem ricos, nem remediados; não ha heroismos nem dedicações, não ha carnes palpitantes e belas, não ha talentos deslumbrantes!

Para ela tudo é pó, tudo é cinza, tudo é lama...

Odiemos a Vida, minha cara, porque ela é a Eterna Mentira, o eterno delirio, a eterna escravidão, a eterna dor...

.....

Recebe, Deusa, o preito de admiração deste que é

Eduardo Passos.

Guimarães, 1915.

Instrução

Fôram promovidos os seguintes professores e nossos presados amigos: á 1.ª classe, os snrs.: José Augusto da Silva, de Santa Cruz de Coimbra; Alexandre de Moura, de Murtede; D. Erminia Braz, de Carapinheira; Olimpio Silva, das Alhadas; José da Cruz, de Pereira do Campo.

A' 2.ª classe, os snrs.: Manuel de Melo e D. Virginia Fernandes Duarte, de Arazêde; D. Maria do Ceu Ferreira, de Pampilhoza do Botão; Carlos Alberto Pinto Abreu, de Santa Clara, Coimbra.

Fôram suspensos os snrs. Tomaz da Fonseca, director da Escola Normal de Lisboa, com o vencimento de categoria e dr. Lopes de Oliveira, sem vencimento algum, por ser professor interino.

Foi ordenada uma sindicancia aos actos do inspector da 3.ª circunscrição de Coimbra, snr. Fernando Kemp Serrão.

Está a concurso a escola do sexo feminino de Gatões, do nosso concelho.

AOS AGRICULTORES

Estamos entrados na epoca da sementeira da batata, e é de toda a conveniencia que os senhores se não esqueçam dos adubos quimicos e organicos, da acreditada casa *Varela, Leal & C.ª, das Varzeas*, e que se encontram **á venda em casa de Manuel Monteiro Godinho,** com deposito no **Casal do Gaio, Arazêde.**

EM COIMBRA

Estiveram em Coimbra na quarta-feira os nossos presados amigos snrs. Joaquim Maria Laranjeiro, paroco desta freguezia, e Manoel Bátista da Costa, inteligente senador do nosso municipio, pelo partido democratico e farmaceutico em Verride.

—— Tambem esteve na capital do distrito o snr. Fernando Augusto Barboza, advogado da nossa comarca, que ali foi assistir á fundação do centro monarquico.

A Guerra da Europa

Porque é que a Grã-Bretanha se acha em guerra.—Causas e seus efeitos

Exposição sumaria da correspondencia diplomatica e discursos ministeriais

(CONTINUAÇÃO)

Gravissimas consequencias em jogo

Desde o principio havia sido reconhecido que a questão Servia não podia ficar isolada. A agressão da Servia pela Austria (com consentimento prévio da Alemanha) tinha que envolver outras potencias.

O governo Alemão assegurou, é facto, a Sir Edward Grey, que a questão de que se tratava era para ser liquidada só entre a Servia e a Austria, mas toda a gente sabia que tal não podia ser e o governo Alemão, como depois se verá, parece tambem ter sabido isto. As relações entre a Austria e a Russia haviam já ficado tensas com a anexação da Bosnia e Herzegovina. A agressão da Austria contra a Servia por certo que seria encarada pela Russia com o maior alarme e indignação. Durante a crise Balkanica, o ministro dos negocios estrangeiros da Russia «fizera ver claramente ao governo Austriaco, que um ataque Austriaco contra a Servia fatalmente envolveria esse governo em guerra com a Russia. Era evidente que o dominio da Austria sobre a Servia era tão intoleravel á Russia como a dependencia da Holanda da Alemanha o seria para a Grã-Bretanha». «Deve ser evidente», disse Sir Edward Grey na Camara dos Comuns (27 de Julho), «a toda a pessoa que reflectir sobre a situação, que do momento em que a desinteligencia deixe de o ser entre a Austria-Hungria e a Servia e se torne uma em que outra grande potencia se ache envolvida, só póde terminar pela maior catastrofe que jamais se tenha dado no Continente da Europa de um só golpe; ninguem póde dizer qual venha a ser o limite das consequencias que um tal conflito poderá ocasionar». A guerra entre a Russia e a Austria em uma causa em que a Alemanha havia apoiado aquela, tinha que envolver a Alemanha como sua aliada e a França teria que entrar como aliada da Russia. A acção da Austria e Alemanha no caso da Servia tinha desta fórma visos de provocar uma guerra Europea. A Inglaterra, França e Russia viram isto. A Italia, a aliada da Austria e Alemanha tambem o viu. Quando vinha estalando a guerra geral, o governo Italiano, ao ser-lhe perguntado quaes as suas intenções replicou: «A guerra empreendida pela Austria e as consequencias que daí podem resultar, tinham segundo as proprias palavras do Embaixador Alemão, um fim agressivo. Ambas se achavam portanto em conflicto com o caracter puramente defensivo da triplice Aliança e nestas circunstancias a Italia conservar-se-ia neutral». «Estavamos perfeitamente conscios», disse o proprio governo Alemão, «que as possiveis medidas belicosas da Austria Hungria contra a Servia poderiam fazer entrar a Russia em scena e desta fórma envolver-nos em uma guerra em conformidade com nossos deveres de aliados». «Em quanto á Alemanha», disse o Embaixador Alemão em Viena ao Inglez, «sabia perfeitamente em que se metia suportando a Austria nesta questão».

(*Continúa*).

Sir Edward Cook.

ERRATAS

O primeiro soneto do ultimo numero, produção do nosso inteligente colaborador Leão Corrêa, saíu com a epigrafe de *Meio segredo*, em vez de: *Maior segredo.* O primeiro verso desse mesmo soneto saíu errado tambem: *Perguntei a meu de manhã cedo*, em vez de: *Perguntei a meu bem de manhã cedo.*

Que o nosso amigo releve a falta.

Ao correr da pena

(Para M. M.)

Mas para que viver? para que perturbar esta vida toda de ilusões, de quimeras que se desfazem como bolas de sabão? para quê?

Nós, além-tumulo, não viveremos numa paz tranquila, vivendo num eterno sono? esses que lá nos esperam não serão mais felizes do que nós, que se hoje gosamos, mas um goso ficticio, amanhã sofremos, mas inormemente?

Deixêmos a ilusão que além-tumulo nos espera um diabito, para nos lançar as negras fauces dum inferno; olvidêmos a fantasia que nos esperará um anjo, que num ciciar de canticos nos levará a um ceu de prazeres, perene de felicidades; não nos iludâmos com esses contos fantasticos de anjos e diabos que nossos avós contavam, para entreter a nossa meninice, bem que eu ainda esteja quasi nessa, nas frias e tristes noites de inverno que são numa cidade.

Vejamos esta vida e a de além-tumulo pelo seu prisma real — veremos esta vida toda de hipocrisias, de miserias, de ambições — vejamos ou presentâmos a vida alem tumulo, um sôno, uma letargia que durará sempre—apenas as moleculas do nosso corpo se corromperão para voltarem á materia de que foram organisadas, porque se passados anos abrirem uma sepultura não mais verão que uns ossos brancos, que foram o esqueleto d'um que viveu e sofreu; exatamente como uma casa ricamente ornamentada e que um incendio voraz destruisse — depois só se veriam umas pedras calcinadas que foram o esqueleto dessa casa, dentro da qual muita gente sofreu e gozou.

.....

Mas, Madalena, perdôa esta divagação; tinha-te olvidado, mas o que acabo de dizer não será a pura verdade? Sim, é a verdade, mas eu não quero com esta divagação, que acalentes a morte, que a chames a ti; não, abomina a, vive para sofreres, que é para o que sem culpa, a este mundo se vem— porque se se adquire algumas horas de felicidade, mezes ou anos até,—um dia virá a dôr, virá o sofrimento, e então essa vida de felicidade tristemente pagará o seu tributo á dôr — nessa ocasião olvidar-se-ha tudo o que gozamos, para só sofrermos, e então a morte seria bela, mas não...gozamos — é preciso, impõe-se mesmo que devemos sofrer, — não seja o sofrimento só para os deserdados da fortuna.

Mas eu quero que tu, Madalena, vivas, quero que continues saboreando essa felicidade; estás no começo da tua mocidade—rosa em botão desabrochas para a vida e um dia mais tarde, perdôa, tu sofrerás, ninguem te furtará a isso— como a rosa que hoje se envaidece do seu frescor, e amanhã alguem a cortando do roseiral, não obstante a sua dôr, a mostrará ainda provocadora, mas já sofrendo, numa lapela de casaco, e quando já sem côr, fenecendo, a arremeçará para o chão, onde acabará estorcendo-se num ultimo arranco de dôr; e é uma plantasinha!

Não digo que não sejas feliz, eternamente, Madalena, mas isso seria uma excéção — porque se é feliz? — ha que sofrer, — embora que mais cedo ou mais tarde.

Porto | 24-4-15.

Armando Duarte.

Serie Escolar Figueirinhas

Primeiro Livro de Leitura.—Segundo Livro de Leitura.—Educação Civica.—Historia Patria.—Agricultura.—Gramatica Portugueza.—Aritmética.—Sciencias Naturais.—Manuscrito.—Corografia.—Tabuada das Escolas.—Tabuada de 10 réis.

Todos os livros da *Serie Escolar Figueirinhas* custam 10 centavos cada um, cartonados, exceto a *Taboada das Escolas* que custam 2 centavos e a *Tabuada de 10 réis*, que custa um centavo.

A *Serie Escolar Figueirinhas* é constituida por livros claros, sintéticos e em absoluta harmonia com os programas oficiais e cheios de lindas ilustrações. O preço assombra pela barateza. Vendem-se nas principais livrarias do paiz. Os professores oficiais teem especiais descontos e podem reclamar catalogos á *Livraria Figueirinhas*, Rua dos Martires da Liberdade, 173, Porto.

A *Livraria Figueirinhas* tambem fornece carteiras e caixas metricas, da *Carpintaria Maia*, esferas, globos, etc., etc.

Não ha material escolar mais solido, perfeito e barato, do que este.

A *Livraria Figueirinhas* tambem é depositaria de dois dos melhores sistemas de Leitura: *Cartilha Portugueza* do inspector escolar A. Justino Ferreira e do A B C Ilustrado de Adelino Campos.

REGISTO CIVIL DO CONCELHO

De 15 a 31 de Março

Nascimentos

(Continuação)

Pereira. — João, filho de João Maria Pires Couceiro e de Maria do Carmo Dias, dos Montes de Cima.

Reveles. — Antonio, filho de Arinda Marques de Oliveira, de Reveles.

Santo Varão. — Antonino, filho de Abilio Ferreira de Lemos e de Emilia dos Santos Fé, nascido em Santo Varão.

Seixo.—Anunciada, filha de José Ramos e de Luiza Marques, da Vergieira.

Tereza, filha de José Francisco Angelo e de Maria da Encarnação Mendes dos Santos, de S. Jorge.

Belmira, filha de Manuel Francisco Angelo e de Ana Cavaleira, do Vale Saramago.

Maria da Conceição, filha de Joaquim Rodrigues Madaleno e de Joaquina Dias Ferreira, do Casal do Jagás.

Anunciação, filha de Alvaro de Jesus e de Maria da Piedade Pereira, de S. Jorge.

Tentugal. — Antonio, filho de Manuel Pereira Batista Finetes e de Maria Carreiras, do Casal dos Saraivas.

José Maria, filho de Maria Isabel Saraiva, da Povoa de Santa Cristina.

Maria, filha de Antonio Fernandes Reu e de Ana Mendes Craveira, do Moinho Novo.

Verride. — Vitor, filho de Henrique Almeida e de Conceição Souza, da Ereira.

Maria Augusta, filha de Manuel Carvalho e de Maria José Martinho, da Abrunheira.

Maria José, filha de Joaquim Graça Junior e de Emilia da Costa Pinto, de Verride.

Antonio, filho de Manuel Guardado e de Emilia Carvalho, de Verride.

Antonio, filho de Jeronimo Graça e de Albertina Machado, de Verride.

Emilia, filha de José Carvalho e de Rosa Gomes, de Verride.

Vila Nova da Barca.—Maria da Conceição, filha de Antonio Fernandes e de Emilia Fojeira.

OBITOS

De 15 a 31 de Março

Arazêde. — David Cesar, de 4 mezes de idade, dos Catarruchos.

Carapinheira.—Joaquim Monteiro, casado, de 52 anos, do logar da Carapinheira.

Aurora Pires, de 18 mezes, do Casal do Meio.

Gatões. — Conceição Tavares Azenha, de 1 ano de idade, do logar da Estrada.

Montemór-o-Velho.—Vitoria Laura, casada, de 50 anos, do Forno da Cal.

Pereira.—Maria Girão Farrapa, viuva, de 75 anos, da vila de Pereira.

Santo Varão. — Antonio Loureiro Marques, solteiro, de 31 anos, de Santo Varão.

Tentugal. — Ana Justa, viuva, de 81 anos, do Outeiro Longo.

Um desconhecido do sexo feminino.

Verride. — Francisco Duarte Carregado, casado, de 71 anos, de Verride.

Casamentos

MARÇO

Arazêde. — Joaquim da Silva, com Ana de Jesus.

Santo Varão.— Leonel Pescante, com Tereza Cardosa.

Means. — Antonio Sapateiro de Azambujo, com Joaquina Queda.

Liceia.—José Joaquim Querido, com Tereza Pereira.

ANUNCIOS

Alvaro de Matos

Prof. das Clinicas obstetrica e ophtalmologica na Faculdade de Medicina

CLINICA GERAL. DOENÇAS DAS SENHORAS

Residencia: R. de Tomar, 5. Tel. 51

Consultas da 1 ás 3 no Largo Bombarda, 27, 1.º Tel. 20

As consultas de gynecologia e ophtalmologia são gratuitas para as classes pobres.

Venda de casa

VENDE-SE em Tentugal uma casa, sita no Rocio, e que pertenceu aos herdeiros de Antonio Dias d'Oliveira.

Quem pretender dirija-se a Pedroso, Ferreira & Castro, Rua de Traz, n.º 49—PORTO.

Gêsso e adubos compostos

Para todas as culturas

DE

J. CORTEZAO

Fabrica — Sá (Anadia)

Escritorio — Figueira da Foz.

AGUA DE LUSO -- Cura pela Diurése

(ESTABELECIMENTO TERMAL E HOTEIS ABÉRTOS TODO O ANO)

A mais diurética e mais digestiva. Aumenta a diurése, regularisa as funções digestivas e ativa os fenómenos nutritivos

Muito radioativa—4,49 miligramas—minutos
Muito ionisada, resistividade a 18° 18300 ohms
Muito rica em gazes raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotonica, ponto criospico 0°,04

} Conclusões da analise feita pelos distintos professores Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitissimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tifico

USO EXTERNO—Molestias de pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc,), reumatismo e gôta.
USO INTERNO—Artritismo, impaludismo, neurastenia—Albuminuria, diabetes—Intestinos, estomago—Rins—Bexiga.

Depositos -- LISBOA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros. 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 428. FUNCHAL, José Quirino de Castro, rua dos Murças. AFRICA ORIENTAL: Oswald Offmann. BEIRA: F. L. Simões & C.ª. LOANDA: Beltrão, Pena & C.ª, e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositarios nas terras onde ainda os não haja.

Seguros contra incendio — incluindo riscos de explosão de gaz e raio.

Seguros contra incendio — cobrindo tambem os riscos de *Greves* ou *Tumultos* (portaria de 14 de Março de 1914).

Seguros contra incendio — cobrindo ainda os riscos de *Guerra* (portaria, 30—XI—1914).

Unica companhia autorisada a segurar os riscos de Guerra nas apolices Incendio

As apolices d'A MUNDIAL são portanto as que mais conveem aos interesses dos proprietarios, locatarios, industriais, comerciantes, etc.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital Esc. 500.000$

Séde em Lisboa
Rua Garrett, 95
Telephone n.º 4084

Delegação do PORTO
Praça Almeida Garrett 22|24
Telephone n.º 1459

ENDEREÇO TELEGRAPHICO—**MUNDIAL**

Agentes em todas as localidades do paiz ilhas e colonias

Livraria e Tabacaria Cunha

Livraria Moderna e Tabacaria Augusto Henriques (reunidas)

Alberto Gonçalves Cunha

150, Rua Ferreira Borges—COIMBRA

TELEFONE N.º 293

LOTARIAS—Bilhetes, suas fracções e cautelas. Variada série de numeros certos.—Premios frequentes.
TABACOS—Nacionais e estrangeiros. As melhores marcas de cigarros e charutos.—Todos os artigos para fumadores.
POSTAIS ILUSTRADOS—Sempre as ultimas novidades em todos os generos.—Bilhetes de visita, impressão rapida.
PAPELARIA—Finissimos papeis de carta em caixas aos cadernos.—Objectos para escritorio e desenho.
LIVRARIA—Nacional e estrangeira, Revistas, Pu licações.—Figurinos.—Musicas.

Livros usados, antigos ou modernos, em qualquer estado, em grandes ou pequenas quantidades, compra em qualquer parte.

Passagens para o Brazil e Africa

José de Almeida

Negociante nas Pontes de Cadima, concelho de Cantanhede, e correspondente de todas as Companhias de navegação

Faz constar que vende passagens para todos os portos do BRAZIL, AFRICA, etc., a preços reduzidos, para o que está legalmente habilitado.

A sua vida de seriedade e honestidade são garantia segura para que os que desejam comprar passagens o procurem de preferencia a qualquer outro.

Guilherme dos Santos Pinto & Irmão

COM

OFICINA DE CANTEIRO

Encarregam-se de jazigos de toda a especie e todo o serviço concernente á sua arte.

Tambem executam todos os trabalhos que digam respeito a *Plantas, Alçados, Copias, Projectos e orçamentos de edificios, edificações, etc.*

Montemór-o-Velho=Verride

Restaurante Ferro-viario ALFARELOS

ESTE bufete, um dos que melhor servem o publico que transita nos comboios, acha-se situado na estação do caminho de ferro de Alfarelos. Fornece almoços, jantares e *lunchs* e toda a qualidade de refeições, por preços comodos. Tem pessoal habilitado, tanto em cosinha como em sala de mesa. Tudo se encontra com esmero e perfeição. Fornece comida para fóra, e presta-se a servir em casamentos, batisados, etc., desde que seja prevenido com antecipação.

O proprietario, **Artur de Oliveira Coelho.**

Companhia de Seguros

A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz

Antonio d'Oliveira Guerra

RUA DA REPUBLICA, 84

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima—Vila Nova d'Outil

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legitimos acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de fórma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamavel, isca em cordão vendida fraudulentamente a titulo de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva acção civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa a Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando se a maior discreção. A Companhia logo que receba informaçõ fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalisação par procederem ás necessarias diligencias. Dirigir-se pessoalmente ou por car á Companhia Portuguêsa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS

MELO & MARTINS

PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada

PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiencia dos nossos adubos, devido ao seu magnifico resultado os adoptarão de preferencia a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro

PAMPILHOSA DO BOTÃO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex.mos passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.

Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA

Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.
PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações

Deposito das afamadas aguas de Luso.

Casa Funeraria
DE
ADELINO FARIA

Rua das Flores
FIGUEIRA DA FOZ

Encarrega-se de todos os funerais, podendo ser chamado a qualquer hora da noite.

Preços resumidos, a ponto de ninguem poder competir, tanto em corôas como em todos os pertences respeitantes ao seu negocio. Tem especialidade em ornamentações.

Fabrica de Lanificios

— DE —

MANOEL JERONIMO DE MATOS

COVILHÃ

Fornecedor da caixa de socorros dos empregados da Companhia Portuguesa

Esta fabrica, uma das mais acreditadas da Provincia da Beira Baixa, fornece, por preços convidativos, especialmente a particulares do continente e ilhas, os melhores produtos da sua fabricação, tais como casimiras, cheviotes e estambres, empregando materia prima de primeira qualidade, esmerando-se quanto possivel na sua execução e adotando os melhores padrões e côres que a moda impõe nos centros elegantes estrangeiros.

Envia amostras para todos os pontos, para o que bastará o pedido feito num simples postal.

Pedidos a

Manoel Jeronimo de Matos--Covilhã

Biblioteca da Universidade Coimbra

Ano 4.° Arazêde, 9 de Maio de 1915 N.° 168

Director, administrador e editor
J. d'Almeida Junior

Representantes em muitas terras do país, Africa e Brazil

PROPRIEDADE DA DIRECÇÃO

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguêsa

Pátria e Humanidade

Redação e Administração
ARAZEDE

Toda a correspondencia relativa a este jornal, deve ser dirigida ao Director, para Coimbra

Composição e Impressão
Tip. Silva (a vapor)—AVEIRO

O futuro da aviação

Tenho pensado na aplicação que depois da guerra será possivel dar aos aeroplanos e aos zepelins, e francamente não a vejo muito facil e proveitosa. Por certo que a guerra ha-de acabar um dia, antes mesmo de chegar á Italia a morosa remessa de coragem que anciosamente encomendou para intervir. Se acabar, como se julga, que função estará reservada a essas maquinas de voar? Os zeppelins, dada a sua monstruosa capacidade, ainda podem empregar-se no transporte de mercadorias, em raptos e em mudanças. Mas os aeroplanos?

Já transmiti esta duvida a um dos meus mais praticos amigos, e ele, sagaz como um policia da judiciaria, viu logo que os zeppelins e aeroplanos vão nas horas de paz que nos esperam lindamente proporcionar-nos as mais comodas viagens.

Aqui está um alvitre que me não parece viavel. Eu tambem supuz, quando os automoveis atingiram a ultima palavra em que se encontram, que todos teriam o melhor e mais precioso meio de viajar. Nunca mais haveria atrazos de comboio. A tirania dos horarios nunca mais pesaria sobre a liberdade dos nossos movimentos. O automovel resumia um admiravel instrumento de emancipação, e nenhum outro como ele satisfazia o nosso espirito de independencia. Pois bem, engano. Já uma vez um meu amigo me proporcionou uma viajem em automovel. Aceitei-a com alvoroço. Não ha guloso de viagens que me exceda, e ninguem aprecia com maior volupia o prazer da deslocação. Pois o automovel desta vez não me encheu as medidas. O automovel, para quem não sabe moderar-se, é como a Pilsner. Conforme na cerveja um *bock* puxa outro *bock*, no automovel a velocidade puxa velocidade e não ha maneira de conter um automobilista apaixonado. Não quero dar aqui uma nota dos porcos, das galinhas e dos cães sacrificados no percurso. São creaturas insignificantes de mais para uma estatistica séria. O que não quero esquecer é que não viajei; galguei kilometros sem conta e não vi uma arvore, um casal, uma paisagem, no longo caminho percorrido, chegando a casa com os olhos, que não são pequenos, do tamanho de duas banheiras, e o corpo com todas as suas peças tão divorciadas entre si como os partidos da Republica. Se assim é em terra firme, o que será nos altos ceus? Por certo que com os aeroplanos não atropelaremos as andorinhas, que terão um cuidado de desviar-se que aos porcos e ás galinhas não ocorre; mas as velocidades devem ser prodigiosamente maiores; e que utilisamos nós com uma viagem assim, que não seja partir e chegar? Tudo quanto faz o encanto duma excursão *en touriste*, desaparece por completo. A paisagem vista do alto é uma paisagem de molde. Os homens parecem kágados e os cães, tapetes de sofá. Vista de cima, a torre dos Clerigos deve parecer um pisa-papeis e o snr. Alpoim uma roda de nora.

Que demonio de interesse pode ter esta visão topografica? Para a apreciar devidamente será preciso possuir-se uma alma de espião e não é esse certamente um destino apreciavel na vida.

Guedes de Oliveira.

(Do *Primeiro de Janeiro*).

Dr. Teixeira de Carvalho

No dia 29 passou o aniversario natalicio do snr. dr. Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, inteligente professor da nossa Universidade, e um dos mais brilhantes jornalistas contemporaneos, como o tem revelado, de sobejo, em varios jornais e ultimamente como diretor do importante bi-semanario evolucionista conimbricence a *Provincia*. Cordeais felicitações.

O preço da alimentação

Verdadeiramente irrisorio o que se está passando com os generos de primeira necessidade. A alimentação publica atravessa uma crise excécionalmente assustadora. Toda a gente grita *que isto está mau*. Os proprios governantes o reconhecem. Todavia, veja-se o que refere, a tal respeito, o nosso presado correspondente de Pampilhosa, chamando a atenção do respétivo administrador do concelho.

Os preços do feijão são elevados, são exorbitantes os preços dos demais generos de consumo. E tudo, o que mais lamentavel se torna, contra a lei em vigor. O respeito pela lei, d'ha muito que em Portugal é coisa de minima importancia.

O exemplo da manigancia e do atropêlo á logica, parte de cima.

Desde que no *alto* não respeitem o que se determina, isto é, o que *eles* proprios determinam, a anarquia das almas não deixará de sentir-se com todas suas desastrosas consequencias.

O que se dá, porém, em Pampilhosa, passa-se em quasi toda a parte. E as autoridades governativas, que tudo sabem, disso nos convencemos, a nada dão remedio. Uns, policando, pouco se preocupam com o cumprimento da lei; outros, indiferentes á miseria alheia, não querem saber de quem sofre e de quem se tuberculisa a olhos vistos.

Depois... depois o descontentamento geral. Isto não terá fim?

Em Coimbra

Tivemos a satisfação de cumprimentar em Coimbra os nossos estimadissimos assinantes e ilustres amigos, snrs. dr. Ismael de Sampaio e Adrião Forjaz de Sampaio, de Montemór; Elisio Maria d'Andrade, acreditado farmaceutico na Tocha e sua ex.ma esposa snr.ª D. Encarnação da Cruz d'Andrade; Antonio Maria da Silva Ferrão e ex.ma familia; José Bento da Cunha, fiscal do governo; dr. João Constantino e ex.ma esposa snr.ª D Isaura.

ANIVERSARIO

Passa no dia 12 do corrente o aniversario natalicio do nosso querido amigo e prestante cooperador, snr. Alvaro da Silva Ferrão, estudante do 2.º ano de medicina da Universidade de Coimbra. Um abraço.

Matos Tavares

Acompanhado de sua familia, retirou definitivamente para Aveiro, onde fixou residencia, este nosso presado amigo e distinto inspector do movimento da companhia dos caminhos de ferro do Vale do Vouga.

O nosso amigo, que soube conquistar na nossa terra a amizade das pessoas de todas as classes sociais, teve, na estação, uma afétuosa despedida, que bem demonstrou a enorme simpatia de que aqui gosava, bem como sua bondosa esposa e interessantes filhos.

Com efeito foi comovente a saudação que lhe foi feita, no domingo passado, no acto do embarque.

Ao caminho de ferro fôram muitas pessoas, dar a Matos Tavares e familia, o seu abraço de despedida, e, entre elas, lembra-nos ter visto a familia Ferrão, familia Gomes Ferrão, Coca Junior, João Valerio e familia, Bernardino Carvalho e familia, João Gonçalves Pereira, a menina Arminda Baia, etc.

Desejamos ao nosso amigo, que soube ser um bom cidadão e um bom companheiro, as maiores felicidades. O *Dever* fez se representar pelo seu correspondente.

SELVAGERIAS

Alguns mal-intencionados, aproveitando-se da tradição do dia, permitiram-se, na noite de 2 para 3 do corrente, escrever algumas tolices e obscenidades, que envergonham os mais indiferentes á moralidade dos costumes, nas paredes dos predios d'alguns habitantes da nossa terra.

Sabemos que foi dada partecipação ao snr. administrador do concelho, afim desta autoridade descobrir o autor ou autores de tão degradantes façanhas, que denotam má educação e pessimo gosto.

NOITES DE LUAR

Em noite de luar, o anjo da Poesia
as niveas azas solta em giro triunfal,
espalhando no espaço encanto e melodia,
as almas levantando ás regiões do Ideal!

Lá do infinito azul, doce melancolia
vem reflectir-se então, como em fino cristal,
na alma sonhadora, — escutando a harmonia
do emplumado cantor, — artista genial!

Noites bélas, emfim... de beleza suave:
— coração a vogar, como ligeira nave,
sobre as ondas de prata, ao impulso do amor!...

A Natureza, envolta em manto de doçura,
meiga, pálida a côr — ungida de ternura —
uma oração de paz eleva ao Creador!...

Montemór-o-Velho, Maio 915.

J. Naves.

Interesses da localidade

Club Recreativo—Sua fundação—Entrevista com um patricio amigo—Outras opiniões

Ha tempos aventámos, norteados pelo bom desejo de congraçar todos os elementos mais ou menos preponderantes nesta localidade, a ideia da fundação dum club recreativo onde se reunissem todas as pessoas de representação social, esquecendo a politica de cada uma—afim de se divertirem e passarem bocados menos aborrecidos, como os que decorrem sempre em meios pequenos como o nosso.

Esta ideia, por isso, veio encontrar agora repercussão no espirito d'algumas individualidades mais em destaque.

Querendo tornar efectiva a realisação de tão importante melhoramento, atrevemo-nos a entrevistar o nosso presado amigo e distinto academico universitario, snr. Alvaro Ferrão, sobre se ele via ou não possibilidade na formação dêste club.

Com efeito partimos, um dêstes dias, a caminho da rua do Loureiro, onde o nosso patricio habita, em Coimbra.

Chegados a sua casa, fizemo-nos anunciar.

Alvaro Ferrão, que estava entregue ao labor dos seus afazeres, acorreu ao nosso encontro, com aquele ar de mocidade e desenvoltura bem proprio da sua idade e do seu mister.

Pondo-nos á vontade, o nosso amigo inquiriu:

— Então por cá? O que ha de novo?

Trocadas algumas palavras banais, como é do estilo em casos de estes, começámos por preguntar lhe se ele via viabilidade na fundação de um club recreativo em Arazêde.

— Olhe, meu amigo, deixe-me ser-lhe franco. Tudo isso é mnito bonito, e acho até muito bem, mas... meu caro, vejo por ali muita dificuldade.

— Mas que dificuldades, num meio tão acanhado, encontra o meu amigo, para se levar a efeito esta ideia?

O Alvaro riu se, desdenhosamente.

— Em poucas palavras lhe vou dizer: Olhe, aquela gente não sabe o que quer. Quer e não quer ao mesmo tempo. E' de tal força que, como o meu amigo tambem deve saber, ha elementos que seriam capazes, querendo, de fundarem esse club. Mas as divergencias que existem entre algumas familias, suscitadas, a maior parte das vezes, pela porca da politica, que por ali abunda muito, são tais, que não acho probabilidade alguma, no acolhimento da sublime ideia do meu caro amigo. Sempre lhe digo: Comigo, conte sempre. Comigo e com alguns amigos que eu pudér arranjar.

— Mas então, numa terra tão pequena, será possivel que ninguem se entenda?

— Não é será. E' a verdade. Ali tudo quer mandar. E nestes casos, como vê, ninguem se póde entender... Tudo quer ser grande, e onde todos são *grandes*... ninguem é pequeno.

— Mas vamos a factos. Eu desejava saber se ha ou não possibilidade na criação do club.

— Lá isso ha. Mas seria necessario que todos se unissem—o que não creio — e da união de todos, e com um bocadinho de boa-vontade, tudo se conseguiria.

— Mas porque não se ha-de efectivar essa união?

— A isso é que eu não posso responder. Digo-lh'o com magua, porque não posso compreender a razão porque, sendo todos capazes de sacrificios, tendo todos mais ou menos a lucrar com tal melhoramento, persistam em conservar a nossa terra enfeudada a velhas praxes, quando lá temos elementos de valor, capazes de a levantar ao nivel a que ela tem direito, e agora mais do que nunca, pois já lá temos medico, notario, etc., que bastante contribuem para o seu engrandecimento.

— Promete, caro amigo, auxiliar o empreendimento?

— Pois, porque não? Tudo quanto estiver ao meu alcance — note bem — ao meu alcance, tudo lhe farei.

— E' preciso talvez convocar uma reunião dos elementos mais em destaque na nossa terra?

— Sim, é indispensavel, e eu estou pronto para essa reunião, quando e como se combinar. Eu nunca fugi a entendimentos que denotassem progresso para a nossa aldeia. Sei que Você esteve ha dias ali em baixo, no hotel Central, falando com uma criatura de alto prestigio no nosso meio, e que me abstenho de referir, porque o meu amigo bem o sabe, e as impressões que colheu, foram para mim lisongeiras, e até mesmo imerecidas. Es-

se senhor, póde, querendo, e estou convencido que quer, auxiliar-nos nesta santa cruzada. A' parte mal-entendidos, que desaparecerão com o tempo, eu devo vêr no futuro club um baluarte de dedicações, uma só bandeira de paz e união. Posso enganar-me, mas é esse o meu presentimento, talvez por ser o meu desejo. Quem não se entender pessoalmente, póde, como se faz em toda a parte, como, por exemplo, no club de S. Romão, terra onde tenho parentes, dividir se, juntar-se aos seus afeiçoados, e deixar os outros com quem tem tido escaramuças pessoais.

— Com efeito o nosso amigo diz bem. Sabemos que alguns homens de preponderancia estão dispostos a auxiliar a criação dum club em Arazêde.

Alvaro Ferrão não tem duvida em reunir, proximamente, afim de se assentar nas bases da agremiação, que de politica nada terá.

Brevemente, pois, o nosso jornal publicará o aviso de convocação, para se assentar se sim ou não se poderá realisar o intento.

O *Dever*, que sempre pugnou pelo engrandecimento da terra que lhe foi berço, mais uma vez terá ensejo de bemdizer o momento em que se lembrou de alvitrar esta ideia sublime.

Era tarde, e o nosso amigo, como que despedindo-nos, fez convergir a nossa palestra para outro assunto.

Despedimo-nos, pedindo-lhe que nos autorisasse a fazer uso das suas palavras, ao que ele acedeu prontamente, convencido de que contribuiria, assim, para a efectivação do club recreativo, que ele deseja, como nós, levado a efeito no mais curto praso de tempo possivel.

Assim todos compreendam o alcance da nossa iniciativa e nos não regateiem o seu auxilio, sem o qual não será possivel conseguir o nosso *desideratum*.

DR. JOAQUIM NEVES

Tem estado entre nós o snr. dr. Joaquim Neves, natural da visinha povoação de Cadima, em substituição do distinto medico desta localidade, snr. dr. Mario Mendes. O dr. Neves retirou já para Coimbra, onde concluirá em breve a sua formatura.

CARTA DA PAMPILHOSA

Pampilhosa do Botão, 3 de Maio de 1915.

Para Lisboa, a assistir ao congresso da União Republicana, partiram os nossos amigos Joaquim da Cruz e Adriano Teixeira Lopes, sendo acompanhados pelo distinto medico, dr. Eugenio Couceiro, da Mealhada.

Igualmente partiram para Aveiro, a assistir ao comicio que ali se realisou, de propaganda democratica e de protesto contra a actual ditadura, os nossos amigos Abel Godinho, Domingos da Silva, José Martins Ferreira Pires e João Mano, donde regressaram cheios de entusiasmo pela forma brilhante como decorreu em todas as suas fazes.

Ali discursaram, sendo freneticamente aplaudidos pela enorme multidão que por completo enchia o Teatro, onde o comicio se realisou, os srs. Ernesto Navarro, dr. Manoel Alegre, dr. Barbosa de Magalhães, dr. Pedro Chaves e dr. Marques da Costa, afirmando todos os oradores a conveniencia da união de todos os republicanos filiados nos diversos partidos, afim de combaterem os inimigos da Republica e traidores á Patria.

—— Está para breve a vinda a esta localidade dum grupo musical, do Porto, composto, segundo nos consta, de guitarra, viola e ocarina, e que no nosso elegante Teatro executará um escolhido reportorio, cujo programa, segundo nos informam, muito ha-de agradar. São promotores deste atraente espétaculo, dois cavalheiros que aqui gosam de geraes simpatiaa e que, por esta forma, pretendem levantar o Teatro da decadencia em que está.

Oxalá que o povo lhe preste o concurso que sempre dispensou a espétaculos desta natureza, para que os seus promotores prosigam no seu empreendimento.

—— Teve hontem logar a feira mensal desta localidade, sendo regularmente concorrida, e fazendo-se bastantes transacções.

—— Chamamos a atenção do digno Administrador do concelho, para o que aqui se passa com referencia ao preço dos cereaes, pois que estando estabelecido o de 900 para o feijão branco, o vendem a 1:200 e 1:300, sucedendo o mesmo com outros generos. *O.*

Eduardo Passos

Este ilustre e mimoso escritor vimaranense começa, no proximo numero, a abrilhantar as paginas do nosso jornal com a sua erudita colaboração. E' mais um elemento valioso que se vem juntar á galeria primorosa dos nossos queridos companheiros de trabalho.

Seja bem-vindo.

Camara Municipal

Sessão da Comissão Executiva da Camara Municipal de Montemór-o-Velho, de 20 de março de 1915.

Presentes os vereadores Tavares Lebre, Monteiro da Costa, Esteves de Barros, sob a presidencia do dr. Antonio J. Simões, secretariado pelo vogal Rodrigues Pato.

Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior.

OFICIOS

1.º — Do Inspector do Circulo Escolar da Figueira da Foz a informar que a professora da Escola de Gatões, Lia de Matos, naquela data foi submetida á inspecção medica, sendo ela de parecer que devia ser concedida a licença requerida. A Comissão ficou inteirada.

2.º — Da mesma Inspecção a pedir que para instruir convenientemente o processo para provimento definitivo da professora de Gatões, Lia de Matos, lhe seja enviada certidão da efectividade de serviço a contar de 1 de janeiro de 1914. Mandou que se satisfizesse.

3.º — Do Automovel Club de Portugal, em Lisboa, a pedir lhe seja informado se uns letreiros em azulejo estão já colocados e se o Club está em debito pela sua colocação.

Disse a presidencia que ignorava a existencia dos letreiros a que se refere o oficio, por isso propunha para que eles sejam colocados, dando-se conta ao Club da despeza. A Comissão aprovou a proposta.

4.º — Do Engenheiro Director das Obras Publicas, a responder que fôram dadas ordens ao pessoal de conservação para reparar os estragos que os ultimos temporaes fizeram no sitio das Bicas, na estrada do logar do Amieiro á Tocha. A Comissão ficou inteirada.

Foi apresentado um requerimento de Joaquim Tinoco Dias, proprietario, da Portela, da freguezia de Tentugal, a declarar que cede gratuitamente pelo espaço de 3 anos a sua casa, sita no logar da Portela, para n'ela ser instalada a escola mixta que ali se vai crear, a qual tambem serve para habitação do professor; afirma que a dita sua casa já foi examinada e inspecionada pelo respectivo Inspector. Faz esta declaração para os efeitos legaes. A Comissão resolveu aceitar e agradecer o oferecimento e comunica-lo ao snr. Inspector.

Informações diversas do mestre d'Obras sobre licenças d'aquisição de terreno para deposito de materiaes, alinhamentos, levantamento de paredes e ainda para fazer diversos paços de nivel para varios predios á beira das estradas municipaes. A Comissão concedeu as diversas licenças na fórma da lei.

Em seguida o vereador Monteiro da Costa informou que a fonte de Santo Antonio, no Casal dos Nobres-sos, precisa de ser reparada, sendo resolvido que fosse o mestre d'obras examina-la para se proceder aos reparos necessarios. O snr. Presidente apresentou os orçamentos para a factura do estrado para a cadeira do professor da escola Conde Ferreira d'esta vila e bancada para a cosinha da casa da professora anexa á escola feminina. Mandou-se proceder ás obras sendo aprovados os orçamentos.

Tambem fôram aprovados outros dois orçamentos, um para concertar o assude da Ponte de Fonterma e outro para reparos no aqueducto na estrada da Povoa de Santa Cristina. Mandou que se procedesse ás obras, sendo autorisadas.

Foi presente o balancete semanal acusando um saldo de 4:400$00 na Caixa Economica Portugueza e de 315$41 na tesouraria do Municipio. Foi autorisada a presidencia a levantar a quantia necessaria para as despezas de pagamento no fim do mez, caso fosse necessario, e por qualquer circunstancia não poder realisar se sessão antes dêsse dia.

Ainda foi presente uma informação sobre licença para vedação. O mestre d'obras disse que se podia conceder a José Jorge Buco, do Meco, licença para vedar os seus predios, um no Meco e outro em Vale Canosa, e conceder-lhe o terreno pedido para deposito de materiaes. Mandou a Comissão que fosse o requerente avisado para pagar todas as despezas, na fórma da lei, e concedeu-lhe a licença pedida.

Tambem foi concedida licença a José Antonio Ribeiro, de Formozelha, de 50m2 10 de terreno para deposito de materiaes do muro de vedação do seu predio junto á estrada do Nabal, em Formozelha, pelo tempo de 30 dias.

Em seguida foi encerrada a sessão.

Alqueidão

A festa do 1.º de maio decorreu com brilhantismo nesta localidade, com alvorada ás 4 da manhã e passeio á fonte do Negrote, onde os bailes e descantes da mocidade fizeram a admiração de toda a gente que assistiu. A aldeia estava, aqui e acolá, ornamentada com flôres.

—— Encontra-se encomodado de saude o distinto professor, snr. Casimiro d'Oliveira.

Desejamos o seu pronto restabelecimento.

Exercicio militar

Em exercicio de campanha saiu ha dias o regimento de infantaria n.º 28, aquartelado em Figueira da Foz, tendo bivacado num monte proximo de Quiaios. Os recrutas, que se apresentaram magnificamente, prestaram varias provas, o que demonstra a boa vontade dos seus ilustres instrutores. Acompanhon-os a sociedade da Cruz Vermelha, corporação que está muito desenvolvida naquela cidade e a que todos os figueirenses se dedicam de alma e coração.

ASSOCIAÇÃO ILEGAL

O snr. governador civil de Leiria oficiou ao governo dizendo que por informações do administrador do concelho de Pombal a Associação de classe dos empregados no comercio e industria, instalada naquela vila, não pode funcionar, em consequencia de se não achar legalmente constituida.

Bem dizia a *Vóz do Caixeiro*, nosso presado colega de Coimbra.

Venda de duas bicicletas

Joaquim Teixeira Junior, do Amieiro, desta freguezia de Arazede, tem duas bicicletas para vender, uma de corrida e outra de passeio, ambas em bom estado e que vende em boas condições.

Quem desejar comprar dirija-se ao anunciante.

CARTA DE COIMBRA

7 — 5 — 915.

Concurso de bombeiros. — A cidade testemunhou a sua simpatia pelas duas corporações que ao Porto foram prestar a sua homenagem á memoria de Guilherme Gomes Fernandes, por alcançarem o 2.º e 4.º premio no certamen ali realisado. Em manifesto largamente distribuido, protestou a corporação dos Voluntarios contra a deliberação do juri, constando-nos que a dos Municipais tambem teve os seus pruridos de desabafo. Bem prégam os socialistas a Igualdade... Porque não ha-de haver só primeiros premios?

Desastre. — Maria de Jesus, que hoje apanhava uns limões num quintal do Pateo da Inquisição, caiu da escada, fracturando um braço.

Colégio Mondego. — Pela cedencia do edificio para repartições do Estado, vae ser instalado êste estabelecimento de ensino numa das mais apraveis quintas dos arredores do Coimbra.

Crèche. — A esta utilissima instituição enviou um anonimo a quantia de 20 escudos.

Concerto. — Foi uma verdadeira festa d'arte a que ontem se realisou no Teatro Avenida, sob a distinta direção do insigne violinista Benetó, que á saida teve uma quente manifestação da academia. Entre o entusiasmo dos bons *vivants* ouvia-se a voz: «Viva o Benetó, doutor formado em musica!».

Dr. Daniel de Matos. — Passou o periodo agudo da doença do ilustre lente de Medicina.

Concursos. — Reune no dia 24 o juri para final de provas dos candidatos ao 6.º grupo dos liceus.

Economias. — Para aproveitamento de material estão sendo desmanchados os pilares de pedra ao longo do Choupal, na margem direita do Mondego, primitivamente destinados ás portas d'agua, para impedir a invasão daquela deliciosa mata.

Hidrofobia. — Seguiram para o Instituto Bateriologico 11 pessoas desta cidade mordidas por um cão raivoso.

Cardsso de Menezes. — Chegou de Castendo o ilustre diretor da Escola Nacional d'Agricultura, a quem os afétos familiares muito teem feito, consecutivamente, sofrer o coração.

Afogada. — Apareceu dentro dum poço, no lugar de Fala, Maria Lopes, de 80 anos.

Liceu feminino. — A três vagas de professoras houve 16 concorrentes.

Castilho.

Alvaro de Matos

Prof. das Clinicas obstetrica e ophtalmologica na Faculdade de Medicina

CLINICA GERAL. DOENÇAS DAS SENHORAS

Residencia: R. de Tomar, 5. Tel. 51

Consultas da 1 ás 3 no Largo Bombarda, 27, 1.º Tel. 20

As consultas de gynecologia e ophtalmologia são gratuitas para as classes pobres.

Junta paroquial de Tentugal

Sessão extraordinaria de 26 de março de 1915

No dia 26 de março do corrente ano, reuniu-se extraordinariamente a junta de paroquia de Tentugal, cuja sessão, presidida pelo snr. Bento Maria d'Abreu, secretariada pelo snr. José Maria Lopes, achando-se presentes os vogais, snrs. Julio Leitão e José Tubarão Couca Junior, foi muito concorrida.

Aberta a sessão, foi pelo presidente dito que fez a convocação extraordinaria da Junta, porque se estão passando factos que podem trazer graves consequencies, por causa da questão da agua, entre os habitantes de Tentugal e o proprietario do terreno que confina com a nascente, junto da estrada distrital de Coimbra á Figueira, e que é precisa a intervenção da Junta, como representante do povo, para que o conflito tenha uma solução rapida e sem desprimor para qualquer das partes.

Sabe, por comunicação que acaba de fazer-lhe pessoa autorisada pelo snr. Antonio Marques, de Fouterma, proprietario do terreno referido, que a questão a que alude teve a sua origem num mal entendido da parte do povo, pois que aquele senhor tem a maior satisfação em facilitar a construção, cedendo gratuitamente terreno, se fôr preciso, no sitio da nascente, autorisando o arranque, na sua propriedade, da pedra necessaria para a obra, e auxiliando monetariamente a respetiva construção.

Como vêem, da parte do snr. Marques ha todo o empenho em ser util á localidade, proporcionando-lhe todas as facilidades para que o povo veja realisado este importante melhoramento.

Tratando-se de uma construção bastante dispendiosa para a Junta, propoz, e foi aprovado, que se oficiasse á confraria do Santissimo e Santa Casa da Misericordia, pedindo-lhes um snbsidio para esta obra e que se abrisse uma subscrição pelo publico para tambem a custear.

Para esta comissão nomeou os snrs. Francisco Antonio Mendes, Joaquim Jorge André e José Pereira Batista, os quaes, estando presentes, declararam que aceitavam a missão que lhes foi cometida. Propoz tambem e foi aprovado que as obras começassem logo depois da pascoa, pois não devia haver delongas, porque Tentugal lutava com imensa falta de agua, principalmente no verão; e que estas se façam sob a direção dos snrs. Joaquim Jorge André e Julio Leitão.

Finalmente propoz e foi aprovado que na acta ficasse consignado um voto de louvor ao cidadão Antonio Marques, de Fouterma, pelo serviço que acabava de prestar á povoação de Tentugal, concorrendo, com toda a generosidade, para tão importante melhoramento, oferecendo terreno, dando toda a pedra necessaria para a construção e auxiliando esta monetariamente; e que désta acta se lhe envie copia para que ao seu conhecimento chegue, que a entidade oficial que representa o povo, em nome dêste, presta homenagem a todas as pessoas que, como o snr. Marques, estão ao lado do povo.

E nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão.

Em Arazêde

Encontra-se nesta localidade, acompanhado de sua bondosa esposa, o nosso presado patricio e assinante, snr. Manuel d'Almeida, ha muitos anos residente em Lisboa e primo do nosso director.

Damos-lhe um abraço de boas-vindas.

Guerra Europêa

A situação

Não ha duvida que agora houve batalhas navais no Mar do Norte. Embora de importancia relativamente pequena, no sabado passado deu-se o encontro de barcos alemães e ingleses de que resultou a perda para os ingleses do destroyor *Recruit* e reboque *Columbia*, e para os alemães de dois torpedeiros.

O *Recruit*, um velho destroyor de 385 toneladas, estava de vigia proximo do barco-farol *Gunfleet*, onde foi surpreendido por um submarino alemão, que o torpedeou, metendo-o no fundo. Morreram uns 35 marinheiros, sendo 30 salvos pelo reboque *Daisy*, que de repente se viu tambem atacado quando se ocupava de salvar os naufragos.

Acudiram outros destroyors ingleses que, descobrindo dois torpedeiros alemães, fôram-lhes no encalço e abriram fogo. Os alemães, como já o teem feito outras vezes, fugiam vergonhosamente; mas mesmo em marcha fôram apanhados e em menos de uma hora estavam no fundo.

Os ingleses mais uma vês mostraram a sua maneira humana de fazer guerra, tratando imediatamente de salvar os naufragos dos dois barcos alemães. Salvaram 41 homens, que receberam todo o acolhimento a bordo dos barcos inglezes.

AOS AGRICULTORES

Sendo agora época de sementeiras de milho, feijão, abóbora, etc., será conveniente aplicar os bons adubos e purgueira da afamada casa *Varela, Leal & C.ª*, das **Varzeas**, que se encontram **á venda em casa de Manuel Monteiro Godinho**, com deposito no **Casal do Gaio, Arazêde.**

Poetas e Prosadôres

Saudades do Passado

Ela sentia, por vezes, o coração a chorar! Perguntando a si mesma o motivo de tantas lagrimas, estranhava que nem ela ao menos soubesse responder. Vivendo de tristezas, volvia os olhares do espirito, saudoso, para o passado de alegrias que se foi.

Só mais tarde compreendeu a falta duma mãe amiga, de qualquer pessoa de familia que a distraísse e com ela compartilhasse das mesmas mágoas. Com efeito, a vida, sem um ente estremecido, é uma grande amargura! E' a mesma coisa que caminhar ao acaso, sem norte, sem um jardim florido a odorisar-nos a existencia. E' encontrar sómente cardos que ferem e matagais incultos onde não palpitasse um alento nem desabrochasse uma flôr.

E a Margarida lembrava se dos dias de festa que havia passado junto da pobre Aurora, do tempo que decorreu e ela ao lado dos que lhe eram caros, rindo, brincando, sem que o mais leve desgosto a contrariasse. Verdadeiras noites de lua-cheia e de ambiente odorifero rescendendo a amores bem correspondidos.

Hoje, porém, que ela vive numa cidade buliçosa, onde o vicio impera e a maldade tem perduravel alojamento, preferia habitar no mais recondito dos logarejos, afastada de tanta mentira que a aborrece e de tanto galanteio que já a contraria e a não sensibilisa.

Estas lembranças e estas saudades mortificaram Margarida, que a olhos vistos se transformava, envelhecendo, com vinte e duas primaveras aparentando uma quarentona já sem brilho no olhar nem o entusiasmo enganador da mocidade inexperiente.

E, depois, com o coração a chorar, punha-se a meditar silenciosa no seu passado despretencioso de risos e alegrias e comparava-o com estas noites prolongadas do inverno martirisante do seu presente.

Mas era em vão que meditava e em vão que sonhava uma felicidade bem distante, que jámais voltaria ao encontro da sua alma quasi morta de sofrer.

Lembrava-se da morte, de caminhar ao seu encontro, mas chamava-se criminosa ao ter tão inglorios intentos. A vida, que não era dela, da vida não podia dispôr. Havia que sofrer!...

Amalia Nunes de Souza.

Ao meu amôr

Venho hoje dizer-te, ó minha amada,
Que te amo, que te adoro imensamente.
Tu jámais sairás da minha mente
Anjo formoso, mulher idealisada.

Se te dizem que amei já nesta vida,
Que alguem já foi o meu tormento,
Mentiram, meu amôr, foi passatempo.
Eu amo só a ti, mulher querida!

Amo-te tanto, tanto que nem sei
Quem possa nesta vida mais amar,
E tu não amas a mim que a suspirar
Só por ti vivo, ó anjo, e viverei...

Se vês que não mereço, minha amada,
Ser amado por ti com devoção,
Não iludas mais meu coração
Que t'ama com paixão ilimitada.

Resende, 14—3—915.

Fernando Teixeira da Silva

CARTA DE VERRIDE

O 1.º de Maio em Verride

Eram 4 horas, quando a filarmonica Verridense percorreu as ruas da vila, tocando o hino 1.º de Maio, começando então o estralejar de foguetes que continuou durante todo o dia. Pelas 14 horas foi oferecido um copo de agua, pelo sr. João Correia, recentemente chegado da Africa Ocidental portuguêsa, a todas as creanças da escola oficial do sexo feminino, no edificio da mesma escola, que se achava lindamente ornamentada. Organisou-se depois o cortejo, acompanhado pela filarmonica e muito povo, cantando as creanças o 1.º de Maio.

Chegadas á quinta de Santa Suzana, cantaram as creanças a Sementeira, sendo-lhes depois oferecido um magnifico *lunch*, pelo sr. João Correia, que foi distribuido pela distinta professora oficial snr.ª D. Ana Moutinho Barbudo, auxiliada pela snr.ª D. Estela de Oliveira e Costa, professora oficial da Ereira. Depois de as creanças e o povo terem merendado, tirou o sr. João Corrêia uma fotografia a todas as creanças em grupo, que depois cantaram o hino das escolas, o hino 1.º de Maio e a Portuguêsa, recitando algumas poesias as meninas Rosalina Rolo, Celeste Henriques Costa, Hermengarda de Almeida Carvalho, Laura Almeida Pinto, Laurinda Cardoso, Maria Artemisa Pinto Gomes, Fernanda da Silva Rodrigues, Maria Ribeiro, Maria do Ceu Guardado, Maria Silvina Gaspar, Emilia Gaspar, Augusta Lucas, Delminda Cardoso e Jesuina dos Santos. Usou depois da palavra o sr. Correia, felicitando a professora e fazendo votos para que se conserve bastantes anos nesta terra, a que está prestando os mais valiosos serviços; seguiu-se-lhe o sr. Emidio Roque Pinto, que mui claramente mostrou ás creanças o respeito e a consideração que devem á sua professora, sendo no final muito aplaudido.

Dançaram em seguida as creanças, alguns trechos de musica, executados pela filarmonica, organisando-se depois novamente o cortejo e cantando as creanças o 1.º de Maio.

No largo da Ruchida, dançaram novamente e recitaram bonitas poesias as meninas Rosalina Rolo, Lucilia Freitas Pinto, Augusta da Silva e Hermengarda Almeida Carvalho, pondo-se depois o cortejo em marcha em direção á escola oficial, onde as creanças cantaram a Portuguêsa.

Finalmente, dirigiram-se a casa do benemerito e patriota snr. João Correia, onde o ex.mo snr. João Gonçalves Montenegro, dignissimo inspêtor de Seguros, cumprimentou e felicitou a snr.ª D. Ana Montinho Barbudo, bem como o povo de Verride, por ter para suas filhas uma educadora tão inteligente e zelosa.

C.

Alice Oliveira,

aluna externa do 5.º ano de piano do Conservatorio e com o curso de musica: léciona, em sua casa ou dos alunos, como se convencionar.

RUA DO SUB RIPAS, 10
COIMBRA

Promoção

Por lapso involuntario deixámos de noticiar a merecida promoção, á 2.ª classe, do professor de Ceira e nosso estimado amigo snr. Henrique de Melo, que em Montemór serviu com geral agrado.

Cumprimentando o nosso amigo, enviamos-lhe agora o abraço sincero de felicitações.

RODRIGUES DA SILVA

Tivemos o prazer de cumprimentar em Coimbra, na segunda-feira, o nosso estimado amigo snr. Domingos Rodrigues da Silva, preferido comerciante junto da estação ferro-viaria de Pampilhosa, e um dos homens que muito tem contribuido para o engrandecimento da localidade, dando todo o seu concurso e energia a varios melhoramentos que hoje são um facto.

Rodrigues da Silva, que é um democrata fervoroso, prometeu ao *Dever* todo o auxilio que lhe seja possivel. Congratulamo-nos com o regresso do nosso amigo ás lides da imprensa, pois ele, desgostoso com o *andar* das coisas, havia-se afastado como se afastou muita gente desiludida e cançada, mas não convencida.

Um abraço.

Casa funeraria

A' importante casa funeraria do nosso presado amigo, snr. Adelino Faria, da Figueira da Foz, acaba de chegar uma enorme remessa de urnas de moguo, que vende por preços convidativos.

Veja-se o anuncio na secção respetiva.

Agua da Curia

Mogofores

As unicas aguas sulfatadas-calcicas que existem no paiz, similhantes ás afamadas aguas de Contrexéville, nos Vosges (França).

A Guerra da Europa

Porque é que a Grã-Bretanha se acha em guerra.—Causas e seus efeitos

Exposição sumaria da correspondencia diplomatica e discursos ministeriais

(CONTINUAÇÃO)

Esforços da Gran-Bretanha em favor da paz

Prevendo isto tudo, Sir Edward Grey, cujos esforços durante as recentes guerras dos Balkans lhe haviam adquirido o titulo de pacificador da Europa, foi o primeiro a aparecer com propostas para evitar a guerra e o governo Britanico «persistiu até ao ultimo momento da ultima hora, nesse grande e benefico, mas infelizmente frustrado intuito» (Mr. Asquith).

Já em 20 de Julho tendo recebido um leve palpite do que se andava maquinando, Sir Edward Grey falara com o embaixador Alemão da importancia para a paz da Europa, da Austria «circunscrever as suas exigencias dentro de razoaveis limites». A sugestão não foi adótada. O ministro dos negocios estrangeiros Alemão «considerou inoportuno que o governo Alemão se entendesse com o governo Austro-Hungaro sobre o assunto» (22 de Julho). O ultimatum Austriaco que o proprio Ministro «admitiu,e o governo Servio não podia tragar», foi despachado no dia seguinte.

Em 23 de Julho, tendo tido do embaixador Austriaco um resumo do que a nota Austriaca continha, Sir Edward Grey, insistiu com ele, assim como com o governo Alemão sobre o quanto seria para desejar que se convencesse o governo Austriaco a prolongar o limitado prazo. O governo Russo procedeu da mesma fórma. O embaixador Alemão teve instruções para fazer «seguir» a sugestão de Sir Edward Grey, mas o Ministro de Negocios Estrangeiros Alemão disse que haveria demora e dificuldade em obter a prorogação do limite do prazo, e acrescentando «expontaneamente, que o Governo Austro-Hungaro desejava dar uma lição aos Servios e que tinha tenção de lançar mãos das armas».

Em 24 de Julho tendo recebido o texto do ultimatum e prevendo que se a Austria atacasse a Servia, a Russia mobilisaria, Sir Edward Grey propoz que a «Alemanha, França, Italia e a Grã-Bretanha, que não tinham interesses directos na Servia, agissem conjunta e simultaneamente em pró da paz em Viena e S. Petersburgo», «na eventualidade das relações entre a Austria e a Russia se tornarem ameaçadoras». «Muito seria para desejar», disse ele ao embaixador Alemão, o levar a Austria a não precipitar a acção militar e assim se ganharia mais tempo. Nenhum de nós porém poude influir a Austria neste sentido, a menos que a Alemanha propozesse em tal acção em Viena. A França era favoravel a este plano, assim como o era a Italia. A Russia «estava perfeitamente disposta a pôr-se de fóra e entregar a questão inteiramente nas mãos da Inglaterra, França, Alemanha e Italia». Tendo pois sido assegurado de que só caso a Alemanha concordasse, o seu plano poderia ser eficaz, Sir Edward Grey, em 26 de Julho convidou os governos de França, Alemanha e Italia a darem instruções aos seus respectivos embaixadores para conferenciar com ele «com o fim de descobrir um meio de evitar complicações». O convite foi aceite pela França e Italia. O ministro dos negocios estrangeiros Alemão «não podia concordar com o alvitre, por muito ancioso que estivesse em cooperar para a manutenção da paz» (27 de Julho).

(*Continúa*).

Sir Edward Cook.

CARTA DA ABRUNHEIRA

5-5-915.

O dia 1.º de Maio passou-se alegremente nesta encantadora aldeia.

O dia estava lindissimo; primavera pura! A temperatura era propria da estação, mas por não estarmos habituados a ela, devido á rigorosa invernia que nos tem apoquentado, sentia-se um pouco de calor, mas uma ligeira aragem que por vezes soprava refrescava-nos e sentiamo-nos bem.

Seriam seis horas, quando, ainda com vontade de nos demorarmos na cama, sentimos uns morteiros e uma girandola de foguetes! Ato continuo ouvimos a fanfarra que tocava a marcha 1.º de Maio.

Vestimo-nos á pressa e chegamos á janela na ocasião em que o rancho passava defronte da nossa casa.

Dispostas a três e três, assim como os rapazes, seus pares, lá iam as nossas simpaticas e galantes patricias que o são sem favor, atraz da fanfarra acompanhando em côro a marcha.

A' cabeça levavam os potes tam bem enfeitados, que nos davam a impressão de *bouquets* enormes, tam bem dispostas estavam as flores.

E como iam caprichosamente vestidas, todo aquele conjunto nos maravilhou.

Era o lindo lenço de franjas que lhe caia sobre as costas; a blusa branca de folhos e rêndas rigorosamente corrida a ferro—nós assistimos a algumas destas operações—; a saia de boa fazenda preta, de largas prégas em toda a roda, tambem muito bem passadas a ferro; a meia branca e a chinela no bico do pé. A completar tudo isto levavam ao pescoço os fios de perolas, os cordões de ouro que lhe pousavam no peito e nas orelhas enormes brincos!

Os rapazes de bo na, casaco preto e calça branca, não desmanchavam o conjunto.

O Elias então um artista!

Ele ensáia um rancho emquanto o diabo esfrega um olho!

O José Graça tambem caprichou!

A fanfarra estava afinada e todos os rapazes se apresentaram muito bem.

E como tudo correu com muita ordem e muito bom gosto, nós damos-lhe muitos parabens e fazemos votos para que para o proximo ano se apresentem de fórma a que lhe possamos fazer os mesmos elogios.

—— E' aqui esperado ainda este mês o nosso patricio snr. Joaquim Jorge da Silva, habil farmaceutico em Lourenço Marques.

—— Seguido do acto religioso, realisou-se no Posto do Registo Civil desta localidade, no dia 1 dêste mês, o casamento do sr. Joaquim de Sousa Carvalho, com a sr.ª D. Carolina Simões Graça.

Testemunharam o casamento os srs. Joaquim de Goes Nobre e Alfredo Simões Graça.

Em seguida, em casa dos noivos foi servido um abundante lunch, após o qual os noivos retiraram para o Porto.

Desejamos-lhe muitas felicidades e uma prolongada lua de mel

—— De visita a sua ex.ma mãe, a ex.ma sr.ª viscondessa da Ponte da Barca, encontram-se aqui os srs. visconde da Ponte da Barca e seu mano Jeronimo.

—— Tem chovido nestes ultimos dias, o que muito tem beneficiado a agricultura.

N.

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autôres.

Serie Escolar Figueirinhas

Primeiro Livro de Leitura.—Segundo Livro de Leitura.—Educação Civica.—Historia Patria.—Agricultura.—Gramatica Portugueza.—Aritmética.—Sciencias Naturais.—Manuscrito.—Corografia.—Tabuada das Escolas.—Tabuada de 10 réis.

Todos os livros da *Serie Escolar Figueirinhas* custam 10 centavos cada um, cartonados, exceto a *Taboada das Escolas* que custam 2 centavos e a *Tabuada de 10 réis*, que custa um centavo.

A *Serie Escolar Figueirinhas* é constituida por livros claros, sintéticos e em absoluta harmonia com os programas oficiais e cheios de lindas ilûstrações. O preço assombra pela barateza. Vendem-se nas principais livrarias do paiz. Os professores oficiais teem especiais descontos e podem reclamar catalogos á *Livraria Figueirinhas*, Rua dos Martires da Liberdade, 173, Porto.

A *Livraria Figueirinhas* tambem fornece carteiras e caixas metricas, da *Carpintaria Maia*, esferas, globos, etc., etc.

Não ha material escolar mais solido, perfeito e barato, do que este.

A *Livraria Figueirinhas* tambem é depositaria de dois dos melhores sistemas de Leitura: *Cartilha Portugueza* do inspector escolar A. Justino Ferreira e do A B C Ilustrado de Adelino Campos.

Por falta de espaço sômos obrigados a deixar de publicar varios e importantes artigos, do que pedimos desculpa aos seus autôres.

ANUNCIOS

Venda de casa

VENDE-SE em Tentugal uma casa, sita no Rocio, e que pertenceu aos herdeiros de Antonio Dias d'Oliveira.

Quem pretender dirija-se a Pedroso, Ferreira & Castro, Rua de Traz, n.º 49—PORTO.

Gesso e adubos compostos

Para tôdas as culturas

DE

J. CORTEZAO

Fabrica — Sá (Anadia)

Escritorio — Figueira da Foz.

FABRICA DE CAL

Cal fina e grossa, fornece-se em muito boas condições. Preços modicos, sobre o wagon, no caminho de ferro e nos proprios fornos.

Agente de telha tipo marselha e tijolos de todos os formatos, da fabrica Lacerda, Figueiredo & C.ª Limitada, da Pampilhosa.

Pedidos a

Joaquim S. Coca Junior

Zambujeiro—Arazede

AGUA DE LUSO -- Cura pela Diurése

(ESTABELECIMENTO TERMAL E HOTEIS ABÉRTOS TODO O ANO)

A mais diurética e mais digestiva. Aumenta a diurése, regularisa as funções digestivas e ativa os fenómenos nutritivo

Muito radioativa—4,49 miligramas—minutos
Muito ionisada, resistividade a 18º 18300 ohms
Muito rica em gazes raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotonica, ponto criospico 0º,04

} Conclusões da analise feita pelos distintos professores Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitissimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tifico

USO EXTERNO—Molestias de pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc,), reumatismo e gôta.
USO INTERNO—Artritismo, impaludismo, neurastenia—Albuminuria, diabetes—Intestinos, estomago—Rins—Bexiga.

Depositos -- LISBOA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros, 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 428. FUNCHAL, José Quirino de Castro, rua dos Murças. AFRICA ORIENTAL: Oswald Offmann. BEIRA: F. L. Simões & C.ª. LOANDA: Beltrão, Pena & C.ª, e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositarios nas terras onde ainda os não haja.

Seguros de Searas, eiras, palhas, fenos e pastagens
Seguros de acidentes de trabalho nos serviços agricolas

Unica Companhia autorisada a reunir os 2 riscos em uma só apolice.

A Mundial é a Companhia que tem contracto para Seguros Agricolas com a importante Associação Central da Agricultura Portugueza e a maioria dos Syndicatos Agricolas do Paiz.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS
Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital—Esc., 500:000$
(500 contos)

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmão
Praça da Liberdade, 138 — Telefone 1459

ENDEREÇO TELEGRAPHICO—**MUNDIAL**

Agentes em todas as localidades do paiz ilhas e colonias

Livraria e Tabacaria Cunha
Livraria Moderna e Tabacaria Augusto Henriques (reunidas)
Alberto Gonçalves Cunha
150, Rua Ferreira Borges COIMBRA
TELEFONE N.º 293

LOTARIAS—Bilhetes, suas fracções e cautelas. Variada série de numeros certos.—Premios frequentes.
TABACOS—Nacionais e estrangeiros. As melhores marcas de cigarros e charutos.—Todos os artigos para fumadores.
POSTAIS ILUSTRADOS—Sempre as ultimas novidades em todos os generos.—Bilhetes de visita, impressão rapida.
PAPELARIA—Finissimos papeis de carta em caixas aos cadernos.—Objectos para escritorio e desenho.
LIVRARIA—Nacional e estrangeira, Revistas, Publicações.—Figurinos.—Musicas.

Livros usados, antigos ou modernos, em qualquer estado, em grandes ou pequenas quantidades, compra em qualquer parte.

Passagens para o Brazil e Africa
José de Almeida

Negociante nas Pontes de Cadima, concelho de Cantanhede, e correspondente de todas as Companhias de navegação

Faz constar que vende passagens para todos os portos do BRAZIL, AFRICA, etc., a preços reduzidos, para o que está legalmente habilitado.

A sua vida de seriedade e honestidade são garantia segura para que os que desejam comprar passagens o procurem de preferencia a qualquer outro.

Guilherme dos Santos Pinto & Irmão
COM
OFICINA DE CANTEIRO

Encarregam-se de jazigos de toda a especie e todo o serviço concernente á sua arte.

Tambem executam todos os trabalhos que digam respeito a *Plantas, Alçados, Copias, Projectos e orçamentos de edificios, edificações, etc.*

Montemór-o-Velho=Verride

Restaurante Ferro-viario
ALFARELOS

ESTE bufete, um dos que melhor servem o publico que transita nos combojos, acha-se situado na estação do caminho de ferro de Alfarelos. Fornece almoços, jantares e *lunchs* e toda a qualidade de refeições, por preços comodos.
Tem pessoal habilitado, tanto em cosinha como em sala de mesa.
Tudo se encontra com esmero e perfeição.
Fornece comida para fóra, e presta-se a servir em casamentos, batisados, etc., desde que seja prevenido com antecipação.

O proprietario, **Artur de Oliveira Coelho.**

Companhia de Seguros
A Lusitana
Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz
Antonio d'Oliveira Guerra
RUA DA REPUBLICA, 84

JOSÉ MARQUES
CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL
Correio de Cadima—Vila Nova d'Outil

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legitimos acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de fórma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamavel, isca em cordão vendida fraudulentamente a titulo de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva acção civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa ao Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando-se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalisação para procederem ás necessarias diligencias. Dirigir-se pessoalmente ou por carta á Companhia Portuguêsa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS
MELO & MARTINS
PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada
PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiencia dos nossos adubos, devido ao seu magnifico resultado os adoptarão de preferencia a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro
PAMPILHOSA DO BOTÃO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex.mos passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.
Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA
Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.
PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações
Deposito das afamadas aguas de Luso.

Casa Funeraria
DE
ADELINO FARIA
Rua das Flores
FIGUEIRA DA FOZ

Encarrega-se de todos os funerais, podendo ser chamado a qualquer hora da noite.

Preços resumidos, a ponto de ninguem poder competir, tanto em corôas como em todos os pertences respeitantes ao seu negocio. Tem especialidade em ornamentações.

A FUNERARIA EM PEDRA
— DE —
FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO
RUA DIREITA, 139 a 149
COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem deposito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se tambem de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fóra de Coimbra

Coimbra

Ano 4.º — Montemór-o-Velho, 16 de Maio de 1915 — N.º 169

DIRECTOR, PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR
Almeida Junior

SECRETARIO DA REDACÇÃO E EDITOR
Abel M. de Melo Brandão

REDACTOR PRINCIPAL
Mário Augusto da Mota

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguêsa

Pátria e Humanidade

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Dr. José Galvão
MONTEMOR-O-VELHO

DIRECÇÃO:—COIMBRA
(para onde deve ir a correspondencia)

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. Silva (a vapor)—AVEIRO

"O DEVER,,

Principia o nosso jornal, com o presente numero, a publicar-se em Montemór-o-Velho. Várias fôram as causas que determinaram a medida que tomamos, sendo a principal o desejarmos aceder a instantes desejos de amigos dedicados. Até nós vieram, decididos a lutar e a sofrer as agruras do jornalismo, dois patriotas cheios de fé no futuro da nacionalidade portuguêsa:

Mario Augusto da Mota, que cursa com brilhantismo o 2.º ano da faculdade de sciencias na Universidade de Coimbra, é um rapaz de talento a quem toda a vila se acostumou a respeitar e a querer muito. Estudioso e trabalhador, ao nosso novo companheiro está por certo reservado um largo futuro no nosso meio social.

Abel Brandão, figura simpatica de revolucionario, energico, ponderado, é, no fundo, um bondoso, sempre pronto para acudir e socorrer o similhante que dos seus serviços careça. Farmaceutico muito distinto, vê sempre as coisas pelo seu prisma real, sem tibiezas nem hipocrisias. Com elementos desta naturêsa, não admira que o *Dever* preste, como é o seu mais acendrado desejo, relevantes serviços ao concelho, que muito carece de impulsionar-se para se engrandecer e ter jus a ser considerado, pelo país, como concelho de terceira ordem, que realmente é.

A politica continuará, como até hoje, afastada de nossa casa.

E quando nós nos convencermos de que não é possivel, na nossa terra, fazer jornalismo honesto, seguir o caminho da honra e da isenção, daremos por findo o nosso martirio.

O concelho de Montemór-o-Velho tem elementos de vida propria. Assim todos os dados se congreguem no mesmo generoso gesto de o tornar util á Patria.

De resto, não se compreendia que o nosso semanario vivesse numa povoação afastada da comarca, quasi esquecido dos poderes publicos. Arazêde é uma das principais freguezias do concelho, é certo, mas ali ser-nos-ia impossivel prestar um bom concurso aos munícipes. Assim todos compreendam o nosso intuito e se prestem a auxiliar-nos com o mesmo desinteresse com que nós, voluntariamente, ha perto de quatro anos vimos trabalhando sem desfalecimento em prol do progresso popular.

E' muito dificil, bem sabemos, agradar a todos. Mas faremos, ao menos, todo o possivel para nunca desagradar a ninguem.

O nosso ideal politico é de sobejo conhecido. Politicamente, não arredaremos um pé da orbita dos nossos principios, sem querer saber do crédo de cada um, mas reservando-nos o direito de apontar e comentar faltas que se pratiquem com fins mais ou menos reservados. A patria portuguêsa carece do abraço sincero de todos os seus filhos, e a hora não vai para retaliações setaristas que tanto teem contribuido para o actual estado de periclitancia financeira e de caracter que nos é doloroso constatar.

Dito isto, resta-nos saudar, com entusiasmo, o nosso concelho, principalmente este povo montemorense de tão gratas e historicas tradições...

A VOZ DA JUSTIÇA

Fez 12 anos no dia 11 este nosso querido colega da Figueira da Foz, que nunca deixou, desde o seu primeiro numero, de combater com denodo pela santa causa da democracia e da Republica.

Melhorando o seu formato, o seu director e nosso velho amigo, snr. Manuel Jorge Cruz, corresponde assim ao belo acolhimento que o seu bi-semanario tem tido.

Um longo abraço.

Páginas sôltas

As "maias,,

Quem, estranho a esta região, visitar pela primeira vez as circunvizinhanças do Porto no dia 1.º de maio notará que das portas e janelas de quase todas as casas pêndem uns pequenos ramos de giestas de flôr amarela: são as «maias».

Mas a minha leitora pensará consigo: ¿para que são as «maias»? A mesma pergunta fiz eu ha anos e agora estou habilitada a responder: as «maias» são um antidoto contra as «bruxas» que — pobres delas! — as afugentam as giestas floridas... E assim, no último dia de abril por todas as fechaduras das portas, e frinchas, e janelas, se procede á extravagante ornamentação para não entrar o «maio» em casa...

Crendeiro povo o nosso! — Tão bondoso como ignorante, tão crente como supersticioso. De lés a lés do país não ha uma região em que as lendas e velhos usos, por mais absurdos que sejam, se não achem profundamente arraigados na alma do povo e os quais só os séculos teem o condão de levemente modificar.

Fazer ruir essas superstições absurdas, filhas da ignorância do povo — só a instrução. Mas quantos anos ainda terão de decorrer...

No século XV o povo de herois e navegadores tremia ao ouvir falar nos fantasmas do *mar tenebroso* que a ignorancia geográfica em que vivia lhes pintava; e o nosso povo do século XX que se não possui já aquelas qualidades apanágio dos nossos antepassados, tem todavia o verniz cedido por uma certa civilização, treme ante a ideia de «bruxas» e vai pôr ramos de giestas nas frinchas e fechaduras das portas para que lhe não entre o «maio» em casa!...

Em todas as lendas e costumes do povo ha sempre uma boa dose de poesia e tendências que se são cristãs em muito se misturam de paganismo... E os factos mais belos da nossa Historia teem todos a povoá-los de maravilhoso o reflexo da lenda.

As lendas são a poesia da historia. E, por mais que me digam, a tradição tem raizes tão fundas entroncadas na vida colectiva que, não sendo possivel pela violencia expungida, pela evolução hão-de passar séculos ainda sobre os costumes do povo...

Este uso das «maias» vem apontado na *Historia de Portugal*, soberbo trabalho de Pinheiro Chagas; nas *Lendas e Narrativas* nos dá Alexandre Herculano tambem a descrição duma festa em Lisboa nos arraiais saloios em que uma rapariga fazia de «Maia», parece me que no tempo do Mestre de Aviz. Mas se êstes costumes são picarescos não o é menos o uso seguido em Trás-os Montes; no dia 1.º de maio toda a gente se esforça por comer castanhas piladas, cuja «virtude» atribuida não vem ao intento contar...

Vão lá saber a origem destes usos? Ainda não li obra nenhuma de investigação onde ela viesse e dados para a procurar não tenho nenhuns.

Mas embora a entrada de maio seja festejada a «flôres de giesta» o que não é menos certo é que maio é o mês privilegiado dos encantos da naturêsa, das preces, dos crentes e do perfume das flôres...

Maio de 1915.

Aurea Judit Amaral.

Partido Democratico

Reuniram nesta vila, no domingo passado, alguns vultos em evidencia daquele partido politico do nosso concelho, a que assistiram, além do capitão snr. Tavares de Carvalho, que veio de Coimbra expressamente para esse fim, os nossos presados amigos de Tentugal, snrs. Beja da Silva, Almeida Machado e Francisco Martins da Costa; o snr. Antunes, da Carapinheira; Manuel Teixeira, de Gatões; dr. Armando de Carvalho e Ismael de Sampaio, escrivães snrs. Mamede e Sampaio e muitas outras pessoas cujos nomes nos não ocorrem.

O snr. dr. Batista Loureiro, que se acha retido em casa por motivo de impertinente enfermidade, não pôde comparecer.

Estão tratando de organisar forças e cremos que brevemente começarão a propaganda.

HOMENAGEM
AO DR. JOSÉ GALVÃO

O talento, a virtude, o saber são p'ra a alma,
como em limpido céo, vivas constelações:
estrelas do Ideal, só merecem a palma,
a simpatia, o amor, das grandes multidões!

Em todo o tempo, sim, os grandiosos feitos
agitam, como a pilha, o forte coração
do povo crente e bom, movendo-o ao culto, aos preitos
que se prestam ao Bem, — santa religião!

O homem, — um pigmeu — eleva-se gigante,
da virtude e talento aos impagaveis dons:
apagado carvão brilha já diamante;
já o barro é cristal: — eis os santos e os bons!

Assim do puro céo da nobre Grecia antiga
deuses tantos... serão — prestigio enganador! —
apenas uns heroes — ha quem avance e diga —
grandes homens talvez, de genio superior!

Este culto vem pois além mesmo da Historia;
representa-o a estatua, o arco triunfal,
uma tela, um retrato, em perpetua memoria
do vulto proeminente ou genio imortal!

E a Justiça que move á gratidão dos povos,
ha-de inda mais florir por seculos alem...
— O merito honrae! — é o lema dos novos,
quais soldados que vão á conquista do Bem!

.....

Que traduz esta festa, esta magna assembleia,
em meio d'ovações e de hinos triunfaes?
— Que o povo, agora justo, agradece, premeia
serviços de valor, que não esquecem mais!

E' que instala hoje aqui, neste belo palacio,
o retrato de quem tão distinto papel
nele representou. — Como um heroe do Lacio,
seu vulto fica bem sob tão digno docel! —

O cidadão austero, o réto presidente,
decerto merecia a bela distinção...
honra-se quem a dá, honra quem a consente:
salvé, pois, nobre edil, doutor José Galvão!

Montemór-o-Velho, 18-5-903.

J. NEVES.

ESPEDIDA

A redacção do *Dever* abraça, comovidamente, o belo povo de Arazêde, agradecendo-lhe o generoso acolhimento com que sempre a distinguiu, prometendo não esquecer a importante freguezia, á qual, desde o berço, se dedicou com entranhado afeto e sincero desinteresse.

Dr. José Galvão

O dr. José Galvão foi talvez o presidente mais digno do nosso municipio. Austero e energico administrador, de grande e arrojada iniciativa, a ele se deve o possuir hoje Montemór o magnifico edificio dos Paços do Concelho, onde se acham instaladas, com largueza e comodidades devidas, todas as repartições publicas. Os seus amigos e admiradores, em homenagem ás suas nobres qualidades e serviços relevantes, num mutuo empenho de gratidão e respeito, tiveram a simpatica ideia de quotisar-se para adquirir e colocar no salão nobre dos Paços do Concelho o seu retrato a oleo, perpetuando assim a memoria de tão ilustre quanto prestante cidadão. Foi em 18 de maio de 1903 que teve logar essa bela e atraente solenidade: a inauguração do retrato nos Paços do Concelho. Além de varios discursos, distribuiu-se uma poesia alegorica ao acto. E' essa poesia que publicamos noutro logar, visto, ao que nos consta, não ter sido ainda publicada em jornal algum, comemorando desta fórma o aniversario de tão encantadora festa, que passa depois de amanhã.

Atrabez d'Africa

(Impressões)

II

Solo africano — Mossamedes

I

MOSSAMEDES foi a primeira cidade africana que meus olhos viram em realidade.

E' sem duvida uma cidade bonita em tão acidentadas paragens, situada á beira duma linda bacia de mar, estendendo-se ao longo duma planicie, não tendo em seu seio a mais leve ondulação.

As suas verdadeiras retas, largas, extensas, e plantadas de tenras arvoresinhas, assemelham-se um pouco ás futuras avenidas da nova Lisboa.

Chalets são variados, uns de terra outros de argamassa, mas que, cobertos como estão de cal branca, parecem lindos chalets de Valmôr, onde

habitam formosas moçoilas de rosadas maçãs e cabelos loiros. Possue um jardim publico, quasi junto ao cais de desembarque, distante talvez uns trezentos metros da Estação do Caminho de Ferro.

E' novo, mas promete bastante, em vista das variadissimas plantas que possue, tendo a anima-lo os frondosos eucaliptos que tão higienicos são e que crescem a olhos vistos. (Será termo? Desculpe o leitor).

Ha comercio, oficinas mecanicas e fabricas.

E' um centro pobre, sem duvida, para as classes trabalhadoras, porquanto a agricultura, salvo as hortas, em nada está progredida, mas em compensação possue um porto rico de pesca, especialmente corvina, como nenhum outro em Portugal. E' esta a sua principal industria. Das fabricas uma pertence aos snrs. Figueiredo & Almeida, a mais importante da cidade, onde se seca peixe, muito superior ao bacalhau hespanhol e onde se fabrica a deliciosa corvina em escabeche. As hortas revestem em si um panorama soberbo e pena é que a cidade não possa envolvel-as, orlando-a, porque seria um jardim aprazivel ao coração dos apaixonados, para arrulharem seus amores, como ternos pombinhos, á sombra das bananeiras...

. . . . . .

Moçoilas?!...

Morenas, de encantos lêdos é que elas são!...

Fascinadoras, atraentes, revestindo nos seus olhares verdes e tristes uma paixão intensa, veemente e dolorosa!

Compreensivel falta de amores constantes é o que á primeira vista claramente nos indicam em seus olhos esgazeados e espavoridos ao contemplarem rostos juvenis de homens que ardentemente anceiavam.

E' diminuto o tempo para conquistas, mas nem por isso deixamos passar em relevo as suas aspirações.

Aproveitando qual meiga noite de amena poesia, nós vamos, embora indirectamente, oscular seus rostos juvenis e formosos por meio de cantigas e deleitar seus corações em sonhos venturosos!

Ester, uma se chamava.

Companheira inseparavel de Amelia, amigas intimas, ligadas por iguais sofrimentos e finos laços de estreita e sincera amizade. Era um encanto ouvir a descrição de seus amores infelizes, por tão caridosas meninas!...

Possuiam Elas o que á Branco-Rouxinol faltara.

Eram sinceras, afectuosas, todas carinhos, todas amores...

Infelizes crianças de tão verdes anos!...

O que Elas sofriam e o que Elas sofrem!...

. . . . . .

II

Descrita a cidade como pitoresca, em tão modestas e pobres linhas, resta-me dizer-vos tambem, caros leitores, o que se me oferece sobre Mossamedes politica.

E' hoje, por grande infelicidade nossa, a politica o assunto de todas as palestras, quer em centros, quer em reuniões, de particulares ou oficiais.

Eis o que déssas fontes colhi:

Existia na praça desta cidade uma firma comercial denominada «Casa Alemã Chôsse», que era o baluarte de toda a canalha vil de anti-patriotas afectos aos alemães, por ser ali a séde do consulado dêsse Imperio. Conhecido que foi, nunca a alma daqueles que sentem vibrar-lhe no coração o sentimento puro de patriotismo e o amor verdadeiro e sentido, acrisolado e quente, pela Patria que lhes foi berço, descançaram um momento.

Poucos, sem duvida, mas intrepidos e valorosos!

Um pequeno grupo, mas grandes almas, com quem convivi e de quem recebi inumeras provas de estima e consideração.

Vinte e um apenas...

E' seu chefe o ilustre director do jornal *A Patria*.

Pimentel é um velho republicano, um patriota sincero e um caracter nobre.

Proporcionou-me ensejo para falar-lhe num lamentavel desastre ocorrido em 17 do corrente. Desastre foi ele e de tão grande importancia, que foi maior a irritação causada em todos os espiritos do que verdadeiramente, diga-se em abono da verdade, o sentimento de pesar.

Foi a morte de tres defensores da Patria que horas antes anunciavam a suas familias encontrarem-se de saude...

De todas as consciencias brotava o grito de—Justiça!—sem que seus clamores encontrassem ecos de justiça tambem.

Triste é dizê-lo, mas mais triste ainda é sentil-o!...

E assim passou... só a historia lh'a poderá fazer...

. . . . . .

Diga-me, meu amigo:—Qual a sua impressão ácerca do sucedido?

—Conheço, por infelicidade minha, toda a engrenagem politica dêste triste meio. Pela causa da Republica tenho sofrido os maiores dissabores possiveis e imaginarios...

Aqueles que no tempo da monarquia me escorraçavam de seus predios, embora pagando-lhe honradamente, após o 5 de Outubro de 1910, abraçam-me efusivamente.

A minha fronte então, como hoje, andou sempre airosa e erguida e o meu chapéu nunca se elevou em movimentos de saudação...

Conheço-os.

São cobardes porque não teem coragem de abertamente declararem o que são.

A prosa do meu jornal tem sido para eles um verdadeiro caustico.

Espero-lhes o embate se forças tiverem para oferecêl-o.

Pimentel é hoje o que hontem foi.

—Não lhe parece então que tivesse havido crime?

—Não.

E não, porque esse famigerado alemão que aí estava, fugiu para a Hespanha.

Equivale a que a abelha mestra tivesse saido do cortiço.

Após a troca de mais algumas palavras, despedi-me do grande patriota e ele então com o sorriso magnanimo de seu coração, que essa carateristica tão puramente apresenta em seus labios, disse-me:

—Adeus! e coragem...

. . . . . .

São onze horas da manhã. Acabo de assistir ao funeral das vitimas e desfolhar sobre a sua campa uma flôr de saudade e sentimento...

Trago déssa romagem sentida uma grata recordação. E' a alma de Pimentel transformada em corôa de saudade e sentimento tambem.

Foi o unico elemento civil que ali se apresentou...

Quiz ele compartilhar da dôr que nos dilacerava... indo depôr sobre a campa de nossos irmãos d'armas uma saudade de sua alma de patriota...

Obrigado.

. . . . . .

Mossamedes (Africa Ocidental), 18 de Fevereiro de 1915.

Ricardo Fernandes Sardinha.

Junta Geral do Distrito

A comissão executiva, em sua sessão de 29 de abril:

Aprovou os orçamentos suplementares aos ordinarios de 1914-1915, da irmandade do SS. de Ceira, concelho de Coimbra, e da Misericordia de Pereira, concelho de Montemór-o-Velho.

Proferiu acordãos definitivos de quitação sobre as contas seguintes:

Concelho de Arganil: Da irmandade do SS. de Vila Cova, dos anos de 1912 1913 e 1913-1914.

Concelho de Cantanhede: Da confraria do SS. da Pena, de 1911-1912 e 1912-1913.

Concelho de Coimbra: Da confraria de N. S. da Conceição, de S. Tiago, de 1911-1912 e 1913-1914; das irmandades de N. S. da Bôa-Morte, da Sé Nova; de S. José e do Senhor Jesus, de Justa; e do SS., da Torre de Vilela, de 1912-1913 e 1913-1914; da confraria do SS., da Sé Nova e Misericordia, de S. Mateus, do Botão, de 1913-1914.

Concelho de Oliveira do Hospital: Da irmandade de N. S. da Conceição, de Penalva d'Alva, de 1911-1912 e 1913-1914.

Concelho de Poiares: Da irmandade de N. S. das Necessidades, de Santo André, de 1911-1912 e da Misericordia da vila e concelho de Soure, de 1912-1913 e 1913-1914.

Novo professor

Foi nomeado professor da escola do sexo masculino desta vila, o snr. José Nunes Bento.

Inteligente e trabalhador, ha-de, por certo, ter o apoio de toda a gente.

Cumprimentamo-lo afétuosamente.

Secção de Variedades

Receita para o vinho que começa a azedar

Pôem-se algumas nozes sêcas num brazeiro, e logo que estejam bem acezas, deitam-se para dentro da vasilha, em que está o vinho, na proporção, pouco mais ou menos, de uma nós para quatro almudes; tapa-se bem a vasilha e deixa-se ficar, pelo menos, 48 horas.

Passado este tempo, tiram-se as nozes e póde beber-se o vinho, que ficará excelente.

9342

Desde pela manhã até depois,
Já depois do sol posto, este carneiro
A berrar dez mil vezes, trinta mil:
Nove, trezentos e quarenta e dois!
Maldito cauteleiro!

O' policia... incivil,
E vós outros tambem, quem quer que sois,
A quem toca a policia da cidade,
Falo-vos a verdade:
Declaro-vos que um dia...
A' falta de revolver vai tinteiro!

Lancem-me embora impostos de dinheiro;
Jmposto de maçada é tirania!

J. de Deus.

A um piano desafinado

Maldito sejas tu, atroz chocalho,
A quem por troça chamam um piano,
Que tens sido meu algoz e meu tirano,
Nas horas que dedico ao meu trabalho.

Descsp'rado berro... grito... ralho...
E sempre, sempre o mesmo desengano.
E' de mais... é atroz... é sobrehumano
Aturar esta espiga, este espantalho.

Vai-te p'ró diabo, e não me tentes,
Pois, por tua causa, muitas horas
Tenho 'stado, ó ladrão, em panos quentes.

E's peior do que ter intermitentes,
E's peior do que febres, sem melhoras...
E's peior, muito peior, que dôr de dentes!...

L. de Freitas.

Num cenimatografo

Uma senhora, indignada com um cavalheiro que ao lado déla está constantemente a encostar-lhe a perna, tira um prégo do chapeu e mostrando-lh'o, diz-lhe: se torna a tocar-me com a perna, espeto-lhe este alfinete!

Ele, sorrindo: não faz mal, minha senhora, a perna é de pau!...

Entre caçadores

A coisa mais extraordinaria que me tem sucedido na caça, foi vêr uma lebre com quatro pés na barriga, e outros quatro nas costas; de modo que, quando cançava dum lado, voltava-se para o outro, e assim ninguem a apanhava.

—Ora, dessas tenho eu apanhado muitas.

—Como?

—Atando dois dos meus melhores galgos pelas costas; de modo que, quando um corre, descança o outro. E assim apanham as lebres dêsse feitio.

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autôres.

Camara Municipal

Sessão da Comissão Executiva da Camara Municipal de Montemór-o-Velho, de 17 de abril de 1915.

Presentes os vereadores, snrs. Monteiro da Costa, Tavares Lebre e Goes, sob a presidencia do snr. dr. Simões, secretariado pelo vereador, snr. Rodrigues Pato.

Lida e aprovada a acta da sessão anterior.

Em seguida foi verificado que por falta de numero não se realisaram as sessões de 27 de março e 10 de abril.

Expediente

Um oficio do Inspector Escolar da Figueira da Foz, a pedir que a camara mande rectificar o nome do professor do Vale Grande, por ter vindo com inexatidão no *Diario do Governo*.

O mesmo professor tambem já tinha requerido para o mesmo fim.

O presidente informou a comissão de que já tinha mandado fazer a rectificação.

A comissão ficou inteirada.

Dito do Administrador do Concelho a pedir á comissão para que os zeladores da camara vegiem no proximo mercado a disposição do Codigo de Posturas, quanto ao açambarcamento de quaisquer generos de consumo.

A comissão deferiu o pedido.

Dito da mesma proveniencia a dar parte á camara que o snr. Governador Civil lhe tinha comunicado em telegrama que o processo para subsidios de construções escolares, foi prorogado até 30 do corrente mez.

A comissão ficou inteirada.

Dito sem numero de Guilherme dos Santos Pinto, de Verride, a acusar ter recebido um oficio da comissão executiva, e a responder que com prazer se presta á fiscalisação das obras da escola de Verride.

A comissão ficou inteirada.

Dito do Secretario de Finanças dêsta comarca, a responder ao oficio que a comissão lhe tinha enviado, que os padres pensionistas apenas contribuem para o Estado com as quotas para os Direitos de Encarte.

Inteirada.

Dito do Automovel Club acusando a recéção dum oficio, sentindo que a comissão anterior não tivesse ainda mandado colocar os letreiros, e agradece a esta comissão por os ter agora mandado colocar.

Inteirada.

Dito da professora de Gatões a comunicar que tinha entrado no exercicio das suas funções neste mesmo dia.

Inteirada.

Dito do professor Henrique de Melo a dar conhecimento que tinha sido transferido para a escola de Ceira, entrando naquele dia no exercicio da sua nova escola.

A comissão ficou inteirada, e informou o snr. presidente que para a escola não permanecer fechada e não ter havido sessões, tinha nomeado interinamente Fernando da Silva Coelho Pessoa.

A comissão aprovou o procedimento da presidencia e a nomeação feita.

Dito sem numero do professor Fernando Pessoa a dar conhecimento de que naquele dia já dava aula.

A comissão ficou inteirada.

Dito do Inspector a responder a esta comissão que a sua opinião era que ao professor Henrique de Melo deve ser exigido o reembolso do vencimento que a mais recebeu.

Resolveu oficiar ao professor para que faça o reembolso.

Dito da professora de Santo Varão a dar conhecimento que por motivo de doença interrompeu o exercicio.

Resolveu que deve comprovar com atestado medico.

Dito do Director da Universidade de Lisboa a pedir para que lhe sejam enviadas todas as publicações oficiais.

Resolveu que se satisfaça.

Dito da Associação de Agricultura Portugueza em Lisboa, acusando a recéção dum oficio.

Inteirada.

Dito da Administração do Concelho a enviar a copia da sentença da Autoria Administrativa de Coimbra.

Dito da professora da Ereira a comunicar que no dia 11 devia ali realisar-se a festa da Arvore.

A comissão resolveu oficiar, dizendo que só agora teve conhecimento do seu oficio, devido a não ter podido haver sessões.

Fôram presentes diversos requerimentos de particulares, das diferentes freguezias, a pedirem diversas coisas.

Ao mestre d'obras para informar.

Fôram presentes pelo mestre d'obras varias informações.

Aprovadas nos termos da lei.

Resolveu chamar a atenção da Inspeção do Circulo Escolar, para as folhas de expediente e limpeza das escolas.

Resolveu mais, devido á queixa do arrematante da barca de passagem em barco ao porto de Verride, proíbir José Pedreiro, da Ereira, de fazer passagem em barco ao Vau de S. Mateus, por não ser arrematante e ir prejudicar os interesses do arrematante de Verride.

O guarda Figo informou a comissão que o terreno ao passo de Nivel, em Formozelha, foi sempre considerado municipal.

A comissão ficou inteirada.

Foi presente uma requisição de impressos, feita pelo professor da Carapinheira.

Mandou que se satisfizesse.

Tomou conhecimento de ter vindo feita a rectificação do nome do professor do Vale Grande, no *Diario do Governo*, n.º 75, de 1 do corrente mez.

Foi presente o balancete semanal, acusando na Caixa Economica Portugueza um deposito de 4:200$00 e na tesouraria da camara 216$57.

Autorisou e mandou pagar varias despezas.

Fôram presentes dois mapas de denuncias do guarda Figo, contra varios transgressores.

Em seguida foi encerrada a sessão.

Pelo tribunal

Responderam em audiencia geral, no dia 4 do corrente, Manuel dos Santos Guizo, Bernardo Pereira de Souza e Joaquim Bernardes Rasteiro, por homicidio voluntario na pessoa de José Pereira de Sousa, que lhe causou a morte no dia imediato á desordem, que foi no dia 4 de janeiro do ano corrente.

Os primeiros fôram absolvidos e o ultimo condenado em 20 mezes de prisão correcional, levando-lhe em conta o tempo já sofrido na prisão.

O DEVER

SEMANARIO DEFENSOR DA UNIÃO DA FAMILIA PORTUGUEZA

Assinaturas

(Pagamento adeantado)

Trimestre	0$32
Semestre	0$62
Ano	1$22
Continente e Africa	
Trimestre	0$35
Semestre	0$65
Brazil e Africa Oriental	
Ano	2$00

Numero avulso, $04

Publicações

Comunicados, 0$06 a linha; anuncios, na 1.ª pagina 1 vez, 0$10 a linha; na 2.ª, 0$80; na 3.ª e 4.ª, 0$06. Repetições, metade d'este preço. Por mais de um mez, preço convencional. Selo, cada publicação, 0$01. Os assinantes teem desconto de 25 0/0.

Não se aceitam informações anonimas nem se restituem originaes, quer sejam ou não publicados.

Poetas e Prosadôres

Eterna dôr

Eu não tenho ninguem que me acalente
Nas horas do meu pranto!
Não tenho quem me dê um beijo ardente,
Um beijo augusto e santo...

Um beijo!... como o orvalho matutino,
Tombando sobre as flôres,
Assim ele cáe, santissimo e divino,
Na ulcera das dôres...

Das dôres que tem um triste coração,
Aflito como o meu,
Que, cada ai que solta, é uma oração
Que voa para o ceu...

Meus ais, meus tristes ais, feitos da neve
Que tem meu peito aflito,
Vão, subindo, rezando em prece breve,
Perder-se no infinito...

Perdem-se... e Deus não ouve a minha prece
No cantico dos ais!
Oh! se ouvi-la, no mundo, alguem quizesse,
Eu não chorava mais.

Mas não tenho ninguem que ternamente
Me queira extremecer...
Por isso hei de ser triste eternamente,
Ser triste, até morrer!...

José Pedro Godinho e Cunha.

Confissão

A ALGUEM...

No mundo feminino e nos sitios da moda que as senhoras frequentam para serem vistas, jámais consegui vêr uma mulher que se aproximasse da perfeição, que satisfizesse, ao menos, o meu gôsto... Muitas eram encantadôras, formosas; mas, todas elas, pecavam por algum lado contra o meu desejo: — uma era loira, e eu cubiço as morênas; outra era baixa ou de mediana estatura, e eu prefiro as mulheres altas; outra ainda, apezar de bonita, tinha os pés mal feitos, ou era nutrida de mais ou, então, tinha os olhos azues e o cabelo corredio e eu opto pelos pés bem contornados e pequenos, pelas figuras elegantes, pelos olhos castanho-escuros e pelas cabeleiras de estonteantes ondulações...

Cheguei a descrêr que houvesse alguma mulher nas condições de corresponder ao meu gôsto, tão exigente ele me parecia; e, assim, acabei por mè convencer, após algum tempo de ter procurado inutilmente, de que seria tarefa escusada proseguir; e, então, resolvi formar, para mim, um ideal de graça, de formosura, de encantos...—: um conjunto que se adaptasse exátamente ao meu gosto! — ornei-o com os mais dôces atrátivos e tive o cuidado de não olvidar nenhuma das seduções que o podiam tornar perfeito. Depois, quando esta maravilha foi creada na minha imaginação, satisfiz-me em viver com ela, em acaricia-la e prometi a mim mesmo: se tivesse a suprema ventura de encontrar, em qualquer condição que fosse, uma mulher parecida com este ideal — oferecer-lhe a minha vida, pela unica satisfação de a possuir!

Entre o meu ideal e a realidade não queria eu que houvesse a minima divergencia!...

. . . . . .

Foi numa tarde invernosa!... Estou bem certo! Uma poeira de chuva miudinha caia lentamente sobre a terra e dissipava-se á medida que a tarde mais se avisinhava da noite... O sol terminava o seu giro triunfal, despedindo-se do dia com os ultimos raios!... Sentia-me preocupado, devéras apreensivo, quando, de subito, tive a feliz idêa de passar em frente á casa em que por acaso te encontravas; e sem saber mesmo quem tu eras, vi-te debruçada á janela envolta na densa bruma que caia ainda, e depois, nessa noite, por um acaso fortuito, tornei a vêr-te no teatro! Reconheci-te logo! Eras tu a mulher que eu tinha imaginado!...

Sinto um indizivel gôso sempre que me lembro dêsse memoravel dia — o mais feliz que tenho experimentado, e desde então já não me pertencem a alma, o coração, o pensamento, a vida...

*., 7—5—915.

E. C.

As cartas duma infeliz

Meu caro Leopoldo

Ha muitos anos que me não sentia tão triste como hoje! Quasi toda a gente da minha rua foi ao Bussaco. Ali ficaram, de fronte da minha porta, umas criancitas a brincar. Era meio dia e elas sem almoço, coitaditas!

Chamei-as aqui á grade, abri a janela e vi que a mais velha de todas chorava. Era uma loirinha daquelas que tu gostas muito.

Rosto comprido, os olhos sonhadores, promete ser um mulherão, se tiver sorte. Os paes, embriagados pela ideia do gôso, deixaram os filhos e foram p'ra festa. A' noite voltaram, tendo gasto o suficiente para comprar uns farrapos com que cobrissem aqueles corpitos nus, e aconchegassem aqueles estomagos famintos.

Dei-lhes de comer. Crianças, não pezam ainda a responsabilidade tremenda que impende sobre os paes que dos seus deveres se esquecem.

Não teria sido melhor, Leopoldo, que os meus visinhos se lembrassem que tinham filhos com fome, pequenitos, e que, sem sacrificio para eles, seria impossivel ir ao Bussaco?

E depois, quando a hora da reflexão chega, quando, batendo as dificuldades á porta, se lembram da verdadeira situação em que o Destino os colocou, é que os arrependimentos veem, tétricos, cheios de sinistras visões e pensamentos maus.

Eu creio até que a maior parte dos que andam metidos em festas o não podem fazer sem comprometer seriamente a sua vida economica.

Eu não tenho filhos. Mas um dia, se chegasse a ser mãe, arrasta-los-ia comigo para onde quer que eu fosse. A sofrer, sofreriam todos.

Assim, abandona-los, deixa-los com fome e com frio, á mercê de qualquer alma caridosa que se lembre de socorre-los, como fizeram os visinhos ali do lado, é triste. Eu bem sei que tu, Leopoldo, se chegasses a ser pae, um dia não farias assim.

Para que estaremos nós reservados? O tempo o dirá.

Adeus. Vou dar, com o pensamento em ti, mais um beijo na loirita que tem fome.

Lembro-me que tu, se aqui estivesses, farias o mesmo.

Conheço bem o teu sentimento e a emotividade da tua alma, que é bem irmã da alma sensivel da

Tua,

IRÉNE.

Alice Oliveira,

aluna externa do 5.º ano de piano do Conservatorio e com o curso de musica: léciona, em sua casa ou dos alunos, como se convencionar.

RUA DO SUB RIPAS, 10

COIMBRA

CARTA DA ABRUNHEIRA

12-5-915.

E' um nunca acabar!

Foi hontem o rancho infantil; foi depois o rancho 1.º de Maio; é agora o rancho do S. João!

E' como lhes digo!

Já andam com ensaios do rancho que se ha-de apresentar no seu pavilhão da Praça, nas noites e dias de S. João e S. Pedro.

Agora é que é gosar!

Se deixam fugir a linda edade em que estão, sem se aproveitarem dêla... digam-lhe adeus!

=== Fez anos no dia cinco ultimo, a menina Iréne de Gois Nobre, filha do nosso amigo snr. Joaquim de Gois Nobre, e uma das nossas mais galantes patricias.

=== Tambem fazem anos no dia 20 as snr.as D. Maria de Assunção Cachulo da Trindade e Alzira de Goes Nobre.

=== Foi pedida em casamento, pelo snr. Antonio de Sá, do Vale Grande de Abrunheira, a menina Maria Angelina Guardado, filha do snr. Antonio Guardado.

=== Consta-nos que vão daqui muitas pessoas á romaria do Bussaco, na proxima quinta-feira.

=== Completa no proximo dia 28 cinco primaveras, o menino Julio da Fonseca Neves.

=== Em rapida visita, esteve entre nós o nosso conterraneo snr. José Cachulo da Trindade, hoje residente em Tentugal.

N.

FOLHETIM

Em breve começaremos a publicação, em folhetim, da historia da vila de Montemór, que será acompanhada de dados biograficos dos homens mais notaveis que por cá teem passado.

E' um nosso camarada de redacção que se propõe mimosear os nossos presados leitores com um trabalho de tanta utilidade.

AOS AGRICULTORES

Sendo agora época de sementeiras de milho, feijão, abóbora, etc., será conveniente aplicar os bons adubos e purgueira da afamada casa *Varela, Leal & C.ª*, das **Varzeas**, que se encontram **á venda em casa de Manuel Monteiro Godinho,** com deposito no **Casal do Gaio, Arazêde.**

CARTA DA PAMPILHOSA

Pampilhosa do Botão, 12 de Maio de 1915.

Teve logar no domingo proximo passado, o concerto musical a que nos referimos em carta de 3 do corrente, e promovido pelo eximio professor de guitarra, Roberto Cotão, que do Porto se fez acompanhar por dois dos mais distintos professores, tambem de guitarra e viola franceza, Antonio Martins e Arnaldo Corrêa, e sendo abrilhantado com engraçadissimas cançonetas, ditas pelo *diseur* portuense, Evaristo Pereira.

O teatro, que se achava lindamente ornamentado, têve uma enchente regular, vendo-se nos camarotes, que estavam cheios, as principaes familias da terra e muitas da Mealhada, e, entre elas, as ex.mas senhoras D. Alda Couceiro, D. Bebiana Leal, D. Eva Cerveira Pinto, e os snrs. dr. Eugenio Couceiro, Luiz Miranda, Egidio Pereira d'Oliveira, Basilio Fernandes Jorge, Joaquim Coimbra, Carlos d'Oliveira, Francisco Varela, Antonio Santiago, João Iria, José Iria, Jaime Brêda e outros.

O programa foi corretamente desempenhado, deixando a todos agradavelmente impressionados, pelo que felicitamos os nossos amigos Joaquim Soares d'Oliveira, José de Figueiredo e Alipio Rodrigues, organisadôres deste atraente espetaculo, que não se pouparam a trabalhos e despesas, para nos proporcionarem uma noite bem passada.

=== De passagem para Luso estiveram aqui os snrs. Ernesto Navarro e dr. Jaime Vilares, indo ali assistir a uma reunião, ácêrca das proximas eleições, e á qual assistiram tambem, entre outros, os snrs. José Duarte de Figueiredo, Alexandre Lopes de Morais, Antonio Mascarenhas d'Almeida, Abel Godinho, Egidio Pereira de Oliveira, José Iria Junior, Joaquim Luiz Alves de Melo, João Ferreira Bátista, Manoel Antonio Brêda e Victorino Bastos.

=== De regresso da sua viagem triunfal pelo norte do paiz, passou aqui o dr. Afonso Costa, eminente estadista e chefe do Partido Republicano Portuguez.

C.

MUDANÇA DE FEIRA

A feira que tinha logar no Amieiro, da freguezia de Arazêde, no dia 22 de cada mez, passou a efétuar-se no ultimo domingo de cada um desses mesmos mezes, excêto quando o dia 24 recair a um domingo, dia em que se realisa o mercado de Arazêde.

Serie Escolar Figueirinhas

Primeiro Livro de Leitura.—Segundo Livro de Leitura.—Educação Civica.—Historia Patria.—Agricultura.—Gramatica Portugueza.—Aritmética.—Sciencias Naturais.—Manuscrito.—Corografia.—Tabuada das Escolas.—Tabuada de 10 réis.

Todos os livros da *Serie Escolar Figueirinhas* custam 10 centavos cada um, cartonados, exceto a *Taboada das Escolas* que custam 2 centavos e a *Tabuada de 10 réis*, que custa um centavo.

A *Serie Escolar Figueirinhas* é constituida por livros claros, sintéticos e em absoluta harmonia com os programas oficiais e cheios de lindas ilustrações. O preço assombra pela barateza. Vendem-se nas principais livrarias do paiz. Os professores oficiais teem especiais descontos e podem reclamar catalogos á *Livraria Figueirinhas*, Rua dos Martires da Liberdade, 173, Porto.

A *Livraria Figueirinhas* tambem fornece carteiras e caixas metricas, da *Carpintaria Maia*, esferas, globos, etc., etc.

Não ha material escolar mais solido, perfeito e barato, do que este.

A *Livraria Figueirinhas* tambem é depositaria de dois dos melhores sistemas de Leitura: *Cartilha Portugueza* do inspector escolar A. Justino Ferreira e do A B C Ilustrado de Adelino Campos.

Valor da nova moeda

Um escudo ou avo de ouro (1$000 rs.) divide-se em 100 centavos:

1/4 centavo	equivale a	2 1/2 réis
1/2 centavo	»	5 »
1 centavo	»	10 »
2 centavos	»	20 »
5 centavos	»	50 »
10 centavos	»	100 »
20 centavos	»	200 »
50 centavos	»	500 »
1 escudo (100 centavos)	equivale a...	1$000 »
2 escudos (200 centavos)	equivale a...	2$000 »
5 escudos (500 centavos)	equivale a...	5$000 »

Por falta de espaço sômos obrigados a deixar de publicar varios e importantes artigos, do que pedimos desculpa aos seus autôres.

Agua da Curia

Mogofores

As unicas aguas sulfatadas-calcicas que existem no paiz, similhantes ás afamadas aguas de Contrexéville, nos Vosges (França).

ANUNCIOS

Hotel Porto

Rua do Amparo, 12

LISBOA

NESTE acreditado Hotel, situado no centro da capital, encontrará o publico um esmerado serviço de meza, por preços comodos.

Espaçosas habitações para familias; linha eletrica á porta para todos os pontos de Lisboa e arredores; a 2 minutos da estação do Rocio e do Porto de Lisboa. Magnifico serviço de meza á hespanhola e á franceza.

Salão de visitas e de piano. Espaçosas e higiénicas salas de banho. Luz elétrica em todos os aposentos.

Trata-se do embarque de passageiros para todos os portos do Brazil, America do Norte e Europa.

Encarregam-se da compra de passagens por mar sem aumento de preços.

Interpretes em varias linguas.

Os proprietarios,

Almeida & C.ª

FABRICA DE CAL

Cal fina e grossa, fornece-se em muito boas condições. Preços modicos, sobre o wagon, no caminho de ferro e nos proprios fornos.

Agente de telha tipo marselha e tijolos de todos os formatos, da fabrica Lacerda, Figueiredo & C.ª Limitada, da Pampilhosa.

Pedidos a

Joaquim F. Coca Junior

Zambujeiro—Arazede

Portugal Pevidente

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima—Responsabilidade Limitada

Capital **UM MILHÃO** de Escudos

N.º Telef.-1849 SÊDE—RUA DO ALECRIM, 10—LISBOA End. Teleg.-VIDA

Seguros contra incendios de predios, fabricas, etc.
Seguros de estabelecimentos e mobiliarios.
Seguros agricolas de ceáras, eiras, palhas, arvoredos, etc.
Seguros de maquinas e utensilios de lavoura.
Seguros contra incendio proveniente de gréves e tumultos.
Seguros de transportes maritimos e postaes.
Seguros contra roubo de habitações e estabelecimentos.
Seguros contra fraude de empregados.
Seguros contra a quebra de cristais.
Seguros de vida, pensões, dotes e reformas.
Seguros contra acideute de trabalho.

Agencias em todas as terras importantes do paiz, ilhas e colonias. **Sucursal no PORTO—Rua Passos Manoel, 21.**

BANQUEIROS—**Borges & Irmão—Porto e Lisboa**

AGUA DE LUSO -- Cura pela Diurése

(ESTABELECIMENTO TERMAL E HOTEIS ABÉRTOS TODO O ANO)

A mais diurética e mais digestiva. Aumenta a diurése, regularisa as funções digestivas e ativa os fenómenos nutritivos

Muito radioativa—4,49 miligramas—minutos
Muito ionisada, resistividade a 18° 18300 ohms
Muito rica em gazes raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotonica, ponto criospico 0°,04

} Conclusões da analise feita pelos distintos professores Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitissimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tifico

USO EXTERNO—Molestias de pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc,), reumatismo e gôta.
USO INTERNO—Artritismo, impaludismo, neurastenia—Albuminuria, diabetes—Intestinos, estomago—Rins—Bexiga.

Depositos -- LISBOA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros, 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 428. FUNCHAL, José Quirino de Castro, rua dos Murças. AFRICA ORIENTAL: Oswald Offmann. BEIRA: F. L. Simões & C.ª. LOANDA: Beltrão, Pena & C.ª, e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositarios nas terras onde ainda os não haja.

Seguros de Searas, eiras, palhas, fenos e pastagens
Seguros de acidentes de trabalho nos serviços agricolas

Unica Companhia autorisada a reunir os 2 riscos em uma só apolice.

A Mundial é a Companhia que tem contracto para Seguros Agricolas com a importante Associação Central da Agricultura Portugueza e a maioria dos Syndicatos Agricolas do Paiz.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS
Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada
Capital — Esc., 500:000$
(500 contos)

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmão
Praça da Liberdade, 138 — Telefone 1459

ENDEREÇO TELEGRAPHICO—**MUNDIAL**

Agentes em todas as localidades do paiz ilhas e colonias

Livraria e Tabacaria Cunha

Livraria Moderna e Tabacaria Augusto Henriques (reunidas)
Alberto Gonçalves Cunha
150, Rua Ferreira Borges—COIMBRA
TELEFONE N.º 293

LOTARIAS—Bilhetes, suas fracções e cautelas. Variada série de numeros certos.—Premios frequentes.
TABACOS—Nacionais e estrangeiros. As melhores marcas de cigarros e charutos.—Todos os artigos para fumadores.
POSTAIS ILUSTRADOS—Sempre as ultimas novidades em todos os generos.—Bilhetes de visita, impressão rapida.
PAPELARIA—Finissimos papeis de carta em caixas aos cadernos.—Objectos para escritorio e desenho.
LIVRARIA—Nacional e estrangeira, Revistas, Publicações.—Figurinos.—Musicas.

Livros usados, antigos ou modernos, em qualquer estado, em grandes ou pequenas quantidades, compra em qualquer parte.

Passagens para o Brazil e Africa

José de Almeida

Negociante nas Pontes de Cadima, concelho de Cantanhede, e correspondente de todas as Companhias de navegação

Faz constar que vende passagens para todos os portos do BRAZIL, AFRICA, etc., a preços reduzidos, para o que está legalmente habilitado.

A sua vida de seriedade e honestidade são garantia segura para que os que desejam comprar passagens o procurem de preferencia a qualquer outro.

Guilherme dos Santos Pinto & Irmão

COM

OFICINA DE CANTEIRO

Encarregam-se de jazigos de toda a especie e todo o serviço concernente á sua arte.

Tambem executam todos os trabalhos que digam respeito a *Plantas, Alçados, Copias, Projectos e orçamentos de edificios, edificações, etc.*

Montemór-o-Velho=Verride

Restaurante Ferro-viario
ALFARELOS

ESTE bufete, um dos que melhor servem o publico que transita nos comboios, acha-se situado na estação do caminho de ferro de Alfarelos. Fornece almoços, jantares e *lunchs* e toda a qualidade de refeições, por preços comodos.
Tem pessoal habilitado, tanto em cosinha como em sala de mesa.
Tudo se encontra com esmero e perfeição.
Fornece comida para fóra, e presta se a servir em casamentos, batisados, etc., desde que seja prevenido com antecipação.

O proprietario, **Artur de Oliveira Coelho.**

Companhia de Seguros
A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

—=—

AGENTE na Figueira da Foz
Antonio d'Oliveira Guerra
RUA DA REPUBLICA, 84

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL
Correio de Cadima—Vila Nova d'Outil

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legitimos acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de fórma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamavel, isca em cordão vendida fraudulentamente a titulo de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva acção civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa ao Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalisação para procederem ás necessarias diligencias. Dirigir-se pessoalmente ou por carta á Companhia Portuguêsa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS
MELO & MARTINS
PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada
PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiencia dos nossos adubos, devido ao seu magnifico resultado os adoptarão de preferencia a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro
PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, offerece aos ex.mos passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.
Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA
Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.
PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações
Deposito das afamadas aguas de Luso.

Casa Funeraria
DE
ADELINO FARIA
Rua das Flores
FIGUEIRA DA FOZ

Encarrega-se de todos os funerais, podendo ser chamado a qualquer hora da noite.

Preços resumidos, a ponto de ninguem poder competir, tanto em corôas como em todos os pertences respeitantes ao seu negocio. Tem especialidade em ornamentações.

A FUNERARIA EM PEDRA
— DE —
FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem deposito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se tambem de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fóra de Coimbra

Biblioteca da Universidade
Coimbra

Ano 4.º — Montemór-o-Velho, 23 de Maio de 1915 — N.º 170

DIRECTOR, PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR
Almeida Junior

SECRETARIO DA REDACÇÃO E EDITOR
Abel M. de Melo Brandão

REDACTOR PRINCIPAL
Mário Augusto da Mota

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguêsa

Pátria e Humanidade

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Dr. José Galvão
MONTEMOR-O-VELHO

DIRECÇÃO:—COIMBRA
(para onde deve ir a correspondencia)

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. Silva (a vapor)—AVEIRO

A Gargalhada Teutónica

Passados eram uns dez dias depois de haver rebentado, na Europa, essa tremenda conflagração que a assola, quando o encargo de curador duma falencia, em que tinha sido investido, me levou a procurar o director duma companhia alemã, de comercio e de navegação, o qual era, ao mesmo tempo, vice-consul do seu pais: *Kaiserlich Deutscher Vizekonsul*.

Andava esta gente mal informada das coisas da guerra, por se encontrar justamente sobre a colonia da Belgica, essa desgraçada Belgica que eles arruinaram com uma ferocidade nunca egualada e nunca prevista; embora a literatura militar dos seus generais de mais renome bem o désse a perceber, razão porque a minha visita foi um sobresalto para essa gente que, num mal disfarçado desinteresse, me interrogou sobre os ultimos telegramas.

Justamente, nêsse dia vera a noticia da esquadra ingleza haver metido no fundo uns vasos da sua frota, deles alemães, assim como a da declaração de guerra da nação nipónica.

Referi-lhes, pois, o que sabia em conformidade com os seus desejos. «Sim!...— fez o director que falava correctamente o portuguez — e distendendo a face cebacea e plètórica numa gargalhada estrondosa e impertinente, foi-se a uma janela e transmitiu, suponho, a outros alemães da mesma casa, as noticias que eu acabava de lhe dar.

Suponho que foi isso, por que mascou em alemão algumas frazes e eu, daquele idioma, só conheço, e muito pouco mais, o significado da célebre frase, *made in germans*. De baixo, os outros alemães corresponderam não menos estrondosamente á gargalhada directorial fazendo, pelos modos, alacres comentarios que eu não pude perceber.

Depois, vieram todos e cercaram-me falando-me em francês e alargando-se numas historias longas e pormenorisadas sobre a força dos exercitos e da marinha alemãs, afirmando me, com uma convicção que tocava as raias do fanatismo, que a Russia, a França e a Inglaterra seriam fatalmente vencidas, de que a Europa seria depois por eles dominada, como da Africa, da Azia e da Oceania fariam outros tantos imperios sobre os quais esvoaçaria olimpica e triunfante a aguia teutónica.

— Tudo está preparado — diziam—. Está tudo de tal modo previsto e concertado que o plano alemão não pode falhar. E lamentando a atitude inesperada do Japão, ipocritamente disseram que era um dos paizes da Azia que bem se podia salvar, se não fôra o seu gesto imprudente. Mas agora — continuaram —, está irremediavelmente perdido... E terminaram o longo e enfadonho arrazoada com um: «espere alguns dias e verá o que não julgará.»

Realmente, é o que se está vendo!

Não me impressionou absolutamente nada a sua complicada historia duma exageração evidente, e que só um papalvo enguliria sem comentarios intimos, mas impressionaram-me grandemente as gargalhadas metálicas, satânicas e impudentes com que estupidamente remataram a exposição das novidades que me haviam pedido, demonstrando, não só uma falta de delicadeza rudimentar, mas abrindo-me com elas uma ponta do veu com que ha muito, dificilmente, ocultavam a conta em que tinham quasi todos os povos que não fossem germânicos.

Aquelas gargalhadas fôram para mim uma revelação, bem triste para eles; e, conjugando certos pontos, certos casos aparentemente insignificantes que todos os que tenham lidado com alemães podem agora contestar, tive então a vizão nitida do que era e qual o fim que vizava a tão celebrada *kulture* alemã, o *made in germans*, tão ostensivamente gravado em todos os produtos da sua fabricação e a intenção, evidente mesmo, com que a maior parte dos seus sabios celebraram o homem dólico-loiro, em obras tão profusamente divulgadas e traduzidas em quasi todos os idiomas. Foi uma gargalhada de desprezo aquela que estes alemães atiraram á face do nobre Japão, e como estes alemães se riram, riram-se, tenho a certeza, os alemães de todo o mundo germânico na cegueira doida da sua suposta superioridade.

O resto do mundo era para eles uma escoria vil que devia ser absorvido, ficando eles só a dominar, unicos senhores, talvês mesmo selecionando o dólico-loiro, o super-homem alemão, para formarem, com todas as demais raças que habitam o mundo, uma casta baixa como a dos *párias* da India, reservando-lhes um azorrague e as baixas profissões que eles se limitariam a vigiar d'alto como «*Senhores Todos Poderosos da mais Poderosa Germania*».

Mas como são frageis as mais arrojadas concéções humanas; como são faliveis os mais acertados cálculos dos homens! Esses povos, tão desprezivelmente ofendidos e rebaixados pelos preparadores da famosa *kulture*: esses póvos, que a selêção de especie teutónica tanto amesquinhou e humilhou, são os que, afinal, possuem os dotes intelectuais e morais, as nobres carateristicas que numa ciencia exagerada o teutão a si pretendeu chamar durante os ultimos cincoenta anos em que, áparte limitadas excéções, apenas se cultivou e difundiu o germen da primitiva barbarie que noutras edades, pela conduta da mesma raça, assolou e desvastou a velha Europa.

Tão enraizada estava ela que levava o alemão a ser um cego com vista, só se vendo a si num egoismo delirante, chegando, nessa vaidade que afrontava, a fazer afirmações que contrariavam a verdade evidente dos factos e das coisas.

Não se pretende negar que a Alemanha não é um paiz que cultivou as artes e as ciencias com um afan e uma inteligencia pouco semelhantes; não se pretende negar que a Alemanha não tenha sido uma nação onde o desenvolvimento humano não tenha atingido o seu grau mais elevado. Mas a par disso a Alemanha deu-se a cultivar, em seu unico proveito, a ideia do super-homem, monopolisando-a para a raça teutónica, num egoismo que devia crear as mais irredutiveis más-vontades, estabelecendo no campo cientifico do desenvolvimento das especies uma teoria que negava a propria ciencia da evolução estudada e divulgada pelos seus mais acreditados e autenticos sabios.

Se o alemão tivesse acompanhado a sua *kulture* fisica, comercial, industrial e artistica, com a indispensavel cultura moral, unica que eleva os póvos e os faz amados e respeitados, a Alemanha nem por isso deixaria de ser grande e rica, humana e sábia.

Mas não se fez nada disso. O alemão dos seculos XIX e XX foi educado sob o principio rigido e cruento de que só vence o mais forte e que por isso mesmo o mais forte se apoia num direito incontestavel que não está previsto nos codices do mais velho direito escrito, nem mesmo consta do mais velho direito consuetudinario, pelo que a sua educação resultou numa *kulture* de banditismo agravada de assassinato, como a que se tem visto, por nosso mal, nos campos ensanguentados da Belgica e da França.

A escola da conquista pelo direito da força fez do alemão um ladrão consciente, convencido de que procedia em razão de um direito incontestavel, e da Alemanha uma segunda edição da Calabria, omnipotente e convencida de que mandava os seus filhos á gloria da roubalheira procedendo egualmente com o direito baseado na mesma razão.

A humanidade, pois, — como iamos dizendo — não evolutiu no espirito teutónico na mesma proporção de toda a outra cultura; e os seus sabios, atirando cegamente com a Alemanha para a teoria da absorção do fraco pelo forte, realisam talvês o mesmo fenómeno da invasão barbara da peninsula, embora num sentido um pouco diferente: o da absorção do forte pelo fraco, passando para essa raça o estigma com que ela pretendia, sem piedade alguma, ridicularisar o sentimentalismo, classificando-o no indice das doenças humanas, como uma das doençaa mais perigosas. Dessa doutrina, por alemães especialmente difundida, resultou o que estamos presenciando devêras para lamentar: o aniquilamento de milhões de vidas e o retrocesso inevitavel no campo ora tão fecundo da actividade humana.

E' justo, por tudo, que os alemães paguem cara a sua façanha.

A gargalhada teutónica! A gargalhada do *Kaiserlichs Deutscher Vizekonsul!* Senti, quando aquele alemão se me riu assim nas barbas, que dobrava uma gargalhada funéria. Como já se rosnava que Portugal se colocara desassombradamente ao lado da Inglaterra, senti o ricochetear dessa gargalhada, como uma bala dum morteiro de 42, do aço da couraça japoneza para o arnês do velho Portugal.

Congo Belga, 1915.

David Diniz.

Dr. Batista Loureiro

Continúa gravemente enfermo este ilustre clinico municipal do nosso concelho, a quem desejamos pronto restabelecimento.

Revolução

Ninguem já ignora que, por meio dum golpe de Estado, nascido duma revolução, caiu o ministerio ditatorial do snr. Pimenta de Castro. Era de prever. Profétisaram o facto alguns dos nossos mais calmos filosofos e homens publicos. O que se deu, é a consequencia duma opressão desmedida e, talvês, irrefletida. O governo, que se constituin por indicação da junta revolucionaria, ficou assim composto:

Presidencia e interior — João Chagas;

Guerra — dr. José de Castro, que fica interinamente com a presidencia e dirigindo a pasta do interior;

Justiça — dr. Paulo Falcão;

Finanças — Tomé de Barros Queiroz;

Marinha — Fernandes Costa;

Estrangeiros — dr. Teixeira de Queiroz;

Fomento — dr. Manuel Monteiro;

Colonias — José Jorge Pereira;

Instrução — dr. Magalhães Lima.

Paulo de Barros

Esteve nesta vila, na quinta-feira passada, este ilustre engenheiro e director das Obras Publicas do distrito de Coimbra, que aqui veio tratar do assunto das pontes sobre o Mondego, obra que em breves dias terá começo, como é de justiça.

CRÔNICA DE LISBOA

Traço estas linhas tremulo e jubiloso, emquanto por de cima do telhado da residencia humilde, em que habito, volatilisam balas.

O canhoneio intervalado comóve com os seus estampidos sangrentos e justificados. O povo de Lisboa—este povo que merece uma epopeia — onde a classe genuinamente popular, os esfomeados de justiça, empunha espingardas e transporta munições, mobilisa-se com o entusiasmo das grandes causas, com o ardôr dos feitos heroicos, com o estoicismo de um verdadeiro Sparta. Ouço as Brouwings com os seus estalos sêcos, dando a impressão de duas taboas que se chocassem, as Mausers com o seu estampido brusco, que faz estremecer, o ribombar do canhoneio, similhante ao trovão tempestuoso, e, o que mais me comove — o continuo businar dos automoveis da Cruz Vermelha — dessa admiravel instituição onde ha devoção pelo bem, o altruismo puro, a essencia da abnegação, transportando os feridos e os mortos.

Feridos e mortos... mas quem? Gente do povo, do eterno sacrificado, que ha dezenas de anos, se devota á causa da Patria, vendo com desgosto, com dôr, e, depois, com cólera, a quéda iminente de uma nacionalidade, o desaparecimento do prestigio da sua bandeira bicolôr que a heroicidade e a justiça asteou.

Houve momentos de fagueira esperança, houve sonhos de rosea côr, onde a patria redimida, a patria próspera, o povo satisfeito, suspirava, por fim, cheio de alegria pela obra colossal concluida. Mas, a realidade brusca, cruel, positiva, tomando o logar do fantastico filho de Morfeu, fazia-o arrancar os cabelos, ranger os dentes colericos, apertar os temporais aflitivo...

* * *

Ouço, agora, na rua, entre o *brouhaha* da multidão, palmas sonoras, vivas ardentes.

Aplaudem com jubilo.

Terá o Povo conseguido proclamar a *Verdadeira Republica*, o regimen de egualdade, que lhe minore as agruras cada vez mais horriveis da vida em Portugal? Ter-se-ha, implantado, desta vez, um regimen onde os rotos, os descalços e os famintos, recordem com unção e respeito esta pagina historica que marca o 14 de maio?!

Oxalá!...

D. L.

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autôres.

Horas d'insónia

Ha um sem numero de factos que determinam o suicidio, sendo um deles bem conhecido e aquele até que maior parcela de victimas tem causado, que mais lagrimas em feito verter,—a enfermidade psicologica!

Eu não sei como haja a coragem refletida de se pôr termo á existencia.

As estatisticas acusam um elevado numero de mortes originadas pelo aborrecimento de viver, procuradas voluntariamente, ás vezes por méras futilidades que seriam passageiras preocupações de momento. A maior part, porém, dos que pôem termo á vida, são levados a fazê-lo por questões d'amor ou de ciume, o que será a mesma coisa, e assim esse sentimento, que brota espontaneamente do coração humano, todo delicadeza e bondade, todo amabilidades e ternuras, se transforma, dum instante para o outro, numa coisa repelente, atirando para a mizeria e para o luto criaturas inocentes, inteiramente alheias á dôr martirisante de quem tal resolução toma como refugio ao seu desgosto.

Com efeito, uma dedicação mal correspondida, ou um sacrificio incompreendido, deve ser um sofrimento atrós!

A gente vê uma morena, carnes palpitantes e olhares de fogo como dois clarões de sol pôr, e estonteia-se. Os dias passam e a nossa alma anceia uma vitória mais. Quando a vida, até ali sem brilho, começa de iluminar-se e de aquecer-se ao contato inebriante dum peito que arqueja de saudade e fréme de entusiasmo; quando a vida, sem frescura, sem carinhos, sem nada, é tonificada por uns olhares abençoados de ternura e suavidade, deve ser-nos menos pesada, mais apetecivel, de maneira a entravar e a prender as nossas mãos no momento em que elas pretendem armar-se para praticar o crime. Mas quando, ao contrario, a gente se sente vitalisante com um entusiasmo assim, e o afago da nossa esperança se d lue caindo folha a folha o ramo que nos alentou, a arvore que nos atraiu?

Sim, meus amigos; uma esperança perdida é uma dôr mais a aumentar o rozario dos nossos martirios, e então não sei se, perdendo uma morena assim, eu deixaria de morrer...

ALMEIDA JUNIOR.

Falecimentos

No hospital desta vila faleceu, no dia 16 do corrente, o snr. Joaquim Mota de Matos, natural desta vila, mas ha muitos anos residente na visinha povoação de Gatões, freguezia deste concelho.

O falecido era irmão do snr. Antonio Mota de Matos e das snr.as Maria José Mota e Mariana Mota e tio do nosso querido colega de redação Mario Augusto Mota e da snr.a D. Ester Mota de Matos, todos naturais e residentes nesta vila.

Tambem faleceu no dia 19, nesta vila, a menina Lucilia Bispo, de 18 anos de idade, filha do snr. Agostinho Bispo. Lamentamos que, na flôr da existencia, tivesse deixado esta vida de amarguras a gentil criança, que assim ainda se lhe podia chamar.

A's familias enlutadas, envia o *Dever* o seu cartão de sentidas condolencias, especialisando, neste abraço comovido, o nosso presado companheiro Mario Mota.

CRUZ VERMELHA

Primeiro aniversario da sua fundação — Discursos e poesias alusivas ao acto — Representações e saudações — Uma festa memoravel

Agradecendo, penhoradissimos, o amavel convite que a ex.ma Delegação da Cruz Vermelha, teve a gentilesa de nos enviar, convite que registamos na alta consideração em que temos essa benemerita Sociedade, passamos a descrever o que foi essa modesta mas simpatica manifestação, que, mercé de sacrificios, ela conseguiu levar a efeito, no passado domingo, 16 do corrente, pelas duas horas da tarde, no teatro Estér de Carvalho, desta vila.

A' hora, a que acima nos referimos, já a assistencia era bastante numerosa, vendo-se ali representadas todas as classes sociais, assim como as poucas sociedades desta vila, tais como: a Sociedade do Montepio Recreio e Instrução, Grupo Dramatico Estér de Carvalho e a Filarmonica 25 de Setembro, e momentos depois entra tambem no palco, acompanhado pelo snr. Antonio Augusto Rodrigues de Campos, digno Comissario Chefe desta Delegação da Cruz Vermelha, o ex.mo snr. dr. José Maria Gois Mendanha Raposo, distinto facultativo desta vila, a quem o snr. Campos acompanha até junto da mesa, oferecendo-lhe a presidencia da sessão soléne, no impedimento do ex.mo snr. dr. João Bátista Loureiro, distinto facultativo municipal desta vila, que, por incomodo de saude, que ainda o retém no leito, se encontrava inibido de ali comparecer.

S. ex.a aceita o amavel convite que acaba de lhe ser feito pelo snr. Campos, nomeando-o seu secretario, assim como ao snr. Cesar João dos Reis, digno Secretario da Delegação da Cruz Vermelha de Soure, que imediatamente ocupam os seus respectivos logares.

Constituida, assim, a mesa, s. ex.a declara aberta a sessão, inquerindo da assistencia se alguem deseja fazer uso da palavra, mas como nesse momento reinasse na sala um silencio profundo, s. ex.a manda que seja lida a correspondencia, que consta de telegramas de adesão e felicitações que sociedades congeneres enviaram a esta Delegação, e de um oficio da Cruz Vermelha de Soure, apresentando o snr. Cesar João dos Reis como seu representante.

Em seguida fês uso da palavra o ex.mo snr. dr. José Maria de Gois Mendanha Raposo, presidente desta assembleia, que fês um rasgado elogio ao snr. Antonio Augusto Rodrigues de Campos, enaltecendo-lhe o seu nunca desmentido espirito associativo, o acendrado esforço e dedicação de que tem disposto, para a creação e desenvolvimento desta benemerita Sociedade.

Fés tambem uso da palavra o snr. Cesar João dos Reis, que claramente expõe á assembleia a primitiva origem da Sociedade da Cruz Vermelha, suas ramificações em todo o mundo culto, não esquecendo os indispensaveis socorros por ela agora prestados nos campos de batalha da horrorosa conflagração europeia, etc.

Ao terminar, foi o snr. Cesar Reis muito ovacionado, entrando, nessa ocasião na sala, o menino Antonio Mascarenhas, empunhando um lindo *bouquet* de mimosas flores, que ofereceu ao ex.mo Presidente da assembleia, recitando em seguida a poesia que precede, e que é produção do distinto poeta, desta vila, o ex.mo snr. Joaquim Augusto d'Oliveira Neves, ilustre colaborador literario deste jornal.

O menino Mascarenhas foi saudado com uma estrondosa salva de palmas, sendo, nessa ocasião, profusamente distribuida, por todos os assistentes, a já referida poesia, que passamos a transcrever:

Do soldado o dever lá nas lutas da guerra?
Matar! — E' crime? não! — a lei assim o quer!
A disciplina é lei, — e esse dever encerra!
Heroi—o que matar...mais vitimas fizer!...

Não assim o soldado...oh! não — da Cruz Vermelha:
—ergue, pensa o ferido,—infeliz, e irmão!
A lei cumpre de Deus: a divina centelha
da Caridade o guia, a Cruz da Redenção!

Aquele a morte dá, nos campos da batalha:
êste o socorro, a Vida, á sombra lá da Cruz,
feridos levantando, ao rugir da metralha!
Armas: a Caridade! — as armas de Jesus!

Ao erguer o infeliz—dessas sangrentas lutas,
lá do céu o Bem desce ao inferno do Mal!
— então a Caridade, em almas resolutas,
cria os herois do Bem,—de valor imortal!

Caridade é virtude a mais bela, a mais nobre:
— á luz santa da Fé, que subiimes acções
de acrisolado amor,—ou seja rico ou pobre
a vitima da dôr ou crueis privações!...

Almas cheias de luz, ó almas caridosas,
provai uma vês mais vossa piedade e amor!
Eia!—a Caridade é das almas bondosas:
—auxilio á Cruz Vermelha!—alívio...alivio á Dôr!...

Executaram-se ainda varios exercicios, tais como: os de maca, enfermagem e pensos, que muito agradaram á assembleia, sendo, por vezes, recortados por estrondosas salvas de palmas. Os exercicios de maqueiros fôram executados, com a maxima correcção, pelos snrs. Frutuoso Duarte Soares, Carlos Duarte Soares, Alvaro Duarte Cadima e Evaristo Ferreira, que, sob a distinta direcção do respectivo comandante, snr. José Maria Crispim de Carvalho, demonstraram a alta competencia do dirigente em assuntos de tão magna importancia e utilidade publica.

Os exercicios de pensos fôram executados pelos snrs. Fernando da Silva Coelho Pessoa, Henrique Mendes dos Santos, João de Jesus Simões e Alfredo Pereira Beirôco, com a assistencia do digno presidente da assembleia, que teve para os novos enfermeiros frases merecidamente elogiosas.

Nada havendo que se seguisse, foi encerrada a sessão, proferindo o snr. dr. Raposo, neste momento, uma breve alocução, agradecendo á assistencia o ter comparecido ao acto que acabava de realisar-se.

Promoção

Foi promovido á 1.a classe, o professor oficial na Nazaré, snr. Alfredo Nunes de Serra e Moura, natural desta vila, a quem enviamos felicitações sinceras.

CARTA DA PAMPILHOSA

Pampilhosa do Botão, 16 de Maio de 1915.

Com enorme concorrencia de forasteiros realisou-se, na passada quinta-feira, na pitoresca mata do Bussaco, a tradicional festa da Asenção, onde ranchos de tricanas da Bairrada e de outros pontos do paiz, deram áquela encantadôra romaria a sua nota alegre.

Tambem o cacête ali fez o seu papel e, como sempre, tendo origem no excesso do vinho, e sendo alvejados com cacetadas os policias que de Aveiro ali tinham vindo auxiliar o digno administrador do concelho, não só na manutenção da ordem, como na repressão dos roubos e caça aos gatunos, egualmente foi ferido, por um tal Mario, que aqui reside ha tempos, um empregado da casa O. Herold & C.a, de nome Antonio Cigarra, que ficou com o pescoço golpeado, pelo que teve de recolher a sua casa num automovel, acompanhado do gerente da mesma casa, snr. Feliciano Rocha, depois de pensado pelo digno medico dos Banhos de Luso, snr. dr. Lucio Paes d'Abranches.

O agressor, a quem o povo quiz linchar, o que foi evitado pela referida autoridade, foi preso e entregue a esta, pelo snr. Joaquim da Cruz, e condusido á Mealhada, para dali seguir para a cadeia de Anadia.

Foi pêna que a companhia dos caminhos de ferro portuguezes não estabelecesse, neste dia, comboios em ligação com os da Beira-Alta, para que os forasteiros, principalmente do norte, não tivessem de estar uma noite inteira em Pampilhosa, á espera do comboio 15 do dia seguinte, para regressarem ás suas casas!

Foi vitima dum desastre, com arma de fogo, o nosso amigo snr. Joaquim da Cruz. Foi o caso que, estando-se a deitar, disparou-se-lhe uma pistola automatica, indo uma bala feri-lo numa côxa. O seu estado, porém, é satisfatorio, com o que muito nos regosijamos, pois o snr. Cruz é um prestimoso cavalheiro, a quem esta terra muito deve, gosando aqui de geraes simpatias.

Vindos de Santarem, e com destino a Aveiro e Porto, passaram hoje aqui, em automovel, os dedicados republicanos drs. Souza Junior e Artur Leitão. Egualmente passaram aqui, tambem hoje, em comboio especial, e de regresso do Entroncamento, os batalhões de infanteria 24 e 28, sendo aclamados com delirio pela multidão que se achava na *gare* da estação, e que correspondia aos vivas á Patria e á Republica, soltados pela oficialidade, sargentos e soldados.

C.

Transcrição

O nosso presado colega a *Mealhada* transcreveu, no seu n.º 81, os sonetos do nosso presado colaborador, snr. Leão Corrêa, que o *Dever* publicou no n.º 166. Agradecendo a amabilidade da distinção, lamentamos que se não houvesse dito d'onde a transcrição foi feita.

Um português de lei

Para contraste de tanta miseria, oferecemos aos nossos leitores a interessante carta que um soldado expedicionario escreveu a pessoa de familia. Trata-se de um arazedense, afilhado do nosso amigo, snr. Joaquim Ferreira de Figueiredo, que nola cedeu obsequiosamente. E' bem a alma dum portugnês que vibra de patriotismo, longe da patria e da familia, em terras desconhecidas, sofrendo por amôr do seu torrão natal e muito amado.

Vejam:

Meus extremosos padrinhos:

Recebi a vossa carta, que me encheu de alegria. Por ela soube que tinham ficado bem, assim como a Olivia, que é, sobretudo, o que eu mais estimo nesta vida. Apezar das febres mortificantes que por aqui grassam com intensidade, eu cá vou resistindo, ficando sem novidade.

Os padrinhos admiraram-se da minha coragem em vir para Africa. Eu vim, porque entendo que sou um verdadeiro português e que vinha para defender a nossa querida Patria. Não me despedi. Desculpem, mas as ordens fôram dadas á *queima-roupa*, não havendo tempo senão para marchar.

Combates, não temos tido; estamos sempre prontos para a primeira voz.

Creio que aqui não serão grandes as acções de fogo; mas se o fôrem, nós cá estamos para o que der e vier, pois eu sempre gostava de matar um ou dois alemães para puder levar uma orelha para prova do heroismo português.

Adeus. Espera em breve ir abraça-los o vosso afilhado muito amigo,

Horacio Marques Bata.

Porto Amelia, 15 | 3 | 915.

Se todos fossem assim, nunca a cobardia seria tanta...

Os burlistas...

O nosso presado colega de Aveiro, *O Riso do Vouga*, vem publicando, em numeros sucessivos, os nomes das pessoas que receberam, por largo tempo, o jornal, sem o devolver, recusando-se depois a pagar a assinatura.

Alguns dos nomes que indica no seu ultimo numero, tambem nos calotearam a nós; e, por certo, teem o habito de lêr de borla, como que se tal processo dignificasse alguem.

Um jornal é remetido a determinada pessoa, e logico seria a sua devolução imediata, não o querendo assinar. Poupariam despezas e tornar-se-iam dignos da consideração alheia.

Devemos notar que as classes pobres são, sob este ponto de vista, mais ponderadas do que muitos doutorados que nós conhecemos.

Deviamos fazer como o *Riso do Vouga*. Mas, por decoro, calamos a pouca vergonha, para não réclamar o nome dos intrujões.

Camara Municipal

Sessão de 24 d'Abril

Presentes os vereadores, snrs: Monteiro da Costa e J. Goes, secretariados pelo vogal, snr. Rodrigues Pato, sob a presidencia do snr. dr. Simões.

Lida e aprovada a acta da sessão anterior.

Nesta altura reconheceu-se, já depois de ter sido assinada a acta, que dela não constava a deliberação tomada na sessão anterior, de mandar anunciar a arrematação da pintura das duas casas de escola e habitações dos professores. A proposta foi aprovada.

Mandou que fosse paga ao empreiteiro da casa de escola de Verride a quantia de 75$00. Foi aprovado.

EXPEDIENTE

Um oficio da professora de Gatões, a dar parte que deixa de ser professora daquela freguezia, por ter sido nomeada professôra da escola mixta de Coelhos, concelho de Tondela. A comissão ficou inteirada e mandou que fosse posta a escola a concurso, sem perda de tempo. E para que as creanças daquela freguezia não fossem prejudicadas no ensino, nomeou a comissão a snr.a D. Branca Castanheira de Carvalho para reger, interinamente, a dita escola.

Foi presente uma fatura de compra de diversos objetos para as escolas de Tentugal. Mandou pagar.

Uma circular da Associação de Classe dos Empregados de Farmacia da Região do Sul, apresentando o sentir da classe sobre a regulamentação das horas de trabalho nas farmacias. A comissão resolveu que tal documento seja presente ao Senado na proxima sessão de agosto.

Oficio do professor do Vale Grande a enviar o inventario da mobilia e utensilios escolares, pertencentes á sua escola. Para o arquivo.

Dito da professora de Santo Varão a comunicar ter reassumido as funções escolares naquela data. Inteirada.

Oficio da comissão executiva da Figueira da Foz a comunicar que fôram arrematadas as barcas de passagem aos portos de Lares e Sanfins. Inteirada para os devidos efeitos.

Circular da Junta Executiva da Federação das Associações de Classe dos Caixeiros Portuguezes, a lembrar a conveniencia de ser elaborado o regulamento do horario de trabalho no comercio deste concelho. A comissão resolveu que o assunto seja tratado pela camara na proxima sessão de agosto.

Informou o guarda Batista que a bomba do Roxio de Tentugal precisa de ser reparada. Mandou que o fôsse.

Confirmou um atestado de pobreza a Maria da Silva Ferro, de Pereira do Campo.

Foi presente o balancete semanal, existindo na Caixa Economica Portugueza, 4:200$00; e na tesouraria da camara, 166$59.

Autorisou e mandou pagar diversas despezas.

Fôram presentes duplicados de dois mapas de denuncias.

Informou o presidente de que havia falecido o mestre d'obras da camara, José Jorge Valente e por isso propunha que ficasse exarado na acta um voto de sentimento pela perda do zeloso servidor do municipio. Esta proposta foi aprovada por unanimidade.

O mesmo presidente mostrou a necessidade de nomear interinamente um individuo que desempenhe o cargo de mestre d'obras da camara.

Todos os vereadores presentes concordaram com as razões expostas, e o vereador Monteiro da Costa propoz que a nomeação interina recaisse em Elisio Esteves da Costa, casado, carpinteiro, de Montemór, proposta que foi aprovada por maioria.

Em seguida foi encerrada a sessão.

Novo administrador

Foi nomeado, interinamente, para desempenhar as funções de administrador do nosso concelho, o nosso estimadissimo e valioso amigo, sr. dr. Armando de Carvalho, ilustre oficial do registo civil nesta vila.

A posse foi-lhe conferida no meio de delirante entusiasmo e com bastante concorrencia.

Cumprimentamo-lo.

Junta Geral

Votou a percentagem de 6 % sobre as contribuições directas do Estado, para ocorrer ás despezas do ano de 1916.

Tomou conhecimento de haver ficado deserto o concurso para o provimento de um lugar de amanuense da sua secretaria, e confirmou a nomeação interina feita pela Comissão Executiva, de um individuo para o referido lugar, até que, superiormente, seja indicada a forma de suprir a falta de concorrentes, nos termos do art. 84.º do Codigo Administrativo.

Aprovou o orçamento ordinario da Irmandade das Almas de Vila Pouca, concelho de Oliveira do Hospital para o ano de 1915-1916.

Proferiu acordãos definitivos de quitação sobre as seguintes contas:— da Confraria de S. Tiago, de Eiras, concelho de Coimbra, dos anos de 1912, 1913 e 1913-1914; da Confraria do SS., de Condeixa-a-Velha, concelho de Condeixa, de 1911-1912 e 1912-1913; da Misericordia e Hospital da vila e concelho de Montemór-o-Velho, de 1912-1913 e 1913-1914; da Confraria do SS., da mesma vila, de 1911-1912 a 1913-1914; da Irmandade do SS. e Senhora do Rosario, de Oliveira do Mondego, concelho de Penacova, de 1912-1913 e 1913-1914; da Confraria das Chagas, de Santa Maria da Arrifana, de 1911-1912 a 1913-1914.

Secção de Variedades

Uma façanha

Um soldado contando as suas façanhas: dum só golpe cortei as pernas a um inimigo!

Porque não lhe corton antes a cabeça? Perguntou alguem.

Porque já lh'a tinham cortado! respondeu o valentão.

Colhido pelo comboio

Na pedreira de Verride, junto á linha ferrea, foi morto, no dia 18, pela maquina que rebocava a marcha 282, um pobre trabalhador da linha, de nome Valentim Lopes, natural de Longra, concelho de Tomar.

O desventurado deixa 4 filhos na orfandade, e uma esposa dedicada em luto carregado, na maior aflição. Foi transportado no mesmo comboio para a Figueira, onde chegou já cadaver.

Antonio Pereira de Carvalho

Proprietario dos Grandes Armazens de Bicicletas, Maquinas de Costura, Pianos e toda a qualidade de acessorios.

A maior e mais antiga casa no genero.

Oficina para todos os concertos, afinações e reparações em bicicletes, motocicletes e maquinas de costura.

Artista mecanico habilitado.

Vendas, alugueis e trocas.

Preços sem competencia

34—Avenida Navarro—36
(Estrada da Beira)—COIMBRA

Poetas e Prosadôres

No prostilo da divindade...

Oh! Marta! oh! Fada! oh! Virgem!

. . . . . .

E a guitarra ao longe, fremente de Saudade, tinha espasmos de Dôr, lagrimas de sangue, lamentos de morte, preces d'Amôr...

Que candidez, mulher!

Oh! Alma da minha Vida! oh Sangue do meu coração! oh Luz do meu Olhar! oh Razão do meu Ser! Deixa que eu volte ao vento, deixa que se evolem nos Abismos do Infinito, nos Misterios do Vago, a minha lira de Dôr! Deixa que eu afogue nos sons, nos ais que ela desprende a minha Vida de magua, a minha Paixão etc rea, o meu Pranto de enamorado!

E's um anjo, um serafim subtil! Eu advinho-o nas tuas falas, eu ouço-o pulsar no teu coração!

Tudo m'o diz: a Natureza, a Terra, o Firmamento!

E eu ouço-o nas aguas que correm ligeiras, no céu de fulgurações febris, no Ar impregnado de éter, nos Abismos insondaveis do mar, nos lamentos do Vento, nos murmurios da Chuva, nas cintilações do Sol, nos Poentes saudosos, na Palidês da Lua, nas vozes dos Namorados, nos suspiros das Noivas, nas locubrações das Donzelas, no ciciar dos beijos, nos estertores sensuais, por toda parte, por todo o Mundo, por todo o Orbe.

E's bela, és divina, és gentil; sei que tens qualquer coisa de Esfinge opalina, de linda Tagide, de Sereia elastica; és o prototipo das Beldades; das Evas pecadoras e voluptuosas, das Madalenas em pranto!

Ao olhar para ti, entonteço, um turpôr de prazer invade meus sentidos, e sou forçado a ajoelhar-me, sou obrigado a apotéotisar-te e então... meus labios vacilantes rezam... rezam... silenciosamente...

E's então um Idolo, a Fénix da purêsa, a Deidade gentilissima a quem eu consagro um culto, um altar aberto nos precintos da alma!

Espéra, não vás embora! E' tarde já, a lua já vai alta, as estrelas já fogem, o sol não tarda!

Aprendamos a amar no livro das Cousas, no Evangelho da Naturesa!

Eu amo-te e tu não crês, eu adoro-te e tu foges, meu coração tem loucas pulsações e tu não queres ouvir! ái! tu não queres saber!

E's ingrata, ris-te das minhas lagrimas, zombas dos meus Sonhos, troças da minha paixão...

E repara, mulher: eu não amo com aquele amôr adulterado, com aquele amôr falsificado que se adquire nas cavernas soturnas dos alcouces, nas trevas criminosas e devassas da prostituição, não! O meu amôr é mais puro, é mais nobre, tem reverberações da luz, tem arroubos de entusiasmo, espasmos de alucinado...

Eu aprendi a amar em regiões mais santas, em esferas mais belas e mais radiosas; aprendi com aqueles desvairados — D. Pedro e D. Inês — as figuras mais apaixonadas que eu conheço na Historia Portuguêsa, até na propria Historia da Humanidade; aprendi com aquela portuguêsa de raça, ardente, alucinada que se chamou soror Mariana; aprendi com Bernardim Ribeiro, com Camões; aprendi com aquelas criancinhas rôtas, sujas, esfomeadas, que ao pôr do sol passam por essas ruas; aprendi com aqueles tresloucados, sem Fé, nem Esperança, que em dias limpidissimos, respirando Vida, se lançam nos abismos das aguas, num suicidio nefando; aprendi finalmente comtigo, na expressão do teu olhar, no arfar dos teus seios, na melodia do teu andar, na sublimidade do teu coração, nos acordes da tua voz, em tudo que constitue o teu Ser, o teu cristianissimo Ser, que arrojo muitas veses ás culminancias dos Deuses, que eu alcandoro quasi sempre ás regiões olimpicas, Parnaseas, aos espaços infinitas do Belo, do Inclito, do Ideal, do incomparavelmente Puro, do intensamente Grande!

Ah! Tu que és uma Silfide, tu que és Amarilio, o Sonho, tu que és Ninfa e que me tornas esta Vida com frequencia um ninfeu etéreo, tu que és Sereia do Mar, Caliope da Illustração, Safira refulgentissima de eterna Luz, tu que és Venus, Diana, Feboa, Opala, Musa, Nereida, Huri, tudo quanto ha de belo, de egrejio, de colossal, tem pena dêste desgraçado que te pede amor, dêste mortal que te suplica um olhar, dêste misero que em momentos de febre, de paixão, se sente muitas vezes desfalecer, morrer, ser levado ás regiões do Sonho, da Incertêsa, da Duvida, da horrivel Duvida que é a negação da Vida, que é o Abismo de todas as ilusões, das mais arraigadas utopias, das mais intrinsecas esperanças!

Uma palavra, Deusa!
Um olhar, mulher!
Um ósculo, Beldade!

Guimarães, 1915.

Eduardo Passos.

Desigualdades sociais

(Ao meu amigo João Chanaças Serra)

Noite de inverno; oculto na taberna
Deixa o filhito, deixa a mãe e o lar,
E, ao clarão tristonho da lanterna
Joga, sem os lembrar!

E quantas vezes dentro o lár, que a esp'rança
Já morta e fria por agudos ais,
A mãe sacia a sêde da criança
Com beijos, nada mais?!

E quando um outro sem o pão do oficio
Na dura vida a ser rival dum cão,
Tem fome, tem mulher, não tendo vicio
Amando a honra tem que ser ladrão?!

E qual é mais? Aquele que consome
O pão do filho e da mulher que amou,
Ou o que rouba p'ra matar a fome
Do filho que gerou?

Sim; o primeiro faz um grande crime
Roubando a honra de seu filho e lar.
Tem o segundo um ponto de sublime,
Que rouba para honrar.

Leão Correia.

DOENTE

Está doente em Estarreja a nossa inteligente colaboradora, sr.ª D. Amalia Nunes de Souza, que passará alguns dias, depois, na convalescença, junto de sua boa mãe.

Desejamos as melhoras da ilustre enferma.

Cartas femininas

Minha extremosa amiga.

A tua ultima carta veio trazer ao meu espirito atribulado, um mixto de consolação e desalento.

De consolação, porque as tuas cartas são sempre, para mim, um lenitivo e um perfumado calix onde posso beber, sem receio, o nectar preciosissimo de uma sã e inabalavel amizade. De desalento, porque vejo que te consideras infeliz; e essa lembrança é, para mim, dolorosa, que conheço a angelica sensibilidade da tua alma candida e sem reservas.

Mas, deixa-me dizer-te que não deves ser assim; e que alguns periodos da tua carta são simplesmente irrisorios! Dizeres, por exemplo, que não te encanta o céu, tão amplo e azulino como a alma dum sonhador, rindo com as gargalhadas das aves mais alegres, com as tristezas das mais tristes chorando, com as lamentações do mar, com os segredos queixosos dos riachos!! Nem essas auras docemente agitadas, balouçando-se ao longe sob diversos matizes; nem esses castelos, esses bosques, essas choupanas, primorosamente agrupadas, elevando-se no seio dos vapores, ou desenhando-se em traços ondulantes, no vago azulado dos ares!!...

Acredita, porem, que nada ha que possa exercer influencia mais prodigiosa, nas nossas almas, do que a natureza que nos embeleza o sonho melancolico da vida! Abandonadas ás suas dôces ilusões, quão facil nos é esquecer os tristes projectos da grandeza, os vãos regosijos da gloria, o despreso do mundo e a sua *fria injustiça!* Não sei; mas parece-me que, no campo, a nossa sensibilidade se torna menos orgulhosa e mais viva; que nós, ali, amamos os nossos amigos com mais lealdade; que, até, dos nossos inimigos falamos com menos rancor e, da fortuna, com mais indiferença!

Espero, pois, que saibas desvanecer esse aparente descontentamento, no que darás muito prazer á tua amiga que te abraça,

Verride, 12-5-915.

A. Hitónumo.

Guerra Européa

A situação

Paris, 21— Dizem de Roma que o senado aprovou por unanimidade a lei concedendo plenos poderes ao governo para interferir na guerra.

O senador Camporcale, cunhado de Bulov, que hontem assistiu á sessão e se conservou calado durante as manifestações, deixou hoje Roma.

Dizem de Lugano que o principe Bulov passará ámanhã naquela cidade com destino á Alemanha.

Depois da sessão do senado reuniu o conselho de ministros estabelecendo os termos do ultimatum que foi logo enviado á Austria, e que equivalia a uma declaração de guerra.

Pensa-se que as hostilidades começarão sem demora.

Os embaixadores e ministros alemães, austriacos e turcos, do Quirinal e Vaticano abandonarão Roma esta noite ou ámanhã.

O povo fez hoje tambem grandes manifestações em Roma, diante do Capitolio, aclamando com delirio o rei, o exercito e a Italia.

Ha grande entusiasmo pela intervenção da Italia na guerra, vendo-se em muitas casas flutuar a bandeira italiana.

Hontem á noite, na Opera Comica, ao ser conhecida a noticia, a orquestra executou duas vezes o hino italiano, por entre grandes aplausos.

O nosso jornal

Varias fôram as causas que determinaram o atrazo na expedição do passado numero do *Dever*: a revolução triunfante, que deu causa á demora de correspondencia; a falta de estampilhas; a mudança da nossa redação para esta vila; e, por fim, até o empastelamento da 3.ª pagina, na ocasião em que ia ser impresso.

Aos nossos leitores que, pouco habituados a estas irregularidades, estranharam a demora, pedimos o favor de relevarem a involuntaria falta.

O preço dos generos

Apareceu já a tabela de preços dos generos alimenticios, no nosso distrito. E' a seguinte:

Assucar cristalisado, quilo, $36; dito refinado, 1.ª, $35; dito de 2.ª, $34; dito de 3.ª, $32; dito de 4.ª, $30; arrôs da terra, 1.ª, $14; dito de 2.ª $13; dito de Setubal, 1.ª, $15; dito de 2.ª, $14; dito estrangeiro, 1.ª, $18; dito de 2.ª, $17, dito de 3.ª, $16; dito de 4.ª, $15; bacalhau sueco, redondo, $34; dito meudo, 1.ª, $34; dito de 2.ª, $33; massas, 1.ª qualidade (cortadas), $21; ditas, 1.ª (inteiras e cortadas, em caixa), $22; ditas, 2.ª (cortadas), $19; ditas, 2.ª (inteiras e cortadas, em caixa), $20; ditas, 3.ª (cortadas), $14; ditas, 3.ª (inteiras e cortadas, em caixa), $15; ditas amarelas, 1.ª, em caixa, $23; ditas de 2.ª, $21; café torrado, n.º 1, $92; dito n.º 2, $82; dito n.º 3, $67; dito n.º 4, $57; dito moido «Aguia» em latas de 5 quilos, $62; dito Hercules, em pacotes, $56; azeite de 1.ª qualidade, $30; dito de 2.ª, $28; vinagre, $10; ovos, $20; sabão quadrazanho, $15; dito gordo, de 2.ª, $14; dito amendoa, $07; dito globular, $18; dito d'azeite, 1.ª qualidade, rosa, $17; farinha de trigo, 1.ª, estrangeira, $18; dita de 2.ª, $12; dita de 3.ª, $10; dita sem marca—Porto, $08; batata, $05; leite, $07; petroleo, 4$20; milho, $38; centeio, $40; feijão frade e mistura, $70; dito branco e vermelho, 1$00; grão de bico, 1$00.

Bom seria que as autoridades competentes a tivessem bem em vista, não consentindo na violação da lei para bem dos pobres que mal ganham para seu sustento.

CORRESPONDENCIAS

Vila Verde (Figueira da Foz) 20—5.

Realisou-se nesta povoação, no dia 13 do corrente, a costumada romaria da Ascensão, que costuma atrair a esta pitoresca aldeia milhares de forasteiros dos logares limitrofes.

Não houve, felismente, uma nota discordante, graças á boa vontade e prudencia deste bom povo. *C.*

Alqueidão, 20—5.

A tuna desta localidade realisou, no dia 13, uma excursão á Batalha, não se poupando a respétiva direcção a trabalhos para que tudo corresse á altura da bela fama em que é tida esta prestimosa sociedade de recreio.

O embarque teve logar na estação d'Amieira, ás 4,15, regressando todos no dia 14, ás 17,50.

A' sua chegada á Amieira aguardavam os excursionistas, milhares de pessoas, quasi todo o povo destes logares, saudando-os com delirante entusiasmo, sendo executados na gare da estação alguns deliciosos trechos de muzica, tocando a «Portugueza,» cujo hino magnifico foi escutado com respeito, sendo vivamente aclamado pelos militares de infanteria 7 e 28 que seguiam para o Entroncamento, a caminho da revolução de Lisboa.

— Está completamente restabelecido de saude, o snr. Casimiro d'Oliveira, digno professor oficial. Folgamos. *C.*

Caldas da Amieira, 20—5.

A festa da Ascensão foi aqui enormemente concorrida, como nos demais anos, dançando-se com entusiasmo. Vieram ranchos de guapas raparigas de Alqueidão, Negrote, Casaes e Paião, não falando no povo que da Figueira aqui veio quasi em massa, comer os seus saborosos farneis á sombra deliciosissima do arvoredo.

— Tem sido introduzidos grandes melhoramentos no estabelecimento balnear, prometendo grande concorrencia de banhistas, este ano. Com efeito os seus novos proprietarios têm feito todo o possivel para o tornar um dos mais atraentes estabelecimentos do genero, no país.

— O nosso amigo snr. Joaquim Ferreira Pinto, bondoso e honrado comerciante neste logar, tem ultimamente visto, de dia para dia, aumentar o interesse pelo seu acreditado estabelecimento comercial, encontrando os hospedes, ali, todo o conforto e comodidade. *C.*

Editos de 30 dias

(1.ª publicação)

NO Juizo de Direito da comarca de Montemór-o-Velho, cartorio do terceiro oficio e no inventario por obito de Manuel Rodrigues Cação e no qual é cabeça de casal a viuva Ana Ramos, de Liceia, correm éditos de trinta dias, a contar da ultima publicação deste anuncio, citando, para todos os termos até final do mesmo inventario, os interessados José Maria Rodrigues Cação, casado e Paulo Rodrigues Cação, solteiro, ambos ausentes em parte incerta no Brazil.

Montemór-o-Velho, 20 de maio de 1915.

Verifiquei a exatidão.

O Juiz de Direito,

Amaral Pereira.

O Escrivão,

José de Paiva Bobêla Mota.

Arrematação

(1.ª publicação)

NO dia 13 de Junho proximo, por 11 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, vai á praça, para ser vendida pelo maior lanço oferecido, acima do preço abaixo mencionado, o seguinte predio penhorado na execução que D. Maria de Nazareth Ferreira Mósca, move, na comarca de Coimbra, contra Joaquim Gomes de Matos e mulher, das Means de Cima, a saber:

Quinze aguilhadas (ou 8100m2) de terra de semeadura com uma casa de habitação, currais e eira de cal, oliveiras e mais arvores de fruto, no lugar do Alqueve, freguezia das Means, que confronta pelo norte com José da Queda, do sul com Antonio Correia de Souza e caminho publico e do nascente e poente com caminho publico, vai á praça por novecentos escudos (900$00).

Para constar se passou o presente pelo qual são citados quaesquer interessados incertos.

Montemór-o-Velho, 20 de maio de 1915.

Verifiquei a exatidão.

O Juiz de Direito,

Amaral Pereira.

O Escrivão,

José de Paiva Bobêla Mota.

Portugal Previdente

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima — Responsabilidade Limitada

Capital **UM MILHÃO** de Escudos

SÉDE — RUA DO ALECRIM, 10 — LISBOA

N.º Telef.—1849 End. Teleg.—VIDA

Seguros contra incendios de predios, fabricas, etc.
Seguros de estabelecimentos e mobiliarios.
Seguros agricolas de ceáras, eiras, palhas, arvoredos, etc.
Seguros de maquinas e utensilios de lavoura.
Seguros contra incendio proveniente de gréves e tumultos.
Seguros de transportes maritimos e postaes.
Seguros contra roubo de habitações e estabelecimentos.
Seguros contra fraude de empregados.
Seguros contra a quebra de cristais.
Seguros de vida, pensões, dotes e reformas.
Seguros contra acidente de trabalho.

Agencias em todas as terras importantes do paiz, ilhas e colonias.

Sucursal no PORTO — Rua Passos Manoel, 21.

BANQUEIROS—**Borges & Irmão**—Porto e Lisboa

AGUA DE LUSO -- Cura pela Diurése

(ESTABELECIMENTO TERMAL E HOTEIS ABÉRTOS TODO O ANO)

A mais diurética e mais digestiva. Aumenta a diurése, regularisa as funções digestivas e ativa os fenómenos nutritivo.

Muito radioativa—4,49 miligramas—minutos
Muito ionisada, resistividade a 18° 18300 ohms
Muito rica em gazes raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotonica, ponto criospico 0°,04

} Conclusões da analise feita pelos distintos professores Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitissimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tifico

USO EXTERNO—Molestias de pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc.), reumatismo e gôta.
USO INTERNO—Artritismo, impaludismo, neurastenia—Albuminuria, diabetes—Intestinos, estomago—Rins—Bexiga.

Depositos -- LISBOA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros, 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 428. FUNCHAL, José Quirino de Castro, rua dos Murças. AFRICA ORIENTAL: Oswald Offmann. BEIRA: F. L. Simões & C.ª. LOANDA: Beltrão, Pena & C.ª, e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositarios nas terras onde ainda os não haja.

Seguros de Searas, eiras, palhas, fenos e pastagens
Seguros de acidentes de trabalho nos serviços agricolas

Unica Companhia autorisada a reunir os 2 riscos em uma só apolice.

A Mundial é a Companhia que tem contracto para Seguros Agricolas com a importante Associação Central da Agricultura Portugueza e a maioria dos Syndicatos Agricolas do Paiz.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS
Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada
Capital — Esc., 500:000$
(500 contos)

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmão
Praça da Liberdade, 138 — Telefone 1459

ENDEREÇO TELEGRAPHICO—**MUNDIAL**

Agentes em todas as localidades do paiz ilhas e colonias

Livraria e Tabacaria Cunha
Livraria Moderna e Tabacaria Augusto Henriques (reunidas)
Alberto Gonçalves Cunha
150, Rua Ferreira Borges—COIMBRA
TELEFONE N.º 293

LOTARIAS—Bilhetes, suas fracções e cautelas. Variada série de numeros certos.—Premios frequentes.
TABACOS—Nacionais e estrangeiros. As melhores marcas de cigarros e charutos.—Todos os artigos para fumadores.
POSTAIS ILUSTRADOS—Sempre as ultimas novidades em todos os generos.—Bilhetes de visita, impressão rapida.
PAPELARIA—Finissimos papeis de carta em caixas aos cadernos.—Objectos para escritorio e desenho.
LIVRARIA—Nacional e estrangeira, Revistas, Pu licações.—Figurinos.—Musicas.

Livros usados, antigos ou modernos, em qualquer estado, em grandes ou pequenas quantidades, compra em qualquer parte.

Passagens para o Brazil e Africa
José de Almeida

Negociante nas Pontes de Cadima, concelho de Cantanhede, e correspondente de todas as Companhias de navegação

Faz constar que vende passagens para todos os portos do BRAZIL, AFRICA, etc., a preços reduzidos, para o que está legalmente habilitado.

A sua vida de seriedade e honestidade são garantia segura para que os que desejam comprar passagens o procurem de preferencia a qualquer outro.

Guilherme dos Santos Pinto & Irmão
COM
OFICINA DE CANTEIRO

Encarregam-se de jazigos de toda a especie e todo o serviço concernente á sua arte.

Tambem executam todos os trabalhos que digam respeito a *Plantas, Alçados, Copias, Projectos e orçamentos de edificios, edificações, etc.*

Montemór-o-Velho=Verride

Restaurante Ferro-viario
ALFARELOS

ESTE bufete, um dos que melhor servem o publico que transita nos comboios, acha-se situado na estação do caminho de ferro de Alfarelos. Fornece almoços, jantares e *lunchs* e toda a qualidade de refeições, por preços comodos. Tem pessoal habilitado, tanto em cosinha como em sala de mesa. Tudo se encontra com esmero e perfeição.
Fornece comida para fóra, e presta-se a servir em casamentos, baptisados, etc., desde que seja prevenido com antecipação.
O proprietario, **Artur de Oliveira Coelho.**

Companhia de Seguros
A Lusitana
Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada
Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

—=—

AGENTE na Figueira da Foz
Antonio d'Oliveira Guerra
RUA DA REPUBLICA, 84

JOSÉ MARQUES
CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL
Correio de Cadima—Vila Nova d'Outil

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legitimos acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de fórma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamavel, isca em cordão vendida fraudulentamente a titulo de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva acção civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa ao Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando-se a maior discreção. A Companhia logo que receba informação fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalisação para procederem ás necessarias diligencias. Dirigir-se pessoalmente ou por carta á Companhia Portuguêsa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS
MELO & MARTINS
PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada
PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiencia dos nossos adubos, devido ao seu magnifico resultado os adoptarão de preferencia a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro
PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex.mos passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.
Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA
Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.
PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações
Deposito das afamadas aguas de Luso.

Casa Funeraria
DE
ADELINO FARIA
Rua das Flores
FIGUEIRA DA FOZ

Encarrega-se de todos os funerais, podendo ser chamado a qualquer hora da noite.

Preços resumidos, a ponto de ninguem poder competir, tanto em corôas como em todos os pertences respeitantes ao seu negocio. Tem especialidade em ornamentações.

A FUNERARIA EM PEDRA
—DE—
FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149
COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem deposito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se tambem de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fóra de Coimbra

Biblioteca da Universidade
Coimbra

Ano 4.º — Montemór-o-Velho, 30 de Maio de 1915 — N.º 171

DIRECTOR, PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR
Almeida Junior

SECRETARIO DA REDACÇÃO E EDITOR
Abel M. de Melo Brandão

REDACTOR PRINCIPAL
Mário Augusto Mota

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguêsa

Pátria e Humanidade

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Dr. José Galvão
MONTEMOR-O-VELHO

DIRECÇÃO: — COIMBRA
(para onde deve ir a correspondencia)

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. Silva (a vapor)—AVEIRO

AVEIRO
CORREIOS E TELÉGRAFOS 30 MAI 15 COIMBRA

A Espionagem Teutónica

Foi preso por espião o substituto do vice-consul alemão a quem me referi no meu artigo *A Gargalhada Teutónica*. Está incomunicavel e afirma-se que vai ser fuzilado.

Malheureux remplaçant du Kaiserlich Deutscher Vizekonsul, como irónicamente comentam a sua prisão os belgas desta colonia!... Estás preso e bem seguro.

Muito me interessaria saber se á tua face glabra de tomate alemão, acudiria de novo aquele ritus de gargalhada estrondosamente teutónica, com que sublinhaste a do teu director e com que indirectamente pretendeste amesquinhar na minha humilde pessoa a personalidade da minha querida Patria... Certamente que não e a razão explica-se:

E' que mediava já um abismo entre a tua gargalhada e o avanço das hostes do teu imperio a caminho de Pariz, onde não poderam chegar a tempo do almoço, e a tua prisão e as batalhas do Marne, do Aisne e Argonne, aqui onde já uma vez, em 1792, Demouriez conteve o avanço das vossas hordas devastadoras.

E' que entre essa data e a tua *arrestation* medeia um espaço terrivel, limitado e preenchido pelos marcos miliarios de Liege e de Iser, que foi suficiente para fazer voar em farrapos, para bem longe, as teias de aranha que sob os teus olhos teceu a *kolossal* aranha das vossas vaidades, das vossas grandezas e da vossa apregoada superioridade.

A *kultura* alemã... o poder alemão... o militarismo prussiano.. a tática alemã... onde estão elas?

Em tôrno a mim olho e só lhe encontro as vestes ensanguentadas desenhando, num sarcasmo para vós, os inimigos de tudo e todo o que não fosse alemão, a palavra *Barbarismo*.

Estás prezo como espião provado, meu *karo* substituto do *Vize-konsul*, e a sorte que te espera tu não a ignoras, porque outra coisa poderás esperar daqueles, a quem tu, com a tua espionagem, ajudaste a destruir cidades e aldeias, campos e monumentos, velhos, mulheres e crianças indefezos.

Revanche! — gritam os belgas — fazendo crepitar as suas espingardas, e o sangue dos seus queridos mortos e as ruinas da sua Patria desvastada, na sua mudez de espétros, parecem repetir com dôr, *Revanche!*...

* * *

A espionagem alemã estendia-se como uma rede vastissima por toda a parte do mundo. O alemão teve, sem dúvida, um sonho colossal, que só a Deus seria dado sonhar, supondo que ele existisse.

O Imperio do mundo deslumbrou-o e fê-lo supôr maior do que na realidade era e para poder conquistar esse mundo fez-lhe a primeira guerra, guerra de cobardes, que era a espionagem.

Para isso de cada alemão saiu um espião e cada espião fez o que pôde para a realisação de tão vasto como louco empreendimento.

Para esse fim fundaram-se importantes companhias que, emquanto por um lado tiravam os proventos dum comercio e duma industria cada vez mais avassaladora, por outro lado serviam de agencias de informação e de espionagem e quasi sempre de depositos de material de guerra, com que se iam preparando para dar o golpe final no momento propicio, que soou, mas para se voltar o «feitiço contra o feiticeiro».

O Congo Belga que os alemães atacaram logo que a guerra começou na Europa, era já um viveiro de comerciantes e agentes comerciais-espiões, que trabalhavam febrilmente na espionagem, não deixando recanto por devassar. Insinuando-se como parasitas em costura mal apertada, sondavam, prescrutavam, ouviam, fotografavam, desenhavam, não deixando edificio, estaleiro, recanto de baia com qualidades estratégicas sem lhe tirarem o *croquis*.

Essa espionagem estendia-se até ao visinho Congo Francez, onde eles não se mexiam tanto á vontade; por isso daqui faziam o seu principal posto de observação, levando a sua ousadia ao ponto de armazenarem em Kiuskasa, um dos pontos estratégicos do Congo e terra de grande futuro, fronteiriça de Brazaville, que fica situada na margem direita do Rio Zaire, uma grande quantidade de armamento que foi apreendido juntamente com circunstanciados relatorios na ocasião em que foi prezo o citado substituto do vice-consul da Alemanhã.

A casa onde tudo foi apreendido, é séde duma importante companhia comercial, ramo da companhia de navegação *Werman Line* e o seu director era, como já disse no meu artigo precedente, oficial do exercito alemão, como todos os empregados tinham sido ou eram militares. Era tão claro o intento da Alemanha que, sendo o primeiro director chamado ao seu paiz, dois mezes antes de estalar a guerra, foi substituido, no impedimento, por um outro que era oficial de marinha.

Tive relações com esta casa e consequentemente com os seus agentes; e isso me levou a uma certa intimidade, pela qual, muitas vezes em conversações que a cerveja e o *whisky* desenvolviam e desmascaravam, cheguei á conclusão de que os alemães pisavam já o Congo Belga como terra que lhes pertencesse.

A mim, como português, não me falavam de Angola, a não ser para cinicamente me bajularem, dizendo-me que as reformas iniciadas por Portugal em Angola, a esta trariam uma época de desenvolvimento que era tudo quanto a Alemanha pretendia para expandir o seu comercio cada vez mais florescente e para a colocação dos seus vastos capitais.

Não me iludiam, porém. Eu sabia perfeitamente que o sonho da aguia alemã era o de pairar da costa á contra-costa, ligando a sua Africa Oriental á Ocidental (Damaralandia) fazendo do Congo Belga, Francês, Português e Angola, uma ponte de ligação sobre os quais estenderia o protetorado das suas azas negras.

Seria este o seu *modesto começo* para a formação do Imperio Alemão da Africa. E como contavam com a queda e esmagamento da heroica França, esse imperio tomaria proporções, alargando-se depois, sem custo algum, para as bandas do norte, onde espanhoes, portuguesês e ainda francêses não lhes poderiam já opôr uma séria resistencia. Para o sul não se mexeriam (seria este o seu sonho?) porque lá estavam os inglêses, nota discordante para eles nesta assembleia internacional de pancadaria, como diria o snr. Brito Camacho, que eles tinham como certo que, temendo ela a Alemanha, antes a favoreceria nesta inundação teutónica, fazendo ambas uma partilha que mais tarde a Alemanha saberia tornar melhor para si, quando, dispondo a seu talante do litoral da Belgica e Holanda, podesse nele concentrar e fazer mover as suas poderosas esquadras, que mais e mais fortaleceria á custa dos póvos conquistados.

Mas como o inglês lhe percebeu perfeitamente o jogo, o inglês que, em materia de presciencia, vai um pouco além do alemão, deixando muito mal colocada desta feita a sua diplomacia; o inglês, como iamos dizendo, não olhou para traz e, colocando-se abertamente ao lado da justiça a favor dos fracos, deu um golpe de mestre na conservação do seu predominio, do seu imperio e... talvés da sua metrópole.

* * *

Pois está a ferros o nosso amigo Filipe, (assim acode ao chamadoiro o substituto do vice-consul) e afirma-se, com fundamento, que vai ser fuzilado. Como teutão era uma peste para os que o não eram; como alemão era tudo o quanto havia de mais... germânico. Tanto que, nesta trindade *alemã, teutã e germánica*, não se descobria quando era mais uma coisa do que outra. Fala e escreve corrétamente o português, gosta muito de *choucroute* com salchichas, já foi comerciante alemão em colonias portuguêsas, o mesmo que dizer, espião em as nossas terras.

Já esteve um dia preso por desrespeitar a nossa bandeira e fazer comentarios desagradaveis a uma modesta canhoneira que nesse dia entrava o porto.

E' necessario deixar escrito um ponto de muita importancia: quasi todos os alemães que vinham para o Congo Belga, onde o idioma oficial é o francês, sabiam regularmente o português. Influia nisso, suponho, a proximidade das nossas colonias e o facto de no Congo Belga e Francês, ser o comercio predominante o nosso, mas nem Belzebut me tirava da cachimonia que isso tinha tambem um fim politico que hoje muito bem se compreende.

Amigo teutão: acabou-se o conto.
Foi duma vez um Filipe...
Congo Belga, 1915.

DAVID DINIS.

NOVO PROFESSOR

Já se encontra á testa da escola do sexo masculino desta vila, o inteligente professor, snr. José Nunes Bento, a quem cumprimentamos.

PERMUTAS

Muitos são os jornais endereçados para Arazêde, pelos nossos estimados colegas da imprensa com os quais permutamos. Afim de nos pouparem a massadas e despezas, rogamos o favor de mandarem emendar as direcções para Montemór-o-Velho, séde da nossa redacção.

AVE LIBERTA

Ao vêr assim caída, ofegante, a avesita,
boa alma compassiva a levanta do chão...
—«Presa, e tão inocente... é pena, coitadita!»—
e abre-lhe, com dó—a porta da prisão!

Livre... era bem de crêr...—a liberdade incita—
que rapida voasse, alegre, na amplidão...
mas... apenas saíu, como receiosa, aflita,
bate as azas e volta... á triste solidão!...

O infeliz, o pária, ao vêr-se encarcerado,
na sombra... na tristeza,—anceia, o desgraçado,
nova vida aspirar, sob as bençãos da Luz!

Sái... e qual avesita...—a miseria é tanta!...—
chega até a odiar a liberdade santa,
invejando um passado... ai! que a ninguem seduz!...

Montemór-o-Velho, Maio de 1915.

J. NEVES.

Dr. Mario Mendes

Consorciou-se no dia 20, com uma gentil senhora de Cassurrães, o snr. dr. Mario Mendes, inteligente facultativo municipal na freguezia de Arazêde. Muitos fôram os convidados e inumeras as saudações recebidas por sua ex.ª, que é um caracter lhano e um funcionario muito honesto, que a freguezia muito respeita.

Parabens e um futuro cheio de encantos.

CRÓNICA DE LISBOA

Parece que a Paz voltou a Lisboa e, por isso, parecerá um paradoxo dizer que a luta continúa, cada vez mais tenaz, mais persistente, mais laboriosa.

E', no entanto, uma verdade palpavel. A luta pela vida, o *struggle fôr life* continúa desde que o sol aurifulgente desponta até que... novamente, torna a despontar.

Sim, porque ela é incessante; as grandes batalhas são um facto de dia e de noite, o esforço humano não pára, não cessa um minuto nesta cidade de fausto e miseria, de grandes abnegações e profundos egoismos, e, quando a grande massa dos trabalhadores cae nos braços do sôno amêno, outra móle de labor se levanta e continúa o esforço colossal dos que dormem.

No entanto... a Paz voltou, assim volte a Confiança, assim volte o entusiasmo de pertencer a uma nação que deseja prosperar—assim volte uma onda de bem-estar á grande familia dos obreiros para quem a vida não tem um apice de sedução, para quem o futuro não tem um vislumbre alimentador de esperança.

A Paz na familia portugueza, voltou, proclamam os jornais em caratéres formidaveis, na primeira pagina. Mas é preciso mais do que isso, é necessario que a confiança nos governos da nação seja um facto. E para isso...

E' preciso que os homens que pertencem ás classes dirigentes, abstraindo se mais da politiquice que incomóda, olhem para a pleiade de trabalhadores que vergando sob o peso do trabalho, ainda nada viram que lhes minorasse a sua sorte...

E' preciso que se facilite a vida que cada vez mais se torna o fardo pesado, impossivel de arcar.

E' preciso que não se torne possivel a exploração por parte do bando de abutres que pretendem sugar a ultima gota de sangue das classes pauperrimas, constituindo, num ápice, fortunas tentadoras.

E' preciso, sobretudo, o bom senso que falta, a queda da politiquice réles que enlameia Portugal, o esforço comum para fomentar o progresso, mas, simplesmente com a mira no bem désta santa e bemdita terra!... D. L.

P. S. — Na minha ultima *crónica* eu disse «... que a heroicidade justifica e a justiça asteou», e não aquela «monstruosidade» que saíu.

D. L.

Governador Civil

Foi nomeado governador civil do nosso distrito, o snr. dr. Francisco Henriques Gois, que por largo tempo exerceu o cargo de sub-delegado do procurador da Republica em Figueira da Foz.

Dizem-nos ser uma criatura ponderada, sem partidarismo politico, e é isso o que por cá se deseja, porque de *politicos* e de politica está o concelho saturado.

Esteve em Lisboa, a tratar de negocios particulares, o nosso presado amigo, snr. dr. Ismael de Sampaio, filho désta vila e ilustre democrata.

Transcrição

O nosso presado colega a *Malhada* continúa a fazer transcrições de sonetos dos nossos inteligentes colaboradores literarios, sem, como manda a praxe e a boa norma jornalistica, dizer donde as transcrições são feitas. Agora, no n.º 82, fez a reprodução clandestina da mimosa produção do nosso querido amigo e distinto poeta desta vila, snr. J. Neves, intitulada *Infeliz!*, publicada num dos anteriores numeros do *Dever*. Agradecemos-lhe a gentileza, mas rogamos-lhe que cite sempre os jornais donde transcreve.

Troupe Dramatica Estér de Carvalho

Já vão muito adiantados os ensaios da comedia *Dar corda para se enforcar*, que esta interessante *troupe* traz em scena, sob a direção do distinto ensaiador e nosso muito amigo, snr. Benedito Galvão.

O produto da récita reverterá a favor de dois dos seus mais valiosos ornamentos, o que torna o espetáculo altamente interessante, pois se destina a um fim humanitario e justo.

Bem hajam os seus promotores, que assim dão mostras da generosidade do belo povo montemorense.

Presidente da Republica

O snr. dr. Manuel d'Arriaga dirigiu ao Congresso, reunido no dia 27, uma mensagem renunciando ao seu mandato de presidente da Republica. O Parlamento deferiu a petição. Amanhã será eleito, em sessão conjunta, o novo presidente, nos termos do n.º 38 da Constituição.

Tudo leva a crêr que novos acontecimentos politicos se precipitem mais ou menos proximamente. Este país glorioso era digno de melhor sorte. Este país e este pobre povo, que tudo suporta com uma resignação de martir aureolado e submisso.

Ficamos na espetativa.

Camara Municipal

Sessão de 1 de Maio

Presentes os cidadãos vereadores vogais da Comissão Executiva —Monteiro da Costa, Tavares Lebre, J. Goes e Esteves de Barros, secretariando o vogal Tavares Lebre, sob a presidencia do snr. dr. Simões.

Lida e aprovada a acta da sessão anterior.

EXPEDIENTE

Oficio do Inspétor do Circulo Escolar, a responder á Camara que já não tem ingerencia no orçamento das Camaras, para expediente e limpeza das escolas. Inteirada.

Dito da mesma proveniencia a dar conhecimento ter recebido da Estação Superior uma circular que diz respeito á Portaria de 8 de Setembro de 1909.

Dito do ex-professor desta vila, hoje professor em Ceira, a responder a um oficio que esta Camara lhe enviou. Inteirada.

Dito do professor de Pereira a dar conhecimento que tinha sido promovido a 1.ª classe. Inteirada.

Dito da professora interina da escola de Gatões, a comunicar que tinha entrado em exercicio da mesma escola.

Dito da mesma a enviar o inventario da mobilia daquela escola. Que fosse arquivado.

Dito do administrador do concelho a dizer que já tinha dado providencias para que José Pedreiro, da Ereira, não torne a passar em barco povo, ao porto do Vau de S. Mateus. Inteirada.

Dito da professora de Means, a pedir para que lhe seja pago o expediente e limpeza daquela escola. Resolveu que se respondesse, que imediatamente mande o mapa dessas despesas.

Dito do administrador do concelho a enviar a relação de varios devedores á Camara.

Resolveu que fosse enviada ao M.mo Delegado do Procurador da Republica nesta comarca, para ser promovida a cobrança.

Dito da Comissão Executiva da Moita a enviar uma proposta.

Foram presentes diversos requerimentos de interesse particular. Ao mestre d'obras para informar.

Resolveu que fizesse o mestre d'obras o orçamento das obras a fazer na estrada de Tentugal á Portela.

Resolveu mais, sob proposta do presidente, que fossem avisados os vigias do serviço braçal a entregarem na secretaria da Camara as relações do serviço braçal. Aprovada.

Foi presente uma relação de denuncias contra cabreiros da freguesia de Pereira.

Informou o presidente que tinha levantado da Caixa Economica 900$00 para pagamentos de diversas despesas. Inteirada.

Foi presente o balancete semanal, acusando na Caixa Economica Portuguesa em deposito 3:300$00 e na tesouraria 629$60, referidas a 30 de abril ultimo.

Autorisou e mandou pagar diversas despesas.

Em seguida foi encerrada a sessão.

Junta Geral

Aprovou os orçamentos ordinarios para o anno de 1914-1915 das seguintes Irmandades: do Santissimo do Ameal, concelho de Coimbra, e da Senhora do Loreto, de Vila Nova de Oliveirinha, concelho de Tábua; e o suplementar da Irmandade do SS. de Vila Nova de Anços, concelho de Soure.

Proferiu acordãos definitivos de quitação sobre os processos de contas das Irmandades do SS. da vila e concelho de Arganil, relativas ao ano do 1912-1913; do SS. e Senhora do Rosario, de Castelo Viegas; do SS. de Santa Cruz e S. Bartolomeu, e do Senhor dos Passos da Graça; e das Confrarias do SS. e Senhora da Piedade, de Antuzede, do SS. de S. Facundo e de S. Martinho do Bispo, do concelho de Coimbra, respeitantes aos anos de 1912-1913 e 1913-14; das Confrarias do SS. de Condeixa-a-Nova, Furadouro e Sebal Grande, concelho de Condeixa, referentes aos anos de 1912-13 e 1913-14, e de Condeixa-a-Velha, do mesmo concelho, do ano de 1913-14; das Confrarias do 8S. e das Almas, de Semide, concelho de Miranda do Corvo, dos anos de 1912-13 e 1913-14; da Confraria do SS. de Santo Varão, concelho de Montemór-o-Velho, dos anos de 1911-12 a 1913-14; e da Irmandade da Senhora das Necessidades, de Santo André de Poiares, de 1912-13 e 1913-14.

HOSPITAL

Em virtude de se encontrar doente o snr. dr. João Batista Loureiro, medico do hospital, tem sido feita a visita a este estabelecimento de carfdade, pelo abalisado medico, snr. dr. José Maria Raposo, nosso ilustre conterranio e criatura de raras virtudes morais.

Secção de Variedades

Epigramas

Um bofetão de tombar
Deu na criada, que tinha,
Um avaro, por lhe achar
Desperdicios na cosinha!

Eu devo-lhe agradecer,
Lhe disse ela, o bofetão,
Só pelo gosto de o vêr
Uma vez abrir a mão.

* * *

Quando os seculos das trevas dominavam
Das cruzes os ladrões se penduravam;
Hoje que domina o seculo das luzes,
Pendentes dos ladrões andam as cruzes!

N. T.

A uma faisca eletrica

No ano de 1883, uma faisca eletrica mutilou a cruz que rematava o magestoso frontispicio da Sé Nova, de Coimbra; e um poeta popular daquela cidade, comemorou o facto com a decima seguinte:

Caíu um raio na Sé
Sobre a augusta frontaria,
Esgalhou a cantaria,
Sem respeito á cruz da fé;
Ofendeu quem estava ao pé,
A uma joven consumiu,
S. João defronte viu,
E no seu livro escreveu:
Este raio era judeu,
Pois que a santa cruz partiu.

O S. João a que o poeta se refere, é a colossal estatua de S. João Evangelista, que corôa o visinho collegio dos Loios, hoje governo civil.

Alice Oliveira,

aluna externa do 5.º ano de piano do Conservatorio e com o curso de musica: léciona, em sua casa ou dos alunos, como se convencionar.

RUA DO SUB RIPAS, 10
COIMBRA

Horas d'insónia

A Formosura

A formosura é uma das mai delicadas e complexas obras da Natureza. Ha formosuras de varios requintes e utilidades. Nem só a beleza das carnes, um rosto redondinho e bem feito, uns olhos chamejantes de ideal são motivo para a nossa admiração e para o nosso culto. Ha, ás vezes, belezas ocultas, formosuras que os nossos olhos não veem, no homem e na mulher, e que, todavia, são, para mim, muito mais apreciaveis do que a formosura duns olhos azues e namoradores.

Refiro-me á beleza do coração, á beleza dos sentimentos.

Fazer-se atrair, por meio d'artificios e mil e uma coisas provocadoras, é muito facil. E tanto mais facil, hoje em dia, quanto é manifesta a podridão das almas e a gangrena do sentimento. A hipocrisia criou raises bem fundas no espirito amorfo das modernas sociedades, e agora já não ha o chiste filosófico, a simplicidade raiante, nem sequer na simples gente do campo, que se notava ha 30 anos atraz.

Uma mulher pode ser bondosa, ponderada; como mãe, exemplarissima; como esposa, modelar. Terá apenas um defeito que dela faz afastar todas as atenções: — não anda bem penteada nem uza pó de arros, não córa os labios de carmim, não manda que a modista coloque no vestido caro uma almofadinha postiça para a tornar mais rochunchuda! A vida, meus amigos! Pensem bem no que é a vida. No meio do entusiasmo, no auge do prazer espiritual, tudo se esquece. E esse desdem pela utilidade pratica é sempre a causa dos mais graves transtornos, especialmente n'um lar conjugal onde só a harmonia, a paz, a doce união das almas devia prevalecer.

Ontem, ao atravessar Santa Clara, deparei com um rancho de moçoilas. Espadaudas, de enormes peitos salientes, arfantes de mocidade. Uma delas, a mais clara e mais rozada, perguntou-me de qual delas eu gostava mais. A pergunta, simples e ingénua, tão ingénua e tão simples que se fez a um desconhecido curioso, envolvia qualquer coisa de vaidade. Era ela. Ela era a mais formosa de todas. Pelo menos, aos meus olhos assim se afigurou.

Seguiram, rindo muito, e a mais formosa de todas ia de certo de todas a mais contente. Era linda. Disseram-lho, cara a cara. Não havia duvida.

E lá foram, de peitos salientes e carnes palpitantes, a caminho da fabrica. Atraz ia ficando uma delas. Morenita, olhares tristes, enfezada, raquitica, parecia doente. Abeirei-me dela. A mãe morrera ha mezes. Tinha os olhos da côr do luto do seu lenço, e bem se via que, naquela alma amargurada, alguma coisa de superior havia.

Contou-me: «Que a mais bonita de todas era uma doidivanas. Inconstante, nunca soube o que era amar. O sacrificio, encarava-o ela com desdem. Um militar do 35 namorava-a. Trabalhava pouco, era preguiçosa. Devia, pois, ser uma má esposa ou uma pessima amante.

Eu não. Levanto-me ao romper do sól, vou á fonte do quintal e rego todos os dias os meus malmequeres e os meus goivos. São iguais aos que eu puz na sepultura de minha pobre mãe, ha tempos falecida. Meu pae, no Brazil ha muitos anos, esqueceu-se por completo de nós. Sou só. Ganho pouco e, á noite, quando vou para casa, trabalho ainda muito de costura, para ganhar mais alguma coisa. Fiz ontem 18 anos e todo o dia chorei! Ninguem se lembrou de mim! Sou a mais feia do logar. Toda a gente me diz isso!

Defronte da minha casa mora a Maria, aquela que alem vai e que é de todas a mais bonita. Levanta-se tarde. A mãe zanga-se com ela. Quer muito luxo, e ás vezes, quando vai á cidade, eu nem gosto de ir com ela.

Todos a seguem...»

E a rapariguita, chorava!

Era a mais feia do logar! Trabalhava muito. A' noite procurava, em casa, maneira de ganhar mais. Ninguem a requestava, nem a galanteava! Desde então, meus amigos, eu tenho sentido desejos de a ver todos os dias. Aquela mulher ideal, aquela criança de 18 anos deve ser, um dia, uma bela educadora. Encantos possue ela como poucas. E' pobresinha; mas tem um grande coração, um formoso coração. E' linda de sentimento...

ALMEIDA JUNIOR.

Assassino

Na cadeia de Coimbra deu entrada Manuel d'Oliveira, solteiro, de 19 anos, da Tocha, do visinho concelho de Cantanhede, aquele assassino que roubou a vida, a tiros de revolver, a Manuel Terezo, do mesmo logar, crime a que o *Dever* se referiu largamente.

A cadeia de Cantanhede não oferecia resistencia para *albergar* um preso desta categoria. A justiça se fará executar.

Espirito Santo

O dia de Espirito Santo, que nesta vila é comemorado com a tradicional romaria a Nossa Senhora do Desterro, atingiu este ano grande imponencia.

A's oito horas da manhã, já se notava um movimento desusado nas ruas, que dão ingresso á capela de Nossa Senhora do Desterro. Eram camponezes que das povoações proximas, com uma fé ardente, vinham prestar homenagem ao heroi dêsse dia.

Mas quando atingiram extraordinaria animação, foi á chegada dos famosos ranchos das tricanas de Maiorca que, pelo aprumo com que vestiam e pela suavidade que imprimiam a seus cantos, mais uma vês mostraram o quanto justa é a reputação de que gosam.

De tarde, o arraial esteve bastante concorrido. A mocidade, que aproveita todas as ocasiões para dar expansão ás chamas irrequietas da folia, formava aqui e ali rodas de dança. Eram os ranchos «6 de Julho» e «Formosas do Mondego», que exibiam suas canções, ou grupos de aldeãs que, de saias traçadas e flores de gesta nos chapeus, e ao som do harmonio e ferrinhos, dançavam a sua *rasteirinha*.

Os *aposentados*, divertiam-se procurando as arvores amigas, á sombra das quais, sabereavam os seus farneis,

Não se passou scena alguma desagradavel, apesar de Bacho ser largamente festejado.

Vieram muitas familias da Figueira da Foz, Alhadas, Alfarelos, Carapinheira e Maiorca, aqui passar o dia que o proprio sol, rutilante de luz, convidava amenamente. E o dia foi-se, mas as saudades, essas ficaram cá.

Doentes

Estão quasi completamente restabelecidos dos seus padecimentos, os nossos bons amigos snrs. José de Napoles e José Galvão. Folgamos que os ilustres enfermos depressa melhorem de todo.

Antonio Pereira de Carvalho

Proprietario dos Grandes Armazens de Bicicletas, Maquinas de Costura, Pianos e toda a qualidade de acessorios.

A maior e mais antiga casa no genero

Oficina para todos os concertos, afinações e reparações em bicicletes, motocicletes e maquinas de costura.

Artista mecanico habilitado.

Vendas, alugueis e trocas.

Preços sem competencia

34—Avenida Navarro—36
(Estrada da Beira)—COIMBRA

CARTA DE COIMBRA

Notas politicas. — Do nervosismo inquietante da primeira quinzena de maio, passou-se á dúlcida paz da segunda. Sobresaltos e hinos de vitória, intermeados de desesperanças para uns, com maior tristeza no lar para outros, com um futuro enublado para muitos, e com a *primeira fórma* para vários.

Nas entrelinhas um pouco sumidas, por vezes, do ministerio transacto descortinava-se um pouco o final da tragi-comedia. Pela segunda vez se provou desde a célebre jornada de Vila Viçosa que o paiz não quer ser foreiro de morgados, e que nenhum dirigente se póde dár á veleidade de governar por méro arbitrio, confiado ainda nos conselhos duma camarilha que reza ainda pela cartilha do passado, crente de que o scetro é o símbolo da obediencia passiva. Os tempos mudam: a longa invernia transformou-se em dias de sol quasi desanuviado. Uma revolução não é o quarto de hora batido por um relogio. Os frutos, as consequencias, precisam de ser devidamente amadurecidos; necessitam de ilações consentâneas com a generosidade e o rigor, olhando ao grau de responsabilidade que a ignorancia, a malvadez, a categoria, e até ás vezes o *trop de zèle* pelo cumprimento de ordens superiores façam com que se pratiquem actos contrarios á razão.

Reassumiram as funções do seu cargo os snrs. dr. Pires de Carvalho, governador civil; Humberto Fernandes Costa, administrador do concelho; Floro Henriques, inspector da policia; e Eduardo Gomes, chefe dos guardas da Penitenciaria.

Vai ser nomeado comissario de policia, o snr. capitão Bruscos, que daqui fôra transferido para Tomar, pelo ultimo ministerio.

Partiu para Lisboa, para a Escola de Guerra, o snr. capitão Tavares de Carvalho, que ao regimento do 35 fôra cumprir uns dias de detenção, por assistir na estação á despedida daquele seu camarada.

Para substituir o comandante da divisão, snr. Ivens Ferraz, chegou a esta cidade o general, snr. Brito e Abreu.

Foi grandiosa a manifestação da cidade de Coimbra aos regimentos da guarnição.

Foi posto em liberdade o pirotecnico Anibal Rodrigues, que na cadeia de Santa Cruz aguardava a data do julgamento como suposto autor do lançamento da bomba á porta da egreja de Santa Justa, na madrugada do dia em que devia saír a procissão da Resurreição.

Fôram *licenseados* o chefe Louro e 12 guardas da corporação policial, por se terem mostrado hostis ao movimento que reimplantou a Republica.

O snr. governador civil chamou para seu secretario o inteligente academico e acerrimo republicano, snr. Gualberto de Melo.

Fôram castigados com dois dias de prisão, nos ultimos dias da *ominosa*, 7 musicos do 23, por estarem á porta do quartel.

Doloroso desastre. — Uma creança de 7 anos, Joaquim Ferrer Simões Tavares, residente na Rua Figueira da Foz, ao tirar de sobre o fogão uma chocolateira de agua a ferver, esta entornou-se-lhe sobre o peito, vivendo dois dias no meio dos mais cruciantes sofrimentos. A seu pae, o snr. tenente-farmaceutico Joaquim Tavares, bem como a sua inconsolavel esposa, o nosso cartão de pezames.

Liceu.—E' de 1 a 8 de junho o praso dos requerimentos dos alunos externos de instrução secundaria.

Penitenciária. — Dos 13 presos que por perfuração duma parede se evadiram dêste presidio, fôram capturados 5.

Regresso.—Chegou de Lisboa o snr. José Pereira da Cruz, solicito e inteligente correspondente do *Primeiro de Janeiro*.

Castilho.

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autôres.

CARTA DA PAMPILHOSA

Pampilhosa do Botão, 26 de Maio de 1915.

Sob a presidencia do engenheiro snr. Ernesto Navarro, ilustre vereador da camara municipal de Lisboa, reuniram no domingo passado nesta localidade as comissões concelhias e Paroquiaes Politicas do Partido Democratico, deste concelho, para elegerem as novas comissões, as quaes ficaram assim constituidas:

COMISSÃO POLITICA CONCELHIA

Efétivos: — Dr. Jaime Vilares, José Duarte de Figueiredo, Guilherme Inacio da Costa Batista, Domingos Rodrigues da Silva, João Ferreira Batista.

Substitutos: — Abel Godinho Lopes Carreira, Antonio Fernandes Seabra, José Iria Pereira de Oliveira, Antonio da Costa Seabra, Manoel Antonio Brêda.

COMISSÃO PAROQUIAL POLITICA DA PAMPILHOSA

Efétivos: — Manoel Rodrigues da Silva, Manoel Lindo, João Mano, João Loureiro, Antonio Gomes de Carvalho.

Substitutos: — Luz Gualberto Teixeira, José Duarte da Cunha, Custodio Francisco Lindo, Francisco Mano, José de Figueiredo.

COMISSÃO PAROQUIAL POLITICA DE BARCOUÇO

Efétivos: — João Lopes d'Abreu, Bazilio Cerdeira Batista, Joaquim Simões Moraes Neves, Antonio dos Santos Batista, Francisco Lopes dos Santos.

Substitutos: — Joaquim Ferreira da Silva, Joaquim da Costa, Augusto Moraes, Abilio Rama, Manoel Moraes.

COMISSÃO PAROQUIAL POLITICA DE VENTOSA DO BAIRRO

Efétivos: — Silverio Batista da Tôrre, Joaquim d'Almeida Carvalho, José d'Almeida Grave Junior, Antonio José Batista, Antonio Ferreira Batista.

Substitutos: — Alfredo Joaquim Tomaz, José d'Almeida Grave, Joaquim Seabra, Alberto Gomes Duarte, Manoel d'Almeida Grave.

COMISSÃO PAROQUIAL POLITICA DA VACARIÇA

Efétivos: — Joaquim Luiz Simões Alves de Melo, Francisco Joaquim Varéla, Egidio Pereira d'Oliveira Azevedo, Vitorino Bastos, Manoel Fernandes Cristina.

Substitutos: — Francisco Lopes de Melo, Bernardino José de Melo, Placido dos Santos, Manoel Simões de Melo, Joaquim Lopes.

COMISSÃO PAROQUIAL POLITICA DE LUSO

Efétivos: — Antonio Fernandes Pimenta, Antonio Mascarenhas d'Almeida, Manoel Maria Ferreira, Manoel de Souza Carvalho, Abel Duarte Pimenta.

Substitutos: — Benjamim Paes Pinto da Silva, Salvador da Silva, Adelino Rodrigues Quintans, José Rodrigues Batista, Antonio Dias d'Oliveira.

COMISSÃO PAROQUIAL POLITICA DE CASAL COMBA

Efétivos: — Manoel Antonio Batista, José Soares Couceiro, Abel Gomes Ramalho, Constantino Rodrigues Costa, Antonio Batista.

Substitutos: — Manoel Duarte das Neves, Avelino Simões, Antonio Couceiro, Joaquim Ribeiro, João Simões Junior.

=== Pedimos ao digno presidente da assembleia geral do *Gremio Instrução e Recreio*, nos diga quando tenciona convocar a reunião dos acionistas para a eleição dos novos corpos gerentes, visto a atual Direção estar funcionando ilegalmente.

=== Está melhor o snr. Joaquim da Cruz, com o que muito folgâmos.

C.

Esteve em Aveiro e Vagos, de visita aos nossos amigos, snrs. Matos Tavares e Levi Ferrão, o nosso querido cooperador e amigo Joaquim Francisco Coca Junior, importante industrial e capitalista do logar do Zambujeiro, da freguezia de Arazêde.

PELO TRIBUNAL

Em policia correcional, respondeu no dia 24 do corrente, Maria Simões, casada, domestica, do Casal de Além (Carapinheira), pelo crime de furto.

Foi condenada em 10 dias de prisão correcional, substituidos por igual tempo a 10 centavos, e mais 10 dias de multa a 10 centavos, custas e selos do processo.

Carta das Alhadas

Alhadas, 27 de maio.

No domingo, 23, pelas sete horas da tarde, chegaram ás Alhadas os vultos mais em destaque do partido republicano português no concelho da Figueira da Foz. A' sua chegada tinham a espera-los muitos correligionarios e a filarmonica Alhadense que tocou o hino nacional e o da Maria da Fonte, até á séde da Sociedade Harmonia e Progresso, onde os aguardava uma enorme multidão. Fez a apresentação o snr. Raul Gaspar de Lemos, que convidou, para presidir a esta reunião politica, o ilustre democrata, snr. dr. Manuel Gaspar de Lemos, secretariado pelos snrs. Antonio Franco e Manuel Bento de Souza. Usaram da palavra os snrs. Marciel Ermitão, Antonio Franco, dr. Manuel Couto e dr. Manuel Gaspar de Lemos. Fizeram a apologia da Republica e inalteceram as qualidades de Afonso Costa e outras intelectualidades do partido democratico, a quem se devem as leis sociais de maior alcance que se teem criado dentro da Republica; pelo que fôram muito ovacionados.

As Republicas, com efeito, são a melhor fórma de governo que se coaduna com o espirito dos povos que atingiram já certo grau de civilisação. Liberdade, Egualdade e Fraternidade são os grandes principios, os sublimes ideais que alentam na melhor esperança a sociedade portuguêsa, sequiosa de democracia. Instruido e educado sem preconceitos, o pensamento humano evolucionando sempre, caminha a passos agigantados para esse regimen ideal de Paz e Amôr, para onde se dirigem os povos.

Viva a Republica!

Antonio Anadio.

A. AMADO & C.ª

AVENIDA SÁ DA BANDEIRA, 75

Telefone 482

COIMBRA

Moveis de madeira, simples e de luxo. Moveis de ferro e colchoaria.

Estofos e decorações.

Grande variedade em mobilias estufadas dos modelos mais recentes.

AS MAIORES INSTALAÇÕES DO CENTRO DO PAIZ

A Guerra da Europa

Porque é que a Grã-Bretanha se acha em guerra.—Causas e seus efeitos

Exposição sumaria da correspondencia diplomatica e discursos ministeriais

(CONTINUAÇÃO)

Nisto Sir Edward Grey, avistou-se com o embaixador Alemão (27 de Julho) e prometeu «que uma vez que a Alemanha trabalhasse para manter a paz eu estaria sempre em contacto imediato. Repeti que depois da resposta Serbia, era em Viena que se devia instar por alguma moderação». No dia seguinte (28 de Julho) a Austria-Hungria declarou guerra á Serbia.

Como se supunha que o governo Alemão tinha aceitado «em principio» a idea da mediação pelas quatro potencias, entre a Austria e Russia propoz-se «que o secretario de estado Alemão sugerisse quaes as linhas em que este principio seria aplicado». O governo Alemão não fez sugestão alguma.

O projeto de Sir Edward Grey tinha ficado de lado temporariamente, pois o governo Russo se oferecera para discutir o assunto diretamente com o governo Austriaco. Esta oferta foi declinada pela Austria (28 de Julho).

A seguir, Sir Edward Grey apelou para o Chanceler Alemão «Se ele poder induzir a Austria a satisfazer a Russia e a abster-se de avançar ao ponto de entrar em colisão com ela, a nossa profunda gratidão a sua Excelencia será unanime por ter salvo a paz da Europa (29 de Julho). O governo Italiano tinha simultaneamente apelado para a Alemanha em identico sentido.

(*Continúa*).

Sir Edward Cook.

AOS AGRICULTORES

Sendo agora época de sementeiras de milho, feijão, abóbora, etc., será conveniente aplicar os bons adubos e purgueira da afamada casa *Varela, Leal & C.ª*, das **Varzeas**, que se encontram **á venda em casa de Manuel Monteiro Godinho**, com deposito no **Casal do Gaio, Arazêde.**

O DEVER

SEMANARIO DEFENSOR DA UNIÃO DA FAMILIA PORTUGUEZA

Assinaturas

(Pagamento adeantado)

Trimestre	0$32
Semestre	0$62
Ano	1$22
Continente e Africa	
Trimestre	0$35
Semestre	0$65
Brazil e Africa Oriental	
Ano	2$00

Numero avulso, $04

Publicações

Comunicados, 0$06 a linha; anuncios, na 1.ª pagina 1 vez, 0$10 a linha; na 2.ª, 0$80; na 3.ª e 4.ª, 0$06. Repetições, metade d'este preço.

Por mais de um mez, preço convencional.

Selo, cada publicação, 0$01.

Os assinantes teem desconto de 25 0|0.

Não se aceitam informações anonimas nem se restituem originaes, quer sejam ou não publicados.

ANUNCIOS

Editos de 30 dias

(2.ª publicação)

NO Juizo de Direito da comarca de Montemór-o-Velho, cartorio do terceiro oficio e no inventario por obito de Manuel Rodrigues Cação e no qual é cabeça de casal a viuva Ana Ramos, de Liceia, correm éditos de trinta dias, a contar da ultima publicação deste anuncio, citando, para todos os termos até final do mesmo inventario, os interessados José Maria Rodrigues Cação, casado e Paulo Rodrigues Cação, solteiro, ambos ausentes em parte incerta no Brazil.

Montemór-o-Velho, 20 de maio de 1915.

Verifiquei a exatidão.

O Juiz de Direito,

Amaral Pereira.

O Escrivão,

José de Paiva Bobéla Mota.

FABRICA DE CAL

Cal fina e grossa, fornece-se em muito boas condições. Preços modicos, sobre o wagon, no caminho de ferro e nos proprios fornos.

Agente de telha tipo marselha e tijolos de todos os formatos, da fabrica Lacerda, Figueiredo & C.ª Limitada, da Pampilhosa.

Pedidos a

Joaquim F. Coca Junior

Zambujeiro—Arazede

Portugal Previdente

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima — Responsabilidade Limitada

Capital **UM MILHÃO** de Escudos

SÉDE — RUA DO ALECRIM, 10 — LISBOA

N.º Telef.—1849 End. Teleg.—VIDA

Seguros contra incendios de predios, fabricas, etc.
Seguros de estabelecimentos e mobiliarios.
Seguros agricolas de ceáras, eiras, palhas, arvoredos, etc.
Seguros de maquinas e utensilios de lavoura.
Seguros contra incendio proveniente de gréves e tumultos.
Seguros de transportes maritimos e postaes.
Seguros contra roubo de habitações e estabelecimentos.
Seguros contra fraude de empregados.
Seguros contra a quebra de cristais.
Seguros de vida, pensões, dotes e reformas.
Seguros contra acidente de trabalho.

Agencias em todas as terras importantes do paiz, ilhas e colonias.

Sucursal no PORTO — Rua Passos Manoel, 21.

BANQUEIROS—**Borges & Irmão**—Porto e Lisboa

Arrematação

(2.ª publicação)

NO dia 13 de Junho proximo, por 11 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, vai á praça, para ser vendida pelo maior lanço oferecido, acima do preço abaixo mencionado, o seguinte predio penhorado na execução que D. Maria de Nazareth Ferreira Mósca, move, na comarca de Coimbra, contra Joaquim Gomes de Matos e mulher, das Means de Cima, a saber:

Quinze aguilhadas (ou 8100m²) de terra de semeadura com uma casa de habitação, currais e eira de cal, oliveiras e mais arvores de fruto, no lugar do Alqueve, freguezia das Means, que confronta pelo norte com José da Queda, do sul com Antonio Correia de Souza e caminho publico e do nascente e poente com caminho publico, vai á praça por novecentos escudos (900$00).

Para constar se passou o presente pelo qual são citados quaesquer interessados incertos.

Montemór-o-Velho, 20 de maio de 1915.

Verifiquei a exatidão.

O Juiz de Direito,

Amaral Pereira.

O Escrivão,

José de Paiva Bobéla Mota.

Arrematação

(1.ª publicação)

PELO Juizo de Direito da comarca de Montemór-o-Velho, no dia 13 de Junho do corrente ano, pelas 11 horas, á porta do Tribunal Judicial da mesma comarca, se hão-de arrematar em hasta publica e pelo maior lanço oferecido sobre o valor da avaliação, os seguintes predios penhorados na execução hipotecaria que a Confraria do Santissimo Sacramento da Sé Catedral de Coimbra, promove contra Elisio Marinheiro Alves, mulher Maria de Oliveira Bento, e fiadora e principal fiadora Maria Alves Ribeiro, todos de Reveles:

Um predio que se compõe de terra de semeadura com arvores de fruto, no sitio da Cova do Marques, monte e freguezia de Reveles, avaliado em quarenta escudos.

Um predio que se compõe de terra de semeadura com oliveiras e arvores de fruto, no sitio da Sipa, monte e freguezia de Reveles, avaliada em 50$00.

Uma casa de habitação com seus logradoiros, situada em Reveles, avaliada em 40$00.

Uma terra de semeadura com oliveiras, no sitio das Chãs, monte e freguezia de Reveles, avaliada em 85$00.

A contribuição de registo é paga por inteiro á custa do arrematante.

Pelo presente são citados para a praça quaisquer credores incertos.

Montemór-o-Velho, 20 de Maio de 1915.

O escrivão,

João Pais da Cunha Mamede.

Verifiquei a exatidão.

O Juiz de Direito,

Amaral Pereira.

AGUA DE LUSO -- Cura pela Diurése

(ESTABELECIMENTO TERMAL E HOTEIS ABERTOS TODO O ANO)

A mais diurética e mais digestiva. Aumenta a diurése, regularisa as funções digestivas e ativa os fenómenos nutritivo

Muito radioativa—4,49 miligramas—minutos
Muito ionisada, resistividade a 18° 18300 ohms
Muito rica em gazes raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotonica, ponto criospico 0°,04

} Conclusões da analise feita pelos distintos professores Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitissimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tifico

USO EXTERNO—Molestias de pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc,), reumatismo e gôta.
USO INTERNO—Artritismo, impaludismo, neurastenia—Albuminuria, diabetes—Intestinos, estomago—Rins—Bexiga.

Depositos -- **LISBOA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros, 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 428. FUNCHAL, José Quirino de Castro, rua dos Murças. AFRICA ORIENTAL: Oswald Offmann. BEIRA: F. L. Simões & C.ª. LOANDA: Beltrão, Pena & C.ª**, e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositarios nas terras onde ainda os não haja.

Seguros de Searas, eiras, palhas, fenos e pastagens
Seguros de acidentes de trabalho nos serviços agricolas

Unica Companhia autorisada a reunir os 2 riscos em uma só apolice.

A Mundial é a Companhia que tem contracto para Seguros Agricolas com a importante Associação Central da Agricultura Portugueza e a maioria dos Syndicatos Agricolas do Paiz.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS
Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada
Capital — Esc., 500:000$
(500 contos)

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmão
Praça da Liberdade, 138 — Telefone 1459

ENDEREÇO TELEGRAPHICO—**MUNDIAL**

Agentes em todas as localidades do paiz ilhas e colonias

Livraria e Tabacaria Cunha

Livraria Moderna e Tabacaria Augusto Henriques (reunidas)
Alberto Gonçalves Cunha
150, Rua Ferreira Borges—COIMBRA
TELEFONE N.º 293

LOTARIAS—Bilhetes, suas fracções e cautelas. Variada série de numeros certos.—Premios frequentes.
TABACOS—Nacionais e estrangeiros. As melhores marcas de cigarros e charutos.—Todos os artigos para fumadores.
POSTAIS ILUSTRADOS—Sempre as ultimas novidades em todos os generos.—Bilhetes de visita, impressão rapida.
PAPELARIA—Finissimos papeis de carta em caixas aos cadernos.—Objectos para escritorio e desenho.
LIVRARIA—Nacional e estrangeira, Revistas, Pu licações.—Figurinos.—Musicas.

Livros usados, antigos ou modernos, em qualquer estado, em grandes ou pequenas quantidades, compra em qualquer parte.

Passagens para o Brazil e Africa

José de Almeida

Negociante nas Pontes de Cadima, concelho de Cantanhede, e correspondente de todas as Companhias de navegação

Faz constar que vende passagens para todos os portos do BRAZIL, AFRICA, etc., a preços reduzidos, para o que está legalmente habilitado.

A sua vida de seriedade e honestidade são garantia segura para que os que desejam comprar passagens o procurem de preferencia a qualquer outro.

Guilherme dos Santos Pinto & Irmão

COM

OFICINA DE CANTEIRO

Encarregam-se de jazigos de toda a especie e todo o serviço concernente á sua arte.

Tambem executam todos os trabalhos que digam respeito a *Plantas, Alçados, Copias, Projectos e orçamentos de edificios, edificações, etc.*

Montemór-o-Velho=Verride

Restaurante Ferro-viario
ALFARELOS

ESTE bufete, um dos que melhor servem o publico que transita nos comboios, acha-se situado na estação do caminho de ferro de Alfarelos. Fornece almoços, jantares e *lunchs* e toda a qualidade de refeições, por preços comodos. Tudo se encontra com esmero e perfeição.
Fornece comida para fóra, e presta se a servir em casamentos, batisados, etc., desde que seja prevenido com antecipação.

O proprietario, **Artur de Oliveira Coelho.**

Companhia de Seguros
A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz
Antonio d'Oliveira Guerra
RUA DA REPUBLICA, 84

JOSÉ MARQUES

CANTEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes á sua arte, assim como capelas, mausoleos, cantarias, etc.

PORTUGAL

Correio de Cadima—Vila Nova d'Outil

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legitimos acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de fórma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamavel, isca em cordão vendida fraudulentamente a titulo de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva acção civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa ao Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando-se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalisação para procederem ás necessarias diligencias. Dirigir-se pessoalmente ou por carta á Companhia Portuguêsa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS
MELO & MARTINS
PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada
PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiencia dos nossos adubos, devido ao seu magnifico resultado os adoptarão de preferencia a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro
PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex.mos passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.
Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA

Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.
PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações
Deposito das afamadas aguas de Luso.

Casa Funeraria
DE
ADELINO FARIA

Rua das Flores
FIGUEIRA DA FOZ

Encarrega-se de todos os funerais, podendo ser chamado a qualquer hora da noite.

Preços resumidos, a ponto de ninguem poder competir, tanto em corôas como em todos os pertences respeitantes ao seu negocio. Tem especialidade em urnas de mògno.

A FUNERARIA EM PEDRA
— DE —
FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem deposito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se tambem de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fóra de Coimbra

Biblioteca da Universidade Coimbra

Ano 4.º — Montemór-o-Velho, 6 de Junho de 1915 — N.º 172

DIRECTOR, PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR
Almeida Junior

SECRETARIO DA REDACÇÃO E EDITOR
Abel M. de Melo Brandão

REDACTOR PRINCIPAL
Mário Augusto Mota

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguêsa

Pátria e Humanidade

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Dr. José Galvão
MONTEMOR-O-VELHO

DIRECÇÃO:—COIMBRA
(para onde deve ir a correspondencia)

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. Silva (a vapor)—AVEIRO

Crónica de Lisbôa

Num rincão ubérrimo dum país de sônho, onde o céu azul era incomparavel, onde uma manhã de primavéra valia um tesouro, nascéra ha anos, ha muitos anos, uma inteligencia grandiosa uma honestidade sã. Prematuras aspirações dum porvir de Justiça se lhe fixaram, idéas nobres se lhe vincularam, fecundando os almêjos rutilantes da libertação dum Pôvo. No progredimento dessa obra, a que se aconchegavam prosélitos, quanto sônho acariciado, quanto vigor dispendido, quanta fé, quanta esperança, quanto amôr!

Anos passaram. A geração nova bebeu na sua fé e no seu ideal. Os caudilhos multiplicaram-se arrastados pela ardencia da sua palavra, pelas nobres aspirações de liberdade para um pôvo que, escravisado, amparava castas e sofria nobrezas de sangue. Levantou uma nobre aspiração, fez-se éco dos escravos de gleba e sugestionou-os com o seu verbo inflamado e divino, obrigando-os a pensar e a reagir. A Liberdade, a Justiça! Que realidade era essa, que só o sonhal-a dulcificava a vida e consolava os que não tinham esperança?! Como tornar um ideal, que se afigurava a mais ampla e mais nobre aspiração, numa realidade concreta, palpavel, que preenchesse bem o doce almejar que se sentia e que se não explicava?

No entanto a catequese continuava, com uma ardencia que surpreendia, com um amôr que enobrecia. A figura pálida dessa inteligencia clara que nascêra no poetico rincão de um país ignorado, de sônho e luz, continuava *magister*, elevada, magestática, soléne, fecundando os espiritos no ideal, julgado de redenção, sem um ápice de desfalecimento, sem um minuto de menor ardencia, sem o vislumbre ténue do desânimo, sem um raio dúbio de desesperança.

O ideal, como todos os ideais nobres, fecundou pouco a pouco, desenvolveu-se, calou nas almas nobres a sua nobreza, argamassou altares, dilatou corações e convocou ao sacrificio. E numa manhã de luz até para as almas que viviam no negrume da indiferença, um raio estalou, o raio da cólera popular, a justiça soléne da ira represada, e a bandeira dêsse ideal novo, que a inteligencia lúcida, sã e honesta, nascida num rincão ubérrimo, com tanto amôr e com tanto carinho almejava converter em realidade, foi hasteada com solénidade e comoção, entre beijos e lagrimas, entre canticos de vitória e chóros de alegria, no meio de júbilo e no meio de sangue.

Os novos prosélitos tomaram os primeiros lugares como herois e como administradôres, e deixariam apagada, e esquecida, a inteligencia honrada e sã, a evangelisadôra nobre e altiva, se um ápice de justiça não afastasse as ambições perturbadôras que se desenvolveram celeres, e apontasse, num gesto que se devia nela concretisar, o ideal.

Os ingratos pulularam, mas as tricas politicas puzeram-nos num acôrdo tácito e então colocaram no seu lugar a grande e percursôra encarnação dum ideal.

* * *

Pairava sôbre êsse país de sônho a nuvem da Descrença, passado tempo. A desconfiança maculou profundamente os espiritos novos.

Os que tinham consumido anos e energia retraíram-se pezarosos. As lutas morais desencadearam-se tremendas, batendo o *record* do insulto e da suspeita, e a alma popular tremeu afrontada e colérica.

A inteligencia nobre agitou-se, o simbolo augusto contristou-se e repetiu novamente a tése de uma oração saudosa que proferira solénemente, num dia jámais esquecido:

Ha um outro tesouro, acima de todos precioso:—é o pôvo... E' êsse tutelado de seculos, que está completamente desvalido, sem luz da justiça moderna. E' necessario acalentar aquelas almas, enriquecer e arrotear aquêles corações, perdidos para a Verdade, para a Justiça e para o Amôr.

Mas o pôvo não o ouviu, tinham-no envenenado as paixões ardentes. A demagogia imperava. Os que podiam guial-o, ou se tinham divorciado do bom senso ou encostado á barreira da indiferença.

E, velada pela sugestão de palavrões esbrazeados e quentes e pela desorientação injustificavel para que a tinham atirado, confundida, desiludida quasi, a massa anónima e generosa bateu-se novamente, foi heroica segunda vez, reclamou justiça num novo pleito de sangue que ela propria confessava ser desnecessario se o critério, a orientação, o acôrdo mútuo e o esforço em tornar mais belo ainda êsse país de sônho e de luz onde o céu azul era incomparavel, onde uma manhã de primavéra valia um tesouro, fosse um facto.

E o pôvo venceu, a Justiça triunfou; mas, ainda, tôrvo e confuso de sangue e de polvora, êle encarou de má sombra o simbolo augusto que lhe tinham ensinado a venerar, mas que a embriaguez da luta e da chicana fazia olhar irreligiosamente, e murmurou, esquecendo as suas caus e a sua acção:

— Derrube-se!

E derrubou-se. A satisfação vincou-se, a vida dos subjugados continuou numa normalidade anterior. O simbolo destronado sorriu; a inteligencia que tinha dado o seu esforço, e com êle quasi a sua vida, sorriu aos que lhe manifestaram desconfiança; sorriu filosóficamente, castamente, e rejubilou, porque, da furia irreprimivel a que tinham impelido aquele admiravel povo, esperava um grito mil vezes mais injusto, mil vezes mais criminoso:

—Traíu-nos!

D. L.

Dr. Roberto d'Azevedo Canelas

A esta redação veio apresentar as suas despedidas o snr. dr. Roberto d'Azevedo Canelas, ex-administrador dêste concelho.

Sua ex.ª, ao despedir-se de nós, agradeceu a fórma leal como sempre aqui o tratamos, e pediu que, por intermedio do nosso jornal, tornassemos publico o seu reconhecimento para com todo o povo désta vila.

Assim o cumprimos, e desejamos a sua ex.ª as felicidades de que é digno.

Horas d'insónia

O PASSADO

Eu não sei se o leitor vive um pouco do passado. Se se sente satisfeito relembrando paginas da sua vida, aqueles momentos que fugiram com o tempo, mas que estão profundamente agarrados á sua alma, poderá avaliar quanta satisfação nos causou, um dia destes, um encontro inesperado, que nos recordou os melhores momentos decorridos.

Era ao entardecer. O Mondego, murmurante e lacrimoso, seguia com desdem a sua rota em direção ao mar. O pó da rua, em nuvens inquietantes e encomodativas, semeava o virus da podridão. Morenas anciosas passam, acaloradas, desenvoltas a caminho dos afazeres.

Sósinho, lendo Forjaz de Sampaio, fui surpreendido por pessoa amiga. Num relancear d'olhos vi tudo: Os meus vinte anos despretenciosos; o sofrimento atrós que a indecisão causava; horas d'amargura e sonho, ilusões pairando, num sobresalto, por sobre a minha alma aflita! Noites de luar, viagens longas e tormentosas, sofrimentos sem fim. O luar da vida muito agitado, nada contemplativo, nada acariciador.

Eu não sei se o leitor vive um pouco do passado. Se vive, por certo avaliará quanta saudade, mas quanta satisfação me podia ter causado um encontro assim. 8 anos passam ligeiramente, desapercebidamente. E, durante 8 anos, meus amigos, quantos horrores, quantas lagrimas, quantos desenganos!

Filosóficamenle encarada, a existencia não póde ser mais do que um pezadelo constante.

Vive se, sem se saber que se vive. Morre-se, encarando o fim da vida como uma necessidade imperiosa, de inadiavel satisfação, de satisfação absoluta. E, sósinho, lendo Forjaz de Sampaio que eu admiro, fui surpreendido por pessoa amiga. Já lá vão anos e anos, e nunca mais me pude esquecer. Sofriam todos! O mar sorria ao longe, em madrugadas de agosto, e cá fóra, na cidade, a podridão dos homens exibia-se ganguerosa e impertinente. Tudo passou. A saudade... essa restará sempre...

ALMEIDA JUNIOR.

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autôres.

Cruz Vermelha

O correspondente desta vila para a *Gazeta de Coimbra*, concluia assim, ha dias, a narrativa da festa a que o *Dever* aludiu:

O pessoal, que é constituido por pessoas que vivem do produto do seu parco trabalho, é que paga as suas quotas, tendo apenas um só socio bemfeitor da vila, e então de Arazede!!

Algumas senhoras, mas poucas, déram pano para ligaduras.

A Camara é que concedeu, por uma só vês, um subsidio de 10$00.

O digno paroco de Arazêde, auxiliado pela filarmonica daquela localidade, promoveu uma *quête* em beneficio da Cruz Vermelha e a pedido do presidente da direcção, que rendeu 13$40.

E' digno de todo o elogio este rasgo de generosidade, á frente do qual os padres dévem estar em primeiro logar.

A falta de apoio moral e auxilio material dos montemorenses tem causado surpreza, mas a orientação da Cruz Vermelha nesta vila é não molestar, o seu silencio consiste a mais levantada resposta aos indiferentes e pouco bem intencionados; aceita com humildade os sorrisos de ironia, e com gratidão todo o auxilio que lhe fôr dispensado, e salvo condições especiais, a verdadeira caridade só tem valor quando exercida com espontaneidade.

Ha dias, lembrando a alguem que recorresse á protecção dos que *podem*, obtivemos como resposta:

— Para quê? Pediamos; a resposta seria que tinham muitas despêzas, e uns com este argumento nada davam, outros, se déssem seria por um bocado de vergonha e falta de coragem para pronunciarem o *não!* Poucos seriam os espontaneos; todos sabem da existencia da instituição, dos seus fins e a quem se poderiam dirigir para a auxiliar; se o não fazem é porque não querem; aqueles que atualmente contribuem, são os do quadro de ambulancia, que alem dos seus serviços dão a mensalidade de $20; e com sacrificio, sem outro lucro que não seja o desejo de serem uteis á humanidade, e possuirem na sua terra uma coisa que os honra, e nem todas possuem ainda; se a nossa instituição fosse uma colectividade politica, uma casa onde se discutisse a vida de cada um, ou onde se jogasse, etc.... talvês fosse bem vista. Faço votos para que todos se convençam do que é a Cruz Vermelha, para a auxiliarem, cujo auxilio lhe póde ser dado por varias fórmas, vendo-a como uma instituição que ámanhã lhes póde prestar grandes serviços.

Escutámos com pesar a resposta, e oxalá ainda possamos vê-la em parte destruida.

Sentimos com mágua que os montemorenses não auxiliem tão benemerita instituição. E se é verdade o que diz o nosso colega da *Gazeta*, podemos concluir que a iniciativa particular tambem por cá é muito deficiente. Póde ser, comtudo que, com o tempo, as coisas mudem de figura, sem ser necessario tão mau humor nem tamanha ironia.

O chefe da delegação da Cruz Vermelha é um rapaz inteligente e portanto póde inferir-se que seja ponderado e *calculista*. Nem tanto desanimo, que desanima os outros.

Disseram-nos que a importancia vinda de Arazede, foi aplicada em vestuario para os socios. Não acreditamos, pois o bando precatorio destinou-se a outro fim. Entretanto esperamos ver desmentido, publicamente, o boato, porque temos pelo dirigente da delegação uma estima bem merecida.

Tenente Oscar Torres

Foi reintegrado no exercito e nomeado ajudante de campo do snr. ministro da guerra, o tenente de cavalaria snr. Oscar Monteiro Torres, o bravo oficial que, num gesto de patriotismo muito louvavel, abandonou o exercito como protesto contra a ditadura falida.

Depois de se ter oferecido para servir como simples soldado nos exercitos de Inglaterra e Belgica, onde os regulamentos militares lhe vedaram o ingresso, voltou á sua patria muito amada e já liberta do pesadelo esmagador que por alguns mezes a afligiu. Aplaudimos com entusiasmo o nobre gesto do governo portuguez.

Pela Africa

O snr. ministro das colonias recebeu ha dias o seguinte telegrama do governador geral de Angola:

A missão estabelecida em Chipelongo, vendo-se ameaçada dum ataque pelos indigenas, pediu urgente auxilio ás nossas forças militares estacionadas em Chicusse.

Partiu em seguida para o local, uma força de marinha sob o comando do tenente da armada, snr. Afonso de Cerqueira, e uma companhia de landins comandada pelo tenente de infantaria, Ataide.

Depois de um aturado fogo que durou cerca de duas horas, as duas forças que se portaram valentemente, repeliram o inimigo causando-lhe numerosissimas baixas e queimando a libata do sóba a quem apreenderam grande quantidade de gado.

Felizmente as nossas forças não tiveram ferimentos importantes nem baixas.

EXAMES

Feita a consulta aos professores da Universidade que desejam presidir aos exames de instrução secundaria, responderam afirmativamente os seguintes:

Para os exames no liceu de Coimbra, os snrs. drs. Tamagnini da Encarnação, Costa Lobo, Luiz da Costa e Almeida, Bernardo Aires e Alves dos Santos.

Para o liceu de Vila Real ou Chaves o snr. dr. Bernardo Madureira.

Para Braga, Aveiro, Leiria ou Castelo Branco, o snr. dr. Silva Ramos.

O FUTURO

E' o titulo dum semanario que reapareceu em Louzã, e que se propõe defender a política democratica.

Agradecemos a visita e vamos permutar.

A seguir transcrevemos uma brilhante cronica do brilhante escritor Julio Dantas, por acharmos muito interessante a sua divulgação no nosso concelho, a que a narrativa respeita tambem.

Saboreiem os nossos leitores.

DON JUAN

Portugal tambem teve o seu D. Juan.

Chamava-se Rui Mendes d'Abreu, blasonava de cinco azas de oiro, cortadas de sangue, sobre campo de goles, e era, como Juan de Marana, um conquistador sinistro e um fidalguissimo canalha. A sua devassidão e a sua espada espalharam o terror por todas as vilas e lugares da ouvidoria de Montemór e da correição de Coimbra. Violou, assassinou, incendiou, roubou. A virgindade e o pudor foram brinquedos sangrentos nas suas mãos. Ultrajou a velhice, poluiu a inocencia, desonrou a virtude. A abadessa de Nossa Senhora dos Campos, em o presentindo, aferrolhava todas as portas do mosteiro. Em Cantanhede, ao nome de Rui Mendes, as mulheres tremiam e enterravam-se as pratas. Quando, finalmente, meirinhos e quadrilheiros o prenderam no lugar de Carapinheira, atirou por cima de um muro, para um souto de carvalhos, a espada que o acompanhara toda a vida. Ha quem conserve ainda essa espada, com a sua tijela, gasta e mordida da ferrugem, as suas guardas e contra-guardas hespanholas, a sua enorme lamina onde se lê, dum lado —*Alonzo de Sahabon, Toledo*, do outro—*Dios y mi honor*. Condenado a morrer na forca, Rui Mendes, que vivera sem honra e sem Deus, foi degolado, por fidalgo, na madrugada de 6 de novembro de 1679.

Da sentença dada contra Rui Mendes de Abreu, existe um traslado no codice 1161 da Torre do Tombo. Li-a, ha seis anos, por acaso; extratei-a; meti os verbetes entre as folhas do *Convidado de piedra*, de Tirso de Molina. Era uma figura a pôr de pé. Era uma versão portugueza do D. Juan Tenorio. Pertencia á estirpe de nobilissimos facinoras que deu, em 1660, o senhor do Paul de Boquilobo. Interessou-me. Vi o homem atravez do processo. Ignobil como um salteador de estrada; orgulhoso como um grande de Hespanha; enfojado, como uma fera, na sua casa solarenga de Ancião, hirsuta de cunhais d'armas e apojada de clavinas e de arcabuzes. Familia? Não a tinha. Amigos? Não podia tel-os, quem nunca sorvera o leite da ternura humana. Só malfeitores da terra, acolhidos ao seu caldo e ás suas patacas de prata. Uma espada de ferro, um chapeu d'abalroar, tres costelas d'oiro, um rosario atado no punho, — Deus na boca, o diabo na alma. Os seus crimes são a sua pintura. Todo o processo ressuma sangue.

Um dia, pela estrada de Anciães, caminhava uma liteira, ao sol, no passinho choutão dos machos, levando uma rapariga de 18 anos e o pai, um velho. Rui Mendes cai sobre o liteireiro, despeja-lhe uma pistola nos miolos, atravessa o velho com a espada, leva a moça, violenta-a, tem-na uma noite a dormir no seu leito, e, de manhã, atira-a núa para a estrada, ao desamparo. Outro dia, cubiça uma viuva moça e rica do lugar do Canassal, Francisca Gaspar; promete-lhe casamento; e, como não é atendido, espera a noite, assalta a casa, assassina os creados, amordaça a mulher, possue-a pela violencia, rouba-lhe dois relicarios de diamantes, e deixa-a, desmaiada ao pé dos cadaveres. Mais tarde, encontrando Silvestre Pires, pede-lhe a filha para comborça; o homem quer repelir a afronta; Rui Mendes agarra um arcabuz e vareja-o. Dias depois, faz o mesmo pedido á mulher de Antonio Ruiz, reclamando-lhe uma filha; os pais acedem, a tremer de mêdo; e como a rapariga se recusa a entrar na casa de Ancião, o fidalgo procura-a, dá com ela ao pé duns sovereiros, amordaça-a, estupra-a, amarra-a a um tronco e, a cantar, retalha-lhe as costas com um vergalho de boi. Uma noite, uns homens, na companhia duma irmã, moça bonita, vão pousar a Tentugal á estalagem de Maria Simões; Rui Mendes apetece a mulher; oferece-lhe, para a levar comsigo, uma pataca de prata do Peru; os irmãos saltam, acodem; o primeiro fica na espada do fidalgo; o segundo cai, com dois quartos de arcabuz no peito,—a moça é ultrajada, nos catres da propria estalagem, sem lhe valer fôlego vivo. Afinal, inesperadamente, Rui Mendes de Abreu é preso por querer roubar a prata que um mochila traz num alforge. Resiste; mata um meirinho a tiro; evade-se; quer escalar de noite o mosteiro de Santa Clara. No lugar de Carapinheira fortifica-se, recolhe criminosos, insulta a justiça, fuzila quadrilheiros e povo. A casa é assaltada; agarram-no em sangue; a espada voa-lhe por cima de um muro; a féra chora e entrega-se. Quando lhe lêem a sentença, Rui Mendes, pálido, ramalhante de rosarios e de cruzes, balbucia, numa voz apagada:

— Quero comungar.

Tres dias depois, a cabeça rola-lhe, numa posta de sangue.

Julio Dantas.

Eleições

Foram adiadas para o proximo domingo, 13, as eleições gerais de deputados e senadores.

As suas principais disposições são estas: — Quanto a circulos, a divisão do projecto do snr. dr. José de Castro, já conhecido. Considera válidos os recenseamentos mandados fazer pelo governo da ditadura. Dá o direito de voto a todos os militares inscritos no recensamento. Os militares que se apresentem como candidatos a deputados não necessitam de requerer autorisação. A apresentação de candidatnras será feita perante o juiz de direito na séde do circulo (ou do distrito, tratando-se de senadores).

Em Lisboa e Porto, a apresentação será feita perante o juiz da 1.ª vara civel. As atribuições que pertenciam aos presidenies das camaras municipais serão exercidas pelos juizes de direito, sendo o expediente das actas e anuncios dos candidatos feitos pelo escrivão que estiver de serviço. O praso para a apresentação de candidaturas termina seis dias antes da eleição, podendo fazer-se a substituição de qualquer dos candidatos três dias depois da apresentação referida.

As declarações dos candidatos serão acompanhadas por uma proposta assinada por 25 eleitores, cuja assinatura será reconhecida pelo notario.

A apresentação das listas, delegados eleitorais e membros das mesas e os respectivos suplentes, será feita nas secretarias d:s administrações de concelhos ou bairros, passando a ser exercidas pelos administradores as funções atribuidas aos presidentes das camaras.

A votação far-se-á por lista incompleta, por modo que nos circulos que elegem 3, 4 ou 8 deputados, cada eleitor não vota em mais de 2, 3 ou 6 nomes respectivamente.

Nas eleições dos senadores, estes são três por cada distrito, sendo um da minoria, como dispõe a Constituição.

Para o preenchimento das vagas que ocorrerem na Camara dos Deputados ou Senado, o governo, dentro de 10 dias desde que elas se verifiquem, e com a antecedencia de quarenta, convocará os colegios eleitorais da respectiva circunscrição.

O sorteio dos presidentes das mesas será feito no dia 2 de junho, em audiencia publica, com a assistencia do presidente da Camara Municipal e um representante da autoridade civil. Nas mesas haverá dois escrutinadores para a lista dos deputados e outros dois para a lista dos senadores. Os eleitores apresentarão em primeiro lugar a lista de deputados.

Estiveram nesta vila, na quarta-feira, os nossos estimados amigos de Arazêde, snrs. dr. João Constantino, meretissimo notario e Alfredo Serrão, considerado farmaceutico e ajudante do oficial do registo civil.

Falecimentos

Aos estragos de uma lesão cardiaca que ha anos lhe vinha minando a existencia, faleceu no dia 30 do passado mez de maio, a snr.ª Maria Alves da Graça, viuva, desta vila.

A sua morte foi muito sentida, porquanto a extinta era dotada de belos sentimentos moraes. A sua casa era frequentes vezes albergue de desprotegidos da sorte, que ela sempre auxiliava, já pelas esmolas que fazia, como pelos serviços que, em muitas ocasiões, sem necessitar, mandava fazer nas suas propriedades, minorando assim a angustiosa situação de muitos infelizes que, em ocasiões de crises de trabalho, a ela se dirigiam.

——Tambem em Verride se finou na quinta-feira o snr. Manuel Batista Rolo, sogro do nosso presado assinante, anunciante e amigo, snr. Guilherme dos Santos Pinto, do mesmo lugar.

O falecido era muito estimado em todo o concelho, porque possuia uma alma generosa, sendo ao mesmo tempo um belo cidadão.

A' familia enlutada, e especialmente ao snr. Santos Pinto, enviamos a expressão do nosso profundo sentimento.

D. Beatriz Néto

Após uma melindrosa operação a que teve a infelicidade de sujeitar-se, faleceu no hospital da Universidade de Coimbra, a snr.ª D. Beatriz Dias Ferreira Neto, bondosa esposa do snr. dr. Francisco dos Santos Neto, inteligente notario nesta vila.

O passamento da infeliz senhora foi aqui profundamente sentido, já pela nobreza de caráter e extrema bondade de que era dotada, como pelo inesperado insucesso, que tão cedo a roubou ao convivio das pessoas que lhe eram caras.

O funeral, que se realisou na quarta-feira, de Coimbra para o cemiterio de Almalaguez, foi uma prova bem eloquente de quanto a ilustre falecida era estimada. Désta vila fôram assistir ao prestito muitas pessoas, dentre elas os snrs. Fernando Barboza, dr. Raposo, Mario Mota, etc.

O *Dever* fez-se representar pelo seu corpo redatorial e secretario Abel Brandão.

Enviamos sentidas condolencias á ilustre familia em luto.

Secção de Variedades

O saco das nozes

O abade duma freguezia costumava fazer a sua pratica aos domingos, e repreendia os costumes do povo, conforme lhe dava geito. De uma vez disse: eu sei que cá na freguezia anda o costume de obedecerem os homens ás mulheres, o que é contra os preceitos da escritura, e como diz o outro, vivem como em casa de Gonçalo, onde póde mais a galinha do que o galo. Ora tive, este ano, muitas nozes no paçal, e aqui declaro que dou um saco cheio délas ao homem que me mostrar que não anda ao dedo da mulher. Depois da missa, quem se achar em sua consciencia, sem este mau costume, póde ir ao paçal buscar as nozes.

Estava na egreja um homem casado, que era muito ralhão, e que tratava a mulher de mau modo, e em casa ninguem abria bico diante dêle; disse para um que estava á sua beira: nozes já eu tenho, e é que ninguem mas tira.

Chegado o fim da missa, apresentou-se em casa do abade: aqui estou, snr. abade. Não ha ninguem ai pela freguezia que seja capaz de dizer que a minha casa é como a de Gonçalo.

Eu bem sei o teu viver. E pelo que me teem dito, levas as nozes. Anda cá, vem encher o saco.

O homem entrou e puxou de um saco meão; e diz-lhe o abade: ó homem, tu não tinhas lá outro saco maior?

Tinha, sim, senhor; mas a minha companheira disse-me que era vergonha trazer um saco grande, e eu trouxe este maneirinho!

Ah, grande tratante; põe-te já no olho da rua, que não levas nem uma noz!

O homem foi-se arrepelando por lhe fugir a boca para a verdade.

As cartas duma infeliz

Minha amiga:

Eu devia responder-te no domingo passado. Mas não pude. Fui á missa do dia e vim de lá encomodada. Toda a tarde absorvida, só pensava na minha mãe, que está doente ha muito tempo.

Vieste, em vês de Leopoldo, dizer coisas a esta infeliz!

Leopoldo é um rapaz com quem converso ha mais dum ano.

Criatura insinuante e inteligente, aliando a estas qualidades muitas outras qualidades muito raras hoje em dia, por isso que muito apreciaveis.

Bondoso e delicado, mas irrequieto como todos os livres pensadores, ele nunca me molestou. Estamos em desacordo manifesto. A minha crença é bem antagonica da dêle, que tem um credo diferente daquele que me alimenta o espirito e me torna, ás veses, feliz, ao menos passageiramente.

Já tu, minha amiga, a despeito de pertenceres ao meu sexo, vês as coisas por outro prisma.

Chamas, por exemplo, a alguns periodos das minhas cartas, *simplesmente irrisorios*!

De certo não pezaste bem a significação da palavra *irrisorios*, para a aplicares a uma desconhecida, de mais a mais no meio de toda a tua ternura e de toda a tua natural delicadeza.

Mas eu perdôo. Fui sempre assim, dada á paz abençoada que tonifica as almas feitas de pureza e engastadas de brilhantes de isenção.

Sim; a Natureza encanta-me, a Natureza é a minha mãe espiritual e bem amada. Vivo com Ela, com Ela choro, já que, por desgraça, com Ela não posso rir, porque a Natureza não me fadou senão para sofrer e amar com carinhoso disvelo. Os seus hinos de vitoria inundam-me a alma de luz.

Sim, cara *Hitónumo*; o céu encanta-me. O céu tem para mim os mesmos reverberos, as mesmas cintilações de poesia, de doçnra e enlevamento que tem para ti e para os sonhadores as constelações amoraveis do lindo céu oriental.

E' a mesma coisa. Ha, porém, uma diferença: A ti seduz-te o céu azulino das montanhas e dos mares; a mim prende-me o céu querido do meu jardim, o céu inegualavel que eu avisto aqui assim, triste e doentia, através dos vidros rubros dêstes claustros sombrios e silenciosos. Sinto assim mais intimamente os seus doces encantos, a sua amenidade consoladora e atraente.

Quando eu sonho, d'alma aflita e olhares parados, na minha mente desenha-se bem toda a podridão desta sociedade, da qual eu persistirei, através de tudo, em viver muito afastada.

Tu, que és nova e és inteligente, sentimental e bôa, has-de um dia ser assim. Basta-te, minha amiga, o seres mulher. A Dôr, a grande Dôr nasceu comtigo. Comtigo veio ao mundo o Sofrimento, a abnegação, a sensibilidade. E um dia, se chegares a ser uma mãe, como já és uma educadora exemplar e dedicada, verás. Verás quem tem razão. Não te iludas, minha amiga.

E' certo que não é a experiencia da vida pratica que assim me faz falar; mas a indiferença que sinto por tudo o que me rodeia, por saber o mundo contaminado de hipocrisia, por ver a Mentira tomar logar pomposo á mesa dos ingenuos e dos maus, faz-me assim falar.

Adeus. O Leopoldo não se zanga por lhe não escrever hoje a ele. Mas as dividas... Tua,

Iréne.

CARTA DA PAMPILHOSA

Pampilhosa do Botão, 2 de junho.

O tempo, que tão mal ia correndo para a agricultura, melhorou um pouco, estando os lavradores, por este motivo, mais animados, pois viam as futuras colheitas comprometidas, principalmente a do vinho e azeite, a primeira fonte de riqueza désta região, onde o *mildio* se estava desenvolvendo duma maneira assustadôra.

==Um grupo de rapazes pertencentes á extinta Tuna Recreativa, anda reunindo elementos para a sua reorganisação, com o que muito folgámos, porquanto, tendo nós sido dos que mais concorreram para a sua primitiva organisação e dos que mais vida lhe démos, fômos tambem nós os que mais sentimos o ter ela acabado, para o que não houve motivo justificado, pois não lhe faltavam recursos de especie alguma. Oxalá consigam o seu fim, como crêmos conseguirão, jámais estando á sua frente o nosso amigo Antonio Ferreira Inacio, que, apesar da sua edade, ainda é dos mais entusiastas e o principal executante; e nós, que sempre apoiámos tudo quanto se relacione com o progresso désta terra, não deixaremos de lhe prestar o nosso auxilio.

==Esteve aqui o nosso amigo Alfredo Fernandes de Almeida, inteligente e zeloso funcionario da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, e que de Lisboa aqui veiu expressamente ensaiar um grupo de amadores, que pretende dar um espetáculo no nosso elegante teatro, em beneficio dum ex-ferro viario e modesto chefe de familia.

==Os nossos amigos Melo & Martins, acabam de abrir ao publico um modelar estabelecimento de barbearia, a cargo dum habil artista de Coimbra, e que aqui vem ás quartas e domingos de cada semana. E', pois, um melhoramento importante, que muito honra não só esta terra como os seus proprietarios, aos quais felicitamos pelo seu empreendimento.

C.

Aniversario

Fez anos no dia 30 do mez passado, a snr.ª D. Margarida Candida Peixoto, desta vila, a quem respeitosamente cumprimentamos.

A nossa mudança

A proposito da transferencia da redáção do *Dever* para esta risonha vila, muitos teem sido os nossos colegas de imprensa a referir-se ao facto, alguns com imerecidos encómios para o nosso director. Eis algumas referencias:

Da *Provincia*:

O DEVER

Mudou a sua redacção para Montemór-o-Velho, este nosso distinto colega que ha anos se publicava na ridente povoação de Arazede, daquele concelho.

O *Dever*, um bom jornal de provincia, continuará a ter como seu director o nosso velho amigo e antigo republicano, snr. J. de Almeida Junior, cidadão dotado duma rara atividade e que tem dado o melhor do seu esforço á Republica e sido um devotado defensor da união da familia portuguêsa.

Da *Voz da Justiça*:

O DEVER

Passou a publicar-se em Montemór-o-Velho este nosso colega, que ha perto de quatro anos saia em Arazede, a cuja população prestou alguns serviços. Continuando na mesma ordem de ideias, vae, segundo nos informam, dedicar-se intensamente á defeza do respétivo concelho sob a diréção do nosso amigo Almeida Junior.

Poetas e Prosadôres

SAUDADES

(A minha Mãe)

Já caiu no poente o sol dourado;
Silenciosa a noite, vem descendo,
Emquanto a pouco e pouco vai morrendo
O ruido da vida, inda animado.

Sôam Avé-Marias p'la quebrada,
Naquele tom plangente da ermida:
E a solidão, de sombras revestida,
Vem consolar minh'alma contristada.

Nesta hora divina e comovente,
Afagam-me as saudades, ternamente,
Num sorriso cantante de alegria.

São saudades da minha santa Mãe
Que ao toque das trindades me dizia:
Reza meu filho, reza... Avé-Maria...

José Pedro Godinho e Cunha.

Tarde de primavera! eu te bemdigo!

(Ao Antonio Luiz de Pina)

Serena e limpida tarde de primavera. A Natureza, a Fada de todos os tempos, a consagrada de todas as epocas, a inspiradora divinal dos grandes genios, com seu manto celeste de verdura e de flores, era um primor de beleza, de graça, de poesia!

O sol — o astro rei do orbe celeste — inspirando odores e frescura, dardejando, espraiava por sobre a Terra os seus raios flamejantes de oiro e de cristal!

A leve brisa, a branda aragem, o zefiro murmurante, pareciam o meigo suspirar das rosas, neste lindo mez de maio, e vinham finalisar-se num osculo silencioso e calmo, acariciador e subtil, no nosso rosto, enlevado por tanta formosura.

Tudo era um poema de magnificencia, uma epopeia grandiosa, sublime de beleza e de elegancia. E por sobre tudo isto, a que não faltava o trinado melodioso e terno das avesinhas contentes e descuidosas, eu via passar na minha frente um vulto de mulher, lindo e gentil, etereo e purpurino, que me extasiou.

Aquele seu olhar tão sereno e fulgurante fez-me voltar o pensamento para esses tempos de Ingenuidade e de Crença, que foi o principio do mundo; aqueles olhos significativos, aquela boca diamantina e diafana, que com certeza ao falar faria deslizar palavras saturadas de Amor e de Esperança, desprenderia cantos ritmicos de Saudade e de Fé; aqueles seios voluptuosos, lubricos, castiços, estonteantes, tremendo a cada instante com o andar certo e cadenciado; aquela meia de seda transparente, aquelas tranças de cabelo, fulvas, sensuaes, aquele Todo perfeito, donairoso, esbelto e galante, fez-me voltar ao tempo do Sonho e da Fé, ao tempo bemdito do Misticismo e da Utopia, da Paixão e da Saudade, a esse tempo abençoado em que a formosa Madalena, a arrependida, calcinada de remorsos, carregada de pecados e de crimes, foi rojar-se aos pés do bemdito Nazareno, o martir glorioso do Golgota!

E ao beijar os pés santos de Jesus, essa mulher que tinha sido o prototipo das viciosas e das delinquentes, desprendeu de seus olhos cariciosos e puros, lagrimas sinceras, que são todo o seu arrependimento, todo o seu perdão, a recuperação da honra muitas vezes profanada!

As lagrimas duma mulher! Oh! quanto teem d'epico e d'altisonante!

Não as que ferem e que irritam, que malsinam e provocam odio, que são mentirosas, falsas, envenenadas, mas as que brotam sinceramente, que saem a jorros do coração torturado e que despedaçam a alma já de si alanceada!

Estas sim! Estas são as que horrorisam, que enobrecem, que matam! São as que santificam martires e glorificam heroes!

As lagrimas duma mulher! Oh sangue d'alma! Oh coisa incomparavel! Oh formosura astral e singular!

Ah! quem me dera ver chorar essa mulher, que naquela tarde de Maio causou a minha admiração e que por completo me absorveu!

Como seria extremamente belo!
Como faria pulsar mais e mais meu pobre coração!

. . . . . .

Levantei-me; a tarde desmaiava; o sol ao longe morria de tristeza; a Noite avisinhava-se; e ao andar meus labios num extase disseram:

Oh! Amor! Oh! Natura! Oh! Beleza! cantar-vos-hei até morrer!

Guimarães, 1915 — Avé-Marias.

Eduardo Passos.

CARTA DA ABRUNHEIRA

3-6-915.

Estamos na época da cereja! Este saboroso fruto apresenta-se este ano em menor quantidade. E' pena, porque com o produto da sua venda, acode-se a muitas necessidades.

Mas naquéla lufa-lufa da apanha da cereja, empregam-se por dia dezenas de pessoas.

São as raparigas, a maior parte das vezes, que em riba das cerejeiras, encarrapitadas nas pernadas cobertas de lichens, se empregam neste mister algum tanto critico para o seu sexo! De manga arregaçada até ao cotovêlo; de pernada em pernada, como os passarinhos; cantando umas vezes, sentindo-se outras vezes o sêco estalido de algum ramo que parte; apressadamente colhem aqueles deliciosos frutos, que nos recordam rubis, para alta madrugada os irem vender de terra em terra, ou aos mercados proximos, que em anos de abundancia quasi se dão!

Partiu para Tortuzendo, acompanhado de sua ex.ma esposa, o snr. Joaquim Jorge da Silva, ha pouco regressado de Lourenço Marques.

Acompanhado de alguns amigos, esteve aqui no ultimo domingo, o nosso conterraneo e distinto aluno do liceu de Coimbra, snr. Aires Bátista da Costa.

Com sua familia esteve aqui na sexta-feira o nosso amigo, snr. Francisco Sargaço.

De Lisboa, onde foi na companhia do correspondente do *Dever*, regressou o nosso amigo, snr. João Bátista da Costa.

Em gôso de licença, encontra-se entre nós, o snr. dr. Martinho de Brito, conservador do registo predial no Redondo.

Fez anos na segunda-feira ultima, a esposa do snr. Joaquim de Goes Nobre.

Projetam-se grandiosos festejos a S. Pedro, no dia 29. Dizem-nos que na vespera haverá fogo preso e á moda do Minho, danças pelo rancho das tricanas, e no dia missa e sermão, e á tarde corridas de gericos com premios, corridas de sacos, e novamente danças.

Os festejos serão abrilhantados pela filarmonica desta localidade.

Vimos num dos ultimos dias da semana passada, nesta povoação, o snr. major José Augusto Ferreira Lopes, que tenciona vir aqui passar o verão na sua casa, com sua familia.

C.

Atravez d'Africa

(Impressões)

III

SAUDADE

(A' Ex.ma Snr.a D. Judith d'A. Pereira Duarte)

... Gosto amargo de infelizes..
GARRET.

. . . . . .

Direis gentis leitoras ao lêrdes estas miserrimas linhas de humilde prosa onde sómente flutua limpida e pura a amizade sincera da infancia que para as escrever me inspiraria na leitura do seculo XV antes de Cristo, relendo e meditando no Hamayana de Valmiki.

Se assim o acreditardes não ides longe da comparação de sentimento, mas longe... nem sequer pela sombra semelhante ao estilo, á ternura e á suavidade e encantos da leitura na descrição emocionante e palpitante do espirito humano.

Não venho eu, como foi Rama, a tão longinquas paragens para matar qual feroz rival e unir-me depois com a santa a quem dedico tão pobres linhas.

— Não! E não minhas amigas, porque não falam hoje como então falavam os animaes, embora lhes ouça os sonoros de suas vozes.

A minha missão é comparada á de Ulysses de que nos fala Homero no seu famoso poema — *A Odisséa*.

E' a de defender a Patria, desprezando as alegrias e aventuras que junto a Ella pudesse passar como Elle passou junto de sua ninfa *Calypso*.

A minha deusa protetora difere bastante da sua.

Emquanto Elle era protegido por *Cupido* no amor e *Marte* na guerra, eu tenho o protetor inseparavel — *Andra*, deusa dos *Indios*, «mais mau do que bom, embora algumas vezes compassivo, como diz *Faguet*».

Eis porque sou infeliz, embora a minha infelicidade não eguale a do principe herdeiro, do monarca das Tres Corôas, que desolado e triste partira, «para experimentar se a saudade, a humilhante saudade de uma intempestiva separação, apoz tão curta convivencia, conseguiria o que o amor não lográra».

Não necessitava eu partir, como parti, para fazer germinar do sentir da saudade um outro sentir, mais nobre e mais belo — o amor!

No entanto o Destino me trouxe como o desejo a Elle o levára a experimentar o sol ardente de todos os instantes em que brilha, e o piso aspero e pedregoso das fragas pelas sendas das montanhas.

E hoje que decorridos são por sobre tão arido piso os primeiros quilometros e o começo insofrivel de minha peregrinação, sinto mais do que nunca o meu coração arder violentado na flama da saudade!

. . . . . .

E' a saudade ardente de amante, que em tão longinquas paragens sofre aquele que vê desvanecerem-se, toldados por irremediavel ausencia, os sonhos de ventura que outr'ora eram enlevo de seu coração!

E' afeição terna que em minha alma creou raizes de amor, embora essas raizes não desabrochassem em flores inebriantes de perfumes!

E' a flor de um sonho, a apoteose de bom caminho, o perfume suave d'uma rosa insuflando em minha alma saudações novas alheias ás insolencias, ás alucinações, ao orgulho da conquista.

E' a doçura da vida, nascente dum coração, que semelhando qual Venus, só Ella possue!

E' a afabilidade, que embora sorrindo com beijos, não cura, não mitiga a saudade que revela a minha alma!

E' em suma, a visão constante, que quer alérta, quer em sonhos, meu coração se vê mergulhado, e envolto em saudades contempla!

. . . . . .

Ah! mas a saudade é tão doce quando evoca em nós a lembrança de entes queridos... que seria felicidade eterna parecer neste mundo de ilusões delirando em suas preces de amôr, de ventura e de prazer!...

Adeus!...

Alto da Quilemba (Africa Ocidental), 24 de fevereiro de 1915.

Ricardo Fernandes Sardinha.

O nosso estimado amigo, snr. José dos Santos Barreiros, secretario de finanças de 3.ª classe, em Alfandega da Fé, foi transferido, a seu desejo, para Vila Velha de Rodam. O nosso amigo exerceu por largo tempo as funções de ferro-viario da Beira, e quando se exonerou, desempenhava o logar de chefe da estação de Luzo, onde era muito estimado.

Parabens.

Anuncios da 3.ª pagina

Passaram para a 4.ª pagina, por conveniencia de composição, os anuncios *Fabrica de Cal*, *Aos Agricultores*, *Portugal Previdente* e *Antonio Pereira de Carvalho*, que andavam saindo na 3.ª pagina do *Dever*.

TRANSFERENCIAS

O snr. Antonio Teixeira Cabral, que ha tempo vinha exercendo o logar de secretario de finanças de 2.ª classe, nesta vila, com geral agrado, acaba de ser transferido, a seu pedido, para Valpassos, sendo nomeado para aqui o snr. José Maria da Silva Perejra.

A ambos apresentamos os nossos cumprimentos.

Alice Oliveira,
aluna externa do 5.º ano de piano do Conservatorio e com o curso de musica: léciona, em sua casa ou dos alunos, como se convencionar.
RUA DO SUB RIPAS, 10
COIMBRA

A Guerra da Europa

Porque é que a Grã-Bretanha se acha em guerra.—Causas e seus efeitos

Exposição sumaria da correspondencia diplomatica e discursos ministeriais

(CONTINUAÇÃO)

No mesmo dia o governo Alemão fez certas propostas á Grã-Bretanha a que adiante chegaremos e que o presidente do conselho mais tarde classificou de «infames». Tal era porem a persistencia do governo Britanico em conseguir a paz, que Sir Edward Grey ao declinar as propostas usou de linguagem de grande reserva (30 de Julho) e acompanhou a sua recusa de mais outro «vehemente» apelo ao chanceler Alemão. «A maneira de manter as boas relações entre Inglaterra e Alemanha é continuarem a trabalhar conjuntamente para preservar a paz da Europa; se conseguirmos este objeto as relações mutuas da Alemanha e Inglaterra ficarão *ipso facto*, creio eu, melhoradas e robustecidas. Para este fim o governo de Sua Magestade trabalhará com toda a sinceridade e boa vontade. E direi mais: se a paz da Europa se poder preservar e passando-se a presente crise a salvamento, eu proprio tentarei promover algum arranjo de que participe a Alemanha e pelo qual ela fique segura de que nenhuma politica hostil ou agressiva será proseguida contra ela ou suas aliadas pela França, Russia e nós proprios, junta ou isoladamente».

No dia seguinte (31 de Julho) Sir Edward Grey deu provas de sua sinceridade e fez novo esforço pela paz. «Eu disse ao embaixador Alemão esta manhã, que se a Alemanha podesse apresentar qualquer proposta razoavel pela qual ficasse claro que a Alemanha e Austria estavam lutando para preservar a paz Europêa e que a Russia e França procederiam com desacerto em a rejeitar, eu a apoiaria em S. Petersburgo e Paris e iria até o extremo de dizer que se a Ruasia e França a não aceitassem, o governo de Sua Magestade nada mais teria que ver com as consequencias». A fim de não deixar esta promessa na região da generalidade, Sir Edward Grey aventou uma sugestão especial. «Até aqui o escolho tem sido a falta de confiança da Austria nas declarações Servias e a falta de confiança da Russia sobre as intenções Austriacas com respeito á independencia e integridade da Servia». Se a Alemanha sondasse Viena Sir Edward sondaria S. Petersburgo para ver se era possivel as quatro potencias desinteressadas oferecer a obrigar-se para com a Austria em cuidar em que ela obtivesse plena satisfação pelas suas reclamações contra a Servia, comtanto que não ofendessem a soberania e a integridade do territorio Servio. Que a Russia estava pronta a aceitar esta solução torna-se evidente de uma formula de paz que o seu governo tinha lavrado de concerto com Sir Edward Grey. A Austria que em 28 de Julho havia recusado, dois dias depois concordára em discutir com a Russia. Tudo dependia da Alemanha. Em S. Petersburgo e Viena estavam proseguindo as conversações como comunicou o embaixador Britanico na ultima capital quando foram cortadas bruscamente pela intervenção da Alemanha, Nesse dia ela mandou um ultimatum á Russia.

(*Continua*).

Sir Edward Cook.

ANUNCIOS

Arrematação

(2.ª publicação)

PELO Juizo de Direito da comarca de Montemór-o-Velho, no dia 13 de Junho do corrente ano, pelas 11 horas, á porta do Tribunal Judicial da mesma comarca, se hão-de arrematar em hasta publica e pelo maior lanço oferecido sobre o valor da avaliação, os seguintes predios penhorados na execução hipotecaria que a Confraria do Santissimo Sacramento da Sé Catedral de Coimbra, promove contra Elisio Marinheiro Alves, mulher Maria de Oliveira Bento, e fiadora e principal fiadora Maria Alves Ribeiro, todos de Reveles:

Um predio que se compõe de terra de semeadura com arvores de fruto, no sitio da Cova do Marques, monte e freguezia de Reveles, avaliado em quarenta escudos.

Um predio que se compõe de terra de semeadura com oliveiras e arvores de fruto, no sitio da Sipa, monte e freguezia de Reveles, avaliada em 50$00.

Uma casa de habitação com seus logradoiros, situada em Reveles, avaliada em 40$00.

Uma terra de semeadura com oliveiras, no sitio das Chãs, monte e freguezia de Reveles, avaliada em 85$00.

A contribuição de registo é paga por inteiro á custa do arrematante.

Pelo presente são citados para a praça quaisquer credores incertos.

Montemór-o-Velho, 20 de Maio de 1915.

O escrivão,

João Pais da Cunha Mamede.

Verifiquei a exatidão.

O Juiz de Direito,

Amaral Pereira.

Guilherme dos Santos Pinto & Irmão
COM
OFICINA DE CANTEIRO

Encarregam-se de jazigos de toda a especie e todo o serviço concernente á sua arte.

Tambem executam todos os trabalhos que digam respeito a *Plantas*, *Alçados*, *Copias*, *Projectos e orçamentos de edificios*, *edificações*, *etc.*

Montemór-o-Velho=Verride

AGUA DE LUSO — Cura pela Diurése

(ESTABELECIMENTO TERMAL E HOTEIS ABERTOS TODO O ANO)

A mais diurética e mais digestiva. Aumenta a diurése, regularisa as funções digestivas e ativa os fenómenos nutritivos

Muito radioativa—4,49 miligramas—minutos
Muito ionisada, resistividade a 18° 18300 ohms
Muito rica em gazes raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotonica, ponto criospico 0°,04

Conclusões da analise feita pelos distintos professores Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitissimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tifico

USO EXTERNO—Molestias de pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc,), reumatismo e gôta.
USO INTERNO—Artritismo, impaludismo, neurastenia—Albuminuria, diabetes—Intestinos, estomago—Rins—Bexiga.

Depositos — **LISBOA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros, 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 428. FUNCHAL, José Quirino de Castro, rua dos Murças. AFRICA ORIENTAL: Oswald Offmann. BEIRA: F. L. Simões & C.ª. LOANDA: Beltrão, Pena & C.ª**, e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositarios nas terras onde ainda os não haja.

Portugal Previdente

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima — Responsabilidade Limitada

Capital **UM MILHÃO** de Escudos

SÉDE — RUA DO ALECRIM, 10 — LISBOA
N.º Telef.—1849 End. Teleg.—VIDA

Seguros contra incendios de predios, fabricas, etc.
Seguros de estabelecimentos e mobiliarios.
Seguros agricolas de ceáras, eiras, palhas, arvoredos, etc.
Seguros de maquinas e utensilios de lavoura.
Seguros contra incendio proveniente de gréves e tumultos.
Seguros de transportes maritimos e postaes.
Seguros contra roubo de habitações e estabelecimentos.
Seguros contra fraude de empregados.
Seguros contra a quebra de cristais.
Seguros de vida, pensões, dotes e reformas.
Seguros contra acidente de trabalho.

Agencias em todas as terras importantes do paiz, ilhas e colonias.

Sucursal no PORTO — Rua Passos Manoel, 21.

BANQUEIROS—**Borges & Irmão**—Porto e Lisboa

Antonio Pereira de Carvalho

Proprietario dos Grandes Armazens de Bicicletas, Maquinas de Costura, Pianos e toda a qualidade de acessorios.

A maior e mais antiga casa no genero

Oficina para todos os concertos, afinações e reparações em bicicletes, motocicletes e maquinas de costura.

. Artista mecanico habilitado.

Vendas, alugueis e trocas.

Preços sem competencia

34—Avenida Navarro—36

(Estrada da Beira)—COIMBRA

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem deposito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se tambem de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fóra de Coimbra

FABRICA DE CAL

Cal fina e grossa, fornece-se em muito boas condições. Preços modicos, sobre o wagon, no caminho de ferro e nos proprios fornos.

Agente de telha tipo marselha e tijolos de todos os formatos, da fabrica Lacerda, Figueiredo & C.ª Limitada, da Pampilhosa.

Pedidos a

Joaquim F. Coca Junior
Zambujeiro—Arazede

AOS AGRICULTORES

Sendo agora época de sementeiras de milho, feijão, abóbora, etc., será conveniente aplicar os bons adubos e purgueira da afamada casa *Varela, Leal & C.ª*, das **Varzeas**, que se encontram **á venda em casa de Manuel Monteiro Godinho**, com deposito no **Casal do Gaio, Arazêde.**

Companhia de Seguros

A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz

Antonio d'Oliveira Guerra

RUA DA REPUBLICA, 84

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legitimos acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de fórma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamavel, isca em cordão vendida fraudulentamente a titulo de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva acção civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa ao Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando-se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalisação para procederem ás necessarias diligencias. Dirigir-se pessoalmente ou por carta á Companhia Portuguêsa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS

MELO & MARTINS

PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada

PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiencia dos nossos adubos, devido ao seu magnifico resultado os adoptarão de preferencia a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

Para maior comodidade dos seus clientes "A MUNDIAL,, abriu um escritorio Agencia na

Rua do Comercio 112—Lisboa

(VULGO RUA DOS CAPELISTAS)

a testa do qual se encontra o sr. Joaquim Ribeiro da Cunha, bem conhecido segurador, que atenderá e prestará todos os esclarecimentos que lhe solicitem sobre os varios ramos de seguros que esta Companhia explora.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital — Esc., 500:000$

(500 contos)

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmão
Praça da Liberdade, 138 — Telefone 1459

ENDEREÇO TELEGRAPHICO—**MUNDIAL**

Agentes em todas as localidades do paiz ilhas e colonias

Restaurante Ferro-viario

ALFARELOS

ESTE bufete, um dos que melhor servem o publico que transita nos comboios, acha-se situado na estação do caminho de ferro de Alfarelos. Fornece almoços, jantares e *lunchs* e toda a qualidade de refeições, por preços comodos. Tem pessoal habilitado, tanto em cosinha como em sala de mesa. Tudo se encontra com esmero e perfeição.

Fornece comida para fóra, e presta-se a servir em casamentos, baptisados, etc., desde que seja prevenido com antecipação.

O proprietario, **Artur de Oliveira Coelho.**

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro

PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex.mos passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.

Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA

Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.
PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações

Deposito das afamadas aguas de Luso.

Casa Funeraria
DE
ADELINO FARIA

Rua das Flores
FIGUEIRA DA FOZ

Encarrega-se de todos os funerais, podendo ser chamado a qualquer hora da noite.

Preços resumidos, a ponto de ninguem poder competir, tanto em corôas como em todos os pertences respeitantes ao seu negocio. Tem especialidade em urnas de mògno.

Biblioteca da Universidade Coimbra

Ano 4.º — Montemór-o-Velho, 13 de Junho de 1915 — N.º 173

DIRECTOR, PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR
Almeida Junior

SECRETARIO DA REDACÇÃO E EDITOR
Abel M. de Melo Brandão

REDACTOR PRINCIPAL
Mário Augusto Mota

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguêsa

Pátria e Humanidade

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Dr. José Galvão
MONTEMOR-O-VELHO

DIRECÇÃO:—COIMBRA
(para onde deve ir a correspondencia)

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. Silva (a vapor)—AVEIRO

A CONSCIENCIA NACIONAL

E' de magno interesse nacional o acto que hoje se realisa. Se a ele presidir, pela primeira vez em Portugal, um criterio de imparcialidade e absoluta independencia politica, teremos que as urnas, que têm sido sómente um armazem de vilezas e retaliações pessoalistas, seriam hoje a mais viva demonstração do nosso avanço politico e a constatação fidelissima do mais acendrado patriotismo dêste povo escravisado e nú.

O acto eleitoral foi, por vezes, no nosso país, motivo de graves desordens populares, porque as paixões sectaristas e o egoismo imponderado dos caciques transtornavam sempre, por completo, o sublime sentido que ás eleições gerais deveria ser dado para delas resultar, não a chicana parlamentar, a preocupação de mando e de superioridade social, mas a genuina representação dos eleitores, a verdadeira consciencia nacional atuando e legislando com conhecimento de causa e alheia a manejos gananciosos de deprimentes efeitos que sempre envergonhavam e depunham contra nós.

Cançou-se o atual governo em propalar e fazer saber que se abstinha de cacicar.

Assim deve fazer, com efeito, quem, num momento bem grave para esta patria, recebeu, dum punhado de bravos combatentes, o mandato imperioso e insofismavel de bem orientar a alma colectiva ainda indecisa e intranquila, ébria de sonho e chamejante de ideal. Contudo, não acreditamos que suceda assim. Os velhos habitos, legados por um sistema governativo apodrecido de tanto maniganciar com coisas sérias, ha-de prevalecer ainda por largos anos no nosso meio, especialmente nas terreolas afastadas dos grandes centros onde é ainda o senhor absoluto o grande lavrador e o homem de capitais.

Na vespera das eleições oferece-se dinheiro, por emprestimo, para fazer face a compromissos tomados com praso determinado. No dia seguinte manda-se citar, vergonhosamente, o pobre crédor ludibriado na sua ingénua boa-fé!

Em materia de eleições, cremos que em pouco a diferença se fará sentir, a despeito das boas-intenções do governo, que póde, no ministerio do interior, aguardar sem interesse partidarista o resultado do sufragio, mas que não deixará de apreciar as tendencias de habitos antiquados que serão ainda apanagio da geração sucessora.

Os politicos militantes, sem ser os candidatos propostos, têm andado toda a semana numa roda vida, distribuindo apertos de mão com fingida cordialidade, e semeando sorrisos que são a negação mais completa da lealdade e da franqueza que dignificam.

Quer-nos parecer, entretanto, que o dia não passará sem qualquer incidente denotador do egoismo eleiçoeiro, acostumados como estamos a presenciar o pouco escrupulo que preside a actos desta natureza.

Pela nossa parte só desejamos que tudo corra sem incidente, e que das urnas, pela primeira vez em Portugal, sáia o que delas deve saír para bem da governação publica e da tranquilidade desta patria sempre inquieta, porque será essa a melhor garantia do seu progresso e o indicio mais seguro da sua vitalidade harmonica.

ALMEIDA JUNIOR.

Governador civil

Não quiz continuar a presidir aos destinos do nosso distrito, o snr. dr. José Barata Pinto Feio, que pediu a sua exoneração e partiu na terça-feira para Lisboa, com intuito já de não mais voltar a Coimbra, como governador civil, como afirmara antes de partir. Melhor foi assim, pois, nas poucas horas da sua gerencia, viu-se bem as suas ideias politicas.

O *Diario do Governo* publicou na quarta feira o decreto afastando o snr. dr. Feio, um desconhecido, e nomeando outro desconhecido, o snr. dr. José Antonio d'Azevedo Borralho Junior.

Desde o *14 de Maio*, é este o 4.º funcionario superior do distrito que toma posse, e não sabemos se definitivamente, isto é, se ficaremos por aqui.

E' um distrito original, o de Coimbra...

Acompanhado de seu primo o snr. Joaquim Assis, esteve em Montemór, de visita, no dia 7 do corrente, o snr. Horacio Fernandes da Cunha, filho do nosso presado conterraneo e amigo, snr. Antonio Lopes da Cunha, proposto do recebedor do concelho, em Vila Franca de Xira.

Retiraram para o logar da Ereira, onde se encontram passando alguns dias com pessoas de familia que ali teem.

CONCELHO

Aos nossos estimados assinantes do concelho, que deixaram devolver os recibos por ficarem longe do correio, pedimos o favor de mandarem pagar na secretaria da administração do «Dever», nesta vila.

Aos de fóra do concelho rogamos mandem em estampilhas ou de qualquer fórma a importancia dos seus debitos.

A administração.

CRÓNICA DE LISBOA

Nimbada d'oiro fulgente, a inspiração descera do Orfeu lendario e puzera-se ao serviço duma causa nobre—escrever numa epopeia altiva, numa epopeia traçada em estrofes diamantinas, a historia dum povo simplesmente heroico, duma patria respeitada e querida.

Gamas e Castros, descobertas e conquistas, lutas e amores, que de alguma maneira serviram para elevar á consideração do mundo inteiro as terras de Portugal, impondo-o á consideração e ao respeito das outras nações, o principe dos poetas, esse português desditoso e resignado, os cantou na sua lira de vibrações celestes, atirando pelas tubas da fama, a historia duma patria nobre, descrita em alexandrinos soberbos, que de tal modo vincaram na pedra dura do tempo, que, a ser possivel, a perda duma nacionalidade, pelos seculos dos seculos, estender-se-ia a sua lembrança, a sua saudade, e, creio convicto, a sua veneração.

Camões, a quem Portugal nunca poderá pagar uma parcela da gratidão que lhe deve, devia ser um simbolo para o patriotismo nacional. Um simbolo e um exemplo.

Arrostando com a ingratidão e com a soberba daqueles que deviam curvar-se á sua passagem, ele, que se puzesse o seu talento ao serviço de qualquer cachá, receberia benesses, e, talvez, honras, nunca deixou de venerar o velho Portugal, embora recebesse, em troca, simplesmente, a maior e mais amarga ingratidão.

Mas que lhe importava?! Ele não podia deixar, jámais, de amar este solo querido e fecundo, este ceu azul de sonho, estas praias acariciadas pelas ondas esmeraldinas do velho Oceano. Queria-lhe com amor, com veneração, com respeito, e, por isso, não seria a simples indiferença dos homens que calaria o seu estro, que destruiria o incenso que lhe dimanava da alma e do coração com a sua idolatira de filho respeitoso e amante.

Ele não era o *snob* impávido pretendendo honrarias, com os seus cantares — era um português, que pelejava e chorava pela sua terra bendita, á qual dera o seu sangue e legara, igualmente, o seu estro.

A inspiração viera nimbada de oiro fulgente, com a sua côrte de musas e trouxera-lhe o sentimento e a arte nas proprias paginas da Historia, e de tal maneira se dedicaram á sua alma, que, no decorrer dos seculos, ha-de murmurar-se com carinho, com doçura o nome do velho Portugal! Em letras d'oiro, gravadas no marmore dos seculos, jámais se apagarão os canticos peregrinos dos *Lusiadas!*

Ensinae os infantes a venerar-lhe o nome e a cantar-lhe os versos! Que em cada escola o creador d'almas que desabrocham, o cultivador dos sentimentos que o pequenino coração das creanças demonstra, insinue aos homens d'ámanhã o respeito e o reconhecimento que devemos ter pelo grande português que se chamou Camões.

Podeis dizer-lhes que ele foi um patriota e um grande poeta. Explicae-lhes o que é ter patriotismo. Não lhes demonstreis, se quizerdes, vislumbres de maior grandeza, respeitando a hierarquia que vos proíbe, talvez, de lhes exteriorisardes os vossos sentimentos. Podeis transigir com as convenções.

Mas dizei-lhe quem era o épico desditoso; mas explicae-lhe as estrofes do resignado dos *Lusiadas*, e ensinae-lhes a ser patriotas.

Mas verdadeiros patriotas. Derretei-lhe na alma o nojo por esses *marionettes* repugnantes que *amam a patria*.

Amam a patria! O seu amor é o escarneo dum ideal. E no entanto...

As patrias são veneraveis.

O homem que as respeite é acessivel a um outro sentimento mil vezes nobre — o da *Grande Patria*. E a *Grande Patria* e o *Povo Uno*, que hão-de ser um facto no futuro da humanidade, radica no nosso espirito a ideia dum mundo novo em que, por infelicidade, a vasta prole sofredora ainda não pensou profundamente.

No entanto, é justo respeitar o patriotismo como o do grande cantor das glorias lusas que, venerando e sofrendo, exaltou as glorias e os amores, as conquistas e os feitos da sua gloriosa patria amada.

Mas quanto odio e desprezo, quanto asco e quanto nojo para esse patriotismo reles que, num dicionario de sinonimos, fez escrever o crapuloso, estas rimas abjectas e canalhas: — *comodismo, barriguismo, egoismo.*

D. L.

ROSA DESMAIADA

Ontem ainda béla a rosa purpurina,
toda viço e frescura: um encanto, um primôr!
hoje, perdida a côr,—nem o sol que a ilumina
—f'rida do insecto vil—dá brilho á pobre flôr!

Assim era tambem... como imagem divina,
ideal, da rosa pura,—um encanto d'amôr!
e hoje... rosa sentida,—a doença a domina—
como a luz do luar, bem triste é sua côr!...

Nova e tão meiga e bela, a pálida doença
é dôr d'alma talvez...—a fé, o amôr, a crença,
—flôres do coração—a côr perdem tambem!

O sofrer põe no rosto o palôr da tristeza...
oh! a saude é vida, alegria, beleza,
beneficio maior que lá do céu nos vem!...

Montemór-o-Velho, junho de 1915.

J. Neves.

Páginas sôltas

Num momento

E a tarde estava cálida. Um sol intenso, espargindo limalha de ouro pela virente ramaria das árvores, e tantas são elas dispersas por entre a casaria da vila, vinha fustigar os forasteiros que passeávam as ruas amarantinas...

Ouvia-se o estralejar dos foguetes e os sinos da igreja mais próxima principiavam a tocar: ia a passar a procissão.

Chegámos á janéla. Pela ingreme calçada principiava a descer o cortejo: profusão de cruzes, pendões, todas essas insignias das irmandades, e em longa fita desfilávam as figuras alegóricas e «anjos» em numero bem avultado que precediam o tão popular «casamenteiro das velhas», — S. Gonçalo d'Amarante...

Mas de súbito uma voz lancinante de mulher corta em aflitivos brados o silêncio respeitoso que se fizéra. Instintivamente corremos para as janelas da outra fachada do prédio de cujo lado pareciam partir os gritos aflitivos que só uma grande dôr moral assim arranca.

Era na estrada. Junto duma casa havia uma grande aglomeração de pessoas de onde se destacavam esguias *aigrettes* de chapeus de senhora; do lado dois autos parados. E de entre o borborinho de muitas vozes que se chocam saiam aqueles gritos aflitivos que me parece ainda ecoárem-me nos ouvidos, tanto me impressionaram.

Compreendemos então o que se passára. Aquela voz lancinante era o desafogo da dôr ingente duma mãe que via o rosto de seu filho numa massa informe e um fio de sangue rubro escorrendo-lhe sobre o peito.

Fôra um dos tantos desastres que diariamente ocorrem causados por êsses monstros da velocidade, timonados as mais das vezes por delegados da morte,—os automóveis.

Mas se um desastre desta natureza é sempre de lamentar, neste momento mais, porque aquela nota triste contrastava singularmente com o ruido dos festejos.

A casa dos pais desse pequeno de oito anos, cuja vida se extinguia, estava toda ornamentada e pelas ruas andavam as «festas» e «descantes»... Ironia do acaso.

...As freguezias do concelho veem todas ali, anualmente, prestar homenágem ao Santo «casamenteiro», ao fundador daquela ponte tão histórica onde haviam de passar as tropas napoleónicas, onde as granadas dos francêses invasores deixáram vestigios nas piramides de granito, mas onde tambem o bravo general Silveira havia de vir colher a palma do triunfo.

...E a procissão ia passando sob os raios calcinantes deste sol de junho e ouviam-se ainda os gritos aflitivos daquela mãe a quem a roda dum auto naquele dia de festa para sempre lhe roubára a vida dum filho...

Aurea Judit Amaral.

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autôres.

Homens e coisas do concelho

TENTUGAL

e os seus mais ilustres habitantes

Tentugal não tem sido, positivamente, uma terra fertil em criaturas importantes. Não. Em todo o caso algumas pessoas se teem evidenciado naquele acanhado meio, entorpecido atavicamente pelo abuso das mil guloseimas que as madre-abadessas, á porfia, inventaram noutros tempos para consolarem os nervos gustativos dos seus predilectos confessores.

Esses requintes de amabilidade das jovens freiras para com os ministros da religião, que elas forçada ou abnegadamente professavam, transformaram-se mais tarde numa industria lucrativa para Tentugal, mas amolecedora de iniciativas e vocações de seus habitantes.

E, se essa causa não fôr do agrado de quem faz ou come doce, indicaremos outra: a defeituosa composição quimica da agua da Barrosa...

Seja como fôr, justiça se deve fazer a quem a merece.

Algumas pessoas conheço, na terra dos pasteis e dos sequilhos, que se teem salientado mais ou menos em certas artes.

Temos, por exemplo, José Maria Afonso, que outr'ora revelou uma grande aptidão para o teatro, desempenhando magistralmente papeis de cómico.

Ainda me lembra, com saudade, aquela comedia, em que êle começava, cheio de vida e de graça:

— Que pagode, que pechincha, que reinação!

Miguel Baptista mostrou por diferentes vezes igual tendencia.

Citarei, por exemplo, a copla que êle cantava com chistosa mestria inimitavel:

— E lá p'ra casa é que hão-de ir os cotos.

Aldobrando Pessoa, que, em pequeno, já conhecia admiravelmente a divina arte de Mosart.

Joaquim de Abreu, que foi procurar em Coimbra maior larguêsa para a sua habilidade artistica.

E, certamente, me esquecerão outras individualidades tentugalenses, dignas de elogio.

Mas, além déstas pessoas, que eu muito considero e estimo, uma ha que mais conseguiu impôr-se á minha admiração. E' o snr. Luis Filipe Sêco Machado.

Criatura com uma decidida vocação para as letras, mas sem ter adquirido na infancia uma base instrutiva metódica, em que pudesse solidamente firmar os variados estudos que, devido ao seu unico esforço, fez na adolescencia, tem incontestavel valor intelectual.

Preparado para a sua vida literaria apenas com a pequena bagagem do exame primário e da aprendizagem da lingua latina, não ha duvida que fez prodigios na adquisição dos variados conhecimentos que possue. E, de tal sorte se houve, que hoje não ignora nenhuma regra de gramatica ou de retórica; não desconhece nenhuma das individualidades mais importantes do mundo literario; discute conscientemente os diferentes sistemas filosóficos; etc., etc.

Ha, porém, um ramo dos seus conhecimentos que êle mais gosta de patentear em publico: a poesia.

As suas produções poeticas são numerosas, algumas de inegavel merecimento.

Uma quadra me ocorre, que o grande mestre Guerra Junqueiro não teria duvida em publicar, se as manas Erato e Caliope lha houvessem inspirado:

Meus amores inda vivem
Com ideia de algum bem;
Mas amante sem ventura
Grande esp'rança já não tem.

Em passeio á Senhora dos Olivais e estando completamente absorvido no pensamento da joven que poeticamente amava então, o snr. Luis Filipe fez êste acrostico, de improviso:

Limpido sol rutila no ocidente,
Adeja branca pomba nas alturas;
Uma florinha embalsama o ambiente
Recolhida nas humidas verduras.
A vida é a tarde: assim bela e ridente!

* * *

E para que êste ilustre tentugalense seja um poeta, sob todos os variados aspectos que o encaremos, tambem não faltam para a historia da sua vida as peripecias engraçadas que sucedem no decurso da existencia dos mais importantes vultos da poesia lusitana.

Um dia encontrava-se na sala da snr.ª D. Josefina Gavicho, quando um conviva engraçado, com a mira de o fazer encavacar, se lhe dirigiu nestes termos:

— O snr. Sêco, que certamente pretende casar, tem agora uma optima ocasião de escolher noiva.

E apontou-lhe as damas mais bonitas da ceremoniosa reunião.

O snr. Sêco não se desmanchou, apesar do silencio significativo da assistencia, e respondeu prontamente:

— Agradeço muito ao snr. Lima o oferecimento amavel que me faz, mas já estou comprometido.

E, contudo, o snr. Sêco, volvidos 30 anos, depois dessa reunião, ainda se encontra solteiro...

Doutra vez um *sábio quimico*

Que seria doutor celebre em medicina,
Se dum lente cioso á doida concubina
A's ocultas não desse um ósculo na face,

com o intuito de deprimir a inteligencia dêste ilustrado filho de Tentugal, chamou-lhe ignorante ou coisa parecida, no decurso alegre duma discussão... nocturna.

Mas uma resposta *mitológica* não se fez esperar:

— Lembre-se o meu sábio antagonista que eu sou como Minerva: nasci armado.

* * *

Com efeito: o que o snr. Sêco é, deve-o exclusivamente ao seu esfôrço e boa vontade; e, é por isso, que é maior a minha simpatia pelo snr. Luis Filipe Sêco Machado, a quem daqui cumprimento muito afectuosamente.

S. João do Campo, Junho de 915.

P. de C.

As coisas no seu logar

Nós não fazemos politica. Temo-lo confessado, mas nunca é de mais repeti-lo para evitar possiveis equivocos. Ora precisamente por não politicarmos, é que vamos pôr as coisas nos seus devidos logares, com a consideração de sempre pelo partido democratico e pela lhaneza de caracter do snr. dr. Armando de Carvalho, nosso ilustre amigo, mas imparcialmente falando do snr. Fernando Barbosa, sem nos importar o seu monarquismo ou o que quer que seja que sua ex.ª entenda dever ser.

Transcrevemos, para cabal elucidação de parcialismo politico, bem indevido, o que disse o *Mundo* de domingo e a *Voz da Justiça*, do dia 8.

Do *Mundo* de domingo:

MONTEMÓR-O-VELHO, 5.—O concelho de Montemór-o-Velho está de novo entregue aos monarquicos. Sem a mais leve consideração por quem estava a administrá-lo desde a revolução de 14 de maio, nem pelos republicanos, o atual governador civil de Coimbra, um desconhecido que hontem tomou posse, exonerou imediatamente, sem uma explicação, o administrador dr. Armando de Carvalho, velho republicano aqui estimadissimo e que havia sido nomeado pelo snr. dr. Pires de Carvalho quando governador civil do distrito. Uma vez á frente da administração do concelho e depois de anular as tolices da ditadura, os seus atos foram da mais estrita imparcialidade, fazendo politica genuinamente republicana, sem magoar nem perseguir ningnem. Pois um dos primeiros atos do atual governador civil foi exonerar quem assim procedia, substituindo-o pelo monarquico filiado no centro de Coimbra, Fernando Barbosa, de quem os jornais falaram ha bem pouco ainda a proposito da sua profissão de fé monarquica oito dias depois de se ter apresentado no congresso evolucionista. O povo está indignadissimo, temendo-se desordens e manifestações de desagrado. Os republicanos, vexados com a atitude da primeira autoridade do distrito, vão protestar ante o snr. ministro do interior. O dr. Armando de Carvalho tem sido muito cumprimentado, e manifestando-lhe inumeras passoas a sua solidariedade.

Da *Voz*, de 8:

ADMINISTRADOR DO CONCELHO. — Pelo snr. governador civil foram exonerados os administradores dos concelhos de Coimbra, Soure e Montemór e parece que outros se seguirão.

Diz-se que o de Montemór foi substituido por um reconhecidissimo monarquico! Ele assim será...

Em Montemór não houve protesto algum desordenado. O snr. dr. Feio, governador civil, exonerou, telegraficamente, o snr. dr. Armando de Carvalho, que, desde a revolução, estava exercendo, interinamente, as funções de administrador do concelho, e muito legitimamente, a contento de todos. Demitido o dr. Armando, não houve nomeação alguma. O snr. Fernando Barbosa, que os jornais alcunham de monarquico, não queremos saber se justa se injustamente, é o presidente do senado municipal, isto é, o presidente da camara.

Ora, a circular do governo civil, livro 72, n.º 189, diz: «Dispondo o Codigo Administrativo de 1878, no seu art. 201, que, nas auzencias ou impedimentos dos administradores do concelho e dos seus substitutos, aos presidentes das camaras municipais compete fazer as suas vezes e havendo, pela actual organisação administrativa, presidentes das comissões executivas, dando assim causa a duvidas sobre a qual dos aludidos presidentes compete assumir aquelas funções, determina o ex.mo ministro do Interior, por seu despacho de 27 de março ultimo, se esclarecesse que é aos presidentes das camaras que é cometido aquele dever».

Achou-se, pois, á face da lei, incidentalmente investido no logar de administrador do concelho, o snr. Fernando Barbosa, para cuja nomeação não concorreu, diretamente, nem o governo, nem o governador civil.

O snr. Barbosa teve que assumir o cargo até nova nomeação, que recaiu no snr. Alexandre Resende Mendes, proprietario em Celas, suburbios de Coimbra, que nos informam ser um rapaz ponderado e criterioso.

Ficam assim desfeitos os equivocos e constatado que não havia motivo para tamanho alarme politico.

Autoridades monarquicas não as consentiriamos por principio nenhum.

Damos estes esclarecimentos para tranquilisar os espiritos, nós que sômos insuspeitos e que temos, por todos, a maxima veneração.

A PONTE

Até que enfim! O sonho doirado de todos os montemorenses — a ponte — passou á realidade.

Começaram no dia 11 do corrente, os trabalhos dos encontros, sob a direção do empreiteiro snr. Antonio Miranda, do Barreiro.

A ponte é um dos maiores melhoramentos que o concelho vai possuir. As freguezias da margem esquerda do Mondego vão, em breve, ter o prazer de se verem livres da tradicional mas enfadonha barcaça.

Para esta grande obra, muitos têm contribuido, desfazendo todos os atritos que se tem oposto á sua realisação. O snr. José de Napoles veio propositadamente assistir ao inicio dos trabalhos, congratulando-se com eles. Ao penetrarem no solo as primeiras picarêtas, foram erguidos muitos vivas a sua ex.ª, aos sinceros amigos de Montemór e ao concelho, executando a filarmonica de Alfarelos alguns trechos de musica, e sendo lançadas ao ar numerosas girandolas de foguetes e morteiros.

Entre outras pessoas, assistiram a este acto, os snrs. drs. José Mendanha Raposo e Roberto Canelas, Fernando Augusto Barbosa, Emidio Pinheiro, José Bobela Paiva Mota, José Castanheira. Francisco dos Santos Pimenta, Bernardo Ferreira, padre Carranca, Antonio Augusto Rodrigues Campos, Carlos de Napoles, Francisco Rebelo, Joaquim Monteiro. José Esteves, Mario Mota, etc.

Antonio Teixeira Cabral

Veio despedir-se a esta redação, o snr. Antonio Teixeira Cabral, ilustre secretario de finanças, ha pouco transferido, a seu pedido, para Valpassos.

Sua ex.ª, apesar do pouco tempo que esteve nesta vila, soube, pela sua imparcialidade, trato afavel e lhano, conquistar a simpatia de todos os montemorenses.

Saudamos o povo de Valpassos, por ter á frente da repartição de Finanças, um caracter tão primoroso de cidadão.

Tivemos a satisfação de cumprimentar em Coimbra os nossos estimados assinantes, snrs. Manuel d'Oliveira, farmaceutico e velho republicano do Alqueidão, concelho de Figueira da Foz e Joaquim Soveral da Rocha, proprietario em Arazêde e antigo redactor deste jornal.

Inspeção militar

Teem logar as revistas de inspeção para as freguezias de Arazêde, Gatões e Pereira, no dia 18 de julho, ás 9 horas, para todas as praças licenciadas, das diferentes unidades activas, que não tenham de concorrer ás proximas escolas de repetição e ás praças de reserva tambem das diferentes unidades. Teem que apresentar os artigos de uniforme e as cadernetas militares.

Serão punidos nos termos do regulamento disciplinar os que faltarem a esta obrigação.

As cartas duma infeliz

Meu caro Leopoldo.

São 3 horas da madrugada. Vae já arrefecendo a noite. O divinal rouxinol, que tanto cantarolou ali nos salgueirais em flôr, desde o anoitecer d'ontem, emudeceu.

Dorme agora a sono solto, de certo com o peito dorido de tanto melodiar. Sonha, com certeza, empesqueirado no ramito seco, escondido, a cabecita entre as azas, ao lado da sua noiva cansada do trabalho quotidiano de alimentar os filhitos implumes. No lago fronteiro sente-se só o coaxar das rãs e, mais longe, nas hortas prometedoras, o cri cri do grilo inofensivo e impaciente.

Eu não durmo. Acabo agora de lêr uma maxima de S. Mateus, cuja moral é bem evidente. Tu não queres saber disso, bem sei, mas olha que é necessario analisar tudo, para concluir com felicidade os nossos argumentos sobre sciencias experimentais ou racionalistas. Perdoa, meu amigo, a filosofice da fraze. Hoje estou um pouco mais bem disposta. Ia dizer que te vi, de flôr na botoeira, ao caír da tarde d'ontem. A Isaura, que te acompanha para toda a parte, falava-te em mim com impaciencia. Eu adivinho-o. Ao jantar deu-te ela, para leres, uma obra de Franklin. Vê tu se eu sei ou não onde e como tu passas o tempo. Escrevi a *Hitónumo*, a semana passada, e falei-lhe em ti. Cumpri um dever de cortezia.

Antes da tua carta particular, informando-me quem era a simpatica correspondente, já eu sabia que tinha de defrontar-me com um espirito culto, ponderado e justo.

E como a ingratidão é tão peculiar, hoje, estranhei que as minhas cartas sensibilisassem, de tantos, ao menos um coração.

Adeus. Aproveito o correio e peço-te que acredites na amizade da

Tua,
Irène.

Duarte Lopes

Regressou á capital, depois de ter estado no Porto de visita a sua estremosa familia, este nosso ilustre cronista de Lisboa, que os nossos leitores tanto apreciam.

Um abraço.

Execução judicial

Respondeu no dia 3, em audiencia ordinaria do tribunal de Coimbra, por acção comercial de pequenas dividas, requerida pelo snr. Alberto da Fonseca, o snr. Augusto Ferreira de Andrade, farmaceutico, antigo vereador do nosso municipio e que residiu no logar do Amieiro, deste concelho.

O S. João em Montemór

A avaliar pelos preparativos que se acham feitos, tanto por parte de um como do outro, os festivaes que os dois ranchos de tricanas, *Formosas do Mondego* e *6 de Julho*, prometem realisar nas noites e dia de S. João, disputando a primasia, devem ser de molde a satisfazer ainda os espiritos mais exigentes, estamos certos disso.

As direcções dos dois grupos, ambas compostas de rapazes cheios de vontade, brio e animados de ardente entusiasmo, trabalham dedicadamente, sem haver contrariedades nem arrelias que os façam esmorecer, para que o rancho que respectivamente lhe interessa possa distinguir-se e vencer o rival, na boa selecção de musicas, canções, costumes, belesa e elegancia de pares, etc.

Com respeito, então, ao entusiasmo das raparigas, é uma cousa louca. E' ranchos ao almoço, ranchos ao jantar, ranchos á ceia, é ranchos a toda a hora, emfim, não devendo, talvês, ter sido poucas aquelas que terão deixado as comidas alcançar *bispo* por causa das suas distracções com o estudo das marcas de dança.

Uma coisa, porém, nos é gratissimo registar, sobretudo: é que, apezar de tão grande influencia, elas até hoje ainda não teem descido a descompôr-se e a cuspir injurias umas ás outras, como sucedeu no ano passado, que chegou a ser uma coisa vergonhosa, não só para Montemór, mas ainda mais para elas proprias.

Ainda bem que os conselhos e as considerações que a este respeito temos exposto no *Dever*, por varias vêses, teem aproveitado e esperamos que os dois ranchos se mantenham nesta linha de cordura até ao fim das festas.

Defrontem-se, sim; meçam as suas forças no campo em que o devem fazer, mas façam-o com calma, e com o respeito e consideração que se deve guardar entre colectividades da mesma terra, sejam de que naturesa forem.

Fazendo gracioso com o *Formosas do Mondego*, exibir-se-ha no mesmo pavilhão um galante grupo de creanças, cujos ensaios já despertam grande interesse, pela facilidade e graça com que elas executam as diferentes marcações da dança, tendo sido especialmente muito apreciada a voz do menino Antonio Esteves Mascarenhas, cantôr do fado.

Segundo a autorisada opinião dos entendidos, as musicas dos três ranchos são bastante bonitas e agradaveis, grande parte das quais são produções de filhos da terra, que nelas provam de sobra o seu grande gosto e vocação para a arte sublime de Rossini.

Concluindo esta noticia, diremos, emfim, que se os três grupos dançantes conseguirem levar por diante os seus projectos, teremos este ano uns festejos a S. João verdadeiramente brilhantes, devendo atrair a Montemór nêsses dias farta concorrencia de forasteiros.

Dr. Bátista Loureiro

Está felizmente melhor e em via de restabelecimento da grave doença que ultimamente o reteve no leito por algum tempo, o snr. dr. Bátista Loureiro, considerado facultativo municipal em Montemór-o-Velho, e que outr'ora honrou a nossa folha com a sua colaboração, sempre muito apreciada.

Desejamos rapidas e completas melhoras ao ilustre clinico.

Fazemos nossas as gratas palavras do nosso colega *Gazeta da Figueira*, do seu n.º de 5 do corrente, e que gostosamente transcrevemos.

Por falta de espaço sômos obrigados a deixar de publicar varios e importantes artigos, do que pedimos desculpa aos seus autôres.

Eleições

São candidatos a deputados pelo circulo n.º 19 (Coimbra):

Democraticos: Antonio Pires de Carvalho, medico; Evaristo Augusto Ferreira de Carvalho, advogado-notario; Artur de Almeida Leitão, medico.

Para senadores: Antonio Artur Baldaque da Silva, oficial de marinha de guerra; Tenente-coronel Vasconcelos Dias, director da Manutenção Militar de Coimbra.

Evolucionistas: Francisco José Fernandes Costa, ministro da marinha e advogado; João Cardoso Bacelar, advogado; Joaquim José Cerqueira da Rocha, medico.

Socialista: Adriano Fernandes, operario marceneiro.

Unionista: Belisario Pimenta, capitão de infantaria.

Para senador, José Rodrigues de Oliveira, medico.

Esteve em Coimbra, de visita a seu filho e nosso presado amigo e patricio, snr. José Simões Cruz, a snr.ª D. Ana Simões Cruz e gentis filhos, de Arazêde. Cumprimentamo-los.

Camara Municipal

Sessão de 8 de maio

Presentes os vereadores vogais snrs. Monteiro da Costa, J. Goes e Esteves de Barros, secretariando o vogal Rodrigues Pato, sob a presidencia do snr. dr. Simões.

Lida e aprovada a acta da sessão anterior. Em seguida foi mandado pôr em praça a arrematação da pintura das duas escolas desta vila, e depois de lidas as condições em voz alta pelo snr. chefe da secretaria, verificou-se estar a praça deserta, deliberando a comissão mandar fazer por conta propria aquela pintura das ditas escolas e casas anexas das residencias dos professores.

Tomou conhecimento da correspondencia.

Fez a nomeação do professor desta vila, do snr. José Nunes Bento, classificado de — *Bom*, com 18 valores.

Oficio da Comissão Executiva, de Soure, a perguntar se esta Comissão já fés o regulamento do tempo de trabalho para os empregados do comercio desta vila.

Deliberou se respondesse negativamente.

Dito da Delegação da Cruz Vermelha nesta vila, a convidar a Camara para se fazer representar á sessão soléne, no proximo dia 16, comemorando o 1.º aniversario da dita Sociedade da Cruz Vermelha. A Comissão encarregou o vereador snr. Esteves de representar a Camara.

Foram presentes varios requerimentos de interesse particular.

O mestre d'obras apresentou varias informações sobre alinhamentos pedidos, e ainda algumas licenças. Concedidos nos termos da lei.

Apresentou mais a informação por escrito da pedra existente na berma da estrada de Tentugal á Portela e mais os trabalhos a fazer na mesma estrada. A Comissão ficou inteirada e mandou que o mestre d'obras proceda ao orçamento das obras a executar.

Foi autorisado o pagamento ao arrematante das obras de Verride (ladeira e rua nova).

Mandou que fossem avisados todos os encarregados do serviço braçal a virem entregar todas as ferramentas.

Foi presente um mapa de denuncia do guarda Figo.

Foi presente o balancete semanal do qual se vê achar-se em deposito na Caixa Economica Portuguesa — 3:300$00 e no cofre da tesouraria da Camara 152$64.

Resolveu que o mestre d'obras vá examinar o cano desta vila, fontes dos Nobresos e de Santo Antonio, fazendo os orçamentos das obras.

Autorisou e mandou pagar varias despesas.

Novo colaborador

Começa no proximo numero a sua apreciada colaboração literaria neste jornal, o snr. Mário Antonio A. Franco, mimoso poeta, da Amadora.

Um novo que dá esperanças, ao snr. Mário Franco está, por certo, reservado um risonho futuro nas letras patrias.

Partiu para Penacova, onde foi descançar uns dias, a snr.ª D. Assunção de Melo, gentil dama de Mortágua. Felicidades.

CARTA DA ABRUNHEIRA

10—6.

Termas da Azenha.— E' no proximo dia 15 a abertura destas excelentes Termas, que o nosso conterraneo e amigo snr. Eduardo de Goes Nobre já ha anos vem explorando.

Não só pelas superiores qualidades das aguas da Azenha, como tambem pelas simpatias que aquele nosso amigo tem conquistado, todos os anos a concorrencia de banhistas é bastante avultada, sendo sempre satisfatorios os resultados obtidos por todas as pessoas que ali vão procurar melhoras.

== Deu-nos o prazer da sua visita o nosso dedicado amigo, snr. Francisco Jorge de Quadros, das Alhadas.

== Com pouca demora esteve nesta localidade, o snr. José Antonio Monteiro da Costa, importante proprietario na Carapinheira e vereador do nosso municipio.

== Tem estado nesta localidade, a esposa e filhos do snr. Antonio Ferreira, Chefe da Estação do Caminho de Ferro da Marinha Grande.

== Vimos aqui no domingo ultimo o snr. dr. João de Vasconcelos Rebelo, advogado na Figueira da Foz e presidente da Camara Municipal daquela cidade.

Novo Administrador

Tomou posse do logar de administrador deste concelho, o snr. Alexandre Rezende Mendes. Vieram assistir á posse, os snrs. drs. Artur Leitão e Julio da Fonseca, de Coimbra.

CARTA DE COIMBRA

VISITA MILITAR.—A Instrução Militar Preparatória vae em 25 do mês proximo assistir á inauguração da carreira de tiro em Cantanhêde, fazendo ali o exercicio das ultimas provas.

IMPREVIDENCIA MORTAL. — Manuel Ferraz, empregado dos caminhos de ferro na estação de Vila Nova de Gaia, veio a Coimbra tratar dos documentos para o seu consorcio, visto ser d'aqui natural.

Entrando na oficina de serralheiro de Victor José dos Reis, na rua Camara Pestana, ao experimentar um revolver a que tinha tirado, julgava, a ultima bala, deu ao gatilho para explicar o mau funcionamento da arma, e nêste momento uma bala atravessa-lhe a carótida, morrendo instantaneamente, sendo o cadaver removido para a morgue. Para explicações apresentou-se na esquadra Eduardo da Silva Pereira, empregado daquela oficina.

ESCOLA BROTERO. — Começaram já os exames nêste estabelecimento de ensino industrial e comercial, com o melhor exito para os examinandos.

GOVERNADOR CIVIL.—Tomou hontem posse de chefe do distrito, o sr. dr. Carlos Barata Pinto Feio, natural désta cidade, onde se formou em 1904. Não sendo politico, deve fazer boa politica.

Apresentamos-lhe os nossos cumprimentos.

FESTAS DA CIDADE. — Prometem ser sumptuosas as festas da Rainha Santa, o bom exito das quais anciâmos pelo interesse da cidade a que tanto queremos. Respeito duns pelas crenças religiosas dos outros, e consideração dos outros pelas diversões profanas que possam contribuir para a vida econômica da cidade.

Crêmos estarem todos compenetrados désta grande necessidade, porque... afinal nem vêmos religião, a não ser a do *chacun pour soi*.

EZEQUIEL CORREIA. — Continúa guardando o leito este nosso dedicadissimo amigo, inteligente e activo correspondente do *Seculo*, a quem apetecemos muito cordialmente rapidas melhoras.

CAIAÇÃO DE PREDIOS.—A camara insta por esta medida de higiene e aceio para os municipes Conselhos sabemos dá-los: dêmos o exemplo do cumprimento. Mas é verdade que ha por aqui senhorios que só com uma caiadela se lembrariam dos seus deveres.

Castilho.

Agradecimento

Joaquim Correia Monteiro, do Casal Novo do Rio, e sua familia, agradecem penhorados a todas as pessoas que se dignaram acompanhar á sua ultima morada, seu neto, cujo funeral se realisou no dia 8 do corrente.

A todos, o nosso eterno agradecimento.

D. Beatriz Neto

=†=

Celebrou-se no dia 8 do corrente, na igreja paroquial desta vila, uma missa por alma da snr.ª D. Beatriz Neto. O acto foi muito concorrido, assistindo a ele as familias mais distintas desta terra.

CORRESPONDENCIAS

ALHADAS, 10

PASSEIO. — No domingo, 6 do corrente, a distinta professora do sexo feminino desta freguezia, snr.ª D. Olimpia Neves, proporcionou ás crianças da sua escola algumas horas de alegria e vida. Pouco depois da meia tarde, acompanhadas da professora e das meninas Belandina e Joaquina Serra, Laura V. S. Oliveira, Celeste Gil e Lidia Neves, abandonaram as suas habitações, em muitas das quaes se faz sentir a falta de higiene, e dirigiram-se para os suburbios das Alhadas, levando em mira buscar o melhor logar onde pudéssem saborear o delicioso *lunch*, de que se faziam acompanhar. Viram realisada a aspiração daquele momento, e satisfizeram os seus desejos. Tiveram uma bela ocasião para admirarem a Natureza criadora, que agora veste o seu manto de variadas côres; e foi ao anoitecer, quando as aves recolhem aos seus ninhos, que chegaram ás suas casas, trazendo nas faces a côr rubra das rosas e no coração o ar oxigenado dos campos.

BAILE. — Realisou-se na séde da Sociedade Harmonia e Progresso, no domingo, e apesar das noites serem pequenas, um baile que esteve concorridissimo, dando a mocidade largas aos seus folguedos. A sala encontrava-se lindamente ornamentada com verduras e flores. São aguardadas as noites de inverno com anciedade, para satisfazerem os apaixonados desta diversão.

Antonio Anadio.

No proximo numero:

O Sonho, de N. B.
Carta de Santos, Elisio Ramalhão.
Versos de Mario Franco.
Anuncios, etc.

ANUNCIO

(1.ª publicação)

No dia 27 do corrente mez, por 11 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, vão á praça para serem vendidos pelo maior lanço oferecido, os seguintes predios penhorados na execução que na comarca de Coimbra move D. Elisa Augusta Mósca, contra Joaquim Gomes de Matos, das Meãs de Cima, a saber:

Um predio de terra lavradia, no Vale do Logar, freguezia das Meãs, que parte do norte com Maria dos Reis, e do sul com Joaquim Ferraz de Melo, vai á praça por cento e vinte cinco escudos.

Uma terra matagósa e lavradia com algumas arvores de fruto e pinheiros, nos Outeiros, que parte do norte com Joaquim Corrêa de Macêdo, e outros, e do sul com os herdeiros de José Jorge Valente, vai á praça por cem escudos.

Pelo presente são citados para a arrematação quaisquer interessados incertos.

Montemór-o-Velho, 5 de Junho de 1915.

E eu, José de Paiva Bobela Mota, que o subscrevi.

Verifiquei a exatidão.

O Juiz de Direito,

Amaral Pereira.

ANUNCIO

(1.ª publicação)

NO dia 27 do corrente mez, pelas onze horas, á porta do Tribunal Judicial em Montemór-o-Velho, se ha-de proceder á arrematação em hasta publica, para pagamento das dividas, dos predios abaixo mencionados, descritos no inventario orfanologico por obito de José Pereira de Sousa, de Pereira, no qual é inventariante a viuva Emilia Afonso, a saber:

Uma terra lavradia que mede 6480m2 (doze aguilhadas), no sitio dos Quartos, vai á praça em cento e cincoenta escudos.

Uma terra lavradia que mede 1620m2 (tres aguilhadas), no sitio dos Quartos, vai á praça no valor de setenta e cinco escudos.

A contribuição de registo será paga por inteiro à custa dos arrematantes.

Por este são citados para a arrematação quaisquer credores incertos.

Montemór-o-Velho, 3 de Junho de 1915.

O escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei.

Amaral Pereira.

ANUNCIO

(1.ª publicação)

NO dia 27 de Junho corrente, por 11 horas, á porta do Tribunal Judicial da Comarca de Montemór-o-Velho, se hão-de vender em hasta publica, pelo maior lanço oferecido sobre a avaliação, e para pagamento do passivo aprovado e custas e selos do respectivo processo, os seguintes bens descritos no inventario entre maiores por obito de Joaquim Marques Tubarão Coca, morador que foi em Tentugal:

Uma terra e poisio com treze oliveiras, no sitio dos Outeiros, freguezia de Tentugal, avaliada em 40$00.

Umas casas no sitio de Traz do Curral, em Tentugal, avaliadas em 25$00.

Uma terra lavradia no sitio da Carreira de Montemór, freguezia de Tentugal, avaliada em 50$00.

Um bocado de pinhal e poisio, no sitio do Vale da Povoa, freguezia de Tentugal, avaliado em 20$00.

Um pinhal no sitio do Vale da Ladra, freguezia de Tentugal, avaliado em 40$00.

Um pinhal no sitio do Vale das Rãs, freguezia de Tentugal, avaliado em 75$00.

Pelo presente são citados para a praça quaesquer credores incertos.

Montemór-o-Velho, 7 de Junho de 1915.

O escrivão,

João Pais da Cunha Mamede.

Verifiquei a exatidão.

O Juiz de Direito,

Amaral Pereira.

Editos de 30 dias

(1.ª publicação)

PELO Juizo de Direito da Comarca de Montemór-o-Velho e pelo cartorio do escrivão do 2.º oficio, nos autos de inventario entre maiores para separação de bens dos conjuges divorciados Antonio Pereira de Lima e Maria de Nazaré Joaquina de Andrade, moradores no logar do Vizo, freguezia de Licêa, desta comarca, correm éditos de 30 dias, contados, passados cinco dias depois da segunda publicação dêste anuncio no *Diario do Governo*, citando o conjuge executado Antonio Pereira de Lima, proprietario, do referido logar do Vizo, mas ausente em parte incerta, para no praso de 10 dias, a contar passado o praso dos éditos, entregar ou pagar á conjuge Maria de Nazaré Joaquina d'Andrade, o mobiliario que a esta pertenceu no referido inventario, constante das verbas n.os 1 a 11 inclusivé, 13 e 24, 1½2, na importancia de 79$40, e bem assim a quantia de 13$10 de tornas, tudo na importancia total de 92$50, sob pena de, não o fazendo no praso indicado, seguir a execução seus termos até final.

Montemór-o-Velho, 3 de Junho de 1915.

O escrivão,

João Pais da Cunha Mamede.

Verifiquei a exatidão.

O Juiz de Direito,

Amaral Pereira.

Companhia Geral de Credito Predial Português

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

Séde Social: Travessa de Santo Antonio da Sé, n.º 21

LISBOA

Esta Companhia realisa actualmente emprestimos hipotecarios a longo praso, cujo encargo, compreendendo juro, comissão, amortisação e depreciação dos titulos, é inferior a 7 %, tendo os mutuarios a faculdade de antecipar os seus emprestimos, total ou parcialmente e em qualquer época, em dinheiro ou em obrigações da mesma taxa e tipo das que fôram entregues no acto do contrato. Recebe e guarda nas suas magnificas **Casas fortes** quaisquer papeis de credito, encarregando-se de receber os respectivos juros.

Pedir esclarecimentos a Fernando da Silva Coelho Pessoa — Montemór-o-Velho — ou diretamente á Séde da Companhia.

AGUA DE LUSO -- Cura pela Diurése

(ESTABELECIMENTO TERMAL E HOTEIS ABÉRTOS TODO O ANO)

A mais diurética e mais digestiva. Aumenta a diurése, regularisa as funções digestivas e ativa os fenómenos nutritivo

Muito radioativa—4,49 miligramas—minutos
Muito ionisada, resistividade a 18° 18300 ohms
Muito rica em gazes raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotonica, ponto criospico 0°,04

Conclusões da analise feita pelos distintos professores Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitissimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tifico

USO EXTERNO—Molestias de pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc,), reumatismo e gôta.
USO INTERNO—Artritismo, impaludismo, neurastenia—Albuminuria, diabetes—Intestinos, estomago—Rins—Bexiga.

Depositos -- **LISBOA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros, 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 428. FUNCHAL, José Quirino de Castro, rua dos Murças. AFRICA ORIENTAL: Oswald Offmann. BEIRA: F. L. Simões & C.ª. LOANDA: Beltrão, Pena & C.ª**, e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositarios nas terras onde ainda os não haja.

Portugal Previdente

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima — Responsabilidade Limitada

Capital **UM MILHÃO** de Escudos

SÉDE — RUA DO ALECRIM, 10 — LISBOA
N.º Telef.—1849 End. Teleg.—VIDA

Seguros contra incendios de predios, fabricas, etc.
Seguros de estabelecimentos e mobiliarios.
Seguros agricolas de ceáras, eiras, palhas, arvoredos, etc.
Seguros de maquinas e utensilios de lavoura.
Seguros contra incendio proveniente de gréves e tumultos.
Seguros de transportes maritimos e postaes.
Seguros contra roubo de habitações e estabelecimentos.
Seguros contra fraude de empregados.
Seguros contra a quebra de cristais.
Seguros de vida, pensões, dotes e reformas.
Seguros contra acidente de trabalho.

Agencias em todas as terras importantes do paiz, ilhas e colonias.
Sucursal no PORTO — Rua Passos Manoel, 21.

BANQUEIROS—**Borges & Irmão**—Porto e Lisboa

Antonio Pereira de Carvalho

Proprietario dos Grandes Armazens de Bicicletas, Maquinas de Costura, Pianos e toda a qualidade de acessorios.

A maior e mais antiga casa no genero

Oficina para todos os concertos, afinações e reparações em bicicletes, motocicletes e maquinas de costura.

Artista mecanico habilitado.

Vendas, alugueis e trocas.

Preços sem competencia

34—Avenida Navarro—36

(Estrada da Beira)—COIMBRA

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem deposito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se tambem de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fóra de Coimbra

FABRICA DE CAL

Cal fina e grossa, fornece-se em muito boas condições. Preços modicos, sobre o wagon, no caminho de ferro e nos proprios fornos.

Agente de telha tipo marselha e tijolos de todos os formatos, da fabrica Lacerda, Figueiredo & C.ª Limitada, da Pampilhosa.

Pedidos a

Joaquim F. Coca Junior
Zambujeiro—Arazede

AOS AGRICULTORES

Sendo agora época de sementeiras de milho, feijão, abóbora, etc., será conveniente aplicar os bons adubos e purgueira da afamada casa *Varela, Leal & C.ª*, das **Varzeas**, que se encontram **á venda em casa de Manuel Monteiro Godinho**, com deposito no **Casal do Gaio, Arazêde.**

Companhia de Seguros A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz

Antonio d'Oliveira Guerra

RUA DA REPUBLICA, 84

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legitimos acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de fórma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamavel, isca em cordão vendida fraudulentamente a titulo de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva acção civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa ao Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando-se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalisação para procederem ás necessarias diligencias. Dirigir-se pessoalmente ou por carta á Companhia Portuguêsa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

Para maior comodidade dos seus clientes "A MUNDIAL„ abriu um escritorio Agencia na

Rua do Comercio 112—Lisboa

(VULGO RUA DOS CAPELISTAS)

a testa do qual se encontra o sr. Joaquim Ribeiro da Cunha, bem conhecido segurador, que atenderá e prestará todos os esclarecimentos que lhe solicitem sobre os varios ramos de seguros que esta Companhia explora.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital — Esc., 500:000$
(500 contos)

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmão
Praça da Liberdade, 138 — Telefone 1459

ENDEREÇO TELEGRAPHICO—**MUNDIAL**

Agentes em todas as localidades do paiz ilhas e colonias

Restaurante Ferro-viario ALFARELOS

ESTE bufete, um dos que melhor servem o publico que transita nos comboios, acha-se situado na estação do caminho de ferro de Alfarelos. Fornece almoços, jantares e *lunchs* e toda a qualidade de refeições, por preços comodos.

Tem pessoal habilitado, tanto em esmero e perfeição.

Tudo se encontra com esmero e perfeição.

Fornece comida para fóra, e presta se a servir em casamentos, baptisados, etc., desde que seja prevenido com antecipação.

O proprietario, **Artur de Oliveira Coelho.**

ADUBOS MELO & MARTINS

PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada

PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiencia dos nossos adubos, devido ao seu magnifico resultado os adoptarão de preferencia a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro
PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex.mos passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.

Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA

Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.
PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações

Deposito das afamadas aguas de Luso.

Casa Funeraria
DE
ADELINO FARIA

Rua das Flores
FIGUEIRA DA FOZ

Encarrega-se de todos os funerais, podendo ser chamado a qualquer hora da noite.

Preços resumidos, a ponto de ninguem poder competir, tanto em corôas como em todos os pertences respeitantes ao seu negocio. Tem especialidade em urnas de mògno.

Biblioteca da Universidade
Coimbra

Ano 4.º — Montemór-o-Velho, 20 de Junho de 1915 — N.º 174

DIRECTOR, PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR
Almeida Junior

SECRETARIO DA REDACÇÃO E EDITOR
Abel M. de Melo Brandão

REDACTOR PRINCIPAL
Mário Augusto Mota

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguêsa

Pátria e Humanidade

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Dr. José Galvão
MONTEMOR-O-VELHO

DIRECÇÃO: — COIMBRA
(para onde deve ir a correspondencia)

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. Silva (a vapor)—AVEIRO

EM SONHOS

Noite negra, triste e longa em que apenas se presentia o ulular dos lobos da usura, prestes a abocar a prêsa indefêsa e aparentemente resignada ao sacrificio, e em que a alma da Patria, coberta de crepes, pranteava a morte politica de uma raça de gigantes...

Noite maldita, cheia de imprevistos e em que apenas se ouvia o cainhar dos chacais da politica, fartos no sangue do pôvo, acorrentado ás conveniencias do preconceito e do privilegio. Por isso, em quanto do alto trambulhava, como uma avalanche de morte, essa nuvem prenhe de coriscos, do chão da Patria, fecundado pela idêa nova, erguia-se, triunfal, o hino do futuro, inebriante como uma aurora de gargalhadas, imponente como um brado de protesto, reivindicador como um grito de vitória, feito de mil gritos e solto pela vós possante dum pôvo que se liberta da servidão de oito seculos...

O passado vaporisou-se ao calôr do presente e o presente redimiu-se na esperança do futuro; o privilégio e o preconceito abateram-se perante a razão e a sciencia, a fôrça deu lugar á justiça e ao direito e, por ultimo, o representante do despotismo — o homem rei — foi substituido pela sintese mais perfeita da humanidade libertada— o pôvo soberano. Está iniciada a obra da ressurreição, está aberto o caminho do futuro; saber enveredar por êle é a grande virtude, é o heroismo do dever e um dever de verdadeiros portuguêses e patriotas sinceros. Precisamos redimir esta Patria, levantar fisica, politica e moralmente este pôvo e preparar-lhe, no concerto das grandes nações, o lugar que ainda lhe pertence pela sua historia, pelos seus territorios, pela nobrêsa de seus filhos e pela missão que está chamado a desempenhar. E' uma emprêsa dificil, se não impossivel, uma vês que os verdadeiros patriotas e, sobre tudo, os dirigentes da politica, sejam homens para sacrificar os seus ideais, os seus interesses, a sua vaidade e divergencias á salvação do país, á honra e bem-estar do pôvo, e este, que hoje é soberano e reina pelos seus votos, inspirado na força dos seus direitos e dirigido por amigos, saberá ámanhã impôr a sua vontade, e, sendo preciso, arvorar-se em juís e executor. Quem fês uma ou duas revoluções, fás outras, sendo necessario, e o patriota verdadeiro prefere morrer com a Patria honrada e livre, a viver como escravo lambendo as botas do senhor.

Se a nossa missão politica de pôvo autonomo está cumprida e o nosso nome está riscádo no livro do destino, então morrâmos como quem sômos, honrando a nossa historia, glorificando os nossos maiores e eternisando o nome português.

Recordemos a heroicidade e bravura dos antepassados, e, encorajádos nela, formêmos uma barreira invencivel contra tudo o que possa ofuscar o brilho e engrandecimento da terra que nos foi berço.

Assim passou o sonho de acendrado patriotismo, em quanto os homens se debatiam em luta de morte —*homo hominis lupus*.

N. B.

Dr. João Constantino

Cumprimentámos em Coimbra este nosso presado amigo, dedicado notario em Arazêde e velho republicano.

Afastado das lides politicas, é, todavia, um prestimoso ornamento do partido a que pertence. Em Arazêde foi ele o delegado, no domingo, junto da urna eleitoral, dos deputados do partido democratico do nosso distrito, e houve-se á altura da reputação que gosa.

Cumprimentos.

CRÓNICA DE LISBOA

Duas linhas, apenas, para tomar parte humilde e sincera numa homenagem justa!

A Academia de Ciencias, por proposta de um dos seus mais ilustres membros — o dramaturgo Lopes de Mendonça — que todos os intelectuais portuguêses veneram, vai eleger Olavo Bilac, o grande poeta da America latina, seu socio correspondente.

Olavo Bilac, é, no nosso acanhado meio literario, um dos poetas brasileiros mais lidos e mais estimados.

Olavo na poesia e Coelho Neto, esse criador assombroso dos comoventes diálogos que formam *O Jardim das Oliveiras*, e dêsse estudo comovente da morbidês da alma creoula *A Esfinge*, na prosa!

Olavo Bilac fala á alma portuguêsa; sente como nós a influencia do céu de opála que possuimos, das sombras impressionantes que encontrâmos no bucolismo das nossas paisagens, do mar amigo que nos saúda nas curvas das suas ondas de esmeralda, das noites de sáfira em que a brisa perfumada e branda nos murmura segredos que não compreendemos...

A sua poesia, não é a poesia forçada que vêmos frequentemente, no desejo unico de formar alexandrinos, de construir redondilhas...

A sua poesia é a sua alma. São os seus ditâmes, as suas impressões, o seu coração, que foram expontaneos, que afloram subitos, que traduzem o seu estado d'alma com a natural simplicidade da Arte dos eleitos.

Ele sugestiona e comove. E comover e sugestionar os homens em duas frazes, é, neste seculo de prosa e positivismo, uma tarefa só dada a grandes talentos, como o de Olavo Bilac.

Os seus livros marcam uma época, e, para nós que somos daqueles que saúdam tudo quanto se publica, porque todo o trabalho literario representa um esforço, e, nem todos os que escrevem, podem trazer a lume a demonstração do talento, a irradiação duma obra prima, a série literaria de Olavo Bilac afirma já um valor suficiente para que se vincúle o seu nome ao livro d'oiro dos poétas da lingua portuguêsa.

Escrever um livro que fale á alma dos que sofrem e dos que amam, que suavise uma dôr e aniquile um desânimo, é creditar a alma humana duma divida valiosa.

Acalentar uma alma e abrir ao pensamento a porta coiraçado dum novo Eden; modificar para o bem uma tenção maldita; lamentar os que se estiolam no sofrimento; sentir as dôres dos eternos crucificados; chorar com os que choram; sentir o desejo intenso de querer a humanidade feliz, tudo isso, a poesia nos faz sentir, quando essa poesia é cristalina e simples, intencional e suave como a de Olavo Bilac.

A poesia catequisa e modifica; é a musica do verbo, é a tradução de mil sentimentos que nos assoberbam! Assim como as flores são a poesia das plantas, os gorgeios a poesia das aves, o luar a poesia da noite, o homem que se vangloria de ter um cerebro e um coração, traduz, no verso, os seus sentimentos e as suas paixões desde que nêle haja a preocupação do Belo.

E quando o homem que sente as emoções do Belo, tem a estrutura mental e sentimental de Olavo Bilac, essa tradução dulcifica, acalenta, seduz!

A homenagem que os academicos portuguêses vão prestar-lhe honra, pois, não só o grande poeta como a propria Academia, e, até nós, que opinamos que um cerebro e um coração, não precisam de veneras ou monumentos para demonstrar a sua grandeza, nos achâmos, como portuguêses, orgulhosos da consagração justa que vai fazer-se ao artista ilustre, da poesia portuguêsa.

D. L.

O acto eleitoral

Foi sublime de patriotismo o acto eleitoral realisado no dia 13. Enganámo-nos nos nossos vaticinios. Previramos desordens por toda a parte, a avaliar por tempos e costumes idos, mas tudo decorreu sem incidente. Os partidos militantes da Republica devem ter palpado bem a sua força, de maneira a poderem proceder a um rigoroso balanço das suas forças partidarias. Fôram eleitos alguns católicos, e esse gesto de tolerancia, e quiçá da legalidade eleitoral, foi a prova demonstrada de que na nossa frente surgirão acontecimentos dignificantes de patriotismo.

Assim os dirigentes cumpram os seus programas. De palavriado está o país cheio. Necessita agora de obras, mas de obras insufismaveis que façam vêr ao pôvo que, entre Republica e monarquia, ha alguma diferença de processos e de costumes.

Em Arazêde, onde pouco mais havia do que dez ou doze votos republicanos, a diferença foi enorme. Entrando na urna 43, bem demonstrado está que o progresso ali, como em toda a parte, é manifesto. Entristeceu-nos, contudo, o facto de ser o nosso concelho o mais retrogrado de todos os concelhos do distrito, porque foi, de todos, o que menos votação republicana teve. Mas já teve mais do que o costume...

SEM AMPARO

Uma creança linda, esperta, inteligente:
na face a côr da rosa; o cabelo, aneis d'oiro
nos hombros a ondear...—é galante, atraente,
e de meiguice então... um pequeno tesoiro!

Assim tão pequenino, até contrista a gente
o vê-lo, meigo e bom, e tão rosado e loiro,
sem amparo dos pais, que o guiem docemente
no caminho da Vida!—ai, triste... triste agoiro!

Coitado, tão novito, e aos baldões já da sorte,
sem carinhos de mãe—coração meigo e forte—
que o abriguem, como mãe, sob as azas do amôr!...

Jesus, que tanto amou a inocencia,—as creanças,
ôh! lance sua vista, iriada de esp'ranças,
sobre o pobre inocente!—amparai-o, Senhor!

Montemór-o-Velho, junho de 1915.

J. Neves.

DOENTE

Encontra-se doente, aguardando o leito, a snr.ª D. Laura da Graça Ribeiro

Desejamos-lhe rapidas melhoras.

MARCOS MELO

Ainda ontem é que soubemos que este nosso querido amigo está administrando, desde a revolução de maio, o importante concelho da Nazaré. Marcos Melo é um republicano de velha data. Novo ainda, é uma criatura simpatica a todos os titulos. Em Leiria, onde é funcionario da camara municipal, o nosso amigo gosa de geral estima, de merecida consideração.

Faziamo-lo separado do serviço, pela ditadura Pimentista. Ele nos escreveu, no tempo ingrato da opressão, contando ser esbulhado do seu lugar, que exercia com zelo e entranhada dedicação. Mas a ditadura nada poupava.

Felizmente que a revolução veio a tempo de o salvar e de salvar muitos outros dedicados republicanos.

Saudando o nosso amigo, que está conquistando as graças do povo do concelho que administra, enviamos a Marcos Melo um grande e sincero abraço.

Escola da Portela

O inspector das escolas moveis, snr. João Bernardo Gomes, esteve a semana passada na vila de Tentugal, indo dali inspecionar a escola movel da Portela, de que é professor o nosso presado amigo, snr. José d'Almeida Machado.

Interrogou vários alunos, e não poude deixar de manifestar a sua satisfação por vêr o adiantamento em que eles se encontram, mercê do esforço, zêlo e tenacidade do respectivo professor, que, sendo um velho republicano, é, ao mesmo tempo, um exemplar cidadão, a quem o povo de Tentugal e da Portela, devem muita consideração e respeito.

Cumprimentando o snr. Almeida Machado, felicitamo-lo pelo belo exito obtido.

Eleições

O partido democratico triunfou em todo o distrito, contra a espétativa de toda a gente. Triunfou e, já agora, não haverá maneira de entortar o significado da vitória.

Quer fosse um quer fosse outro o partido triunfante, a nós era-nos indiferente. Entretanto, num concelho como o nosso, onde o partido republicano ficou sempre á rétaguarda, foi motivo para surprêsas o facto de ele désta vez sair vencedor.

Nas Means teve ele uma maioria de 86 votos. Em Tentugal, em cuja urna entraram 132 votos, apenas 2 fôram evolucionistas. Em Arazêde era diminuto o numero de votos do partido democratico; este ano, entrando 132, total, 43 fôram do partido avançado. E por aqui fôra.

Tentugal, especialmente, está democratisada.

E ainda um dia havemos de fazer a historia das razões que levaram esta importante freguezia a passar de partido...

Lamentavel desastre

A vida humana é toda cheia de surprezas, algumas délas bem sinistras e ingratas.

A gente ri, á hora da refeição e, mal tem andado um passo, com o contentamento na alma, logo surge um desgosto que para sempre nos veste de luto ou nos rouba a propria vida.

Queremos referir-nos, com dolorosa mágua, ao desastre de que foi vitima, no domingo passado, na estação de Alfarelos, um dos funcionarios mais distintos e mais queridos que ali trabalham como ferro-viarios.

José Ferreira Fontes é um rapaz inteligente e cheio de boa-vontade, um empregado que dava esperanças. Salientando-se por ocasião da ultima gréve, a companhia premiou-o olhando aos seus incontestaveis merecimentos e zêlo.

O Fontes, que é um nosso amigo pessoal e muito querido, está no hospital de Coimbra, em quarto particular, e ficará sem trez dedos da mão direita, pelo menos pelas falanges.

Na estação, ao cair da tarde de

domingo, pegou ele, inadvertidamente, numa esféra metalica que se achava carregada de dinamite ou polvora.

Com tanta infelicidade o fez, que o objecto explodiu, estilhaçando-se e ferindo-o na cara, ao mesmo tempo que lhe produzia graves estragos na mão.

Parece que não havia meio de nos conformarmos que ao nosso bom amigo tal tivesse acontecido. Infelizmente, ele lá está, abatido e triste, uma criança desanimada, desalentado, olhares mortiços e desoladores. Fômos abraça-lo; a comoção que sentimos, ao vêr o pobre Fontes assim triste, não nos é possivel descrevê-la.

Não podemos dar-lhe remedio. Entretanto choramos, com ele, a sua desdita; a ingratidão da sorte que o atingiu em plena mocidade, quando o futuro lhe sorria e a flôr odorante da esperança o animava.

Renovamos aqui o nosso pezar, e não nos esquecemos de lamentar, ao mesmo tempo, o pezar de seu tio, o snr. Americo Pina, chefe competentissimo da estação onde o desastre se deu.

Camara Municipal

Sessão de 15 de maio

Presentes os vereadores, snrs.: Monteiro da Costa, Goes e Esteves de Barros, sob a presidencia do snr. dr. Simões, servindo de secretario o snr. Esteves de Barros.

Lida e aprovada a acta da sessão anterior.

EXPEDIENTE

Oficio da secretaria da Imprensa Nacional a informar sobre legislações pedidas pela Comissão.

Resolveu que informe qual o preço.

Oficio do professor de Santo Varão a enviar o mapa do mez de abril.

Para a secretaria.

Oficio da repartição da Direcção Geral das Contribuições e Impostos, a comunicar que o Estado aceita o encargo do lançamento e cobrança da percentagem votada por esta camara.

Inteirada.

Oficio do professor do Amieiro a comunicar a sua promoção a 1.ª classe.

Inteirada.

Oficio da camara de Cantanhede a enviar um edital para ser afixado, a anunciar a mudança da feira do dia 6 para o dia 8 de cada mez.

Mandou que fosse afixado.

Foi presente uma requisição do professor do Vale Grande.

Mandou satisfazer.

O mestre d'obras apresentou diversas informações sobre alinhamentos e licenças para depositos de materiais e outras licenças.

Concedidas nos termos da lei.

Fôram tomadas as seguintes deliberações:

Oficiar á Direcção da 2.ª Circunscrição dos Serviços Fluviais e Maritimos a pedir com urgencia a reparação de trez quebradas na margem direita do rio Mondego.

Mandar aos guardas e zeladores que avisem os capatazes do braçal a entregarem as ferramentas e relações dos contribuintes de todo o concelho.

Foi presente o balancete semanal, acusando um saldo de 4:300$00 depositados na Caixa Economica Portuguêsa.

Mandou e autorisou o pagamento de diversas despêsas.

Em seguida foi encerrada a sessão.

LOPES ANADIO

Surpreendeu-nos este nosso presado correspondente das Alhadas, na sexta-feira, dando-nos o prazer da sua amavel visita.

Conheciamo-lo e admiravamo-lo, em espirito, e, ao vê-lo pessoalmente, em nada destoaram os nossos conceitos.

Agradecendo-lhe a amabilidade, renovamos os nossos cumprimentos.

CONCELHO

Aos nossos estimados assinantes do concelho, que deixaram devolver os recibos por ficarem longe do correio, pedimos o favor de mandarem pagar na secretaria da administração do «Dever», nesta vila.

Aos de fóra do concelho rogamos mandem em estampilhas ou de qualquer fórma a importancia dos seus debitos.

A administração.

Secção de Variedades

O Marquez del Carpio, vice-rei de Napoles, estando um dia numa igreja de Madrid, ofereceu agua benta a uma dama, que em mão muito feia trazia uma rica pulseira de brilhantes.

Ele, como galanteador, disse-lhe: antes quero a algema do que a mão!

A dama, pegando num colar de oiro, que o Marquez trazia ao pescoço: antes quero o cabresto do que o dono!!!

A' sombra da cruz

Tenho a Virgem do meu lado,
E os anjos na minha frente;
Goso aqui eternamente
A paz do crucificado!
Sou dos anjos consolado
Goso aqui a eterna luz;
Dos frutos que o ceu produz,
Goso a virginal frescura:
Aqui ha paz e doçura
A' sombra da eterna cruz.

Um morto-vivo

Durante a epidemia do colera, em 1855, era tão grande a mortandade num povoado de Jalon, que os coveiros viram-se obrigados a carregar aos hombros com os cadaveres e leval-os ao cemiterio.

Carregado assim com um pobre aldeão, que acabava de expirar, segundo o certificado do medico, ia um dos coveiros, quando pouco antes de chegar ao cemiterio, o cadaver, dando sinais de vida e recobrando a voz e os sentidos, perguntou ao seu condutor:

— Aonde me levas?

— Ao cemiterio.

— Leva-me para minha casa, que eu não estou morto.

— Não estás morto?! Saberás tu mais do que o medico!!!

Num sermão da Paixão

Um padre prégava numa igreja um sermão da Paixão. Quando o prégador chegou ao ponto do encontro de Jesus Cristo com Judas, repetiu as palavras do Divino Mestre, dizendo:

— Quem é que buscais? Quem é que buscais?

Neste momento entrava pela igreja acima um lavrador, com um par de tamancos na mão e um chapeu de sol debaixo do braço e, ouvindo o padre perguntar: Quem é que buscais?—respondeu muito depressa:

— Eu, senhor padre, procuro a minha Angelica para lhe dar estes tamancos e este chapeu de chuva, porque está a chover muito!

Uma quadra

Disse-me Coimbra ao ouvido
Pela boca do luar:
Não deixes, toma sentido,
Minhas tricanas chorar.

Estudante de Coimbra.

Junta Geral

A comissão executiva, em sessão de 3 de junho, aprovou:

Os orçamentos para 1914-1915: ordinarios das confrarias do SS., de Reveles, concelho de Montemór-o-Velho e de Santo André de Poiares; e suplementares das irmandades do SS. de Eiras e Taveiro, do concelho de Coimbra; e para 1915-1916, os ordinarios da Misericordia de Arganil e das irmandades do SS. e Imaculada Conceição, de Côja; e de Santo Antão e Senhora dos Remedios, de Vinhó, concelho de Arganil; das confrarias do SS., de Cantanhede e das Almas, de Cadima, concelho de Cantanhede; do SS. de Almalaguês, concelho de Coimbra; e da Misericordia de Pereira, concelho de Montemór-o-Velho.

CARTA DA ABRUNHEIRA

17—6—915.

... a minha ao fazer esta é boa graças a Deus!...

Estive alguns anos numa terra onde, todas as vezes que vinham cartas do Brazil, se me dirigiam algumas pessoas para eu lhes lêr as cartas que recebiam, e quasi todas elas fechavam o primeiro periodo com aquelas palavras!

Vem isto a proposito de eu *ao fazer esta* não me sentir bem.

Uma molêsa!... Um aborrecimento!... Indolencia?... Não sei.

Além disto o meu caro amigo snr. Almeida Junior quere correspondencia para todos os numeros de *O Dever* e eu desta vez não tenho assunto.

Só se disser que encontrei hoje três garotitos, muito contentes, muito alegres, muito satisfeitos, um dos quaes levava nas mãos um pequeno ninho com quatro implumes avesinhas, que constantemente abriam os biquitos, como que a pedirem que os levassem aos pais!

O que para êles era motivo de contentamento, alegria e satisfação, foi, para mim, motivo de descontentamento!

Que grande dó eu tive das tristes avesinhas!

Talvez seja por esta razão que eu me encontro mal disposto!

Pois se eu até ali me sentia bem!...

Pachorrentamente seguia o meu caminho, trauteando uma das canções que o Elias e o José Graça andam a ensaiar ao rancho das tricanas, guarda-sol dependurado do braço, os dedos polegares das mãos enfiados nas cavas do colete, quando se me depara aquele espétaculo bem triste!

Perguntei-lhes porque razão tinham ido tirar o ninho, aquele *chalet* aereo que nenhum arquitéto é capaz de imitar? E êles, num risito amarêlo, como vulgarmente se diz, respondiam-me com um palerma encolher de ombros!...

Fiz-lhes vêr a má ação que tinham praticado; e expliquei-lhe, da melhor fórma que pude, o bem que nos fazem as aves e o mal que causam com a destruição dos ninhos.

Se este facto tivesse sido presenciado por alguma das ilustres colaboradoras de *O Dever*, estou certo que aqui, nas suas colunas, êle seria proficientemente desenvolvido, e dar-nos-iam o prazer de saborearmos, por alguns momentos, a sua aprimorada prosa.

Mas eu!...

Um humilde noticiador de partidas e chegadas, á maneira dos écos do *Seculo*—não me tomem por cartaz de Estação do Caminho de Ferro—não posso fazer mais do que noticiar, resumidamente, singelamente, o que se passou entre a minha pessoa e os três petizes.

Foi o que fiz!

Sentir-me-hei, porém, imensamente satisfeito, achar-me-hei bastante honrado, se vir que este assunto é tomado em consideração por alguma das ilustres colaboradoras de *O Dever*, e, se tal acontecer, eu antecipadamente o agradeço, nestas simples mas sinceras palavras: Muito obrigado, minha Senhora.

N.

A Guerra da Europa

Porque é que a Grã-Bretanha se acha em guerra.—Causas e seus efeitos

Exposição sumaria da correspondencia diplomatica e discursos ministeriais

(CONTINUAÇÃO)

Logo de madrugada, em 1 de agosto (3,30 da manhã) o rei de Inglaterra e os seus ministros fizeram uma ultima tentativa para conseguir a paz. O rei telegrafou pessoalmente ao czar. No telegrama o rei expoz primeiro o texto de uma comunicação recebida do governo alemão. O czar havia previamente pedido ao imperador alemão para intervir entre a Russia e Austria e tinha feito os mais categoricos protestos ao imperador Guilherme que as tropas russas se não moveriam emquanto continuassem as negociações para a mediação. O governo alemão em sua comunicação declarava que o imperador estava desejoso pela mediação e queixava-se que tal mediação fosse frustrada pela mobilisação russa. O rei Jorge, dizia «que estava muito ancioso em não perder possibilidade de evitar a terrivel calamidade que ameaça o mundo inteiro»; elle apelava para o czar para remover qualquer mal entendido que se tivesse dado oferecendo os seus bons oficios para auxiliar e renovar as conversações interrompidas entre as potencias interessadas». O czar replicou no mesmo dia: «Com alegria teria aceitado as vossas propostas se o embaixador alemão não tivesse apresentado uma nota ao meu governo, esta tarde, declarando a guerra».

«Nesta hora soléne, desejo», dizia o czar, «assegurar-vos, mais uma vês, que fiz quanto em mim cabia para evitar a guerra». Esta declaração é confirmada pela correspondencia diplomatica. Mostra, como disse o ministro russo dos negocios estrangeiros, «que nenhuma sugestão que lhe fôra apresentada havia sido recusada. Ele aceitára a proposta para uma conferencia de quatro para intervenção, pela Grã-Bretanha e Italia, para conversação directa entre a Austria e a Russia; mas a Alemanha e a Austria-Hungria tinham tornado improficuas estas tentativas de paz já com respostas evasivas, já com recusas formais».

«Se a guerra fosse evitada», tinha dito o ministro russo dos negocios estrangeiros justamente antes de recebido o ultimatum alemão, «dever-se-hia em grande medida ao governo inglês». O precedente resumo mostra a persistencia de sir Edward Grey no seu trabalho pela paz. O que ele deliberadamente se absteve de fazer, não menos do que ele fés, era governado pelo desejo de paz. Em um recente periodo das negociações o governo britanico foi instado tanto pela França como pela Russia para fazer uma declaração de completa solidariedade com elas (24 de julho). O presidente da Republica repetiu o pedido com muita firmesa em 30 de julho. Sir Edward Grey foi de parecer que era provavel ser de mais utilidade como pacificador que este paiz se conservasse o mais tempo possivel em atitude de desprendimento. Alem disso o governo não tinha desejo de intervir, a menos que a honra e os interesses do paiz o tornassem inevitavel. Ao mesmo tempo fizeram-se declarações de que não se devia assumir que a Inglaterra continuaria impassivel em quaisquer circunstancias concebiveis.

Os documentos oficiais mostram, pois, quanto incessantemente se esforçára sir Edward Grey em manter a paz da Europa e por quem os seus esforços haviam sido frustrados.

Mostram tambem a lentidão do governo inglês em comprometer a Grã-Bretanha a tomar parte na guerra. O ela por ultimo ter ficado envolvida, foi devido a causas que nada tinham que vêr com os Balkans.

(*Continúa*).

Sir Edward Cook.

Dr. Antonio Joaquim Simões

Esteve em Coimbra, a semana passada, acompanhado de sua ex.ma esposa, o snr. dr. Antonio Simões, meretissimo medico na visinha povoação da Abrunheira e considerado presidente do nosso municipio, ao qual tem dado o melhor do seu esforço, como o provam a zelosa administração e as obras importantes que se teem realisado durante a sua inteligente gerencia.

Alice Oliveira,

aluna externa do 5.º ano de piano do Conservatorio e com o curso de musica: léciona, em sua casa ou dos alunos, como se convencionar.

RUA DO SUB RIPAS, 10
COIMBRA

Instituto Branco Rodrigues

Exames de Cegos no Conservatorio e no Liceu Passos Manoel

O snr. ministro de instrução pública concedeu autorisação, a pedido do snr. Branco Rodrigues, fundador do Instituto de Cegos, para que sejam admitidos a exame de 1.º e 2.º ano de Rudimentos e de 1.º, 2.º e 3.º ano de Piano, no Conservatorio de Lisboa, e das disciplinas de português e de francês, no Liceu Passos Manoel, sem pagamento de propinas, os alunos cegos deste estabelecimento de ensino e de beneficencia, que se acham habilitados naquelas disciplinas, em numero de dezanove.

Exames de instrução primaria de 1.º e 2.º grau

Tambem este ano fazem exames de instrução primaria, na escola oficial de Cascais, seis alunos cegos desta instituição.

Horas d'insónia

Uma das minhas gentis leitoras ofereceu-me, por meio dum lindo postal ilustrado que me dirigiu, o seu voto por ocasião das eleições. Eu não sou politico. Mas, se de politica me ocupasse, eu era um dos que advogaria, com ardôr, a causa justificavel da concessão do voto ás senhoras. Arranjaria um parlamento onde se ventilassem os mais complicados assuntos do coração.

O Amôr seria o tema sempre preferido. A' entrada, uma dalia rubra e olorosa, perfumaria o ambiente. As cadeiras, enormes pedaços de ceu azul; e as mezas de trabalho, — os peitos arfantes e sonhadores de cada uma das fogazes parlamentares.

Ali se discutiria, atravez de esperanças acalentadoras, o problema psicologico, que é o problema máximo da mocidade, e que tanta gente ventila mas ninguem ainda foi capaz de resolver. Olhares penetrantes, impaciencias nervosas, delicadezas sem fim. Uma verdadeira escola d'amor, onde se aprendesse a sorrir com ternura, onde a vida, dificil ás vezes, se tornasse um manancial de prazeres e um botão de roza sempre virgem de maldades.

Só assim o voto feminino poderia produzir os desejados efeitos. Mulheres dinamitistas, mulheres caciques, seriam enfermidades da natureza. E a gente, que num olhar rutilante de bondade duma mulher atraente, se acostumou a ver um mundo inteiro de rozas admiraveis, passaria a fugir, desabridamente, assustada, ao encarar uma senhora d'olhares chamejantes, não de idial nem de ternura, mas de vingança e odio rescendendo a polvora e a cadáveres em decomposição.

Sim, amavel leitora! Aceito o seu voto precioso. Ele demonstrou, senão na pratica por impossibilidade de entrar na urna eleitoral, ao menos que v. ex.ª se lembrou da marcha dos negocios da sua patria em dias, para ela, de verdadeiros sobresaltos. Não podia eu ser o delegado da sua consciencia, ainda que nêste paiz o voto das senhoras fosse um facto.

Mas já não diria outro tanto, se v. ex.ª, amoravel e inteligente, me fizesse delegado da sua alma junto d'algum altar de sorrisos.

ALMEIDA JUNIOR.

O DEVER

SEMANARIO DEFENSOR DA UNIÃO DA FAMILIA PORTUGUEZA

Assinaturas

(Pagamento adeantado)

Trimestre	0$32
Semestre	0$62
Ano	1$22
Continente e Africa	
Trimestre	0$35
Semestre	0$65
Brazil e Africa Oriental	
Ano	2$00

Numero avulso, $04

Publicações

Comunicados, 0$06 a linha; anuncios, na 1.ª pagina 1 vez, 0$10 a linha; na 2.ª, 0$80; na 3.ª e 4.ª, 0$06. Repetições, metade d'este preço.

Por mais de um mez, preço convencional.

Selo, cada publicação, 0$01.

Os assinantes teem desconto de 25 0|0.

Não se aceitam informações anonimas nem se restituem originaes, quer sejam ou não publicados.

Poetas e Prosadôres

Sonho desfeito

Amo-te!.. me disseste um belo dia.
E eu, louco, acreditei na falsidade.
Bem louco fui, eu sei, de f'lícidade,
Nessa visão tão meiga e fugidia!...

«Amor puro e sincero», me pedia
Teu olhar portador de crueldade.
Pobre de mim!... Tive essa veleidade!...
Dava-t'o, numa fé que me perdia!...

E hoje, choro a minha desventura;
Do meu sonho a cruel desilusão
Que me causa tão intima amargura!

Porque, se me recorda essa visão;
Do teu rosto a soberba miniatura;
Mais forte sinto, em mim, esta paixão!...

Amadora, Março de 1915.

Marco Antonio A. Franco.

A Revolução de 14 de Maio

Muito se tem escrito ácêrca da Revolução de 14 de Maio, pretendendo algnns individuos fazer-nos acreditar que éla foi urdida unica e exclusivamente para satisfazer a ambição de alguns membros do partido democratico, tão descaroavelmente tratados pelo governo de Pimenta de Castro.

Nada disso.

Analisando, sem espirito algum de partidarismo, as causas determinantes do movimento revolucionario de 14, nós vêmos que esse movimento tinha necessariamente de dar-se, não para satisfazer a ambição dêsses homens, mas porque a Republica, que o povo livremente escolheu e que por éla derrama a ultima gota de sangue, ia tendo o seu desfecho, mercê da desmedida protéção dada a monarquicos que, por maior que seja a benevolencia que se lhes dispense, serão sempre uns verdadeiros inimigos irreconciliaveis das instituições vigentes.

O heroico povo da capital, compreendendo o perigo que corria o regimen, sacudiu, por meio duma Revolução em que mais uma vês atestou o alto valor da sua raça, tão malfadada ditadura, que fazia da Constituição um verdadeiro trapo.

Demonstrou que nas suas veias não gira sangue dessorado, mas sangue vermelho, proprio das mais encarniçadas batalhas!

Não se afirme, como algumas alfurjas, que só desacreditam a imprensa, teem afirmado, que a Revolução de 14 de Maio foi obra de assassinos. Não!

Respeitemos a memoria querida duma pleiade de bravos que, em defeza da Republica, tudo sacrificaram, inclusivé o bem-estar das esposas e dos filhos, cujas lagrimas de tristeza e dôr hão-de por muito tempo queimar as suas faces macilentas.

Não se pretenda dar ao movimento revolucionario de 14 de Maio o significado que ele não tem. Este movimento não se operou para satisfazer a ambição dos homens duma certa e determinada facção, mas para que a Republica seja venerada por todos os portuguêses, como regimen de Trabalho, de Honra e Sacrificio.

Não se podia admitir, por exemplo, que Paiva Couceiro, em plenas ruas de Lisboa, desrespeitasse o regimen e que em centros monarquicos portuguêses degenerados lançassem das suas varandas os mais soezes insultos á grande familia republicana.

Era preciso, indispensavel, que o espétaculo, que já enojava todo e qualquer republicano de convicções inabalaveis, tivesse um termo e daí a revolta de 14 de Maio, que provou, como outros átos o já teem provado, que a raça portuguêsa em nada tem degenerado da dos nossos antepassados, que nos combates de Roliça, do Vimieiro e Bussaco levantaram bem alto ó nome de Portugal.

Deixem-se as alfurjas de cuspir para os verdadeiros patriotas, cujo sangue eles não teem duvida em derramar em prol desta patria estremecida, cujo pendão das quinas muitos dos nossos audazes combatentes souberam arvorar nos confins do Mundo!

Constantino Gomes Tomé.

EM COIMBRA

Cumprimentamos na capital do distrito, na quinta-feira passada, o nosso presado assinante de Arazêde, snr. Manuel dos Reis, sogro do tambem nosso estimado assinante, snr. José Monteiro Barreto, zeloso enfermeiro da canhoneira *Ibo*, em Cabo Verde.

CARTA DO BRAZIL

Santos, 25 de maio.

O que imaginava o Pimenta de Castro, o fanfarrão, que eram os democratas, ou o pôvo português? Oh! Cuidava que o nosso pôvo, digno da sua brilhante historia, consentia, feito burro com albarda, que qualquer montasse á sua vontade? Não! O nosso pôvo já não consente mais que os opressôres lhe abram novas feridas no seu delicado corpo coberto de cicatrizes, feitas no tempo da opressão. Quer ser livre, quer progredir, como progride todo o pôvo que vive liberto.

Para a frente, pôvo digno da sua Patria; façam vêr a esses sectaristas, a esses sobas, que o nosso heroico pôvo de velhas tradições, não quer mais viver acorrentado e oprimido, como vivia nos tempos do realismo; por tanto, cuidado, porque são uns parasitas, que só trabalham na sombra, para vêr se fazem sossobrar os vultos de maior prestigio da nossa querida terra.

Só em me lembrar que foi proíbida a entrada no Congresso ao snr. dr. Bernardino Machado, representante da nação, fás calafrios e, ao mesmo tempo, repugna a todo o leal e sincero republicano.

O que queria esse governo de crús e espada forjar na sombra? Era para conceder anistias, dissolver camaras genuinamente republicanas, crear centros monarquicos, acabar com as cultuais, para que voltassem os negregados jesuitas... Ora, por esse meio, mais facilmente poderiam ir conduzindo a gente ingenua das provincias a uma monarquia á meia cara, como estava sucedendo quasi em todo o distrito de Aveiro, no de Viana do Castelo, e por mais localidades se alastraria, se não fôsse o pulso de ferro de verdadeiros republicanos que, noite e dia, estão velando pelos destinos da nossa querida Patria.

Se os negromênos cuidam que o republicano dorme quando vê a sua Patria em perigo, enganam-se; porque têmos sempre denodados e queridos filhos do grande Portugal, prontos para verter o seu sangue quando o caso se torne necessario como agora.

Até aqui, por estas lindas paragens, houve grande regosijo na colonia renegada, festanças e o diabo a quatro, quando chegou um telegrama de Madrid, dando a sensacional noticia de ter sido assassinado o snr. dr. Afonso Costa!

Triste telegrama foi este! O ajuntamento ás portas das redacções era enorme, lendo os *placards*, comentando, uns dum modo, outros de outro, e por isto eu pude apreciar o grande valôr que tem o intemerato caudilho da democracia portuguêsa.

Ao outro dia chegaram novos telegramas desmentindo o assassinato do grande tribuno, o que fês com que aquela gentinha ficasse com a cara ao lado!

Era um pagode vê-los em grupêlhos, aqui e ali, lastimando-se, esganiçando-se, entregando ao démo a má noticia do homem têr ressuscitado.

Um calmante á Leóte, pelo mar; á Correia Barreto e Antonio Maria da Silva, por terra, devem fazer o efeito desejado aos mal-dizentes.

Viva a Patria livre!
Viva a Republica!

-Elisio Ramalhão.

Esteve nesta vila o snr. Abel dos Santos, distinto pintor, da Figueira da Foz, que aqui veio para tratar da pintura do pavilhão do Rancho *6 de Julho*, que se exibirá nas proximas festas de S. João.

Agua da Curia

Mogofores

As unicas aguas sulfatadas-calcicas que existem no paiz, similhantes ás afamadas aguas de Contrexéville, nos Vosges (França).

ERRATA

Chamámos, no numero passado, Mario Antonio A. Franco ao nosso novo colaborador de Amadora, Marco Antonio A. Franco. Pouca diferença ha de Mario para Marco, e o nosso amigo escreveu de tal maneira o seu nome proprio, que não foi dificil toma-lo pelo que ele não era, isto é, errar-lhe o nome. Que nos desculpe.

ANUNCIOS

Anuncio

(1.ª publicação)

NO dia 27 do corrente mez de Junho, pelas 11 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, vae á praça para ser vendido pelo maior lanço oferecido sobre o valor abaixo indicado, o seguinte predio penhorado na execução que Dona Maria de Nazaré Ferreira Mósca, move contra Joaquim Gomes de Matos e mulher, das Meãs de Cima, a saber:

Umas casas de habitação, eira de cal e terra de semeadura junta, no Alquéve, e que mede «quinze aguilhadas» e parte do norte com José da Queda, e outros, vae á praça em quatro centos e cincoenta escudos (450$00).

Montemór-o-Velho, 17 de Junho de 1915.

Verifiquei a exatidão:

O Juiz de Direito,

Amaral Pereira.

O Escrivão,

José de Paiva Bobela Mota.

ANUNCIO

(2.ª publicação)

NO dia 27 do corrente mez, pelas onze horas, á porta do Tribunal Judicial em Montemór-o-Velho, se ha-de proceder á arrematação em hasta publica, para pagamento das dividas, dos predios abaixo mencionados, descritos no inventario orfanologico por obito de José Pereira de Sousa, de Pereira, no qual é inventariante a viuva Emilia Afonso, a saber:

Uma terra lavradia que mede 6480m2 (doze aguilhadas), no sitio dos Quartos, vai á praça em cento e cincoenta escudos.

Uma terra lavradia que mede 1620m2 (tres aguilhadas), no sitio dos Quartos, vai á praça no valor de setenta e cinco escudos.

A contribuição de registo será paga por inteiro á custa dos arrematantes.

Por este são citados para a arrematação quaisquer credores incertos.

Montemór-o-Velho, 3 de Junho de 1915.

O escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei.

Amaral Pereira.

ANUNCIO

(2.ª publicação)

NO dia 27 de Junho corrente, por 11 horas, á porta do Tribunal Judicial da Comarca de Montemór-o-Velho, se hão-de vender em hasta publica, pelo maior lanço oferecido sobre a avaliação, e para pagamento do passivo aprovado e custas e selos do respectivo processo, os seguintes bens descritos no inventario entre maiores por obito de Joaquim Marques Tubarão Coca, morador que foi em Tentugal:

Uma terra e poisio com treze oliveiras, no sitio dos Outeiros, freguezia de Tentugal, avaliada em 40$00.

Umas casas no sitio de Traz do Curral, em Tentugal, avaliadas em 25$00.

Uma terra lavradia no sitio da Carreira de Montemór, freguezia de Tentugal, avaliada em 50$00.

Um bocado de pinhal e poisio, no sitio do Vale da Povoa, freguezia de Tentugal, avaliado em 20$00.

Um pinhal no sitio do Vale da Ladra, freguezia de Tentugal, avaliado em 40$00.

Um pinhal no sitio do Vale das Rãs, freguezia de Tentugal, avaliado em 75$00.

Pelo presente são citados para a praça quaesquer credores incertos.

Montemór-o-Velho, 7 de Junho de 1915.

O escrivão,

João Pais da Cunha Mamede.

Verifiquei a exatidão.

O Juiz de Direito,

Amaral Pereira.

Editos de 30 dias

(2.ª publicação)

PELO Juizo de Direito da Comarca de Montemór-o-Velho e pelo cartorio do escrivão do 2.º oficio, nos autos de inventario entre maiores para separação de bens dos conjuges divorciados Antonio Pereira de Lima e Maria de Nazaré Joaquina de Andrade, moradores no logar do Vizo, freguezia de Licêa, desta comarca, correm éditos de 30 dias, contados, passados cinco dias depois da segunda publicação dêste anuncio no *Diario do Governo*, citando o conjuge executado Antonio Pereira de Lima, proprietario, do referido logar do Vizo, más ausente em parte incerta, para no praso de 10 dias, a contar passado o praso dos éditos, entregar ou pagar á conjuge Maria de Nazaré Joaquina d'Andrade, o mobiliario que a esta pertenceu no referido inventario, constante das verbas n.os 1 a 11 inclusivé, 13 e 24, 1|2, na importancia de 79$40, e bem assim a quantia de 13$10 de tornas, tudo na importancia total de 92$50, sob pena de, não o fazendo no praso indicado, seguir a execução seus termos até final.

Montemór-o-Velho, 3 de Junho de 1915.

O escrivão,

João Pais da Cunha Mamede.

Verifiquei a exatidão.

O Juiz de Direito,

Amaral Pereira.

ANUNCIO

(2.ª publicação)

No dia 27 do corrente mez, por 11 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, vão á praça para serem vendidos pelo maior lanço oferecido, os seguintes predios penhorados na execução que na comarca de Coimbra move D. Elisa Augusta Mósca, contra Joaquim Gomes de Matos, das Meãs de Cima, a saber:

Um predio de terra lavradia, no Vale do Logar, freguezia das Meãs, que parte do norte com Maria dos Reis, e do sul com Joaquim Ferraz de Melo, vai á praça por cento e vinte cinco escudos.

Uma terra matagósa e lavradia com algumas arvores de fruto e pinheiros, nos Outeiros, que parte do norte com Joaquim Corrêa de Macêdo, e outros, e do sul com os herdeiros de José Jorge Valente, vai á praça por cem escudos.

Pelo presente são citapos para a arrematação quaisquer interessados incertos.

Montemór-o-Velho, 5 de Junho de 1915.

E eu, José de Paiva Bobela Mota, que o subscrevi.

Verifiquei a exatidão.

O Juiz de Direito,

Amaral Pereira.

Companhia Geral de Credito Predial Português

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

Séde Social: Travessa de Santo Antonio da Sé, n.º 21

LISBOA

Esta Companhia realisa actualmente emprestimos hipotecarios a longo praso, cujo encargo, compreendendo juro, comissão, amortisação e depreciação dos titulos, é inferior a 7 %, tendo os mutuarios a faculdade de antecipar os seus emprestimos, total ou parcialmente e em qualquer época, em dinheiro ou em obrigações da mesma taxa e tipo das que fôram entregues no acto do contrato. Recebe e guarda nas suas magnificas **Casas fortes** quaisquer papeis de credito, encarregando-se de receber os respectivos juros.

Pedir esclarecimentos a Fernando da Silva Coelho Pessoa — Montemór-o-Velho — ou diretamente á Séde da Companhia.

Guilherme dos Santos Pinto & Irmão

COM

OFICINA DE CANTEIRO

Encarregam-se de jazigos de toda a especie e todo o serviço concernente á sua arte.

Tambem executam todos os trabalhos que digam respeito a *Plantas, Alçados, Copias, Projectos e orçamentos de edificios, edificações, etc.*

Montemór-o-Velho=Verride

AGUA DE LUSO -- Cura pela Diurése

(ESTABELECIMENTO TERMAL E HOTEIS ABÉRTOS TODO O ANO)

A mais diurética e mais digestiva. Aumenta a diurése, regularisa as funções digestivas e ativa os fenómenos nutritivos

Muito radioativa—4,49 miligramas—minutos
Muito ionisada, resistividade a 18° 18300 ohms
Muito rica em gazes raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotonica, ponto criospico 0°,04

} Conclusões da analise feita pelos distintos professores Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitissimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tifico

USO EXTERNO—Molestias de pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc,), reumatismo e gôta.
USO INTERNO—Artritismo, impaludismo, neurastenia—Albuminuria, diabetes—Intestinos, estomago—Rins—Bexiga.

Depositos -- **LISBOA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros, 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 428. FUNCHAL, José Quirino de Castro, rua dos Murças. AFRICA ORIENTAL: Oswald Offmann. BEIRA: F. L. Simões & C.ª. LOANDA: Beltrão, Pena & C.ª**, e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositarios nas terras onde ainda os não haja.

Portugal Previdente

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima — Responsabilidade Limitada

Capital **UM MILHÃO** de Escudos

SÉDE — RUA DO ALECRIM, 10 — LISBOA
N.º Telef.—1849 End. Teleg.—VIDA

Seguros contra incendios de predios, fabricas, etc.
Seguros de estabelecimentos e mobiliarios.
Seguros agricolas de ceáras, eiras, palhas, arvoredos, etc.
Seguros de maquinas e utensilios de lavoura.
Seguros contra incendio proveniente de gréves e tumultos.
Seguros de transportes maritimos e postaes.
Seguros contra roubo de habitações e estabelecimentos.
Seguros contra fraude de empregados.
Seguros contra a quebra de cristais.
Seguros de vida, pensões, dotes e reformas.
Seguros contra acidente de trabalho.

Agencias em todas as terras importantes do paiz, ilhas e colonias.
Sucursal no PORTO — Rua Passos Manoel, 21.

BANQUEIROS—**Borges & Irmão**—Porto e Lisboa

Antonio Pereira de Carvalho

Proprietario dos Grandes Armazens de Bicicletas, Maquinas de Costura, Pianos e toda a qualidade de acessorios.

A maior e mais antiga casa no genero

Oficina para todos os concertos, afinações e reparações em bicicletes, motocicletes e maquinas de costura.

Artista mecanico habilitado.

Vendas, alugueis e trocas.

Preços sem competencia

34—Avenida Navarro—36

(Estrada da Beira)—COIMBRA

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem deposito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se tambem de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fóra de Coimbra

FABRICA DE CAL

Cal fina e grossa, fornece-se em muito boas condições. Preços modicos, sobre o wagon, no caminho de ferro e nos proprios fornos.

Agente de telha tipo marselha e tijolos de todos os formatos, da fabrica Lacerda, Figueiredo & C.ª Limitada, da Pampilhosa.

Pèdidos a

Joaquim F. Coca Junior
Zambujeiro—Arazede

AOS AGRICULTORES

Sendo agora época de sementeiras de milho, feijão, abóbora, etc., será conveniente aplicar os bons adubos e purgueira da afamada casa *Varela, Leal & C.ª*, das **Varzeas**, que se encontram **á venda em casa de Manuel Monteiro Godinho**, com deposito no **Casal do Gaio, Arazêde.**

Companhia de Seguros

A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz

Antonio d'Oliveira Guerra

RUA DA REPUBLICA, 84

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legitimos acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de fórma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamavel, isca em cordão vendida fraudulentamente a titulo de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva acção civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa ao Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando-se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalisação para procederem ás necessarias diligencias. Dirigir-se pessoalmente ou por carta á Companhia Portuguêsa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS

MELO & MARTINS
PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada
PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiencia dos nossos adubos, devido ao seu magnifico resultado os adoptarão de preferencia a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

Para maior comodidade dos seus clientes "A MUNDIAL„ abriu um escritorio Agencia na

Rua do Comercio 112—Lisboa

(VULGO RUA DOS CAPELISTAS)

a testa do qual se encontra o sr. Joaquim Ribeiro da Cunha, bem conhecido segurador, que atenderá e prestará todos os esclarecimentos que lhe solicitem sobre os varios ramos de seguros que esta Companhia explora.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital — Esc., 500:000$
(500 contos)

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmão
Praça da Liberdade, 138 — Telefone 1459

ENDEREÇO TELEGRAPHICO—**MUNDIAL**

Agentes em todas as localidades do paiz ilhas e colonias

Restaurante Ferro-viario

ALFARELOS

ESTE bufete, um dos que melhor servem o publico que transita nos comboios, acha-se situado na estação do caminho de ferro de Alfarelos. Fornece almoços, jantares e *lunchs* e toda a qualidade de refeições, por preços comodos. Tem pessoal habilitado, tanto em cosinha como em sala de mesa.

Tudo se encontra com esmero e perfeição.

Fornece comida para fóra, e presta-se a servir em casamentos, batisados, etc., desde que seja prevenido com antecipação.

O proprietario, **Artur de Oliveira Coelho.**

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro
PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex.mos passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.

Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA

Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.
PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações
Deposito das afamadas aguas de Luso.

Casa Funeraria
DE
ADELINO FARIA

Rua das Flores
FIGUEIRA DA FOZ

Encarrega-se de todos os funerais, podendo ser chamado a qualquer hora da noite.

Preços resumidos, a ponto de ninguem poder competir, tanto em corôas como em todos os pertences respeitantes ao seu negocio. Tem especialidade em urnas de mògno.

Biblioteca da Universidade
Coimbra

Ano 4.º — Montemór-o-Velho, 27 de Junho de 1915 — N.º 175

DIRECTOR, PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR
Almeida Junior

SECRETARIO DA REDACÇÃO E EDITOR
Abel M. de Melo Brandão

REDACTOR PRINCIPAL
Mário Augusto Mota

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguêsa

Pátria e Humanidade

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Dr. José Galvão
MONTEMOR-O-VELHO
DIRECÇÃO:—COIMBRA
(para onde deve ir a correspondencia)

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. Silva (a vapor)—AVEIRO

DIVAGAÇÕES

Século vinte, século da luz e do progresso, salvé! A tua aureola irradia a luz dos mais formosos principios, e os teus louros assinalam a luta das mais sublimes verdades. Diante de ti não passou a escravidão com todos os seus horrores, e os maiores e mais intrincados problemas não se escondem ao teu labutar continuo e incessante.

Com o prodigio da ideia venceste os velhos inimigos que impediam a marcha vertiginosa, e no marmore dos teus monumentos gravaste o epitáfio das instituições que passáram.

Em frente do passado, desenrolas os pergaminhos da tua nobreza e na consciencia do teu valôr orgulhas-te de civilisado. E' na verdade nêste século que a sciencia abre com sulcos de luz a senda indefinida do progresso; que a industria dominando as forças da natureza, e penetrando as entranhas da terra, extrái dos opulentos tesouros da natureza inexauriveis fontes de riqueza e transforma em preciosos artefactos as matérias primas da criação. E' verdade que tudo isto, e mais que isto, constitue o titulo de gloria dêste século que se adorna com o manto da civilisação.

Mas a desmoralisação e a miseria, dois postes que susteem ainda a guilhotina, a materia que cimenta os carceres, põem bem a descoberto a funda chaga que vae minando e corroendo as entranhas da sociedade moderna. Por entre o ruído das locomotivas e carruagens luxuosas, e o fulgor dos grandes e suntuosos festins, ouvé-se um surdo rumor de gemidos e desesperos, semelhando a toada lugubre dum cortejo funebre. O materialismo e altruismo, sob as fórmas mais caprichosas, apearam o homem do seu pedestal de gloria para o deixarem, á mercê da matéria, debater-se num *mare magnum* de contradições e absurdos. A sugeição aos poderes, o desinteresse das dedicações, a seriedade nos contractos, cederam á imoralidade, e a sociedade transformou-se numa convenção fundada no utilitarismo mais egoista. A sociedade, como náu que perdeu o léme, navega ao acaso por mares tempestuosos, e, uma vez perdido o léme, aqueles que pretendem guiá-la, não são capazes de afastá-la dos perigos e conduzem-na cégamente ao abismo. Os individuos, como os povos, caminham no falso, seduzidos apenas pelos sons fantasticos da vaidade e da ambição. O furto, a rapina, o dolo, são coisas usuais; a usura perdeu todo o pudôr; especulações injustas dominam sobre o bem geral, e o interesse é o idolo do dia.

A anarquia caminha a passos gigantescos pelas ruas e praças dêsse mundo que se diz civilisado. Fervem as ambições, ateiam-se as iras e preparam-se guerras exterminadoras que abraçam, não um ou dois povos, mas quasi o mundo inteiro, como essa que nos está batendo á porta, que tanto luto e tanta miséria vai semeando por toda a Europa. E qual a nossa missão perante quadro tam patético? Qual o nosso dever a cumprir numa conjuntura tam dolorosa? Unirmo-nos, eis o grito que deve retumbar por toda a parte; não para pegar em armas que assassinem, mas para proferir palavras de paz e amôr que vivifiquem. O nosso campo de acção é vastissimo. Na escola e no tablado, no livro e no jornal, no terreno social e até no terreno politico, mostremos sem demora e sem tardança, que essa campanha de odios e ambições não tem bases que a justifiquem, nem razão de ser que a possa explicar. Trabalhêmos todos por pacificar as consciencias, por orientar os espiritos, e por desfazer o mal-estár social que vai lavrando por toda a parte. Não respondamos á violencia com violencia, ao ataque com ataque, porque então seriamos os primeiros a atear a labareda a cujas chamas devoradoras ninguem escaparia.

Prégar a paz social, educar o pôvo, libertar a consciencia das garras do êrro, por todos os meios, em todos os campos, sem um unico momento de espectativa, sem um instante de desfalecimento, tal o interesse vital para o engrandecimento material e moral da nossa Pátria.

Assim evitaremos o lodaçal ignominioso da infamia e da desgraça a que fatalmente iremos dar.

N. B.

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autôres.

As cartas duma infeliz

Meu caro Leopoldo.

Passaram as festas do S. João. A mocidade, esta mocidade que sonha e que ama, mas que sofre, que tem as suas dores e os seus martirios, divertiu-se. Ali de fronte a vida agita-se. Em cada peito ha uma chama devoradora de esperanças e ilusões. Os olhares das raparigas, morenas palpitantes de luz e amor, parecem, vistos daqui do claustro e da camara do silencio, dois clarões rebrilhantes das madrugadas de maio. Na sua vóz maviosa e comovida ha orações intimas que fazem bem ao coração! Eu ouço! O sol é posto. Rostos iluminados, labios de carmim pedindo um oceano de beijos, braços semi-nus lembrando enormes cadeias de prender apaixonados e tristes, as moças do logar parecem pedaços de luar sobre as pedras amoraveis desta rua de martirios.

A meu lado, sem me ver, sofre uma alma toda cheia de amarguras. Vê gastar-se o brilho dos seus olhos. Ha bem pouco tempo eu a conheci alegre, como eu era, e agora afigura-se-me que, com a monotonia do tempo, se lhe aproximou da alma a monotonia da vida.

Suspira baixinho, para ninguem perceber; tem todo o cuidado com o sorrir, que quer disfarçar de alegria mas eu bem vejo que ele é cheio de tristeza e preocupação.

Sofremos ambas. Uma porque ama e não é correspondida, outra porque, cançada de vêr ingratidões e desgraças, saturada de curar pustulas á humanidade em decadencia, sonha um outro sol de novos amores e novas saudades.

Adeus. O S. João lá vae! Vamos com ele?

Tua,
IRÉNE.

CRÓNICA DE LISBOA

Não é só o burguez impávido e barrigudo, o honesto burguez calvo e sem cuidados, aquele que, actualmente, põe acima dos seus interesses pessoaes, a preocupação comesinha da politica!

O que súa e trabalha, de sol a sol, que todas as noites deve pensar um pouco na prôle necessitada, que sente a bolsa dia a dia vasar-se em menos tempo e os generos alimenticios a valorisarem-se como o ouro transwaliano; esse, que aperta as mãos na cabeça para equilibrar o orçamento caseiro sem o conseguir, ocupa-se tambem na politica e passa os domingos a defender *A* que lhe é simpatico e a atacar *B* de quem critica as acções e os principios.

O capitalista obeso impa satisfeito, esfrega as mãos e dorme socegado — os seus créditos vão-se alargando e os seus armazens continuam repletos. E quando o freguez se lamenta, ele, fingindo lagrimas na voz roufenha, acompanha-o como uma carpideira bem paga e esconjura a guerra, o kaiser, os germanos, os canhões 42, e, pensando na quantidade enorme de bacalhau escondido que, agora, vende com 50 p. c. de lucro, pede ao Deus dos tendeiros que prolongue por bons anos a luta fratricida para depois se retirar para o recanto do seu lar amado, gastando á larga os rendimentos que adquiriu *com o suor do rosto!*

E o povo ingenuo paga e trata de politica; discute as acções de *A* e os principios de *B*.

E o povo sonha...

Não repara que o vão sugando e envenenando pouco a pouco, sem razão plausivel, sem justificação que satisfaça; que o matam conscientemente, empeçonhando-lhe o que é imprescindivel á sua vida e á dos seus.

Vê-lo-eis, sem duvida, atento ao artigo de fundo de *X* ou á catilinaria fogosa de *Z*; encontra-lo-eis, á noite, dando a sua opinião aos amigos que batem palmas se são da grei; onde o não surpreendereis, de certo, é no estudo do problema da fome, que caminha veloz, o que seria mais logico e mais compreensivel, visto que quem tem o dever e a competencia de o fazer, sorri e passa.

A guerra, oh! *El-Dorado* dos açambarcadores, galinha dos ovos de ouro da burguezia!

Já aquele pobre explorado no dia 13 o disse na urna, riscando os nomes aristocratisados dos pretendentes e escrevendo ironico: — *Pão negro ou serradura a 809 centavos...*

* * *

Como é que a humanidade não ha-de sofrer, como não ha-de explicar-se que nos hospitais abundem dia a dia maior numero de doentes e no cemiterio haja um *superavit* de covaes, com esta falta de escrupulos, assassinando-se lentamente o povo com as mixordias propinadas?! Os calculos acusam que em media devemos comer duzentos kilos de pão anualmente e a experiencia demonstra-nos que os padeiros misturam na massa do pão uns 50 p. c. de serradura. Ora, daqui conclue-se que comemos 100 kilos de madeira, provavelmente de pinho, que é mais barata, o que equivale a mastigarmos aos bocadinhos, lentamente, como os Borgias entoxicavam os odiados, o equivalente ao peso dos barrotes e do fasquio necessarios para construirmos uma habitação mediana.

Eu sei que o meigo Nazareno, ha quasi dois mil anos, nos insinuou que nem só de pão vive o homem. Mas dai a consentir que os fariseus contemporaneos nos convertam o estomago numa serração de madeira, parece que faz sua diferença.

Mas o impavido negociante não só trata de assassinar os vivos como de apressar os moribundos a deixarem a vida O leite, que é uma grande parte das vezes, o unico alimento do doente, vai para os hospitais inquinado com mil bodegas indecentes, todas tendentes a dar-lhe uma aparencia de pureza, sendo já de costume o argumento irrisorio da «vaca doente» e da «falta de pasto».

Resulta dêsta infamia a morte em vez da cura. A dieta prescripta para certas doenças, dum rigor extraordinario, concede o leite como unico alimento. O medico ordena rigoroso, alimenta esperanças, preocupa-se em demasia, vigia atento, fiscalisa cuidadoso, e, quando vai a suspirar triunfante, a sorrir satisfeito, dão-lhe a noticia inexplicavel, incompreensivel, pavorosa, do passamento daquela vida que ele amparava com amôr para que se não perdesse, daquela existencia que ele segurára com afinco para que não ruisse.

O doente tinha sido submetido a uma junta, os outros medicos discutem o caso, semi-espantados e requerem a autopsia. No necroterio estudam, deduzem e discutem novamente e depois duma investigação que não se protela, concordam todos que a morte tivera outra causa, mais prosaica e mais terrivel — a fome!

O leite ministrado não continha um decimo das suas propriedades alimentares!!...

Ha mais, ha melhor, ha casos estupendos, que só um gesto vigoroso dos explorados conseguiria liquidar. O ambicioso adultera quanto póde e como póde; o seu fim é encher-se, locupletar-se com o suor dos que trabalham, calcando a consciencia que o acusa de envenenador. O escrupulo nunca lhe tocou pela porta, o sentimento do bem jámais o enterneceu! Quando não falsifica ou armazena, destróe, queima, enterra, mas não vende barato, não auxilia o pobre, não minora as agruras dos que trabalham.

Se Santo Antonio viesse á terra e conseguisse novamente falar aos peixes, ouvi-los-ia em clamôr, desde a popular sardinha, ao aristocratico linguado, num protesto veemente e nunca visto. Preferem enterra-lo podre, a vende-lo barato!

E' tudo! E' tudo! Se esta multidão ignobil pudésse armazenar o ar que se respira para vende-lo caro, ou monopolisar o sol para aquecer ás parcelas, não duvidaria um instante, e teriamos ámanhã pançudos *reis do sol* e *reis do ar*, como temos *reis do ferro* e *reis do petroleo*.

Ha, no entanto, qualquer coisa em que eles não tocaram ainda, que parece conservar toda a sua pureza, toda a sua virgindade, todo o seu vigor. Respeitaram-na como um deus e, por isso, não lhe tocaram. Genuflexam respeitosos e ajoelham de mãos erguidas — amam-no pelo que vale e pelo que produz.—E' o vinho, o sangue de Cristo!

Sim, o vinho! Pois se o não fosse, continuaria, acaso, esta bebedeira tremenda de vermos, impassiveis, forçar a fome a aparecer nêste paiz uberrimo, enlevando-nos a discutir a acção politica de *A* e a tatica parlamentar de *B*?! *D. L.*

Hospital da Misericordia

Teve logar no domingo, 20 do corrente, a eleição dos corpos gerentes que hão-de fazer parte da meza do hospital de Nossa Senhora de Campos, désta vila, instituição de beneficencia modelar, e uma das mais uteis e prestimosas dêste concelho, pois são inumeros os serviços relevantes que tem prestado a uma grande parte da população.

Fôram reeleitos alguns dos antigos membros, o que bem demonstra o seu acendrado zelo, dedicação e honestidade.

A seguir damos o resultado da eleição, á qual não foi feita oposição alguma:

Provedor, o snr. José Luiz Ferreira Galvão; secretario, o reitor snr. Francisco dos Santos Pimenta; tesoureiro, o snr. Antonio Mota de Matos, todos reeleitos. Para vice-provedor foi eleito o snr. Antonio Cardoso Mota e para vogais, reeleitos, os snrs. Julio Esteves da Costa e Augusto Mendes da Silva, sendo tambem eleito o novo vogal, snr. Domingos dos Santos.

Todos reunem qualidades de trabalho, não lhes escaceando a boa vontade para bem se desempenharem do mandato que lhes foi cometido, esperando todo o concelho que continuem, como até aqui, a impulsionar tão util como simpatica agremiação de caridade, onde os pobres vão encontrar o conforto e carinhos que a adversidade e crueza do Destino lhes não prodigalisam nos seus lares humildes e desprotegidos.

Assuntos de higiene pública

Documento n.º 1

Ex.mo Snr. Presidente da Comissão Municipal Executiva de Montemór-o-Velho.

Chamo a atenção de V. Ex.ª para o estado de notavel imundicie em que se encontra a vala, que margina esta vila, constituindo assim um largo fóco de infecção, que não póde nem deve manter-se.

Eu sei que a respeito desta vala existe um conflito de jurisdição entre a digna camara a que V. Ex.ª inteligentemente preside e a Direcção dos Serviços Fluviais e Maritimos, mas é certo que a saude pública não póde prejudicar-se com a demora de contendas, que por alguma fórma entravem os serviços de salubridade privada ou colectiva.

Parece-me, pois, de urgente necessidade, que V. Ex.ª, com assentimento de seus ilustres colegas, mande proceder á remoção de areias que na sua derivante se acumulam, afim de que na referida vala entre agua de caudal bastante para lavar e arrastar os despojos e esgotos ai lançados pela população désta vila.

As despezas com a hjgiene pública não tem geralmente outra compensação além daquela que resulta da saude e bem-estar dos respectivos póvos. Conto, assim, com a bôa vontade de V. Ex.ª, que tão solicitos se teem mostrado, sempre, em provêr ás necessidades e bem-estar dos seus municipes.

Saude e fraternidade.

Montemór-o-Velho, 18 de junho de 1915.

O sub-delegado de saude de Montemór-o-Velho,

João Baptista Loureiro

* * *

Documento n.º 2

Ex.mo Snr. Director dos Serviços Fluviais e Maritimos.

Cumpre-me informar V. Ex.ª, que a vala marginal désta vila, se encontra por tal fórma suja e mal cheirosa, que demanda limpeza imediata, a beneficio da salubridade pública.

Nêste mesmo sentido me dirigi á Camara dêste concelho, obtendo como resposta, que sendo a referida vala pertença da Hidraulica, ante ela reclamasse.

O facto é este: o grande montão de areias que na sua derivante se acumula, impede que a agua entre no seu leito, assim como segunda barreira no seu ponto de confluencia com o rio Mondego evita, por sua vez, que a pouca agua existente sáia, constituindo assim toda a vala um charco de aguas estagnadas, onde as substancias organicas se maceram e decompõem, á vista de quem passa. Eu sei que os snrs. Presidente e Vice-Presidente da Comissão Executiva Municipal, já em pessoa, se dirigiram a essa repartição, afim de liquidarem tão momentoso assunto, obtendo de V. Ex.ª, ou do seu representante, uma resposta favoravel; ainda assim, tal facto não evita, a que eu na qualidade de subdelegado de saude dêste concelho, inste perante V. Ex.ª afim de que a necessaria beneficiação, quanto antes, se faça.

Não ignora V. Ex.ª de que a referida vala, recebe não só os esgotos désta vila, como tambem é repositorio de todos os despojos, clandestinamente, ai lançados: daqui o ser ela, neste tempo, uma extensa cloaca, ao ar livre, desde que a agua não entre e sáia em abundancia e com certa força de corrente.

Espero, pois, que V. Ex.ª, funcionario inteligente e zeloso, atenderá não já esta minha reclamação, mas esta suplica, sob pena da população désta vila ficar na iminencia duma infecção geral, que todos devem evitar, mui principalmente os delegados oficiais do Estado.

Já que na Europa se extingue a humanidade a tiro, que, ao menos, nêste seu «jardim, á beira-mar plantado», evitemos quanto possivel a guerra do microbio patogenico, mais nocivo e traiçoeiro, ainda, que os proprios gazes asfixiantes dos soldados germanicos!

Saude e fraternidade.

Montemór-o-Velho, 24 de junho de 1915.

O sub-delegado de saude de Montemór-o-Velho,

João Baptista Loureiro.

Nota—Propositadamente, dou publicidade a estes documentos—como publicidade darei a outros que porventura venham—para estimular a acção das repartições públicas, que sobre o caso ingerencia tenham. E' necessario que a Higiene e a Estetica entrem nas pequenas terras de provincia, porque não é só com pontes sobre o Tejo, em frente de Lisboa, e arsenais de marinha da outra banda, que o paiz se governa.

Se nós, os pequeninos, damos votos para fabricar *Paes da Patria*, e outrosim, contribuições para a maromba economica, é natural que o Estado, pae de todos, não nos lance ao abandono, como *pitos de silveira*, ou filhos espurios!

Portugal, continente, vae desde o Minho ao Algarve, e desde o Atlantico á fronteira espanhola; viva, por isso, a egualdade e a fraternidade dentro dêste perimetro, não olvidando, tambem, terras de além-mar e ilhas adjacentes!

E só assim a Republica será popular e democratica.

Baptista Loureiro.

Horas d'insónia

A união das almas é ainda um ideal incompreendido. A aproximação dos homens, como das familias, está na mesma directa ordem que a união almejada dos povos e a confraternisação das patrias.

Assim, uma coisa me sensibilisou em Montemór, na quinta-feira de S. João.

Nesta vila existem duas correntes de ideais, ambas, ainda assim, bem intencionadas. A mocidade, dividida, trazia dia a dia cada vez mais complicações á marcha desejada da harmonia e da paz. A mocidade, em cuja alma deve vibrar, intensamente, o entusiasmo amoravel das amoraveis ternuras, do amor, da liderdade maxima e do maximo encanto, era, em Montemór, irredutivel. Do peito ardente das moças irradiava, não a luz dos belos intuitos, não o sagrado principio do enlevamento e da tranquilidade abençoada, da doçura e do perdão, mas o ódio que encomodava e o despeito mal contido que transformava os cerebros em chamas de vingança e desassocego.

Agora não. Desapareceram, numa tarde de orvalhos e encantos, ao anoitecer, todos os mal-entendidos e todos os ódios sétaristas que faziam mal.

Morenas, d'olhares em fogo, saudaram-se. Peitos, embebidos no mesmo sonho e curvados ao mesmo pezo de logica e bom-senso, estreitaram-se com afêto, arrependidos, harmonicos, docemente mergulhados no mesmo sentimento de honrosas transigencias.

Raiou, para a mocidade que ama e que sofre, um novo sol de recordações queridas. Agora é vê-los, todos sorridentes e aproximados, arrependidos, dando-se as mãos e abraçando-se com o mesmo carinhoso pensamento e as mesmas ardencias inebriantes d'afêto.

Um só homem bastou para ligar tantos corações. Uma só alma, mergulhada no ideal sacrosanto da união da familia, bastou para unir tantas almas desavindas e incompreendidas. Esse homem, que sonha como nós a perfétibilidade social, uma sociedade nova e assente em novos alicerces de sentimentalismo e paz, sentiu-se c movido ao receber a sua justa consagração. Foi uma consagração humilde, mas perene de sensibilidade e harmonia. O povo, honesto e justiceiro, vitoriou Ismael de Sampaio, cujos olhos comovidos, á luz mortiça das lampadas, rebrilharam de agradecimento e de modestia.

O dr. Sampaio deve orgulhar-se do seu nobre gesto, e a mocidade inquieta, dividida em dois grupos, desamando-se e odiando-se, em vez de se envolverem no mesmo abraço de carinhos e de belezas, orgulhosa se deve sentir por poder, sem desdoiro nem ingratidões, comungar unida no mesmo credo dos altos e saudaveis principios da união das almas, porque isso é ainda um ideal incompreendido por muita gente de bem.

E ai fica o meu enternecido abraço de saudações sinceras e sentidas.

ALMEIDA JUNIOR.

Em Coimbra

Deu-nos o prazer da sua amavel visita o nosso estimado amigo, snr. Nunes da Costa, antigo assinante dêste jornal e muito querido comerciante na visinha povoação de Alfarelos. Velho republicano, tem feito parte da vereação do concelho de Soure, a que pertence, e ao qual procura dar todo o concurso do seu desvelado esforço.

Camara Municipal

Sessão de 22 de maio

Presentes os vereadores, snrs. Monteiro da Costa, J. Goes, Esteves de Barros e Lebre, secretariados pelo vereador, snr. Rodrigues Pato, sob a presidencia do snr. dr. Simões.

Lida e aprovada a acta da sessão anterior, tomou conhecimento do seguinte expediente:

Um oficio-circular do novo Governador Civil a comunicar á camara que tinha tomado posse e que podia a mesma camara e o concelho contar com ele a bem do mesmo.

A camara resolveu cumprimentar sua ex.ª e agradecer-lhe a sua coadjuvação.

Um oficio da Imprensa Nacional a informar qual o preço da legislação oficial de 1912.

Resolveu fosse adquirida.

Fôram apresentados diversos requerimentos de interesse particular. Mandou que fossem informados pelo mestre d'obras.

O mestre d'obras apresentou diversas informações sobre alinhamentos, licenças para aquisição de terreno temporario para deposito de materiais, etc.

Concedidas na fórma da lei.

O mesmo mestre d'obras informou mais ter ido a Verride vêr a estrada que daquela vila segue para Abrunheira e verificou estar dentro da caixa da estrada 373,m20 de pedra britada, sendo necessario reformar mais 91,m20 na mesma estrada, devendo ser pago ao empreiteiro este aumento de serviço.

A camara resolveu pagar ao empreiteiro os trabalhos feitos e autorisou os reparos na mesma estrada, indicados pelo mestre d'obras.

Foi presente o balancete semanal, acusando um saldo de 4:100$00 na Caixa Economica Portugueza e de 175$80 na tesouraria da camara.

Autorisou e mandou pagar varias despezas.

Em seguida mandou o presidente encerrar a sessão.

Agua da Curia

Mogofores

As unicas aguas sulfatadas-calcicas que existem no paiz, similhantes ás afamadas aguas de Contrexéville, nos Vosges (França).

FESTAS DA Rainha Santa Em Coimbra

Nos dias 1, 2, 3, 4, 5 e 6 de Julho

PROGRAMA

Dia 1—Alvorada por diversas bandas de musica, anunciando o começo das festas.

Concurso hipico, oficial, na Insua dos Bentos. Numeros a executar: *Inauguração* e *omnia*.

Pelas 7 horas da tarde novena a grande instrumental, no mosteiro de Santa Clara. Em seguida sairá processionalmente a veneranda imagem da Rainha Santa, obra genial do distinto escultor Teixeira Lopes, em direção ao histórico templo de Santa Cruz, onde será celebrado um solene *Te-Deum*.

A' chegada da imagem á Avenida Navarro será queimado um lindo *bouquet* composto de 500 duzias de foguetes das mais variadas côres, o que constitue um espétaculo deslumbrante.

Iluminações gerais a electricidade.

Dia 2—Pelas 8 horas da manhã celebrará missa S. Ex.ª Rev.ma o Snr. Bispo Conde, no altar da Rainha Santa, com acompanhamento a orgão.

Durante o dia estará exposta á veneração dos fieis, a imagem da Rainha Santa Isabel no seu andor, primoroso trabalho em talha dourada.

Iluminações gerais a electricidade.

Brilhantissimo festival no Parque de Santa Cruz promovido pela Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra.

Constará de deslumbrantes iluminações, arcos voltáicos, fócos de luz Wizard, á veneziana e á moda do Minho; musica, descantes populares, etc., etc.

No lago, durante o festival, um numeroso grupo de trovadores cantará lindas e afamadas baladas, canções e fados.

Exibir se-ha tambem um rancho de camponesas da Nazaré da Ribeira e S. Martinho, que cantará as mais caracteristicas canções da região.

Kermesse dos Bombeiros Voluntarios na Avenida Emidio Navarro.

Iluminações.

Dia 3—Continua em exposição a veneranda imagem da Rainha Santa, no templo de Santa Cruz.

Concurso hipico. Numeros a executar: *Nacional* e *Grande premio de Coimbra*.

A's 11 horas da noite queimar-se-hão vistosos fogos de artificio e á moda do Minho, na margem esquerda do rio Mondego, e um deslumbrante *bouquet* de fogo na Torre da Universidade oferecido por um grupo de operarios.

Serenata. Barcos lindamente ornamentados e iluminados, dum efeito fantastico, singrarão as aguas do decantado Mondego, conduzindo graciosas tricanas que entoarão melodiosas canções.

Dia 4—Pelas 11 horas e meia da manhã, celebrar-se-ha no mosteiro de Santa Cruz, com assistencia de S. Ex.ª Rev.ma o Snr. Bispo-Conde, missa solene a grande instrumental, regida pelo distinto maestro snr. Lima de Macedo, regente da capela da Sé Catedral. Ao Evangelho, subirá á tribuna sagrada o eloquente orador snr. dr. Carlos Esteves de Avezedo, dignissimo conego da Sé de Coimbra.

Pelas 6 horas da tarde sairá a magestosa procissão do templo de Santa Cruz, conduzindo a veneranda imagem da Rainha Santa Isabel, incorporando-se nela numerosas irmandades da diocese, orfãos de S. Caetano, etc. S. Ex.ª Rev.ma o Snr. Bispo-Conde conduzirá o Santo Lenho.

Durante o dia diversas bandas de musica percorrerão as ruas da cidade e em magnificos e vistosos pavilhões, construidos em diferentes pontos executarão os mais belos trechos de musica, cuidadosamente escolhidos dos seus variados reportorios.

Como é o ultimo dia de iluminações gerais, estas serão supreendentes e variadas. No formoso e pitoresco Parque de Santa Cruz, realiza-se pelas 21 horas, o atraente festival promovido pela Sociedade de Defêsa e Propaganda de Coimbra, com numeros verdadeiramente interessantes, sendo as iluminações do mais feérico e surpreendente efeito.

Dia 5—Missa ás 9 horas no mosteiro de Santa Clara. Concurso hipico. Numeros a executar: *Caça* e *Taça de honra*, oferecido pela Sociedade de Defêsa e Propaganda de Coimbra.

Dia 6—Missa ás 9 horas no mosteiro de Santa Clara. Grande arraial com danças populares.

Exposição do riquissimo tumulo de prata que encerra o corpo da Rainha Santa Isabel.

* * *

Durante estes dias os visitantes terão ocasião de ver os principaes monumentos e curiosidades de Coimbra:

Igreja de Santa Clara, o importante museu de alfaias e objétos do culto da Rainha Santa Isabel e a galeria dos retratos dos irmãos Bemfeitores da Confraria—Templo da Sé—Estabelecimento da Universidade: Biblioteca, Sala dos Capêlos, Observatório Astronómico, Observatório Meteorológico e Magnetico, Museu de Historia Natural e Jardim Botanico—Sé Catedral e seu importantissimo Museu de alfaias e vasos sagrados—Igreja de Santa Cruz, onde repousam os reis D. Afonso Henriques e D. Sancho I, Santuario, Museu de paramentos, Capela de S. Teotónio e Claustro do Silencio—Escola Brotero—Sala da Associação dos Artistas de Coimbra, instalada no antigo refeitório dos frades crúzios—Hospital da Veneravel Ordem Terceira—Igreja de Santa Justa—Quinta de Santa Cruz—Matadouro Municipal—Penitenciaria—Em Celas: Asilo dos Cegos e o antigo Claustro do Convento com restos da arquitetura do seculo XII—Museu Machado de Castro—Santo Antonio dos Olivais, donde se desfruta um magnifico panorama—Penedo da Saudade—Seminario Episcopal—Quinta da Portela—Quinta das Lagrimas—Escola Agricola em S. Martinho do Bispo—Mata do Choupal.

* * *

O histórico Arco de Almedina será profusamente iluminado a eletricidade, construindo-se ali uma cascata luminosa.

* * *

Todas as ruas e praças do trajéto da procissão estarão artisticamente ornamentadas.

* * *

As Companhias dos Caminhos de Ferro Portugueses, Minho e Douro, Sul e Sueste, e Beira Alta, estabelecem comboios a preços muito reduzidos.

Inspeções militares

A revista de inspeção ás praças licenciadas e das reservas deve ter logar, para o concelho de Montemór-o-Velho, nos seguintes dias e freguezias:

Dia 18 de julho para as freguezias de Arazêde, Gatões e Pereira.

Dia 25 de julho—Verride e Carapinheira.

Dia 1 de agosto—Reveles, Santo Varão, Vila Nova da Barca, Seixo e Means.

Dia 8 de agosto—Montemór, Liceia e Tentugal.

Os recrutas devem apresentar-se ás 9 horas, com as suas cadernetas militares e todos os artigos de uniforme com que saíram dos regimentos quando deixaram o serviço activo.

Os que faltarem serão punidos em conformidade com a lei em vigor.

Por falta de espaço sômos obrigados a deixar de publicar varios e importantes artigos, do que pedimos desculpa aos seus autôres.

Poetas e Prosadôres

O primeiro Amôr

(A D. Berta Sequeira de Carvalho).

Podemos lá esquecer a primitiva
Estrela que fulgiu na noite densa
Da nossa alma!... Quando a gente pensa
Que ela já se apagou inda ela viva!

Da chama extinta do primeiro Amôr,
Só resta a cinza o pó que um forte vento,
A rajada do nosso pensamento
Converte sempre em luz e resplendor...

Podemos lá esquecer essa beldade
Que nos tangeu na lira da paixão
Melopeias de branca suavidade,
Em acordes plangentes d'emoção!

Oh! meu primeiro amor! oh branca aurora
Da minha vida alegre do passado!
Oh orvalho que nunca se evapora!
Porque te vejo eu sempre a meu lado?!...

Porque será que nunca te olvidei?
Porque será? responde, oh minha flôr!...
Porque tu foste a que primeiro amei;
Porque tu foste o meu primeiro Amôr!

José Pedro Godinho e Cunha.

A Guerra da Europa

Porque é que a Grã-Bretanha se acha em guerra.—Causas e seus efeitos

Exposição sumaria da correspondencia diplomatica e discursos ministeriais

(CONTINUAÇÃO)

A proposta alemã á Inglaterra

O dia decisivo foi em 29 de julho de 1914. N'esse dia o chanceler alemão que acabára de visitar o imperador em Potsdam mandou chamar o embaixador britanico em Berlim, sir E. Goschen e teve uma conversação com ele que ha de ficar sempre memoravel na historia. As palavras do chanceler revelavam que a Alemanha se estava preparando para atacar a França através da Belgica e passou a propôr uma negociata pela qual a Alemanha vinha a conseguir a neutralidade da Inglaterra durante a guerra iminente. Os termos da negociata proposta eram os seguintes: (1) Primeiro—A Inglaterra ficaria de parte emquanto a França era esmagada, sob o entendimento de que a Alemanha «não tinha em vista aquisições territoriaes á custa da França». Sir E. Goschen perguntou a sua Excelencia ácerca das colonias francesas, mas a esse respeito ele disse não poder tomar identico compromisso. A Inglaterra, por detrás das costas da França, tinha que ser cumplice da Alemanha para aquisição das colonias francesas, no caso da França ser derrotada na guerra. (2) Segundo—A Inglaterra, por detrás das costas da Belgica, tinha que consentir na violação pela Alemanha, da neutralidade daquele paiz; neutralidade que tanto a Alemanha como a Inglaterra se tinham comprometido por tratado a respeitar. Em compensação a Alemanha deu a sua promessa de «que quando a guerra estivesse terminada, a integridade da Belgica seria respeitada se ela se não tivesse posto do lado contrario á Alemanha». «A promessa foi dada, note-se e com pezar o digo, mas a verdade tem de ficar registada, por uma potencia que nesse mesmo momento estava anunciando as suas intenções de violar as suas proprias obrigações do tratado e convidando-nos a fazer o mesmo». (Mr. Asquith); (3) — Por ultimo, as negociatas supramencionadas viriam a servir de base para as boas relações entre Inglaterra e a Alemanha.

Esta «infame proposta» poderia, disse o chefe do gabinete, ter sido atirada á margem sem mais consideração e quasi sem resposta, mas nos interesses da paz, como já ficou explicado, o governo inglez respondeu em linguagem constrangida. «O governo de Sua Magestade não póde tomar em consideração por um momento sequer a proposta do chanceler para que se obrigue a ficar neutral em tais condições. O que na realidade ele nos pede é que nós fiquemos impassiveis emquanto estão sendo expoliadas as colonias francezas e a França batida, contanto que a Alemanha se não apodere de terreno que não seja o das colonias. Sob o ponto de vista material, semelhante proposta é inaceitavel pois que a França, sem mesmo se lhe tirar novo territorio na Europa poderia ficar tão esmagada que perderia a sua posição de grande potencia e ficaria subordinada á politica alemã. Inteiramente á parte disso seria uma infamia para nós fazer semelhante combinação com a Alemanha á custa da França, infamia da qual nunca se reabilitaria o bom nome deste paiz. O chanceler tambem nos pede, para fazermos uma negociata sobre quaesquer obrigações ou interesses que temos concernente á neutralidade da Belgica. Tão pouco poderiamos tomar em consideração semelhante negociata». Sir Edward Grey passou, como já dissemos, a sugerir outros termos em que se pudéssem segurar as boas relações entre a Inglaterra e a Alemanha.

Como a Grã-Bretanha se achou envolvida

A historica entrevista entre o chanceler alemão e o embaixador britanico e a resposta do governo britanico á proposta do chanceler, mostra como a Grã-Bretanha foi levada a tomar parte na guerra por dever de honra, de obrigação e pelos interesses de defeza propria. A questão tem duas divisões, a França e a Belgica. No caso da nossa relação para com a França havia o apelo da honra e defeza propria, mas nenhuma obrigação directa; no caso da Belgica havia a honra, obrigação e defeza propria, tudo combinado.

(*Continúa*).

Sir Edward Cook.

Escola do Moinho da Mata

O inspector das escolas moveis, snr. João Bernardo Gomes, visitou, na sexta-feira, a escola movel do visinho logar do Moinho da Mata, ficando deveras encantado com a boa ordem, compostura e adiantamento dos alunos, tecendo rasgados elogios ao seu digno professor e nosso presado amigo, snr. Candido Lopes de Castro, que tem sido incansavel em dar ao ensino uma moderna e bem orientada feição.

Cumprimentando o nosso amigo snr. Castro, saudamos o belo povo do Moinho da Mata por possuir um professor tão competente e inteligente.

Menos horas de trabalho!

No fiel cumprimento do que prometi, venho hoje tratar deste importante assunto, que debátes tão acirrados e justos têm honrado o valor da sua causa! Felizmente, parece que agora a Lei irmanada com a Justiça, vai atender aos humildes esses importantes factôres do trabalho, tantas vezes já cançados e extenuados dum labôr insano, ao verem desaparecer as franjas doiradas que adornavam magestosamente o Infinito, gritavam: — menos horas de trabalho! — Se tão pródiga foi a Natureza em ofertar á humanidade, o explendôr de um sol tão belo, como se ha-de proibir o homem que o veja no seu magestoso surgir, despedindo uns raios tão acariciadores? Que não o contemple e admire como que no fervôr suave de matutina prece, embriagando-se na luz bendita, que o fascina, mostrando-lhe tão ao vivo e tão belas, as maravilhas da Creação!

Como afastá-lo, de junto da esposa que idolátra, rodeáda dos filhinhos que estremece, sem todos num suave e alegre convivio, terem reverenciádo a luz do mesmo sol que a todos afága e anima?

Ainda bem não raiou o dia e atirá-lo desapiedadamente para a fabrica, no interior da negra oficina aspirando uma atmosfera viciada de miasmas contaminosas que definham e matam lentamente. Durante o dia sustendo em sua descarnada e caliginosa mão, a pesáda ferramenta e só á noite, quando os ultimos raios dum sol tão belo têm enviado á terra um terno adeus, é que o misero operario lá se encaminha triste e cabisbaixo para o seu despresivel casebre.

Vêm-lhe ao encontro os filhos; inconscientes, alegres, saltitando-lhe na frente, o operario vendo naquelas tão debeis vergonteas, as mesmas vitimas da sua amargurada sorte, deixa o chapeu cobrir-lhe um pouco os olhos para o não verem chorar; chega a casa, espera-o a pobre mulher impaciente por tanto esperar; carinhosa, vendo-o tão impressionado, tenta ministrar-lhe um alento de coragem, emquanto ela, a boa esposa, a mãe dedicada, surge no meio de tanta miseria como figura explendorosa da resignação!... Oh! a mulher, flôr mimosa do lar, que vegeta entre anceios e cuidados mil; na aspereza de dôr cruel, quando as lagrimas banhando-lhe o rosto, se parecem como pérolas luzentes quiçá furtadas a um sol festivo, ainda ela é heroina debatendo-se com valôr, só caindo quando o estertor da morte a tem obrigado a dár o ultimo adeus á terra onde longo sofrer fez esculpir sobre a sua campa a palavra *Martir!*... Ela pois, companheira querida do operario que junto dêle tão importante é a sua missão a cumprir! Que não me esqueça o assunto principal. Vejâmos o operario sentado num banco de pinho e uma desconjuntada mesa, iluminado pelo clarão da lareira bebendo o negro caldo e saboreando a dura brôa. A poucos instantes, procura recostar-se sobre uma especie de cama, passar essas longas horas em que a escuridão da noite o deixa fechar os olhos, para não ver a crueza da sua misera sorte. Assim vivia é assim morria!...

Era assim, ó humanidade, que querias vêr o operario que é vosso irmão?

Que pela simples razão de ser um filho da desdita, não tem o direito de como vós contemplar a luz do mesmo sol que para todos é egual? Esse ente que culpa não tem do seu infortunio não terá direito a uma sorte melhor? Sim, tem!... Se de todo a alma humana se empedernisou, oiçamos com respeito a voz do coração, orgão superior do corpo humano, donde dimanam as bôas ou más inclinações, que á Justeza desta razão agora presidem!

(*Continua*).

Coimbra, 24-6-915.

Oliveiros Braz Machado.

Carta da Abrunheira

23—6—915.

E' nos proximos dias 28 e 29 que nesta linda aldeia se realisam os festejos a S. João.

Os seus promotores, snrs. José Graça Guardado, Antonio Francisco Guardado e José Pinto Coelho, têm empregado o melhor dos seus esforços para que aqueles festejos decorram com todo o brilho.

O programa será o seguinte:

Dia 28—Pela manhã chegada do *Zé P'reira* que—diga-se de passagem—terá o cuidado de nos deixar os timpanos em estado pouco satisfatorio; mas como isso é da *peça*... sofre-se...

A' noite fogo preso e á moda do Minho, e danças pelo rancho das tricanas.

Dia 29—Missa cantada e sermão; á tarde cavalhadas, corridas de sacos, etc.; e á noite novamente danças.

O ensaiador do rancho, snr. Elias da Silva, tem tido um trabalho extenuante; ele tem dedicado toda a sua atenção ás bonitas marcas que escolheu e é de esperar que, como nos anos anteriores, ele veja os seus esforços coroados de bom exito.

Como é a filarmonica Abrunheirense que abrilhanta os festejos, os seus ensaios tem sido bastos e prolongados, e esperamos que o reportorio, escolhido pelo seu regente snr. Graça, seja corretamente executado.

——Regressou de Tortozendo, com sua ex.ma esposa, o nosso estimádo conterraneo, snr. Joaquim Jorge da Silva, habil farmaceutico em Lourenço Marques.

N.

Alice Oliveira,

aluna externa do 5.º ano de piano do Conservatorio e com o curso de musica: léciona, em sua casa ou dos alunos, como se convencionar.

RUA DO SUB RIPAS, 10
COIMBRA

O DEVER

SEMANARIO DEFENSOR DA UNIÃO DA FAMILIA PORTUGUEZA

Assinaturas

(Pagamento adeantado)

Trimestre . . . . . 0$32
Semestre . . . . . 0$62
Ano . . . . . 1$22

Continente e Africa

Trimestre . . . . . 0$35
Semestre . . . . . 0$65

Brazil e Africa Oriental

Ano . . . . . 2$00

Numero avulso, $04

Publicações

Comunicados, 0$06 a linha; anuncios, na 1.ª pagina 1 vez, 0$10 a linha; na 2.ª, 0$80; na 3.ª e 4.ª, 0$06. Repetições, metade d'este preço.

Por mais de um mez, preço convencional.

Selo, cada publicação, 0$01.

Os assinantes teem desconto de 25 0|0.

Não se aceitam informações anonimas nem se restituem originaes, quer sejam ou não publicados.

CORRESPONDENCIAS

Alhadas, 23 de Junho.

Passam este ano desapercebidas as tradicionais festas de S. João e S. Pedro que, durante muitos anos, com grande pompa se realisaram nésta ridente povoação que prima em beleza feminina. O tempo vai decorrendo tenebroso e os corações jovens, sequiosos de amôr, actualmente preferem estas noites silenciosas de luar amoroso para meditarem profundamente no futuro venturoso de que são dignos.

=== Com a menina Idalina Gil Ferreira consorciou-se no sabado, 19 do corrente, o snr. Antonio d'Oliveira Brancão. Testemunharam o acto o snr. Manuel da Costa Pinto e sua gentil filha, a menina Jesuina Costa Pinto, da Figueira da Foz, e os snrs. Luiz João Roza e Teofilo Lopes dos Santos, respectivamente de Tavarede e Alhadas. Após o registo civil seguiu o acompanhamento, que era numeroso, para casa dos noivos, onde lhes foi servido um lauto jantar. Seguiu-se-lhe um baile que esteve concorrido até de madrugada, tocando alguns elementos da tuna Harmonia e Progresso.

Aos nubentes apetecemos um futuro repleto de venturas.

=== De visita a sua familia, veio no domingo ás Alhadas o snr. Antonio Lopes dos Santos, que ha muitos anos se dedica á vida comercial em Lisboa.

Depois dum apertado abraço, despedimo-nos do nosso querido amigo, que nesse mesmo dia regressou á capital.

A.

ANUNCIOS

Companhia Geral de Credito Predial Português

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

Séde Social: Travessa de Santo Antonio da Sé, n.º 21

LISBOA

Esta Companhia realisa actualmente emprestimos hipotecarios a longo praso, cujo encargo, compreendendo juro, comissão, amortisação e depreciação dos titulos, é inferior a 7 $^{0}/_{0}$, tendo os mutuarios a faculdade de antecipar os seus emprestimos, total ou parcialmente e em qualquer época, em dinheiro ou em obrigações da mesma taxa e tipo das que fôram entregues no acto do contrato. Recebe e guarda nas suas magnificas **Casas fortes** quaisquer papeis de credito, encarregando-se de receber os respectivos juros.

Pedir esclarecimentos a Fernando da Silva Coelho Pessoa — Montemór-o-Velho — ou diretamente á Séde da Companhia.

Guilherme dos Santos Pinto & Irmão

COM

OFICINA DE CANTEIRO

Encarregam-se de jazigos de toda a especie e todo o serviço concernente á sua arte.

Tambem executam todos os trabalhos que digam respeito a *Plantas, Alçados, Copias, Projectos e orçamentos de edificios, edificações, etc.*

Montemór-o-Velho=Verride

Editos de 30 dias

(1.ª publicação)

NO Juizo de Direito da Comarca de Montemór-o-Velho e pelo cartorio do escrivão do segundo oficio, correm editos de 30 dias, contados da segunda publicação dêste anuncio no *Diario do Governo*, citando o interessado Joaquim Maria Laranjeiro, casado, do Casal Novo das Means, mas ausente em parte incerta dos Estados Unidos do Brazil, para assistir a todos os termos do inventario orfanologico a que nêste Juizo se procede por obito de seu sogro Antonio Ferreira, morador que foi no Casal Novo das Means e em que é inventariante Maria Rama Cadima, viuva do inventariado, do mesmo logar.

Montemór-o-Velho, 22 de Junho de 1915.

O Escrivão,

João Paes da Cunha Mamede.

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito,

Amaral Pereira.

Anuncio

(2.ª publicação)

NO dia 27 do corrente mez de Junho, pelas 11 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, vae á praça para ser vendido pelo maior lanço oferecido sobre o valor abaixo indicado, o seguinte predio penhorado na execução que Dona Maria de Nazaré Ferreira Mósca, move contra Joaquim Gomes de Matos e mulher, das Meãs de Cima, a saber:

Umas casas de habitação, eira de cal e terra de semeadura junta, no Alquéve, e que mede «quinze aguilhadas» e parte do norte com José da Queda, e outros, vae á praça em quatro centos e cincoenta escudos (450$00).

Montemór-o-Velho, 17 de Junho de 1915.

Verifiquei a exatidão:

O Juiz de Direito,

Amaral Pereira.

O Escrivão,

José de Paiva Bobela Mota.

AGUA DE LUSO -- Cura pela Diurése

(ESTABELECIMENTO TERMAL E HOTEIS ABÉRTOS TODO O ANO)

A mais diurética e mais digestiva. Aumenta a diurése, regularisa as funções digestivas e ativa os fenómenos nutritivos

Muito radioativa—4,49 miligramas—minutos
Muito ionisada, resistividade a 18° 18300 ohms
Muito rica em gazes raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotonica, ponto criospico 0°,04

} Conclusões da analise feita pelos distintos professores Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitissimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tifico

USO EXTERNO—Molestias de pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc,), reumatismo e gôta.
USO INTERNO—Artritismo, impaludismo, neurastenia—Albuminuria, diabetes—Intestinos, estomago—Rins—Bexiga.

Depositos -- **LISBOA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros, 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 428. FUNCHAL, José Quirino de Castro, rua dos Murças. AFRICA ORIENTAL: Oswald Offmann. BEIRA: F. L. Simões & C.ª. LOANDA: Beltrão, Pena & C.ª**, e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositarios nas terras onde ainda os não haja.

Portugal Previdente

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima — Responsabilidade Limitada

Capital **UM MILHÃO** de Escudos

SÉDE — RUA DO ALECRIM, 10 — LISBOA
N.º Telef.—1849 End. Teleg.—VIDA

Seguros contra incendios de predios, fabricas, etc.
Seguros de estabelecimentos e mobiliarios.
Seguros agricolas de ceáras, eiras, palhas, arvoredos, etc.
Seguros de maquinas e utensilios de lavoura.
Seguros contra incendio proveniente de gréves e tumultos.
Seguros de transportes maritimos e postaes.
Seguros contra roubo de habitações e estabelecimentos.
Seguros contra fraude de empregados.
Seguros contra a quebra de cristais.
Seguros de vida, pensões, dotes e reformas.
Seguros contra acidente de trabalho.

Agencias em todas as terras importantes do paiz, ilhas e colonias.

Sucursal no PORTO — Rua Passos Manoel, 21.

BANQUEIROS—**Borges & Irmão**—Porto e Lisboa

Antonio Pereira de Carvalho

Proprietario dos Grandes Armazens de Bicicletas, Maquinas de Costura, Pianos e toda a qualidade de acessorios.

A maior e mais antiga casa no genero

Oficina para todos os concertos, afinações e reparações em bicicletes, motocicletes e maquinas de costura.

Artista mecanico habilitado.

Vendas, alugueis e trocas.

Preços sem competencia

34—Avenida Navarro—36

(Estrada da Beira)—COIMBRA

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem deposito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se tambem de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fóra de Coimbra

FABRICA DE CAL

Cal fina e grossa, fornece-se em muito boas condições. Preços modicos, sobre o wagon, no caminho de ferro e nos proprios fornos.

Agente de telha tipo marselha e tijolos de todos os formatos, da fabrica Lacerda, Figueiredo & C.ª Limitada, da Pampilhosa.

Pedidos a

Joaquim F. Coca Junior
Zambujeiro—Arazede

AOS AGRICULTORES

Sendo agora época de sementeiras de milho, feijão, abóbora, etc., será conveniente aplicar os bons adubos e purgueira da afamada casa *Varela, Leal & C.ª*, das **Varzeas**, que se encontram **á venda em casa de Manuel Monteiro Godinho**, com deposito no **Casal do Gaio, Arazêde.**

Companhia de Seguros A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz

Antonio d'Oliveira Guerra

RUA DA REPUBLICA, 84

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legitimos acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de fórma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamavel, isca em cordão vendida fraudulentamente a titulo de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva acção civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa ao Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações dignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalisação para procederem ás necessarias diligencias. Dirigir-se pessoalmente ou por carta á Companhia Portuguêsa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

SEGUROS CONTRA INCENDIO

Seguros contra incendio incluindo riscos de explosão de gaz e raio.

Seguros contra incendio cobrindo tambem os riscos de gréves ou tumultos (portaria de 14 de Março de 1914).

SEGUROS CONTRA INCENDIO cobrindo ainda os riscos de guerra (portaria de 30 de Novembro de 1914).

Unica companhia autorisada a segurar os riscos de guerra nas apolices de incendio

Seguros contra incendio e roubo E' tambem A MUNDIAL a unica Companhia autorisada a emitir uma apolice cobrindo os dois riscos.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital — Esc., 500:000$
(500 contos)

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmão
Praça da Liberdade, 138 — Telefone 1459

Agencias e Delegações em todo o paiz, ilhas e colonias.

Restaurante Ferro-viario

ALFARELOS

ESTE bufete, um dos que melhor servem o publico que transita nos comboios, acha-se situado na estação do caminho de ferro de Alfarelos. Fornece almoços, jantares e *lunchs* e toda a qualidade de refeições, por preços comodos.

Tem pessoal habilitado, tanto em cosinha como em sala de mesa.

Tudo se encontra com esmero e perfeição.

Fornece comida para fóra, e presta-se a servir em casamentos, baptisados, etc., desde que seja prevenido com antecipação.

O proprietario, **Artur de Oliveira Coelho.**

ADUBOS

MELO & MARTINS

PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada

PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiencia dos nossos adubos, devido ao seu magnifico resultado os adoptarão de preferencia a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro
PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex.mos passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.

Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA

Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.
PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações
Deposito das afamadas aguas de Luso.

Casa Funeraria DE ADELINO FARIA

Rua das Flores
FIGUEIRA DA FOZ

Encarrega-se de todos os funerais, podendo ser chamado a qualquer hora da noite.

Preços resumidos, a ponto de ninguem poder competir, tanto em corôas como em todos os pertences respeitantes ao seu negocio. Tem especialidade em urnas de mògno.

Biblioteca da Universidade
Coimbra

Ano 4. Montemór-o-Velho, 4 de Julho de 1915 N.º 176

DIRECTOR, PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR
Almeida Junior

SECRETARIO DA REDACÇÃO E EDITOR
Abel M. de Melo Brandão

REDACTOR PRINCIPAL
Mário Augusto Mota

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguêsa

Pátria e Humanidade

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Dr. José Galvão
MONTEMOR-O-VELHO

DIRECÇÃO:—COIMBRA
(para onde deve ir a correspondencia)

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. Silva (a vapor)—AVEIRO

Páginas sôltas

A' chamada...

Naquele dia, o ninho, lá na fronde,
Era um côro de beijos, de harmonias...
. . . . . .

José Agostinho.

Conversar com um «desconhecido», nas páginas dum jornal, não deixa de ser agradavel. E então principalmente quando êsse desconhecido como *N.*, das *Cartas da Abrunheira*, se mostra tão sentimental como bondoso, pois se impressionou com o acto de malvadez praticado por pequenitos que roubam um ninho, e os corrige com palavras de ensinamento e bondade.

Mas aquele correspondente do *Dever* foi ainda mais longe... Relatando o caso com a simplicidade que constitui a arte, teve ainda a gentileza de lembrar-se das colaboradoras do jornal por imaginar que feita por elas a descrição desse quadrinho rústico, tantas vezes reproduzido nesta época, teria o perfume da poesia, — se é que a poesia pode ter perfume...

Tratar agora o assunto? Não; já *em prol das aves* escrevi, ha dois anos, nêste mêsmo jornal, um artigosito onde, por sinal, saiu uma tremenda gralha ttpográfica que jámais me esqueceu... Agora venho tão sómente servir-me do caso para fazer a ligeira crónica de hoje.

Em geral, para êste ou outros jornais em que colaboro, nunca para as minhas crónicas tenho com antecedência um assunto definido. Pois hoje quando me sentava para escrever vinha a pensar em fazer uma crónica politica — haverá nada mais sem poesia que a politica!... — mas *N.* motivou-me outro assunto.

... Ao quinto dia criou Deus as aves, assim diz a Biblia (em que não sou muito douta); e aqui mesmo, num álbum de edição francesa, que pessoa amiga me déra, tenho diante dos olhos uma gravura alegórica a êsse acto. E logo quando Deus as criou foi para tornar a terra alegre com os cantares delas e para — quem sábe! — dulcificar as cóleras dos elementos na constituição do cosmos — «le drame de toutes les forces de la nature en fureur», como diz Eugène Pelletan...

Eu não sei se *N.* é partidario das teorias de Darwin ou Haeckel (a quem chamáram falsificador da sciência), e portanto se crê ou não em que fosse Deus o criador das áves...; mas cá por mim confesso que não me sinto muito lisonjeada com a ideia desse scientista alemão E. Haeckel fazer crêr que os nossos ascendentes remotos fossem — macacos.

Mas onde o assunto foi parar...

Onde se encontrem passaritos há sempre uma nota alegre produzida pelos seus gorgeios modulados, ou gárrulas chilreadas. Gosa-se de inefavel sensação quando se passeie pelo campo semeado de arvores, povoado de pássaros; há naquela linguagem dos cantores aéreos, ou sejam filomelas ou toutinegras, um não sei quê de dulçor convidativo á divagação do pensamento que nos leva a compreender a harmonia perfeita dos encantos da Natureza.

Naquêle ninho, fragil moradia tecida de liquenes, forrado de pênas, que se acouta na ramaria das arvores ha uma lição de moral e até de beleza.

A educação faz o «homem». E um homem educado não vai destruir por prazer uma obra seja ela qual fôr, que tenha custado as solicitudes e cuidados que um pequenito ninho dá aos passaritos para o fazêrem.

Mas a criança que é um pequenino selvágem, e como tal tem sempre tendência inata para destruir E' uma imagem do que fôra o homem nas sociedades primitivas. Qual era a caracteristica dessas sociedades? — A tendencia destrutiva e guerreira. Só após tantos séculos é que a sociedade se foi aperfeiçoando e ainda assim com tanto progresso, tanto requinte de civilisação e no século vinte, aparecem as trágicas surprezas dum Bonot e duma conflagração estupenda desencadeada por um *kaiser*.

Na escola e na familia é que a obra de moralisação, a verdadeira obra educativa se pode e se deve fazer; e na escola, sobretudo, é que se deve levar o espirito da criança a compreender a utilidade das aves e quanto elas merecem a sua protecção. E' preciso fazer despertar na criança o interesse por tudo quanto fôr Util, o amôr por tudo quanto fôr Belo, a simpatia pela Bondade E', na verdade, formar o caracter.

Não ha nenhuma criança que não goste de haver ás mãos os ninhos.

E eu agora evoco uma lembrança daqueles tempos infantis povoados de sonhos...

Eu teria uns 10 anos, se tanto. Maio reinava com esplendor acariciado por um belo sól, perfumado com o olor dos rosais. Eu e mais algumas companheiras, da mêsma idade, fôramos cortar ramos das lindas trepadeiras de rosas-chá para... levarmos para o altar da Virgem, pois era no mês de maio...

As trepadeiras enlaçadas formávam por sobre o muro um massiço de verdura marchetado de florinhas brancas. Tinha já cortado alguns ramos quando deparei um ninho. Que prazer! Ávidamente estendi a mão e em vez de rosas colhi o ninho onde repousavam três pequeninos ovos. Doida de alegria não quiz mais rosas e corri para casa para mostrar o achado a minha mãe.

Mas ao chegar á escada o ninho pesava-me e parecia-me ouvir ao longe o queixume das avesinhas aflitas ás quais eu o roubára...

Raciocinio? Não era, que naquela idade não há raciocinio: há instinto, há emoção. Pois eu por instinto vi que minha mãe não havia de gostar que apanhasse o ninho e por emoção senti uma dôr moral, pela acção praticada Lancei o ramo das trepadeiras para as escadas e corri a colocar o ninho entre os ramos virentes das trepadeiras, sôbre o muro, de onde o tirára e onde doudejava aflitiva a pobre avesita que o perdêra...

Passáram já bastantes anos, mas jámais esqueci esta singela página da minha infância, daquele tempo em que ainda não há raciocinio: há instintos, há emoções.

E agora, com uma tão grande massada, o autor das cartas da Abrunheira ficará de sobre-aviso para não mais indicar um assunto de poesia e servirem-lhe—uma miscelânea literária, mas sem literatura... E como o *Dever* tem sempre boa prosa para ocupar as suas colunas, os srs. tipógrafos terão de compôr esta «macedónea» em corpo n.º 8 (não sei se é êrro, pois entendo pouco de arte tipografica...) para poupar o espaço...

E o mês de junho decorre festivo; nas arvores do pomar, aqui bem perto, as avesitas chilreiam junto dos seus ninhos.

22 de junho.

Aurea Judit Amaral.

Dr. Teixeira de Carvalho

Deixou a direcção da *Provincia*, nosso distinto colega de Coimbra, aquele ilustre jornalista e notavel homem de letras. A *Provincia* lamenta a sua falta, e tem razão. Mas o nosso bom amigo está doente, e o seu tratamento demanda repouso e mudança imediata de ares.

Sentimos tambem o seu afastamento das lides jornalisticas onde era brilhante ornamento, tanto mais quanto é doloroso o motivo porque se afasta.

Governador Civil

Aceitou o convite que lhe fôra feito para governador civil do nosso distrito, o snr. dr. Antonio Leitão, ilustre director das escolas normais e distinto advogado. Esperamos que sua ex.ª, que costuma encarar os problemas sociais e economicos por um prisma real e ponderado, faça todos os esforços para que o distrito de Coimbra, que carece de impulso sério, progrida na medida do possivel, saneando o que houver de sanear, sem rancôres de especie alguma, com imparcialidade e dedicação pelo bem-estar do povo.

Ha um mez que este pobre distrito se encontra em bolandas, sem autoridade superior estavel e dedicada, como o provou ultimamente o snr. dr. Borralho Junior, não querendo trocar os seus interesses e comodidades da capital pelo sacrificio de governar-nos.

A imprensa recebeu esta nomeação com agrado, e, posto que o snr. dr. Leitão pertença a um partido politico, sabemos que sua ex.ª governará com imparcialidade. E assim deverá ser.

NOVA PROFESSORA

Foi despachada para a escola feminina de Gatões, a snr.ª D. Rosa Adelia Pereira Magina.

Atendendo ás suas excelentes qualidades de educadora, é de esperar que a nova professora preste ás creanças daquele logar os mais assinalados serviços educativos. Cumprimentamola, saudando o beló povo do visinho logar por ter conseguido haver uma professora assim distinta e zeloza para a escola da sua terra.

DOENTE

Está gravemente enfermo o snr. Fausto de Melo Brandão, irmão estremecido do nosso companheiro de trabalho, Abel Brandão.

Desejamos as melhoras do doente, que é um rapaz prestimoso.

CESAR ANJO

Ainda agora soubemos que o aniversario natalicio deste nosso querido amigo passou no dia 22 de junho.

E' tarde para um abraço. Mas Cesar Anjo, nosso ilustre coléga do *Sul da Beira*, desculpa a falta, a perdoavel falta.

CRÔNICA DE LISBOA

Na nossa meza de trabalho, de madeira modesta, sem embutidos de prata, nem rendilhados artisticos, onde escrevemos, temos aberto o livro dum revolucionario que toda a França intelectual e iconoclasta respeita — Jean Gráve. Folheamo-lo, ao acaso, sem que, primitivamente, tenhamos purificado as mãos, embora saibamos, de ha muito, que ele é quasi a biblia da sociedade que se prepara e suspira, e que a analise fria dos factos nos certifica, clara e positiva, que não veremos. O capitulo que se nos deparou quando na desfolhada puzémos ponto, feriu-nos a atenção pela coincidencia atendivel duma quadra impregnada de lenda que ouviamos e que vinha duma garganta de mulher.

A *tradição e os costumes*, que nós lêmos, novamente, com vagar, porque saboreamos e repetimos tudo quanto é bom, atirou o nosso espirito para o turbilhão da loucura foliona com que se comemora e festeja os três santos tão populares e tão lendarios que a crença e a ingenuidade coloca como advogados do casamento e protetores de pêso, para a entrada suprema na mansão celestial.

Aquela alegria franca e maliciosa, aquele arroubamento amoroso que deparamos nos pares alegres, as redondilhas simples e repentistas, com o têma mil vezes conhecido e mil vezes ignorado, sempre vetusto e sempre joven — o amôr quasi que nos inclina para a concordancia perfeita de que a tradição e o costume, quando dimanam de si a poesia das almas simples e o veneravel arcaismo de outras eras, são mais ou menos respeitados, continuam no seu caminho com mais ou menos vislumbre, obrigando, até, a retrair os ultra-avançados que brandem o camartelo iconoclasta e demolidor, fazendo-os sorrir, o motivo pueril, que, outr'ora delapidava preconceitos e reunia, durante uma noite, a escumalha servil que tremia e o sangue azulino que sugava.

Eu disse *outr'ora* e reconheço que é improprio o termo, perdoae! Estamos costumados a vêr o passado mil vezes mais negro do que o presente e a miragem é discutivel!

Como se, atualmente, o preconceito e a casta, não existissem, como se a moral e a justiça, estivessem em todas as almas, pulsassem em todos os corações!

Que deparamos dia a dia, passo a passo? A que conclusões chega o nosso pensamento ao analisar, friamente, a serie de actos e de factos que, desfilam por nós ininterruptamente, interminavelmente?

Com que celeridade nos bate o coração ao encararmos a desigualdade inexplicavel e vexatoria que avassala e corrompe, que tortura e mata!

Como podemos nós, os que deduzimos e pensamos, consentir que o crachá purulento, a condecoração cancerosa, valham ainda mais, nesta epoca, em que os pregoeiros do progresso armam palanquim em todas as esquinas, sejam mais cotadas do que a bigorna honrada e a serra construtôra?!

E' que a *casta* poderosa dos argentarios continúa unida como que pretendendo impedir o inevitavel!

Eles não podem impedir a onda generosa e justa do progresso e confessam que ela avança magestosa e indomavel, mas quando e quanto podem, tentam envenenar aqueles que flutuam sorridentes no mar, já vasto, que ela creou...

Torno, novamente, a ouvir a redondilha trinada de que lhes falei ha pouco.

Baixo novamente os olhos para o capitulo de Jean Gráve e leio alto «que as leis só teem verdadeira força efectiva quando estão em perfeito acordo com a opinião».

E a opinião pública continúa, pondo de parte, nessas trez noites de junho, o positivismo da sua descrença. A multidão saíndo para as ruas com o sorriso nos labios, com a alegria nos olhos, sem sôno e sem vaidade, grita, canta e ama. A' meia noite vae á fonte, á meia noite queima alcachofras, á meia noite gargareja á janela e tira sinas dum copo de agua limpida!

E a lei depoz Santo Antonio, exonerou S. João, aliás já exonerado desde que Judith deu por findo o seu baile maquiavelico e reformou o pobre guardador dos páramos celestiaes e homicida frustrado do pobre Malco.

Será, pois, o motivo apontado pelo grande demolidor e pensador avançadissimo que citamos acima, que provoca estas *reações* que se não explicam?

Não sabemos, mas os factos aí estão.

Seria da transição brusca que eles resultaram?

Não sabemos, repetimos, mas a essas trez noites tão claras, tão sãs, tão ingenuas, serão os legistas capazes de destruir a magna poesia que dimanam, o efluvio inexplicavel que delas se evola?

D. L.

Assistindo á festa

Afim de vêrem e apreciarem os bailados das nossas gentis conterraneas, que ali se exibiram com galhardia e mestria, fazendo o encanto de muita gente e entontecendo muitas cabeças, estiveram aqui muitas pessoas de fóra. Não pudémos tomar nota de todas, mas lembra-nos os nomes dos snrs. drs. Vieira de Castro, digno delegado do procurador da Republica em Cantanhede e Avelino Faria, advogado prestimoso na mesma vila e suas bondosas esposas; professôra D. Virginia Duarte, de Arazêde, que, com o nosso amigo snr. Joaquim Ferreira de Figueiredo, esposa e afilhada estiveram na ridente povoação da Ereira, de visita ao nosso bom amigo snr. Antonio Fernandes Duarte; os amaveis filhos do snr. escrivão Mamede; o snr. Francisco Antunes, de Alhastro, Carapinheira; Almeida Machado, Beja da Silva, Godofredo Leitão, Pereira Batista, etc., de Tentugal; Marques Bronze, digno professor em Pocariça, que distintamente se fez ouvir tocando violino no simpatico *Rancho das Formozas do Mondego*, e a quem abraçamos; o nosso presado amigo Jacinto de Noronha, ferroviario em Alfarelos, etc., etc., alguns dos quais tiveram a gentileza de nos vir cumprimentar, deferencia imerecida que agradecemos.

Rancho de Tricanas

O *Rancho de Tricanas* de Verride, mais uma vez se fez ouvir na noite de S. João, cantando e dançando com grande entusiasmo e sendo por isso muito apreciado. Era acompanhado por musica, organisada por excelentes elementos daquela localidade.

Só merece elogios a fórma porque o aplaudido *rancho* soube apresentar-se, pois mais uma vez patenteou a alegria e a beleza do seu conjunto.

Festejos a S. João e S. Pedro

Dois *ranchos* modelares — A mocidade confraternisou, unindo-se

Quizemos unir, nestas noticias ligeiras, o S. Pedro a S. João. Esperámos o fim das festas, déstas festas brilhantissimas a que a mocidade desenvolta dêsta vila historica soube imprimir toda a vitalidade da sua alma simples e jovial.

Quatro noites em claro; e os forasteiros, em elevado numero, que aqui vieram, levaram da nossa terra as mais gratas e saudosas impressões. Com efeito, os ranchos *6 de Julho* e *Formosas do Mondego*, podem, sem receio, rivalisar com os seus congéneres de terras mais importantes.

Montemór possue elementos de vida propria; e se, mercê de bôa iniciativa, tudo se congregar disciplinadamente para um fim utilitario e prático, avançaremos, pois alguma coisa de proveitoso se conseguirá.

Ha inteligencias robustas, tanto no ponto de vista da literatura, da arte, como da poesia; e quando, unindo-se num mesmo esforço, compreenderem o que é necessario fazer, esta vila sobresairá extraordinariamente, elevando-se no conceito público.

* * *

S. João, o casamenteiro tradicional, fez aqui das suas na sua noite de encantos.

Moçoilas, de olhares penetrantes, garridamente trajando, fizeram o enlevo de muitos corações impacientes e de muitas almas anciosas.

Noites e noites de sacrificio para ensaiarem-se e apresentar-se em publico, os dois ranchos dançantes conseguiram, com belo exito, o seu *desideratum*. Rivalidades antigas, que não tinham razão de existir, separaram por largo tempo creaturas que, afinal, sofriam da mesma enfermidade psicologica, mas sendo incapazes dum gesto desairoso.

* * *

Na Praça da Republica exibiu-se o rancho *6 de julho*. O pavilhão, cuja planta se deve a um estremecido e dedicado filho desta terra, que persiste em manter-se incógnito, era dum efeito deslumbrante. A iluminação a acetilene, atravez de lampadas de variegadas côres, dava, no conjuto, uma nota de alegria intensa, tornando mais interessantes os rostos gentis da mocidade dançante e, até, das damas que, dos paços do concelho e repartição do correio, assistiam, enlevadas e contentes.

No Largo Souto Maior, lá baixo á beira do rio suspiroso, encontrava-se o rancho *Formosas do Mondego*, e um interessante rancho infantil, que deu á festa um tom ainda mais tocante e mavioso.

Serenamente, sem a mais leve nota de desagrado, tudo correu até ao fim, nas 4 noites, no maior socego e deslumbramento.

O Largo Souto Maior, visto de longe e atravez da escuridão da noite, dava-nos a agradavel impressão dum pedaço de ceu azul, de tal maneira, por entre a profusão de luzes, se salientava a verdura do arvoredo, ali copado e saudavel de encantos e atrativos. Tanto num como noutro pavilhão as respectivas orquestras se fizeram ouvir com agrado, pois a maior parte dos executantes eram de Montemor, sendo deles muitas das proprias canções e das proprias musicas e letras.

Quem, como nós, assistiu pela primeira vez a estes bailes primorosos, ha-de lembra-los por largo tempo com intensa saudade. Em todo o concelho, e cremos mesmo que em todo o distrito não houve coisa egual.

No dia 24, á tarde, o rancho gentil das *Formosas do Mondego*, liquidando uma divida em aberto desde o ano passado, veio apresentar, ao rancho *6 de julho*, os seus cumprimentos afétuosos, por iniciativa do nosso estimado amigo snr. dr. Ismael de Sampaio. Era ao anoitecer. Ao aproximar-se, com a sua orquestra, e rancho infantil, acompanhado de muito povo, a sociedade do Largo Souto Maior foi alvo de delirante manifestação d'apreço. O que então se passou foi emocionante.

Em todos os rostos, visivelmente comovidos, brilhou a satisfação dum dever cumprido. Já descrevemos, em crónica separada, no *Dever* passado, a nossa impressão sobre o belo acto de galhardia.

O rancho *6 de Julho* cedeu ao seu rival o pavilhão, que o aceitou, subindo todos. Ali, durante quasi uma hora, se fez ouvir o rancho *Formosas do Mondeg* , que foi aplaudido com respeito e merecidamente.

O povo, descoberto, abria alas que significavam a maior cordura e o maior acatamento. De pé, os executantes duma e doutra sociedade trocaram-se cumprimentos, sendo ambos muito vitoriados com vivas e palmas.

O dr. Ismael de Sampaio foi chamado ao pavilhão, ouvindo-se muitos vivas ao seu nome e muitos aplausos ao seu belo gesto.

Outra nota digna de menção, e que não podemos deixar de referir, foi o facto da snr.ª D. Luiza do Patrocinio, chefe da estação postal, e acompanhada de sua gentil sobrinha, snr.ª D. Izaura Monteiro, oferecer aos pares dançantes e orquestra, bolos e vinho fino, que eles muito agradeceram. E se referimos este gesto de generosidade e gentileza, é apenas para salientar que estas senhoras, não sendo ricas, não quizeram poupar-se a esse sacrificio para com pessoas extranhas, no que foram imensamente louvadas.

Tudo correu, pois, no melhor dos mundos possiveis, deixando em todos recordações agradaveis e perduraveis.

Algumas das musicas são produção dos filhos de Montemór, srs. Joaquim Duarte Ferreira, Henrique Ferreira da Silva Carvalho e Alvaro Duarte Cadima, que demonstraram que não é necessario ninguem de fóra fazer as delicias dêste povo bondoso e paciente.

A todos envia o *Dever* os seus afétuosos cumprimentos, envolvendo-os num abraço o

A. Junior.

Horas d'insónia

A VAIDADE

Está o mundo eivado de vicios e podridões. A maior parte dos homens preocupa-se mais com a fórma de viver e de se salientar aos olhos do semilhante, do que mesmo com os seus deveres sociais, com os seus deveres d'humanidade; que esses são inteiramente esquecidos até nas coisas mais comesinhas da sua existencia.

D'ai a corrução que faz mal e norteia os outros por caminhos opostos ao bem estar proprio.

Ainda assim, uma coisa me faz pensar: como é que, sendo nós todos irmãos, sendo a humanidade sugeita aos mesmos erros e ás mesmas miserias, como aos mesmos gritos aflitivos de desespero, uns sofrem constantemente o mal da miseria horrenda, sendo honestos, e outros, egoistas e anti-sentimentais, dormem descançados o sôno reparador de quem, após uma jornada de leguas e leguas á procura de melhor méta para saciar odios e pensamentos maus, se sente alfim alquebrado de cerebro e de coração, arrependido de infringir as leis sagradas do respeito aos seus irmãos mais infelizes!

Escreveram algures que os pobres foram fadados para sofrer. E eu, mais positivista, acrescentarei que os humildes tambem hão de ter o seu dia de consagrações:—na hora da revolta, quando atirarem com os preconceitos á cara dos seu perseguidores e dos seus algózes.

Seria uma revolução mais humana e mais equitativamente generosa. A ideia nobre, mergulhada no sangue tepido dos martires do progresso e da emancipação, fecundaria as almas e as faria jorrar luz sobre os cadaveres amortalhados na bandeira toda feita de pedaços de ceu azul-escuro.

Porque a maior parte dos homens preocupa-se mais com a fórma de preponderar e de se salientar aos olhos do semilhante do que com os seus deveres de humanidade que deveriam servir de norte aos mais fracos de entendimento e aos mais raquiticos de espirito e de iniciativa.

E eu vejo isso. Ainda hontem, quando eu fugia da multidão ébria de pedantismo, eu senti bem o que aí fica . .

ALMEIDA JUNIOR.

DR. LIMA DUQUE

Assumiu a direcção do nosso presado colega conimbricense *A Provincia*, o snr. dr. Lima Duque. Espirito esclarecido e ponderado, tem sabido sempre captivar todos os que com ele tratam.

O snr. dr. Lima Duque foi ultimamente eleito senador da Republica, e por certo a sua acção parlamentar hade ser a melhor garantia de engrandecimento patrio.

Felicitando o nosso colega, cumprimentamos o seu novo e ilustre director.

Revista de inspéção no concelho de Cantanhede

As revistas ás praças licenceadas dos regimentos de artilharia n.º 2, infantaria n.os 23, 24 e 28, cavalaria 1 e 8, Poligono de Tancos, 2.º e 8.º grupos de companhias de saude, batalhão de telegrafistas de campanha e ás de reserva do regimento de infantaria 28, 5.º grupo de artilharia, 2.º esquadrão, 2.º batalhão de sapadores mineiros, teem logar no concelho de Cantanhede nos seguintes logares e dias:

Bolho, Cadima e Cantanhede, em 27 de junho.

Ançã, Cordinhã, Covões, Murtede e Pocariça, em 4 de julho.

Febres, Ourentã, Outil, Portunhos, Sepins e Tocha, em 11 de julho.

Hospital da Misericordia

Não vamos ferir a nota pessoal, nem envolver velhas questões neste tema já debatido do Hospital.

Podem todos ficar disso absolutamente seguros.

Apenas salientaremos, neste e em outros artigos, como é de justiça, a acção importante, o zelo inexcedivel das respectivas enfermeiras, para que o povo tenha disso conhecimento e lhes faça os devidos encómios.

Houve uma epoca em que a administração dos serviços internos do importante instituto de caridade, que é o Hospital de Nossa Senhora de Campos, deixava tudo a desejar. As irregularidades e abusos eram de tal ordem, que chegou a ponto das pessoas que adoeciam sentirem relutancia em recolher a esta casa de saude, não o fazendo senão no ultimo extremo.

E isto porque, a principiar pela contéção das refeições, se os doentes davam entrada com mais ou menos apetite, passado pouco depois, apenas a custo beliscavam nas comidas, as quaes, pela sua falta de sabor e tempero necessario, terminavam por as pôr de parte, preferindo não comer.

Desta maneira, eram constantes as queixas que os diferentes facultativos, que serviram a casa durante essa epoca, recebiam quasi diariamente dos pobres enfermos e por mais que os ilustres homens de sciencia fizessem as suas recomendações e chamassem para o assunto a atenção dos mezarios, nunca se conseguia remediar este lastimoso estado de coisas, ou fosse por falta de gente mais competente para o desempenho dos serviços, ou porque a capa da misericordia vinha cobrir, com excessiva benevolencia, os erros e as faltas dos delinquentes.

Com relação aos serviços de enfermagem, estes, do mesmo modo, não eram, por bastantes vezes, tão limpos e perfeitos, nem prestados com a solicitude que era para desejar, devido á falta de competencia e ao pouco escrupulo d'alguns enfermeiros que, algumas vezes, chegavam ao cumulo de dormirem fóra do hospital, deixando os desgraçados doentes abandonados, a sós com as suas dôres e sofrimentos!

Assim se praticou e abusou por longos anos, até que, havendo-se construido já o novo edificio do hospital, a meza governativa de então, presidida pelo falecido Reitor Cardote e sendo tesoureiro Paulo Coelho, tambem já falecido, resolveu dotar a mesma casa de beneficencia com um pessoal interno tambem novo, que fosse mais habilitado do que o existente a essa data, de fórma a pôr-se um termo aos abusos e queixas dos doentes e reclamações dos medicos.

Mas onde desencantar esse pessoal com as necessarias habilitações e que fosse cuidadoso e cumpridor para desempenhar serviços de tamanha responsabilidade, especialmente, os de curativos e enfermagem, que demandam de tanta pratica e saber, de tanta assiduidade e carinho?

Não era tarefa facil, encontrar-se gente nestes meios obscuros e acanhados da provincia, que reunisse todos estes predicados.

Foi então que o reverendo Reitor Cardote, auxiliado por Paulo Coelho, pondo para isso ambos em campo toda a influencia das suas relações pessoaes e politicas, que as possuiam de bastante prestigio, especialmente o primeiro, recorreram ao extinto convento das Trinas, onde, mercê de poderosa cunha e ao cabo de muitos obstaculos e canceiras, obtiveram finalmente que ali lhe cedessem quatro irmãs hospitaleiras para os serviços internos do hospital, sendo duas para enfermeiras, uma para cosinheira e a restante, que na *Ordem* tinha a graduação de *superiora*, para dirigir e fiscalisar os serviços daquelas e os respectivos serventes, percebendo cada uma o ordenado mensal de 9$00.

Ainda que recebidas com todas as manifestações de agrado, pelo povo, houve, em principio, receios que, vindo elas, de mais a mais, de um convento, viessem para Montemór fanatisar os espiritos com o misticismo das suas praticas e rezas. Mas a este respeito lá tinham a opôr-se o espirito liberal e esclarecido do snr. dr. João Batista Loureiro, distinto clinico do hospital, que decerto lho não permitiria.

Em breve, porém, todos esses receios se dissiparam por completo, ao vêr-se o modo escrupuloso e esmeradissimo como eram desempenhados por as bondosas e caritativas senhoras todos os serviços do hospital, cujas dependencias manteem sempre no mais inexcedivel aceio, causando a entusiastica admiração dos estranhos que visitam o edificio e que, por tal motivo, tecem os mais calorosos elogios ao seu zelo extremo, á sua modelar solicitude e á sua dedicação inimitavel.

Tratando de todos os assuntos e coisas a seu cargo, com um cuidado e interesse cómo se fossem propriamente suas, elas poupam aqui para remediar acolá, sendo assim que, em ocasiões de confécionar roupas novas para a casa, chegam ao extremo de aproveitar pequenos retalhos de pano que ficam, e, depois de os cerzir com toda a paciencia, fazer deles barretes para os doentes.

Alice Oliveira,

aluna externa do 5.º ano de piano do Conservatorio e com o curso de musica: léciona, em sua casa ou dos alunos, como se convencionar.

RUA DO SUB RIPAS, 10
COIMBRA

Agradecimento

—†—

Maria Jesuina da Graça Dias Ferreira, Angelo Pereira Dias Ferreira, Albáno Pereira Dias Ferreira, Alvaro Pereira Dias Ferreira, Francisco dos Santos Neto, mãe, irmãos e marido da falecida Beatriz Pereira Dias Ferreira Neto, não o podendo fazer em particular, veem por este meio, penhoradamente, agradecer a todos aqueles que lhes manifestaram o seu pezar, bem como á redacção do *Dever*, pela noticia do seu falecimento e cartão de condolencias.

Almalaguez, 28 | 6 | 915.

O DEVER

SEMANARIO DEFENSOR DA UNIÃO DA FAMILIA PORTUGUEZA

Assinaturas

(Pagamento adeantado)

Trimestre	0$32
Semestre	0$62
Ano	1$22
Continente e Africa	
Trimestre	0$35
Semestre	0$65
Brazil e Africa Oriental	
Ano	2$09

Numero avulso, $04

Publicações

Comunicados, 0$06 a linha; anuncios, na 1.ª pagina 1 vez, 0$10 a linha; na 2.ª, 0$80; na 3.ª e 4.ª, 0$06. Repetições, metade d'este preço.

Por mais de um mez, preço convencional.

Selo, cada publicação, 0$01.

Os assinantes teem desconto de 25 0|0.

Não se aceitam informações anonimas nem se restituem originaes, quer sejam ou não publicados.

Roubo em Gatões

O nosso amigo snr. Manuel Teixeira, de Gatões, possue em Sant'Ana uma casa de engenhos, tendo anexa uma capoeira, onde havia umas 35 galinhas de excelente raça.

Pois uns mariolas quaesquer tiveram a pouca vergonha de numa noite destas, se introduzirem na referida capoeira, roubando todas aquelas galinhas.

O nosso amigo começou de telegrafar para varias terras do paiz e de investigar por estes sitios, a fim de serem descobertos os autôres do roubo.

Depois de varias pesquizas, soube-se quem é o recétador do furto, individuo natural de Maiorca, que certamente revelará os nomes dos autores da proeza.

Fonte de Arazêde

Consta-nos que a camara municipal está na disposição de introduzir melhoramentos na fonte de Arazêde, para o que o mestre d'obras já deu a sua informação. A seguir outros melhoramentos hão-de merecer á camara a sua atenção, na medida do possivel.

Bem haja quem se não esquece dos interesses dos seus municipes, não olvidando ao mesmo tempo os deveres do seu mandato sob o ponto de vista de prosperidades e economias municipais.

Por falta de espaço sômos obrigados a deixar de publicar varios e importantes artigos, do que pedimos desculpa aos seus autôres.

Poetas e Prosadôres

A uma gentil senhora d'olhos negros

Os jardins repletos das mais lindas e variadas flôres, fazem-nos aspirar o ambiente suave de uma atmosfera saturada de arômas, que nos deliciam, deixando o espirito quedar um pouco a nossa alma, extática, contemplando as magnificencias da Natureza. Neste conjunto tão perfeito de belezas, ha um matizar de afétos, um iriár de pensamentos em que o coração se abrása, principalmente quando o olhar penetrante e irrequiéto de uns lindos olhos negros, vem completar esta harmonia sublime do belo! Nesta poesia singela mas tão perfeita, entrelaçando afétos, anceios e ais, com miosotis, saudades e lirios, eis a revelação mistica do sentimento puro que nos brota da alma, como um cantico de hossânas ás maravilhas do Creador!

Coimbra, 24 | VI | 915.

OLIVEIROS.

Retirou para Vila Cortez da Estrada, na Beira, a mui gentil e simpatica mademoiselle Ludovina Augusta Tavares Ferreira. Acompanhou-a sua irmã, a ex.ma snr.a D. Lucinda Tavares Ferreira.

Camara municipal de Cantanhede

Resumo das deliberações tomadas pela Comissão Executiva em sua sessão de 2 de junho:

Presidencia do dr. Manuel Pessoa Torreira da Fonseca.

Vogaes presentes: efétivos:—Antonio de Vasconcelos, José Maria dos Reis Camelo e Alexandre Duarte dos Reis.

Faltaram por motivo justificado os vogaes: Joaquim Gomes Gabriel, Manuel Faim Pessoa e Manuel Gomes de Carvalho.

Aberta a sessão ás 12,30 foi lida e aprovada a ata da sessão anterior, tomando a Comissão conhecimento de correspondencia a que deu o devido destino e deferindo um requerimento de interesse particular.

Deliberou a Comissão:

Dirigir ao ex.mo snr. Presidente da Republica o telegrama seguinte:

Comissão Executiva deste municipio saudando em v. ex.a o primeiro Magistrado da Republica e o grande sabio de reputação mundial, tem confiança plena nos destinos desta Patria que todos amamos e estremecemos.

Mandar intimar Joaquim Gomes Eiras, do logar dos Fornos, para, no praso de 15 dias, demolir um muro, que construiu junto á via publica sem previo alinhamento e licença camararia, sob pena da demolição ser feita á custa dele, transgressor;

Autorisar o seu Presidente a mandar construir estantes necessarias á Repartição de Finanças deste concelho para acondicionamento das matrizes;

Tomou conhecimento do balancete semanal da Tezouraria datado de 29 de maio ultimo, donde se vê que a cobrança realisada na semana foi de 55$12, o saldo da instrução 823$45, o saldo da semana anterior 81$28, os mandados pagos de despezas geraes $75, mandados da instrução 6$11, vencimentos dos professores 754$39, saldo da instrução 62$95, saldo de encargos geraes 155$65;

Encarregar o seu Presidente de requerer, a exemplo dos anos anteriores, para que os exames do 2.º grau de instrução primaria se efétuem na séde deste concelho, desde que se dêem as circunstancias previstas no Decreto de 8 de julho de 1912;

Nomear sob proposta graduada da Inspéção da 2.ª Circunscrição Escolar, professora da escola do sexo feminino do logar de S. Caetano, Gracinda Ferrer Simões, diplomada pela Escola Normal de Coimbra, e ordenou que a nomeação fosse publicada no *Diario do Governo;*

Nomear para exercer as funções de professor da escola do logar de Vila Nova d'Outil, durante o tempo em que o professor proprietario daquela escola estiver em comissão na escola desta vila, o cidadão Jaime d'Oliveira Pinto de Sousa e resolveu dar desta nomeação conhecimento á Junta de Paroquia da freguezia de Outil.

Por ultimo aprovou e ordenou o pagamento das despezas constantes dos mandados registados sob os n.os 90 a 100, na importancia de 108$92, bem como aprovou e ordenou o pagamento da folha dos vencimentos dos empregados, relativa ao mez findo, na importancia de 210$35 e da folha dos vencimentos dos professores primarios relativa ao mez corrente, na importancia de 661$00.

A Guerra da Europa

Porque é que a Grã-Bretanha se acha em guerra.—Causas e seus efeitos

Exposição sumaria da correspondencia diplomatica e discursos ministeriais

(CONTINUAÇÃO)

A questão da França

Em 1904 o governo conservador concluiu um acordo com a França, liquidando todas as questões que se achavam pendentes entre ela e o nosso paiz. Em 1907 o governo liberal concluiu um acordo semelhante com a Russia. Assim nasceu o que se chama a «triplice entente» entre a Inglaterra, França e Russia. Foi muitas vezes considerada como destinada a servir de equilibrio contra a «triplice aliança» (Austria, Alemanha e Italia). Mas pelo que diz respeito á Inglaterra, era uma questão de relações amigaveis e não uma aliança formal. Excéto em materias especificas constantes dos dois acordos, a Inglaterra não se achava obrigada a auxiliar, quer fosse a França ou a Rússia. Em 1906, quando a Alemanha estava causando inquietação em França por causa de Marrocos, Sir Edward Grey manifestou a sua opinião pessoal ao governo francez de que se a França se visse envolvida em guerra provocada em consequencia do acordo Anglo-Francez, a opinião pública neste paiz seria em favor de se prestar auxilio não só diplomatico, como tambem material. Em 1908, quando a anexação da Bosnia e Herzegovina pela Austria causou uma crise internacional (protestando a Russia contra a anexação e a Alemanha de «brilhante armadura» apoiando a sua aliada austriaca), Sir Edward Grey disse ao governo russo que sendo esta uma questão Balkanica em que a Inglaterra não tinha interesses diréctos, não se poderia contar com outro apoio dela, além do diplomatico. Desta fórma cada questão ficou para ser decidida pelos seus proprios meritos.

Qual era pois o aspecto da questão nos dias criticos dos fins de julho e principios de agosto? A França não tendo mais que receiar de Inglaterra, havia concentrado a sua armada no Mediterraneo. As suas costas do norte achavam-se desprotegidas. A opinião de sir Edward Grey era que «se uma armada estrangeira, envolvida em guerra não provocada pela França e em que ela não tivesse sido a agressora descesse pelo canal da Mancha, bombardeasse e destruisse as costas indefesas da França», seria uma desonra para nós «conservarmo-nos de lado e assistir de braços cruzados ao que por assim dizer á nossa vista se estava passando».

Os interesses britanicos convergiam na mesma direcção. Se a Inglaterra tivesse declarado a sua intenção de se conservar neutral, a França poderia ter retirado a sua esquadra do Mediterraneo e como agora não conservamos lá uma esquadra bastante poderosa para fazer face por si só a combinações possiveis, as nossas vias comerciais e comunicações inter-imperiais por aquele mar, achar-se-iam em perigo.

Nesta conformidade, em 3 de agosto, sir Edward Grey foi autorisado a assegurar á França «que se a esquadra alemã entrasse no Canal ou através do Mar do Norte para empreender operações hostis contra as costas ou navegação francesa, a esquadra ingleza lhe daria todo o auxilio de que pudésse dispôr.»

Não era isto uma declaração de guerra, mas uma obrigação contingente de fazer guerra. A ulterior e final decisão foi causada pela acção da Alemanha para com a Belgica.

A questão da Belgica

A Belgica foi constituida como «estado independente e perpetuamente neutral» pelos tratados de 1831-32 e 1839. Dêstes tratados não só a Alemanha, como a Grã-Bretanha foram comparticipantes. Ao rebentar a guerra franco-prussiana, em 1870, o governo de Mr. Gladstone propôz um tratado á Prussia e á França provendo que se o exercito de uma delas violasse a neutralidade da Belgica, a Grã-Bretanha cooperaria com a outra em sua defeza. Ambos os paizes assentiram.

(*Continúa*).

Sir Edward Cook.

Não é medico

No penultimo numero dêste jornal chamámos medico ao nosso prestantissimo amigo, snr. dr. Antonio Joaquim Simões, ilustre presidente do nosso municipio. Não foi nenhum nome feio, é certo; mas devemos tratá-lo pelo que é — distinto advogado. Que sua ex.a nos desculpe a involuntaria falta.

N. B.

N. B. é um ilustre professor dêste concelho, cuja modestia reconhecida o faz impôr-nos silencio sobre o seu já glorioso nome. Com o proximo numero começa o *Dever* a publicação dum interessante estudo seu sobre a origem dos reinantes, que é o bastante para dizer, por nós, bem alto, tudo o que pudéssemos dizer sobre o seu talento invejavel.

Associação de Socorros Mutuos União Artistica Conimbricense

Recebemos désta prestimosa colétividade um bem elaborado Relatorio e Contas da gerencia de 1914, em que a sua ilustre direcção demonstra o seu zelo, boa norma de processos e intuitos de progresso.

Desejamos á simpatica associação as prosperidades de que é bem digna.

Falecimento

Faleceu em Verride, no preterito dia 24 de junho, a snr.a D. Carolina Pereira de Castro, creatura que ali gosava de muitas simpatias, sendo por isso muito sentida a sua morte.

A toda a familia enlutada apresentamos o nosso cartão de condolencias.

Oliveiros Braz Machado

Anda em viagem de estudo pelo Minho, Douro, Beira-Alta e outras provincias de Portugal, este nosso ilustre colaborador e amigo, distinto aluno da nossa Universidade e estudioso jornalista, que ás causas sociais e do proletariado imprime todo o vigor da sua alma de português.

CONCELHO

Aos nossos estimados assinantes do concelho, que deixaram devolver os recibos por ficarem longe do correio, pedimos o favor de mandarem pagar na secretaria da administração do «Dever», nesta vila.

Aos de fóra do concelho rogamos mandem em estampilhas ou de qualquer fórma a importancia dos seus debitos.

CORRESPONDENCIAS

Arazêde, 2—7.

Reviver o passado faz bem á alma simples deste povo bom. Ha 11 anos que não tinhamos o prazer de assistir ás festas de S. Pedro, ali em cima na sua velha capelinha donde se disfruta um panorama d'encantos.

Passa a gente no cemiterio, saúda religiosamente os nossos antepassados que ali repousam, os nossos parentes e amigos, e segue, estrada a cima, até perto da risonha povoação dos Gordos. Antes ha um olival frondoso, e, mais adiante, encaminhamo-nos para a historica capela onde antigamente se fazia amor, onde até,—quem sabe!—nossos paes se namoraram.

O dia 29 de junho ha-de lembrar por muitos anos. O S. Pedro foi festejadissimo. Assistiu a filarmónica daqui; houve venda de fogaças, descantes, doida alegria. Namorou-se, bebeu-se e... sorriu-se. Assistiram com farneis muitas familias d'Arazêde, Vila Franca e circunvisinhanças, que, á sombra deliciosa do arvoredo, saborearam lautas merendas, sempre no meio dum entusiasmo inexcedivel.

Lembra-nos ter visto as ilustres familias Ferrão, Gomes Ferrão, Esteves Valerio, e muitas outras.

Bailes e descantes populares fizeram entontecer cabeças e impacientar corações. Dia de S. Pedro. Quem te dera sempre assim!

=== Regressou de Braga, onde foi passar o S. João, o nosso amigo e deligente industrial Joaquim Coca Junior. Parece que os ares lhe fizeram mal, pois o nosso amigo regressou doente, estando já capaz de outra.

=== As festas de S. João decorreram aqui muito animadas, organisando-se pavilhões onde se dançou animadamente até quasi de manhã.

Abrilhantou os bailados uma orquestra composta de socios executantes da filarmonica arazedense de tão gratas recordações.

C.

ANUNCIOS

Editos de 30 dias

(2.ª publicação)

NO Juizo de Direito da Comarca de Montemór-o-Velho e pelo cartorio do escrivão do segundo oficio, correm editos de 30 dias, contados da segunda publicação dêste anuncio no *Diario do Governo*, citando o interessado Joaquim Maria Laranjeiro, casado, do Casal Novo das Means, mas ausente em parte incerta dos Estados Unidos do Brazil, para assistir a todos os termos do inventario orfanologico a que nêste Juizo se procede por obito de seu sogro Antonio Ferreira, morador que foi no Casal Novo das Means e em que é inventariante Maria Rama Cadima, viuva do inventariado, do mesmo logar.

Montemór-o-Velho, 22 de Junho de 1915.

O Escrivão,

João Paes da Cunha Mamede.

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito,

Amaral Pereira.

Guilherme dos Santos Pinto & Irmão

COM

OFICINA DE CANTEIRO

Encarregam-se de jazigos de toda a especie e todo o serviço concernente á sua arte.

Tambem executam todos os trabalhos que digam respeito a *Plantas, Alçados, Copias, Projectos e orçamentos de edificios, edificações, etc.*

Montemór-o-Velho=Verride

Arrematação

(1.ª publicação)

NO dia 11 de julho proximo, pelas 11 horas, á porta do Tribunal Judicial da comarca de Montemor-o-Velho, vão pela segunda vez á praça, para serem arrematados pelo maior lanço oferecido sobre metade do valor da avaliação, os seguintes predios penhorados na execução hipotecaria promovida na Comarca de Coimbra pela Confraria do Santissimo Sacramento da Sé Catedral de Coimbra, contra Elisio Marinheiro Alves, sua mulher e mãe e sogra Maria Ribeiro, viuva, todos de Reveles.

1.º—Um predio que se compõe de terra de semeadura com oliveiras e arvores de fruto, no sitio da Pipa, monte e freguezia de Reveles, avaliado em 50$00, o qual vae á praça em 25$00;

2.º—Uma terra de semeadura, no sitio das Chãs, monte e freguezia de Reveles, avaliada em 85$00, a qual vae á praça em 42$50.

A contribuição de registo é paga por inteiro pelo arrematante.

Pelo presente são citados para a praça quaesquer credores incertos.

Montemor-o-Velho, 24 de Junho de 1915.

O escrivão,

João Paes da Cunha Mamede.

Verifiquei a exatidão.

O Juiz de Direito,

Amaral Pereira.

Arrematação

(1.ª publicação)

NO dia 18 de julho proximo, pelas 11 horas, á porta do Tribunal Judicial da Comarca de Montemor-o-Velho, se ha de arrematar em hasta publica, pelo maior lanço oferecido sobre o valor da avaliação, o seguinte predio penhorado na execução por custas e selos que o Ministerio Publico move n'este Juizo contra Antonio Carvalho Junior, da Ereira.

Uma morada de casas de habitação no logar da Ereira, freguezia de Verride, avaliadas em 130$00.

Pelo presente são citados para a praça quaesquer credores incertos.

A contribuição de registo é paga por inteiro pelo arrematante.

Montemor-o-Velho, 23 de junho de 1915.

O escrivão,

João Paes da Cunha Mamede.

Verifiquei a exatidão.

O Juiz de Direito,

Amaral Pereira.

AGUA DE LUSO -- Cura pela Diurése

(ESTABELECIMENTO TERMAL E HOTEIS ABÉRTOS TODO O ANO)

A mais diurética e mais digestiva. Aumenta a diurése, regularisa as funções digestivas e ativa os fenómenos nutritivos

Muito radioativa—4,49 miligramas—minutos
Muito ionisada, resistividade a 18° 18300 ohms
Muito rica em gazes raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotonica, ponto criospico 0°,04

} Conclusões da analise feita pelos distintos professores Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitissimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tifico

USO EXTERNO—Molestias de pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc,), reumatismo e gôta.
USO INTERNO—Artritismo, impaludismo, neurastenia—Albuminuria, diabetes—Intestinos, estomago—Rins—Bexiga.

Depositos -- **LISBOA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros, 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 428. FUNCHAL, José Quirino de Castro, rua dos Murças. AFRICA ORIENTAL: Oswald Offmann.**
BEIRA: F. L. Simões & C.ª. LOANDA: Beltrão, Pena & C.ª, e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositarios nas terras onde ainda os não haja.

Portugal Previdente

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima — Responsabilidade Limitada

Capital **UM MILHÃO** de Escudos

SÉDE — RUA DO ALECRIM, 10 — LISBOA
N.º Telef.—1849 End. Teleg.—VIDA

Seguros contra incendios de predios, fabricas, etc.
Seguros de estabelecimentos e mobiliarios.
Seguros agricolas de ceáras, eiras, palhas, arvoredos, etc.
Seguros de maquinas e utensilios de lavoura.
Seguros contra incendio proveniente de gréves e tumultos.
Seguros de transportes maritimos e postaes.
Seguros contra roubo de habitações e estabelecimentos.
Seguros contra fraude de empregados.
Seguros contra a quebra de cristais.
Seguros de vida, pensões, dotes e reformas.
Seguros contra acidente de trabalho.

Agencias em todas as terras importantes do paiz, ilhas e colonias.
Sucursal no PORTO — Rua Passos Manoel, 21.

BANQUEIROS—**Borges & Irmão**—Porto e Lisboa

Antonio Pereira de Carvalho

Proprietario dos Grandes Armazens de Bicicletas, Maquinas de Costura, Pianos e toda a qualidade de acessorios.

A maior e mais antiga casa no genero

Oficina para todos os concertos, afinações e reparações em bicicletes, motocicletes e maquinas de costura.

Artista mecanico habilitado.

Vendas, alugueis e trocas.

Preços sem competencia

34—Avenida Navarro—36

(Estrada da Beira)—COIMBRA

Companhia de Seguros
A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz

Antonio d'Oliveira Guerra

RUA DA REPUBLICA, 84

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA

Tem deposito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se tambem de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fóra de Coimbra

FABRICA DE CAL

Cal fina e grossa, fornece-se em muito boas condições. Preços modicos, sobre o wagon, no caminho de ferro e nos proprios fornos.

Agente de telha tipo marselha e tijolos de todos os formatos, da fabrica Lacerda, Figueiredo & C.ª Limitada, da Pampilhosa.

Pedidos a

Joaquim F. Coca Junior
Zambujeiro—Arazede

AOS AGRICULTORES

Sendo agora época de sementeiras de milho, feijão, abóbora, etc., será conveniente aplicar os bons adubos e purgueira da afamada casa *Varela, Leal & C.ª*, das **Varzeas**, que se encontram **á venda em casa de Manuel Monteiro Godinho**, com deposito no **Casal do Gaio, Arazêde.**

SEGUROS CONTRA INCENDIO

incluindo riscos de explosão de gaz e raio.

Seguros contra incendio cobrindo tambem os riscos de gréves ou tumultos (portaria de 14 de Março de 1914).

SEGUROS CONTRA INCENDIO

cobrindo ainda os riscos de guerra (portaria de 30 de Novembro de 1914).

Unica companhia autorisada a segurar os riscos de guerra nas apolices de incendio

Seguros contra incendio e roubo E' tambem A MUNDIAL a unica Companhia autorisada a emitir uma apolice cobrindo os dois riscos.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital — Esc., 500:000$
(500 contos)

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmão
Praça da Liberdade, 138 — Telefone 1459

Agencias e Delegações em todo o paiz, ilhas e colonias.

Restaurante Ferro-viario
ALFARELOS

ESTE bufete, um dos que melhor servem o publico que transita nos comboios, acha-se situado na estação do caminho de ferro de Alfarelos. Fornece almoços, jantares e *lunchs* e toda a qualidade de refeições, por preços comodos.

Tem pessoal habilitado, tanto em cosinha como em sala de mesa.

Tudo se encontra com esmero e perfeição.

Fornece comida para fóra, e presta-se a servir em casamentos, batisados, etc., desde que seja prevenido com antecipação.

O proprietario, **Artur de Oliveira Coelho.**

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legitimos acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de fórma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamavel, isca em cordão vendida fraudulentamente a titulo de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva acção civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa ao Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando-se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalisação para procederem ás necessarias diligencias. Dirigir-se pessoalmente ou por carta á Companhia Portuguêsa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS
MELO & MARTINS
PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada

PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiencia dos nossos adubos, devido ao seu magnifico resultado os adoptarão de preferencia a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro
PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex.mos passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.

Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA

Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.
PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações
Deposito das afamadas aguas de Luso.

Casa Funeraria
DE
ADELINO FARIA

Rua das Flores
FIGUEIRA DA FOZ

Encarrega-se de todos os funerais, podendo ser chamado a qualquer hora da noite.

Preços resumidos, a ponto de ninguem poder competir, tanto em corôas como em todos os pertences respeitantes ao seu negocio. Tem especialidade em urnas de mògno.

Biblioteca da Universidade Coimbra

Ano 4.º Montemór-o-Velho, 11 de Julho de 1915 N.º 177

DIRECTOR, PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR
Almeida Junior

SECRETARIO DA REDACÇÃO E EDITOR
Abel M. de Melo Brandão

REDACTOR PRINCIPAL
Mário Augusto Mota

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguêsa

Pátria e Humanidade

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Dr. José Galvão
MONTEMOR-O-VELHO

DIRECÇÃO: — COIMBRA
(para onde deve ir a correspondencia)

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. Silva (a vapor) — AVEIRO

DIVAGAÇÕES

As nações, como os individuos, atravessam crises em que, ou sucumbem por falta de vigor fisico e força moral, por falta de unidade no sentimento que as impéle e ainda em virtude do transformismo que se impõe como lei geral, ou de que apenas se levantam por um milagre de patriotismo imposto pela vontade colétiva excitada pelo infortunio, pelo sacrificio de todas as ambições pessoaes e pela abnegação da propria vontade de cada um dos seus membros. O uso e abuso das riquezas que proporcionam o bem-estar e a satisfação de todos os prazeres, são muitas vezes a causa primordial da decadencia e envilecimento dum povo, assim como a desgraça, que é o cadinho em que se depuram todas as virtudes, tem a força de restituir a energia mascula, a vontade indomavel, a unidade de acção e o heroismo que dormiam latentes na alma dêsse mesmo povo.

Portugal do seculo XVI, amolentado pelo abuso das riquezas que lhe vinham das suas vastas conquistas, caiu maneatado e cobarde nos braços de Filipe II de Espanha, e só passados 60 anos de vilipendios e desgraças acordou regenerado e indomavel para as reivindicações dos seus direitos de povo livre e soberano.

Nações que dormiam ha seculos sobre os louros das suas imensas vitórias, acordam esfaceladas pela senha feroz dos que eram ontem seus escravos, e os seus despojos serão talvez o pomo da discordia entre os despotas da terra, se o patriotismo déssa raça de gigantes, exaltado pela desgraça, não conseguir pôr um dique á avalanche humana que avança sôbre eles.

Pois Portugal, o velho lendario, o misero Lásaro, depois duma ressurreição gloriosa que o levaria á posse de si mesmo, morrerá tambem miseravel e definitivamente se não houver o bom senso e o patriotismo precisos para lhe sacrificar as paixões, ambição e vaidades.

Maus portuguêses, originários de Escariote, serão os que preférem vêr inundado em sangue o berço em que nasceram, e as filhas, irmãs, espôsas e mães portuguêsas puluidas pela lascivia do soldado estrangeiro, a submeter-se a um regime que é hoje a condição unica das autonomias da mãe-patria, da civilisação e bem-estar do povo, redusido á miseria pelos crimes de uma monarquia sem escrupulos.

Nas condições em que nos encontramos, nem a nação póde prosperar, nem a Republica cumprir a sua missão, se nós, os portuguêses, não abdicarmos das nossas aspirações egoistas e tendencias retrospectivas, em proveito de uma sólida unificação de principios e desinteressada concéção de ideais.

Erijamos no mais profundo de nosso peito um altar, onde sacrifiquemos dia a dia todas aquelas paixões, ambição, aspirações e vaidades em utilidade da Patria, e esta rejuvenescerá; voltará aos dias felizes doutr'ora, se não pelas conquistas e descobertas de além-mar, ao menos pela consideração e respeito, a que tem direito pela sua historia.

As raças definham, e no seu definhamento vam sepultando as grandes dedicações patrioticas!

Não, mil vezes não; o sangue luso é demasiado nobre para assim se adulterar, aviltando a terra de seus maiores.

Sacudamos, pois, esta neurastenia e Portugal jámais perecerá.

Montemór, julho de 1915.

N. B.

Hospital da Misericordia

Quando, ao referirmo-nos no artigo precedente ás actuais enfermeiras do hospital, salientámos o seu zelo, o seu carinho, a sua solicitude, não inventámos. São factos por muita gente conhecidos e por muitos presenciados. Reconheceu-se, desde logo, que a abnegação daquelas criaturas havia de tornar bendita a maravilhosa ideia do Reitor Cardote e Paulo Coelho em as mandar vir.

E' verdade que, nos primeiros anos, elas, na obseção dos preceitos da sua ordem religiosa, faziam, á boca da noite, umas rezas, de joelhos, á entrada das enfermarias, acompanhadas pelos doentes assentados nos leitos.

Mas tendo, de uma vez, sido surpreendidas pelo snr. dr. Loureiro, sua ex.ª proíbiu-as de taes rezas nas enfermarias, fazendo-lhes vêr o mal que faziam á situação dos doentes, pois lhe devia dar a impressão de se acharem já na agonia. Que estes iam para ali tratar da saude do corpo e não do espirito.

Que fossem elas, pois, para a capela do hospital, onde, sem prejuizo das suas obrigações, podiam rezar á vontade.

Ninguem póde atribuir a estas palavras do snr. dr. Loureiro, motivos de descrença ou ateísmo, por quanto, sua ex.ª, segundo já o tem dito pelos bicos da sua brilhante pena, na imprensa, crê sinceramente na existencia de Deus; porém, a respeito de religião, quere-a como nós tambem a entendemos: sem sofismas nem aparatos, mas uma religião simples e bela de tolerancia, justiça e bondade; religião que seja, enfim, exercida com a pureza imaculada dos principios que apostolisou o seu santo fundador, o profeta sublimado da Galileia, que abraçava os humildes, beijava as creanças, pagava afrontas com beneficios e injúrias com afagos e caricias—Jesus-Cristo.

Porém, mal dirias tu, ó Cristo, quando, numa doutrina feita de celestiaes harmonias, apagavas odios, perdoavas culpas, unias corações, libertavas oprimidos e salvavas inocentes com meigos e inefaveis sorrisos de luz e a magia da tua palavra extasiante e arrebatadora de eloquencia divina, prégando assim a liberdade, a paz, o amôr e fraternidade dos homens, pelos quaes sacrificavas a vida, expirando entre os mais dolorosos sofrimentos da mais cruciante agonia, no cume escalvado do Golgota, mal dirias tu que haviam de existir criaturas que seriam as primeiras, com as suas perfidias e maldades, a destruir a crença da tua religião de amôr, bondade e justiça!

Até hoje teem sido as *irmãs* a obra mais bela e perfeita que tem saído das mãos dos *jesuitas*.

Sômos livres pensadores. E um livre pensador é, portanto, insuspeito no que disser a respeito de Cristo e da sua magnificente obra de emancipação e liberdade; confessamo-lo para provar que a religião cristã, como todas as religiões, nos merece respeito, menos a religião de hipocrisias que muita gente exibe por luxo e snobismo, quasi sem crença.

Referimo-nos a certos *santanarios* que, mentindo a Deus e ao diabo, vão para a egreja, logar que devemos acatar com respeito, bater nos peitos e beijar altares, com o coração a ressumar ódios e vinganças, quando em casa são incapazes de praticar uma acção generosa e bôa, ou o mais pequeno acto de caridade, sendo preciso que o pobre lhe passe á porta de sol alto e saco cheio. Mas a vida é assim, cheia de miserias!

Dr. Afonso Costa

No domingo, logo de manhã, principiou a correr em Coimbra a noticia de ter sido vitima dum grande desastre o snr. dr. Afonso Costa.

Corriam várias versões, vindo a saber-se, pelos jornais do Porto, que no sabado, pelas 22 horas, indo o snr. dr. Afonso Costa com alguns amigos num carro electrico que seguia para Algés, pelo Aterro, manifestou-se incendio na caixa de resistencia do controle, o que originou grande clarão e rôlos de fumo.

Isto fez assustar todos que iam no carro, do qual se precipitou por uma janela o snr. dr. Afonso Costa, que caiu de costas, batendo com a cabeça no sólo.

Conduzido ao Hospital de S. José, os medicos diagnosticaram fractura da base do craneo e duma costela.

O snr. dr. Daniel de Matos seguiu para ali, em comboio especial, ás 5 horas de domingo.

Em Coimbra todos procuravam informar-se do estado do ilustre enfermo, que felizmente se encontra livre de perigo, embora o seu estado chegasse a ser melindroso.

Interesses do concelho

O mercado desta vila, semanal — Outras obras projectadas

Numa das ultimas sessões da Camara ventilou-se um assunto digno da atenção daqueles que ambicionam o engrandecimento de Montemór.

Referindo-se ao mercado desta vila, um vereador propoz que a Camara diligenciasse convertê-lo em semanal—todas as quartas-feiras—e acompanhou a sua proposta de considerações que mereceram unanime aprovação. Mas são já decorridos alguns mezes e a Comissão Executiva ainda não procurou efectivar essa importante deliberação. Qual o motivo? Foi o que nos propuzemos averiguar, procurando informar-nos com um valioso membro dessa Comissão, e que é tambem um importante e inteligente agricultor.

— Diga-me, meu amigo, o que ha relativamente á transformação do mercado desta vila em semanal? Esqueceram-se dessa deliberação da Camara?

— Não, senhor. A Comissão Executiva não póde esquecer-se das deliberações da Camara pela simples razão de que ficam exaradas no livro das actas e este é, como sabe, o nosso guia; mas a oportunidade do cumprimento dessas deliberações é que nos pertence.

— De fórma que ainda não julgaram oportuna a alteração do mercado?

— Exatamente. Como o meu amigo compreende, a transformação do mercado em semanal é simplesmente uma aspiração da Camara. Nós não podemos impôr ás pessoas que tenham de transacionar no mercado a obrigação de virem aqui todas as semanas. Para o conseguir é indispensavel, além duma larga propaganda, que esse facto represente uma necessidade economica, e tambem que haja facilidade de comunicações; as ligações da ponte veem facilitar o nosso empreendimento...

— Esperam então pela ligação da ponte para se ocuparem do assunto?

— Entendeu a Comissão que a passagem pela ponte favorecia a realisação desta ideia, e resolveu, porisso, aguardar a conclusão dêsses serviços. Felizmente já temos de esperar pouco tempo.

— E julga que o mercado semanal possa concorrer para o desenvolvimento comercial desta vila?

— Penso que sim. O mercado quinzenal pouco tem influido na economia de Montemór; ha mesmo quem afirme que o mercado é a causa da decadencia desta terra. Ouvi muitas vezes dizer isto quando era rapaz e li-o num jornal que ha perto de 30 anos aqui se publicou. Ora, se esta afirmação não é inteiramente exata, encerra, contudo, alguma verdade. E, senão, observe o que se passa:

Os negociantes, extranhos na sua maior parte ao concelho, trazem as suas mercadorias nas carroças, fazem o seu negocio e retiram sem deixar em Montemór a mais insignificante parcela dos seus lucros; os proprios habitantes da vila deixam de comprar nos estabelecimentos locais para se fornecerem nesses negociantes, comprando a maior parte das vezes em peores condições. Daí uma drenagem de dinheiro para fóra desta terra, em manifesto detrimento da sua economia.

— Mas esse facto não se dará sendo o mercado semanal?

— Ha-de haver muitos dêsses negociantes que procurem fixar-se nesta vila, por não lhes convir o transporte semanal para aqui das suas mercadorias; e outros estabelecimentos se abrirão por ser maior o numero dos dias de mercado. E' este o fim que a Camara tem em vista. Conseguí-lo-ha? A experiencia ha-de ser feita e responderá a essa interrogação.

Devo acrescentar que, se dei o meu voto a esta deliberação da Camara, por fórma alguma a julgo suficiente para transformar Montemór numa terra progressiva e prospera. Para se conseguir esse resultado, que eu muito ambiciono, será necessario pôr em prática medidas doutro alcance, como seja a modificação do atual regime da propriedade; o desenvolvimento do ensino e credito agricola e do espirito associativo; a regularisação das aguas do Mondego de fórma a proteger os campos do prejuiso causado pelas inundações, etc.

Quando os habitantes de Montemór se convencerem que a sua riqueza está na agricultura e souberem tirar da terra, por processos scientificos e modernos, o maximo da produção, então será esta uma vila rica. E creia, meu amigo, que tem condições para o ser.

Mas como este brilhante resultado só póde conseguir-se num futuro ainda muito distante, comecemos por esta pequena experiencia, que pouco dispendio traz ao municipio. Se nos enganarmos na nossa previsão, fica esta tentativa como afirmação de que os homens, que presentemente se encontram á frente do municipio, procuram por todos os meios ao seu alcance, ser uteis ao concelho.

Z.

CRÓNICA DE LISBOA

O «Orfeu» reformista, o «Orfeu» futurista, o «Orfeu» da *jeunese dorée* que pretende revolucionar as letras portuguesas, traja, no seu segundo numero, de luto carregado.

Deitou crepes de saudade ao bom senso. E' que pululam por lá os bardos desmiolados, virgens de publicidade em revistas da *velha guarda*, atirando com a sua inutilidade, *arreglando* o *paúlismo* demolidor, no intuito unico de se tornarem espiritos subtis e alcançarem, por fim, o desejo acalentado, desde a meninice, de fazerem brilhar á luz da ribalta da letra redonda o seu nome conhecido entre as quatro paredes dos penates.

O paranoico é persistente, nada o demove do seu desejo — fundar uma escola, salientar o seu ideal, embora brigue com o rasoavel.

Julio Dantas já o descreveu, analisou e crismou de *falido do liceu*, incapaz dum esforço intelectual a que seja necessario o estudo e a razão, introduzindo-se, como planta daninha, na nossa imprensa, a que não dá brilho, nem vigor, limitando-se a acusar a recepção de um livro novo, sem uma palavra de incitamento, de louvor ou aspereza, porque se lê, não aprecia; se apre-

cia, não deduz; se deduz, não critica.

E' um inepto e um incompetente. Deforma para fazer escola, irrita a opinião para que lhe cuspam no nome. Contenta-se com a alcunha em letra redonda, desde que saiba que não é desconhecido que ela lhe pousa no dorso. Escreve sem uma ideia. Utilisa as parangonas como um *reclame* a um calicida e, se o interrogam ou chamam a uma discussão sensata, ele returque com estas tres palavras da giria de essa classe de dementados:

— E' um apetite.

Julio Dantas estudou os num relance, mas demonstrou aos leigos na psiquiatria, que eles são produtos duma geração morbida, incapazes do mal, mas persistentes numa reconhecida loucura. Perguntar-se-ha, no entanto:—existem ideias novas nessa escola singular?

—Não existem, respondemos altivos. Encontram-se frases duma novidade unica e que assombram, é verdade, não pela subtileza ou pela transcendencia, mas, simplesmente, pela singularidade, pela incoerencia, pela insensatez que nos transtorna e arripia.

Um bacharel, amigo e colega, dizia-nos ha dias:

—Confesso, meu amigo, que me irrita este desassombro de disparates. Eu conheço um rapaz, meu condiscipulo nos tempos já afastados das escolas, professor numa escola de Lisboa, tido por talentoso, que, outro dia, veio irrito mostrar-me o «Orfeu» e pedir-me a minha opinião. Eu olhei-o, sorri-me e respondi-lhe que só os espiritos duma finura extrema é que compreendiam certas passagens dêsse expedicionario argonauta. O meu amigo fitou-me, estremeceu, bateu na fronte e murmurou palavras incompreensiveis. Uma vaga tristeza fixou-se-lhe no semblante, apertou-me a mão e ia a retirar-se. Mas, de subito, voltou atraz e perguntou-me de chofre:

— Mas você que pensa?

— Eu não penso nada.

— Porque?

— Porque nada percebo.

O meu amigo suspirou satisfeito e murmurou:

— Cheguei a duvidar de mim, homem! Ou em mim ou nos homens do «Orfeu» havia fosforo em decomposição!

* * *

Não leio pela cartilha de nenhum dos dois interlocutores. Nesse «Orfeu» tão discutivel e tão perturbador não encontro só joio. De momento a momento encontro vislumbres de Arte e pensamentos apreciaveis.

E' possivel que esses que teem uma teoria para a escola que pretendem estabelecer, a introduzam em Portugal, depois de facetada e de purificada dos *sem valor* que nada mais fazem do que ocupar espaço.

Mas, daí, da tolerancia do seu consentimento, ao estabelecimento dessa literatura singular, no futuro ha uma barreira que, julgo, não poderá transpôr-se, é a barreira do positivismo, que creou, em literatura, a unica escola futurista—o realismo. Balzac, Flaubert, Zola, e Eça, em Portugal, foram os mestres, os percursores. A'manhã, desaparecido o romantismo, só lobrigaremos a literatura historica e o realismo, como o sonharam os que o seguiram, sem admitirem por momentos, sequer, a pornografia censuravel de Belot, Catule e Galis

Ora nós sabemos que o argumento de peso que os discipulos da nova escola hão-de manejar é de que são incompreendidos e que todos os incompreendidos são, de principio, objeto de critica e escarneo, que os acolhe o mesmo sorriso demolidor que se deparou ao nefelibatismo que ainda fez carreira e que espiritos invulgares, ha poucos anos, ainda cultivavam.

Sabemos isso. O caso não tem a analogia que parece. No nefelibatismo havia a sensação da transcendencia, a vaga atmosfera da invulgaridade espontanea, e, na escola que agora se apresenta, encontra-se sómente a fórma disparatada da ideia, o caracter, em verdade, irrito, em reproduzi-lo.

Tal escola, pois, a persistir, será uma doença de literatelhos, a que o calmante do ridiculo porá termo.

Do contrario teremos que pedir a intervenção do dr. Julio de Matos e de solicitar a transferencia da redacção para o Hospital Miguel Bombarda. Terão os duches mais á mão.

D. L.

Aos assinantes em debito

Pedimos aos nossos presados assinantes e anunciantes do concelho, o favor de mandarem satisfazer os seus debitos nas seguintes localidades:

Abrunheira, ao sr. Julio Neves da Costa.

Arazêde, Antonio Ismael da Cruz.

Montemór, Secretaria da redacção.

Alhadas, Antonio Lopes Anadio.

Caldas da Amieira, José Alves Aldeias.

Sant'Ana, Pereira Lago.

Pereira do Campo, Azuil Paiva de Carvalho.

A. ANA MOUTINHO

Está muito doente esta ilustre professora de Verride e nossa inteligente colaboradora literaria.

A snr.ª D. Ana Moutinho partiu para Castelo Branco, onde está tomando ares e entregue aos carinhosos cuidados da familia estremecida.

Desejamos ardentemente o pronto restabelecimento da talentosa educadora.

S. João e S. Pedro

A proposito dêstas festas recebemos do nosso estimado amigo, snr. Castanheira de Carvalho, a seguinte carta a que gostosamente damos publicidade:

Caro amigo e snr. Almeida Junior.

A crónica descritiva que publicou no ultimo número do *Dever*, respeitante aos festivais que os dois ranchos de tricanas *Formosas do Mondego* e *6 de Julho* realisaram com tanto brilho nas noites e dias de S. João e S. Pedro, certamente, devido a um lamentavel esquecimento, aliás muito suscétivel de se dar, faltou referir-se á marcha luminosa pelas ruas principaes de Montemór, na noite da vespera de S. João e a qual, pelo efeito e sensação que produziu no espirito da imensidade de forasteiros que se achavam assistindo aos festejos, constituiu entre tudo, um dos numeros mais encantadores, a verdadeira chave d'ouro com que o *Formosas do Mondego* abriu a brilhante série das suas festas e folguedos.

As reparigas e rapazes deste rancho, e bem assim as creanças do *Alegria Infantil* que lhe seguia na frente, compreendendo os dois grupos juntos uns 34 pares que marchavam em colúna, empunhavam arcos revestidos de flôrês artificiaes e profusamente iluminados a acetilene e veneziana, de maneira que, visto assim o cortejo a distancia, produzia um efeito deveras surpreendente e feerico, dando aos forasteiros a fantastica impressão dum deslumbrante tunel de luz, flôres e alegria em movimento. Sempre seguido duma compacta massa de povo que não cessava de aclamar os dois simpaticos ranchos que o constituiam, quando ele descia a rua do Abade João, ocasião em que melhor se poude admirar em toda a sua grandêsa e imponencia, e chegava á Praça da Republica, foi aí recebido com uma estrondosa ovação de palmas e vivas que se prolongou por alguns minutos.

Parece-me, portanto, que o *Dever* não póde deixar no olvido factos como este, para que, pelo menos nas terras onde ele se leia, se saiba que em Montemór, tambem não faltam elementos, nem gosto e iniciativas para se apresentarem coisas dignas de elogio e admiração.

De resto, nesta vila tem sido sempre assim: ou se faça coisa boa, ou nada.

* * *

O *Formosas do Mondego* promoveu ainda uma cavalhada no dia de S. Pedro, que foi muito apreciada, não só pelo numero de cavaleiros e carros lindamente enfeitados que nela tomaram parte, mas tambem pela fórma como foi dirigida pelos nossos prestantes e velhos amigos, snrs. Alberto Correia Monteiro e Joaquim Pereira de Lima, ambos desta vila.

* * *

No numero dos filhos de Montemór que fizeram musicas para os ranchos, faltou-lhe tambem incluir o meu ex.mo amigo snr. Alfredo Nunes da Serra e Moura, o qual, sendo professor oficial na Nazaré, é ao mesmo tempo o grande musico e apreciavel violino que todo o Montemór conhece.

Apezar de ser esta uma época do ano em que ele nem um momento se póde distrair dos seus afazeres profissionaes, por motivo dos alunos que tem de apresentar aos exames, nem por isso se recusou ao pedido que o rancho *Formosas do Mondego* lhe fez por intermedio de seu irmão e nosso amigo, snr. Elisio Nunes da Serra e Moura, para escrever duas musicas e respectivas letras, fazendo ele quatro em logar de duas e que fôram a *Marcha Infantil* e a *Valsa das Creanças* e o *Tango* e *Mazurca dos Adultos*.

Termino por pedir ao meu bom amigo desculpa por tanta massada que lhe dou nesta, e subscrevo-me

Amigo e admirador,

Montemór, 7 | 7 | 915.

Eduardo Castanheira de Carvalho.

Não esquecemos de proposito o que o nosso amigo agora lembra.

Tendo feito, á pressa, uma resumida descrição dos festejos aqui realisados, alguma coisa nos havia de ficar para traz. De resto, tanto conceito nos mereceu um como outro grupo dançante. Em ambos contamos dedicações, e ambos nos mereceram egual simpatia.

Para fugir a naturais mal-entendidos, propositadamente assinámos o que foi escrito, não se fosse julgar que nisso poderia ter havido qualquer parcela de parcialidade.

O *Dever* não é de nenhum grupo nem de nenhuma facção: — é de todos e a todos considera á medida dos seus merecimentos.

Junta geral do distrito

Deu parecer favoravel num processo de nova classificação de estradas municipais no concelho da Figueira da Foz.

Aprovou os orçamentos ordinarios para o ano de 1915-1916, das seguintes corporações:

Misericordia de Cantanhede; Asilo de Mendicidade e confrarias da Rainha Santa Izabel e do SS. de Sernache e de Taveiro, do concelho de Coimbra; Confrarias do SS. da Anobra e da Ega, concelho de Condeixa; Misericordia da Figueira da Foz e Confraria da Senhora da Conceição e Almas, de Lares, concelho da Figueira da Foz; Confraria do SS. da Lousã; Confraria do SS. de Reveles, concelho de Montemór-o-Velho; Confraria da Senhora dos Milagres e S. Pelagio, de S. Paio de Gramaços, concelho de Oliveira do Hospital; Irmandade da Senhora das Necessidades, de Santo André, concelho de Poiares.

Proferiu acordãos definitivos de quitação sobre as contas seguintes:

Concelho de Cantanhede: — da Confraria do SS., da Pina, do ano de 1913-14.

Concelho de Condeixa: — das Confrarias do SS. de Vila Seca e do Zambujal, dos anos de 1912-13 e 1913-14.

Concelho de Miranda do Corvo: — da Misericordia de Semide, de 1912-13 e 1913-14.

Concelho de Montemór-o-Velho: — da Misericordia de Percoia, de 1910-11 a 1913-14; e da Confraria do SS. da Carapinheira, de 1912-13 e 1913-14.

Concelho de Oliveira do Hospital:—da Irmandade de S. Bartolomeu, de Meruge, de 1912-13 e 1913-14.

Concelho de Penela: — da Confraria do SS., de Podentes, de 1912-1913 e 1913-14.

Falecimento

Aos estragos da devastadôra tuberculose que ha 18 mezes lhe vinha minando a existencia, faleceu no dia 27 do mez ultimo, nesta vila, donde era natural, o desditoso Julio de Carvalho Valente.

A sua morte foi profundamente sentida, pois que o infeliz apenas contava 19 anos de idade, aliando a esta circunstancia a bondade de sentimentos de que era dotado.

A' familia do saudoso extinto envia o *Dever* o seu cartão de pêsames.

Secção instrutiva

ORIGEM DOS REINANTES

(ESTUDO HISTÓRICO DAS PRIMEIRAS SOCIEDADES)

Os homens ao aparecerem sobre a terra começariam logo a viver em sociedade, como afirma a história de Moisés, ou divagariam isolados nas florestas, evitando a senha dos animaes ferozes, alimentando-se de frutos e de raizes? A familia será coéva da creação do homem ou os seus átos biológicos rialisariam-se em encontros furtuitos, ficando apenas á femea as consequencias dêsse áto com que a naturêsa vincula a união, embora efémera, de dois seres predestinádos a esse fim — a formação da familia? De qualquer fórma que fosse, esta formou-se e do seu conjunto as sociedades e a humanidade Mas á medida, porém, que cresciam os habitadores da terra, tambem cresciam as suas necessidades e as suas paixões, e portanto em cada um a ambição duma vida menos rude, um desejo de bem-estar e de avassalar o semelhante; ao homem já não bastavam os produtos naturaes da terra nem a sua vida pura e simples; com a posse dos animaes veio talvez a ideia de mais riqueza, de maior poder, de mais gloria, e, embora á custa do irmão, o desejo de um dominio mais amplo. Isto era o evolutir da alma humana, era o acordar da vontade sacudida pelo halito do futuro, pela necessidade de progresso, e foi no meio desta efervescencia das primeiras sociedades que os soberbos, os eternos embaidores da humanidade, valendo-se da intriga e da astucia, se fizeram eleger chefes-ditadores; e para conservarem por mais tempo a sua autoridade, semeáram a discordia entre os governados, a intriga, o odio e a inveja entre os povos irmãos, lançando-os por fim na guerra fratricida.

O ditador voltando da guerra carregado de despojos e manchado, como Caim, no sangue dos irmãos, faz-se rodear de todos os parasitas que lhe vendem o braço e a consciencia; em seguida á custa de novas intrigas, de mais astucia e da força de que já dispõe, consegue a sua autoridade de temporaria que era, se torne vitalicia na sua pessoa e hereditaria na sua familia, muitas vezes composta de monstros moraes e sanguinários.

Ao ditador, tornado despota, não o satisfaz a autoridade por ter o cunho elétivo e democratico; ambiciona um poder ilimitado, indiscutivel, e para isso, e para em comum poderem explorar o mundo, mancomuna-se com o representante da divindade na terra e faz-se ungir abusivamente rei absoluto por direito divino e senhor descricionário dos seus eguaes e semelhantes.

Eis em termos genéricos, mais ou menos aproximados a formação das primeiras sociedades e a origem criminosa dos reis que durante seculos e seculos escravisaram o mundo e flagelaram a humanidade a ferro, fogo e sangue. Desde então o homem decaiu do seu primitivo estado de grandêsa moral e, deixando arrebatar a liberdade, que o tornava um ser quasi divino, perdeu a noção do direito, da justiça e da dignidade propria, descendo á condição de escravo.

A educação que fórma o cidadão moderno, como se vê, era desconhecida nessas idades de ferro em que a força se antepunha ao direito, á lei o arbitrio, á igualdade o privilégio, e á liberdade a servidão; só mais tarde e á custa de milhares de gerações, o homem conseguiu reconquistar a sua carta de alforria, utilisar em proveito proprio o seu esforço e ingerir-se nos negocios da comunidade.

(Continúa).

N. B.

Ana Conceiro, residente nesta vila, participou na Administração do Concelho, que ha perto de 3 mezes tem em sua casa dois cevados que encontrou perdidos, sem que até á data tenha aparecido quem prove pertencerem-lhes.

Deseja entrega-los ao seu dono, mediante o pagamento das despezas que com eles tem feito.

Alice Oliveira,

aluna externa do 5.º ano de piano do Conservatorio e com o curso de musica: léciona, em sua casa ou dos alunos, como se convencionar.

RUA DO SUB RIPAS, 10

COIMBRA

CARTA DA ABRUNHEIRA

4—7—915.

O S. João passou aqui quasi despercebido.

Como tivemos a festa áquele santo nos dias 28 e 29, a rapaziada alegre e grande parte das nossas simpaticas conterraneas, resolveram ir passar o S. João fóra da sua terra,

Foram quasi todos para as Termas proximas.

Uns para o Bicanho, outros para a Amieira e a maior parte para a Azenha.

Divertiram-se muito! disseram-nos á volta.

Dançaram até alta madrugada e tomaram por cima um banho, banho que tinha a grande vantagem de ser santo!... Como é que não se deviam ter divertido?!...

Um banho santo! Um banho que vale por trinta não é para desprezar!... Isso é êle!...

Não suponham as minhas caras leitoras—se é que as temos—que pelo facto de estarmos a gabar as virtudes do banho-santo, que tambem o fomos tomar! Nada disso! Nem fomos ao banho-santo, nem tam pouco dançámos!

Mas vimos dançar!...

Na companhia de alguns amigos, assistimos a uma pequena dança, uma pacata dança, uma dança microscopica (!) que se organisou ao lado duma tambem pequena fogueira, uma fogueira da ultima hora, uma mal alimentada fogueira! Não era uma destas fogueiras *depois de ter tomado o chocolate Matias Lopes!* Era uma fogueira de *antes de tomar o chocolate Matias Lopes!*... Mas que apezar de fraquinha ainda teve a coragem precisa para aquecer o ar que encheu um balão, que nós, de gargalo no ar, contemplavamos e comentavamos com ditos mais ou menos espirituosos!

Por fim o balão sumiu-se, a fogueira extinguiu-se, a dança desmanchou-se, e todos recolheram a *penates*.

Como ainda era cêdo, uns cochichos que ouvimos deram-nos a perceber que dali a bocado se iam chamuscar as alcachofras, queimar os cinco reis, e ao deitar da cama colocar três favos debaixo do travesseiro!

A noite de S. Pedro foi inteiramente diferente da do S. João!

Essa noite foi muito mais movimentada!

A Praça estava apinhada de gente!

Os harmoniuns não tinham descanço; as danças eram por todos os lados!

O fogo de artificio satisfêz os romeiros que das povoações visinhas aqui acudiram para vêr os festejos e que constantemente soltavam gritos de *viv'ó foguete iro!*

A filarmonica portou-se muito bem e o rancho das tricanas entusiasmou tanto os romeiros que algumas canções tiveram de ser bisadas, tal era a correcção com que foram dançadas.

Um dos numeros do programa que mais agradou, e que nós por descuido não incluimos no programa aqui publicado, foi *a esquadrilha aerea* composta de *7 unidades*, que foi em *reconhecimento noturno* para os lados de Serroventoso!

O *avião*, embora ficasse em terra, lá se entendia!

Um dos aeroplanos, o *aeroplano chefe da esquadrilha*, levava *metralhadoras e bombas!*

Dêste não ha noticia! E' o mesmo!

—— Já aqui se encontra em goso de ferias, o nosso simpatico conterraneo, snr. Carlos Galvão Simões, aluno muito distinto do liceu de Aveiro.

—— A passar as festas, vimos nesta povoação o snr. João de Carvalho com a sua ex.ma familia; a esposa e filhos do snr. Antonio Ferreira, chefe da estação do Caminho de Ferro da Marinha Grande; o sr. Bazilio Tavares Lebre, importante proprietario em Pereira, e o snr. José de Freitas Garcia, esposa e filha.

Tambem aqui esteve o snr. Serafim da Cruz Vieira, do Seixo de Gatões.

—— Foram hontem e hoje muitas pessoas para Coimbra, assistir ás festas da Rainha Santa.

—— Os lavradores encontram-se muito descontentes com o tempo que tem corrido.

—— Tem feito um calor insuportavel.

N.

Gazeta de Coimbra

Passou mais um aniversario este nosso estimado colega da capital do distrito, de que é director o snr. João Arrobas, que se tem esforçado por dar ao seu jornal toda a feição de modernismo, pugnando sempre pelos interesses da linda cidade de Coimbra.

Um abraço.

Providencias

Ao ex.mo Administrador deste concelho pedimos providencias tendentes a evitar que certos matutões désta vila continuem a banhar-se de dia, no Mondêgo, e nos pontos de maior concorrencia.

Camara Municipal

Sessão de 29 de maio

Presentes os vereadores, snrs.: Monteiro da Costa, Tavares Lebre, Esteves de Barros, sob a presidencia do snr. dr. Simões, secretariado pelo snr. Rodrigues Pato.

Lida e aprovada a acta da sessão anterior.

Tomou conta do seguinte expediente:

Um oficio da Inspecção da Segunda Circunscrição Escolar a enviar o requerimento da professora de Gatões, Rosa Adelina Pereira Magina, unica concorrente áquela escola.

A comissão resolveu nomear a dita professora e que sem perda de tempo fosse a nomeação publicada no *Diario do Governo*.

Um oficio da Inspecção Escolar do Circulo a enviar uma folha do professor da Carapinheira.

Resolveu que se respondesse ao snr. Inspector.

Um oficio da camara da cidade da Guarda a participar á de Montemór que o professor Nunes Bento foi abonado por inteiro na folha.

A comissão resolveu dar conhecimento a este professor, e depois á camara da Guarda.

Um oficio da secretaria do Hospital de S. José e anexos a remeter a copia da conta da despêsa feita no ano civil de 1914, com o tratamento dos doentes pobres deste concelho.

Resolveu a comissão dar conhecimento á camara, na sessão de agosto.

Um oficio sem numero do professor interino da escola masculina desta vila a participar que tinha deixado a regencia desta escola.

Inteirada.

Um oficio do Administrador interino do concelho, dr. Armando de Carvalho, a comunicar ter tomado posse do cargo de Administrador.

Inteirada.

Um oficio do mesmo snr. Administrador a comunicar á camara que na noite de 24 para 25 do corrente foi assaltada a casa de escola do sexo feminino de Gatões, havendo furto de varias peças de roupa á professora, e livros.

Resolveu enviar copia do oficio ao ex.mo Agente do Ministerio Publico.

Fôram presentes diversos requerimentos de interesse particular.

Ao mestre d'obras para informar.

Foi presente um requerimento de Antonio Manuel Teixeira, com hospedaria em Montemór, a repetir o pedido para lhe ser paga a despêsa feita com a hospedagem a varios agentes de policia.

Resolveu a comissão apresentar o requerimento á proxima sessão da camara, em agosto, para resolver como entender.

O mestre d'obras apresentou informação de reparos a fazer nas fontes de Arazêde.

Resolveu que fossem reparadas.

Resolveu mais, que vá o mestre d'obras cravar as estacas na feira da Sardinha, marcando assim o logar de cada feirante.

O snr. presidente apresentou os preçarios das diferentes casas de mobiliario escolar, e deu conhecimento á comissão que na proxima sessão se vae começar na pintura das escolas desta vila.

A comissão ficou inteirada e encarregou o snr. presidente de adquirir a mobilia.

Foi autorisado o levantamento de 900$00 da Caixa Economica Portuguêsa para pagamento de diversas despêsas.

Foi presente o balancete semanal acusando um saldo de 4:280$00 na Caixa Economica Portuguêsa e de 164$92 na tesouraria da camara.

Autorisou e mandou pagar diversas despêsas.

Em seguida foi encerrada a sessão.

Agradecimento

=†=

Antonio Martins de Brito e seus sobrinhos José Augusto Alves de Campos, José Eduardo Alves de Campos, Antonio Augusto Alves de Campos e Casimira Alves de Campos, veem por esta fórma manifestar o seu eterno agradecimento a todas as pessoas que os acompanharam no seu doloroso transe pelo falecimento de sua extremosa tia Maria Alves da Graça, e tambem a todas as pessoas que a acompanharam á sua ultima morada.

DOENTE

Na casa de saude de Nossa Senhora de Campos e Misericordia, désta vila, encontra-se doente o nosso amigo Elisio Nunes da Serra e Moura.

Desejamos que o seu pronto restabelecimento se não faça esperar.

Menos horas de trabalho

(CONTINUAÇÃO)

Continuando a insistir sobre este assunto, creio contribuir assim para o complemento de uma aspiração que tem todos os requintes de uma visivel Justiça. Mas, dirão: — uma vez a classe operaria, a mocidade especialmente, mais tempo livre da oficina, tornar-se-ha indolente e viciosa e de aqui a pouco, a sociedade irá agindo nas fazes perduraveis dum desmando insâno, no cáos horripilante de miseria maior! Sim, déssa opinião tambem já fui; porém, estudando mais deligentemente o assunto, vi e vejo que existem as leis de Instrução Militar Preparatoria, Recenseamento Militar e tantas outras, que todos acátam e respeitam; pois bem, não quero dizer que procuremos devanear um novo presidio ao operario, mas um benéfico retiro, onde, sem esse rigôr que depois prejudicasse, mas com aquele estimulo suave que entusiasma; fundem-se centros recreativos de instrução onde durante algum tempo o operario permaneça, com umas determinadas obrigações, cujo resultado seja a sua prosperidade moral e intelectual, sob a vigilancia da autoridade local, patrocinados pelo governo, incitando a mocidade em empreendimentos de recreio e instrução. Recordaremos um pouco a Grecia no ápice do seu maior engrandecimento patenteando á admiração do mundo, os fulgôres de uma brilhante civilisação e vejâmos como a mocidade ardia em entusiasmo pela expansão da divina arte!

Assim no teatro, quer em genero lirico ou dramatico; na pintura, na escultura, enfim, num genio arrebatador, erguia o vôo glorioso de um rematado triunfo! A Grecia lembra ainda ao mundo a epopêa sublime do seu tempo de gloria. E isto porquê? Porque um governo audaz e bom, que presava as sciencias e as artes, regia o seu povo sem ambições de um despotismo cruel, mas antes instruindo-o e educando-o, protegendo as vergonteas que se insinuavam na manifesta inclinação de qualquer arte.

Os gregos, moral ou fisicamente, instruiram-se, principalmente nos seus ateneus. Uns, era a poesia divinisada pelas harmonias de acórdes suaves, de uma musica genial, que mais tarde havia de fazer surgir a sublime inspiração de Dante, Camões e Garret. Ainda era vê-los nos seus jogos predilectos em que tanto se distinguiram.

Empreendam-se pouco a pouco diversões uteis e instrutivas que, recreando, agradem, e bendiremos essas horas em que o operario e o artista tem de descanso, dando o tempo necessario para readquirir as forças suficientes para as lides do trabalho, que nessas poucas horas ainda os extenua e fadiga, atendendo á decadencia fisica da humanidade atual. E assim o operario trabalhará com mais vontade; ha-de ter a noção precisa de uma obrigação que lhe assiste. Terá brio em desmentir tudo quanto se diz no intuito de o deprimir. Ha de levantar-se e erguer-se, tornando-se conscio da sua propria personalidade, instruindo-se e educando-se, afim de, ámanhã, nesse grande edificio da sociedade do futuro, com o respeito devido pelo seu semelhante, em ideais e pensamentos, fazer surgir essa estrela que por mais que digam e façam ainda não nasceu — a estrela bendita da liberdade!...

A'vante, pois; que não só o operariado, mas todas as classes da oficina, do balcão, todos os que produzem e trabalham, mereçam compartilhar déssas justas regalias!

Ha ainda uma certa confusão no cumprimento déssa lei, que não se compreende. E' necessario estabelecer a sua generalidade tanto quanto possivel.

Bussáco, 29 | 6 | 915.

Oliveiros Braz Machado.

Tivemos o prazer de vêr nesta vila o nosso conterranio e amigo Augusto d'Oliveira Neves, digno 2.º aspirante dos correios e telegrafos, no Porto.

Por falta de espaço sômos obrigados a deixar de publicar varios e importantes artigos, do que pedimos desculpa aos seus autôres.

ANUNCIOS

Guilherme dos Santos Pinto & Irmão

COM

OFICINA DE CANTEIRO

Encarregam-se de jazigos de toda a especie e todo o serviço concernente á sua arte.

Tambem executam todos os trabalhos que digam respeito a *Plantas, Alçados, Copias, Projectos e orçamentos de edificios, edificações, etc.*

Montemór-o-Velho=Verride

Editos de 30 dias

(1.ª publicação)

NO Juizo de Direito de Montemór-o-Velho, cartorio do terceiro oficio e no inventario por obito de Antonio Joaquim de Jesus e no qual é cabeça de casal a filha Maria de Jesus, da Cabeça Grande, correm editos de trinta dias a contar da ultima publicação deste anuncio, citando para todos os termos até final deste inventario os interessados João de Jesus, casado, e Manuel de Jesus, solteiro, maior, ausentes em parte incerta no Brazil.

Montemór-o-Velho, 29 de junho de 1915.

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito,

Amaral Pereira.

O Escrivão,

José de Paiva Bobela Mota.

Companhia Geral de Credito Predial Português

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

Séde Social: Travessa de Santo Antonio da Sé, n.º 21

LISBOA

Esta Companhia realisa actualmente emprestimos hipotecarios a longo praso, cujo encargo, compreendendo juro, comissão, amortisação e depreciação dos titulos, é inferior a 7 %, tendo os mutuarios a faculdade de antecipar os seus emprestimos, total ou parcialmente e em qualquer época, em dinheiro ou em obrigações da mesma taxa e tipo das que fôram entregues no acto do contrato. Recebe e guarda nas suas magnificas **Casas fortes** quaisquer papeis de credito, encarregando-se de receber os respectivos juros.

Pedir esclarecimentos a Fernando da Silva Coelho Pessoa — Montemór-o-Velho — ou diretamente á Séde da Companhia.

EDITOS DE 30 DIAS

(1.ª publicação)

NO Juizo de Direito de Montemór-o-Velho, cartorio do terceiro oficio e no inventario orfanologico por obito de José Pereira de Carvalho, em que é cabeça de casal a filha Maria Dias Ferreira, da Cabeça Grande, correm editos de trinta dias a contar da ultima publicação deste anuncio, citando para todos os termos até final do mesmo inventario os herdeiros João Gomes Camaleiro, casado, e Joaquina Dias Ferreira e marido José da Cruz e Sousa, ausentes em parte incerta no Brazil.

Montemór-o-Velho, 29 de junho de 1915.

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito,

Amaral Pereira.

O Escrivão,

José de Paiva Bobela Mota.

Agua da Curia

Mogofores

As unicas aguas sulfatadas-calcicas que existem no paiz, similhantes ás afamadas aguas de Contrexeville, nos Vosges (França).

Acção de divorcio

NO Juizo de Direito da comarca de Montemór-o-Velho, cartorio do terceiro oficio, foi por sentença de vinte e quatro de junho ultimo que transitou em julgado, decretado o divorcio definitivo entre os conjuges Bacharel Ismael de Sá Carvalho Sampaio e D. Violanta Augusta Alves de Sousa, ambos desta vila.

Montemór-o-Velho, 8 de julho de 1915.

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito,

Amaral Pereira.

O Escrivão,

José de Paiva Bobela Mota.

Arrematação

(2.ª publicação)

NO dia 11 de julho proximo, pelas 11 horas, á porta do Tribunal Judicial da comarca de Montemor-o-Velho, vão pela segunda vez á praça, para serem arrematados pelo maior lanço oferecido sobre metade do valor da avaliação, os seguintes predios penhorados na execução hipotecaria promovida na Comarca de Coimbra pela Confraria do Santissimo Sacramento da Sé Catedral de Coimbra, contra Elisio Marinheiro Alves, sua mulher e mãe e sogra Maria Ribeiro, viuva, todos de Reveles.

1.º — Um predio que se compõe de terra de semeadura com oliveiras e arvores de fruto, no sitio da Pipa, monte e freguezia de Reveles, avaliado em 50$00, o qual vae á praça em 25$00;

2.º — Uma terra de semeadura, no sitio das Chãs, monte e freguezia de Reveles, avaliada em 85$00, a qual vae á praça em 42$50.

A contribuição de registo é paga por inteiro pelo arrematante.

Pelo presente são citados para a praça quaesquer credores incertos.

Montemor-o-Velho, 24 de Junho de 1915.

O escrivão,

João Paes da Cunha Mamede.

Verifiquei a exatidão.

O Juiz de Direito,

Amaral Pereira.

Arrematação

(2.ª publicação)

NO dia 18 de julho proximo, pelas 11 horas, á porta do Tribunal Judicial da Comarca de Montemor-o-Velho, se ha de arrematar em hasta publica, pelo maior lanço oferecido sobre o valor da avaliação, o seguinte predio penhorado na execução por custas e selos que o Ministerio Publico move n'este Juizo contra Antonio Carvalho Junior, da Ereira.

Uma morada de casas de habitação no logar da Ereira, freguezia de Verride, avaliadas em 130$00.

Pelo presente são citados para a praça quaesquer credores incertos.

A contribuição de registo é paga por inteiro pelo arrematante.

Montemor-o-Velho, 23 de junho de 1915.

O escrivão,

João Paes da Cunha Mamede.

Verifiquei a exatidão.

O Juiz de Direito,

Amaral Pereira.

AGUA DE LUSO -- Cura pela Diurése

(ESTABELECIMENTO TERMAL E HOTEIS ABÉRTOS TODO O ANO)

A mais diurética e mais digestiva. Aumenta a diurése, regularisa as funções digestivas e ativa os fenómenos nutritivo

Muito radioativa—4,49 miligramas—minutos
Muito ionisada, resistividade a 18° 18300 ohms
Muito rica em gazes raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotonica, ponto criospico 0°,04

Conclusões da analise feita pelos distintos professores Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitissimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tifico

USO EXTERNO—Molestias de pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc,), reumatismo e gôta.
USO INTERNO—Artritismo, impaludismo, neurastenia—Albuminuria, diabetes—Intestinos, estomago—Rins—Bexiga.

Depositos -- **LISBOA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros, 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 428. FUNCHAL, José Quirino de Castro, rua dos Murças. AFRICA ORIENTAL: Oswald Offmann.**
BEIRA: F. L. Simões & C.ª. LOANDA: Beltrão, Pena & C.ª, e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositarios nas terras onde ainda os não haja.

Portugal Previdente

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima — Responsabilidade Limitada

Capital **UM MILHÃO** de Escudos

SÉDE — RUA DO ALECRIM, 10 — LISBOA
N.º Telef.—1849 End. Teleg.—VIDA

Seguros contra incendios de predios, fabricas, etc.
Seguros de estabelecimentos e mobiliarios.
Seguros agricolas de ceáras, eiras, palhas, arvoredos, etc.
Seguros de maquinas e utensilios de lavoura.
Seguros contra incendio proveniente de gréves e tumultos.
Seguros de transportes maritimos e postaes.
Seguros contra roubo de habitações e estabelecimentos.
Seguros contra fraude de empregados.
Seguros contra a quebra de cristais.
Seguros de vida, pensões, dotes e reformas.
Seguros contra acidente de trabalho.

Agencias em todas as terras importantes do paiz, ilhas e colonias.
Sucursal no PORTO — Rua Passos Manoel, 21.

BANQUEIROS—**Borges & Irmão**—Porto e Lisboa

Antonio Pereira de Carvalho

Proprietario dos Grandes Armazens de Bicicletas, Maquinas de Costura, Pianos e toda a qualidade de acessorios.

A maior e mais antiga casa no genero

Oficina para todos os concertos, afinações e reparações em bicicletes, motocicletes e maquinas de costura.

Artista mecanico habilitado.

Vendas, alugueis e trocas.

Preços sem competencia

34—Avenida Navarro—36

(Estrada da Beira)—COIMBRA

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem deposito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se tambem de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fóra de Coimbra

FABRICA DE CAL

Cal fina e grossa, fornece-se em muito boas condições. Preços modicos, sobre o wagon, no caminho de ferro e nos proprios fornos.

Agente de telha tipo marselha e tijolos de todos os formatos, da fabrica Lacerda, Figueiredo & C.ª Limitada, da Pampilhosa.

Pedidos a

Joaquim F. Coca Junior
Zambujeiro—Arazede

AOS AGRICULTORES

Sendo agora época de sementeiras de milho, feijão, abóbora, etc., será conveniente aplicar os bons adubos e purgueira da afamada casa *Varela, Leal & C.ª*, das **Varzeas**, que se encontram **á venda em casa de Manuel Monteiro Godinho**, com deposito no **Casal do Gaio, Arazêde.**

Companhia de Seguros A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz

Antonio d'Oliveira Guerra

RUA DA REPUBLICA, 84

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legitimos acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de fórma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamavel, isca em cordão vendida fraudulentamente a titulo de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva acção civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa a Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente guardando se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações dedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalisação para procederem ás necessarias diligencias. Dirigir-se pessoalmente ou por carta á Companhia Portuguêsa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS MELO & MARTINS

PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada

PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiencia dos nossos adubos, devido ao seu magnifico resultado-os adoptarão de preferencia a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

SEGUROS CONTRA INCENDIO

Seguros contra incendio incluindo riscos de explosão de gaz e raio. cobrindo tambem os riscos de gréves ou tumultos (portaria de 14 de Março de 1914).

SEGUROS CONTRA INCENDIO cobrindo ainda os riscos de guerra (portaria de 30 de Novembro de 1914).

Unica companhia autorisada a segurar os riscos de guerra nas apolices de incendio

Seguros contra incendio e roubo E' tambem A MUNDIAL a unica Companhia autorisada a emitir uma apolice cobrindo os dois riscos.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital — Esc., 500:000$
(500 contos)

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmão
Praça da Liberdade, 138 — Telefone 1459

Agencias e Delegações em todo o paiz, ilhas e colonias.

Restaurante Ferro-viario ALFARELOS

ESTE bufete, um dos que melhor servem o publico que transita nos comboios, acha-se situado na estação do caminho de ferro de Alfarelos. Fornece almoços, jantares e *lunchs* e toda a qualidade de refeições, por preços comodos.

Tem pessoal habilitado, tanto em cosinha como em sala de mesa.

Tudo se encontra com esmero e perfeição.

Fornece comida para fóra, e presta-se a servir em casamentos, batisados, etc., desde que seja prevenido com antecipação.

O proprietario, **Artur de Oliveira Coelho.**

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro
PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex.mos passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.

Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA

Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.
PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações
Deposito das afamadas aguas de Luso.

Casa Funeraria
DE
ADELINO FARIA

Rua das Flores
FIGUEIRA DA FOZ

Encarrega-se de todos os funerais, podendo ser chamado a qualquer hora da noite.

Preços resumidos, a ponto de ninguem poder competir, tanto em corôas como em todos os pertences respeitantes ao seu negocio. Tem especialidade em urnas de mògno.

Biblioteca da Universidade Coimbra

Ano 4.º Montemór-o-Velho, 18 de Julho de 1915 N.º 178

DIRECTOR PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR
Almeida Junior

SECRETARIO DA REDACÇÃO E EDITOR
Abel M. de Melo Brandão

REDACTOR PRINCIPAL
Mário Augusto Mota

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguêsa

Pátria e Humanidade

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Dr. José Galvão
MONTEMOR-O-VELHO

DIRECÇÃO:- COIMBRA
(para onde deve ir a correspondencia)

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. Silva (a vapor)—AVEIRO

Coimbra
TERRA DA INSTRUÇÃO

E' um engano muitagente supôr que Coimbra distribue instrução e educação ás mãos cheias por êsse Portugal fóra.

Coimbra, apezar da sua Universidade secular, liceu, colégios, escolas profissionais e primárias não tem conseguido essa grande obra social que lhe atribuem.

Ainda ha poucos anos, os proprios estudantes da Universidade, em noites de esturdia selvática, assinalavam a sua passagem pelas ruas desertas de Coimbra, a horas mortas, com destroços quasi ciclónicos: apagavam e quebravam os candieiros da iluminação pública, cortavam lindas arvores para ornamentação e higiene da cidade, e, o que é pior ainda, é que davam palmatoadas e caneladas nos companheiros de estudo.

E os mestres, longe de estigmatisarem êste mau procedimento dos seus alunos, continuavam impassiveis na sua catedra intangivel, reservando apenas os momentos de cólera para aqueles que não curvassem derreadamente a espinha dorsal, em frente dos semi-deuses da Minerva Coimbrã.

Com esta educação, de uma moral avariada, não é de espantar que êste lindo país se tenha encontrado, por várias vezes, nas mãos de tipos saidos da Universidade de Coimbra, mas sem uma educação apropriada para dirigir os destinos da Sociedade Portuguêsa.

Antonio José de Almeida, a quem os monárquicos, agora, pretendem voltar as costas, certamente por êle não ter caído no anzol azul e branco ou por não ter havido ás mãos a cornucópia dos favores governamentais, foi um dos homens que, na sua passagem pela carunchosa Universidade de então, deu provas dum grande caracter. Mas a paga dessa atitude de homem superior, foi a combinação secreta dos lentes para o expulsarem dos degraus do professorado.

E, contudo, a sua grande inteligencia, aplicação ao estudo e comportamento davam-lhe direito a subir o ultimo degrau do magisterio universitario.

Mas a sua cabeça erguida e a sua capa irreverente, dobrada ao ombro, quando perpassava pelos mestres, foi o único motivo, o único pecado que o tornava inaceitavel naquele meio de obediencia lanigera.

Mas, a que vem isto tudo a pêlo, perguntará o leitor amavel?

Será para fazer propaganda da politica evolucionista? Desconfiará ainda o leitor democrático.

Não. Não é. Eu sinto pelo dr. Afonso Costa a mesma simpatia e admiração que v. ex.ª.

O caso vem a lume simplesmente para mostrar que, em redor de Coimbra, num perimetro de alguns quilometros, o povo se encontra num estado de barbarie, que horrorisa os espiritos civilisados.

Nesta linda aldeia, por exemplo, de comunicações excelentes e com uma situação topografica magnifica, cometem-se furtos a todas as horas do dia; bebe-se demasiado aos domingos; apedrejam-se automoveis que passam; enganam-se ciclistas que pedem por favor qual o caminho a seguir para tal ou tal parte; destroem-se arvores, mesmo aquelas que são plantadas pelos alunos das escolas, em dia da Festa Nacional; serram-se os pavilhões das danças pelo S. João, a fim de que, desabando, os musicos fiquem impossibilitados de tocar, etc., etc.

E aqui está como muita gente de Portugal se engana, supondo que Coimbra tem sido um fóco de luz que se espalha pelos espiritos obscurecidos.

A luz, porém, é tão fraca e baça, que nem chega para iluminar as povoações limitrofes...

S. João do Campo, 7.

P. de C.

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autôres.

Interesses do concelho

A vala desta vila—Esclarecendo um equivoco—A Camara presta o seu concurso

Num dos ultimos numeros do *Dever* vem publicado um oficio dirigido á Camara pelo snr. dr. Loureiro, subdelegado de saude do concelho, no qual se alude a um conflito entre o nosso municipio e a 2.ª Direção dos serviços fluviaes e maritimos, por motivo da vala que atravessa esta vila.

Por nos parecer conveniente esclarecer, para completa elucidação do publico, esta parte do oficio do distinto funcionario, procuramos o Presidente da Comissão Executiva, snr. dr. Antonio Joaquim Simões que, exposto o fim da visita, prontamente se poz á nossa disposição.

— Diga-me v. ex.ª, ha por causa da vala algum conflito entre a Camara e a Direção dos serviços fluviais e maritimos?

— Não, senhor. O meu presado amigo dr. Loureiro, no oficio que dirigiu á Camara, como sub-delegado de saude, usou dessa expressão, mas com pouca propriedade, como particularmente já lhe fiz ver.

— Donde provem então o equivoco desse nosso amigo?

— Para responder á sua pergunta é indispensavel fazer um pouco de historia.

Quando começou o açoriamento do rio, junto á embocadura da vala, ha já muitos anos, a Camara mandou retirar as areias para dar entrada a alguma agua na vala.

— Como se justifica a intervenção da camara num serviço que competia ao Estado?

— Não lhe posso dizer com segurança, porque não me foi possivel averigual-o na secretaria, assim como não pude saber o ano em que essa intervenção teve logar.

— Mas como a explica v. ex.ª?

— A meu ver as coisas deviam ter-se passado assim: Houve um ano em que, chegado o verão, a agua faltou na vala; o sub-delegado de saude e a opinião publica, representada principalmente pelos proprietarios confinantes, que pretendiam regar os seus predios e não tinham agua, reclamaram da Camara providencias; esta, influenciada por pessoas que não residiam aqui e tinham pela sua comodidade mais interesse, que pela administração do municipio, entenderam que o meio mais simples era encarregar o Valente de mandar fazer um desvio nas areias de forma que entrasse na vala um pequeno fio dagua. Dava-se satisfação ao snr. subdelegado de saude e as atribulações do espirito não eram grandes...

— Continuou a proceder-se assim nos anos imediatos, não é verdade?

— Sim, senhor. A Direção dos serviços fluviais e maritimos, ou a Hidraulica, como antigamente se lhe chamava, não desgostou da intervenção da Camara. Pois, se tambem era comodo... Mas como o meio posto em pratica era um simples paliativo, deu-se o que era facil de prever: as areias foram acumulando-se por tal forma que a despeza da Camara com o seu desvio aumentava consideravelmente de ano para ano.

— E a Camara atual procurou obviar esse inconveniente?

— Quando tomámos conta da gerencia do municipio foi esse um dos assuntos que imediatamente mais prendeu a nossa atenção. Obrigados a fazer derivar do rio alguma agua para a vala por motivo da saude publica, que tinhamos obrigação de defender, notamos que a verba inscrita no orçamento era insignificante mesmo para a abertura dum pequeno valeiro naquela extensa quantidade de areia. Procurámos, como é natural, arranjar receita para fazer face a esse grande encargo e ao mesmo tempo assentámos na forma de reclamar do Estado as obras no rio, que obstassem definitivamente o continuo açoriamento da vala. Quanto a esta parte, mandamos elaborar ao condutor Santos Pinto, por indicação do prestimoso vereador Monteiro da Costa, uma planta da obra a executar e que, em nosso entender, resolve o caso. Esta planta está á disposição de qualquer municipe que a queira examinar; e teria já servido de base a uma reclamação dos altos poderes publicos, se a instabilidade dos governos não tivesse contrariado o nosso desejo.

— E' relativamente ao aumento de receita?

— Na convicção de que a Camara tinha a posse plena da vala, elaboramos umas posturas em que se obrigavam os proprietarios confinantes a uma licença para a irrigação dos seus predios, sendo a taxa dessa licença de 10 centavos por cada 540m2.

— Mas essa licença não representava um gravame para esses proprietarios?

— Não, senhor. E' preciso assentar em que os proprietarios não podiam regar os seus predios, se a Camara não fizesse derivar para a vala a agua do rio, e parece-nos mais justo exigir dos proprietarios confinantes o auxilio para essas obras, porque diretamente aproveitavam com elas, do que aumentar as contribuições.

Devo acrescentar que o regimen da licença a que a Camara sujeitava os proprietarios, tinha um caracter transitorio, e terminaria logo que se conseguisse por uma forma definitiva e regular, a entrada da agua na vala.

— Qual foi a atitude dos proprietarios?

— Foram á Direção dos serviços fluviaes e maritimos pedir a licença para irrigar os seus predios.

— E a Camara?

— Conhecedora do caso, dirigiu á Direção um oficio a perguntar se efétivamente tinham concedido as referidas licenças; a resposta foi: «que a vala de Montemór-o-Velho, está classificada como navegavel e flutuavel, *muito embora a Camara tenha o encargo de sua limpeza e desaçoriamento, nenhum direito tem sobre aquelas aguas*, sendo unicamente das atribuições desta Direção a concessão de licenças para o seu aproveitamento com o fim de irrigar os predios marginaes». A Camara, apreciando esta resposta, deliberou não concordar com semelhante doutrina, contraria a todos os principios de direito e sem fundamento em disposição legal.

Em obediencia a esta deliberação, a Comissão Executiva resolveu encarregar-me e ao meu amigo Monteiro da Costa de irmos a Coimbra falar com o snr. Diretor dos serviços fluviaes e maritimos com o fim de se esclarecer o aumento. Na ausencia de s. ex.ª atendeu-nos o snr. engenheiro Jorge Lucena, que deu o seu completo assentimento á deliberação da Camara:—é o Estado quem tem a obrigação da limpeza da vala e da execução de todas as obras que lhe digam respeito, visto que ela está classificada como uma corrente navegavel e flutuante; e á Delegação da Figueira da Foz que compete conceder as licenças para a irrigação dos predios confinantes.

Esclarecido o caso por forma tão cabal, á Camara só incumbe a obrigação de insistir por que a limpeza da vala se faça sem demora; que não tem esquecido o cumprimento dêsse dever provam-o os oficios que, nesse sentido, dirigiu a Direção dos serviços fluviaes, um outro ao snr. governador civil, e, finalmente, um telegrama ao ex.mo ministro do Fomento em que se pedia a s. ex.ª que désse as suas ordens para que se procedesse imediatamente á limpeza da vala, visto esta constituir, pelo seu estado de imundicie, um grave perigo para a saude publica.

A Camara, posso assegurar-lhe, continuará a empregar as maiores diligencias para que termine esse permanente fóco de infécção e empregará os seus esforços, no sentido de melhorar as condições higienicas desta vila.

Z.

N. da R.—O snr. governador civil do nosso distrito solicitou já do snr. ministro do Fomento urgentes providencias, no sentido de se proceder á limpesa da vala.

Oxalá possamos em breve ver remediado todo o mal que déla provém para a saude publica e para a higiene da nossa encantadora vila.

Laços de amôr

No meu retiro um dia, a divagar sósinho,
umas vides notei, formando com seus braços
um viçoso, lindo arco, acima do caminho...
como que a impôr assim um limite a meus passos!

Quebrar o encanto? não! — mas ai! sem embaraços
alguem passa e o desfaz... embora de mansinho!
— Separados... então de novo os mesmos laços
se buscam com amôr e prendem com carinho!...

— O' almas juvenis, sois quais vides mimosas
atraindo-se assim...: bélas, meigas, graciosas,
tambem vos enlaçais, em amplexos d'amôr...

E se mágua ou dôr desfaz o doce encanto,
breve os laços do amor—que é forte, puro e santo,
se apertam mais e mais,—com mais intenso ardôr!...

Montemór-o-Velho, julho de 915.

J. Neves.

Leão Corrêa

Tem estado doente este nosso ilustre colaborador e mimoso poeta, que em Vizeu, onde reside, gosa de grande simpatia entre a *jeunesse dorée* das letras patrias.

O *Dever*, tendo sentido a sua ausencia, felicita os seus presados leitores pelo regresso a estas modestas colunas da pena de tão inteligente cooperador, felicitando ao mesmo tempo Leão Corrêa pelo seu restabelecimento.

Ponte sobre o Mondego

Vão proseguindo com actividade os trabalhos de construção dos encontros da ponte sobre o Mondego, nesta vila, antiga e justa aspiração do povo de todo o distrito.

Assuntos de higiene pública

(*Continuação do n.º 175 do DEVER*)

Documento n.º 3

A proposito do estado deploravel em que se encontra a vala, que atravessa esta vila, constituindo um largo fóco de infeção, recebi do snr. Governador Civil do Distrito, em resposta á minha reclamação, os seguintes telegramas:

Coimbra, 8.

Dr. Loureiro, sub-delegado de saude.

Só ámanhã poderei obter resposta, Director Serviços Fluviaes.

Governador Civil, *Antonio Leitão.*

Documento n.º 4

Coimbra, 9.

Dr. Loureiro, sub-delegado de saude.

Tendo Director serviços fluviaes e maritimos informado que não tem verba para proceder limpeza vala dessa vila, solicitei ex.mo ministro do fomento verba necessaria a fim de satisfazer justa reclamação v. ex.ª.

Governador Civil, *Antonio Leitão.*

Em presença deste ultimo telegrama, vi desde logo, que o saneamento da vala era caso encravado, e por isso não me fiquei por aqui; fui logo direitinho ás instancias supremas. Assim:

Documento n.º 5

Montemór-o-Velho, 10.

Ex.mo Ministro do Interior.

A vala que atravessa esta vila, constitue presentemente um extenso fóco de infeção. Já reclamei perante a Direcção dos Serviços Fluviaes e Maritimos para que ela fosse saneada, mas nem sequer obtive resposta. Consta-me, no entanto, que a referida Direcção alega não ter verba. Suplico pois de v. ex.ª todo o auxilio para que tão grande mal seja remediado.

O sub-delegado de saude, *Bátista Loureiro.*

Documento n.º 6 (oficio)

Ex.mo Snr. Director Geral dos Serviços de Saude Pública.

Por via da Delegação de Saude do Distrito de Coimbra, recebi um oficio-circular em que se me recomenda fiscalisação e vigilancia sobre a higiene e salubridade dos hoteis e hospedarias do meu concelho. E isto — acrescenta o mesmo oficio — para satisfazer a um pedido da repartição de Turismo, com a qual nós, sub-delegados de saude, devemos manter as mais estreitas relações de cooperação e auxilio.

Pois bem, já que estamos de mão na massa, cumpre-me levar ao conhecimento de V. Ex.ª, que existe atualmente, mesmo no coração desta vila, um extenso fóco de infecção, pertinazmente resistente aos meus rogos e reclamações. Vem a ser uma vala pretença dos Serviços Fluviaes e Maritimos, que serve de recetáculo e veículo aos esgotos e despojos desta população, e que agora estagna em charco putrido, porque nos seus pontos de origem e confluencia com o rio Mondego se acumulam respectivamente duas serras de areia, que nem deixam entrar aguas novas nem vasar aguas velhas. Já reclamei perante a 2.ª circunscrição dos serviços fluviaes, com séde em Coimbra, á qual pertence a limpeza da referida vala, e com magua devo dizê-lo, nem se quer recebi mercê da sua resposta. Telegrafei depois ao snr. Governador Civil do distrito, que me respondeu ir solicitar providencias do Ministerio do Fomento, visto ter sido informado pelo Director da 2.ª Circunscrição Hidraulica, não haver verba para tal despeza. Telegrafei ainda ao snr. Ministro do Inferior para que junto do seu colega do Fomento patrocinasse esta inadiavel causa de higiene pública. Pois saiba V. Ex.ª, apezar de tanto telegrama e oficio a gravidade do mal continúa a crescer dia a dia pela permanencia daquele fóco repugnante e pestifero, capaz de afugentar não só feirantes e *touristes* como os proprios naturaes que junto dele tem domicilio.

Não se faz uma pequenina ideia: uma coisa é ouvi-lo, outra presenceá-lo! Creia V. Ex.ª, a decencia e a vida são quasi incompativeis com a visinhança daquele chiqueiro monstro, dum kilometro de comprido por seis metros de largo.

E contudo, o concelho de Montemór é o 3.º do distrito a pagar para o Estado!

A V. Ex.ª rogo, pois, o obsequio da sua prestante colaboração, oficial ou particular, sobre tão momentoso e indeclinavel assunto. E tanto mais que o velho Montemór, não só pela sua situação geografica e tradição historica, como até pelo pitoresco da paisagem, será de futuro um ponto selecto de turismo.

Saude e fraternidade

Montemór-o-Velho, 11 de Julho de 1915.

O sub-delegado de saude, *João Bátista Loureiro.*

Nota — Não se diga, pois, que é por falta de saudes e fraternidades, que o caso não está ainda liquidado; se bem que, para mim é sempre de mau agouro esta emissão forçada de telegramas e oficios. O assunto fica quasi sempre diluido num labirinto de letras, pontos e traços até que Deus lá das alturas mande uns milhões de pipas de agua, capaz de arrastar para o mar largo a porcaria das valas, o estrume dos largos e o lixo das ruas.

E se não esperem com paciencia, que eu mais tarde lh'o direi!...

Bátista Loureiro.

AFONSO DUARTE

O governo da Republica acaba de confiar a este ilustre filho da visinha povoação da Ereira, e nosso valioso amigo, um mandato de confiança, qual o de sindicar os factos ocorridos na escola normal de Vila Real de Traz-os-Montes.

Afonso Fernandes Duarte, que é um dos mais valiosos ornamentos do quadro professoral do Liceu Camilo Castelo Branco, daquela terra, é, ao mesmo tempo, um mimoso poeta e um fervoroso republicano.

Saudamo-lo cordealmente.

DESPEDIDA

A esta redacção veio despedir-se o nosso prestimoso assinante, snr. Cesario Simões Correia, e oferecer os seus serviços em S. Paulo, Brazil, Rua Paulo Sousa, n.º 90.

Desejamos lhe uma feliz viagem e que volte com fortuna.

Benjamin Bronze

Com pouca demora esteve no dia 12 nesta vila o snr. Benjamin Bronze Mendes, digno professor oficial em Limêde, e distinto violino, que, pela primeira vez, se fez ouvir nesta terra nas noites inolvidaveis de S. João e S. Pedro.

JOAQUIM LOPES

Sofreu ha dias o rude golpe da perda duma filha estremecida este nosso prestimoso amigo, dedicadissimo e inteligente inspector-chefe do serviço de reclamações e investigações da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes.

Ao snr. Joaquim Lopes, que o *Dever* conta no numero dos seus assinantes e na galeria ilustre dos seus admiradores, enviamos a expressão sentida do nosso enorme pezar.

Exames do 1.º grau

Na escola do sexo masculino desta vila, realisaram-se no dia 14 do corrente os exames do primeiro grau. Fôram sujeitas a exame nove creanças, ficando quatro distintas, quatro bem, e uma suficiente, pelo que felicitamos, não só os pais dos estudiosos examinandos, mas os dignos e inteligentes professores, que teem sido incansaveis para dar á instrução infantil um caracter de modernismo.

Rancho "Formosas do Mondego,,

No ultimo domingo foi servido aos pares dançantes e orquestra deste simpatico grupo, no seu pavilhão que profusamente iluminado apresentava o aspecto dum formoso parque de casino, café, dôces e aguardente, tudo oferecido pelos snrs. dr. Ismael de Sá Carvalho Sampaio e Henrique Simões Cantante.

O acto, que principiou ás 22 horas, decorreu muito animado, dançando-se depois ainda com muito entusiasmo até ás 24 horas.

Foi, enfim, uma noite bem passada.

"A VOZ DA JUSTIÇA,,

A este nosso estimado colega agradecemos as transcrições que vem fazendo dos extratos das sessões camarárias do nosso municipio, que o *Dever* publica.

Mais lhe agradeciamos se, como prova da sua habitual lizura e lealdade, dissesse sempre de onde as transcrições são feitas.

CRÓNICA DE LISBOA

Foi na manhã triste e plúmbea do dia 19 de julho de 1886 que esse grande artista que se chamou Cesario Verde repousou o seu ultimo sôno. Poeta de raça, figura de destaque no seu tempo, ele, parece, actualmente, ser a simples lembrança dum meteoro que fulgiu e passou repentino. Raros serão, talvez, os da geração moderna que conhecem o primôr dos seus versos, a subtileza encantadora das suas descrições, a ironia fina que se esparge nas paginas do livro que o grande amigo do poeta, tambem dormindo o ultimo sôno, Silva Pinto, teve o cuidado de mandar imprimir, prestando, conscientemente, um grande serviço ás letras portuguezas.

No género *descricionista* eu julgo-o o primeiro. O facto mais banal, a acção mais infantil, a trivialidade mais positiva pintou-os ele o mais artisticamente possivel em versos, simplesmente soberbos, em descrições modelarmente perfeitas.

A imprensa, desse tempo, parece que lhe negou a simpatia a que ele tinha jus e, no entanto, as poesias que ele intitulou *Naturaes*, são uma obra prima no genero. Indignado por esta indiferença, ele que se sentia alimentado pelo fogo sagrado da arte, que possuia a probidade artistica que a maior parte dos insensatos por ela não apresentava, chicoteou-a e bradou:

A imprensa vale um desdem soléne.

E depois, refletindo, querendo ser extremamente justo, ajuntou:

Com raras excéções merece-me o epigrama.

* * *

Cesario Verde é um esquecido para esses *bas bleu* que ruminam a arte e adoram, a ocultas, o plagio. Não lhe conhecem os versos, sequer. Ouvem falar num Cesario, num pobre poeta em quem se fala quando são precisos nomes de *colegas* idos, de quem se lembram quando algum velho ou algum estudioso traz a lume o seu nome, citando-o como modelo, citando-o como um percursor.

Mas o silencio recae novamente, e esses que ámanhã estarão prontos para erguer o pedestal para o busto dum X, para homenagenar, respeitosos, a memoria dum Y, esses, ignoram que não ha muitos anos, ainda não ha trinta anos, por uma manhã triste e plumbea dum dia de julho se finava um artista de raça, um poeta de lei, um homem que honrou as letras de Portugal.

Não é, decerto, a abundancia do Belo que os faz esquecer; porque n'esta pobre terra onde se produz, relativamente muito, em verso, e excessivamente em prosa, encontramos, poucos poetas dignos dêste nome. E, no entanto, Cesario é um Poeta.

E' que os poetastros de juba e de fundilhos, que passam noites de olhos fitos na lua palida, ouvindo o som da agua que murmura e da brisa que segreda, não adoram a Arte, suspiram pelo *réclame* e pela nomeada, e, em logar de acalentarem o desejo fervoroso da perfétibilidade artistica, almejam o incenso da imprensa que lhes ha-de cultivar a vaidade.

Arte, Poesia que lhes importa!

Não são as cordas d'oiro duma lira que os seduzem, não é a aspiração do Belo que os embriaga, e d'ai a, quasi que indiferença, daqueles que dizendo-se amantes da arte, não a amam por para ela se sentirem atraidos, mas por esperarem que ela seja pretexto para alimentarem o seu orgulho e coibir a sua importancia intelectual.

Dêste crime é ela, a imprensa, ré confessa, porque, não regateando louvores a qualquer *parvenu* que amanhã se lembre de publicar um livro de banalidades, prosa insignificante da competencia dum marçano, sem um vislumbre de Arte, sem um fim almejado e util, não lembrará, sequer, em três linhas, o aniversario da morte de um poeta de grande envergadura que produziu uma obra, minuscula, é verdade, mas cheia de perfeição artistica.

Não ha, porventura, escrinios bem pequenos, comportando joias de valôr imenso?!

O que não produziria, no entanto, aquele verdadeiro eleito da Arte, se a morte, prematuramente, o não cobrisse com o seu manto frio e negro e o não roubasse, cruel, á literatura portuguêsa, onde foi um meteoro brilhante e onde, no futuro, seria uma estrela refulgente!

Que se curvem os que o desconhecem porque os que lêram os seus versos, saúdam-lhe a memoria!

E que os mestres, que teem a seu cargo a formação dos espiritos e que, portanto, teem de citar o nome dos poetas da nossa terra aos seus discipulos, não esqueceram de lhes falar nêle. *Nêle!*

Será o principio da Consagração que a sua obra está pedindo!

D. L.

Dr. Antonio J. Simões

O nosso excelente colega da Figueira da Foz, *A Voz da Justiça*, de 2 do corrente, teve para com este nosso presado amigo estas justas e merecidissimas considerações, que pedimos licença para arquivar e tornar inteiramente nossas:

Boa orientação

A camara municipal de Montemór-o-Velho, que durante muitos anos foi roupa de francezes, tem agora á sua frente o snr. dr. Antonio Joaquim Simões, que está fazendo uma notavel administração, caraterisada não só pelo maior zelo nos serviços e parcimonia nas despezas, mas tambem por excelente orientação evidenciada no cuidado com que está promovendo a edificação e reedificação de escolas por todo o concelho, com o aplauso e, em muitos casos, com o auxilio dos particulares que, sem distinção de partidos, se sentem impelidos pelo desejo de coadjuvar quem tão bem trabalha.

Temos muito prazer em constatar isto, não só pela comunhão de interesses que nos prende áquele concelho, como pela consideração que de ha muito nos habituámos a ter pelo snr. dr. Simões, que, durante muitos anos, residiu nesta cidade.

E' assim mesmo.

Uma visita do rancho "6 de Julho,,

Pelo nosso amigo Joaquim Correia Monteiro, do Casal Novo do Rio, foi convidado o simpatico rancho *6 de Julho*, a fazer uma visita ao snr. José de Napoles, da Granja do Ulmeiro, visita que este rancho da melhor boa vontade levou a efeito no passado domingo, 11 do corrente.

E'-nos impossivel descrever o que se passou em casa de tão prestante cidadão. O snr. Napoles e sua ex.ma familia tiveram, não só para com o rancho, mas tambem para com as pessoas que o acompanhavam, as maiores atenções, proporcionando-lhes uma recepção extremamente carinhosa e afavel, chegando até ao extremo de querer que este viesse para esta vila em carros, o que não levou a efeito porque o rancho delicadamente a isso se recusou.

Durante as poucas horas que ali permaneceu, executou cinco das suas lindas canções, que fôram desempenhadas com aquela correcção e mestria com que este rancho sempre se tem distinguido, terminando a sua visita com o *Fado* de Alvaro Cadima, que foi delirantemente ovacionado.

O *Dever*, que se fez representar pelo seu carinhoso secretario, Abel Brandão, agradece ao snr. Napoles, e a todos, as amabilidades recebidas, as quais fôram a prova bem evidente da estima que lhe consagram e que ele a todo o transe procurará corresponder.

Imprensa

Visitaram-nos os nossos colegas *Mocidade de Lafões*, de Oliveira de Frades, de que é administrador o nosso estimado assinante e distinto ferro-viario do Vale de Vouga, snr. Julio Calix, e *O Dão*, de Santa Comba.

Agradecemos a gentileza.

Camara Municipal

Sessão de 5 de junho

Presentes os vereadores, snrs. Monteiro da Costa, Tavares Lebre, Goes e Esteves de Barros, secretariando o vereador, snr. Rodrigues Pato, sob a presidencia do snr. dr. Simões.

Lida e aprovada a acta da sessão anterior.

Presente um telegrama do Governador Civil de Coimbra, suscitando a observancia da lei eleitoral. Informou a presidencia ter dado já cumprimento ao dito oficio.

Dito do Fundador do Instituto de Cegos — Branco Rodrigues, a perguntar se póde propôr á cobrança do subsidio com que a camara concorre para aquele benefícente Instituto. Resolveu a camara informar o Fundador que o avisará do pagamento.

Dito do Governador Civil sobre regulamentação das horas de trabalho. Deliberou a camara que por meio de editaes se tornasse publico para os interessados dizerem de sua justiça.

Foi presente uma requisição do snr. Administrador do Concelho para ser paga a quantia de 4$00 dispendida com comida e dormida do guarda da policia judiciaria, Tomé de S. Marcos, de Lisboa. Mandou que fosse paga.

Fôram presentes diversas informações do mestre d'obras, sobre licenças pedidas e alinhamentos. Aprovadas nos termos da lei.

Foi passado um atestado de pobreza a Emilia Crispim de Carvalho, désta vila, residente ha tempo no Seixo de Gatões.

O snr. presidente informou que a seu pedido tinha vindo aqui o condutor d'obras da Figueira, para examinar os trabalhos das duas escolas désta vila, para no caso de se acharem em boas condições dos respectivos contratos, a camara proceder ao pagamento dos empreiteiros. A comissão autorisou os pagamentos liquidados e levantamento dos depositos, no caso do aludido technico assim o entender.

Deliberou que fosse o mestre d'obras mandar fazer os reparos das fontes da Cabeça Alta e do Seixo.

O guarda campestre Pereira Batista informou ser necessaria a policia municipal para a regularisação da feira de Tentugal, nos dias 19 de cada mez. Resolveu que ele, guarda, o de Pereira, Figo, e o da Carapinheira, Cruz, façam essa policia.

Foi presente o balancete semanal, acusando um saldo de 3:200$00 na Caixa Economica Portuguêsa e de 116$48 na tesouraria.

Autorisou e mandou pagar diversas despêsas.

Em seguida encerrou a sessão.

Transcrição

O nosso excelente colega *Defeza de Mira* transcreveu, no seu n.º 66, o belo artigo do nosso querido colaborador *N. B.*, que o *Dever* publicou sob a epigrafe *Divagações*.

Agradecendo-lhe a gentileza, pedimos que atenda á circunstancia do nosso jornal ter a séde em Montemór-o-Velho e não em Arazêde, onde, contudo, nasceu, e se criou com honra até á idade de quasi 4 anos.

O snr. governador civil de Coimbra solicitou do snr. ministro do fomento que na distribuição das verbas para estradas seja incluida a estrada de Mira á Figueira da Foz, cuja verba não deve ser superior a 5:000$00.

O mesmo funcionario propoz ao snr. ministro do fomento os seguintes cidadãos para vogaes do Conselho regional do centro: Efétivos, Antonio Marques, José Pinto Alves Guimarães e Manuel Bernardo Fonseca, e substitutos, Augusto da Silva Fonseca, Antonio Moraes e Eduardo Gomes.

Agua da Curia

Mogofores

As unicas aguas sulfatadas-calcicas que existem no paiz, similhantes ás afamadas aguas de Contrexéville, nos Vosges (França).

Poetas e Prosadôres

OS RISOS

(Ao ex.mo snr. dr. Geneţio da Cruţ)

Quem nunca viu passar a asa dum sorriso
Pela bôca gentil duma mulher de amôr?
Fasendo-nos sonhar um sonho ameno e liso
Que anima e dá calôr.

Ninguem. Ó deus do amôr; o leve sentimento
Que o coração nos faz um riso juvenil,
Compensa — com verdade — o longo sofrimento
Se o riso é impuro e vil.

Ha risos que são fél e ferem, é verdade!
Risos que são punhaes de atroz e aguda dôr,
Ha outros que são mél no meio da saudade
Dum bem que já deu flôr.

Eu tive em mais pequeno um riso, um riso santo
Perfeito, tendo em si o sól de quanto é bem;
Riso que era de amôr dum virginal encanto...
— O rir de minha mãe! —

Tive mais adeante um outro riso ainda
Gentil como uma flôr banhada de luár,
Que me dava a impressão de luz fagueira e linda,
Que faz sonhar... sonhar!...

Amei num sonho idial o dôce rir, preciso
P'ra descrevêr amôr, amôr que já findou;
E rir com el' tambem. Gastei tanto sorriso
Que o riso me acabou.

Leão Correia.

UM ANO...

Um ano é tempo que passa,
Uma pomba qu'esvoaça,
E' tudo, sem nada sêr!...
Como uma nuvem que corre,
E' uma ilusão que morre...
E tanto nos faz sofrêr!

De tão pouca duração,
O ano é como um tufão
Que passa na nossa vida:
São esp'ranças, ilusões,
Qu'envoltas em turbilhões,
Nos deixam n'alma uma f'rida!

Semelha o ano uma estrela
Que no céu fulgura bela,
Até que chega a manhã.
Como ela, desaparece
E simples, assim, fenece
Como a rosa mais louçã!

Um ano é grande misterio,
E' como que o cemiterio
Da nossa felicidade;
E' uma meiga visão,
De que, por recordação,
Fica uma grande saudade!

Um ano é estrela cadente
Que nos mostra, fielmente,
Quão breve é uma ventura;
Como ela, breve perpassa,
Alegrias despedaça,
No peito deixa amargura!

Um ano é sonho fagueiro,
Na vida passa, ligeiro,
Lembrando um golpe de vento.
Desvenda-se a ilusão
E depois, no coração,
Apenas resta o tormento!

Como o fumo, o ano é leve;
Passa na vida tão breve,
Que sempre causa surpreza.
E' uma quimera fugaz,
Que, sómente, ao peito traz
Uma profunda tristeza!

Um ano é tempo que passa,
Uma pomba qu'esvoaça,
Fulguração que seduz...
Como uma nuvem que corre
E' uma ilusão que morre...
E ao misterio nos conduz!...

Amadôra, abril de 1915.

Marco Antonio A. Franco.

Carreiras de tiro

Festejos em Cantanhede

No proximo dia 25 vai ser inaugurada a carreira de tiro civil de Cantanhede, cuja Camara Municipal conseguiu que fosse construida, não se poupando para isso a sacrificios.

Para esse dia prepara a referida Camara uma grande festa, á qual assistirão, segundo espera, os snrs. governador civil do distrito, general comandante da divisão, Sociedades de I. M. P. n.º 10 e 25 com as bandas de musica de infantaria n.os 23 e 28, sendo nêsse dia prestadas as provas finais dos nucleos de Instrução Militar Preparatoria do 2.º grau, que naquele concelho são bastante numerosos, pois a Camara de Cantanhede tem empregado todos os esforços para o desenvolvimento da aludida instrução naquele concelho, o qual já possui cinco centros de instrução, sendo por isso um dos concelhos do país onde ela mais desenvolvida se acha.

A sociedade n.º 10 prestará tambem as suas provas finais, havendo nêsse dia bastantes premios para os numeros desportivos a que, além dêsta sociedade, concorrem os mancebos dos nucleos de I. M. P. do concelho de Cantanhede.

A sociedade n.º 10 bivacará nêsse dia em Cantanhede e serão os proprios mancebos que cosinharão o rancho da tarde no campo.

Deve ser um dia que ficará bem gravado no espirito do povo de Cantanhede.

Para diretor da carreira de tiro já está nomeado o sr. tenente de infantaria, José Arede Santa, oficial que tem posto toda a sua inteligencia e dedicação no desenvolvimento da I. M. P. da sède do concelho, pelo que já foi louvado pelo sr. Inspétor de Infantaria da 5.ª Divisão, quando este foi inspécionar a I. M. P. a Cantanhede.

Aos assinantes em debito

Pedimos aos nossos presados assinantes e anunciantes do concelho, o favor de mandarem satisfazer os seus debitos nas seguintes localidades:

Abrunheira, ao sr. Julio Neves da Costa.

Arazêde, Antonio Ismael da Cruz.

Montemór, Secretaria da redacção.

Alhadas, Antonio Lopes Anadio.

Caldas da Amieira, José Alves Aldeias.

Sant'Ana, Pereira Lago.

Pereira do Campo, Azuil Paiva de Carvalho.

Jornal de Coimbra

Completou mais um ano de existencia este nosso colega da capital do distrito, a quem felicitamos cordialmente.

Alice Oliveira,

aluna externa do 5.º ano de piano do Conservatorio e com o curso de musica: léciona, em sua casa ou dos alunos, como se convencionar.

RUA DO SUB RIPAS, 10
COIMBRA

Oliveiros Braz Machado

Em viagem de recreio partiu para o Luzo, passando algum tempo no Bussaco, seguindo para a Curia com o seu amigo Costa Lebre que o acompanhou até Oliveira de Bairro. Dai seguiu para Ovar, Espinho e Porto onde o bispo, rev.mo D. Antonio Barroso lhe ofereceu aposentos durante o tempo que lá residir, emquanto não realisa o contracto para a impressão das suas peças *O Amôr e Remorso* e *Sublime Vingança*. Segue depois para o Minho, voltando estar umas semanas na Beira, indo passar o resto das ferias com sua familia no Algarve.

Errare humanum est

E' aforismo que, á força de repetido, faz parte dos poucos ou muitos cabedais ainda do pôvo rustico. E' proprio de todos o errar, e é de lamentar que o *lamentavel esquecimento* do *Dever*, em não referir a marcha luminosa que precedeu o baile do rancho «Formosas do Mondego» na noite de S. João, não seja *lamentavelmente* suscétivel de dar-se.

Lamento tambem o tal *lamentavel esquecimento*, porque, francamente, sr. director, um facto dêstes, que constitui o *lamentoso* orgulho de um rancho, não deve ser olvidado.

Eu sei que v. não o fêz por acinte, e tanto que acorreu em publicar a carta *lamentavel* do sr. não menos *lamentoso* Castanheira. Creia que me excitou uma grande hilariedade; e nem podia ser doutra fórma, razão porque me ocorreu o rifão dos antigos latinos com que encimo estas desarrasoadas linhas que lhe envio. Espero que não as *lamente*.

Um imparcial.

Tambem nós lamentamos que o assunto se vá prolongando, bem contra nossa vontade. Não é bem um anónimo o sinatario da carta que ai fica, antes para nós é uma criatura muito querida e muito conhecida. E se não fôra a grande estima que por ela temos, não lhe inseriamos as suas considerações, que poderiam dar logar a duvidas e despeitos para nós aliás melindrosissimos.

Pedimos, entretanto, que tudo fique por aqui, pois não nos será agradavel ter que desatender alguem mais que se nos dirija sobre o mesmo têma.

A Guerra da Europa

Porque é que a Grã-Bretanha se acha em guerra. — Causas e seus efeitos

Exposição sumaria da correspondencia diplomatica e discursos ministeriais

(CONTINUAÇÃO)

A questão da Belgica

A este acto, «Gladstone então e sempre, ligou a maior importancia». «Não nos parece que seria justo», disse ele, «quando mesmo fosse seguro, anunciar que em qualquer circunstancia permaneceriamos de braços cruzados vendo cometer actos que equivaleriam á extinção completa do direito publico na Europa». «Não me parece que poderiamos assistir impassiveis emquanto se estivesse consumando o sacrificio da liberdade e independencia». «Ha tambem ainda a considerar, o que todos devemos sentir profundamente e isto é os interesses comuns contra o desmesurado engrandecimento de qualquer potencia que seja».

A mesma questão enfrentou o governo de Mr. Asquith em 1914 que a encarou sob o mesmo ponto de vista. Em 31 de julho, Sir Edward Grey —em vista dos tratados existentes, perguntou á França e Alemanha «se estavam preparadas a comprometer-se a respeitar a neutralidade da Belgica, desde o momento que nenhuma outra potencia a violasse». No mesmo dia «presumiu» ele em uma comunicação á Belgica, «que o Governo Belga defenderia a sua neutralidade até ao maximo da força». A Belgica em resposta «esperava e desejava que as outras potencias observassem e sustentassem a sua neutralidade que ela tencionava manter até ao maximo da sua força». A França imediatamente deu a Sir Edward Grey a promessa desejada. A Alemanha não deu resposta alguma.

Em 3 de Agosto, a Alemanha dirigiu um ultimatum á Belgica dizendo que seria tratada como inimiga, a menos que consentisse na violação do seu territorio. A Belgica «recusou categoricamente fazel-o como flagrante violação do direito das gentes» e o Rei dos Belgas apelou nos seguintes termos para o Rei Jorge. «Lembrando-me das numerosas provas de amizade de Vossa Magestade, da dos vossos predecessores e da atitude amigavel de Inglaterra em 1870 e á prova de amizade que novamente acabais de nos dar, faço um soléne apelo para a intervenção diplomatica de governo de Vossa Magestade para a salvaguarda da integridade da Belgica».

Em 4 de Agosto o governo Britannico dirigiu um ultimatum á Alemanha dizendo que a menos que pela meia noite ela desse uma resposta satisfatoria á pergunta feita em 31 de Julho. «O governo de Sua Magestade ver-se-hia compelido a tomar todas as providencias ao seu alcance para sustentar a neutralidade da Belgica e o cumprimento de um tratado, de que a Alemanha compartilha tanto como nós». A Alemanha não deu resposta, excéto violando pela força o territorio Belga e por consequencia a Inglaterra declarou guerra.

(*Continúa*).

Sir Edward Cook.

CORRESPONDENCIAS

Quiaios, 3 de Julho

(*Retardada*)

Um tal snr. João Braga, natural de Vila Franca do Ervedal (Beira-Alta), movido talvez pela tradição, abandonou por alguns dias o seu sertanejo logar e veio por aí abaixo até á Figueira, disposto, claro está, a tomar o respétivo banho santo na noite de S. João. No dia seguinte, dispoz-se a ir passear ao Cabo Mondego. No regresso, porém, alheio ao local, devia retomar a estrada em direcção a Buarcos, o que não fez e, contrariamente, enveredou por um atalho que segue para a Mata Florestal, por onde caminhou ao acaso durante o dia, vindo á noite parar proximo a esta vila. Depois de lhe serem prestados alguns auxilios, seguiu para aqui, onde então manifestou a sua gratidão em termos bastante lisongeiros. Pena foi que, apoz isto, alguns discolos para quem a educação é uma palavra destituida e vã, o molestassem com injurias e improperios. No dia imediato seguiu de carro para a Figueira, na companhia dum seu cunhado que aqui o veio procurar. Pobre homem! o quanto devia ter sofrido, não só com as atrocidades da sua errante digressão, mas tambem pelas pouco afétuosas amabilidades com que o mimosearam alguns ignorantões!?

== Revestidos duma extrema popularidade, realisaram-se com inexcedivel brilho os festejos a S. João, tão venerado pelas môças solteiras que lhe estimulam a sua fé ardente em preitos esfusiantes de alegria e folgança. Que o milagroso santo, em retribuição, lhes demôva o coração desses môços d'olhos fundos e sonhadores, unificando-os aos seus.

== Encontra-se melhor dos encomodos que ultimamente lhe abalaram a saúde, o menino Manuelsinho, diléto filho do snr. Antonio Mariano, digno ajudante do posto de Registo Civil.

== A assistir ás festas, tivemos o prazer de aqui abraçar o nosso dedicado amigo da Tocha, snr. Manuel da Silva Henriques.

== Tambem aqui esteve o snr. Adelino dos Santos, considerado comerciante em Ferreira-a-Nova.

== Egualmente aqui vimos o snr. Francisco Manhoso, zeloso empregado dos correios, na Figueira da Foz.

F. F. de Carvalho.

Bom Sucesso, 3 de Julho

(*Retardada*)

Por ocasião da recente vinda á Figueira do snr. Ministro do Fomento, ventilou-se, entre outros trabalhos de inadiavel realisação, o da continuação da estrada de Mira, ha anos paralisada proximo á povoação da Cova da Serpe, deste concelho.

Oxalá a lembrança passe a vias de realisação, porque, tão importante e util obra, melhoraria bastante a vida economica destes povos que por aqui jazem isolados, sem comunicação alguma viavel.

== Regressou do Brazil, onde exerceu, conceituosamente, a vida comercial, o snr. Manuel da Silva Aires.

Apresentamos-lhe cordeais boas-vindas.

== De passagem para Quiaios abraçámos aqui o nosso bom amigo Joaquim da Silva Saltão, proprietario duma acreditada sapataria na Tocha.

Folgámos em vê-lo.

== Projeta-se para breve uma pesca na nossa encantadora Lagôa, na qual tomarão parte alguns estudantes nossos amigos, de Quiaios.

E' de prevêr lanços de abundante pescaria, demais, que o arrais será o snr. Manuel de Figueiredo...

Xico.

O DEVER

SEMANARIO DEFENSOR DA UNIÃO DA FAMILIA PORTUGUEZA

Assinaturas

(Pagamento adeantado)

Trimestre	0$32
Semestre	0$62
Ano	1$22
Continente e Africa	
Trimestre	0$35
Semestre	0$65
Brazil e Africa Oriental	
Ano	2$00

Numero avulso, $04

Publicações

Comunicados, 0$06 a linha; anuncios, na 1.ª pagina 1 vez, 0$10 a linha; na 2.ª, 0$80; na 3.ª e 4.ª, 0$06. Repetições, metade d'este preço.

Por mais de um mez, preço convencional.

Selo, cada publicação, 0$01.

Os assinantes teem desconto de 25 0|0.

Não se aceitam informações anonimas nem se restituem originaes, quer sejam ou não publicados.

Editos de 30 dias

(2.ª *publicação*)

NO Juizo de Direito de Montemór-o-Velho, cartorio do terceiro oficio e no inventario por obito de Antonio Joaquim de Jesus e no qual é cabeça de casal a filha Maria de Jesus, da Cabeça Grande, correm editos de trinta dias a contar da ultima publicação deste anuncio, citando para todos os termos até final deste inventario os interessados João de Jesus, casado, e Manuel de Jesus, solteiro, maior, ausentes em parte incerta no Brazil.

Montemór-o-Velho, 29 de junho de 1915.

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito,

Amaral Pereira.

O Escrivão,

José de Paiva Bobela Mota.

Companhia Geral de Credito Predial Português

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

Séde Social: Travessa de Santo Antonio da Sé, n.º 21

LISBOA

Esta Companhia realisa actualmente emprestimos hipotecarios a longo praso, cujo encargo, compreendendo juro, comissão, amortisação e depreciação dos titulos, é inferior a 7 °|0, tendo os mutuarios a faculdade de antecipar os seus emprestimos, total ou parcialmente e em qualquer época, em dinheiro ou em obrigações da mesma taxa e tipo das que fôram entregues no acto do contrato. Recebe e guarda nas suas magnificas **Casas fortes** quaisquer papeis de credito, encarregando-se de receber os respectivos juros.

Pedir esclarecimentos a Fernando da Silva Coelho Pessoa — Montemór-o-Velho — ou diretamente á Séde da Companhia.

EDITOS DE 30 DIAS

(2.ª *publicação*)

NO Juizo de Direito de Montemór-o-Velho, cartorio do terceiro oficio e no inventario orfanologico por obito de José Pereira de Carvalho, em que é cabeça de casal a filha Maria Dias Ferreira, da Cabeça Grande, correm editos de trinta dias a contar da ultima publicação deste anuncio, citando para todos os termos até final do mesmo inventario os herdeiros João Gomes Camaleiro, casado, e Joaquina Dias Ferreira e marido José da Cruz e Sousa, ausentes em parte incerta no Brazil.

Montemór-o-Velho, 29 de junho de 1915.

Verifiquei a exactidão:

O Juiz de Direito,

Amaral Pereira.

O Escrivão,

José de Paiva Bobela Mota.

AGUA DE LUSO -- Cura pela Diurése

(ESTABELECIMENTO TERMAL E HOTEIS ABÉRTOS TODO O ANO)

A mais diurética e mais digestiva. Aumenta a diurése, regularisa as funções digestivas e ativa os fenómenos nutritivo

Muito radioativa—4,49 miligramas—minutos
Muito ionisada, resistividade a 18° 18300 ohms
Muito rica em gazes raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotonica, ponto criospico 0°,04

Conclusões da analise feita pelos distintos professores Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitissimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tifico

USO EXTERNO—Molestias de pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc,), reumatismo e gôta.
USO INTERNO—Artritismo, impaludismo, neurastenia—Albuminuria, diabetes—Intestinos, estomago—Rins—Bexiga.

Depositos -- **LISBOA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros. 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 428. FUNCHAL, José Quirino de Castro, rua dos Murças. AFRICA ORIENTAL: Oswald Offmann. BEIRA: F. L. Simões & C.ª. LOANDA: Beltrão, Pena & C.ª**, e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositarios nas terras onde ainda os não haja.

Portugal Previdente

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima — Responsabilidade Limitada

Capital **UM MILHÃO** de Escudos

SÉDE — RUA DO ALECRIM, 10 — LISBOA
N.º Telef.—1849 End. Teleg.—VIDA

Seguros contra incendios de predios, fabricas, etc.
Seguros de estabelecimentos e mobiliarios.
Seguros agricolas de ceáras, eiras, palhas, arvoredos, etc.
Seguros de maquinas e utensilios de lavoura.
Seguros contra incendio proveniente de gréves e tumultos.
Seguros de transportes maritimos e postaes.
Seguros contra roubo de habitações e estabelecimentos.
Seguros contra fraude de empregados.
Seguros contra a quebra de cristais.
Seguros de vida, pensões, dotes e reformas.
Seguros contra acidente de trabalho.

Agencias em todas as terras importantes do paiz, ilhas e colonias.

Sucursal no PORTO — Rua Passos Manoel, 21.

BANQUEIROS—**Borges & Irmão**—Porto e Lisboa

Antonio Pereira de Carvalho

Proprietario dos Grandes Armazens de Bicicletas, Maquinas de Costura, Pianos e toda a qualidade de acessorios.

A maior e mais antiga casa no genero

Oficina para todos os concertos, afinações e reparações em bicicletes, motocicletes e maquinas de costura.

Artista mecanico habilitado.

Vendas, alugueis e trocas.

Preços sem competencia

34—Avenida Navarro—36

(Estrada da Beira)—COIMBRA

Companhia de Seguros A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz

Antonio d'Oliveira Guerra

RUA DA REPUBLICA, 84

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem deposito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se tambem de fazer esculturas, bustos em pedra, barro. gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fóra de Coimbra

FABRICA DE CAL

Cal fina e grossa, fornece-se em muito boas condições. Preços modicos, sobre o wagon, no caminho de ferro e nos proprios fornos.

Agente de telha tipo marselha e tijolos de todos os formatos, da fabrica Lacerda, Figueiredo & C.ª Limitada, da Pampilhosa.

Pedidos a

Joaquim F. Coca Junior
Zambujeiro—Arazede

AOS AGRICULTORES

Sendo agora época de sementeiras de milho, feijão, abóbora, etc., será conveniente aplicar os bons adubos e purgueira da afamada casa *Varela, Leal & C.ª*, das **Varzeas**, que se encontram **á venda em casa de Manuel Monteiro Godinho**, com deposito no **Casal do Gaio, Arazêde.**

Restaurante Ferro-Viario ALFARELOS

ESTE bufete, um dos que melhor servem o publico que transita nos comboios, acha-se situado na estação do caminho de ferro de Alfarelos. Fornece almoços, jantares e *lunchs* e toda a qualidade de refeições, por preços comodos.

Tem pessoal habilitado, tanto em cosinha como em serviço.

Tudo se encontra com esmero e perfeição.

Fornece comida para fóra, e presta-se a servir em casamentos, batisados, etc., desde que seja prevenido com antecipação.

O proprietario, **Artur de Oliveira Coelho.**

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legitimos acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de fórma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamavel, isca em cordão vendida fraudulentamente a titulo de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva acção civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa ao Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações ñdedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalisação para procederem ás necessarias diligencias. Dirigir-se pessoalmente ou por carta á Companhia Portuguêsa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS MELO & MARTINS

PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada

PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiencia dos nossos adubos, devido ao seu magnifico resultado os adoptarão de preferencia a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

SEGUROS CONTRA INCENDIO

incluindo riscos de explosão de gaz e raio.

Seguros contra incendio cobrindo tambem os riscos de gréves ou tumultos (portaria de 14 de Março de 1914).

SEGUROS CONTRA INCENDIO cobrindo ainda os riscos de guerra (portaria de 30 de Novembro de 1914).

Unica companhia autorisada a segurar os riscos de guerra nas apolices de incendio

Seguros contra incendio e roubo E' tambem A MUNDIAL a unica Companhia autorisada a emitir uma apolice cobrindo os dois riscos.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital — Esc., 500:000$

(500 contos)

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmão
Praça da Liberdade, 138 — Telefone 1459

Agencias e Delegações em todo o paiz, ilhas e colonias.

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro

PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex.mos passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.

Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA

Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.

PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações

Deposito das afamadas aguas de Luso.

Guilherme dos Santos Pinto & Irmão

COM

OFICINA DE CANTEIRO

Encarregam-se de jazigos de toda a especie e todo o serviço concernente á sua arte.

Tambem executam todos os trabalhos que digam respeito a *Plantas, Alçados, Copias, Projectos e orçamentos de edificios, edificações, etc.*

Montemór-o-Velho=Verride

Biblioteca da Universidade
Coimbra

Ano 4.º — Montemór-o-Velho, 25 de Julho de 1915 — N.º 179

DIRECTOR, PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR
Almeida Junior

SECRETARIO DA REDACÇÃO E EDITOR
Abel M. de Melo Brandão

REDACTOR PRINCIPAL
Mário Augusto Mota

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguêsa

Pátria e Humanidade

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Dr. José Galvão
MONTEMOR-O-VELHO

DIRECÇÃO:—COIMBRA
(para onde deve ir a correspondencia)

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. Silva (a vapor)—AVEIRO

Questões de ensino

Acabo de lêr um livro, intitulado *Acção*, do snr. Vidal Oudinot, ex-professor primário e atual inspector escolar no Porto.

Merece ser lido e ponderado por todos os professores, por todos os vereadores dos nossos municipios que tenham à seu cargo o pelouro da instrução e por todos os pais que se interessem a valer pela educação de seus filhos.

E para que o leitor não possa duvidar da imparcialidade da minha opinião, vou apresentar um trecho, duplamente comovente, extraído, ao acaso, dentre a prosa atraente e substancial do belo livro, já citado.

E' claro que só quem lêr o livro todo o poderá apreciar condignamente.

Ei-lo:

A semana passada uns miléssimos de cloreto de sódio, por duas vezes, afloraram ao canto dos meus olhos — por duas vezes e por dois motivos diversos—a sensação duma inesperada alegria, e as lagrimas duma pobre professora.

Cêtos é uma aldeola de casas cobertas de colmo e cujas paredes de granito, escurecido pelo tempo, se confundem perfeitamente com a montanha formidável, em que assenta — o Caramulo. Perdida no meio da serra, ninguem a vê das estradas—e nem sei quem foi o caridoso que se lembrou duma escola para ali. Abençoado seja.

Eu tive dó da pobre menina, quando, depois de ter tomado posse, me pediu informações da região.

Uma lágrima teimosa humedeceu-lhe os olhos—e lá foi resignada e triste com a visão da tenebrosa viagem por entre blocos de granito, onde a giesta e a carqueja, nos intervalos minúsculos, vegeta a custo.

Dias depois fui a Castro Daire — linda vila alcandorada na montanha e onde recebi tão gratas homenagens — e ali soube que Cêtos — a tal aldeola perdida na serra, onde a civilisação (?) não entrára, recebera a sua professora por entre arcos de verdura, ruas varridas por mãos carinhosas e a gentil mestra sempre coberta de flôres pela pequenada, garridamente vestida. E, como não havia foguetes nem musica, os homens disparavam as armas para o ar e entoavam berros de alegria, saídos de fortes peitos de serranos portuguezes.

Ora, quando me contavam este caso, tão estranho que parecia ocorrido no Japão, os olhos encheram-se-me de lágrimas e de boca escancarada, berrei:

— Será Cêtos a unica terra civilisada do meu país?

S. João do Campo, 10 de Julho.

Prof. P. de C.

José Simões Pessoa

Passa hoje o aniversario natalicio deste ilustre filho da Carapinheira e nosso estimadissimo assinante.

Ha individualidades que, por mais que a modestia exorne o seu caracter, por mais que procurem afastar-se da multidão que as venera e ama, lhe não é possivel passarem desapercebidas. Está neste caso o prestimoso cidadão, snr. José Simões Pessoa.

E' que o nosso amigo, possuindo uma alma nobre e um caracter integro, soube, toda a sua vida, conquistar quantos com ele trataram, não se poupando a sacrificios para socorrer quem á sua grande generosidade se acolhesse. Como vereador do nosso municipio, ele fez parte de várias comissões camarárias juntamente com outro grande cidadão, cuja memoria saudosissima todo o país respeita e acaricia—o saudoso snr. Macedo Soto Maior, do Amieiro.

Simões Pessoa salientou-se sempre pela sua assiduidade ás sessões da Camara e pela correcção e distinto porte com que se apresentava.

Foi sempre muito querido de todos, ricos e pobres, e gosou em todo o nosso concelho dum renome saudavel e duma simpatia e respeito invulgares.

Hoje, com magua o constatamos, o nosso presado amigo já raras vezes sae do seu lindo solar da ridente Carapinheira, uma das mais formosas e interessantes aldeias que o nosso distrito possue entre a sua capital e Figueira da Foz.

E' com grande satisfação que, no dia de hoje, que nós desejamos que se repita por largnissimos anos, lhe vimos trazer as nossas saudações sinceras, os nossos abraços estreitos de veneração e respeito.

CRÓNICA DE LISBOA

E' mania ou pedantismo, este costume que se nos depara permanente, da discussão sobre tudo, da opinião sobre qualquer problema. O *chacun sou métier* é bem um galicismo e o *cada um no seu oficio* é uma frase chã e arcaica que a multidão portugueza dos super-homens esqueceu, como esquecem todas as velharias que tresandam a bafio e fôram inscritas no rol avolumado das inutilidades. A aspiração latente do portuguez, a preocupação super-rubra do *parvenu* que, á porta da Havaneza, do Gêlo ou da Brazileira, agita a *badine* com ar petulante, fixando as damas que passam, atravez da sua luneta sem grau ou do seu monoculo de vidraça, sorrindo ao mesmo tempo que as cumprimenta num gesto exagerado, levando o chapeu quasi ao solo, é a pele de leão do Larousse para a exibir no *five ó clock tea* das Alves, ou no tango do Zoologico, emquanto conversa com os amigos.

Nessas ocasiões ele sae fóra de si. Conversa, cita, discute, alude, gesticula, toma calôr e esbarra. E' sciencia de cordelinho e, se, na fôrça da discussão a sciencia não parte, o cordelinho, fragil esparto que não póde arcar com grandes responsabilidades, rebenta e estatela o *parvenu* que se lhe apoiava. Estala a gargalhada dos sizudos e circunspectos, que se domavam a si proprios para não protestar contra Calino. Mas, o homem que pertence á escola estoica, impassivel, como se tivesse conquistado um *fauteil* na Academia, sorri com o ar superior dum *futurista* incompreendido e torna á carga no dia seguinte porque... porque tem quem o ouça.

Já disse alguem que ha imbecis que outros imbecis admiram, e os pseudo super-homens, animaes da nova fauna, Linneus de si proprios, encontram sempre quem lhes abra os braços e lhes escreva os nomes no capitulo dos «genios».

O exibicionismo tornou-se uma monomania, e, talvez, se fosse possivel fulminar Gravoche, o ironista mais sangrento de todos os tempos, esta especie havia de procurar a fórma de se tornar conhecida em toda a parte, de ter habitos dum esquisito relêvo que fulminassem o vulgo pela singularidade e de começar sempre com a frase desdenhosa, já muito em voga:

— A escumalha, a ralé, coitada...

Respira-se, pois, neste burgo, noutras eras de marmore e de granito, e, atualmente, de poeira e de ambição, uma atmosfera tresandando a enciclopedia, a sapiencia e a pedantismo. A essencia que exala o odor da ultima é a unica de pureza indiscutivel. As outras, oh! as outras, assentaram arraiaes nos bancos dos liceus e no fim de sete anos, encostavam-se a influencias conselheiraes para obterem media no primeiro. Alguns professores, tendo no mais alto conceito os grandes espiritos, retardavam sempre a hora de separação. Taes luminares honram uma catedra e elevam uma reputação!

O professorado honrado e digno é inacessivel á *pedincha*, o cartão de benevolencia é retribuido de pesames, a visita dum protector á catedra é a desilusão radical do que se pretende.

Desiludidos, pois, lançam-se na vida. A luta é-lhes necessaria. A luta cruel, a luta desleal! O empenho e a intriga são os seus melhores escudos. O primeiro nomeia-o, e o segundo promove-o. Se a sua capacidade mental não lhe serviu para se distinguir perante os compendios, ao menos, ha-de chegar-lhe para rastejar, para demonstrar a sua baixeza de romano do Suburra. Arredam-se as competencias, chacinam-se as vocações, tritura-se a dedicação, esmaga-se a inteligencia e no fim dessa serie de crimes, consegue-se a palma de triunfo, porque se obtem o que se não merece, mas o que se pretende. Ha olhares espavoridos que não compreendem o milagre, ha amigos boquiabertos que se julgam num sonho excessivamente fantasista, ha competidores fulminados pela injustiça que se sentem transportados para a antiguidade, em que a vontade dos deuses era soberana, mas a realidade é evidente. O *nulo*, o irmão gemeo do *zero*, sorri altivo, satisfeito, corresponde aos parabens com um *era natural* e contempla o desanimo do que, honrado e probo, inteligente e sabedor, se votou á luta esperando o justo triunfo, compensador do seu esforço. Vê-lhe lagrimas de raiva, lê-lhe nos olhos o odio aos que, dirigindo, deviam ser justos e segue sem córar e caminha sempre altivo. Eis aqui, pois, um quadro duma sociedade putrefacta.

O reclame e o empenho continúa a ser a grande mola. O pedantismo quer ser grande. A gente de valor é dum numerario restricto e não é da que orienta e justicia. O *parvenu* que rasteja, guinda-se, o *parvenu* que se enciclopedisa, eleva-se e se fôr um perfeito actor, temo-lo ámanhã a dirigir os destinos de uma sociedade, casado com uma rica herdeira e prégando a morte para os nulos. Veja você o parlamento...

— A proposito, atalhamos nós que ouviamos esta pasmosa verbosidade dum nosso amigo, á meza do Martinho, em frente dum copo de *Pilsner*, que faria você se lhe cometessem a empreza de modificar este estado de coisas?

FÁSES DA VIDA

Era béla, graciosa, olhar doce, fagueira;
pobre, mas diligente, honrando seu labôr...
—alva e loira, lembrava... uma flôr verdadeira:
branca rosa—do sol beijada com amôr!

E' a sorte porém instavel, passageira...
ao tomar novo estado,—outra vida... outra côr...
—a face de setim, de rósea côr ligeira,
desmaia qual no inverno a tenra, linda flôr!

Veiu a doença então, veiu então a miseria...
semanas em que falta a minguada féria...
—o triste desfilar do cortejo do Mal!...

... Chora o seu coração saudades do passado...
—não seria feliz... mas jamais a seu lado
vira o espectro da Fome; e hoje... sente-a afinal!.

Montemór-o-Velho, julho de 1915.

J. Neves.

—Um gesto unico. Comprava uma grande caixa de pós de *Keating* e despejava-a, de subito, na sala de S. Bento!

D. L.

Dr. Afonso Costa

Proseguem, com animadoras esperanças, as melhoras deste ilustre homem de Estado.

Folgamos e fazemos ardentes votos para que o snr. dr. Afonso Costa em breve retome o seu posto de combate, dentro o fóra do Parlamento.

HIGIENE PUBLICA

A população duma vila correndo perigo de infécionar-se.—Um Estado dentro doutro Estado—O desleixo burocratico — Palavras e... mais nada

Esta vila, enorme pela sua historia, pacifica por temperamento e educação de seus filhos, foi votada, não sabemos porquê, ao mais condenavel dos abandonos por parte dos poderes constituidos. Antigamente, havia o habito de se não acreditar em nada, por mais que os prometimentos surgissem por parte dos homens da monarquia, tão manifesta chegou a ser a descrença popular em coisas de politica local. Agora, que estamos na vigencia dum regime novo, sonhado e apetecido como salvador de tudo, parece que a descrença é precisamente a mesma, de tal sorte nos vão acostumando a esperar e enchendo os ouvidos de promessas sorridentes.

Se não, vejamos o que se está passando com a limpeza das aguas da vala publica que atravessa o coração da nossa terra muito amada. Tem sido pedidas providencias, por varias vezes e a diferentes estações superiores, e é revoltante, com franqueza, que ainda nos encontremos na contingencia duma epidemia geral, tal é a porcaria ali acamada em toda a extensão do imundo charco, que é uma vergonha, que é um perigo permanente, sobre ser um verdadeiro monstro sob o ponto de vista estético.

Se a Direção dos serviços Fluviaes e maritimos não tem verba, como parece fazer acreditar, tem o dever de procurar os meios mais rapidos e eficazes para que termine este cáos, a fim de evitar que o povo, justamente indignado, vá em massa á repartição competente reclamar aquilo a que tem jus—o saneamento de tão repugnante fóco epidémico, que está sendo um perigo, ou, antes, uma verdadeira calamidade muito comprometedora do bem estar de quem habita nas suas margens, que o mesmo é que dizer de toda a vila de Montemór.

Este estado de coisas não póde prolongar-se.

E, se dentro em breve, não forem tomadas providencias no sentido de se acabar, para moralidade de quem manda, com esta periclitancia da saude publica, que é necessario cuidar ainda mesmo tendo em vista os mais rudimentares deveres de humanidade, não nos admiraremos se surgirem complicações que possam comprometer a tranquilidade desta pacata população, laboriosa e prestimosa.

Providencias, pois.

Monteiro da Costa

Está na Curia, fazendo uso das aguas daquela afamada estancia balnear, este prestimoso vereador municipal, e nosso presado amigo.

O snr. José Antonio Monteiro da Costa, que representa a freguezia da Carapinheira, tem sido incansavel para dar ao concelho o concurso do seu valimento.

Regressará no fim do mez.

Cumprimentamo-lo.

Retirou na quinta-feira ultima para Lavos, a snr.ª D. Maria da Silva Vaz, gentil filha do snr. Manuel Vaz, que aqui se achava desde as festas de S. Pedro.

D. Julia de Carvalho Mamede

Encontra-se ha mezes muito doente em Coimbra, inspirando sérios cuidados aos seus, a snr.ª D. Julia de Carvalho Mamede, virtuosa esposa do nosso ilustre amigo, snr. João Paes da Cunha Mamede, inteligente escrivão de direito nesta comarca, devendo partir por estes dias para a Serra da Estrela em busca de alivios.

Que regresse em breve completamente restabelecida, é o que do coração desejamos á bondosa senhora e a sua extremosa familia.

Pedido de casamento

Foi ha dias pedida em casamento pelo snr. João Caetano da Piedade, de Coimbra, sendo zeloso empregado na companhia das Aguas e Gaz da mesma cidade, a snr.ª D. Justina da Conceição Oliveira, gentil sobrinha do snr. Joaquim Augusto d'Oliveira Neves, ilustrado e distinto colaborador deste semanario.

Secção de Variedades

Ele não vae para nenhuma festa

Na freguezia do Louriçal, deu-se ha meia duzia de anos o caso muito original e engraçado seguinte;

Tendo falecido num logar sertanejo daquela grande freguezia um homem remediado de bens, um seu parente foi ao seu enterro e vendo que o defunto estava descalço e já no caixão, proximo a partir para a sepultura, dirigiu-se á viuva e censurou-lhe que ela deixasse ir para a sepultura o seu marido, sem levar sapatos. Ela respondeu-lhe que os sapatos eram novos e eram mal empregados irem para debaixo da terra. Ele continuou a instar com ela para que desse os sapatos, e ela vendo que ele não desistia, foi busca-los a uma arca onde os tinha arrecadados e parte a fugir com eles. Ele corre atraz dela, gritando que lhe desse os sapatos, e ela respondia: — são novos, são mal empregados. Ele continuou a correr, e ela disse-lhe por ultimo, sumindo-se num bosque: — não os dou, *porque ele não vae para nenhuma festa!!!*...

IMPOSSIVEIS

Um creado dizer bem do seu amo.

Uma viuva nova ter boa reputação.

Fazer calar a bôca ao mundo.

Uma mulher guardar segredo.

E um poeta ter dinheiro.

Uma verdade

A decadencia dum imperio começa no momento em que a opressão é assaz poderosa para forçar a justiça ao silencio.

Entre damas

Duas damas, com suas frequentes galanterias, altercavam ao jogo. Um cavalheiro aproximou-se delas e perguntou-lhes: — pelo que jogam vossas ex.as?

— Pela nossa honra, cavalheiro.

— Mas fazeis tanto barulho por tão pouca coisa?!...

Rancho "Formosas do Mondego,,

Segundo a sua deliberação, tomada em reunião da assembleia geral, na quarta-feira, 21 do corrente, este simpatico grupo dançante vae no dia 8 do proximo mez de agosto á Figueira da Foz, exibir as suas lindas canções na bonita e pitoresca mata da Misericordia da mesma cidade, para o que os seus pares já se andam preparando com o maior entusiasmo.

Impressões dum "pic-nic,,

Nada mais salutar e agradavel do que aspirar, a largos haustos, o ambiente finissimo déstas manhãs macias, d'estio, em plêno campo, ou sob a sombra protétora das arvores, quando já o sol vái alto... Foi o sr. Joaquim Jorge da Silva quem, compreendendo isso, quiz proporcionar a sua ex.ma familia e a alguns cavalheiros daqui, um passeio pelo nosso fertil campo até ao Mondego, que o margina. Esse passeio realisou-se no preterito domingo, e a ele assistiram as senhoras: D. Etelvina Jorge da Silva, D. Maria José da Silva e sua gentil mãna D. Piedade, D. Laura da Graça Ribeiro, e os snrs.: Ioaquim Jorge da Silva, Carlos A. Galvão Simões, Ernesto da Costa Coelho e o autor déstas linhas.

O dia estava esplendido; no céo, dum puro azul, não se via uma nuvem,— par'cia que a natureza estava em festa; apenas o sol se elevava quente e penetrante, embora temperado por uma brisa que soprava suavemente...

O tempo apresentou-se, pois, tão bonito, que o passeio, para lá, fêz-se a pé.

As senhoras sempre muito alegres, caminhavam despreocupadamente, conversando, rindo, gracejando, até que, esgotado parte do seu gentil e galante reportorio, começaram por implicar com o sol, o qual, de proposito, fazia incidir sobre elas — envolvendo-as num amplexo furtivo — os seus raios dourados de fôgo...

Os cavalheiros — esses davam, tambem, largas ás suas veias humoristicas e folgazãs...

Deixámos o *passo-nivel* do apeadeiro de Revéles e entrámos finalmente, no campo; seguindo por uma larga estrada, cheia de poeira e orlada de choupos e eucaliptos, formando excelente sombra,-muito de apreciar, — chegámos á margem esquerda do Mondego formando ali uma extensa *mota* e estendendo-se para um e outro lado, até se perder de vista... Seguimol-a, pois, para baixo, e enquanto apreciavamos a uberdade do sólo e a feracidade da vegetação,—avistámos mais adiante, numa extensa claridade, a quinta da Golêta onde devia ser saboreado o almôço, e dali a poucos passos erguia-se, festivamente, o mastro duma embarcação, suavemente balouçada pelas ondulações das aguas do rio: — era o barco do *Zé Caldeira* que nos esperava já...

Chegámos, finalmente, ao ponto «terminus» do passeio, com grande gáudio dos estômagos que tinham começado já os seus energicos protestos. Imediatamente abancaram todos a uma mesa portatil — uma esteira — e depois do almoço, que foi abundante e suculento e comido com bom apetite, deu-se um passeio pelo rio, pescou-se... e, por fim, aí por volta das 18 óras, estremamente cançados não só pela fadiga da pesca, que foi abundante, como ainda pelo calôr excessivo, tropical — desembarcámos e esperámos, estenuádos, pelos meios de transporte. Entretanto reanimavamo-nos jogando varios jogos, com a protéção da sombra duma enorme figueira, até que, a certa altura, ouviu-se o ruido semelhante ao que costuma fazer um *esquadrão de cavalaria*: era a burricada que aparecia para nos conduzir. Sem perda dum só momento, cada qual montou o seu «gerico» e, num dado momento, encontravamo-nos na Abrunheira. O regresso foi, pois, muitissimo mais comodo, jocôso e rapido.

Foi, emfim, por todos os motivos, um passeio que deve ter deixádo gratas recordações a todos quantos a ele assistiram.

Por nosso lado, mais uma vez agradecemos ao snr. J. Jorge da Silva a amabilidade do convite com que nos distinguiu.

Abrunheira, 21-7-15.

E.

O NACIONAL

E' este o nome de um novo papel — *cemiterio de moscas* — preparado pelo nosso querido amigo e companheiro de redação, snr. Abel Brandão, farmaceutico muito acreditado e que, neste seu invento, mais uma vez provou as suas grandes qualidades de inteligencia e de trabalho.

O Nacional é um papel que, não contendo substancias toxicas nem cheiro desagradavel, é, contudo, um preparado de efeitos muito seguros e rápidos, pois em poucas horas mata centenares dos enfadonhos e perniciosos insectos a cujo exterminio se destina, podendo, portanto, rivalisar com os seus congeneres.

Vende-se na farmacia do autôr, pelo modico preço de $01,5 centavos a folha e $16 a duzia, 15 réis e 160 respétivamente.

Recomendamo-lo aos nossos presados leitores.

CARTA DA ABRUNHEIRA

20—7—915.

Não ha maneira!...

Assunto para correspondencias semanaes, para *O Dever*... nem meio!...

Um destes dias diz-me um amigo:— Você tinha um belo meio de escrever para todos os numeros de *O Dever*.

— Qual é? perguntei.

— Era responder áquela senhora que tambem respondeu no *Dever* á sua carta que falava no ninho que os rapazitos tiraram. Tinha você aí um assunto lindo!

— Oh! meu caro, isso não é para mim. Aquilo quere outras unhas. Quere outras unhas e outra pena! Sabe o que me serve de pena?

...?

— E', nada mais, nada menos que um tubo de metal que em tempos teve dentro um outro tubo de vidro com vaciina antivariolosa!!!... Bem vê que uma pena destas, manejada por umas unhas como as minhas... não pode escrever cousa com geito!...

Eu gostava de ter ao menos habilidade para escrever umas correspondencias como tinha um antigo correspondente de um jornal de uma cidade visinha.

A proposito de qualquer cousa que lá acontecia na terra, arranjava sempre prosa para encher meia coluna do jornal, quando não enchia a coluna toda.

Ainda me lembro de, ha já anos, o dito correspondente, para dizer que uma mulherzinha tinha caído dum burro e quebrado um braço, encheu quasi uma coluna do jornal, de prosa!

Achei tanta piada á correspondencia que, querendo explicar a um amigo o que lêra, estava com tanto entusiasmo que este levou-me a dizer: *A mulher caiu do braço e quebrou o burro!*...

Tableau!...

=== De visita ao seu colega snr. Jorge da Cruz Vieira, esteve aqui a semana passada o snr. José Nunes Bento, professor oficial nessa vila.

=== Deu-nos a honra da sua visita o snr. padre Afonso de Gouveia Zuzarte, páraco da Freiria.

=== Vimos aqui na segunda-feira ultima os snrs. dr. José Joaquim Aralino e padre Adelino Geraldes d'Oliveira Franco, das Matas de Seiça.

N.

Ao de leve...

Feita por mim a ratificação da marcha luminosa do *Rancho Formosas do Mondego* para o *Dever*, seguida para mais ainda das considerações que lhe acrescentou o ilustrado diretor deste semanario e meu presado amigo Almeida Junior, parecia-me efétivamente que o assunto de ranchos devia ter ficado por aí, visto que se tinha feito inteira justiça aos ranchos que se exibiram com brilho nas ultimas festas de S. João e S. Pedro, sem qualquer dos mesmos grupos ter pretexto para atribuir a este jornal a mais leve sombra de parcialidade.

Não o entendeu, porem, assim certo cidadão que, não podendo conter o despeito que lhe causou a forma justamente elogiosa, porque me referi ao *Formosas do Mondego*, me vem á estacada no ultimo numero deste jornal, pretendendo amesquinhar o efeito das minhas asserções com as váias do ridiculo, quando bastante enfadônho é tudo o que ele disse. Mas, á cautela, vái apresentando-se acobertado pelo pseudonimo de *Um Imparcial*, não vá o diabo arma-las.

Não é preciso, porém, esconder-se tanto atraz da silveira, pois conheço bem a mão que me dirigiu a estocada!

Diz o meu ilustrado e conspicuo antagonista que a minha carta lhe produziu hilariedade.

Sim, é possivel. Mas, cuidado não se ria tanto, porque o terreno em que se firma, é muito escorregadio, podendo faze-lo cair de costas e olhe que as quedas de costas são sempre muito perigosas.

Perdeu, portanto, désta vês, uma bôa ocasião de estar calado.

Não tendo mais que dizer nem nada que refutar ao que disse do *Formosas do Mondego*, agarrou-se ao termo *lamentavel* por mim bem empregado, e eis que encheu o seu descabido arrasoado de *lamentos* e *lamentações*.

Ora, valha-me Deus com tão *lamentoso* Jeremias!

Isto vai hoje assim ao de leve. Ponho, portanto, ponto no assunto, até que o meu antagonista nos venha com nova *jeremiada*, se ele assim o entender no seu... abalisado e alto criterio.

Montemór, 22—7—915.

Eduardo Castanheira de Carvalho.

Alice Oliveira,

aluna externa do 5.º ano de piano do Conservatorio e com o curso de musica: léciona, em sua casa ou dos alunos, como se convencionar.

RUA DO SUB RIPAS, 10

COIMBRA

Cartas a uma infeliz

Minha amiga.

Cheguei agora mesmo ao jardim de Santa Cruz. Coimbra não sabe o que possue. A alma eleva-se aqui aos mais altos pensamentos de sensibilidade. O sentimento vibra e elastica-se, aproximando-se inteiramente do Belo. Não ha conventos nem freiras; os claustros, lúgubre habitação dos misticos e dos doentes de espirito, que tu tanto adoras, são agora, no meu pensamento, á vista desta natureza exuberante de meiguices, dêste ceu abençoado de poesia e encantamentos, outras tantas masmorras onde se definham essas tantas criaturas que, como tu, de rosario em punho e confessor á vista, se alheiam por completo dêste nobre Amôr que se chama a Liberdade, desta pujante atmosfera que deleita e suavisa. Ali em cima estão tres imagens de pedra, sendo duas numa só. Uma *mulher*, um *velho* e uma *sereia*. Por isso lhe chamam o *jardim da sereia*. E' quasi noite.

Os raios solares, vindos do poente rubro de sangue, escoando-se ali assim pelo arvoredo frondoso, iluminam a imagem de cima, a *mulher*, que olha para o lagedo frio e humido da agua do repuxo.

Vejo daqui o banco humilde onde estiveste sentada outro dia, com D. Branca, outra assustada como tu e como tu temente a Deus.

E' uma coisa extraordinariamente fantastica, essa de imaginares que a salvação da alma está nas práticas religiosas, no teu isolamento, na escuridão inabitavel dos pesados claustros da tua casa! Sim, é uma coisa extraordinaria!

Nem as lutas titanicas em prol da paz espiritual dos povos, travadas para implantar um novo mundo de liberdades e conquistas te seduz, te encaminha a alma para uma outra trajétoria de luz, para outro ceu de humanisações e um outro jardim florido de temeridades e progressivos conceitos!

E's uma doente, mulher! Não sou eu só que o digo. Afirmam-no todos os que te conhecem. E' necessario firmeza. Parece que o ceu que te cobre é todo feito de orações e tristezas, e que as estrelas, que nós vemos brilhantes de poesia, são, para ti, lagrimas a cair sobre esta humanidade que se definharia ainda mais se fosse como tu. Adeus. Hei-de apresentar-te exemplos, mais exemplos e veremos se serás outra...

Teu,

Leopoldo.

Camara Municipal

Sessão de 12 de junho

Presentes os vereadores:—Monteiro da Costa, Tavares Lebre, J. Goes e Esteves de Barros, secretariados pelo vereador Rodrigues Pato, sob a presidencia do ex.mo snr. dr. Simões.

Lida e aprovada a acta da sessão anterior.

Tomaram conhecimento do seguinte expediente:

Um telegrama do novo governador civil, a participar ter tomado posse do governo civil de Coimbra, e cumprimentava a camara.

A Comissão ficou inteirada e resolveu agradecer a gentileza de s. ex.a.

Oficio do novo administrador a comunicar ter tomado posse daquele encargo.

Inteirada e resolveu cumprimentar s. ex.a.

Foi presente um telegrama da professora de Gatões, a pedir para que lhe seja concedido o tomar posse só no dia 15 por lhe ser impossivel toma-la antes.

A Comissão ficou inteirada e concedeu o pedido.

Um oficio do Inspétor do Circulo Escolar da Figueira da Foz a pedir impressos para os exames do 1.º grau. Resolveu satisfazer.

Dito da Comissão Executiva da Figueira da Foz a enviar um exemplar do Regulamento da Lei n.º 295 (Horario do trabalho no comercio). A Comissão resolveu agradecer.

Foram presentes varios requerimentos de interesse particular.

Foi confirmado um atestado para subsidio de lactação.

Foi presente a liquidação feita pelo snr. Manoel dos Santos Pinto, dos trabalhos feitos nas escolas desta vila, dos empreiteiros Esteves da Costa e Ricardo.

Foi autorisado a levantarem os seus depositos e a pagar-lhes o resto dos trabalhos executados.

A Comissão ficou de tudo inteirada e aprovou.

A' sessão compareceu o digno sub-delegado de saude do concelho, snr. dr. Loureiro, mostrando a urgente necessidade de ser feita limpeza á vala desta vila; requereu que sem demora se procedesse a ela.

O snr. presidente disse que, como já afirmára a s. ex.a, a vala referida não pertence á Camara, por se encontrar dentro do perimetro da Diréção dos Serviços Fluviaes e Maritimos, por ser corrente navegavel e fluctuante, mas que sem demora ia requerer á Diréção da 2.ª Circunscrição.

Resolveu arrendar as varreduras das ruas de Verride, tornando a arrematação publica por meio de editaes.

Resolveu vender algumas pequenas porções de mato do baldio de porto barreiro e tambem limpezas das valetas, tornando publico por editaes.

Foi presente o balancete semanal, acusando um saldo na Caixa Economica Portugueza de 3:200$00 e de 124$60 na tesouraria da Camara.

Autorisou e mandou pagar varias despezas.

Em seguida foi encerrada a sessão.

AUREA DO AMARAL

Acaba de ser transferida para uma escola da séde do concelho, conforme seu desejo, esta ilustre professora, dos Carvalhos (Vila Nova de Goia), e nossa distinta e apreciada colaboradora.

Justo foi o deferimento á pretenção da inteligente escritora, porque D. Aurea Judit Amaral, honrando o jornalismo moderno com os fulgores do seu talento, sabe ser uma educadora carinhosa que põe acima de conveniencias o seu amor ao trabalho, como o prova o brilhantissimo resultado obtido nos ultimos exames do 1.º grau, a que a nossa gentil companheira submeteu 17 das suas alunas, ficando 11 distintas e 6 aprovadas.

Folgando em ter mais este ensejo de felicitar s. ex.a, o *Dever* congratula-se por contar na galeria dos seus colaboradores tão ilustre cooperadora e envia-lhe sinceros cumprimentos.

Agradecimento

José de Carvalho Valente (ausente), Maria José Medina, Palmira de Carvalho Valente, Aurora de Carvalho Valente, Maria de Carvalho Valente, Maria de Jesus Lopo, Ricardina de Carvalho Valente, Julio Lopo das Neves e Ramiro Augusto Medina, na impossibilidade de o fazerem por outra fórma, veem por este meio agradecer a todas as pessoas que manifestaram o seu pezar pelo doloroso golpe que sofreram com o falecimento de seu querido filho, irmão, neto e sobrinho, Julio de Carvalho Valente.

Egualmente agradecem a todas as pessoas que o acompanharam á sua ultima morada. A todos enviamos o nosso eterno agradecimento.

Poetas e Prosadôres

A NOIVA

(*A Emilio Manaças*)

Os sinos além na igreja
Dizem assim a tocár:
«Venham-na vêr como alveja,
Toda branca... vai casár».

A briza mansa que passa
Dando beleza e frescôr,
Dize-lhe assim numa graça:
«Que sejas f'liz, meu amôr»!

E dos portais as velhinhas
Ao verem as andorinhas
Como a beijarem-lhe o veu...

Dizem na voz de quem canta:
«Que tu sejas uma santa
Para o teu lar sêr um ceu»!

Leão Correia.

ANGUSTIAS...

(*A uma saudade esmaicida pelo pranto*)

Quando as sombras da noite silenciosa
Vem enlutar a solidão dos montes
E os regatos e as fontes
Murmuram numa prece fervorosa,
O poema da Vida Universal;
Quando o vento soluça no pinhal
Suas estrofes de sentida dôr,
Cantando a melopeia da Amargura;
Quando o forte clamôr
De tigrina borrasca em noite escura,
Vem acordar a aldeia adormecida,
Desperta a minha vida,
E então meu coração vibra d'amôr!

Oh angustia da vida que desperta
Quando a Aurora do amôr á voz do alerta
Do nosso coração,
Esperge o seu divino e almo clarão
Nas trevas da nossa alma dolorida,
E na noite do espirito angustiado!
Oh angustia da vida!
Oh angustia de amar não sendo amado!

O que sinto? O que é isto que me leva
A' tortura da treva,
Se tenho a luz em mim, se ardo na chama
Do amôr sublime, ilimitado?
E' porque eu amo alguem que me não ama!
E'porque eu amo alguem,não sendo amado!

Lisboa, 14 | 7 | 915.

José Pedro Godinho e Cunha.

Agua da Curia
Mogofores

As unicas aguas sulfatadas-calcicas que existem no paiz, similhantes ás afamadas aguas de Contrexéville, nos Vosges (França).

A EMIGRAÇÃO

Pelo governo civil de Coimbra, foram conferidos, nas semanas findas em 8 e 15 de maio ultimo, 31 passaportes a outros tantos emigrantes que se fizeram acompanhar ali de 18 pessoas de familia com os seguintes destinos: America do Norte, 2, e Rio de Janeiro, 29.

Eram dos concelhos de Montemór-o-Velho, 1; Arganil, 1; Condeixa, 4; Cantanhede, 3; Coimbra, 3; Figueira da Foz, 13; Penela, 1; Condeixa-a Nova, 2; Penacova, 1; Miranda do Corvo, 1, e Gouveia, 1.

Profissões: domesticas 7, alfaiates 1, agricultoras 1, proprietarios 3, agricultores 6, sem profissão 3, carpinteiros 1, pedreiros 1, estudantes 3, serralheiros 1, trabalhadores 1, serradores 1, negociantes 1.

Idades: até aos 14 anos, 6; de 15 a 20, 1; de 21 a 40, 20; de mais de 40, 4.

Instrução: sabiam ler e escrever, 21; eram analfabetos, 10.

Excursão militar de Montemór a Santana da Ferreira

No passado domingo, 18 do corrente, os mancebos da instrução militar preparatoria désta vila e freguezia, foram em excursão a Santana da Ferreira, retribuindo assim a visita ha meses feita pelos seus camaradas daquela localidade.

Foram, como se sabe, comandados pelo seu instrutôr o alferes snr. Santos Pinto, de infantaria 28, da Figueira da Foz, o qual, no largo tempo que aqui tem ministrado a instrução aos mesmos recrutas, tem provado ser um oficial muito inteligente, recto e disciplinador.

Chegados a Santana, realisaram-se varias evoluções e exercicios de ginastica sueca, sendo os recrutas de Montemór vencidos pelos de Santana na luta de tracção.

Em seguida o snr. Santos Pinto, que se mostrava muito satisfeito pelo resultado dos exercicios, proferiu uma alocução aos mancebos, no fim da qual ofereceu um alfinete de ouro a trêz recrutas désta vila, e cujos nomes agora nos não ocorrem, mau grado nosso, em premio da exemplar conduta que hão tido durante a instrução.

Tomou parte nesta excursão a benemerita delegação da Cruz Vermelha désta vila e a qual realisou tambem alguns exercicios com feliz exito e bem assim uns curativos, felizmente de pouca importancia.

No regresso para Montemór, bivacaram na mata do Estado, onde confeccionaram e comeram um abundante jantar, decorrendo do principio ao fim com a alegria e animação proprias de rapazes com o sangue na guelra.

Por falta de espaço sômos obrigados a deixar de publicar varios e importantes artigos, do que pedimos desculpa aos seus autôres.

O ministro do Fomento concedeu 2:000$00, sendo 300$00 para limpeza da vala marginal e transversal ao sul do rio Mondego; 200$00 para a limpeza da vala do Meio, no campo de Vila Pouca e 1:500$00 para a limpeza da vala do sul entre a Ribeira e a vala de Pereire, do nosso distrito.

A Guerra da Europa

Porque é que a Grã-Bretanha se acha em guerra.—Causas e seus efeitos

Exposição sumaria da correspondencia diplomatica e discursos ministeriais

(CONCLUSÃO)

Aquilo porque estavamos combatendo

Desta maneira por uma coincidencia instrutiva, uma crise que começou pela determinação da Austria (apoiada pela Alemanha) em aplicar a força bruta contra a independencia de um pequeno estado no Sudeste da Europa, chegou a um termo no que diz respeito a Grã Bretanha, pela determinação da Alemanha (em aliança com a Austria) de calcar aos pés a neutralidade de um pequeno estado no Noroeste da Europa. «Meus Senhores,» disse o chanceler Alemão no Reichstag (4 de Agosto), «achamo-nos em uma situação de necessidade e a necessidade não conhece leis. As nossas tropas ocuparam o Luxemburgo e talvez se achem já em terreno Belga. Meus Senhores, isto é contrario aos dictames do direito internacional... Todo aquele que se vê ameaçado, como nós estamos ameaçados, e está pelejando pelas suas mais altas possessões, só pode ter uma preocupação—é a de abrir caminho».

«Se me perguntarem pelo que é que estamos combatendo,» disse o chefe de gabinete na Camara dos Comuns (6 de Agosto), «poderei responder em duas sentenças. Em primeiro logar, para cumprir uma solêne obrigação internacional—uma obrigação que se tivesse sido tratada entre individuos de ocupações comuns na sociedade, teria sido considerada como uma obrigação não só de direito, mas de honra, que nenhuma pessoa que se prezasse, de forma alguma poderia ter repudiado. Em segundo logar, digo que estamos combatendo para vindicar o principio, nestes dias em que a força material parece por vezes ser a dominante influencia e factor no desenvolvimento da humanidade, de que, as pequenas nacionalidades não devem ser esmagadas, a despeito da boa fé internacional, pela vontade arbitraria de uma potencia forte e altaneira. Não creio que jámais potencia alguma tenha entrado em uma grande contenda—e esta é uma das maiores que a historia terá de registrar—com uma consciencia mais tranquila e convicção mais robusta de que está combatendo, não por agressão, não para sustentação sequer do seu proprio interesse egoista, mas em defeza de principios cuja manutenção é vital para a civilização do mundo e com plena convicção não só da sabedoria e justiça, como das obrigações que sobre nos pezam de fazer face a estes grandes acontecimentos».

Consequencias em Jogo

«Peço á Camara — disse sir Edward Grey — (3 de agosto), sob o ponto de vista dos interesses ingleses, que tôme em consideração o que possa estar em jogo. Se a França fôr batida em luta de vida e morte e tiver de ficar por terra, perderá a sua posição de grande potencia, tornando-se subordinada á vontade e força de uma maior potencia que ela — consequencias que não antecipo, porque estou seguro que a França tem força para se defender com toda a energia, habilidade e patriotismo que tantas vezes tem mostrado— contudo se isso viesse a acontecer e se a Belgica caisse debaixo do mesmo dominio e a seguir, a Holanda e a Dinamarca, não seria então verdade que se realisariam as palavras de Gladstone, que precisamente em nossa frente se achava o mesmo interesse comum contra o desmesurado engrandecimento de qualquer potencia?

«Poderá dizer-se, suponho, que deveriamos pôr-nos de lado recrutando nossas forças e fosse o que fosse que se désse no decurso désta guerra, no fim dela interviriamos eficazmente para pôr as coisas em ordem e ajustál-as sob o nosso ponto de vista. Se em uma crise como esta fechassemos os olhos ás nossas obrigações de honra e interesse pelo que diz respeito ao tratado belga, duvido muito se qualquer que fosse a nossa força material no fim de tudo, ela seria de grande valor em face do respeito que teriamos perdido. No fim désta guerra, quer tivessemos estado de fóra, ou quer tivessemos estado envolvido nela, não creio, por um momento—ainda mesmo que tivessemos estado de fóra e continuado de fóra—nos achariamos em posição material de fazer uso efectivo das nossas forças para desfazer o que tivesse acontecido no decurso da guerra com o fim de evitar que todo o Oeste da Europa em nossa frente, se tal tivesse sido o resultado da guerra, caisse debaixo do dominio de uma só potencia e estou perfeitamente certo de que a nossa posição social seria tal que.....» (O resto da sentença não se poude ouvir, disse o *Times*, no meio de uma tempestade de aplausos).

Conflito de Ideais

O conflito de ideais que se acha em jogo na guerra, transparece muito claramente das conversações havidas entre o embaixador britanico em Berlim e os ministros alemães no dia em que a guerra foi declarada (4 de agosto). O embaixador perguntou novamente se a Alemanha tinha em mente respeitar a neutralidade da Belgica. O ministro dos negocios estrangeiros «em seguida replicou sentir de dizer que a sua resposta tinha de ser negativa, porque em consequencia das tropas alemãs terem passado a fronteira essa manhã, a neutralidade da Belgica havia já sido violada». O ministro explicou que se tratava de «uma questão de vida ou de morte». O governo imperial tinha «que descarregar um golpe tão decisivo como rapido», portanto «tinha que avançar contra a França pela fórma mais rapida e facil». Em seguida vizitou o chanceler imperial que considerou a Inglaterra a *unica* responsavel pela guerra: «simplesmente por uma palavra *neutralidade* uma palavra que em tempo de guerra tanto havia sido desconsiderada, simplesmente por um bocado de papel ia a Grã-Bretanha entrar em guerra». O embaixador retorquiu que para ela era uma questão de vida ou de morte cumprir com os seus tratos. O chanceler disse: «Mas a que preço serão esses tratos cumpridos? Porventura pensou nisso o governo inglês?» «Dei a entender a sua excelencia, o mais francamente que pude —escreveu o embaixador britanico— que o receio das consequencias não era bem uma desculpa que se pudésse invocar para faltar aos mais solénes compromissos».

O governo alemão, pelos seus feitos na Belgica e pelas palavras acima mencionadas deixava bem claramente ver quais os seus principios: Que os tratados são «simples bocados de papel»; que o compromisso de respeitar a neutralidade de uma pequena nação é «uma mera palavra»; que as exigencias militares não conhecem leis; que um estado militar poderoso tem direito «a abrir caminho» através de uma pequena potencia cuja neutralidade se havia obrigado a respeitar; que pode saquear e espoliar qualquer déssas nações que se atreva a defender. Em resumo, que tem não direito mas sim força. Da manutenção de principios opostos que levam a Grã-Bretanha a estar envolvida nesta luta, dependem todas as esperanças de salvar o mundo do regimen da mera força bruta e militarismo.

Sendo, portanto, as consequencias vitais para a civilisação do mundo e para a liberdade e integridade da Grã-Bretanha e dominios britanicos, «certifiquemo-nos de que, todos os recursos,— como disse o chefe do gabinete — não só do Reino Unido como do vasto imperio de que ele é o centro são postos no prato da balança». E portemo-nos em toda a luta inspirados no lêma de guerra de Abraham Lincol: «Sem malevolencia para com ninguem; com caridade para com todos; com firmeza pelo direito que Deus nos dá para ver com justiça — lutemos por ultimar a obra em que estamos ocupados; para pensar as feridas desta nação; para cuidar dos que batalharam e das suas viuvas e orfãos e fazer tudo o que possa concluir e alimentar uma paz justa e duradoura».

Sir Edward Cook.

CORRESPONDENCIAS

Arazêde, 21.

Realisou-se aqui no domingo uma festa á Senhora do Pranto, padroeira desta terra, promovida e a expensas do snr. Joaquim Quilheiro, lavrador, que a prometera por ter escapado, duma doença grave, um filho a quem muito quer.

Foi bastante concorrida. Houve procissão, missa cantada e sermão pelo snr. vigario Vicente, de Santo Amaro da Boiça, que mais uma vez demonstrou os seus belos dotes oratorios. A' noite, em casa do snr. arcipreste Laranjeiro, fizeram-se ouvir, com muito agrado, os snrs. padres Dias, do Tojeiro, e coadjutor desta freguezia Antonio Simões Carvalheiro, o primeiro em violino e o segundo em viola. A assistencia, dentre a qual se contava o nosso director, saíu deveras encantada.

== Estiveram entre nós, vindos do Porto, a snr.ª D. Emilia Ferrão Tavares e irmão José, e de Aveiro, a menina Fernandina Tavares, gentil filha do nosso presado amigo snr. Matos Tavares, inspétor do Val do Vouga.

== Tambem aqui esteve o nosso presado assinante Antonio Reis d'Almeida, bilheteiro da Beira Alta, em Pampilhoza, e filho desta terra.

== Está melhor dos seus padecimentos, com o que muito folgamos, o snr. Luiz Alves da Cruz.

== Encontra-se aqui ha dias a nossa estimada assinante da Povoa de Santa Iria, snr.ª D. Mariana Pais da Silva, grande admiradora da nossa aldeia, onde residiu por largos anos com seu tio, o falecido capataz geral do caminho de ferro, snr. José Lopes, de saudosa memoria.

C.

Guerra Européa

Ultimos telegramas

Tanger, 22—Em consequencia do nevoeiro, no estreito de Gibraltar, um transporte italiano, que conduzia dois mil mobilisados procedentes da America e se dirigia para a Italia, chocou com um vapor grego, ficando ambos avariados.

O transporte pôde continuar a marcha até Gibraltar.

Zurich, 23—No arsenal de Viena fôram enforcadas cinco damas polacas, muito conhecidas nos centros aristocraticos daquela capital e que eram acusadas de espionagem.

O espectaculo de enforcamento dessas desventuradas foi tão horrivel, que um dos juizes que as condenaram e que assistiu á execução caíu sem sentidos e quando voltou a si estava louco, em resultado da comoção que sofreu.

Petrogrado, 22 — Os criticos militares russos afirmam que em toda a enorme frente do Vistula está travada a maior batalha havida até agora durante a guerra, e que aqueles presumem seja de curta duração.

Roma, 23—Continua, com grande intensidade, a batalha do Isonzo, desenvolvendo os italianos a sua ofensiva com grande exito.

Os austriacos receberam reforços para cobrir as numerosas baixas que tiveram e em seguida tentaram romper, mediante uma violenta contra-ofensiva, a linha italiana do Carso. Fracassou-lhes esse intento, sendo-lhes feitos centenares de prisioneiros. Os italianos continuam avançando.

Paris, 23—Tem aqui corrido o boato de que o rei da Belgica irá, em breve, de visita á linha de batalha italiana.

ANUNCIOS

Editos de 30 dias

(*1.ª publicação*)

NO Juizo de Direito de Montemór-o-Velho, cartorio do escrivão Sampaio, no inventario orfanologico por obito de Antonio Gomes Vinagre, do Moinho da Matta, no qual é inventariante a viuva Ana Carvalho, do mesmo logar, correm editos de trinta dias, contados da segunda publicação do respétivo anuncio no *Diario do Governo*, citando o interessado Manuel Gomes Pirôto, casado com Ana Carvalho, e ausente em parte incerta no Brazil, para assistir á todos os termos até final do mesmo inventario.

Montemór-o-Velho, 9 de julho de 1915.

O escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Amaral Pereira.

Companhia Geral de Credito Predial Português

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

Séde Social: Travessa de Santo Antonio da Sé, n.º 21

LISBOA

Esta Companhia realisa actualmente emprestimos hipotecarios a longo praso, cujo encargo, compreendendo juro, comissão, amortisação e depreciação dos titulos, é inferior a 7 %, tendo os mutuarios a faculdade de antecipar os seus emprestimos, total ou parcialmente e em qualquer época, em dinheiro ou em obrigações da mesma taxa e tipo das que fôram entregues no acto do contrato. Recebe e guarda nas suas magnificas **Casas fortes** quaisquer papeis de credito, encarregando-se de receber os respectivos juros.

Pedir esclarecimentos a Fernando da Silva Coelho Pessoa — Montemór-o-Velho — ou diretamente á Séde da Companhia.

AGUA DE LUSO -- Cura pela Diurése

(ESTABELECIMENTO TERMAL E HOTEIS ABÉRTOS TODO O ANO)

A mais diurética e mais digestiva. Aumenta a diurése, regularisa as funções digestivas e ativa os fenómenos nutritivos

Muito radioativa—4,49 miligramas—minutos
Muito ionisada, resistividade a 18° 18300 ohms
Muito rica em gazes raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotonica, ponto criospico 0°,04

Conclusões da analise feita pelos distintos professores Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitissimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tifico

USO EXTERNO—Molestias de pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc,), reumatismo e gôta.
USO INTERNO—Artritismo, impaludismo, neurastenia—Albuminuria, diabetes—Intestinos, estomago—Rins—Bexiga.

Depositos -- **LISBOA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 428. FUNCHAL, José Quirino de Castro, rua dos Murças. AFRICA ORIENTAL: Oswald Offmann. BEIRA: F. L. Simões & C.ª. LOANDA: Beltrão, Pena & C.ª**, e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositarios nas terras onde ainda os não haja.

Portugal Previdente

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima — Responsabilidade Limitada

Capital **UM MILHÃO** de Escudos

SÉDE — RUA DO ALECRIM, 10 — LISBOA
N.º Telef.—1849 End. Teleg.—VIDA

Seguros contra incendios de predios, fabricas, etc.
Seguros de estabelecimentos e mobiliarios.
Seguros agricolas de ceáras, eiras, palhas, arvoredos, etc.
Seguros de maquinas e utensilios de lavoura.
Seguros contra incendio proveniente de gréves e tumultos.
Seguros de transportes maritimos e postaes.
Seguros contra roubo de habitações e estabelecimentos.
Seguros contra fraude de empregados.
Seguros contra a quebra de cristais.
Seguros de vida, pensões, dotes e reformas.
Seguros contra acidente de trabalho.

Agencias em todas as terras importantes do paiz, ilhas e colonias.

Sucursal no PORTO — Rua Passos Manoel, 21.

BANQUEIROS—**Borges & Irmão**—Porto e Lisboa

Antonio Pereira de Carvalho

Proprietario dos Grandes Armazens de Bicicletas, Maquinas de Costura, Pianos e toda a qualidade de acessorios.

A maior e mais antiga casa no genero

Oficina para todos os concertos, afinações e reparações em bicicletes, motocicletes e maquinas de costura.

Artista mecanico habilitado.

Vendas, alugueis e trocas.

Preços sem competencia

34—Avenida Navarro—36

(Estrada da Beira)—COIMBRA

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem deposito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se tambem de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fóra de Coimbra

FABRICA DE CAL

Cal fina e grossa, fornece-se em muito boas condições. Preços modicos, sobre o wagon, no caminho de ferro e nos proprios fornos.

Agente de telha tipo marselha e tijolos de todos os formatos, da fabrica Lacerda, Figueiredo & C.ª Limitada, da Pampilhosa.

Pedidos a

Joaquim F. Coca Junior
Zambujeiro—Arazede

AOS AGRICULTORES

Sendo agora época de sementeiras de milho, feijão, abóbora, etc., será conveniente aplicar os bons adubos e purgueira da afamada casa *Varela, Leal & C.ª*, das **Varzeas**, que se encontram **á venda em casa de Manuel Monteiro Godinho**, com deposito no **Casal do Gaio, Arazêde.**

Companhia de Seguros A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz

Antonio d'Oliveira Guerra

RUA DA REPUBLICA, 84

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legitimos acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de fórma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamavel, isca em cordão vendida fraudulentamente a titulo de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva acção civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa ao Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando-se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalisação para procederem ás necessarias diligencias. Dirigir-se pessoalmente ou por carta á Companhia Portuguêsa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS MELO & MARTINS

PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada

PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiencia dos nossos adubos, devido ao seu magnifico resultado os adoptarão de preferencia a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

SEGUROS CONTRA INCENDIO

incluindo riscos de explosão de gaz e raio.

Seguros contra incendio cobrindo tambem os riscos de gréves ou tumultos (portaria de 14 de Março de 1914).

SEGUROS CONTRA INCENDIO cobrindo ainda os riscos de guerra (portaria de 30 de Novembro de 1914).

Unica companhia autorisada a segurar os riscos de guerra nas apolices de incendio

Seguros contra incendio e roubo E' tambem A MUNDIAL a unica Companhia autorisada a emitir uma apolice cobrindo os dois riscos.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital — Esc., 500:000$
(500 contos)

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmão
Praça da Liberdade, 138 — Telefone 1459

Agencias e Delegações em todo o paiz, ilhas e colonias.

Restaurante Ferro-viario ALFARELOS

ESTE bufete, um dos que melhor servem o publico que transita nos comboios, acha-se situado na estação do caminho de ferro de Alfarelos. Fornece almoços, jantares e *lunchs* e toda a qualidade de refeições, por preços comodos.

Tem pessoal habilitado, tanto em cosinha como em sala de mesa.

Tudo se encontra com esmero e perfeição.

Fornece comida para fóra, e presta-se a servir em casamentos, batisados, etc., desde que seja prevenido com antecipação.

O proprietario, **Artur de Oliveira Coelho.**

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro
PAMPILHOSA DO BOTÃO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex.mos passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.

Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA

Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.
PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações
Deposito das afamadas aguas de Luso.

Guilherme dos Santos Pinto & Irmão

COM

OFICINA DE CANTEIRO

Encarregam-se de jazigos de toda a especie e todo o serviço concernente á sua arte.

Tambem executam todos os trabalhos que digam respeito a *Plantas, Alçados, Copias, Projectos e orçamentos de edificios, edificações, etc.*

Montemór-o-Velho=Verride

Biblioteca da Universidade
Coimbra

Ano 4. Montemór-o-Velho, 1 de Agosto de 1915 N.º 180

DIRECTOR, PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR
Almeida Junior

SECRETARIO DA REDACÇÃO E EDITOR
Abel M. de Melo Brandão

REDACTOR PRINCIPAL
Mário Augusto Mota

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguêsa

Pátria e Humanidade

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Dr. José Galvão
MONTEMOR-O-VELHO

DIRECÇÃO:—COIMBRA
(para onde deve ir a correspondencia)

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. Silva (a vapor)—AVEIRO

Crónica de Lisbôa

Embora a fleugma ingleza seja para nós discutivel, é á ingleza, duma maneira pratica e fleugmaticamente decisiva, que o povo portuguez precisa que lhe advoguem a causa.

Gwinplaine alvoroçou a camara dos *lords* mais com as suas invetivas do que com os seus esgáses, e ainda não são passados muitos mezes que a formosa Albion, alvoroçada, calcou o estoicismo e a fleugma e preparou-se para *oscular* á Dinamarca. *Dicisivamente*, pois basta. para dar amplo significado ao meu pensamento.

Dicisivamente, praticamente, eis os termos. O povo necessita, de uma maneira concreta, de obrigar que se estude e que se chegue a uma conclusão pratica, viavel, positiva, sem os *mas* que acobertam amisades, nem os rodeios, que conseguem a estabilidade num *fauteil* em S. Bento. Que o problema da fome tenha uma solução, eis o necessario!

Emquanto o povo berra e gesticula, o governo, deante desta nova trisecção do angulo, coça o nariz, passa a mão pelos cabelos, abre a torneira do genio, transporta-se ao rubro das grandes iniciativas, e, ufano e vaidoso, tonto, como se tivesse ingerido um calix de Porto 1820, ou, quem sabe, talvez, ingenuo, nomeia comissões. *Mea culpa!*

Paira a lenda do insoluvel. Somno lugubre que faz rir.

Segreda-se que as comissões protelam uma resolução um ano por membro — evidencia manifesta que faz pensar.

Pensar só, não. Ha mais — as comissões dissolvem-se breve quando o trabalho é *gratis*. Porque será? Oh! Senhor, emudecei-nos!...

* * *

Ha, pois, o grito unisono, da ralé esfomeada, da escumalha reles que usa cinta apertada para afugentar a dôr abdominal. A estes gritos, a estes urros de fome que deviam ecoar nos timpanos das gentes da governança, responde o silencio dos magnates.

Mas o cenaculo reconsidera, e resolve. Processo novo? Não, a costumada pantomima da nomeação de comissões para quem se atirarão as responsabilidades que possam advir.

Os ingenuos sorriem de contentamento; os logrados respigam, como respiga na policia o que se deixou seduzir por um vigarista.

Se a *ala dos namorados* se bate pela sua *dama*, sem que demova o que respiga, vem á liça o supremo argumento da coorte—o facto constitue um problema irresolvivel.

O desesperado recebe o primeiro golpe, mas, por dignidade e por decoro, continua sustentando que a dificuldade não é tamanha como a de remover as piramides do Egypto.

Novo golpe de catapulta — que resolva ele a magna questão.

Oh! Argumento convincente, argumento que esmaga e peza — á controversia surge a congestão ou a mudez.

Ventila-se, depois, a questão da competencia, segreda-se que o aceite representou uma vaidade, murmuram-se rancores, cospinha-se em nomes. Se uns sorriem indiferentes, outros, mais atenciosos e austeros, ficam na espectativa, talvez esperançados. Os que duvidam de tudo, tantas são já as quiméras em que teem acreditado, benzem se de Belzebut-Capital que deparam membro das comissões. Estomago cheio, desperta a indolencia — e o Belzebut supradito ceia todas as noites com Pantagruel. Hum!...

No entanto, consagram colunas ás reuniões, os orgãos da opinião. E que deparamos? *Vastos planos de fomento nacional!*

A teoria não mata a fome, crêmos nós. Dar prosa a quem pede pão é o mesmo que dar fel a um sedento. O estudo deve ser preciso e a execução rapida. Paliativos, discussões, artiguelhos, panfletos, isso é a costumada arenga de cego pedinte que já não persuade nem comove. A questão é de magna importancia e se lhe quizerem dar o valor justo que ela tem dever-se-ha protelar tudo, e, desde já, sem demora, estabelecer barricadas á fome, que é o primeiro inimigo que pretende assaltar-nos os lares. Ou antes que pretendem fazer assaltar-nos os lares!

Ponham as *vastas medidas de fomento nacional* de parte. Elas demandam de mais comissões, estudos, relatorios, projectos, discussões e decretos. E' caso para anos e a resolução deve ser para dias. A verborreia nacional nada fará, nada evitará. O que se pretende é alguem de caracter e de pulso que evite, que nós, os portuguezes, nos tenhamos de bater pelo estomago tão afoitamente, como os aliados se estão expondo pela Liberdade!

A insolução do problema, que podem apregoar-nos, de palanquim, em todas as esquinas, deve fazer-nos sorrir pela ingenuidade. Encarai os arautos que hão-de ter vendido a alma a Belzebut-Capital e sorride tambem. Ouvi a historia das dificuldades. Hão-de gritar-vos que a guerra tem sido a causa de todos os males; que em Berlim se come palha e em França se tritura fava, que os galos não teem milho e que os teutões morrem de fome, hão de pintar-vos um quadro tetrico e sinistro. A corda sensivel não será a hecatombe, mas, sim, a falta de mantimentos. Ferirão com mais furia a nota da exiguidade de viveres, que a da onda de sangue que cada vez é maior, que cada vez cresce mais. O fim ha-de ser a comparação vantajosa com o que aqui se passa, e, ferindo a nota politica, não esquecerão de cantar o estribilho, já gasto, do vasto problema irresolvivel, não pensando que existe um *matemático* de ha muito conhecido, especialista em transcendencias. Se a dificuldade é grande, ele aplanal-a-ha. Já o tem feito em epocas remotas e em epocas recentes...

Entreguem o problema ao Povo!

D. L.

Consorcio

No sabado, 24 do mez passado, realisou-se em Figueira da Foz o enlace matrimonial da snr.ª D. Maria Inez Todi Gonçalves, gentil sobrinha do nosso prestante amigo, snr. Morão d'Encarnação, zeloso e competentissimo inspector de Contabilidade da Companhia Portugueza Ferro-Viaria, com o snr. José H. Godinho, inteligente professor de musica, no Porto.

Paraninfaram o acto, que revestiu muita solenidade, o snr. dr. Pereira Osorio, governador civil do Porto, e sua ex.ma esposa, a snr.ª D. Angelina Dulce da Silveira Machado Pereira Osorio, o tio da noiva e ex.ma esposa a snr.ª D. Maria Candida Todi da Encarnação.

Cumprimentamos os nubentes, gentis criaturas dignas de todas as prosperidades.

Melhoramentos locais

O Lavadoiro da Abrunheira

Ha mezes, no intuito de visitarmos o lavadoiro municipal da Abrunheira, fômos até aquela ridente povoação; seguindo por uma das ruas principaes, engolfamo-nos numa clareira que nos indicaram, e a qual dá ingresso ao caminho que comunica com aquele local. Fômos descendo sempre por esse caminho ingreme e estreito mas bem calcetado, constituido por degraus sucessivos tendentes a suavisar a descida, facilitando tambem, dalgum modo, a subida, — até alcançarmos o lavadoiro. Quando chegámos, um quadro triste e desoladôr se nos deparou: estava aquilo redusido a um charco pestilento, envôlto numa embaraçosa brenha, constituida por silvas entrelaçadas com outros arbustos bravios, acercando-se logo do visitante a ideia de estar numa jaula fechado por todos os lados. A agua, rompendo o deposito em que nascia poderosamente, foi se infiltrando e foi formando, em varios sentidos, galerias subterraneas donde jorrava em abundancia, escoando-se depois em diversas direções. Deste modo, a agua deixou de correr diretamente para o lavadoiro, pela bica ali existente, causando o seu desperdicio importantes transtornos ás lavadeiras e uma desagradavel impressão aos visitantes.

Assim encontramos o lavadoiro votado ao mais despresivel dos abandonos por parte de quem tinha o direito e o dever de olhar pela sua conservação; e os abrunheirenses, desolados, viam desaparecer um dos seus melhores atrátivos sem, contudo, reclamarem; mas tinham razão, porque seria bradar no deserto. Ninguem, pois, pensava em tal. Esperou-se. Entretanto era nomeado presidente da comissão executiva da camara municipal de Montemór o ex.mo sr. dr. Antonio Joaquim Simões, e logo um raio de esperança iluminou a fronte de todos os interessados. Começava-se, assim, a fazer justiça ao espirito lucido, réto e ponderado, de s. ex.ª. Em breve tempo os melhoramentos surgem por todo o concelho — sem, todavia, comprometerem o cofre municipal — alguns dos quaes tão importantes, que ninguem poderá olhar para eles, indiferente, sem ter uma palavra elogiosa para tão excelente administração, sem duvida a melhor, a mais conscenciosa que o nosso municipio tem tido nestes ultimos tempos — e a Abrunheira, como uma das principaes e pitorescas terras do concelho, não podia ficar esquecida, como de facto não ficou. As obras começaram ha dias e proseguem ativamente esperando-se que fiquem concluidas dentro em breve e perfeitas, se bem que se tem dito por ai, ser dificil, mesmo impossivel, dominar a poderosa nascente, sem se proceder a obras mais rasgadas e dispendiosas; mas, seja como fôr, a atitude tomada neste caso pelo sr. dr. Simões, (a quem se devem os reparos importantes porque está passando o referido lavadoiro) representa já, só por si, um esforço de grande alcance que outros não conseguiram.

* * *

Depois que começaram as obras de saneamento no lavadoiro, — a terra, o ar, a paizagem — tudo ali é diferente já... até mesmo o caminho, o qual, antes, mal se divisava, aparece agora descoberto e recortado em curvas caprichosas, ladeado por pequenas ribanceiras, cobertas dum massiço de verdura; e o sol, dardejando os seus ardentes raios, a custo consegue fazel-os penetrar por entre as arvores que orlam o caminho, e cujos ramos entrecruzados, constituem uma abóbada de verdura natural, a qual é séde duma orquestra — onde os passarinhos, saltitando, entôam os seus hinos... Ante este primeiro quadro que se nos depara, ficámos embevecidos numa contemplação muda, e esquecidos, por instantes, das complicações da vida... — mas, á medida que se avança, mais se acentúa o aspecto risonho do sitio. Aqui e ali aparecem sébes e silvados donde pendem os cachos d'amóras; elevam se outeiros, no cimo dos quaes se vêem algumas arvores, cujos estremos o sol resplandecente faz dourar; enfim, uma emoção indescritivel nos enche o espirito, encantados por tão poetico local.

Não podia, pois, o lavadoiro, ser construido em sitio mais pitoresco; e as nossas gentis lavadeiras = algumas delas bem formósas, por sinal — poderão continuar ali, de sáias arregaçadas até ao joelho, esfregando a sua roupa e manejando com mestria os seus braços nús, vigorosos e alvos como a neve, — enquanto outras, sentadas sobre a erva, no largo, tomarão as frescas emanações atmosféricas, sob as arvores, abandonando-se a uma provocante e agradavel preguiça...

E a Abrunheira tambem pode orgulhar-se de continuar a ter o seu belo lavadoiro, sem contestação o melhor do concelho.

29—7—915. *E.*

O nosso distinto correspondente na Abrunheira, snr. Julio Neves da Costa, farmaceutico e professor interino da escola do sexo masculino de Verride, apresentou a exame do 1.º grau cinco dos seus alunos, dos quaes quatro ficaram classificados de *ótimamente* e um *bem*.

Doente

Esteve doente o nosso estimado amigo João Loureiro, farmaceutico inteligente na Pampilhoza do Botão e primoroso jornalista.

Ao nosso antigo colega da *Madrugada*, afastado das lides da imprensa por caprichosa deliberação, desejamos rapidas melhoras.

SOM QUE PASSA...

Ele ha dias ainda a sorrir gracioso,
as covinhas na face, a transpirar saude,
e hoje... som que vibrou em fragil alaúde,
como som se elevou ao puro céu glorioso!...

No alvorecer da vida oh! como é precioso
O amôr de mãe!—é luz na estrada triste e rude!
Se falta o doce amôr, seu bem, sua virtude,
a morte é redenção ao viver tormentoso!...

Ai! a mãe—infeliz—daria a sua vida
por tê-lo junto a si; mas,—serva,—a sua lida...
deveres a cumprir...—podia lá ser mãe?!...

Ao ver porem sem vida o adorado inocente,
sua alma o segue então aos pés do Onipotente...
e lá gira saudosa em volta do seu Bem!...

Montemór-o-Velho,
julho de 1915.

J. Neves.

Exames

Na escola oficial do sexo feminino de Santo Varão, realisaram-se no dia 27, os exames de trez alunas, apresentadas pela distinta professora, snr.ª D. Emilia Bizarro.

A classificação, que as examinandas tiveram, um *ótimo* e dois *bons*, demonstram bem claramente o zelo e aptidão da sua professora, gentilissima dama que gosa no nosso concelho de muito prestigio, mercê da sua fina educação e da sua reconhecida bondade.

O inspector escolar, snr. dr. Albino Cabral Saldanha, que presidiu aos exâmes, patenteou a tão distincta educadôra a sua satisfação, pela maneira proficiente como a snr.ª D. Emilia Bizarro exerce as funções de seu cargo.

Felicitando a ilustre professora, cumprimentamos os alunos e seus pais, pelo magnifico exito obtido.

A ultima execução em Coimbra

Fez no dia 25 de julho passado 80 anos, que foi assassinado Diogo Marques de Carvalho, no sitio das Almoinhas, proximo a Cernache. O crime foi praticado por José da Costa Carneiro, sapateiro, natural da freguezia de Cernache.

Em 19 de julho de 1839 seguiam do Porto para Coimbra o assassino e o algôz que o havia de executar, acompanhados por dois subalternos, dois inferiores e 30 soldados de artilharia 3, e 1 inferior e 5 soldados de cavalaria 6.

No dia 26 de julho a Misericordia de Coimbra expedia ao governo pelo telegrafo de tábuas, em Santo Antonio dos Olivais, uma representação pedindo a comutação da pena de morte em degredo perpétuo.

No dia 28 recebia-se resposta negativa.

O vigario capitular havia nomeado os nove parocos da cidade para assistirem ao condenado, revesando-se no oratorio.

No dia 29 de julho, ás 7 horas da manhã, reunida a irmandade da Misericordia com 183 irmãos, foi esta á cadeia do Aljube para acompanhar o réu ao suplicio.

Proximo da ponte, do lado de baixo e do lado de Santa Clara, havia sido armada a forca no areal, onde o réu foi enforcado na presença de milhares de pessoas.

Foi esta a ultima execução que houve em Coimbra — a 29 de julho de 1839— havendo-se já completado 76 anos.

Secção de Variedades

A um medico inimigo dos sinos

Dizes, doutor, que te enfada,
Ouvir os sinos que dobram,
Com tão lugubre toada;
Mas se o meu conselho aceitas,
Hão-de dobrar muito menos:
E' não fazeres receitas.

O que fazem as mulheres

Por causa duma mulher de Tebas, guerrearam-se 10 anos Tebanos e Focouses.

Foi Helena a causa da guerra de Troia.

David, por amores de Bersebé, viu retalhado o seu imperio, e sucumbiu ás iras de seu filho Salomão.

Olofernes foi degolado por Judit.

Amon foi assassinado num banquete por Tamor.

Por causa de Lucrecia acabaram os reis em Roma.

Virginia fez terminar o dominio dos decemviros.

Leodiceia, por ciumes, assassinou Antioco, rei da Siria.

Cecila envenenou seu marido Antonino.

Fredegonde matou o rei Chilperico.

Ciumes de mulher dão fim ao imperio dos Godos.

Anibal, o invencivel, foi subjugado pelas mulheres.

Hercules, o vencedor de hidras e leões, ficou aos pés de Onfale, rainha de Lidia.

Aquiles, o heroi da Ilada, vestia-se de mulher, só para estar com outras ao soalheiro.

Simeão, o valente, ajoelhou perante Dália.

A pedido de Herodias foi degolado S. João Baptista.

Nino foi morto por ordem de Semiramiz.

O juiz para uma testemunha

—Onde mora?

—Moro com meu irmão.

—Pois sim, mas onde mora seu irmão?

—Mora comigo.

—Com a breca! Mas onde moram os dois?

—Moramos juntos.

Fôram submetidos á aprovação o projéto e orçamento, na importancia de 5:120$00, para reparação do claustro do extinto convento de Santa Clara, de Coimbra.

Conversando

Era numa tarde amêna e suáve; a briza trazia nas dobras do seu regaço o perfume dos salgueiraes e milharados, de envolta com o branco marulhar do tranquilo Mondego. Só, percorria as margens do nosso poetico rio, pensativo, enquanto o pensamento evoluia no espaço indefinido da fantasia, procurando concretisar as formas vagas dum ideal quimérico; sonhava acordádo. E' que o homem, e principalmente o demasiádo emotivo, porque eu creio no co-substancial sentimentalismo, tem por vezes a fraquesa, ou antes a nobre coragem,—tambem é preciso coragem para a comoção,—de se deixar sensibilisar por uma palavra, por um olhar, por um gesto... por nada.

Casualmente deparo com um amigo. Trocado o abraço de saudações, diz-me sem que eu o esperasse: Então não contente com o pseudonimo escondes-te atrás da silveira? — Deixa-me, redargui-lhe; o meu espirito está muito longe de tudo isso Andava pensando... nem sei em quê, mas olha, mais me parece estar perto duma castanheira que de silveira, posto que tudo termine em eira.— Estás um Jeremias!... Mas não respondes ao homem das *jeremiadas?*— Não estou resolvido a isso por muitas razões. Primeiro porque é convicção minha que nada daquilo é da lavra do sinatário, talvés nem o nome. Depois compreendes que o artigo «Ao de leve...» não diz senão futilidades. Aquilo não é defesa. Eu queria ver uma argumentação solida, fundada em principios, que defendesse a razão de ser da carta do *lamentavel esquecimento* embora atacando. E por ultimo devo dizer-te que êle é um faccioso, um politiqueiro apaixonado-ranchista, uma criança, e portanto que cresça e depois apareça, mas de per si só, sem encosto.—Tremes!... —Não; nunca fui covarde. Nem temo ameaças, nem me assustam coisas tratadas a fundo, quanto mais «*ao de leve*». Gosto imenso de ir até ao amago delas. —Então deves responder. Demais, toleras o termo despeito?... — Despeitado, eu?... Não faças caso que o tal sr. Castanheira nem sabe o que isso significa, aliás teria-o *mandado* ficar no tinteiro ou... metia-o no bôlso porque lhe fica a matar. Pois que é que o faz falar, ou melhor assinar o que tens visto, senão o despeito e... a vontade de figurar? Sabes ao que achei piada? Ao cair de costas; mas tive a força suficiente para desta vez não me rir. — Com mêdo? — Claro está; com mêdo... mas da queda. Adeus; olha vou descrever a nossa conversa.

. . . . . .

E agora, sr. Eduardo, já que me conhece, permita-me que lhe diga que o nome de Imparcial é o unico que neste assunto me cabe. Sempre pronto a cooperar no engrandecimento da minha terra, e ao lado da razão e da justiça, apoio o que de bom ha em qualquer das duas facções, enaltecendo-as em conformidade com os ditames da minha razão, como censuro o que critica merece. Já vê, pois, que sou bem um imparcial; e como tal não posso deixar de dizer-lhe francamente, porque amo tanto mais a franquêsa quanto detesto a hipocrisia, que a sua carta do n.º 177 não teve razão de ser. Nada ha nela, áparte uma unica coisa, que a justifique. O relato das festas já havia sido feito, e, diga-se de passagem, com certa mestria. Se então não desceram a minuciosidades, para que vem em *11 de julho* falar no que a ninguem já lembrava? Das duas uma, ou quiz vêr a sua assignatura em letra redonda, ou custou-lhe a engulir o *esquecimento lamentavel*. Salivasse-o um pouco mais, e uma deglutição mais forte fá-lo-ia entrar no estômago. Enquanto ás *quedas de costas* nunca experimentei se são ou não perigosas; mas por distração... para nem tudo ser enfadonho. . O terreno em que me firmo será escorregadio, será, mas é calcareo-silicioso, enquanto que o seu parece-me ser muito arenoso; não tem bases e porisso não póde ir para longe. Desde muito novo que como ameaças a todas as refeições, porisso se quizer trate o assunto mais pesádamente, e não ao de leve, se deseja que lhe responda. A imprensa não é para ninharias. Sabe que mais? cresça e...

Um Imparcial.

Em férias

Já se encontram nesta vila, com os seus trabalhos escolares coroados de exito completo, os nossos amigos José Augusto Alves de Campos, Mario Augusto Mota, nosso apreciavel colega de redacção, ambos alunos da Universidade de Coimbra, e tambem os nossos amigos João Paes de Carvalho Mamede, que este ano concluiu o curso dos liceus com distinção, e Luiz Bobela Mota, aluno do 6.º ano do liceu de Coimbra.

O *Dever* envia a todos o seu abraço de parabens.

Para as termas do Gerez seguiram os nossos estimados assinantes, snrs. Padre Francisco dos Santos Pimenta, Reitor desta vila, e Antonio Martins de Brito.

Que voltem de saude é o que desejamos.

Alice Oliveira,

aluna externa do 5.º ano de piano do Conservatorio e com o curso de musica: léciona, em sua casa ou dos alunos, como se convencionar.

RUA DO SUB RIPAS, 10
COIMBRA

Falecimento

=†=

Faleceu em Sant'Ana da Ferreira, ali do concelho de Figueira da Foz, bem perto daqui, no dia 26 do proximo passado, uma das mais prestimosas figuras daquelas circunvisinhanças.

Referimo-nos ao bemquisto cidadão e importante lavrador, nosso estimado assinante, snr. Joaquim da Silva Carvalho.

Vereador da camara do seu concelho, ali soube grangear a estima de todos os municipes, que nele encontravam sempre uma alma generosamente aberta ao bem alheio e á coadjuvação do proximo.

Deploramos o infausto acontecimento e enviamos á ex.ma familia do desditoso amigo, o nosso cartão de condolencias sentidas.

Regressou das Pedras Salgadas, onde esteve uma temporada a banhos, o nosso presado amigo, snr. Domingos Rodrigues da Silva, considerado comerciante junto á estação do caminho de ferro de Pampilhoza.

Secção instrutiva

ORIGEM DOS REINANTES

(CONTINUAÇÃO)

Foi de facto na efervescencia das primeiras sociedades, irmanando-se com a divindade ou mancomunando-se com os seus representantes, que os ambiciosos se fizeram eleger chefes-ditadores, impondo a sua vontade autocráta ao povo humilde e pacifico, o por veses á força de armas. E' por isso que a historia nos apresenta uma imensa legião de escravos que vem sendo abolida pela marcha progressiva dos povos a caminho da civilisação. E digo que vem sendo abolida, porque quantos servis não vemos ainda diariamente curvarem-se a um gesto do mais poderoso!

A propagação do cristianismo e a divisão dêste em diversas religiões foi um passo gigantesco para a supremacia do homem sobre o homem. Roma, a Roma papal de Alexandre III e de Inocencio III e IV já na primeira metade do século XIII dispunha de maior poder que a Roma dos verdedeiros Cesares, que havia sido a alma e centro de acção do velho continente; e enquanto esta apenas poude convulsionar o mundo pela acção conquistadora das suas legiões, áquella bastava-lhe um simples gesto do seu senhor — o rei tonsurado — para transformar a face politica da terra ou mudar os destinos das nações. Devendo ser o continuador de uma religião de paz e altruismo, havia-se apoderado dos raios de Jupiter e das riquezas da terra, e dispondo além disso de um exercito incomensuravel, acionava no mundo como divindade vingadora, e até os proprios despotas que lhe haviam envergado a purpura e cedido o gladio, se dobravam humildes diante dêste poder sem limites, porque abrangia o céu e avassalava a terra. Como simplea afirmação do poder ou por méro interesse da colétividade de que era chefe visivel, abusando da força espiritual, aqui, além, atravez da terra e dos tempos, fêz rolar dezênas de corôas reais e separou milhares de mortais do convivio dos vivos e da comunhão dos mortos; e o mundo edificado aplaudiu de joelhos a obra do representante do Deus dos humildes, que apenas se insurgira contra os hipocritas e os vendilhões do templo e tinha para todas as miserias as mãos cheias de perdão, a alma de amor e os olhos de lagrimas. Foi dêsse mesmo poder, que hoje quasi se não acredita, que foram vitimas os filhos e netos de Afonso Henriques, o batalhador intemerato, que jámais se vergou a imposições, quer partissem do seu suzerano, o rei de Castela, quer dêss'outro poder mais alto, o senhor temporal e espiritual do mundo.

A revolução social impunha-se, portanto. O velho feudalismo legára uma sociedade morbida, pantanosa, num imperfeito estado de desigualdade e usurpação. Derruida a fidalguia feudal, surge presunçosa e açambarcadora a burguezia, não menos feudal e perniciosa do que essa outra de pergaminhos e castelos. Se perscrutarmos bem o sentir consciente do pôvo, veremos que a razão unica da iniquidade social é indubitavelmente o feudalismo economico. O burguez-patrão como o burguez-dirigente, não é mais humano, logico e razoavel que o antigo patricio, ou o velho feudatario. E este estado opressor, tiranico e anti-social é a logica consequencia de uma falsa supremacia religiosa, que favorecendo o cinico espirito do opressor astuto, lança o individuo na dependencia duma colétividade que cria, alimenta e perpétúa uma força de detrimento individual. Mas o movimento mundial, tendente a demolir velharias e preconceitos é grande; a consciencia social não dorme e é constante o seu evolutir. A chamada massa anonima, escoria, canalha ou apelido identico com que a burguezia usa de chamar o pôvo que produz, já não trabalha descuidado ao som duma trova paciente, nem ajoelha reverente á passagem do seu amo. Conscienciosa, compreende o valor das suas forças; conscio da sua dignidade pessoal olha o senhor como seu semelhante, e num logico raciocinio de cérebro emancipado, desfaz preconceitos e proclama orgulhoso a igualdade universal. Ai dos monopolistas do poder no dia em que o pôvo congraçar as suas forças no sentido de fazer valer os seus direitos. Desaparecerão os absolutismos e com êles as opressões.

Julho de 1915.

N. B.

Dr. Raul de Brito

Foi nomeado ajudante do notario snr. Adriano Coelho, em Pombal, aquele nosso ilustre amigo, cuja inteligencia tanto o tem inaltecido, tanto no fôro como na imprensa periodica onde tem colaborado com tanto brilho.

Um abraço de cumprimentos.

Camara Municipal

Sessão de 19 de junho

Presentes os ilustres cidadãos vereadores vogais Monteiro da Costa, J. Goes e Esteves de Barros, secretariados pelo vogal Rodrigues Pato, sob a presidencia do ex.mo dr. Simões.

Lida e aprovada a acta da sessão anterior.

Tomou conhecimento do seguinte expediente:

Um oficio da Comissão Executiva de Cantanhede a enviar uma copia do horario do comercio daquele concelho, a pedido da Comissão Executiva de Montemôr.

Dito da professora de Gatões a comunicar ter entrado no exercicio da sua escola. — Inteirada.

Dito do facultativo municipal e sub-delegado de Saude na vila de Montemôr a chamar a atenção da Camara para o estado da vala cheia de imundicie, o que constitue um largo fóco de infecção.

O Presidente informou que já oficiára á Direcção dos Serviços Fluviais e Maritimos pedindo a limpeza da vala o mais depressa possivel.— A Commissão aprovou que se désse conhecimento ao snr. sub-delegado de Saude.

Foram presentes varios requerimentos de interesse particular.

O mestre d'obras apresentou varias informações sobre licenças pedidas, e alinhamentos.—Aprovados nos termos da lei.

Deliberou mandar fazer o orçamento das obras a executar na calçada da Estrada da Barroqueira em Liceia, pelo mestre d'obras, e que o zelador de S. Jorge fosse avisar o inquilino da dita estrada para levantar uma barreira que está caida desde o inverno, no praso de 8 dias, e no caso contrario, ser multado.

Informou a presidencia a Comissão de ter sido informada da grande conveniencia de se mandar fazer uma ponte, ainda que de madeira, sobre a vala da rua d'Azenha, em Liceia, para bem déste concelho e do da Figueira da Foz, sendo feita no limite dos dois concelhos. O vereador Goes aprovou a construção da ponte, que seria de grande vantagem para o concelho, e que se oficiasse á Camara da Figueira para ver se se chega a acordo das duas camaras para fazerem as despezas da referida ponte, elaborando-se préviamente o respectivo orçamento.

Foi ouvido o guarda campestre de Tentugal, Pereira Bátista, sobre a ocasião mais azada para as obras do empedramento da estrada da Portela, e encarregado de dar informação.

Deliberou oficiar ao empreiteiro da escola de Verride, a dizer o estado em que se encontram os trabalhos.

O vereador Monteiro da Costa falou novamente sobre o pedido da secretaria de Finanças, dumas cortinas para as janelas, encarregando o mesmo vereador de se entender com o respectivo secretario de Finançrs.

O mestre d'obras informou a Comissão de que o aqueduto da estrada municipal dos Carapêtos necessita de urgente reparação.—Resolveu que se proceda á reparação.

Resolveu que fosse concertado o cilindro da estrada em Verride.

Resolveu mais, oficiar ao snr. director dos Correios e Telegrafos, de Coimbra, a comunicar-lhe que a Camara não póde continuar a dispensar a casa onde está instalada a estação do Correio e Telegrafo nesta vila.

A Comissão vendo que era hoje o dia devidamente anunciado para a conferencia dos caixeiros e patrões interessados na Regulamentação das horas de trabalho, no comercio do concelho, constatou a Comissão a falta de comparencia dos interessados, não podendo por isso tomar dados alguns. E assim resolveu, para dar cumprimento á lei, proceder desde já ao aludido Regulamento.

Foi presente o balancete semanal acusando um saldo de 3:200$00 na Caixa E. Portuguêsa e o de 325$08 na Tesouraria da Camara.

Autorisou e mandou pagar várias despezas.

Em seguida foi encerrada a sessão.

ARMANDO DUARTE

=†=

Este nosso presado amigo e obsequioso colaborador, do Porto, sofreu o rude golpe do falecimento de sua estremosa mãe, finada naquela cidade, no dia 19 do proximo passado.

Sentindo profundamente o duro golpe, enviámos ao nosso amigo um sentidissimo abraço de sinceras condolencias.

Responsabilidade alheia

UMA CARTA

Meu amigo:

Tinha resolvido não responder ás mal amanhadas frases do correspondente da *Voz da Justiça*, aqui, porque, para tal *laia*, é melhor o desprezo.

Mas, como esse senhor volta, novamente, com a mesma *cantilêna* de *valentão*, eu venho, por este meio, dizer-lhe que não tenho receio de tais ameaças. Sou homem para ele em qualquer campo. O que escrevo é original meu. Felizmente, nunca precisei de cópias para me defender, ou para acusar os que faltam aos seus deveres perante a sociedade. Já o mesmo não poderá dizer o snr. Antonio de Souza, *celebre* correspondente das novidades desta terra, que, para enviar a pequena correspondencia para a *Voz da Justiça*, é preciso recorrer a pessôas desta terra para lhe corrigir os êrros.

E' para lamentar que a *Voz da Justiça*, orgam republicano democratico, seja representada pela pessoa mais indigna desta linda aldeia.

Hei-de traçar-lhe a biografia, em ocasião oportuna.

Por hoje, fico por aqui, porque estou com pressa.

Abrunheira, 28 de julho de 1915.

Seu amigo,

Joaquim de Souza Carvalho.

Poetas e Prosadôres

Cantares

Aos leitores de O DEVER

Borboleta, minha amiga,
Quero beijar meu amor;
Ensina-me se pudéres
Como se beija uma flôr.

O beijo de amor e crença
E' um sonho divino e f'liz,
Que sabe dizer aquilo
Que o coração nos não diz.

O amor, o sentimento
Que ao coração beija e mente,
Já o descrevi sorrindo
Num beijo só... num sómente!

Saudades! dizem pessoas
Que elas nos fazem sofrer.
Eu só creio nas saudades
Sofrimentos... de as não ter!

Leão Correia.

A' FIGUEIRA!

E' hoje e não no dia 8, como primeiramente se disse, que os dois distintos ranchos *Formosas do Mondego* e *Alegria Infantil*, vão á Figueira da Foz, exibir as suas lindas e aplaudidas canções no palco do «Parque-Cinema» da mesma cidade, devendo partir de Montemór, em barco ás 6 horas do dia e chegar á Figueira ás 12, pouco mais ou menos.

O entusiasmo entre os montemorenses não póde ser maior, constando-nos que muita gente acompanhará os dois simpaticos grupos, para vêr a maneira como eles serão acolhidos e apreciados pelo generoso povo daquela magestosa princeza do Oceano, e que nos dizem estar preparada para receber os excursionistas com as demonstrações de simpatia e agrado proprias das suas belas tradições de hospitalidade.

Em seguida ao seu desembarque, os ranchos percorrerão algumas ruas da cidade, devendo estar no «Parque Cinema» ás 15 horas, afim de ai fazerem um ensaio com o sexteto musical da mesma casa de espectaculos.

A' Figueira! A' Figueira! E' este, pois, o grito que se ouve soltar com entusiasmo por todas as bocas dos que, unindo a sua voz á dos ranchos, desejam levar á rainha das praias portuguesas, o preito sincero da sua admiração e respeitosa simpatia.

E' que da memoria dos filhos de Montemór, ainda se não apagou nem se apagará jámais, as entusiasticas e ruidosas manifestações de simpatia e de enternecido carinho, de que a filarmonica *25 de Setembro* foi alvo por parte dos figueirenses, quando esta sociedade, ha já uns bons pares de anos, ali foi tomar parte num certamen musical que se realisou no vasto redondel do Coliseu, chegando o entusiasmo ao delirio de, á saida da cidade, a virem acompanhar á estação do caminho de ferro, em marcha *aux flambeaux*.

Cantanhede em festa

A ridente vila de Cantanhede teve no domingo a sua legitima consagração. O seu povo, generoso e bom, amigo das prosperidades da sua terra, assistiu á inauguração duma carreira de tiro, para o que muito trabalhou a camara municipal do concelho e o snr. capitão Pestana Lopes, comandante da I. M. P.

Assistiram ao acto, alem do elemento oficial do concelho, o comandante, governador civil do distrito, e uma enorme multidão de visitantes que afluiram áquela terra de todas as povoações limitrofes.

O nucleo da I. M. P. n.º 10, de Coimbra, apresentou-se rigorosamente fardado, o que ainda mais fez realçar o acto e o tornou interessantissimo.

Viu-se bem quanta satisfação causou a soléne festa da confraternisação, em que alguns milhares d'almas se uniram intensamente, trocando, entre si, as mais cordiais provas de estima e solidariedade.

Discursaram os snrs. dr. Antonio Leitão, alferes Arede e dr. Manuel Pessoa, presidente da Camara Municipal.

A encantadora festa, que suplantou airosamente todas as festas religiosas que ali se tem realisado, ha-de perdurar por largo tempo no espirito de quantos a ela concorreram.

Abrilhantou o acto a banda do 28, de Figueira da Foz, que deliciou a numerosa assistencia com trechos variados e encantadores.

Cantanhede é um povo habituado á placidêz e á indolencia, mas agora parece que quer reviver um pouco da sua tradição historica de liberal convicto.

Saudando o povo de Cantanhede, o *Dever* congratula-se por que o visinho concelho se engrandecesse e que a sua ilustre vereação municipal, que se não poupa a canceiras, tivesse mais este ensejo de notificar aos seus municipes o seu amôr á modernisação dos costumes e o seu desejo ardente de tornar o concelho que administra um dos mais prosperos do distrito.

Inspécções militares

A inspécção aos mancebos recenciados da freguezia de Arazêde, tem logar nesta vila, pelas 9 horas do dia 23 do corrente.

Cartas a uma infeliz

MINHA AMIGA:

Ao atravessar ontem uma das principais ruas de Coimbra, á tardinha, encontrei uma criatura que confundi comtigo. Pálida, com um veu espesso tapando-lhe quasi por completo o rosto sonhador, ela olhou-me surpreendida e eu surpreendidamente a fitei. Páro poucas vezes nos centros concorridos. Receio os miasmas sociais que são dum contagio temivel. Não é um susto cheirando a misticismo.

E' o natural retraimento que me preocupa, desde que eu conheci que uma grande parte da multidão que se agita é capaz dos maiores cometimentos em detrimento do proximo. Ela entrou na casa das maquinas da calçada, e um sujeito qualquer, de flôr na botoeira, já meio calvo, pôz-se a fita-la com interesse. Ofereceu-lhe um papel, que eu imagino ser uma carta das muitas que me dizem que ele traz já escritas, no bolso, todas com as mesmas palavras de declaração d'amor ou coisa que com isso se pareça.

E a menina, toda vestida de luto, que eu confundi contigo, baixou os olhos; e, olhando-me, eu não compreendi a significação do seu gesto.

Não nos conheciamos e nem nos ficámos conhecendo. O que é certo, minha amiga, é que a pequena, muito parecida contigo, pareceu-me rezar baixinho uma oração de protesto e de enfado. Segui-a com interesse.

E, sabes, minha amiga, aonde ela depois se dirigiu? Ao jardim de Santa Cruz, áquele belo retiro da cidade a que eu me referi na carta transata.

Olhava, desconfiada, para o lago e para a *sereia*; e, ao ver-me aproximar, exclamou com dôr e com saudade: «E' aqui!»

«Foi ontem á tarde. Era solposto. No céu, donde a lua, com grande clarão, iluminava o rosto dêle, eu vi nuvens pardacentas de desgraça. O Senhor dos Aflitos seja comigo!»

Ao dizer isto, chorava amarguradamente. Foi por isso que a criatura, toda cheia de luto carregado, me pareceu que eras tú. Lembreime então das noites amarguradas em que tu choravas e resavas, sem atenderes aos meus consêlhos nem aos rogos de ninguem. Lembra-te que a nossa vida, o nosso conforto, a nossa alma não dependem das orações que rezamos.

Eu, por exemplo, se não sou inteiramente feliz, é porque as coisas nem sempre correm á medida dos meus desejos ardentes. Mas quando entristeço, tenho pensamentos altos, e ai de mim se me entregasse ao capricho das rezas e das comunhões.

E' noite alta. Um carro passa lá longe, na estrada de Tentugal.

A'manhã escrevo mais.

Adeus.

Teu,

LEOPOLDO.

CARTA DA ABRUNHEIRA

28—7—915.

Realisaram-se no dia 23, na Escola Mista desta localidade, os exames do 1.º grau, presididos pelo Inspector deste circulo, snr. dr. Albino Cabral Saldanha. Dos nove alunos propostos pela professora oficial, snr.ª D. Aida da Fonseca Mota, oito obtiveram a classificação de *ótimo*, e um a de *bom*. Fôram os seguintes: Alzira Foste, Juvenalia Ferraz, Palmira Rosado, David dos Santos, Joaquim Cardoso, Joaquim Garcia, José Simões e Luiz Monteiro, *ótimos*; Libania Marques Tavares, *bom*.

No dia seguinte realisaram-se tambem na escola do sexo masculino de Verride os mesmos exames, presididos tambem pelo Inspector deste circulo.

O professor interino daquela escola propoz os cinco alunos seguintes: Albertino Bátista, Antonio Rodrigues da Costa, Eugenio dos Santos Pinto e Porfirio Bátista, que obtiveram a classificação de *ótimo*, e Saul Correia Pinto a de *bom*.

A professora da Ereira, snr.ª D. Estéla Cachulo, propoz quatro alunos, que tambem fizeram exame na escola do sexo masculino de Verride, no dia 24, os quaes obtiveram a classificação de *ótimo*.

A todos os nossos parabens.

—— Anda-se procedendo a reparações no lavadouro publico desta localidade, reparações que se tornavam urgentes. Graças aos esforços e boa vontade do presidente da comissão executiva da camara municipal deste concelho, snr. dr. Antonio J. Simões, veremos em breve o lavadouro com os melhoramentos de que tanto carecia e que eram de absoluta necessidade.

—— Tambem estão quasi concluidos os trabalhos na estrada que liga esta povoação com Verride.

N.

Movimento da população

Nascimentos registados durante o mês de

Junho

Nazaré, filha de José da Costa Simões Monteiro e de Joaquina Mendes d'Azambuja, nascida no dia 5 de maio, na Coitada, freguezia das Means.

Olivia, filha de Joaquim de Jesus e de Maria da Cruz, nascida no dia 2 de maio, na Azenha do Amieiro, freguezia de Arazêde.

Ermezinda, filha de Antonio da Costa Figo e de Maria da Conceição Pereira, nascida em 30 de abril na vila de Pereira.

Joaquim, filho de Ana Duarte, nascido em 19 de maio, na Cruz de Santo Antonio, freguezia da Carapinheira.

José, filho de José da Silva Carapeto e de Maria de Jesus, nascido em 12 de maio no Zambujeiro, freguezia de Arazêde.

Ludovina, filha de José Maria de Oliveira e de Maria Pozela, nascida em 6 de maio na Bunhosa, freguezia de Arazede.

Maria da Anunciação, filha de José Simões Povoa e de Maria de Nazaré Rama Cadima, nascida em 16 de maio no Casal do Coiso, freguesia da Carapinheira.

Manuel, filho de Manuel de Oliveira e de Luiza Mendes, nascido em 10 de maio, nos Linhaceiros, freguezia de Arazêde.

Rosalina, filha de Ana Ramos, nascida em 10 de maio no Casal das Freiras, freguezia de Liceia.

Maria, filha de Manuel Gonçalves e de Conceição Velosa, nascida em 4 de maio, em Formozelha, freguezia de Santo Varão.

José, filho de José Antonio Monteiro e de Maria Rosa Simões, nascido em 21 de maio na Lavariz, freguezia da Carapinheira.

Manuel Maria, filho de José Cabete e de Maria de S. José, nascido em 12 de maio, na Lavegada, freguezia de Liceia.

Joaquina, filha de Albino Maria de Oliveira e de Maria das Dores Justa, nascida em 6 de maio, na vila de Tentugal.

Manuel, filho de Manuel da Silva Jeronimo e de Ana Gomes Faria, nascido em 3 de junho, no Arneiro Tecelão, freguezia de Arazêde.

David, filho de Antonio Gonçalves Sebastião e de Maria de Oliveira Costa, nascido em 7 de maio nos Pelicanos, freguezia de Arazêde.

Jovina, filha de Antonio Fernandes Gil e de Rosaria de Jesus, nascida em 2 de junho, nos Casais Velhos, freguezia de Pereira.

(*Continua*).

CORRESPONDENCIAS

Arazêde, 26

Encontra-se entre nós, gosando as presentes ferias universitarias, o nosso dedicado amigo Alvaro da Silva Ferrão, estudante de medicina.

== Tivemos o prazer de cumprimentar nesta localidade o nosso prestimoso amigo e laureado estudante de direito, snr. José Rafael, de Figueira da Foz.

== O tempo não corre de feição á lavoura. Um estio prolongado está causando graves transtornos aos pobres que vivem do seu trabalho campestre, que morrejam dia a dia e que, alfim, nada podem colher para seu sustento, porque tudo as ardencias do sol destruiram, a propria Natureza, ás vezes tão prodiga, esqueceu por completo.

== Encontra-se entre nós, em goso de licença, o nosso querido amigo José Simões Cruz, empregado superior da Casa Lisbonense, de Coimbra. Um abraço.

C.

Verride, 27

Encontra-se ainda bastante doente a ilustre professora do sexo feminino desta localidade, snr.ª D. Ana Moutinho Barbudo. Com sinceridade fazemos ardentes votos pelas melhoras de tão bondosa educadora, que soube, a despeito d'estar aqui ha pouco tempo, conquistar gerais simpatias.

As coisas de instrução nesta terra téem corrido um pouco á matroca, e já agora estamos condenados a sofrer constantemente a falta de professores que dirijam e iluminem os espiritos dos nossos filhos.

== Os ranchos «Grupo Popular 20 de Janeiro» e o seu rival «Flôr de Tricanas» devem sentir-se fatigados de dançar. Com efeito, desde os festejos de junho, não téem tido parança.

O pior é que as divergencias de opinião cada vez mais se salientam. Não nos admira, porém, que a mocidade nem sempre se entenda. O que é para estranhar é que os velhos se não conciliem de maneira a esquecer agravos para entrarem definitivamente no amplo caminho dos interesses locais, pois ha muito que fazer e muito em que pensar.

== Esteve aqui o nosso presado amigo, snr. João R. Corrêa, e partiram para a capital os snrs. Sabino, Alipio e Jacinto Pinto e João R. Corrêa.

Feliz regresso.

C.

Alhadas, 28

Foi aqui muito sentido o falecimento do snr. Joaquim da Silva Carvalho, abastado proprietario em Sant'Ana da Ferreira. O extinto, que aqui contava familia e amigos intimos, gosava de gerais simpatias, pois, além de ser um caracter austero, era um grande humanitario. Os pobres perderam o seu melhor amigo e a Republica um democrata sincero e convicto, que durante a maior parte da sua vida lutou tenazmente em prol das grandes causas e dos sublimes ideais.

O seu funeral, que se realisou no dia 27, foi um dos mais imponentes cortejos funebres que aqui se teem visto e em que se incorporaram pessoas de todas as categorias sociais. Paz á sua alma.

Deixa viuva a snr.ª D. Mariana Mota, a quem, como á de mais familia enlutada, enviamos a expressão do nosso mais profundo pezar.

Antonio Anadio.

Guerra Européa

Ultimos telegramas

Londres, 30—Os russos desenvolveram a ofensiva ao sul de Lublin, obrigando os austriacos a desalojar posições importantes que anteriormente haviam ocupado.

Não obstante o exito do generalissimo russo, detendo o avanço dos austro-alemães em tres pontos, ha razões para que Varsovia seja abandonada pelos russos, pois se os austro-alemães continuam tendo enormes perdas no Naraw, em Dublin e Chobu, o seu abastecimento de armas e munições permitir-lhes-ha, tarde ou cedo, forçar a passagem.

Posto isto, já se fazem preparativos de retirada por parte dos russos, em condições das suas forças ficarem intactas e efectuarem depois acções eficazes.

Paris, 30—Noticias que se recebem de varias procedencias dizem confirmar-se o movimento envolvente alemão contra a linha de Blonie, movimento efectuado em condições taes, que os russos consideram prudente evacuar Varsovia.

Assim, a administração dos correios já dali retirou e as tropas recuam para a linha Groduo-Brest-Litowsk.

A proposito desta retirada, ha quem recorde o plano estrategico dos russos, em 1810, que consistiu em recuarem sempre diante das tropas napoleonicas. Assim, se os alemães quizerem alcançal-os, terão que avançar para o interior da Russia, vindo a cahir no mesmo perigo em que caíram os exercitos de Napoleão.

Berlim, 30—Oficiaes que regressam do campo de batalha na Polonia dizem que os russos, ao retirar, destroem as povoações e as colheitas, deixando aos invasores os povoados em chamas.

Octawa, 30—O Canadá vae mandar mais tropas e metralhadoras para auxiliarem a campanha dos inglezes.

Paris, 30—Uma nota oficiosa da Italia protesta contra o facto dos austriacos terem feito um fogo violentissimo sobre uma coluna de feridos italianos que retiravam da batalha de Izonso.

ANUNCIOS

Editos de 30 dias

(*2.ª publicação*)

NO Juizo de Direito de Montemór-o-Velho, cartorio do escrivão Sampaio, no inventario orfanologico por obito de Antonio Gomes Vinagre, do Moinho da Matta, no qual é inventariante a viuva Ana Carvalho, do mesmo logar, correm editos de trinta dias, contados da segunda publicação do respétivo anuncio no *Diario do Governo*, citando o interessado Manuel Gomes Pirôto, casado com Ana Carvalho, e ausente em parte incerta no Brazil, para assistir a todos os termos até final do mesmo inventario.

Montemór-o-Velho, 9 de julho de 1915.

O escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Amaral Pereira.

Companhia Geral de Credito Predial Português

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

Séde Social: Travessa de Santo Antonio da Sé, n.º 21

LISBOA

Esta Companhia realisa actualmente emprestimos hipotecarios a longo praso, cujo encargo, compreendendo juro, comissão, amortisação e depreciação dos titulos, é inferior a 7 %, tendo os mutuarios a faculdade de antecipar os seus emprestimos, total ou parcialmente e em qualquer época, em dinheiro ou em obrigações da mesma taxa e tipo das que fôram entregues no acto do contrato. Recebe e guarda nas suas magnificas **Casas fortes** quaisquer papeis de credito, encarregando-se de receber os respectivos juros.

Pedir esclarecimentos a Fernando da Silva Coelho Pessoa — Montemór-o-Velho — ou diretamente á Séde da Companhia.

AGUA DE LUSO -- Cura pela Diurése

(ESTABELECIMENTO TERMAL E HOTEIS ABÉRTOS TODO O ANO)

A mais diurética e mais digestiva. Aumenta a diurése, regularisa as funções digestivas e ativa os fenómenos nutritivos

Muito radioativa—4,49 miligramas—minutos
Muito ionisada, resistividade a 18° 18300 ohms
Muito rica em gazes raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotonica, ponto criospico 0°,04

} Conclusões da analise feita pelos distintos professores Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitissimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tifico

USO EXTERNO—Molestias de pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc,), reumatismo e gôta.
USO INTERNO—Artritismo, impaludismo, neurastenia—Albuminuria, diabetes—Intestinos, estomago—Rins—Bexiga.

Depositos -- LISBOA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 428. FUNCHAL, José Quirino de Castro, rua dos Murças. AFRICA ORIENTAL: Oswald Offmann. BEIRA: F. L. Simões & C.ª. LOANDA: Beltrão, Pena & C.ª, e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositarios nas terras onde ainda os não haja.

Portugal Previdente

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima — Responsabilidade Limitada

Capital **UM MILHÃO** de Escudos

SÉDE — RUA DO ALECRIM, 10 — LISBOA
N.º Telef.—1849 End. Teleg.—VIDA

Seguros contra incendios de predios, fabricas, etc.
Seguros de estabelecimentos e mobiliarios.
Seguros agricolas de ceáras, eiras, palhas, arvoredos, etc.
Seguros de maquinas e utensilios de lavoura.
Seguros contra incendio proveniente de gréves e tumultos.
Seguros de transportes maritimos e postaes.
Seguros contra roubo de habitações e estabelecimentos.
Seguros contra fraude de empregados.
Seguros contra a quebra de cristais.
Seguros de vida, pensões, dotes e reformas.
Seguros contra acideute de trabalho.

Agencias em todas as terras importantes do paiz, ilhas e colonias.
Sucursal no PORTO — Rua Passos Manoel, 21.

BANQUEIROS—**Borges & Irmão**—Porto e Lisboa

Antonio Pereira de Carvalho

Proprietario dos Grandes Armazens de Bicicletas, Maquinas de Costura, Pianos e toda a qualidade de acessorios.

A maior e mais antiga casa no genero

Oficina para todos os concertos, afinações e reparações em bicicletes, motocicletes e maquinas de costura.

Artista mecanico habilitado.

Vendas, alugueis e trocas.

Preços sem competencia

34—Avenida Navarro—36

(Estrada da Beira)—COIMBRA

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem deposito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se tambem de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fóra de Coimbra

FABRICA DE CAL

Cal fina e grossa, fornece-se em muito boas condições. Preços modicos, sobre o wagon, no caminho de ferro e nos proprios fornos.

Agente de telha tipo marselha e tijolos de todos os formatos, da fabrica Lacerda, Figueiredo & C.ª Limitada, da Pampilhosa.

Pedidos a

Joaquim F. Coca Junior
Zambujeiro—Arazede

AOS AGRICULTORES

Sendo agora época de sementeiras de milho, feijão, abóbora, etc., será conveniente aplicar os bons adubos e purgueira da afamada casa *Varela, Leal & C.ª*, das **Varzeas**, que se encontram **á venda em casa de Manuel Monteiro Godinho**, com deposito no **Casal do Gaio, Arazêde.**

Companhia de Seguros

A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz

Antonio d'Oliveira Guerra

RUA DA REPUBLICA, 84

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legitimos acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de fórma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamavel, isca em cordão vendida fraudulentamente a titulo de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva acção civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa ao Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalisação para procederem ás necessarias diligencias. Dirigir-se pessoalmente ou por carta á Companhia Portuguêsa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS

MELO & MARTINS

PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada

PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiencia dos nossos adubos, devido ao seu magnifico resultado os adoptarão de preferencia a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

SEGUROS CONTRA INCENDIO

incluindo riscos de explosão de gaz e raio.

Seguros contra incendio cobrindo tambem os riscos de gréves ou tumultos (portaria de 14 de Março de 1914).

SEGUROS CONTRA INCENDIO cobrindo ainda os riscos de guerra (portaria de 30 de Novembro de 1914).

Unica companhia autorisada a segurar os riscos de guerra nas apolices de incendio

Seguros contra incendio e roubo E' tambem A MUNDIAL a unica Companhia autorisada a emitir uma apolice cobrindo os dois riscos

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital — Esc., 500:000$
(500 contos)

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmão
Praça da Liberdade, 138 — Telefone 1459

Agencias e Delegações em todo o paiz, ilhas e colonias.

Restaurante Ferro-viario

ALFARELOS

ESTE bufete, um dos que melhor servem o publico que transita nos comboios, acha-se situado na estação do caminho de ferro de Alfarelos. Fornece almoços, jantares e *lunchs* e toda a qualidade de refeições, por preços comodos.

Tem pessoal habilitado, tanto em cosinha como em sala de mesa.

Tudo se encontra com esmero e perfeição.

Fornece comida para fóra, e presta-se a servir em casamentos, batisados, etc., desde que seja prevenido com antecipação.

O proprietario, **Artur de Oliveira Coelho.**

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro
PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex.mos passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.

Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA

Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.
PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações
Deposito das afamadas aguas de Luso.

Guilherme dos Santos Pinto & Irmão

COM

OFICINA DE CANTEIRO

Encarregam-se de jazigos de toda a especie e todo o serviço concernente á sua arte.

Tambem executam todos os trabalhos que digam respeito a *Plantas, Alçados, Copias, Projectos e orçamentos de edificios, edificações, etc.*

Montemór-o-Velho=Verride

Biblioteca da Universidade Coimbra

Ano 4.º Montemór-o-Velho, 8 de Agosto de 1915 N.º 181

DIRECTOR, PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR
Almeida Junior

SECRETARIO DA REDACÇÃO E EDITOR
Abel M. de Melo Brandão

REDACTOR PRINCIPAL
Mário Augusto Mota

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguêsa

Pátria e Humanidade

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Dr. José Galvão
MONTEMOR-O-VELHO

DIRECÇÃO:—COIMBRA
(para onde deve ir a correspondencia)

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. Silva (a vapor)—AVEIRO

Crónica de Lisbôa

A vida de Lisbôa!...

Classifica-la de vertiginosa, era, simplesmente, exagerar o termo, mas, dize-la, sómente, intensa seria apoucar-lhe o sentido.

A constante labuta que vêmos empreendida pela multidão proletaria, o turbilhão de pensamentos que agitam os milhares de cerebros e o esforço que produzem os milhares de braços que se ocupam, merecem, sem duvida, já o reparo das coisas colossais Lisbôa é uma pequena París e París é um pequeno mundo que se agita. Lisbôa é uma cidade de movimento e de trabalho, de luxo e de miseria. Tem as convulsões das grandes capitais; possue tambem os subterranios onde fremem as grandes paixões e latejam os grandes vicios. A Lisbôa noturna tem já o quer que seja de crapuloso e mau. Entre a diversão que atrai e a miseria que se depara, fixa-se a gangrena da corrução, a lama repugnante do vicio ante o olhar habituado e indiferente da virtude. Ha o amôr momentanio e resignado, ás esquinas das ruas. A fome fixou-se em centenas de familias, negra, cruel e vil. Arranca a dignidade dalguns lares, escarnece da honestidade de alguns talamos, abre a porta da rua, brada, á multidão, intimidades sagradas que até Satan respeita, e, expulsando a inocencia para a lama dos caminhos, ordena que se venda, a rir ás gargalhadas.

E tudo redopia, e tudo volve e caminha, olhando grandes miserias sem um agitar de palpebras, assistindo a grandes *debácles* morais sem um comentario unico. Ha impassibilidade, quando deveria haver o assombro!

E' que a estupefacção não persiste quando o mesmo espectaculo se prolonga. E' a vida de uma grande cidade cheia de grandes miserias e de grandes abnegações, de grandes crimes e de grandes sacrificios. O seu povo persiste de continuo numa luta construtôra, almeja o impossivel, pontificia ao deusmilhão de quem é o mais fervoroso crente. O septicismo arrefece perante o Senhor dos Senhores. Ele adora-o, bajula-o e torna-se o figurante gratuito do espectaculo diario que sóbe á scena neste teatro de fulgurações de raiva, de odios concentrados, de ambições latentes de miseria, de dôr, de pulhismo. E' uma París em miniatura? Sei lá, sei lá!

Dos cerebros mais acanhados surgem os maiores crimes; dos monturos menos repugnantes, exalam-se as mais mortiferas pestilencias. E, no entanto, esta linda cidade a que o Tejo lindo banha os pés, deslumbra e atrai. Quando de sertanejas terras veem indigenas simplices, surde a rajada quente do pasmo. No seu olhar estampa-se o sonho dum mundo novo, a bôca permanece em oval. Costumados ao bucolismo das campinas, habituados ao murmurio dos ribeiros, em contacto com a terra-mãe que produz, amando o arvoredo e a charrua, eles pasmam. A vida cheia de intensidade, quasi vertiginosa, o movimento anormal, deslumbra-os e mortifica os, atrai-os e consome-os.

Como é, pois, no meio duma cidade assim, como é, pois, que nós, com um turbilhão de pensamentos a zigzagueárem no cerebro podemos arcar com a responsabilidade de lhes escrever, necessitando de sermos fiel em extremo, no *écrain* da *Crónica*? Coisas de velha amizade, ligações de tempos velhos, laços firmes da mocidade saudosa...

E como *noblesse oblige* logo na manhã de quarta-feira abancamos perturbado á nossa meza modesta de trabalho e... avante. Corripiamos como filho da cidade que sômos, e, numa *vertigem* que nos dispõe mal, escrevemos, escrevemos, precipitadamente, mecanicamente, e quando pensamos e crêmos citar a verdejante Irlanda de prados de encanto, com o seu verde Erin; quando desejamos falar da sua emigração, do seu pauperismo e das suas lutas com os *land-lords*, espirramos.

Ah! Pobre Gladstone, tu que tanto lutaste pela sorte da tua patria, perdoa-me!

A inconfundivel Irlanda do *bill* do *home-rule* que conseguiu á força de grandes sacrificios, de esforços ciclopicos, as leis de protecção aos rendeiros e a de aquisição de herdades e que, ha mezes ainda, se preparava para lutar armando-se até aos dentes, no Ulster, e agitando o resto da sua população, prototipo da antiga escravatura, quer governar-se por si, legislar para si, proteger os seus naturais, vitimas do Capital que os corroi e mata. Não é uma luta politica aquela que ali vêmos desenhada, numa permanencia que aterra. A situação da Irlanda, que estava decidida a ir até ao fim, modificou-se com a guerra. E mal irá á liberal Albion se continuar a sancionar que o capital explore e esmague o trabalho, que o atire para a miseria cruciante e para a emigração diária. A opressão gera herois, o desprezo requer a vingança. E esse pobre povo que podia ser um dos mais prosperos do mundo, que podia exigir aos seus prados verdejantes a riqueza sonhada, acalenta no peito o momento em que a Justiça brilhará, derrubando com leis, a força colossal dos *land-lords*, imperadores em miniatura, vampiros sequiosos de sangue.

Foi tudo isto que lhes quiz dizer na semana passada, mas, a especie de vertigem, o turbilhão de pensamentos, impediram-mo.

A agitação febril transtornanos, modifica-nos, envolve-nos o espirito num nevoeiro gelado, numa serração perturbante.

Foi assim, pois, que nós, na semana passada, descobrimos a Dinamarca...

D. L.

Dr. Mário Mendes

Esteve em Coimbra ante-ontem este ilustre medico municipal da freguezia d'Arazede, onde gosa de muita estima pelo seu elevado criterio e muita bondade.

Cumprimentamo-lo afétuosamente.

Lá longe

Pelo consulado de Portugal em Belo Horisonte, Brazil, foi comunicado á secretaria dos estrangeiros o falecimento, em 25 de maio ultimo, em Ribeirão Preto, de José Miranda Fixa ou Fixe, natural de Cantanhede, solteiro, e remetidas pelo consulado de S. Paulo copias do seu testamento e do auto de avaliação dos respectivos bens.

Transferencias

Fôram transferidos mutuamente os guarda-fios jornaleiros de Montemór-o-Velho, Antonio Cardoso Gaspar e Delfim Augusto Morais, da Regoa.

Questões de educação

Ex.mo Snr. Luís Leitão

Cem grandes ... em cem pequenos capitulos é o titulo do livro amoravel, escrito pela sua pena bondosa e calma, e que a sua fina delicadeza me ofereceu e me enviou ha dias.

Muito e muito obrigado.

Ainda não cheguei ao fim. Leio muito de vagar para prolongar o grande prazer espiritual que a sua leitura me proporciona todas as noites, antes de recolher ao leito.

Como me disse que tinha mais 2 livros em preparação, e como, naturalmente, versam sobre moral social, eu tomo a liberdade de oferecer-lhe uma comovedora história, de ha poucos dias.

E' claro que o seu autor não só permitirá que eu lha ofereça, mas ainda estimará que ela tenha a vulgaridade que merece.

E' seu autor e protagonista o snr. Vidal Oudinot, distinto inspector escolar no Porto. Publicou-a num belo livro de pedagogia prática, intitulado—*Acção*.

O meu ex.mo amigo aproveita-la-ha, pois, para os seus escritos de fraternal divulgação educativa.

Seu muito amigo e admirador

S. João do Campo, 28.

P. de C.

Má criação

Ha dias, uma pobre companhia de zarzuela espanhola, infeliz numa tournée em Portugal, voltava a Espanha.

Viagem desconfortada e macilenta, faziam-na em um compartimento pneumónico de terceira classe. Um pequeno de 10 anos, parecendo, pelos labios cianosados e pelos pometos salientes e roseos um alumo da tuberculose, aninhava-se febril e humido entre os refolhos dum vestido de chita já desbotado, da pobre mãe resignada. Com uma rajada de vento e uma imprecação malcriada, o revisor entrou, cara glauca, impertigado numa chança germanica e embrulhado num aborrecimento impertinente. Bruscamente, numa voz irritada:

— Os bilhetes?

E um velho, creio que o pobre empresário da pobrissima companhia, numa resignação trémula e humilde, procurava satisfazer o mais breve possivel aquela brutalissima interrogação. E como o velho se demorasse um pouco mais pela natural tremulação da sua avançada idade, o arrieiro-revisor soltou um palavrão indecentissimo, olhando com ares descompostos os pobres e aterrados artistas.

Contou 22 bilhetes que o velho trémulamente lhe entregara—mas fitando os olhos na criança que tiritava de mêdo, berrou:

— E o daquele patife?

A mulher então, numa toada desconhecida, mas harmoniosa, porque vinha duma boca de mãe, principiou, olhos marejados de lágrimas, a contar a via-dolorosa da sua existencia, sem pão e sem arrimo. E o velho, tirando meia duzia de vintens dum bolso escancelado, exclamou comovidamente:

— E' todo o dinheiro que possuimos e esse mesmo era destinado a pão para o pobre doentinho. Se o quizer, tome-o. Desde manhã que não comemos e só tenciono fazê-lo em Espanha, na nossa pátria.

— Pois hão-de pagar 4$840 pela passagem do garoto — caso contrario na proxima estação ficará preso.

Foi um desabar de maldições sôbre os homens do meu país e sôbre os homens de mau coração. Cada lágrima que caia dos olhos magoados daquelas mulheres, parecia-me um pedaço querido da sua pátria a injuriar a minha. Os homens nada diziam. Fingiam velar o desespéro que se lhes lia nos olhos, com um sorriso amargo de indiferença.

De repente, a mãe soltou um grito:

— O meu filho prêso!... aqui!?

— Ficaremos todos, disse o velho.

Alguém que ali ia não pôde mais. Eram seis homens, seis professores, que na véspera, depois duma partida de *bridge*, tinham resolvido ir ao Porto assistir a uma conferência, em que se ventilavam assuntos de instrução. E numa proposta económica, para evitar algum desvario, natural em individuos de cabeça mal pintada de branco, resolveram levar apenas, cada um, uns miseros 2$500.

Um deles tirou o chapeu, já o comboio ia apitando a *apertar freios*, porque a estação estava proxima, e estendeu-o, olhos humidos, aos seus companheiros comovidos. Antes tinha êsse alguém deixado cair no fundo do seu chapeu uns 91 centavos. Os outros imitaram-no e, quando o comboio chegou á estação, o *pedinte* despejou no regaço da aflita e espantada mãe uns 5$46!

Saltámos para a gare, porque o dinheiro apenas chegava para a volta.

Estavamos em Espinho. E quando o comboio partiu, vimos ás janelas de aquele pneumónico compartimento de 3.ª, rostos em que os olhos viviam de alegria e de agradecimento, bocas onde havia *grácias*, beijos e bençãos para o meu país, e que nós recebiamos numa intensa comoção reprimida. E, no primeiro trâmvia descendente que passava, lá nos atiramos para uma terceira, comentando alegremente o prazer desfeito, e desfeito pela má criação e falta de humanidade que lavra por essa burocracia fóra.

E que bem nós dormimos nessa mesma noite de verão, sonhando que a perfeição absoluta se dava, se a educação do espirito fosse integrada em todos, nivelando, irmanando toda a Humanidade!

As cartas duma infeliz

Meu caro Leopoldo,

Estive ontem na praia. As gaivotas, voejando por sobre as aguas do mar, quasi vinham poisar-me aos pés. Pareciam as pombas brancas do meu pombal, que comem comigo á meza, que não podem passar sem me vêr. Quando eu estou doente, elas andam muito tristes. Choram todo o dia e veem vêr-me ao meu quarto de dormir. Estendem o biquito a pedir-me beijos, abrem as azas muito como a quererem abraçar-me estreitamente. Não ha nelas a maldade dos homens de hoje nem a podridão das almas a envenenar a nossa vida. Desculpa, Leopoldo, que hoje esteja um pouco livre-pensadora. Tu tens-me dito coisas, e delas, ainda que te pareça o contrario, algum vislumbre tem ficado. Claro que eu apenas me preocupo com a parte mais sã e menos apaixonada de doutrinarismos que incomodam e sómente podem aproveitar a meia duzia de homens como tu.

Mas mesmo assim, aprendo a tirar conclusões que me servem de guia e que é bom sempre conhecer.

Ha pensamentos altos que se não podem pôr no olvido, e tu, ás vezes, ensinas bem. Preside ás tuas lições um intuito nobre, e isso me basta para aproveitar muitos dos teus conselhos.

Estou muito longe de Coimbra.

Apenas lá fui uma vez, em criança, mas toda a gente me refere os encantos inegualaveis dessa cidade de tão gratas e amorosas tradições.

Dizem me que se ama aí muito, e que as proprias pedras das calçadas falam d'amôr a toda a gente. A avaliar pelo que a historia nos indica, assim deve ser. Com efeito, aí ama-se até ao sacrificio que custa vidas, e á resignação que inspira a Paz.

Todas as tuas cartas me merecem muito interesse, mas estas duas ultimas calaram fundo na minha alma atribulada.

Tenho-as lido tantas vezes, que até já as sei de cór.

Escreve mais á

Tua,

IRÉNE.

EDUARDO PASSOS

Tem estado doente este nosso apreciadissimo e ilustre colaborador literario, que felizmente se encontra melhor dos seus incomodos.

Um abraço ao nosso amigo e distinto companheiro de luta.

Horas d'insónia

Não ha terras como as do norte. Saudaveis, opulentas em tudo, até na miséria que faz fome e leva á perdição. Escrevo esta crónica a dois passos do Porto, depois dum dia de labuta e de ter visto passar uma infenidade de comboios repletos, quasi todos, de petizas namoradeiras, d'olhares penetrantes e curiosos. A dois passos do Porto e a um passo, sómente, do grande oceano Atlantico. Sente-se aqui o resfolegar de enormes navios, singrando as azuladas aguas, a caminho de portos longinquos, de terras desconhecidas e,— quem sabe! — de mares tintos de sangue e apinhados de cadáveres!

Passou ha pouco, sob prisão, ali na estrada de Vila Nova de Gaia, um homem andrajos, tisnado do sol, como quem, seguindo a terapeutica agora muito em vóga, houvesse tomado um grande banho, de dias seguidos, sob a tonificante influéncia dos seus raios ardentes.

Um guarda fiscal, de olhos chispando vingança e ódio, como se se tratasse dum animal daninho e prejudicial, e não dum homem, como ele sujeito ás mesmas leis de falibilidade, aos mesmos pecados e aos mesmos êrros, tratava mal o homensinho, o prisioneiro.

O seu delito fóra grave.—*Passar sonegadamente, meio litro d'azeite para temperar um caldito que no dia imediato devia ser o seu almoço!...*

Dentro de barreiras estava mais caro, por causa dos direitos alfandegarios, dos transportes, das rendas de casa, do aluguer dos contadores dagua e gaz; e, até, por causa do luxo exagerado. Que delito! Defraudar o Estado, este Estado que todos defraudam e que os seus defensores são, ás vezes, os que defraudam mais; roubar *ao cofre da Alfandega um triste pataco, causou a prisão do desgraçado e o ódio e a vingança do guarda. Grande triunfo!*

O trabalhador géme, com saudade dos filhos, lembrando-se da sua miséria todo, nas tabuas duras do calabouço. O funcionario, zeloso mas ganancioso, sorri talvez do seu feito historico, esfrega as mãos de contente por ter feito mais uma vitima, por ter agradado mais uma vez ao seu chefe.

O contrabandista *não dispõe de*

influências. Anda descalço; vae de manhã para a oficina e á noite, morto de fadiga, enrola-se, com os petisitos que em casa o esperam, numa manta de farrapos.

Meio litro de azeite passado aos direitos, meus amigos, néste tempo de dificuldades, néstes dias em que a fome açoita os lares e os salarios mal chegam para o bacalhau, deve ser coisa horrenda, lá no espirito do guardador dos nossos haveres, do que multa um homem sem dinheiro e sem enxerga na mira de perceber alguns centavos arrancados duma magra bolsa e ao definhadissimo orçamento duma criatura que tem fome!

Santos e exemplares defensores tem esta Republica toda vestida de sangue, quando não anda vestida de luto!

E depois, o homem que foi agarrado ali na estrada de Vila Nova de Gaia, ajudou a fazer as instituições, contribue para a sustentação do seu detentor, sem que ninguem contribua para a sua sustentação, ante todos procuram esfola-lo cada vez mais, cada vez mais tornando-lhe dificil a existencia de trabalhos e canceiras.

A minha ordem d'ideias não é aquela que reconhece o direito de defraudar o Estado a todos aqueles que deram um pedaço do seu esforço para a transformação politica da sua terra. O meu desejo, bem ao contrario, era que as leis em vigor se modificassem, no sentido de perdoar faltas assim, castigando os altos prevaricadores, que os temos e bem conhecidos.

Para aqueles que tentam passar meio litro d'azeite aos direitos, ou um pedaço de toucinho, devia o proprio Estado olhar, auxiliando-os, em vez de os perseguir.

Está uma noite explendida. As roseiras em flor espalham pelo ambiente um aroma inebriante. Da varanda duma casa grande, ali de fronte, fala-se d'amor ha duas horas.

E, a dizer a verdade, não ha tempo como aquele que os noivos passam nos seus dias de coloquio, dizendo coisas e ouvindo coisas...

O mais!.. E' bom esquecermos tudo...

Valadares, julho de 1915.

ALMEIDA JUNIOR.

Restaurante modelo

O nosso presado assinante snr. José Gonçalves acaba de montar com todas as comodidades e confortos, um belo restaurante na estação do caminho de ferro de Sarnada, na linha do Vale do Vouga, onde os snrs. passageiros encontram, por preços resumidos, magnificos aposentos e boa meza.

Secção de Variedades

Tôrdo ou Tordoveia?

Foi num dia de entrudo. O homem que saira á caça, chegou a casa com uma tordoveia que havia matado.

— Olha, mataste um tôrdo! exclama a mulher.

— Não é um tôrdo; é uma tordoveia.

— E' um tôrdo.

— O' mulher, é uma tordoveia.

— Um tôrdo, um tôrdo é que é.

— Uma tordoveia, uma tordoveia!

Tanto insistiram, que, por fim, trocaram uns tabefes. No ano imediato, em egual dia, a mulher:

— Faz hoje um ano que tu mataste um tôrdo.

— Era uma tordoveia.

— Não era tal; era um tôrdo.

— Já te disse que era uma tordoveia.

— Sim senhor; era um tôrdo.

— Não senhor; era uma tordoveia.

Tanto teimaram que jogaram as cristas.

Nos anos seguintes, chegado que fosse o dia de entrudo — era já sabido! — entre os dois esposos repetia-se invariavelmente a velha questão do tôrdo e da tordoveia, acabando sempre a sopapo.

NA FIGUEIRA DA FOZ

Um brilhante sucésso dos ranchos «Formosas do Mondego» e «Alegria Infantil»

Ainda hoje escrevemos sob a grata impressão que no espirito nos deixaram as extraordinarias ovações e aplausos de que no domingo ultimo, foram alvo os ranchos *Formosas do Mondego* e *Alegria Infantil*, no Parque-Cine, da Figueira da Foz.

Efétivamente ainda até hoje nenhuns outros ali se exibiram com mais galhardia e melhor ensaiados e que dançassem com mais correcção e vivacidade de marcas, sendo bisadas algumas das suas lindas canções.

Era esta, pelo menos, a opinião dos empresarios do Parque, os snrs. D. Angelo e Carlos Idães, os quais por isso se declaravam plenamente satisfeitos.

Vamos, porem, agora descrever a forma como se fez a viagem em barcos até á Figueira, dos dois simpaticos grupos e bem assim tudo o mais que se passou, principiando pela

Partida de Montemór

que não podia ser, infelizmente, mais triste e aborrecida, parecendo praga que tinham rogado aos ranchos.

Ao nascer do dia o céo apresentou-se envolvido por uma espessa camada de nuvens pardacentas e pesadas, de modo que, precisamente á hora que os dois ranchos se dirigiam para o rio, afim de darem entrada nos barcos que os deviam conduzir, começava a cair uma chuva miudinha e persistente, perturbando, assim, por algumas horas, a alegria que reinava em todos os espiritos, e pelo que as raparigas e as creanças, se viram obrigadas a vestir outros factos por cima dos seus trajes caracteristicos de dança, para estes se não enxovalharem.

Como um dos barcos ainda ali se não encontrasse e não fosse hora da maré, esperaram ainda por largo espaço de tempo, sob os guardas chuvas, que aquela chegasse, acompanhadas de pessoas de familia que transportavam os competentes farneis, indo depois tudo, mota do rio abaixo, embarcar ao sitio denominado — *As doze geiras*.

O tempo melhora, tornando-se uma viagem deliciosa

Havendo cessado, finalmente, de chover, as nuvens que toldavam a atmosféra foram-se dissipando pouco a pouco, varridas ao sopro de um vento norte, até que o sol, brilhando cheio de esplendor e magestade, num céo de purissimo azul, veio, com o calôr dos seus ardentes raios de luz acariciadora, refazer os espiritos da insipidez das primeiras horas, fazendo-se dai por diante uma viagem deliciosa e encantadora.

Os sorrisos florescem em todos os labios... a alegria espande-se em todos os corações, emquanto as raparigas, lindas e graciosas, semelhando mimoso *boquet* de flores, entôam os seus hinos d'amor, principiando assim:

O' «Formosas do Mondego»
frescas, morenas, rosadas!
Anda amôr louquinho, cego
por vós ternas, lindas fadas!

Adoradas filhas do Mondego que as beija cheio de ternura, embalando-as no amoroso leito das suas aguas cristalinas, é assim que elas, afugentando tristezas e pezares, vão seduzindo corações com a magica luz dos seus olhares.

As timidas avesitas esvoaçam contentes entre os salgueiraes, saudando-as á passagem e elas sempre sorridentes agradecem-lhes assim:

Ao ouvir nossas canções
O rouxinol emudece,
E palpitam corações
Onde a alegria fenece!

O ensaiador José Guerra, receando que as vozes lhe faleçam, repreende-as que não cantem mais. Mas elas, não podendo resistir ao fogo de entusiasmo que lhe crepita nas almas ternas e apaixonadas, em labaredas de intenso amôr, cantam ainda para terminar:

De nos vêr assim tão belas
Chora a lua apaixonada,
Perdem o brilho as estrelas
Faz-se a rosa descorada!

Uma visita inesperada

Nesta altura é já bastante a vontade que todos sentem para almoçar, e por isso cada um trata dentro dos barcos de procurar o melhor lugar, onde, com a maior comodidade possivel em tais circunstancias, possa saborear o seu farnel, ao abrigo de pisadelas ou do quebrar de lanças.

Conforme se sabe, nada ha melhor para combater o fastio que comer-se ao ar livre e jamais quando acontece ser sobre a agua em barco, pois é então que todas as iguarias sabem bem. Foi portanto isto que sucedeu, saboreando todos os seus farneis com devorador apetite.

Terminado o almoço e reconfortados assim os estomagos, foram os rapazes, que por sua vez sucederam ás raparigas, cantando fados uns, outros entoando cançonetas cheias de espirito, acompanhadas a viola, emquanto alguns, de temperamento mais brincalhão e irrequieto, saltavam agilmente de barco para barco, fazendo rir tudo com as suas travessuras.

Ia-se a passar quasi por Vila Verde, quando, ao longo do rio, se divisa uma guiga da Associação Naval da Figueira, tripulada por sete robustos mancebos, de fisionomias simpaticas e atraentes, que, vindo certamente em passeio matinal, ao vêrem os nossos barcos, dão mais velocidade aos remos afim de se aproximarem de nós o mais breve possivel, o que, conseguido, eis que os montemorenses, acenando lenços, soltam entusiasticos vivas á Figueira da Foz e Associação Naval, sendo correspondidos por outros ao povo de Montemór-o-Velho e aos ranchos.

Trocados estes cumprimentos e saudacões, os tripulantes da guiga, navegando sempre em torno de nós, acompanham-nos até proximo da Figueira, onde de bonés na mão, agradecem as atenções com que os recebemos e se despedem, desejando nos uma feliz viagem, gentileza que foi retribuida com novos vivas á Figueira e Associação Naval.

Os ranchos eram conduzidos no barco do Couceiro e no do Casimiro, indo este sempre na frente e no qual se ofereceu vinho aos tripulantes da guiga e que eles beberam depois de muito instados.

Além destes dois barcos, sempre nos acompanhou um outro, todo embandeirado, em que ia o snr. Joaquim Monteiro, do Casal Novo do Rio, com outros amigos.

A chegada á Figueira

Depois de alguns momentos de impaciencia, eis os ranchos já proximos da ponte da Figueira, local do desembarque e em cujo pavimento e suas imediações se vêem as direcções dos ranchos *Trovador* e das *Rosas*, que, acompanhadas de muito povo de Montemór e da cidade, ali aguardam o *Formosas do Mondego* e *Alegria Infantil*, para lhe dar as boas-vindas.

O snr. dr. Ismael Sampaio vem em barco ao nosso encontro, sendo saudado com imensa alegria.

Chegados ao ponto do desembarque, são aqui mandadas colocar grossas pranchas de madeira, para as raparigas e as creanças dos ranchos e todos os que os acompanhavam não molharem, ou sujar os pés no lôdo.

A alegria e satisfação transparece iluminando todos os rostos em doces sorrisos de festa, conquistando desde logo o *Formosas do Mondego*, e em especial as creancinhas do *Alegria Infantil*, as simpatias e admiração do povo, que sauda os dois grupos com enternecido afecto.

A caminho do Parque

Em seguida a estes cumprimentos de parte a parte, põe-se o cortejo em marcha pelas ruas que levam ao Parque-Cine, indo na frente de tudo a orquestra, tocando.

Ao passar pela casa onde se acha instalado o *Rancho das Rosas*, parou ali por momentos, não podendo o *Formosas* e *Alegrico* aceitar os oferecimentos que a direcção do seu colega lhes fez, por já ser tarde e ter ainda o ensaio no Parque, para onde em acto continuo seguiram.

Ainda bem não tinham dado entrada nesta casa de espectaculos e já as vastas plateias se viam a regorgitar de povo, sendo necessario, para se fazer o ensaio, que os ranchos tornassem a sair, voltando depois da casa estar completamente evacuada e tendo sido concedida licença ao povo de Montemór, para assistir ao ensaio.

Uma visita ao «Trovador»

Terminado este, foram os dois grupos dançantes fazer uma visita ao *Trovador*, pelo qual já eram aguardados com impaciencia e onde foram tratados com as mais cativantes amabilidades e inequivocas provas de estima.

Recebidos á porta pelos seus directores, aí se cruzou a bandeira do *Trovador* com a do *Alegria Infantil*, sinal de reciproca saudação, sendo depois oferecidos aos dois grupos homenagenados, um delicado e profuso copo d'agua, que decorreu muito animado, com muitos vivas, sendo no fim proferidos, em nome dos ranchos montemorenses, dois brindes de agradecimento e saudação pelos snrs. Hipolito Crispim e Augusto Mainças, que foram muito aplaudidos.

Feitas as despedidas, eram 16 horas quando os ranchos de Montemór debandaram, visto que os estomagos, principalmente os das crianças, já se sentiam bastante fracos.

A' noite no Parque

Eram 19 horas, quando os dois ranchos em festa, saindo encorporados da casa da aula da *Filarmonica Figueirense*, na antiga rua de Santo Antonio, precedidos da sua orquestra, se dirigiram ao Parque-Cine, a fim de tomar parte no interessante espectaculo, para que tinham sido contratados.

Quando entraram no teatro, já este regorgitava de espectadores, indo os dois simpaticos grupos dançantes, ocupar uns camarotes de frente que préviamente lhes haviam sido destinados, para dali assistirem á exibição das excelentes fitas cinematograficas que preenchiam a primeira parte da sessão e que foram de um grande efeito dramatico.

E', finalmente, chegada a ocasião dos ranchos entrarem em cena. E' bastante a anciedade que se nota nos espectadores para os vêr e admirar...

Sôbe o pano e todas as atenções se fixam no palco, fazendo-se em toda a sala dos espectaculos um profundo silencio.

E' o *Alegria Infantil*, o primeiro a dançar. Assim, quando as crianças entram no palco, formando uma linda grinalda de flores em botão, são saudadas com uma prolongada e retumbante salva de palmas, que elas, timidas e surpreendidas, agradecem com sorrisos de inocencia e candura.

Em seguida a este momento de comoção, rompem dançando a sua bonita marchaa, sendo ao terminar, de novo aplaudidas com estrondosas palmas e bravos.

De todos os pontos da sala e jámais das senhoras dos camarotes, lhes são dirigidos sorrisos de admiração, não só pela graça e correcção das suas danças, mas tambem pelo bom gosto do seu vestuario.

Saem da cena pelo fundo esquerdo, emquanto o *Formosas do Mondego*, entra pelo fundo direito, e cujas raparigas e rapazes, todos tambem muito simpaticos e bem postos, são egualmente ovacionados com uma salva de palmas.

Como as creanças, dançam com todo o esmero e desenvoltura a sua linda marcha, merecendo os maiores aplausos da assistencia, seguindo no fim a mesma ordem de saida.

E assim por diante, uma vez as creanças, outra os adultos, foram desempenhando as suas lindas e apreciadas canções constantes do programa, sempre coroadas de fartos aplausos, sendo bisadas algumas delas.

Entre estas destacaram-se o *Fado* das creanças e a hespanhola — *Salera!*, com a qual se deu fim ao espectaculo.

Ouvimos fazer os mais calorosos elogios á voz dos pequenos que cantaram o fado, os meninos Antonio Esteves Mascarenhas e Amelia Crispim de Carvalho.

Em conclusão, foi aos dois ranchos que couberam as honras do espectaculo, sendo esta a opinião unanime de todos os que depois cá fóra se achavam no Parque, onde se não falava noutro assunto.

Notas soltas

Tanto no Parque como no teatro vendiam-se bilhetes postaes ilustrados com as fotografias dos ranchos.

* * *

A direcção dos dois ranchos em comum, pede-nos para aqui agradecermos em seu nome á ilustre direcção da *Filarmonica Figueirense*, a cedencia da sua casa d'aula para os mesmos grupos descançarem e reunir, aos ranchos *do Trovador* e das *Rosas*, as gentilezas e atenções com que os trataram; á imprensa local, pelas elogiosas referencias que lhes dirigiu e aos snrs. Benjamim Bronse Mendes e Augusto Mainças, pelos relevantes serviços e obsequios, que agora como sempre lhes tem dispensado.

Esteve nesta vila na sexta-feira o nosso presado amigo e distinto colaborador sr Eduardo da Costa Coelho, da visinha freguezia da Abrunheira e um dos mais entusiastas populares das modernas e emancipadoras ideias.

D. Ana Moutinho

Chega-nos a triste noticia do falecimento desta distinta professora de instrução primaria de Verride, do nosso concelho, e nossa inteligente colaboradora.

Nova ainda, a sr.ª D. Ana Moutinho revelava já uma poderosa inteligencia, que aliava a um sentimentalismo atraente e saudavel. *As cartas duma infeliz*, que o *Dever* vem publicando, tiveram na saudosa amiga uma admiradora profunda, e algumas ela escreveu auxiliando e substituindo a sua gentil autora, que nem sempre as pode fazer.

Paz á sua alma!

João Antonio Rodrigues
(SUCESSOR)
Montemór-o-Velho

Correspondente das seguintes casas:

Banco Comercial de Lisboa, Banco do Minho, Banco Comercial do Porto, Banco Aliança, Banco Economia Portugueza, Banco Nacional Ultramarino, Companhia de Seguros *A Internacional*, Crédit Franco-Portugais, J. M. Fernandes Guimarães & C.ª, Pinto da Fonseca & Irmão, J. M. Espirito Santo Silva, Borges & Irmão, J. H. Tota & C.ª, e Orey, Antunes & C.ª.

Replicando... a sério

Sempre ouvi dizer que «quem se deita com crianças, acorda com úmidade».

E' o mesmo que agora está sucedendo com o snr. *Imparcial* do *Dever*, pois que, ainda não convencido com o que no n.º 179 lhe disse em resposta ás pedradas que me jogou de traz da *silveira*, de novo me vem atacar sobre um assunto, que pela sua minima importancia, já ha muito devia estar morto, para bem de todos.

Sou, é verdade, um rapaz, cheio de nervos e de vida, muito amigo de brincar e de rir, mas sou um rapaz que, embora gracejador, venho dizer coisas sensatas a um...educador de *crianças*, que, no caso que se debate, parece tornar-se mais rapaz do que eu.

Mas já que assim o deseja, vou acompanhar o snr. *Imparcial* até ao fim désta dança, onde veio meter a foice, sem para isso ter sido chamado por ninguem.

E visto que se trata de dança, tenho a honra de o chamar para o tango; o diabo será que lhe falte o pé para o dançar, e possa dar a tal quéda de costas que tantas apreensões lhe tem causado, segundo manifesta no seu *Conversando*, talvês atribuindo-lhe da minha parte, intenções tetricas muito diferentes, na verdade, daquelas com que eu disse a frase.

E se não, eu lhe explico, a despeito de ser uma criança a quem é negada competencia para sustentar polémicas jornalisticas désta naturêsa:

E' que, havendo-se o snr. *Imparcial* tornado abelhúdo, vindo intrometer-se com toda a... *imparcialidade* num assunto, para que ninguem, repito, o chamou, veio assim levianamente colocar-se num campo falso e *arenoso*, onde não poderá por isso levar a melhor, podendo assim suceder no final do tango, que este *castanheira* lhe faça estalar a *castanha* na bôca, o que equivale a dar a tal quéda de costas...

Seria então uma bôa ocasião para agradecer ao amigo o favôr que lhe fez, de quando... «numa tarde amêna e suave» em que «só, percorria as margens do nosso poetico rio»— o foi ali distrair das suas meditações, para o aconselhar a responder-me.

Diz o nosso *Jeremias das Lamentações*:

«Eu queria vêr uma argumentação sólida, fundada em principios, (dançantes, politicos ou religiosos?) que defendesse a rasão de sêr da carta do *lamentavel esquecimento*» son a declarar-lhe estar pronto a defender a *rasão de sêr* daquela minha carta, desde que o snr. *Imparcial* com toda a sua...*imparcialidade* me explicasse por uma forma clara a rasão do sublinhado das palavras *lamentavel esquecimento*.

Diz que me custou a engulir este *esquecimento lamentavel*, quando é certo êle ter ficado engasgado neste ponto sem encontrar meio de se salvar da engasgadéla.

Pois não haverá aqui um *despeito*, um pezar... um mau grado da parte do snr. *Jeremias* por eu ter feito para o ilustre diretor do *Dever* a ratificação da marcha luminosa?

Não haverá ainda aqui a rasão do pseudonimo de que se acoberta, e não a que aponta no seu *Conversando*?

Ponha portanto tudo isto em pratos limpos. Esclareça estes pontos confusos das suas alegações, mas faça-o com bastante clarêsa, sem meias palavras nem sofismas que emaranhem mais a questão.

E' assim que eu sempre entendi as coisas. Se foi o snr. *Imparcial* que me veio chamar ao terreiro sem eu, sequer, me ter referido á sua importante pessoa, é preciso por isso que me diga primeiro a rasão do seu procedimento injusto, para então eu lhe responder tambem com a precisão que deseja.

Por hoje ponho ponto no assunto, ficando á espera da sua *criteriosa* resposta.

Montemór-o-Velho, 5 8-915.

Eduardo Castanheira de Carvalho.

Camara Municipal

Sessão de 26 de junho

Presentes os vereadores, snrs.: Monteiro da Costa, J. Goes e Esteves de Barros, sob a presidencia do snr. dr. Simões, servindo de secretario o vereador, snr. Esteves de Barros.

Lida e aprovada a acta da sessão anterior.

Foi presente o seguinte expediente:

Dois oficios, um da camara de Coimbra e outro da de Aveiro a enviarem editaes, afim de serem afixados, o primeiro sobre uma nova postura e o segundo sobre uma feira de gados. Fôram mandados afixar.

Um oficio da Inspecção do Circulo Escolar da Figueira da Foz a comunicar que o Ministerio de Instrução não toma conhecimento nem em consideração qualquer transferencia de professor, que não tenha sido feita em harmonia com as leis vigentes. Resolveu responder que neste concelho nenhuma transferencia foi efectuada sem ser atendida a lei.

Um oficio da Inspecção da 2.ª Circunscrição do Ministerio da Instrução Publica, por intermedio da Instrução Primaria e Normal, a dizer que não são tidas em consideração as transferencias sem tambem ser atendida a lei. Ficou inteirada.

Um oficio da Administração do Concelho a dar conhecimento que em circular do ex.mo Governador Civil, lhe fôra comunicado que o Conselho Superior da Administração Financeira do Estado, opinou que nada tem com a nomeação dos empregados dos Corpos Administrativos. Inteirada.

Fôram presentes varios requerimentos de interesse particular.

O mestre d'obras apresentou varias informações sobre alinhamentos e licenças pedidas para depositos de materiais. Concedidas nos termos da lei.

Deliberou que fosse enviada ao snr. Administrador do Concelho a relação dos devedores á Camara dos anos de 1913 e 1914, e no caso de recusa deste funcionario promover a cobrança, se solicite providencias do ex.mo Ministro do Interior.

Resolveu que os exames do 2.º grau se efetuassem nesta vila e que fossem solicitadas ao Inspector do Circulo Escolar as necessarias providencias nesse sentido, responsabilisando-se a Camara por as despezas que por taes serviços ás Camaras pertencerem.

Foi presente o balancete semanal acusando um saldo de 3:200$00 na Caixa Economica Portuguêsa, e de 325$00 na tesouraria da Camara.

Autorisou a presidencia a levantar da Caixa Economica a quantia que fôr necessaria para os pagamentos do professorado, rendas de casas, expediente e limpeza, e das demais despêsas mensais.

Autorisou e mandou pagar varias despêsas.

Em seguida foi encerrada a sessão.

CARTA DA ABRUNHEIRA

4—8—915.

Teve logar no ultimo domingo a festividade da Senhora da Saude, na visinha povoação de Reveles.

Como de custume, foi bastante grande a concorrencia de forasteiros.

O logar onde está a capelinha é muito pitoresco, e, como uma merendóla ao ar livre é coisa que sabe bem, quasi todas as pessoas que ali vão se fazem acompanhar do competente farnel, que saboreiam á sombra das arvores que ali ha em abundancia.

=== De Lisboa, onde foi tratar dos seus negocios, já chegou a esta povoação o snr. Joaquim Jorge da Silva.

=== A passar as férias, partiu para o Seixo de Gatões, terra da sua naturalidade, o snr. Jorge da Cruz Vieira, zeloso professor oficial nesta localidade.

=== Deu-nos o prazer da sua visita o nosso amigo snr. Camilo Augusto Ferreira, de Serroventoso.

=== Deve realisar-se brevemente o casamento do nosso simpatico amigo e apreciado colaborador de *O Dever*, snr. Ernesto da Costa Coêlho, com a snr.ª D. Laura da Graça Ribeiro, de Montemór-o-Velho.

=== Já aqui se encontra com sua ex.ma familia, o snr. João de Oliveira Carvalho, proprietario da Nova Casa Minerva de Coimbra.

=== Esteve aqui na ultima sexta-feira o snr. Francisco Sargaça, da Figueira da Foz.

N.

Guerra Europêa

Ultimos telegramas

Madrid, 6—Um telegrama recebido de Viena noticía que os alemães. depois de haverem ocupado Iwangorod e Varsovía, continuaram no seu avanço. Na perseguição dos russos, a cavalaria austro-hungara chegou até Ustilus e a cavalaria alemã até Waldimir-Wolysky.

Berlim, 6—Começaram as negociações entre o governo e os chefes dos partidds, por causa do governo pretender apresentar, na abertura do parlamento, na quinta-feira proxima, um projecto de lei auctorisando o chamamento ás fileiras de todos os homens válidos até aos 50 anos. Alguns partidos manifestaram-se adversos a esse projecto de lei, mas o chanceler do imperio declarou-o necessario e assim parece que será aprovado.

Paris, 6—Rouniram as comissões tecnicas russa e japoneza, fixando o programa comum do fabríco de munições. O Japão está duplicando esse fabríco, afim de enviar munições á Rússia, o mais rapidamente possivel.

Copenhague, 6—Os alemães receiam um ataque dos inglezes á costa ocidental do Schleswig e ás povoações da costa. Obrigaram por isso os habitantes a dormir nas adegas e subterraneos, para não serem victimados por um bombardeamento aereo.

Roma, 6—O duque do Porto, (ex-principe D. Afonso de Portugal), partiu para a linha de batalha dos italianos.

Agua da Curia

Mogofores

As unicas aguas sulfatadas-calcicas que existem no paiz, similhantes ás afamadas aguas de Contrexéville, nos Vosges (França).

ANTIGO ESTABELECIMENTO

— DE —

Mercearia, Tabacos e Fazendas brancas

— DE —

João Antonio Rodrigues

(SUCESSORES)

Montemór-o-Velho

Nesta casa se encontra um completo sortido em assucar, chá, café, manteiga nacional e ingleza, biscoitos, bolachas, massas, bacalhau, genebra e vinhos do Porto.

Ferragens, prego de arame e de ferro, panelas de ferro, rastilho, chumbo em barra e para caça.

Fosforos e Tabacos, por atacado. Tambem vende pelos preços de Lisboa, farinha de trigo, cimento Portland, vidraça, telha de vidro e velas de cera.

Preços resumidos

ANUNCIOS

Editos de 60 dias

(1.ª publicação)

NO tribunal do comercio da comarca de Montemor-o-Velho, cartorio do escrivão privativo Sampaio, nos autos de acção por divida, que Joaquim Roque Vicente, casado, proprietario, do logar e freguezia de Alfarellos, move contra Joaquim Fernandes Alves e mulher Maria Augusta, e contra os fiadores destes José Fernandes Racha e mulher Ana de Freitas Garcia, todos do logar e freguezia de Reveles, na qual o autor pede o pagamento da quantia de cem escudos e os juros na rasão de dez por cento ao ano desde 19 de maio de 1912, que os reus lhe devem por uma letra aceite em 19 de maio de 1909, correm editos de sessenta dias, que se contarão depois de findos cinco desde a ultima publicação do anuncio no *Diario do Governo*, citando os reus Joaquim Fernandes Alves e mulher Maria Augusta, para no praso de dez dias deduzirem qualquer oposição que tiverem por conveniente, sob pena de, não o fazendo, serem condenados no pedido, nos termos do artigo 4.º do decreto de 29 de maio de 1907.

Montemor-o-Velho, 19 de junho de 1915.

O escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei.

Amaral Pereira.

Editos de 60 dias

(1.ª publicação)

NO Juizo de Direito de Montemor-o-Velho, e cartorio do escrivão Sampaio, nos autos para divisão e demarcação que Manuel d'Oliveira e mulher Maria de Jesus, da Tocha, comarca de Cantanhede, movem contra Joaquim Jorge Mauricio, solteiro, maior, do Casal do Mato, daquela comarca, e contra outros, correm editos de sessenta dias, contados cinco dias depois da segunda publicação do respectivo anuncio no *Diario do Governo*, citando o referido Joaquim Jorge Mauricio, ausente em parte incerta nos Estados Unidos do Brasil, para comparecer no tribunal judicial da mesma comarca, na segunda audiencia posterior ao praso dos editos, afim de vêr acusar esta sua citação, e louvar-se com os autores em peritos que em vistoria procedam á divisão e demarcação do predio dos autores, sito nas Bócas, com o qual confina outro do reu.

As audiencias deste Juiso fazem-se ás segundas e quintas-feiras de cada semana, pelas dez horas, no tribunal judicial sito á Praça da Republica, se não forem dias declarados feriados.

Montemor-o-Velho, 19 de junho de 1915

O escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio

Verifiquei.

Amaral Pereira.

Editos de 30 dias

(1.ª publicação)

NO Juizo de Direito de Montemor-o-Velho, cartorio do escrivão Sampaio, no inventario orfanologico por obito de José da Silva Alho, morador no Casal Novo, freguezia das Means, desta comarca, em que é cabeça de casal a filha Maria dos Reis, solteira, do mesmo logar, correm editos de trinta dias contados da segunda publicação do anuncio no *Diario do Governo*, citando os interessados: Antonio Gomes Quinteiro, ausente em parte incerta no Brasil, e José Lopes e Antonio Lopes, solteiros, menores puberes, ausentes em parte incerta na cidade de Lisboa, para assistirem a todos os termos até final do mesmo inventario.

Montemor-o-Velho, 7 de maio de 1915.

O escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei.

Amaral Pereira.

Editos de 30 dias

(1.ª publicação)

NO tribunal de comercio de Montemor-o-Velho, cartorio do escrivão privativo Sampaio, nos autos de ação por divida que João Esteves Valerio, casado, comerciante, do logar e freguezia de Arazede, da mesma comarca, move contra José Gomes Cavaleiro e mulher Maria Aleixo, do logar da Azenha do Amieiro, da dita freguezia, na qual o autor pede o pagamento da quantia de 186$00, resto da de 483$84, proveniente de varios generos comprados a credito no seu estabelecimento pela ré, bem como pede o pagamento dos juros da quantia em divida na razão de seis por cento ao ano, juros, custas e procuradoria, correm editos de trinta dias, que se contam cinco dias depois da ultima publicação do anuncio no *Diario do Governo*, citando o reu dito José Gomes Cavaleiro, ausente em parte incerta na cidade de Lisboa, para comparecer no tribunal judicial da dita comarca na segunda audiencia do mesmo Juiso, afim de vêr acusar esta sua citação, vêr instalar a ação e marcar-se-lhe tres audiencias para a contestação.

As audiencias deste Juiso fazem-se todas as segundas e quintas-feiras de cada semana, no tribunal comercial sito nos Paços do concelho, á Praça da Republica, não sendo dias declarados feriados, e sempre por dez horas.

Montemor-o-Velho, 3 de agosto de 1915.

O escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei.

Amaral Pereira.

Companhia Geral de Credito Predial Português

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

Séde Social: Travessa de Santo Antonio da Sé, n.º 21

LISBOA

Esta Companhia realisa actualmente emprestimos hipotecarios a longo praso, cujo encargo, compreendendo juro, comissão, amortisação e depreciação dos titulos, é inferior a 7 %, tendo os mutuarios a faculdade de antecipar os seus emprestimos, total ou parcialmente e em qualquer época, em dinheiro ou em obrigações da mesma taxa e tipo das que fôram entregues no acto do contrato. Recebe e guarda nas suas magnificas **Casas fortes** quaisquer papeis de credito, encarregando-se de receber os respectivos juros.

Pedir esclarecimentos a Fernando da Silva Coelho Pessoa — Montemór-o-Velho — ou diretamente á Séde da Companhia.

Alice Oliveira,

aluna externa do 5.º ano de piano do Conservatorio e com o curso de musica: léciona, em sua casa ou dos alunos, como se convencionar.

RUA DO SUB RIPAS, 10

COIMBRA

AGUA DE LUSO (Medalha d'ouro, Madrid 1913.) Cura pela Diurése

(ESTABELECIMENTO TERMAL E HOTEIS ABERTOS TODO O ANO)

A mais diurética e mais digestiva. Aumenta a diurése, regularisa as funções digestivas e ativa os fenómenos nutritivos

Muito radioativa—4,49 miligramas—minutos
Muito ionisada, resistividade a 18° 18300 ohms
Muito rica em gazes raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotonica, ponto criospico 0°,04

Conclusões da analise feita pelos distintos professores Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitissimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tifico

USO EXTERNO—Molestias de pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc,), reumatismo e gôta.
USO INTERNO—Artritismo, impaludismo, neurastenia—Albuminuria, diabetes—Intestinos, estomago—Rins—Bexiga.

Depositos — **LISBOA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 428. FUNCHAL, José Quirino de Castro, rua dos Murças. AFRICA ORIENTAL: Oswald Offmann. BEIRA: F. L. Simões & C.ª. LOANDA: Beltrão, Pena & C.ª**, e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositarios nas terras onde ainda os não haja.

Portugal Previdente

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima — Responsabilidade Limitada

Capital **UM MILHÃO** de Escudos

SÉDE — RUA DO ALECRIM, 10 — LISBOA
N.º Telef.—1849 End. Teleg.—VIDA

Seguros contra incendios de predios, fabricas, etc.
Seguros de estabelecimentos e mobiliarios.
Seguros agricolas de ceáras, eiras, palhas, arvoredos, etc.
Seguros de maquinas e utensilios de lavoura.
Seguros contra incendio proveniente de gréves e tumultos.
Seguros de transportes maritimos e postaes.
Seguros contra roubo de habitações e estabelecimentos.
Seguros contra fraude de empregados.
Seguros contra a quebra de cristais.
Seguros de vida, pensões, dotes e reformas.
Seguros contra acideute de trabalho.

Agencias em todas as terras importantes do paiz, ilhas e colonias.
Sucursal no PORTO — Rua Passos Manoel, 21.

BANQUEIROS—**Borges & Irmão**—Porto e Lisboa

Antonio Pereira de Carvalho

Proprietario dos Grandes Armazens de Bicicletas, Maquinas de Costura, Pianos e toda a qualidade de acessorios.

A maior e mais antiga casa no genero

Oficina para todos os concertos, afinações e reparações em bicicletes, motocicletes e maquinas de costura.

Artista mecanico habilitado.

Vendas, alugueis e trocas.

Preços sem competencia

34—Avenida Navarro—36

(Estrada da Beira)—COIMBRA

Companhia de Seguros

A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz

Antonio d'Oliveira Guerra

RUA DA REPUBLICA, 84

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem deposito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se tambem de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fóra de Coimbra

FABRICA DE CAL

Cal fina e grossa, fornece-se em muito boas condições. Preços modicos, sobre o wagon, no caminho de ferro e nos proprios fornos.

Agente de telha tipo marselha e tijolos de todos os formatos, da fabrica Lacerda, Figueiredo & C.ª Limitada, da Pampilhosa.

Pedidos a

Joaquim F. Coca Junior
Zambujeiro—Arazede

AOS AGRICULTORES

Sendo agora época de sementeiras de milho, feijão, abóbora, etc., será conveniente aplicar os bons adubos e purgueira da afamada casa *Varela, Leal & C.ª*, das **Varzeas**, que se encontram **á venda em casa de Manuel Monteiro Godinho**, com deposito no **Casal do Gaio, Arazêde.**

SEGUROS CONTRA INCENDIO

incluindo riscos de explosão de gaz e raio.

Seguros contra incendio cobrindo tambem os riscos de gréves ou tumultos (portaria de 14 de Março de 1914).

SEGUROS CONTRA INCENDIO cobrindo ainda os riscos de guerra (portaria de 30 de Novembro de 1914).

Unica companhia autorisada a segurar os riscos de guerra nas apolices de incendio

Seguros contra incendio e roubo E' tambem A MUNDIAL a unica Companhia autorisada a emitir uma apolice cobrindo os dois riscos.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital — Esc., 500:000$
(500 contos)

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmão
Praça da Liberdade, 138 — Telefone 1459

Agencias e Delegações em todo o paiz, ilhas e colonias.

Restaurante Ferro-viario

ALFARELOS

ESTE bufete, um dos que melhor servem o publico que transita nos comboios, acha-se situado na estação do caminho de ferro de Alfarelos. Fornece almoços, jantares e *lunchs* e toda a qualidade de refeições, por preços comodos.

Tem pessoal habilitado, tanto em cosinha como em mesa.

Tudo se encontra com esmero e perfeição.

Fornece comida para fóra, e presta-se a servir em casamentos, batisados, etc., desde que seja prevenido com antecipação.

O proprietario, **Artur de Oliveira Coelho.**

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legitimos acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de fórma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamavel, isca em cordão vendida fraudulentamente a titulo de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva acção civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa ao Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando-se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalisação para procederem ás necessarias diligencias. Dirigir-se pessoalmente ou por carta á Companhia Portuguêsa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS

MELO & MARTINS

PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada

PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiencia dos nossos adubos, devido ao seu magnifico resultado os adoptarão de preferencia a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro
PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex.mos passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.

Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA

Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.
PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações
Deposito das afamadas aguas de Luso.

Guilherme dos Santos Pinto & Irmão

COM

OFICINA DE CANTEIRO

Encarregam-se de jazigos de toda a especie e todo o serviço concernente á sua arte.

Tambem executam todos os trabalhos que digam respeito a *Plantas, Alçados, Copias, Projectos e orçamentos de edificios, edificações, etc.*

Montemór-o-Velho=Verride

Biblioteca da Universidade Coimbra

Ano 4.º Montemór-o-Velho, 15 de Agosto de 1915 N.º 182

DIRECTOR, PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR
Almeida Junior

SECRETARIO DA REDACÇÃO E EDITOR
Abel M. de Melo Brandão

REDACTOR PRINCIPAL
Mário Augusto Mota

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguêsa

Pátria e Humanidade

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Dr. José Galvão
MONTEMOR-O-VELHO

DIRECÇÃO:—COIMBRA
(para onde deve ir a correspondencia)

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. Silva (a vapor)—AVEIRO

Guarda Republicana

Montemór esquecido dos poderes publicos — Um concelho abandonado

Positivamente, estamos votados ao maior dos abandonos! A's vezes pômo-nos a cogitar sobre as causas que determinam tal esquecimento, uma vez constatado que a nossa terra contribue, como poucas do distrito, para as prosperidades do tesouro, se o tesouro publico não estivesse de ha muito condenado a um eterno depauperamento.

A policia rural faz-se, actualmente, por soldados da guarda republicana, cujo corpo tem a sua séde em Coimbra, de onde distribue, por determinação superior, forças por muitos concelhos do distrito: Penela, Miranda do Corvo, Condeixa, Soure, Oliveira do Hospital, Gois, etc. Montemór não teve a dita de lhe ser distribuido um destacamento! Tem, á sua volta, tanto para norte como para sul, povoações e freguezias relativamente importantes e bem dignas de melhor sorte.

Atravessamos épocas no ano, em que a falta da policia rural se faz sentir extraordinariamente.

O deputado por este circulo parece que só lança as suas vistas para Coimbra, mas é necessario que se lembre que o partido que o elegeu fez esforços extraordinarios para o levar ao Parlamento, e o nosso concelho não ficou atraz de nenhum, pois levou as suas canceiras até ao ponto de ganhar, pela primeira vez, a vitória, sentindo-se agora com direito a compensações para corroborar o seu valor e conjugar cada vez mais as suas vontades e as suas forças.

Não é só Coimbra que carece de vitalisar-se; o seu povo tem jús a engrandecer-se, mas os concelhos do distrito, importantes como Montemór, não podem ser póstos no olvido, sob pena de alcunharmos de parcialistas os homens da Republica que mais directamente teem ingerencia em assuntos désta magnitude.

Por outro lado, não seria tempo perdido que a Camara Municipal e as Juntas de Paroquia fizessem, quanto antes, a sua representação nêsse sentido, para, quando não fosse breve, por não haver orçamento ou este estar esgotado com a organisação dos ultimos destacamentos, ao menos se tomar nota para futuras colocações de tropas.

Ha muito que foi pedida a permanencia, aqui, ao menos de dois guardas da policia civica. Não era muito. A Camara tem rendimentos, e o Estado tambem podia auxiliar, para que o Municipio não fosse tão sobrecarregado.

Até hoje, porém, nada foi feito nesse sentido, e por isso todos nós assistimos, de vez em quando, aos tristes espétaculos que se dão aí assim por essas ruas, altas horas da noite, quando a população, extenuada de trabalho, repousa das fadigas de todo um dia de labuta. E não é só aqui: por essas terras além, dentro do concelho, dá-se outro tanto.

Estamos convencidos de que as coisas tomarão outro caminho, em dias mais ou menos proximos, e, se se não modificarem, deixarão margem a censuras ásperas e justificados clamôres.

Por agora, carecemos da guarda republicana, porque muito ha que sanear e que polir, sem ser mistér procedimentos rigorosos que levem até ao ódio e á vingança por parte dos executados, antes, com palavras e conselhos amigaveis, se chamem ao cumprimento dos seus deveres, para bem da colectividade em geral.

Esperamos. O concelho espera.

Dr. Bernardino Machado

Foi eleito presidente da Republica este ilustre e distinto cidadão, um dos mais ilustres e dos mais distintos dêste país. O seu passado sem mancha dava-lhe incontestavel direito a exercer a suprema magistratura da nação, a favor da qual ha muitos anos vem lutando com sacrificio e com saber.

Foi ótimamente aceite a sua investidura na presidencia, e Portugal, nomeando outro, ficava devendo ao snr. dr. Bernardino Machado uma reparação inesquecivel.

O Parlamento, votando nele por enorme maioria, soube colocar-se num grau de simpatia que todo o país aprecia e louva.

Fazendo votos pelas prosperidades da Patria portuguêsa, o *Dever* anceia por que o nosso país não tenha nunca motivo para arrepender-se de o ter escolhido para seu dirigente e seu representante.

As cartas duma infeliz

Meu caro Leopoldo.

Tenho o coração de luto! Uma enorme tristeza invade a minha alma amargurada! Perdi uma amiga muito querida. Foi-se, na flôr da mocidade. Ceifou-a a Morte, o horror flagelativo da pobre humanidade que sofre! Tinha ido para a Beira, procurar naquela região incomparavel, algum alivio aos seus amargos sofrimentos. Tive a aqui como companheira, nestas colunas sem valor, aborrecidas, mas em que eu te digo todas as minhas maguas e todos os desconsolos dos desditosos dias désta vida de sofrimentos infindos.

Chorámos juntas, ambas sofremos os rigores do infortunio.

Eu bem sei que tu não conheceste D. Ana Moutinho, uma alma feita de luz e um cerebro dado a todos os pensamentos norteantes da pureza e do idealismo que faz bem. Uma rajada de desdita levou-a, quando nela tudo era sonho e esperança. A aza destruidora da morte não tem dó nenhum de ninguem.

Nem ao menos repara nos lampejos de abnegação que se apagam, nem nas esperanças que se vão para todo o sempre. Quem vae, parte triste como a noite; quem fica, fica a chorar toda a vida uma vida preciosa que se apagou!

Eu acostumei-me a amá-la e a querer-lhe muito, e vou ver se posso juncar-lhe de flores o seu covalsinho de lagrimas e de saudades!

Ela terá muito quem a chore, bem sei, mas ninguem lamentará a sua perda mais do que eu. Parece que a estou vendo, toda vestida de branco, os seus olhos chamejantes de amôr e de bondade, um tanto ingenua e um tanto simples, atraente e amoravel.

Coitada da pobre amiga!

Ha muito que não sinto uma tristeza assim!

Ah! Se eu podesse ir ter com ela! Se eu podesse, Leopoldo, nestas noites de silencio e orações, tê-la aqui junto de mim, olhando a imagem da virgem santa aqui no oratorio do meu quarto de dormir, talvez que os maus presentimentos me deixassem duma vez para toda a vida.

Quando nós um dia, lá na mansão do ceu, nos encontrarmos unidas no mesmo altar espiritual, eu hei de contar-lhe coisas que a horrorisarão ainda mais. Hei-de dizer-lhe, por exemplo, que a humanidade ficou no seu *terminus* de podridões, e que o amôr, sentimento que só de nobrezas devia ser cheio, é uma mentira e uma mistificação como outra qualquer, pelo qual se não sente interesse algum. Não ha já a abnegação e a coragem dos tempos idos, mesmo na pratica do amôr livre que ela tanto advogou.

Adeus.

Pede a Deus que me leve em breve para ao pé da pobre Ana Moutinho, que, apezar de tudo, ainda ha-de ter quem, pela sua memoria querida, verta uma lagrima de saudade e desfolhe, na sua campa, um pobre lirio de amarguradas saudades.

Tua,

IRÉNE.

Lutuosa

Faleceu na quarta-feira ultima, 11 do corrente, na casa de saude do Hospital de Campos e Misericordia, na avançada idade de 70 anos, o snr. Antonio Rodrigues Cordeiro, tambem conhecido por Antonio Midões, um homem, que apesar de humilde e rude, era digno da estima que todos lhe dispensavam, pois foi sempre muito honrado e trabalhador.

Era creado muito fiel e cumpridor do nosso querido companheiro de redação, o snr. Abel Maria de Melo Brandão, para quem a sua morte representa, por isso, uma falta irreparavel, porquanto, o nosso amigo dificilmente encontrará outro que o sirva com mais lealdade e dedicação; quem com mais pratica, solicitude e atenção, lhe trate dos serviços rudes da farmacia em que o extinto se empregava.

Muito reconhecido e grato sempre para com todos que lhe prestavam beneficios ou por qualquer modo o protécionavam, ele tinha, pelo nosso colega, como já havia tido pelo seu sogro e antessessôr, snr. Joaquim Esteves de Barros, de quem fôra tambem empregado, uma afeição e amisade que chegava a ser idolatria, estando pronto a dar por eles a vida quando os visse feridos por qualquer desgosto ou fatalidade.

E era por isso que, tanto o snr. Brandão como a familia Esteves, pagando-lhe na mesma moeda, dispensavam ao extinto a estima que se sente por um parente proximo.

Que descance, pois, em paz, e aos seus a expressão das nossas condolencias.

DR. ADELINO FARIA

Foi nomeado ajudante do notario snr. dr. Manuel Maria Toscano de Figueiredo e Albuquerque, de Cantanhede, este ilustre advogado da visinha vila do mesmo nome.

O snr. dr. Avelino Faria, nosso presadissimo amigo e obsequioso assinante, é um bacharel novo ainda, muito simpatico e inteligente, dando esperanças duma brilhantissima carreira no mistér a que se dedica com entranhada devoção.

Parabens.

Horas d'insónia

Escrevi de Valadares a semana passada, encantado com as terras deliciosas do norte do país. Agora é do Porto que traço duas linhas, ainda com a mesma impressão agradabilissima desta atmosfera d'encantos e atrativos que dá saude ao coração e retempera o espirito para arcar com as investidas da Dôr e do Martirio, que são constantes contra a pobre humanidade que luta. Hontem á noite, era já tarde, encontrei a uma esquina, mesmo de fronte da estação de S. Bento, um petizito descalço, roto, sujo, despresivel. Estava profundamente adormecido, boca aberta, boné caído, olheiras fundas e orladas dum negro terreo.

Parei e dei-me a examina-lo, atentamente. A sua respiração compassiva, a sua fisionomia esqueletica, demonstravam bem a fadiga causada por falta de alimento e de uma cama onde tranquilamente passasse uma horas.

Via-se mesmo que não tinha mãe; e, se a tinha, não era mãe.

Porque uma mãe a valer não atira com um filho assim para a desgraça e para a miseria. Aquece-o com o seu halito doce e perfumado, sacia-lhe a sêde, quanto mais não seja, com as suas lagrimas de saudade e aflição.— E sofrem ambos.

Mais tarde, quando eu recolhia a casa, passei pelo mesmo sitio e o petizito, em primeiro adormecido, tinha agora o aspéto dum faminto e de um miseravel que sofre.

Perguntei-lhe donde era, o que fazia. E, pouco depois, apareceu-me a mãe, uma mulher ainda nova, faces rosadas e cabelos caídos pelos hombros.

Sorriu-se com o mesmo desprendimento da gente opulenta. Olhou-me com ensaiados olhares, sorriu-se com sorrisos experimentados, com os mesmos sorrisos com que encara os enluvados e os enfatuados que a requestam. Andava bem vestida e bem calçada. Olhava a multidão friamente, com um desdem ficticio; e o petizito, carne da sua carne, que era seu filho, filho do seu amôr mais puro e mais sentido, sentia a fome devoradora a minar-lhe o estomago vasio, emquanto a mãe, não tendo ou não querendo ter outro modo de vida, se vendia á esquina das ruas ao primeiro comprador imbecil que se lembrasse de mercadejar-lhe um beijo ou dizer-lhe uma impertinencia qualquer.

O Porto tem fama de trabalhador, de honesto, de sisudo. E, afinal, eu constato que o Porto está corrompido. O veneno social aborda por cá duma maneira assustadora. O virus da indolencia, da maldade, da prostituição criou aqui arraiais já agora inestinguiveis. Trocam-se olhares lubricos a todas as esquinas, nos centros mais concorridos, no coração da Invicta.

E aí está como a humanidade se definha, como a vida dos grandes centros se torna dia a dia mais impossivel.

Lisboa é a cidade do luxo, e, até certo tempo, teve Lisboa a fama de ser a cidade da prostituição. Os dias e os factos, porém, vão-se encarregando de nos demonstrar que não é só na capital que as cenas vergonhosas se repetem.

Eu admito que se faça amôr. E' nobre esse sentimento, e desumano é tirar-lhe a sua significação mais pura e mais intima. Fazer amôr, ter filhos por amôr, e despresa-los para continuar numa vida desregrada, quando o corpo póde exercer cargo honesto e proveitoso, não é bem fazer amôr, — é semear a podridão e perverter a especie...

Porto, Agosto de 1915.

ALMEIDA JUNIOR.

Victor de Lafont

Foi promovido a 1.º sargento e colocado em infanteria 11, de Setubal, este nosso distinto amigo, 2.º sargento do 35, de Coimbra.

Saudámo-lo e fazemos votos pelas suas prosperidades, pois Lafont é um rapaz inteligente que honra a farda que enverga no exercito português.

Oliveiros Braz Machado

Regressou do Gerez e encontra-se no Porto, afim de assistir ao movimento operario que o cumprimento da lei originou, este nosso presado amigo, que tem, na respectiva associação de classe das Artes Graficas, falado á numerosa assistencia.

O nosso dedicado colaborador representa o *Dever*, que está propagandeando, e em breve inicia as suas crónicas de educação social, sempre muito apreciadas.

Cumprimentos.

Inspécções militares

Concelho de Montemór-o-Velho

Freguezia de Arazêde, 23 de agosto; Gatões, 24; Carapinheira, 24; Liceia, 25; Means, 28; Montemór, 25; Pereira, 28; Reveles, 27, Santo Varão, 27; Seixo, 27; Tentugal, 26; Verride, 26; Vila Nova da Barca, 24.

Concelho de Cantanhede

As inspécções militares no concelho de Cantanhede (Sepins e Tocha) teem logar ámanhã, 16.

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autôres.

Secção de Variedades

Favas assarias

Um individuo, recebeu em sua casa, como visita, um seu amigo, que era muito palrador, e que só comia coisas muito esquesitas. A conversa tornou-se demorada, e chegou-se a hora do almoço.

O dono da casa, vendo que o seu amigo não falava em saír, convidou-o para o almoço, e ele aceitou.

Assentaram-se á mêsa e o primeiro prato foi de resistencia: — era uma grande travessa de belas favas com presunto.

— Não gosto de favas, disse o amigo.

Porém, o dono da casa fingiu que não ouviu, serviu-se primeira e segunda vez, e o hospede a olhar para ele, já meio arrependido do que tinha dito.

— Traz mais alguma coisa, disse o dono da casa para o creado, piscando-lhe o olho.

— Não ha mais nada, meu senhor.

O hospede, vendo que ficava sem almoço, perguntou com grande insistencia:

— Aquelas favas de que gostou tanto eram assarias?

— Eram, sim senhor.

— Oh! déssas gosto eu muito; mande-as vir novamente.

Elas voltaram, comeu como um selvagem e levou a travessa á gloria!!!...

Chuchar no dedo

Levei a noite a sonhar,
Que era menino de mama,
E neste fantasiar,
Pude no sonho encontrar,
O niveo peito da ama.

Abençoada tetinha,
Que Deus me deu a chuchar,
Abusei, por vida minha,
Deixei a triste na espinha,
E eu fiquei a abarrotar.

Mais tarde quando acordei,
Por sinal que nada cedo,
Foi então que reparei,
Que estive a chuchar no dedo.

Actor A. Cabral.

Camara Municipal

Sessão de 3 de julho

Presentes os vereadores, snrs. Monteiro da Costa, Basilio Lebre e Esteves de Barros, secretariando o vereador, snr. Rodrigues Pato, sob a presidencia do snr. dr. Simões.

Lida e aprovada a acta da sessão anterior, tomou conhecimento do seguinte expediente:

Um oficio da Inspecção do Circulo Escolar da Figueira da Foz a declarar que teem de ser pagas pelas Camaras Municipais as despêsas com os exames do 1.º grau.

Respondeu que necessita saber qual a despêsa provavel com eles.

Um oficio da Repartição do Governo Civil a participar que sua ex.ª o snr. dr. Antonio Leitão tinha tomado posse do cargo de Governador Civil deste distrito e que podia a Camara contar com a sua coadjuvação em tudo quanto esteja ao seu alcance.

A Comissão ficou inteirada e deliberou cumprimentar sua ex.ª.

Um oficio da Junta de Paroquia de Reveles a comunicar a sua deliberação tomada em 2 do corrente a pedir que seja intimado o procurador de Felix Caixeiro para sem perda de tempo fazer demolir uma casa que possue na Abrunheira, por ameaçar ruina.

Deliberou que vá o mestre de obras examinar a dita casa, informando depois a Camara do seu estado, para no caso de ser preciso demolir-se avisar ou intimar o dito procurador.

Um oficio da Comissão Recenseadora de Jurados a pedir em harmonia com a lei, um empregado da Secretaria da Camara para coadjuvar o Secretario em todos os serviços, e lhe seja fornecido o expediente necessario.

A Comissão designou o empregado José Augusto Duarte Geral, e mandou pôr á disposição os objectos necessarios ao expediente.

Um oficio da Administração do Concelho, no qual o snr. Administrador pede que, pela verba de policia, seja abonada uma gratificação a Tomé de S. Marcos, agente de policia de investigação de Lisboa, que veio a este concelho por motivo dum crime de assassinato praticado em 1908.

A Comissão resolveu satisfazer.

Um oficio do encarregado da fiscalisação dos serviços de adaptação da capela de S Pedro em Verride a casa de escola feminina, a participar que tem sido impossivel concluir os seus trabalhos no tempo marcado, por falta de cantaria.

A Comissão ficou inteirada.

Nesta altura apareceu á sessão o empreiteiro Antonio da Silva Soares, que expôs os motivos de toda a demora dos trabalhos arrematados por ele, pedindo depois prorogação de praso de tempo para a conclusão dos seus trabalhos.

A Comissão resolveu prorogar o praso da empreitada até 31 de agosto, não fazendo outra prorogação, ainda que pedida.

Fôram presentes varios requerimentos de interesse particular.

O mestre d'obras apresentou diversas informações sobre alinhamentos e licenças pedidas para depositos de materiais.

A Comissão concedeu tudo, na fórma da lei.

O vereador snr. Monteiro da Costa propôs para que nos jornais fosse publicada toda a correspondencia relativa á vala da vila de Montemór, que tem sido trocada entre esta Camara e a Direcção dos Serviços Fluviais e Maritimos.

O snr. Presidente disse não concordar, visto serem publicas as sessões da Camara, e toda a gente ter pleno conhecimento do modo como a questão tem sido tratada.

Deliberou que se proceda á limpêsa das valetas da estrada de Verride á Abrunheira.

Deliberou mais que se proceda a reparos de calçada na Carapinheira e reparos na fonte dos Nobrêsos.

Tendo conhecimento que o processo de transgressão por usurpação de terrenos municipais feito pelo dr. Martins de Pereira se acha arquivado no Juizo de Paz com o fundamento de não ser aquela a fórma do processo, resolveu que o snr. Advogado intente o competente processo.

Apresentou-se á sessão o empreiteiro das obras da estrada de Verride á Abrunheira a entregar á Camara a empreitada que justára.

A Comissão mandou o mestre d'obras vistoriar a dita obra para informar se póde ser recebida.

Por não terem sido avaliados os terrenos adquiridos pela snr.ª D. Helena, moradora em Montemór, nomeou para peritos os snrs. Manuel Dias e José da Silva Coelho, ambos de Montemór.

Autorisou e mandou pagar diversas despêsas.

Em seguida foi encerrada a sessão.

A Flôr d'Abrunheira

— DE —

Joaquim de Sousa Carvalho

Fazendas de lã e algodão, ferragens, tintas, mercearia, vinhos e tabacos.

Variado sortimento de miudezas

Especialidade em chá, café, licores, etc.

Verride—Abrunheira

Rancho do «Trovador»

Este simpatico grupo dançante, da Figueira da Foz, vem no dia 22 do corrente a Montemór pagar aos seus dois colegas *Formosas do Mondego* e *Alegria Infantil*, a visita que estes lhe fizeram no dia 1 do corrente, quando foram áquela cidade exibir-se no Parque-Cine.

Escusado é dizer-se que estes se preparam para prestar ao seu visitante todas as homenagens da sua simpatia e admiração de que ele é bastante digno, preparando-se com grande entusiasmo para lhe fazer uma carinhosa recéção de harmonia com as tradições de hospitalidade de que Montemór sempre deu provas.

Bemvindo seja, pois, o *Trovador!*

CARTA DE VERRIDE

Verride, 12 de agosto de 915.

Sob a fiscalisação do nosso amigo, snr. Guilherme dos Santos Pinto, encontra-se já relativamente adiantada a construção do edificio escolar de Verride.

——No dia 24 do mês findo, realisaram-se aqui os exames do 1.º grau, sob a presidencia do dignissimo Inspector do circulo, snr. dr. Cabral Saldanha, ficando distintos os meninos seguintes;

Antonio Rodrigues da Costa, Albertino Bátista dos Santos, Porfirio Bátista Ferreira e Eugenio dos Santos Pinto, e bom, Saúl Correia Pinto.

Este magnifico resultado deve-se, sem duvida, ao grande esfôrço e bôa vontade do nosso amigo, snr. Julio Jacinto Neves da Costa, distinto farmaceutico que, com a maior proficiência, tem regido ha cerca de 4 meses, a escola desta vila.

Ao ex.mo Inspector ouvimos nós fazer-lhe as mais elogiosas referencias; e bem o merece quem, em tão pouco tempo, conseguiu apresentar tão distintamente os seus alunos.

Não podemos tambem deixar de fazer referencia á rara distinção e elevada competencia, com que sua ex.ma esposa, D. Aida Fonseca, tem regido a escola da Abrunheira. Basta dizer que, em 4 anos, conseguiu apresentar a exame de 1.º e 2.º grau nada menos de 71 alunos. Ao nosso estimado amigo e sua ex.ma esposa, apresentamos, pois, as nossas mais calorosas felicitações.

——A velha aspiração do povo da Ereira — a construção de uma ponte junto á capela daquele logar, vai tornar-se, finalmente, uma realidade.

Graças aos esforços dos dignissimos vereadores do sul do concelho e, sobretudo, aos nossos amigos snrs. dr. Antonio Joaquim Simões, dr. Carlos Gaspar de Lemos, foi já anunciada a praça para a arrematação.

Algumas vereações transatas, incluiram verbas nos seus orçamentos destinadas áqueles tão uteis melhoramentos; mas o dinheiro desapareceu, sem que coisa alguma se fizesse.

Não se póde deixar de dizer que a actual camara tem desempenhado o seu mandato com a maior honestidade e imparcialidade.

——Foi muito lamentada a morte da distinta professora de Verride, snr.ª D. Ana Moutinho Barbedo, filha do snr.ª D. Herminia Moutinho e do snr. Joaquim Barbedo, que rege a escola do sexo feminino desde fevereiro de 1914. Esta ilustre senhora, que contava apenas 20 anos de idade, deixou cheio de luto o povo desta vila, não só pelo seu risonho caracter de gentileza, como tambem pelas altas qualidades pedagogicas e elevada inteligencia de que algumas veses deu provas.

As suas alunas abriram uma subscrição afim de oferecerem uma corôa como gratidão á sua sempre chorada educadora.

Enviamos á ex.ma familia da desditosa o nosso cartão de condolencias.

Alipio Pereira Pinto.

FALECIMENTO

=†=

Faleceu ha dias, na Bemcanta, o snr. dr. José Maria de Moura Matoso. O extinto, que contava grande numero de simpatias pelo seu trato afavel, exerceu nesta vila, por largo tempo, o cargo de juiz de direito.

Enviamos á familia em luto o nosso cartão de sentimentos.

Responsabilidade alheia

Policia ou jornalista?

Sempre ouvi dizer que «cada doido, com sua mania».

Ora o mesmo está sucedendo com o snr. correspondente da *Voz da Justiça*.

Não tem coragem para assinar o seu nome, prova evidente de que não é o autor da defeza lacónica publicada na *Voz* n.º 1325.

Será o snr. Antonio de Souza que escreve? Naturalmente, não. Não creio que o original seja seu, porque não lhe reconheço aptidões para isso.

Com referencia a corrigir a sua pequena correspondencia para a *Voz da Justiça*, veja bem. Recorde-se de que já tem recorrido a passoas (e até na minha presença) para esse fim. Não negue... Porque então, serei obrigado a citar-lhe diversos nomes. A sua biografia está muito distante de sêr comparada com a minha, porque eu fui educado no trabalho, com honra, e já o senhor não poderá dizer o mesmo, porque nunca soube o que é trabalhar e sêr um bom cidadão.

Enfim, o suficiente é dizer-lhe que não tem coragem de se sustentar com dignidade.

Se não fosse a protecção e a caridade, aonde estaria esse corpo? Já ha muito, talvez, não existisse. Por ai vê que a sua biografia deixa muito a desejar, não só no seu passado, como tambem no seu presente.

. . . . . .

O snr. Antonio de Souza, como está arvorado em *policia*, sabe tudo. Diz *que estou envestido á ultima hora no logar de guarda nocturno*, e não teve a coragem de aparecer, para vêr se efectivamente seria eu! Será, então, um covarde e caluniador? Porque, não sendo assim, não devia ter a ousadia de *mandar* ou *pedir* a quem lhe escrevesse esta *cantilena*.

Naturalmente, as suas pesquizas de *policia* deram o resultado da tal historia de letras. Mas feliz é quem tem competencia ou importancia. Mas o snr. Sousa, nem tem competencia nem importancia; é uma creatura sem crédito e sem conceito perante a sociedade. E por este motivo darei ao caso todo o despreso, deixando de acompanhar esta polémica por o não encontrar homem digno para meu adversario.

Abrunheira, 10—8—915.

Joaquim de Sousa Carvalho.

N. da R. — Apezar de ser da inteira responsabilidade do seu autor, o *Dever* não publicaria a carta que aí fica, se não fosse a grande consideração que lhe merece o seu autor, que é um rapaz honesto e muito ponderado, gozando de geral simpatia.

Entretanto, rogamos-lhe a fineza de não dar mais atenção a pessoas que lhe não mereçam conceito, muito especialmente neste jornal que se esforça para trilhar um caminho honesto e seguir intransigentemente uma linha de conduta que a todos satisfaça. De resto, o nosso presado amigo tem muito em que se ocupar.

Ranchos «Formosas do Mondego» e «Alegria Infantil»

E' no dia 29 do corrente que estes dois festejados grupos dançantes, vão por segunda vez á Figueira da Foz, realisar um brilhante festival na aprazivel Mata da Misericordia, com as suas lindas e apreciadas canções, que tão grandes e merecidos aplausos obtiveram ha dias no Parque-Cine, da mesma cidade.

Os ranchos sairão de Alfarelos, no comboio que d'ali parte para a Figueira ás 12 horas e regressarão no comboio que parte desta cidade ás vinte e tanto.

O DEVER

SEMANARIO DEFENSOR DA UNIÃO DA FAMILIA PORTUGUEZA

Assinaturas

(Pagamento adeantado)

Trimestre	0$32
Semestre	0$62
Ano	1$22
Continente e Africa	
Trimestre	0$35
Semestre	0$65
Brazil e Africa Oriental	
Ano	2$00

Numero avulso, $04

Publicações

Comunicados, 0$06 a linha; anuncios, na 1.ª pagina 1 vez, 0$10 a linha; na 2.ª, 0$80; na 3.ª e 4.ª, 0$06. Repetições, metade d'este preço.

Por mais de um mez, preço convencional.

Selo, cada publicação, 0$01.

Os assinantes teem desconto de 25 o|o.

Não se aceitam informações anonimas nem se restituem originaes, quer sejam ou não publicados.

Agua da Curia

Mogofores

As unicas aguas sulfatadas-calcicas que existem no paiz, similhantes ás afamadas aguas de Contrexéville, nos Vosges (França).

ANTIGO ESTABELECIMENTO

— DE —

Mercearia, Tabacos e Fazendas brancas

— DE —

João Antonio Rodrigues

(SUCESSORES)

Montemór-o-Velho

Nesta casa se encontra um completo sortido em assucar, chá, café, manteiga nacional e ingleza, biscoitos, bolachas, massas, bacalhau, genebra e vinhos do Porto.

Ferragens, prego de arame e de ferro, panelas de ferro, rastilho, chumbo em barra e para caça.

Fosforos e Tabacos, por atacado. Tambem vende pelos preços de Lisboa, farinha de trigo, cimento Portland, vidraça, telha de vidro e velas de cera.

Preços resumidos

João Antonio Rodrigues

(SUCESSOR)

Montemór-o-Velho

Correspondente das seguintes casas:

Banco Comercial de Lisboa, Banco do Minho, Banco Comercial do Porto, Banco Aliança, Banco Economia Portugueza, Banco Nacional Ultramarino, Companhia de Seguros *A Internacional*, Crédit Franco-Portugais, J. M. Fernandes Guimarães & C.ª, Pinto da Fonseca & Irmão, J. M. Espirito Santo Silva, Borges & Irmão, J. H. Tota & C.ª, e Orey, Antunes & C.ª.

Por falta de espaço sômos obrigados a deixar de publicar varios e importantes artigos, do que pedimos desculpa aos seus autôres.

Poetas e Prosadôres

TISICOS

(A' memoria saudosa dos que já lá vão)

Quando os vejo passar, magros, gastos e alquebrados,

«Meu coração dobra a finados,
Meu coração põe-se a chorar».

Pobres Doentes que não teem a consolação inefavel duma Esperança, eles caminham desalentados por essas ruas fóra, abatidos e com um Espectro negro e gelido na retina embaciada dos seus olhos: a Morte, a Visão lugubre do Nada!

Quantos deles tiveram nuns olhos tentadores de mulher formosa, algumas destas muitas Deidades indiscritiveis que nos aparecem e nos perturbam até á alucinação, a causa eficiente da sua dôr, o motivo primordial da sua perda!

E quando eles morrem em plena e prometedora mocidade! Que doloroso deve ser! Tombar aniquilados, sem ao menos terem a dita, o supremo gozo, de possuir o que talvez anhelavam — uma mulher — deve ser horrivel, deve rasgar as fibras, já enfraquecidas, do coração.

Felizes aqueles que tiveram tal felicidade; e felizes tambem aqueles que na hora soléne em que vão realisar uma Viagem donde se não volta, recolhem na face regada de suores frios, o Osculo opalino que santifica e tranquilisa!

Tisicos! Que tragedia pungente, que sofrer horroroso, que Vida maguada, está expressa nesta funerea palavra, feroz e letal!

Quem ha aí, que ás horas da tardinha, ás doces Avés-Marias, quando o sol já se tem escondido lá por entre os pinheirais sombrios os não tenha visto, na Torre de marfim da sua Ilusão, no Castelo sidereo do seu Sonho, a beber os Infinitos em sorvos grandiosos, em inhalações imensas?

Quem ha aí que os não tivesse visto, no seu esquife singelo, brancos, muito brancos, magros, muito magros, torturados, cinicamente torturados, a caminho do Cemiterio — Patria de Igualdade — numa mudez terrifica e nefanda?

E os moribundos poentes vertendo lagrimas de sangue, lá ao longe no firmamento olimpico?

E o sussurro das aguas hialinas, desfiando o rosario melodioso das suas dôres, por entre montanhas de granito, adustas Esfinges de Silencio e de Perdão?

E os canticos das avesinhas lá por entre o manto verde da Natureza, dirigidos ao Céu — preces sacratissimas e comovidas ao Creador?

Ai! Tudo os chora, coitadinhos!

Ser tisico! Que horror! Vêr-se mesmo morrer, lentamente, pouco a pouco, fibra a fibra, sem esperanças, sem consolações, sem lenitivos, sem remedios eficazes, conhecer-se que se vae transpôr em breve o Além Ignoto e Misterioso, sem poder evitar a vertiginosa Voragem que tudo destroe — ilusões, afétos, amôres, formosura, bondade —, ouvir-se como um pressentimento, o abrir duma cova, cheia de vermes, de pestilentos cheiros, sentir mesmo já aquelas pazadas de terra, a caír-nos em cima, a encobrir-nos, a mergulhar-nos na Treva, a destruir-nos, a lançar-nos para a Podridão—deve ser pungentissimo, deve ser sinistramente tragico!

Porém a Roda Eterna não desanda, não estaciona, e em breve, eles — os pobres tisicos — lá se submergem no Abismo Insondavel, sem poderem falar de fracos, com uma tosse sêca e fina a convulsiona-los num desespero cruel; e tendo muitas vezes nos olhos apagados e amortecidos, bem patente, bem gravada, bem nitida e bem cristalina, uma Lagrima fria, saudosa, dolorida — que é toda uma despedida, que é todo um adeus, que é todo um simbolo de dôr, um Poema tetrico e plangente de Saudade e de Desolação!

E é por isso que ao vê-los passar, magros, gastos e alquebrados,

«Meu coração dobra a finados,
Meu coração põe-se a chorar».

Guimarães, 1915.

Eduardo Passos.

CORRESPONDENCIAS

Alqueidão, 13—8.

Realisaram-se, ha dias, nesta localidade os exames do 1.º grau.

O snr. Casimiro d'Oliveira, inteligente professor desta terra, conseguiu, num meio ingrato como este é, levar a dos seus alunos a exame, obtendo ambos a classificação de distintos.

Com efeito, os meninos Antonio Simões Rascão e Manuel Simões Rascão, são estudantes estudiosos, fazendo a alegria d seus pais, e originando a vitoria merecida do seu competentissimo professor. Além dos dois distintos, levou mais tres a exame, que obtiveram a classificação de *bom*, e foram eles os meninos Antonio Assunção Faria, filho do nosso querido amigo José d'Assunção Faria; Joaquim da Silva Coelho e Manoel Vieira Pedrosa, todos deste logar.

—— A tuna desta terra, que está sendo uma das melhores destas circumvisinhanças, todos os domingos se ensaia na casa da sua associação, ouvindo-se com muito agrado. *C.*

Bicânho, 12—8

Esta bela e aprazivel estancia balnear, de que é proprietario o nosso presado e velho amigo snr. Gonçalo de Meireles, foi no ultimo domingo visitada pela distinta tuna do visinho lugar do Alqueidão, que se fez ouvir com muito agrado, como de costume, mercê do alto criterio e boavontade do nosso prestimoso amigo snr. José d'Assunção Faria, que voluntariamente se propôz, com sacrificio, dirigir a mesma tuna, com mira apenas no engrandecimento da sua terra adótiva, á qual vota todo o seu entusiasmo e dedicação.

As termas do Bicânho tem estado este ano muito concorridas, chegando até a não haver alojamentos nem casas para alugar aos seus frequentadores, pois as suas maravilhosas aguas estão dando ótimo resultado.

—— Retirou para o Gerez o snr. Gonçalo Meireles e sua ex.ma familia. *C.*

Caldas da Amieira, 12—8

O rio Pranto, que banha o campo ali defronte, é, de vez em quando, sepultura dos desgostosos e dos doentes, que nele vão procurar o repouso eterno.

Varias teem sido as tentativas de suicidio, mas um destes dias ali encontrou a morte, por a ter procurado deitando-se á água, Maria Barbara, do visinho logar dos Casais, por motivos que por emquanto se desconhecem.

Paz á alma da infeliz criatura.

—— No ultimo domingo foi extraordinaria a concorrencia a estas termas, que foram visitadas pelo rancho de raparigas e rapazes de Vila Verde, dançando-se e cantando-se com verdadeiro entusiasmo, sendo acompanhados, os pares dançantes, pela bem organisada tuna do mesmo logar.

As termas da Amieira estão encantadoras, mercê dos importantes melhoramentos que lhe teem sido introduzidos pelos seus atuais dirigentes. *C.*

Movimento da população

Nascimentos registados durante o mês de **Junho**

(Continuação)

Mabilia, filha de José Bicho Amado e de Joaquina Ferreira, nascida em 28 de maio, na Fontinha, freguezia de Pereira.

Ana, filha de José Jorge Duque e de Maria da Cruz, nascida em 23 de maio, no Pisão, freguezia de Liceia.

José, filho de Joaquim Lopes Gonçalves e Maria Cadima, nascido em 2 de junho, no Casal Novo, freguezia das Means

Encarnação, filha de Antonio Matias Cabelo e de Maria José Pinto da Graça, nascida em 12 de maio, nos Montes de Cima, freguezia de Pereira.

Branca, filha de Francisco Augusto Pereira Veloso e de Carmina Lopes de Carvalho, nascida em 16 de maio, na vila de Montemór-o-Velho.

Arminda, filha de Antonio Simões e de Maria da Cruz, nascida a 14 de maio nos Pelicanos, freguezia de Arazede.

Ema, filha de José Gomes dos Santos e de Ana d'Oliveira, nascida a 15 de maio de 1915 na vila de Verride.

José, filho de Julio dos Reis e de Maria da Conceição Matias, nascido em 5 de junho na Portela, freguezia de Tentugal.

João Maria, filho de Joaquim Cruz e de Beatriz Mendes dos Santos, nascido a 16 de maio na Quinta do Alto de S. João, concelho da Figueira da Foz.

Dozinda, filha de Manuel Miranda e de Maria Cardosa, nascida a 23 de maio nas Faiscas, freguezia de Arazede.

Joaquim Maria, filho de José Jorge Ribeiro e de Maria da Conceição, nascido em 4 de junho no Amieiro, freguezia de Arazede.

Maria Ester, filha de Joaquim Medina e de Maria Madalena Pereira, nascida em 6 de junho na Quintã, freguezia da Carapinheira.

Maria, filha de Antonio Felisberto Sales Junior e de Conceição Mendes, nascida a 16 de maio em Formozelha, freguezia de Santo Varão.

Antonio, filho de Antonio Mendes Tarrafa e de Piedade Rasteiro, nascido a 16 de maio na Torre, freguezia de Pereira.

Emilia, filha de Antonio Mendes Tarrafa e de Piedade Rasteiro, nascida a 16 de maio na Torre, freguezia de Pereira.

Joaquim, filho de Joaquim Maria dos Reis e de Maria Ferrás, nascido em 10 de junho na Coitada, freguezia das Means.

Antonio, filho de José Gomes da Costa e de Maria da Silva, nascido em 24 de maio no Vale Saramago, freguezia do Seixo.

Joaquim Maria, filho de José Gomes da Costa e de Maria da Silva, nascido em 24 de maio no Vale Saramago, freguezia do Seixo.

Manuel Augusto, filho de Teresa d'Oliveira, nascido em 20 de maio na Arroia, freguezia de Liceira.

Joaquim, filho de Joaquim Bicho e de Maria Rosa da Silva, nascido em 21 de maio na vila de Montemór-o-Velho.

Zulmira, filha de Joaquina Travassos, nascida em 2 de junho na Quintã, freguezia da Carapinheira.

Ermelinda, filha de Fernando Nunes e de Teresa Mendes, nascida em 1 de junho em Vale Canosa, freguezia das Means.

Amelia, filha de Manuel Ferreira d'Almeida e de Carmo Palheiro, nascida em 1 de junho na vila de Pereira.

Albertina, filha de pais incognitos, nascida em 30 de maio, na vila de Tentugal.

Antonio, filho de Fernando Monteiro e de Emilia d'Almeida, nascido em 22 de maio em Formozelha, freguezia de Santo Varão.

José, filho de Joaquim Monteiro Dentinho e de Ana Cardosa, nascido em 12 de junho no Casal Novo, freguezia das Means.

Albertina, filha de Joaquim Gonçalves Nora e de Maria José Lucas, nascida em 17 de junho no Casal Novo, freguezia das Means.

Maria da Purificação, filha de José Jorge Ferreira Valente e de Maria Gomes Cordeiro, nascida em 14 de junho nas Quintas, freguezia das Means.

José Maria, filho de José Bernardes e de Maria Emilia, nascido em 19 de junho na Cabeça Alta, freguezia do Seixo.

Ana, filha de José Jorge Batata e de Joaquina Gomes, nascida em 25 de maio no Pisão, freguezia de Liceira.

Francisco, filho de Antonio Serafim e de Maria de Jesus, nascido em 27 de maio no Bebedouro, freguezia de Arazede.

Julio, filho de Manuel da Cruz Picanço e de Luiza Mendes, nascido em 23 de maio nos Pelicanos, freguezia de Arazede.

Luiza, filha de José Monteiro Côca e de Maria Correia, nascida em 25 de maio no Amieiro, freguezia de Arazede.

Lucinda, filha de Manuel Gomes e de Maria da Ascenção, nascida em 23 de maio, no Tojeiro, freguezia de Arazede.

Virginia Estrela, filha de Joaquim Jeronimo da Costa e de Maria Luzitania Gomes da Silva, nascida em 31 de maio no logar e freguezia de Vila Nova da Barca.

Arminda, filha de José da Silva Carvalho Junior e de Felismina Henriques, nascida em 27 de maio na Ereira, freguezia de Verride.

(Continúa).

ANUNCIOS

Editos de 60 dias

(2.ª publicação)

NO tribunal do comercio da comarca de Montemor-o-Velho, cartorio do escrivão privativo Sampaio, nos autos de acção por divida, que Joaquim Roque Vicente, casado, proprietario, do logar e freguezia de Alfarellos, move contra Joaquim Fernandes Alves e mulher Maria Augusta, e contra os fiadores destes José Fernandes Racha e mulher Ana de Freitas Garcia, todos do logar e freguezia de Reveles, na qual o autor pede o pagamento da quantia de cem escudos e os juros na rasão de dez por cento ao ano desde 19 de maio de 1912, que os reus lhe devem por uma letra aceite em 19 de maio de 1909, correm editos de sessenta dias, que se contarão depois de findos cinco desde a ultima publicação do anuncio no *Diario do Governo*, citando os reus Joaquim Fernandes Alves e mulher Maria Augusta, para no praso de dez dias deduzirem qualquer oposição que tiverem por conveniente, sob pena de, não o fazendo, serem condenados no pedido, nos termos do artigo 4.º do decreto de 29 de maio de 1907.

Montemor-o-Velho, 19 de junho de 1915.

O escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei.

Amaral Pereira.

Editos de 60 dias

(2.ª publicação)

NO Juizo de Direito de Montemor-o-Velho, e cartorio do escrivão Sampaio, nos autos para divisão e demarcação que Manuel d'Oliveira e mulher Maria de Jesus, da Tocha, comarca de Cantanhede, movem contra Joaquim Jorge Mauricio, solteiro, maior, do Casal do Mato, daquela comarca, e contra outros, correm editos de sessenta dias, contados cinco dias depois da segunda publicação do respectivo anuncio no *Diario do Governo*, citando o referido Joaquim Jorge Mauricio, ausente em parte incerta nos Estados Unidos do Brasil, para comparecer no tribunal judicial da mesma comarca, na segunda audiencia posterior ao praso dos editos, afim de vêr acusar esta sua citação, e louvar-se com os autores em peritos que em vistoria procedam á divisão e demarcação do predio dos autores, sito nas Bócas, com o qual confina outro do reu.

As audiencias deste Juiso fazem-se ás segundas e quintas-feiras de cada semana, pelas dez horas, no tribunal judicial sito á Praça da Republica, se não forem dias declarados feriados.

Montemor-o-Velho, 19 de junho de 1915.

O escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei.

Amaral Pereira.

Editos de 30 dias

(2.ª publicação)

NO Juizo de Direito de Montemor-o-Velho, cartorio do escrivão Sampaio, no inventario orfanologico por obito de José da Silva Alho, morador no Casal Novo, freguezia das Means, desta comarca, em que é cabeça de casal a filha Maria dos Reis, solteira, dô mesmo logar, correm editos de trinta dias contados da segunda publicação do anuncio no *Diario do Governo*, citando os interessados: Antonio Gomes Quinteiro, ausente em parte incerta no Brasil, e José Lopes e Antonio Lopes, solteiros, menores puberes, ausentes em parte incerta na cidade de Lisboa, para assistirem a todos os termos até final do mesmo inventario.

Montemor-o-Velho, 7 de maio de 1915.

O escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei.

Amaral Pereira.

Editos de 30 dias

(2.ª publicação)

NO tribunal de comercio de Montemor-o-Velho, cartorio do escrivão privativo Sampaio, nos autos de ação por divida que João Esteves Valerio, casado, comerciante, do logar e freguezia de Arazede, da mesma comarca, move contra José Gomes Cavaleiro e mulher Maria Aleixo, do logar da Azenha do Amieiro, da dita freguezia, na qual o autor pede o pagamento da quantia de 186$00, resto da de 483$84, proveniente de varios generos comprados a credito no seu estabelecimento pela ré, bem como pede o pagamento dos juros da quantia em divida na razão de seis por cento ao ano, juros, custas e procuradoria, correm editos de trinta dias, que se contam cinco dias depois da ultima publicação do anuncio no *Diario do Governo*, citando o reu dito José Gomes Cavaleiro, ausente em parte incerta na cidade de Lisboa, para comparecer no tribunal judicial da dita comarca na segunda audiencia do mesmo Juiso, afim de vêr acusar esta sua citação, vêr instalar a ação e marcar-se-lhe tres audiencias para a contestação.

As audiencias deste Juiso fazem-se todas as segundas e quintas-feiras de cada semana, no tribunal comercial sito nos Paços do concelho, á Praça da Republica, não sendo dias declarados feriados, e sempre por dez horas.

Montemor-o-Velho, 3 de agosto de 1915.

O escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei.

Amaral Pereira.

Alice Oliveira,

aluna externa do 5.º ano de piano do Conservatorio e com o curso de musica: léciona, em sua casa ou dos alunos, como se convencionar.

RUA DO SUB RIPAS, 10
COIMBRA

Companhia Geral de Credito Predial Português

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

Séde Social: Travessa de Santo Antonio da Sé, n.º 21
LISBOA

Esta Companhia realisa actualmente emprestimos hipotecarios a longo praso, cujo encargo, compreendendo juro, comissão, amortisação e depreciação dos titulos, é inferior a 7 %, tendo os mutuarios a faculdade de antecipar os seus emprestimos, total ou parcialmente e em qualquer época, em dinheiro ou em obrigações da mesma taxa e tipo das que fôram entregues no acto do contrato. Recebe e guarda nas suas magnificas **Casas fortes** quaisquer papeis de credito, encarregando-se de receber os respectivos juros.

Pedir esclarecimentos a Fernando da Silva Coelho Pessoa — Montemór-o-Velho — ou diretamente á Séde da Companhia.

AGUA DE LUSO (Medalha d'ouro, Madrid 1913.) Cura pela Diurése

(ESTABELECIMENTO TERMAL E HOTEIS ABERTOS TODO O ANO)

A mais diurética e mais digestiva. Aumenta a diurése, regularisa as funções digestivas e ativa os fenómenos nutritivos

Muito radioativa—4,49 miligramas—minutos
Muito ionisada, resistividade a 18° 18300 ohms
Muito rica em gazes raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotonica, ponto criospico 0°,04

Conclusões da analise feita pelos distintos professores Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitissimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tifico

USO EXTERNO—Molestias de pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc,), reumatismo e gôta.
USO INTERNO—Artritismo, impaludismo, neurastenia—Albuminuria, diabetes—Intestinos, estomago—Rins—Bexiga.

Depositos — **LISBOA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 428. FUNCHAL, José Quirino de Castro, rua dos Murças. AFRICA ORIENTAL: Oswald Offmann. BEIRA: F. L. Simões & C.ª. LOANDA: Beltrão, Pena & C.ª**, e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositarios nas terras onde ainda os não haja.

Portugal Previdente

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima — Responsabilidade Limitada

Capital **UM MILHÃO** de Escudos

SÉDE — RUA DO ALECRIM, 10 — LISBOA
N.º Telef.—1849 End. Teleg.—VIDA

Seguros contra incendios de predios, fabricas, etc.
Seguros de estabelecimentos e mobiliarios.
Seguros agricolas de ceáras, eiras, palhas, arvoredos, etc.
Seguros de maquinas e utensilios de lavoura.
Seguros contra incendio proveniente de gréves e tumultos.
Seguros de transportes maritimos e postaes.
Seguros contra roubo de habitações e estabelecimentos.
Seguros contra fraude de empregados.
Seguros contra a quebra de cristais.
Seguros de vida, pensões, dotes e reformas.
Seguros contra acidente de trabalho.

Agencias em todas as terras importantes do paiz, ilhas e colonias.
Sucursal no PORTO — Rua Passos Manoel, 21.

BANQUEIROS—**Borges & Irmão**—Porto e Lisboa

Antonio Pereira de Carvalho

Proprietario dos Grandes Armazens de Bicicletas, Maquinas de Costura, Pianos e toda a qualidade de acessorios.

A maior e mais antiga casa no genero

Oficina para todos os concertos, afinações e reparações em bicicletes, motocicletes e maquinas de costura.

Artista mecanico habilitado.

Vendas, alugueis e trocas.

Preços sem competencia

34—Avenida Navarro—36

(Estrada da Beira)—COIMBRA

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem deposito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se tambem de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fóra de Coimbra

FABRICA DE CAL

Cal fina e grossa, fornece-se em muito boas condições. Preços modicos, sobre o wagon, no caminho de ferro e nos proprios fornos.

Agente de telha tipo marselha e tijolos de todos os formatos, da fabrica Lacerda, Figueiredo & C.ª Limitada, da Pampilhosa.

Pedidos a

Joaquim F. Coca Junior
Zambujeiro—Arazede

AOS AGRICULTORES

Estão proximas as sementeiras de nabos e cereais, e por isso previno todos os meus estimaveis freguezes que façam novas encomendas de **adubos quimicos** e **organicos**, da acreditada casa Varela Leal & C.ª, das Varzeas, os quais se encontram á venda em minha casa, no **Casal do Gaio — Arazede.**

Manoel Monteiro Godinho.

Companhia de Seguros A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz

Antonio d'Oliveira Guerra

RUA DA REPUBLICA, 84

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legitimos acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de fórma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamavel, isca em cordão vendida fraudulentamente a titulo de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva acção civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa a Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente guardando-se a maior discreção. A Companhia logo que receba informaçõ fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalisação para procederem ás necessarias diligencias. Dirigir-se pessoalmente ou por carta á Companhia Portuguêsa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS MELO & MARTINS

PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada

PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiencia dos nossos adubos, devido ao seu magnifico resultado os adoptarão de preferencia a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

SEGUROS CONTRA INCENDIO

Seguros contra incendio incluindo riscos de explosão de gaz e raio, cobrindo tambem os riscos de gréves ou tumultos (portaria de 14 de Março de 1914).

SEGUROS CONTRA INCENDIO cobrindo ainda os riscos de guerra (portaria de 30 de Novembro de 1914).

Unica companhia autorisada a segurar os riscos de guerra nas apolices de incendio

Seguros contra incendio e roubo E' tambem A MUNDIAL a unica Companhia autorisada a emitir uma apolice cobrindo os dois riscos.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital — Esc., 500:000$
(500 contos)

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmão
Praça da Liberdade, 138 — Telefone 1459

Agencias e Delegações em todo o paiz, ilhas e colonias.

Restaurante Ferro-viario ALFARELOS

ESTE bufete, um dos que melhor servem o publico que transita nos comboios, acha-se situado na estação do caminho de ferro de Alfarelos. Fornece almoços, jantares e *lunchs* e toda a qualidade de refeições, por preços comodos. Tem pessoal habilitado, tanto em cosinha como em serviço. Tudo se encontra com esmero e perfeição.

Fornece comida para fóra, e presta-se a servir em casamentos, batisados, etc., desde que seja prevenido com antecipação.

O proprietario, **Artur de Oliveira Coelho.**

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro
PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex.mos passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.

Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA

Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.
PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações
Deposito das afamadas aguas de Luso.

Guilherme dos Santos Pinto & Irmão

COM

OFICINA DE CANTEIRO

Encarregam-se de jazigos de toda a especie e todo o serviço concernente á sua arte.

Tambem executam todos os trabalhos que digam respeito a *Plantas, Alçados, Copias, Projectos e orçamentos de edificios, edificações, etc.*

Montemór-o-Velho = Verride

Biblioteca da Universidade Coimbra

Ano 4.º Montemór-o-Velho, 22 de Agosto de 1915 N.º 183

DIRECTOR, PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR
Almeida Junior

SECRETARIO DA REDACÇÃO E EDITOR
Abel M. de Melo Brandão

REDACTOR PRINCIPAL
Mário Augusto Mota

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguêsa

Pátria e Humanidade

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Dr. José Galvão
MONTEMOR-O-VELHO

DIRECÇÃO:—COIMBRA
(para onde deve ir a correspondencia)

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. Silva (a vapor)—AVEIRO

O abade João em Montemór

Até a historia esquece. — O indiferentismo do povo

A historia não olvida os grandes feitos, enaltecendo-os e tornando-os sempre evocativos á alma da humanidade que se movimenta; e do mesmo modo, justiceira e rigorista, patenteia sempre aos olhos dos vindouros qualquer coisa de tragico e de ingrato, acentuando aí, em caratéres agoirentos, o erro dos homens, o desmazelo dos indiferentes. Varios foram os individuos que engrandeceram esta terra.

Algumas capacidades de uma estrutura moral elevadissima sentiram por Montemor, que os abrigou no seu seio exuberante e produtivo, todas as afeições mais intimas; algumas mentalidades honraram esta terra com os fulgores pujantissimos do seu talento, honrando toda uma geração e enchendo de gloria este pobre país ás musas dado.

E tudo esquece! O tempo, conselheiro inquisitorial de todo o mundo, apaga, no coração dos novos, as velhas glorias dos antigos!

D. João V, aquele pobre monarca que todos nós conhecemos, ao menos de tradição, mandou que a Camara, desta não menos pobre vila, incluisse nos seus feriados, para a comemorar festivamente, a data de 10 de Agosto, que rememorava a batalha travada com os mouros, e em que os montemorenses, comandados pelo célebre abade João, saíram victoriosos.

Bons tempos de coragem guerreira, em que a alma do nosso povo toda se abrasava em chamas de patriotismo e em sonhos de vitória.

E tudo passa! Todavia o nosso municipio, reunido ha um ano, resolveu cumprir com o disposto no art. 2.º do decreto de 12 de outubro de 1910, dando todos os anos, em dia designado, acordo de si, mostrando que nem tudo póde passar despercebido perante as paginas gloriosas da historia da nossa terra, que estão patentes aos olhos de toda a gente que ainda sinta pelo seu berço um pouco de dedicação e fraternal amor.

Mas nada se fez. As festas *do Abade João*, ou da *Batalha*, não se comemoraram!

O Abade João foi um grande vulto que Portugal viu nascer. Aos prodigios manifestos da sua enorme inteligencia se referem, entre muitos outros historiadores, o grande Antonio Correia da Fonseca Andrade, capitão mór da Vila de Montemor-o-Velho, na *Historia Mulianense, cronologica, epitomatica, bèlica* e *geneológica*. *O Domingo Ilustrado*, (arquivo da historia patria) no seu 3.º volume, paginas 511 e 512, n.º 119; paginas 514 e 516, n.º 120. Pinho Leal, no seu *Portugal Antigo e Moderno*, que nas discrições que faz se refere a *Mon. Luz*, por Fr. Francisco Brandão, parte 3.ª, livro 10, cap. 45; e *Obras de Francisco Sá de Miranda*, carta 8.ª e paginas 129; *Diana*, de Jorge de Montemor. *Na Historia de Alcida e Silvino*. *Arquivo* de Lorvão, em uma escritura autentica copiada pelo licenciado Gaspar Alves de Louzada, etc.

Comtudo, esquece-se uma data assim gloriosa para á terra que nos foi berço ou que escolhemos como adotiva, sentindo pelo seu engrandecimento e pelas suas prosperidades a mesma veneração que se sente por uma pessoa muito querida e á qual completamente nos deixassemos entregar.

Noutros tempos, — alguem nos relembra isso com saudades infindas! — a data de 10 de Agosto era aqui festejadissima, afluindo a esta vila, de 9 ao dia 14, milhares de forasteiros de terras circumvisinhas e mesmo longinquas terras.

Hoje, tudo esqueceu! A vida está cara, impossivel se tornando dispender um centavo em coisas que nos façam falar á alma os rasgos de heroismo de nossos avós, conscienciosos e patriotas, genuinamente guerreiros e puramente positivistas.

Tudo se vae, só o Martirio e a Dificuldade criaram arraiais no lar dos pobres...

ALMEIDA JUNIOR.

As cartas duma infeliz

Desculpa-me minha querida, se venho importunar-te com minhas noticias; mas as saudades que de ti sinto, acompanhadas de desgostos, fazem com que eu te confie os meus pesares; seria desprimoroso não t'as dar. Tu és sempre a mesma, galante e boa, e por isso me perdôas, não é verdade? Queria dar-te algumas novidades desta encantadora vila, mas a vida circunscreve-se ás paredes da minha casa, sem mais desejos nem ambições. Habituei-me ao isolamento, e agora, parece que me incomoda o bulicio da sociedade que por esta vila se movimenta. Sou já um tanto ou quanto selvagem, não te parece?

Eu já não sou a mesma que viste ha mezes, apenas alegre e folgazã! Sabes porquê? Porque sinto, a esmagar-me o coração, não sei que tortura asfixiante que me inutilisa e me perde!

Não sabes a razão, mas eu t'a digo:

Recebi ha dias uma carta, cujas letras eu sinto serem verdadeiros punhaes a atravessarem-me a alma. Diz: *Não te amo! Amo outra. Tem esperança no futuro, porques és nova.*

Depois de me despresar, galanteia-me! Todos assim são! Dar uma mulher a vida inteira por um homem; dedicar-se-lhe; ser sua e só sua; sentir sempre a seu lado o perfil da sua imagem; ver tudo pelos olhos dêle, adorar, como se fossem evangelhos, as palavras que lhe escuta depois de tanta promessa, de tanto amor, de tanto afeto e de tanta abnegação; assistir, ao minar de todas as suas esperanças, ao desfazer de tantos sonhos, e presenciar, para maior tortura, o enterro do seu proprio coração, que estendido fica sobre a terra, amortalhado sobre todas as ilusões!

Tudo isto é infame!... Oh! eu queria vêl-o e acusal-o de toda a indelicadeza e crueldade que teve para comigo, e para dar larga a todo o ódio que já sinto por ele, e dizer-lhe: «Sou eu que te desprezo, que sinto repulsão por tudo quanto é teu, desde as palavras que te ouvi, até ás cartas que me escreves. Enfim, que nada me importa já! Bem vê minha querida amiga, qual é o meu sofrimento.

Beija-te a tua dedicada

Estarreja, agosto de 1915.

Malaia.

Crónica de Lisbôa

Hoje quero contar-lhes um episodio antigo, mas, antes disso, desejo fazer uma pergunta, que a ninguem molestará:

— Os que devem ouvir, os que devem vêr limitam as providencias ás que estão tomadas? Continuam a consentir que o conluio tenha as suas reuniões e decrete o preço dos viveres, e se continue a rir dos protestos coléricos da multidão dos que teem fome?

O povo bateu se ainda ha pouco em defeza da Constituição, bateu-se por um direito! Sim! O povo generoso, o povo nobre derramou, ha poucos mezes ainda, o seu sangue pela Justiça! Haverá que admirar, se, ámanhã, o virmos exceder-se, lutar com as mesmas armas, já gastas em proveito alheio, por uma necessidade que lhe aproveita?

E', simplesmente, natural.

A fome ha-de impeli-lo, se quem dorme não acordar e arredar de si os interesses partidarios para atender as necessidades particulares.

E' naturalissimo!

E se isso suceder, quem é o responsavel?

O conluio continua a permitir-se. O governo perante a fraude jaz impassivel, num sôno que se esforça por manter. Burrifaram no com agua fria os gritos dos jornalistas, abanaram-no com furia os urros leoninos dos esfomeados, em S. Carlos, e a revolta latente que no coração do povo transparece. Acordou, esfregou os olhos que mesmo abertos parecem nada vêr e tomou providencias — fez projectos, aprovou decretos e adormeceu.

Os *conspiradores* voltaram a reunir, bateram palmas, andam satisfeitos e disseram sorrindo:

— Não ha novidade. E' para inglez vêr.

Voltaram para os seus armazens, para as suas mercearias, para as suas tendas e continuaram, sempre amaveis, a roubar o consumidor.

Brevemente teremos uma nova geração de nobres merceeiros; devem crear, até uma condecoração para homenagenar a muito briosa, honrada e nobre classe dos consumidores — sim, dos consumidores do povo.

E se isso suceder, que fazem os de *cima*?

Mascarar os factos e mandar fuzilar a escumalha?

Mau caminho leva quem se consagrar ao paliativo. Se a justiça entregou já, por duas vezes, as armas á multidão impetuosa, de certo que lh'as entregará, novamente, se, a tempo, não se obstar a que vibre o grito de revolta e de vingança.

Senhores do governo! Estão a envenenar o povo, estão a matar a escumalha para que não possa defender o paiz! E a *vara* de minotauros que suga o sangue do povo, amaldiçoando a guerra que lhes enche as burras, e não se enche de murmurar contra vós, chorando e dizendo que *noutras epocas* isto não aconteceria. Que sucede? Um odio concentrado entranha-se no coração dos simples, avoluma-se e irradia e, se a maior parte dêsse sentimento se destina e vae para os que o sugam, uma parcela, vae — sabeis para quem? — para vós!

* * *

E a historia? Ah! E' do tempo da escola primaria, mas lembra. Muito ingenua, muito inocente, mas serve!

Uma avesinha fez o seu ninho no meio dum trigal. O fruto estava sazonado e lindo e a ceifa estava prestes. Os filhos, ha pouco implumes, já tentavam vôo e, sob o olhar amoroso da mãe, atenta, voavam de redor. Uma das avesitas, uma tarde, veio, muito aflita, direita ao ninho. A mãe acorreu e perguntou-lhe o que tinha.

— Eu estava ali, de fronte, naquela moitasinha, debicando grãos, entretida, quando senti passos. Estremeci e reparei. Era o creado do dono deste campo e a mulher e que lhe dizia que ámanhã começaria a ceifa. Fujamos, mãe, fujamos, se não apanham-nos.

— Tens a certeza que era o creado?

— Conheço-o bem.

— Então temos tempo.

Em verdade passou-se perto de uma semana e o trigo acariciado por um sol brilhante e lindo, continuou no mesmo sitio e a avesinha e a prole permaneceram tranquilos, habitando o ninho construido com tanto amôr.

Uma manhã, era um domingo, novo grito de alarme. A mesma avesinha levou a perturbação ao lár. Fôra o caso que o feitor parara junto da arvore onde ela poisara e dissera para um creado que o acompanhava que se havia de ceifar o trigo por toda a semana. Portanto, era tempo. Necessitava de ir construir o ninho noutro sitio, se não brevemente seriam vitimas. Bastavam já os açores e os falcões. A mãe sorriu-se e perguntou:

— Estás certa que era o feitor?

— Ah! Conheço-o bem. E' um homem alto e já velho, anda sempre a cavalo e traz botas de montar.

— Então temos tempo.

E os dias, realmente, fôram decorrendo, sem que nada os perturbasse—calmos, tranquilos, doces...

No domingo seguinte, porém, uma outra avesinha chegou ao ninho semi-morta de mêdo. Batia as azitas, aflita, quasi que não podia respirar tal era o cansaço, tal era a comoção. Era quasi ao sol pôr e no ninho já se abrigava toda a familia.

— Que medo, mãe, que medo! Eu estava poisada no beiral do telhado do celeiro, muito descançada, pipilando, quando, de repente, a porta se abriu e saiu o dono da ceara acompanhado do feitor. Conversavam havia algum tempo quando, de subito, o dono, gritou de fórma que ouvi bem:

— A'manhã é preciso que comecem a ceifar o trigo.

— Era o dono? O proprietario? Aquele a quem importa a prosperidade ou a dificuldade da sua fazenda? Vamos! Vamos! Saímos mesmo esta noite! A'manhã, sempre é certo, começarem a ceifa! Vamos!

E o bando voou e abandonou o ninho...

. . . . . .

Entendes tu, ó povo!?

D. L.

CARTA DE ARAZEDE

Realisaram-se nos dias 14, 15 e 16, neste logar, as tradicionais festas a Nossa Senhora do Pranto, que fôram muitissimo concorridas.

No dia 14, as filarmonicas de Arazede e Cantanhede percorreram os logares de Vila Franca, Casal do Gaio e Arazede; á noite foi queimada grande quantidade de fogo preso, e tambem algum á moda do Minho, enquanto as referidas filarmonicas executavam os seus reportorios de bom gosto.

No dia 15 teve logar a ceremonia da comunhão das crianças, procissão, arraial muito concorrido, venda de fogaças, muitos bailes populares, etc., e á noite mais fogo á moda do Minho.

No dia 16, com a assistencia de muito povo, fôram vendidas as fogaças que haviam ficado do dia anterior, notando-se em todos os assistentes a maior alegria.

— Nas noites de 15 e 16, houve em casa do importante proprietario e capitalista, snr. Antonio Maria da Silva Ferrão, dois bailes que decorreram com a maior animação.

Nestes bailes tomaram parte, além das gentis filhas e filhos do snr. Ferrão, as tambem gentis snr.as D. Maria Emilia Monteiro Ferrão, D. Izilda Baia de Melo, D. Fernandina Ferrão Tavares, D Guilhermina Queda, D. Maria da Conceição Mendes, D. Arminda Baia, D. Mariana Lopes e D. Valentina de Melo, dignissima professora em Pocariça e tambem a irmã desta senhora. Cavalheiros: Alfredo Ferrão, Henrique de Melo, Manuel de Melo, Antonio da Cruz, Padre Dias e Padre Antonio, dr. José Rafael de Sampaio, Abel Neves, de Cantanhede, Antonio Fragoso da Rocha, de S. Romão (Ceia), Alcindo Pereira Gomes, do Porto, e Manuel Costa. Estes ultimos cavalheiros estiveram de visita á familia do snr. Antonio Maria da Silva Ferrão.

— Partiu na sexta-feira para S. Romão (Ceia), o nosso presado amigo Antonio Fragoso da Rocha, acompanhado dos nossos conterraneos e amigos Alvaro da Silva Ferrão, inteligente estudante do 3.º ano de medicina e de seu irmão José da Silva Ferrão, digno aluno do 4.º ano do curso comercial.

A estes nossos amigos desejamos que gozem os bons ares da Serra da Estrela.

— De visita a seus paes estiveram nesta localidade a snr.a D. Emilia Ferrão Tavares, acompanhada de seu marido, snr. Alberto Borges Tavares, que seguiram no dia 18 para Lisboa, em viagem de recreio.

— De visita ao snr. Antonio Maria Ferreira Monteiro, esteve aqui

o snr. Manuel da Silva Lirio, nosso conterraneo e importante comerciante da praça de Lisboa. Veio acompanhado de suas filhas D. Isaura e D. Iréne, duas distintas pianistas.

Nas noites de 16 e 17 tivemos o prazer de ouvir belos numeros de musica em casa do snr. Monteiro, executados ao piano pelas distintas artistas, e em que tomou parte o eximio violinista snr. Benjamin Bronze, da visinha povoação de Lemede.

——Pelo snr. Manuel da Silva Lirio, foi distribuido, no dia 15, a 40 pobres dos mais necessitados desta freguezia, um bôdo, que constou de 1$50 a cada um, e ainda a mais 50 pobres 10 centavos a cada um.

Bem haja o snr. Lirio, pelo seu belo acto filantrópico, que demonstra bem o seu generoso coração e o amôr que tem ao povo da sua terra.

C.

Secção de Variedades

Nem sabia que Elle estava doente

— Então, snr. Abade, a pequena póde ir ao confesso?

— Isso sim! Ela nem sabe que Jesus-Cristo morreu para nos salvar?

— Não admira; como a gente não lê jornaes... Nem mesmo sabia que Elle estava doente!

Rico Anjo

— Oh mamã! O que são anjos?

— São meninos que teem azas e voam.

— Mas a nossa creada não tem azas e o papá estava a chamar-lhe rico anjo!

— O quê?! Estava a chamar-lhe rico anjo?!

— Estava, sim, mamã; que eu bem ouvi.

— Não tem duvida; tu verás que apezar dela não ter azas, ámanhã vôa pela porta fóra.

Entre um Bispo e um Estudante

Numa reunião, perguntou um estudante a um Bispo:

— Que diferença ha entre um burro e um Bispo?

Silencio profundo.

— Não sabem? volveu o estudante. E' que o burro tem a cruz nas costas e o Bispo tem-na no peito.

Riso geral.

Levantou-se o Bispo e diz:

— Agora eu. Que diferença ha entre um burro e um estudante?

Ninguem respondeu.

O Bispo:

— Não sabem? Pois eu tambem não sei, porque não ha diferença nenhuma!...

Nova alquilaria

Por todo este mez, deve começar a funcionar uma nova alquilaria, com a séde na rua Tenente Valadim, de que é proprietario o snr. Julio Leitão, nosso presado amigo, de Tentugal.

Tentugal

e os seus mais ilustres habitantes

Nas referencias elogiosas e justas que fiz no modesto artigo que aqui se publicou, com este mesmo titulo, houve um lapso que seria imperdoavel, se não fosse motivado por um lastimável esquecimento de ocasião. E digo—de ocasião—porque não é facil esquecer completamente quem uma vez se nos apresenta com as qualidades atraentes do Padre Antonio Dias de Oliveira, a quem me quero referir.

Efectivamente este cavalheiro, além de ser um padre que honra e dignifica a sua alta missão de evangelisador, possue uma habilidade manual extraordinaria.

Teria uns 10 anos apenas, quando já encantava os companheiros da infancia com os seus brinquedos engenhosos e quasi artisticos.

Uma vez queimou no Rocio fogo de artificio, de sua elaboração, que atraiu não só todos os rapazitos da terra, mas ainda grande numero de pessoas adultas.

Mais tarde fez-se, sem auxilio alheio, um bandolinista eximio, compositor de musica apreciado, relojoeiro de merecimento, mecânico, etc., etc.

Aqui fica, pois, desfeita a injustiça involuntaria que cometi, omitindo o nome da pessoa mais habil de Tentugal.

* * *

E, já que estou com as mãos na massa, quero oferecer aos tentugalenses uma carta que me foi enviada, a proposito do artigo já referido.

Essa carta, pela fórma como está redigida, pela graça que transpira em todas as suas linhas, e, sobretudo, pela modestia que a abrange, é bem uma confirmação plena das minhas singelas alusões ao snr. Aldobrando Pessoa.

Que este senhor me perdoe a ousadia de publicar-lhe a sua alegre e cativante missiva

P. de C.

Meu caro amigo:

Foi-me hoje enviado, não sei de onde, o *Dever*, jornal de Montemór. Como era natural abri o jornal, pois que iria, talvez, lêr alguma noticia da minha terra, as quais me dão sempre muito gosto conhecer.

Ao voltar a folha, lá estava um TENTUGAL muito escarrapachado; e eu, ávidamente, tratei de lêr o artigo, encimado por tão grossas letras. Mas, como nessa ocasião eu tinha o espirito absorvido nuns algarismos, de que estava a tratar, não prestei a devida atenção ao artigo, que presumo ser do meu benévolo amigo.

E foi a segunda leitura do seu artigo que deu origem a esta carta, que desculpará.

Na parte que me diz respeito, o meu caro amigo mentiu (permita-me o termo, ou não me tivesse dado tanta confiança).

Quem não conhecer Aldobrando Pessoa poderá julgar que em Tentugal nasceu um grande musico!

Não sei mesmo se me vou vêr, de futuro, embaraçado para responder a centenares de cartas, oferecendo-me outros tantos contractos para me exibir como concertista, de qualquer coisa, ou inumeras ofertas de lugares de professor de contraponto ou harmonia de algum conservatorio. Se assim acontecer, previno-o já, meu caro amigo, de que a sua reputação, como critico da arte de Wagner ou de Mozart (como diz) cai por terra.

Não tenho palavras com que estigmatisar o sacrificio, a que foi submeter a sua inteligencia, que decerto se verá em sérios embaraços para se defender da tremendissima critica que aquele seu periodo vai despertar nos grandes mestres da arte de Puccini, Massenet .. e tantos outros.

Não se defenderá, porque eu o não ajudo; e eu não o ajudo, porque não posso; e eu não posso, porque não sei.

Não deve, pois, de futuro, servir-se de assuntos, que o deixem ficar mal, para construir os seus artigos cheios de graça, e que denunciam a grande inteligencia do autor.

Creia-me amigo certo,

Quintans, 16.

Aldobrando Pessoa.

Vale do Vouga

Os humildes funcionarios deste caminho de ferro, tendo todo o direito a condigna remuneração, e a ser olhados com carinho pelos seus superiores imediatos, jazem ainda na primitiva situação, qualquer que seja o ponto de vista a que nos quizermos referir.

Um chefe, com responsabilidades inerentes ao seu cargo de confiança, devia ser olhado com mais atenção e com mais amôr.

Estamos, entretanto, convencidos de que, em dias mais ou menos próximos, justiça se lhes fará, inteira e insofismavel, pois tem a orienta-lo, agora, homens ponderados e honestos.

Antes assim.

CARTA DE VERRIDE

Verride, 19—8—1915

Esteve entre nós o nosso estimado amigo e ex-professor de Verride, snr. Amandio Pessoa da Cunha e Melo, que regeu a escola do sexo masculino desta vila durante dois anos, sendo dignos de todo o elogio os trabalhos escolares, por que foi incançavel durante a regencia desta cadeira.

Basta dizer que durante este pouco tempo, apresentou a exame de 1.º e 2.º grau 30 alunos, obtendo todos uma boa classificação.

Este ilustre professor foi recebido com muita alegria em casa do seu velho amigo snr. Antonio Alves Canais Guardado.

=== Chegou ha dias de Vila Real de Santo Antonio, onde é muito estimado, o nosso amigo e correligionario snr. Dr. Augusto Simões Cantante, onde desempenha o alto cargo de delegado do procurador da republica.

=== Ha em Verride alguns rebanhos de gado caprino e ovino, que arrastam searas e arvores, sem os pastores terem o minimo receio dos proprietarios, chegando os pastores muitas vezes ao abuso de os ameaçarem na propria propriedade.

Pede-se ao snr. administrador do concelho para tomar medidas rigorosas contra tais abusos, afim de evitar qualquer incidente, como sucedeu ha mezes em Eiras, vendo-se o proprietario obrigado a matar o agressor. Por fim saiu absolvido devido á sua bondade e boas relações com que estava com o povo daquela vila.

(*Correspondente*).

Fernando Barbosa

Já se encontra na Figueira da Foz, com sua ex.ma esposa e netos, o nosso querido amigo, snr. Fernando Barbosa, que todos os anos ali costuma passar os mezes de agosto e setembro.

Ao ex.mo snr. Director das Obras Publicas

Chamamos a atenção de sua ex.a para o estado deveras deploravel em que se encontra a estrada do apeadeiro de Montemór, que dentro em pouco ficará intransitavel, se não se fizerem as reparações de que carece.

Isso traz grandes prejuizos a Montemór, não só porque impede a concorrencia dos povos da margem esquerda do Mondego, ao importante mercado quinzenal, mas tambem porque a maior parte do concelho, no inverno, fica isolado da linha ferrea.

E' de inteira justiça que sua ex.a providencie o mais depressa possivel.

João Antonio Rodrigues

(SUCESSOR)

Montemór-o-Velho

Correspondente das seguintes casas:

Banco Comercial de Lisboa, Banco do Minho, Banco Comercial do Porto, Banco Aliança, Banco Economia Portugueza, Banco Nacional Ultramarino, Companhia de Seguros *A Internacional*, Crédit Franco-Portugais, J. M. Fernandes Guimarães & C.a, Pinto da Fonseca & Irmão, J. M. Espirito Santo Silva, Borges & Irmão, J. H. Tota & C.a, e Orey, Antunes & C.a.

Para terminar

Ao das réplicas... a sério

Ha-de julgar que me assustou com as suas réplicas... a sério, que ainda não saíram do gracejo, ao vêr a maneira como encimo estas linhas. Mas devo dizer-lhe que não temi, não temo nem jamais temerei as furias leoninas que por vezes o atacam. Efeitos do calor; tome banhos de... chuva, e verá como isso lhe passa. Antes, porém, de pôr um dique á sua *voluntas figurandi*,—fica desde já sabendo que não lhe ligo importancia a ponto de voltar a responder ás suas sabujices, que não merecem outro nome,—vamos esclarecer esses pontos confusos, como lhe chama, meu caro senhor... nem me lembra o seu nome apanhado *ad hoc* no escuro dos tempos, segundo versão muito corrida. Mas isso pouco importa, sigamos. E' efetivamente um rapaz, ou melhor, um criançola muito jocôso, e as crianças são caraterisadas por essa particularidade, que, quando inata, distrae, mas quando se tenta adquirir, torna a criatura num bôbo.

Ora se em vez de dizer coisas sensatas a um educador de crianças, se entretivesse a lêr o A. B. C., ou fosse indo até á escola, talvez tivesse o bom senso de não se expôr a papel tam ridiculo. Pelo menos saberia conhecer o significado de certos termos, aprenderia a tirar o sumo, sabe o que é?, o sentido dum conjunto de periodos, saberia ser menos vaidoso, emfim aprenderia conhecimentos moral e intelectualmente uteis. A modestia, quando não excessiva, é virtude que enaltece. Toda a gente sabe a sua alta competencia para sustentar publicamente qualquer questão, e a prova é que está sobejamente provado não ser o senhor quem dá as respostas, visto ter-lho afirmado no n.º 180 e não se dignou replicar... a rir que fosse. Como vê as suas respostas são absolutamente sofisticas, e baseadas na ameaça. Ora se leu o penultimo numero e o compreendeu, porque *ligere et nou inteligere nou est ligere*, sabe o que a tal respeito lá lhe dizia. Gosto muito de castanha, mas da grande e piláda, porque a *pequena* á primeira trituração!... nem tempo tem de estalar na bôca. Enquanto aos principios em que devia assentar a sua argumentação aceitam-se os que escolher, áparte os dançantes na *corda bamba* em que deve ser eximio. Um conselho; anuncie-se mestre de dança, mas com promessa de não fazer dar *quedas* nem *estalar castanhas*. Ganhava a vida regaladamente como bailarino de tangos. Obrigado pelo seu convite. Diverte-me esse sport, mas com gente que me compreenda, que não chame ao despeito virtude nem á modestia vicio. Mas só agora reparo que lhe estou dando muita consideração. Por hoje, vá lá, concêdo, visto ser a ultima vez que lhe dou a honra duma resposta. Sabe o que quer dizer lamentavel? Olhe, em sentido restricto significa deploração, queixa, e tomado mais latamente póde tornar-se na acepção de chôro, dôr convulsiva, etc. Ora francamente lastimar um tam insignificante esquecimento, é ridiculisar-se o mais possivel.

E para terminar declaro-lhe que, sendo eu director de uma imprensa jornalistica, nunca lhe daria publicidade ao seu artigo, *in nomine*, ou carta primeira, porque no meu humilde conceito, contem implicita uma desconsideração a quem fez a descrição das festas. E com esta, adeusinho.

Um Imparcial.

A maledicencia

Os mexericos são, na nossa terra, o pão quotidiano da intrometida curiosidade e satisfazem a fome da novidade e o pervertido apetite de dizer mal do proximo.

Nas sociedades pouco ou nada cultas, e onde só se nos depara uma aparencia de civilisação, os mexericos são a substancia comum de todas as conversações — e é isso exactamente o que se está dando no nosso exiguo meio. Se uma dona de casa tivesse a *heroica* deliberação de afixar na sua sala um cartaz com este aviso: — *os mexericos e a maledicencia são, aqui, nesta casa, expressamente proibidos* — expunha-se a vê-la deserta em pouco tempo.

Isto, é claro, embora custe á maior parte das minhas conterraneas — mas ha verdades duras e bem amargas que, infelizmente, têm que dizer-se, e esta é uma délas.

E.

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autôres.

Duarte Lopes

Tem estado doente este nosso brilhantissimo cronista da capital, que muito se esforça para que esta humanidade, que ele sonha mais feliz e mais perfeita, alcance enfim a almejada méta.

Póde ser um idealista; é talvez um idealista. Mas o que não deixa é de ser, ao mesmo tempo, uma alma pura e um sentimento nobre, sacrificando-se pelo similhante e dando o seu sangue, se preciso fôr, para auxiliar os seus amigos.

Um abraço.

Companhia de Seguros Fidelidade

Séde: Largo do Corpo Santo, 13—1.º—Lisboa

Capital emitido.	1.344:000$00
Capital desembolsado . . .	67:200$00
Reservas . . .	733:702$07,5
Prejuizos pagos	4.497:355$11

Efectua seguros maritimos e terrestres na séde e nas correspondencias.

Exames do 2.º grau

Terminaram os exames do 2.º grau, apresentando-se, no geral, os alunos bem habilitados, pelo que felicitamos o magisterio primario do concelho.

O numero de alunos apresentados a exame foi de 38. Presidiu o snr. dr. Adriano Gomes, um dos mais distintos professores do liceu de Coimbra.

ANTIGO ESTABELECIMENTO

— DE —

Mercearia, Tabacos e Fazendas brancas

— DE —

João Antonio Rodrigues

(SUCESSORES)

Montemór-o-Velho

Nesta casa se encontra um completo sortido em assucar, chá, café, manteiga nacional e ingleza, biscoitos, bolachas, massas, bacalhau, genebra e vinhos do Porto.

Ferragens, prego de arame e de ferro, panelas de ferro, rastilho, chumbo em barra e para caça.

Fosforos e Tabacos, por atacado. Tambem vende pelos preços de Lisboa, farinha de trigo, cimento Portland, vidraça, telha de vidro e velas de cera.

Preços resumidos

Camara Municipal

Sessão de 10 de julho

Presentes os vereadores, snrs. Monteiro da Costa, J. Goes e Esteves de Barros, secretariando o snr. Rodrigues Pato, sob a presidencia do snr. dr. Simões.

Lida e aprovada a acta da sessão anterior, foi presente o seguinte expediente:

Um telegrama do snr. Governador Civil do Distrito a comunicar á Camara que o Director dos Serviços Fluviaes e Maritimos o informara de que não ha no orçamento verba para a limpeza da Vala de Montemór, mas que tinha solicitado do snr. Ministro do Fomento a concessão da verba necessaria.

Disse o presidente que o telegrama era a resposta do que lhe tinha mandado a pedir imediata limpeza da Vala, pois que o snr. Director dos Serviços Fluviaes e Maritimos nem resposta dá aos oficios que lhe teem mandado.

Em seguida deu conhecimento á Camara de ter chegado a mobilia e material escolar para as duas escolas da vila, na importancia de 381$00.

Um oficio da Repartição do Governo Civil a pedir uma nota do numero dos eleitores recenseados nos anos de 1864, 1878, 1890, 1911 e 1913.

Mandou satisfazer.

Um oficio da professora interina de Verride a dar parte de ter começado a regencia daquela cadeira.

Inteirada e que fosse em devido tempo incluida na folha.

Um oficio da Camara da Figueira da Foz a responder a outro enviado pela Camara em maio ultimo, com respeito a uma ponte em Liceia a ligar os dois concelhos.

Uma circular da Sociedade Propaganda de Portugal, fazendo varias considerações sobre melhoria das condições de conforto, higiene e aceio dos hoteis.

Fôram presentes varios requerimentos de interesse particular.

O mestre d'obras apresentou varias informações sobre alinhamentos e licenças pedidas.

Concedidas nos termos da lei.

O Presidente propoz que fossem extraídas as respectivas certidões de relaxe para se proceder á cobrança coerciva.

O guarda campestre Batista, informou que Manuel Pereira Florio se encarrega de fornecer a pedra precisa para a estrada da Portela em Tentugal.

A Comissão ficou inteirada, e resolveu aceitar.

O mesmo guarda tambem informou que do baldio do Mourão foi arrancado um marco pertencente ao Municipio.

Resolveu a Comissão que o guarda proceda ás necessarias indagações.

O mestre d'obras informou que a casa de Felix Caixeiro ameaça ruina, e que intimára o procurador a demolir a parede no praso de 15 dias.

A Comissão ficou inteirada, aprovando o procedimento do mestre d'obras.

O vereador Monteiro da Costa pediu licença de 20 dias para se ausentar.

Foi-lhe concedida a licença, resolvendo convidar o respectivo vereador substituto.

Foi presente um requerimento de Silvino Ferreira a pedir licença para ocupação de terreno publico para depositar materiaes em frente ao seu quintal.

Concedida na fórma legal.

Autorisou e mandou pagar varias despezas.

Em seguida foi encerrada a sessão.

CARTA DA ABRUNHEIRA

18—8—915.

Tendo concluido com distinção o curso de picador na Escola Pratica de Cavalaria, em Torres Novas, deve ser promovido a aspirante a oficial de cavalaria na proxima ordem do exercito, o nosso patricio e presado amigo, snr. Henrique Nunes Neves da Costa.

— Fez um brilhante exame de instrução primaria do 2.º grau em Lisboa, a menina Maria Tereza Fonseca, irmã da professora oficial de Abrunheira, snr.ª D. Aida da Fonseca Mota, e filha do comissario naval, snr. Francisco Antonio da Fonseca. Os nossos parabens.

— Deu á luz uma robusta creança do sexo masculino, a snr.ª D. Adelaide dos Santos Bátista, esposa do snr. Manuel Bátista da Costa, inteligente farmaceutico em Verride.

— Com pouca demora esteve aqui ha dias, o snr. Carlos de Sousa de Oliveira Canaes, ha pouco promovido a musico de 2.ª classe para Leiria.

— Fez anos no dia 12 ultimo, a nossa inteligente e simpatica conterranea, menina Maria Amelia de Goes Nobre.

Os nossos cordeaes parabens.

— Retirou para Coimbra o snr. Aires Bátista da Costa.

— Chegou de Lisboa, onde se demorou dois dias, o snr. dr. Moutinho de Brito.

— Tambem aqui se encontra ha dias, o snr. Jorge da Cruz Vieira, professor oficial da escola do sexo masculino desta localidade.

— O mercado que aqui se realisa nos dias 16 de cada mês, esteve ante-ontem pouco concorrido.

— O calôr continua a abrazar-nos, e a chuva que tão desejada tem sido, já ha muito tempo que não cái, dando em resultado as searas acharem-se muito fracas.

— Fez exame do 2.º grau, nessa vila, a menina Maria Amelia de Carvalho, que ficou com a classificação de bom.

N.

Alice Oliveira,

aluna externa do 5.º ano de piano do Conservatorio e com o curso de musica: léciona, em sua casa ou dos alunos, como se convencionar.

RUA DO SUB RIPAS, 10

COIMBRA

De regresso á Patria

Depois de uma ausencia de cinco anos, — uma vida inteira nos tempos que vão andando — regressou á sua Patria e ao convivio dos seus amigos, achando-se no seio da familia que o estremece, o nosso presado amigo, snr. Joaquim d'Almeida, de Arazêde, irmão do nosso director, que estava em S. Paulo (Brazil). Sua esposa, que tambem tinha ido para S. Paulo, chegou um pouco adoentada.

Tambem, pelo mesmo vapor, regressou do mesmo estado o nosso presado assinante, snr. Manuel d'Oliveira Mauricio, do mesmo logar, e um grande entusiasta do *Dever*.

A todos damos cordeais boas-vindas.

A banhos

A fazer uzo dos afamados banhos, acha-se nas Caldas da Rainha a snr.ª D. Maria Ursula Paulino Bergamin de Noronha, dedicada esposa do snr. Jacinto de Noronha, consideradissimo chefe principal da estação de Vila Nova de Gaia, onde está ha 15 anos e é geralmente estimado.

RANCHO 6 DE JULHO

Pela comissão dos festejos a Nossa Senhora das Dôres, da Carapinheira do Campo, foi contratado este distinto rancho, para, no proximo dia 30, exibir as suas lindas canções naquela florescente aldeia.

Os festejos de Nossa Senhora das Dôres, que costumam tomar uma grande imponencia, são este ano aumentados com mais este numero, sendo de crêr que, dada a justa fama de que este grupo dançante gosa, chame ali grande numero de forasteiros.

A Flôr d'Abrunheira

— DE —

Joaquim de Sousa Carvalho

Fazendas de lã e algodão, ferragens, tintas, mercearia, vinhos e tabacos.

Variado sortimento de miudezas

Especialidade em chá, café, licores, etc.

ABRUNHEIRA

De regresso

Já regressaram do Gerez, onde estavam fazendo uso das aguas, os nossos presados amigos, snrs. padre Francisco dos Santos Pimenta e Antonio Martins de Brito.

Feira em Pampilhosa do Botão

A pedido da comissão abaixo assinada e de todos os lavradores, a Camara Municipal deste concelho de Mealhada, deliberou em sessão de 5 do corrente mez, que a feira mensal de gado bovino, que se realisava, até aqui, no primeiro domingo do mez, se realise, d'hoje em diante, no dia 22 de cada mez.

A comissão tomou esta deliberação em virtude de este dia nunca se encontrar com as outras feiras já criadas nesta região.

Acresce tambem a circunstancia de ser nesse dia que desembarcam na estação do caminho de ferro desta localidade os gados vindos de Traz-os-Montes, cujos donos costumam fazer, na ocasião do desembarque, algumas transações, seguindo depois, como é costume, para a feira do dia 23, em Coimbra.

O mercado mensal de gado suino e doutros generos, continúa a fazer-se no primeiro domingo de cada mez.

A comissão: — *José de Melo, Joaquim Melo, Joaquim Simões Miranda, Francisco Pascoal, Antonio Simões Miranda, Manuel Albino, Manuel Dias, José Jacinto das Neves e Constantino Cristino.*

Brilhantes festejos á Senhora das Dôres na Carapinheira

Prometem ser revestidos de toda a pompa e do maior brilhantismo, os festejos da Senhora das Dôres, que se realisam na Carapinheira, nos dias 25 a 31 do corrente, devendo por isso atraír áquela pitoresca e laboriosa povoação, farta concorrencia de forasteiros, nesses dias.

A ilustre comissão promotora tem sido verdadeiramente incançavel, não se poupando a trabalhos nem a sacrificios, para que eles excedam, se tanto lhe fôr possivel, o esplendôr e solenidade com que se teem realisado nos ultimos anos.

E foi animada por estes desejos que ela levou o seu capricho a ponto de incluir no seu programa um numero novo e que está destinado a produzir grande sensação no animo dos forasteiros, tal é a apresentação do bem organisado rancho de tricanas *6 de Julho*, de Montemór, que a convite da mesma comissão, ali vae tomar parte nos festejos.

Eis o programa:

Dia 25. — Alvorada que começará por numerosas salvas de morteiros.

Dia 26. — Alvorada, e á noite procissão conduzindo a imagem da Virgem, da egreja matriz para a Capela de Santo Amaro, no Alhastro, sendo o prestito abrilhantado pela conceituada filarmónica de Vila Nova d'Anços.

Dia 27. — Alvorada como no primeiro dia.

Dia 28. — Alvorada e á noite procissão conduzindo a imagem da Virgem, da capela de Santo Amaro para a egreja, onde depois terá logar a ladainha a grande instrumental.

Em seguida queimar-se-á um vistoso fogo de artificio, parte do qual á moda do Minho, confécionado pelos habeis pirotécnicos Francisco dos Anjos e João Paiva.

Dia 29. — Alvorada. A's 9 horas, realisar-se-á na egreja matriz, a tocante ceremonia da primeira comunhão ás creanças. A's 11 e meia missa soléne a grande instrumental por uma distinta orquestra de Coimbra.

Ao Evangelho subirá ao pulpito o eminente orador sagrado, conego Andrade.

A's 17 horas uma extensa e vistosa procissão, percorrendo as principaes ruas até á capela de Santo Amaro, regressando depois á egreja. Nesta procissão tocarão alternadamente as filarmonicas *Bôa União* de Coimbra e a de Vila Nova d'Anços.

A's 22 horas, danças populares pelos mordomos, no seu lindo pavilhão, tocando tambem a filarmónica de Vila Nova d'Anços os mais bonitos trechos do seu reportorio.

Dia 30. — Alvorada. A's 8 horas, a filarmonica de Vila Nova, percorrerá as principaes ruas da terra, saudando os seus habitantes. A's 10, missa solene; ás 15, recéção do rancho de tricanas *6 de Julho*, pela mesma filarmonica, percorrendo em seguida o rancho as ruas, no fim do que dará entrada no pavilhão para entoar as suas lindas e mimosas canções, durante as quaes se procederá a um abundante leilão de fogaças.

Dia 31. — A's 17 horas, tourada á vara larga, que se realisará no Casal do Mato.

BRAZIL

Deixou de ser correspondente do *Dever* em S. Paulo, o snr. Saúl Baia.

Os nossos assinantes deverão dirigir-se directamente a esta redacção ou ao nosso presado assinante, snr. Alfredo de Quadros, na rua dos Protestantes n.º 9.

Limpeza da vala

Somos informados de que pelo governo foi concedido o subsidio de 200 escudos para esta obra.

Muito embora esta quantia seja insuficiente para fazer uma limpeza regular, que afastasse por alguns anos o perigo que ameaça a saude publica desta vila, são dignos de registo os esforços empregados pelo digno Governador Civil do distrito, ex.mo snr. dr. Antonio d'Almeida Leitão, para obter a referida verba.

O que é lamentavel, é que nenhum dos ilustres deputados pelo circulo levantasse no parlamento a sua voz, em prol duma causa tão justa e humanitaria como esta.

Movimento da população

Nascimentos registados durante o mês de

Junho

(*Continuação*)

Maria, filha de pais incognitos, nascida em 26 de maio, no Meco, freguezia de Tentugal.

Maria, filha de José d'Oliveira e de Rosa de Jesus, nascida em 13 de junho no Arneiro Tecelão, freguezia de Arazede.

Eurico, filho de pais incognitos, nascido em 29 de maio nas Means de Baixo, freguezia das Means.

Maria, filha de Manuel Ferreira Rainho e de Teresa Matias, nascida em 15 de junho na Portela, freguezia de Tentugal.

José, filho de Gabriel dos Santos Monteiro e de Joaquina Aveiro, nascido em 18 de junho na Coitada, freguezia das Means.

Encarnação, filha de Francisco Simões Lapas e de Emilia Mendes, nascida em 27 de maio em Santo Varão.

Maria, filha de José de Sousa Monteiro e de Carmina Redonda Pires, nascida em 29 de maio, no Casal do Mato, freguezia da Carapinheira.

Obitos

Casimira Rodrigues, de 8 meses, falecida na Caseta do Furadouro, freguesia de Reveles.

Ana Morais, de 34 mezes, da vila de Montemor-o-Velho.

Beatriz Ferreira Neto, casada, de 38 anos, falecida nos Hospitaes da Universidade de Coimbra.

Joaquim da Cruz Camarneiro, de 10 mezes, falecido no Casal Novo do Rio, freguezia de Montemor-o-Velho.

Maria Cordeira, 70 anos, solteira, falecida no logar da Caixeira, freguesia de Vila Nova da Barca.

Maria Ferreira, 81 anos, viuva, falecida em Vila Franca, freguezia de Arazede.

Maria Monteiro, 80 anos, viuva, falecida no Casal do Mato, freguesia da Carapinheira.

Nado-morto, filho de Antonio Mendes Abrunheiro e de Ana Lavradora, Casal Novo, freguezia das Means.

Silvina Justa, viuva, de 71 anos, falecida em Tentugal.

Maria Ferreira, casada, de 68 anos, falecida nos Linhaceiros, freguesia de Arazede.

Amaro de Jesus, casado, de 50 anos, falecido nos Catarruxos, freguesia de Arazede.

Manuel Batista Rôlo, casado, de 78 anos, falecido na vila e freguesia de Verride.

Maria dos Reis, casada, de 30 anos, falecida no Casal do Mato, freguesia da Carapinheira.

José Jorge Preguiça, 3 meses, falecido nos Pelicanos, freguezia de Arazede.

Antonio Alves Cantante, casado, 58 anos, falecido na Ereira, freguesia de Verride.

Antonio Girão Lâmeiro, casado, 78 anos, falecido na vila de Pereira.

Nado-morto, freguezia de Arazede.

Ana da Cruz, solteira, 90 anos, falecida na vila de Montemor-o-Velho.

Antonio Gomes Vinagre, casado, 65 anos, falecido no Moinho da Mata, freguesia de Montemor-o-Velho.

José Ricardo Correia Façudo, casado, de 80 anos, falecido no Casal do Meio, freguezia da Carapinheira.

José Indio Pinheiro, 17 meses, falecido na vila de Pereira.

Maria Campas, 2 anos e 9 meses, falecida na Lavegada, freguezia do Seixo.

Tereza da Silva, 99 anos, falecida em Gatões.

Olegario Roque, casado, 43 anos, falecido em Formoselha, freguezia de Santo Varão.

José Maria Papagaio, de 5 meses, falecido na Moita Vaqueira, freguezia de Arazede.

Marcos de Jesus, casado, 53 anos, falecido nos Catarruchos, freguezia de Arazede.

Nado-morto, freguesia de Arazede.

Maria dos Santos, viuva, 68 anos, falecida no Casal do Mato, freguesia da Carapinheira.

Carolina de Castro Pereira, viuva, 73 anos, falecida na vila de Verride.

Constantino Barranca, solteiro, 20 anos, falecido na vila de Montemor-o-Velho.

Maria, de 21 meses, falecida no Casal do Gaio, freguesia de Arazede.

Maria Rita Faria, viuva, 78 anos, falecida na vila de Montemor-o-Velho.

Nado-morto, freguesia de Pereira.

Joaquim Lourenço, casado, 44 anos, falecido na Portela, freguesia de Tentugal.

Manuel Mendes Laranjeiro, casado, 40 anos, falecido na Portela, freguesia de Tentugal.

Antonio Monteiro, 12 anos, falecido na vila de Montemor-o-Velho.

José da Silva Aveiro, viuvo, 75 anos, falecido no Casal do Raposo, freguesia de Montemor-o-Velho.

Casamentos

Fernando Monteiro com Maria Aureliana, da freguesia de Montemor-o-Velho.

José Pereira Aires com Mariana Batista Medina, da freguesia de Pereira.

Artur Varão com Maria Celeste Gonçalves Rolim, da freguesia de Santo Varão.

José Gomes Cavaleiro com Maria Gonçalves, da freguezia do Seixo.

Falta de espaço

Por falta de espaço sômos obrigados a deixar de publicar varios e importantes artigos, do que pedimos desculpa aos seus autôres.

AGUA DE LUSO (Medalha d'ouro, Madrid 1913.) Cura pela Diurése

(ESTABELECIMENTO TERMAL E HOTEIS ABERTOS TODO O ANO)

A mais diurética e mais digestiva. Aumenta a diurése, regularisa as funções digestivas e ativa os fenómenos nutritivos

Muito radioativa—4,49 miligramas—minutos
Muito ionisada, resistividade a 18° 18300 ohms
Muito rica em gazes raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotonica, ponto criospico 0°,04

Conclusões da analise feita pelos distintos professores Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitissimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tifico

USO EXTERNO—Molestias de pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc,), reumatismo e gôta.
USO INTERNO—Artritismo, impaludismo, neurastenia—Albuminuria, diabetes—Intestinos, estomago—Rins—Bexiga.

Depositos — **LISBOA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros. 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 428. FUNCHAL, José Quirino de Castro, rua dos Murças. AFRICA ORIENTAL: Oswald Offmann. BEIRA: F. L. Simões & C.ª. LOANDA: Beltrão, Pena & C.ª**, e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositarios nas terras onde ainda os não haja.

Portugal Previdente

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima — Responsabilidade Limitada

Capital **UM MILHÃO** de Escudos

SÉDE — RUA DO ALECRIM, 10 — LISBOA
N.º Telef.—1849 End. Teleg.—VIDA

Seguros contra incendios de predios, fabricas, etc.
Seguros de estabelecimentos e mobiliarios.
Seguros agricolas de ceáras, eiras, palhas, arvoredos, etc.
Seguros de maquinas e utensilios de lavoura.
Seguros contra incendio proveniente de gréves e tumultos.
Seguros de transportes maritimos e postaes.
Seguros contra roubo de habitações e estabelecimentos.
Seguros contra fraude de empregados.
Seguros contra a quebra de cristais.
Seguros de vida, pensões, dotes e reformas.
Seguros contra acidente de trabalho.

Agencias em todas as terras importantes do paiz, ilhas e colonias.

Sucursal no PORTO — Rua Passos Manoel, 21.

BANQUEIROS—**Borges & Irmão**—Porto e Lisboa

Antonio Pereira de Carvalho

Proprietario dos Grandes Armazens de Bicicletas, Maquinas de Costura, Pianos e toda a qualidade de acessorios.

A maior e mais antiga casa no genero

Oficina para todos os concertos, afinações e reparações em bicicletes, motocicletes e maquinas de costura.

Artista mecanico habilitado.

Vendas, alugueis e trocas.

Preços sem competencia

34—Avenida Navarro—36

(Estrada da Beira)—COIMBRA

A FUNERARIA EM PEDRA

—= DE =—

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem deposito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se tambem de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fóra de Coimbra

FABRICA DE CAL

Cal fina e grossa, fornece-se em muito boas condições. Preços modicos, sobre o wagon, no caminho de ferro e nos proprios fornos.

Agente de telha tipo marselha e tijolos de todos os formatos, da fabrica Lacerda, Figueiredo & C.ª Limitada, da Pampilhosa.

Pedidos a

Joaquim F. Coca Junior
Zambujeiro—Arazede

AOS AGRICULTORES

Estão proximas as sementeiras de nabos e cereais, e por isso previno todos os meus estimaveis freguezes que façam novas encomendas de **adubos quimicos** e **organicos**, da acreditada casa Varela Leal & C.ª, das Varzeas, os quais se encontram á venda em minha casa, no **Casal do Gaio — Arazede.**

Manoel Monteiro Godinho.

Companhia de Seguros

A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz

Antonio d'Oliveira Guerra

RUA DA REPUBLICA, 84

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legitimos acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de fórma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamavel, isca em cordão vendida fraudulentamente a titulo de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva acção civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa ao Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalisação para procederem ás necessarias diligencias. Dirigir-se pessoalmente ou por carta á Companhia Portuguêsa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS

MELO & MARTINS

PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada

PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiencia dos nossos adubos, devido ao seu magnifico resultado os adoptarão de preferencia a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

SEGUROS CONTRA INCENDIO

incluindo riscos de explosão de gaz e raio.

Seguros contra incendio cobrindo tambem os riscos de gréves ou tumultos (portaria de 14 de Março de 1914).

SEGUROS CONTRA INCENDIO

cobrindo ainda os riscos de guerra (portaria de 30 de Novembro de 1914).

Unica companhia autorisada a segurar os riscos de guerra nas apolices de incendio

Seguros contra incendio e roubo E' tambem A MUNDIAL a unica Companhia autorisada a emitir uma apolice cobrindo os dois riscos.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital — Esc., 500:000$

(500 contos)

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmão
Praça da Liberdade, 138 — Telefone 1459

Agencias e Delegações em todo o paiz, ilhas e colonias.

Restaurante Ferro-viario

ALFARELOS

ESTE bufete, um dos que melhor servem o publico que transita nos comboios, acha-se situado na estação do caminho de ferro de Alfarelos. Fornece almoços, jantares e *lunchs* e toda a qualidade de refeições, por preços comodos. Tem pessoal habilitado, tanto em cosinha como em sala de mesa. Tudo se encontra com esmero e perfeição.

Fornece comida para fóra, e presta-se a servir em casamentos, batisados, etc., desde que seja prevenido com antecipação.

O proprietario, **Artur de Oliveira Coelho.**

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro

PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex.mos passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.

Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA

Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.

PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações

Deposito das afamadas aguas de Luso.

Guilherme dos Santos Pinto & Irmão

COM

OFICINA DE CANTEIRO

Encarregam-se de jazigos de toda a especie e todo o serviço concernente á sua arte.

Tambem executam todos os trabalhos que digam respeito a *Plantas, Alçados, Copias, Projectos e orçamentos de edificios, edificações, etc.*

Montemór-o-Velho=Verride

Biblioteca da Universidade
Coimbra

Ano 4.° Montemór-o-Velho, 29 de Agosto de 1915 N.° 184

DIRECTOR, PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR
Almeida Junior

SECRETARIO DA REDACÇÃO E EDITOR
Abel M. de Melo Brandão

REDACTOR PRINCIPAL
Mário Augusto Mota

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguêsa

Pátria e Humanidade

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Dr. José Galvão
MONTEMOR-O-VELHO

DIRECÇÃO:—COIMBRA
(para onde deve ir a correspondencia)

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. Silva (a vapor)—AVEIRO

Páginas sôltas

Coisas da guerra

Há que tempo que não me ocupo das «noticias» da guerra e principalmente durante o tempo em que os snrs. tipógrafos de Porto e Gaia nos pregaram a perrice de... nos aliviárem dos jornais!

Fez há poucos dias um ano que essa horrorosa guerra começou com o seu estendal de vitimas, mas não venho agora recordá-las para fazer um sinistro balanço de horrores e tristezas.

Não. Venho tão sómente recordar-me de noticias colhidas nos jornais ou nos *placards*, anteriores á gréve dos tipógrafos; as que mais me impressionáram fôram: a tomada de Varsovia e a condenação de quatro damas da aristocracia, justiçadas na fôrca, em Viena.

Como mulher revolta-me tal processo de morte e julguei vêr um despotismo naquela sentença condenatória.

E olhei com horror essa Austria, carcassa dum velho império de fanaticos, amalgama de raças e de povos vários. Toda a platónica ira da minha exaltação caíra sobre ela porque devido ao orgulho quixotesco, á inépcia politica e ambição desmedida do governo austriaco é que a actual conflagração se desencadeou: — orgulho porque queria espesinhar a dignidade nacional da Sérvia, inépcia porque se deixou sujestionar e arrastar pela Alemanha, ambição porque o velho império, já sem coesão, ainda queria mais conquistas!

Ah! nos tempos modernos as conquistas contra a vontade dos povos são custosas... Aponta-nos soberbo exemplo a Belgica, — apontam-no-lo desde 70 a Alsácia e a Lorena.

E aquelas damas, vitimas da guerra, que pertencendo á aristocracia subiram a escada da fôrca quais plebeas,—aquelas damas eram polacas.

Intentáram-lhes processo? Sem dúvida. E processo... por espionagem.

A mulher é de natural curiosa e diz Vitor-Hugo no *93* que a curiosidade é ainda uma das fórmas da bravura feminina. Mas eu, que professo ideias elevadas quanto á influencia e qualidades da mulher, não posso crêr—na mulher-espião. Disso só na Alemanha; é só qualidade apanágio da raça teutónica...

Essas senhoras que infamemente fôram levadas á fôrca por certo que não se entregávam a espionagem—vil oficio—mas tão sómente davam largas aos impulsos do seu coração generoso e nobre, julgavam cumprir um dever trabalhando pelos seus irmãos de raça—os slavos. E, segundo a frase do opulento escritor polaco, autor do livro sobre lutas politicas *O Diluvio*, —emquanto há vida há luta e depois da morte, Deus, que lê nos corações, premiará os que combateram pelo amôr da patria e não por ambições pessoais.

Varsovia—o principal centro da nacionalidade polaca, fôra há pouco tomada pelos alemães; mais uma invasão que assola a antiga capital do extinto reino da Polonia.

A' dos suécos e depois da *Confederação de Bar* á dos russos, austriacos e prussianos, todos aliados, e por ultimo á invasão dos russos em 1795, sucede-se agora mais a invasão alemã que vai retalhar o coração da Polonia — a cidade de Varsovia.

A Polonia como nacionalidade, fôra há muito riscada da carta politica da Europa; mas após a guerra actual, ela ressuscitará. No coração da gente polaca onde ecôem as notas da marcha de Chopin e onde circule o sangue duma *Olenka* e dum *Kmicic*, tipos de valor romantisados pela pena do polaco ilustre—Scienkievicz, haverá vivida a esperança na ressurreição da sua Patria!

No coração da gente polaca jámais se extingue o sentimento da nacionalidade e agora, mais que nunca, haverá a esperança da unidade da Patria.

Aurea Judit Amaral.

BALDAQUE DA SILVA

=†=

Fômos dolorosamente surpreendidos pela noticia da morte deste ilustre democrata, ultimamente eleito senador pelo nosso distrito.

Filho do ilustre engenheiro Silva, que tem o seu nome ligado a uma das principaes ruas e mercado da Figueira da Foz, Baldaque da Silva foi sempre um espirito liberal, cultivado nas ardencias do patriotismo e inspirado constantemente para o bem.

O *Dever*, que se honra de o ter contado no numero dos seus mais prestimosos colaboradores, sente profundamente o desaparecimento do grande vulto da Republica, que á sua Patria prestou tão assinalados serviços, chorando a sua falta com sincera magua.

O bondoso cidadão militava no partido republicano português, mas soube ser sempre um adversario leal, um homem de saudaveis principios democraticos, que não combatia facciosamente, antes doutrinando com sinceridade e com a convicção dum apostolo da Verdade e do Bem.

Sentindo não poder, por falta de espaço, referir-se ao saudoso morto, mais desenvolvidamente, o *Dever* lastima a sua perda e envia sentidos pêsames á familia enlutada associando-se, em espirito, a todas as homenagens que lhe fôrem tributadas.

Crónica de Lisbôa

Fui, ha dias, como todo o bom lisboéta, visitar a feira de Agosto. Escondida junto á historica Rotunda, simulada, humilde, com antros d'abjecção, para não mentir que se encafúa numa cidade sifilitica, ela, como as messalinas caras, á noite, cobre-se de luz e de esplendor com os seus milhares de lampadas elétricas, sorrindo, atraindo, desafiando.

Alguem nos chamára a atenção para um facto novo, para um facto que define e que robustece a má opinião dos que vêem a cidade marmorea e granitica, através da cassa da critica mordente e justa.

A multidão de *mirones* passeava lenta. Narcisos joviais, de flores exageradas nas botoeiras, em grupos palavrosos, passeavam rindo, chamando o olhar *candido* das ninfas, gargalhando por vezes, sem ponta de espirito, chãos, rasos, supinamente ridiculos. Alguns, aristocratas de balcão, conselheiros de fita de nastro, córados, reluzentes, indicavam ao vulgo um jantar exagerado em lenta digestão e para o qual a bolsa não se tinha dilatado.

Nas aljavas tilintavam cobres, atraidos irresistivelmente de algum canto dos gavetões abertos, enquanto, pela semana fóra, o patrão fazia o quilo.

Desenvoltas caminhavam divas, gosando a folga semanal que o *atelier* concedia, tambem alegres, tambem felizes, olhando os homens, acendendo amor, idealisando um sonho; as lindas, achando-se irresistiveis, as feias, esquecendo que a Beleza passára rapido sem as olhar sequer. Coitadinhas!...

Como eu as lamento, quando alguem tem a dureza de lhes dizer a verdade, quando alguem as desperta daquele sonho dôce e querido! Que de ilusões se abatem, que de quimeras se evolam! Penetra-lhes na alma o sopro da infelicidade, jorra-lhes sobre o coração o fel amargo da desgraça, do abandono, da solidão, do nada. Conservai-lhes essa ilusão, enquanto poderdes. Desiludir uma mulher, que se julga linda, é envenenar-lhe a existencia, acorrentar-lhe a alma, sorver-lhe a vida. Que importa que Virago ou Furia se mirem ao espelho e se julguem dignas do altar de Venus? Não as desiludides!

Havia gritos de ensurdecer; musicatas varias barulhavam roucas, realejos torpes impingiam valsas, fonografos gastos engasgavam árias, em ridiculos sons. Beethoven e Schubert, Mozart e Straus teriam morrido fulminados...

Um *carroussel* rodopia célere, ao som duma gaita primitiva que guincha irritantemente, impelindo matronas da ralé que sorriem enigmaticas amparando a ninhada que exigiu a extravagancia. Creaditas, de aventais brancos, firmam-se nos seus cavalinhos de pau, semi córadas, compondo continuamente, as sáias que marujos tisnados seguem com o olhar.

Em volta, a multidão assiste curiosa, com um olhar de critico sem subôrno, calma, maliciosa, deixando transparecer um sorriso amarelo, que se não compreende, que se não define.

Num cinematografo trina, continua, uma campainha elétrica, que ajuda o pregoeiro esbaforido, a chamar o populacho que segue enervado e indiferente, e, numa barraca andrajosa, um titere pulha comove e atrái uns petizitos, de bibes brancos, que mascam bôlos. Pregões de capilé previnem os sedentos, cervejarias improvisadas, patenteando gulodices, convidam ao refresco. Um barracão enorme regorgita de gente que, tasquinhando apressada, certo acepipe que tresanda a azeite, acompanha a gulodice com libações continuas.

A creadagem improvisada não pára um momento, e, na cosinha, de vidros transparentes, pelos quaes, grupos de curiosos espreitam a preparação do acepipe, uma matrona, pouco limpa, coloca nos pratos o pitéu reclamado instantemente. Forasteiros, de fatos poeirentos, predispostos a entrar, contemplam o quadro e fogem espavoridos.

Nos restaurantes, tresanda um cheiro a gordura e os Vatel, abandonando uns momentos as caçarolas que fumegam, convidam, em voz alta, apregoando as excelencias do cosinhado, a Pantagruel que passa.

A repetição anual duma cegada carnavalesca, local de *rendez-vous* baratos, de *citos* que não comprometem e eis tudo.

Tudo, não! Ha qualquer coisa que a opinião comenta, patenteia-se alguma anormalidade que a voz do povo critica aspera.

Os sordidos cafés, de palcos ignobeis, onde Alfama está largamente representada, no seu elenco de malandrins e rameiras que dançam um can-can, corrutos, viciosos, descarados? A abjeção dialogada com o consentimento das sonolentas autoridades que riscaram a Moral dos compendios escolares e a querem, egualmente, banir, com a sua inércia, da linda cidade que o Tejo beija? A indecencia dos córos rouquenhos e avinhados, dos gestos equivocos, dos olhares messalinicos, dos tangos escandalosos, acompanhados dum pifio piano desafinado e irritante?

Não! Isso seria o bastante, mas, ha mais.

Não lhes basta o consentimento da baixeza escandalosa que pulula nos *cabarets* abjectos, permite-se, tambem se explore abominavelmente um grupo de creanças que, embora do enxurro, teem direito ao interesse e á comiseração de todos. Consiste o anatema num novo divertimento de simples descrição e de profundas conclusões que não tentaremos, sequer, iniciar. Por detraz de um taboado onde pintaram toscamente barretinas de soldados coloca-se uma meia duzia de rapazitos. No mesmo tapume, logo abaixo das barretinas referidas, abrem-se buracos da configuração dos rostos. Os rapazitos espreitam por essas aberturas e apresentam ao respeitavel publico as carantonhas tisnadas e sujas de carvão, imitando, com esgáses, os *clowns* sem graça.

Em que consiste a diversão do *respeitabilissimo* publico?

Em acertar-lhes com bolas pesadas nos semblantes simiescos. Não acertam, os Guilherme Tell improvisados, logo a multidão os olha aborrecida, desdenhosa, hostil. Mas a atitude muda se se alveja uma face, se se achata um nariz, se se fere um olho!... A gargalhada estala, o entusiasmo comunica-se. E logo, na mira de apoteóse, aparecem novos atiradores, fazendo calculos, apontando bem, aproveitando-se da distração dos alvos, rugindo de goso no triunfo, retirando-se enraivecidos quando as tentativas fracassam.

Vejo, leitor amigo, uma pergunta nos teus labios. Respondo. A descrição não é duma feira hotentoti, não! Refiro me á feira de Agosto, onde é possivel que pululem os amigos dos animaes, mas onde não são os protectores da infancia desvalida.

E' possivel que amanhã leias nas crónicas a noticia de mais venéras distribuidas aos que, justamente, impedem a agressão selvagem ao animal que trabalha; o que parece que não verás, é a proibição radical deste divertimento ignobil e repugnante e o recrutamento da meninice que para aí pulula, nas vielas, impondo-lhe o amor á constelação irradiante que se chama o Abcedario!

D. L.

A Civilisação e a Guerra

Desde o inicio da Historia, em prol da humanidade,
se estuda com amôr a perfeição moral:
apostolos da Fé, do Bem, da Caridade,
espalham a semente: o amôr universal!

Genios como Platão, — Jesus, Deus de bondade,
assentam, erguendo alto, o bronzeo pedestal
da Civilisação, — a luz da Liberdade,
a Sciencia e o Amôr, em laço fraternal!

Mas o Mal, sempre o Mal, em furia brava, insana,
odios vís, ambições, ateia na alma humana,
criando assim a Guerra: — a morte, a destruição!

Rajadas de metralha — a Força, a Barbaria —
toldam o brilho, a luz que do Bem irradia...
a santa luz bemdita, — a Civilisação!

Montemór-o-Velho, Agosto de 1915.

J. NEVES.

D. Albertina Carvalho Neves

De visita a sua mana e demais familia encontra-se em Coimbra esta nossa ilustre e gentilissima assinante, irmã extremosa do distinto jornalista snr. Carvalho Neves, velho republicano e ardente democrata, que no Rio de Janeiro, onde habita ha muito tempo, gosa de justo prestigio pela sua honestidade e pela sua fé de patriota.

Cumprimentamos a snr.ª D. Albertina Carvalho Neves, que estará de regresso a Cadima lá para 4 de setembro.

Na nossa terra

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila o snr. dr. Mário Mendes, estimado facultativo em Arazede.

ANIVERSARIO

Passou no dia 15 o aniversario natalicio da snr.ª D. Maria d'Assunção de Melo, nossa gentil assinante de Mortagua.

Que a ilustre senhora nos releve a falta de só agora a cumprimentarmos, fazendo ardentes votos para que a data se repita, que bem merecedora é quem tem tão bondoso coração e tão ótimas qualidades de inteligencia.

Secção de Variedades

LAURA

D'onde vens, Laura? De casa.
Vaes á festa? Já se vê.
Tão sósinha? O que tem isso?
Vou contigo... Para quê?

Para ensinar-te o caminho...
Agradeço-lhe o favor;
Eu sei de cór estas bandas;
Obrigada, meu senhor.

Olha o demo se te encontra:
Pergunto ao demo o que quer.
E se ele quizer um beijo?
Dou-lhe até mais se quizer.

Ora, anda cá, dá-me o beijo,
Porque o demonio em mim vês...
Já me estava parecendo...
Ficará para outra vês.

Vá désta vês um abraço...
Abraço? Sim, o que tem?
Mamã me disse um dia...
O que te disse a mamã?

Que a rapariga solteira,
Em abraçando um rapaz...
Ferve-lhe o sangue nas veias,
E depois... E depois? Zás.

Arregaçando o vestido,
Deitou-se Laura a correr;
Deixando-me boquiaberto,
Co'o sangue todo a ferver.

B. de Seabra.

Sem verrugas

No Minho, quem tem verrugas e quer ficar livre dêlas, bate á porta de algum desconhecido ou pouco afeiçoado, e, ao perguntarem lhe quem é, responde:

Verrugas trago,
Verrugas vendo,
Aqui as deixo,
E vou correndo.

E, sem esperar, bota a correr, porque se o dono da casa o apanha, leva a sua conta.

O professor para o discipulo

O menino parece que cada vês sabe menos. Eu, na sua idade, já lia perfeitamente.

— Não admira, porque teve melhor mestre.

Na Guarda

A passar uns dias partiu para a Guarda o nosso estimado amigo, snr. Joaquim de Souza Carvalho, acreditado comerciante no visinho e ridentissimo logar da Abrunheira.

Cumprimentamo-lo.

HISTORIA DE MONTEMOR

Trecho

(Extrato dum livro de 1853)

Quando saindo de Coimbra, ou nos transportamos por sobre a mota do encanamento, ou por sobre as aguas cristalinas do pacifico Mondego, tivermos percorrido quatro leguas de continuo deleite, mórmente no estio (porque não se depara em todo o Portugal com outro tracto de terra egualmente belo, deleitoso, amêno, delicioso e ainda lucrativo, como os campos de Coimbra, bordados de N. a S. de lindos montes, em cujos declives, a cada passo, vêmos povoações e casais atestando a vida ática de seus habitantes, e sulcados, quer do rio Mondego, quer de outras correntes, que os fertilisam;) estamos então aos pés de *Montemór-o-Velho*, cujas cumiadas guerreiras, observadas já de longe, veem ainda tornar mais respeitavel a soberba paisagem, que se tem desdobrado a nossos olhos!

Nenhuma povoação haveria no distrito, que pudesse jactar-se de tão veneranda antiguidade, como a vila de Montemor-o-Velho, se déssemos credito ás lendas escritas e tradicionais ácerca da sua origem. Porquanto a sua fundação se atribue a Brigo, quarto neto de Noé, que lhe impoz o nome de *Medrobriga*, e se eleva ao ano de 2.061 da creação do *Mundo*, e 1.900 antes da Redenção; e pretende-se tambem que fôra cidade, e se distinguira nas guerras que os *Liminios*, filhos de *Girião*, tiveram com Hercules, e sucessivamente nas invasões grega, fenícia e romana; que o *Pro-Consul Manlio*, vindo governar a Espanha, pelo ano 120 antes de Cristo, a destruira, reedificára, e lhe dera o nome de *Manliana;* que eclipsando se por algum tempo, resurgira mais ilustre na dura peleja entre o Cristianismo e Islamismo, sendo particularmente o teatro da grande façanha do Abade João nos tempos de Ramiro I de Leão, contra o celebre *Almançôr de Cordova*, e de muitos milagres então sucedidos, que seus naturais ainda hoje celebram com entusiasmo, digno de piedade, se não fôra o passatempo que a si e a seus visinhos dést'arte procuram.

Ainda, porem, postas as lendas de parte, pode certamente vangloriar-se da sua celebridade: porquanto foi já noutro tempo cabeça de Comarca (e ainda depois de 1.834 por algum tempo o tornou a ser,) e teve antigamente *Ouvidôr*, cuja jurisdição foi extensissima, compreendendo logares, que hoje pertencem a nada menos de tres districtos; teve tambem voto nas antigas côrtes, com assento no quinto banco; foral antigo e tambem novo, dado pelo snr. D. Manuel em 20 de agosto de 1516; e ocupa o logar honroso na historia pela resistencia feita a favor da rainha D. Tereza, contra seu irmão D. Afonso II, facto conhecido de mais, para que nos demoremos a respeito dele.

Foi natural desta vila o insigne poeta *Jorge de Monte-Maior*, que dele derivou o apelido; tão insigne na prosa como no verso, principalmente admirado pela primeira parte da sua *Diana* e que teve a infelicidade de morrer em terra estranha, pois que faleceu no Piemonte em 26 de fevereiro de 1.561; e tambem o historiador *Fernão Mendes Pinto*, que tendo percorrido a Etiópia, a Arabia Feliz, a China, a Tartaria, e a maior parte do arquipelago oriental, regressando a Lisboa, e encontrando nesta côrte só desdem em paga de seus trabalhos, se retirou a Almada para gosar tranquilamente a pequena fortuna que aí possuia, onde faleceu em 1580 ou 1581. Escreveu ali a sua *Peregrinação*, obra tão justamente avaliada, que tem merecido não só algumas edições no patrio idióma, mas o ser vertida nas linguas hespanhola e franceza.

(Continua).

Exames do 2.º grau

Presididos pelo snr. dr. Adriano Antonio Gomes, sendo constituido o juri pelos professores José Alexandrino Beja da Silva, de Tentugal, e D. Virginia Fernandes Duarte, de Arazêde, rea isaram-se na passada semana os exames do 2.º grau neste concelho. Dos 48 requerentes faltaram 2 ás provas escritas, sendo os restantes admitidos ás provas oraes. Os resultados fôram os seguintes:

Dia 17 — 1.ª turma—Emilia Miranda D. de Oliveira, Maria das Dôres P. Leitão, Maria de Lourdes Afonso, Maria Amelia Carvalho, Maria da Conceição Antunes e Aida Duarte Ferrão, aprovadas.

Dia 17 — 2.ª turma — Francisco Ramos Laranjeiro, distinto, e Antonio Gomes Aires, Cicero Pimentel, Francisco Ferreira e Luiz da Fonseca Castelhano, aprovados. Adiado 1.

Dia 18 — 1.ª turma — Ermelinda de Matos Rainha, Maria Olivia Rama, Maria Rainha Cavaleiro, Ermelinda Milheiro de Oliveira, Manuel Maria Barreto Junior, aprovados, e Afonso da Silva, distinto.

Dia 18—2.ª turma—José Pavão, Manuel Jorge Martinho, Abel Cruz, Joaquim Aveiro, Joaquim Pedro Couceiro e Julio C. C. Paes Mamede, aprovados, e Higino Augusto Pessoa, distinto.

Dia 19—2.ª turma—José Malva, José dos Santos Bessa, Agostinho de Jesus Paixão, Manuel Augusto da Silva, aprovados, e José M. de Jesus Carvalho, distinto. Adiado 1.

Dia 19—1.ª turma—Arménio Pereira Batista, distinto, Eurico Jorge André, Joaquim Fernandes de Barros, José Simões Duarte e Manuel Simões Duarte, aprovados, Manuel Dias, distinto.

Dia 20—1.ª e 2.ª turmas—José de Matos Cavaleiro Junior, Antonio Esteves Mascarenhas e Antonio Rodrigues, distintos, Joaquim Bispo, José Gomes Aires, José Maria Pires, José Monteiro, João Pedrosa Martinho e Antonio Duarte Carvalho, aprovados.

Curso de leccionação

P.e José Soares da Costa e José Nunes Bento, professor oficial na vila de Montemór, leccionam todas as disciplinas da 1.ª secção do curso geral dos liceus, linguas singulares, e habilitam candidatos a exames de admissão ás Escolas Normaes e 1.º e 2.º grau de instrução primaria. Abrem o curso no proximo ano lectivo.

Montemór-o-Velho, agosto de 1915.

Encontram-se ha dias hospedadas em casa do nosso ilustrado amigo e distinto colaborador, snr. dr. João Batista Loureiro, sua ex.ma cunhada D. Augusta Temido Loureiro e suas gentis filhas D. Maria e D. Berta, respectivamente, esposa e filhas do snr. Alfredo Batista Loureiro, tenente-secretario do quartel general da 5.ª divisão, oficial dum integro e bondoso caracter, pelo qual sempre tivemos a maior admiração.

Junta de Paroquia de Pereira do Campo

Sob a presidencia do cidadão snr. Azuil Paiva de Carvalho reuniu, em sessão ordinaria, no dia 26 do corrente, a Junta de Paroquia da visinha vila de Pereira.

Depois de varias considerações, o snr. Azuil Paiva de Carvalho proferiu um bem deduzido discurso, do qual damos a seguir um pequeno extrato, por nos parecer de muito interesse colétivo e de muita logica.

Ei-lo:

Meus senhores:

A acta da sessão de 29 de julho de 1915 não está em conformidade com a lei, não devendo por isso ter sido aprovada e nem dela, mesmo, se devia ter tomado conhecimento, porquanto, a sessão a que ela se refere, em face dos expressos termos do art.º 38 do Codigo Administrativo, em vigor, deve considerar-se como não realisada, por o ter sido com inteira infracção dos art.os 20 a 26 do mesmo codigo. Eu, compareci em local, hora e dia legaes para a reunião da Junta, e, depois de ter esperado por espaço de meia hora, tive de me retirar, por não se encontrarem ainda na sala das sessões os senhores vogaes e não podendo, por isso, efétuar a reunião.

A minha retirada não é, porém, caso extranhavel, por suceder, com frequencia, os senhores vogaes faltarem ás sessões. Mais tarde, segundo agora sei, foram alguns dos senhores vogaes efétuar uma reunião, mas a hora e em local e condições em que a não podiam efétuar.

Por isso, entendo e sustento que devem ser consideradas como nulas e de nenhum efeito, a acta e sessão a que venho de me referir.

Aproveito a ocasião, para, como filho de Pereira e como tal só desejando de todo o coração o maior progresso e o desenvolvimento moral e material da terra que me viu nascer, lastimar, com o mais profundo pezar, que a Junta, em vês de se ocupar com a bôa administração e os interesses desta freguezia, ande metida numa politiquice réles e se deixe levar por uma *sombra* que tão manifestos prejuizos vai cauzando á vila. Tem a Junta em caixa dinheiro suficiente para o empreendimento de algumas obras mais urgentes do fomento e beneficio do povo, que, a todo o tempo, atestassem que a nossa passagem nestas cadeiras não foi de todo improficua e indigna da confiança dos votos dos seus eleitores, taes como: *Canalisar agua de qualquer das fontes para o centro da vila, promover a construção dos edificios escolares para ambos os sexos, calcetamento e reparação das ruas da vila, etc., etc.* Nada disso foi ainda realisado, ou sequer tratado.

Bem sei, que, nem todos os senhores vogaes da junta nascidos foram, como eu em Pereira, mas isso não quer dizer que não devam possuir tambem algum carinho e amôr por esta terra e o melhor desejo de se associarem ao seu engrandecimento, afastando para longe *sombras* e a réles politiquice.

Termino, pois, esperando vêr em breve, que a junta, toda unida como um só bloco, trabalhe briosamente para o progresso da vila, honrando-se a si e merecendo tambem do povo a confiança que ele nela depositou elegendo-a. Disse.

João Antonio Rodrigues
(SUCESSOR)
Montemór-o-Velho

Correspondente das seguintes casas:

Banco Comercial de Lisboa, Banco do Minho, Banco Comercial do Porto, Banco Aliança, Banco Economia Portugueza, Banco Nacional Ultramarino, Companhia de Seguros *A Internacional*, Crédit Franco-Portugais, J. M. Fernandes Guimarães & C.ª, Pinto da Fonseca & Irmão, J. M. Espirito Santo Silva, Borges & Irmão, J. H. Tota & C.ª, e Orey, Antunes & C.ª.

Ranchos "Formosas do Mondego,, e "Alegria Infantil,,

Conforme já dissemos, é hoje que estes dois distintos e festejados grupos dançantes, vão de novo á Figueira da Foz, exibir com a sua costumada galhardia, na aprasivel Mata da Misericordia, as suas lindas e apreciadas canções, o que, dadas as simpatias e os ruidosos aplausos que os dois ranchos conquistaram no dia 1 do corrente, no Teatro-Parque-Cine da mesma cidade, é de esperar que constitua um festival muito brilhante, devendo chamar por isso á Mata enorme concorrencia de forasteiros.

E' este o programa que será executado:

1.ª PARTE

1.º—Marcha Infantil.
2.º—S. Joãosinho.
3.º—Marcha «Flôr do Minho».
4.º—Formosas do Mondego.

2.ª PARTE

5.º—Fado infantil
6.º—A' Tardinha.
7.º—Violetas.
8.º—Fado do Desanimo e da Alma.

3.ª PARTE

9.º—Balada.
10.º—Mazurca.
11.º—Bolero.
12.º—Tango.

O festival é dedicado ao povo figueirense, havendo no recinto destinado aos ranchos, cadeiras reservadas.

Consta-nos ser grande o interesse que esta festa está despertando entre os figueirenses, não sendo todavia menor o entusiasmo em Montemor.

Os ranchos deverão partir daqui em barcos ás 7 horas, pouco mais ou menos, e não em comboio como em principio se resolveu.

O nosso conceituado colega a *Voz da Justiça*, da Figueira, dando noticia do festival no seu numero de terça-feira ultima, refere-se aos ranchos nos seguintes termos:

«Confirma-se a noticia da vinda a esta mata, no proximo domingo, dos ranchos *Formosas do Mondego* e *Alegria Infantil*, de Montemor-o-Velho, que ha tempo foram ruidosamente aplaudidos no Parque.

Na mata, exibirão as suas lindas danças, que estão ensaiadas a capricho, constituindo um atrativo que ao formoso local ha de chamar extraordinaria concorrencia».

Que os dois simpaticos grupos façam uma viagem feliz, sem nenhum incidente desagradavel, é o que nós muito lhe desejamos.

Horas d'insónia

Eu imaginava que era só de noite, noite alta, que a miseria social se exibia aqui no Porto. Venho espantado, meus amigos!

Levantei-me hoje mais cedo. A's 6 horas da manhã atravessava o rio Douro, este rio original que passa ali em baixo em direcção a Leixões. O movimento sobre as suas aguas é colossal. Toda a classe de mercadorias ali transita, enc endo os enormes armazens da Alfandega, da rua de S. João e paralelas. Um rapagão, negro das ardencias saudaveis deste sol escaldante dos meados de agosto, levou-me, no seu bótesito, duma a outra margem. Com a brisa matutina, eu aspirei a largos haustos o oxigenio reparador dum ambiente incomparavel.

E logo de manhã, ao pisar as primeiras pedras da Praça da Liberdade, a minha alma de idealista inc rrigivel sofreu uma desilusão enorme.

Um homem qualquer, decentemente vestido, com um panamá legitimo e uma bengala com castão d'ouro, e parece-me que com dentes d'ouro, seguia atentamente, com visivel interesse, uma petisita morena, de saítas curtas, cara de fome e olhos de esternoitada. E eu segui-os ambos. Fui ver, quiz presenciar aquela podridão toda.

Amor d'ocasião, amor d'esquina, furtivo, ao acaso, devia ser duma originalidade espantosa. Que promessas faria o homem de bigode branco, um velhote de estomago a abarrotar, córado, risonho, querendo ser eternamente moço e eternamente namorador, á desgraçadita, suja, de meias sem calcanhares, cara enfésada e olhos de esternoitada? Devia ser interessante o seu coloquio; e os seus beijos, lúbricos e gulosissimos, ó culos de quem vê, de quem sente distante a mocidade, e a pujança dos vinte anos sumida por completo, teriam sido recebidos, com certeza, com a indiferença bem propria duma criança abandonada que o infortunio atirasse para a estrada lamacenta do vicio e da podridão!

O Laranjal é perto. Fui desde a Bolsa aos Hermin os, e dos Herminios ao Palacio de Cristal. Entrei na Egreja dos Clerigos. Olhei a sua torre enorme, que vê a praça dos Anjos. Obra primorosa de nossos avós, a explendida torre evoca-nos paginas gloriosas da nossa soberba historia.

E lá em cima, numa rua ingreme e num casarão antigo, desapareceu o velhote de bigode branco, e a petisita morena, de olhos esternoitados, ficou-se um pouco mais atraz. Parei. Não acreditava que ali, em pleno coração da cidade, e quando o sol já ia alto, se praticasse um acto desonesto e merecedor de reparos.

Mas o dinheiro, que tem ás vezes uma fala que perverte, não era estranho ao homensinho, nem ao seu intento. E eu vi-o, sorrindo-se, a olhar a criancita, e mostrando lhe uma moeda de prata luzente.

Ainda agora estou a sentir a comoção enorme que senti ao vêr aproximar uma pobre velha, de cabelos brancos e faces rugosas, chorando, á procura da unica filha que tinha. Havia pouco que ela saira de casa, ao café e ao assucar para o almoço. Tardava e a mãe vinha no seu encalce. Apareceu a tempo. Meia hora mais tarde, e aí tinhamos mais uma vitima atirada á triste contingencia das vielas.

E a gente vê isto no Porto!

Uma terra com fama de trabalhadora, movimentada, mas um tanto contaminada já dos varios vicios desta humanidade a decair!...

Devezas, Agosto de 1915.

ALMEIDA JUNIOR.

Camara Municipal

Sessão de 17 de julho

Presentes os vereadores, snrs. Monteiro da Costa, J. Goes, Tavares Lebre e Esteves de Barros, secretariando o snr. Rodrigues Pato, sob a presidencia do snr. dr. Simões.

Lida e aprovada a acta da sessão anterior, foi presente o seguinte expediente:

Um oficio da Junta de Paroquia de Pereira, a pedir que seja ordenado ao guarda campestre a entrega áquela Junta da torneira metalica que estava na fonte denominada — Fonte Nova.

Pedidas as explicações ao guarda, disse que tinha tirado a torneira devido á muita força da agua da nas-

cente, que a aluira, e para não ser extraviada. A Comissão mandou que fosse a mesma torneira colocada no primitivo logar.

Uma circular do Governo Civil a enviar á Camara copia de uma outra circular do Ministerio do Interior, sobre conflitos de jurisdição entre as Camaras e as Capitanias dos portos.

A Comissão ficou inteirada.

Um oficio da Inspecção do Circulo Escolar, a comunicar que nomeára seus delegados para presidirem aos exames do 1.º grau neste concelho, os snrs. Beja da Silva e Manuel M. de Melo, explicando as razões da nomeação.

A Comissão, em vista das razões expostas, dispensou os ditos professores para aqnele serviço, e ficou inteirada.

Um oficio da mesma Inspecção a enviar uma relação nominal dos mancebos que pretendem fazer exame do 2.º grau.

Disse o presidente que atendendo ao pouco tempo, na ausencia da Comissão havia enviado a copia da relação nominal dos examinandos á Repartição Pedagogica competente, e a solicitar para que esses exames fossem na séde do concelho.

A Comissão ficou inteirada.

Um oficio-circular do Governo Civil a comunicar que o Conselho Superior de Administração Financeira do Estado, opinou que o Poder Executivo nada tem com a nomeação dos empregados dos Corpos Administrativos.

A Comissão ficou inteirada.

Fôram presentes varios requerimentos de interesse particular.

Um requerimento de Adrião Tubarão a pedir á Camara que o reconheça como professor da escola de Verride e lhe dê posse da referida escola.

A Comissão recusou-se a reconhece-lo como professor da referida escola, e deliberou submeter o requerimento á apreciação da proxima sessão do Senado.

Confirmou atestados passados pelas Juntas de Paroquia, ácêrca da pobreza de Maria d'Oliveira, das Means; de Antonio Augusto d'Almeida Pires, da Abrunheira; e de Maria da Gloria, de Tentugal.

O presidente propoz para que se oficiasse ao snr. Administrador do Concelho, a perguntar se já deu começo ao serviço das execuções para a cobrança coerciva das dividas á Camara.

O vereador Lebre propoz para que o mestre d'obras elabore o projecto e orçamento do aqueduto da rua da Madalena, em Formoselha.

O vereador Goes propoz para que se proceda aos reparos das fontes das Bicas, no Amieiro, e das Freiras, em Liceia.

O presidente informou a Comissão que havia recebido um conhecimento de deposito da quantia de 600$00 feito na Caixa Geral de Depositos e Instituições de Previdencia, a favor da Camara, como subsidio dado pelo Governo a esta Camara para a escola de Verride.

A Comissão ficou inteirada e congratulou-se por aquele valioso auxilio concedido pelo Governo.

Autorisou e mandou pagar varias despezas.

Em seguida foi encerrada a sessão.

Companhia de Seguros Fidelidade

Séde: Largo do Corpo Santo, 13—1.º—Lisboa

Capital emitido. 1.344:000$00
Capital desembolsado . . . 67:200$00
Reservas . . . 733:702$07,5
Prejuizos pagos 4.497:355$11

Efectua seguros maritimos e terrestres na séde e nas correspondencias.

Poetas e Prosadôres

UM BEIJO

Dá-me um beijo, mulher, que nada custa,
Um só beijo d'amôr porque depois,
Se não achar's a minha causa justa
Posso pagar o teu beijo com dois.

Um só beijo, mulher
Que um beijito não fere ..

Pois que o beijo de amôr é um leve sonho,
Sonho que vem ao coração cantar,
E' murmurio de amôr, leve, risonho...
Ai! se um beijo d'amôr é um leve sonho,
Eu mulher... sou perdido por sonhar!

Sim, um beijo d'amôr.
Que divinal sabôr!

Quero sorvêr o alegre paraiso,
Paraiso ideal que o beijo tem,
Pois que o beijo d'amôr tem um sorriso,
Leve sorriso divinal de mãe.

Um só, que nada custa,
Por dois... que coisa justa!

Eu já ouvi dizer que ha beijo ameno
Que faz morrer o coração cançado:
Ai! se ha beijo d'amôr, que tem veneno,
Quero, mulher, um doce beijo ameno,
Inda que assim eu morra envenenado;

Que morrer a beijar,
E' morrer... a sonhar!

Leão Correia.

A VALA

Começaram já os trabalhos de limpeza da vala que atravessa ali em baixo a nossa terra. Os leitores conhecem o caso. Se bem que duzentos escudos, concedidos para tão urgente e inadiavel saneamento, a nada cheguem, ao menos remedeia por agora, até que o governo, como esperamos, mande abonar verba maior afim dos trabalhos não ficarem em meio, com a agravante de se gastar dinheiro sem proveito algum.

O snr. governador civil está empenhado no assunto e crêmos que o não esquecerá, como prometeu á camara num oficio que lhe dirigiu.

Alice Oliveira,

ex-aluna externa do Conservatorio, léciona musica em sua casa ou dos alunos, como se combinar.

RUA DO SUB RIPAS, 10
COIMBRA

Na quarta-feira tivemos o grato prazer de falarmos com os nossos amigos e estimados conterraneos, os honestos e conceituados operarios, snrs. João Forte e seu cunhado Antonio Diniz Caiado, os quaes vieram a Montemór para saber do resultado da inspecção de seu filho e sobrinho Augusto Forte, que ficou isento definitivamente.

Desastre com arma de fogo

Na segunda-feira deu-se, no Largo Macedo Souto Maior, um desastre de que ia resultando as mais graves consequencias e que bastante alarmou os moradores daquele local e suas imediações, enchendo os espiritos de acerba e justa indignação.

Eram 17 horas, pouco mais ou menos, que tendo chegado ao largo um rancho de forasteiros, vindos da romaria do Senhor da Serra, quando estes, descançando das fadigas da viagem, se achavam saboreando os seus farneis á sombra das arvores frondosas que embelezam o mesmo largo, tornando o um sitio muito aprasivel e pitoresco, nesse mesmo momento vinha saindo da taberna do snr. João Dias, que fica a pouca distancia, Inacio Guardão, jornaleiro e pescador, em completo estado de embriaguez, com uma espingarda caçadeira, a qual, caindo na calçada, se disparou, indo a carga atingir Maria da Luz Cantante, ferindo-a num braço; o namorado desta, José de Oliveira Carqueijeira, egualmente ferido num braço e ainda no rosto; Maria Doirada, ferida nas costas; Joaquim de Oliveira Carqueijeira e Joaquim Gaceira, serralheiro, todos de Sant'Ana da Ferreira.

Ao ouvir-se o estampido acudiu muito povo, que tentou agredir o autor do desastre, o que a muito custo foi obstado pela prudencia de algumas pessoas que conseguiram serenar a exaltação dos animos.

Salvo por esta fórma das iras populares, o Guardão foi conduzido á presença da autoridade, que o mandou meter na esquadra, sendo posto em liberdade no dia seguinte.

Na administração do concelho está, segundo consta, instruindo-se o respectivo processo, pois que o Guardão não tinha licença de uso e porte d'arma.

Por muito pouco que o menor de poucos anos, o menino José Dias, filho do sr. João Dias, não ia tambem sendo gravemente ferido pelo tiro.

EM FERIAS

Passando as presentes férias, acha-se na Torre do Terrenho (Trancoso), o nosso inteligente colaborador José Nunes Bento, ilustre professor da escola Conde Ferreira, desta vila.

O nosso presado amigo vae enviar ao *Dever*, lá das terras saudosas da sua Beira, umas cartas ao professorado do concelho, sobre interesses da classe, que ele defende denodadamente.

Feliz regresso.

Ainda sobre a vala

A proposito do charco pestilento que infeciona a pacata população desta terra, e a que noutro logar nos referimos, diz o nosso colega figueirense, a *Voz da Justiça*, no seu numero de terça-feira:

A VALA DE MONTEMOR

Segundo informa o nosso colega *O Dever*, foi concedido o subsidio de 200$00 para a limpeza da vala que atravessa a vila de Montemor e cujo estado de imundicie, pondo em grave risco a saude da população, ha muito reclamava limpeza radical.

Parece que aquela verba não chega para proceder a um trabalho que satisfaça por completo as exigencias da higiene, mas... chegará, talvez, para acudir ás mais instantes.

Gastem-se estes duzentos mil reis e lance-se já o pedido para outros duzentos. Nada de parar...

Tem razão o nosso ilustrado e intemerato colega, que nas suas palavras prova a simpatia que tem pelas coisas desta nobre mas menosprezada vila.

Conseguiram-se 200$00 e isso, sabe Deus, á custa de quantos esforços e contrariedades do sr. dr. João Loureiro e camara municipal, conforme o dizem os documentos publicados no *Dever*.

Efetivamente, 200$00 é muito pouco para se tratar da limpesa e saneamento dum foco epidemico, como é a vala de Montemor, contudo dá para as primeiras necessidades, sendo, porem, preciso que, como diz a *Voz*, se não durma sobre o assunto, isto é, fazer-se já o pedido para outros duzentos mil reis.

EM COIMBRA

Horario das farmacias

O horario das farmacias ficou assim organisado:

Abertura das farmacias, ás 8 horas da manhã.

Encerramento ás 9 horas da noite, havendo depois o tempo de tolerancia suficiente para terminar o serviço de expediente em via de conclusão.

O pessoal terá duas horas para as refeições.

O serviço nocturno, depois da hora fixada para o encerramento e até á hora da abertura, é desempenhado, em cada semana, pelo turno que entra de serviço no domingo que lhe compete; não tendo por isso, estes turnos, hora fixa para abrir ou fechar.

Tambem foi deliberado que os dias de Natal, Ano Bom e terça-feira de Carnaval sejam considerados domingos para o efeito do descanso semanal.

Quando o dia da Feira dos 23, coincidir a um domingo, este facto não altera o serviço dos turnos, sendo, porém, facultativo aos colegas, abrirem as farmacias.

Igual doutrina se estabelece para o domingo da festa da Rainha Santa ou Festas da Cidade.

Todas estas deliberações, plenamente aprovadas pela classe, começaram a vigorar no dia 22 do corrente.

Hospedaria Santos

Recomendamos aos nossos presados leitores a magnifica hospedaria do nosso presado amigo, snr. José dos Santos, cujo anuncio vae noutro logar, pois é uma das melhores de Coimbra.

A Flôr d'Abrunheira

— DE —

Joaquim de Sousa Carvalho

Fazendas de lã e algodão, ferragens, tintas, mercearia, vinhos e tabacos.

Variado sortimento de miudezas

Especialidade em chá, café, licores, etc.

ABRUNHEIRA

Inspécções militares

Principiaram nesta vila, na segunda-feira, as inspécções aos mancebos recenseados para o serviço do exercito e armada, sendo a respétiva junta composta dos snrs.: coronel Miguel Goulão, presidente; Jaime José Ferreira, tenente-capelão, secretario; José Rodrigues Madeira, tenente-medico de infanteria 28 e o 2.º sargento Francisco Joaquim Gomes Moreira, amanuense.

Houve poucas isenções.

Os trabalhos de inspéção terminaram hontem.

HOSPEDARIA DO PAÇO DO CONDE
DE
José dos Santos

Rua Adelino Veiga, 36 a 40
Rua do Paço do Conde, 10

COIMBRA

Vinhos, comidas e tabacos. Recebem-se comensais por preços modicos. Camas para pernoitar.

Esta casa, com a transformação por que acaba de passar, melhorou consideravelmente todos os seus serviços, achando-se habilitada a receber hospedes de qualquer categoria, oferecendo-lhes comodidades por preços baratos. Esmero e prontidão no serviço de meza, para o que tem pessoal competente.

O mesmo proprietario negoceia em cereais e legumes de todas as qualidades, tais como farinhas, semeas, batata, castanha, palha enfardada, cordas e adubos quimicos.

RUA ADELINO VEIGA, 44, 48

O seu armazem é já muito conhecido.

Telefone 379.

ANTIGO ESTABELECIMENTO

— DE —

Mercearia, Tabacos e Fazendas brancas

— DE —

João Antonio Rodrigues

(SUCESSORES)

Montemór-o-Velho

Nesta casa se encontra um completo sortido em assucar, chá, café, manteiga nacional e ingleza, biscoitos, bolachas, massas, bacalhau, genebra e vinhos do Porto.

Ferragens, prego de arame e de ferro, panelas de ferro, rastilho, chumbo em barra e para caça.

Fosforos e Tabacos, por atacado. Tambem vende pelos preços de Lisboa, farinha de trigo, cimento Portland, vidraça, telha de vidro e velas de cera.

Preços resumidos

Editos de 30 dias

(1.ª publicação)

NO Juizo de Direito de Montemór-o-Velho, cartorio do escrivão Sampaio, no inventario orfanologico de Joaquim Rodrigues, que foi do logar do Casal do Mato, em que é cabeça de casal Maria Fernandes, viuva, do mesmo logar, correm editos de trinta dias, contados da segunda publicação do anuncio no *Diario do Governo*, citando os herdeiros Antonio Rodrigues e mulher Nazareth Simões, Manuel Rodrigues e mulher Carmina Nobre, ausentes em parte incerta no Brazil, para assistirem a todos os termos até final do mesmo inventario.

Montemór-o-Velho, 31 de julho de 1915.

O escrivão,
Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei:
Amaral Pereira.

EDITAL

Alexandre de Rezende Mendes, administrador dêste concelho de Montemór-o-Velho:

FAÇO saber que na administração dêste concelho de Montemór-o-Velho foi requerida licença por A Emprêsa Califera do Marujal, com séde no Canal de S. Roque, em Aveiro, para estabelecer fórnos de cal no logar do Marujal, compreendida na segunda classe da tabela anexa ao decreto de 21 de outubro de 1863, como incomodos ou perigosos e em conformidade do artigo 6 do referido decreto, convidando-se todas as autoridades e pessoas interessadas a apresentar nesta administração, dentro do praso de 30 dias, as reclamações de qualquer motivo de oposição que tiverem contra a concessão da mesma licença. E para constar se passou o presente e outros de egual teor que vão ser afixados nos logares do costume.

Administração do concelho de Montemór-o-Velho, 16 de agosto de 1915.

E eu—Quirino de Sampaio, secretario, que o subscrevi.

Alexandre de Rezende Mendes.

Companhia Geral de Credito Predial Português

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

Séde Social: Travessa de Santo Antonio da Sé, n.º 21

LISBOA

Esta Companhia realisa actualmente emprestimos hipotecarios a longo praso, cujo encargo, compreendendo juro, comissão, amortisação e depreciação dos titulos, é inferior a 7 %, tendo os mutuarios a faculdade de antecipar os seus emprestimos, total ou parcialmente e em qualquer época, em dinheiro ou em obrigações da mesma taxa e tipo das que fôram entregues no acto do contrato. Recebe e guarda nas suas magnificas **Casas fortes** quaisquer papeis de credito, encarregando-se de receber os respectivos juros.

Pedir esclarecimentos a Fernando da Silva Coelho Pessoa — Montemór-o-Velho — ou diretamente á Séde da Companhia.

AGUA DE LUSO (Medalha d'ouro, Madrid 1913.) Cura pela Diurése

(ESTABELECIMENTO TERMAL E HOTEIS ABERTOS TODO O ANO)

A mais diurética e mais digestiva. Aumenta a diurése, regularisa as funções digestivas e ativa os fenómenos nutritivos

Muito radioativa—4,49 miligramas—minutos
Muito ionisada, resistividade a 18° 18300 ohms
Muito rica em gazes raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotonica, ponto criospico 0°,04

} Conclusões da analise feita pelos distintos professores Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitissimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tifico

USO EXTERNO—Molestias de pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc,), reumatismo e gôta.
USO INTERNO—Artritismo, impaludismo, neurastenia—Albuminuria, diabetes—Intestinos, estomago—Rins—Bexiga.

Depositos — **LISBOA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros, 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 428. FUNCHAL, José Quirino de Castro, rua dos Murças. AFRICA ORIENTAL: Oswald Offmann. BEIRA: F. L. Simões & C.ª. LOANDA: Beltrão, Pena & C.ª**, e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositarios nas terras onde ainda os não haja.

Portugal Previdente

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima — Responsabilidade Limitada

Capital **UM MILHÃO** de Escudos

SÉDE — RUA DO ALECRIM, 10 — LISBOA
N.º Telef.—1849 End. Teleg.—VIDA

Seguros contra incendios de predios, fabricas, etc.
Seguros de estabelecimentos e mobiliarios.
Seguros agricolas de ceáras, eiras, palhas, arvoredos, etc.
Seguros de maquinas e utensilios de lavoura.
Seguros contra incendio proveniente de gréves e tumultos.
Seguros de transportes maritimos e postaes.
Seguros contra roubo de habitações e estabelecimentos.
Seguros contra fraude de empregados.
Seguros contra a quebra de cristais.
Seguros de vida, pensões, dotes e reformas.
Seguros contra acidente de trabalho.

Agencias em todas as terras importantes do paiz, ilhas e colonias.
Sucursal no PORTO — Rua Passos Manoel, 21.

BANQUEIROS—**Borges & Irmão**—Porto e Lisboa

Antonio Pereira de Carvalho

Proprietario dos Grandes Armazens de Bicicletas, Maquinas de Costura, Pianos e toda a qualidade de acessorios.

A maior e mais antiga casa no genero

Oficina para todos os concertos, afinações e reparações em bicicletes, motocicletes e maquinas de costura.

Artista mecanico habilitado.

Vendas, alugueis e trocas.

Preços sem competencia

34—Avenida Navarro—36

(Estrada da Beira)—COIMBRA

Companhia de Seguros

A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz

Antonio d'Oliveira Guerra

RUA DA REPUBLICA, 84

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem deposito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se tambem de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fóra de Coimbra

FABRICA DE CAL

Cal fina e grossa, fornece-se em muito boas condições. Preços modicos, sobre o wagon, no caminho de ferro e nos proprios fornos.

Agente de telha tipo marselha e tijolos de todos os formatos, da fabrica Lacerda, Figueiredo & C.ª Limitada, da Pampilhosa.

Pedidos a

Joaquim F. Coca Junior
Zambujeiro—Arazede

AOS AGRICULTORES

Estão proximas as sementeiras de nabos e cereais, e por isso previno todos os meus estimaveis freguezes que façam novas encomendas de **adubos quimicos** e **organicos**, da acreditada casa Varela Leal & C.ª, das Varzeas, os quais se encontram á venda em minha casa, no **Casal do Gaio — Arazede.**

Manoel Monteiro Godinho.

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legitimos acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de fórma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamavel, isca em cordão vendida fraudulentamente a titulo de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva acção civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa ao Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando-se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalisação para procederem ás necessarias diligencias. Dirigir-se pessoalmente ou por carta á Companhia Portuguêsa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS

MELO & MARTINS

PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada

PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiencia dos nossos adubos, devido ao seu magnifico resultado os adoptarão de preferencia a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

SEGUROS CONTRA INCENDIO

incluindo riscos de explosão de gaz e raio.

Seguros contra incendio cobrindo tambem os riscos de gréves ou tumultos (portaria de 14 de Março de 1914).

SEGUROS CONTRA INCENDIO

cobrindo ainda os riscos de guerra (portaria de 30 de Novembro de 1914).

Unica companhia autorisada a segurar os riscos de guerra nas apolices de incendio

Seguros contra incendio e roubo E' tambem A MUNDIAL a unica Companhia autorisada a emitir uma apolice cobrindo os dois riscos

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital — Esc., 500:000$
(500 contos)

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmão
Praça da Liberdade, 138 — Telefone 1459

Agencias e Delegações em todo o paiz, ilhas e colonias.

Restaurante Ferro-viario

ALFARELOS

ESTE bufete, um dos que melhor servem o publico que transita nos comboios, acha-se situado na estação do caminho de ferro de Alfarelos. Fornece almoços, jantares e *lunchs* e toda a qualidade de refeições, por preços comodos.
Tem pessoal habilitado, tanto em cosinha como em sala de mesa.
Tudo se encontra com esmero e perfeição.
Fornece comida para fóra, e presta se a servir em casamentos, batisados, etc., desde que seja prevenido com antecipação.

O proprietario, **Artur de Oliveira Coelho.**

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro
PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex.mos passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.

Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA

Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.
PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações
Deposito das afamadas aguas de Luso.

Guilherme dos Santos Pinto & Irmão

COM

OFFICINA DE CANTEIRO

Encarregam-se de jazigos de toda a especie e todo o serviço concernente á sua arte.

Tambem executam todos os trabalhos que digam respeito a *Plantas, Alçados, Copias, Projectos e orçamentos de edificios, edificações, etc.*

Montemór-o-Velho=Ve rride

Biblioteca da Universidade
Coimbra

Ano 4.° Montemór-o-Velho, 5 de Setembro de 1915 N.° 185

DIRECTOR, PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR
Almeida Junior
SECRETARIO DA REDACÇÃO E EDITOR
Abel M. de Melo Brandão
REDACTOR PRINCIPAL
Mário Augusto Mota

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguêsa

Pátria e Humanidade

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Dr. José Galvão
MONTEMOR-O-VELHO
DIRECÇÃO:—COIMBRA
(para onde deve ir a correspondencia)
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. Silva (a vapor)—AVEIRO

Crónica de Lisbôa

Em Braga deram-se acontecimentos anormaes; em Guimarães os monarquicos, sonhando fantasias, cometeram o irrasoavel, fomentando, por momentos, a apreensão, de norte a sul. A' proeza de general Boun sucedeu a irrisão. O vulgo mofou do movimento, riu-se e de noite, sonhou com D. Quixote de la Mancha.

Que é que os move? Quaes são as ilusões que podem, ainda, alimenta-los? Um pretenso desejo de vêr o paiz entregue em bôas mãos?

Imbecis! Como se em Portugal se não soubesse das suas manobras infames.

Qualquer crédo politico é respeitavel, desde que seja sincero. Onde estão os sinceros? Procurai-os com um telescopio, talvez os acheis. O resto é a escumalha infame, que, por revindita, não hesitaria em vender a sua patria a outro paiz.

Que tenebrosa e inaudita historia a que corre, em segredo, de boca em boca! O espirito entenebrece perante os factos, e, tem de render-se perante o inacreditavel!

E' ridiculo, é digno dum sorriso de escarneo, mas as lagrimas rompem subitas a quem sente, a quem tem um coração que palpite e um cerebro que pense.

Nós, que discutimos as patrias; nós, que desejaramos a realisação dum ideal maior, que crêmos que a felicidade pousará na terra, quando a Patria una, sem plural, fôr um facto, temos tido lamentos intimos que nos mortificam, duvidas beneficas que nos dulcificam a alma, indignações subitas que nos subjugam e sugestionam.

Os ideais podem entrechocar-se numa luta mais ou menos ardilosa, convenho; podem, mesmo, os adeptos obsecados, cometer excessos, tornando em hecatombe uma luta decisiva e leal; o que se torna inverosimil e inacreditavel é a traição, a inqualificavel acção duma entrega, o pensamento de castigar um povo livre, que não comunga em ideais retrogrados, com uma infamia, com uma abjecção que o ha-de acorrentar ao pelourinho da dependencia.

Perante isto, que corre e que nos garantem ser a voz da Verdade, sente-se que a indignação arreia todas as bandeiras que simbolisam o futuro, que o nosso ser é invadido por uma inergia nova, capaz de excessos, por um ideal que não é o nosso, mas que é a alma vibrante da Humanidade que cospe a infamia e a traição de irmãos espurios que, vingativos, perversos, desalmados, nos querem tornar escravos dum povo antipatico e jesuitico.

Ha factos que se duvidam, mesmo perante autenticas provas, tal a sua monstruosidade, tal a sua hediondez. E nós duvidamos ainda. E nós não acreditamos que se rasteje tanto, que a alma desça tão baixo a perfurar a lama onde estão os vermes repelentes. Canalhas! Canalhas! Ter-se-ha que dar treguas aos ideais para calcar a pés o monturo, mas far-se-ha, porque, se os murmurios que passam nos segredam a Verdade, até a propria indiferença se revoltará!

* * *

Vimo-los, no Porto, onde estivemos uns dias, descer das carruagens, na estação do caminho de ferro. O povo, em redór, ululava. Bramia um mar de indignação.

Os prisioneiros vinham, em geral, cabisbaixos, envergonhados, pensativos.

Se alguns demonstravam a consciencia dos seus actos, outros, de aspecto mais que modesto, faziam pensar na ambição e no subôrno. Durante o trajecto, em automoveis, a indignação popular manifestou-se com gritos hostis de vingança, cuspindo o seu desprezo, mostrando os punhos robustos e vigorosos. Gavroche fazia côro como se no seu coração de portuguez sentisse, tambem, o odio nascente por esses espurios que mentem quando se dizem portuguezes, que trapaceiam quando falam em amôr ao torrão onde nasceram.

Os outros passavam céleres entre os urros do povo insaciavel.

Discutia-se, nos intervalos, sem logica, mas com vigor. A hipotese dava logar á apostrofe. Os vivas estrugiam, os morras repetiam-se ardentes, vingadôres — a alma do povo vibrava. Contava-se, em voz baixa, o inacreditavel crime... A maioria não acreditava que Portugal gerasse féras, que um portuguez tivesse no logar do coração uma vibora enroscada e venenosa, ou um cerebro que pensasse, um instante unico, em converter-se no Iscariote da sua Patria, vendendo-a como, antigamente, se vendiam as escravas.

Os miseraveis!... Os miseraveis!...

D. L.

Um voto de louvor

A benemerita e simpatica Associação de Socorros Mutuos. União Artistica Conimbricense, lançou no livro das suas actas um voto de louvor ao nosso jornal, só porque nós cumprimos gostosamente o dever de lhe oferecer um exemplar de cada numero. Os seus corpos dirigentes, que podem contar comnosco, apenas demonstraram a lhaneza do seu caracter e a orientação louvavel que se propozeram seguir.

Agradecemos.

As cartas duma infeliz

Meu caro Leopoldo:

9 horas. O *Dever* acaba de trazer-me uma dolorosa noticia!

Baldaque da Silva, um ardente democrata e um inteligente demolidor das velhas ideias que adoecem, já não pertence ao numero dos vivos! Eu não leio, como sabes, mais jornal nenhum. Estou proíbida de ler jornais; mas obtive licença para receber e escrever neste. Ele tem-me trazido alegrias, mas maiores tristezas me tem causado ainda.

Ainda não ha muito pranteei aqui a perda duma amiga querida, e já hoje tenho que chorar o desaparecimento doutra criatura que eu tanto admirava pelo seu fulgurante talento e poderosa inteligencia. Era um antagonista das minhas ideias, mas podia contar-se com a sua lealdade de adversario corréto.

Eu sabia-o teu amigo, e era o bastante para querer-lhe muito. Porque eu acostumei-me a amar as pessôas que tu amas.

Vou resar com devoção sobre a sua campa, que ele pediu que fosse humilde para confundir-se, na morte, melhor com os pobres que adorava, já que em vida as convenções sociais dos humildes o faziam afastar.

Grande coisa é a simplicidade!

No céo não ha o luxo com que a humanidade se enfeita, e se estraga, e, todavia, eu não conheço beleza mais grandiosa, nem harmonia mais cantante de paz e amor. No céo tudo é perdão e ternura, desde a súplica dos pobresinhos que deixam esta vida de miserias, até á candidez dos anjos que guardam os nossos leitos e nos embalam, ingénuamente, nos nossos sonos prolongados.

E o grande engenheiro, ao qual tu tantas vezes te referiste nas noites saudosas que passámos juntos, tinha, para mim, além de tudo o mais apreciavel, essa grande qualidade de ser muito modesto.

Como tu, eu choro o teu amigo com saudade, e apresento á Republica portugueza, nesta hora d'amargura, o meu cartão de pezares mais intimos.

Adeus. Tem paciencia. Ele que peça a Deus por nós.

Tua, *Iréne.*

Dr. João Constantino

Está em Santa Clara, suburbios de Coimbra, onde passará as férias judiciaes, este nosso prestimoso amigo, estimadissimo notario em Arazêde.

Horas d'insónia

Eu gosto muito do isolamento. A multidão assusta-me. A's vezes, de noite, ao acordar depois do primeiro sono, sinto desejos de ir viver um pouco á beira de humildes casebres ou num recanto solitario onde ouça, nitidamente, as pulsações do coração dos que amam e os gemidos dos que agonisam no seu leito d'enxérga apodrecida, moribundos e aflitos.

E vou. Acendo a lampada, esfrego os olhos, e parto a pensar na vida, neste jogo onde a maior parte perde sempre, neste cáos social de bem complicada engrenagem.

Aspiro então, tranquilo e só, a largos haustos, o ambiente, para mim preferivel, das coisas amortecidas e simples. Afasto-me de convivencias, sempre que posso faze-lo. Em muitos seria filosofice. Para mim, que sinto até onde me é agradavel a solidão das noites mornas deste setembro tragico, é um ideal de suprema aspiração.

Quantas miserias, quantas pustulas descobertas me não vem dizer á alma toda a Mentira, toda a Podridão, toda a Hipocrisia que risos forçados encobrem, e sedas olorosas e refolhadas tapam! Se eu pudesse lêr em todos os olhos o que vai no intimo de cada homem; se eu pudesse, á luz deste sol que abrasa, vér as gangrenas contaminantes dos que vivem de estratagemas e vegetam no alfobre da insensibilidade á Dór, do indiferentismo ao sofrimento alheio, teria encontrado todo o veneno que perverte.

Milhares d'almas se debatem, neste mesmo instante, com os horrores da morte prematura, da Morte imposta por convenções estupidas a que se dá o pomposo mas sofistico nome de patriotismo, *como que se o patriotismo e a coragem se devessem manifestar no ódio ao fraco e na resistencia ao forte.*

Pela noite alta, quando a cidade dorme, cançada da orgia, meia tonta, cambaliante, roida do vicio, gasta, moribunda, eu ponho-me a pensar nos que se estorcem nas camas dos hospitaes e naqueles que, tendo passado o tempo nos lupanares sumindo a vida e comprometendo a honra, agora gemem sob o peso esmagador da doença ou das responsabilidades tremendas do seu lar.

E assim, fugindo da multidão, isolando-me, presenceio ás vezes scenas tragicas desta vida de tragedias feita. A humanidade vive num son'o permanente. Deita-se a pensar na maneira de enganar o semilhante. e levanta-se fixando bem essa ideia sinistra e absorvente, que a não desampara em todo o dia.

E assim caminha, aos encontrões á logica e indiferente á Dôr.

A ociosidade é uma religião hoje muito em voga, e por causa dela é que a Mentira campeia tanto e a miseria e tão manifesta, descobrindo o consequente definhamento da raça e o fim do Fim...

ALMEIDA JUNIOR.

Nomeação

Foi nomeado distribuidor supranumerario, ficando agregado á estação postal d'Arazêde, o snr. David da Silva Duque, daquela localidade.

AMOR PATERNAL

Vinte anos!—mocidade, encanto, poesia!
da vida sol brilhante a reflectir amor!
... Nova, bela, gentil, doce melancolia
lhe dá um tom suave... o mimo duma flôr!

Filha unica, é dos pais o conforto, alegria...
—noiva, o seu prometido, ao saber-lhe o valor,
lá vai, longe da patria, a grangear um dia
um peculio condigno... e a seus pés o depôr!

Sendo linda, mimosa, um anjo de bondade,
seus bons, queridos pais, já sentem, já, saudade,
de mais tarde a perder:—quem sabe a sua sorte?!

Assim o pai—que amor!—tendo-a sempre a seu lado,
um dia que faltou... ele, triste, magoado,
chora... como se então lh'a arrebatasse a Morte!...

Montemór-o-Velho, agosto de 1915.

J. NEVES.

Exoneração

Foi exonerado do logar de subdelegado da nossa comarca, o snr. dr. Rocha Freitas, que aqui gosa de muitas simpatias pela afabilidade do seu trato e rétidão no cumprimento dos seus deveres judiciais.

PORTUGAL HEROICO

E' com verdadeiro orgulho que nós, os portuguezes, devemos recordar os factos mais notaveis da nossa historia patria.

As grandes nações, que hoje são consideradas como verdadeiras potencias, não tiveram uma descendencia tão brilhante como a nossa.

Quando lançamos a vista para a nossa historia, encontramos, logo nas primeiras linhas, feitos heroicos praticados pelos nossos antepassados, que foram legando a mesma herança de heroicidade aos seus sucessores. D. Afonso Henriques, que teve o cognome de Conquistador, foi um heroe; ganhou varias terras ao sul de Portugal, que hoje é o nosso ditoso Portugal. Não as conquistou, porém, como patriota, mas sim como ambicioso, porque Portugal, emquanto foi governado pelos reis, foi sempre um covil de ambiciosos. D. Afonso Henriques, auxiliado por uma armada de crusados, que se dirigiam á Palestina, conquistou a encantadora cidade de Lisboa, hoje capital da nossa querida Republica Portugueza, deixando gravada na historia a linha de conduta que deveriam seguir os seus sucessores.

Por ambição ocupava tambem todos os corações, e a sua memoria viverá sempre no coração de todos nós que o amamos com respeito.

Além de D. Afonso Henriques, tivemos outros reis que, embora com o mesmo fim se bateram gloriosamente, e nós não devemos esquece-los.

Além do infante D. Henrique, podemos citar ainda como gloria nossa, os nomes de Vasco da Gama, Pedro Alvares Cabral, Afonso de Albuquerque, D. João de Castro e muitos outros que agora não lembram, cujo exemplo de coragem todos os portuguezes deviam sempre seguir.

Se tivemos homens gloriosos, tambem não deixaram de aparecer os monstros horriveis, como, por exemplo, o régulo e temivel Gunguhana, que se mostrou hostil com todas as expedições da metropole que foram combater pela independencia do nosso territorio africano.

Por não querer conhecer o grande talento dos portuguezes, porém, foi vencido e condenado a perder todas as regalias que tinha.

Entretanto, se tivémos a governar-nos homens dignos de censura, podemos contar, para gloria nossa, um, o dr. Afonso Costa, que se tem esforçado pelo bem da Patria e bastantes ingratidões tem recebido; e o dr. Afonso Costa, não o esqueçámos, tudo quanto faz é pela Patria, e não é por ambição que continúa a dar a sua vida por ela.

Por isso, portuguezes, brademos bem alto:

Viva o snr. dr. Afonso Costa, que eu, portugueza tambem, direi, com quantas forças me vão na alma:

Viva o grande portuguez!

Estarreja, 24—8—915.

Amalia Nunes de Souza.

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autôres.

Cumprimentámos em Coimbra o nosso obsequioso assinante de Gatões, snr. Alfredo Nunes David, acreditado negociante daquela localidade.

O Largo da Feira

Parece que a Camara Municipal, por iniciativa do seu presidente, vae mandar arborisar o Largo da Feira. Antes, porém, manda-lo-ha aterrar convenientemente. Se assim fôr, todos prevemos quanto a vila lucrará sob o ponto de vista estético.

Aquela parte de terreno, junto á capela de S. Sebastião e entre a estrada e o rio Mondego, carece tambem de arborisação, e não seria mau passo escolherem-se arvores proprias para os logares pantanosos e sujeitos ao paludismo que prejudica os organismos.

Vamos indo pouco a pouco. Que fazer, não falta. E não só aqui, em Montemór, mas em muitas freguezias do concelho, importantes e merecedoras, como o provam as contribuições dos municipes, que tudo satisfazem sem recalcitrar, muito embora algumas vezes tenham que tirar a camiza do corpo para satisfazer os seus compromissos e as exigencias das leis municipais. Esquece-los, seria a maior das ingratidões.

NA FIGUEIRA DA FOZ

O festival na Mata da Misericordia, pelos ranchos «Formosas do Mondego» e «Alegria Infantil»

Apezar das dificuldades que haviam surgido á ultima hora por causa de desinteligencias que se deram por parte d'alguns associados, com respeito a escolha de pares, para só fazerem valer o seu estulto capricho — o festival que os dois ranchos *Formosas do Mondego* e *Alegria Infantil*, realisaram no ultimo domingo na Mata da Misericordia da Figueira da Foz, foi contudo coroado do exito mais completo e feliz, constituindo para os dois simpaticos e festejados grupos que no genero tanto teem honrado o nome de Montemór, um outro sucésso não menos brilhante, do que, pouco tempo antes, tinham alcançado no Parque-Cine da mesma cidade.

E para provar mais a veracidade das nossas apreciações, ouçamos o que a insuspeita *Voz da Justiça*, acreditado orgão figueirense, diz no seu numero de 31 do proximo findo:

> Os ranchos de Montemór, estiveram efétivamente no domingo nesta cidade, na Mata da Misericordia, realisando ali um festival que atraiu centenares de pessoas, todas aplaudindo entusiasticamente as diversas danças que foram exibidas com inexcedivel corréção.

Em poucas palavras é o mais que o nosso ilustrado colega podia dizer.

Como se tinha deliberado, a viagem fez-se em barco, decorrendo sempre com os mesmos episodios alegres da primeira vez, tanto mais que agora fomos mimoseados com um dia lindissimo, um sol de fulgurante luz vinha com o intenso calor dos seus raios, aumentar a animação que reinava em todos os espiritos.

Chegados os ranchos á Figueira, eram aguardados no ponto do desembarque por alguns diretores do *Trovador*, pelos quaes ali foram acolhidos com as mais inequivocas demonstrações de simpatia e consideração.

Feitos os cumprimentos os ranchos ainda ali se demoraram por algum tempo, até que, havendo chegado alguns musicos que tinham ido em comboio, romperam com a *Marcha Infantil*, entoada conjuntamente pelas creanças e os adultos, seguindo os dois grupos dali para a casa da aula da «Filarmonica Figueirense», seguidos de muito povo que se ia juntando pelas ruas do trajeto, e por forma tal, que não foi sem muita dificuldade que os diretores dos ranchos conseguiram impedir o ingresso do mesmo no edificio.

Passava já das 16 horas e meia, quando os ranchos, tendo percorrido as ruas mais importantes do Bairro Novo e da parte baixa da cidade, deram entrada na Mata da Misericordia, dirigindo-se ao recinto destinado para eles se exibirem e que estava num dos pontos mais pitorescos da bonita mata e cujos logares reservados se viam já quasi literalmente ocupados por muitas senhoras e cavalheiros de respeitabilidade, não tardando muito que em torno do mesmo local, se aglomerem centenares de pessoas de condições mais humildes.

Conforme tinha sucedido no Parque-Cine, são as creanças do *Alegria Infantil* as primeiras a dançar, seguindo-se depois os adultos e assim sucessivamente até ao fim, sendo todas as canções cobertas pelos mais estrondosos aplausos que até hoje temos visto prestar a ranchos deste genero. Foi um delirio, emfim.

Eram 19 horas quando os ranchos regressaram á casa da «Filarmonica Figueirense», onde pernoitaram.

E com este festival terminaram por este ano as danças destes dois grupos dançantes, fazendo votos para que no futuro ano de 1916, eles alcancem os mesmos louros e aclamações nos festivaes que realisarem, tanto mais que a sua nova direção se acha composta de gente muito ilustrada e competente para os levar a um tão feliz desideratum

* * *

A diréção cessante dos mesmos grupos pede-nos mais uma vez para aqui agradecermos em seu nome, á ilustre direção da «Filarmonica Figueirense», pelos grandes e inolvidaveis obsequios que lhe fez em ceder a sua bela casa para os mesmos ranchos reunirem e pernoitarem, favores por que estes lhe endereçam os protestos da sua profunda e eterna gratidão.

Tourada

Realisa-se hoje em Figueira da Foz, no vasto e acreditado Coliseu daquela cidade, a segunda corrida da presente epoca.

Serão lidados 10 bravissimos touros, pertencentes ao opulento lavrador de Vila Franca de Xira, snr. Antonio Luiz Lopes.

Os cavaleiros José Casimiro e amador arrojado José Marcelino de Azevedo, mais uma vez terão ensejo de provar a sua coragem e a sua rara habilidade tauromaquica.

Os bandarilheiros são Teodoro Gonçalves, Jorge Cadete, Ribeiro Tomé, Daniel do Nascimento, Custodio Domingos e Malagueno.

Ha comboios a preços reduzidos.

Secção de Variedades

Pensamentos e Sentenças

A recordação é o perfume da alma; é a parte mais delicada, mais suave do coração, que se desprende dele para abraçar outro coração e segui-lo por toda a parte. O afecto por um auzente é apenas um perfume, mas como é doce! Como traz ao espirito imagens bemfasejas e adoradas esperanças!

George Sand.

A mulher é a obra mais perfeita do Universo: é ela que encerra a expressão mais genuina do sentimento humano. A mulher põe no mundo toda a poesia e toda a doçura.

O lavrador, antes de saír de casa, deve pensar no que vae fazer, e quando recolher para ela, deve recordar e assentar o que fez.

A fortuna enlouquece a quem muito favorece.

Ha muita gente que censura só para não parecer ignorante. Não sabe que a indulgencia é a prova da mais alta cultura.

C. Sylvia.

ANEDOCTAS

Na enfermaria dum hospital, uma enfermeira sacóde um doente, que résona como um bemaventurado:

— Faz favor de acordar, para tomar o remedio, que o medico lhe receitou para dormir.

Uma solteirona cáe ao rio, e um rapaz apressa-se a salva-la, gritando:

— Dê-me a sua mão, minha senhora...

— Com muito gosto, mas já falou com meu pae?

Uma creada está cortando em bocados as velas de stearina de um pacote. A dona da casa:

— O que estás a fazer?

— O que a senhora me disse.

— Não entendo.

— A senhora disse-me que para o meu quarto aproveitasse os côtos...

— E então?

— Como não havia côtos, estou a fazê-los.

Tivemos o prazer de cumprimentar em Coimbra os nossos presados assinantes e amigos, snrs. Guilherme dos Santos Pinto, artista muito habil de Verride, e Manuel d'Oliveira, acreditado farmaceutico no Alqueidão.

Agradecemos a amabilidade da visita.

A Flôr d'Abrunheira
— DE —
Joaquim de Sousa Carvalho

Fazendas de lã e algodão, ferragens, tintas, mercearia, vinhos e tabacos.

Variado sortimento de miudezas

Especialidade em chá, café, licores, etc.

ABRUNHEIRA

HISTORIA DE MONTEMÓR

(*Conclusão do trecho*)

E' provavel que o castelo, capaz de acomodar 5 a 6 mil homens,—que apezar de muitas ruinas, conserva ainda as paredes do seu recinto, com suas ameias, torres e seteiras, bem como tres cisternas ou subterraneos em seu centro, que deverão ter servido de deposito de viveres ou recolhimento aos encastelados — fôsse o começo da povoação; a qual depois se foi aumentando com a construção de edificios encostados aos seus muros, no declive que olha para o S; e muito mais depois ainda com as edificações no pé do monte; de móda que pode com muita exàtidão dizer-se, que a vila se compõe de tres diversas camadas, colocadas como em forma de trôno. Dentro do castelo ha tambem o templo de S. João, onde se diz que o famoso abade dizia missa e prégava aos seus; o de Santa Maria d'Alcáçova, que construiu o Conde de Sisnando; e o derrocado Palacio dos Reis, cuja memoria vai até D. Urraca, que o habitou.

A origem do nome é ignorada,— diz-se contudo que só se começou a chamar Montemór-o-Velho depois que D. Sancho I edificou Montemór-o-Novo. E' aprazivel e muito amêna, para o que concorrem a sua proximidade com o campo e rio, os rocios que ha dentro e junto dela, e ainda o ser atravessada pela vala, que desde a Ladroeira corre até á ponte da Alagôa, a qual, bem como a ponte junto ao Casal Novo e os chafarizes da praça, se diz serem obra do infante D. Pedro, o regente. Teve as seguintes casas religiosas: *Mosteiro de S. Bento*, dedicado a S. Martinho, e edificado pelo abade D. João, a data de cuja extinção é hoje ignorada; o de *Freiras de S. Francisco*, dedicado a Nossa Senhora de Campos, edificado por D. Izabel de Azevedo, viuva de D. João de Castro, que em 1831 foi transferido para a Quinta de Sandelgas, donde ultimamente, em 30 de setembro de 1848, as Freiras, que restavam, passaram para *Santa Clara*, de Coimbra; de *Frades de S. Francisco*, dedicado a S. Luiz, edificado pelo padre Tomé Conceiro Lobo, extincto antes de 1834; de *S. Agostinho*, dedicado a Nossa Senhora dos Anjos, e edificado por Diogo d'Azambuja.

Os seus quatro hospitaes: — de *Santa Maria Madalena*, para solteiras honradas; de *S. Pedro*, para casadas virtuosas; de *Santa Marta*, para lazaros; e de *Nossa Senhora de Campos*, para o restante, e molestias crônicas, achando-se todos hoje reduzidos a este ultimo em consequencia dos muitos rendimentos, que alguns nossos Reis lhes tiraram, já para as *freiras* de N. S. de Campos, já para os hospitaes de Coimbra.

Está situada a vila de Montemór a 4 leguas ao O. de Coimbra, 3 ao E. da Figueira da Foz, 1 1|2 ao N. da Abrunheira, 3 ao SSE. de Soure, 2 a ENE. de Tentugal, sobre os montes que bordam os extensos campos de Coimbra pelo lado do N., e no ponto onde mais se avisinham do rio Mondego. Tem 301 fogos, de 1.553 que nela havia no ano de 1715!!!

A produção do concelho são apenas a agricola e criações de gado; ha nele diversos largos e baldios, que poderiam arborisar-se, de choupos, amoreiras, etc., conforme as situações, a saber: o Largo de S. Francisco, Porto-Seão, Terreiro da Feira, ou Campozei, Corredoura, Atraz de Valas, Rocio dos Anjos, Areal, Cardal, etc.

(Extr. dum livro de 1853).

E. C.

Novo colaborador

E' um moço, o nosso novo colaborador. 14 anos apenas conta Mário Augusto da Silva, e revela já uma poderosa inteligencia. Estreia-se no *Dever*, hoje. Se não se serve da grande, da máscula frasiologia dos escritores consumados, dá ao menos esperanças e faz vêr que estuda. Não admira, pois, que lhe esteja reservado um largo futuro nas letras patrias.

Simples, quizemos conservar á sua produção toda a originalidade encantadora da fórma, para poder ser apreciado.

Bemvindo seja, e é com satisfação que o apresentamos aos nossos amaveis leitores.

Um crime em Cantanhede

A alegre vila de Cantanhede foi, na noite de 24 do mez findo, teatro dum crime horroroso que custou a vida a uma pobre mulher, gravida e em circunstancias aflitivas.

Como sempre, o ciume, sentimento que leva á pratica das maiores baixezas e dos mais repugnantes atentados pessoais, não foi estranho á triste scena.

José Batista Daniel Ferreira, fiscal dos impostos de 2.ª classe, natural de Tovim de Cima, suburbios de Lisboa, e ultimamente transferido para Figueira da Foz, tomara-se de amores com Maria Candida Capôa, natural de Cantanhede, solteira, e já mãe duma filhinha.

Juntando-se com ela, fôram para Figueira da Foz. A Capôa teve ultimamente outra filha do assassino, e ha dias, por desavenças, ela retirou para a sua terra natal. O amante, porém, julgando-a entregue nos braços doutro amante, ultimamente regressado do Brazil, foi a Cantanhede de proposito craveja-la de tiros de revolver, deixando-a morta, e disparando em si tambem alguns tiros, um dos quais o atingiu na cabeça, deixando-o ás portas da sepultura.

Removido para o hospital da vila, o seu estado é melindroso.

O assassino é casado e tem trez filhinhos menores, cuja sorte se adivinha cheia de incertezas.

A miseria, sempre a miseria!

Um passeio ao Senhor da Serra

Estava-se em Coimbra.

Um sol intenso e sufocante lançava os seus atormentadores raios, côr de oiro, sobre os forasteiros que iam ao Senhor da Serra.

Extático contemplava a passagem déssa onda de romeiros em cujas almas ia gravada uma alegria intensa e em cujos corações scintilava fulgurantemente o facho glorioso da fé.

Engolfei-me nessa onda que me conduziu á estação do caminho de ferro. Aí já outros esperavam.

O contentamento que se desenhava nésses rostos macilentos e alegres era indescritivel.

Todos conversavam animadamente, esperando a cada instante o comboio que devia já estar proximo.

Fiquei triste, pois o meu desejo era não apartar-me dêles. E assim foi. Lembrou-me de repente acompanhá-los, e lá fui tambem de romagem ao Senhor da Serra.

Ao longe surge o comboio, e um silvo estridente ressôa nos ares, aumentando de intensidade a alegria que até aí se tinha notado.

Apenas o comboio parou, uma onda de povo assaltou-o. Subi para cima duma mola para melhor poder contemplar aquele quadro interessante. Muitos cáem, aumentando o borborinho. Uma mulher gorda grita e agita os braços pedindo que a deixem, pois tem calor. O quadro agora é magnifico. Rio a bom rir.

Algumas portas das carruagens fecham-se e, passado tempo, fecham-se todas. As carruagens regorgitam de gente, ficando muitos em terra. Enraivecidos, blasfemam, enquanto os outros, que estavam dentro, com um sorriso ironico adejando lhe nos labios, fazem troça.

O mundo é assim: enquanto uns choram, outros riem.

E' dado o sinal da partida. Desço da mola e subo para uma carruagem de 1.ª classe com bilhete de .. 3.ª.

O chefe adverte aqueles que tinham ficado em terra de que se realisaria dai a 20 minutos um comboio especial. Isto serenou aqueles animos exaltados.

A viagem foi magnifica, admirando eu sempre a exuberancia da natureza que, com uma pujança admiravel, cria tão belos sêres!...

Passados uns três quartos de hora e depois de termos passado sucessivamente pelas estações de Carvalhosas e Ceira, eis-nos no *terminus* da viagem de comboio—*Trêmoa*.

Apeei-me logo para assistir ao desembarque daquela enorme multidão que, logo que sái, começa a dirigir-se para um atalho, que é pedregoso e inclinado, coberto, aqui e ali, por agulhas de pinheiro que fazem com que muitos, na ancia de chegarem primeiro, escorreguem.

Apesar do calor intenso que nos fustigava, iamos satisfeitos. De vêz em quando voltava-me espraiando a vista por extensos campos que pareciam traduzir vida intensa e encanto intraduzivel.

Como é belo, sublime, este espectaculo que nos embriaga, que nos enleva a alma numa ternura d'amôr!

Mas, contrastando com todo este surpreendente espectaculo, via-se, pela estrada acima, pobres e desgraçados, em cujas faces descarnadas a Fome, a Miseria e a Desgraça tinham deixado evidentes vestigios.

E então, desapareceu toda a alegria que me invadia o sêr, sentindo a alma invadida por tristes divagações.

Pensei porque é que aqueles desgraçados não estavam em asilos onde pudessem achar todo o conforto, toda a solicitude, toda a subsistencia

ANTIGO ESTABELECIMENTO
— DE —
Mercearia, Tabacos e Fazendas brancas
— DE —
João Antonio Rodrigues
(SUCESSORES)
Montemór-o-Velho

Nesta casa se encontra um completo sortido em assucar, chá, café, manteiga nacional e ingleza, biscoitos, bolachas, massas, bacalhau, genebra e vinhos do Porto.

Ferragens, prego de arame e de ferro, panelas de ferro, rastilho, chumbo em barra e para caça.

Fosforos e Tabacos, por atacado. Tambem vende pelos preços de Lisboa, farinha de trigo, cimento Portland, vidraça, telha de vidro e velas de cera.

Preços resumidos

para lhes minorar todo o mal que o vento da Desdita sobre eles lançou!

Será incuria, desleixo dos governos? Não; o meu pessimismo não me leva até esse ponto.

E' porque todas as suas atenções estão viradas para o campo politico, para verem qual dos lutadores terá a palma da victoria.

Seria necessario, porém, que o governo lançasse os seus olhos para o que é bom e justo, mandando fundar asilos para bem dos desgraçados e de nós, que escusamos de vêr as feridas de um, os aleijões de outro; criar escolas para que aí se formem os homens de amanhã, a quem a patria confiará os seus destinos; criar casas de correcção para que os depravados entrem no caminho glorioso do Bem, afim de ainda serem uteis e prestaveis á sua patria, que bastante precisa de homens, que a conduzam pelo caminho do Progresso.

. . . . . .

Eis-me chegado, com as minhas sorridentes moçoilas, ao Senhor da Serra, readquirindo a animação primitiva.

Em pouco tempo atravésso a aldeia e chego á egreja que, com a sua torre esguia e altiva, parece a protectora daquela pobre gente, em cujos cerebros empedernidos existe ainda o nada, pois ainda os não iluminou a luz scintilante e fulgorosa da Instrução.

A multidão, em volta da egreja, era enorme, reinando por toda a parte um grande entusiasmo. Aqui e ali se viam ranchos de rapazes e raparigas cantando e dançando alegremente ao som de guitarras e harmoniuns.

Por entre todo aquele mar de cabeças humanas, deparou-se um amigo. Trocados os cumprimentos do costume, convidou-me a subir á torre, ao que acedi da melhor vontade. Subimos ambos.

Que surpreendente e encantador espectaculo se nos ofereceu então á vista! Esse mar ondulante de verdura, que se nos patentiava tão risonhamente, era o que havia de mais soberbo.

Do cimo déssa torre, inteiramente envolvida por tão belos horisontes, ouvia-se ao longe o chilrear das avesitas, o rumorejar do lavrador que, num labor insano, anda colhendo o pão de cada dia. Ali, naquela simples mas bonita aldeia, onde se respira um ar purissimo, deve se passar uma vida cheia de prazer, de doçura e encanto, porque lá tudo é belo, tudo é sublime. não vegetando naquele meio o mal que terrivelmente alastra no seio da cidade, onde individuos contaminados por um odio feroz e dominados por paixões pútridas, perpetram os mais sordidos crimes.

Inteiramente deleitado e enlevado por esse maravilhoso panorama, não notava que já me ia tornando massador para com o meu amigo, que tão amavelmente me tinha conduzido até lá. Desci então com êle, indo depois examinar todas as obras de arte do templo, e principalmente o retabulo que, pelo seu esmêro e delicado gosto, atésta o valor artistico dos seus autores, que merecem os mais rasgados elogios. São eles os snrs. João Machado e Antonio Augusto Gonçalves, dois grandes artistas conimbricenses, cujo saber não póde ser descrito por simples palavras, ainda que elas fossem revestidas do maior brilho possivel.

Depois de ter examinado todas as obras de arte, que admirei muito, fui até á egreja, afim de ouvir alguns sermões. Assisti sómente a três.

Dois dêles mereceram os meus humildes mas sinceros elogios, porque versaram exclusivamente sobre educação e moral, o que actualmente é o mais preciso a essa gente, inteiramente analfabeta.

O outro constou sómente dumas historietas, que todos conhecem e nenhum valor representam, visto que em nada contribuem para o desenvolvimento da inteligencia déssa pobre gente ainda contaminada e absorvida pelas crenças absurdas do jesuitismo e do ultramontanismo.

E findou a festa. E assim se passa a vida.

Coimbra, agosto de 1915.

Mario Augusto da Silva.

Junta de Paróquia de Pereira

Sessão ordinaria de 29 de Julho de 1915

Presidencia, Azuil Paiva de Carvalho; vogaes, Manuel Ferreira Pereira Paralta e mais nenhum, não podendo realisar-se a sessão por falta de numero. Trinta e cinco minutos depois da hora acima referida (treze horas), ainda se conservava na sala das sessões o cidadão presidente, aparecendo nesta altura os vogaes Antonio Ribeiro de Goes e João dos Santos Torres. O cidadão presidente, ao ter conhecimento de tal facto, disse que não esperava mais tempo; que a hora da sessão era ás treze e não ás treze e meia, abandonando o seu logar sem outro motivo justificado. Os vogaes reunidos, vice-presidente Antonio Ribeiro de Goes, João dos Santos Torres e Manuel Ferreira Pereira Paralta, não comparecendo o vogal Manuel Gonçalves Pereira, por se encontrar ausente, estando aqueles em maioria, resolveram fazer sessão, tomando a presidencia o vice-presidente Antonio Ribeiro de Goes. Foi declarada aberta a sessão.

Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior. Em seguida, foi discutido qual o motivo porque abandonou o seu posto o cidadão presidente, pois não era desculpa o dizer que havia esperado meia hora e não poder esperar mais tempo, ignorando-se o motivo que o levou a cometer tal acto. O vice-presidente disse mais que, nesta sessão, não se resolvia coisa alguma. Como o cidadão presidente, á saida, disse que teriam que reunir em sessão extraordinaria, ainda aproveitou o vice-presidente a ocasião para dizer que, se aquele não fizesse o convite para a referida sessão, o faria ele, vice-presidente, por entender ser isso de necessidade, afim de se resolverem coisas várias, dando como encerrada a sessão. Resolvendo não tratar de mais nada alem do que se passou, mandou o cidadão vice-presidente lavrar a acta que, por todos os vogaes presentes e ele vice-presidente em exercicio de presidente, foi assinada, depois de lhes ser lida em voz alta pelo secretario Francisco Lopes d'Oliveira Bomtempo.

Afonso Duarte

Está veraneando na sua casa da Ereira este ilustre poeta e distinto professor do Liceu Castelo Branco, de Vila Real de Traz-os-Montes.

Apresentamos-lhe os nossos cumprimentos.

Camara Municipal

Sessão de 24 de julho

Presentes os vereadores, snrs. Tavares Lebre, J. Goes, Esteves de Barros e o substituto Nunes da Silva, secretariados pelo vereador Rodrigues Pato, sob a presidencia do snr. dr. Simões.

Lida e aprovada a acta da sessão anterior, tomou conhecimento do seguinte expediente:

Um oficio do Delegado do Procurador da Republica a responder á Camara que é o Administrador do Concelho que tem de proceder á cobrança coerciva das contribuições da Camara. A Comissão ficou inteirada e resolveu que o oficio seja presente á Camara na sua proxima sessão.

Um oficio da Administração do Concelho a acusar a recepção dum oficio acompanhado de varias certidões de relaxe e relações dos devedores á Camara, que tudo devolve dizendo que não é áquela repartição que taes documentos devem ser apresentados. A Comissão ficou inteirada, resolvendo que tambem este oficio fosse apresentado á Camara na proxima sessão.

Um oficio da Comissão Executiva da Camara da Figueira da Foz a comunicar que não tem duvida em satisfazer ao pedido da Comissão Executiva de Montemór, não podendo, contudo, determinar quando poderão ficar concluidos os trabalhos. Inteirada, resolvendo agradecer e que se peça a possivel elaboração dos trabalhos da ponte entre os dois concelhos.

Uma circular do Governo Civil a recomendar á Camara que ao abrigo do art. 83 da lei de 7 de agosto de 1913 deverá dirigir-se directamente aos Ministerios competentes e não á Direcção Geral do Ministerio do Interior. Inteirada.

Dois oficios da presidencia da Comissão Amigos da Escola, de Tentugal, a convidar o presidente da Comissão Executiva a assistir ás provas finaes dos alunos da Escola Movel da Portela. Na impossibilidade de poder comparecer o snr. presidente, que é o vereador da instrucção, resolveu encarregar de assistir e representar o snr. presidente, o vereador snr. Tavares Lebre, o que este senhor aceitou.

O mestre d'obras apresentou varias informações sobre alinhamentos pedidos e licenças.

O snr. presidente informou que na estrada que desta vila segue para o Casal Novo do Rio, no ponto que fórma uma curva para o lado do rio Mondego, entende ser de grande necessidade reparar-se a dita estrada naquele sitio. Resolveu que vá o mestre d'obras examinar a estrada e indique os trabalhos a executar.

O vereador snr. Goes disse que tencionava propor na proxima sessão d'agosto, para que a escola de Gatões fosse convertida em mixta, propondo para que fosse consultada a actual professora, para sobre tal assunto dizer o que se lhe oferecer.

O guarda campestre Figo informou a Comissão de que a Junta de Paroquia de Pereira havia mandado cortar o mato que existia no baldio de Porto Barreiro. Resolveu dar conhecimento do facto á Camara na sua proxima sessão.

Compareceram á sessão os cidadãos José Jorge Valente e irmão Antonio Ferreira Valente, queixando-se á Camara de que o professor das Means, deixa de dar aula inumeras vezes e noutras faz-se substituir por um seu sobrinho, e ainda outras abre a aula ás 6 e fecha-a ás 7 e meia. A Comissão resolveu dar conhecimento do caso ao snr. Inspector do Circulo Escolar.

O snr. presidente disse que achava conveniente haver na secretaria um livro em que se notem as deliberações tomadas com respeito aos serviços em que haja de intervir o mestre d'obras, para não haver qualquer falta nesses serviços. A Comissão concordou com o alvitre da presidencia.

O vereador snr. Lebre propoz para que o mestre d'obras proceda ao orçamento da despêsa a fasêr com o aqueduto em Formozelha. A Comissão resolveu afirmativamente.

O presidente pediu autorisação para que fossem postas em arrematação as obras de construção do pontão da Ereira, sendo anunciada por editaes. Aprovado.

Em seguida foi encerrada a sessão.

Carlos Mascarenhas

Encontra-se no Estoril, com sua ex.ma familia, este ilustre engenheiro-chefe da Repartição Tecnica da Companhia Portuguêsa, que passará naquela esplendida estação termal uma temporada, afim de refazer-se para a luta pela vida.

Cumprimentamos o distinto funcionario e nosso obsequiosissimo amigo.

CARTA DE VERRIDE

Verride, 27—8—1915

Realisou-se no dia 26 do corrente, o consorcio da snr.ª D. Natalia dos Santos Pinto, filha do nosso presado amigo, snr. Eduardo dos Santos Pinto, com o snr. Anibal da Silva Carvalho, á pouco chegado do Rio de Janeiro, onde era mestre d'obras.

Foram padrinhos, por parte da noiva, os snrs. Guilherme dos Santos Pinto e D. Berta Canais Guardado, e por parte do noivo, os snrs. Adriano Barbosa e D. Candida Barbosa.

Aos pombinhos desejamos um futuro cheio de prosperidades e de felicidades.

—— Esteve nesta vila, de visita a seus extremosos pais, o snr. Manuel de Sá Correia, irmão do nosso estimado amigo, snr. Firmino de Sá Correia.

—— Regressou ha dias da capital, a abastada proprietaria e capitalista, snr.ª D. Eugenia d'Oliveira Pinto,

Companhia de Seguros Fidelidade

Séde: Largo do Corpo Santo, 13—1.º—Lisboa

Capital emitido.	1.344:000$00
Capital desembolsado . . .	67:200$00
Reservas . . .	733:702$07,5
Prejuizos pagos	4.497:355$11

Efectua seguros maritimos e terrestres na séde e nas correspondencias.

Carta de longe

Para o Ernesto Coelho:

Escrevo-lhe bastante magoado! A saudade da ausencia faz-me um triste! Lembra-me imenso a nossa terra natal, essa linda aldeia que eu tanto adóro. Mas que fazer?

Por aqui passa-se uma vida aborrecida e bem triste, não só porque é uma cidade muito antiga, de casas todas velhas e negras da grande quantidade de neve que aqui cáe durante o inverno, como tambem por tanta desgraça que por aqui se vê!

Não imagina o numero de creaturas que constantemente passam pela rua, ora gemendo e chorando, ora tossindo e lamentando a sua triste sorte! Se visse todas estas scenas, decerto que se sentiria horrorisado!

Ah! quantos amigos aqui conheci, que fôram já para a eternidade!

Como é triste, meu amigo, vêr desaparecer tanta alma na flôr da mocidade! Vêr-se morrer tantos amigos, dizer-lhes o ultimo adeus, e ninguem os poder salvar da cruel sorte que os espera e que lentamente os faz baixar á terra fria! Quando me recorda tudo isto, os meus olhos são duas fontes copiósas que derramam constantes lagrimas! E' a saudade!

Guarda, 27 | 8 | 915.

O amigo dedicado,
Carvalho.

Falta de espaço

Por falta de espaço sômos obrigados a deixar de publicar varios e importantes artigos, do que pedimos desculpa aos seus autôres.

Editos de 30 dias

(2.ª publicação)

NO Juizo de Direito de Montemór-o-Velho, cartorio do escrivão Sampaio, no inventario orfanologico de Joaquim Rodrigues, que foi do logar do Casal do Mato, em que é cabeça de casal Maria Fernandes, viuva, do mesmo logar, correm editos de trinta dias, contados da segunda publicação do anuncio no *Diario do Governo*, citando os herdeiros Antonio Rodrigues e mulher Nazareth Simões, Manuel Rodrigues e mulher Carmina Nobre, ausentes em parte incerta no Brazil, para assistirem a todos os termos até final do mesmo inventario.

Montemór-o-Velho, 31 de julho de 1915.

O escrivão,
Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei:
Amaral Pereira.

João Antonio Rodrigues
(SUCESSOR)
Montemór-o-Velho

Correspondente das seguintes casas:

Banco Comercial de Lisboa, Banco do Minho, Banco Comercial do Porto, Banco Aliança, Banco Economia Portugueza, Banco Nacional Ultramarino, Companhia de Seguros *A Internacional*, Crédit Franco-Portugais, J. M. Fernandes Guimarães & C.ª, Pinto da Fonseca & Irmão, J. M. Espirito Santo Silva, Borges & Irmão, J. H. Tota & C.ª, e Orey, Antunes & C.ª.

HOSPEDARIA DO PAÇO DO CONDE
— DE —
JOSÈ DOS SANTOS
Rua Adelino Veiga, 36 a 40 — Rua do Paço do Conde, 10
COIMBRA

Vinhos, comidas e tabacos.
Recebem-se comensais por preços modicos.
Camas para pernoitar.

Esta casa, com a transformação por que acaba de passar, melhorou consideravelmente todos os seus serviços, achando-se habilitada a receber hospedes de qualquer categoria, oferecendo-lhes comodidades por preços baratos. Esmero e prontidão no serviço de meza, para o que tem pessoal competente.

O mesmo proprietario negoceia em cereais e legumes de todas as qualidades, tais como farinhas, semeas, batata, castanha, palha enfardada, cordas e adubos quimicos.

Rua Adelino Veiga — 44, 48

O seu armazem é já muito conhecido.

Telefone 379.

AGUA DE LUSO (Medalha d'ouro, Madrid 1913.) Cura pela Diurése

(ESTABELECIMENTO TERMAL E HOTEIS ABERTOS TODO O ANO)

A mais diurética e mais digestiva. Aumenta a diurése, regularisa as funções digestivas e ativa os fenómenos nutritivos

Muito radioativa—4,49 miligramas—minutos
Muito ionisada, resistividade a 18° 18300 ohms
Muito rica em gazes raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotonica, ponto criospico 0°,04

} Conclusões da analise feita pelos distintos professores Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitissimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tifico

USO EXTERNO—Molestias de pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc.), reumatismo e gôta.
USO INTERNO—Artritismo, impaludismo, neurastenia—Albuminuria, diabetes—Intestinos, estomago—Rins—Bexiga.

Depositos — **LISBOA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 428. FUNCHAL, José Quirino de Castro, rua dos Murças. AFRICA ORIENTAL: Oswald Offmann. BEIRA: F. L. Simões & C.ª. LOANDA: Beltrão, Pena & C.ª**, e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositarios nas terras onde ainda os não haja.

Portugal Previdente

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima — Responsabilidade Limitada

Capital **UM MILHÃO** de Escudos

SÉDE — RUA DO ALECRIM, 10 — LISBOA
N.º Telef.—1849 End. Teleg.—VIDA

Seguros contra incendios de predios, fabricas, etc.
Seguros de estabelecimentos e mobiliarios.
Seguros agricolas de ceáras, eiras, palhas, arvoredos, etc.
Seguros de maquinas e utensilios de lavoura.
Seguros contra incendio proveniente de gréves e tumultos.
Seguros de transportes maritimos e postaes.
Seguros contra roubo de habitações e estabelecimentos.
Seguros contra fraude de empregados.
Seguros contra a quebra de cristais.
Seguros de vida, pensões, dotes e reformas.
Seguros contra acideute de trabalho.

Agencias em todas as terras importantes do paiz, ilhas e colonias.
Sucursal no PORTO — Rua Passos Manoel, 21.

BANQUEIROS—**Borges & Irmão**—Porto e Lisboa

Antonio Pereira de Carvalho

Proprietario dos Grandes Armazens de Bicicletas, Maquinas de Costura, Pianos e toda a qualidade de acessorios.

A maior e mais antiga casa no genero

Oficina para todos os concertos, afinações e reparações em bicicletes, motocicletes e maquinas de costura.

Artista mecanico habilitado.

Vendas, alugueis e trocas.

Preços sem competencia

34—Avenida Navarro—36

(Estrada da Beira)—COIMBRA

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem deposito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se tambem de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fóra de Coimbra

FABRICA DE CAL

Cal fina e grossa, fornece-se em muito boas condições. Preços modicos, sobre o wagon, no caminho de ferro e nos proprios fornos.

Agente de telha tipo marselha e tijolos de todos os formatos, da fabrica Lacerda, Figueiredo & C.ª Limitada, da Pampilhosa.

Pedidos a

Joaquim F. Coca Junior
Zambujeiro—Arazede

AOS AGRICULTORES

Estão proximas as sementeiras de nabos e cereais, e por isso previno todos os meus estimaveis freguezes que façam novas encomendas de **adubos quimicos** e **organicos**, da acreditada casa Varela Leal & C.ª, das Varzeas, os quais se encontram á venda em minha casa, no **Casal do Gaio — Arazede.**

Manoel Monteiro Godinho.

Companhia de Seguros A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz

Antonio d'Oliveira Guerra

RUA DA REPUBLICA, 84

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legitimos acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de fórma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamavel, isca em cordão vendida fraudulentamente a titulo de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva acção civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa a Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalisação para procederem ás necessarias diligencias. Dirigir-se pessoalmente ou por carta á Companhia Portuguêsa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS MELO & MARTINS

PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada

PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiencia dos nossos adubos, devido ao seu magnifico resultado os adoptarão de preferencia a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

SEGUROS CONTRA INCENDIO

incluindo riscos de explosão de gaz e raio.

Seguros contra incendio cobrindo tambem os riscos de gréves ou tumultos (portaria de 14 de Março de 1914).

SEGUROS CONTRA INCENDIO cobrindo ainda os riscos de guerra (portaria de 30 de Novembro de 1914).

Unica companhia autorisada a segurar os riscos de guerra nas apolices de incendio

Seguros contra incendio e roubo E' tambem A MUNDIAL a unica Companhia autorisada a emitir uma apolice cobrindo os dois riscos.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital — Esc., 500:000$
(500 contos)

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmão
Praça da Liberdade, 138 — Telefone 1459

Agencias e Delegações em todo o paiz, ilhas e colonias.

Restaurante Ferro-viario ALFARELOS

ESTE bufete, um dos que melhor servem o publico que transita nos comboios, acha-se situado na estação do caminho de ferro de Alfarelos. Fornece almoços, jantares e *lunchs* e toda a qualidade de refeições, por preços comodos. Tem pessoal habilitado, tanto em cosinha como em sala de mesa. Tudo se encontra com esmero e perfeição.

Fornece comida para fóra, e presta se a servir em casamentos, batisados, etc., desde que seja prevenido com antecipação.

O proprietario, **Artur de Oliveira Coelho.**

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro
PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex.mos passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.

Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA

Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.
PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações
Deposito das afamadas aguas de Luso.

Guilherme dos Santos Pinto & Irmão

COM

OFICINA DE CANTEIRO

Encarregam-se de jazigos de toda a especie e todo o serviço concernente á sua arte.

Tambem executam todos os trabalhos que digam respeito a *Plantas, Alçados, Copias, Projectos e orçamentos de edificios, edificações, etc.*

Montemór-o-Velho=Verride

Biblioteca da Universidade

Ano 4. Coimbra Montemór-o-Velho, 12 de Setembro de 1915 N.º 186

DIRECTOR, PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR
Almeida Junior

SECRETARIO DA REDACÇÃO E EDITOR
Abel M. de Melo Brandão

REDACTOR PRINCIPAL
Mário Augusto Mota

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguêsa

Pátria e Humanidade

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Dr. José Galvão
MONTEMOR-O-VELHO

DIRECÇÃO:—COIMBRA
(para onde deve ir a correspondencia)

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. Silva (a vapor)—AVEIRO

Ao professorado primário do meu país

Uma lei absurda.—O desprêso pela nossa classe.—E' necessario erguermo-nos.—Quando acordaremos?

Longe dos grandes centros, vendo a nordeste a Marofa com os seus pinheiraes descendo ingremes encostas, estendendo-se a norte a Lapa de escalvada penedia, e recebendo ainda o ar gélido, mas puro, da nossa Estrela, cujos frios já começam a sentir-se, um tanto impregnados daquêle gêlo que só ela sabe conservar, só tarde me chegam as noticias do que se passa por esse mundo além. Vivo, portanto, um pouco alheio a todos os movimentos, de qualquer naturêsa que sejam; o mundo está para mim quasi sintetisádo no que me cerca. Por isso é provavel, senão certo, que alguns colegas já tenham conhecimento do que vou dizer-lhes.

Não desconhecem o projecto da classificação de terras do snr. Tomaz da Fonseca, apresentado por este senhor á apreciação do Senado na ultima legislatura. Pois sempre chegou a passar; e para ser lei falta só a aprovação da Camara dos Deputados. Para melhor ser estudado não me furto á curiosidade de dar-lhe publicidade. Por esse projecto haverá 4 categorias de terras, sendo consideradas terras de 1.ª ordem as sédes dos concelhos assim classificados para os efeitos administrativos, as capitais de distrito e as povoações de mais de 8:000 habitantes; de 2.ª ordem as sédes de concelhos classificados de 2.ª ordem e as localidades de mais de 5:000 a 8:000 habitantes; de 3.ª ordem os concelhos dessa categoria e as localidades de mais de 1:500 a 5:000 habitantes; de 4.ª ordem as demais terras.

Depois da promulgação desta lei, nenhuma nomeação de professor se fará, pela primeira vez que entre para o ensino primário público, senão para localidades de 4.ª ordem. Nenhum professor poderá concorrer a escolas de terras de ordem superior áquela em que estiver servindo, sem haver exercido o magisterio em terras de ordem inferior, durante 2 anos em cada uma das 3 ultimas ordens. Os professores poderão concorrer, contudo, a escolas de localidades de qualquer das ordens superiores áquelas em que estiverem exercendo o magisterio, desde que contem o tempo de serviço necessario para nela poderem ser colocados, seja qual fôr a ordem da terra em que se encontrarem. Os professores poderão concorrer tambem a escolas de localidades de ordem inferior áquela em que tiverem servido, desde que contem ali, pelo menos, um ano de serviço, e sem prejuizo das garantias de que estiverem gosando. Manteem-se ainda as 3 classes com o aumento de 60$ em cada classe, devendo, porém, este aumento ser concedido *apenas* em 1 de janeiro de 1917, *se se verificar que o Estado póde cobrir o «deficit» dos municipios, onde o houver*. Não é proíbido no entanto que os municipios aumentem os vencimentos aos professores, se a sua situação economica fôr desafogada.

A jurisdição disciplinar dos professores e demais funcionarios de instrução primária será a estabelecida no decreto com força de lei, de 29 de março de 1911, o decreto regulamentar de 23 de agosto de 1911 e regulamento disciplinar de 22 de fevereiro de 1913.

Contém ainda disposições bastante humilhantes, como a que limita as atribuições dos delegados paroquiais ao especificado no art. 68 da lei de 29 de março de 1911, e outras mais ou menos justas, como as especificadas nos §§ 3.º e 4.º do art. 9:—Quando dois conjuges concorram a escolas da mesma povoação ou de povoações que não distem entre si mais de 5 quilómetros e desde que um deles deva ser provido, o outro terá preferencia sobre todos os demais concorrentes em igualdade de circunstancias, e será igualmente provido. Da mesma fórma se procederá quando um dos conjuges concorra a escola na povoação em que o outro já esteja provido, ou em povoação que desta não diste mais de 5 quilómetros.

Não sentistes, presádos colegas, um frémito de indignação e de revolta, e não esboçastes um gesto de censura perante tal projecto? Eu francamente senti invadir-me o espirito um misto de odio e de revolta, desejei nunca ter sido mestre-escola, não porque a nossa missão seja baixa, pois considero-a a mais nobre de todas, mas porque vejo o desprêso, e por vezes acompanhado da mais pungente ironia, a que os poderes publicos, os paes da Pátria, votam tudo o que se prende com a nossa classe.

Sobrecarregados de trabalho vamos esperando, e... em 1917, *se se verificar que o Estado póde cobrir o «deficit» dos municipios*, farse-nos-ha alguma justiça.

Ha nada mais ironico que isto? Não, positivamente. E como este, que em breve será lei, quantas portarias, decretos... e não sei que mais, não teem sido publicados desde 5 de outubro de 1910?

E nós sempre arrastados pela ilusão!

Quando chegará o desengano que nos ha-de acordar?

Prof. José Nunes Bento.

CRÓNICAS COIMBRÃS

Ha dias numa das suas habituais *râfles*, a policia de Lisbôa arrebatou para os negros antros dos seus calabouços um rapazito de dez anos, que, num dado momento, espancando a sombra tragica das incertezas da vida, desprendeu de subito uma voz purissima, entoando, na vaga melopeia do fado, as melancolicas saudades dum coração que ainda não viveu e já sofre.

Parou a algazarra das obscenidades e dos insultos trocados, como estilhaços de amargura e colera, entre a população abjecta que se amontôa no vasadouro policial, a turba dos serventuarios da ordem, orgulhosa da insensibilidade granitica do coração e da não menos granitica rudeza do intelecto, abeirou-se do carcere nauseabundo, e durante um largo espaço de tempo a voz do pequeno vagabundo fez perpassar em todo o ambiente poluido de tal antro um perfume de idealidade, purificado no canto e divinisado na harmonia.

Lembram-se daquele boemio que Jean Lorrain descreveu, desgrenhado, de guitarra em punho, lançando aos ares, em gritos de agonia e prazer, os seus canticos de paixão, coados pelos ferros de uma masmorra? Dir-se-hia que, como esse boemio, que era afinal de contas o proprio Amôr, o rapasito apanhado nas redes policiais zombava das grades do calabouço em que uma sociedade cruel o enjaulára, subjugando, como um domador, com a abrasada harmonia do seu espirito, a matilha feroz que imaginára prender um criminoso, e engaiolára uma ave.

O infantil cantor triunfou. Não foi possivel continuar mantendo encarcerado esse livre rouxinol das ruas que a si proprio se salvára, encontrando na magia do seu canto a chave da liberdade. Mas, segundo leio, pretendeu-se ainda transferi-lo da prisão, metendo-o numa dessas penitenciarias para uso da infancia a que se dá o nome de Oficinas de S. José. Mas entoêmos hossanas á Providencia dos vagabundos, mais cheios de sol na alma do que pão no estomago!

O rapasito fugiu, a voz sonora recuperou a ilimitação dos espaços, e a Rua, como uma boa mãe, acolheu de novo no seu seio o filho perdido como a floresta se alegra quando volta a habitar as suas ramarias densas o passarito implume que já julgava perdido para ela.

Não se fez ainda a bala que hade fulminar este gavroche sensivel e aventureiro. Reconquistou-o a liberdade, o que mesmo é dizer que se efectuou uma justa e natural restituição. Crianças, como esse pequeno evadido, não teem outro destino que não seja a boemia ou a morte. Menor crime seria eliminá-lo do que transformá-lo. Aniquilar uma existencia é menos barbaro do que deformar um espirito.

Que viva e cante, á mercê do Deus Acaso, o pequeno cantor das ruas! Que siga, como uma folha que o vento impele, ou como um som que atravessa os ares, aquilo a que Catulle Mendés chama o itinerario das brisas. Onde chegar ha de florir e cantar, e tendo-o feito, cumprirá a sua missão na terra, porque a mocidade tem o privilegio de, florescendo, embalsamar a vida, e, cantando, resgatar a dôr.

Estás nas mãos do Destino, criança, bem melhor entregue do que ás garras da policia!

Quaisquer que sejam os tremedais em que possas cair, terás sempre azas com que subas acima dêles, enquanto a misteriosa poesia que te banha a alma continuar a insuflar-te na garganta a harmonia dum canto e a acender-te no olhar um clarão de esperança.

Coimbra, 1915.

Mario Simões da Silva.

Um belo acto de solidariedade humana

Ha dias, eu e alguns dos melhores habitantes de S. João do Campo, enviámos ao ilustre Presidente da Comissão Executiva da C. M. de Coimbra o seguinte oficio:

Ex.mo Snr.

Temos o grande prazer de comunicar a V. Ex.ª que, pelas 12 horas do dia 22 do corrente, quando varios rapazes, deste logar, se banhavam num poço enorme, junto ao Arco Grande, um rapazote, mais atrasado em natação, morreria indubitavelmente afogado, se um companheiro, de nome Joaquim Marques Serêm, filho de Adriano Marques e de Felicidade Serêm, de 16 anos de idade, não tomasse expontaneamente o humanitario encargo de o salvar. E, apesar de serem 6 companheiros nesta perigosa brincadeira, só este se encontrou na hora do perigo a seu lado.

Como casos desta natureza são raríssimos nesta aldeia, atrasadissima em materia de educação civica, nós, satisfeitos com o procedimento do pequeno salvador, e como incentivo a futuros actos de solidariedade humana nesta povoação, temos a honra de pedir a V. Ex.ª para conferir qualquer premio pecuniario ao referido Joaquim, ou dar-lhe qualquer publico testemunho de apreço por parte da ilustre colectividade, á qual V. Ex.ª tão conspicuamente preside.

Saude e Fraternidade.

S. João do Campo, 28 de Agosto de 1915.

* * *

O conceituado comerciante daqui, snr. Antonio Laidley Guedes, sempre pronto a estigmatisar o êrro, como a exaltar a virtude, foi, talvez, a pessoa que mostrou maior entusiasmo na propaganda deste acontecimento, e quiz para si a honra de enviar o oficio ao seu destino, acompanhando-o dalgumas palavras suas.

A resposta do Ex.mo Presidente não se fez esperar, e é do teor seguinte:

Ill.mo e Ex.mo Snr.

A heroicidade desse rapaz, que, em idade tão juvenil, praticou actos de tão comovente dedicação cívica, merece as mais sinceras homenagens.

A Camara fará o que lhe fôr possivel, e creia V. Ex.ª, com a maxima boa-vontade.

Agradeço as palavras de V. Ex.ª, e creia-me

at.º, ven.or, obg.º

1915—Agosto—31.

Silvio Pélico.

* * *

A convite do snr. dr. Silvio Pélico foi, pois, o pequeno Joaquim na quinta-feira passada a Coimbra para ser premiado pelo seu acto heroico, em sessão camararia.

Este facto foi ignorado por quasi todas as pessoas que se interessavam pelo rapazinho, razão porque não assistiram ás homenagens da ilustre Camara de Coimbra.

O autor destas linhas que, por acaso, a elas assistiu, vai, portanto, informar os habitantes de S. João do Campo do que de belo e comovente se passou.

A certa altura da sessão o Ex.mo Presidente mandou chamar todos os empregados da Camara; e, na sua presença (o que deu maior brilho ao acto) disse, pouco mais ou menos, o seguinte:

Menino! O acto que tu praticaste é nobre e digno de louvor. Com o sacrificio da tua propria vida, porque podias morrer, salvaste um teu companheiro de morte certa. Aprecio muito as boas qualidades com que Deus dotou a tua alma generosa, e desejo que as fortaleças cada vez mais pela instrução e educação.

O premio que vou dar-te pouco vale, materialmente; mas tem um grande valor pela alta significação moral que traduz. Não deves esquece-la. Pratica sempre o bem, sem te importares que alguem veja para te elogiar ou premiar. Pratica-o simplesmenie para satisfazeres a tua consciencia de menino bondoso, que és. E, se procederes sempre assim, alguem, sem tu mesmo dares por isso, apreciará a tua bondade e fará justiça ás tuas boas qualidades, como agora aconteceu com os teus amigos e conterraneos.

Adeus! Que sejas muito feliz.

Estas ultimas palavras foram acompanhadas com um ósculo fraternal e carinhoso, deposto solene e enternecidamente na fronte do rapazinho.

Em seguida o snr. Alberto Camarada Cortesão, digno vereador da referida Camara, e aqui residente, agradeceu, em nome do premiado e dos sinatarios do oficio, o valioso premio oferecido, e, sobretudo as palavras comovedoras e justas que sua Ex.ª proferiu.

* * *

Que este facto honroso para todos que nele colaboraram sirva de salutar exemplo aos que não tratam de se aperfeiçoar moralmente, antes primam em se fazerem temidos pelas suas *façanhas* improprias dos tempos atuais.

S. João do Campo, 5.

P. de C.

Esteves de Barros

Esteve em Coimbra, regressando já ao seio da familia, este nosso prestimoso amigo e um dos mais certos cooperadores do nosso jornal, que lhe deve já inumeras provas de sincera e desinteressada amisade.

Cumprimentamo-lo.

ALMA JUSTA

Boa, santa mulher! divina creatura!
alma justa, alma honesta, amando a honra, o dever!
— da familia estremosa, ela tinha a ventura
de afeição igual em todos merecer!

Duma idade avançada... e na madeixa escura
nem um fio sequer prateado a romper!...
— não provaria assim: — alma simples e pura,
serena a consciencia... em paz, até morrer?!

Não lidava já, não; mas era cuidadosa,
aconselhava ao bem; e sofria, bondosa,
resignada, a velhice, — a mais acerba dôr!

E por isso, chegada a hora derradeira,
a viram partir, sim, com magua verdadeira,
embora indo gosar as mercês do Senhor!

Montemór-o-Velho, Setembro de 1915.

J. Neves.

Crónica de Lisbôa

O tenente Aragão, que em Naulila se bateu como um verdadeiro heroi, recusou a recompensa justa que o Parlamento sancionara unanime, alegando que, o seu acto como soldado portuguez, representou, simplesmente, o cumprimento de um dever.

Esta isenção puritana, num paiz onde toda a gente quer ser adulada e recompensada por ter cumprido o seu dever, onde a multidão ignorada recorre ás gazetas para que se frise um acto mesquinho, banal, dá-nos a impressão nitida que neste cantinho cheio de luz e de poesia ainda existe quem o honre e quem se sacrifique pelo seu bom nome.

Aragão é, para nós, duas vezes heroi. Combatendo pela honra e pelo nome de Portugal, levantando o nome do seu paiz com a sua coragem, fez frente á horda selvatica e numerosa que queria calcar uma bandeira, se não poderosa, ao menos respeitavel.

Não fazemos a apologia das guerras nem podemos incensar herois, mas, o seu gesto nobre, declinando honras e furtando-se a apoteoses, convence-nos, porem, que Aragão é um caracter. Entre os factos chãos de banalidade, justo é, que se ponham em relevo os que ultrapassaram os limites do comum.

E Aragão intemerato e audaz, avançou soléne e de fronte altiva, emquanto outros, a quem esquecera o heroismo nas paradas dos quarteis, batiam numa retirada que, por amor proprio, queremos classificar de prudente.

Aragão avançando não teve em mira nem a recompensa, nem a pretensão de patentear vaidades — cumpriu o seu dever militar.

Mas cumpriu um dever, quando outros que deviam faze-lo mostravam a solaria das botas numa corrida tão extensa e tão intensa que os homens de *sport* declaram admiravel, achamos alguma coisa.

Talvez que estes notabilissimos cavalheiros quizessem comprovar aos *boches* o nosso progresso na industria de costumes...

Se as qualidades de guerreiro se não patentearam, sirva-nos como premio de suprema consolação, a prova de resistencia dada pelos pedestrianistas nas inospitas paragens africanas.

Estão, naturalmente, indicados para representarem Portugal nas futuras corridas da Maratona...

Quem assim *bate em retirada*, deve ser o percursor do renascimento sportivo portuguez, e, evidentemente, impõe-se a uma consagração. Lá fóra no estrangeiro, e em Portugal mesmo, está de ha muito assente que somos uma raça definhada, e os estilistas, sempre em busca de frases, conseguiram descobrir nos nossos globulos sanguineos, uma composição de capilé e assucar. De vez em quando, não se rebuçam para atirar ao povo a frase consagrada, zombando da sua resistencia e da sua força e quando este nega o facto pedem-lhe provas autenticas.

Na historia contemporanea não se encontravam provas que servissem de argumento concludente. Apontavam o passado mas os detratores sorriam. Era sabido! Os Gamas, os Castros, os Albuquerques fortes eram sediços exemplos. A evocação do passado nada comprovava, a nossa historia narrava heroismos em todas as paginas, sabia-se. Nesse tempo havia sangue de globulos vermelhos, puro, mas, agora...

Comprovassem que o capilé não o tinha substituido, tornando-nos inertes, sem resistencia, guerreiros de opereta, muito empenachados, exigindo novos fardamentos em cada trimestre, até que a plastica varonil ficasse demonstrada!...

O povo remoía a afronta e passava o tempo na descoberta de argumentos opostos mas nada achou com que pudesse sacudir o labeu maldito.

E ficou assente a existencia de capilé no nosso sistema de circulação.

No entanto surge o *incidente* — o simulacro da Maratona nas plagas africanas — e reconhece-se que Portugal era um povo forte que possuia campeões capazes de bater um *record*.

* * *

Ridendo castigat...

Espicaçamo-nos para rir sem que o consigamos. Pretendemos gargalhar e temos de limpar lagrimas. Está de luto o coração.

E no entanto a consoladora certeza de que temos herois autenticos, capazes do sacrificio, representantes dessa pleiade historica que apontamos, com orgulho, nas horas de desfalecimento, devia alegrar-nos a alma, devia fazer-nos sonhar um futuro sem pessimismos, sem negrumes.

Mas o coração bate intranquilo, a alma suspira, e, por vezes, sacode-os uma revolta intima.

Ha quem envergonhe um povo, ha quem enlameie uma tradição, ha quem lance ao pelourinho do escarneo uma bandeira gloriosa!

E são, precisamente, aqueles que não deviam, que não podiam faze-lo! Concedemos, ainda, que o camponio rude, que o aldeão ignorante, amando desde creança o campanario da sua egreja e o bucolismo dos seus ribeiros e dos seus campos, retroceda ingloriamente, e em momentos amargos sonhe com a tranquilidade de uma vida sem ambições, consagrada ao amôr e ao trabalho; concedemos ainda que vacile e trema o chefe de familia, que, acidentalmente, o acaso torna um guerreiro; o que admiramos é o desplante inqualificavel, irrisorio, de se armar em Napoleões — bicorne ao lado, olhar austero, dedos no dolman — meia duzia de frangainhos que deviam, simplesmente... dormir, dormir!

D. L.

Dr. Mário Simões da Silva

Retoma hoje o seu posto nas colunas do nosso semanario este apreciavel jornalista, que ha quasi 3 anos se havia afastado de nós por motivo d'afazeres complexos. Fazia falta nesta casa tão inteligente camarada, que sabe dar aos seus escritos uma fórma interessante e moralisadora.

Bemvindo seja.

As cartas duma infeliz

Meu caro Leopoldo:

Como tu costumas lêr tudo, é provavel que te não escapasse aquela correspondencia do Vidago Pálace, publicada no *Janeiro* de quinta-feira, em que se diz que, para o brilhantismo duma festa ali realisada, muito contribuiu a «beleza das senhoras e o **LUXO** das *toilettes*».

O Vidago Pálace Hotel continua sendo «uma instalação de *élite* e elegancia, **ONDE UMA VIDA DE LUXO** se casa com os habitos da fina educação».

Vê tu, Leopoldo! E ainda ha pouco, tossindo e contorcendo-se com dôres, ali passou em baixo, pelo braço da protetora, uma criancita tuberculosa em ultima *etápe*. Pae e mãe fôram-se, ha anos, levados pela morte, tambem arrastados pelo terrivel bacilo. Deixaram dois filhos, entregues a almas caridosas.

Mas eu vi bem, e ainda conservo essa impressão dolorosa, que as pessoas encarregadas de velar por eles, não os tratam com o indispensavel carinho nem com a solicitude duma mãe amiga. São, coitados, como que um pezado encargo no orçamento já definhadissimo dos protétores.

Depois, os afagos da familia, os beijos da nossa mãe são meio alimento para o nosso corpo e alimento completo para a nossa alma.

Ao vêr o pobrezito que tossia e caminhava contorcendo-se com dôres, lembreime logo da vida de **LUXO** que no Pálace Hotel do Vidago passam os aristocratas, gastando superfluamente, como que atirando fóra o que tanta falta faz a desgraçados como aquele que ha pouco passou ali em baixo levado aos encontrões pelo braço da protétora forçada. Não era filho; e tu bem vês, meu amigo, que a vida está muito cara e ninguem se importa de acudir a quem precisa.

Não são como tu e como eu que, apesar de pobres, socorremos, sempre que ha oportunidade, uns e outros.

Ao lêr a noticia do *Janeiro*, eu não contive uma indignada exclamação.

Conto-te isto, porque bem sei que tu aprecias coisas assim. E, na tua qualidade de livre pensador, tira agora as conclusões e dize se esta sociedade pervertida não tende a afundar-se cada vez mais...

Adeus. Tua, *Iréne.*

A Flôr d'Abrunheira

— DE —

Joaquim de Sousa Carvalho

Fazendas de lã e algodão, ferragens, tintas, mercearia, vinhos e tabacos.

Variado sortimento de miudezas

Especialidade em chá, café, licores, etc.

ABRUNHEIRA

CARTA

Temos em nosso poder uma extensa carta do snr. Juvenal Paiva de Carvalho, de Pereira do Campo, e copia doutra carta dirigida ao snr. administrador do concelho, a proposito da nomeação do regedor da sua freguezia, que é um reconhecido inimigo das instituições.

O snr. Juvenal de Carvalho pedenos a sua publicação, mas nós não pudémos atende-lo neste numero por falta absoluta de espaço e por nos ter chegado tarde ás mãos.

Horas d'insónia

«E' um dever de Caridade consolar os tristes. Mas eu, que sou triste desde criança, sinto-me incompetente para dar alegria aos outros».

Com efeito, a morbidez espiritual, que aflige hoje a maior parte da humanidade, é já uma doença em voga, que contamina.

As almas estão hoje, como nunca, preparadas para a Dôr.

A's vezes, numa gargalhada estridente, mordaz, expansiva, está envolvida uma enorme tristeza. Já o poeta dizia que as mães riem muitas vezes com vontade de chorar. O proprio Eça, aquele Eça divinal dos tempos idos, não sabia senão rir a bom rir quando a sua alma trasbordava de pesar.

E essa doença contagiosa da timidez e da tristeza veio vindo, de geração em geração, insuflada por dubios doutrinarismos oriundos de espiritos simples e fracos, e de religiões cujo credo era o médo supersticioso, muitas vezes a imposição brutal sob promessas terroristas e factos desumanos.

Recortei ao acaso, duma carta toda sentida e toda perfumada de bondade e de ternura, a frase entristecida que encima estas considerações.

Não a poude lêr sem uma lagrima de comiseração. Reviver anos atraz, muitos anos volvidos é, para mim, um ideal de sacrosantas virtudes. Vejo, atravez do tempo, passar todo o brilhantismo apetecivel do sol da minha vida, que está quasi a atingir o meio dia, se o seu ocaso, se a escuridão da noite chegar um dia para mim, ai assim aos 60 e pico. E nas mesmas circunstancias se encontra a criatura amavel que se «sente incompetente para dar alegria aos outros, visto que é uma triste desde criança».

ALMEIDA JUNIOR.

Camara Municipal

Sessão de 31 de julho

Presentes os ilustres cidadãos vereadores vogais Tavares Lebre, J. Gois, Esteves de Barros e substituto J. Nunes da Silva, secretariado pelo vogal Rodrigues Pato, sob a presidencia do ex.mo dr. Simões.

Lida e aprovada a acta da sessão anterior.

Em seguida tomou conhecimento do seguinte expediente:

Um oficio do presidente da Comissão dos Amigos da Escola, da vila de Montemór, a convidar o presidente da Comissão Executiva para assistir ás provas finais dos alunos da Escola Movel do Moinho da Mata, no dia 1.º d'agosto. Na impossibilidade do presidente poder comparecer, delegou no digno vereador Esteves de Barros.

Uma circular do presidente da Comissão Viticultura Duriense do Pezo da Regua, a pedir á Camara que tome na devida consideração o telegrama que por intermedio do Administrador lhe enviára. Informou a presidencia que não tinha recebido telegrama algum, resolvendo que seja presente á Camara a dita circular na proxima sessão.

Oficio do Engenheiro-chefe do Serviço da 3.ª Secção da 2.ª Direcção dos Serviços Fluviais e Maritimos, a dizer que póde a Comissão mandar construir o frontão na Ereira, sujeitando se ás indicações daquela Direcção. Inteirada.

Dito da Inspecção do Circulo Escolar da Figueira da Foz, a dizer que para se proceder ao inquerito ácêrca do professor das Means, lhe mande os nomes das testemunhas. A Comissão mandou intimar os queixosos para virem entregar o rol das testemunhas, e depois dar conhecimento ao Inspector.

Dito do Automovel Club de Portugal acusando a recepção do oficio e agradecendo a coadjuvação da Camara na obra do interesse publico. Inteirada.

Foram presentes varios requerimentos de interesse particular.

Foi presente um requerimento do guarda Baptista a pedir atestado do seu comportamento moral e civil e o modo como tem desempenhado os deveres do seu cargo. A Camara, na fórma legal, atestou o seu bom comportamento e que tem desempenhado com regularidade os deveres dos seus cargos que tem servido.

O mestre d'obras apresentou diversas informações sobre alinhamentos e licenças pedidas. Foram aprovadas na forma da lei.

Em seguida o presidente disse que era doloroso confessar que o estado da vala da vila é uma sentina publica, e tal como está não póde continuar, mas que não era por falta da Comissão Executiva ter instado com pedidos ao ministro do Fomento e á 2.ª Direcção dos Serviços Maritimos e Fluviais. A Comissão resolveu novamente oficiar ao ex.mo Governador Civil de Coimbra para que empregue o seu valimento a favor da limpeza da vala referida.

O guarda Figo comunicou á comissão que a Junta de Paroquia de Pereira fez venda de todos os matos existentes nas bordas das estradas, matos que sempre foram vendidos pela Camara. A Comissão ficou inteirada e resolveu dar do facto conhecimento ao ex.mo Governador civil.

O presidente apresentou o 3.º orçamento suplementar ao ordinario do corrente ano. A Comissão, devidamente inteirada, aprovou-o plenamente.

Foi presente o balancete semanal acusando um saldo de 2:050$00 na Caixa E. Portuguesa e de 617$84 na tesouraria municipal.

Autorisou e mandou pagar varias despesas. Em seguida foi encerrada a sessão.

HOSPITAL

Ha muito que neste estabelecimento de caridade, um dos primeiros do distrito, se fazia sentir uma grande falta — a canalisação d'agua.

Pois, devido aos esforços da ilustre mesa, acaba de ser preenchida essa lacuna, com a construção dum grande deposito em cimento armado, que, não só abastece optimamente todas as dependencias do edificio, mas fornece a agua necessaria á rega do jardim.

Toda a mesa trabalhou de boa vontade para levar a cabo este grande melhoramento, mas são dignos de registo os esforços empregados pelos snrs. José Luiz Ferreira Galvão, provedor, padre Francisco dos Santos Pimenta, secretario, e Antonio Cardoso Mota, antigo mesario, actualmente secretario de finanças no Sardoal.

Todas as pessoas que teem ido vêr esta obra, são unanimes em tecer os maiores elogios ao snr. Benedito Galvão, pela forma magistral com que dirigiu os trabalhos, provando, assim, mais uma vez, a sua alta competencia e o desejo de ser util á sua terra natal.

Carta da Abrunheira

8—9—915.

Em goso de licença, encontra-se aqui com sua ex.ma esposa, o snr. dr. José Elisio da Gama Regalão, integerrimo juiz da comarca de Aveiro.

— Tem passado incomodado de saude, o que deveras sentimos, o snr. Manuel Bátista da Costa, habil farmaceutico em Verride.

Rapidas melhoras é o que sinceramente lhe desejamos.

— Na sua casa, que aqui possui, encontra-se, já ha dias, a esposa e filhinhos do snr. major José Augusto Ferreira Lopes, director da Companhia Central Vinicola de Coimbra.

— E' aqui esperado por estes dias o snr. Henrique Nunes Neves da Costa, que vem gosar um mês de licença disciplinar, que lhe foi concedida pela sua promoção a aspirante a oficial de cavalaria.

— Fizeram exame de instrução primaria do 2.º grau em Montemór-o-Velho, os meninos: Antonio Rodrigues, distinto; João Pedroso, José Aires, José Pires e José Monteiro, bons, todos alunos da professora oficial desta localidade, a snr.ª D. Aida da Fonseca Mota. A todos, os nossos parabens.

— Para Tortozendo, partiram ha dias o snr. Joaquim Jorge da Silva, acompanhado de sua ex.ma esposa e moça.

— Tambem fez exame do 2.º grau em Soure, o menino Diamantino Ferreira Pinto, filho do snr. Joaquim Ferreira Pinto, importante proprietario e industrial na Amieira.

— Num dos dias da proxima semana, deve chegar a esta povoação o snr. dr. José d'Ornelas Regalão, que com sua ex.ma esposa vem passar o mez de setembro com seus pais.

N.

Cumprimentámos na segunda-feira em Coimbra o snr. arcipreste Laranjeiro, da freguezia de Arazêde, que nos honra com a sua amisade e nos dispensa, sempre que lhe é possivel, as suas amabilidades.

Secção de Variedades

Anedótas

Uma senhora de edade, com vestido bordado, fingindo aranhas, perguntou a um sujeito muito espirituoso, o que tinha ele a dizer a tanta aranha.

— Nada, minha senhora, porque taes insectos são proprios das paredes velhas.

Um espectador para uma senhora que está na sua frente:

— Minha senhora, v. ex.ª dá-se ao encomodo de tirar o seu chapeu?

— O senhor está doido?

— Eu paguei dez tostões pelo meu logar para vêr.

— Pois eu paguei vinte mil réis pelo meu chapeu para que m'o vejam.

Um pequeno estava a estudar as suas lições, e perguntaram-lhe se sabia quem tinha sido Atlas.

— Era um gigante que se imaginava sustentar o mundo, respondeu o pequeno.

— Oh! Com que então ele sustentava o mundo?!

— Sustentava, sim senhor.

— Está bem; e quem o sustentava a ele?

O pequeno, depois de reflectir um pouco, respondeu:

— Uma mulher rica, com quem havia casado.

Dava-se um jantar a uma pessoa de ceremonia, mas estava á meza um rapazola espirituoso.

— Muito gostava eu de ser o senhor! diz o pequeno no meio do jantar.

— Porquê?

— Porque podia comer com a taca, sem levar puxões de orelhas.

Um pintor muito conhecido contratou uma linda rapariga para lhe servir de modelo. Depois de varias sessões, apareceu-lhe uma velha e diz-lhe:

— O senhor ha de desculpar, mas minha filha não póde vir hoje. Venho eu em logar dela...

Poetas e Prosadôres

Os olhos

Eu sei duns olhitos
Tristonhos, de dôr,
Que não são bonitos
E tenho-lhe amôr.

Os olhos mais puros
Mais belos, emfim,
São sempre os escuros
Parece-me a mim;

Eu sei duns olhitos
Tristonhos e são,
Os risos bemditos
Do meu coração.

Ha olhos risonhos
De castanha côr
Que vivem de sonhos
De sonhos de amôr,

Mas ái! Os escuros
Escuros, singelos,
São sempre os mais puros
Mais lindos, mais belos.

Os olhos serenos
Assim côr dos céus,
São como venenos
Não entrando os meus.

Os olhos esp'ranças
Os verdes, então,
São agudas lanças
Para o coração.

Mas ái! Os escuros
Singelos, emfim,
São sempre os escuros
Parece-me a mim;

Que ao vê-los risonhos
Me fazem lembrar,
Um lago de sonhos
A' luz do luar.

Leão Correia.

DIVAGAÇÕES

Triste e pensativo, com a alma dilacerada por uma dôr profunda, passeava, a altas horas da noite, pela margem do decantado Mondego, procurando nas estrelas scintilantes do céu um alivio para a minha alma e nas aguas sussurrantes do rio um balsamo para as chagas do meu coração.

Essa dôr que me avassalava por completo, era causada pelo desapparecimento dum ente querido que a Morte tinha coberto com o seu negro e frio véu.

Ah! Morte! terrivel flagelo da humanidade, tu que nos roubas entes por quem temos uma adoração profunda, uma amisade por vezes indissoluvel; tu que destrói as nossas melhores esperanças; tu que levas, para a escuridão da campa e do tumulo, nas dobras do teu negro e frio manto, almas candidas como a açucena, belas como a flôr; tu acabas de ferir a fibra mais delicada do meu ser, pois roubaste-me, na flôr da mocidade, uma alma minha amiga, uma companhia em cujo coração sempre bondoso, eu, nas horas de profundo desgosto e angustia, achava consôlo!...

Tu leváste-lo para a solidão da campa onde ele dorme o sôno eterno!

Eu estava inteiramente embebido nestes tristes pensamentos, quando ao longe o som monotono dum relógio se repercute na imensidade do espaço.

Soaram doze badaladas que, pouco a pouco, se extinguiram, dando logar ao mesmo silencio noturno.

Um ténue luar rasgava as trevas da noite.

Resolvi ir para casa para esquecer tudo num sôno reparador e benefico.

Mas havia em mim um sentimento que me atraia irresistivelmente para onde quer que fosse. Deixei-me guiar por ele. Conduziu-me para diante de uma casa onde só uma janela estava aberta, e pela qual se filtrava um fraco clarão proveniente d'algum candieiro de petroleo.

Dentro, alguem soltava uns gemidos dolorosos que se extinguiam na amplidão do espaço.

Um terror apoderou-se de mim.

Era ali, naquela casa, a dentro de quatro paredes, que morava a amante do meu amigo.

Aquela voz lancinante, em cujo timbre se via bem impressa a dôr e a angustia, era realmente a daquela a quem ele tinha dedicado inteiramente o seu ser.

Não podia ali permanecer por mais tempo, pois esses gemidos eram um novo sofrimento para o meu espirito atribulado.

Fui para casa. Ia triste e cabisbaixo, vergado ao peso duma grande dôr moral.

Ao pé da minha porta alguem falava.

Levantei a minha fronte e vi, por entre a escuridão da noite, dois vultos parados.

Aproximei-me. Quem havia de ser?...

Ironia do acaso!...

Além tinha visto uma alma torturada por uma dôr profunda, aqui venho encontrar duas que punham todas as suas esperanças no seu mutuo amôr, trocando de vez em quando freneticos abraços, entremeados por um ciciar de beijos!...

Coimbra, agosto de 1915.

Mario Augusto da Silva.

DR. AVELINO FARIA
Advogado

CANTANHEDE

Dá consultas aos domingos em
ARAZEDE
de outubro em diante; e, trata de quaisquer questão no tribunal de Montemor-o-Velho.

CARTA DE VERRIDE

Veride, 8—9—1915

O estabelecimento balnear desta vila, tem sido muito frequentado por muitas pessoas de fóra da terra, devido ás suas excelentes aguas termais que ha muitos anos são recomendadas para diversas doenças, como o prova a análise quimica que se lhe fez.

E' pena que a estrada que liga esta vila ao estabelecimento não seja construida, provando os snrs. vereadores que prestam a maxima atenção a este tão util melhoramento, não se envolvendo só na politica que prejudica.

—— Regressou da capital o nosso estimado amigo e correligionario, snr. Constantino Pereira da Silva. Este nosso conterraneo tem sido muito visitado por pessoas de sua amisade.

—— Partiu para a Figueira a snr.ª D. Piedade dos Santos Pinto, filha do nosso estimado amigo, snr. Guilherme dos Santos Pinto.

—— Deu á luz uma robusta criança do sexo masculino, a snr.ª D. Ema Cristino, virtuosa esposa do snr. dr. Cristino, medico municipal desta localidade.

(*Correspondente*).

BENEDITO GALVÃO

Com sua ex.ma esposa e filha, retirou para a Figueira da Foz, a passar o mez de setembro, este nosso presado amigo.

Junta de Paroquia de Pereira

Sessão extraordinaria de 4 d'agosto

Presidencia de Azuil Paiva de Carvalho, estando presentes os vogais Manuel Gonçalves Pereira, João dos Santos Torres e Manuel Ferreira Pereira Paralta. O vogal Antonio Ribeiro de Gois não compareceu por falta de saude.

Foi declarada aberta a sessão e lida e aprovada pelos vogais presentes a acta da sessão anterior, protestando contra esta o cidadão presidente, dizendo que não era bem a expressão da verdade a acta de 29 de julho do ano corrente, pois que ele, presidente, não abandonára o logar, mas sim retirou da sala das sessões pelas treze horas e meia, meia hora depois da hora oficial das referidas sessões, e que a essa hora só se encontrava na sala ele, presidente, e o vogal Manuel Ferreira Pereira Paralta. Se se retirou a essa hora, foi por motivo justificado, pois, sendo preciso o provará com atestado. Em seguida, pelo cidadão presidente foi dito que havia sido citado para comparecer no Tribunal Judicial da comarca de Montemór-o-Velho, na segunda audiencia posterior á citação, por acção de manutenção de posse que a esta Junta e outras move a Camara Municipal da referida comarca, deliberando todos os vogais que se procurasse advogado competente para tomar conta da questão, passando-lhe a respectiva procuração para tratar da defeza da Junta.

Ainda mais apresentou outra nota de citação para pagamento de decima relaxada, respeitante ao ano de mil novecentos e quatorze, pertencente á Junta, não aprovando o pagamento da referida decima por desconhecerem quais os predios rusticos ou urbanos pertencentes a esta Junta de Paroquia de Pereira, que possam pagar a referida decima.

Foram apresentados os seguintes requerimentos a pedirem atestado de pobreza:— um de Mario Tavares Nobre, viuvo, domestico; outro de Antonio Girão Martins, solteiro, jornaleiro, ambos residentes na vila de Pereira e ainda outro de João Girão Lameiro, casado, lavrador, dos Montes de Cima, pedindo lhe atestasse a extrema pobreza de seu neto José, menor, solteiro, filho de Maria Dias, já falecida, e de pái incognito. Foi reconhecida a extrema pobreza de todos estes cidadãos pelos vogais presentes e pelo cidadão presidente, resolvendo-se passar os respectivos atestados nesta sessão, depois de deferidos os requerimentos.

Não havendo mais nada a tratar, foi encerrada a sessão, depois do que o cidadão presidente mandou lavrar a acta que foi assinada por todos os cidadãos presentes e lida em voz alta pelo secretario Francisco Lopes de Oliveira Bomtempo.

Exames de cegos

Instituto Branco Rodrigues
(ESTORIL)

Terminaram no dia 17 de agosto os exames dos alunos cegos desta instituição, fazendo nesse dia exame de instrução primaria de 2.º grau, na Escola Oficial de Cascaes, o aluno cego Carlos da Conceição Almeida e Silva, de 12 anos, natural de Fernando Pó.

Nessa escola, fizeram este ano exames de instrução primaria de 1.º grau, obtendo distinção, os ceguinhos:

Manuel da Costa, de 9 anos, natural de S. João da Ponte (Guimarães);

Antonio de Oliveira, de 10 anos, de S. Miguel de Gemeos (Celorico de Basto).

Ficaram aprovados com a classificação de *bem:*

Maria de Jesus Carriço, de Teixoso (Covilhã);

Gracinda dos Anjos, exposta da Misericordia de Lisboa;

Antonio Galante Junior, natural da Orca (Fundão).

No Liceu Passos Manuel

Neste liceu fez exame do 5.º ano de francês, obtendo distinção, o aluno Joaquim Nunes Pinto, de Arrentela (Seixal);

Francisco Martins, de Vilela Seca (Chaves), fez exame do 5.º ano de português, ficando aprovado.

A estes actos assistiram o snr. Branco Rodrigues, fundador do Instituto e a professora D. Luzia Guimarães, que fôram felicitados pelo reitor do liceu.

No Conservatorio de Lisboa

Neste estabelecimento do Estado fizeram exame do 2.º e ultimo ano de rudimentos da Escola de Musica, ficando aprovados, os alunos cegos:

Francisco Martins, de Vilela Seca (Chaves);

Francisco Lopes, de Vizeu;

José Carvalho, de Santa Quiteria de Meca (Alemquer);

José Correia, de Faro;

Serafim Joaquim João, de S. Bartolomeu de Messines.

Fez exame do Curso Geral de Piano (2.º ano), obtendo distinção, o aluno José Correia, de Faro.

Fez exames do 2.º e 3.º ano do mesmo curso de piano o aluno Joaquim Nunes Pinto, obtendo em ambos distinção.

Foi tal o entusiasmo que os exames dêste aluno causaram ao presidente do juri, o insigne artista Rey Colaço, que resolveu comunicar ao snr. Branco Rodrigues, fundador do Instituto, o desejo que tinha de dar lições especiaes a este aluno, porque descobriu nele uma invulgar vocação musical, aliada a um grande talento.

As lições começaram no dia 9 de agosto.

Ao todo fôram feitos deseseis exames oficiaes, obtendo-se outras tantas aprovações, com seis distinções.

Este resultado prova á evidencia o grau de adeantamento do ensino dos cegos no nosso país.

CORRESPONDENCIAS

ALHADAS, 9—9—915

De visita ao nosso presado amigo snr. Francisco Jorge de Quadros, veio a esta terra o snr. Julio Neves da Costa, distinto farmaceutico na Abrunheira, acompanhado de sua ex.ma esposa e filhos, a quem tivemos o prazer de cumprimentar. Depois de algumas horas de palestra despedimo-nos dos ilustres professores, sentindo bastante não poderem continuar entre nós mais alguns dias.

== Ainda se encontram a veraniar nas bonitas vivendas que possuem nesta aldeia, as familias dos abastados capitalistas de Lisboa, snrs. Joaquim Augusto dos Santos, Adelino de Carvalho e Augusto Maranhas, que habitualmente veem nestes mezes respirar o ar puro dos campos onde passaram os melhores dias da vida,—a infancia, que saudosamente concorre para que não esqueçam a terra natal.

== Ainda se encontra gravemente enfermo o abalisado professor desta freguezia, snr. Ilisio F. da Silva Carvalho, a quem desejamos rapidas melhoras.

== Encontra-se aqui a gosar 30 dias de licença, o nosso amigo snr. Joaquim Teixeira, 2.º sargento de cavalaria 2.

C.

Guerra Européa

Ultimos telegramas

Petrogrado, 10 — A sul de Sorete e a sudoeste de Trambovia, desenvolvida que foi a nossa ofensiva, alcançamos um sucesso tão importante como o de Tarnopol, prendendo ali em 7 do corrente mais de 150 oficiaes e 7.000 soldados. Tomamos 5 peças de artilharia e 36 metralhadoras. As nossas perdas são pouco importantes. O inimigo retirou a toda a pressa perseguido pelas nossas tropas. O total dos nossos ganhos, desde 3 do corrente, eleva-se a 383 oficiaes e mais de 17.000 soldados prisioneiros. Em material tomamos 14 peças de grosso calibre, 17 de calibre ligeiro, 66 metralhadoras e 15 caixas de munições de artilharia.

Os nossos exercitos estão realisando, firme e resolutamente, o fim proposto, encarando o futuro com confiança.

Bucarest, 10 — A atitude da Bulgaria é a seguinte:

Se a Quadrupla Entente conseguir convence-la de que, depois de se bater contra a Turquia, não será obrigada a bater-se tambem contra a Grecia e a Servia para reconquistar a Macedonia, a Bulgaria intervirá imediatamente na guerra, marchando contra a Turquia.

Roma, 10 — Calcula-se já em 104 o numero de municipios austriacos conquistados pelos italianos.

Londres, 10 — O avião inimigo que visitou os condados de Iéste de Inglaterra e o distrito de Londres na noite de 8 do corrente, matou com as suas bombas 20 pessoas, feriu gravemente 14, e ligeiramente 72.

Um dos mortos e tres dos feridos eram soldados.

Os restantes pertenciam á classe civil, compreendendo-se neles 48 mulheres e crianças.

Agua da Curia
Mogofores

As unicas aguas sulfatadas-calcicas que existem no paiz, similhantes ás afamadas aguas de Contrexéville, nos Vosges (França).

ANUNCIOS

Companhia Geral de Credito Predial Português

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

Séde Social: Travessa de Santo Antonio da Sé, n.º 21

LISBOA

Esta Companhia realisa actualmente emprestimos hipotecarios a longo praso, cujo encargo, compreendendo juro, comissão, amortisação e depreciação dos titulos, é inferior a 7 %, tendo os mutuarios a faculdade de antecipar os seus emprestimos, total ou parcialmente e em qualquer época, em dinheiro ou em obrigações da mesma taxa e tipo das que fôram entregues no acto do contrato. Recebe e guarda nas suas magnificas **Casas fortes** quaisquer papeis de credito, encarregando-se de receber os respectivos juros.

Pedir esclarecimentos a Fernando da Silva Coelho Pessoa — Montemór-o-Velho — ou diretamente á Séde da Companhia.

Companhia de Seguros Fidelidade

Séde: Largo do Corpo Santo, 13—1.º—Lisboa

Capital emitido.	1.344:000$00
Capital desembolsado . . .	67:200$00
Reservas . . .	733:702$07,5
Prejuizos pagos	4.497:355$11

Efectua seguros maritimos e terrestres na séde e nas correspondencias.

OFICINA-GARAGE DE COIMBRA

LOBO DA COSTA & CASTANHEIRA

Grandes oficinas mecanicas para reparações de automoveis; fabrico de carretos, pinhões e corôas em aço; cementação e temperas; vulcanisação e fundição de metaes. Recolha e tratamento. Ensino. Automoveis de aluguer de $08 a $20 o quilometro e 9 lotações de 1 a 18 passageiros. Acessorios, gazolina e oleo. Transações em carros de 2.ª mão. Serviço especial, para bem servir os Ex.mos Clientes da provincia.

RUA DA FIGUEIRA DA FOZ — 170

COIMBRA

Local conhecido por «Casa do Sal» á entrada da cidade pela estrada do Porto.

Telefone, 502 — Telegramas «Garage, Coimbra»

AGUA DE LUSO (Medalha d'ouro, Madrid 1913.) Cura pela Diurése

(ESTABELECIMENTO TERMAL E HOTEIS ABERTOS TODO O ANO)

A mais diurética e mais digestiva. Aumenta a diurése, regularisa as funções digestivas e ativa os fenómenos nutritivos

Muito radioativa—4,49 miligramas—minutos
Muito ionisada, resistividade a 18° 18300 ohms
Muito rica em gazes raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotonica, ponto criospico 0°,04

Conclusões da analise feita pelos distintos professores Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitissimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tifico

USO EXTERNO—Molestias de pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc,), reumatismo e gôta.
USO INTERNO—Artritismo, impaludismo, neurastenia—Albuminuria, diabetes—Intestinos, estomago—Rins—Bexiga.

Depositos — **LISBOA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros, 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 428. FUNCHAL, José Quirino de Castro, rua dos Murças. AFRICA ORIENTAL: Oswald Offmann. BEIRA: F. L. Simões & C.ª. LOANDA: Beltrão, Pena & C.ª**, e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositarios nas terras onde ainda os não haja.

Portugal Previdente

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima — Responsabilidade Limitada

Capital **UM MILHÃO** de Escudos

SÉDE — RUA DO ALECRIM, 10 — LISBOA
N.º Telef.—1849 End. Teleg.—VIDA

Seguros contra incendios de predios, fabricas, etc.
Seguros de estabelecimentos e mobiliarios.
Seguros agricolas de ceáras, eiras, palhas, arvoredos, etc.
Seguros de maquinas e utensilios de lavoura.
Seguros contra incendio proveniente de gréves e tumultos.
Seguros de transportes maritimos e postaes.
Seguros contra roubo de habitações e estabelecimentos.
Seguros contra fraude de empregados.
Seguros contra a quebra de cristais.
Seguros de vida, pensões, dotes e reformas.
Seguros contra acidente de trabalho.

Agencias em todas as terras importantes do paiz, ilhas e colonias.
Sucursal no PORTO — Rua Passos Manoel, 21.

BANQUEIROS—**Borges & Irmão**—Porto e Lisboa

Antonio Pereira de Carvalho

Proprietario dos Grandes Armazens de Bicicletas, Maquinas de Costura, Pianos e toda a qualidade de acessorios.

A maior e mais antiga casa no genero

Oficina para todos os concertos, afinações e reparações em bicicletes, motocicletes e maquinas de costura.

Artista mecanico habilitado.

Vendas, alugueis e trocas.

Preços sem competencia

34—Avenida Navarro—36

(Estrada da Beira)—COIMBRA

Companhia de Seguros A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz

Antonio d'Oliveira Guerra

RUA DA REPUBLICA, 84

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem deposito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se tambem de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fóra de Coimbra

FABRICA DE CAL

Cal fina e grossa, fornece-se em muito boas condições. Preços modicos, sobre o wagon, no caminho de ferro e nos proprios fornos.

Agente de telha tipo marselha e tijolos de todos os formatos, da fabrica Lacerda, Figueiredo & C.ª Limitada, da Pampilhosa.

Pedidos a

Joaquim F. Coca Junior
Zambujeiro—Arazede

AOS AGRICULTORES

Estão proximas as sementeiras de nabos e cereais, e por isso previno todos os meus estimaveis freguezes que façam novas encomendas de **adubos quimicos** e **organicos**, da acreditada casa Varela Leal & C.ª, das Varzeas, os quais se encontram á venda em minha casa, no **Casal do Gaio — Arazede.**

Manoel Monteiro Godinho.

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legitimos acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de fórma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamavel, isca em cordão vendida fraudulentamente a titulo de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva acção civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa ao Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalisação para procederem ás necessarias diligencias. Dirigir-se pessoalmente ou por carta á Companhia Portuguêsa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS MELO & MARTINS

PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada

PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiencia dos nossos adubos, devido ao seu magnifico resultado os adoptarão de preferencia a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

SEGUROS CONTRA INCENDIO

incluindo riscos de explosão de gaz e raio.

Seguros contra incendio cobrindo tambem os riscos de gréves ou tumultos (portaria de 14 de Março de 1914).

SEGUROS CONTRA INCENDIO cobrindo ainda os riscos de guerra (portaria de 30 de Novembro de 1914).

Unica companhia autorisada a segurar os riscos de guerra nas apolices de incendio

Seguros contra incendio e roubo E' tambem A MUNDIAL a unica Companhia autorisada a emitir uma apolice cobrindo os dois riscos.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital — Esc., 500:000$
(500 contos)

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmão
Praça da Liberdade, 138 — Telefone 1459

Agencias e Delegações em todo o paiz, ilhas e colonias.

Restaurante Ferro-viario ALFARELOS

ESTE bufete, um dos que melhor servem o publico que transita nos comboios, acha-se situado na estação do caminho de ferro de Alfarelos. Fornece almoços, jantares e *lunchs* e toda a qualidade de refeições, por preços comodos.

Tem pessoal habilitado, tanto em cosinha como em perfeição.

Tudo se encontra com esmero e perfeição.

Fornece comida para fóra, e presta se a servir em casamentos, batisados, etc., desde que seja prevenido com antecipação.

O proprietario, **Artur de Oliveira Coelho.**

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro
PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex.mos passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.

Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA

Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.
PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações
Deposito das afamadas aguas de Luso.

Guilherme dos Santos Pinto & Irmão

COM

OFICINA DE CANTEIRO

Encarregam-se de jazigos de toda a especie e todo o serviço concernente á sua arte.

Tambem executam todos os trabalhos que digam respeito a *Plantas, Alçados, Copias, Projectos e orçamentos de edificios, edificações, etc.*

Montemór-o-Velho=Verride

Biblioteca da Universidade
Coimbra

Ano 4.º — Montemór-o-Velho, 19 de Setembro de 1915 — N.º 187

DIRECTOR, PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR
Almeida Junior

SECRETARIO DA REDACÇÃO E EDITOR
Abel M. de Melo Brandão

REDACTOR PRINCIPAL
Mário Augusto Mota

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguêsa

Pátria e Humanidade

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Dr. José Galvão
MONTEMOR-O-VELHO

DIRECÇÃO: — COIMBRA
(para onde deve ir a correspondencia)

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. Silva (a vapor)—AVEIRO

COIMBRA 19 SET 1915

A tragédia humana

Foi fusilado em Espanha o carabineiro Gomez. Telegramas de ha dias noticiavam que essa execução se tornava fatal porque o conselho de ministros, reunido, não encontrava no processo quaesquer atenuantes que permitissem recomendar o reu ao indulto regio. E' com pasmo e angustia que se assiste á revelação de tais aberrações. Se houvesse atenuantes, o reu não deveria ser condenado á morte. Para que um tribunal seguindo mesmo o falso e barbaro criterio que admite o assassinato legal, se resolva á eliminação de um sêr, deve-se supôr que o não faz senão porque não encontra a menor justificação ao acto porque o condena ou o minimo indicio de que nesse condenado um desvario ou uma tara o isentou da plena responsabilidade em que incorreu.

O indulto não é um acto de justiça, pelo menos tal como ela se compreende no domínio das leis.

Pertence ao alto sentimento consciente da misericordia, que é na realidade a justiça quintenenciada ao ponto de atingir as divinas regiões da piedade, do perdão, da vasta indulgencia que documenta a alma humana, compenetrada das imperfeições da especie e simultaneamente possuida da certeza do seu resgate pela bondade, levada aos ultimos limites do amôr e da solidariedade entre os sêres.

Quem perdôa ao maior criminoso, perdôa-se a si proprio. Da adultera lapidada pela turba ignara e cruel, disse o evangelista perfeito: «Que quem não houver pecado, lhe atire a primeira pedra». Justificou, absolveu o seu crime? Não. Manifestou de maneira angelica que não ha ninguem isento de culpa, e que, por isso, não póde arvorar-se em juiz implacavel e executor barbaro.

Os ministros espanhoes não tinham que procurar atenuantes para salvar a vida do carabineiro Gomez. Estava ali o maior criminoso que houvesse desonrado a humanidade? Embora! Essa humanidade tinha o dever de o não matar, e esses homens não só desatenderam os deveres da humanidade, como não permitiram ao unico homem que podia desviar as balas do peito desse condenado que se interpuzesse, afirmando os direitos da vida por ceder aos impulsos do seu coração.

Em vez de se preocupar com as atenuantes do criminoso, o governo espanhol deveria preocupar-se com as atenuantes da sua desumana resolução. Não as encontraria, decerto, porque nunca as tem aquele ou aqueles que, podendo salvar uma vida, a sacrificam, não já sómente não auxiliando a sua salvação, mas determinando o seu assassinato. Todavia, nem a eles se deveria aplicar a pena de morte, apezar de se terem posto deliberadamente fóra de toda a piedade, porque dela se exilam os que a exilam.

O condenado morreu, e a sua execução foi uma cousa dolorosa e tremenda. Mais piedosas do que os homens, as primeiras seis balas que lhe fôram desfechadas ao peito pouparam a sua miseravel existencia. Foi necessaria uma nova descarga. Contra aquele ente inerme quasi que se travou uma batalha. Um general comandava as tropas, nesse dia lutuoso em que se pretendia sómente abater um homem desarmado e preso. No meio do sibilar das balas, nesse homicidio vergonhoso executado por soldados, em quem se simbolisa a honra, a dignidade e a intrepidez da patria, a multidão comovida e indignada, gritava: «Basta! Basta!» Chegou-se a receiar um tumulto, uma irrupção de piedade aflorando das incognitas profundidades da alma popular. Foi tragico e foi belo. «Basta! Basta!» — E' bem esse o grito que todo o genero humano hoje solta, num clamôr indomito; onde refervem cóleras e se espalham lagrimas, contra a imbecil, a vergonhosa, a desumana pena de morte que o converte, a seu pesar, e para sua eterna magua e oprobio, num bando de assassinos cem vezes peor do que os reus que a lei condena e os carrascos executam.

Coimbra, Setembro de 1915.

MÁRIO SIMÕES DA SILVA.

ANIVERSARIO

Passou no dia 16 o aniversario natalicio do ex.mo snr. Augusto Fortunato Salvador de Castro Bizarro, ilustre funcionario superior da companhia dos caminhos de ferro portuguezes, em Coimbra, onde gosa de muito prestigio.

O *Dever* cumprimenta sua ex.ª muito afectuosamente.

Cartas a uma infeliz

MINHA AMIGA:

Eu não tinha reparado na correspondencia de Vidago Palace, a que te referes na tua ultima carta. As lutas politicas, que se agitam agora em Portugal, com uma agudeza como nunca, absorvem-me o tempo por completo.

Estou assistindo ao debandar do bomsenso e á corrução dos homens. Dum lado o clero, que tu tanto defendes, a reclamar coisas; do outro, mais exigente e mais impertinente ainda, a politica de campanario, que nos causa nauzeas, tal é a perdição a que tudo isto chegou.

Assisti ao implantar das novas instituições. Quebrei lanças pela Republica; sofri desgostos e, por fim, sofro a terrivel desilusão, que é um sofrimento mil vezes mais horroroso ainda.

Agora, como nunca, eu acredito no provavel desmoronamento da gloriosa obra. E tanto sangue vertido! E tanta lagrima chorada!

Ainda me lembro com saudade, Iréne, das noites de sobresalto em que eu te deixava, só e lacrimosa, dizendo-me adeus da grade do mosteiro, e pedindo á Providencia o meu feliz regresso dos tormentos que me esperavam.

E eu partia, levando na alma o sonho vitalisante da esperança, e no coração a saudade intensa por te vêr ficar!

Não tinha medo á morte. Caminhava para ela resolutamente, com a consciencia de quem vae levar um pedaço de sentimento e uma fibra de entusiasmo á obra colossal da emancipação humana pela Liberdade aurifulgente que o povo amoroso ambicionava convicto e ancioso.

Belos tempos!

Agora, já não ha tempo para nada. O ceu ofusca-se tenebrosamente e a ave agoirenta da indecisão está prestes a ensombrar as nossas cabeças, com as suas azas enormes de vingança e ódio.

Adeus. Estou doente.

Teu,
LEOPOLDO.

Conspirantes

Anunciam-se mais incursões por Tui e Bragança. O fim do fim estará por agora prestes?

Não sabemos. De positivo apenas conhecemos que tudo isto se está comprometendo a olhos vistos.

E os inimigos das instituições vigentes aproveitam tudo.

Doloroso é termos que confessar que os politicos militantes teem na actual situação de intranquilidade uma bôa soma de responsabilidades, e não lhes será licito, já agora, subtrairem-se a elas de fórma alguma.

De positivo, apenas sabemos que muito sangue tem jorrado e que muita vida preciosa se tem perdido, causando miseria e privações de natureza varia.

E' assim. Pois que vão indo.

Dum lado a carestia da vida, preocupando toda a gente e sem maneira de resolver-se; do outro, a carestia da logica e do juizo, que não deixa ter parança nem permite que os problemas maximos se resolvam a sangue frio, com calma, com geito e com saber.

Pobre pôvo!...

Escola de Verride

Das 12 concorrentes a esta escola do sexo feminino, vaga pela morte da sempre saudosa e queridissima D. Ana Moutinho, a gentil professora tão admirada e festejada naquela risonha localidade, ficaram classificadas: em primeiro logar, a distinta professora d'Arazede, snr.ª D. Virginia Fernandes Duarte e D. Maria da Conceição Cardote.

Lamentando profundamente o motivo que as fez concorrer, — a perda duma colega e duma amiga, na flôr da vida — damos-lhes entretanto os nossos parabens, por verem coroados de bom exito os seus esforços.

AMOR INFELIZ

Nova e já sem amparo, é sorte triste e dura!...
— Recolhida por dó — orfã de pae e mãe —
ela só aspirava á suprema ventura
de unir-se ao seu Amôr, — sua vida, o seu bem!

Era pobre?... Que importa! — A santa creatura
amando e sendo amada... era rica tambem!
Contrariada?... Embora! — A meiguice, a ternura,
vencem... quando é sublime o amôr que a alma tem!...

Abre-se o paraiso ao desejado intento...
mas a felicidade é som que leva o vento,
e breve se extinguiu a luz do seu amôr!

A flôr do Bem se esfolha ao vento da Desgraça:
ai! A Morte a levou, cheia de vida e graça,
deixando-o a êle, só, num abismo de dôr!...

Montemór-o-Velho, Setembro de 1915.

J. NEVES.

Páginas sôltas

Num templo da Arte

Os *ateliers* dos artistas são as igrejas da Arte que é religião eterna.

Afonso Lopes Vieira.

Moro perto do *atelier* do insigne escultor Antonio Teixeira Lopes.

E eu que tantas vezes nas exposições de arte, ali no Porto, tenho ido admirar obras cinzeladas pelas suas mãos de artista eximio, quiz ir visitar o seu museu.

E quando transpús a vez primeira os humbrais daquela casa excentrica, de estilo antigo que nos remonta a outras eras, fui com o respeito de quem entra numa igreja. E' que tinha na memória aquelas palavras do poeta Lopes Vieira pronunciadas naquele mesmo recinto do Belo, em 1912: «Os *ateliers* dos artistas são as igrejas da Arte que é a religião eterna. E' nestas oficinas do sonho que se respira a calma atmosfera que as coisas belas criam; e nelas, mais que em nenhum lugar, se fica longe da guerra tumultuosa e ruidosa dos homens».

Eu tenho um grande culto pelas obras de arte, um respeito imenso pelo laborador dessas obras de valor onde brilham lampejos do génio, onde se espelha o Belo. Os artistas verdadeiros são de natural modestos e bondosos, teem uma religião sua — a da Beleza. No génio do Artista ha qualquer coisa de divino, de espiritual que anima, que dá vida ás telas e ao mármore.

Escreveu Latino Coelho na introdução do *Discurso da Corôa*, de Demóstenes: «A estatua fala, mas fala como uma interjeição que apenas expressa um sentimento, vago, indefinido, momentâneo. A pintura fala, mas fala como uma frase breve em que a elipse houvéra suprimido boa parte dos elementos essenciais. O edificio fala, mas fala como uma inscrição abreviada que desperta a memória do passado sem particularisar acontecimentos a que alude».

Ora essa interjeição, essa frase breve, essa inscrição com que nos falam: a estátua, a tela, o edificio, é o «porque» que nos prende á contemplação dessa obra para a compreendermos; é o esforço com que nós adivinhamos o pensamento do escultor, do pintor, do arquitecto. São os pontos transcendentes da Arte que os profanos quando não sejam duma sensibilidade delicada e duma educação artistica, não compreendem.

Quando contemplo uma estátua o meu espirito parece que quere interrogá-la para nela adivinhar o pensamento do seu autor; quando olho para uma tela parece que vejo o traço luminoso do pincel guiado pela mão nervosa dum sonhador da Beleza; quando vejo um edificio de arquitectura antiga quero descortinar naquêle granito trabalhado a ideia que norteára o seu edificador e ainda mais adivinhar os dramas que sob aquele tecto se passaram.

Mas... Eu estava no *atelier* Teixeira Lopes. Para lá não levára conhecimentos técnicos, pois que os não possuo, pois que até a pena de jornalista que ha oito anos manejo, nem essa tem o condão de escrever — com arte...

A deficiencia de conhecimentos supriu-a o próprio valor daquelas obras. Elas falaram não só á vista mas ao sentimento.

Naquelas galerias luxuosas, belas, tem o estatuário as maravilhas elaboradas pelas suas mãos, acariciadas pelo seu talento. Desde os pequeninos grupos de crianças até á colossal estátua da Dôr (a Dôr é sempre grande...), *maquette* dum túmulo em Agramonte, ali ha uma infinidade de obras a admirar: bustos, retratos, grupos de fantasia e estátuas de nôme.

A «Verdade», figura simbólica da estátua de Eça de Queirós, numa galeria, estende os seus braços para a amplidão concretisando a frase do estilista primoroso: *Sobre a nudez forte da verdade o manto diáfano da fantasia.* A *maquette* da estátua que Camões tinha em Paris, e a que eu me referira neste mesmo jornal ha anos, lá está tambem recordando aquele grande vulto da terra portuguêsa pelo seu patriotismo e da humanidade pelo seu talento. E como estas outras *maquettes* de obras que já eram minhas conhecidas como a *Flôra* do Jardim da Cordoaria e o *Baco* que ainda ha pouco, por ocasião da exposição no Palacio da Bolsa, a Camara do Porto adquiriu para o seu museu.

A *Rainha Santa* com as suas históricas flores a que o estatuário déra toda a graça burilando-as no mármore, ali naquela galeria de arte, faz-nos evocar os tempos daquele periodo historico em que o sceptro estava nas mãos do rei poeta e lavrador... Mas ali onde se encontram tantos trabalhos de valor, o que mais sobressai pela graça e espontaneidade que as reveste, são as estatuetas, grupos e bustos de crianças.

Este *atelier*, que tem sido visitado

pelas pessoas mais eminentes do nosso país e bastantes do estrangeiro, tem como complemento a artistica e valiosa vivenda do estatuário. A casa do snr. Teixeira Lopes é um museu de preciosas joias de valor e arte. Ali encontrei uma pintura do que fôra artista D. Carlos de Bragança. Ali se encontram preciosidades verdadeiras em mobiliario e armaria antigos.

E, como disse Afonso Lopes Vieira, aquele *atelier* é bem um Templo da Arte que é religião eterna.

Vila Nova de Gaia, 1915.

Aurea Judit Amaral.

Feira d'ano

No dia 8 do corrente, realisou-se o mercado vulgarmente chamado a *Feira d'ano*, a qual nos tempos de decadencia que vão correndo, nenhuma semelhança tem com o que foi nos tempos antigos, em que constituia para Montemór uma semana de festa, chegando a durar quatro ou cinco dias.

Hoje apenas se faz num ou dois dias, havendo anos em que se realisam ainda menos transacções do que numa das ordinarias, sendo isto o que agora sucedeu, posto que muito concorrida.

Como só na *Feira d'ano* é que podem ocorrer sinistros ou desastres pessoaes que reclamem socorros medicos, pois as ordinarias estão isentas desse perigo, este o motivo porque a delegação da Cruz Vermelha teve a bela ideia de ali estabelecer um posto de socorros, cujos serviços, porém, não se tornaram, felizmente, precisos.

Incendio no Largo Dr. Alves de Sousa — Os socorros — O arrojo e abnegação do povo da vila

Cerca das 19 horas e meia, na quinta-feira, estando na [illegible] de palestra com outros amigos, ouvimos tocar o sino da egreja matriz, dando a aterradora noticia de haver fogo na vila.

Saindo para a rua, desde logo vemos homens e mulheres a correr pressurosamente as ruas em todas as direções, anciosas por acudir, sem ninguem, porem, saber dizer onde era o local do sinistro. Corria tudo ao acaso, interrogando se o incendio seria na parte baixa da vila, ou na alta, sem haver meio de obter resposta e os toques do sino continuavam a ouvir-se cada vez mais, sinal evidente de que o incendio prosseguia na sua acção devastadora, talvez por falta de pessoal suficiente que lhe destruisse os seus terriveis efeitos.

Aumenta a aflição em todos os espiritos, a anciedade tortura todos os corações, ouve-se gritar por socorro de todos os pontos, até que, ao cabo d'alguns momentos de duvida e de crueis incertezas, todos resolvem dirigir-se á alta, sendo então nesta parte da vila que sabemos estar proximos do local do sinistro e que era no Largo Dr. Alves de Souza, antigo Largo do Outeiro, para onde todos logo correram, indo já a esta hora as mulheres prevenidas com potes e canecos d'agua.

O fogo era numa pequena casa de um andar, com loja para gado por baixo que se achava cheia de palha, casa atualmente habitada por uma pobre familia de jornaleiros, a quem uma má estrela tem perseguido atrozmente, tendo-a feito curtir um grande rosario de amarguras e desditas, sendo esta agora uma das que mais a veio encher de desolação. Compõe-se essa triste familia de infelizes das seguintes pessoas: Antonio Rodrigues Aveiro, sua mulher Maria da Conceição Ferreira e seus filhos Boaventura, de 23 anos, ha muito impossibilitado de trabalhar por doença, Herminia, de 22, e José, de 4.

O fogo irrompeu com grande violencia, levando o susto e o panico a todos os corações, mas, graças ao muito denodo e coragem com que, tanto homens como mulheres, se portaram na prestação de socorros, não se deram os prejuizos nem as desgraças que tanto se recearam.

Houve momentos em que, ao ver-se o incremento das chamas que ameaçavam devorar tudo, os que se achavam a observar o tragico espétaculo, diziam com a alma compungida que a casa incendiada estava irremediavelmente perdida, pois já nada haveria capaz de a salvar.

Mais uma vez, pois, se pôz á prova, o grande arrojo, a inexcedivel abnegação e temeridade desta bela gente de Montemór para acudir a sinistros desta natureza.

Vimos ali homens e rapazes novos que esquecendo o perigo numa ancia verdadeiramente louca de obstar a que o incendio atingisse mais assustadoras proporções, estiveram quasi a precipitar-se nas chamas.

Que magnificos bombeiros se faziam dêstes homens!

Foi, pois, só devido a estes esforços e a afervoradas dedicações que o incendio se conseguiu localisar e extinguir ás 21 horas, tendo ardido só a cosinha da casa, uma grande porção de espigas de milho e alguns artigos de roupa, sendo por isso os prejuizos muito poucos, á vista dos que se esperavam.

Ao ter-se posto fim ao sinistro, deu-se pela falta do menor de 4 anos, José, criança que o pai havia trazido para a rua no principio do incendio, sem que pessoa alguma désse relação dele, ou se soubesse do seu paradeiro, apezar dos páis e irmãos terem percorrido a vila durante a noite, transidos da dôr e aflição faceis de imaginar em tais circunstancias, procurando-o por todos os pontos.

Calcule-se, pois, que grande foi o assombro de todos, ao saber-se que a criança estava em casa duma visinha proxima, uma tal Maria Rosa, a qual só depois dos desventurados páis terem passado por tão dolorosos transes, lh'a mandou apresentar ás 6 horas e meia de sexta feira!

Diz-se que procedêra assim por andar de relações cortadas com os páis do pequeno.

Se assim foi, que baixos sentimentos os désta mulher!

O facto produziu no povo a maior indignação, fazendo-se a proposito do mesmo os mais asperos comentarios.

A casa incendiada está segura na Companhia Comercio e Industria, de Lisboa.

ANTIGO ESTABELECIMENTO

— DE —

Mercearia, Tabacos e Fazendas brancas

— DE —

João Antonio Rodrigues

(SUCESSORES)

Montemór-o-Velho

Nesta casa se encontra um completo sortido em assucar, chá, café, manteiga nacional e ingleza, biscoitos, bolachas, massas, bacalhau, genebra e vinhos do Porto.

Ferragens, prego de arame e de ferro, panelas de ferro, rastilho, chumbo em barra e para caça.

Fosforos e Tabacos, por atacado. Tambem vende pelos preços de Lisboa, farinha de trigo, cimento Portland, vidraça, telha de vidro e velas de cera.

Preços resumidos

Secção de Variedades

Guia para a escolha de mulher ou marido

AOS RAPAZES

Para prazer e alegria, uma Maria.

Para nos arreliar uma semana, uma Ana.

Para tudo que se precisa, uma Luiza.

Para nos trazer de vigilia, uma Emilia.

Para dar bisca e sota, uma Carlota.

Para dar cabo da tarefa, uma Josefa.

Para dar com tudo em pantana, uma Joana.

Para juntar boa peculia, uma Julia.

Para socego e parcimonia, uma Antonia.

Para levar-nos á gloria, uma Vitória.

Para folgar, rir e gosar, é não casar.

ÁS RAPARIGAS

Para perfeito matrimonio, um Antonio.

Para viver assim, assim, um Joaquim.

Para haver sempre banzé, um José.

Para intriga e arauzel, um Manuel.

Para dar um bofetão, um João.

Para ter o lombo quente, um Vicente.

Para ter marido arisco, um Francisco.

Para ter marido simplorio, um Gregorio.

Para o mundo não acabar, é casar.

* * *

Oh, meu amigo, sou infeliz!

— Porquê?

— Imagina: minha sogra chama-se Perpetua, meu sogro Carrasco, e minha esposa Sevéra.

Horas d'insónia

Escreve-me a snr.ª D. Ana Martinho, que não tenho o gosto de conhecer nem de saber onde mora, porque ela teve o cuidado de não indicar o nome da sua terra; a ilustre — julgo ser ilustre e gentil — a ilustre dama mandou-me um lindo postal ilustrado, com a figura dum petizito descalço e roto, representando a fome e o abandono, e recomenda-me o assunto para uma crónica, chamando-me generoso e não sei que mais.

Com efeito, minha senhora, eu tenho uma tendencia especial para acudir aos necessitados e agasalhar os nús. Tenho, tambem, por temperamento e por educação, uma tendencia manifesta para estar de boas relações com todas as damas, só me sentindo bem entre as mulheres, como se diz na Avé-Maria.

A miséria do semilhante sensibilisa-me, e o Pae do Ceu, *que me dotou com uma boa dose de sentimentalismo, esqueceu-se de me dotar com uma bôa soma de libras para repartir com todos os que levam uma vida de privações e de canceiras, não passando nunca da categoria de eternos sacrificados.*

Porque, em vez da tristeza que me deu, se me tivesse dado oiro ás mãos cheias, eu não comprava automoveis nem me importava com sofás ou iguarias caras. Distribuia-o por todos os pobres, aumentava o salario a todos os professores de instrução primaria, e punha na arca dos pobres o milho suficiente para todo o ano, cobrindo o deficit *que quasi sempre fica no fim duma época inteira de trabalho insano.*

E não me diga v. ex.ª, senhora D. Ana Martinho, que o aplicaria mal. A v. ex.ª, por exemplo, que tem uma alma de purezas feita, eu dava o bastante para fazer face aos seus compromissos, que v. ex.ª confessa estarem quasi sempre latentes em virtude de distribuir pelos pobres uma boa soma de dinheiro, todos os anos.

Mas as necessidades são tantas, é tamanha a escacez de conforto, que eu iria dizer que, por mais generosidade que se dispendesse, não era possivel atenuar a grande crise que se conhece.

E depois, como v. ex.ª sabe, ha crise de dinheiro e crise de caráter, sem falarmos agora na crise de talento...

ALMEIDA JUNIOR.

João Antonio Rodrigues

(SUCESSOR)

Montemór-o-Velho

Correspondente das seguintes casas:

Banco Comercial de Lisboa, Banco do Minho, Banco Comercial do Porto, Banco Aliança, Banco Economia Portugueza, Banco Nacional Ultramarino, Companhia de Seguros *A Internacional*, Crédit Franco-Portugais, J. M. Fernandes Guimarães & C.ª, Pinto da Fonseca & Irmão, J. M. Espirito Santo Silva, Borges & Irmão, J. H. Tota & C.ª, e Orey, Antunes & C.ª.

DR. AVELINO FARIA

Advogado

CANTANHEDE

Dá consultas aos domingos em

ARAZEDE

de outubro em diante e trata de qualquer questão no tribunal de Montemór-o-Velho.

Limpeza das ruas

Não sabemos se o forasteiro arguto já reparou na porcaria que vai aqui assim pelas ruas da vila, algumas das quais são verdadeiras retretes publicas, com prejuiso da higiene dos habitantes. Algumas povoações limitrofes estão em muito melhor estado d'asseio.

Quem é [illegible] de semelhante espétaculo? Depois, com o calor asfixiante que tem feito, o leitor avaliará das consequencias lamentaveis que dai podem derivar. O proprio castelo, sem falar do caminho que a ele conduz, está num pessimo estado de conservação sob o ponto de vista de asseio.

Valerá alguma coisa pedir providencias? Se valer, aqui fica registado o enorme desejo de vermos a nossa terra limpinha e a sua unica e quasi inegualavel reliquia historica, isenta de imundicies que a tornam inacessivel e intoleravel.

Horas tristes

(Em resposta á carta do amigo J. S. Carvalho, atualmente na Guarda)

Acabei agora de lêr a sua carta, publicada no *Dever*, e apresso-me a responder, ainda sob a impressão que a leitura dela me causou, isto é, com os olhos humedecidos de lagrimas e o coração trespassado duma dôr profunda...

As suas palavras: — *lembra-me imenso a nossa terra natal, essa linda aldeia que eu tanto adoro* — evocam ao meu atribulado espirito esses tempos que passei, longe da Patria e da familia, numa labuta constante: lutando, simultaneamente, com as intempéries do clima, e com as muitas saudades que me atormentavam; então a vida, para mim, não passava dum cáos, dum aborrecimento, dum martirio...

Acredito, pois, que passe aí *uma vida aborrecida e bem triste;* porque, longe do seio da familia, do convivio dos amigos e da terra natal, assim deve ser, e muito principalmente para aqueles que sentem a dôr pungente da saudade!

Sim, quando se é invadido por esse sublime sentimento que é tambem a dôr maxima da alma — a saudade! — sofre-se; e os transes são tão agudos, que na vida nada mais sentimos que não seja aborrecimento, tédio por tudo que nos rodeia e até, ás vezes, desprezo por nós proprios!... Oh! que consolação sentiriamos se, nesses momentos angustiosos, nos fosse possivel mitigar o nosso sofrimento num terno desafôgo... Se essa efusão d'alma nos fosse possivel, deixariamos, então, de confiar ao simples papel, que molhámos com nossas lagrimas, os afétuosos sentimentos que fazem palpitar o nosso coração saudôso...

Realmente é triste, horroroso mesmo, ser-se arrebatado brutalmente pela implacavel *morte*, na idade em que tudo nos sorri!... mas, o que ainda é mais horroroso — é vêr morrer lentamente essas creaturas, pessôas amigas, algumas, com quem, algumas vêzes, partilhámos o nosso gôso num acontecimento feliz da vida, com quem, algumas vezes, contámos nas horas de mais tristeza, — e sem podermos prestar-lhes qualquer auxilio de molde a atenuar o seu sofrimento, nem podermos pôr um dique á marcha feroz duma morte brutal...

Eis a razão porque, quando acabei de ler a sua carta, publicada no *Dever*, os olhos se me marejaram de lagrimas e senti no coração uma dôr estranha...

Agradeço-lhe o ter-se lembrado do meu nome para contar as suas impressões, e faço votos, para, que regresse depressa ao seio da sua familia, que muito o estremece, e ao convivio dos seus amigos, os quais anciosos esperam a sua chegada para o abraçar.

Abrunheira, 5 | 9 | 15.

E.

TOURADA

Hoje, no grande Coliseu Figueirense, realisa-se outra corrida de touros, e esta á antiga portugueza, em que tomam parte distintos amadores tauromaquicos portuguezes, tais como Adolfo Machado, já bastante conhecido, e Vasco Infante da Camara.

José Casimiro toma parte por deferencia para com o seu colega.

10 bravos touros das manadas alentejanas, serão lidados com a costumada mestria.

A corrida será dirigida pelo snr. Cunha e Vasconcelos.

As companhias dos caminhos de ferro baratearão os transportes.

Tudo recomenda uma explendida corrida, a avaliar pelas transactas.

Instituto Branco Rodrigues

Outro cego de nascença que adquire vista

A pedido do snr. dr. Lago Cerqueira, presidente da camara municipal de Amarante, foi para Lisboa, afim de ser admitido nesta instituição, o ceguinho Manuel Ribeiro, de 10 anos de idade, natural de Canadelo, daquele concelho.

Antes de dar entrada neste estabelecimento de ensino e de beneficencia, foi observado no Instituto de Oftalmologia, pelo snr. dr. Gama Pinto, que declarou que a criança era susceptivel de cura.

Ficou, por isso, internada naquele instituto, em 31 de maio, onde sofreu cinco operações, com tão feliz exito que recuperou a vista. Saiu em 12 de agosto, completamente curado, e regressou á sua terra natal.

Poetas e Prosadôres

Saudades

Saudades que me afligem cada dia
Deram tréguas nest'hora ao pensamento,
Mas fugidas que fôram num momento
Meu fado de sofrer me não fugia.

Mal de esta alma a saudade se partia
Logo me dava Amôr novo tormento,
Pois que, se de saudades fui isento,
De um novo mal a vida se me enchia.

Não sei, pensando nesta e na que tinha,
Quando foi minha sorte mais mesquinha,
Pois em ambas se foi minha vontade,

Que não sei qual será peor estado:
Se estar de uns negros olhos namorado,
Se por outros morrer de saudade.

Coimbra, Setembro de 1915.

Mario Simões da Silva.

A Flôr d'Abrunheira
— DE —
Joaquim de Sousa Carvalho

Fazendas de lã e algodão, ferragens, tintas, mercearia, vinhos e tabacos.

Variado sortimento de miudezas

Especialidade em chá, café, licores, etc.

ABRUNHEIRA

Desleixo?

Continua intransitavel a estrada que liga esta vila ao apeadeiro da linha ferrea. E' impossivel permanecer assim por muito tempo. De noite, sobretudo, não se póde caminhar por ela. Com pouco dispendio a Direcção d'Obras Publicas remediaria tudo.

A população desta terra deve merecer dos poderes publicos um pouco mais d'atenção. Mas não é só a estrada do apeadeiro ao rio; é tambem aquela que desde a ponte vem até ao estabelecimento do nosso distinto amigo snr. Bernardo Ferreira.

Por outro lado, o Mondego tambem se não pode atravessar, sem nos molharmos, pois que, sobretudo de noite, o tal *Bicho* não está lá e a gente tem que andar á procura de melhor sitio para passar sem correr perigo.

Mais uma vez chamamos a atenção de quem superintende no assunto, para que tal desleixo tenha fim.

A GUERRA

E' assombroso e horripilante o estado actual da guerra.

Esse monstro, sequioso de vidas e sangue, ainda não desapareceu da face da terra, e, como insulto á civilisação actual, ateia-se em todos os pontos da superficie terrestre, mais indomavel, mais feroz, e, por vezes, num esforço grande e brutal, prostra milhares e milhares de homens que são uns, o esteio duma familia, outros, o seu enlêvo.

A guerra, como vento da Desgraça, por onde passa tudo varre. Nada respeita.

Entra na igreja onde tudo profana; no cemiterio, onde perturba a paz e o silencio respeitavel dos tumulos!

Queima escolas e seus bancos, onde, outróra, grandes individualidades, em germen, que hoje são a gloria do nosso século, se sentaram.

Transforma o homem numa verdadeira féra; o seu coração, sacrario de tantas reliquias, num deposito de veneno onde embebe o punhal com que ferirá o seu semelhante.

Sendo a guerra só propria dos tempos rusticos em que predominava um completo analfabetismo e um odio e um rancor sectarios, porque é que, hoje, os homens, atendendo ao seu elevado grau de cultura intelectual e ao estado de civilisação do presente século, não repudiam esse monstro abominavel e devastador?

Não seria melhor que quaisquer questões internacionais, que de qualquer modo sugerissem, fossem resolvidas em tribunais arbitrais, evitando assim o derramamento de tanto sangue e a perda de tantas vidas?

Se assim se fizesse, a humanidade não sofreria tantos horrores, e mostrava-se que se cultivava um adiantadissimo grau de civilisação.

Oxalá que dentro em pouco tempo os homens tenham a concepção do quanto devem odiar a guerra.

E tu, monstro, receberás sempre enquanto existires, as imprecações dos moribundos, o odio das viuvas, e o choro lancinante dos orfãos que perderam para sempre seus páis, e todos, num côro unisono e cheio de amargura, mas repassado de desespêro, te dirão: Abaixo, vil monstro, que roubaste a felicidade dos nossos lares, a alegria dos nossos corações e a paz da nossa sacrosanta Patria!

Coimbra, setembro de 1916.

Mário Augusto da Silva.

Pela sociedade

Está gravemente enfermo na sua casa da Figueira da Foz, o nosso presado amigo e obsequioso assinante, snr. Cristovam Martins, zeloso chefe de Reserva da Companhia Portugueza de Caminhos de Ferro, em Alfarelos.

Desejamos o pronto restabelecimento do nosso amigo, que é um homem de bem ás direitas e digno da estima geral, que felizmente gosa.

= Tivemos a satisfação de cumprimentar em Coimbra o nosso estimado amigo, snr. Benjamim Bronze Mendes, distinto violinista e professor em Linede.

= Está em Pampilhoza, gosando o interregno parlamentar, o nosso valioso amigo, snr. dr. Francisco da Cruz, grande patriota e deputado da nação.

= Afim de assistir aos exercicios geraes militares, partiu para Aveiro o snr. Joaquim Pires, nosso presado amigo e zeloso ferro-viario, em serviço na Inspecção Principal de Coimbra.

= Regressou de Lisboa á sua casa de Coimbra a inteligente professora de Santo Varão, snr.ª D. Emilia Bizarro, acompanhada de suas gentis manas e cunhado.

Damos as boas-vindas a tão ilustre dama.

= Acompanhada de seu pae, o snr. José Alexandrino Beja da Silva, professor em Tentugal, esteve ha dias em Montemór, de rapida visita, a snr.ª D. Fausta Nazaré Beja da Silva, professora na Mucela.

= Encontra-se em Montemór, ha dias, de visita a seus estremecidos páis, acompanhada de suas gentis filhinhas, a snr.ª D. Elvira Simões de Carvalho, filha do nosso ilustre amigo, snr. Boaventura Augusto Simões, secretario de finanças aposentado.

D. Aurea Amaral

Partiu ante-ontem para Amarante, onde vae descançar, junto dos seus, das fatigantes labutas quotidianas, a nossa apreciadissima e ilustre colaboradora, snr.ª D. Aurea Judit Amaral, distinta professora oficial em Vila Nova de Gaia.

Cumprimentamos a talentosa escritora.

Camara Municipal

Sessão de 7 de Agosto

Presentes os vereadores, snrs. Monteiro da Costa, J. Goes, Barros e Basilio Lebre, secretariando o snr. Rodrigues Pato, sob a presidencia do snr. dr. Simões.

Lida e aprovada a acta da sessão anterior.

Tomou conhecimento do seguinte expediente:

Um oficio da Maternidade de Coimbra a enviar as folhas das subsidiadas do semestre de janeiro a junho ultimo. Resolveu a Comissão mandar anunciar o dia do pagamento.

Um oficio da Caixa Geral de Depositos a devolver novamente o precatorio dos 600$00 para a escola de Verride, para ser autenticado com o selo branco respectivo. Resolveu a Comissão enviar oficialmente o precatorio ao Director das Obras Publicas.

Um oficio do cidadão Joaquim Barbudo, a participar á Comissão o falecimento de sua filha, professora de Verride. A Comissão sentiu bastante o falecimento daquela professora e deliberou pôr a concurso a dita escola.

Um oficio da professora interina de Verride, a responder ao oficio que a Comissão lhe enviou e a informar que a professora oficial tinha falecido. A Comissão ficou inteirada.

Uma circular da Associação Central de Agricultura Portugueza a solicitar que seja nomeada uma Comissão no concelho, para auxilio da mesma Comissão Central. Resolveu que seja presente a circular na proxima sessão da Camara.

Uma circular da Direcção das Obras Publicas a pedir que lhe seja enviado um mapa do estudo das construções de estradas municipaes deste concelho. Resolveu satisfazer com urgencia.

Foi presente uma requisição do professor do Vale Grande a pedir diversos objectos escolares. A Comissão resolveu satisfazer e ficou inteirada.

Confirmou os atestados de pobreza a José Teixeira Junior, do Amieiro, e a Joaquim Jorge de Campos e mulher Luiza de Jesus, da Cabeça Alta.

O presidente propoz que se pedisse á professora de Gatões a copia e os mapas do recenseamento escolar e estatistica do ano lectivo para a conversão em mixta da mesma escola de Gatões.

O vereador Lebre mostrou a necessidade de se proceder á limpeza da fonte de Formoselha. A Comissão encarregou o mesmo vereador de mandar proceder á limpeza.

O vereador Monteiro mostrou tambem a necessidade de se proceder á limpeza e esgoto da fonte do Barrocão, na Carapinheira. Resolveu que fosse o mestre d'obras examinar as obras e fazer o orçamento.

Foi dada ordem ao guarda de Tentugal para proceder com toda a urgencia ás obras de empedramento da estrada da Portela.

Autorisou e mandou pagar varias despezas.

Em seguida foi encerrada a sessão.

Companhia de Seguros Fidelidade

Séde: Largo do Corpo Santo, 13—1.º—Lisboa

Capital emitido	1.344:000$00
Capital desembolsado	67:200$00
Reservas	733:702$07,5
Prejuizos pagos	4.497:355$11

Efectua seguros maritimos e terrestres na séde e nas correspondencias.

«O MUNDO»

No dia 16 passou mais um ano de existencia este intemerato diario lisbonense, que, sem desfalecimentos, antes com prejuizo da saude do seu diretor, algo comprometida, se tem sabido manter numa linha de intransigente conduta que devia servir de exemplo a tantos que de bons exemplos carecem.

O *Dever* sauda o brilhante periódico.

Agua da Curia

Mogofores

As unicas aguas sulfatadas-calcicas que existem no paiz, similhantes ás afamadas aguas de Contrexéville, nos Vosges (França).

Guerra Europêa

Ultimos telegramas

Londres, 17 — Na fabrica de munições de Ocha, Petrogrado, deu-se uma tremenda explosão, morrendo na catastrofe milhares de operarios. A fabrica era importantissima.

Madrid, 17 — Saíram de Gibraltar para os Dardanelos tres grandes transportes, conduzindo material de guerra.

Nega-se que haja epidemia em Gibraltar.

Roma, 17 — A situação dos armenios é verdadeiramente horrorosa. Julga-se que os turcos se propõem extermina-los por completo.

As mulheres que se converterem ao mahometanismo serão distribuidas entre os turcos, para que fiquem assim impossibilitadas de voltar ao cristianismo.

O embaixador dos Estados Unidos protestou contra estas barbaridades por causa do perigo que correm os missionarios norte-americanos.

A resposta foi assassinar 20 armenios dos mais notaveis nas ruas de Constantinopla.

Londres, 17 — São contraditorias as noticias que se recebem ácerca da atitude da Bulgaria. O *Times* publica um telegrama de Mitilene dizendo que o governo turco notificou a cedencia de territorios á Bulgaria, ordenando aos habitantes mussulmanos que abandonem as suas habitações.

Este facto causou grande indignação na Turquia contra os jovens turcos.

Outra informação de procedencia alemã diz que os trabalhos de cessão de territorios devem prolongar-se até ao dia 8 de outubro.

Os aliados enviaram uma nota ao governo de Sofia, supondo que este dará uma resposta definitiva muito em breve.

Londres, 17 — Surpreendemos uma importante patrulha inimiga a 8 milhas ao sul de Kaktau, no Oriente africano.

O inimigo fugiu, deixando 32 mortos além de varios feridos. Tivemos 3 mortos e 8 feridos.

Companhia Geral de Credito Predial Português

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

Séde Social: Travessa de Santo Antonio da Sé, n.º 21

LISBOA

Esta Companhia realisa actualmente emprestimos hipotecarios a longo praso, cujo encargo, compreendendo juro, comissão, amortisação e depreciação dos titulos, é inferior a 7 %, tendo os mutuarios a faculdade de antecipar os seus emprestimos, total ou parcialmente e em qualquer época, em dinheiro ou em obrigações da mesma taxa e tipo das que fôram entregues no acto do contrato. Recebe e guarda nas suas magnificas **Casas fortes** quaisquer papeis de credito, encarregando-se de receber os respectivos juros.

Pedir esclarecimentos a Fernando da Silva Coelho Pessoa — Montemór-o-Velho — ou diretamente á Séde da Companhia.

OFICINA-GARAGE DE COIMBRA

LOBO DA COSTA & CASTANHEIRA

Grandes oficinas mecanicas para reparações de automoveis; fabrico de carretos, pinhões e corôas em aço; cementação e temperas; vulcanisação e fundição de metaes. Recolha e tratamento. Ensino. Automoveis de aluguer de $08 a $20 o quilometro e 9 lotações de 1 a 18 passageiros. Acessorios, gazolina e oleo. Transações em carros de 2.ª mão. Serviço especial, para bem servir os Ex.mos Clientes da provincia.

RUA DA FIGUEIRA DA FOZ — 170

COIMBRA

Local conhecido por «Casa do Sal» á entrada da cidade pela estrada do Porto.

Telefone, 502 — Telegramas «Garage, Coimbra»

HOSPEDARIA DO PAÇO DO CONDE

— DE —

JOSÈ DOS SANTOS

Rua Adelino Veiga, 36 a 40 — Rua do Paço do Conde, 10

COIMBRA

Vinhos, comidas e tabacos.
Recebem-se comensais por preços modicos.
Camas para pernoitar.

Esta casa, com a transformação por que acaba de passar, melhorou consideravelmente todos os seus serviços, achando-se habilitada a receber hospedes de qualquer categoria, oferecendo-lhes comodidades por preços baratos. Esmero e prontidão no serviço de meza, para o que tem pessoal competente.

O mesmo proprietario negoceia em cereais e legumes de todas as qualidades, tais como farinhas, semeas, batata, castanha, palha enfardada, cordas e adubos quimicos.

Rua Adelino Veiga — 44, 48

O seu armazem é já muito conhecido.

Telefone 379.

AGUA DE LUSO (Medalha d'ouro, Madrid 1913.) Cura pela Diurése

(ESTABELECIMENTO TERMAL E HOTEIS ABERTOS TODO O ANO)

A mais diurética e mais digestiva. Aumenta a diurése, regularisa as funções digestivas e ativa os fenómenos nutritivos

Muito radioativa—4,49 miligramas—minutos
Muito ionisada, resistividade a 18° 18300 ohms
Muito rica em gazes raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotonica, ponto criospico 0°,04

} Conclusões da analise feita pelos distintos professores Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitissimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tifico

USO EXTERNO—Molestias de pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc,), reumatismo e gôta.
USO INTERNO—Artritismo, impaludismo, neurastenia—Albuminuria, diabetes—Intestinos, estomago—Rins—Bexiga.

Depositos — **LISBOA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros. 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 428. FUNCHAL, José Quirino de Castro, rua dos Murças. AFRICA ORIENTAL: Oswald Offmann. BEIRA: F. L. Simões & C.ª. LOANDA: Beltrão, Pena & C.ª**, e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositarios nas terras onde ainda os não haja.

Portugal Previdente

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima — Responsabilidade Limitada

Capital **UM MILHÃO** de Escudos

SÉDE — RUA DO ALECRIM, 10 — LISBOA
N.º Telef.—1849 End. Teleg.—VIDA

Seguros contra incendios de predios, fabricas, etc.
Seguros de estabelecimentos e mobiliarios.
Seguros agricolas de ceáras, eiras, palhas, arvoredos, etc.
Seguros de maquinas e utensilios de lavoura.
Seguros contra incendio proveniente de gréves e tumultos.
Seguros de transportes maritimos e postaes.
Seguros contra roubo de habitações e estabelecimentos.
Seguros contra fraude de empregados.
Seguros contra a quebra de cristais.
Seguros de vida, pensões, dotes e reformas.
Seguros contra acideute de trabalho.

Agencias em todas as terras importantes do paiz, ilhas e colonias.
Sucursal no PORTO — Rua Passos Manoel, 21.

BANQUEIROS—**Borges & Irmão**—Porto e Lisboa

Antonio Pereira de Carvalho

Proprietario dos Grandes Armazens de Bicicletas, Maquinas de Costura, Pianos e toda a qualidade de acessorios.

A maior e mais antiga casa no genero

Oficina para todos os concertos, afinações e reparações em bicicletes, motocicletes e maquinas de costura.

Artista mecanico habilitado.

Vendas, alugueis e trocas.

Preços sem competencia

34—Avenida Navarro—36

(Estrada da Beira)—COIMBRA

Companhia de Seguros A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz

Antonio d'Oliveira Guerra

RUA DA REPUBLICA, 84

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem deposito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se tambem de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fóra de Coimbra

FABRICA DE CAL

Cal fina e grossa, fornece-se em muito boas condições. Preços modicos, sobre o wagon, no caminho de ferro e nos proprios fornos.

Agente de telha tipo marselha e tijolos de todos os formatos, da fabrica Lacerda, Figueiredo & C.ª Limitada, da Pampilhosa.

Pedidos a

Joaquim F. Coca Junior
Zambujeiro—Arazede

AOS AGRICULTORES

Estão proximas as sementeiras de nabos e cereais, e por isso previno todos os meus estimaveis freguezes que façam novas encomendas de **adubos quimicos** e **organicos**, da acreditada casa Varela Leal & C.ª, das Varzeas, os quais se encontram á venda em minha casa, no **Casal do Gaio — Arazede.**

Manoel Monteiro Godinho.

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legitimos acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de fórma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamavel, isca em cordão vendida fraudulentamente a titulo de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva acção civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa ao Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando-se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalisação para procederem ás necessarias diligencias. Dirigir-se pessoalmente ou por carta á Companhia Portuguêsa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

SEGUROS CONTRA INCENDIO

Seguros contra incendio incluindo riscos de explosão de gaz e raio. cobrindo tambem os riscos de gréves ou tumultos (portaria de 14 de Março de 1914).

SEGUROS CONTRA INCENDIO cobrindo ainda os riscos de guerra (portaria de 30 de Novembro de 1914).

Unica companhia autorisada a segurar os riscos de guerra nas apolices de incendio

Seguros contra incendio e roubo E' tambem A MUNDIAL a unica Companhia autorisada a emitir uma apolice cobrindo os dois riscos.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital — Esc., 500:000$
(500 contos)

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmão
Praça da Liberdade, 138 — Telefone 1459

Agencias e Delegações em todo o paiz, ilhas e colonias.

Restaurante Ferro-viario ALFARELOS

ESTE bufete, um dos que melhor servem o publico que transita nos comboios, acha-se situado na estação do caminho de ferro de Alfarelos. Fornece almoços, jantares e *lunchs* e toda a qualidade de refeições, por preços comodos. Tem pessoal habilitado, tanto em cosinha como em sala de mesa. Tudo se encontra com esmero e perfeição.

Fornece comida para fóra, e presta-se a servir em casamentos, batisados, etc., desde que seja prevenido com antecipação.

O proprietario, **Artur de Oliveira Coelho.**

ADUBOS MELO & MARTINS

PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada

PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiencia dos nossos adubos, devido ao seu magnifico resultado os adoptarão de preferencia a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro
PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex.mos passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.

Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA

Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.
PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações
Deposito das afamadas aguas de Luso.

Guilherme dos Santos Pinto & Irmão

COM

OFICINA DE CANTEIRO

Encarregam-se de jazigos de toda a especie e todo o serviço concernente á sua arte.

Tambem executam todos os trabalhos que digam respeito a *Plantas, Alçados, Copias, Projectos e orçamentos de edificios, edificações, etc.*

Montemór-o-Velho=Verride

Biblioteca da Universidade
Coimbra

Ano 4.º — Montemór-o-Velho, 26 de Setembro de 1915 — N.º 188

DIRECTOR, PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR
Almeida Junior

SECRETARIO DA REDACÇÃO E EDITOR
Abel M. de Melo Brandão

REDACTOR PRINCIPAL
Mário Augusto Mota

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguêsa

Pátria e Humanidade

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Dr. José Galvão
MONTEMOR-O-VELHO

DIRECÇÃO:—COIMBRA
(para onde deve ir a correspondencia)

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. Silva (a vapor)—AVEIRO

Principios justos

Diversos meios se empregam para ofuscar os principios justos. Um deles, e dos mais triviaes, consiste em não os discutir. Não se lhes concede essa importancia, e como é preciso sempre para todos os actos da vida uma aparencia de justificação, alega-se, se a expressão desses principios é rude e imperfeita, que não vale as honras dum debate uma exposição grosseira; se é bela e brilhante, que só a expressão merece apreço e que das idêas enunciadas apenas se aproveitam as galas que as revestem.

O principio é comodo e vulgarissimo, repito. Assim, lendo-se os versos mais inflamados e justiceiros de Guerra Junqueiro, não faltam impenitentes conservadôres que os citem com fervoroso entusiasmo e sentida admiração, explicando, porém, não atenderem ás idêas que o poeta canta, e que não partilham, mas sim sentirem-se subjugados pela fórma preciosa que sublima esse canto de harmonia e claridade.

Poderia aplicar este exemplo a todos os altos propagadôres das idêas avançadas que em Portugal representam a *élite* dos espiritos. A todos, sem discrepancia, se vota um culto como artistas, como oradôres, como filosofos. Mas esse culto tem sempre da parte dos conservadôres a que aludo essa banal restrição. Trata-se de formosas aves sem miolos que apenas sabem desferir um gorgeio suave e nobre que, embora encante, embora enleve, entra por um ouvido e sae pelo outro. O canto é belo, mas a teoria é inconsistente. A palavra é arrebatadôra, mas a idêa é nula. Trata-se de malucos geniaes, mas malucos. Eis ao que se pretende chegar.

A razão, o juizo, o bom senso, a verdade, estão no mercieiro Antunes, no galopim Fernandes, numa palavra, no conselheiro Acacio, bom sustentaculo da Ordem e da Rotina, em todas as suas diversas encarnações sociaes.

Se este modo de vêr fosse sincero, poderia merecer uma relativa contemplação. Mas não o é, e mesmo tomado como molde de critica é esteticamente um miserrimo erro.

Faladas ou escritas, não ha palavras que não representem idêas. Ponham ao serviço do mal, em todas as suas variedades, — chame-se Despotismo, Ignorancia ou Crime,—o maior talento que possa brotar em nossas eras, e o homem que o apostolisar e defender, quaesquer que sejam os seus recursos, por mais privilegiados, não será nunca um homem de genio, sagrado como tal pela consciencia publica. Só ignorantes ou interesseiros procurarão fazê-lo passar por isso sem que jámais o consigam.

Se a apologia ardente e convicta da Liberdade, da Justiça, do Direito, de todo o humanitarismo, enfim, nos arrebata e comove, traduzida com a eloquencia da arte de falar ou escrever, é porque, —não se iluda ninguem! — a nossa alma vibra, unisona, com a alma nobre que a soube definir com a alevantada expressão que ela requer.

Triste cousa seria que alguem, de mediana inteligencia, se deixe conquistar apenas pela enfonia de palavras sonoras que reconhecem estarem traduzindo, embora inconscientemente, o erro ou a mentira!

Coimbra, Setembro de 1915.

MÁRIO SIMÕES DA SILVA.

Interesses do concelho

Aguas da Fonte Quente — A sua maravilha — Curas demonstradas — Torna-se urgente a sua exploração.

Num sitio proximo dum pequeno e obscuro logarejo, chamado *Fonte Quente*, freguezia desta vila, da qual dista cinco quilometros e tanto, existe uma nascente d'aguas que ali teem corrido num manso e tranquilo regatosinho, serpenteando solitarias por entre pinheirais, sem que ninguem por elas manifestasse ainda o mais pequeno interesse, por se julgarem, talvez, de nenhuma utilidade, quer para beber, quer para efeitos therapeuticos e de higiene.

Porém, no ano passado, certamente porque algumas pessoas pobres, achacadas de doenças reumaticas ou de feridas, e, quem sabe mesmo, se já desiludidas da ciencia, fossem procurar nelas alivios aos seus padecimentos e se achassem curadas, foi o bastante para que a fama destas aguas rapidamente se vulgarisasse, espalhando-se por todo o concelho e fóra deste, contando-se aos centenares os padecentes que, desde então, até á presente data, ali teem ido buscar o remedio para os seus males e sofrimentos; e taes são os alivios e magnifico resultado que teem encontrado, que não cessam de apregoar maravilhas da eficacia das aguas.

E agora é enorme a concorrencia dos achacados, banhando-se á vez, como na loja do barbeiro, o que, por vezes, dá logar a ralhos e descomposturas, porque um se demora mais tempo no banho do que outro, e todos querem gosar as delicias das maravilhosas aguas.

Tem-se, enfim, chegado ali a vêr gente do concelho de Mira e doutros mais distantes!

Além de se banharem, muitas pessoas levam garrafões d'agua para casa, pois que, segundo dizem, além de provocar o apetite, lhe fazem bem ao estomago.

Divulgados por este modo os efeitos das aguas da Fonte Quente e bem assim os grandes serviços que a higiene e a saude publicas tem a esperar delas, o snr. dr. Bento Malva de Moura Matoso, de Soure, a quem pertence a propriedade onde as mesmas teem a sua nascente, tendo-as já registado na repartição de finanças, pelo que nos informam, trabalha agora para constituir uma sociedade para as explorar e para a qual parece já contar com um bom numero de acionistas.

Oxalá que assim seja e que sua ex.ª não desfaleça e veja os seus esforços coroados do mais feliz resultado, é o que todos os montemorenses lhe devem desejar, atendendo a que, uma estação termal proximo de Montemór, constituiria um melhoramento que muito contribuiria para a prosperidade e desenvolvimento economico desta terra e de todas as terras que com a nossa beneficiam tambem.

Falaremos do assunto mais de espaço.

Crónica de Lisbôa

E' inevitavel, não tem remedio! Se o capital ali acha uma mina d'oiro, que se lhe ha-de fazer?!...

Apesar da grande oposição que o povo lhe tem feito, o jogo, mais dia menos dia, será regulamentado. O capital assim o quer.

Dizem-nos que a prosperidade de um grande numero de terras portuguezas depende da regulamentação do jogo e que essa medida, levada a efeito, produz um rendimento apreciavel.

Estamos plenamente de acordo, nesse ponto de vista, e se bem que a discussão do assunto nos causa uma certa e natural repugnancia, não podemos negar que alguns paizes não podem deixar de atribuir uma parte da sua prosperidade material a esse vicio que arruina e mata, como o opio.

Em Monaco todos os anos cresce, assustadoramente, a serie dos suicidios; já alguem tomou o seu brazão de xadrez branco e rubro, indiscutivelmente nobre, numa parodia macabra onde brilhava sangue que o vicio derrama e se via a corda e a *browning*, ultimo recurso dos que junto á mesa do pano verde jogam o seu dinheiro, a sua honra e a sua vida.

E no entanto Monaco prospera.

De verão as suas ruas, os seus parques, os seus casinos e os seus teatros, trasbordam de forasteiros. Joga-se milhões, emquanto os tziganos harpejam e as *demi mondaines* mostram a fiada de dentes de jaspe, sorrindo, a quem adivinham cabedais.

Que importa que a familia abastada e feliz na vespera, esteja arruinada e perdida hoje?!

A lei permite que se jogue porque o jogo concorre para a prosperidade do paiz...

Ao sabado vê-se, talvez, nesses paizes prosperos, as oficinas fecharem rapidamente para as tavolagens se locupletarem com os magros cobres que iam servir para manter uma familia, talvez que a fome e a miseria esperem o momento para o assalto. Depois vem a desônra, o cortejo de horrores que seguem o desgraçado, até á vala, a maldição, até, depois de esvaida a vida.

Abram as tavolagens que abrem os prostibulos; devem alargar, tambem, a área das prisões! São sequencias inevitaveis, que a *prosperidade do paiz*, que corre tanto de boca em boca, não poderá evitar.

Mas diz-se, no entanto, como argumento de peso, como conclusão a uma serie de raciocinios onde a logica se não perde, que o jogo não pode evitar-se, e, portanto, manda o bom senso que do mal se aproveite o bem possivel.

Estes *parvenus* desclassificados serão amanhã os primeiros a berrar a plenos pulmões a *dura lex sed lex* e a pedir um logar na fiscalisação da jogatina.

O roubo nunca poderá evitar-se, e, no entanto, a lei reprime-o e pune-o; a prostituição continuará sempiternamente a ser um cancro repugnante para a humanidade, e, não obstante, a lei pretende evital-a com as suas disposições.

Porque veem, pois, esses novos tonsurados, esses nêo-jesuitas, chorando lagrimas de crocodilo, afirmando que é impossivel evitar o vicio da jogatina que campeia desenfreado e que a regularisação destes factos impõe-se com brevidade.

Ah! Não, senhores!

E' preciso que saibamos, primeiramente responder a esta pergunta, sem sofismas, nem rebuços:

Pretende-se uma lei para que se jogue ás escancaras, sem rebuço, ou joga-se sem rebuço para se conseguir uma lei?

D. L.

Horas d'insónia

Fala-se muito das belezas do Minho. Do Algarve, dessa provincia original de beleza e poesia, só os seus naturais registam coisas interessantes duma questão de patriotismo, que fica bem aos seus apologistas.

Com efeito, o sul de Portugal possue um ceu purissimo de idealismo e sonho. O mar beija docemente algumas praias, tais como: a formosa praia da Luz, Sagres, etc., especialmente a da Luz, explendida terra algarvia, possuindo um belo casino onde a élite, reunida, gosa e dá largas á vivacidade da sua alma de sorrisos feita.

As damas do Algarve, agora especialmente reunidas na incomparavel praia da Luz, são, por temperamento hereditario, criaturas amorosas, sonhadoras, vivazes, lembrando a Esperança da vida no seu alvorecer mais querido.

O Oliveiros Braz Machado, algarvio d'alma e coração, está cansado de escrever-me convidando-me a um passeio até lá. Claro que não posso ir. E, tambem, se havia de deixar-me enamorar por alguns olhos côr do mar, bonançoso e quieto, como só o sabe ser o mar da costa do Algarve, abrigada e linda, melhor será não ir.

Aqui, nesta prisão de todos os dias, neste labutar continuado e interminavel, o tempo decorre melhor, porque o gôso e a paz espiritual da humanidade não pode atingir toda a gente.

As mulheres do Algarve, doces e amigas como açucenas em botão, tão cantadas por Corrêa d'Oliveira e outros, lembram-me, ao vê-las, o que Oliveiros me recorda, numa missiva saudosa — andorinhas voejando em torno do ceu azul.

ALMEIDA JUNIOR.

AMOR BEMDITO

Esta vida é calvario doloroso:
ao pezo cada qual da sua cruz
lá se arrasta... lá cai .. — chão tormentoso! —
como o martir sublime, o bom Jesus!

Ferido o coração, inda saudoso,
pobre viuva, a quem nada seduz,
lhe rouba a Lei cruel filho estremoso,
de sua alma alegria, encanto e luz!

Dôr imensa, que nada, nada acalma!
— as lagrimas lhe inundam a sua alma,
vergada á sua cruz, á sua dôr!...

Mas á bemdita luz da Liberdade
surge o filho querido... — a f'licidade,
— aleluia do Bem, de paz e amôr!

Montemór-o-Velho, Setembro de 915.

J. NEVES.

Páginas sôltas

Mulheres da Armenia

A guerra grande se tem trazido consigo uma interminavel série de calamidades de toda a ordem não tem deixado tambêm dê trazer, de quando em quando para espairecer, alguma nota picaresca...

E eis uma bem faceta, colhida no noticiario das gazetas. Os turcos julgam de indispensavel para prosseguirem na luta com esperanças de vitória—nada mais, nada menos, que a exterminação de todas as mulheres da Armenia, degolando-as!

E' claro que ideia tão radiosa e cativante para o sexo belo só póde ter sido concebida em cérebro de turco.

Mas saibamos porque é que, tendo-se reconhecido que a mulher tem desempenhado um papel tão proeminente como benfasejo, altruista e nobre em todos os lances desta guerra sem confronto nos anais da historia—porque é que, dizia, o turco vê na mulher arménia um perigo nacional?

A Armenia, territôrio repartido

pelas duas potencias a—Rússia e a Turquia, é um paiz da Asia ocidental. E' essencialmente montanhoso e do seu grande massiço se destaca o Ararat que mede 5:200^{m} de altitude. E é talvez aí que o viandante procure os restos, a «ossada» daquela sublime arca de Noé que fraternalmente em seu bojo gigantesco acolheu os varios exemplares da escala zoologica... Sim porque fôra na Armenia e nesse monte que a celebre arca naquele tempo em que nem se sonhava com transatlanticos nem submarinos, depois de resistir ao embate dessas diluvianas chuvas que durante corenta dias e outras tantas noites, em torrentes se despenhavam das alturas, — ali fôra repousar segundo a lenda.

O grande massiço montanhoso e vulcânico da Armenia é um centro de dispersão das aguas: dali manam o Tigre e o Eufrates os grandes fertilisadores da Mesopotâmia, dali vai tambem o Kura que lança as suas águas no mar Cáspio. E no planalto há um lago, o Van.

Na Armenia não ha grandes produções agricolas, porque as suas altas montanhas tapetadas de neve, só pastagens para o gado pódem produzir e a maior extensão do terreno é de *stéppes* incultas; mas em compensação a hulha, o cobre, a prata, teem ricos jazigos nas entranhas da terra.

A Armenia que outrora fôra centro de uma civilisação adiantada, dum comercio florescente, é hoje nas mãos dos turcos, improdutiva, sem comercio, sem agricultura, sem industrias.

Os armenios pertencem á raça branca, são de raça irania; e as mulheres, risonhas do Cáucaso, por força hão de ter no rosto a expressão sonhadora de anjos desterrados do *paraiso*.

A Asia que é berço de todas as religiões do mundo tem nos seus povos, budistas, bramanistas, maometanos, judaistas, scismaticos, cristãos, e mais por cérto.

E os armenios são cristãos. Eis ai o perigo para os turcos. Teem nos armenios uns inimigos irredutiveis.

Em todos os tempos as lutas politicas tiveram sempre como «porquês» ou como auxiliar as lutas religiosas, e nenhumas foram mais violentas que entre mouros, maometanos e cristãos.

A religião tem uma força imensa; seus laços prendem mais — porque teem mais latitude—que os do sangue, da familia e até da raça. A fé e a crença avassálam as consciências: fanatizam-nas se são brancas, dignificam-nas se são livres.

Nesta grande guerra o aspecto religioso não se tem feito sentir nem como causa *belus* nem como auxiliar valioso; é uma guerra pela Civilisação mas cujas bases assentam nos interesses comerciais.

Agora veem os turcos, maometanos, ameaçar de exterminio as mulheres da Armenia, cristãs. Já não estamos em tempo disso: as lutas religiosas de exterminio já terminâram; nada agora faria surgir uma luta como a dos *albigenses* ou uma «matança de S. Bartolomeu».

Ideia tão radiosa e cativante para o belo sexo só poderia ter sido concebida... em cabeça de turco!

Aurea Judit Amaral.

A volta a Portugal (a pé)

Chegou na terça-feira a esta vila, seguindo na quinta para a Figueira da Foz, o snr. Joaquim de Pinho, membro da Portugala Esperanto Asocio, da Lisbona Esperantista Societo e do 1.º Grupo de Escoteiros, de Lisboa, que anda realisando uma viagem á volta de Portugal, a pé, tendo partido daquela capital no dia 12 de março do corrente ano e tendo já percorrido o Sul e uma grande parte do Norte do paiz.

A viagem é dedicada ás sociedades Propaganda de Portugal e Geografia Portugueza, propondo-se o simpatico viajante a propagar durante a mesma, o valor da lingua internacional *Esperanto*.

Como o snr. Pinho mostrasse desejos de ver os pontos mais pitorescos da vila, de bom grado nos prestamos a acompanhal-o ao castelo, cujas ruinas ele bastante admirou, tendo palavras de aspera censura para o abandono a que o mesmo monumento se acha votado.

De nada serve para os politicos e daí a razão, pois, de não ter amigos que o defendam dos vandalismos e olhem pela sua conservação.

Assim falou o snr. Pinho, contando-nos existir em Leiria, um grupo de individuos que tem a seu cargo a protéção e vigilancia do pequeno castelo da mesma cidade, tendo prestado já bons serviços e pelo que se intitula *Grupo dos Amigos do Castelo*.

Pela sociedade

Regressou da Guarda, onde esteve uma temporada repousando das labutas quotidianas, o nosso estimadissimo amigo, snr. Joaquim de Souza Carvalho, acreditado comerciante na risonha povoação de Abrunheira.

=== Está no Rocio d'Abrantes, onde passará uns dias, o ex.^{mo} snr. Manuel Duarte Pereira, inteligente fiscal do governo em Vizeu, e nosso obsequioso assinante.

=== Já se encontram nesta vila, onde todos os anos costumam vir passar os mezes de setembro a novembro, as snr.^{as} D. Maria da Piedade Leite e D. Estrela Marques dos Santos, de Ançã.

=== Tambem se encontram de visita ao nosso presadissimo amigo, snr. Boaventura Augusto Simões, os seus queridos filhos D. Elvira Simões e José Simões.

CARTA ABERTA

A' ex.^{ma} snr.^{a} D. Aurea Judit Amaral, distinta colaboradora do DEVER.

MINHA SENHORA:

Lendo atentamente um artigo que v. ex.^{a} escreveu no n.º 184 deste semanario sob o titulo de *Coisas da Guerra*, peço me permita fazer-lhe, sem pretenções a polemista, uns pequenos reparos.

V. ex.^{a} não me conhece por certo, não importa, e é possivel que ao lêr o que abaixo se vae seguir me alcunhe de traidor, reacionario, de vendido á Alemanha, de barbaro e doutras coisas mais; é possivel. Tudo desculparei; tendo por temperamento e costume, erguer bem alto, sempre que seja necessario, a minha voz em auxilio da razão prostituida, e de proclamar alto e bom som, as minhas opiniões e convicções inabalaveis e sinceras, em socorro do direito postergado, eu, minha senhora, não me importarei com os insultos que disto possam advir-me, nem tampouco com as vaias dos miseraveis, que sendo incapazes de ter um Ideal, se servem só da infamia como arma de combate.

Permita-me que lh'o diga, mas v. ex.^{a} não foi justa quando escreveu o seguinte: ... *eu que professo ideias elevadas quanto á influencia e qualidades da mulher, não posso crêr na mulher espião. D'isso só na Alemanha: é só qualidade apanagio da raça teutonica*...

V. ex.^{a} não póde crêr na mulher espião, a sua razão não póde admitir tal coisa, mas logo a seguir crê nela, dando-a só como possivel na Alemanha!

Que fáciosismo v. ex.^{a} ostenta debaixo do nome dulcissimo de mulher!

Quem espia, vive; quem dorme, morre!

A França dormiu estes quarenta e tantos anos; e teria a Alemanha culpa nisso?

A França perseguiu a Religião, a França riu-se de muito patriota que a queria arrancar da letargia em que vivia, mas hoje serve-se dessa mesma Religião que perseguiu, hoje chamou a si aqueles patriotas, que ainda hontem talvez fossem traidores!

E note v. ex.^{a}: o que se deu com a França, está-se a dar exactamente comnosco; a Espanha prepara-se como póde, e nós que fazemos? Dormir.

Acaso a Espanha terá culpa nisso?

Estamos num tempo, minha senhora, em que Portugal atravessa um periodo de tão lastimavel desorientação e sectarismo, esta Patria tem assistido ultimamente a tanta desorganisação, a tanta e tanta desmoronação de tradições e de glorias, que já tudo é possivel e natural.

E' por isso que já não causa admiração o modo por que nos portamos perante o conflito europeu, mesmo antes do desastre de Naulila.

Ha, minha senhora, um odio surdo contra a Alemanha, existe um rancôr tão irritante contra essa nação prospera e singularmente industrial, simbolo do trabalho e do progresso, que no meio deste tumultuar sordido de paixões, não sei o que mais deva admirar: se a petulancia com que se fala desse povo prodigioso e essencialmente guerreiro, se a ignorancia crassissima de muitos, que dando-se ares de intelectuaes, afirmam—quantas vezes!—sêr essa nação um feudo de barbaros, de selvagens e de doidos!

Entristece! E entristece porque no meio désta anarquia de ideias, neste turbilhão formidando de infamias, vendidas a 10 réis pela imprensa — coisa inacreditavel! — se abandonou por completo a ambicionada união da familia portugueza, horrivelmente dividida, e portanto enfraquecida, para se tratar simplesmente de picuinhas que nos não interessam e nos fragmentam ainda mais.

Mas não; preferem-se insultos vilissimos ao Kaiser, preferem-se atestados inconscientes de loucura á familia imperial, preferem-se catilinarias de toda a ordem contra o povo alemão—só porque se sacrificou, trabalhou e tem sabido morrer com honra e triunfar com gloria—aos interesses superrimos da Patria!

E' barbara a Alemanha! Barbara, porque depois da guerra de 70, mesmo vitoriosa, continuou trabalhando, emquanto outros dormiam e tiranisavam á sombra da derrota; barbara, porque do seu seio teem saido homens de incontestavel valor, como Bismarck, Wagner, Kant, Goethe, Buchner, Holback, Hegel, Ehrlich, o celebre fisiologista, autor do afamado *606*, e muitos outros; barbara, finalmente, porque tem sabido desafrontar-se, com uma coragem e um patriotismo admiraveis, dos seus numerosos e grandes inimigos.

Não sou contra os aliados, não; aprecio até altamente a Belgica, essa nação católica e gloriosissima, e quanto á França, se a não devo nem posso amar muito, é porque o meu coração de portuguez digno, amante forvoroso de tudo o que constituiu nosso Passado, tem razões de tradição e de historia, que me obrigam a não simpatisar com ela.

No entanto não a odeio, sómente a lastimo, já pelo seu desleixo e pelos seus processos, já pela benevolencia desgraçada com que aturou alguns dos seus homens d'Estado, que pelo seu fanatismo demolidôr e demagogico a puzeram naquele lindo estado.

Oh! França doutros tempos! Como te ha-de ser saudosa a recordação doutras eras, e que estavas isenta de estadistas, que mercê do seu demagogismo impenitente, teem chegado ao desejo insensato de querer «apagar as estrelas do ceu»!

Minha senhora: tem sido indubitavelmente lastimavel a nossa atitude perante o medonho conflito que lavra na Europa

Em vez de nos conservarmos na mais estrita neutralidade, como o bom senso e o patriotismo aconselhavam, o que fizemos?

E' melhor não recordar; esse estendal de epitetos soezes com que se mimoseou, sem razão, na nossa imprensa e em conferencias, a familia imperial alemã, por tudo respeitavel, e até, quando mais não fosse por um dever de mera educação, e as injurias revoltantes dirigidas contra o povo alemão, ainda hoje soam aos ouvidos daqueles que, como eu, não sendo francofilos nem germanofilos, mas sim lusofilos, preferiam a neutralidade mais absoluta—não como essa que para aí está—a essa demencia absurda do—vamos para a guerra!

Querem ir para a guerra? Ofereçam-se e vão, e não andem a desorientar mais do que está, com palermices *guerreiras*, a opinião pública.

V. ex.^{a} faz parte de certo da falange hostil á nação alemã, e é por isso e pela impressão que me causou o artigo que v. ex.^{a} escreveu no *Dever*, que eu bordei estas considerações, que não tem nada a recomendalas, nem colorido, nem ritmo, nem harmonia, nem rendilhados.

E v. ex.^{a}, que naturalmente lerá esta carta, desculpará por certo, já pela sua delicadeza, já pela sua benevolencia, o tempo que a farei gastar a percorre-la, e a grande impertinencia deste seu admirador e colega,

Eduardo Passos.

Guimarães, 1915.

João Mamede

Regressou da Beira, onde se encontrava com sua ex.^{ma} familia, este nosso presado amigo e inteligente escrivão de direito désta comarca.

Colheitas e vindimas

Vão já bastante adiantadas as colheitas dos ceriais e as vindimas da ultima produção, para o que tem corrido um tempo muito seco e propicio, pois tem dado aos lavradores e proprietarios ocasião para bem á vontade aproveitarem tudo o que as searas produziram, sentindo-se, porém, muito que a colheita do milho, o genero que mais consumo tem nesta vasta região, seja tão diminuta, á vista da abundancia que houve no ano passado, que foi um ano agricola dos mais fartos de que ha muito os lavradores se não lembram.

Como não suceder, porém, esta esterilidade, se a grande maioria dos montes que pela sua extensão, produzem muito mais que os campos, nem sequer palha deram para a alimentação dos gados, mercê das ardentes e prolongadas estiagens que teem feito desde o principio da cultura.

A respeito de feijão, posto que a abundancia deva muito á do ano passado, é contudo mais animadora que a do milho e bem assim a da batata, isto segundo já ouvimos dizer a alguns lavradores.

Quanto a vinho, deve haver tambem uma colheita muito abundante, e isto porque, se é certo haver alguns vinicultores que se queixam de ter menos, outros ha que no geral dizem ter obtido mais do que na ultima produção.

Espera-se tambem haver um farto ano de azeite, a julgar pelo magnifico aspecto que apresentam as oliveiras.

A VOZ DO PROFESSOR

No professorado do concelho

Um por todos...—Unamo-nos

Acabo de tomar *un petit dêjeuner*, afrancesêmo-nos linguisticamente falando, que o estranjeirismo é moda e invasôra já dos burgos ainda os mais campesinos. Não é raro ouvir ao camponio, murejante de sol a sol, ao despedir-se do companheiro de labuta, um *au revoir, bon soir*, ou simplesmente *good*. Hoje a primeira saudação que me chegou aos ouvidos, quando procurava arejar o meu quarto, foi: *adieu! comme passez-vous?*

Reflectindo nessa série de barbarismos com que a ignorancia ou o pedantismo vai eivando a nossa lingua, tam bela e sonora, pelo menos, como as demais linguas latinas, fui, de concepção em concepção, de ideia em ideia, levado á conclusão de que nós podemos exercer uma grande influencia destruidôra dessa corrente, mostrando aos que hão-de formar os homens do futuro quanto o nosso português é por essencia belo, e ensinando-lhes a desprezar as inovações linguistico-estranjeiras.

Mas o meu fim, sentando-me á mêsa de trabalho, não foi fazer uma dissertação sôbre filologia; muito longe disso. Ha muito que o meu espirito anda preocupado com a *união* que deve existir entre o professorado. Era dela que eu tencionára falar neste numero. E' irrisório que um *caloiro*, permiti-me o termo, um novato que ha dois dias deixou os bancos da Escola, venha apodar de *desunida* ou aconselhar uma classe tão numerosa, não é verdade? Mas é precisamente por ser uma vergontea debil, fraca, que desejo amparar-me a frondosas e opulentas arvores, fortificadoras, para assim melhor arrostar com as intempéries da vida.

Vamos a breve praso ter uma reúnião na séde do concelho. Porque não havemos de tratar *a sério*, pondo de parte facciosismos, ambições, despeitos e tantas outras coisas que só nos fazem mal, dum centro escolar como melhor meio de unificação? Por toda a parte se reconhece a grande necessidade da sua fundação; a sua alta importancia de solidariedade está sobejamente comprovada, basta atentar no que tem acontecido em Gouveia.

Que edificadora união! *Um por todos e todos por um*. Como é belo, como é santo este principio, base da mais santa, da mais bela solidariedade. Nada de retraimento ou de indiferença. Bem sei que a grande maioria enfermamos dessa doença, carateristico da nossa raça, e o nosso peor mal; mas na nossa classe esta doença mata, se a tempo se não fizer uso dos mais reagentes elixires aplicando-lhe uma bem eficaz terapeutica. Empreguemos a nossa actividade na propaganda de essa união, por todos os meios ao nosso alcance, e jámais nos arrependeremos de dispender toda a energia. Pela palavra, e principalmente pelo jornal, chamêmos á vida, despertêmos todos os que dormem em profunda letargia.

O jornal, o mensajeiro do bem! é o mais importante factor do progresso e da civilisação. Sem a sua acção benéfica e bemfaseja as modernas civilisações não existiriam. Tu és o mais seguro veículo que leva aos mais reconditos cantos da terra os mais sublimes pensamentos; fazes derruir os trônos, submergir no lôdo em que vegetaram as mais vetustas e enraizadas instituições. Ao trovejar da tua voz possante levantam-se cidades, vilas e aldeias. Crias novos horisontes e tornas ricas e felizes as populações que te escutam.

Trabalhêmos, portanto, juntos e vencerêmos.

Prof. JOSÉ NUNES BENTO.

GRATIDÃO

Gratidão, flôr singela, mas tão bella que a minha reconhecida, em miosótis e saudades tão bem sabe entrelaçar nessa graciosa corôa que o coração oferta áqueles que ainda humildes e no meio da sua desventura, extranhos não ficáram a essa prova de simpatia e amizade, que na mui nobre e invicta cidade do Porto, almas generosas e boas levou a realisar um saráu de gala em minha honra, a que assistiram representantes de todas as classes sociais.

A noite de 14 de agosto ficará gravada em meu coração, como data memoravel de uma divida a mais, que contribui para com o belo Norte, onde em toda a parte tão manifestas fôram as provas de deferencia e amizade que recebi. O Porto, porém, rematou-as com os deslumbres de uma entusiastica imponencia!

Tantos fôram os colegios, clubs e associações que realçáram com o brilho da sua assistencia, que impossivel me é a cada qual por si agradecer; entretanto, nêste gesto de reconhecimento, permiti da realidade do meu sentir, a gratidão que a todos rendo!

Luz, 20-9-915.

Oliveiros Braz Machado.

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autôres.

Poetas e Prosadôres

A's gentis damas da praia da Luz—Algarve.

LUZ DIVINA!

O' lua que te quedas silenciosa!
O' pérola engastada ao firmamento!
Que me distráis a alma e daes alento,
Com tua face meiga, luminosa!...

Nesse céo tão distante, mariposa,
Que fazes tu do meu pensamento,
Se a alma é toda amôr e sentimento?...

E estática! Serena a tua imagem!
Noite a noite, comigo namorando,
Me prende mais á vida loucamente!

E' que meu coração nesta miragem!
Lá vae indo contigo disfarçando,
A saudade, da minha amada ausente!...

Luz, 16 | 9 | 915.

Oliveiros.

Inauguração d'escolas

Com a assistencia do professorado do concelho, inspector do circulo, camara municipal e demais elementos de representação oficial, terá logar no dia 3 de outubro a inauguração das duas reconstruidas escolas désta vila.

Haverá sessão solene, ás 13 horas, no salão nobre da camara municipal, discursos alusivos, etc., prometendo ser imponentemente concorrida a projetada festa.

LUTUOSA

Finou-se a semana passada, em Arazêde, o prestimoso e bondoso cidadão, snr. Luiz Rodrigues Baia, pae dos nossos presados amigos snrs. Antonio, Nazaret, Maria Emilia e Augusto Baía, todos comerciantes na mesma povoação.

O finado deixou a vida em avançada edade, mas soube ser sempre um bom. Exercendo por larguissimos anos o mistér de sacristão, e sendo um cantor excelente que deu brado.

Respeitadissimo por todo o concelho, o saudoso finado gosava de muito prestigio, pois nunca se envolveu em lutas politicas, e por vezes pecou por ser benevolente.

Sentindo a morte do venerando ancião, o *Dever* envia o seu cartão de pezames á familia enlutada.

Carta da Abrunheira

16—9—915.

Amigos tipografos... outro oficio!

A's vezes aparece cada *gralha* que é de meter medo!

E' como lhes canto!...

Já por diversas vezes isso tem acontecido nas minhas correspondencias, e a ultima foi trocarem mana por *môça!* A diferença é bastante grande! A minha caligrafia não é um primor, mas lê-se...

Será algum aprendiz de tipografo que compõe as minhas *Cartas*?

Se fôr, é aconselhar-lhe o que me aconselharam quando eu era rapazito. Eu era muito distraido, e nem sempre fazia com perfeição o que me mandavam fazer. Um dia aconselharam-me: «Olhe, meu amigo, aprenda a doceiro. Esse oficio tem uma vantagem... de vez em quando lambe os dedos» !!!...

— De visita a sua ex.ma mãe e ex.mos manos, tivemos o prazer de abraçar nesta localidade o nosso presado amigo snr. Antonio de Ornelas e Vasconcelos, alferes de artilharia n.º 2 em Alcobaça.

Não contivemos uma exclamação de alegria quando o avistámos.

Lembra-se do ano passado?!... Foi por este tempo!

Aquelas lebres... aqueles coelhos... aquelas noites de luar!!!...

Não vale falar em coisas tristes!...

Agora vida nova... que é a vida dos velhos!...

Até novembro.

— Tambem aqui esteve de visita ao seu e nosso amigo snr. Joaquim de Sousa Carvalho, o snr. Silverio Coelho, conceituado comerciante em Alfarelos.

— Ao snr. Antonio Anadio, ilustre colaborador de *O Dever* nas Alhadas, agradecemos as amaveis referencias que nos fez no ultimo numero deste jornal. *N.*

Contra os arrematantes do talho

Apezar das muitas queixas que, de dia para dia, estamos ouvindo fazer contra os arrematantes do talho municipal, pelos abusos e irregularidades que praticam, estes, certamente fiados na brandura dos nossos costumes, continuam rindo-se dos protestos do publico, fornecendo a carne de vaca pela fórma como muito bem entendem ou lhes dá na gana, sem que ninguem tenha a suficiente energia para os fazer entrar na ordem, obrigando-os a cumprir á risca as condições do contracto da arrematação.

Queixam-se os consumidores que não disfrutam as boas graças dos *licitos* arrematantes, que ao passo que estes lhe teem vendido carne de $18 centavos pela de $24 e por vezes com bastante falta de pezo, a melhor e a mais limpa de cebo e de osso é escolhida para pessoas amigas, ou para certos magnates que teem lampada aceza na capela de Méca, isto é, para gente de influencia que os possa salvar de qualquer procedimento que a camara adóte contra eles.

Com relação a falta de pezo, ha dias observámos com os nossos proprios olhos o que se passou com a creada de um amigo nosso.

Alem de lhe não darem a carne da qualidade que ela pedia, ao ser pezada pela dona da casa, viu-se que acusava a falta de nada menos de 50 gramas!

Ora assim como isto se deu com um amigo de certa condição social que se não deixa burlar nem roubar ás primeiras, porquanto foi logo ao talho protestar perante os transgressores, os quais logo, com todas as desculpas e atenções, lhe deram da carne que a creada tinha pedido e com o pezo certo,— o que sucederia se o caso se désse com algum desvalido da sorte?

Podia o pobre diabo clamar, fazer quantos protestos quizesse, que os marchantes fariam a tudo ouvidos de mercador, se ainda não puzessem o lesado fóra do talho com algum insulto á mistura.

Temos visto que esta coisa de se ter posto no contracto da arrematação a condição de se vender a carne por classes de $18, 24 e $28 centavos, o quilo, para evitar abusos e desigualdades, foi tempo perdido, porque os arrematantes, sempre peritos na arte de enganar, encontram sempre meios de iludir a fiscalisação dos empregados do talho.

Ainda além de todos os abusos de que deixamos nota, tem-se ainda abatido por vezes gado já toureado em praças, o que igualmente é uma grave infracção da lei.

Com certeza que o snr. dr. Antonio Joaquim Simões, ilustre presidente da Comissão Municipal Executiva, desconhece os factos que deixamos expostos.

Dada, portanto, a fórma escrupulosissima e patriotica como sua ex.ª tem presidido á gerencia dos negocios e interesses do municipio, chamamos por isso a sua atenção para os abusos apontados, esperando confiadamente do seu animo recto e justiceiro, se digne providenciar de modo a pôr-lhe um termo, afim de evitar a repetição de mais queixas.

DR. AVELINO FARIA
Advogado
CANTANHEDE
Dá consultas aos domingos em
ARAZEDE
de outubro em diante e trata de qualquer questão no tribunal de Montemór-o-Velho.

Transcrições

Maus processos são aqueles que alguns dos nossos colegas uzam, no tocante a transcrições. O *Dever* é um jornal que escrupulisa sempre na sua parte redatorial, levando-se *na opinião* de não fazer transcrições, porque délas não carece, mercê da brilhantissima pleiade de intelectuais que honram as suas modestas colunas com uma colaboração preciosa e obsequiosa.

E' claro que transcreve, uma vez ou outra, qualquer coisa de interesse publico, noticiario dos ministerios, *coisas uteis*, etc., tendo o cuidado de dizer sempre, nestas ultimas publicações, os colegas dos quais faz os respigos.

Referimo-nos á *Gazeta de Coimbra* e *Provincia*, bis-semanarios da capital do distrito, que transcreveram o artigo do nosso distinto colaborador de S. João do Campo, snr. Pompeu Faria de Castro, referente ao acto filantrópico duma criança daquela localidade, e subordinado ao titulo de *Um belo acto de solidariedade humana*. A *Gazeta* nem sequer alude a nada. A *Provincia*, essa, agrava a situação dizendo em *N. da R.* que o artigo lhe foi enviado, etc., quando o que lhe remeteram foi um exemplar do *Dever* com uma chamada a lapis.

Com os dois colegas mantemos as mais estreitas relações de amisade, e em ambos contamos amisades certas, mas isso não basta para que nos não sintamos magoados sempre que de pouca lisura comnosco usem.

Outros colegas, como a *Voz da Justiça*, *Mealhada*, *Educação Nacional*, etc., tem usado e estão usando dos mesmos processos, isto é, não citando o *Dever* ao transcreverem os seus artigos ou noticias, e nós esperamos que tal pratica tenha fim, ao menos por lealdade jornalistica, que a todos fica bem.

Entendidos?...

Companhia de Seguros Fidelidade

Séde: Largo do Corpo Santo, 13—1.º—Lisboa

Capital emitido	1.344:000$00
Capital desembolsado	67:200$00
Reservas	733:702$07,5
Prejuizos pagos	4.497:355$11

Efectua seguros maritimos e terrestres na séde e nas correspondencias.

Camara Municipal

Sessão de 14 de agosto

Presentes os ilustres vereadores vogais Monteiro da Costa, Esteves e o secretario Armenio Pato, sob a presidencia do ex.mo dr. Simões.

Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior.

Tomou conhecimento do seguinte expediente:

Um oficio da Inspecção do Circulo Escolar a comunicar que os exames do 2.º grau, do concelho, são realisados na vila de Montemór. Inteirada.

Dito da Direcção das Obras Publicas a esclarecer a maneira de poder a Camara receber os 600$00 para as obras da escola de Verride.

A Comissão ficou inteirada e resolveu oficiar ao ex.mo Director a solicitar-lhe a fiscalisação das obras e autorisação de uma segunda empreitada.

Dito da Santa Casa da Misericordia de Pereira a informar quaes os nomes e os ordenados dos seus empregados. Inteirada.

Foi presente um requerimento de João de Sousa, de Vila Nova da Barca, a requerer, por aforamento, um bocado de terreno publico que confina com o seu predio, no sitio de S. Miguel.

Resolveu consultar a Junta de Paroquia de Vila Nova, se póde ou não alienar aquele terreno.

Confirmou um atestado passado pela Junta de Paroquia de Verride, a Maria da Piedade, da Ereira, para requerer um subsidio de lactação.

O mestre d'obras apresentou varias informações sobre alinhamentos e licenças pedidas. A Comissão aprovou nos termos da lei.

A Comissão resolveu, pór proposta do digno vereador Monteiro da Costa, que os guardas de policia municipal nos dias de feira, façam remover todos os carros do sitio proprio da venda dos ceriais, assim como tambem façam mudança das arcas de pau e abegoarias para outro sitio. Aprovado.

O mesmo vereador informou que o arrendatario da tapada denominada «a Tapada da viuva do Alberto Alves» tem a silveira toda sobre o terreno publico.

A Comissão resolveu que vá o mestre d'obras examinar o terreno e veja quantos marcos são precisos para a demarcação.

Foi presente um requerimento de Josefa Pereira, de Reveles, para vender sardinha na feira desta vila.

Concedida a licença.

Foi presente o balancete semanal acusando um saldo de 3:250$00 depositado na C. E. P. e de 293$66 na tesouraria da Camara. Autorisou e mandou pagar varias despezas. Em seguida foi encerrada a sessão.

Responsabilidade alheia

CARTA

Recebemos do nosso presado amigo, snr. Constantino Pereira da Silva, considerado comerciante na visinha povoação de Verride, a seguinte carta, a que gostosamente damos publicidade:

Pelo correio do dia 14, recebemos o *Dever* que, vindo dentro de um envelope, o simpatico jornal, lêmos alguns artigos interessantes, dos quaes teremos de mencionar os:— *Um belo acto de solidariedade humana* e *Horas d'insonia;*—e vae de virar folhas, quando, na terceira pagina, encontramos a *Carta de Verride*. Claro está que, desde logo, nos convencemos de que o *Dever* nos foi dirigido por algum nosso amigo, por a *Carta* fazer referencias á nossa humilde e obscura personalidade.

Tendo nós seguido, desde o começo da sua formação, a orientação politica do Partido Republicano Evolucionista, do qual é chefe o grande caudilho da Democracia, snr. dr. Antonio José d'Almeida, essa figura prestigiosa que só por si glorifica uma Patria, resolvemos, desde logo, para elucidação dos leitores deste popular jornal, declararmos que sômos um dos soldados mais rasos do partido evolucionista, e que até hoje não nos consta, que a Junta Central que, como todos sabem, é o corpo dirigente do Partido, tivesse sancionado a este bem redigido jornal a sua filiação.

Não sômos portanto *correligionario*, o que não impéde de sêrmos um dedicado amigo do *Dever*, e como tal sempre nos terá a seu lado, para a defeza dos interesses deste desgraçado concelho e em especial para as malfadadas freguezias do sul do mesmo concelho, que devido a politiquices e questões de regedoria, tanto ha a desejar em melhoramentos locaes.

Isto não vae a matar, e desculpem a impertinencia, até á semana, caso o bandido que, cobardemente e por traição, entendeu que tinhamos os nossos dias de vida contádos, pelas 24 horas do dia 10 de setembro ultimo, entender que devemos lá chegar. Adeus!

Verride, 16 | 9 | 915.

Constantino Pereira da Silva.

Falecimento

=†=

Com a nota de *faleceu* foi-nos devolvido o exemplar do n.º 187 do *Dever*, dirigido ao nosso estimado assinante de Means do Campo, snr. Joaquim Ferreira d'Azambuja.

Lamentando o triste acontecimento, deploramos ao mesmo tempo não termos tido conhecimento da morte de tão prestimoso e honrado cidadão, a cuja familia enlutada apresentamos os nossos pezames mais sentidos.

Falta de espaço

Por falta de espaço sômos obrigados a deixar de publicar varios e importantes artigos, do que pedimos desculpa aos seus autôres.

CORRESPONDENCIAS

Quiaios, 20—9—915.

Projectam-se para o dia 3 do proximo mez de outubro importantes festejos tendentes a dar mais brilho á inauguração da carreira de tiro que naquele dia se efectua.

A' festa, de caracter propriamente militar e civica, associam-se varias colectividades e a excelente banda de infanteria n.º 28. Esta obra valiosa é, sem duvida, um melhoramento importante com que esta vila foi dotada e cuja iniciativa se deve ao brioso militar capitão snr. Pestana Lopes, e, sobretudo, á solicita cooperação da Junta de Paroquia.

—— Por noticias recebidas de Cascaes soube-se ter falecido ali o estimado pescador nosso conterraneo, snr. José Neto.

Deixa viuva nas mais precarias circunstancias e rodeada de muitos filhinhos menores Sempre o vento da Desdita, derruindo creaturas cuja irreparavel falta se repercute no lar, tornando o seu remanso tranquilo e buliçôso, em alfurja silenciosa e triste.

Pesames aos seus. *F. F. C.*

Bom Sucesso (Quiaios), 20—9—915.

A decantada estrada de Mira, para a qual, segundo noticiaram os jornais, foi proposta a verba de 5:000$00 escudos, continúa no mesmo grau de adeantamento. Parece-nos fastidioso abordar ainda este assunto tão gasto já em aparatosas noticias, ilusorias promessas e fantasticos projectos sem que até á data se aproximassem sequer as vias dum facto que marcasse o inicio dos trabalhos. E' tempo de converter em realidade esta prematura aspiração do povo, beneficiando assim uma região que até hoje não tem merecido dos poderes publicos uma qualquer aquiescencia que revertesse em seu beneficio comum. Já é ter pacto com a pouca sorte!.. Venha a estrada, se é que alguem pensa nisso; e, em caso contrario, será melhor não bulir em assuntos descurados porque, ao falar-se nêles, só se aviva no sentimento do povo os agravos recebidos pelo esquecimento a que votaram as suas justas regalias.

== A escola masculina desta localidade acaba de ser provida na sua vaga pelo professor oficial, snr. José Duarte Moraes, natural de Alpalhão (Alentejo). Folgamos em registar tão grata noticia, esperando dentro em breve conhecer e abraçar aquele mentôr do ensino primario que, decerto, aqui prestará relevantes serviços á Causa da Instrução. Que seja bemvindo!

== Em serviços que se prendem ao seu ramo de industria, esteve aqui na passada segunda-feira o nosso presado amigo e chefe prestigioso do partido local Evolucionista na Tocha, snr. Elisio Maria de Andrade. Agradecemos a visita com que se dignou honrar-nos. *Xico.*

Vila de Pereira, 23-9-915

QUEM SERA ELE?...

Com as celebradas armas do orago cá da freguezia, o nosso queridíssimo Santo Estevam das *mocinhas*, que em painel se admira, todo garboso, sobre o altar-mór da igreja paroquial, d'abáda de pedras no regaço e palma de metro e meio na mão, foi no dia 5 do corrente mez de setembro ferido no capacête das ideias um ilustre *chefe politico* e oficial dos casamentos, que ao mesmo tempo desempenha, por tabela, mais de 39 cargos diferentes.

Deu-se isso quando ele, com outra gentinha, viajava de automovel—na grande—em corrida vertiginosa, pela caladinha da noite...

Aos leitores do *Dever* deixo o adivinhar o nome do alvejado. cujo caso, garotice ou não, aliás reprovamos. O premio é de convite. Nada menos de uma *queijadita* das de trez vintens cá da *terra da freira* e ali da fabrica do nosso amigo *Fuzil*, o que ainda é mais vantagem.

Quem foi pois o ferido, assim de tamanhas capacidades, inteligencias e dons de rebiquidade?

Adivinhem lá!... Quente... E bem quente...

Ao nosso presadissimo amigo regedor das *parvonias*, como recompensa do belo serviço realisado durante a noite desse dia, oferece a *Sociedade Gazolina* um opiparo banquete na *Quinta dos Meios Litros*. Para melhor brilhantismo espera-se a filarmonica de Sernache, da predilecção dalguns dos convivas e o vinho servido será o da conhecida marca *Prima*. Só *peraltas* se aceitam ao banquete e o caminho será o mesmo do costume. Seguem pela *Cruz*, *Torres*, *Ribeiro*, etc., etc., e mais etc., nada teem que errar...

VISITAS — Vindo de Coimbra, esteve entre nós por algumas horas, o nosso querido amigo Dr. Humberto de Carvalho; tambem aqui esteve de visita a seu irmão snr. Silverio Luiz de Carvalho a snr.ª Maria Rosa Nunes, de Pombal. *C.*

A Flôr d'Abrunheira
— DE —
Joaquim de Sousa Carvalho

Fazendas de lã e algodão, ferragens, tintas, mercearia, vinhos e tabacos.

Variado sortimento de miudezas

Especialidade em chá, café, licores, etc.

ABRUNHEIRA

AGUA DE LUSO (Medalha d'ouro, Madrid 1913.) Cura pela Diurése

(ESTABELECIMENTO TERMAL E HOTEIS ABERTOS TODO O ANO)

A mais diurética e mais digestiva. Aumenta a diurése, regularisa as funções digestivas e ativa os fenómenos nutritivos

Muito radioativa—4,49 miligramas—minutos
Muito ionisada, resistividade a 18° 18300 ohms
Muito rica em gazes raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotonica, ponto criospico 0°,04

Conclusões da analise feita pelos distintos professores Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitissimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tifico

USO EXTERNO—Molestias de pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc,), reumatismo e gôta.
USO INTERNO—Artritismo, impaludismo, neurastenia—Albuminuria, diabetes—Intestinos, estomago—Rins—Bexiga.

Depositos — **LISBÓA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros, 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 428. FUNCHAL, José Quirino de Castro, rua dos Murças. AFRICA ORIENTAL: Oswald Offmann. BEIRA: F. L. Simões & C.ª. LOANDA: Beltrão, Pena & C.ª**, e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositarios nas terras onde ainda os não haja.

Portugal Previdente

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima — Responsabilidade Limitada

Capital **UM MILHÃO** de Escudos

SÉDE — RUA DO ALECRIM, 10 — LISBOA
N.º Telef.—1849 End. Teleg.—VIDA

Seguros contra incendios de predios, fabricas, etc.
Seguros de estabelecimentos e mobiliarios.
Seguros agricolas de ceáras, eiras, palhas, arvoredos, etc.
Seguros de maquinas e utensilios de lavoura.
Seguros contra incendio proveniente de gréves e tumultos.
Seguros de transportes maritimos e postaes.
Seguros contra roubo de habitações e estabelecimentos.
Seguros contra fraude de empregados.
Seguros contra a quebra de cristais.
Seguros de vida, pensões, dotes e reformas.
Seguros contra acideute de trabalho.

Agencias em todas as terras importantes do paiz, ilhas e colonias.
Sucursal no PORTO — Rua Passos Manoel, 21.

BANQUEIROS—**Borges & Irmão**—Porto e Lisboa

Antonio Pereira de Carvalho

Proprietario dos Grandes Armazens de Bicicletas, Maquinas de Costura, Pianos e toda a qualidade de acessorios.

A maior e mais antiga casa no genero

Oficina para todos os concertos, afinações e reparações em bicicletes, motocicletes e maquinas de costura.

Artista mecanico habilitado.

Vendas, alugueis e trocas.

Preços sem competencia

34—Avenida Navarro—36

(Estrada da Beira)—COIMBRA

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem deposito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se tambem de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fóra de Coimbra

FABRICA DE CAL

Cal fina e grossa, fornece-se em muito boas condições. Preços modicos, sobre o wagon, no caminho de ferro e nos proprios fornos.

Agente de telha tipo marselha e tijolos de todos os formatos, da fabrica Lacerda, Figueiredo & C.ª Limitada, da Pampilhosa.

Pedidos a

Joaquim F. Coca Junior
Zambujeiro—Arazede

AOS AGRICULTORES

Estão proximas as sementeiras de nabos e cereais, e por isso previno todos os meus estimaveis freguezes que façam novas encomendas de **adubos quimicos** e **organicos**, da acreditada casa Varela Leal & C.ª, das Varzeas, os quais se encontram á venda em minha casa, no **Casal do Gaio — Arazede.**

Manoel Monteiro Godinho.

Companhia de Seguros

A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz

Antonio d'Oliveira Guerra

RUA DA REPUBLICA, 84

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legitimos acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de fórma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamavel, isca em cordão vendida fraudulentamente a titulo de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva acção civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa ao Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalisação para procederem ás necessarias diligencias. Dirigir-se pessoalmente ou por carta á Companhia Portuguêsa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

SEGUROS CONTRA INCENDIO

incluindo riscos de explosão de gaz e raio.

Seguros contra incendio cobrindo tambem os riscos de gréves ou tumultos (portaria de 14 de Março de 1914).

SEGUROS CONTRA INCENDIO cobrindo ainda os riscos de guerra (portaria de 30 de Novembro de 1914).

Unica companhia autorisada a segurar os riscos de guerra nas apolices de incendio

Seguros contra incendio e roubo E' tambem A MUNDIAL a unica Companhia autorisada a emitir uma apolice cobrindo os dois riscos.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital — Esc., 500:000$
(500 contos)

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmão
Praça da Liberdade, 138 — Telefone 1459

Agencias e Delegações em todo o paiz, ilhas e colonias.

Restaurante Ferro-viario

ALFARELOS

ESTE bufete, um dos que melhor servem o publico que transita nos comboios, acha-se situado na estação do caminho de ferro de Alfarelos. Fornece almoços, jantares e *lunchs* e toda a qualidade de refeições, por preços comodos.

Tem pessoal habilitado, tanto em cosinha como em saja de mesa.

Tudo se encontra com esmero e perfeição.

Fornece comida para fóra, e presta-se a servir em casamentos, batisados, etc., desde que seja prevenido com antecipação.

O proprietario, **Artur de Oliveira Coelho.**

ADUBOS

MELO & MARTINS

PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada

PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiencia dos nossos adubos, devido ao seu magnifico resultado os adoptarão de preferencia a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro
PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex.mos passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.

Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA

Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.
PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações

Deposito das afamadas aguas de Luso.

Guilherme dos Santos Pinto & Irmão

COM

OFICINA DE CANTEIRO

Encarregam-se de jazigos de toda a especie e todo o serviço concernente á sua arte.

Tambem executam todos os trabalhos que digam respeito a *Plantas, Alçados, Copias, Projectos e orçamentos de edificios, edificações, etc.*

Montemór-o-Velho=Verride

a da Universidade Coimbra

Ano 4.º Montemór-o-Velho, 3 de Outubro de 1915 N.º 189

DIRECTOR, PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR
Almeida Junior
SECRETARIO DA REDACÇÃO E EDITOR
Abel M. de Melo Brandão
REDACTOR PRINCIPAL
Mário Augusto Mota

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguêsa

Pátria e Humanidade

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Dr. José Galvão
MONTEMOR-O-VELHO
DIRECÇÃO:—COIMBRA
(para onde deve ir a correspondencia)
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. Silva (a vapor)—AVEIRO

O 14 de Maio e a marcha politica atual

As provas essenciaes e de concludente demonstração que resaltam dos factos originados pela revolução libertadora de maio, não teem merecido, até á data, a compreensão exáta dalguns partidos da Republica que, arvorando-lhe bandeiras de guerra nada mais têem feito com o seu aquilatado bom senso do que obstarem-se a colaborar patrioticamente na obra altiva então iniciada com ardôr e fé e que baniu do regimen prostituido uma alcateia de vendidos que se diziam seus defensôres acérrimos.

Com esta agravante desunião de caracteres acabaram-se de vez a força das convicções; com este marulhar intenso de odios achincálha-se a ideia ridicularisando a intenção veneravel e honesta daqueles que se empenham em remodelar com radicação e principios a Sociedade Portuguêsa.

Mas, se é tanta e tão reforçada a dose de cinismo em que nadam as suas investidas, nada há admirar dos seus processos intoleraveis! Questões, talvez, de antipatias pessoaes; ou então uma vontade extrema e gosto inaudito em que todo esse selécionar de coisas publicas continue á matroca. Abjecções de tal estôfo cada vez comprometem mais os destinos da nossa nacionalidade prepondo aos olhares torvos do estrangeiro, a perspicaz pilhéria que merecem os actos nulos e vasios de rétorica.

No tempo da ditadura, esses partidos apoiaram um governo de ficção e obstrucionismo não se importando que o seu desforço maculasse a obra ideal acarinhada em tantos anos de sacrificio e propaganda; e hoje, que se assinála em resurgimentos de luz uma epopeia genuinamente patriotica ei-los que tentam pôr entraves á sua marcha criando-lhe atritos pela depreciação banal que movem em seu desabono. Irrisorio e manifestamente condenavel o proceder dêsses partidos que, nas horas do triunfo e pelo porta-voz da sua imprensa exaltaram com assômos de patriotismo essa obra de glorificante notoriedade, que hoje, mercê de intrigas e dispauterios destituem e condenam!

O que vale ao Paiz no momento atual, é que essa campanha, aberta a favor dos inimigos da Republica, não encontra guarida na alma nacional. E, ainda bem, porque ao povo não lhe falha a mentalidade precisa para poder avaliar o que de aproveitavel é necessario á boa marcha dos negocios publicos...

Bom Sucesso (Quiaios).

FRANCISCO F. DE CARVALHO.

Cinco de Outubro

Cinco d'Outubro, é esta a data da história,
Em que o clamor dum povo foi ouvido.
O troar dos canhões nessa manhã de glória,
Derrubou p'ra sempre o trono apodrecido.

Salvé, o punhado de herois que nesse dia,
Com ancia, em prol da Liberdade batalhou,
Calcando aos pés a infame tirania,
Que por anos o povo português amordaçou.

Cinco anos já lá vão de nova vida,
E Portugal vai tomando um rumo novo.
A Republica desta Patria redimida,
Virá trazer a f'licidade a nosso povo

O amôr inundando todos os corações,
E a fraternidade as almas a enlaçar,
Elevando a Patria acima das Paixões,
Dará a todos nós o anciado bem-estar.

Não faças os politicos incharem de vaidade;
E tu, meu grande povo, mantem-te vigilante.
Exige-lhe acêrto, muita honestidade,
E bom futuro a Republica te garante.

Depois vive tranquilo, satisfeito, contente,
Não temas conspiratas, monarquicos d'entremez,
A Republica não é um govêrno simplesmente,
E' a alma, é a vida do povo português.

3—X—915.

A. G.

De semana a semana

Ramalho Ortigão

A literatura portuguêsa, acaba de perder um dos seus melhores ornamentos, com a morte de Ramalho Ortigão, o extraordinario critico das *Farpas*.

A sua honradez, o seu caracter e o seu saber, captaram a simpatia de todos os que o conheciam e que viam nele o grande mestre das luzas letras.

Ramalho Ortigão, que nasceu no Porto a 24 de novembro de 1836, morre com 79 anos, conservando o vigor fisico da sua juventude.

Começou a sua brilhante carreira de escritôr, na redacção do *Jornal do Porto*, onde mais tarde ocupou um logar de destaque, colaborando tambem em diversos outros jornais, entre eles o *Diario de Noticias*, onde foi publicado o seu magnifico romance de colaboração com Eça de Queiroz *O misterio da estrada de Cintra*, que obteve um extraordinario sucesso.

Além das *Farpas*, em que se revelou um grande escritôr e um extraordinario critico, Ramalho Ortigão escreveu muitos outros livros, que são verdadeiras obras primas de literatura, fazendo tambem muitas traduções, entre elas a da cómedia *O Marquez de Vilemer*, que foi representada no antigo teatro de D. Maria II.

Como observador que sabia descrever aquilo que via, encontra-se uma prova irrefutavel no seu admiravel livro *Holanda*, onde ele descreve com tanta justeza e verdade os costumes daquele paiz, que o seu livro chegou a ser adoptado nas escólas daquela nação.

Ramalho Ortigão, após a proclamação da Republica, exilou voluntariamente, e quando voltou, sentiu-se tão desalentado e falto de energia que pouco ou nada produziu, a não ser algumas cartas para os jornais brazileiros, onde a sua prosa inconfundivel era apreciadissima.

A' familia do grande escritôr enviamos a expressão sincera do nosso pezar.

Subsistencias

A questão das subsistencias e a carestia dos generos de primeira necessidade, estão alarmando extraordinariamente as classes trabalhadoras que vão reclamando aumento de salarios para poderem viver.

Se é certo que lá por fóra esta crise se manifesta tanto ou mais temerosa que no nosso paiz, certo tambem é que os governos déssas nações, acódem pressurosos a remediar tanto quanto possivel as necessidades dos seus concidadãos, antes que os primeiros gritos de fome venham perturbar o socego daqueles paizes, já bastante afectados pelos horrores da guerra europeia.

No nosso paiz os governantes teem decretado algumas medidas tendentes a remediar um pouco a aflitissima situação, mas unica e simplesmente do publico da capital, esquecendo-se de que o resto do paiz tambem sofre horrorosamente os efeitos da crise que atravessamos.

Em Lisboa existe uma tabela de preços, para os generos de primeira necessidade, e é rigorosamente punido o comerciante que venda o genero mais caro do que o preço da tabela.

No resto do paiz o comerciante vende os generos pelo preço que muito bem lhe apetece, muito especialmente em Coimbra, sem que as autoridades os chamem á responsabilidade do seu acto verdadeiramente criminoso, de assalto á bolsa do desgraçado consumidor.

Na capital, o governo estabeleceu a venda de excelente pão, fabricado na Manutenção Militar com todo o aceio, pêso legal e redução de preço, o que obrigou já muitos padeiros a fornecerem ao publico pão em identicas condições.

Nalgumas terras do paiz, onde o pão é pessimamente fabricado, o pêso é o que eles querem, o preço é carissimo e o governo, que tem outras Manutenções Militares, não se lembra de proceder de fórma identica, afim de fazer entrar na ordem os padeiros prevaricadores.

Mas porquê?

Não fará o resto do paiz parte do territorio da Republica, e não terá tambem o direito ás regalias que estão sendo dadas ao publico da capital?

Cremos que sim!

E por isso não seria demasiado estender até nós os beneficios de que os outros estão gosando, demais sabendo quasi todos os senhores politicos que por cá teem passado, que as terras da provincia são pobres, sem recursos, e onde a vida é já demasiadamente pezada e critica.

SECÇÃO POLITICA

Já é tempo...

Faz na madrugada de depois de ámanhã precisamente 5 anos que em Lisboa rebentou a revolução que derrubou para sempre o trono carcomido dos Braganças, proclamando-se a Republica Portuguêsa.

Com que saudades eu, humilde batalhador da causa santa da Liberdade, me recordo dos tempos idos em que, apezar dos muitos desgostos e dissabores, dos muitos adiamentos e incertezas que por vezes me fizeram perdêr as esperanças de vêr em tão curto espaço de tempo realisado o meu ideal sublime, me sentia feliz por vêr a mesma homogeneidade de ideias, a mesma coesão de pensamentos que unia toda a familia republicana, como num só homem, lutando atravez de todos os sacrificios, sem desfalecimento, em prol da conquista do seu ideal, não havendo desavenças nem rivalidades.

Mas, após cinco anos de Republica, com que magua eu vejo e quanto me entristecem as desavenças e rivalidades que separaram os homens que ainda hoje se deviam encontrar unidos, trabalhando na consolidação da Republica e no engrandecimento da Patria, tratando com cuidado dos problemas de interesse publico, de fórma a captar a adesão da grande massa neutra do paiz, que deseja o bem-estar, uma existencia socegada e uma administração que lhe mereça confiança e garantia no futuro.

Infelizmente os homens separaram-se por rivalidades mesquinhas e nós sofremos as consequencias das vaidades e ambições de uns, da inepcia de outros e ainda da maldade de terceiros, vendo quasi que irrealisaveis as nossas aspirações.

A crise financeira agrava-se extraordinariamente, a crise economica é cada vez maior, os problemas coloniais teem sido descurados não se tratando de uma reforma ampla que lhe dê uma solução sensata e proveitosa, a situação internacional é muito dubia e a situação interna, essa, precisa sêr tratada com muito cuidado, especialmente na parte que diz respeito á ordem publica, para que o estrangeiro nos não olhe com desconfiança, e a defêsa das instituições não corra o grave risco de esterilidade, porque os nossos inimigos espreitam-nos todos os movimentos, esperando o mais pequeno descuido para virem perturbar a paz de que tanto carecemos.

Agora, que vamos entrar em novo periodo presidencial, não seria de uma grande vantagem que o snr. Dr. Bernardino Machado, que é um espirito culto e conciliador, conseguisse fazer a união dos politicos desavindos apelando para o seu patriotismo, lembrando-lhe as vantagens déssa união no momento atual em que a Patria atravessa uma das maiores crises economicas e financeiras e o povo, este bom povo que tudo suporta sem protestar, se vê a braços com a miseria, lutando com grande falta de trabalho e com o aumento consideravel do preço dos generos de primeira necessidade, que lhe tornam a vida dificil e angustiosa, não lhe chegando já o magro salario para satisfazer os encargos da vida quotidiana?

Seria, não ha duvida nenhuma.

O atual governo, segundo as praxes estabelecidas, depõe no dia 5 do corrente, nas mãos do novo presidente da Republica, o seu mandato, estando definitivamente aberta a crise, visto o snr. dr. José de Castro não desejar continuar no poder, embora o novo presidente mostrasse desejos de ele ficar ainda á testa dos negocios publicos.

Não seria esta uma boa ocasião para se organisar um ministerio, onde figurassem todos os politicos de reconhecida competencia, esquecendo antigas rivalidades?

Não seria esta uma boa ocasião para deixarmos de ter ministerios com praticantes de estadistas?

Era, inegavelmente.

Por isso, creio que já é tempo de, após cinco anos de rivalidades e intrigas os nossos politicos se unirem como um só homem, vindo com todo o seu patriotismo e dedicação cuidar a sério dos graves problemas de interesse nacional, definir a nossa situação em face da guerra europeia, que já é uma vergonha, atenuar, tanto quanto possivel, a crise economica que vamos atravessando, resolver, com o cuidado que elas exigem, as questões das subsistencias e da ordem publica, esforçando-se por darem a este pobre povo o bem-estar, o socego e a liberdade de que ele tanto carece e que redundariam no prestigio da Republica e dos seus homens, e no engrandecimento da nossa querida Patria.

E de tantas festas que se preparam, esta seria a melhor comemoração do 5.º aniversario da Republica Portugueza.

G. A. Gomes.

Visita ao Castelo

Na quarta-feira estiveram nesta vila, vindos de Coimbra com o fim exclusivo de visitarem o nosso Castelo, os snrs. professor José Augusto da Silva, seu filho Mario, nosso novel colaborador e o snr. dr. Joaquim Almeida Cavacas, estudioso aluno do 4.º ano de direito.

As suas impressões fôram dolorosas, com magua o confessamos, pois encontraram tudo em completo estado de abandono, a desfazer-se, sem falarmos na imundice que se encontra aqui por toda a parte.

O panorama, visto do Castelo, encantou-os.

Não haveria maneira de remediar tudo, de molde a atrair mais gente á nossa terra?

A VOZ DO PROFESSOR

Ao professorado do concelho

Mais uma lei... — Abaixo com os privilegios

Acabam os jornaes de trazer-me a noticia de mais uma lei que bem mostra a grande consideração em que os *altos mandões* do Estado teem o professorado. Cada uma que sae do insano labor dos talentosos pedagogistas do Terreiro do Paço, é mais um vexame por que «o obreiro do progresso do bem e do amor», no dizer dum poeta, é obrigado a passar. E nós, quaes mansos cordeiros, deixamo-nos guiar pacientemente, sem um gesto de reprovação, sem uma palavra de censura, limitando-nos a soerguer os hombros. Terrivel indiferentismo este que nos conduz ao estado em que nos encontramos. Por toda a parte a imprensa se faz éco das lamentações da classe; artigos bem burilados, saturados de mimosas flores de rétorica, apresentam-na como pobre martir, sofredor, correndo para o suplicio sem um queixume. E, não tendo adiantado um passo, repete-se o mesmo todos os dias. O que é peor ainda é, que se alguem levanta a voz para nos chamar á realidade dos factos dando o sinal de alarme para unir-nos em defeza do nosso proprio interesse, ouve o proverbial não póde ser, uma injustiça dessas é impossivel.

E os legisladores decretam; as leis publicam-se sem respeito pelos direitos adquiridos,. e a nossa situação vae sendo cada vez mais despresivel, misera e angustiosa.

Que importam promessas, lisonjas e tudo o mais, se os Poderes Publicos, em troca de uma remuneração mesquinha, nos apontam maior numero de deveres, aumentam o trabalho com comissões extraordinarias e gratuitas e finalmente desrespeitam os nossos direitos?

Não nos deixemos engodar com a promessa do aumento de vencimento em 1917, que isso, bem entendido, significa que, nem nesse ano nem nos futuros, o poderemos esperar. Tanto que para maior ilusão vem o § 6.º do art.º 13.º e diz: «Os municipios que possam suportar este aumento de despesa sem subsidio do Estado podem antes de janeiro de 1917 aumentar os vencimentos».

Ora quantas há nestas condições? Consta-me que uma apenas, a de Viana do Alentejo, deliberou pôr em pratica desde já o disposto neste paragrafo. Quantas a imitarão? E com este *adoçar de beiço* vam-nos coartando todas as regalias. Assim, dóra ávante os lugares vagos das escolas de Lisboa e Porto serão preenchidos por concurso de provas praticas. Isto no nosso paiz onde taes concursos são sempre concursos politicos em que predomina a empenhoca ou a vontade do grande influente eleitoral.

Sou apologista, em principio, dêsse sistema de colocação. Todos os concursos mesmo deviam fazer-se por provas praticas, mas não processo aqui seguido, não nesta terra de afilhados. Pois se muitas vezes, para aceder a um pedido, se torce a lei, ou se publicam portarias e decretos, o que se não fará com esses concursos? Demais é uma zombaria para nós. Póde porventura admitir-se a criação de uma casta a dentro do professorado? Se ha professores distintos e ilustrados nas duas cidades, não o contesto, há-os tambem nas cidades, vilas e aldeias da provincia, ainda as mais sertanejas.

Fez-se a lei sómente para satisfazer a vontade das Camaras daquelas duas cidades embora com despreso das regalias do restante professorado? Então era melhor sem considerandos nem outras formalidades redigi-la da seguinte fórma, como diz o snr. Justo na *Educação Nacional*:

Artigo 1.º—Para as escolas primarias de Lisboa e Porto só serão nomeados os professores que as Camaras Municipaes respectivas quizerem nomear.

Artigo 2.º—Cesse tudo quanto a antiga musa canta que o poder dos arrematantes do 14 de maio mais alto se levanta.

Assim seria sincera produzindo os mesmos resultados. A este respeito escreve o *Combate*, orgão do partido republicano no distrito da Guarda, entre outras coisas o seguinte:

> Assim a caminhar-se tam vertiginosamente para a desorganisação social serão ainda capazes de tentar fazer-nos crer que é por amor á instrução e por dedicação ao regime, que tantos disparates se veem praticando. Na verdade isto assim não deve continuar se é possivel dar-se remedio a tanto desalento que nas diferentes classes vae lavrando, mas principalmente na do professorado. Como as coisas vão correndo até nos parece que o melhor é deixar legislar, *sem travão*, a todo o legislador improvisado que apareça.

Toda a imprensa faz acres censuras ao snr. dr. Lopes Martins, incitando a classe á união afim de protestar contra a lei de excéção.

Acordêmos,que talvez ainda seja tempo; um dia mais será tarde.

Prof. JOSÉ NUNES BENTO.

Se agora não se olha com olhos de vêr, a sério, para este caso, então *adeus minhas encomendas.*

Apezar de tudo, porém, parece que um grande amigo da Abrunheira, que é tambem um homem duma força de vontade extraordinaria, em quem *todos* devemos confiar, está animado do desejo de satisfazer a justa pretensão dos abrunheirenses. Uma vez que este assunto lhe esteja entregue, como tantos outros de alta importancia e aos quaes em ocasião oportuna farêmos referencia, estamos certos de que, quer pelo desejo de ser prestavel aos seus conterraneos, quer pelo fito de engrandecer a sua terra, alguma coisa fará.

Que os abrunheirenses esperem, pois, com confiança.

Secções

Com o fim de tornarmos o nosso semanario cada vez mais util aos nossos presados assinantes, inauguramos hoje novas secções, fazendo reviver outras aqui já inauguradas ha tempo. Esperamos, contudo, que os nossos leitores, compreendendo o sacrificio que estamos fazendo, nos não regatearão o seu auxilio, ora indicando-nos novos assinantes, ora propagandeando o nosso jornal.

Assim se pratica a solidariedade, tão apregoada por muitos.

Horas d'insónia

O DIVORCIO

Está, segundo os melhores positivistas contemporaneos, correndo sério risco a grande nação franceza, no atinente á sua população. Um dos ultimos numeros do brilhante jornal, Le Temps, *anuncia-nos que o futuro da França é terrivel e que depois da conflagração é necessario que todos se ocupem sériamente do problema da população.*

Com efeito, o ministro dos trabalhos publicos da importante nação amiga, até hoje um dos mais poderosos modelos da civilisação da Europa latina, demonstra-nos, numa recente estatistica, que nos 28 departamentos não ocupados pelos alemães, nos tres primeiros mezes de 1915 houve 6.445 divorcios, tendo diminuido, no mesmo espaço de tempo, de 2.000 o numero de casamentos.

Sim, meus amigos: em França poderá diminuir o numero de casamentos. O que me parece improvavel é que diminua de intensidade o gosto, e até a preocupação do aumento de nascimentos.

A França tem-se preocupado, em todos os tempos, como nenhuma outra do mundo, do problema da sua população.

A escacez de consorcios não quer dizer, de maneira nenhuma, que a população decresça. De resto, a mim não se me afigura necessario que o governo providencie no sentido de aumentar a população do seu paiz.

Dadas as condições excécionais da gente franceza, a avaliar pelo que se passa em Pariz, e de que temos tido insofismaveis amostras nas lições ministradas por francezinhas galantes, o governo francez não carece de esfalfar-se para que o numero de nascimentos avulte.

Depois da guerra, não ha ninguem que se conveaça de que a ardente mulher franceza deixará de se tornar util á sociedade por meio da multiplicação da especie.

A gûerra é feita de homens, e até hoje não ha noticia de que alguma mulher perecesse nos campos de batalha.

Portanto, não ha motivo para alarmes. A população aumentará á medida que fôr diminuindo o numero de casamentos e o numero de casados.

Quem dá o fruto é a fêmea; e machos, *presados leitores, não me parece que faltem por esse mundo de Cristo.*

ALMEIDA JUNIOR.

Agua da Curia

Mogofores

As unicas aguas sulfatadas-calcicas que existem no paiz, similhantes ás afamadas aguas de Contrexéville, nos Vosges (França).

PELO CONCELHO

Interesses da Abrunheira

Uma das aspirações dos povos da freguezia de Reveles, e principalmente dos abrunheirenses, é, indubitavelmente, o prolongamento da estrada distrital que vae de Soure até ao apeadeiro de Reveles, passando por Abrunheira. As vantagens resultantes deste importante melhoramento, redundam sómente em beneficio daqueles povos, que se servem, atualmente, dum caminho pessimo, pedregoso, que é o que vae da Abrunheira até ao apeadeiro e precisamente aquele que mais transito tem. A utilidade, pois, de tal melhoramento, é incalculavel, e de tal modo imperiosa a sua realisação, que esta, desde ha muito, devia ser um facto. Mas, apezar de assim não ser — com desgosto o dizêmos — têm os abrunheirenses permanecido numa pasmaceira inacreditavel e, só com o fito de verem este melhoramento efêtivado, vão-se deixando embalar com a toada dos influentes politicos, que lhes cantam, em vesperas de eleições, com promessas e projétos... mas nada, nada ainda se pôz em pratica. Consóme-se muito papel, fala-se muito, mas, por fim, nada de util se faz.

Ha anos começou-se, do apeadeiro, um lanço de estrada, mas passou por lá um tufão e varreu tudo. Morreu ao nascer...; mas as promessas ficaram e continuaram os projétos.

João Antonio Rodrigues

(SUCESSOR)

Montemór-o-Velho

Correspondente das seguintes casas:

Banco Comercial de Lisboa, Banco do Minho, Banco Comercial do Porto, Banco Aliança, Banco Economia Portugueza, Banco Nacional Ultramarino, Companhia de Seguros *A Internacional*, Crédit Franco-Portugais, J. M. Fernandes Guimarães & C.ª, Pinto da Fonseca & Irmão, J. M. Espirito Santo Silva, Borges & Irmão, J. H. Tota & C.ª, e Orey, Antunes & C.ª.

ANTIGO ESTABELECIMENTO

— DE —

Mercearia, Tabacos e Fazendas brancas

— DE —

João Antonio Rodrigues

(SUCESSORES)

Montemór-o-Velho

Nesta casa se encontra um completo sortido em assucar, chá, café, manteiga nacional e ingleza, biscoitos, bolachas, massas, bacalhau, genebra e vinhos do Porto.

Ferragens, prego de arame e de ferro, panelas de ferro, rastilho, chumbo em barra e para caça.

Fosforos e Tabacos, por atacado. Tambem vende pelos preços de Lisboa, farinha de trigo, cimento Portland, vidraça, telha de vidro e velas de cera.

Preços resumidos

Crónica de Lisbôa

Tive por companheiro de viagem, no *rapido*, um velho jovial e gentil, medico e poeta, de conversação elegante e erudita, homem do mundo, finamente ironico, que, segundo a sua propria frase, tudo fôra, até deputado.

Encontrar-se, numa viagem de horas, alguem com quem possa palestrar-se amigavelmente é um acaso feliz e digno de apreço. As horas correm com velocidade e invade-nos um vago desgosto quando nos aparece de surpreza a estação *terminus*.

As palavras são como as cerejas, diz o povo filosofo e observador, e um simples acidente aproximou-nos e fez-nos bons amigos.

Conversamos e discutimos sobre mil coisas que me revelaram bem as qualidades de inteligencia do meu companheiro de viagem.

Que fôra poeta, disse-me ele,— quando novo fizera versos—os versos proprios da mocidade, quando as ilusões e as esperanças convertem o céu mais tenebroso num céu de primavera, de lindo azul.

O positivismo da vida tornara o prosaico, a velhice fizera-o ironico.

Residira em Coimbra uns anos e conhecia bem a lusa Atenas, de que me descreveu, com brilho excepcional, as soberbas paisagens que ainda ama.

Cidade buliçosa, ruidosa, sempre moça, pela agua do Juventa que as gerações academicas lhe vão insuflar todos os anos, ele apregoará sempre o seu culto fervoroso a esse torrãosinho abençoado e querido.

Tivera um filho que ali fizera o seu curso. A corôa do seu triunfo, porém, déra-lh'a a Morte, roubando o sem remorso, ao seu carinho...

Tivera uma filha, poetisa, distinta, carinhosa, meiga, fôra pelo mesmo caminho do irmão...

E mostrou-me os seus versos, que como joias preciosas levava guardados junto do coração.

Li. Eram poesias duma mocidade feliz, eram sonhos duma vida de noiva, que se sentia amada, duma alma pairando no espaço azul, sonhando venturas sem fim...

Eram poesias simples, versos felizes, repletos de rendas finas e de pensamentos suaves.

Inquiriu a minha opinião.

Podiam os versos ser monstruosos como a minha proza e falhos de sentimentos como as linhas desataviadas que traço, eu seria um malvado se o dissesse.

Mas, não! Eram versos de uma poetisa ilustrada e sentimental, cheios de carinho e de emoção.

Disse-lh'o. Agradeceu-me como se fôra o autor e exaltando-me as qualidades daquela por quem chorava, balbuciou o seu nome.

De seguida guardou, com mil precauções, com mil cuidados, o livro que me mostrara, cheio de unção, cheio de amôr, como se fôra um padre fechando as particulas num sacrario, emquanto uma grossa lagrima rolava, vagarosa, pelo rosto rugoso deste poeta, deste pae.

Era o trabalho de uma filha querida!

Era a inteligencia da sua inteligencia!

Como os paes apreciam quanto os filhos fazem de bom!

Ah! Com que emoção, com que jubilo, com que carinho ele me mostraria os netos — anjinhos de cabelos d'oiro que Deus lhe não quiz dar!...

D. L.

Pela sociedade

Encontra-se em Figueira da Foz, com sua ex.ma esposa e mais familia, o nosso presado amigo, snr. Elisio d'Andrade, inteligente farmaceutico na Tocha.

=== Regressou da Torre do Terrenho, sua terra natal muito amada, o nosso ilustre colaborador José Nunes Bento, denodado combatente em favor da classe do professorado, a que pertence como distinto ornamento nesta vila.

Um abraço.

=== Com sua ex.ma familia partiu na sexta-feira para a Figueira da Foz, afim de fazer uso de banhos, o nosso presado amigo, snr. José Luiz Ferreira Galvão, abastado proprietario e ilustre presidente do Hospital de Campos e Misericordia desta vila.

=== Regressaram a Montemór, na quinta-feira, vindos da mesma praia, tambem com suas ex.mas familias, os snrs. Benedito Galvão de Carvalho e seu sogro Fernando Barbosa, respectivamente contador e advogado de provisão nesta comarca.

Nomeação

A Comissão Executiva, na sua ultima sessão, nomeou professora da escola do sexo feminino de Verride, a snr.ª D. Virginia Fernandes Duarte.

Carta da Abrunheira

29—9—915.

As vindimas já começaram e infelizmente acabam mais cedo do que nos anos anteriores.

Nas vinhas do monte a colheita foi regular, e se alguns lavradores estão descontentes ha outros que estão satisfeitos por terem mais vinho do que no ano passado.

As vinhas do campo é que não produziram absolutamente nada.

Ha lavradores que teem quasi todo o vinho da colheita do ultimo ano nas adegas, por não ter havido procura de vinhos, e tambem por não ser convidativo o preço que lhes ofereciam pelo vinho.

Este mal remedeia-se em parte, se o vinho subir de preço no proximo ano, como é de esperar.

=== Encontra-se já nesta localidade o snr. dr. José d'Ornelas Regalão, que veio acompanhado de suas ex.mas esposa, D. Sofia Regalão e prima, D. Amelia Galvão Simões.

=== Vimos aqui o snr. Padre Afonso de Gouveia Juzarte, paroco da Freiria.

=== Tambem aqui esteve num dos ultimos dias o antigo paroco desta freguezia, snr. Manuel Tavares Adom.

=== Teem passado incomodados de saude, os snrs. Manuel Jorge da Silva e Ernesto da Costa Coelho.

Desejamos-lhes prontas melhoras.

=== Esteve na Figueira da Foz com sua ex.ma esposa e filhinho, o snr. Antonio Luiz Neves da Costa, ha anos residente em Reguengos de Monsaraz.

=== De Tortozendo regressaram a esta localidade, o snr. Joaquim Jorge da Silva e sua ex.ma mana, a snr.ª D. Etelvina Jorge da Silva.

=== Encontra-se bastante doente, o que deveras sentimos, a snr.ª D. Tereza Ferreira, mãe do snr. major José Augusto Ferreira Lopes.

=== No ultimo domingo houve um baile na casa dos ensaios da Filarmonica, que nos dizem ter corrido bastante animado.

=== Um grupo de rapazes desta risonha povoação tenciona festejar o 5.º aniversario da Republica Portuguêsa. Um dos numeros do programa será uma marcha ao *flambeaux* e esta será um pretexto para outro baile! *N.*

Poetas e Prosadôres

A Moleirinha

Ai! a linda moleirinha
Tão coberta de farinha!

Tão nova, tão presunçosa,
Tão bonita a branquejar,
Que faz lembrar uma rosa
Vestidinha de luar;

Ai! a linda moleirinha
Tão coberta de farinha!

Deve têr a alma santa
Se a tiver da mesma côr,
Do seu vestido que encanta
Como uma visão de amôr ..

Ai! a linda moleirinha
Tão coberta de farinha!

Se ela não fosse criança
Cheia de amôr e meiguice,
Podia julgar-se a branco
Lavada pela velhice,

Porque, assim na moleirinha
Tem mesmo a côr.., da farinha!

Leão Correia
(Cesar da Luz).

Pedro de Noronha

Partiu hontem para a America do Norte o nosso excelente amigo Pedro de Noronha, filho estremecido do snr. Jacinto de Noronha, chefe da estação das Devezas.

O Pedro, que é um distinto guarda-livros, tem na sua frente um futuro brilhante, pois é muito novo ainda e já revelou a sua alta competencia numa importante casa comercial do Porto, onde tem estado.

Boa viagem e um abraço comovido de despedida.

A Flôr d'Abrunheira

— DE —

Joaquim de Sousa Carvalho

Fazendas de lã e algodão, ferragens, tintas, mercearia, vinhos e tabacos.

Variado sortimento de miudezas

Especialidade em chá, café, licores, etc.

ABRUNHEIRA

Uma tourada

Grande e indescritivel contentamento se desenhava na imensa multidão que se movimentava, no domingo passado, nas ruas da Figueira da Foz, á espera da anciada hora da tourada, no Coliseu Figueirense.

Mas é certo tambem que, por entre todo esse mar de cabeças humanas, devia andar uma creatura em cujos olhos, ao vêr essa desusada alegria, lhe bailaram lagrimas.

Essa creatura, que me escreveu, contava-me o seu desespero, ao vêr o grande contentamento que se estampava em todos os rostos, sómente porque iam assistir a um espectaculo proprio dos tempos rusticos, sómente porque iam assistir aos lancinantes urros que devia soltar um touro que, barbaramente, seria espicaçado por um toureiro.

Esse meu amigo conhecia já, naturalmente, a minha opinião sobre o assunto, pois veio desafogar comigo a grande dôr que experimentou ao vêr essa grande massa popular, que se engalana com a capa da Civilisação, entrar ruidosamente para uma casa onde um animal, que sente como ela, iria padecer tormentosas dôres.

Realmente, é triste vêr ainda em prática, neste seculo, processos dos tempos barbaros em que se não cultivava nenhum grau de Civilisação, como hoje, e em que o homem, profundamente imerso numa grande ignorancia, rejubilava ao vêr um animal contorcendo-se nas vascas da morte!

Acaso poderá alguem rejubilar com o martirio alheio?

Apenas porque o touro é um animal irracional, e por consequência, numa categoria inferior á do homem, deve este, que tem raciocinio, alegrar-se com as dôres daquele? Decerto que não.

Se o homem precisa de divertir-se, afim de esquecer as suas amarguras e as suas dôres, no que estou de acordo, porque é que, em logar de ir a touradas que só lhe devem causar ainda mais tristeza, não realisa, mais frequêntemente, festas desportivas, certâmes, regatas, espectaculos, etc.?

Que todos nós compreendamos que a tourada é um barbaro divertimento e que não nos devemos reger por costumes que, atendendo ao estado atual da Civilisação e do Progresso, se devem pôr de parte.

Coimbra, Setembro de 1915.

Mário Augusto da Silva.

Secção de Variedades

A melhor das orações

Um celebre padre italiano, quando se levantava da cama, fazia a oração seguinte:

Livrai-me, senhor, dum rico arruinado, dum pobre enriquecido, dum usurario, dum procurador, da distração dum boticario, dos que vão á missa duas vezes por dia, e principalmente dos que juram pela sua honra e pela sua consciencia!

Um barbeiro d'aldeia, estando para fazer a barba a um fidalgote, cuspiu no sabonete e esfregou-lh'o na cara, para fazer espuma.

— Então você cospe no sabonete?!

— Cuspo no sabonete, por ser para v. s., porque cá para os meus freguezes cuspo-lhes na cara e depois esfrego com o sabão..

Saíndo para a caça uns poucos de estudantes, e sendo um muito tagarela, recomendaram-lhe os companheiros que, durante a caçada, não falasse. Porém ele, vendo aparecer dois coelhos, gritou:

— *Ecce cuniculi multi!*

Os coelhos fugiram imediatamente. Os companheiros, desesperados, censuraram-n'o asperamente. Ele desculpou-se, dizendo:

— Eu podia lá imaginar que os coelhos soubessem latim!

Uma dona de casa, ainda muito nova, vae á cosinha, dirige-se á cosinheira, e diz-lhe:

— Que está você a fazer?

— Estou a lavar o peixe, minha senhora.

— Que tolice! Então você lava o peixe, que passa toda a sua vida a banhar-se na agua?

Um homem extremamente avaro, deitava muita agua no vinho que dava aos creados; e se pudesse arrancar-lhe os dentes para que não comessem, de certo o faria. Vendo um dia que um deles comia por todos, e em que ele estava a beber vinho aguado, disse-lhe muito zangado:

— Com mil diabos! Quando parará esse moinho?

— Quando o senhor deixar de lhe deitar agua!

A baroneza X, ao sair de casa, como lhe mordessem os cálos, murmurava raivosa:

— Ah! sapatos!

A cosinheira, que havia perguntado á ama o que desejava para o jantar, ouvindo aquela exclamação:

— Pois muito bem, assarei patos, como v. ex.ª ordena.

DR. AVELINO FARIA
Advogado

CANTANHEDE

Dá consultas aos domingos em
ARAZEDE
de outubro em diante e trata de qualquer questão no tribunal de Montemór-o-Velho.

Brazil e Africa

Afim de não sofrerem interrução na remessa do «DEVER», rogamos aos nossos assinantes do Brazil e Africa o favor de mandarem pagar as suas assinaturas por pessoas de familia, indicando-nos onde devemos receber.

Serviço do correio

Do dia 5 de outubro em deante será consideravelmente melhorado o serviço do correio desta vila, com uma nova distribuição de tarde para a correspondencia vinda nos comboios *rapidos* da manhã de Lisboa, Porto e Figueira da Foz.

Com esta nova distribuição recebe-se em Montemór, no mesmo dia em que fôr entregue ao correio, a correspondencia das povoações servidas por aqueles comboios.

Para organisar este serviço esteve ha dias nesta vila o snr. João Pizarro, digno chefe de Divisão dos Correios e da Administração Geral dos Telegrafos.

A Comissão Executiva, na sua ultima sessão, resolveu enviar os seus agradecimentos por este importante melhoramento ao snr. Antonio Maria da Silva, ilustre Director Geral dos Correios.

Condes da Ribeira Grande

Estiveram entre nós na terça feira, demorando-se até ao dia seguinte, de visita a seu cunhado e tio, o ex.mo snr. D. João d'Alarcão, os ex.mos Condes da Ribeira Grande e filhos.

Desastre de automovel

Cerca das 24 horas, na segunda-feira, um automovel que vinha da Figueira, conduzindo o snr. Antonio Cardoso, socio, ou gerente da *C.ª União Fabril*, do Porto, com algumas senhoras, ao passar por esta vila, na rua Fernão Mendes Pinto, foi ai de encontro á esquina de um muro de vedação de um quintal, pertencente ao snr. dr. Antonio Joaquim Simões e que fica situado na margem da vaia e junto do Teatro Ester de Carvalho, muro que sofreu um ligeiro rombo de minima importancia, sendo o veículo o que mais prejuisos teve, pois que, devido á grande violencia da pancada, ficou com os faroes quebrados e os eixos torcidos, além de outras avarias, tendo por isso o snr. Cardoso e as senhoras que o acompanhavam, de ficar em Montemor até quarta-feira, tempo que o snr. Henrique Ferreira de Carvalho, habil artista de serralheiro, levou a reparar as avarias do automovel, trabalhos pelos quaes foi muito elogiado pelo proprietario do carro.

O *Diario do Governo* publicou na quarta-feira o decreto criando mais 100 cursos nôturnos moveis, e nomeando os respétivos regentes.

Carta de Verride

Verride, 30—9—915.

Esteve nesta vila, de visita a sua familia, o nosso amigo e conterraneo, snr. Antonio d'Almeida Pinto, muito digno e abalisado mestre d'obras em Lisboa.

Este nosso amigo foi, durante a sua permanencia aqui, muito visitado por bastantes pessoas intimas.

=== Ha tempos que se encontram paralisadas as obras da Escola do sexo feminino desta vila, devido aos empreiteiros não cumprirem o contracto que fizeram.

=== Acham-se já concluidas as colheitas, as quais fôram, este ano, muito fracas em relação aos anos anteriores, o que desanimou muito os lavradores.

O que mais agradou foi a colheita do vinho, que, apesar do grande estio que tem feito, tem dado uma boa produção.

=== Ha dias, andando a apanhar figos numa figueira a snr.ª Maria Ferreira, caíu, causando-lhe a queda morte quasi instantanea. Foi muito lastimada a sua morte, pois que gosava de geraes simpatias.

=== Após um doloroso sofrimento, faleceu em Reveles o snr. José Querido, que exercia o logar de carregador na estação de Verride. O extinto foi sempre muito estimado por todos os seus superiores.

=== Faleceu nesta vila a snr.ª Maria Tomaz, a mulher mais velha desta vila, pois contava a bonita idade de 106 anos, e apezar d'isso ainda costurava sem precisar do auxilio dos oculos. *C.*

Novos colaboradores

Mais dois companheiros de trabalho vieram juntar-se a nós, iniciando, um, no presente numero a sua colaboração no *Dever*. Gambeta d'Almeida Gomes é um autentico republicano historico, que sofreu pela Republica antes de 5 d'Outubro e tem sofrido ainda mais depois da sua implantação, mercê de ingratidões de varia especie.

Antigo redactor de vários diarios de Lisboa, honra agora as colunas deste semanario.

O outro é um distinto poeta, colaborador literario de varios nossos colegas. Carlos de Moraes principiará no proximo numero, na secção *Poetas e Prosadores*, e os nossos assinantes terão ensejo de apreciar a sua vasta e erudita inteligencia.

Companhia de Seguros Fidelidade

Séde: Largo do Corpo Santo, 13—1.º—Lisboa

Capital emitido.	1.344:000$00
Capital desembolsado . . .	67:200$00
Reservas . . .	733:702$07,5
Prejuizos pagos	4.497:355$11

Efectua seguros maritimos e terrestres na séde e nas correspondencias.

Escola a concurso

Está a concurso a escola do sexo feminino de Arazêde.

Por falta de espaço sômos obrigados a deixar de publicar varios e importantes artigos, do que pedimos desculpa aos seus autôres.

Companhia Geral de Credito Predial Português

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

Séde Social: Travessa de Santo Antonio da Sé, n.º 21

LISBOA

Esta Companhia realisa actualmente emprestimos hipotecarios a longo praso, cujo encargo, compreendendo juro, comissão, amortisação e depreciação dos titulos, é inferior a 7 %, tendo os mutuarios a faculdade de antecipar os seus emprestimos, total ou parcialmente e em qualquer época, em dinheiro ou em obrigações da mesma taxa e tipo das que fôram entregues no acto do contrato. Recebe e guarda nas suas magnificas **Casas fortes** quaisquer papeis de credito, encarregando-se de receber os respectivos juros.

Pedir esclarecimentos a Fernando da Silva Coelho Pessoa — Montemór-o-Velho — ou diretamente á Séde da Companhia.

OFICINA-GARAGE DE COIMBRA

LOBO DA COSTA & CASTANHEIRA

Grandes oficinas mecanicas para reparações de automoveis; fabrico de carretos, pinhões e corôas em aço; cementação e temperas; vulcanisação e fundição de metaes. Recolha e tratamento. Ensino. Automoveis de aluguer de $08 a $20 o quilometro e 9 lotações de 1 a 18 passageiros. Acessorios, gazolina e oleo. Transações em carros de 2.ª mão. Serviço especial, para bem servir os Ex.mos Clientes da provincia.

RUA DA FIGUEIRA DA FOZ — 170

COIMBRA

Local conhecido por «Casa do Sal» á entrada da cidade pela estrada do Porto.

Telefone, 502 — Telegramas «Garage, Coimbra»

HOSPEDARIA DO PAÇO DO CONDE

— DE —

JOSÈ DOS SANTOS

Rua Adelino Veiga, 36 a 40 — Rua do Paço do Conde, 10

COIMBRA

Vinhos, comidas e tabacos.
Recebem-se comensais por preços modicos.
Camas para pernoitar.

Esta casa, com a transformação por que acaba de passar, melhorou consideravelmente todos os seus serviços, achando-se habilitada a receber hospedes de qualquer categoria, oferecendo-lhes comodidades por preços baratos. Esmero e prontidão no serviço de meza, para o que tem pessoal competente.

O mesmo proprietario negoceia em cereais e legumes de todas as qualidades, tais como farinhas, semeas, batata, castanha, palha enfardada, cordas e adubos quimicos.

Rua Adelino Veiga — 44, 48

O seu armazem é já muito conhecido.

Telefone 379.

AGUA DE LUSO (Medalha d'ouro, Madrid 1913.) Cura pela Diurése

(ESTABELECIMENTO TERMAL E HOTEIS ABERTOS TODO O ANO)

A mais diurética e mais digestiva. Aumenta a diurése, regularisa as funções digestivas e ativa os fenómenos nutritivo

Muito radioativa—4,49 miligramas—minutos
Muito ionisada, resistividade a 18° 18300 ohms
Muito rica em gazes raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotonica, ponto criospico 0°,04

Conclusões da analise feita pelos distintos professores Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitissimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tifico

USO EXTERNO—Molestias de pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc,), reumatismo e gôta.
USO INTERNO—Artritismo, impaludismo, neurastenia—Albuminuria, diabetes—Intestinos, estomago—Rins—Bexiga.

Depositos — **LISBOA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros. 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 428. FUNCHAL, José Quirino de Castro, rua dos Murças. AFRICA ORIENTAL: Oswald Offmann. BEIRA: F. L. Simões & C.ª. LOANDA: Beltrão, Pena & C.ª**, e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositarios nas terras onde ainda os não haja.

Portugal Previdente

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima — Responsabilidade Limitada

Capital **UM MILHÃO** de Escudos

SÉDE — RUA DO ALECRIM, 10 — LISBOA
N.º Telef.—1849 End. Teleg.—VIDA

Seguros contra incendios de predios, fabricas, etc.
Seguros de estabelecimentos e mobiliarios.
Seguros agricolas de ceáras, eiras, palhas, arvoredos, etc.
Seguros de maquinas e utensilios de lavoura.
Seguros contra incendio proveniente de gréves e tumultos.
Seguros de transportes maritimos e postaes.
Seguros contra roubo de habitações e estabelecimentos.
Seguros contra fraude de empregados.
Seguros contra a quebra de cristais.
Seguros de vida, pensões, dotes e reformas.
Seguros contra acideute de trabalho.

Agencias em todas as terras importantes do paiz, ilhas e colonias.
Sucursal no PORTO — Rua Passos Manoel, 21.

BANQUEIROS—**Borges & Irmão**—Porto e Lisboa

Antonio Pereira de Carvalho

Proprietario dos Grandes Armazens de Bicicletas, Maquinas de Costura, Pianos e toda a qualidade de acessorios.

A maior e mais antiga casa no genero

Oficina para todos os concertos, afinações e reparações em bicicletes, motocicletes e maquinas de costura.

Artista mecanico habilitado.

Vendas, alugueis e trocas.

Preços sem competencia

34—Avenida Navarro—36

(Estrada da Beira)—COIMBRA

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem deposito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se tambem de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fóra de Coimbra

FABRICA DE CAL

Cal fina e grossa, fornece-se em muito boas condições. Preços modicos, sobre o wagon, no caminho de ferro e nos proprios fornos.

Agente de telha tipo marselha e tijolos de todos os formatos, da fabrica Lacerda, Figueiredo & C.ª Limitada, da Pampilhosa.

Pedidos a

Joaquim F. Coca Junior
Zambujeiro—Arazede

AOS AGRICULTORES

Estão proximas as sementeiras de nabos e cereais, e por isso previno todos os meus estimaveis freguezes que façam novas encomendas de **adubos quimicos** e **organicos**, da acreditada casa Varela Leal & C.ª, das Varzeas, os quais se encontram á venda em minha casa, no **Casal do Gaio — Arazede.**

Manoel Monteiro Godinho.

Companhia de Seguros

A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz

Antonio d'Oliveira Guerra

RUA DA REPUBLICA, 84

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legitimos acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de fórma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamavel, isca em cordão vendida fraudulentamente a titulo de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva acção civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa ao Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalisação para procederem ás necessarias diligencias: Dirigir-se pessoalmente ou por carta á Companhia Portuguêsa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS
MELO & MARTINS
PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada

PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiencia dos nossos adubos, devido ao seu magnifico resultado os adoptarão de preferencia a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

SEGUROS CONTRA INCENDIO

incluindo riscos de explosão de gaz e raio.

Seguros contra incendio cobrindo tambem os riscos de gréves ou tumultos (portaria de 14 de Março de 1914).

SEGUROS CONTRA INCENDIO cobrindo ainda os riscos de guerra (portaria de 30 de Novembro de 1914).

Unica companhia autorisada a segurar os riscos de guerra nas apolices de incendio

Seguros contra incendio e roubo E' tambem A MUNDIAL a unica Companhia autorisada a emitir uma apolice cobrindo os dois riscos

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital — Esc., 500:000$
(500 contos)

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmão
Praça da Liberdade, 138 — Telefone 1459

Agencias e Delegações em todo o paiz, ilhas e colonias.

Restaurante Ferro-viario
ALFARELOS

ESTE bufete, um dos que melhor servem o publico que transita nos comboios, acha-se situado na estação do caminho de ferro de Alfarelos. Fornece almoços, jantares e *lunchs* e toda a qualidade de refeições, por preços comodos. Tem pessoal habilitado, tanto em cosinha como em sala de mesa. Tudo se encontra com esmero e perfeição.

Fornece comida para fóra, e presta-se a servir em casamentos, batisados, etc., desde que seja prevenido com antecipação.

O proprietario, **Artur de Oliveira Coelho.**

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro
PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex.mos passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.

Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA

Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.
PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações
Deposito das afamadas aguas de Luso.

Guilherme dos Santos Pinto & Irmão

COM

OFICINA DE CANTEIRO

Encarregam-se de jazigos de toda a especie e todo o serviço concernente á sua arte.

Tambem executam todos os trabalhos que digam respeito a *Plantas, Alçados, Copias, Projectos e orçamentos de edificios, edificações, etc.*

Montemór-o-Velho=Verride

Biblioteca da Universidade Coimbra

Ano 4.º Montemór-o-Velho, 10 de Outubro de 1915 N.º 190

DIRECTOR, PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR
Almeida Junior

SECRETARIO DA REDACÇÃO E EDITOR
Abel M. de Melo Brandão

REDACTOR PRINCIPAL
Mário Augusto Mota

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguêsa

Pátria e Humanidade

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Dr. José Galvão
MONTEMOR-O-VELHO

DIRECÇÃO:—COIMBRA
(para onde deve ir a correspondencia)

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. Silva (a vapor)—AVEIRO

CORREIO 11.OUT.15 COIMBRA

O indiferentismo pela arte antiga em Portugal

O Castelo de Montemór-o-Velho

Posto que não seja versado em assuntos de arte, imensa tristeza me invade a alma quando vejo o estado de deterioração em que geralmente todos os monumentos historicos se encontram, em consequencia da acção perniciosa do tempo, os quais devido á grande incuria que caraterisa o português, não teem sido reconstruidos.

Realmente, entrar em monumentos, que são preciosissimas joias, que nos legaram os nossos antepassados e vê-los em completo estado de abandono, como se nenhum valor tivessem, vê-los a pouco e pouco desmoronarem-se sem haver alguem que os ampare, vê-los inteiramente envolvidos por uma densa atmosfera de esquecimento, é triste para todos aqueles que, como eu, amam devotadamente a sua Patria e que tinham imenso prazer de verem os seus monumentos em perfeito estado de conservação, de maneira a atestarem que o povo português presava aquilo que tinha sido construido ha milhares de anos pelos seus antepassados, á custa talvez de enormes sacrificios.

Monumentos ha que nos revelam um passado glorioso e nos evocam os heroicos feitos praticados por quem tinha profundamente enraizado no coração o lidimo sentimento do amor pela Patria.

* * *

Fui ha dias visitar o Castelo de Montemor-o-Velho, vila onde presentemente se acha a redacção deste jornal, que tem sempre pugnado ardente e corajosamente pelos interesses da dita vila.

A impressão que de lá trouxe foi pungentissima.

O mais absoluto indiferentismo pairava sobre esse vetusto castelo.

As suas muralhas, que naturalmente foram tingidas pelo sangue arabe e cristão, estavam arruinadas; as suas torres, á volta das quais tantos combates sanguinolentos se travaram, estavam decaídas e envoltas pela mais absoluta e tetrica soledade.

Presentemente são os seus unicos habitantes aqueles que dormem o sôno eterno na manietude da campa, pois — ó suprema irrisão!—construiram dentro o cemiterio.

De maneira que o *touriste* que o fôr visitar encontra, passado tempo, esse desolador e lugubre sitio — a habitação dos mortos, e, certamente, ele então, em face daquele sitio onde predomina uma paz absoluta e uma profunda tristeza, receberá a maior das decepções, pois naturalmente nunca lhe passou pela mente que viria encontrar naquele logar um cemiterio.

E' verdadeiramente triste o presenciar-se o estado de ruina em que tudo se encontra, pois do cimo das torres, que olham alem os extensissimos e feracissimos campos do poetico rio Mondego que ao longe alveja e cujas aguas, increspadas de vez em quando por uma cortante brisa, vão correndo marulhantes para esse grande abismo que se chama — o mar, gosa-se um vasto e encantador panorama.

A conservação desse Castelo contribuiria imenso para o desenvolvimento material de Montemor, pois tornar-se-hia um importante centro de turismo; mas a indiferença pela arte campeia e esse castelo, que era outr'ora como que um simbolo da força e, pode dizer-se, uma inexpugnavel fortaleza, dentro dalgumas dezenas de anos vergar-se-ha, desmoronando-se pedra por pedra, vencido, enfim, pela acção nefasta e destruidora do tempo.

Ninguem o auxilia nessa titanica luta e por consequencia ele sucumbirá extenuado, vencido!

E' triste, é desolador!...

* * *

Povo de Montemór, vós que sempre tendes dado evidentes provas de patriotismo, de abnegação, de amor pela vossa terra, univos em torno da bandeira dos interesses da vossa terra e, como se um só homem fosseis, levantai o vosso grito de protesto contra esse indiferentismo doentio e fazei com que reconstruam o vosso Castelo, preciosissima recordação dos tempos idos em que os vossos antepassados, com um inexcedivel denodo, sustentaram a defeza dessa vila, do cimo das suas vetustas e heroicas muralhas.

Amai o vosso Castelo que foi outr'ora a defeza dessa vila e a barreira insuperavel dos inimigos que atacaram esse vosso amado torrão que vos tem servido de berço.

Coimbra, Outubro de 1915.

MARIO AUGUSTO DA SILVA.

Estação postal d'Arazêde

Foi elevado o vencimento do nosso queridissimo amigo Antonio Ismael da Cruz, zeloso e bem-visto encarregado da estação postal de Arazêde, ao mesmo tempo que é honrado comerciante e um republicano historico, que se sacrificou pelo bem-estar da sua Patria. Militou sempre no Partido Republicano Portuguez, com desinteresse e isenção. Se nos congratulamos pelo aumento do seu ordenado, lamentamos ao mesmo tempo que a justiça não fosse completa, pois a estação d'Arazêde tem trez vezes mais movimento do que a da Carapinheira, e, todavia, o vencimento do encarregado desta é ainda maior do que o do d'Arazêde.

Entretanto, sabemos que o snr. Pimenta, ilustre director dos correios e telegrafos do distrito, está empenhado em que tudo se regularise, e a ele se deve já o que acaba de ser feito.

Em nome do nosso amigo Ismael da Cruz, nosso antigo companheiro de luta e um dos fundadores do *Dever*, aqui agradecemos as gentilezas dispensadas.

Horas d'insónia

Ontem de madrugada, ao romper d'aurora, surpreendi dois noivos a fazer amór. Ela chorava copiosamente; ele, mais refeito das intemperies do mundo, das inglorias da vida, ria a bom rir beijando-lhe a farta cabeleira em desalinho. Estavam brancos como a cal destas quatro paredes que me rodeam. Proximo, á beira dum regato sito dagua cristalina, um pobre pedia esmola. E pediu-lhes esmola a eles. Rogou, lamuriou, e zangou se indo-se embora. Não havia ali ouvidos. O amor ensurdece, a paixão cega; e a vida, identificada assim entre duas almas que se enlaçam, deve ser perfeitamente insensivel. Eu pensei e scismei. Eles olharam e pensaram. Em que pensava eu? Na vida despreocupada deles, beijando-se e amando-se, alheios á vida exterior. Na mizeria do mundo, na Mentira, nos rizos escarninhos do falsarios e dos hipocritas, de todos aqueles cujo forte é a maldade e cujo fito a desgraça alheia. E comparava. E o sol rompia, longe, por sobre os montes do levante. A natureza cantarolava, pelo bico das mil avesinhas campestres revoando no espaço infinito. Era a aleluia cantante d'amor em duas almas e a aleluia pujante de gloria em infinitas coisas do mundo, em inenarraveis demonstrações de beleza e garridice.

A' noite, ao pôr do sol, quando a escuridão começava, um amigo diz-me, de chofre: — morreram! Aquelas criaturas que você encontrou depois, quando atravessava o campo, — morreram!

A' tarde, quando ela lhe fugira, ele foi encontrá-la de livro na mão e á disposição de todos os bandidos. Libertou-se dele. E o rapaz, magro e palido, quiz que ambos se vissem livres das podridões da sociedade em luta. Pouco fez. Meteu a mão ao bolso e tirou uma pistola. Facil tarefa, meus senhores, para os desiludidos e para os cansados de viver.

... Mas ontem de madrugada, ao romper d'aurora, eu surpreendi dois noivos a fazer amor. Ela chorava e ele ria. E, afinal, rindo e chorando, lá foram a caminho da Eternidade. — Dormem!

ALMEIDA JUNIOR.

De semana a semana

Aniversario da Republica

Com um sol esplendido e uma temperatura amoravel, assim decorreram os dias em que em todo o país se realisaram as festas do 5.º aniversario da proclamação da Republica Portuguêsa.

Lisboa, cheia de festa, acolheu no seu seio milhares de forasteiros, que os comboios levaram de todos os pontos do país, alegres, satisfeitos e despreocupados percorrendo a cidade em todas as diréções, assistindo a todas as festas, o que está no espirito deste bom povo português, sempre pronto para todas as festas possiveis e imaginaveis, e lá dizem os francêses, com a sua graça gauleza: *Les portuguais sont toujour gais. Qu'il fane beau, qu'il fane laid.*

Alegre e despreocupado, vive entre as dificuldades da crise economica que atravessamos e que afeta todas as classes, sem se encomodar com a falta de trabalho e com o aumento dos preços dos generos alimenticios, que lhe dificultam extraordinariamente a vida.

No meio do entusiasmo vibrante das festas, ouvindo o constante toque da *Portuguêsa*, que as bandas e filarmonicas tocam pelas ruas e coretos, á mistura com foguetes e bombas, que sem cessar atroam os ares, ele vitoría a Republica e os politicos da sua feição, não o perturbando nessas horas de alegria a guerra medonha que está assolando toda a Europa, não lhe lembrando os seus irmãos portuguêses que em terras africanas se batem valentemente na defêsa do nosso territorio ameaçado pelo despotismo germanico.

Mas esse bom povo, que durante trez dias tudo esqueceu embriagado pela atmosfera festiva que o rodeava, lá foi tambem no dia 7 ao Arsenal de Marinha despedir-se carinhosa e comovidamente, alguns com os olhos marejados de lagrimas, desse punhado de bravos militares, que a estas horas vão muito longe, sulcando as aguas do mar em direcção a Moçambique, onde, com o patriotismo e o valor da sua raça de heroes, saberão defender dos ataques dos nossos inimigos a integridade da Patria.

Quantos deles por lá perecerão, longe da terra que lhes foi berço, onde deixaram uma mãe amantissima, uma esposa carinhosa, um filho estremecido, que eternamente chorará a sua perda irreparavel?

E a Patria e o povo, esse mesmo povo, que dele se despediu dando-lhe coragem e incitando-o ao cumprimento dum dever, passadas as primeiras horas, não mais se lembrará desse heroe que soube morrer no seu posto, nem da familia que muitas vezes fica na maior miseria, vendo-se na necessidade de estender a mão á caridade publica.

Triste verdade é esta!

Vingança

Desde o começo da nossa vida de humildes rabiscadores tivemos sempre um certo escrupulo em tratar de questões de personalidades, mas em face do caso a que nos vamos referir, não podemos suportar o mutismo.

O snr. Adriano Lucas, vereador da Camara Municipal de Coimbra, que tanto tem dado que falar devido aos atropelos e injustiças, que vem de ha muito praticando, movido unica e simplesmente pelo seu faciosismo politico, acaba de cometer mais uma das suas proezas.

Deliberou a Camara que todo o pessoal assalariado da mesma, passasse a ter 8 horas de trabalho, o que foi imediatamente cumprido, excetuando-se no entanto o pessoal da repartição dos impostos, visto o snr. Lucas ter votado todo o seu odio áquela repartição, pelo simples motivo de quasi todo o pessoal não comungar no ideal politico do *ilustre* vereador daquele pelouro, e daí a exclusão, como se o pessoal dos impostos não fosse tambem assalariado, o que é uma injustiça.

Ora o odio do snr. Lucas não fica por aqui.

S. Ex.ª tem demitido empregados, unicamente porque são democraticos; suspendido outros, sem motivo justificado e sem serem ouvidos como preceitua o regulamento daquela repartição e por ultimo transferido outros de serviços que faziam ha muitos anos e com muita competencia, unicamente por vingança, como o vamos demonstrar.

Um seu correligionario e colega na vereação, procurado ha dias por um amigo, que ia pedir para interceder junto do snr. Lucas para que um empregadn daquela repartição fosse colocado num determinado serviço donde tinha sido afastado sem razão, teve como resposta o seguinte:

Eu não lhe peço nada porque isso é uma vingança politica, pensando ele até em demitir o chefe, porque é um politiqueiro que, quer fóra quer dentro da repartição, faz politica democratica e critica os actos da vereação.

E o snr. Lucas que aproveitando o cargo para que foi eleito, exerce *vinganças politicas* contra os empregados de uma repartição por que não pensam como ele e tenta demitir o chefe da mesma porque tem politica diferente da sua, o que merece que lhe façam os que o elegeram para tal cargo?

Não, snr. Lucas, não póde ser assim; que se façam cumprir os regulamentos, que se evite que os superiores exerçam pressão politica sobre os seus subordinados, estamos perfeitamente de acordo; agora que o snr. queira obrigar todos a pensarem como o snr., impondo-lhe o *crê ou morres*, isso não póde ser e temos até a certeza de que se o chefe do partido evolucionista tivesse conhecimento da maneira verdadeiramente desastrada como o snr. está fazendo politica, já o tinha chamado á ordem, evitando assim que a sua inepcia e o seu faciosismo continuem a comprometer mais o partido do que o que o tem comprometido.

Por isso, snr. Lucas, tome tato, tome tino, deixe-se de fazer politica, trate dos interesses dos seus municipes, que foi para isso que foi eleito e não para exercer *vinganças politicas*.

Ameaçando

Emquanto na Covilhã um grupo consciencioso de operarios reunidos no quarto congresso socialista apreciavam e discutiam os diversos problemas de reivindicação social, um

grupo de agitadores, mascarados de pseudo-socialistas, num comicio, realisado em Lisboa, em que se pedia a anistia para os presos por questões sociaes, com o que estamos de acordo, ameaçava o governo de que se não desse essa anistia, eles promoveriam a greve geral revolucionaria, que significa tumulto, alteração da ordem publica, manifestações disparatadas e impertinentes que põem em sobresalto a população da capital que está farta destes intempestivos e antipatrioticos arranques do operariado.

Se é certo que os governos têm obrigação de atender tanto quanto possivel, aos desejos do operariado, por que ele representa uma das maiores forças vivas do paiz, certo é tambem que os mesmos governos não devem estar á mercê de meia duzia de agitadores que com ameaças perfidas ou ingenuas, de revolta e sedição, querem que sejam atendidos todos os seus pedidos embora disparatados, sem que se tomem inergicas providencias para acabar de vez com esses perturbadores da ordem.

Há tumultos que se justificam e se perdoam; ha motins que têm um fundo de generosidade e de grandeza, que os tornam simpaticos. Mas ha outros e principalmente os precedidos de ameaças, que é tudo quanto ha de mais ridiculo e vergonhoso e merecem séria reprimenda. Se ha violencias que se possam explicar por uma indignação sincera do operariado, que se julga lesado nos seus mais legitimos direitos, não são elas de molde a acreditar um partido que tem já representantes no parlamento e aspira em muito breve espaço ter participação no governo da nação. Por isso os sinceros e verdadeiros socialistas devem expropriar do seu seio esses provocadores de tumultos, porque se o socego se restabelece rapidamente, a vergonha cae sobre o partido a que pertecem os provocadores e o éco tarde se extingue.

Companhia de Seguros Fidelidade

Sédo. Largo do Corpo Santo, 13—1.º—Lisboa

Capital emitido. 1.344:000$00
Capital desembolsado . . . 67:200$00
Reservas . . . 733:702$07,5
Prejuizos pagos 4.497:355$11

Efectua seguros maritimos e terrestres na séde e nas correspondencias.

Pela sociedade

Retirou no domingo para a capital, o snr. dr. João Tudela, antigo governador civil de Lisboa e valiosissimo democratico militante, depois de alguns dias passados em casa do nosso presado amigo, snr. Adrião Forjaz de Sampaio, seu particular e intimo amigo.

== Assistindo á sessão solene efétuada na Camara Municipal, no domingo, por ocasião da inauguração das duas escolas desta vila, vimos e cumprimentamos aqui os nossos presados amigos e distintos colaboradores, snrs. Julio Neves da Costa, de Abrunheira, Constantino Gomes Tomé, de Sant'Ana, e Ernesto da Costa Coelho. Tambem cumprimentamos os professores, snrs. Beja da Silva, de Tentugal, Julio Ferrão, da Carapinheira, Antonio Monteiro, do Tojeiro, e outros cujos nomes nos não ocorrem.

== Tivemos a satisfação de cumprimentar nesta vila os snrs. João Ribeiro Arrobas e Hermano Ribeiro Arrobas, nossos presados colegas da *Gazeta de Coimbra*, que, visitando sua gentil filha e irmã, hospedada em casa do nosso estimado amigo, snr. Gonçalves Ferreira, aproveitaram a ocasião de admirar o nosso Castelo.

Ernesto da Costa Coelho

Foi hontem que lhe demos um abraço de despedida. E a satisfação com que o fizemos foi imensa.

Não que o Ernesto, nosso querido amigo e companheiro de trabalho, fugisse como conspirador, alma ardente de liberal convicto; mas porque o Ernesto da Costa se ausentou da vida de solteiro. Subiu, consumou-se o ideal do seu coração amavel. Ligou os seus destinos aos destinos duma gentil senhora, duma senhora de finissima educação e de infinitissima bondade.

Com efeito, a snr.ª D. Laura da Graça Ribeiro, desta vila, é uma dama gentil, que gosa de simpatias.

Paraninfaram o acto os snrs. dr. José d'Ornelas Regalão e Joaquim Jorge da Sil a e as snr.as D. Etelvina Jorge da Silva e D. Amelia Galvão Simões.

Como os nubentes merecem todas as venturas e prosperidades, nós lh'as agouramos, com um cartão de felicitações intimas mas sinceras.

Páginas sôltas

Crónica singela

Ao ilustre colaborador do *Dever*, snr. Eduardo Passos.

Tinhamos dado um passeio. Fôramos a uma vindima, a convite.

Agora é que é agradavel passear: foi-se embora o verão... Os grandes calores abrandáram e o outono batenos muito de manso á porta...

Caíram já as primeiras chuvas e com elas algumas folhas meio amarelecidas se desprenderam das arvores...

A quinta é perto do Tâmega cujas águas levemente encrespadas, beijadas pela brisa, lá vão vagarosamente, mansamente, para a foz... E das margens, de entre os arbustos ribeirinhos, debandam revoádas de passaros em gárrula chilreada.

Do nosso lado o terreno é todo em socalcos, onde as videiras crescem e seus braços se estendêm, pejados de maduros cachos, sobre os ramos das arvores. Algumas leiras de terreno já semeadas de cereal e ainda noutras algumas amarelecidas hastes de milho tardio.

Na nossa frente, lá na margem oposta, encostas e ravinas onde o pinheiro vegeta por entre blocos de granito; e de onde a onde se destaca o telhado rubro dalguma casa de campo. Mas lá mais longe, parecendo tocar com as nuvens, fica um alto pico do Marão que me recorda uma célebre travessia que, em companhia de pessoas de familia e estranhos, por essa serra fizera ha anos... E todos êsses morros, agora banhados pela luz do sol que põe ondulações de ouro no tom virente da vegetação, em breve estarão toucados de niveo manto, puro e gelado — a neve.

Não me enfileiro na falange das panteistas neó-romanticas, mas no entanto encontro sempre inefaveis impressões na contemplação dos quadros da Natureza, sempre belos, na rusticidade do viver campesino...

* * *

Pois foi de regresso desse passeio á margem do Tâmega, e quando á luz dum bico de acetilene já lia os jornais de Lisboa, que me entregaram o *Dever*. Tinham-mo mandado de casa, dentro dum envelope, e chamavam-me a atenção para a *Carta Aberta*, — o que era desnecessario pois que, embora não leia todas as colunas do jornal, passo sempre «uma vista de olhos» pelas epigrafes e respectivas assinaturas dos artigos...

Pois muito bem. O snr. Eduardo Passos, de Guimarães, que não tenho a honra de conhecer pessoalmente, o que não impede que o prese como colega no jornalismo, e o suponha instruido e educado,—teve a gentileza de me dirigir uma *Carta Aberta* e a amabilidade de fazer reparo a uma frase minha. Disse amabilidade e não retiro o termo, porque o snr. Passos escreveu com correcção e delicadeza, ainda que—com precipitação...

Ilustre correspondente: — Sinceramente agradeço a V. Ex.ª a atenção prestada ás minhas insignificantes crónicas, escritas sempre de fugida, e peço-lhe me releve a falta de lhe não responder em longo artigo e apropriado conforme a *carta* de V. Ex.ª merece. Mas nesta vila bem provinciana onde vim repousar uns dias livre das minhas ocupações quotidianas, nem sequer tenho o numero do *Dever* visado por V. Ex.ª na sua carta...

Não é uma discussão que entabolamos, Deus me livre disso, mas tão sómente em ligeiras palavras desfazer algumas interpretações menos justas, mas com educação que me preso de ter...

Permita-me que lhe diga que, não me conhecendo pessoalmente, V. Ex.ª tambem me não conhece pelos meus artigos jornalisticos, pois que no caso contrario, V. Ex.ª não escreveria aqueles primeiros periodos da carta, como que de introdução. Não lhe chamaria os epitetos que escreveu, nem outros, porque—não uso desses processos literários... Nem no *Dever*, no *Norte*, no *Cinco de Outubro*, na *Revista Pedagógica*, no *Magistério*, *Federação Escolar*, etc., quando em todos esses escrevia, nunca neles fiz nenhum ataque pessoal, nem da minha pena saiu um insulto para ninguem. Independencia de critica é que a não abdico, por isso que assino sempre os meus artigos.

Mas em certo ponto V. Ex.ª tem razão porque é costume velho cá na nossa terra nunca se estabelecer uma discussão sem que cada qual dos contendores não venha com o insulto pessoal.

Mas como isso se não dá agora comigo nem com V. Ex.ª, prossigamos.

Quando escrevi a crónica *Coisas da guerra* empreguei muito propositadamente aquele paradoxo que V. Ex.ª apontou, mas toda a gente que o lera no citado artigo sem dificuldade viu uma ironia em nada desprimorosa, e não um sectarismo.

Eu entendo que V. Ex.ª escreveu. —embora brilhantemente e com muitos conhecimentos sobre o assunto,— escreveu, dizia, com precipitação. E digo isto porque senão, não iria por uma simples frase julgar de mim uma «sectaria», (naturalmente até iconoclasta) e propagandista da nossa comparticipação militar no conflito europeu!

O' snr. Eduardo Passos! Se eu até, numa festa organisada em prol dos feridos da guerra, naquele periodo de maior entusiasmo bélico, e tendo ante mim uma enorme plateia e camarotes cheios á cunha, tive o arrojo de dizer no meu discurso que era em *principio* contraria á guerra!

Não resta dúvida. V. Ex.ª escreveu a meu respeito com «precipitação» e por isso tomo a liberdade de lhe pedir o favor de folhear a colecção do *Dever* a partir de 1912 e alguns números dos jornais atrás citados e verá então pouco mais ou menos o meu modo de pensar em assuntos sociológicos, em educação civica, patriotismo e questões bélicas...

Mas antes de tudo, que se dissipe a ideia que de mim faz julgando-me alguma virago, sufragista á Pankurt e anarquista, sendo eu a mais incorrigivel sonhadora do aperfeiçoamento da Humanidade o que se não póde conseguir sem o império—da Paz.

E muito amigavelmente, sem esperar que a discussão continue, assino-me com consideração admiradora e colega,

Amarante,
Fins de setembro de 1915.

Aurea Judit Amaral.

As cartas duma infeliz

Meu caro Leopoldo:

Cheguei hontem da Granja, onde passei dias de martirizante aborrecimento. Nem eu quero que me lembre. Prometeste ir lá, mas os teus afazeres ingentes não t'o permitiram.

Desejei-te ao pé de mim muitas vezes. A' noitinha, quando o sol descia sobre o mar, rutilante e belo, eu punha-me a rezar as orações do costume. E saí sempre de luto. Ainda ha dias um rapaz, de bigode loiro e cabeleira farta, me seguia, pasmado, quasi dois quilometros, num passeio que fiz praia acima. Se ele adivinhasse, Leopoldo, a tristeza que me envolve a alma, e o quanto eu estou cansada de coloquios e galanteios, certamente não teria perdido o tempo nem se teria enfadado a seguir-me. De resto, meu amigo, eu cheguei a responder-lhe a um cumprimento rasgado e ceremonioso. Não pude deixar de o fazer. Pareceu-me, num relanciar furtivo d'olhos, que o homem sonhava, ou sofria. A' noite, toda a *élite* foi ao baile.

E o rapaz de bigode loiro e farta cabeleira, não. Ficou na rua.

Já tarde, estava eu lendo o *Eurico* com entusiasmo, ele lá ia, rua abaixo, metido por copadas arvores, em direção ao mar. Levava na mão um ramo de violetas, que me pareceram eguais áquelas que tu trazias na botoeira, ha tempo, ao visitar o Senhor dos Passos da Graça.

Parece-me que era um triste como eu. A humanidade tende ao misticismo, e, como disse Ramalho Ortigão ultimamente, para dar ao mundo uma lição de historia.

Tu estranhavas já o meu silencio. Mas tem paciencia.

Descancei, e agora, pronta mas desanimada sempre, aqui me tens a enfadar-te.

Cheguei hontem da Granja e, longe do mar saudoso, darei largas á saudade que me tortura e á expansão que é necessario desferir como quem canta saudades de tempos idos.

Adeus.

Tua,
Iréne.

A Flôr d'Abrunheira

— DE —

Joaquim de Sousa Carvalho

Fazendas de lã e algodão, ferragens, tintas, mercearia, vinhos e tabacos.

Variado sortimento de miudezas

Especialidade em chá, café, licores, etc.

ABRUNHEIRA

Novo colaborador

Começa no proximo numero a honrar o nosso semanario com a sua apreciada colaboração, mais um novo que promete.

Referimo-nos ao nosso amigo, snr. Domingos Pires, da Pampilhoza do Botão, a quem muito agradecemos.

Carta da Abrunheira

6—10—915.

O aniversario da Republica não passou aqui despercebido.

Um grupo de rapazes ofereceu um jantar de homenagem ao nosso patricio, snr. Antonio Páis, antigo e devotado republicano, que á data da proclamação da Republica se encontrava no Brazil.

Levantaram-se muitos vivas aos heroes de 5 de Outubro, á Patria, ao dr. Bernardino Machado, etc.

A' noite uma marcha *aux flambeaux* percorreu as ruas desta localidade, tocando a filarmonica a *Portuguêsa*, e estralejando os foguetes continuamente.

Em seguida dirigiram-se para a casa dos ensaios da Filarmonica Abrunheirense onde houve um baile que decorreu sempre muito animado, e se prolongou até alta madrugada.

As nossas gentis patricias, sempre alegres, sempre formosas, apresentaram-se vestidas com primôr, brilhando muito mais a sua formosura pela fórma como se apresentaram.

E como a casa estava lindamente ornamentada, o que se deve á paciencia e bom gosto dos snrs. Antonio Páis, Elias da Silva e João de Goes Nobre, não é para admirar que, dando-se as circunstancias expostas, o *flirt* se espalhasse em breve por toda a sala!...

Foi o que sucedeu, não havendo almas que de lá as arrancassem!...

Fizeram muito bem!!!

== Depois de aqui passarem o mez de setembro, retiraram hontem para Lisboa o snr. major José Augusto Ferreira Lopes, sua ex.ma esposa e filhinhos.

== Esteve aqui ante-hontem o snr. José Cachulo da Trindade, habil agente da Casa Singer, em Tentugal.

== Tem passado bastante incomodado com um ataque de reumatismo, o snr. João Maria d'Oliveira Carvalho, proprietario da Nova Casa Minerva, de Coimbra.

Desejamos-lhe o seu completo restabelecimento.

== Em rapida visita ao snr. dr. Martinho de Brito, estiveram nesta localidade, no sabado ultimo, o snr. dr. João Tudela, ex-governador civil de Lisboa, sua ex.ma esposa D. Maria do Carmo Tudela e o snr. Adrião Sampaio, escrivão-notario nessa vila. — *N.*

Jornais

Suspendeu temporariamente a sua publicação, o nosso presado colega *Defeza de Santa Clara*, orgão do partido republicano português no Bairro do mesmo nome.

Passou mais um ano de existencia o nosso querido confrade de Mortagua, *Sul da Beira*, dirigido pelo vigoroso jornalista e inteligente professor, Cesar e Anjo e Antonio José Gonçalves.

Um abraço.

Ao nosso presado colega conimbricense *A Voz do Caixeiro*, orgão do caixeirato do distrito, agradecemos as imerecidas referencias que faz ao nosso director, no seu ultimo numero, a proposito da secção que Almeida Junior ali criou e por deferencia e com sacrificio sustenta, pois a classe dos caixeiros merece ao nosso amigo muita simpatia.

Corrigenda

No ultimo número das *Páginas sóltas* saíram algumas *gralhas*, tais como: «risonhas» em vez de *vizinhas*, «brancas» em vez de *broncas*, e outras que a inteligência do leitor corrigiria.

ANTIGO ESTABELECIMENTO

— DE —

Mercearia, Tabacos e Fazendas brancas

— DE —

João Antonio Rodrigues

(SUCESSORES)

Montemór-o-Velho

Nesta casa se encontra um completo sortido em assucar, chá, café, manteiga nacional e ingleza, biscoitos, bolachas, massas, bacalhau, genebra e vinhos do Porto.

Ferragens, prego de arame e de ferro, panelas de ferro, rastilho, chumbo em barra e para caça.

Fosforos e Tabacos, por atacado. Tambem vende pelos preços de Lisboa, farinha de trigo, cimento Portland, vidraça, telha de vidro e velas de cera.

Preços resumidos

João Antonio Rodrigues

(SUCESSOR)

Montemór-o-Velho

Correspondente das seguintes casas:

Banco Comercial de Lisboa, Banco do Minho, Banco Comercial do Porto, Banco Aliança, Banco Economia Portugueza, Banco Nacional Ultramarino, Companhia de Seguros *A Internacional*, Crédit Franco-Portugais, J. M. Fernandes Guimarães & C.ª, Pinto da Fonseca & Irmão, J. M. Espirito Santo Silva, Borges & Irmão, J. H. Tota & C.ª, e Orey, Antunes & C.ª.

Poetas e Prosadôres

Enlevo mistico

(INÉDITO)

Guardo-a sempre na alma a toda a hora,
Tenho-a sempre nos olhos, noite e dia,
Desde que a vi surgir, fulgente aurora,
Na minha erma estrada, escura e fria...

Embora outra mulher eu beije, embora
Me perca nos desvairos duma orgia,
E' sempre a sua mão consoladora
Que novamente ao lar meus passos guia.

Como se a olhar o céu em noite bela,
Apenas me prendesse, deslumbrado,
O brilho triunfal de certa estrela,

Assim olhando o fúlgido cortejo
De todas as mulher's que tenho amado,
Sómente a Ela nos meus olhos vejo.

Novembro de 914.

Carlos de Morais.

UMA FESTA PATRIOTICA

Teve logar no domingo a anunciada inauguração das escolas desta vila. Uma sessão solene, realisada no salão nobre da camara municipal, e que decorreu com todo o brilhantismo, demonstrou até que ponto o snr. dr. Antonio Joaquim Simões se tem votado a assuntos d'instrução popular.

Abriu a sessão, pelas 13 horas, o snr. Boaventura Augusto Simões, que leu um discurso primoroso de conceitos. Em seguida constituiu-se a mesa, delegando o snr. Simões a presidencia no snr. dr. Albino Cabral Saldanha, secretariado pelos snrs. drs. Antonio Joaquim Simões e João Batista Loureiro, o primeiro presidente da comissão executiva e o segundo sub-delegado de saude e distinto jornalista.

O snr. dr. Albino Cabral Saldanha congratula-se por ver ali reunidos quasi todos os professores do concelho em saudavel confraternisação, e tira belos conceitos do seu primoroso discurso.

Segue-se-lhe no uso da palavra o snr. dr. Simões, que, num rasgo d'oratoria inflamado demonstra o grau d'instrução de varias nações da Europa, com a instrução em Portugal, convindo que estamos atrasados e que é pouco tudo o que se faça no sentido de levantar a instrução no nosso paiz.

E o snr. dr. Loureiro, que foi bem a chave d'oiro de todo o acto, consegue em seguida prender o auditorio com um brilhantissimo discurso, que foi constantemente sublinhado pela gargalhada franca e pelo franco entusiasmo dos numerosos ouvintes.

Refere-se á falta de higiene, que reputa essencial ao desenvolvimento dos povos, pois que sem higiene não ha saude e sem saude nada se faz, não se podendo trabalhar no sentido do levantamento da ilustração dos povos, e cái a fundo no pessimo estado d'aceio do matadouro, pedindo com energia que alguma coisa se faça para modificar aquela chaga que é um verdadeiro flagelo da população desta vila.

Em seguida, o snr. dr. Simões agradece a comparencia de todos, e foi encerrada a sessão, partindo todos a caminho das escolas, onde os seus professores, D. Etelvina Jorge da Silva e José Nunes Bento foram apresentados ao publico, que admirou com profundo entusiasmo o belo material didatico adquirido e as belas condições higienicas e pedagogicas em que as duas aulas se encontram após a sua finda reedificação.

E assim terminou uma festa que a todos deixou recordações gratissimas.

Notas

A snr.ª D. Emilia Bizarro, ilustre professora de Santo Varão, não compareceu por falta de saude, conforme o seu oficio dirigido á camara. Desejando o seu pronto restabelecimento, cumprimentamos a ilustre dama, devotada educadora, sentindo que o motivo da sua ausencia fosse a falta de saude.

—— O snr. dr. Loureiro referiu-se com magua á local do *Dever* que noticía a vinda a Montemór-o-Velho de dois ilustres professores de Coimbra, e um nosso colaborador, que levavam desagradaveis impressões do nosso Castelo pelo pessimo estado d'aceio em que se encontra, etc.

Junta de Paroquia de Pereira

Copia do resumo da acta de 26 de agosto de 1915

Presidencia, Augusto Paiva de Carvalho; Vogaes, Manoel Ferreira Pereira Paralta, João dos Santos Torres e Manoel Gonçalves Teixeira.

Declarada aberta a sessão foi lida a acta da sessão anterior, não aprovando os vogaes presentes a parte em que o cidadão presidente levanta o seu protesto contra a acta da sessão de 29 de Julho de 1915, recusando-se os vogaes a assina-la.

Foi penderado pelo cidadão presidente que a acta de 29 de julho de 1915, não está em conformidade com a lei, não devendo por isso ter sido aprovada e nem dela mesmo se devia ter tomado conhecimento, etc., etc.— como consta do resumo do discurso a que o *Dever* já se referiu no n.º 184.

Ainda mais disse o presidente que protestava contra alguns vogaes por não terem assinado algumas das actas anteriores; que se considerava multado em harmonia com o art.º 168 do Codigo Administrativo por ter faltado á sessão de 12 do agosto de 1915.

Foi deliberado nesta sessão, atestar a extrema pobresa de Maria José Tanafa, viuva, desta vila.

Foi deferido um requerimento de Francisco Ferreira de Lemos, casado, proprietario, dos Montes da Torre, desta vila, em que pedia alinhamento, sendo nomeado o vogal Manoel Teixeira Pereira Paralta, para ir proceder a esse alinhamento. Este alinhamento será feito sem cedencia de terreno.

Foi autorisado o cidadão Antonio Maria Ferreira d'Almeida, a transformar uma porta de metro, em um portão para serventia do carro, no sitio do Tojal.

Foi cedida a agua que sae da fonte denominada *Fonte Nova*, cuja se perde pela estrada, a José da Silva Ramos, casado, proprietario, desta vila, gratuitamente, e autorisado a fazer um cano por baixo da estrada para levar a agua para dentro da sua propriedade, não podendo impedir o transito. Sendo lembrado por alguns vogaes que a agua referida era em grande abundancia para um só, ainda foi lembrado que se o outro visinho de nome Bernardo Pinto, pretendesse tambem a agua, ser-lhe-ia cedida metade dela, devendo este pagar áquele, metade da despesa por ele feita, e aquele dar a este metade da agua, sem oposição alguma.

Deliberaram comprar uma bandeira nacional.

Pelo presidente foi requerido para o secretario lhe passar os resumos das actas desde 20 de julho até 12 de agosto de 1915, afim de serem remetidos ao Agente do Ministerio Publico.

Não havendo mais nada a tratar mandou o Presidente encerrar a sessão.

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autôres.

DR. AVELINO FARIA
Advogado

CANTANHEDE

Dá consultas aos domingos em
ARAZEDE
de outubro em diante e trata de qualquer questão no tribunal de Montemór-o-Velho.

GAZETILHA

Vou dizer a tod'a gente,
Já ha novo Presidente
E é o tio Bernardino,
Que vem meigo e cordeal
Vêr se consegue afinal
Qu'a politica tome tino.

Logo que a posse tomou,
Aos paes da Patria falou
E lhes disse: meus filhinhos,
Quero-os em volta de mim,
Num abraço, grande, assim,
Fraternalmente unidinhos.

Tu, amigo Afonso Costa,
Que me déste esta posta,
Não me queiras encravar
Com um quatorze de maio,
Por qu'eu daqui já não saio
Custe lá a quem custar.

E você, Antonio Zé,
Se meu amigo 'inda é,
Tenha mui patriotismo
E não comece a berrar,
Qu'eu passeio ainda vou dar
D'aero-evolucionismo.

Tu, ó rapoza Camacho,
Qu'es de todos o mais baixo,
Mas o que mais rônha tem,
Não venhas fazer inferno
Qu'eu tambem te dou governo
Se te portares muito bem.

E, por fim, os Pimentistas,
Católicos e Machadistas,
Não pensem em revoluções,
Que eu tambem os contento,
Não já, já, neste momento,
Mas p'r'as proximas eleições.

Porque eu nesta idade,
Que quero é fraternidade
E uma vida descançada,
Muita paz e muito amôr,
Vivorio ao snr. Doutor,
Beijinhos e chapelada.

Jupiter.

Brazil e Africa

Afim de não sofrerem interrução na remessa do «DEVER», rogamos aos nossos assinantes do Brazil e Africa o favor de mandarem pagar as suas assinaturas por pessoas de familia, indicando-nos onde devemos receber.

Secção de Variedades

Anedótas

Um recruta vai á inspecção, mas deseja escapar ao serviço.

O medico pergunta-lhe:

— Tens algum defeito?

— Sim, senhor. Sou curto da vista.

— Como o pódes provar?

— Facilmente, doutor. Vê ali aquele buraco na parede?

— Vejo, sim.

— Pois eu não o vejo.

Numa relojoaria:

— Trago-lhe esta pendula para concertar. (A pendula era de relogio de sala).

— E' preciso que traga tambem o relogio para vêr o que ele tem.

— O relogio não tem nada, a pendula é que está sempre a parar.

Um maldizente, caluniador por leviandade, foi confessar-se a S. Filipe Neri.

Confessou que tinha levantado varias calunias, mas que as tinha reparado.

S. Filipe disse-lhe que as calunias nunca se reparam por completo; delas sempre fica alguma coisa contra quem fôram levantadas.

E assim deu-lhe por penitencia depenar lentamente uma galinha em dia ventoso, caminhando sempre em sentido contrario ao vento e depois voltar pelo mesmo caminho e recolher todas as penas, sem faltar uma só.

— Impossivel de cumprir! Redarguiu o penitente.

— Pois igual impossibilidade ha de reparar por completo os efeitos da difamação.

— Posso confiar em ti?

— Completamente.

— Pois bem, preciso de 5$000 réis.

— Guardo segredo e serei mudo como um tumulo. Faço de conta que não te ouvi.

Valor da nova moeda

Um escudo ou avo de ouro (1$000 rs.) divide-se em 100 centavos:

¼ centavo	equivale a	2 ½ réis
½ centavo	»	5 »
1 centavo	»	10 »
2 centavos	»	20 »
5 centavos	»	50 »
10 centavos	»	100 »
20 centavos	»	200 »
50 centavos	»	500 »
1 escudo (100 centavos)	equivale a...	1$000 »
2 escudos (200 centavos)	equivale a...	2$000 »
5 escudos (500 centavos)	equivale a...	5$000 »

Falta de espaço

Por falta de espaço sômos obrigados a deixar de publicar varios e importantes artigos, do que pedimos desculpa aos seus autôres.

Companhia Geral de Credito Predial Português

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

Séde Social: Travessa de Santo Antonio da Sé, n.º 21

LISBOA

Esta Companhia realisa actualmente emprestimos hipotecarios a longo praso, cujo encargo, compreendendo juro, comissão, amortisação e depreciação dos titulos, é inferior a 7 %, tendo os mutuarios a faculdade de antecipar os seus emprestimos, total ou parcialmente e em qualquer época, em dinheiro ou em obrigações da mesma taxa e tipo das que fôram entregues no acto do contrato. Recebe e guarda nas suas magnificas **Casas fortes** quaisquer papeis de credito, encarregando-se de receber os respectivos juros.

Pedir esclarecimentos a Fernando da Silva Coelho Pessoa — Montemór-o-Velho — ou diretamente á Séde da Companhia.

Luiz Maria Lopes & Bertão

Negociantes de sal e vinhos,
em vagons,
para diversos pontos do paiz

12—R. Fernandes Tomaz—14
9—Rua da Republica—11

Telefone n.º 205.

FIGUEIRA DA FOZ

OFICINA-GARAGE DE COIMBRA

LOBO DA COSTA & CASTANHEIRA

Grandes oficinas mecanicas para reparações de automoveis; fabrico de carretos, pinhões e corôas em aço; cementação e temperas; vulcanisação e fundição de metaes. Recolha e tratamento. Ensino. Automoveis de aluguer de $08 a $20 o quilometro e 9 lotações de 1 a 18 passageiros. Acessorios, gazolina e oleo. Transações em carros de 2.ª mão. Serviço especial, para bem servir os Ex.mos Clientes da provincia.

RUA DA FIGUEIRA DA FOZ — 170

COIMBRA

Local conhecido por «Casa do Sal» á entrada da cidade pela estrada do Porto.

Telefone, 502 — Telegramas «Garage, Coimbra»

HOSPEDARIA DO PAÇO DO CONDE

— DE —

JOSÈ DOS SANTOS

Rua Adelino Veiga, 36 a 40 — Rua do Paço do Conde, 10

COIMBRA

Vinhos, comidas e tabacos.
Recebem-se comensais por preços modicos.
Camas para pernoitar.

Esta casa, com a transformação por que acaba de passar, melhorou consideravelmente todos os seus serviços, achando-se habilitada a receber hospedes de qualquer categoria, oferecendo-lhes comodidades por preços baratos. Esmero e prontidão no serviço de meza, para o que tem pessoal competente.

O mesmo proprietario negoceia em cereais e legumes de todas as qualidades, tais como farinhas, semeas, batata, castanha, palha enfardada, cordas e adubos quimicos.

Rua Adelino Veiga — 44, 48

O seu armazem é já muito conhecido.

Telefone 379.

AGUA DE LUSO (Medalha d'ouro, Madrid 1913.) Cura pela Diurése

(ESTABELECIMENTO TERMAL E HOTEIS ABERTOS TODO O ANO)

A mais diurética e mais digestiva. Aumenta a diurése, regularisa as funções digestivas e ativa os fenómenos nutritivos

Muito radioativa—4,49 miligramas—minutos
Muito ionisada, resistividade a 18° 18300 ohms
Muito rica em gazes raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotonica, ponto criospico 0°,04

Conclusões da analise feita pelos distintos professores Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitissimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tifico

USO EXTERNO—Molestias de pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc,), reumatismo e gôta.
USO INTERNO—Artritismo, impaludismo, neurastenia—Albuminuria, diabetes—Intestinos, estomago—Rins—Bexiga.

Depositos — **LISBOA**: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros, 306, telef. 225. **PORTO**: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 428. **FUNCHAL**, José Quirino de Castro, rua dos Murças. **AFRICA ORIENTAL**: Oswald Offmann. **BEIRA**: F. L. Simões & C.ª. **LOANDA**: Beltrão, Pena & C.ª, e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositarios nas terras onde ainda os não haja.

Portugal Previdente

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima — Responsabilidade Limitada

Capital **UM MILHÃO** de Escudos

SÉDE — RUA DO ALECRIM, 10 — LISBOA
N.º Telef.—1849 End. Teleg.—VIDA

Seguros contra incendios de predios, fabricas, etc.
Seguros de estabelecimentos e mobiliarios.
Seguros agricolas de ceáras, eiras, palhas, arvoredos, etc.
Seguros de maquinas e utensilios de lavoura.
Seguros contra incendio proveniente de gréves e tumultos.
Seguros de transportes maritimos e postaes.
Seguros contra roubo de habitações e estabelecimentos.
Seguros contra fraude de empregados.
Seguros contra a quebra de cristais.
Seguros de vida, pensões, dotes e reformas.
Seguros contra acideute de trabalho.

Agencias em todas as terras importantes do paiz, ilhas e colonias.
Sucursal no PORTO — Rua Passos Manoel, 21.

BANQUEIROS—**Borges & Irmão**—Porto e Lisboa

Antonio Pereira de Carvalho

Proprietario dos Grandes Armazens de Bicicletas, Maquinas de Costura, Pianos e toda a qualidade de acessorios.

A maior e mais antiga casa no genero

Oficina para todos os concertos, afinações e reparações em bicicletes, motocicletes e maquinas de costura.

Artista mecanico habilitado.

Vendas, alugueis e trocas.

Preços sem competencia

34—Avenida Navarro—36

(Estrada da Beira)—COIMBRA

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem deposito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se tambem de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fóra de Coimbra

FABRICA DE CAL

Cal fina e grossa, fornece-se em muito boas condições. Preços modicos, sobre o wagon, no caminho de ferro e nos proprios fornos.

Agente de telha tipo marselha e tijolos de todos os formatos, da fabrica Lacerda, Figueiredo & C.ª Limitada, da Pampilhosa.

Pedidos a

Joaquim F. Coca Junior
Zambujeiro—Arazede

AOS AGRICULTORES

Estão proximas as sementeiras de nabos e cereais, e por isso previno todos os meus estimaveis freguezes que façam novas encomendas de **adubos quimicos** e **organicos**, da acreditada casa Varela Leal & C.ª, das Varzeas, os quais se encontram á venda em minha casa, no **Casal do Gaio — Arazede.**

Manoel Monteiro Godinho.

Companhia de Seguros A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz

Antonio d'Oliveira Guerra

RUA DA REPUBLICA, 84

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legitimos acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de fórma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamavel, isca em cordão vendida fraudulentamente a titulo de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva acção civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa ao Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando-se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalisação para procederem ás necessarias diligencias. Dirigir-se pessoalmente ou por carta á Companhia Portuguêsa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

SEGUROS CONTRA INCENDIO

Seguros contra incendio incluindo riscos de explosão de gaz e raio. cobrindo tambem os riscos de gréves ou tumultos (portaria de 14 de Março de 1914).

SEGUROS CONTRA INCENDIO cobrindo ainda os riscos de guerra (portaria de 30 de Novembro de 1914).

Unica companhia autorisada a segurar os riscos de guerra nas apolices de incendio

Seguros contra incendio e roubo E' tambem A MUNDIAL a unica Companhia autorisada a emitir uma apolice cobrindo os dois riscos.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital — Esc., 500:000$
(500 contos)

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmão
Praça da Liberdade, 138 — Telefone 1459

Agencias e Delegações em todo o paiz, ilhas e colonias.

Restaurante Ferro-viario

ALFARELOS

ESTE bufete, um dos que melhor servem o publico que transita nos comboios, acha-se situado na estação do caminho de ferro de Alfarelos. Fornece almoços, jantares e *lunchs* e toda a qualidade de refeições, por preços comodos. Tem pessoal habilitado, tanto em cosinha como em sala de mesa. Tudo se encontra com esmero e perfeição. Fornece comida para fóra, e presta-se a servir em casamentos, batisados, etc., desde que seja prevenido com antecipação.

O proprietario, **Artur de Oliveira Coelho.**

ADUBOS MELO & MARTINS

PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada

PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiencia dos nossos adubos, devido ao seu magnifico resultado os adoptarão de preferencia a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro
PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex.mos passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.

Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA

Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.
PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações
Deposito das afamadas aguas de Luso.

Guilherme dos Santos Pinto & Irmão

COM

OFICINA DE CANTEIRO

Encarregam-se de jazigos de toda a especie e todo o serviço concernente á sua arte.

Tambem executam todos os trabalhos que digam respeito a *Plantas, Alçados, Copias, Projectos e orçamentos de edificios, edificações, etc.*

Montemór-o-Velho=Verride

Biblioteca da Universidade Coimbra

Ano 4.º Montemór-o-Velho, 17 de Outubro de 1915 N.º 191

DIRECTOR, PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR
Almeida Junior

SECRETARIO DA REDACÇÃO E EDITOR
Abel M. de Melo Brandão

REDACTOR PRINCIPAL
Mário Augusto Mota

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguêsa

Pátria e Humanidade

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Dr. José Galvão
MONTEMOR-O-VELHO

DIRECÇÃO:- COIMBRA
(para onde deve ir a correspondencia)

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. Silva (a vapor)—AVEIRO

Crónica de Lisbôa

Disse André Brun, o cronista alegre e brilhante da *Capital*, espirito finamente ironico que toda Lisboa conhece, que, neste paiz de sonho, tudo é magnifico, esplendido, excéto a sua gente.

André Brun, á *vol-d'oiseau*, descreve a extraordinaria serenidade dos francezes numa época em que uma natural anciedade, uma pungente incerteza poderia modificar o caracter folião e expansivo desse povo admiravel.

Mas, não. Segundo o scintilante cronista, tal se não dá.

Em Paris, onde permaneceu uns dias, em setembro ultimo, encontrou essa decantada *ville lumière* cheia de boa disposição, sorrindo com um certo *humour*, que não seria de esperar numa cidade donde tem saído tantos homens que jámais voltarão...

A vida ali decorre menos ruidosa, é certo, mas procura-se continuar, com metodo, serenamente, a vida interrompida por esse *minimo incidente* que é a guerra.

Parecerá á primeira vista, pensando-se no que por cá vai, que a multidão dos negociantes, bateu palmas alegremente e se preparou para a especulação criminosa do povo parisiense, quando a guerra foi declarada.

Não, para honra dos francezes, o exemplo não procede daquelas paragens como nós que viemos numa cestinha de verga...

A cafila de especuladores portuguêses póde, legitimamente, pedir patente da invenção. Em Paris, os generos de primeira necessidade, fornecem-se ao publico por um certo preço e na quantidade necessaria para uma familia. Ai de quem os monopolise, ai de quem os encareça! A justiça é feroz, implacavel.

E, na verdade, subir o preço ou açambarcar os generos nesta época, tristemente anormal, é um crime que merece um excecional castigo.

Mas, não. Em França o capital optou por ser comedido, e não quer sentir o peso da justiça que o vigia. Além disso a consciencia brada-lhe que são os eternos explorados que o estão defendendo com coragem, com denôdo, lá, ao longe, nas trincheiras ensanguentadas, onde a morte paira a todos os momentos.

* * *

Portugal é um dos paizes que menos teem sofrido com a guerra, e, no entanto, é isto que os nossos olhos apavorados contemplam quotidianamente!

Não póde dizer-se que a teoria do governo atual (escrevo em 6 de outubro) não embargasse, um tanto, a ambição dos açambarcadores, mas o que não deve esquecer-se é que se sofisma, em seguida á publicação das leis, a conveniente interpretação das mesmas.

Chegamos á conclusão de só vermos em leis proprias do momento, em leis excécionais, a unica maneira de se fazer frente ao verdadeiro ataque á mão armada de que o povo português está sendo vitima.

Hontem a Republica Portuguêsa festejou o seu quinto aniversario.

Sebastianistas que sonham, veremos, ainda, durante largo tempo; o azul e branco ha-de constituir, durante anos, a falaz ilusão do pretenso sangue azul de alguns bacalhoeiros enriquecidos e aposentados, mas esses sonhadores não hão-de, decerto, fazer dano ás novas instituições, porque estão impotentes e velhos.

Das fronteiras nenhum mal nos virá. As infaustosas e irrisorias tentativas que a opera bufa mais tarde festejará, arrefeceu-lhes a coragem e tornou-lhes anemicas as bolsas que lhes atiraram repletas.

As nações estrangeiras, apesar de tudo, ainda nos olham com certa simpatia, porque fômos um povo que num momento atiramos para longe certos costumes e preconceitos indignos duma era de liberdade e de progresso.

Ha, no entanto, quem póde perturbar a nossa vida intima de portuguêses, semear a discordia e a desconfiança no seio do povo, lançando-o, com as dificuldades da vida, num desespero, num descontentamento bem facil de calcular se uma mão inergica e forte não afastar a ganancia infame dos que enchem as burras.

Como conseguir desviar a mão ardilosa que se move nas trevas, prestes a descarregar um golpe sangrento, de morte?

Domando a ambição crescente da cáfila, tornando o povo fiscal da lei, dando-lhe plenos poderes, autoridade suficiente de refreár os intentos desses bandoleiros com maneiras polidas e caras sorridentes de homens honrados.

Autoridade suficiente, quanto antes, não vá ele tornar-se o executor de alta justiça...

D. L.

De semana a semana

Crimes passionais

Os crimes passionais aumentam de uma maneira assustadora.

As namoradas que perecem ás mãos dos noivos ou dos pretendentes escarnecidos, são inumeraveis.

Atualmente, quasi todos os namoricos terminam por punhaladas ou tiros de revolver, como se isso fosse uma das necessidades da vida, podendo considerar-se muito feliz a joven que tem um noivo que não pensa em assassinal-a ou convencel-a a ambos pôrem termo á existencir.

Hoje, fazer amor, é brindar a noiva com uma dôce punhalada, um apaixonado tiro ou com o aprasivel e poetico vitriolo.

Faz horror ler os jornaes, pois, todos os dias se encontra intercalado no texto um desses crimes cometidos por um amante despresado, um noivo ciumento, ou ainda, como os que ha dias foram cometidos em Lisboa; um, por um homem de 52 anos, que, vendo repelidos os seus requebros amorosos, disparou 4 tiros contra a mulher que amava, tentando em seguida suicidar-se; o outro, por um rapaz na flôr da vida, a quem um mal compreendido amor levou ao extremo de combinar com a sua namorada, uma esbelta rapariga de 18 anos, o pôrem termo á existencia.

Antigamente, o acreditado Deus do amor, só feria as mulheres no coração; agora, o mesmo, fere-as no coração, na cabeça, no ventre, enfim, em todas as partes do corpo.

O seu armamento variou tambem extraordinariamente. O arco e o coldre foram postos de parte por desnecessarios, e atualmente, em vez das famosas setas, usadas noutro tempo pelos namorados, usa-se a navalha, a pistola e o revolver de grande calibre.

A que atribuir esta transformação?...

Se o amôr, pelo crime, se tem generalisado consideravelmente, é devido, em parte, á grande imprensa diaria, que enchè colunas e colunas descrevendo-o com as cores mais tetricas, não lhe faltando o menor detalhe e tendo, como complemento, a respectiva gravura que vem fazer dos assassinos uns *heroes* ou uns martires.

A leitura dessas noticias edificantes vão-se infiltrando pouco a pouco no animo dos leitores, muitos dos quais, no despontar da mocidade, não raciocinando bem, querendo tornar-se conhecidos pelas noticias de grande sensação e verem o seu retrato estampado na primeira pagina do jornal, apontados como *criminosos celebres*, praticam inconscientemente o crime.

Proíba o governo aos jornaes essas informações de crimes com todas as minudencias e gravuras a completar muitas vezes, esse quadro nojento, e então verá como a série de crimes que vemos praticados todos os dias, acabará pouco a pouco.

Emigração

Um dos problemas que mais descurado tem sido pelos governos é o da emigração. Todos os dias se vê nos jornaes que os snrs. ministros estudam atentamente o problema da emigração, mas afinal cada vez emigra mais gente.

Atualmente encontram-se em Lisboa nada menos de quinhentos portuguêses esperando vapor para seguirem para o Brazil, não levados pelo espirito da aventura, mas pela necessidade, pela horrivel miseria que o oprime e o esmaga.

O que contribue para que tantos portuguêses abandonem o torrão natal é a miseria profunda em que o paiz se encontra, devido, em grande parte, á ignorancia em que os governos manteem as populações trabalhadoras.

As populações validas vão-se escoando para longe, levando a robustez dos seus braços, o seu ardor ao trabalho, as suas esperanças, as suas energias, aqui desaproveitadas, fazendo a prosperidade de outros paizes, visto os nossos governos não lhe garantirem a segurança do pão de cada dia.

No entanto, nós temos numerosos terrenos por cultivar e um *deficit* importante de produção que vae aumentando de ano para ano, obrigando-nos a dar ao estrangeiro milhares de contos em ouro pelo pão, pela carne, pelo arroz, pela batata que nós não temos em quantidade suficiente para abastecer a nossa população.

A crise de trabalho é enormissima, os salarios são os mesmos e a carestia da vida cada vez maior. E que teem feito os governos para minorar esta aflitiva situação do povo trabalhador? Nada, absolutamente nada.

Por isso quem atravessar o paiz e percorrer as aldeias e povoados, verá em que deploravel desconforto e grande miseria vive o trabalhador rural.

Habita em miseraveis casinhotos humidos, sem ar e sem luz, tendo por unico mobiliario uma meza de pinho, uma arca velha, uma magra enxerga e umas mantas de farrapos, onde se embrulham nas noites de inverno.

As mulheres, esqueleticas, sujas e esfarrapadas, veem-se á porta dos rusticos casebres, tratando da magra refeição do infeliz marido que moireja de sol a sol, ganhando apenas o suficiente para morrer de fome, emquanto os filhos, andrajosos e semi-nus, se precipitam atraz das carruagens implorando esmola numa toada lamurienta.

E' este quadro negro de miseria, que obriga a fugir o pobre trabalhador para longe, a caminho de paizes para ele quasi lendarios, onde a vida é sempre dura e onde tantos sucumbem, á procura de trabalho, que aqui não teem, ou se teem é mal remunerado, sujeitando-se a tudo, comquanto que possa voltar aos seus e voltar ao fim de alguns anos de trabalho insano com um pequeno peculio com que possa adquirir um pedaço de terra a que chame sua, dando á mulher e aos filhos um pouco do conforto que eles nunca conseguiram gosar.

E lembrarmo-nos nós que o snr. dr. Afonso Costa, quando candidato a uma cadeira da Escola Politécnica, produziu um exuberante trabalho sobre o problema da emigração, apontando o que ha a fazer para modificar os seus males e os seus perigos, tirando o maior proveito nacional; e afinal, nem s. ex.ª nem os seus correligionarios, que teem estado no poder, teem feito o que o ilustre estadista entendia que se podia fazer.

Não sería demais, agora, que o governo tratasse com cuidado deste gravissimo problema, seguindo os conselhos do snr. Afonso Costa, porque a continuar assim a emigração, em pouco tempo Portugal estará sem gente.

Viagem Presidencial

De Lisboa a Famalicão, onde foi de visita ao tumulo de seus paes, o ilustre Presidente da Republica foi alvo de carinhosas manifestações.

Em todas as estações do trajecto numerosos grupos de populares, de mistura com o elemento oficial, contingentes militares e respectivas bandas de musica, aguardavam a passagem do venerando chefe do Estado, a quem vitoriavam entusiasticamente com o fervor dos corações de verdadeiros portuguezes. Mas onde o entusiasmo se tornou extraordinario e intensissimo, foi na estação de Coimbra B, onde as aclamações calorosas á Republica e ao seu Presidente, de mistura com foguetes e o hino nacional, tocaram as raias do delirio, o que prova que a Republica cada vez está mais encarnada na alma nacional, e bem demonstra a fé que o povo tem no novo presidente, de quem espera todos os esforços para conseguir a pacifica-

Amôr bemdito

Esta vida é calvario doloroso:
a pobre humanidade, sob a cruz,
lá se arrasta... lá cái...—chão tormentoso!
como o martir sublime, o bom Jesus!

Ferido o coração, indá saudoso,
triste viuva, a quem nada seduz,
lhe rouba a Lei cruel filho extremoso,
de sua alma alegria, encanto e luz!

Dôr imensa, que nada, nada acalma!
as lagrimas lhe inundam, sim, a alma,
sob o peso da cruz,—a sua dôr!

Mas á bemdita luz da Liberdade
surge o filho querido...—a f'licidade!
aleluia da alma,—a paz e amôr!

Montemór-o-Velho.

J. NEVES.

N. da R. — Republicamos esta primorosa produção do nosso queridissimo amigo, não porque a primeira saísse gralhada ou estivesse falha de qualquer coisa, mas para satisfazer o desejo do seu autor que, sendo um poeta de raro merecimento e incontestavel valor, achou mais perfeito o que de mais perfeição não carecia já para ser devidamente apreciado por todos os seus inumeraveis admiradores.

ção da politica, ha tanto tempo perturbada por ambições e paixões partidarias.

Que o snr. dr. Bernardino Machado saiba corresponder á confiança que o povo nele deposita, envidando sinceramente todos os seus esforços para conseguir a união dos partidos, que teem colocado acima dos interesses da Nação, os interesses de uma mesquinha politica, que tanto mal nos tem causado.

O atual momento impõe a todos os portuguezes graves responsabilidades e muite especialmente aos partidos, que cometerão um crime se continuarem com as suas ridiculas o mesquinhas rivalidades, perturbando a acção de uma politica verdadeiramente nacional.

Que o novo presidente, com a autoridade de velho e sincero republicano e com o seu prestigio que tantas vezes tem evitado maiores desuniões, hoje elevado ao alto cargo de chefe do Estado, o que lhe dá maior valor, consiga a união de todos os portuguezes desavindos é o que todos os bons e sinceros republicanos desejam.

Pela sociedade

Já regressou da Figueira, com sua ex.ma esposa e filhos, o snr. dr. Raul de Freitas Cardoso e Araujo, meritissimo delegado do Procurador da Republica nesta comarca.

=== Encontram-se ha muitos dias nesta vila, em casa do nosso bom amigo, snr. Bernardo Gonçalves Ferreira, as snr.as D. Ilda Arrobas, filha do nosso colega, snr. João Arrobas, proprietario da *Gazeta de Coimbra*, e D. Maria Isabel de Macedo, sobrinha do falecido reitor Cardote, desta mesma vila.

=== Esteve ha dias entre nós, de visita a sua mãe, o nosso estimado conterraneo e velho amigo, snr. Joaquim Maria Diniz Caiado, professor de instrução primaria e ajudante do registo civil no Barcouço, concelho do Cartaxo.

=== Passa hoje o aniversario natalicio dos nossos presados amigos Adolfo Saraiva e José Maria dos Santos (filho), proprietario do acreditado atelier fotografico *Conimbricense*, na Avenida Navarro, a quem enviamos as nossas sinceras felicitações.

Interesses do Concelho

As águas de Verride

Urge utilisá-las, porque rivalisam com as melhores da Europa

Aguas e estações termaes, tem sido um assunto que a imprensa de Lisboa tem discutido acaloradamente, e em que alguns articulistas afirmam, uns, que as águas são caras; outros, que as do estrangeiro são melhores e mais baratas.

Tendo sido meu berço, Verride, esta linda terra que está situada num ponto admiravel e sádio, de onde se disfruta um belo panorama, não podia ficar silencioso, apesar da rudesa que me caraterisa. Venho protestar veementemente, pois, contra o desleixo de que teem sido alvo as águas de Verride.

Como operario, e pelos factos que tenho observado, e ainda pelas informações que tenho colhido, vou fazer uma pequena apreciação, levado na melhor das intenções, e tendo a certeza de que jámais poderão ficar no olvido dos medicos especialistas de águas, emprezas termaes e camara municipal. A uns dois quilometros de Verride, existe uma grande nascente de água, no vale denominado o *Brulho*, junto ao qual está uma pequena casa que comporta meia duzia de banheiras, se tanto, e nas quais muitas pessoas de Figueira da Foz, Coimbra, Montemór e outras povoações circunvisinhas, vão fazer cura de diversas doenças, taes como, reumatismo, feridas crónicas, de pele, etc.; e para completar esta simples observação, direi que deitando-se a esta excelente água, um peixe, seja ele de que espécie fôr, morre quasi instantaneamente.

Urge, portanto, que a digna comissão administrativa do concelho de Montemór, juntamente com as comissões e junta de paroquia de Verride, procurem resolver este importante assunto, que não só beneficiará os verridenses, mas tambem toda esta formosa região, que bem digna é de ser visitada por nacionais e estrangeiros; e estou certo que a snr.ª D. Eugenia de Castro Oliveira, proprietaria do atual estabelecimento termal, não creará dificuldade alguma, por em circunstancias várias ter demonstrado, por uma fórma irrespondivel, que só deseja o engrandecimento da sua terra, que sua ex.ª tão bem sabe amar.

E' forçoso utilisa-las, não só pelas suas qualidades, mas por estarem muito proximas do caminho de ferro, não excedendo a distancia de dois quilometros de Almiára, havendo toda a facilidade de se construir uma boa estrada dali ás termas.

Por diversas vezes temos pugnado para que se realise este importante melhoramento, por intermedio dos jornais *Republica* e *Seculo*, e oxalá que hoje fosse a ultima vez, servindo estas linhas de porta-voz que, tocando no coração de todos os amigos do Progresso, lhes fizesse compreender que essas águas necessitam de ser exploradas, para bem de todos.

Mãos á obra!

Verride, 7 | 10 | 915.

Constantino Pereira da Silva.

* * *

P. S. — Depois de termos estas linhas escritas, visitamos o nosso querido amigo, snr. Guilherme dos Santos Pinto, que, com a sua habitual franqueza, nos proporcionou alguns minutos de distração e alegria, mostrando-nos dezenas de plantas de jazigos, casas de habitação, copias, etc. O inteligente artista, que é muito dado a curiosidades historicas, puxou de uma velha carta, carinhosamente guardada entre aquelas preciosidades de beleza e encanto — a Arte — e diz: eis a analise das nossas águas ha 56 anos, e, querendo, póde enviá-la para o nosso *Dever*. De bom grado o fazemos, sem tirar ou acrescentar uma virgula. E' a seguinte:

VERRIDE—*Portugal*—Agua fria, carbonetada, cal-cêca, gazo carbonica, férria.

No distrito de Coimbra e concelho de Montemór-o-Velho, fica a povoação de Verride, a 6 kilometros da cabeça do concelho e a 30 kilometros de Coimbra. No fundo do vale aí formado pelos montes calcareos de Reveles e Verride rebentam do chão diversos játos verticeis de agua que brotam abandonando bolhas de gaz.

Um tanque que mede proximamente 10 metros de comprimento, 5 de largura e 2m,50 de fundo. Recolhe as aguas perfeitamente limpidas nas quais os peixes morrem quasi instantaneamente. São limpidas inodoras de sabor agradavel com temperatura de 17 graus, sendo de 14º o calor atmosferico. O gaz que a atravessa em abundancia é o acido carbónico. Pela analise quimica feita em 1859 por D. Antonio de Almeida, tenente em comissão hidografica viu-se conterem abundante percentagem de cal, potassa, sóda, magnesia e ferro em combinação com os ácidos carbónicos (em grande quantidade) silico, sulfurico, fosfórico e cloro. Teem fama de ser diureticas e digestivas e como taes são empregadas como remedio popular.

DR. AVELINO FARIA
Advogado
CANTANHEDE
Dá consultas aos domingos em
ARAZEDE
de outubro em diante e trata de qualquer questão no tribunal de Montemór-o-Velho.

CASAMENTO

Na penultima segunda-feira, uniram-se pelos laços matrimoniaes, na egreja paroquial de S. Martinho e Santa Maria d'Alcaçova, o snr. Silvino Rodrigues Cordeiro, barbeiro, filho do snr. Antonio Rodrigues Cordeiro, ha pouco falecido, e a snr.ª Alzira Duarte Cadima Faria, simpatica filha do nosso velho amigo, snr. José Faria Rama, habil operario de pedreiro, naturais de Montemór e ha muito residentes em Coimbra.

Paraninfaram por parte do nubente, o secretario do *Dever*, snr. Abel Maria de Melo Brandão e a snr.ª D. Ester Mota, estremecida irmã do nosso redactor principal, snr. Mário Augusto Mota, o qual, por consequencia, tambem assistiu á ceremonia; e por parte da nubente, o snr. Silvino Ferreira da Silva Carvalho, acreditado negociante nesta praça e a snr.ª D. Maria da Piedade Goes Mendanha Raposo.

A boda de nupcias realisou-se em casa do tio dos noivos, snr. José Duarte Cadima e Silva, escrivão do juiz de paz deste distrito, decorrendo do principio ao fim com grande animação entre os convivas, sendo os noivos muito brindados.

Estes, que pelas suas qualidades de carater e de familia, representam um par muito simpatico e aos quaes, por isso, desejamos as maiores prosperidades e que lhes sorria uma prolongada lua de mel, retiraram com seus paés no dia seguinte para Coimbra, juntamente com alguns amigos que desta cidade vieram assistir ao casamento.

GAZETILHA

Tem-me dado que fazer,
Tem-me feito matutar
Porqu' qu'o Afonso Costa
Não quiz governo formar;
Se tem grande maioria,
E quer isto endireitar,
P'ra que espera qu'o Congresso
Lhe venha conselho dar?

Li o *Mundo*, li o *Povo*,
Falei com trunfo taludo,
Telegrafei ao Urbano,
Pedindo que me dissesse
O qu'havia nisto tudo.
Mas ele não respondeu
E eu vendo o caso bicudo,
Fui falar ao mestre Nónes,
Ao Faustino e ao Antão,
Ao França, ao Amaral,
Ao Daniel e ao irmão;
E todos eles me disseram
Antes ir p'ra uma prisão
Qu'agora neste momento
Ser ministro da nação.

Jupiter.

Dr. Tomás N. da Serra e Moura

Em rapida visita, o que aliás costuma fazer todos os anos em que vae veranear para a praia da Figueira e onde conta demorar-se até meados de novembro, esteve entre nós, na penultima terça-feira, acompanhado de sua ex.ma esposa, o snr. dr. Tomás Nunes da Serra e Moura, um filho ilustre de Montemór, que só devido ás suas poderosas faculdades de inteligencia e trabalho conseguiu concluir a sua formatura em direito na Universidade de Coimbra e elevar-se aos mais altos cargos da magistratura portugueza no regimen extinto, tendo sido governador na India, governador civil na Madeira, conselheiro, par do reino por eleição e ultimamente presidente do Supremo Tribunal de Justiça, onde a revolução de 5 de Outubro o veio encontrar, sendo então que se aposentou.

Sua ex.ª, que não obstante completar em novembro proximo a veneranda idade de 91 anos, conserva ainda toda a lucidez de espirito, entrou nas campanhas da liberdade, alistando-se no batalhão voluntario academico que combateu as tropas de D. Miguel, o que o obrigou a suspender os seus estudos universitarios.

O que sobretudo, porém, mais enobrece o carater do snr. dr. Serra e Moura e o recomenda á simpatia e admiração dos seus conterraneos, é a bondade e o carinho com que sua ex.ª, do alto da elevada posição social a que a sua inteligencia e merecimentos o guindaram, olha e protege alguns parentes pobres que ainda tem nesta vila, visitando-lhes a casa, dando-lhes palavras de conforto e beneficiando-os com dinheiro. Chega mesmo a mandar procura-los, caso os não encontre, o que só prova o grande amôr que sente por todos os seus, sejam pobres ou ricos e a maneira como a caridade lhe refulge na sua alma compassiva e boa.

Luiz Maria Lopes & Bertão
Negociantes de sal e vinhos,
em vagons,
para diversos pontos do paiz
12—*R. Fernandes Tomaz*—14
9—*Rua da Republica*—11
Telefone n.º 205.
FIGUEIRA DA FOZ

ANTIGO ESTABELECIMENTO
— DE —
Mercearia, Tabacos e Fazendas brancas
— DE —
João Antonio Rodrigues
(SUCESSORES)
Montemór-o-Velho

Nesta casa se encontra um completo sortido em assucar, chá, café, manteiga nacional e ingleza, biscoitos, bolachas, massas, bacalhau, genebra e vinhos do Porto.

Ferragens, prego de arame e de ferro, panelas de ferro, rastilho, chumbo em barra e para caça.

Fosforos e Tabacos, por atacado. Tambem vende pelos preços de Lisboa, farinha de trigo, cimento Portland, vidraça, telha de vidro e velas de cera.

Preços resumidos

Uma pergunta

O guarda da camara, Joaquim Pereira Batista, foi ha tempos encarregado da fiscalisação dos trabalhos de reparação da estrada de Tentugal á Portela, serviço que desempenhava gratuitamente.

Passado tempo e sem saber a razão porquê, acha-se substituido e excluido dessa missão, por ordem dada em simples bilhete do mestre d'obras, snr. Elisio Esteves da Costa, que admitiu Bento Soares Couceiro na aludida fiscalisação dos trabalhos, mediante a jorna de 300 réis por dia!

Como não percebemos a razão porque se regeita um trabalho gratuito, para dispender dinheiro superfluamente, pedimos á Camara a fineza de nos esclarecer o assunto para elucidar os municipes interessados.

Outrosim, rogamos nos diga se um mestre d'obras tem competencia para demitir e nomear, e qual a lei que tal regula.

Sabemos que á frente da Comissão Executiva está um homem dignissimo, economico e justo, e bem póde ser que sua ex.ª ignore certas coisas. E o tempo não vae para regeitar economias.

As cartas duma infeliz

Meu caro Leopoldo:

Diziam-me antigamente que a saudade era uma doença do coração, ás vezes bem mais grave e complicada do que outras enfermidades que nos afligem.

Eu não acreditava. A não ser minha mãe, que eu adoro imenso, mais ninguem me preocupava. Vivia tranquila, vivia só para mim.

Agora, sinto não sei que nostalgia que me traz constantemente embaraçada e pezarosa, ao mesmo tempo que me definha e me entristece. Um simples rumor do vento norte contende com o meu ser psicologico. Estou transformada. Noutros tempos era o receio de tudo que me dominava. Hoje é o mesmo medo que me afasta do mundo exterior, como sabendo nele, exclusivamente, a causa da perdição de tantos caracteres e a conspurcação de muitos intuitos de amoravel regeneração humana. Acho-me já meia embuida na filosofice, e a culpa é tua, Leopoldo, que me levaste a este estado d'alma.

Vou amanhã á quinta. Ontem estive no Jardim Botanico, na minha passagem por Coimbra, e comprei lá umas begónias que são o meu enlevo. Todos os dias as vou beijar com saudade.

Adeus. Tua,

Iréne.

Junta de Paroquia de Pereira

Copia do resumo da acta de 23 de setembro de 1915

Presidencia, Azuil Paiva de Carvalho; vogais, João dos Santos Torres e Manuel Gonçalves Pereira. Lida a acta da sessão anterior, não foi aprovada pelos vogais presentes a parte que diz respeito aos protestos levantados pelo cidadão presidente.

Pediu a esta altura a palavra o vogal João dos Santos Torres que apresentou o contra-protesto seguinte: Sustentou a legalidade da referida sessão, pois que ela foi efectuada segundo as disposições da lei, não havendo por isso infracção de nenhuma delas.

Assim, á sessão compareceu a maioria dos vogais, foi realisada no local indicado pela lei, e no dia proprio. Não compareceu o snr. presidente? foi efectuada a sessão um pouco mais tarde? Isso de forma nenhuma invalida a sessão, pois que sempre se viu, ainda nas corporações mais elevadas, o seu presidente faltar, por este ou por aquele motivo, e a sessão que, estando marcada para uma certa e determinada hora, por falta de numero, abrir-se passadas horas, ás vezes, tendo assumido a presidencia o vice-presidente respectivo. Foi o que aqui sucedeu. A'cerca da legalidade da sessão fez o snr. presidente afirmações vagas e destituidas de toda a veracidade, esquecendo-se de que, para a acusação, é indispensavel a prova, e sendo assim perguntamos; onde estão as provas da sua acusação, snr. presidente? Se as tem não se faça rogado e faça favor de as apresentar. Não queremos saber se o snr. presidente faltou por motivo justificado ou não. A nós incumbe-nos provar, como provamos, que a aludida sessao foi efectuada dentro de todas as prescrições da lei e, portanto, para todos os efeitos, legal.

Falou o snr. presidente em *tricas e réles politiquice*. Nós, com toda a energia e brio proprios da nossa dignidade, nunca manchada, repelimos tais insinuações e afirmamos bem perentoriamente que em sombra anda envolvido o snr. presidente, mas numa sombra tão densa, que lhe ofusca por completo o bom senso, e que réles politiquice quer fazer o snr. presidente, que se julga o senhor supremo da Junta. Porem, tenha o snr. presidente a certeza absoluta de que nós jamais o deixaremos afastar do caminho recto da justiça, para enveredar pelo caminho sinuoso da tal réles politiquice. O snr. presidente ha-de convencer-se de que tem apenas o seu voto em qualquer discussão da Junta e de que só a Junta é que póde tornar-lhe mais latas as suas atribuições.

Nós, humildes filhos de Pereira, sabemos bem qual é o nosso dever para com a nossa terra natal; não precisamos que no-lo lembrem e não nos pesa na consciencia que alguma vez deixassemos de envidar os nossos melhores esforços para o seu engrandecimento. Consentimos na nossa eleição, pois não a solicitamos, simples e unicamente animados dos maiores desejos de sermos uteis á terra que nos viu nascer. Aludiu o snr. presidente ao dinheiro que a Junta tem em caixa. Bem sabemos que realmente existem algumas centenas de escudos em cofre, mas tambem não ignoramos que é soma demasiado pequena para ocorrer ás despezas imperiosas que a freguezia reclama e que essa soma já tem aplicação determinada, como o snr. presidente certamente tambem não ignora, salvo se é destituido de memoria. Porem, se a memoria falha ao snr. presidente, queira o snr. presidente dar-se ao incomodo de procurar na correspondencia trocada entre esta Junta e a Camara Municipal de Montemór-o-Velho que o ilucidem do fim destinado á referida soma. Lá os encontrará; e até no proprio orçamento da Junta os encontra.

Na parte referente ao discurso proferido pelo cidadão presidente, na sessão anterior, em que fala em canalisar agua duma das fontes, para dentro da vila, ainda disse o vogal Tor-

res, que protestava contra isso, por entender não se poder fazer tal serviço, sem que esteja aprovado no orçamento.

O cidadão presidente disse, depois, que a Junta toda unida podia fazer a canalisação a que se referiu na sessão anterior, porque o dinheiro que estava para a escola, poderia gastar-se na já referida canalisação d'agua, o que entendia ser de melhor utilidade para a povoação.

Pelo cidadão presidente foi requerido para que sejam contadas todas as faltas dos vogais da Junta, desde a sessão de 12 de Abril de 1915 até esta data, e que sejam multados em conformidade com o art.º 168 do Codigo Administrativo em vigor, dando entrada essa importancia na tesouraria da Junta, como manda a lei.

Foi deliberado, para comemorar o quinto aniversario da Republica Portugueza, dar-se esmolas aos pobres mais necessitados no dia 5 d'outubro, sendo a quantia a distribuir 30$00 escudos.

Foi presente um requerimento de Amadeu Dias Rato, casado, jornaleiro, dos Montes de Cima, desta Vila de Pereira, a solicitar um alinhamento no sitio dos Poços, montes desta vila, e a cedencia de todo o terreno incluido no referido alinhamento, o qual foi deferido, resolvendo escolher dia proprio, para que todos os vogais e ele presidente, fossem proceder ao alinhamento junto com o secretario, afim de se verificar a quantidade de metros que ficaram incluidos dentro do referido alinhamento.

Ainda mais foi presente um requerimento de Joaquim Pimentel Bicho, casado, proprietario, desta Vila de Pereira, em que pedia um alinhamento para reconstruir uma parede que ameaça ruina, no sitio do Tojal, o qual foi deferido, ficando nomeado para ir fazer o alinhamento, o cidadão presidente. Não havendo mais nada a tratar, foi encerrada a sessão.

* * *

Resumo do discurso proferida na sessão de 7 de outubro de 1915, em resposta ao vogal João dos Santos Torres.

Meus senhores:

Agradeço, devéras comovido e sensibilisado, as diversas *amabilidades* e outras coisas varias que, ácerca das minhas palavras proferidas na sessão de 26 de agosto, me endereçou o digno vogal Santos Torres na sessão anterior, *amabilidades* essas, tanto mais imerecidas e fôra de proposito, quanto é certo eu reconhecer que tais predicados melhor se acomodam na pessoa daquele ilustre vogal, que, sendo, como é notorio, completamente analfabeto e apenas sabendo desenhar, e mal, o seu nome, assim teve engêuho para apresentar escrito e mandar lêr ao secretario desta Junta, um discurso tão divertido como substancial.

Felicito-o, por isso, efectivamente e congratulo-me por que lhe houvesse dado ensêjo de patentear assim aos vindouros, tão brilhantemente, os seus meritos, mórmente dando-se o caso, de, vindo aquele digno vogal, já do tempo da monarquia, a fazer parte, seguidamente, de todas as Juntas, nada nos respectivos arquivos encontro sobre materia oratoria ou iniciativas suas.

E' que, nesse tempo, sem desprimôr para ninguem, a *democracia* era muito outra e não havia aparecido ainda a sombra estupida e avinhada dum cacique boçal, em Pereira não nascide, a incitar os membros de uma corporação administrativa a menosprezarem a sinceridade e as bôas intenções do seu presidente, ditando-lhes chicanices e falsidades com que eles fossem tomar todo o precioso tempo das sessões, afinal bem preciso para o tratamento dos superiores interesses colectivos da freguezia.

Mantênho, por uma forma categorica e terminante, tudo o que disse na sessão de 26 de agosto sobre a *reunião* ilegal do dia 29 de julho de 1915, por ser essa, simplesmente, a expressão da verdade. Deve essa *reunião* considerar-se como não realisada e nula e de nenhum efeito a acta e a sessão á mesma referente, por haver sido efectuada fóra da hora legal e do local e condições marcadas para as sessões da Junta, conforme os expressos termos dos artigos 20 a 26 do Codigo Administrativo em vigôr, como facilmente o poderei provar com o testemunho de varios cidadãos que o ouviram dizer da propria bôca do digno vice-presidente desta Junta, vogal Antonio Ribeiro, num estabelecimento comercial desta vila, onde ele afirmou, peremptoriamente, perante quem o quiz ouvir, que não assinaria tal acta, por ser falsa, em vista da *reunião* ter sido realisada, sem a sua comparencia, em casa do secretario desta Junta, facto este, que, tambem, me foi confirmado a mim, presidente, pelo digno vogal Peralta, não sabendo eu, por isso, como classificar agora uma tal reviravolta dos mesmos vogais. E' certo, que, devido a irregularidades da hora da realisação das sessões, não comparece quasi nunca, ou mesmo nunca, ninguem a presenceál-as. Como tal sucedeu, tambem, naquele dia, bráda agora o digno vogal Torres, todo esbaforido, que lhe apresente eu testemunhas do facto, mas a verdade é esta e só esta.

Mantênho, portanto, e conforme tambem consta, aliás, da tal acta anulada do dia 29 de julho de 1915, a minha comparencia para a sessão legal desse dia e a minha retirada passado meia hora depois da hora legal, por não terem comparecido ainda os senhores vogais e serem, além disso, useiros e vezeiros em faltarem ás sessões, como consta do livro das actas. Na sessão seguinte, de 4 de agosto, tentei eu ver ainda se os senhores vogais enveredavam pelo bom caminho e, por isso, disse ter retirado por motivo justificado de doença; mas, o motivo justificado outro não foi senão o que acabo de expôr e o ser comerciante e ter que tratar da minha vida, não podendo, por isso, estar á *certéla* á espera dos senhores vogais.

Fala, pois, verdade o digno vogal Torres, quando afirma que não compareci á tal *reunião* ilegal do dia 29 de julho, em casa do secretario. Não compareci, realmente, a essa *reunião* ilegal, mas compareci á hora legal e no local destinado para a sessão legal da Junta, que não se realisou.

(*Continúa*).

Companhia de Seguros Fidelidade

Séde: Largo do Corpo Santo, 13—1.º—Lisboa

Capital emitido.	1.344:000$00
Capital desembolsado . . .	67:200$00
Reservas . . .	733:702$07,5
Prejuizos pagos	4.497:355$11

Efectua seguros maritimos e terrestres na séde e nas correspondencias.

Secção de Variedades

Anedótas

Um pequeno levava o jantar a seu pae, mas como pelo caminho lhe agradassem os bocados de carne que levava no caldo, papou-os todos. Ao chegar ao pé do pae, começou a chorar.

—Que tens, meu filho? Aconteceu-te alguma coisa?

— Que havia de acontecer? Respondeu o pequeno. Vinha a correr, tropecei numas pedras, caiu-me a lata, e só lhe pude aproveitar o caldo!

A' porta duma egreja:

— Então tu deixaste de ser cego?

— Não tive remedio, homem! Davam-me cedulas falsas e eu ainda por cima tinha de agradecer!

Entre pescadores á cana:

— Você faz mal em vir pescar todos os dias para um sitio certo.

— Porquê?

— Porque os peixes habituam se, e afinal ficam fartos de o conhecer.

— Era possivel, era... Mas eu de quando em quando punha umas barbas postiças...

A Flôr d'Abrunheira

— DE —

Joaquim de Sousa Carvalho

Fazendas de lã e algodão, ferragens, tintas, mercearia, vinhos e tabacos.

Variado sortimento de miudezas

Especialidade em chá, café, licores, etc.

ABRUNHEIRA

Miguel Monteiro

Mais um prosador eximio que veio até nossa casa, dando-nos a honra da sua colaboração.

Miguel Monteiro é um novo muito inteligente, que principia no proximo numero a abrilhantar as colunas do *Dever* com a suavidade da sua prosa interessante.

Agradecemos.

CORRESPONDENCIAS

Verride, 7—10—915.

De visita a sua familia, esteve nesta vila o nosso estimado amigo e conterraneo, snr. dr. Augusto Simões Cantante, dig.mo Procurador da Republica em Vila Real de Santo Antonio.

=== Regressou ha dias da capital o snr. Arnaldo da Silva, digno empregado nos Grandes Armazens do Chiado, nos quais é geralmente estimado.

=== Faleceu ha dias o snr. José de Almeida Pinto, causando a sua morte grande tristeza nesta localidade, pois que gosava de gerais simpatias.

O seu funeral foi muito concorrido, incorporando-se no acompanhamento numerosos amigos pessoais.

Sentidos pezames.

=== Passou o 5.º aniversario da implantação da Republica, realisando-se nesta vila varias demonstrações de regosijo, queimando-se muitas dezenas de foguetes, e embandeirando varios edificios particulares.

Durante o dia a Filarmonica Verridense percorreu as principais ruas da vila, tocando diversos hinos patrioticos.—*C.*

Alhadas, 4—10—915

De visita a seus paes, esteve no dia 4 do corrente a gosar o convivio da familia, o snr. dr. Carlos Gaspar de Lemos, distinto facultativo em Verride, acompanhado de sua ex.ma esposa e filhinhos, a quem gostosamente cumprimentamos.

=== Em rapida visita á familia e amigos, veio a esta aldeia o snr. Antonio Lopes dos Santos, considerado empregado comercial na praça de Lisboa.

=== O snr. Euquerio Jorge de Quadros recebeu ha dias, na bonita vivenda que possue nesta terra, o snr. coronel Julio Coelho, distinto oficial do nosso exercito que, acompanhado de numerosa familia, veio realisar um lauto jantar ao ar livre, no jardim daquele nosso amigo.

=== Depois de gosar 30 dias de licença disciplinar em companhia da familia e dos amigos residentes nesta aldeia, que muito o estimam e admiram, regressou á capital o nosso conterraneo, snr. Joaquim Marques Teixeira, 2.º sargento de cavalaria 2, em Belem.

=== Ao professor, snr. Elisio Ferreira da Silva Carvalho, que de ha muito vem lutando com uma grave enfermidade, acabam de agravar-se os seus padecimentos, vendo caír tambem no leito bastante incomodada sua estimada esposa. Sentimos.

A.

Alhadas, 14—10—915

Encontra-se de luto, pelo falecimento de seus muito queridos e chorados paes, o nosso amigo, snr. Eugenio Ferreira da Silva Carvalho, considerado farmaceutico em Sant'Ana. Após alguns mezes de cruel sofrimento, finou-se uma senhora que albergava no seu coração de mãe exemplar os mais ternos carinhos para os seus e para o semelhante, a quem confortava nos momentos angustiosos da vida. Algumas horas depois da parca fazer desaparecer uma alma generosa, a dôr que já era profunda, atingiu o seu auge quando tambem sucumbia o egregio professor, parecendo que a sorte queria protegê-lo na morte, levando-o breve para junto da alma que tão boa companhia lhe fizera em vida, a qual já inevitavel e inseparavelmente queria continuar a gosar na paz sepulcral. O extinto foi, no magisterio, uma figura de destaque que os seus colegas muito consideravam e admiravam pelo seu talento. Os funeraes fôram muito concorridos; e os discipulos do pobre morto, impunhando corôas de flôres, acompanharam-no á ultima morada! Era irmão do tambem nosso amigo, snr. Henrique Ferreira, habil serralheiro em Montemór, a quem, como á demais familia enlutada, enviamos os nossos sentidos pezames, associando-nos em espirito á dôr que ora os punge tão cruelmente.

A.

ANUNCIOS

Companhia Geral de Credito Predial Português

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

Séde Social: Travessa de Santo Antonio da Sé, n.º 21

LISBOA

Esta Companhia realisa actualmente emprestimos hipotecarios a longo praso, cujo encargo, compreendendo juro, comissão, amortisação e depreciação dos titulos, é inferior a 7 %, tendo os mutuarios a faculdade de antecipar os seus emprestimos, total ou parcialmente e em qualquer época, em dinheiro ou em obrigações da mesma taxa e tipo das que fôram entregues no acto do contrato. Recebe e guarda nas suas magnificas **Casas fortes** quaisquer papeis de credito, encarregando-se de receber os respectivos juros.

Pedir esclarecimentos a Fernando da Silva Coelho Pessoa — Montemór-o-Velho — ou diretamente á Séde da Companhia.

Agua da Curia

Mogofores

As unicas aguas sulfatadas-calcicas que existem no paiz, similhantes ás afamadas aguas de Contrexéville, nos Vosges (França).

João Antonio Rodrigues

(SUCESSOR)

Montemór-o-Velho

Correspondente das seguintes casas:

Banco Comercial de Lisboa, Banco do Minho, Banco Comercial do Porto, Banco Aliança, Banco Economia Portugueza, Banco Nacional Ultramarino, Companhia de Seguros *A Internacional*, Crédit Franco-Portugais, J. M. Fernandes Guimarães & C.ª, Pinto da Fonseca & Irmão, J. M. Espirito Santo Silva, Borges & Irmão, J. H. Tota & C.ª, e Orey, Antunes & C.ª.

OFICINA-GARAGE DE COIMBRA

LOBO DA COSTA & CASTANHEIRA

Grandes oficinas mecanicas para reparações de automoveis; fabrico de carretos, pinhões e corôas em aço; cementação e temperas; vulcanisação e fundição de metaes. Recolha e tratamento. Ensino. Automoveis de aluguer de $08 a $20 o quilometro e 9 lotações de 1 a 18 passageiros. Acessorios, gazolina e oleo. Transações em carros de 2.ª mão. Serviço especial, para bem servir os Ex.mos Clientes da provincia.

RUA DA FIGUEIRA DA FOZ — 170

COIMBRA

Local conhecido por «Casa do Sal» á entrada da cidade pela estrada do Porto.

Telefone, 502 — Telegramas «Garage, Coimbra»

HOSPEDARIA DO PAÇO DO CONDE

— DE —

JOSÈ DOS SANTOS

Rua Adelino Veiga, 36 a 40 — Rua do Paço do Conde, 10

COIMBRA

Vinhos, comidas e tabacos.
Recebem-se comensais por preços modicos.
Camas para pernoitar.

Esta casa, com a transformação por que acaba de passar, melhorou consideravelmente todos os seus serviços, achando-se habilitada a receber hospedes de qualquer categoria, oferecendo-lhes comodidades por preços baratos. Esmero e prontidão no serviço de meza, para o que tem pessoal competente.

O mesmo proprietario negoceia em cereais e legumes de todas as qualidades, tais como farinhas, semeas, batata, castanha, palha enfardada, cordas e adubos quimicos.

Rua Adelino Veiga — 44, 48

O seu armazem é já muito conhecido.

Telefone 379.

AGUA DE LUSO (Medalha d'ouro, Madrid 1913.) Cura pela Diurése

(ESTABELECIMENTO TERMAL E HOTEIS ABERTOS TODO O ANO)

A mais diurética e mais digestiva. Aumenta a diurése, regularisa as funções digestivas e ativa os fenómenos nutritivos

Muito radioativa—4,49 miligramas—minutos
Muito ionisada, resistividade a 18° 18300 ohms
Muito rica em gazes raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotonica, ponto criospico 0°,04

Conclusões da analise feita pelos distintos professores Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitissimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tifico

USO EXTERNO—Molestias de pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc,), reumatismo e gôta.
USO INTERNO—Artritismo, impaludismo, neurastenia—Albuminuria, diabetes—Intestinos, estomago—Rins—Bexiga.

Depositos — **LISBOA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros, 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 428. FUNCHAL, José Quirino de Castro, rua dos Murças. AFRICA ORIENTAL: Oswald Offmann. BEIRA: F. L. Simões & C.ª. LOANDA: Beltrão, Pena & C.ª**, e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositarios nas terras onde ainda os não haja.

Portugal Previdente

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima — Responsabilidade Limitada

Capital **UM MILHÃO** de Escudos

SÉDE — RUA DO ALECRIM, 10 — LISBOA
N.º Telef.—1849 End. Teleg.—VIDA

Seguros contra incendios de predios, fabricas, etc.
Seguros de estabelecimentos e mobiliarios.
Seguros agricolas de ceáras, eiras, palhas, arvoredos, etc.
Seguros de maquinas e utensilios de lavoura.
Seguros contra incendio proveniente de gréves e tumultos.
Seguros de transportes maritimos e postaes.
Seguros contra roubo de habitações e estabelecimentos.
Seguros contra fraude de empregados.
Seguros contra a quebra de cristais.
Seguros de vida, pensões, dotes e reformas.
Seguros contra acideute de trabalho.

Agencias em todas as terras importantes do paiz, ilhas e colonias.

Sucursal no PORTO — Rua Passos Manoel, 21.

BANQUEIROS—**Borges & Irmão**—Porto e Lisboa

Antonio Pereira de Carvalho

Proprietario dos Grandes Armazens de Bicicletas, Maquinas de Costura, Pianos e toda a qualidade de acessorios.

A maior e mais antiga casa no genero

Oficina para todos os concertos, afinações e reparações em bicicletes, motocicletes e maquinas de costura.

Artista mecanico habilitado.

Vendas, alugueis e trocas.

Preços sem competencia

34—Avenida Navarro—36

(Estrada da Beira)—COIMBRA

Companhia de Seguros A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz

Antonio d'Oliveira Guerra

RUA DA REPUBLICA, 84

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem deposito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se tambem de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fóra de Coimbra

FABRICA DE CAL

Cal fina e grossa, fornece-se em muito boas condições. Preços modicos, sobre o wagon, no caminho de ferro e nos proprios fornos.

Agente de telha tipo marselha e tijolos de todos os formatos, da fabrica Lacerda, Figueiredo & C.ª Limitada, da Pampilhosa.

Pedidos a

Joaquim S. Coca Junior
Zambujeiro—Arazede

AOS AGRICULTORES

Estão proximas as sementeiras de nabos e cereais, e por isso previno todos os meus estimaveis freguezes que façam novas encomendas de **adubos quimicos** e **organicos**, da acreditada casa Varela Leal & C.ª, das Varzeas, os quais se encontram á venda em minha casa, no **Casal do Gaio — Arazede.**

Manoel Monteiro Godinho.

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legitimos acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de fórma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamavel, isca em cordão vendida fraudulentamente a titulo de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva acção civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa ao Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalisação para procederem ás necessarias diligencias. Dirigir-se pessoalmente ou por carta á Companhia Portuguêsa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

SEGUROS CONTRA INCENDIO

incluindo riscos de explosão de gaz e raio.

Seguros contra incendio cobrindo tambem os riscos de gréves ou tumultos (portaria de 14 de Março de 1914).

SEGUROS CONTRA INCENDIO cobrindo ainda os riscos de guerra (portaria de 30 de Novembro de 1914).

Unica companhia autorisada a segurar os riscos de guerra nas apolices de incendio

Seguros contra incendio e roubo E' tambem A MUNDIAL a unica Companhia autorisada a emitir uma apolice cobrindo os dois riscos.

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital — Esc., 500:000$
(500 contos)

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmão
Praça da Liberdade, 138 — Telefone 1459

Agencias e Delegações em todo o paiz, ilhas e colonias.

Restaurante Ferro-viario ALFARELOS

ESTE bufete, um dos que melhor servem o publico que transita nos comboios, acha-se situado na estação do caminho de ferro de Alfarelos. Fornece almoços, jantares e *lunchs* e toda a qualidade de refeições, por preços comodos. Tem pessoal habilitado, tanto em cosinha como em sala de mesa. Tudo se encontra com esmero e perfeição.

Fornece comida para fóra, e presta-se a servir em casamentos, batisados, etc., desde que seja prevenido com antecipação.

O proprietario, **Artur de Oliveira Coelho.**

ADUBOS MELO & MARTINS

PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada

PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiencia dos nossos adubos, devido ao seu magnifico resultado os adoptarão de preferencia a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro
PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex.mos passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.

Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA

Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.
PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações

Deposito das afamadas aguas de Luso.

Guilherme dos Santos Pinto & Irmão

COM

OFICINA DE CANTEIRO

Encarregam-se de jazigos de toda a especie e todo o serviço concernente á sua arte.

Tambem executam todos os trabalhos que digam respeito a *Plantas, Alçados, Copias, Projectos e orçamentos de edificios, edificações, etc.*

Montemór-o-Velho=Verride

Biblioteca da Universidade Coimbra

Ano 4.º Montemór-o-Velho, 24 de Outubro de 1915 N.º 192

DIRECTOR, PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR
Almeida Junior

SECRETARIO DA REDACÇÃO E EDITOR
Abel M. de Melo Brandão

REDACTOR PRINCIPAL
Mário Augusto Mota

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguêsa

Pátria e Humanidade

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Dr. José Galvão
MONTEMOR-O-VELHO

DIRECÇÃO:—COIMBRA
(para onde deve ir a correspondencia)

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. Silva (a vapor)—AVEIRO

Fomento da nossa riquêsa publica

E' preciso evitar a emigração dos nossos compatriotas para o Brazil — A colonisação das nossas provincias d'Africa — Protéção á agricultura nessas provincias — A expansão das suas acanhadas redes ferro-viarias

Toda a gente sabe que das prosperidades das nossas colonias d'Africa depende a riquêsa da nossa patria.

Cuidar delas com todo o afinco equivale a fomentar a nossa riquêsa publica, que se encontra concentrada naquelas nossas belissimas possessões, que —desnecessario seria dizê-lo—teem sido o sonho dourado do imperio que, por culpa da sua desmedida ambição, ora se debate na enorme conflagração que ameaça subverter a Europa inteira.

Não se póde dizer que o nosso patrimonio de além-mar tivesse merecido dos nossos governantes, no antigo regime, a atenção que devia merecer-lhes. Este regime, cuidando sómente de satisfazer a ambição e a vaidade dos seus homens, descurou sempre quaesquer assuntos que se prendessem com os progressos da nossa patria.

O regime atual não tem tido, até hoje, tempo de consagrar ás nossas possessões ultramarinas o disvelo e o interesse que é para desejar, mas estamos certos de que ha-de saber cumprir com honra esse dever sagrado.

Infelizmente, a situação economica das nossas provincias ultramarinas não é prospera e isso apenas se modificará, quando se tratar a sério da colonisação dessas importantes regiões e aí se der um certo impulso á agricultura, infelizmente tão definhada em todas as terras dependentes da nossa soberania.

A nossa provincia de Angola, por exemplo, que é uma região fertil e muito extensa, terá um futuro muito brilhante, quando a colonisação e o desenvolvimento das suas vias de comunicação permitam a exploração das riquêsas do seu solo.

Eu entendo que os nossos compatriotas, que estão a emigrar constantemente para o Brazil, onde a desventura cruelmente os persegue, a ponto de muitos estenderem a mão á caridade publica, deviam ser atraídos ás nossas possessões africanas, onde encontrariam, por certo, muita da fortuna que almejam.

E essas regiões, com a estada dos nossos patricios, muito progrediriam, pois a falta de braços é ali muito sensivel no arroteamento de extensissimas terras que se poderão destinar, com magnificas vantagens, á cultura de muitos generos agricolas.

A questão colonial deve, pela sua importancia capital, merecer a atenção de todos os bons patriotas, e por isso estamos certos de que o atual regime, que se implantou para transformar esta patria decadente numa nação forte e progressiva, não deixará de procurar resolvê-la com a meticulosa atenção que sempre lhe tem merecido todos os assuntos, que dizem respeito ao rejuvenescimento da nossa patria.

Este é um deles.

Trate-se, pois, de fazer atrair ás nossas colonias d'Africa essa legião de compatriotas nossos que em longinquas terras de Santa Cruz exauram as suas forças num constante labor; proteja-se a agricultura naquelas remotas terras de prodigiosa fertilidade; trate-se de alargar ali as nossas acanhadas redes ferro-viarias, e entraremos, não nos afortunados tempos de Albuquerque e Gama, em que da India nos vinham riquêsas incalculaveis, mas num periodo de florescente situação economica.

Assim o esperamos.

Constantino Gomes Tomé.

SECÇÃO POLITICA

Falando claro

Mal se começaram deliniando na esfera politica os primeiros traços de crise ministerial e os arautos anunciaram a renuncia do gabinete do snr. dr. José de Castro, motivada não só pelas praxes estabelecidas, mas tambem por s. ex.ª entender que lh'a exigiam a opinião publica e até os altos interesses do Estado.

Forjaram-se *blagues*, improvisaram-se governos e os jornais publicaram entrevistas, com diversos dos nossos politicos, sobre qual devia ser a orientação e a côr do novo governo.

Felizmente, a assustadora crise está resolvida, antes mesmo de se ter manifestado, visto ser ponto assente que o snr. dr. José de Castro fará mais o grande sacrificio de se conservar no poder até á reunião do Congresso, já que o snr. dr. Afonso Costa, que está resolvido a formar gabinete, o não quer fazer, emquanto a maioria parlamentar se não pronunciar dando uma indicação segura sobre o novo governo.

* * *

Eu, na minha humilde opinião, visto que tambem tenho opinião, não posso deixar de me manifestar sobre a solução que se vai dar a esta crise e bordar os meus comentarios sobre uma entrevista publicada n'*O Seculo*. O referido jornal, desejando informar o publico das disposições em que se encontravam os diversos partidos, quanto á sua possivel comparticipação no novo ministerio, encarregou um dos seus redactores de ouvir alguns dos marechaes dos tres agrupamentos existentes.

Coube em primeiro logar a vez ao Partido Democratico, que, pela boca do snr. dr. Germano Martins, diz, entre outras coisas, o seguinte:

— Se o Partido Republicano Português subir ao poder, como tudo indica que acontecerá — insistimos — que atitude será a sua?

— Executar o seu programa, naturalmente.

— E então o nosso dever de aliados com a Inglaterra...

— Não será esquecido.

Em segundo logar o snr. Constancio de Oliveira, interpretando o sentir do partido evolucionista, expõe qual deve ser a orientação do novo governo, dizendo que «acima dos interesses partidarios devem estar os interesses do paiz».

— E se os evolucionistas fossem chamados a cooperar na futura situação politica, que atitude assumiriam?

— E' facil de prever. Pois não declarou já o snr. dr. Antonio José d'Almeida que num momento de perigo para a Patria nunca se recusaria, nem ele nem os seus correligionarios, a entrar em qualquer combinação ministerial?

— Sim. Mas esse momento de perigo pode não chegar nunca... Conforme o criterio de v.ªs ex.ªs...

— Ha afirmações, porem, de que ninguem tem o direito de duvidar, e nesse caso estão as do meu chefe politico. Ora o tal momento de perigo não chegou ainda, felizmente para todos...

Por ultimo é o snr. José Barbosa que, interrogado sobre se a União Republicana fosse convidada a entrar numa combinação ministerial de acordo com os outros partidos, se negaria a isso, respondeu:

— Sem duvida. A União só entrará num governo de cencentração quando num momento gravissimo, como será, por exemplo, a nossa cooperação na guerra, que tantos irreflectidamente defendem.

Ora muito bem. O Partido Democratico, se fôr governo, diz que cumprirá o seu programa e não esquecerá o nosso dever para com a Inglaterra, no que estamos perfeitamente de acordo.

O Partido Evolucionista afirmà que acima dos interesses partidarios estão os do paiz, e que num momento de perigo entrará em qualquer combinação ministerial, dizendo, no entanto, que o tal momento de perigo ainda não chegou.

O momento atual não é de perigo?

Então nós, que estamos atravessando uma das maiores crises de que ha memoria, tendo o comercio e a industria quasi que paralisados, o operariado a braços com a miseria devido á grande falta de trabalho e ao aumento consideravel dos generos de primeira necessidade; a agricultura, privada de capitais, encontrando-se em precarias circunstancias; as finanças assustadoramente desiquilibradas, tendo aumentado extraordinariamente o nosso *deficit*, e por ultimo sendo um dever, uma obrigação a nossa participação no grande conflito europeu, ao lado da nossa aliada Inglaterra e da nossa amiga França, o partido evolucionista diz que o tal momento de perigo ainda não chegou?!...

Quando reconhecerão suas ex.as, então, o perigo? Quando o paiz estiver convulsionado, quando a fome, a miseria e a vergonha nos arrastarem para a beira do abismo onde a Patria se ha-de despenhar? Não; nesse momento já não é preciso, e o povo agradece o sacrificio do partido evolutionista.

A União Republicana, essa então reconhece «momento gravissimo o da nossa cooperação na guerra», não deixando, no entanto, de dizer «que tantos irreflectidamente defendem».

Que quer a União? Que nós continuemos na triste situação de não cumprirmos o nosso dever, depois de termos, com aplauso de todos, exposto claramente, junto do gabinete de Londres, o proposito de honrarmos os nossos compromissos?

Depois de Naulila ter sido atacada pelo exercito alemão, que matou, aprisionou e conservou por longo tempo retidos no seu territorio, oficiais e soldados do exercito português, que ainda hoje lá se conservariam, se as tropas inglezas os não fossem libertar, e nós havemos de nos conservar nesta comoda neutralidade, acocorados perante o tão apregoado poderio da Alemanha, sem prestarmos o nosso concurso militar aos aliados, vingando ao mesmo tempo o desastre de Naulila, unicamente para sermos agradaveis aos que prégaram o descredito do nosso exercito considerando-o incapaz duma participação na guerra?

Não! não pode ser. Temos que cumprir o nosso dever para honra da raça portugueza.

* * *

Desgraçado paiz que tem por chefes individuos que por inepcia, rivalidades ou orgulho, não se prestam, não se sacrificam a virem colaborar num momento critico, nos problemas dificeis que estão agravando a vida nacional, invocando como razão divergencias de opinião, quando afinal o que existe são rivalidades mesquinhas e interesses partidarios.

Bem o disse o nosso ilustre ministro em Paris, o brilhante panfletario snr. João Chagas, no seu opusculo «A ultima crise»:

A maior mentira da Republica foi a dos seus partidos.

Os partidos politicos buscam a sua rasão de ser na sociedade e nas suas tendencias e aspirações. Que indicação deu a democracia portugueza ao partido republicano para que se dividisse?

A Republica é uma só e já vemos que não foram os principios que nol-a dividiram, senão o capricho dos homens; mas deste modo já o vimos tambem — recaimos lamentavelmente nos peores vicios do antigo regimen. Nós que condenamos com tanta energia a imoralidade dos costumes politicos da monarquia, fundamos como ela as clientelas pessoaes; nós que arvoramos tão altivamente as doutrinas de emancipação do cidadão pela educação e pela cultura democraticas, passamos como ela a constituir *claus* em que um só manda e os outros obedecem; nós que marcámos a ferro em braza esse sistema de dependencias, chumbamos essa grilheta aos pés.

E' verdade; os homens encontram-se divididos não por uma questão de principios, mas sim por mesquinhas e irritantes rivalidades pessoais, não se querendo unir por um simples capricho, embora reconheçam que a sua divisão está sendo funesta á Republica.

No momento atual, o paiz enferma de dois grandes males — *falta de patriotismo* — da parte de uns — *falta de fé republicana* — da parte de outros.

Agora que a Republica mais precisava que a mantivessem, fortificassem e a tornassem respeitada, empregando todos os sacrificios, trabalhando, todos, com afan e carinho, resolvendo os graves problemas de momento que engrandeceriam a Patria e chamariam para a Republica, os indiferentes que perderam a fé e a confiança que nela depositavam; mostrando ao estrangeiro, que apesar de sermos um povo pequeno e pobre, temos o direito de ser respeitados, porque sabemos manter a nossa paz interna e cumprir com os nossos deveres internacionais, os senhores politicos manteem-se irreconciliaveis, não querendo neste grave momento, os tres grandes agrupamentos da Republica, cooperarem unidos nesse ministerio, onde todos trabalhariam dedicada e sinceramente pela felicidade da Patria e prosperidades da Republica.

Mau caminho é este.

E o Partido Democratico, que vai organisar governo, embora tenha muito boa vontade e maioria parlamentar, vai certamente luctar com grandes dificuldades e esbarrar com enormes obstaculos, levantados pela oposição na furia partidaria, não o deixando levar ao fim a obra que se propõe realisar.

Para terminar lembrarei aos senhores politicos umas sensatas palavras do snr. dr. Carneiro de Moura, publicadas n'*O Diario Popular*, que se ajustam perfeitamente ao atual momento:

Unamo-nos todos, lembremo-nos de que os nossos descendentes maldirão a geração atual se não soubermos compreender as responsabilidades graves que tomamos.

Unidos, podemos salvar a Patria e engrandecê-la pela Republica. Se nos perdermos em pugnas estereis, de odio, de ambição, de inveja, de facciosismo, os nossos inimigos saberão aproveitar-se da confusão e levarão Portugal a uma tremenda desgraça.

Na altura a que chegaram os acontecimentos, não ser republicano e não ser disciplinado propagandista da ordem pela Republica, *é ser um mau português*, é tirar os interesses da Patria.

G. A. Gomes.

José Seabra Cascão

Brevemente honrará as colunas deste jornal, este mimoso poeta e distinto prosador, que tanto tem abrilhantado as paginas dalguns nossos colegas provincianos. Seabra Cascão é um novo, simpatico e inteligente, que insinua e cativa.

De semana a semana

O emprestimo

O governo trabalha activamente na realisação de um emprestimo, que, segundo consta, será aplicado á compra de material de guerra e diversos outros preparativos de defeza nacional.

Em que condições será feito o aludido emprestimo? Não sabemos.

O que é certo, e seja como fôr, é que o governo tem que pensar bem no grave sacrificio que se vái tomar, neste momento, em que a situação economica é pessima e as finanças estão desiquilibradissimas.

As expedições á Africa e varios outros apendices, fizeram rombos no orçamento do Estado, que é preciso equilibrar, pois apresenta um extraordinario *deficit*.

Agora o emprestimo vem agravar mais a nossa situação; mas, temos compromissos com a Inglaterra, é nosso dever auxiliá-la tomando uma parte activa no conflito europeu combatendo ao lado dos aliados contra o despotismo germanico?

Vamos; mas vamos depressa.

O povo aceita de bom gradó todos os encargos, suporta todas as consequencias déssa operação financeira que se vái realisar, apesar de não nos encontrarmos em condições para isso, mas exige o maior cuidado, nas condições em que se faz o emprestimo e na aplicação a dar a esse dinheiro, afim de não se ficar sobrecarregado com um sacrificio superior ás nossas forças e continuarmos, como até aqui, nesta comoda e vergonhosa neutralidade.

Mas se o dinheiro se destina, apenas, á defeza nacional, no caso de sermos atacados, como para ai se diz, como se explica o esbanjamento de tanto dinheiro na compra de material de guerra, neste momento, em que o preço triplicou, quando o poderiamos obter noutra ocasião muito mais barato?

Se não é para prestar o nosso apoio á Inglaterra, o governo abusa servindo-se de autorisações do Parlamento dadas unicamente para esse fim, e o emprestimo não póde nem se deve realisar, porque ele apenas nos traz encargos e neste momento devem-se evitar todas as despezas superfluas.

Subsistencias

Continúa na mesma desgraça, sem uma solução proveitosa, o problema da alimentação publica.

O governo tem publicado duzias de decretos, portarias e tabelas, mas a carestia da vida é cada vez maior, vendo-se o publico obrigado a comprar por alto preço alguns dos generos de primeira necessidade, ou a passar sem eles, devido a não os haver no mercado, pois os comerciantes não os expõem á venda, por, segundo afirmam, lhes custarem mais caros que os preços que as tabelas marcam.

O que era preciso, o que era urgente, era que o governo resolvesse o complicado problema das subsistencias, a contento de todos, sem prejuiso para ninguem, não permitindo que o publico continúe a ser explorado, nem os comerciantes obrigados a vender os generos mais baratos do que o preço por que compram.

Lá fóra, nos paizes beligerantes, raros foram os generos alimenticios que subiram de preço, antes ao contrario, alguns embarateceram por falta de exportação.

Mas aqui em Portugal é o que se está vendo. Ha generos que triplicaram o seu preço, não havendo um unico que não subisse.

E tudo porquê?

Porque o governo, que tem decretado muito, mas sem proveito algum, esqueceu-se de obrigar os armazenistas a venderem tambem os generos por um determinado preço, não por aquele que eles muito bem querem, e estabelecer uma rigorosa vigilancia afim de evitar a exportação de muitos generos, e que apesar de estar proibida, se continúa fazendo descaradamente.

Enquanto que nas outras nações os governos tratam com cuidado dêste grave problema, proibindo abusos, evitando excessos, dominando os especuladores gananciosos, havendo até terras, onde o proprio Estado se encarregou do abastecimento das populações, comprando em grande escala, em melhores condições, com economia de pessoal, substituindo aos retalhistas os armazens geraes e isto com tanta amplitude que já fez dizer ao anarquista Kropotkine, que uma das boas consequencias da guerra tinha sido isso mesmo, porque disso resultava demonstração de que, sob o ponto de vista economico, era preferivel a eliminação do comercio atual, substituindo-o uma organisação de caracter socialista, em Portugal nem copiar se soube.

E o povo que vá sofrendo resignado esta situação angustiosa.

Mas o diabo, é que se este povo paciente começa um dia a sentir os efeitos da fome, então manifesta-se violento e impetuoso, impondo a sua vontade soberana, e vendo-se sem o pão de que carece, ha-de ir buscál-o onde o houver.

Ora é isto que o governo tem obrigação de evitar e quanto antes, porque excessos e tumultos são sempre prejudiciais á vida dos povos.

ANTIGO ESTABELECIMENTO
— DE —
Mercearia, Tabacos e Fazendas brancas
— DE —
João Antonio Rodrigues
(SUCESSORES)
Montemór-o-Velho

Nesta casa se encontra um completo sortido em assucar, chá, café, manteiga nacional e ingleza, biscoitos, bolachas, massas, bacalhau, genebra e vinhos do Porto.

Ferragens, prego de arame e de ferro, panelas de ferro, rastilho, chumbo em barra e para caça.

Fosforos e Tabacos, por atacado. Tambem vende pelos preços de Lisboa, farinha de trigo, cimento Portland, vidraça, telha de vidro e velas de cera.

Preços resumidos

DOUTORA D. ISAURA OLIVEIRA

De visita a sua estremosa familia esteve em Coimbra a distinta medica snr.ª D. Isaura Oliveira de Caires Fernandes, filha diléta do snr. José Mauricio Oliveira, inteligente professor de instrução secundaria.

A Doutora Isaura Oliveira partiu já para a Ilha da Madeira, onde se encontra ha tempo, acompanhada de seu marido, snr. Dr. Caires Fernandes.

Cumprimentos e feliz viagem.

Notas criticas

As excomunhões papais

As excomunhões papais são hoje inofensivos raios que não custam sequer a epiderme dos reprobos sobre os quaes são fulminados. No entanto, seria puerilidade acreditar tanto na inepcia dos pontifices que as descarregam que supuzessemos sêr precisamente o fim de punir esses reprobos com as hipoteticas chamas do inferno aquele que presidiu ou preside a semelhantes resoluções espétaculosas. Se assim fosse, o golpe erraria o alvo. A excomunhão tem mesmo sido para muitos que a tem recebido sobre a sua cabeça o meio mais seguro de alcançar a celebridade e até a fortuna.

Livros excomungados lograram dessa medida vingadôra o segredo do seu exito. Renan deveu-lhe uma voga rapida que o seu talento e o seu estilo, por tantos titulos admiraveis, só mais demoradamente conseguiriam. O *Judeu Errante*, de Sue, foi lido em todo o mundo, logo que se soube que a Egreja anatemisára o seu autor. E o nosso poeta Gomes Leal, nos tempos de ardente rebeldia que lhe inspiraram o primitivo *Anti-Cristo*, só pedia fervorosamente ao papa:

Esta obra infernal, missal impio e profano,
Papa, torna-a imortal: lança-lhe a excomunhão!

Conta-se mesmo que um obscuro autor de uma obscura obra, que as coleras do Vaticano excomungaram, não conseguindo — tal era a sua mediocridade! — nem assim fazer a sua reputação de escriptôr, num momento feliz se lembrou de abandonar as letras e abrir um restaurante, inscrevendo numa berrante taboleta:

Restaurante de F.
Excomungado pelo Papa

o que lhe deu, em poucos anos, pela afluencia de freguezes, conquistados por essa excentricidade, uma bôa fortuna, de que gosou como um *abade*.

Por todos estes motivos, não é crivel que a ardilosa curia romana veja na excomunhão um flagicio que diretamente atinja os alvejados. O proposito é outro. Roma sebe muito bem que os excomungados são sempre creaturas que se riem da excomunhão — mesmo porque, se assim não fosse, se acreditassem na sua tremenda significação, não se atreveriam a arrostá-la. Mas Roma conta com a ignorancia dos povos, com a superstição que habilmente acalenta e difunde o seu clero embrutecido ou embrutecedôr, e d'ai supôr que causa sérias dificuldades aos governos, convencendo essas populações ignorantes de que estão fóra da graça de Deus em virtude dos átos dos seus governantes.

A situação é paradoxal, mas é exatamente assim. Os verdadeiros excomungados, porque como taes se reputam, são aqueles que não incorreram na excomunhão. Os excomungados são os que, na realidade, o não estão, porque não crêem na realidade do castigo que lhes é imposto e essa realidade não existe com efeito.

Simplesmente, Roma deve-se ir convencendo de que os tempos da Edade Media passaram, e que se ha ainda povos que não alcançaram o nivel da educação contemporanea, nas nações mais adeantadas, essa ignorancia não é já todavia tão profunda que não percebam, pelo menos vagamente, que a Egreja não só os explora, como os mistifica.

Coimbra, setembro de 1915.

Manoel Simões da Silva.

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autôres.

Camara Municipal

Sessão de 4 de setembro

Presentes os vereadores Monteiro da Costa, Esteves de Barros e o secretario Rodrigues Pato, sob a presidencia do snr. dr. Simões, foi lida e aprovada a acta da sessão anterior.

Disse o presidente que, por motivo da revisão do recenseamento militar e inspecções militares do concelho feitas não só na secretaria da Camara mas ainda nos gabinetes, nos dias 21 a 28 do mez findo, não poude por tal motivo realisar-se as sessões ordinarias dos dias 21 e 28. A Comissão ficou inteirada.

Tomou conhecimento do seguinte expediente:

Um oficio da Inspecção do Circulo Escolar, a dar conhecimento que os exames do 2.º grau deviam começar a 16 de agosto e a pedir que fossem prevenidos os vogaes do Juri. Informou o presidente que tinha recebido em 15 o oficio, mandara avisar logo os dois professores. A Comissão ficou inteirada.

Dito da mesma proveniencia a preguntar se tinham recebido uns documentos. Informou a presidencia que não tinham vindo. Inteirada.

Dito do Comando de Ponteneiros de Reserva, com séde em Tancos, a enviar uma relação com o nome dum reservista daquela Companhia, a quem foi imposta a multa dum escudo por ter faltado. Resolveu proceder á cobrança da multa.

Dito do Chefe da Secção da 2.ª Circunscrição electrica com séde em Coimbra, a dizer que, por intermedio da encarregada da Estação Telegrafo Postal desta vila, tinha recebido a planta da casa em começo de construção que a Camara oferece concluir e arrendar ao Estado. A Comissão encarregou o mestre d'obras de proceder com urgencia á elaboração do orçamento, conforme a planta enviada. Disse o presidente, que de tudo seja dado conhecimento á Camara na proxima sessão extraordinaria, o que foi aprovado.

Dito da Repartição da Direcção Geral da Contabilidade Publica a enviar um exemplar do decreto n.º 1843. A Comissão ficou inteirada.

Dito do facultativo municipal do partido de Arazede a comunicar a necessidade que tem de se ausentar do seu partido e cargo, temporariamente, por motivo de doença, deixando em sua substituição o dr. Joaquim Ferreira Neves. Inteirada.

Uma circular da Comissão encarregada de fundar um Internato Infantil, em Lisboa, para celebrar o restabelecimento do dr. Afonso Costa. Resolveu que fosse presente á Camara na proxima sessão de membros.

Um oficio do Conductor Chefe da Direcção das Obras Publicas a comunicar que no dia 25 ia a Verride fazer as medições e avaliações dos trabalhos da escola, e para isso necessitava que estivesse lá quem lhe desse os necessarios esclarecimentos. O presidente informou a Comissão de que nesse dia designado se achou em Verride onde aguardou o dito Conductor e que lhe prestou os esclarecimentos. A Comissão ficou inteirada.

Dito do professor de Arazede a enviar duas requisições. Resolveu satisfazer.

Uma circular da repartição do Governo Civil a enviar copia duma circular da Direcção Geral da Administração Politica e Civil. Inteirada.

Oficio do Conservador do Registo Predial deste concelho a requerer algum mobiliario. Foi encarregado o mestre d'obras de ver o que é preciso que fosse satisfeito.

Dito do Professor desta vila, a comunicar que em goso de férias se retirava para a sua terra. Inteirada.

Dito do Juiz de Direito nesta comarca, Presidente da Comissão do Recenseamento de Jurados, a comunicar que a Comissão da sua presidencia tinha arbitrado a gratificação de 20$00 ao empregado que fez o serviço do Recenseamento. A Comissão propôs que se informasse o ex.mo presidente da Comissão do Recenseamento de Jurados que o empregado recebeu o ano passado 15$00.

Uma circular da Direcção das Alfandegas a dizer que, tratando-se de estudos sobre a remodelação de pautas aduaneiras, o Conselho encarregado desses estudos resolveu ouvir as Camaras Municipaes, a fim de elas lhes darem esclarecimentos no que respeita aos productos desta região. Resolveu prestar todos os esclarecimentos.

Dito do Secretario de Finanças a pedir que lhe seja fornecida uma cadeira. Resolveu satisfazer.

Confirmou atestado de pobresa passado pela Junta de Paroquia de Arazede a Manoel Gomes Cavaleiro, dos Pelicanos.

Tambem foi presente um atestado passado pela Junta de Paroquia desta vila, que não foi confirmado por não estar nas devidas condições.

O presidente propoz que seja convidada a Camara em sessão extraordinaria, visto que a lei n.º 357 de 23 de agosto aumenta as despezas municipaes. Aprovado.

O vereador Monteiro da Costa perguntou se já foram iniciados alguns trabalhos dos estudos do levantamento da feira. O presidente respondeu que como a nova lei de agosto findo traz uma despeza avultada não dera incremento a taes trabalhos. O mesmo snr. Monteiro disse não ser aquela despeza motivo para não deixar de proseguir uma obra tão necessaria. Depois de pequenas discussões foi resolvido continuar os trabalhos.

O snr. presidente informou a Comissão que por motivo de não ter havido as sessões dos dias 21 e 28 tinha mandado pagar algumas despezas. Foi aprovado.

Autorisou e mandou pagar varias despezas.

Em seguida foi encerrada a sessão.

Companhia de Seguros Fidelidade

Séde: Largo do Corpo Santo, 13—1.º—Lisboa

Capital emitido.	1.344:000$00
Capital desembolsado . . .	67:200$00
Reservas . . .	733:702$07,5
Prejuizos pagos	4.497:355$11

Efectua seguros maritimos e terrestres na séde e nas correspondencias.

GAZETILHA

Lá ficou no seu logar
O governo da nação,
Não se sentindo com alma
De ir com as ventas p'ro chão.

Lá ficou embora preso
Por cordeis, pouco seguro,
Mas saír dali p'ra fóra
Não senhor, é muito duro.

O deixar de ser ministro
Era um acto de loucura
P'ra quem tem estado a fazer
Uma tão linda figura.

Eu então fico abismado
Ao vêr isto assim tão torto,
Continuar no poder
Um governo que está morto.

Jupiter.

Crónica de Lisboa

Por absoluta falta de espaço fica para o proximo numero esta esplendida crónica da capital. E não só ela, mas varios originais ficam de fóra, alguns já compostos, e ainda outros não puderam ser publicados duma só vez.

Pedimos desculpa aos nossos gentilissimos colaboradores, que estão sendo duma requintada amizade.

A Flôr d'Abrunheira
— DE —
Joaquim de Sousa Carvalho

Fazendas de lã e algodão, ferragens, tintas, mercearia, vinhos e tabacos.

Variado sortimento de miudezas

Especialidade em chá, café, licores, etc.

ABRUNHEIRA

Poetas e Prosadôres

MISERIA

Miseria! feia palavra que só o pronunciá-la horrorisa!

E' tão horrivel a fórma como a fantasiam, que chego a felicitar-me por não me terem falado dela em pequeno.

Morreria, sem duvida, de susto, se me falassem desse monstro disforme, de olhar encovado e sem brilho.

. . . . . .

Era na minha aldeia.

Percorria o caminho que leva da minha habitação lá acima ao povoado, quando me apareceu uma mulher, não velha ainda, andrajosamente coberta com trapos a que o pó dos caminhos encobria a côr. Pretendi ver nela uma pedinte das muitas que aparecem na minha terra, e já levava a mão ao bolso procurando algumas moedas, quando ela me disse: — Não quero isso, quero pão.

Comoveram-me em extremo aquelas palavras, pois era bem patente a sua angustia qnando as pronunciou. Movido pela curiosidade, perguntei-lhe quem era; mas os seus labios, amarelados e sêcos, apenas articularam uns sons que não percebi e que, decerto, nenhuma relação tinham com a pergunta que lhe fizera. O acaso deparou-me um amigo a quem perguntei quem era essa mulher, e ele começou, contando-me a seguinte historia:

«Era num jardim. Corria fresca brisa que levava na sua passagem o fino perfume das flores dos canteiros.

Um homem, de fidalgo aspecto, estava sentado num dos bancos do florido arruamento. Com a cabeça entre as mãos, parecia absorto nalgum pensamento esquisito. Esperava decerto, alguem.

Esteve assim alguns momentos, até que um rumorejar galante de sedas veio quebrar a monotonia do quadro, e uma dama, cuidadosamente velada, veio ao seu encontro.

Abraçaram-se com impetuosa paixão; e d'ai a pouco, essa mulher, talvez assaltada por um desejo torpe, abandonou-se languidamente nos braços do seu amante.

Volvidos tempos, por uma bonançosa noite de agosto, uma barquinha atravessava o rio em direcção á outra margem, conduzindo uma dama esbelta. Subito, ouve-se um grito estridente soltado pela misteriosa passageira que arremessava um embrulho ás aguas, a que a lua, unica testemunha desta scena tragica, dava scintilações de prata.

A barca atracou por fim na outra margem, e a dama apeou-se para percorrer, com passo incerto, aquelas paragens soltando a meudo gargalhadas que se repercutiam sinistramente no arvoredo.

A pobre tinha enlouquecido. Sentia remorso de ter matado o seu filho para encobrir a sua falta!»

— E quem era essa mulher? perguntei.

«A doida; aquela que ha pouco te pedia pão em logar de dinheiro».

Não sei bem descrever o que produziu em mim aquela narrativa pungente. Senti-me possuido duma tristeza infinda, e regressei a casa pensando que bem depressa, e com grande facilidade se passa da felicidade á miseria e á desdita.

Entroncamento, 4—10—915.

Domingos Pires.

Junta de Paroquia de Pereira

Resumo do discurso proferido na sessão de 7 de outubro de 1915, em resposta ao vogal João dos Santos Torres.

(Continuação)

O facto apontado pelo digno vogal Torres, de, em algumas corporações elevadas, haver pessoas relaxadas e menos cumpridoras dos seus deveres, nada quer diser para o caso que esta Junta deva lêr pela mesma cartilha, pouco digna e briosa. Do alto é que deve partir o exemplo, é certo, mas, quando ele não parta, podem dar-lh'o as pequenas corporações, o que, em meu fraco entender, nada as desdourará.

Bem sei eu que tenho apenas o meu voto a dentro désta ilustrada Junta e nem mesmo preciso de ter mais para fiscalisar e zurzir devidamente a influencia nefasta da sombra avinhada, que, infelizmente, orienta alguns dos senhores vogaes. Sendo democrata por principios e convicções, de forma alguma posso desejar ser *senhor supremo desta Junta*, como, sem ofensa, levianamente afirmou o digno vogal Torres. Senhor supremo da Junta está-o sendo a tal sombra avinhada. que assim procura subjugar alguns dos senhores vogais, insubordinando-os contra o seu presidente, a quem, nessa qualidade, compete dirigir os trabalhos da mesma Junta e procurar que estes trabalhos sejam productivos e decorram na melhor ordem e harmonia.

Diz o digno vogal Torres: *Nós, humildes filhos de Pereira, sabemos bem o nosso dever para com a nossa terra natal*, etc., etc. Mas nós, quem? se, pelo menos, um dos vogais que o acompanha, o vice-presidente Antonio Ribeiro, é natural de Formoselha, e na Junta existe ainda um outro vogal dos lados de Arazede, o cidadão Manuel Gonçalves Pereira, este ultimo, aliás, um dos dois unicos velhos republicanos e liberais convictos que se sentam nestas cadeiras e que eu, como tal, muito prézo.

(*Continúa*).

DR. AVELINO FARIA
Advogado

CANTANHEDE

Dá consultas aos domingos em
ARAZEDE
de outubro em diante e trata de qualquer questão no tribunal de Montemór-o-Velho.

Horas d'Insónia

Faz hoje precisamente oito dias que logo de manhã, sobre a cidade do Porto a despertar, ainda semi-sonambula, esfregando os olhos, caía densissima nebelina que nada deixava descortinar. Pela janela do meu quarto, no Hotel Europa, não entrava luz nenhuma. Dir-se-hia que a sombra, que havia 24 horas me envolvia a alma, mau grado pesadelos sem fim, queria continuar, envolvendo-me os olhos sem brilho, exaustos de vigilia, cansados de vêr miserias e podridões!

Depois duma tarde de dôr e de contrariedades, esperando o que não vem, sonhando o que fugiu para os confins do ignotos, após uma viagem tormentosa, apreensiva e tragica, que acordei de manhã, faz hoje precisamente oito dias, encontrando o Porto envolto em nebelina, esfregando os olhos, meio-sonambulo mas cansado, definhado duma noite inteira de criminosa orgia, adoecendo estómagos e gastando energias, pervertendo a raça e consumindo a vida.

Até Pampilhoza o tempo passou ligeiro; um agradavel encontro fez esquecer asperezas e crueldades deste agitar continuo de ambições, porque Domingos Pires, Jacinto d'Almeida e Duarte Melo, tres rapazes cheios de vida e de ilusões, logo que me encontram, fazem convergir a palestra sobre a defeza do feminismo, exaltando predicados femininos, como que se a mulher não fosse susceptivel de errar e não sentisse os seus odios e não entretivesse o seu tempo em banalidades. Mas vamos lá.

Uma moréna, d'olhos grandes e sonhadores, mas triste como uma noite de pesadelos e incertezas, ia ouvindo, curiosa, a nossa tagarelice. Tinha nas faces vincos de sofrimento, talvez um pouco de remorso lhe invadisse a alma atormentada. E limpava as lagrimas de quando em quando, até que, numa estação do percurso, desapareceu sem eu dar por tal.

Ah! sim! Era um velho com 12 anos. Encontrei-o, de manhãsinha, sentado num portal duma egreja aberta. Tinha o cabelo todo branco. Passava as noites ao relento, agasalhado pelas estrelas luzentes, tendo por enxerga as pedras adormecidas dos passeios movimentados! Conhecia os lupanares e a giria toda. Desgraçadas, passando em procura de compradores de carne humana, olhando o velhito friamente, com desdem. Mas o petiz, envelhecido prematuramente, bem as conhecia a todas. Sabia-lhes os nomes e as mazelas, e, num tom d'enfado e doentio, proprio só de quem tem fome de pão e fome de justiça, ia-as invectivando e alcunhando de nomes feios que ouvia em casa, á mãe e ás irmãs, que o pai estava no hospital, tuberculoso em ultimo ponto.

E o petisito, de cabelos brancos, era com certeza uma das muitas criaturas anormais, filhas da desgraça e da doença. Um velho de 12 anos, meus amigos, é para estranhar. Mas a velhice, ás vezes, não é filha do tempo; é a consequencia das circunstancias. Pelo menos no desgraçadito que o destino atirou para a lama das vielas e para o antro da amargura, isso é assim.

Cá longe, numa estação do percurso, sem eu dar por isso, ficou uma moréna de olhos grandes e sonhadores, que vi chorar de quando em quando...

ALMEIDA JUNIOR.

Carta da Abrunheira

20—X—915.

No dia 9 realisou-se no posto do Registo Civil desta localidade o casamento do nosso presado amigo, snr. Ernesto da Costa Coelho, com a snr.ª D. Laura da Graça Ribeiro.

Após o registo civil, realisou-se na capela desta localidade o casamento religioso, celebrando este acto o Reitor dessa vila, snr. Francisco dos Santos Pimenta, que foi expressamente convidado para aquele fim.

O noivo, natural dessa vila, reside aqui desde creança, onde conquistou gerais e merecidas simpatias pela lhaneza do seu caracter, trato afavel e correcto proceder.

A noiva, tambem daí natural, é aqui merecidamente considerada, pois possue primorosas qualidades de caracter, um coração generoso e franco, que, aliados aos seus raros dotes de inteligencia, muito a fazem estimar.

Serviram de padrinhos as snr.as D. Amelia Galvão Simões, D. Etelvina Jorge da Silva, e os snrs. dr. José de Ornelas da Gama Regalão e Joaquim Jorge da Silva.

Em seguida ao casamento religioso, foi em casa dos pais do noivo, snr. Joaquim da Silva Coelho e D. Rosa da Costa Cachulo, servido um lauto jantar, retirando depois os noivos para Cintra.

Na *corbeil* dos noivos viam-se as seguintes e valiosas prendas:

Do noivo á noiva, um pendentif com brilhantes e rubis;

da noiva ao noivo, um alfinete com um brilhante;

dos pais do noivo á noiva, um lindo relogio de ouro para pulseira;

da snr.ª D. Amelia Galvão Simões, uma linda jarra para agua em cristal e prata e uma linda fotóminiatura;

da snr.ª D. Etelvina Jorge da Silva, uma salva de prata e um lindo almofadão pirógravado;

da snr.ª D. Maria José de Napoles Mendanha, um belo estojo com colheres de prata para chã;

da snr.ª D. Maria José Esteves Brandão, uma linda jarra para agua em cristal e prata;

da snr.ª D. Maria Amelia Correia de Campos, uma jarra para agua em cristal e prata;

da snr.ª D. Maria Clara Galvão, um lindo almofadão em seda, pintado;

da snr.ª D. Antonia Esteves de Barros, uma linda floreira em cristal e prata;

da snr.ª D. Georgina da Silva Barbosa, duas argolas para guardanapo;

da snr.ª D. Carmen Virginia Esteves Pessoa, dois solitarios;

da snr.ª D. Tereza Esteves, um par de jarros;

da snr.ª D. Maria José Coelho, um anel com um brilhante;

da snr.ª D. Jesuina de Jesus Jorge da Silva, um paliteiro de prata;

do snr. dr. José de Ornelas da Gama Regalão, uma linda salva de prata;

do snr. Joaquim Jorge da Silva, um lindo estojo com colheres para chá;

do snr. dr. Antonio Pires Martinho de Brito, um lindo estojo para *toilete* em marfim e prata;

do snr. Jaime da Silva Coelho, um alfinete para gravata;

do snr. José Esteves de Barros, um lindo relogio de porcelana, estilo antigo, para meza;

do snr. Julio Neves da Costa, um estojo com tinteiro e pena, para escritório.

Aos noivos desejamos uma longa lua de mel.

=== Retirou para Aveiro, depois de aqui ter passado o mez de setembro em goso de licença, o juiz da comarca daquela cidade, snr. dr. José Elisio da Gama Regalão

=== Do Seixo de Gatões, onde foi passar as ferias grandes, regressou a esta localidade o snr. Jorge da Cruz Vieira, professor da escola do sexo masculino.

=== Fez anos no dia 11 ultimo, o snr. Joaquim de Souza Carvalho.

Os nossos parabens.

=== Realisou-se no dia 16 o casamento do snr. Serafim da Silva Soldado, com a snr.ª Maria da Luz Costa, ambos desta localidade.

=== Retirou no ultimo domingo para Aveiro, onde vai frequentar o 5.º ano no liceu daquela cidade, o nosso simpatico amigo, snr. Carlos Galvão Simões.

Que seja muito feliz, não os nossos desejos.

=== Faleceu a snr.ª D. Tereza Ferreira, mãe do snr. major José Augusto Ferreira Lopes e sogra do snr. José Augusto Carvalho e do snr. José d'Oliveira, ha anos residente em Lourenço Marques.

A toda a familia enviamos o nosso cartão de pezames. — *N.*

Luiz Maria Lopes & Bertão

Negociantes de sal e vinhos,
em vagons,
para diversos pontos do paiz

12—R. Fernandes Tomaz—14
9—Rua da Republica—11

Telefone n.º 205.

FIGUEIRA DA FOZ

Brazil e Africa

Afim de não sofrerem interrução na remessa do «DEVER», rogamos aos nossos assinantes do Brazil e Africa o favor de mandarem pagar as suas assinaturas por pessoas de familia, indicando-nos onde devemos receber.

Falta de espaço

Por falta de espaço sômos obrigados a deixar de publicar varios e importantes artigos, do que pedimos desculpa aos seus autôres.

ANUNCIOS

Companhia Geral de Credito Predial Português

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

Séde Social: Travessa de Santo Antonio da Sé, n.º 21

LISBOA

Esta Companhia realisa actualmente emprestimos hipotecarios a longo praso, cujo encargo, compreendendo juro, comissão, amortisação e depreciação dos titulos, é inferior a 7 %, tendo os mutuarios a faculdade de antecipar os seus emprestimos, total ou parcialmente e em qualquer época, em dinheiro ou em obrigações da mesma taxa e tipo das que fôram entregues no acto do contrato. Recebe e guarda nas suas magnificas **Casas fortes** quaisquer papeis de credito, encarregando-se de receber os respectivos juros.

Pedir esclarecimentos a Fernando da Silva Coelho Pessoa — Montemór-o-Velho — ou diretamente á Séde da Companhia.

OFICINA-GARAGE DE COIMBRA

LOBO DA COSTA & CASTANHEIRA

Grandes oficinas mecanicas para reparações de automoveis; fabrico de carretos, pinhões e corôas em aço; cementação e temperas; vulcanisação e fundição de metaes. Recolha e tratamento. Ensino. Automoveis de aluguer de $08 a $20 o quilometro e 9 lotações de 1 a 18 passageiros. Acessorios, gazolina e oleo. Transações em carros de 2.ª mão. Serviço especial, para bem servir os Ex.mos Clientes da provincia.

RUA DA FIGUEIRA DA FOZ — 170

COIMBRA

Local conhecido por «Casa do Sal» á entrada da cidade pela estrada do Porto.

Telefone, 502 Telegramas «Garage, Coimbra»

HOSPEDARIA DO PAÇO DO CONDE

— DE —

JOSÈ DOS SANTOS

Rua Adelino Veiga, 36 a 40 — Rua do Paço do Conde, 10

COIMBRA

Vinhos, comidas e tabacos.
Recebem-se comensais por preços modicos.
Camas para pernoitar.

Esta casa, com a transformação por que acaba de passar, melhorou consideravelmente todos os seus serviços, achando-se habilitada a receber hospedes de qualquer categoria, oferecendo-lhes comodidades por preços baratos. Esmero e prontidão no serviço de meza, para o que tem pessoal competente.

O mesmo proprietario negoceia em cereais e legumes de todas as qualidades, tais como farinhas, semeas, batata, castanha, palha enfardada, cordas e adubos quimicos.

Rua Adelino Veiga — 44, 48

O seu armazem é já muito conhecido.

Telefone 379.

AGUA DE LUSO (Medalha d'ouro, Madrid 1913.) Cura pela Diurése

(ESTABELECIMENTO TERMAL E HOTEIS ABERTOS TODO O ANO)

A mais diurética e mais digestiva. Aumenta a diurése, regularisa as funções digestivas e ativa os fenómenos nutritivos

Muito radioativa—4,49 miligramas—minutos
Muito ionisada, resistividade a 18° 18300 ohms
Muito rica em gazes raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotonica, ponto criospico 0°,04

} Conclusões da analise feita pelos distintos professores Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitissimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tifico

USO EXTERNO—Molestias de pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc,), reumatismo e gôta.
USO INTERNO—Artritismo, impaludismo, neurastenia—Albuminuria, diabetes—Intestinos, estomago—Rins—Bexiga.

Depositos — **LISBOA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros. 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 428. FUNCHAL, José Quirino de Castro, rua dos Murças. AFRICA ORIENTAL: Oswald Offmann. BEIRA: F. L. Simões & C.ª. LOANDA: Beltrão, Pena & C.ª**, e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositarios nas terras onde ainda os não haja.

Portugal Previdente

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima — Responsabilidade Limitada

Capital **UM MILHÃO** de Escudos

SÉDE — RUA DO ALECRIM, 10 — LISBOA
N.º Telef.—1849 End. Teleg.—VIDA

Seguros contra incendios de predios, fabricas, etc.
Seguros de estabelecimentos e mobiliarios.
Seguros agricolas de ceáras, eiras, palhas, arvoredos, etc.
Seguros de maquinas e utensilios de lavoura.
Seguros contra incendio proveniente de gréves e tumultos.
Seguros de transportes maritimos e postaes.
Seguros contra roubo de habitações e estabelecimentos.
Seguros contra fraude de empregados.
Seguros contra a quebra de cristais.
Seguros de vida, pensões, dotes e reformas.
Seguros contra acideute de trabalho.

Agencias em todas as terras importantes do paiz, ilhas e colonias.

Sucursal no PORTO — Rua Passos Manoel, 21.

BANQUEIROS—**Borges & Irmão**—Porto e Lisboa

Antonio Pereira de Carvalho

Proprietario dos Grandes Armazens de Bicicletas, Maquinas de Costura, Pianos e toda a qualidade de acessorios.

A maior e mais antiga casa no genero

Oficina para todos os concertos, afinações e reparações em bicicletes, motocicletes e maquinas de costura.

Artista mecanico habilitado.

Vendas, alugueis e trocas.

Preços sem competencia

34—Avenida Navarro—36

(Estrada da Beira)—COIMBRA

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem deposito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se tambem de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fóra de Coimbra

FABRICA DE CAL

Cal fina e grossa, fornece-se em muito boas condições. Preços modicos, sobre o wagon, no caminho de ferro e nos proprios fornos.

Agente de telha tipo marselha e tijolos de todos os formatos, da fabrica Lacerda, Figueiredo & C.ª Limitada, da Pampilhosa.

Pedidos a

Joaquim F. Coca Junior
Zambujeiro—Arazede

AOS AGRICULTORES

Estão proximas as sementeiras de nabos e cereais, e por isso previno todos os meus estimaveis freguezes que façam novas encomendas de **adubos quimicos** e **organicos**, da acreditada casa Varela Leal & C.ª, das Varzeas, os quais se encontram á venda em minha casa, no **Casal do Gaio — Arazede.**

Manoel Monteiro Godinho.

Companhia de Seguros A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz

Antonio d'Oliveira Guerra

RUA DA REPUBLICA, 84

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legitimos acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de fórma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamavel, isca em cordão vendida fraudulentamente a titulo de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva acção civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa ao Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando-se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalisação para procederem ás necessarias diligencias. Dirigir-se pessoalmente ou por carta á Companhia Portuguêsa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS MELO & MARTINS

PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada

PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiencia dos nossos adubos, devido ao seu magnifico resultado os adoptarão de preferencia a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

Aos proprietarios de Lisboa e Porto

Grande economia

A MUNDIAL, de acordo com os seus importantes reseguradores resolveu efectuar seguros de propriedades, sem uso ou contiguidade perigosa, ao premio de:

$08 por cada . . . . . 100$00
ou $80 » » . . . . . 1:000$00
de capital seguro

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital, Escudos . . . 500:000$00
Reservas em 1914 . . 64.244$75

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmão (Banqueiros)

Praça da Liberdade, 138 — Telefone 1459

Agencias e Delegações em todo o paiz, ilhas e colonias.

Restaurante Ferro-viario ALFARELOS

ESTE bufete, um dos que melhor servem o publico que transita nos comboios, acha-se situado na estação do caminho de ferro de Alfarelos. Fornece almoços, jantares e *lunchs* e toda a qualidade de refeições, por preços comodos. Tem pessoal habilitado, tanto em cosinha como em sala de mesa.

Tudo se encontra com esmero e perfeição.

Fornece comida para fóra, e presta-se a servir em casamentos, batisados, etc., desde que seja prevenido com antecipação.

O proprietario, **Artur de Oliveira Coelho.**

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro

PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex.mos passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.

Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA

Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.

PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações

Deposito das afamadas aguas de Luso.

Guilherme dos Santos Pinto & Irmão

COM

OFICINA DE CANTEIRO

Encarregam-se de jazigos de toda a especie e todo o serviço concernente á sua arte.

Tambem executam todos os trabalhos que digam respeito a *Plantas, Alçados, Copias, Projectos e orçamentos de edificios, edificações, etc.*

Montemór-o-Velho=Verride

Biblioteca da Universidade
Coimbra

Ano 4.º — Montemór-o-Velho, 31 de Outubro de 1915 — N.º 193

DIRECTOR, PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR
Almeida Junior

SECRETARIO DA REDACÇÃO E EDITOR
Abel M. de Melo Brandão

REDACTOR PRINCIPAL
Mário Augusto Mota

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguêsa

Pátria e Humanidade

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Dr. José Galvão
MONTEMOR-O-VELHO

DIRECÇÃO: — COIMBRA
(para onde deve ir a correspondencia)

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. Silva (a vapor)—AVEIRO

Crónica de Lisbôa

A massa de trabalhadores de que o Capital depende, vae, sem duvida, conquistando dia a dia, as regalias a que lhe dá direito a sua força colossal ignorada e esquecida. A força do trabalho progride á medida que a arrogancia do capitalismo diminue.

O abuso do podêr de que a neo-nobreza lançou mão, tantas vezes, para domar o leão acorrentado, deu força ao trabalho, para calcar pouco a pouco a arrogancia desmedida dos seus exploradores e demonstrar-lhes que a Razão estava acima das vis ambições dos gananciosos sem consciencia.

Os governos dependem, ainda, do Capital; hão-de depender sempre dos cofres fornidos da burguezia.

Mas, actualmente, não dependem só deles; o Trabalho tem direito a fazer ouvir a sua voz e a opôr a sua vontade, á vontade dos que o sugam.

Póde o Trabalho impôr-se já ante a vontade do Capital, apontando a força dos que trabalham?

Não! Mas a sua força impõe neste momento, pelo menos, respeito.

O operariado vae, pouco a pouco, sabendo o que quer, e, se de vez em quando, nós deparamos a derrocada dalguma das suas aspirações, o fracasso dalgum dos seus movimentos nobres e altivos, só devemos atribui-los a incompleta coesão de esforços, á organisação *á-lá-diable* que desperta um enigmatico sorriso aos adversarios.

Diz-se, muita vez, que o nosso operario necessita de instrução e que, sem ela, nada poderá fazer de vulto.

O exagero é evidente.

Não discordamos da necessidade de difundir-se a instrução no meio operario; concordamos que é ela que ha-de impôr receio aos que teem os seus interesses pessoaes ligados aos partidos politicos, provado como está, de ha muito, que o burguez segue o partido que mais probabilidades lhe dá, da imunidade das suas burras.

O que nos parece exagerado é o atribuir-se a causa da fraqueza do operariado só á sua ignorancia, como se os adeptos dos outros partidos fossem luminares da sciencia e os seus congressos constituissem respeitaveis cenaculos.

Ha num cantinho da Europa, um paiz bem nosso conhecido que tem um parlamento constituido, na sua maioria, por filhos, amigos e admiradores de Calino e por espermatosoides do conselheiro Acacio.

E' um congresso, talvez, unico, onde, quando não ferve o insulto e adeja a ira, entra Morfeu em bicos de pés.

Bastas vezes lá tem ido, e, apezar do convite instante feito ao Bom-Senso, este nunca lá quiz entrar.

Sucede o mesmo nalgumas das nossas organisações operarias? Não. E que poderiamos nós esperar dos que trabalham em demasia, dos que não lêem, dos que não frequentam uma escola e que trocam impressões com os que os egualam em circunstancias?

Nada! Mas a necessidade e o bom-senso suprem a sapiencia dos que batem o pé como o papagaio e palram como a pêga...

Está, pois, demonstrado que se os paes da patria tivessem tanto amôr á filha, como os operarios teem amôr á causa, o tal paiz que eu conheço na Historia tão cheio de grandezas, tão grande em feitos, devia ser o que fôra, em epocas remotas, em tempos que não voltam...

* * *

Mas vem isto a proposito de...

A grêve dos operarios de construção civil teve um termo, um honroso termo, como era natural.

Natural... Sim, na verdade, o governo limitou-se a fazer cumprir a lei, mas, não é banal o cumprimento da lei no nosso paiz.

No entanto rejubilamos porque a parada de forças obreiras, deu-nos a impressão do valor que o operariado bem organisado póde um dia ter neste pequenino paiz.

Alguem, das janelas do ministerio, tambem viu... e compreendeu.

D. L.

RIBAS DE SOUZA

Realisou-se ontem, em Vizeu, o enlace matrimonial deste nosso querido amigo e distinto colaborador e colega do *Povo Beirão*, com a snr.ª D. Maria Antonia d'Azevedo Cruz Pereira, gentil filha do deputado da nação e grande patriota, snr. dr. José Augusto Pereira e da snr.ª D. Virginia d'Azevedo Cruz Pereira. Paraninfaram o acto, o nosso amigo, snr. Avelino Ribas de Souza, digno chefe da estação d'Arazede e sua dedicada filha, snr.ª D. Maria Ribas de Souza e os pais da noiva, sendo aqueles por parte desta e estes por parte do noivo.

Ribas de Souza é um novo, inteligente e estudioso, tendo terminado este ano o 7.º ano do liceu, com alta classificação. A noiva, uma dama virtuosa e prendadissima, pelo que aos dois está reservado um largo futuro, que lhe apetecemos cheio de sorrisos e venturas.

Brazil e Africa

Conforme o desejo d'alguns nossos presados assinantes do Brazil e Africa, e julgando interpretar a vontade d'outros, n'esta data nos dirigimos a suas familias ou representantes, residentes em Portugal, afim d'estas satisfazerem o debito dos ausentes, porque nos é impossivel dirigirmo-nos a todos, directamente.

A'queles que ainda não deram ordem de pagamento, pedimos que escrevam sem demora n'esse sentido.

De semana a semana

Discolos

E' o titulo dum artigo do nosso presado colega *A Provincia*, onde o snr. dr. Lima Duque protesta veementemente contra os acontecimentos que se deram em Coimbra, em virtude da regulamentação das horas de trabalho no comercio. Lamentamos que a autoridade, que segundo diz estava avisada, não tivesse aparecido a tempo de evitar os apupos, ofensas e prejuizos causados pelas pedras arremessadas pelos caixeiros contra alguns estabelecimentos, cujos proprietarios, não concordando com a lei da regulamentação, não encerraram as suas portas ás 20 horas, como preceitua a lei.

Nós estamos como o snr. dr. Lima Duque; lamentamos e condenamos esses desacatos, que são sempre prejudiciaes á vida dos povos, e servem apenas para demonstrar o estado de indisciplina social em que vivemos e a que é preciso pôr termo, custe a quem custar, dôa a quem doer.

Agora, o que não achamos bem é que sua ex.ª venha cognominar de *discolos* os membros duma laboriosa classe, pedindo um castigo *inexoravel* para quem, num irreflетido momento de indignação sincera, vendo-se lesado nos seus legitimos direitos, cometeu excessos desculpaveis, apresentando como martires aqueles que refletidamente e com fins politicos, provocaram esses desacatos, desrespeitando uma lei, quando afinal eles são mais prevaricadores e mais merecedores de *inexoravel* castigo do que os outros que lutavam pela justiça do cumprimento duma ordem superior.

O snr. dr. Lima Duque sabe muito bem que as leis de um paiz e as determinações de uma autoridade, boas ou más, teem que ser respeitadas, e desgraçado paiz onde tal não suceda.

Por isso, se os caixeiros são culpados, não menos culpados são os comerciantes, e se uns merecem castigo, os outros muito maior castigo merecem ainda.

E para que Coimbra não «seja ferida nos seus interesses vitaes, tomando fama de inabitavel para quem deseja viver num regimen de paz e de ordem», é preciso, não só que a autoridade evite desacatos e puna rigorosamente quem os pratica, como tambem, seja dura e *inexoravel* para quem os provoca e não cumpre as leis, perturbando a *paz* e desrespeitando a *ordem*.

Fazer figura

Parece mentira, mas é verdade!... A imprensa democratica, a proposito da atual situação politica, declara que por [illegible] possivel um gabinete democratico sob a presidencia do snr. dr. Afonso Costa, porque não se podendo, neste momento, realisar grandes problemas, a sua simples tentativa resultaria num tremendo fracasso, «ficando assim inutilisada a patriotica tarefa que o genio do snr. dr. Afonso Costa empreenderá oportunamente».

E nós a julgarmos que era nas situações dificeis que eram precisos os grandes genios e os bons estadistas!... Mas afinal enganamo-nos.

Quando a situação é má e o paiz atravessa uma crise economica e financeira, como não ha memoria, entrega-se o governo a qualquer sapateiro de escada, pois é esse o mais abalisado para resolver os graves problemas de administração publica.

Quando a situação é boa e o paiz não tem um orçamento desiquilibradissimo e graves e urgentes problemas a resolver, salta de lá um homem de genio, para, nesse critico momento, realisar «a tarefa patriotica» de salvar o paiz.

Nos outros paizes, é nas situações dificeis, que os grandes genios e os bons patriotas se reunem em ministerios de concentração, afim de resolverem os graves problemas de interesse publico e salvação da Patria.

Entre nós, nos momentos de gravidade, entregam-se os destinos da Patria a homens sem competencia, que a levarão á beira do abismo, emquanto que os grandes genios, os *salvadores patrioticos*, esses só aparecem depois de ter passado o perigo, pois é esse o momento oportuno de se fazer figura

Falecimento

A vida tem surprezas de extraordinaria comoção. Assim, na quarta-feira, logo de manhã, nos chega a triste noticia da morte do nosso desventurado amigo, José d'Oliveira Redondo, ferro-viario zeloso e competente, que a companhia portugueza promoveu por distinção ha pouco mais dum ano. Fazia serviço na Louzã. A tuberculose vitimou-o, na flôr da vida, e a Morte não teve pejo de roubar ao lar carinhoso um ente estremecido, deixando viuva e orfão á mercê do Destino!

O finado era um rapaz inteligente e com cuja convivencia a gente se sentia bem.

Procuraram todos os meios para o salvar; e ele mesmo, apegado a este agitar constante de paixões e ambições de dôres e de prazeres, que se chama a Vida, não acreditava no desenlace fatal. Olhava o futuro por um prisma côr de roza, sem se importar com a aproximação do ultimo dia, que afinal foi na quarta-feira, logo de manhã, mal o sol da desventura rompia a custo por sobre a serra que lhe fica á porta.

Choramos a perda do camarada e do amigo e enviamos aos seus sentidissimas condolencias.

SONHO DE MÃE

Creança estudiosa, assás inteligente:
e logo as provas deu, obtendo distinção
no exame seu primario... — O prazer que a mãe sente!
prazer e amôr... amôr — que é já adoração!

Oh! em sua alma então perpassa docemente
um sonho que resôa alegre ao coração:
elevar pelo estudo a logar eminente
o seu filho querido... — Eis a sua ambição!

E pois que nele vê firme e boa vontade,
ei-la, pobre, a lutar, p'ra que a realidade
do sonho surja emfim, como o fruto da flôr!...

O santo amôr de mãe! como é grande e sublime!
que de culpas — bemdito! — ele esquece e redime!
Santifica a mulher, divinisa-a, esse amôr!...

Montemór-o-Velho.

J. NEVES.

Dr. Mário Simões da Silva

O tipografo quiz que este nosso ilustre colaborador se chamasse Manuel, no ultimo numero.

Não é nenhum nome feio. Manuel se chamou Cristo, e nem por isso deixou de sofrer, segundo os versados em assuntos biblicos, as fraquezas do seu proximo.

Seja como fôr. O nosso obsequioso camarada é Mário, porque Mário foi o nome que lhe pôz o seu padrinho. E ha-de ser Mário sempre, até para desculpar estes lapsos involuntarios.

As cartas duma infeliz

Meu caro Leopoldo:

Venho de regar o crisantemo que me mandaste. Antes de o orvalhar com a agua do ribeiro que perto deslisa mansamente em direção ao mar, que chora lá longe maguas sem fim, orvalhei-lhe as pétalas odorantes com duas lagrimas de sentida saudade!

Este crisantemo tem uma historia de maguas e pezadelos.

Foi beijado por nós ambos, e ele será, por tanto, o simbolo do nosso eterno amôr. Coloquei-o ontem em cima do altar da capelita, onde meu pae morreu beijando as filhas e olhando minha boa mãe, que ainda ha dias me veio visitar a esta solidão torturante, e já são umas poucas de vezes que o fui vêr. Parece que nada me faz afastar do meu pobre crisantemo, que me olha com ternura e me pede os beijos que lhe deste.

E' noite alta e ele quer dormir. Vou-me embora e ámanhã, logo de manhãsinha, aqui estarei de volta, orvalhando-lhe as pétalas e' beijando-o contigo no pensamento.

Adeus. Tua,

Iréne.

ANTIGO ESTABELECIMENTO

— DE —

Mercearia, Tabacos e Fazendas brancas

— DE —

João Antonio Rodrigues

(SUCESSORES)

Montemór-o-Velho

Nesta casa se encontra um completo sortido em assucar, chá, café, manteiga nacional e ingleza, biscoitos, bolachas, massas, bacalhau, genebra e vinhos do Porto.

Ferragens, prego de arame e de ferro, panelas de ferro, rastilho, chumbo em barra e para caça.

Fosforos e Tabacos, por atacado. Tambem vende pelos preços de Lisboa, farinha de trigo, cimento Portland, vidraça, telha de vidro e velas de cera.

Preços resumidos

Horas d'Insónia

Suicidou-se ontem na Figueira uma senhora ilustre. Cursava a Universidade de Coimbra, e revelou sempre uma inteligencia aprimorada.

Depressa se cansou deste agitar continuo de ambições, deste mar enorme de contrariedades e sofrimentos, que se chama a Vida. Desiludiu-se na flor dos anos. Eu encontrei-a algumas vezes; e, ao vê-la, admirava a serenidade espantosa com que ela nos olhava, a nós homens cubiçosos, a nós pensadores sempre insaciados de descobrir coisas novas e de encontrar novos pretextos para manejar a pobre pena de 10 réis.

A ultima vez que a vi folheava ela, muito atenta, ali na Bibliotéca, qualquer obra cujo titulo não descortinei. Tinha no olhar a friesa do marmore e no semblante a expressão da severidade que mal dispõe. Dir-se-ia uma mulher feita de sonho esquisito e iluminada dum clarão excécional.

Eram já os sinistros presentimentos, a sombra abominavel do fim do Fim que lhe envolvia a alma atormentada!

Contudo, eu não julgo ninguem com direito de roubar á natureza aquilo que ela nos distribuio para nosso bem ou para nosso mal.

Depois, por detraz dum presente de sofrimentos e maldades, pode estar um futuro luminoso que fortifique a alma da humanidade que se contorce de definhamentos e de pezares.

Mas ele são tantos, já hoje, os que procuram voluntariamente o repouzo eterno, a solidão do alem-tumulo, que a gente não descortina se esta fobia será como que uma reparação a tantas ilusões perdidas no decorrer das edades e ah avez dos tempos.

Tambem se pode dar que a existencia terrena seja uma esfera d'ação tão limitada, que a grandeza de certas almas e a anciedade de muitos corações, se não sintam á vontade nesta órbita acanhada para o desferimento de vôos tão extraordinariamente grandes.

Chorar quem procura a Morte? Não sei se devemos deplorar quem não quiz viver. Nas nossas lagrimas e na nossa saudade pode até ir uma afronta á memoria de quem parte.

Por isso me limito a cobrir de respeitos os quatro palmos de terra que escondem o cadaver da ilustre academica que não quiz viver ou que viver não soube...

ALMEIDA JUNIOR.

Adeus para sempre!

=†=

A' memoria do meu querido e sempre chorado amigo José Nunes da Silva.

Que descance em paz essa figura magestosa, que a violencia e injustiça de uma sombra sinistra e irreparadora—a Morte—ocasionou!

Chorar, paciencia, alento, resignação, coragem e mais mil e uma coisas, tudo isso é pouco, pouquissimo, para nos vingar desse golpe profundo que acaba de ferir todos os corações bem intencionados que ha em Verride.

Que mais me reservará, um, dois ou trez dias de vida que por acaso possa ter?

Como tudo isto é triste, como tudo isto dá vontade de morrer, por nos lembrar que 14 dias antes de repousar no campo, que sempre e sempre será o verdadeiro campo da egualdade, o nosso malogrado José Nunes da Silva, em conversa intima, teve, para mim, palavras, as mais deliciosas no tocante á sua vida quotidiana, palavras, as mais esperançosas de viver uma boa dezena de anos, palavras, de ser util moral e materialmente aos seus filhinhos, e num instante, que ainda me parece um sonho, é arrancado do seu adorado lar, do nosso convivio, da admiração e orgulho de quem o conheceu em vida, porque nunca por nunca soube deitar mãos de artimanhas e *habilidades*.

Que descance em paz, repito, por em vida só ter defendido a paz, amôr e concordia!

Verride, 21 | 10 | 915.

Constantino Pereira da Silva.

A Flôr d'Abrunheira

— DE —

Joaquim de Sousa Carvalho

Fazendas de lã e algodão, ferragens, tintas, mercearia, vinhos e tabacos.

Variado sortimento de miudezas

Especialidade em chá, café, licores, etc.

ABRUNHEIRA

Os descobrimentos portuguêses

A obra verdadeiramente colossal, realisada pelos portuguêses no seculo XV, guindou bem alto o prestigio da nacionalidade portuguêsa e abriu novos horisontes ao desenvolvimento da civilisação e do comercio.

O infante D. Henrique, figura prestigiosa da nossa Historia, foi o impulsor e o iniciador dessa grande e arrojada tentativa.

Ele, alma elevadamente patriotica, sonhou o dominio dos mares, sonhou a grandêsa deste abençoado torrão que lhe serviu de confortavel berço.

Da escola de Sagres, por ele fundada, partiram os nossos primeiros navegadores que sulcaram intrépidamente as aguas argenteas do velho oceano.

Partiram em frageis lenhos, expostos aos maiores perigos, a desvendar o veu do misterio e a rasgar as densas brumas que cobriam as aguas maritimas.

Firmes e resolutos partiam com as suas almas cheias de fé, cheias de esperança no futuro do seu paiz, e no seu peito, onde crepitava intensa e refulgentemente a scentelha bendita do patriotismo, ia bem impressa a imagem querida da Patria.

E, então, lá ao longe, em regiões d'Além-mar, fundaram uma Nova Patria cheia de riquezas, cheia de gloria!!

Bendito sejas, oh Povo Português!

Coimbra, Outubro de 1915.

Mario Augusto da Silva.

Carta de Verride

21 d'Outubro de 915.

Formou-se nesta vila uma sociedade, a qual, em sessão, resolveu intitular-se Sociedade dos Interesses de Verride, sendo na mesma sessão nomeado provisoriamente o corpo dirigente da sociedade, o qual é composto pelos cidadãos seguintes:

Imidio Roque Pinto, presidente; Joaquim de Sá Junior, secretario; José Rodrigues Pinto, tesoureiro; Constantino Pereira da Silva, João Rodrigues Correia e Antonio Nunes da Silva, vogaes.

Na ultima sessão, a sociedade deliberou mandar imprimir uns manifestos para serem distribuidos no proximo domingo, convidando o povo de Verride para comparecer na Rua Direita, junto á séde da sociedade, para tratarem de assuntos urgentes.

Os fins desta sociedade são os seguintes:

1.º — Para que sejam publicas as sessões da Junta de Paroquia e da Confraria;

2.º — Que se torne publico os extratos das sessões, pelo menos no jornal do concelho, visto que o *Dever* é um jornal do povo.

=== Acha-se gravemente doente o nosso amigo e conterraneo, José Nunes da Silva, proprietario nesta vila.

Desejamos-lhe rapidas melhoras.

=== Faleceu, nesta vila, a snr.ª D. Ana Marques.

Páz á sua alma e pezames aos seus.

=== Já tomou posse da escola do sexo feminino desta vila, a ilustre professora, snr.ª D. Virginia Fernandes Duarte.

Damos-lhe as boas vindas.

=== Deu á luz uma robusta creança do sexo masculino, a snr.ª D. Emilia Pinto Geral, esposa do snr. José Cordeiro, empregado da alfandega na Figueira da Foz.

C.

O cancro social

E' geralmente nas cidades que se vê a sociedade atual eivada de vicios, perpetrando crimes que só tarde são julgados, quando termina o borborinho da onda humana que se agita em gosos efemeros.

O sol criador desaparecia no poente; e a noite, aproximando-se, convidava a repousar por alguns instantes, para com mais vigor, a humanidade continuar na constante luta que é a vida.

Uma mulher, que não viamos ha muito tempo, desde que abandonou a terra onde nasceu, caminha a passos vagarosos; o seu aspecto é tão lugubre que chama a nossa atenção, Contemplando aquela miseria, ocorrem-nos ao pensamento ideias várias.

Na causa daquela desgraça revela-se bem a origem da fome e da pobreza, que são a dôr universal.

Educada na vida do campo, onde a infancia lhe decorreu feliz, não teve quem lhe ensinasse o caminho que verdadeiramente a devia levar á felicidade, que é a mais doce méta da vida. Quando nova, incutiram-lhe no espirito o egoismo e a ganancia; e na aldeia uberrima, onde arrancára á terra o sustento para muitos dêsses parasitas que dum ao outro polo se mantêm do sangue dos pobres, teve, num momento de desanimo, a infeliz ideia de ir para a cidade, onde o capital pratica as maiores monstruosidades e se exibe no luxo excessivo, desperdiçando-se o que faz falta a tantos seres que, sem agasalho para as chagas que lhe reserva o destino, se estorcem com dôres e perecem enregelados á superficie da terra.

Nas faces enrugadas, outrora belas quando tisnadas pelo sol, divisa-se agora nitidamente o espectro da fome! Os olhos, que tantas veses prevendo o futuro sonhavam esperanças, reflectem agora o ódio, a repulsão a esta sociedade moribunda que a perdeu, e onde os vis negoceiam com a carne humana. A vida que algum dia, sonhando, julgou um paraiso, é hoje, na rialidade para ela, um completo martirio que, definhando-a lentamente, fazendo-a sofrer, ha-de vitimá-la dentro em breve.

O algôz que, sem consultar aquele coração generoso e bom, onde viveu sempre o amor e a bondade, atirou para a prostituição uma alma joven, desprotegida da sorte, aglomerando assim a já enorme multidão de infelizes, era uma déssas féras que se nutrem de sangue a gotejar. E assim, num momento, se perdeu para sempre uma alma docil e a cujo carrasco a sociedade consciente jámais perdoará.

E a Justiça d'hoje, condenando

João Antonio Rodrigues

(SUCESSOR)

Montemór-o-Velho

Correspondente das seguintes casas:

Banco Comercial de Lisboa, Banco do Minho, Banco Comercial do Porto, Banco Aliança, Banco Economia Portugueza, Banco Nacional Ultramarino, Companhia de Seguros *A Internacional*, Crédit Franco-Portugais, J. M. Fernandes Guimarães & C.ª, Pinto da Fonseca & Irmão, J. M. Espirito Santo Silva, Borges & Irmão, J. H. Tota & C.ª, e Orey, Antunes & C.ª.

ainda a vitima, ataca os efeitos sem se importar com suprimir a causa do terrivel flagelo que vai exterminando a humanidade!...

Alhadas, 5 | 10 | 15.

Antonio Anadio.

"A GUERRA,,

E' o titulo de mais um livro do fecundissimo escritor, snr. dr. Jaime de Magalhães Lima, que a primorosa livraria do nosso amigo snr. F. França Amado, de Coimbra, acaba de editar.

O distinto escritor é já suficientemente conhecido do publico, que muito aprecia a sua rara e bem disciplinada inteligencia, para que nos dispensemos de repetir o que tantas veses tem sido dito em publico.

Com efeito, o ilustre autor do *Sonho de Perdição*, *Voses do meu lar*, *Reino da Saudade* e tantos outros trabalhos de erudição, firmou mais uma vêz a sua alta competencia de literato estudioso e de patriota ardente.

A' casa editora, de F. França Amado, de Coimbra, uma das melhores livrarias da provincia, agradecemos a gentilêza da oferta dum exemplar.

Companhia de Seguros Fidelidade

Séde: Largo do Corpo Santo, 13—1.º—Lisboa

Capital emitido.	1.344:000$00
Capital desembolsado . . .	67:200$00
Reservas . . .	733:702$07,5
Prejuizos pagos	4.497:355$11

Efectua seguros maritimos e terrestres na séde e nas correspondencias.

Carta da Abrunheira

28—X—915.

De regresso de Lisboa, esteve entre nós o nosso amigo e patricio, snr. Carlos de Souza de Oliveira Canaes, habil musico de 2.ª classe, em infantaria 7, e um distinto atirador.

Trouxe-nos a agradavel noticia de ter ganho na capital, no concurso de tiro ha pouco ali realisado, diversos premios que nos mostrou, e entre eles o primeiro duma das séries, que constava dum lindo estojo para *toilete*.

Muitos parabens.

=== Fez anos no dia 25 ultimo a menina Maria do Ceu Pais, gentil filha do nosso amigo, snr. José Paes, agente, nesta localidade, da Casa Singer.

=== Vimos aqui ha dias o snr. José Nunes Bento, zeloso professor oficial nessa vila e distinto colaborador d'*O Dever*.

=== Tambem aqui estiveram hoje os snrs. Serafim da Cruz Vieira e João Cardoso, o primeiro pae e o segundo tio do snr. Jorge da Cruz Vieira.

=== Tem estado doente, encontrando-se já um pouco melhor, com o que folgamos, o snr. Alfredo Simões Graça.—*N.*

Transferencia

A seu pedido, foi deslocado para a linha da Beira-Baixa o nosso presado assinante, snr. Manuel Duarte Pereira, inteligente fiscal do governo do Movimento e Trafego junto dos caminhos de ferro.

O snr. Pereira residia ha tempo em Vizeu, onde era muito estimado pelas suas belas qualidades de caracter.

Cumprimentos.

Junta de Paroquia de Pereira

Resumo do discurso proferido na sessão de 7 de outubro de 1915, em resposta ao vogal João dos Santos Torres.

(Conclusão)

Ou pertencerão Formozelha e Arazêde a esta freguezia de Pereira? Se assim é, fala verdade o digno vogal Torres, e, por verdadeiro, se poderá tomar todo o seu ardilôso e pouco serêno discurso.

Primei sempre em cumprir com brio os meus deveres. Continuarei comparecendo, como até aqui, á hora legal para a realisação das sessões e parece-me suficiente o esperar meia hora pela comparencia dos dignos vogais. Quando não comparecer e não apresentar motivo justificado, multar-me-hei a mim proprio, como já o fiz na sessão de 26 de agosto de 1915, entrando com a respectiva multa na tesouraria. Estou, presentemente, em minoria? Tanto melhor para mim. Mais desassombrada e cabalmente cumprirei o meu mandato.

Na sessão em que o digno vogal Torres entregou escrito o seu brilhante discurso — digo *entregou* por ser falsa a parte da sessão anterior, em que réza aquele digno vogal ter pedido a palavra, ou lido qualquer coisa— tencionava eu tratar de varios assuntos de interesse para a vila, entre eles, o da aplicação do braçal, que, por tal razão, ficou preterido. Mas as coisas são o que são e não o que deviam ser, e estamos...nisto. Alguns senhores vogais não comparecem, seguidamente, ás sessões, tornando-as negativas, ou, se comparecem, é para se ocupar, assim, de politiquices sem elevação ou interesse algum colectivo, politiquices essas não só indignas das respeitaveis pessoas dos mesmos senhores vogais, mas atentatorias tambem dos bons principios e do mandato que o povo lhes outorgou. A' minha falta de senso e de memoria, se devem, afinal, todas as resoluções nobres e as medidas de caracter economico tomadas por esta Junta, como o atesta o livro das actas das sessões.

Termino, pois, mais uma vêz, exortando os dignos vogais a que afastem para longe a sombra avinhada do tal senhor supremo dêsta Junta, e desejo que estas minhas palavras constem da acta da sessão, para, a todo o tempo, se poder avaliar da razão que me assiste e me não possa ser atribuida, a mim, a improdutividade da nossa passagem por estas cadeiras. Como filho de Pereira, as minhas intenções são bôas, mas outro tanto se não dá com alguns senhores vogais, que, infelizmente, me não compreendem, ou fazem por não compreender a minha intenção patriotica, tomando assim, ao pé da letra, conselhos de individuos, que, não sendo de Pereira e tendo já passado por estas cadeiras, nada de util produziram.

Na sessão anterior ha ainda uma passagem que desejo aclarada. E' aquela que tracta de dar aplicação diversa á verba da escola. Quem lêr essa passagem, poderá julgar que eu sobrepônho quaesquer outros melhoramentos materiais aos superiores interesses da instrucão, que a mim merecem todo o carinho. Dá-se, porém, este caso. E' que, segundo me consta, a senhora D. Amelia de Fi-

gueiredo, mostrou desejos, haverá cêrca duns trêz anos, de construir, a expensas suas, esses edificios escolares, tendo até chegado já a adquirir, para esse fim, as casas das falecidas Grilas. Como essa senhora não deixará, certamente, de realisar essa sua intenção tão louvavel e altruista, acho eu, por isso, que a verba da escola e outras, não orçamentadas ainda, poderão servir para a realisação de algumas obras de fomento e utilidade imediata, como a canalisação da agua para o centro da vila. Tenho dito.

Azuil Pereira de Carvalho.

JAIME DE MAGALHÃES LIMA

A Guerra

Depoimentos de herejes

1 volume de 172 páginas, magnificamente impresso em papel de linho.

= Preço—$50 =

Edição da acreditada livraria de F. França Amado

COIMBRA

GAZETILHA

Foi ás doze da manhã,
Qu'a minha querida mamã
Me entregou os jornaes,
Onde vi, oh! que delicia,
A reforma da policia
Que tem coisas divinaes.

Belos empregos chorudos,
Com ordenados taludos
Que são mesmo tentadores,
Ha-os por lá em profusão,
Mas só os apanharão
Afilhados e doutores.

Quem não fôr rev'lucionario,
Não póde ser funcionario
Das novas repartições;
T'em direitos adquiridos
E serão os preferidos,
Mesmo sem hab'litações.

Eu que não sou nada disso,
Vou aprender outro oficio,
Pois nada posso abichar;
A não ser que o sôr doutor
Qu'está lá no Interior
Se queira de mim lembrar.

Eu tambem não peço muito,
Secretario ou adjunto
S'alguma vaga 'inda houver
E m'a queiram ofertar
Calhava mesmo ao pintar
Ao amiguinho

Jupiter.

Carta

O distinto ensaiador de dansa, snr. Antonio Maria dos Santos, funcionarto das ambulancias postais, em Coimbra, escreve-nos dizendo que só agora pôde vir publicamente agradecer ao povo de Montemór as cativantes provas de amisade que lhe deu pela ocasião dos bailes de S. João e S. Pedro.

Pede desculpa da demora havida.

O *Dever* omitiu, involuntariamente, o seu nome na reportagem, e é de justiça dizer-se que o snr. Santos é um rapaz cheio de bom gosto e que muito quere á mocidade encantadora desta vila de original beleza.

DR. AVELINO FARIA
Advogado

CANTANHEDE

Dá consultas aos domingos em
ARAZEDE
de outubro em diante e trata de qualquer questão no tribunal de Montemór-o-Velho.

Pela sociedade

Tivemos o prazer d'abraçar nesta vila, na quarta-feira, o nosso presado amigo Joaquim Coca Junior, acreditado industrial no Zambujeiro, da freguezia de Arazede.

Regressou a Coimbra, tendo retomado já os seus estudos universitarios, o nosso prestimoso amigo, snr. Alvaro da Silva Ferrão, de Arazede.

Esteve em Coimbra na segunda-feira o nosso amigo, snr. Alberto Tavares, inteligente caixeiro-viajante, do Porto, acompanhado com sua ilustre e dedicada esposa, snr.ª D. Emilia Ferrão Tavares.

DESPEDIDA

Tendo retirado precipitadamente, por motivos urgentes, da formosa terra de Arazêde, cujo povo generoso e bom tão bem me acolheu no seu seio carinhoso, foi-me impossivel despedir-me pessoalmente, como era meu desejo, de todas as pessoas da minha amizade, fazendo-o agora aqui dum modo geral, agradecendo a todos, sem distinção, as cativantes provas de gentileza com que sempre me acolheram durante o tempo que regi a escola do sexo feminino de Arazêde.

A todos, pois, os meus agradecimentos, e ofereço a minha modesta casa em Verride.

Verride, 27 | 10 | 915.

Virginia Fernandes Duarte.

Camara Municipal

Sessão de 11 de setembro

Presentes os vereadores, snrs. Monteiro da Costa, Esteves de Barros e J. Goes, servindo este de secretario, sob a presidencia do snr. dr. Simões.

Lida e aprovada a acta da sessão anterior, com um pequeno reparo.

Foi presente a seguinte correspondencia:

Um oficio do Tesoureiro de Finanças do concelho a requisitar uns pequenos reparos na sua repartição. Encarregado o mestre d'obras de mandar proceder á dita reparação.

Um oficio da professora de Abrunheira a pedir uns mapas. Resolveu satisfazer.

Um oficio da Comissão Executiva da Figueira da Foz a pedir para que seja intimado Francisco A. Mendes, de Tentugal, para que no praso de 30 dias, a contar da intimação, execute fielmente o projecto da construção de sua casa naquela cidade. Mandou que seja feita a intimação.

O mestre d'obras apresentou varias informações sobre alinhamentos e licenças pedidas. Aprovadas nos termos da lei.

Sobre uma facha de terreno baldio, no sitio das Pedrosas, aros do Moinho da Mata, requerido por Manuel Maria Caniceiro, por alinhamento, a Comissão resolveu não ceder aquele terreno por alinhamento, mas sim, por aforamento, ou então concedido pelo n.º 2.º do art. 94 da Lei n.º 88 de 7 de agosto de 1913, sendo por isso indeferido o requerimento.

Foi presente um requerimento de João Castanheira de Carvalho, a pedir por certidão quaes os snrs. vereadores presentes á sessão de 3 de julho ultimo e á seguinte de 29. A Comissão mandou que fosse passada a certidão pedida.

O snr. presidente propoz que se proceda aos reparos de estuques nas diversas repartições dos paços do concelho, aproveitando-se a ocasião de andarem cá os estucadores, podendo assim ficar mais em conta, do que depois manda-los vir. A Comissão aprovou a proposta.

O mesmo senhor propoz para que se oficiasse ao snr. Director das Obras Publicas a solicitar o subsidio dos 600$00 para as obras da escola de Verride, e mais propoz que se proceda aos reparos da travessa que liga a Rua de Jorge de Montemór com o Largo do Dr. Alves de Sousa. A Comissão aprovou as propostas.

O mesmo presidente ainda propoz mais se solicitasse do snr. Governador Civil, visto que o nosso concelho é o 3.º do districto, fosse contemplado com um destacamento da Guarda Republicana. A Comissão aprovou calorosamente a proposta.

O mestre d'obras apresentou uma informação de que no sitio do Mont'alto, da freguezia de Arazede, existe um baldio com pinheiros, pertencente a esta camara. Em vista da informação, foi ordenado ao zelador Costa que intime os cidadãos José Frade e Antonio Pessoa a vir prestar declarações á Comissão com toda a urgencia.

O mesmo mestre d'obras informou de que o proprietario Antonio M. Ferreira Monteiro, d'Arazede, havia vedado um seu predio com um muro d'alvenaria, sem previa autorisação municipal. Foi ordenado ao mesmo zelador que se informasse da verdade.

O guarda Figo deu conhecimento que o aqueduto da estrada municipal junto á estação de Formoselha está muito arruinado, precisando de urgente reparo. A Comissão mandou fazer a urgente reparação.

Autorisou e mandou pagar varias despezas.

Em seguida foi encerrada a sessão.

Secção de Variedades

Podim de castanhas

Cozem-se as castanhas, descascam-se, e passam-se por uma peneira. Depois de passadas, pesa-se a massa e a cada kilo adicionam-se 130 gramas de manteiga derretida, 3 sementes de erva doce bem pisada, uma pitada de canela, dois decilitros de leite e um decilitro de vinho fino, cognac ou qualquer licôr aromatico.

Mexe-se tudo bem mexido.

Em separado batem-se 6 gemas e 9 claras d'ovos, com 350 gramas de assucar, depois de bem temperadas de sal.

Pouco a pouco deitam-se os ovos com assucar na massa das castanhas, mexendo sempre. Em estando tudo ligado, deita-se em uma fôrma bem untada com manteiga, pulvilhada com assucar fino e vae ao forno a coser.

E' uma pestiqueira de se lhe tirar o chapeu.

O Bem-estar do Povo Alemão
Pelo Dr. Karl Helfferich, ministro das finanças da Alemanha

Tradução cuidada pelo escritor José d'Almada.

= Preço—$50 =

Edição da acreditada livraria de F. França Amado

COIMBRA

Pedro de Noronha

Por telegrama vindo da America do Norte, sabemos ter chegado já a Nova-York esse nosso presado amigo, que ha pouco mais dum mez partiu para terras desconhecidas, onde certamente a sua inteligencia e a sua sã educação lhe darão prestigio e sorte.

Muito folgamos.

Contingente para a armada

O concelho de Montemór-o-Velho tem a dar, do recrutamento do corrente ano, apenas um mancebo para a armada, pertencendo esse serviço a Henrique Pedro de Jesus, filho de João Pedro, já falecido, e de Ana de Jesus (Bucana), natural desta vila.

O DEVER

SEMANARIO DEFENSOR DA UNIÃO DA FAMILIA PORTUGUEZA

Assinaturas
(Pagamento adeantado)

Trimestre	0$32
Semestre	0$62
Ano	1$22
Continente e Africa	
Trimestre	0$35
Semestre	0$65
Brazil e Africa Oriental	
Ano	2$00

Numero avulso, $04

Publicações

Comunicados, 0$06 a linha; anuncios, na 1.ª pagina 1 vez, 0$10 a linha; na 2.ª, 0$80; na 3.ª e 4.ª, 0$06. Repetições, metade d'este preço.
Por mais de um mez, preço convencional.
Selo, cada publicação, 0$01.
Os assinantes teem desconto de 25 0|0.

Não se aceitam informações anonimas nem se restituem originaes, quer sejam ou não publicados.

Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autôres.

Companhia Geral de Credito Predial Português

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

Séde Social: Travessa de Santo Antonio da Sé, n.º 21

LISBOA

Esta Companhia realisa actualmente emprestimos hipotecarios a longo praso, cujo encargo, compreendendo juro, comissão, amortisação e depreciação dos titulos, é inferior a 7 %, tendo os mutuarios a faculdade de antecipar os seus emprestimos, total ou parcialmente e em qualquer época, em dinheiro ou em obrigações da mesma taxa e tipo das que fôram entregues no acto do contrato. Recebe e guarda nas suas magnificas **Casas fortes** quaisquer papeis de credito, encarregando-se de receber os respectivos juros.

Pedir esclarecimentos a Fernando da Silva Coelho Pessoa — Montemór-o-Velho — ou diretamente á Séde da Companhia.

Luiz Maria Lopes & Bertão

Negociantes de sal e vinhos,
em vagons,
para diversos pontos do paiz

12—R. Fernandes Tomaz—14
9—Rua da Republica—11
Telefone n.º 205.

FIGUEIRA DA FOZ

Arrematação

(1.ª publicação)

NO dia 7 de novembro proximo, por 12 horas, vão á praça, á porta do Tribunal Judicial desta vila, para serem vendidas pelo maior lanço oferecido sobre os valores adeante mencionados, os seguintes predios penhorados na execução hipotecaria que José Fernandes Rocha, da Caixeira, move contra João Gaspar e mulher, de Reveles, a saber:

Uma terra lavradia nos Cidraes, com arvores de fruto e dois poços d'agua, na freguezia de Reveles e que parte, do norte e poente, com Tereza Helena. Vae á praça por quarenta escudos.

Mil e oitenta metros quadrados (ou duas aguilhadas) de terra lavradia na Burraceira, freguezia de Reveles, que parte do norte com o Rio Mondego e do poente com Antonio Coelho. Vae á praça por dezoito escudos.

Mil e oitenta metros quadrados (ou duas aguilhadas) de terra lavradia na Burraceira, freguezia de Reveles, que parte, do norte com o Rio Mondego e do poente com José Garcia. Vae á praça por dezoito escudos.

Pelo presente são citados para a arrematação quaesquer interessados incertos.

Montemór-o-Velho, 12 de outubro de 1915.

O Escrivão,
José de Paiva Bobela Mota.

Verifiquei a exatidão.

O Juiz de Direito,
Amaral Pereira.

HOSPEDARIA DO PAÇO DO CONDE

— DE —

JOSÈ DOS SANTOS

Rua Adelino Veiga, 36 a 40 — Rua do Paço do Conde, 10

COIMBRA

Vinhos, comidas e tabacos.
Recebem-se comensais por preços modicos.
Camas para pernoitar.

Esta casa, com a transformação por que acaba de passar, melhorou consideravelmente todos os seus serviços, achando-se habilitada a receber hospedes de qualquer categoria, oferecendo-lhes comodidades por preços baratos. Esmero e prontidão no serviço de meza, para o que tem pessoal competente.

O mesmo proprietario negoceia em cereais e legumes de todas as qualidades, tais como farinhas, semeas, batata, castanha, palha enfardada, cordas e adubos quimicos.

Rua Adelino Veiga — 44, 48

O seu armazem é já muito conhecido.

Telefone 379.

OFICINA-GARAGE DE COIMBRA

LOBO DA COSTA & CASTANHEIRA

Grandes oficinas mecanicas para reparações de automoveis; fabrico de carretos, pinhões e corôas em aço; cementação e temperas; vulcanisação e fundição de metaes. Recolha e tratamento. Ensino. Automoveis de aluguer de $08 a $20 o quilometro e 9 lotações de 1 a 18 passageiros. Acessorios, gazolina e oleo. Transações em carros de 2.ª mão. Serviço especial, para bem servir os Ex.mos Clientes da provincia.

RUA DA FIGUEIRA DA FOZ — 170

COIMBRA

Local conhecido por «Casa do Sal» á entrada da cidade pela estrada do Porto.

Telefone, 502 — Telegramas «Garage, Coimbra»

AGUA DE LUSO (Medalha d'ouro, Madrid 1913.) Cura pela Diurése

(ESTABELECIMENTO TERMAL E HOTEIS ABERTOS TODO O ANO)

A mais diurética e mais digestiva. Aumenta a diurése, regularisa as funções digestivas e ativa os fenómenos nutritivo

Muito radioativa—4,49 miligramas—minutos
Muito ionisada, resistividade a 18° 18300 ohms
Muito rica em gazes raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotonica, ponto criospico 0°,04

} Conclusões da analise feita pelos distintos professores Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitissimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tifico

USO EXTERNO—Molestias de pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc,), reumatismo e gôta.
USO INTERNO—Artritismo, impaludismo, neurastenia—Albuminuria, diabetes—Intestinos, estomago—Rins—Bexiga.

Depositos — **LISBOA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros, 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 428. FUNCHAL, José Quirino de Castro, rua dos Murças. AFRICA ORIENTAL: Oswald Offmann. BEIRA: F. L. Simões & C.ª. LOANDA: Beltrão, Pena & C.ª**, e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositarios nas terras onde ainda os não haja.

Portugal Previdente

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima — Responsabilidade Limitada

Capital **UM MILHÃO** de Escudos

SÉDE — RUA DO ALECRIM, 10 — LISBOA
N.º Telef.—1849 End. Teleg.—VIDA

Seguros contra incendios de predios, fabricas, etc.
Seguros de estabelecimentos e mobiliarios.
Seguros agricolas de ceáras, eiras, palhas, arvoredos, etc.
Seguros de maquinas e utensilios de lavoura.
Seguros contra incendio proveniente de gréves e tumultos.
Seguros de transportes maritimos e postaes.
Seguros contra roubo de habitações e estabelecimentos.
Seguros contra fraude de empregados.
Seguros contra a quebra de cristais.
Seguros de vida, pensões, dotes e reformas.
Seguros contra acideute de trabalho.

Agencias em todas as terras importantes do paiz, ilhas e colonias.

Sucursal no PORTO — Rua Passos Manoel, 21.

BANQUEIROS—**Borges & Irmão**—Porto e Lisboa

Antonio Pereira de Carvalho

Proprietario dos Grandes Armazens de Bicicletas, Maquinas de Costura, Pianos e toda a qualidade de acessorios.

A maior e mais antiga casa no genero

Oficina para todos os concertos, afinações e reparações em bicicletes, motocicletes e maquinas de costura.

Artista mecanico habilitado.

Vendas, alugueis e trocas.

Preços sem competencia

34—Avenida Navarro—36

(Estrada da Beira)—COIMBRA

Companhia de Seguros A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz

Antonio d'Oliveira Guerra

RUA DA REPUBLICA, 84

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem deposito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se tambem de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fóra de Coimbra

FABRICA DE CAL

Cal fina e grossa, fornece-se em muito boas condições. Preços modicos, sobre o wagon, no caminho de ferro e nos proprios fornos.

Agente de telha tipo marselha e tijolos de todos os formatos, da fabrica Lacerda, Figueiredo & C.ª Limitada, da Pampilhosa.

Pedidos a

Joaquim F. Coca Junior
Zambujeiro—Arazede

AOS AGRICULTORES

Estão proximas as sementeiras de nabos e cereais, e por isso previno todos os meus estimaveis freguezes que façam novas encomendas de **adubos quimicos** e **organicos**, da acreditada casa Varela Leal & C.ª, das Varzeas, os quais se encontram á venda em minha casa, no **Casal do Gaio — Arazede.**

Manoel Monteiro Godinho.

Aos proprietarios de Lisboa e Porto

Grande economia

A MUNDIAL, de acordo com os seus importantes reseguradores resolveu efectuar seguros de propriedades, sem uso ou contiguidade perigosa, ao premio de:

$08 por cada . . . . . 100$00
ou $80 » » . . . . . 1:000$00
de capital seguro

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital, Escudos . . . 500:000$00
Reservas em 1914 . . 64.244$75

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmão (Banqueiros)

Praça da Liberdade, 138 — Telefone 1459

Agencias e Delegações em todo o paiz, ilhas e colonias.

Restaurante Ferro-viario ALFARELOS

ESTE bufete, um dos que melhor servem o publico que transita nos comboios, acha-se situado na estação do caminho de ferro de Alfarelos. Fornece almoços, jantares e *lunchs* e toda a qualidade de refeições, por preços comodos.

Tem pessoal habilitado, tanto em cosinha como em sala de mesa.

Tudo se encontra com esmero e perfeição.

Fornece comida para fóra, e presta-se a servir em casamentos, batisados, etc., desde que seja prevenido com antecipação.

O proprietario, **Artur de Oliveira Coelho.**

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legitimos acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de fórma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamavel, isca em cordão vendida fraudulentamente a titulo de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva acção civil de perdas e danos contra os delinquentes; independentemente da multa ao Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando-se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalisação para procederem ás necessarias diligencias. Dirigir-se pessoalmente ou por carta á Companhia Portuguêsa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS MELO & MARTINS

PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada

PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiencia dos nossos adubos, devido ao seu magnifico resultado os adoptarão de preferencia a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro
PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex.mos passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.

Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA

Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.
PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações

Deposito das afamadas aguas de Luso.

Guilherme dos Santos Pinto & Irmão

COM

OFICINA DE CANTEIRO

Encarregam-se de jazigos de toda a especie e todo o serviço concernente á sua arte.

Tambem executam todos os trabalhos que digam respeito a *Plantas, Alçados, Copias, Projectos e orçamentos de edificios, edificações, etc.*

Montemór-o-Velho=Verride

Biblioteca da Universidade
Coimbra

Ano 4.° Montemór-o-Velho, 7 de Novembro de 1915 N.° 194

DIRECTOR, PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR
Almeida Junior
SECRETARIO DA REDACÇÃO E EDITOR
Abel M. de Melo Brandão
REDACTOR PRINCIPAL
Mário Augusto Mota

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguêsa

Pátria e Humanidade

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Dr. José Galvão
MONTEMOR-O-VELHO
DIRECÇÃO:—COIMBRA
(para onde deve ir a correspondencia)

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. Silva (a vapor)—AVEIRO

Em terra alheia

O CASTELO DE LEIRIA

Por se prender com os interesses da nossa terra, a seguir transcrevemos, dando-lhe o logar merecido, o brilhante artigo do nosso querido amigo e ilustre colaborador, José Pereira Pinto, que por algum tempo residiu nesta vila e conhece de perto o marasmo do seu povo e a maneira porque, em vez de avançar, nos deixamos embuir no indiferentismo criminoso que acabará por nos perder.

Destacamos as considerações que dizem respeito ao nosso castelo, e a cuja lastima outros colaboradores se referiram já, ao menos para estimular o nosso povo e para o acordar do sono em que se vem deixando definhar.

Fala assim o nosso amigo no ultimo numero do *Leiria Ilustrada:*

Prende-me a Leiria uma forte simpatia não só pela amenidade do seu clima, pela poesia do seu Liz, mas sobretudo pelas amisades sinceras que nela encontrei, e preso todo o seu engrandecimento, como se fôsse da minha própria terra.

Ora o ultimo numero do *Leiria Ilustrada* falava dos trabalhos da Liga dos Amigos do Castelo que tem interessado os habitantes da cidade, e talvez não sejam descabidas algumas considerações sôbre o assunto.

Todas as terras de Portugal deviam fundar uma liga que tivesse ao seu cargo o engrandecimento das mesmas terras.

Algumas ha que devem tudo o que são a essa união dos seus filhos.

Figueira da Fós, por exemplo, teve a sorte de ter duas ligas que se arregimentaram em campos politicos com o mesmo alvo, estimulando-se uns no trabalho dos outros, e tenho a certeza de que muitos leirienses hão-de ter constatado o progresso verdadeiramente notavel dessa linda terra.

A antiga Porcalhota teve igualmente a dedicação de alguns filhos que principiaram por um club de jogos sportivos e dentro de pouco tempo fez a terra tanta diferença que até o nome mudou, e hoje a Amadora é uma estancia de verão com chalets magnificos e tão frequentada como Cintra, Cascais ou Estoril.

Ora Leiria tem excelentes condições de vida. O Liz, inteligentemente aproveitado, podia dar-lhe mais movimento e mais luz.

Uma carreira de elétricos da estação á Batalha, uma captação de aguas distribuidas aos domicilios, uma canalisação de esgôtos mais aperfeiçoada, um parque circundando o castelo e mil outros melhoramentos tornariam Leiria mais atraente e iniciariam de certo o seu rápido engrandecimento.

E' claro que Roma e Pavia não se fizeram num dia e a fundação da Liga dos Amigos do Castelo é decerto o primeiro passo dos verdadeiros amigos de Leiria.

Como o Castelo ainda teve a sorte de deitar até aos nossos dias, no estado que o torna um dos primeiros de Portugal, é que é para admirar.

Teve Leiria essa sorte e decerto não é daqui em diante que o deixarão morrer.

Um conheço eu e não muito longe de Leiria, que teve uns amigos do diabo que lhe arrasaram muralhas, que deitaram abaixo paredes dum antigo palacio de D. Branca, irmã de D. Diniz, que esfacelaram colunas de marmore, verdadeiros trabalhos de arte e que depois de demolirem, arrasarem, e aplainarem, foram construir no seu recinto—o cemiterio!

Em montemór-o-Velho é a morte que pesa com toda a fôrça do seu mistério sôbre os destinos da vila.

O de Leiria teve mais sorte e a Liga a que deu origem há-de com certeza embeleza-lo como merece.

Se é tão fácil afinal trabalhar para a colétividade, unindo-nos para o engrandecimento da terra que a todos serviu de berço, porque não se despresará a luta mesquinha de partidarismos ridiculos que apenas produzem a desunião e o esfacelamento dos povos?

A Liga dos Amigos do Castelo deu com a sua fundação um belo exemplo de solidariedade. Que ela se engrandeça, que no mesmo pensamento una a cidade ao Castelo e Leiria engrandecer-se-ha porque nunca o verdadeiro trabalho ficou sem recompensa.

J. Pereira Pinto.

De semana a semana

Patriotica atitude

O snr. Aresta Branco, numa conferencia que realisou na União Republicana, falando da atitude parlamentar dos seus correligionarios, desde 14 de maio, nota «ser preciso muito desassombro, muita coragem e desprendimento da propria vida até, para fazer o que eles fizeram».

Depois, referindo-se á declaração de voto dos unionistas sob a saudação proposta pelo snr. Leote do Rego ao exercito, marinha e povo, que tomaram parte na revolução, e á rejeição do projecto sobre os funcionarios publicos hostis ao regimen, termina por estas palavras: «Tal foi a nossa atitude nessas duas sessões do Congresso, que hão de ser memoraveis para a historia da Republica, mas que os vindouros hão de fatalmente condenar».

Calculem que *patriotica* era a acção dos parlamentares unionistas, que era preciso não ter *amor á vida para fazerem o que eles fizeram*, e que *beleza* de atitude foi a sua para um dos proprios parlamentares, e dos mais cotados marechaes desse partido ter a certeza «que os vindouros a hão de fatalmente condenar».

Vai saber

Na mesma conferencia, o snr. Aresta, lendo o final da mensagem apresentada pelo presidente do ministerio na reunião do parlamento, após o 14 de maio, em que o snr. José de Castro declarava que, feitas as eleições, estava finalisada a missão do governo, comentando-a, diz: «Porque ela não finalisou já, não compreendemos; e como ela hade finalisar ainda não sabemos».

Pois vai saber!...

Não finalisou já, porque o snr. José de Castro *tem feito tão bonita figura*, que seria o cumulo arrancá-lo da cadeira da governação, onde está agarrado como a ostra ao rochedo.

E ha de finalisar, ou por nova [illegible] unionistas, ou por fazer tantas tolices como até aqui.

Quem fala verdade?

Andam em acesa polemica *O Mundo* e *O Seculo* por causa da questão do emprestimo. O primeiro diz que os banqueiros se ofereceram a tomar as inscrições como garantia do emprestimo, mas em «condições verdadeiramente ruinosas para o Estado».

O segundo, afirma ser «absolutamente falso» o que diz o *Mundo*, pois os «banqueiros apenas se limitaram a aconselhar esse recurso ou o da emissão das notas e nada mais».

Quem fala verdade: o orgão do governo, ou o orgão dos banqueiros?

Tem a palavra o snr. ministro das finanças.

Freio

A Provincia, num artigo assinado por um snr. *Futrica*, a proposito da regulamentação das horas de trabalho no comercio, depois de chamar *ditadorsinho* ao snr. dr. Antonio Leitão, diz:

«Ah! que a ditadura é uma especie de goludice, um bolo que se dá ás crianças. A principio comem só um bocadinho, mas depois, é tão bom... não ha que resistir-lhe e... *papam* tudo!

Freio, pois!! Assim o aconselhava o professor francês».

Está compreendido o motivo porque os evolucionistas apoiaram a ditadura Pimenta de Castro; não resistiram ao tal bolo e... *papam*, comeram-no todo.

E o 14 de maio está justificado; foi o tal *freio* aconselhado pelo professor francês.

Isso virgula!...

O Seculo, continuando a mostrar a necessidade da mudança ministerial, devido ás atuais circunstancias e ás muitas questões que agravam e embaraçam a vida nacional, diz:

«E' necessario que, em vez de um ministerio de caixeiros-viajantes, como o do snr. José de Castro, haja um governo que alie á competencia a energia, á previdencia a acção instigadora e protetiva; que seja obstinado e fiel ao cumprimento da missão que se tratar»

E' preciso que *O Seculo* não confunda. Os caixeiros viajantes são muito diferentes dos *viajantes ministeriais* do snr. José de Castro. Os primeiros, só oferecem aquilo que pódem vender, teem competencia, energia, previdencia, acção protetiva e são fieis cumpridores da missão de que os seus chefes os encarregam. Os segundos, não reunem nenhumas destas qualidades, fazem oferecimentos que sabem não poder cumprir e, emquanto á missão de que foram encarregados, lá se tem visto a sua fidelidade.

Caixeiros viajantes!!... Isso virgula!...

Tem muita razão

Numa reunião realisada pelos revolucionarios do 14 de maio, onde todos os oradores foram de opinião que se instasse junto do governo para que fosse colocado num dos altos cargos da policia o seu correligionario, ex-sargento Armando do Carmo, o coronel Alexandre d'Almeida Oliveira, depois de protestar «contra a falta de moralidade que vai lavrando nas instituições republicanas, afirma que as repartições do Estado estão infestadas de verdadeiros vampiros, que sugam lentamente o orçamento».

Tem muita razão o snr. coronel.

Fóra já com os antigos vampiros que sugam o orçamento do Estado, para dar entrada aos novos comilões que o devorarão em pouco tempo.

E viva a *moralidade!*

Ainda bem

Na mesma reunião o snr. Raimundo Alves «declara que está convencido de que o governo não atenderá as solicitações das agremiações politicas e de alguns oficiais da guarnição da capital a favor de Armando do Carmo, porque os logares da policia já estão todos preenchidos, não por republicanos, mas por arrivistas, cujas crenças republicanas são muito duvidosas».

Ainda bem que o snr. Raimundo conhece os seus correligionarios e as suas crenças.

Que lhe agradeçam os snrs. Antonio Joice, Tavares de Carvalho e outros *arrivistas*, que vão ser nomeados para os altos cargos da policia.

E o snr. França Borges que tanto tem defendido o governo, que continua dispensando a sua protecção ao snr. Raimundo para que seja administrador perpetuo em Loures e oficial do registo civil no mesmo concelho.

Que haverá?

Informa *O Seculo* que no conselho de ministros «se tratou de um assunto de certa gravidade que se relaciona com a Africa Oriental».

O snr. ministro das colonias nega que se tenham dado acontecimentos de gravidade na nossa Africa Oriental.

E *O Seculo* responde ao snr. ministro, que o «desmentido não desmente nada» visto ele não ter dito que se «tivessem dado» nem tão pouco falado na «nossa» Africa Oriental. E termina dizendo que «Para evitar mais confusões diremos que os boatos se referiam a assuntos que se relacionavam com o sudoeste alemão».

Vê, snr. ministro das colonias! é preciso ter muita cautela quando se trata de assuntos que não se quer que se saibam.

Alvarenga Peixoto dizia:

Aplicai ao conversar
Todos os cinco sentidos,
Que as paredes teem ouvidos,
E tambem podem falar:
Ha bichinhos escondidos,
Que só vivem de escutar.

E os jornalistas estão nestes casos.

Mas que haverá?...

Brazil e Africa

Conforme o desejo d'alguns nossos presados assinantes do Brazil e Africa, e julgando interpretar a vontade d'outros, n'esta data nos dirigimos a suas familias ou representantes, residentes em Portugal, afim d'estas satisfazerem o debito dos ausentes, porque nos é impossivel dirigirmo-nos a todos, directamente.

A'queles que ainda não deram ordem de pagamento, pedimos que escrevam sem demora n'esse sentido.

A apologia do casamento

(A ALMEIDA JUNIOR)

No seio da nova geração, não só nascida mas tambem creada sob uma atmosfera de terror — talvez nuncio cruel dum porvir incerto— multiplos são os problemas cuja solução preocupa seriamente o espirito de quem, por falta de idade e de experiencia, ainda se não habituou a concentrar os pensamentos durante cinco minutos seguidos. Um deles, sem duvida o principal por ser o mais vulgar e o mais dificil de resolver, é o problema do casamento. Pretendem uns que a solução positiva é absolutamente prejudicial ao homem por lhe roubar a liberdade de agir á sua vontade; argumentam outros que a solução negativa importa o desrespeito pelas fórmulas estabelecidas desde as eras mais remotas e o contagio nefasto duma libertinagem destruidora da maravilhosa engrenagem universal que se chama — Vida.

Quanto a mim, que no pleito figuro como partidario com ideias definidas, inclino-me a apoiar o segundo dos grupos litigantes.

O homem está, por sua natureza, subordinado ás leis que matematicamente regem o Globo e tudo o que nele assenta. Por esse motivo ele tem infalivelmente que dar execução á *lei da reprodução da espécie humana*, no caso, é claro, de se encontrar fisica e moralmente em condições de se desempenhar dessa missão. Neste caso a solução positiva do problema é a unica perfeita, a não ser que a sociedade estabeleça novas bases, pelo menos, em que assente por sua vez um novo conjunto de fórmulas que, dum modo geral, satisfaçam plenamente a execução das leis naturaes. A perfectibilidade da solução positiva manifesta-se primariamente no modo como se asseguram os progressos vitaes e a conservação dos pequeninos seres, ostentando-se complementarmente nos cuidados e na vida regrada

que servem de norma ao chefe de familia. Se o atual sistema sociologico fosse inteiramente observado pela comunidade, a prostituição prescindiria dos numeros nas estatisticas oficiaes. Tudo isto mostra concisa e claramente que o casamento é a fórma mais perfeita de prover á conservação da especie e aos progressos sociaes.

A solução negativa tem dois pontos de vista sob que podemos examinal-a; a completa abstenção das necessidades sexuaes e a satisfação delas sem abdicação das regalias concedidas por esta solução.

Sob o 1.º ponto de vista o homem é um ser perfeitamente neutro em relação á evolução numerica dos componentes da Humanidade: morre e não deixa quem o substitua no seu papel familiar. E a solução positiva é, em comparação com este caso raro, superiormente benéfica. Sob o segundo ponto de vista o homem é livre mas prejudicial ao grémio a que pertence, porque a sua liberdade vai encarcerar a mulher entre as quatro paredes do lupanar e prender a criança aos caprichos maldosos do Destino, ao circulo mortal da fome e aos vislumbres traiçoeiros do crime. Além de que o homem nestas condições acaba por se deixar vencer pelo vicio, apodrecendo-se e depauperando a sua incógnita descendencia. E' boa a liberdade e a sua concepção é deslumbrante, mas para o ser deve conquista-la a honra e a moral, e nunca a maldade aliada á subtileza da féra.

O casamento é, pois, consentâneo com as leis da Natureza e com as convenções da sociedade. O celibato, pelo contrário, só póde acomodar-se aos principios de um daqueles elementos.

A esta altura deverei ter dado um pequeno passo—passo humilde de humilde criança inexperiente—para a consagração do Amôr e para a apologia do casamento, baseando nessa causa e nesse efeito a Paz de que necessita o homem para promover o Progresso brilhante e duradouro de que é suscetivel o seu engenho.

Coimbra, 23 | 10 | 1915.

José Seabra Cascão.

N. da R.--Este assunto é um dos que mais se prendem á atenção social, e porque de certo modo o ilustre sinatario faz judiciosas considerações, que se não harmonisam perfeitamente com as ideias defendidas pelo nosso director, ele responderá no proximo numero, procurando demonstrar que a unificação da familia não tem a sua base essencial no casamento, absurda convenção dos povos aliás descabida neste seculo progressivo que já vamos atravessando.

A aleluia magnifica da emancipação da familia aproxima-se; e então a sociedade se saberá unir pelos laços indestrutiveis do Amôr.

JAIME DE MAGALHÃES LIMA

A Guerra

Depoimentos de herejes

1 volume de 172 páginas, magnificamente impresso em papel de linho.

= Preço—$50 =

Edição da acreditada livraria de F. França Amado

COIMBRA

Inspecções dos animaes e carros em novembro de 915

Em Montemór, com Carapinheira, Reveles, Montemór, Verride e Vila Nova da Barca, nos dias 14, 15 e 16.

Em Santo Varão, com Pereira e Santo Varão, no dia 11.

Em Tentugal, com Means e Tentugal, no dia 12.

Em Seixo, com Arazede, Gatões, Seixo e Liceia, no dia 12.

Transgressões

Em virtude de existir grande numero de processos por transgressão no tribunal judicial de Coimbra, o respectivo juiz de direito expoz ao snr. ministro da justiça a conveniencia de ser criado naquela cidade um tribunal para julgamento dos processos por transgressão e execuções.

ANTIGO ESTABELECIMENTO

— DE —

Mercearia, Tabacos e Fazendas brancas

— DE —

João Antonio Rodrigues

(SUCESSORES)

Montemór-o-Velho

Nesta casa se encontra um completo sortido em assucar, chá, café, manteiga nacional e ingleza, biscoitos, bolachas, massas, bacalhau, genebra e vinhos do Porto.

Ferragens, prego de arame e de ferro, panelas de ferro, rastilho, chumbo em barra e para caça.

Fosforos e Tabacos, por atacado. Tambem vende pelos preços de Lisboa, farinha de trigo, cimento Portland, vidraça, telha de vidro e velas de cera.

Preços resumidos

Crónica de Lisbôa

Vão caíndo, pouco a pouco, as folhas amarelecidas do arvoredo. Caminha a passos agigantados o inverno tristonho e tempestuoso.

São como a vida, que o inverno do tempo destrói; são como a vida que, apoz a pujança fecunda, alegre e esperançosa da mocidade, procura o solo que a transforma, curva-se para a terra-mater, anceia a paz, o silencio, o esquecimento, o nada. A missão cumpriu-se; resta a morte...

Na primavera a folha tenra despontou do tronco, pequenina, dum verde-claro, lindo, aveludada, fina, mimosa. Cresce; cresce para nos dar a sombra nas tardes de calma, para abrigar os ninhos das aves que amam, para alimentar a multidão de insectos que nelas se abrigam, para embelezar o grande quadro, o quadro surpreendente que a Natureza não poderia pintar se a arvore não existisse.

Depois, o estio aproxima-se e a folha verde e tenra, carquilha, toma rugas, os seus veios salientam-se e a côr vai-se desbotando pouco a pouco. Das flôres que engrinaldavam as franças já nada resta. Voaram as pétalas, diluiram-se os estames, sumiu-se o polen; só resta a folha que o tempo emurcheceu, dum amarelo esverdeado, doente, funéreo.

E a folha cái.

A vida é como a arvore; os homens são como as folhas. A mocidade sonhadora é, na vida do homem, a sua primavera. A quimera ofusca o rasoavel; a utopia é a realidade do momento; festões de flôres emolduram todas as aspirações.

Qual é o moço que não tem tido um sonho de gloria; fantasiado a fama, o amor, a felicidade ao alcance da dextra, ao simples impulso de um desejo?

Nenhum. E, no entanto, quando a côr verde-claro da sua vida se torna algo carregada, quando a mocidade ruidosa passou a meta dos anos e o convoca á ponderação e o desperta do sonho fantasista, ele reconhece quanto enganam os impulsos da mente esbrazeada e sonhadora.

Evoca o passado; o tropél das ilusões ocorre como que a escarnecel-o, como que a espicaçal-o no seu amor proprio, como que a perguntar-lhe escarninho pela gloria florida de que tão perto julgava estar!

Apresenta-se então a realidade da vida e ai do que titubiar, ai do que se deixar embalar pelo canto de sereia da imaginação moça.

A luta pela existencia impõe-se; não permite que se vacile um momento; um passo errado resulta um prejuizo dificil de aplanar.

A vocação terá de se torcer, as aspirações terão que se esmagar, a imaginação deverá calcar-se aos pés e impunhando-se o gladio da luta de que tantos não podem servir-se, tem o homem que defrontar-se com o positivismo do existente, as ambições, os odios, as paixões. Deve lutar com furia, com ferocidade, sem um vislumbre de compaixão no coração e no olhar; do contrario, achar-se-ha perdido; achar-se-ha abandonado; achar-se-ha sem pão e sem lar.

Terá de sufocar o sentimento generoso tantas vezes, que um dia encontra-lo-ha morto na sua alma!

Perguntará colerico ao Acaso porque o contrariou nos seus sonhos, porque anulou as suas aspirações, porque desfez as utopias da sua mocidade.

O Acaso insensivel rir-se-ha e esse riso petreficar-lhe-ha mais ainda o coração.

O positivismo tornar-se-ha, pouco a pouco, senhor do homem que luta; da mocidade ficar-lhe-ha a recordação agradavel e triste, egual á que teria da mulher que o amasse muito e tivesse morrido nos seus braços...

Encanecera de subito, uma corôa de prata glorificar-lhe-ha o trabalho e o martirio; breve terá o manto dos deuses para coroar a homenagem — a mortalha.

No interregno evocará, novamente, o passado e contemplará a mesquinhez da sua obra, a particula microscopica que representa todo o seu esforço, todo o seu sacrificio, toda a sua ambição. Vê-se como a folha, amarela, cheia de rugas, prestes a tombar no solo.

O seu cansaço representa o termo da sua missão, o fim da sua viagem, o quanto é nulo o seu ser perante a natureza que lhe impõe silencio e repouso...

E a folha amarela, encarquilhada, sem viço, tomba no solo, sem vigor, sem vida.

No entanto ela não canta como o homem de hoje, a sua magua, a sua tristeza, a sua dôr por reconhecer a beira do sepulcro, a margem do coval, que lutou, sofreu, amou, mas não viveu:

Et j'ai vu comme une ombre vaine
S'evanouir mon beau printemps!

D. L.

Fornecimento de trigo

O Sindicato Agricola da Mealhada solicitou do snr. ministro do fomento que lhe seja fornecido trigo de Rieti, para sementeiras dos seus associados.

Crónicas liciais

Abriram ha dias as aulas no liceu, começando consequentemente o novo ano lectivo.

Todos se apresentaram alegres e satisfeitos, denotando-se em todos os rostos uma certa energia, propria de quem está predisposto a encetar corajosamente o novo ano lectivo, vendo-se que todos procuraram, quer fosse na praia, quer fosse no campo, recuperar as inergias perdidas no ano transato.

E' comovedor e belo vêr os abraços que se trocam, as saudações que sáem de todos os peitos.

A Academia — essa Academia sempre boa e generosa — envolve-se num grande abraço de confraternisação, pois os seus membros estão de novo reunidos na tradicional cidade academica, prontos, como se um só fossem, a defender com altivez e nobrêsa os seus mais caros interesses, prontos a embrenharem-se na senda dos estudos, afim de concluirem os seus cursos para depois poderem conscienciosamente oferecer os seus serviços á Patria que, estou certo, todos amam com o mesmo acrisolado amôr, com o mesmo respeito e veneração que suas proprias Mães.

E assim deve ser, pois são todos eles quem no futuro guiará os supérrimos interesses da Patria, quem a defenderá obstinadamente no campo politico, no campo jornalistico, no campo de batalha, enfim em todos os campos de defeza da Patria.

São eles os homens do futuro, o esteio desta nacionalidade que, mais do que nunca, precisa de homens que a conduzam gloriosamente pelo caminho do Progresso, que a coloquem ao mesmo nivel moral e intelectual das nações que cultivam adiantados graus de Civilização.

E' preciso, pois, que todos os esforços se fundam num só possante e indestrutivel, afim de redimir esta Patria e de auxiliar alguns dos nossos patriotas cujo trabalho insano é improficuo em virtude de se não terem ainda congregado todas as almas generosas e patrioticas.

A'vante, academicos, ávante!

Coimbra, outubro de 1915.

Mario Augusto da Silva.

A Flôr d'Abrunheira

— DE —

Joaquim de Sousa Carvalho

Fazendas de lã e algodão, ferragens, tintas, mercearia, vinhos e tabacos.

Variado sortimento de miudezas

Especialidade em chá, café, licores, etc.

ABRUNHEIRA

Pela sociedade

Está doente o snr. Antonio Maria Branquinho do Amaral Pereira, distinto aluno do quarto ano de medicina da Universidade de Coimbra e filho estremecido do ilustre juiz de direito da nossa comarca, snr. dr. Amaral Pereira.

Que em breve se restabeleça, para regressar á vida academica e aos estudos que tanto adora, são os nossos mais ardentes votos.

== Esteve em Coimbra, acompanhando sua bondosa mãe que regressou d'Arazede áquela cidade, a esposa do nosso presado amigo, snr. dr. João Constantino, estudioso notario.

== Tem passado encomodado de saude, indo felizmente em via restabelecimento, o nosso inteligente colaborador José Seabra Cascão, que hoje abrilhanta as colunas do *Dever* com uma prosa saudavel de erudição. Desejamos-lhe melhoras.

== Foi nomeada professora da escola movel de S. Pedro d'Azambuja, a snr.ª D. Assunção de Melo, ilustre dama de Mortagua e nossa pesada leitora. Cumprimentos de afétuosos parabens.

== Fez anos na quinta-feira o nosso presado amigo, snr. Antonio Pereira Correia, antigo chefe do movimento da Beira Alta e dos Caminhos de Ferro de Benguela, atualmente em Figueira da Foz. Parabens.

== Regressou de Lisboa, por não ter tido paquete afim de regressar á Africa, o nosso distinto amigo, José Miranda, antigo funcionario da Beira Alta e atual empregado muito zeloso e competente dos Caminhos de Ferro do Lobito. O nosso amigo encontra-se junto dos seus, em Pampilhosa, esperando oportunidade de partir para longinquas paragens africanas.

== Tivemos o prazer de abraçar em Coimbra na quarta-feira, o nosso apreciadissimo colaborador e amigo, Ernesto da Costa Coelho, da Abrunheira, que se fez acompanhar de sua ex.ma esposa. Foi a primeira vez que o vimos após o seu novo estado social.

Páginas sôltas

Edith Cavell

E depois de fechar um livro de escrituração, a secretária duma colectividade de senhoras republicanas, do norte, fitando em mim os seus olhos da côr do céu, dizia-me:—«Na próxima sessão hei de propôr que se lance na acta um voto de protesto contra a execução de miss Cavell, e que disso se dê conhecimento ao cônsul de Inglaterra.»

Quási que escolhera aquela frase com um sorriso, mas de ironia bem pungente!

De que vale protestar? Que valem os sentimentos filantrópicos em face do brutalismo feroz da guerra, — guerra feita á «maneira» prussiana —? Bem pouco; pois que até os tratados chancelados nas secretarias de Estado, são simplesmente «farrapos de papel»...

As atrocidades continuam; os odios são mortais. Apenas sobre essa barreira de egoismos e prepotencias se eleva o côro platónico dos que protestam...

Nas colunas do *Dever* referia-me, ainda não ha muito tempo, á execução de quatro damas da aristocracia, polácas, — facto que mereceu terem os leitores o prazer de ler uma *Carta aberta* que me fôra dirigida, como que de oposição... Pois infelizmente os factos permitiram que mais uma dessas «justiças militares» tenha de verberar: — a morte de miss Edith Cavell.

Qual o seu delito? Ser inglesa, e mais que isso ser benfeitora da humanidade.

Era directora duma escola de enfermeiras em Bruxelas, déra agasalho a soldados britanicos, franceses e belgas, fugitivos, ajudára-os a evadir-se. Eis o seu delito. Não fôra acusada de *espionar*.

Prêsa pelas autoridades alemãs daquela cidade foi condenada á morte e executada em 13 do mês findo. E ela com certeza, — heroina do dever e da honra, cultora da filantropia, — morrêra com o sorriso nos lábios.

Sim. Com o sorriso de desprezo pelos seus executores de coração de ferro que não sabem compreender que feitos como os de miss Cavell impressionam mais a humanidade que os roncos do canhão Krupp,—sorriso de vitória porque ela, mártir sacrificada, nêsse momento supremo pensava na «sanção da vida futura». Ela era crente.

Miss Cavell como crente não teve o temor da morte, — êsse «desfecho da humildade terrestre, permutação de uma felicidade menor, por uma ventura maior, luz para os olhos que se apagam, azas que levam para a mansão da eterna alegria»...

Eu nem sei nesta guerra quem representa maior coragem, se a enfermeira civil se a religiosa. E quando digo enfermeira civil refiro-me áquela que, sem sêr pelo mobil da remuneração, se dedica carinhosamente, abnegadamente, a minorar os padecimentos dos que sófrem.

Um acto terá maior valor moral quanto maior fôr o sacrificio que exija. A enfermeira religiosa tem no seu fito êste incentivo — o céu; tem por lema—a Caridade. Nada do mundo a prende, porque o seu sonho só se realisa nas regiões do Alêm. A enfermeira civil, essa que voluntariamente deixa os confortos do lar para expôr a vida ás contingencias da guerra, tem um gnia generoso e filantrópico — o amor da Patria e da Humanidade.

Mas quer seja crente ou atêa, enfermeira civil ou religiosa, a mulher tem dado no decorrer desta conflagração mundial, um nobre exemplo de valor, de civismo, de filantropia.

A Inglaterra soube bem apreciar o heroismo dessa corajosa sacrificada, provando-o nas homenágens fúnebres que á sua memória fôram prestadas. E no mundo culto, em todos aqueles que pênsam com dignidade e justiça, haverá um gesto de protesto contra a barbaridade teutónica e um justo preito de homenágem á memoria dêssa heróica mulher britanica — miss Edith Cavell.

Gaia, 1 de novembro—1915.

Aurea Judit Amaral.

DR. AVELINO FARIA

Advogado

CANTANHEDE

Dá consultas aos domingos em

ARAZEDE

de outubro em diante e trata de qualquer questão no tribunal de Montemór-o-Velho.

Poetas e Prosadôres

A' NOITE

A chuva cae lá fóra. Ouço-a caír
Na mesma nota lugubre de dôr.
O vento uiva lá fóra. Ouço-o ganir
Como um cão que buscasse o seu senhor.

A Noite põe-se a olhar p'ra mim, a rir...
«Que me queres,ó treva,ó noite,ó horror?»
E o vento vem meu corpo sacudir
Como um cão que farejasse o seu senhor.

«Que me queres,ó treva,ó horror sagrado?
«Porque te ris assim, ó noite má?. .»
E a noite num risinho sufocado,

Vem-me dizer então: «Aonde é que está
«Aquela Fé de triste que te dei,
«O' Triste que ao meu seio amamentei?»

II

Perdi tudo em verdade, ó treva, ó noite...
Nem um sorriso puro que m'encante,
Nem uma sombra, um lar onde m'acoite,
Nem esp'rança d'amôr que me alevante.

O vento vibra no ar como um açoite
E o ceu vae lá tão longe, tão distante...
Não ha sonho de gloria a que m'afoite
Que não me deixe f'rido e vacilante.

O' noite, ó escuridão que me creaste
E a teus seios de fel m'amamentaste,
Não m'abandones nesta dôr imensa...

Não te rias de mim, noite bemdita!
(A chuva cae lá fóra, o vento grita...)
O' noite, ó minha fé, ó minha crença!

Setembro de 1915.

Mario Simões da Silva.

Luiz Maria Lopes & Bretão

Negociantes de sal e vinhos,
em vagons,
para diversos pontos do paiz

12—R.ª Fernandes Tomaz—14
9—Rua da Republica—11
Telefone n.º 205.

FIGUEIRA DA FOZ

As cartas duma infeliz

Meu caro Leopoldo:

Foi ontem dia de finados. Dia de finados quer dizer, na minha aldeiazita, dia dos que partiram para a viagem de onde mais se não volta.

Dia de finados quer dizer, Leopoldo, dia dos mortos.

Os mortos tambem teem os seus dias! Como que revivem na nossa saudade e na nossa alma.

Logo de manhã, mal o sol vinha rompendo por sobre os montes do nascente, e já eu via passar, da janela do meu quarto, tendo por companheiro o lindo crisantemo que me mandaste, as pobres viuvas e os orfãosinhos a caminho da sepultura dos pais e dos maridos auzentes na eternidade. Vi lagrimas em muitos olhos e ouvi suspiros fundos. Uma coisa prendeu mais a minha atenção: Uma morena, toda vestida de preto, leva um ramo de violetas. E eu sei, Leopoldo, que as violetas tem para ti uma significação especial. E então lembrei-me, com saudades infindas, da historia interessante que da outra vez me contaste. O mar rugia e era escura a noite. No sepulcral silencio das coisas amortecidas tu viste o espetro duma vida que se apagou...

Ah, sim! Tu lembras-te ainda! Tu tens de cór o susto que me pregaste e as lagrimas que eu verti estão ainda no teu lenço branco. Ele bem se ensopou nelas, porque coisas que comovem são sempre para mim como orações profundas que a gente reza nos momentos nostalgicos da nossa vida.

E já lá vão 4 anos. Quatro anos, hoje, são quatro seculos sobre a nossa existencia, tal é a duvida em que vivemos e o agitar das paixões que nos definham.

Mas, Leopoldo, *dura lex sed lex*. Ha que ter paciencia.

Adeus.

Tua,
Iréne.

Camara Municipal

Sessão de 18 de setembro

Presentes os vereadores Monteiro da Costa, Esteves de Barros e Armenio R. Pato servindo de secretario, sob a presidencia do snr. dr. Simões.

Lida e aprovada a acta da sessão anterior.

Tomou conta do seguinte expediente:

Um telegrama do snr. Governador Civil a chamar a atenção da camara para a lei sobre eleição. A comissão ficou inteirada.

Um oficio da Inspecção Escolar a fazer requisição d'impressos. Resolveu fornece-los.

Um oficio da mesma proveniencia a enviar a folha para pagamento aos presidentes dos exames do 1.º e 2.º graus. Resolveu pagar.

Um oficio da junta de paroquia de Arazede a informar que em sua sessão resolvera oferecer á camara o seu imposto de serviço braçal. Resolveu pedir á junta o rol do lançamento desse seu serviço.

Uma circular do Instituto de Cegos, do Porto, a solicitar a esta camara, depois de varias considerações, que conceda um subsidio ao Instituto. Resolveu que a circular seja presente á camara na sessão de novembro.

Deliberou a comissão que d'ora ávante sejam os guardas e zeladores os fiscaes, tanto no matadouro como no talho, cada um a sua semana, sem que se possam substituir, e encarregou o chefe da secretaria para fazer a tabela, para cada empregado ficar sciente qual a sua semana.

Autorisou e mandou pagar varias despezas.

Em seguida foi encerrada a sessão.

Sessão de 25 de setembro

Presentes os vereadores Monteiro da Costa, J. Goes, Esteves de Barros, secretariando o vogal Rodrigues Pato, sob a presidencia do snr. dr. Simões.

Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior.

Tomou conhecimento do seguinte expediente:

Um oficio do encarregado da I. M. Preparatoria na Abrunheira, a pedir para que o medico de Verride compareça na Abrunheira no dia 3 de outubro, para inspécionar os mancebos. Resolveu aceder ao pedido.

Uma circular do snr. Governador Civil chamando a atenção da camara para um pedido da classe dos barbeiros. Resolveu que esta circular seja presente á camara na proxima sessão de novembro.

Um oficio da Inspecção da 2.ª Circunscrição Escolar, a enviar os documentos relativos ao concurso da escola de Verride. A comissão, tendo em atenção as disposições legaes, nomeou D. Virginia Fernandes Duarte para a escola de Verride.

O snr. presidente informou a comissão de que foi procurado pelo chefe da divisão dos correios da administração geral dos telegrafos, que o informara da melhoria dos serviços do correio, a partir do dia 5 d'outubro, informando ainda que tinha solicitado do chefe da divisão dos correios, que se tornasse extensivo ás mais importantes povoações do concelho. A comissão, devidamente inteirada, aprovou por unanimidade o procedimento do snr. presidente.

Aprovou e mandou pagar varias despezas.

Em seguida foi encerrada a sessão.

Secção de Variedades

Anedótas

Em certa freguezia do Minho havia dois conventos fronteiriços um ao outro. Um de dominicanos e outro de franciscanos.

Os dominicanos, que eram prégadores afamados, tinham na frente do seu convento esta inscrição:

— *Hic sunt vere predicatores.*

Os franciscanos, que eram pobres e viviam de esmolas, tinham a inscrição seguinte:

— *Nihil abentes sed omnia possidentes* (não tendo nada, mas possuindo tudo).

Os franciscanos, não vendo bem os seus visinhos pela inveja da opulencia em que viviam e pela grande fama de notaveis prégadores, trataram de lhes fazer uma partidinha, e escreveram por baixo da inscrição, que eles tinham no seu convento:

— *Sive bene, sive male*; o que quer dizer: umas vezes prégam bem, outras vezes prégam mal.

Os dominicanos por sua vez tiraram a desforra, escrevendo por baixo da inscrição dos seus visinhos o seguinte:

— Quem não tem vergonha todo o mundo é seu.

França Borges

Por telegrama recebido da Suissa, soube se ter ali falecido na sexta-feira o grande republicano França Borges, intemerato director do jornal *O Mundo*.

Poucas vezes acontece abrir-se uma lacuna impreenchivel. Esta foi uma delas.

O vigoroso jornalista morreu lutando denodadamente pelo ideal da Patria. Póde mesmo dizer-se que foi por amôr da Republica que França Borges sucumbiu, na flôr da vida.

Sentindo profundamente a perda de tão ilustre cidadão, *O Dever* envia á familia enlutada pezames sentidos.

Horas d'insónia

O condenado

Ha pouco vi-a chorar...

Limpava meigamente as faces humidas; e, quando me olhou, surpreendida, fez-se córada e fugiu, pé ante pé, direitinha á alcôva solitária e triste.

Noite alta. No firmamento azul do céu, a lua, muito pálida e muito fria, erguia-se de mansinho por entre estrelas pequeninas e brilhantes.

Os cães uivavam furiosamente lá em baixo, ao fundo silencioso da quintarola que um muro alto circundava.

Muito ao largo o mar troava rugidoramente.

No campanario da aldeiasita deserta o sino badalava a meia noite. Era a hora da meditação, em que as almas, sonhadoras e tristes dos namorados, mais se aproximam das realidades tragicas de maus presentimentos.

Ao lado, perdida entre urzes e azinheiros, uma casita humilde e quasi em ruinas, fazia-me lembrar, com saudade, a casita em que nasci.

E a pobresinha chorava, chorava...

E' que ha pouco, entre a multidão atónita havia partido, na leva dos condenados ao sofrimento atrós, uma parcela enorme da sua alma, que nunca mais teria alegria, nunca mais!

O silvo estridente da locomotiva, que ao longe se ouvia cortando o sepulcral silencio da noite, fez inundar de lagrimas outra vez o seu formoso rósto.

Eram as lagrimas sentidas da paixão profunda que havia de mata-la em poucos dias.

Tive dó da desgraçada, a quem os sorrisos e as alegrias da vida tão tragicamente haviam traído.

* * *

Manhã primaveril. Os goivos e os malmequeres entreabriam já as suas mimosas pétalas, aquecidas pela rubra luz do sol.

Pude então vêr os seus olhos de fada, muito grandes e muito prétos, mas cansados de chorar. Tinha a cabeça entre as mãos e dormitava.

O lenço, ensopado em lagrimas de dôr, estava no chão, num canteirito pobre de flôres.

E o condenado lá vae na leva dos desgraçados!...

ALMEIDA JUNIOR.

Companhia Geral de Credito Predial Português

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

Séde Social: Travessa de Santo Antonio da Sé, n.º 21

LISBOA

Esta Companhia realisa actualmente emprestimos hipotecarios a longo praso, cujo encargo, compreendendo juro, comissão, amortisação e depreciação dos titulos, é inferior a 7 %, tendo os mutuarios a faculdade de antecipar os seus emprestimos, total ou parcialmente e em qualquer época, em dinheiro ou em obrigações da mesma taxa e tipo das que fôram entregues no acto do contrato. Recebe e guarda nas suas magnificas **Casas fortes** quaisquer papeis de credito, encarregando-se de receber os respectivos juros.

Pedir esclarecimentos a Fernando da Silva Coelho Pessoa — Montemór-o-Velho — ou diretamente á Séde da Companhia.

Falta de espaço

Por falta de espaço sômos obrigados a deixar de publicar varios e importantes artigos, do que pedimos desculpa aos seus autôres.

Valor da nova moeda

Um escudo ou avo de ouro (1$000 rs.) divide-se em 100 centavos:

1/4 centavo	equivale a	2 1/2 réis
1/2 centavo	»	5 »
1 centavo	»	10 »
2 centavos	»	20 »
5 centavos	»	50 »
10 centavos	»	100 »
20 centavos	»	200 »
50 centavos	»	500 »
1 escudo (100 centavos)	equivale a...	1$000 »
2 escudos (200 centavos)	equivale a...	2$000 »
5 escudos (500 centavos)	equivale a...	5$000 »

Arrematação

(2.ª publicação)

NO dia 7 de novembro proximo, por 12 horas, vão á praça, á porta do Tribunal Judicial desta vila, para serem vendidas pelo maior lanço oferecido sobre os valores adeante mencionados, os seguintes predios penhorados na execução hipotecaria que José Fernandes Rocha, da Caixeira, move contra João Gaspar e mulher, de Reveles, a saber:

Uma terra lavradia nos Cidraes, com arvores de fruto e dois poços d'agua, na freguezia de Reveles e que parte, do norte e poente, com Tereza Helena. Vae á praça por quarenta escudos.

Mil e oitenta metros quadrados (ou duas aguilhadas) de terra lavradia na Burraceira, freguezia de Reveles, que parte do norte com o Rio Mondego e do poente com Antonio Coelho. Vae á praça por dezoito escudos.

Mil e oitenta metros quadrados (ou duas aguilhadas) de terra lavradia na Burraceira, freguezia de Reveles, que parte, do norte com o Rio Mondego e do poente com José Garcia. Vae á praça por dezoito escudos.

Pelo presente são citados para a arrematação quaesquer interessados incertos.

Montemór-o-Velho, 12 de outubro de 1915.

O Escrivão,
José de Paiva Bobela Mota.

Verifiquei a exatidão.

O Juiz de Direito,
Amaral Pereira.

Editos de 30 dias

(1.ª publicação)

NO Juizo de Direito de Montemór-o-Velho, corre um inventario orfanologico por obito de Ana Ribeiro Rolo e em que é cabeça de casal o viuvo José Antonio Monteiro Carilho, do lugar da Caixeira e nesse inventario correm editos de trinta dias a contar da ultima publicação deste anuncio, citando para todos os termos do mesmo inventario o interessado Antonio da Costa e Silva, casado, ausente em parte incerta.

Montemór-o-Velho, 30 de outubro de 1915.

O Escrivão,
José de Paiva Bobela Mota.

Verifiquei a exatidão:

O Juiz de Direito,
Amaral Pereira.

Editos de 30 dias

(1.ª publicação)

NO Juizo de Direito da comarca de Montemór-o-Velho, cartorio do terceiro oficio e no inventario por obito de Maria Monteiro, do Casal do Mato e no qual é cabeça de casal o filho José da Silva Alho, do mesmo lugar, correm editos de trinta dias a contar da ultima publicação deste anuncio, citando para todos os termos até final desse inventario os interessados Joaquina Monteiro e marido Antonio Melo, ausentes em parte incerta.

Montemór-o-Velho, 3 de novembro de 1915.

O Escrivão,
José de Paiva Bobela Mota.

Verifiquei a exatidão:

O Juiz de Direito,
Amaral Pereira.

Companhia de Seguros Fidelidade

Séde: Largo do Corpo Santo, 13—1.º—Lisboa

Capital emitido.	1.344:000$00
Capital desembolsado . . .	67:200$00
Reservas . . .	733:702$07,5
Prejuizos pagos	4.497:355$11

Efectua seguros maritimos e terrestres na séde e nas correspondencias.

Hospedaria do Paço do Conde

— DE —

JOSÈ DOS SANTOS

Rua Adelino Veiga, 36 a 40 — Rua do Paço do Conde, 10

COIMBRA

Vinhos, comidas e tabacos.
Recebem-se comensais por preços modicos.
Camas para pernoitar.

Esta casa, com a transformação porque acaba de passar, melhorou consideravelmente todos os seus serviços, achando-se habilitada a receber hospedes de qualquer categoria, oferecendo-lhes comodidades por preços baratos. Esmero e prontidão no serviço de meza, para o que tem pessoal competente.

O mesmo proprietario negoceia em cereais e legumes de todas as qualidades, tais como farinhas, sêmeas, batata, castanha, palha enfardada, cordas e adubos quimicos.

Rua Adelino Veiga — 44, 48

O seu armazem é já muito conhecido.

Telefone 379

AGUA DE LUSO (Medalha d'ouro, Madrid 1913.) Cura pela Diurése

(ESTABELECIMENTO TERMAL E HOTEIS ABERTOS TODO O ANO)

A mais diurética e mais digestiva. Aumenta a diurése, regularisa as funções digestivas e ativa os fenómenos nutritivos

Muito radioativa—4,49 miligramas—minutos
Muito ionisada, resistividade a 18° 18300 ohms
Muito rica em gazes raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotonica, ponto criospico 0°,04

} Conclusões da analise feita pelos distintos professores Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitissimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tifico

USO EXTERNO—Molestias de pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc.), reumatismo e gôta.
USO INTERNO—Artritismo, impaludismo, neurastenia—Albuminuria, diabetes—Intestinos, estomago—Rins—Bexiga.

Depositos — **LISBOA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros. 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 428. FUNCHAL, José Quirino de Castro, rua dos Muroas. AFRICA ORIENTAL: Oswald Offmann. BEIRA: F. L. Simões & C.ª. LOANDA: Beltrão, Pena & C.ª**, e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositarios nas terras onde ainda os não haja.

Portugal Previdente

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima — Responsabilidade Limitada

Capital **UM MILHÃO** de Escudos

SÉDE — RUA DO ALECRIM, 10 — LISBOA
N.º Telef.—1849 End. Teleg.—VIDA

Seguros contra incendios de predios, fabricas, etc.
Seguros de estabelecimentos e mobiliarios.
Seguros agricolas de ceáras, eiras, palhas, arvoredos, etc.
Seguros de maquinas e utensilios de lavoura.
Seguros contra incendio proveniente de gréves e tumultos.
Seguros de transportes maritimos e postaes.
Seguros contra roubo de habitações e estabelecimentos.
Seguros contra fraude de empregados.
Seguros contra a quebra de cristais.
Seguros de vida, pensões, dotes e reformas.
Seguros contra acidente de trabalho.

Agencias em todas as terras importantes do paiz, ilhas e colonias.
Sucursal no PORTO — Rua Passos Manoel, 21.

BANQUEIROS—**Borges & Irmão**—Porto e Lisboa

Antonio Pereira de Carvalho

Proprietario dos Grandes Armazens de Bicicletas, Maquinas de Costura, Pianos e toda a qualidade de acessorios.

A maior e mais antiga casa no genero

Oficina para todos os concertos, afinações e reparações em bicicletes, motocicletes e maquinas de costura.

Artista mecanico habilitado.

Vendas, alugueis e trocas.

Preços sem competencia

34—Avenida Navarro—36

(Estrada da Beira)—COIMBRA

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem deposito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se tambem de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fóra de Coimbra

FABRICA DE CAL

Cal fina e grossa, fornece-se em muito boas condições. Preços modicos, sobre o wagon, no caminho de ferro e nos proprios fornos.

Agente de telha tipo marselha e tijolos de todos os formatos, da fabrica Lacerda, Figueiredo & C.ª Limitada, da Pampilhosa.

Pedidos a

Joaquim F. Coca Junior
Zambujeiro—Arazede

AOS AGRICULTORES

Estão proximas as sementeiras de nabos e cereais, e por isso previno todos os meus estimaveis freguezes que façam novas encomendas de **adubos quimicos** e **organicos**, da acreditada casa Varela Leal & C.ª, das Varzeas, os quais se encontram á venda em minha casa, no **Casal do Gaio — Arazede.**

Manoel Monteiro Godinho.

Companhia de Seguros A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz

Antonio d'Oliveira Guerra

RUA DA REPUBLICA, 84

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legitimos acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de fórma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamavel, isca em cordão vendida fraudulentamente a titulo de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva acção civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa ao Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando-se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações fidedignas envisrá a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalisação para procederem ás necessarias diligencias. Dirigir-se pessoalmente ou por carta á Companhia Portuguêsa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS MELO & MARTINS

PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada

PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiencia dos nossos adubos, devido ao seu magnifico resultado os adoptarão de preferencia a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

Aos proprietarios de Lisboa e Porto

Grande economia

A MUNDIAL, de acordo com os seus importantes reseguradores resolveu efectuar seguros de propriedades, sem uso ou contiguidade perigosa, ao premio de:

$08 por cada . . . . . 100$00
ou $80 » » . . . . . 1:000$00
de capital seguro

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital, Escudos . . . 500:000$00
Reservas em 1914 . . 64.244$75

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmão (Banqueiros)

Praça da Liberdade, 138 — Telefone 1459

Agencias e Delegações em todo o paiz, ilhas e colonias.

Restaurante Ferro-viario ALFARELOS

ESTE bufete, um dos que melhor servem o publico que transita nos comboios, acha-se situado na estação do caminho de ferro de Alfarelos. Fornece almoços, jantares e *lunchs* e toda a qualidade de refeições, por preços comodos. Tem pessoal habilitado, tanto em cosinha como em sala de mesa. Tudo se encontra com esmero e perfeição.

Fornece comida para fóra, e presta se a servir em casamentos, batisados, etc., desde que seja prevenido com antecipação.

O proprietario, **Artur de Oliveira Coelho.**

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro

PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex.mos passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.

Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA

Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.
PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações

Deposito das afamadas aguas de Luso.

Guilherme dos Santos Pinto & Irmão

COM

OFFICINA DE CANTEIRO

Encarregam-se de jazigos de toda a especie e todo o serviço concernente á sua arte.

Tambem executam todos os trabalhos que digam respeito a *Plantas, Alçados, Copias, Projectos e orçamentos de edificios, edificações, etc.*

Montemór-o-Velho = Verride

Biblioteca da Universidade Coimbra

Ano 4.º Montemór-o-Velho, 14 de Novembro de 1915 N.º 195

DIRECTOR, PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR
Almeida Junior
SECRETARIO DA REDACÇÃO E EDITOR
Abel M. de Melo Brandão
REDACTOR PRINCIPAL
Mário Augusto Mota

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguêsa

Pátria e Humanidade

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Dr. José Galvão
MONTEMOR-O-VELHO
DIRECÇÃO:—COIMBRA
(para onde deve ir a correspondencia)
COMPOSTO E IMPRESSO
Tip. Silva (Vapor) — AVEIRO

O crime e o seu modo atual de repressão

Consequencias das medidas até hoje adótadas, e alvitre das que deviam pôr-se em pratica, com o fim de curar a sociedade do seu mais purulento cancro: o Crime.

Ao encetar a confecção deste humilde artigo esbocei voluntariamente um gesto de curioso desanimo. E' que eu sei de antemão que as minhas palavras, cheias de verdade e simultaneamente de revolta, são demasiadamente débeis para ferirem o tímpano de quem do alto duma cátedra julga nésciamente saber governar o país sem lhe pedir conselho, adotando para norma de suas acções os ditames, quási sempre maldosos, da sua maleavel consciencia, e colocando em plano secundário tudo o que o povo, esfalfado já de pedir, reclama como de urgente execução. Não vá julgar-se que o meu desabafo constitue uma baixa especulação politica, porque na minha qualidade de democrata e de filho do povo tal acção equivaleria a um ataque sem plano ás fortes e irredutiveis trincheiras da lógica. Não. O meu fim é mostrar como o regimen penitenciario português é mais do que defeituoso, embora com a plenissima certeza de que tudo o que disser vai parar ao rol imenso das coisas esquecidas, o que aliás tem sucedido aos trabalhos honrados de muitos homens ilustres que, com um vigor que deixa a perder o meu de vista, alvejaram bem de frente o mesmo inadiavel assunto. E para provar a minha absoluta imparcialidade em tal questão, basta confessar, com a maxima lealdade e franqueza, que sob esse ponto de vista os republicanos de todas as facções pouco mais fizeram do que aceitar o que de longa data está estabelecido.

Mas entremos propriamente no assunto sem ataques banais ou considerações puerís, preocupando-nos apenas com as medidas necessarias e indispensaveis á reforma do que está feito, lançando hombros á implacavel destruição dum edificio, prestes a desmoronar-se, para o reconstruir mais belo sobre os escombros de ha pouco.

O criminoso em Portugal encerra-se geralmente num espaço de três metros quadrados, entre quatro paredes humidas, respirando miasmas e tateando os objectos na escuridão do cárcere, vivendo em luta com a tuberculose e desabituando cada vez mais as mãos aos calos dum trabalho honrado e proveitoso. A sua unica razão de ser é o remorso ou o prazer do crime, a sua única preocupação é saír dali para de novo para lá voltar.

O ladrão passa o tempo planeando assaltos, o assassino fazendo das paredes o alvo de seus golpes, a prostituta sonhando com o dia em que ha-de tornar a ver-se rodeada de vis compradores de carne humana.

A ideia do trabalho, a preocupação duma vida honesta e laboriosa, o desejo duma regeneração util e libertadora, tudo isso depara á entrada com um aviso proibindo-lhe a passagem.

E' triste, mas é verdade.

O ruído do martelo zurzindo a bigorna é ali substituido por rumores estranhos de combinações sinistras. A leitura de principios de moral e de virtude cedem lá seu lugar a preleções de celebridade na escola do crime ou dos jovens amadores do vicio.

O inocente a quem um erro de justiça fez entrar na cela, debalde luta contra a imoralidade do meio em que passa a viver sem ar, sem luz, sem nada, e acaba por se deixar contaminar tambem ao contáto do cinismo dos seus companheiros. E logo que de lá sáe, não tarda a ceder á tentação do crime, que tão singelamente lhe pintaram com as côres mais vivas, e ei-lo de novo no calabouço inféto, de mistura com a escória de que já faz parte, pensando unicamente em saír dali para de novo para lá voltar.

E' triste, mas é verdade.

As nossas cadeias pervertem mais que as catacumbas e os lupanares, albergam gente mais ascorosa do que as devezas escuras das cidades em noites tenebrosas.

Elas são as grandes escolas do crime, onde a vadiagem alcança a formatura até á milésima cadeira do vicio.

A qualquer remodelação futura dos nossos estabelecimentos penais deve presidir um pensamento unico, baseado numa orientação capaz de transformar as atuais escolas do crime em instituições de trabalho para adultos e escolas de correcção para menores. Mas é necessario obstar ás possiveis complicações que uma tal obra acarretará fatalmente, e entre as quais figura em primeiro lugar uma errada interpretação de quem, tendo vivido sempre honradamente pelo trabalho, passará depois a considera-lo como uma aviltação e um castigo. Isto é, o trabalho deverá ser introduzido nos estabelecimentos penais, como um acesso á vida honesta e laboriosa, e nunca como uma penalidade que o tornaria odioso.

Deste modo o ocio seria banido das prisões, e os criminosos não desperdiçariam o tempo em conjéturas que aviltam e gangrenam o espirito. A' força de habito acabariam mesmo por se consagrar ao trabalho proveitoso e honrado. E que de benéficios morais e monetarios adviriam ao país duma tal medida! Bastaria para isso que o produto dos trabalhos penais se aplicasse totalmente na extinção da mendicidade, outro cancro purulento de que enferma a nossa sociedade.

De contrário tornar-se-iam as prisões o refugio certo de operarios sem trabalho que, na perspétiva dum futuro garantido, embora modesto, recorreriam ao crime para alcançarem a mercê de serem prêsos.

Aí fica o alvitre.

José Seabra Cascão.

Crónica de Lisbôa

Ciciam enganosas noticias...

As gazetas, após o prolongado sofrimento de toda a humanidade, abalançam-se, ainda a mêdo, a falar da paz.

Os *grandes guerreiros*, no comodismo dos seus gabinetes confortaveis, esboçam um sorriso enigmatico que traduz o sacrificio de mais milhares de vidas.

Ainda mais...

O quadro pavoroso, tetrico, macabro que os nossos olhos fantasiam em face das noticias vindas do teatro da guerra, pesam só no animo dos emprezarios pelos quilometros de terreno conquistados e pela quantidade de munições gastas.

Nessa horrorosa carnificina que os seculos jámais contemplaram, na destruição horrenda que se escreverá na Historia para autenticar o vandalismo dos *super-homens* do seculo actual, os emprezarios da grande tragedia que está em scena, consideram, talvez, como parte secundaria, as vidas dos sacrificados, a miseria das viuvas, as lagrimas das mães...

A gloria compensará o esforço, a victoria pagará o sacrificio; o que não restituirá são as existencias, o que não dará, é, novamente, a alegria de' viver a tanta familia desgraçada, o que não enxugará a tanta lagrima que se verte. Amenisará a dôr, será um lenitivo — a vingança nestes tempos de *progresso* é, ainda, um prazer que dulcifica — mas a quem amar mais a humanidade do que a patria, mas a quem compreenda quanta dôr, quanto sacrificio e quanta vida representam a gloria espaventosa que se almejou, continuará o coração em latente sofrimento, continuará a alma envolta nos crépes negros e tristes do martirio.

Hinos triunfais ecoarão alegres; as tropas regressarão sorridentes dos campos da batalha; ovações delirantes de entusiasmo hão-de aclamar a soldadesca que a tensão nervosa conservará de pé, que a antevisão de estreitar os seus fará alegre; mas a portas a dentro dos casaes fechados, no recondito deserto dos salões dos ricos, na cabana humilde do pastor analfabeto, na biblioteca poeirenta do sabio que estuda, na solidão transcendente do poeta que sonha, sangrarão os corações das vitimas, agonisarão de dôr as almas, soluçarão os que a saudade atirará á morte, os que o amôr atirará ao tumulo.

Todo o entusiasmo que fremirá nas ruas, toda a alegria que se verá nos rostos, todo o sorriso, toda a felicidade relativa que advem da gloria, de certo que jámais compensará a dôr dessas mulheres que viram partir para a morte os que lhes eram caros.

Os *guerreiros* de gabinete, rir-se-hão das jeremiadas dos que se lastimam, em arrebatamentos belicos, conscios de que dentro dos seus salões serão invulneraveis, terão talvez frazes amargas para os que não podem calcar os impetos do coração, lamentar os bocados de alma que ficaram muito longe, sem ninguem que lhes amenisasse o sofrimento com uma palavra de carinho, quem lhes fechasse os olhos no ultimo instante; mas se lhes perguntarem austeramente que vantagens usufruirá o povo, a humanidade, dessa hecatombe formidavel, hão-de vacilar um instante e escudar-se no apregoado patriotismo que não possuem ou que não compreendem.

Nos maiores patriotas encontram-se quasi sempre os *grandes patrioteiros*, que se encostam a influencias de peso para seguirem em ultimo lugar...

ha os sãos, ha os puros que tudo sacrificam sorrindo.

Não são esses, decerto, os que se ocultam nos bastidores, movendo os titeres.

São os herois ignorados, os que praticam rasgos de bravura, os que ficam mordendo a terra, os que no estertor beijam a bandeira do seu ideal. Sim, esses são os patriotas, esses são os obcecados pelo ideal respeitavel, é certo, da patria e que não podem pensar que outro amôr maior, outro ideal mais sublime póde faze-los odiar as guerras — a Humanidade, a Patria Una!

* * *

As gazetas falam, a mêdo, na paz; ciciam enganosas noticias. O mar de sangue sóbe, em maré horrenda, as paisagens macabras multiplicam-se.

O tempo passa e os homens não acordam em terminar com as carnificinas barbaras.

Os super-homens prégam o progresso, afirmam a evolução da humanidade, mas a construção das armas da destruição barbara não termina.

Quando poderêmos nós, os que pensamos que as guerras são malditas, enviar as nossas felicitações, os nossos entusiasticos encomios a toda a Humanidade?!

D. L.

Outono

Foi-se o estio ardente, as noites buliçosas,
noites belas d'encanto e tépido luar,
em que vibram canções, alegres, graciosas,
no voltear da dança, incitando a amar...

Eis o pálido Outono! — as névoas preguiçosas
deslisam a turvar a limpidez do ar;
folhas cáem... e vão, quais leves mariposas,
volitando no espaço, além no chão poisar...

Assim as galas despe a forte Natureza,
pondo aos hombros viris o manto da tristeza!
— Tal e qual como a Vida: — alegrias e dôres!

Com que tristeza se olha através do passado!
ai! que saudade envolve o coração magoado,
ao vêr sumir-se ao longe a quadra dos amores!...

Montemór-o-Velho.

J. Neves.

N. da R. — *E' com magua que anunciamos aos nossos presados leitores que deixarão, pelo menos até ao fim do ano, de gosar as delicias que a leitura dos versos do nosso querido amigo lhes tem proporcionado.*

O snr. Joaquim Neves comunica-nos que, por motivo d'afazeres e falta de saude, será a presente a ultima produção do corrente ano. Sentimos profundamente a ausencia do nosso inteligentissimo e inspirado colaborador, e aqui o esperamos com a anciedade de sempre.

Pela imprensa

Recebemos o primeiro numero do *Meu Jornal*, novo colega portuense que começou a sua publicação sob a direcção autorisada do inteligente escritor pedagogico, snr. Antonio Figueirinhas.

Apresenta-se magnificamente redigido.

Tambem *O Tempo*, semanario do Carregal do Sal, nos deu a honra da sua visita, o que muito agradecemos.

De semana a semana

Respondendo

Ao nosso presado colega *A Provincia* agradecemos as amaveis palavras que nos dirige, lisongeiras e imerecidas, para quem não cumpriu mais que um dever de boa educação e lealdade jornalistica.

Durante a nossa curta, mas experimentada carreira de humildes rabiscadores, temos procedido sempre assim até para com os nossos adversarios, quanto mais para com o presado colega com quem temos sempre mantido as melhores relações e a quem nos prende uns certos laços de amisade e simpatia. Nós entendemos que o jornalismo deve possuir um ideal muito elevado, visto ter nascido para educar e instruir, cumprindo na sociedade um papel digno e honesto e não o rastejar até á lama como infelizmente para aí tanto sucede.

Mas entrando propriamente no assunto que nos leva a escrever estas linhas, vamos responder ao presado colega, que diz: «não haver no seu artigo periodo algum de onde se possa inferir defeza do acto que os comerciantes praticaram».

Nós tambem não dissemos que o colega defendia os comerciantes mas sim que os apresentava como *martires*, e que cremos não estar em erro, visto o snr. dr. Lima Duque escrever o seguinte:

A linda cidade do Mondego presenceava, com assombro, as violencias mais condenáveis, os apupos mais soêses, os vexames mais ignobeis, contra honestos comerciantes que não comungavam nas ideias dos seus empregados, ofendendo-os e causando-lhes, nos estabelecimentos, prejuisos materiais de importancia.

Mas mesmo que tivessemos falado em *defeza*, tambem não erravamos, pois não se depreende outra coisa no periodo que a seguir transcrevemos:

Entendeu, naturalmente, a autoridade que os turbulentos, energúmenos e indisciplinados manifestantes eram as entidades mais idóneas para fazerem respeitar *as suas determinações, se, porventura, elas foram desobedecidas.*

Diz tambem sua ex.ª que «os comerciantes não feriam os direitos dos caixeiros em conservar-se nos seus estabelecimentos».

Parece-lhe isso ao ilustre colega, mas, infelizmente, não é assim, porque, se os comerciantes, conservando abertos os seus estabelecimentos, não feriam os direitos dos caixeiros, visto que saíam á hora regulamentar, feriam-os directamente nos seus interesses, porque o comerciante, vendo que podia estar duas ou tres horas sem empregados, atendendo á freguezia, não dispensaria todo o seu pessoal, mas dispensava parte dele por lhe ser desnecessario.

Sobre o castigo pedido para os *discolos* diz o colega não desejar penas «inquisitoriais» pois é de «natureza clemente»:

E, por isso, escrevemos que o snr. governador civil devia ser *inexoravel*, isto é, que não se devia mover a rogos para que os discolos ficassem impunes.

Mas sua ex.ª não se limitou a pedir um *inexoravel* castigo; dizia tambem que não podiam «deixar de ser severamente castigados». E *severamente*, se não estamos em erro, significa rigor, aspereza, inclemencia. E por tanto o colega não só desejava que o snr. governador civil se não movesse a rogos, como fosse cruel para com os pobres rapazes.

E depois disto cremos nada mais ter que objectar ao nosso presadissimo colega *A Provincia*, que deverá ficar satisfeita.

Martires

A *Voz da Justiça*, comentando uma das cartas que o snr. José d'Alpoim escreve para o *Janeiro*, e em que o ilustre jornalistá se queixa dos seus padecimentos, atribuindo-os aos frios que sofreu quando em companhia dos republicanos pugnava pela defeza das liberdades publicas e direitos individuais, diz:

Em conclusão: temos de convir que o snr. Alpoim é um martir... da Republica!

O snr. Alpoim, não é um martir da Republica, nem tão pouco *nunca* auxiliou os republicanos no tempo da propaganda.

Um verdadeiro *martir* da Republica é o «makavenco» Ferreira do Amaral, o *heroe* do 5 de abril, para quem o snr. Afonso Costa pediu uma cela na Penitenciaria, e hoje o conta no nnmero dos seus mais cotados correligionarios e a quem os democraticos elegem senador.

Linguas

O mesmo colega, na sua secção *Curiosidades*, depois de se referir á forma como pela lingua se podem conhecer as condições morais e intelectuais das pessoas, diz:

...o homem possuidor de lingua curta e estreita é, em regra, um delinquente de verdadeiro merito artistico.

Pois nós conhecemos muitos jornalistas e politicos que tendo a lingua larga e muito comprida, são uns *delinquentes de verdadeiro merito artistico.*

Informando

O nosso colega *A Provincia*, estranhando que o snr. Afonso Costa não assuma a chefia de um governo neste «momento excepcionalmente grave em que a nação precisa da colaboração daqueles que teem indiscutivel obrigação de lh'a prestar», diz:

Mas então que significa tudo isto? Que quer dizer esta recusa terminante de sua ex.ª em chefiar um governo que possa pôr em pratica todo o seu vasto programa de riqueza publica?

Francamente não podemos compreender.

Vamos informar o colega.

Segundo a imprensa democratica, «na atual situação politica é impossivel um gabinete democratico sob a presidencia do snr. Afonso Costa, porque não se podendo, neste momento, realisar grandes problemas, a sua simples tentativa resultaria num tremendo fracasso», e daí a perda do prestigio do *grande estadista* que só em «ocasião oportuna», isto é, quando tudo correr ás mil maravilhas, virá empreender a *patriotica tarefa* de que o seu *grande genio* é capaz.

O jogo

O governo ordenou ás autoridades que reprimam com todo o rigor o jogo de azar.

Ora o governo sabe muito bem que é impossivel essa repressão, pois ainda não ha muito tempo que um seu correligionario, o chefe Murtanheira da policia judiciaria de Lisboa, o declarou a um redactor do *Seculo*.

Então porque se anda constantemente com estas *fantochadas* em vez de se fazer o que se devia, que era a regulamentação?

Porque é imoral, dizem os governos!...

Tambem a prostituição é imoral, e, no entanto, nenhum governo ainda a tentou reprimir, antes pelo contrario, a tem regulamentado. Do jogo advinham lucros para o Estado e beneficios para o paiz.

Da prostituição, o que advem? a imoralidade, a desgraça, o descredito e nada mais.

Portanto, regulamentem o jogo e deixem-se de *piéguices*.

Cuidado

Segundo dizem os periodicos da capital a *agonia do governo chegou ao seu termo.*

Vamos finalmente ter novo governo? Sim? Não? E como será ele? Egual ao que está ou peor ainda? Não sabemos. E como não sabemos, lembramos-te, ó pobre Zé, a seguinte quadra de Sousa Viterbo, que nós parodiamos:

Toma cuidado na escolha
Do governo que vier
Que em boa cama se deita
Quem boa cama fizer.

Falta de vergonha

Acaba de aparecer o jornal monarquico *O Dia*, que, depois de anunciar aos seus leitores a colaboração efectiva do snr. Alfredo Pimenta, diz: «As altas qualidades daquele que na imprensa republicana ocupou tão eminente logar, não precisam ser postas em relevo». «*O Dia* recebe, com o mais vivo prazer, a colaboração do nosso distinto colega».

Quem nos havia de dizer que o snr. Moreira d'Almeida, *recebia com prazer a colaboração* do vendido Alfredo Pimenta, a quem chamou tantos nomes feios, e que havia de reconhecer *altas qualidades* jornalisticas no *distinto colega*, a quem muitas vezes chamou reles rabiscador!

Que falta de vergonha!...

Duble face

O mesmo jornal diz que o snr. D. Luiz de Castro, antigo ministro das Obras Publicas do extinto regimen, se ocupará, em breve, nas suas colunas, «da situação economica do paiz, analisando, com a sua elevada competencia, os efeitos da desastrada legislação republicana».

Porque motivo não pediu *O Dia* ao snr. D. Luiz de Castro que empregasse toda *a sua elevada competencia* afim de evitar a desastradissima legislação monarquica e o verdadeiro descalabro economico e financeiro do antigo regimen, contra o qual o snr. Moreira d'Almeida tanto se insurgiu, atribuindo-o ao imoral desleixo dos seus correligionarios e apontando-o como ruinoso para o paiz?

Porque nesse tempo *O Dia* não chamava «muito querido amigo» ao snr. D. Luiz de Castro, antes o sovava tesamente; e o snr. Moreira d'Almeida se achava imoral a situação, era porque tinha sido escorraçado pelo mesmo perante o qual hoje se curva reverente.

Pau para toda a obra

O mesmo *Dia*, num artigo intitulado «Quem governa?», depois de se referir á atual situação politica, diz:

Mas não se estranhe, afinal, que os *democraticos* façam governo *sem Afonso Costa*, ou que, falhando essa solução, venhamos a ter mais *forças vivas* de *marca cordeal* e na presidencia... o snr. Freire d'Andrade, a quem então se recordará o que pensou e fez ou não fez quanto á guerra. Ha quem seja pau para toda a obra...

Tal qual como o snr. Moreira d'Almeida que, depois de ter dito da monarquia as maiores infamias, apontando-a como um regimen de imoralidades e roubalheiras, hoje tanto a defende, sendo um dos seus paladinos «mais pau para toda a obra».

A Flôr d'Abrunheira
— DE —
Joaquim de Sousa Carvalho
Fazendas de lã e algodão, ferragens, tintas, mercearia, vinhos e tabacos.
Variado sortimento de miudezas
Especialidade em chá, café, licores, etc.
ABRUNHEIRA

Carta da Abrunheira

10—XI—915.

Depois de uns dias de chuva, que muito desejada estava sendo, aparece-nos o belo sol que nos convida a passeio, e que os velhos espreitam com prazer. O S. Martinho costuma ter destas amabilidades!...

E quem ha que as não aceite com satisfação?

— Em viagem de recreio, partiram para a Beira, o nosso amigo snr. Ernesto da Costa Coelho e sua esposa snr.ª D. Laura Ribeiro Coelho.

— Faz hoje anos o snr. dr. Antonio Pires Martinho de Brito, conservador do Registo Predial no Redondo.

Muitos parabens.

— Tambem fazem ámanhã anos a snr.ª D. Corolia Simões Carvalho, esposa do snr. Joaquim de Souza Carvalho, e o menino Eugenio dos Santos Pinto, filho do nosso amigo snr. Guilherme dos Santos Pinto, habil escultor em Verride.

Os nossos sinceros parabens.

João Antonio Rodrigues
(SUCESSOR)
Montemór-o-Velho
Correspondente das seguintes casas:
Banco Comercial de Lisboa, Banco do Minho, Banco Comercial do Porto, Banco Aliança, Banco Economia Portugueza, Banco Nacional Ultramarino, Companhia de Seguros *A Internacional*, Crédit Franco-Portugais, J. M. Fernandes Guimarães & C.ª, Pinto da Fonseca & Irmão, J. M. Espirito Santo Silva, Borges & Irmão, J. H. Tota & C.ª, e Orey, Antunes & C.ª.

— Retira ámanhã para Aveiro, acompanhado de sua ex.ma familia, o snr. dr. José de Ornelas Regalão.

— Com pouca demora esteve aqui o snr. Ernesto Nunes da Costa Ornelas, antigo deputado e oficial do exercito. *N.*

Pela sociedade

Partiu para Africa (Lobito), em cujo caminho de ferro é funcionario muito dedicado, o nosso presado amigo, snr. José Miranda, de Pampilhosa. Deve ter embarcado no dia 12 em Lisboa. Feliz viagem e breve regresso, é o que do coração desejamos ao nosso antigo camarada.

=== Esteve em Coimbra na segunda-feira o nosso estimado assinante e amigo David Araujo, ilustre professor oficial em Marmeleira de Mortagua, que prometeu ao *Dever* a sua valiosa colaboração.

Agradecemos a gentileza da visita.

=== Está felizmente melhor da enfermidade que por alguns mezes o reteve no leito, o snr. Antonio Maria Branquinho do Amaral Pereira, aplicadissimo aluno do 4.º ano de medicina na Universidade de Coimbra e estremecido filho do ilustre magistrado da nossa comarca, snr. dr. Amaral Pereira.

Folgamos em dar esta agradavel noticia.

=== Esteve em Coimbra na terça-feira o nosso estimado assinante de Gatões, snr. Alfredo Nunes David, acreditado comerciante e agente de companhias de navegação.

Camara Municipal

Sessão de 2 de outubro

Presentes os vereadores Monteiro da Costa e Esteves de Barros, secretariando o vereador Rodrigues Pato, sob a presidencia do snr. dr. Simões.

Lida e aprovada a acta da sessão anterior. Presente o seguinte expediente:

Uma circular da Repartição dos Hospitais Civis de Lisboa, a pedir que lhe sejam enviadas todas as verbas inscritas no orçamento do corrente ano, para tratamento dos doentes pobres. Mandou satisfazer.

Um oficio do professor da escola movel da Portela, a pedir á camara para que continue a fornecer luz áquela escola. A comissão resolveu afirmativamente.

Um oficio do provedor do Hospital e Misericordia desta vila, a responder á circular que esta camara lhe enviou em 9 de setembro ultimo. A comissão deliberou que fosse o oficio presente á sessão da camara em novembro proximo.

Um oficio da junta de paroquia civil das Means, solicitando a rectificação do alinhamento concedido a Joaquim da Fonseca Vaz. A comissão resolveu confirmar o alinhamento em tempo concedido ao dito Vaz.

Foi presente uma declaração de Antonio da Silva Soares, de Verride, arrematante das obras da escola do sexo feminino daquela vila, a declarar que, por motivos ponderosos, não poude concluir os trabalhos que tinha arrematado e por isso desiste dos depositos inicial e provisorios a favor da camara. A comissão resolveu que continuassem os trabalhos por administração propria, ficando encarregado da fiscalisação o vereador da mesma vila, snr. Armenio Rodrigues Pato, que da melhor vontade aceitou.

Foi presente de novo o processo de alinhamento requerido por Tereza Teixeira, de Vila Franca, acompanhado da informação e avaliação passada pelos peritos. Resolveu conceder o dito terreno, pagando o preço porque foi avaliado.

O presidente informou que, em virtude das queixas do publico contra o fornecimento da carne de vaca no talho desta vila, tinha mandado chamar o cortador, advertindo o de que, se não cumprisse como manda o regulamento, o mandava castigar, prometendo este cumprir rigorosamente. Inteirada.

A comissão teve conhecimento de que o relogio de Tentugal precisa de reparos, resolvendo que fosse avisado o encarregado do mesmo relogio a comparecer á proxima sessão, assim como tambem o encarregado das obras de reparação na estrada da Portela.

A comissão tambem resolveu rectificar um alinhamento concedido a A. Gonçalves Cruz, da Cruz de Santo Antonio, delegando no vereador Monteiro da Costa o encargo de fazer essa rectificação.

Autorisou e mandou pagar varias despezas.

Em seguida foi encerrada a sessão.

Cartas a uma infeliz

MINHA AMIGA:

E' necessario manter as tradições do passado. Teu pae foi um homem que trabalhou enormemente para que a Liberdade se tornasse um dogma sacratissimo. O livre-pensamento foi, no seu espirito, um sacerdocio pelo qual ele norteou sempre a sua conduta. E, sendo os filhos particulas do projenitor, admite-se, segundo as leis da fisiologia e da psiquiatria, certas deformidades e certas ambiguidades, mas jámais tão manifestas como as que tu revelas.

Um espirito forte vive sempre tranquilo, e não ha nada que o intimide. Vê o sol atravez de todo o seu esplendor, sem o cegar o brilho intenso dos seus raios. Uma alma simples e timida, como a tua, anda constantemente envolvida em receios e pezadelos, nunca chegando a alcançar o ceu ambicionado por mais orações que reze e por mais promessas que cumpra.

Ah, sim, as violetas! Recebi-as e guardo-as...

Teu,
LEOPOLDO.

Companhia de Seguros Fidelidade
Séde: Largo do Corpo Santo, 13—1.º—Lisboa

Capital emitido.	1.344:000$00
Capital desembolsado . . .	67:200$00
Reservas . . .	733:702$07,5
Prejuizos pagos	4.497:355$11

Efectua seguros maritimos e terrestres na séde e nas correspondencias.

Consorcio

Realisa-se no proximo dia 24 o enlace matrimonial do nosso querido amigo Antonio Ribeiro dos Santos, de Folhadosa da Beira, com uma gentil menina de S. João do Campo.

O nosso amigo é sobrinho do snr. Vigario Cabral, de Taveiro, sacerdote honradissimo e muito inteligente, orador distinto que tem uma larga folha de serviços á sua causa.

Os noivos são dignos das maiores felicidades.

Agua da Curia
Mogofores
As unicas aguas sulfatadas-calcicas que existem no paiz, similhantes ás afamadas aguas de Contrexéville, nos Vosges (França).

Poetas e Prosadôres

A viuvinha

Mesmo sem mo dizer o negro vestuario,
Viuvinha, sei bem,
Que tens dentro de ti batendo solitario
Um coração gentil que chama por alguem.

No teu modo de olhar ha um leve sentimento
Tão leve! e quer contar,
Que a vida sem amôr é um duro sofrimento
Que a vida sem amôr é noite sem luar.

Nos teus labios gentis ha uma coisinha
mansa
Que tendo amor e graça,
Nos faz lembrar o rir da dôr duma criança
Num sonho que finda, numa ilusão que
passa...

Sentes junto de ti a morte e ficas rindo
No rir, que faz lembrar,
O da noiva gentil, que alegre vai subindo
P'ra catedral de D.us segunda vez casar!...

Leão Correia.

DR. AVELINO FARIA
Advogado

CANTANHEDE

Dá consultas aos domingos em
ARAZEDE
de outubro em diante e trata de qualquer questão no tribunal de Montemór-o-Velho.

Carta de Verride

10 de Novembro de 915.

Sociedade de Defeza dos Interesses de Verride.—No dia 31 do mez findo, depois de estarem na séde desta sociedade todos os socios, procedeu-se á eleição do novo corpo gerente e efectivo, que ficou composto pelos cidadãos seguintes:

Efectivos — João Rodrigues Correia, presidente; Constantino Pereira da Silva, secretario; Antonio Simões Correia, tesoureiro.

Suplentes — Imidio Roque Pinto, presidente; Antonio Lopes Serralheiro, secretario; Joaquim de Sá Junior, tesoureiro.

Conselho fiscal — Jacinto Inacio Pinto, José Roque Pinto e Umberto Soares.

Estes cidadãos são dignos da maior consideração e estima de todos os verridenses, que mais uma vez lhe confiam a direcção desta sociedade e estamos certos que saberão defender sempre os interesses da terra que lhes serviu de berço.

Os ilustres cidadãos acima referidos, tomaram posse dos cargos para que fôram eleitos, no dia 5 do corrente, sendo alvos duma imponente manifestação promovida por todos os associados.

Viva o povo verridense!

* * *

Sessão do dia 6

Pelas 20 horas do dia 6 do corrente, o snr. presidente declarou aberta a sessão.

Foi apresentada pelo snr. presidente uma proposta que foi recebida por todos os socios no meio da maior alegria. Foi para que a Instrução Militar Preparatoria, que se faz atualmente na Abrunheira, passe para Verride, devido á situação e categoria da terra, sendo nomeada uma comissão para, no dia seguinte, ir á Figueira da Foz conferenciar com o snr. comandante do recrutamento militar, sendo muito bem recebida por este senhor. No regresso trouxeram as melhores impressões.

C.

Secção de Variedades

O imperador da Russia feito satanaz

Nicolau I, imperador da Russia, era muito afeiçoado aos bailes de mascaras, indo em certa ocasião a um, sem que a côrte soubesse, vestido de satanaz, com todos os apendices.

A's 3 horas da madrugada saiu do baile, embrulhado num rico casacão de peles, que o cobria da cabeça aos pés, e meteu-se no primeiro trem que lhe apareceu, mandando o cocheiro seguir para o Caes Inglez.

O cansaço adormeceu sua magestade imperial, que ao despertar viu com estranheza a carruagem tomar direcção diferente da que indicára, caminhando por vielas tortuosas, de miseravel aspecto.

Nicolau I protestou, mas o cocheiro, sem se importar com o caso, conduziu-o a um cemiterio, onde, ao apear-se, puxou de enorme facalhão, dizendo:

— Ou vossa magestade me dá o casacão e todo o dinheiro que traz, ou fica aqui no cemiterio.

— Só se tu primeiro me deres a alma, exclamou o imperador, despindo o casaco e aparecendo com o trajo de diabo.

O cocheiro, supersticioso como um bom russo, caiu no chão sem sentidos e o imperador, subindo lépido para a almofada, tocou os cavalos, chegando em breve ao palacio.

Junta de Paroquia de Pereira

Resumo da acta da sessão ordinaria de 7 de outubro de 1915

Presidencia, Azuil Paiva de Carvalho; vogaes, João dos Santos Torres e Manuel Gonçalves Pereira. Foi lida a acta da sessão anterior e aprovada pelos vogaes presentes. Em seguida começou o presidente por agradecer, deveras comovido e sensibilisado, as diversas *amabilidades* e outras coisas varias, que, ácerca das suas palavras proferidas na sessão de 26 de Agosto, lhe endereçou o digno vogal Santos Torres na sessão anterior, *amabilidades* tanto mais imerecidas e fóra de proposito, quanto é certo ele reconhecer que taes predicados melhor se acomodam na pessoa daquele ilustre vogal, que, sendo, como é notorio, completamente analfabeto e apenas sabendo desenhar e mal, o seu nome, assim teve... etc., etc., (como consta do resumo do discurso do presidente, publicado no *Dever*).

Foi presente pelo cidadão presidente uma estatistica sobre o analfabetismo dos dois sexos, em Portugal, deliberando arquival-o junto com o arquivo desta junta.

Foi mais presente um requerimento de Bernardo Rodrigues Pinto, desta vila de Pereira, em que pede lhe seja feito um alinhamento numa propriedade sua, nos Montes desta vila, sitio do Vále, para a construção duma casa de habitação e um muro para vedar a propriedade já citada, sendo aprovado por todos os vogaes presentes. Achando estes, utilidade para o embelesamento da estrada, foi deferido, deliberando o irem todos os vogaes, juntamente com o presidente, fazer o respectivo alinhamento.

Pelo secretario, foi apresentada a nota das faltas dos vogaes, requerida pelo cidadão presidente na sessão anterior, e verificou-se qué o vogal Antonio Ribeiro de Goes havia cometido oito faltas ás sessões; o vogal João dos Santos Torres, quatro faltas; o vogal Manuel Gonçalves Pereira, quatro faltas; e o vogal Manuel Ferreira Pereira Peralta, seis faltas. Em seguida foi encerrada a sessão.

Luiz Maria Lopes & Bretão

Negociantes de sal e vinhos,
em vagons,
para diversos pontos do paiz

12—R. Fernandes Tomaz—14
9—Rua da Republica—11

Telefone n.º 205.

FIGUEIRA DA FOZ

Horas d'insónia

O correio d'hoje trouxe-me uma surpresa extraordinaria.

Eu já estou afeito a tudo; mas confesso que fui vencido mais uma vez.

Uma carta, tarjada de luto, dum amigo certo e muito querido, dizia-me, no começo:

«Caro Zé: — Venho, com as lagrimas nos olhos, dar-te o ultimo adeus. Quando receberes esta...»

Não li mais. Não pude ler mais. Conheci a letra do envelope. Pobre Julio! E's mais feliz do que eu. Já lá vais! Deixaste-me, amargurado e saudoso, lutando constantemente contra preconceitos e contra tudo! Deploro a tua morte, porque eras um pobre ingenuo, acreditando facilmente na regeneração desta humanidade a desfazer-se!

Ainda ontem, socegado e tranquilo, risonho e satisfeito, me davas o teu braço amigo...

E venceu-me a comoção. Lembrei, num instante, todo o nosso passado feliz, as nossas dores e as nossas saudades.

Eramos dois irmãos do infortunio. Adeus, Julio, Adeus! Vae. E da mansão do sepulcro manda-me os teus abraços!

E venceu-me a comoção.

Depois, como que a querer certificar-me, tirei a carta do bolso e reli. Queria olhar bem, pela ultima vez, *a letra do Julio. E puz-me a rir ás gargalhadas, sósinho, aqui neste quarto desguarnecido de conforto, pobre e humilde, mas onde eu tenho visto toda a sorte de miasmas corromper esta sociedade purulenta e viciosa.*

O Julio despedia-se, com o ultimo adeus, *mas era da vida de solteiro. Quando a sua carta me chegasse ás mãos, já ele tinha mudado de estado. O luto da carta era por morte de pessoa de familia, e eu já nem disso me lembrava.*

Mas então, ó Julio! o facto de te casares seria motivo para vires, a chorar, dar-me o ultimo adeus?! *Coisas da vida...: Ou o casamento constitue uma felicidade, ou é uma ficção, um pezado fardo que faz vergar a gente. Entretanto é um acto livre, e eu não vejo motivo para lagrimas precisamente na vespera de duas criaturas unirem uma á outra os seus destinos.*

Mas o Julio não se engana. Dá-me o ultimo adeus, *ao menos até ao dia do divorcio, que eu sei não estar longe. Depois, haverá ensejo para que o Julio, um dia, me torne a dar outro* ultimo adeus.

Ah! que se René te conhecesse, que havia de ser de ti, pobre Julio que me assustaste!...

ALMEIDA JUNIOR.

A' ultima hora fomos obrigados a retirar, por falta de espaço, varios artigos já compostos, dentre os quais a resposta d'Almeida Junior ao seu delicado e inteligente antagonista, Seabra Cascão, sobre as vantagens do casamento.

ANUNCIOS

Professora de piano

Maria Augusta d'Almeida, professora diplomada com distinção no 8.º ano de piano (curso superior), pelo Conservatorio de Lisboa, dá lições na sua casa e das alunas.

Rua da Republica, n.º 1
AVEIRO

Editos de 30 dias

(2.ª publicação)

NO Juizo de Direito de Montemór-o-Velho, corre um inventario orfanologico por obito de Ana Ribeiro Rolo e em que é cabeça de casal o viuvo José Antonio Monteiro Carilho, do lugar da Caixeira e nesse inventario correm editos de trinta dias a contar da ultima publicação deste anuncio, citando para todos os termos do mesmo inventario o interessado Antonio da Costa e Silva, casado, ausente em parte incerta.

Montemór-o-Velho, 30 de outubro de 1915.

O Escrivão,

José de Paiva Bobela Mota.

Verifiquei a exatidão:

O Juiz de Direito,

Amaral Pereira.

Editos de 30 dias

(2.ª publicação)

NO Juizo de Direito da comarca de Montemór-o-Velho, cartorio do terceiro oficio e no inventario por obito de Maria Monteiro, do Casal do Mato e no qual é cabeça de casal o filho José da Silva Alho, do mesmo lugar, correm editos de trinta dias a contar da ultima publicação deste anuncio, citando para todos os termos até final desse inventario os interessados Joaquina Monteiro e marido Antonio Melo, ausentes em parte incerta.

Montemór-o-Velho, 3 de novembro de 1915.

O Escrivão,

José de Paiva Bobela Mota

Verifiquei a exatidão:

O Juiz de Direito,

Amaral Pereira.

O Bem-estar do Povo Alemão

Pelo Dr. Karl Helfferich, ministro das finanças da Alemanha

Tradução cuidada pelo escritor José d'Almada.

= Preço—$50 =

Edição da acreditada livraria de F. França Amado

COIMBRA

JAIME DE MAGALHÃES LIMA

A Guerra

1 volume de 172 páginas, magnificamente impresso em papel de linho.

= Preço—$50 =

Edição da acreditada livraria de F. França Amado

COIMBRA

Oficina-Garage de Coimbra

LOBO DA COSTA & CASTANHEIRA

Grandes oficinas mecanicas para reparações de automoveis; fabrico de carretos, pinhões e corôas em aço; cementação e temperas; vulcanisação e fundição de metaes. Recolha e tratamento. Ensino. Automoveis de aluguer de $08 a $20 o quilometro e 9 lotações de 1 a 18 passageiros.

Acessorios, gazolina e oleo.

Transações em carros de 2.ª mão. Serviço especial, para bem servir os ex.mos clientes da provincia.

Rua da Figueira da Foz—170

COIMBRA

Local conhecido por «Casa do Sal» á entrada da cidade pela estrada do Porto.

Telefone, 502 — Telegramas «Garage-Coimbra»

ANTIGO ESTABELECIMENTO

— DE —

Mercearia, Tabacos e Fazendas brancas

— DE —

João Antonio Rodrigues

(SUCESSORES)

Montemór-o-Velho

Nesta casa se encontra um completo sortido em assucar, chá, café, manteiga nacional e ingleza, biscoitos, bolachas, massas, bacalhau, genebra e vinhos do Porto.

Ferragens, prego de arame e de ferro, panelas de ferro, rastilho, chumbo em barra e para caça.

Fosforos e Tabacos, por atacado. Tambem vende pelos preços de Lisboa, farinha de trigo, cimento Portland, vidraça, telha de vidro e velas de cera.

Preços resumidos

Hospedaria do Paço do Conde

— DE —

JOSÈ DOS SANTOS

Rua Adelino Veiga, 36 a 40 — Rua do Paço do Conde, 10

COIMBRA

Vinhos, comidas e tabacos.
Recebem-se comensais por preços modicos.
Camas para pernoitar.

Esta casa, com a transformação porque acaba de passar, melhorou consideravelmente todos os seus serviços, achando-se habilitada a receber hospedes de qualquer categoria, oferecendo-lhes comodidades por preços baratos. Esmero e prontidão no serviço de meza, para o que tem pessoal competente.

O mesmo proprietario negoceia em cereais e legumes de todas as qualidades, tais como farinhas, sêmeas, batata, castanha, palha enfardada, cordas e adubos quimicos.

Rua Adelino Veiga — 44, 48

O seu armazem é já muito conhecido.

Telefone 379

AGUA DE LUSO (Medalha d'ouro, Madrid 1913.) Cura pela Diurése

(ESTABELECIMENTO TERMAL E HOTEIS ABERTOS TODO O ANO)

A mais diurética e mais digestiva. Aumenta a diurése, regularisa as funções digestivas e ativa os fenómenos nutritivo

Muito radioativa—4,49 miligramas—minutos
Muito ionisada, resistividade a 18° 18300 ohms
Muito rica em gazes raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotonica, ponto criospico 0°,04

} Conclusões da analise feita pelos distintos professores Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitissimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tifico

USO EXTERNO—Molestias de pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc,), reumatismo e gôta.
USO INTERNO—Artritismo, impaludismo, neurastenia—Albuminuria, diabetes—Intestinos, estomago—Rins—Bexiga.

Depositos — **LISBOA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros. 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 428. FUNCHAL, José Quirino de Castro, rua dos Murças. AFRICA ORIENTAL: Oswald Offmann. BEIRA: F. L. Simões & C.ª. LOANDA: Beltrão, Pena & C.ª**, e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositarios nas terras onde ainda os não haja.

Portugal Previdente

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima — Responsabilidade Limitada

Capital **UM MILHÃO** de Escudos

SÉDE — RUA DO ALECRIM, 10 — LISBOA
N.º Telef.—1849 End. Teleg.—VIDA

Seguros contra incendios de predios, fabricas, etc.
Seguros de estabelecimentos e mobiliarios.
Seguros agricolas de ceáras, eiras, palhas, arvoredos, etc.
Seguros de maquinas e utensilios de lavoura.
Seguros contra incendio proveniente de gréves e tumultos.
Seguros de transportes maritimos e postaes.
Seguros contra roubo de habitações e estabelecimentos.
Seguros contra fraude de empregados.
Seguros contra a quebra de cristais.
Seguros de vida, pensões, dotes e reformas.
Seguros contra acidente de trabalho.

Agencias em todas as terras importantes do paiz, ilhas e colonias.

Sucursal no PORTO — Rua Passos Manoel, 21.

BANQUEIROS—**Borges & Irmão**—Porto e Lisboa

Antonio Pereira de Carvalho

Proprietario dos Grandes Armazens de Bicicletas, Maquinas de Costura, Pianos e toda a qualidade de acessorios.

A maior e mais antiga casa no genero

Oficina para todos os concertos, afinações e reparações em bicicletes, motocicletes e maquinas de costura.

Artista mecanico habilitado.

Vendas, alugueis e trocas.

Preços sem competencia

34—Avenida Navarro—36

(Estrada da Beira)—COIMBRA

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem deposito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se tambem de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fóra de Coimbra

FABRICA DE CAL

Cal fina e grossa, fornece-se em muito boas condições. Preços modicos, sobre o wagon, no caminho de ferro e nos proprios fornos.

Agente de telha tipo marselha e tijolos de todos os formatos, da fabrica Lacerda, Figueiredo & C.ª Limitada, da Pampilhosa.

Pedidos a

Joaquim F. Coca Junior
Zambujeiro—Arazede

AOS AGRICULTORES

Estão proximas as sementeiras de nabos e cereais, e por isso previno todos os meus estimaveis freguezes que façam novas encomendas de **adubos quimicos** e **organicos**, da acreditada casa Varela Leal & C.ª, das Varzeas, os quais se encontram á venda em minha casa, no **Casal do Gaio — Arazede.**

Manoel Monteiro Godinho.

Companhia de Seguros

A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz

Antonio d'Oliveira Guerra

RUA DA REPUBLICA, 84

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legitimos acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de fórma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamavel, isca em cordão vendida fraudulentamente a titulo de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva acção civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa ao Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando-se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalisação para procederem ás necessarias diligencias. Dirigir-se pessoalmente ou por carta á Companhia Portuguêsa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS

MELO & MARTINS

PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada

PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiencia dos nossos adubos, devido ao seu magnifico resultado os adoptarão de preferencia a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

Aos proprietarios de Lisboa e Porto

Grande economia

A MUNDIAL, de acordo com os seus importantes reseguradores resolveu efectuar seguros de propriedades, sem uso ou contiguidade perigosa, ao premio de:

$08 por cada . . . . . 100$00
ou $80 » » . . . . . 1:000$00
de capital seguro

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital, Escudos . . . 500:000$00
Reservas em 1914 . . 64.244$75

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084.

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmão (Banqueiros)

Praça da Liberdade, 138 — Telefone 1459

Agencias e Delegações em todo o paiz, ilhas e colonias.

Restaurante Ferro-viario

ALFARELOS

ESTE bufete, um dos que melhor servem o publico que transita nos comboios, acha-se situado na estação do caminho de ferro de Alfarelos. Fornece almoços, jantares e *lunchs* e toda a qualidade de refeições, por preços comodos. Tem pessoal habilitado, tanto em cosinha como em sala de mesa. Tudo se encontra com esmero e perfeição.

Fornece comida para fóra, e presta-se a servir em casamentos, baptisados, etc., desde que seja prevenido com antecipação.

O proprietario, **Artur de Oliveira Coelho.**

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro

PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex.mos passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.

Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA

Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.

PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações

Deposito das afamadas aguas de Luso.

Guilherme dos Santos Pinto & Irmão

COM

OFICINA DE CANTEIRO

Encarregam-se de jazigos de toda a especie e todo o serviço concernente á sua arte.

Tambem executam todos os trabalhos que digam respeito a *Plantas, Alçados, Copias, Projectos e orçamentos de edificios, edificações, etc.*

Montemór-o-Velho—Verride

Biblioteca da Universidade Coimbra

Ano 4.° Montemór-o-Velho, 21 de Novembro de 1915 N.° 196

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguêsa

Pátria e Humanidade

Director, Proprietario e Administrador
Almeida Junior

Secretario da Redacção e Editor
Abel M. de Melo Brandão

Redactor Principal
MARIO AUGUSTO MOTA

Red. e Adm.—R. Dr. José Galvão—Montemor-o-Velho

DIRECÇÃO:—COIMBRA
(para onde deve ir a correspondencia)

Comp. e Imp.—Tip. Silva (a vapor)—AVEIRO

O nosso jornal

O Dever aparece mais pequeno, no seu formato. Várias foram as razões que a reduzir-lhe a composição nos levaram; dentre elas, nos dias de crise que atravessamos, sobressái o aumento de preço da tipografia originado pela escassez de papel e outras materias primas que a grande conflagração originou.

O Dever é mais pequeno, caros leitores, precisamente quando ele devia aumentar de formato, para o dobro, para publicar todos os originais recebidos, mercê duma pleiade brilhante de colaboradores, que generosamente até nós têm vindo. Eles, decerto, avaliarão o desgosto enorme da nossa resolução, e, continuando a nosso lado, saberão auxiliar-nos nesta santa cruzada que nos propuzemos.

Preferimos diminuir o formato a ter que aumentar o preço das assinaturas, como tem feito outros colegas, porque a vida está cara e os jornais abundam, *felizmente*.

O *Dever* é mais pequenino, sim, por algum tempo, mas não deixará nunca de ser do mesmo tamanho sob o ponto de vista da sua orientação e do seu crédo. Tenham paciencia.

O papel do jornalista

Descance o leitor despreocupado, a quem esta epigrafe surpreendeu talvêz, que não é meu fim espraiar-me em considerações sobre a qualidade do papel que o jornalista deve utilisar nos seus escritos. O que eu tenho em vista é fazer uma critica imparcial e severa da missão, infelizmente tão mal compreendida da maioria de quem escreve, que deve impôr-se a um jornalista conscio do seu valor e dos seus deveres, embora o assunto esteja esgotado ha muito e examinado em todos os seus aspectos. Mas é meu vicio inveterado o insistir até causar tédio áquêles para quem escrevo, porque julgo que só dêsse modo conseguirei fazer-me ouvir. Ora é precisamente o que se dá com este caso: *o papel do jornalista* é assunto muito debatido, mas ao qual pouca gente ligou ainda uma parcela da sua atenção, esquecendo assim que o jornalista é o orientador da massa anónima a que chamamos Povo e, por consequencia, o responsavel pelos desacatos que essa massa cometer sob a sua sugestão. E dêsse irritante indiferentismo, que melhor que qualquer outra qualidade caraterisa o português, resulta o enorme cortejo de fatalidades cujas nefastas consequencias atualmente sofremos.

A politica tem, como sempre teve e ha de ter, os mais funestos resultados. Foi ela que desacreditou e fêz baquear a monarquia, e é ela ainda que vem entravando a marcha reformadora das instituições republicanas. E onde a politica mais violentamente se manifesta é precisamente no campo de onde ha muito a deviam ter banido. O jornal é hoje o lugar preferido da politica que tudo amesquinha, avilta e revoluciona. As suas polémicas arrastam cidadãos da mesma patria a lutas fratricidas e titanicas. As suas colunas são muitas vêzes montureiras de imoralidade e de inconveniencias que, na maior parte dos casos, teem o seu epilogo em demandas vergonhosas derimidas em face do banco onde só deve sentar-se um criminoso. E tudo isto é apenas o fruto da má compreensão que entre nós ha do *papel do jornalista*, da qual devemos culpar quem voluntariamente a aceita e propaga, sem prestar ouvidos aos que, fugindo a uma cegueira geral e contagiosa, emitem opiniões sensatas. Eis, pois, o motivo porque a minha impertinencia se torna absolutamente necessaria, e porque a não dispenso na cura do mais crónico dos males da nossa sociedade: o indiferentismo.

Creio que está no animo de todos a impressão de que sem ordem não póde haver progresso nem um bem-estar duradouro. Ora se é pela nossa felicidade que lutamos durante os tormentosos dias da nossa existencia, porque não havemos de escolher em primeiro lugar um terreno sólido em que ela assente? Dêsse modo ser-nos-ia mais facil atingir o nosso fim, porque a solidêz é a garantia da estabilidade do edificio cuja construção seria mais morosa se, em virtude da mobilidade do terreno, alguma vêz se tivesse desmoronado. Mas—e aqui se baseiam as dificuldades da hora presente — o terreno onde deve assentar a felicidade é a ordem, e esta deixa muito a desejar entre nós porque lhe tem faltado o seu principal esteio: um jornalismo moralisador e educador do Povo dentro dos limites da Razão.

Sucede, portanto, que a principal responsabilidade do que atualmente nos flagela cabe ao jornalista, visto ser ele o orientador da massa anónima e ser esta que, sob a sua sugestão, prepara a sua propria ruina com a sua indisciplina.

Oxalá que as minhas modestas mas sinceras palavras cálem bem fundo na alma daqueles que, como eu, se impuzeram a árdua tarefa de educar o Pevo por intermedio do jornal, na medida, é claro, das suas forças, da sua competencia e da sua influencia pessoal. O grande predicado não é escrever bem, com relativa facilidade, mas saber ensinar muito em modestas e acertadas palavras. Nestas condições *o papel do jornalismo* deve ser essencialmente moralisador e combativo das anomalias que hoje, mais do que nunca, imperam em tôdas as sociedades.

José Seabra Cascão.

De semana a semana

O governo

Dizem os jornais da capital «que correm boatos de uma manifestação hostil ao governo, para exigir a sua imediata demissão».

Temos discordado de muitos dos actos do atual governo, no entanto todas as manifestações, todos os desacatos que se produzam contra ele, são extemporaneos, neste momento, visto que estando nós em vesperas da abertura do Parlamento, o governo só ali deve caír para prestar contas dos seus actos.

As intrigas, os enredos e as ambições politicas, devem cessar neste momento, pois a queda do governo, antes da abertura do Parlamento, seria tudo quanto ha de mais anti-constitucional e nós todos, os que amamos as regras da boa democracia e liberdade, não devemos pretender uma arbitrariedade de tal ordem.

E' bom saber-se

O Dia, referindo-se á crise ministerial, diz:

> O ministerio esteve para caír... por causa da reforma da policia, a qual não contém tantos logares quantos os pretendentes! Ora um destes é revolucionario evolucionista e patrocinado, ao que se diz, por um dos seus correligionarios almeidistas que obteve do snr. Alexandre Braga a promessa formal de obter-lhe uma das postas gordas de comissario.
>
> Então os snrs. evolucionistas, que tanto gritam contra os democraticos e que tanto teem protestado contra a reforma da policia, metem empenhos para que um dos seus correligionarios *abiche* um dos *chorudos* logares de comissario ?!...

E' bom saber-se para se avaliar das suas convicções.

Quem semeia ventos...

O snr. Cárlos Parente, no oficio enviado á Camara Municipal de Lisboa, em que pede a demissão de comandante do corpo de bombeiros, diz:

> Todos os esforços e a melhor boa vontade empreguei para que os meus desejos se tornassem em factos, como v. ex.ª póde testemunhar. Vejo, porém, as minhas esperanças desaparecidas; e, completamente desiludido de alguma coisa poder conseguir, *pelo estado verdadeiramente doentio, e que considero irremediavel, de uma parte da corporação*, deponho nas mãos de v. ex.ª o meu pedido de demissão.

Um senador da mesma camara, o snr. Zacarias, apreciando o oficio do snr. Parente, expressou-se assim:

> Diz aquele ilustre funcionario não poder arcar com as responsabilidades de uma corporação insubordinada.
>
> *Tal mal, diz o orador, não existe só nos bombeiros, é um mal geral do paiz.*

Tenham paciencia, filhinhos, sofram-lhe as consequencias.

Quem semeia ventos colhe tempestades.

Quem sabe?...

O snr. Ribeiro de Carvalho, no seu *Radical*, orgão do partido evolucionista no distrito de Leiria, atira-se furioso ao governo por causa da reforma da policia, «bordando considerações varias sobre a sua confecção e colocação do pessoal a que chama bôdo».

Ora o *deputado por Leiria* a chamar bôdo á reforma da policia, sem se lembrar que os seus correligionarios meteram empenhos para tambem serem contemplados nesse *bôdo!*

E quem sabe se o revolucionario evolucionista que queria ser comissario era o snr. Carvalho, e como o não deixaram *abichar* a posta agora se atira furioso ao governo?

Quem é tolo

Vem furioso o *Jornal de Cantanhede*, porque o snr. ministro da guerra separou do exercito 20 oficiais, que não ofereciam garantia de adesão á Republica e respeito pela Constituição. «E lembra que apesar de reconhecidamente republicanos e inimigos das instituições monarchicas, os snrs. Afonso Costa, Bernardino Machado, Teofilo Braga e muitos outros, nunca foram afastados dos seus logares de funcionarios do Estado».

Então não querem vêr o de Cantanhede!

Abespinha-se todo porque a Republica se defende dos seus inimigos, coisa que a monarchia não soube fazer.

Tenha paciencia, amigo: *Quem é tolo pede a Deus que o mate e ao diabo que o leve.*

Acumulações

Nos tempos da monarquia, uma das grandes reclamações de todos os sinceros republicanos, era a de pôr termo ás acumulações.

Mas afinal proclamou-se a Republica, e as acumulações continuam, tendo sido nomeados para outros cargos publicos individuos que já eram funcionarios do Estado. Ora um individuo não póde desempenhar como deve ser dois cargos que demandam da sua presença em logares diferentes. E por tanto não se póde compreender que hajam felizardos que estejam a acumular diversos cargos publicos enquanto que outros que mal ganham para comer, e muitos que teem habilitações e direitos a exercerem esses cargos de confiança da Republica, se vêem desempregados, sofrendo privações e luctando com a miseria.

Ora agora que o Parlamento vai abrir, seria de uma grande vantagem que se pensasse a serio em terminar de vez com esta imoralidade.

VIRGILIO MARQUES

E' um novo colaborador que temos a honra de apresentar aos nossos estimados assinantes. Virgilio Marques, que é um jornalista distinto, como o tem demonstrado a sua brilhante colaboração em alguns diarios, nomeadamente o *Povo*, encetará a sua colaboração no *Dever* no proximo numero, com uma bela poesia, toda sentimento e toda amôr.

Bemvindo.

Páginas sôltas

UMA DATA

O ano de 1893 marca na historia da França o periodo da embriaguêz de sangue... Foi a guerra da Europa á França e da França a Paris, na frase de Vitor Hugo. Foi o imperio da guilhotina.

Após a execução do rei, o massacre dos nobres e diplomatas (onde pereceu o português marquês de Luso) os corifeus da republica fôram-se exterminando uns aos outros... «No momento em que condenavam Luis XVI, Robespièrre tinha ainda dezoito meses para viver, Danton 15 meses, Vergniau 9 meses, Marat cinco meses e três semanas, Fargeau um dia. Curto e terrivel sopro das bôcas humanas.»

O cutélo nivelador,—o invento do médico Guillotin,— tingira-se igualmente com o sangue de reis, de nobres, de plebeus...

Pois a 9 dêste mês de novembro, triste e brumoso, (que Eglantine apelidara de «broumaire» no seu calendario republicano) desse fatidico ano de 1793, coube a vez de subir ao cadafalso uma mulher ilústre. Era ela Manon Phlipon, esposa de Roland de la Platière que fôra ministro do Interior.

M.me Roland aliava a uma inteligencia poderosa uma ilustração invulgar.

Era republicana.

Em sua casa se reuniam apreciando e procurando as luzes do seu talento, os deputados da Gironda, grupo em que havia vultos de valor como Vergniau, Brissot e outros.

Os jacobinos (o partido da Montanha onde militavam homens da popularidade de Danton, Marat e Robespièrre) tendo levado em maio de 93 vinte e um girondinos ao cadafalso, tambem não esqueceram a inspiradora deles.

Mas porque foi executada M.me Roland? Pergunte-se á historia porque foram guilhotinados Luis XVI, Saint-Just, Danton e Robespièrre... Os acontecimentos—diz Vitor Hugo—gastam e os homens pagam. Os acontecimentos ditam e os homens assinam...

M.me Roland com o estoicismo que caraterisa os espiritos invulgares, proferira ao ser guilhotinada, esta frase celebre: — *O' Liberté! que de crimes ont commet en ton nom.*

E ao evocar estas cenas dum passado tão longinquo ocorreu-me agora uma frase do snr. dr. Antonio José de Almeida (se não estou em erro)— «á mulher não se deve negar o direito do voto, porque nunca a historia lhe negou o de subir ao cadafalso»...

9 | nov. | 1915.

Aurea Judit Amaral.

EM VERRIDE

O snr. Capitão Pestana Lopes, foi entusiasticamente recebido nesta vila, saudando, ainda, o povo, a Republica, Exercito, Marinha, e a unificação da Patria Portuguêsa.

Se já não estivesse convencido de que este bom e honrado povo, se unia em todas as ocasiões precisas, esquecendo desilusões, esquecendo ressentimentos, para, por uma forma categorica e dentro da lei e dentro da ordem, demonstrar o que pensa e o que deseja; se já não estivesse convencido, novamente o afirmo, bastava assistir á recéção carinhosa e entusiastica com que o povo verridense recebeu, no dia 16, o ilustre capitão Pestana Lopes, que, a pedido da *Sociedade de Defesa dos Interesses de Verride*, aqui veio realisar uma interessante e bela conferencia, subordinada ao têma, *A Organisação da Instrução Militar Preparatoria.*

Era meu desejo relatar a conferencia do ilustre oficial, o que não faço por estar persuadido de que a sua doutrina, tão encantadôra e que tão bem soôu aos nossos ouvidos e tão fundamente calou nos nossos espiritos, não passará despercebida ao correspondente local deste semanario.

O povo de Verride quer tomar outro caminho, qual seja outro á que sumáriamente tem sido sentenciado em centros e centrécos, e esse caminho não se torna muito fatigante, porque se resume em pouco mais do que isto: — pedir, reclamar e exigir, por meios legaes, o que de justiça lhe pertence.

Cada vêz mais me orgulho em pertencer a este hospitaleiro e laborioso povo, — salvo ráras excéções — porque infelizmente ainda aqui existe uma pequena escumálha da rua, que inconscientemente, e por ignorancia, está ápta a atentar contra a vida de um cidadão indefêso, contra o engrandecimento da sua terra e dos que por ela pugnam, enfim contra a sua propria dignidade. Mas... será motivo para desfalecêr? Não, e não.

Longe de nós a ideia de marcar a ferrête esses vermes, que só terão as suas honras no seu devido logar — ou seja um tôsco caixote de lixo. Porque, das suas palavras vãs, das suas provocações e suas criticas, só temos de lhe responder com a firmesa dos nossos principios, da nossa educação e tolerancia e com a energia dos nossos antepassados que desinteressadamente defenderam o bem moral e material desta terra e do seu povo.

Vamos a caminho da união, ordem e progresso, pois será essa a maior riqueza que podemos legar aos nossos sucessores!

A'vante, verridenses!

Verride, 18—11—915.

Constantino Pereira da Silva.

Pela sociedade

Tem estado doente, com um ataque de *gripe*, o nosso presado colaborador Mario Augusto da Silva.

—= Tivemos o prazer de cumprimentar em Coimbra o nosso estimado amigo, snr. Fernando Augusto Barboza, que foi á capital do distrito na segunda-feira.

—= Tambem esteve na Luza-Atenas o snr. dr. Mario Mendes, distinto medico em Arazede.

Funcionarios administrativos

Os funcionarios administrativos do concelho de Montemór-o-Velho, acabam de enviar ao hebdomadario d'Abrantes, *Povo d'Abrantes*, o seguinte telegrama:

Funcionarios administrativos concelho Montemór-Velho agradecem, reconhecidamente, a defeza causa justissima, aumento seus ordenados, tomada vosso jornal, Camara Municipal e digno vereador Valente Junior.

Comissionado, Antonio Peixoto da Silva, chefe da secretaria da camara.

* * *

N. da R.—Para estranhar é que a camara deste concelho, aliás com rendimentos proprios, não secunde o esforço da sua congenere d'Abrantes, em defeza dos seus funcionarios.

No proximo numero nos ocuparemos mais d'espaço d'este magno problema, que tem de ser solucionado como convem e deve ser.

Camara Municipal

Sessão de 16 de outubro

Presentes os vereadores Tavares Lebre e Esteves de Barros, secretariando o vereador Rodrigues Pato, sob a presidencia do snr. dr. Simões.

Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior, passando-se depois a assinar os cadernos eleitorais para a eleição dum senador por este circulo de Coimbra.

Em seguida foi presente a seguinte correspondencia:

Um oficio da Inspecção Escolar a pedir que lhe informem se a requerente da escola de Verride, Judit Amalia dos Santos Dionisio, juntou todos os documentos. O presidente informou que tinha apresentado os documentos na fórma legal.

Um oficio do Distrito de Recrutamento a enviar o mapa da distribuição do contingente da armada. Mandou que se afixasse para constar.

Um oficio da Junta de Paroquia de Santo Varão a enviar o recenseamento escolar de ambos os sexos, o que só lhe foi entregue no dia 9 do corrente.

Foi presente um telegrama enviado por o ex.mo Governador Civil do distrito, a comunicar que sua ex.a o snr. Presidente da Republica passava no dia seguinte. A comissão lamentou não ter tido conhecimento da passagem de Sua Ex.a a tempo de lhe poder prestar as suas homenagens e respectivos cumprimentos.

A comissão, em vista do arrematante da escola de Verride, Antonio da Silva Soares, tambem de Verride, declarar que desiste de todos os depositos que nessa qualidade fez na tesouraria da camara, por não poder continuar as obras da sua empreitada, resolveu a comissão que esse deposito seja considerado receita municipal, e que desta resolução seja dado conhecimento ao tesoureiro municipal.

Em seguida apresentou-se Tereza da Cruz, viuva, moradora na Cruz de Santo Antonio, que foi intimada a comparecer a esta sessão, conforme a deliberação da comissão executiva, para apresentar a licença que ha tempo lhe tinha sido passada na secretaria, para construir uma casa, e visto que a requerente não tinha andado de má fé, deliberou que fosse o mestre d'obras novamente rectificar o alinhamento e que na mesma licença seja transcrita qualquer alteração que por ventura haja de ser feita.

Em seguida foi encerrada a sessão.

Junta de Paroquia de Pereira

Oficio de remessa do auto dos acontecimentos tumultuosos do dia 4:

Il.mo e Ex.mo Snr. Como presidente da Junta de Paroquia Civil de Vila de Pereira, deste concelho de Montemor-o-Velho, tenho a subida honra de enviar a V. Ex.a o incluso auto de assalto e ocorrencias tumultuarias havidas no dia 4 do corrente mez de novembro, no edificio das sessões desta Junta de Paroquia e que me impediram de realisar a sessão legal ordinaria desse dia. Só a algum sangue frio que consegui ter e fazer ter a alguns dos assistentes se deve o não haver a estas horas graves acontecimentos a lamentar.

Faço este envio, afim de que V. Ex.a se digne proceder em harmonia com o art.º 24 do Codigo Administrativo e mais legislação em vigor.

Alem das testemunhas presenciaes indicadas no auto, existem mais, entre outras, Antonio Felix Pimentel, casado, sapateiro; Joaquim Pereira Francisco, casado, lavrador; João Pereira Gaspar, casado, jornaleiro e sua sogra Luiza; todos naturaes desta vila e nela moradores, as quaes, no momento, me esqueceu de registar no auto.

Saude e Fraternidade.

Ao Il.mo e Ex.mo Snr. Delegado do Procurador da Republica na comarca de Montemor-o-Velho.

Vila de Pereira, 5 de novembro de 1915

O Presidente da Junta de Paroquia,

Azuil Paiva de Carvalho.

COPIA DO AUTO

Aos quatro dias do mez de Novembro de mil novecentos e quinze, nesta paroquia de Pereira, concelho de Montemor-o-Velho e na residencia do presidente da Junta de Paroquia desta freguezia, estando presente, ele, presidente, Azuil Paiva de Carvalho, junto com o secretario da mesma Junta e com as testemunhas Antonio Nobre de Carvalho e Antonio Felix Pimentel, foi por ele, presidente, declarado que não poude realisar a sessão legal de hoje, da Junta, visto que, quando se encontrava na sala das sessões com o vogal Antonio Ribeiro de Goes á espera dos restantes vogaes, foi a sala invadida tumultuariamente pelo professor oficial José Maria da Cruz e mais alguns criados da casa Figueiredo, juntamente com o regedor José Mendes Farrapa, o qual, em grande algazarra e de punhos erguidos, o expulsou da sala das sessões, de fórma arrogante e arbitraria. Mandou, por isso, ele, presidente, lavrar este auto, que vae ser enviado ao Agente do Ministerio Publico, afim de que aos assaltantes sejam aplicadas as penas legaes correspondentes ao assalto e infração de atribuições cometidas. De tudo foram testemunhas presentes, Antonio Nobre de Carvalho, casado, proprietario; Justina Tavares Nobre, casada, domestica; Maria José Ramos, casada, domestica; Justina Ferreira Cavaco, casada, domestica; todos moradores nesta freguezia de Pereira e paroquianos dela.

E, para constar, lavrei este auto, que eu escrevi e assino com o presidente da Junta e as testemunhas presentes, Antonio Nobre de Carvalho e Antonio Felix Pimentel, ambos desta Vila de Pereira.

Vila de Pereira, 4 de novembro de 1915

O Presidente — Azuil Paiva de Carvalho. Testemunhas—Antonio Nobre de Carvalho e Antonio Felix Pimentel. O Secretario — Francisco Lopes de Oliveira Bomtempo.

ALHADAS, 18 de novembro

Realisaram-se no domingo, 14 do corrente, os festejos em honra do santo padroeiro d'esta freguezia. Durante alguns dias ouviu-se o estralejar de foguetes e, no dia soléne, houve missa, á qual assistiram alguns crentes.

Os maus costumes tendem a desaparecer á medida que ás gerações novas são ministradas as sãs doutrinas da Verdade. Os vindouros, educados na vereda do progresso, hão-de atingir os grandes principios que já hoje norteiam a humanidade. Os forasteiros infieis á egreja aglomeravam-se numa enorme multidão, no largo fronteiro, prestando culto e veneração, embora menos sincera, a quem de verdade tem direito á consagração dum ente superior. Deusas da bondade que teem jazido no altar escuro onde começa a penetrar a luz da instrução que ha-de fazer brotar dos vossos peitos aquecidos aos primeiros reflexos da aurora da civilisação, a mais doce e grandiosa religião do Bem e do Amor.

Antonio Anadio.

Editos de 30 dias

(1.ª publicação)

PELO cartorio do terceiro oficio do juizo de direito d'esta comarca e no inventario orfanologico a que se procede por obito de José Nunes da Silva e no qual é cabeça de casal a viuva, residente em Verride, correm editos de trinta dias, a contar da ultima publicação d'este anuncio, citando para todos os termos até final do mesmo inventario os interessados Paulo Nunes da Silva, solteiro, maior e Maria José Nunes Couto e marido Antonio Couto, ausentes em parte incerta.

Montemór-o-Velho, 11 de novembro de 1915.

O Escrivão,

José de Paiva Bobela Mota.

Verifiquei a exatidão.

O Juiz de Direito,

Amaral Pereira.

Editos de 30 dias

(1.ª publicação)

PELO cartorio do terceiro oficio do juizo de direito d'esta comarca e no inventario a que se procede por obito de Maria Rodrigues, do Bebedouro, e no qual é cabeça de casal o viuvo Joaquim Loureiro, do mesmo lugar, correm editos de trinta dias, a contar da ultima publicação d'este anuncio, citando para todos os termos até final do mesmo inventario o interessado Manuel Loureiro, solteiro, maior, ausente em parte incerta.

Montemór-o-Velho, 15 de novembro de 1915.

O Escrivão,

José de Paiva Bobela Mota.

Verifiquei a exatidão.

O Juiz de Direito,

Amaral Pereira.

Companhia Geral de Credito Predial Português

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

Séde Social: Travessa de Santo Antonio da Sé, n.º 21

LISBOA

Esta Companhia realisa actualmente emprestimos hipotecarios a longo praso, cujo encargo, compreendendo juro, comissão, amortisação e depreciação dos titulos, é inferior a 7 %, tendo os mutuarios a faculdade de antecipar os seus emprestimos, total ou parcialmente e em qualquer época, em dinheiro ou em obrigações da mesma taxa e tipo das que fôram entregues no acto do contrato. Recebe e guarda nas suas magnificas **Casas fortes** quaisquer papeis de credito, encarregando-se de receber os respectivos juros.

Pedir esclarecimentos a Fernando da Silva Coelho Pessoa — Montemór-o-Velho — ou diretamente á Séde da Companhia.

Guilherme dos Santos Pínto & Irmão

COM

OFICINA DE CANTEIRO

Encarregam-se de jazigos de toda a especie e todo o serviço concernente á sua arte.

Tambem executam todos os trabalhos que digam respeito a *Plantas, Alçados, Copias, Projectos e orçamentos de edificios, edificações, etc.*

Montemór-o-Velho=Verride

Companhia de Seguros A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

—=—

AGENTE na Figueira da Foz

Antonio d'Oliveira Guerra

RUA DA REPUBLICA, 84

Antonio Pereira de Carvalho

Proprietario dos Grandes Armazens de Bicicletas, Maquinas de Costura, Pianos e toda a qualidade de acessorios.

A maior e mais antiga casa no genero

Oficina para todos os concertos, afinações e reparações em bicicletes, motocicletes e maquinas de costura.

Artista mecanico habilitado. *Vendas, alugueis e trocas.*

Preços sem competencia

34—Avenida Navarro—36

(Estrada da Beira)—COIMBRA

Hospedaria do Paço do Conde

— DE —

JOSÈ DOS SANTOS

Rua Adelino Veiga, 36 a 40 — Rua do Paço do Conde, 10

COIMBRA

Vinhos, comidas e tabacos.
Recebem-se comensais por preços modicos.
Camas para pernoitar.

Esta casa, com a transformação porque acaba de passar, melhorou consideravelmente todos os seus serviços, achando-se habilitada a receber hospedes de qualquer categoria, oferecendo-lhes comodidades por preços baratos. Esmero e prontidão no serviço de meza, para o que tem pessoal competente.

O mesmo proprietario negoceia em cereais e legumes de todas as qualidades, tais como farinhas, sêmeas, batata, castanha, palha enfardada, cordas e adubos quimicos.

Rua Adelino Veiga — 44, 48

O seu armazem é já muito conhecido.

Telefone 379

João Antonio Rodrigues

(SUCESSOR)

Montemór-o-Velho

Correspondente das seguintes casas:

Banco Comercial de Lisboa, Banco do Minho, Banco Comercial do Porto, Banco Aliança, Banco Economia Portugueza, Banco Nacional Ultramarino, Companhia de Seguros *A Internacional*, Crédit Franco-Portugais, J. M. Fernandes Guimarães & C.ª, Pinto da Fonseca & Irmão, J. M. Espirito Santo Silva, Borges & Irmão, J. H. Tota & C.ª, e Orey, Antunes & C.ª.

ANTIGO ESTABELECIMENTO

— DE —

Mercearia, Tabacos e Fazendas brancas

— DE —

João Antonio Rodrigues

(SUCESSORES)

Montemór-o-Velho

Nesta casa se encontra um completo sortido em assucar, chá, café, manteiga nacional e ingleza, biscoitos, bolachas, massas, bacalhau, genebra e vinhos do Porto.

Ferragens, prego de arame e de ferro, panelas de ferro, rastilho, chumbo em barra e para caça.

Fosforos e Tabacos, por atacado. Tambem vende pelos preços de Lisboa, farinha de trigo, cimento Portland, vidraça, telha de vidro e velas de cera.

Preços resumidos

Restaurante Ferro-viario

ALFARELOS

ESTE bufete, um dos que melhor servem o publico que transita nos comboios, acha-se situado na estação do caminho de ferro de Alfarelos. Fornece almoços, jantares e *lunchs* e toda a qualidade de refeições, por preços comodos. Tem pessoal habilitado, tanto em cosinha como em sala de mesa.

Tudo se encontra com esmero e perfeição.

Fornece comida para fóra, e presta-se a servir em casamentos, batisados, etc., desde que seja prevenido com antecipação.

O proprietario, **Artur de Oliveira Coelho.**

Oficina-Garage de Coimbra

LOBO DA COSTA & CASTANHEIRA

Grandes oficinas mecanicas para reparações de automoveis; fabrico de carretos, pinhões e corôas em aço; cementação e temperas; vulcanisação e fundição de metaes. Recolha e tratamento. Ensino. Automoveis de aluguer de $08 a $20 o quilometro e 9 lotações de 1 a 18 passageiros.

Acessorios, gazolina e oleo.

Transações em carros de 2.ª mão. Serviço especial, para bem servir os ex.mos clientes da provincia.

Rua da Figueira da Foz—170

COIMBRA

Local conhecido por «Casa do Sal» á entrada da cidade pela estrada do Porto.

Telefone, 502 — Telegramas «Garage-Coimbra»

Aos proprietarios de Lisboa e Porto

Grande economia

A MUNDIAL, de acordo com os seus importantes reseguradores resolveu efectuar seguros de propriedades, sem uso ou contiguidade perigosa, ao premio de:

$08 por cada . . . . . 100$00
ou $80 » » . . . . . 1:000$00
de capital seguro

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital, Escudos . . . 500:000$00
Reservas em 1914 . . 64.244$75

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmão
(Banqueiros)

Praça da Liberdade, 138 — Telefone 1459

Agencias e Delegações em todo o paiz, ilhas e colonias.

AGUA DE LUSO—Cura pela Diurése

(MEDALHA D'OURO, MADRID, 1913)

(Estabelecimento termal e Hoteis abertos todo o ano)

A mais diurética e mais digestiva. Aumenta a diurése, regularisa as funções digestivas e ativa os fenómenos nutritivo

Muito radioativa—4,49 miligramas—minutos
Muito ionisada, resistividade a 18º 18300 ohms
Muito rica em gazes raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotonica, ponto criospico 0º,04

} Conclusões da analise feita pelos distintos professores Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitissimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tifico

USO EXTERNO—Molestias de pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc,), reumatismo e gôta.
USO INTERNO—Artritismo, impaludismo, neurastenia—Albuminuria, diabetes—Intestinos, estomago—Rins—Bexiga.

DEPOSITOS:— **LISBOA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros, 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 428. FUNCHAL, José Quirino de Castro, rua dos Murças. AFRICA ORIENTAL: Oswald Offmann. BEIRA: F. L. Simões & C.ª. LOANDA: Beltrão, Pena & C.ª**, e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositarios nas terras onde ainda os não haja.

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legitimos acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de fórma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamavel, isca em cordão vendida fraudulentamente a titulo de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva acção civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa a Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando-se a maior discreção. A Companhia logo que receba informações fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalisação para procederem ás necessarias diligencias. Dirigir-se pessoalmente ou por carta á Companhia Portuguêsa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS

MELO & MARTINS

PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada

PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiencia dos nossos adubos, devido ao seu magnifico resultado os adoptarão de preferencia a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

A FUNERARIA EM PEDRA

—= DE =—

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem deposito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se tambem de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fóra de Coimbra

FABRICA DE CAL

Cal fina e grossa, fornece-se em muito boas condições. Preços modicos, sobre o wagon, no caminho de ferro e nos proprios fornos.

Agente de telha tipo marselha e tijolos de todos os formatos, da fabrica Lacerda, Figueiredo & C.ª Limitada, da Pampilhosa.

Pedidos a

Joaquim F. Coca Junior
Zambujeiro—Arazede

AOS AGRICULTORES

Estão proximas as sementeiras de nabos e cereais, e por isso previno todos os meus estimaveis freguezes que façam novas encomendas de **adubos quimicos** e **organicos**, da acreditada casa Varela Leal & C.ª, das Varzeas, os quais se encontram á venda em minha casa, no **Casal do Gaio — Arazede.**

Manoel Monteiro Godinho.

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro
PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, offerece aos ex.mos passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.

Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA

Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.
PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações
Deposito das afamadas aguas de Luso.

Portugal Previdente

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima — Responsabilidade Limitada

Capital **UM MILHÃO** de Escudos

SÉDE — RUA DO ALECRIM, 10 — LISBOA
N.º Telef.—1849 End. Teleg.—VIDA

Seguros contra incendios de predios, fabricas, etc.
Seguros de estabelecimentos e mobiliarios.
Seguros agricolas de ceáras, eiras, palhas, arvoredos, etc.
Seguros de maquinas e utensilios de lavoura.
Seguros contra incendio proveniente de gréves e tumultos.
Seguros de transportes maritimos e postaes.
Seguros contra roubo de habitações e estabelecimentos.
Seguros contra fraude de empregados.
Seguros contra a quebra de cristais.
Seguros de vida, pensões, dotes e reformas.
Seguros contra acidente de trabalho.

Agencias em todas as terras importantes do paiz, ilhas e colonias.
Sucursal no PORTO — Rua Passos Manoel, 21.

BANQUEIROS—**Borges & Irmão**—Porto e Lisboa

31 Biblioteca da Universidade
Coimbra

Ano 4.º Montemór-o-Velho, 28 de Novembro de 1915 N.º 197

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguêsa

Pátria e Humanidade

Director, Proprietario e Administrador
Almeida Junior
Secretario da Redacção e Editor
Abel M. de Melo Brandão
Red. e Adm.—R. Dr. José Galvão—Montemor-o-Velho
DIRECÇÃO:—COIMBRA
(para onde deve ir a correspondencia)
Composição e Impressão — Tip. Silva (a vapor)
AVEIRO

Estabilidade governamental

Era o que se precisava, afim de que a obra da Republica, tão brilhantemente iniciada pelo governo provisorio, prossiga para que a nossa patria, que o vento da adversidade tanto tem fustigado, enverede por um caminho mais compativel com a aspiração dos bons republicanos, d'onde a tem afastado uma politica de retaliações, de pugnas estereis em que muitos homens se teem envolvido.

A falta de estabilidade, que temos notado em todos os governos que teem sucedido ao provisorio, com excéção do ministerio Afonso Costa que caiu por um áto de mera fraqueza do ex-presidente Arriaga, não é propria da ocasião critica que atravessamos. A' frente dos nossos destinos querem-se homens de envergadura, capazes de arrostar com os perigos que nos assoberbam.

Não se compreende que, estando um governo no poder meia duzia de mêses, os seus membros tenham, no fim de tão limitado espaço de tempo, desejos de apresentar ao chefe do Estado o pedido da sua demissão!

Não e não!

Formem-se ministérios, partidarios ou extra-partidarios, como quizerem, contanto que as individualidades, chamadas a constitui-los, tenham uma vontade de ferro para a realisação de muitas obras de *saneamento* que ponham no *são* a nossa inditosa patria, infelizmente ainda tão enferma pela áção daninha de certos *tubarões* e para a adóção de medidas tendentes a patrocinar as classes proletarias, cujas condições economicas são horriveis na presente conjuntura e a desenvolver a nossa definhada agricultura, e haverá a necessaria estabilidade governamental, tão propria ao progresso désta infeliz patria, que, como se sabe, atravessa uma das suas maiores crises n'este tempo de crueis incertezas em que quasi todos os paizes da velha Europa se degladiam numa luta terrivel.

Mas para que consigâmos esta estabilidade, bem sei que é preciso que a áção de todos os partidos militantes vise apenas um unico fim: orientar os nossos homens publicos a quem sejam entregues as redeas da governação publica e não estigmatisa-los pelo mais futil motivo.

Neste periodo amarissimo, que atravessamos, da vida portuguêsa, devem pôr-se de parte odios e rancôres e chamar-se a gerir os interesses publicos homens que saibam dar pronta e completa solução aos mais transcendentes problemas da nossa administração.

Eu bem sei que a arte de governar é bem complexa em Portugal.

Mas a Republica, para nossa honra, ainda possue estadistas capazes de vencer todas as dificuldades que de momento possam surgir-nos.

Muita tenacidade e aprimorado tino governativo é o que é preciso, afim de que a estabilidade governamental seja um facto — sem o que qualquer governo, que ascenda ás culminancias do poder, produzirá nada de util ou proveitoso.

Constantino Gomes Tomé.

De semana a semana

Não se admire

Admira-se *A Voz da Justiça* de «que um A. de F., num artigo publicado no orgão miguelista, diga que é preciso crear católicos, fazer católicos por todos os meios, em vez de pedir que se criem muitas batatas e bacalhau barato.

O colega não tem que se admirar que o A. de F., do miguelismo, queira antes católicos que batatas e bacalhau barato.

Basta que o colega saiba que o A. de F. é o *celebre advogado da heroina Germaride*, e que os católicos que ele deseja são da força do director do orgão da forca e do cacete, que vai todos os domingos á missa das 13 horas ao Loreto, unica e simplesmente para se entregar á pratica de actos indecorosos, nas pessoas dos masculos ouvintes que ali se encontram...

Conte comnôsco

O Dia, inaugurando uma nova secção intitulada *Factos & Coisas*, diz:

Não terá comentarios. Eles conter-se-hão no que se reproduzir. Resaltam do proprio «facto», da «coisa» mesma. São dispensaveis. Não é uma secção triste: ha de ser desopilante, embora nos falte já o snr. Nóues da Mata, que está fóra da camara! São «factos» que não devem esquecer-se, «coisas» que a todo o tempo hão de relembrar-se como «sinais dos tempos». São documentos da actualidade. São fotografias... e tambem são espelhos.

. . . . . .

Os amadores de curiosidades são convidados a concorrer para a colecção.

Póde desde já *O Dia* contar com a nossa colaboração efectiva. Como somos *amadores de curiosidades*, enviaremos para a *desopilante secção* uns trechosinhos escritos pelo snr. Moreira d'Almeida de 1907 a 1910, que não *devem esquecer-se*, e que é bom *relembrar-se como sinais dos tempos*.

São documentos da atualidade. São fotografias... e tambem são espelhos onde os leitores de *O Dia* verão a coerencia e avaliarão as convicções e a vergonha do snr. Moreira d'Almeida.

Disciplina

Todos os politicos e todos os jornalistas das diversas facções partidarias, gritam e barafustam contra a indisciplina que lavra na sociedade portugueza, chegando a *Gazeta da Figueira* a dizer: «A Patria Portugueza, se não tem um momento de lucidez, resvala para sempre no precipicio que a eliminará do numero das patrias livres».

Não ha duvida nenhuma que a indisciplina aumenta a olhos vistos, e todos teem muita razão para falar.

Mas o que é certo é que nenhum desses politicos, nenhum desses jornalistas procurou ainda atenuar esse mal, antes pelo contrario.

A rua não é a principal culpada dessa indisciplina, mas sim os politicos e grande parte dos jornalistas que a sugestionam e lhe insinuam uma propaganda de odios e de retaliações.

Deixem de fazer isso e verão como a indisciplina deixa de existir. Evitem-lhe as causas e ela não se produzirá.

Separação

Devido á falta de espaço deixamos para o proximo numero algumas considerações e umas perguntas que desejamos fazer sobre a separação dos funcionarios do ministerio das finanças.

A apologia do casamento

(RAPIDA RESPOSTA)

O problema do casamento tem absorvido a atenção de muitos filosofos e de muitos sabios consumados.

Felizmente que o êrro manifesto tende a desaparecer, mercê dos *factos naturais* já constatados.

Veio agora até mim um rapaz ilustre, novo mas erudito já, a querer arrancar-me conclusões sobre o mesmo problema maximo que tem prendido a atenção de muito filosofo e de muito sabio. Pois sim.

Pelo que já lhe ouvi pessoalmente, a primeira conclusão é esta: ambos queremos a mesma coisa, desejamos ambos o mesmo ceu de emancipadora liberdade; o que um quer, quer outro; mas é questão de palavras.

Ainda assim, porque as palavras devem exteriorisar os sentimentos, a menos que entre uma e outra coisa não exista afinidade de alguma porque se diga o que se não pensa ou se sinta o que se não diga, ha em algumas frases do meu antagonista o quer que seja de dubio e discordante.

Ele não concebe a felicidade num lar, a emancipação da familia, senão mediante um contrato social, convencionado em remotas eras e com vasta repercussão nas gerações sucessivas, chamado impropriamente *casamento*, nas camadas baixas, ou *consorcio*, no seio dos mais endinheirados.

Não o concebe assim Novicova, o altissimo filosofo, nem o grande René, que não se farta de lhe chamar uma burla.

O contrato nupcial em uzo não tem nada de comum com a união sexual dos seres, nem com a união da familia. Antes, e acontece isso muitas vezes, o casamento é uma grilheta que maniéta as azas aos individuos das duas especies que sentem um coração para amar e uma grande alma para sentir, tornando-os, assim, desumanamente, e á face da Logica e da Razão, perante os codigos em vigor, uns escravos de si proprios arrastando uma vida de sofrimentos que a maior parte das vezes acaba n'outro contrato não menos estupido e absurdo, chamado *divorcio*, que, se a lei canónica proíbe, ainda bem o consentem em larga escala a igreja ortodoxa do Oriente, a Inglaterra, o islamismo e muitas outras seitas cristãs.

Ora não se percebe porque é que, para duas criaturas se amarem á vontade, serão necessarias testemunhas, um padre ou um oficial de registo, o repique de sinos a dizer a toda a gente que tal dia e a tal hora fulano se vai entregar nos braços de fulana, muitas vezes sem se indagar se eles se ambicionam mutuamente ou se, até, nem se havendo ainda visto, se sentirão atraidos pelo mesmo sentimento chamado amôr...

E' preciso ponderarmos, meus amigos. A união da familia não está no casamento.

O amôr paternal será sempre o amôr paternal, desde que o homem, á luz radiante do Amôr, sinta pelos filhos a mesma grande e indissoluvel afeição, muito embora, por um acaso furtuito da vida, os progénitores se deixem de entender no decorrer do tempo e se separem, acabando a escravidão.

A união livre traz sempre a flexibilidade completa.

E desde que isso se começasse a compreender, a imoralidade não seria tão manifesta, porque a união dos sêres apenas se realisaria quando o amôr fosse intenso, vivido, fundo, e não como se está dando, que se *casam* criaturas sem se amar, muitas vezes por ganancia e mediante escritura de haveres, etc.

E, meus senhores, que felicidade poderá haver num lar conjugal, quando o homem, requestando a sua consorte, ela o despreza e dele se desvia, acedendo mais tarde á união quando ele, por portas travessas, lhe atira á cara com um dote de alguns contos, feito no tabelião? De cérto, uma mulher assim comprada a pezo d'eiro, não póde amar o marido.

Ah! Eu conheço d'isso!

E depois, assim como é uma desonra uma rapariga ter um filho, sem prévio contrato assinado e pronto, se fosse isso motivo para canoniza-la, nós não teriamos assistido aos tremendos espétaculos de lezahumanidade que se tem dado de se matarem filhos á nascença, que tanto podiam, no futuro, ser herois como patifes, nem aquela desgraçada russa teria sido condenada a trabalhos forçados por lançar o filho ao charco, pretendendo esconder o *grande crime* de ter concebido um filho por amôr, se não fosse a falsa ideia de ser escarnecida com desesseis anos apenas!

Mas eu ainda hei-de dizer mais coisas ao ouvido de Seabra Cascão...

ALMEIDA JUNIOR.

Promoção

Foi promovido a alferes, na ultima ordem do exercito, o ilustre aspirante de artilheria 2, e estimado filho da visinha povoação de Abrunheira, snr. Antonio Ornelas e Vasconcelos.

Os nossos cumprimentos.

Donativo

Grande coração é o da mulher portuguêsa, que já vai compreendendo os altos beneficios da emancipação da sociedade pela instrução. Assim o acaba de constatar uma filha ilustre do nosso concelho, entregando á camara municipal um donativo de 50$00 para auxiliar as obras da escola de Verride, sua amada terra natal.

Referimo-nos á ex.ma snr.a D. Maria Eugenia de Castro e Oliveira, alma generosa que não esqueceu os filhos dos pobres da sua aldeia que carecem de receber a luz das letras, o batismo espiritual que faz o homem do futuro e engrandece a sua patria querida.

Bem haja a distinta senhora.

Crónica de Lisboa

Falta o espaço para esta explendida produção e outras que irão no proximo numero.

Poetas e Prosadôres

ANTOLOGIA

Por minha fé

(Para Ela, a minha I...)

Não é p'ra mim, bem sei, porque a amo.
— Amôr que chega a ser Veneração —
E' p'ra mortificar meu coração
Que eu constantemente a quero e chamo!

E quanto mais o coração inflamo
De ilusões, em pura abstracção
Mais sinto dentro em mim a tentação!
Depois acalmo... E lagrimas derramo!

Mas os seus olhos pretos, sonhadores,
— Que são a causa deste meu martirio —
Não me sáem da mente! Que criança!

Parecem rir-se destas minhas dôres
E então, mais aumenta o meu delirio
E mais a amo por não ter Esperança!

Lisboa—Novembro, 1915.

VIRGILIO MARQUES.

Funcionarios administrativos

Muitas tem sido as provas de inaptidão do ultimo governo da Republica. Esta do aumento de vencimento aos funcionarios administrativos, sobresaíu a todas as tolices. Com efeito, não se compreende bem como, num instante de imponderação, se decreta, se aprova e se manda para a imprensa nacional, fazendo-se saír no *Diario*, uma medida de tamanho interesse colétivo, que preencheria exátamente uma velha aspiração, e no dia seguinte, depois do aumento decretado, se mande para o mesmo sitio outra medida, dando o dito por não dito. Parece tudo isto uma *brincadeira de rapazes*.

Os funcionarios do nosso concelho, a todos os titulos bem dignos da atenção governativa, manifestaram-se sobre o assunto, levando a sua adesão a uma camara que foi, até hoje, o modelo das camaras municipais no atinente á consideração e ao respeito pela situação economica do seu pessoal.

Deixemos, porém, os de fóra, e vamos pedir á nossa camara o favor de nos dizer porque é que, tendo tido, até 31 de outubro findo, um aumento, nas contribuições, de 1.760$00, não conservou o vencimento ultimamente legado aos pobres funcionarios e porque é que o seu nobre presidente, uma figura de destaque no nosso concelho, bondoso e ponderado, está ainda inspirando toda a corporação administrativa para que ela se coloque contra o aludido aumento.

Sabemos que se tem gasto muito dinheiro, todo ele bem aplicado, é certo, mas algum em obras adiaveis, quando muito ha que atender em primeiro logar.

O *Dever*, colocando-se ao lado dos comissionados, julga interpretar os seus desejos pedindo á camara que lhes dispense um pouco de mais consideração, pois não podem continuar recebendo uma ninharia, visto que a vida d'hoje se não póde comparar com a vida d'hontem, sob o ponto de vista da economia social.

... Mas o nosso concelho é unico em coisas várias, que a seu tempo virão a lume, sem esquecermos os laços de amizade que nos prendem a homens de valor, nem a grande consideração que eles nos merecem...

Pela Beira Alta

Impressões de viagem

E' a Beira, sem duvida, uma das mais pitorescas regiões de Portugal que a todos encanta. Efectivamente, cremos que não ha ninguem, por mais despido que seja de entusiasmo, que não sinta, graças aos deliciosos panoramas que a Beira nos oferece, uma suave e feliz disposição de espirito ao contemplar aquelas regiões.

Durante a nossa viagem da Pampilhosa até Mangualde, sofremos algumas decepções, que logo se tornavam em surprezas agradaveis. Era o caso que, sendo, como é, a Beira bastante montanhosa, — invadia-nos o espirito uma tristeza profunda quando, de um e outro lado, se elevam gigantescas montanhas escalvadas, sombrias, e penhascos carcomidos e enegrecidos pelo tempo...; mas, uma vez transpostos, podiamos descortinar horisontes, por vezes longinquos, que nos deixavam deslumbrados; — a paisagem tornava-se, então, subitamente bela: sucessão continua de vales, uns desnudados, outros cobertos de vegetação e em alguns correndo no seu *talweg* um fiosinho de agua cristalina; planicies matisadas com verduras, dispostas simétricamente, aos talhões; uma infinidade de aldeiolas, e por todos os lados: pinhais, olivais, vinhedos — emfim, tudo isto, e ainda mais: a constante mudança de paisagem, sempre grandiosa, oferecia, á vista, um quadro encantador...

Muitas vezes, emquanto a contemplavamos em profundo silencio, diziamos mentalmente: — «os nossos pintores, vendo tanta coisa com os olhos do espirito, que pena não virem aqui gosar, realmente, semelhante panorama...» Ali, com efeito, a insaciavel vontade do artista encontrava recursos bastantes!

De Canas de Senhorim, terra hospitaleira e socegada, cujos habitantes, rusticos mas humildes, conservam ainda os seus costumes primitivos, sem que o luxo, por emquanto, ali tenha feito alteração — fômos até Vizeu, numa viagem morosa e aborrecida, suavisada, apenas, por uma temperatura agradavel. Pela estrada, ensombrada pelos pinhais que se estendem por todos os lados até ao infinito, viam-se, a miude, muitas cruzes de madeira e de pedra, indicando as sepulturas de individuos assassinados pelo celebre facinora João Brandão. Este facto produziu, no nosso espirito, um mixto de repulsa e de medo; de modo que, sendo obrigados a lembrarmo-nos das proezas praticadas por aquele assassino, ficavamos sem *pinga de sangue*, receiando ainda que ele por ali andasse, por aqueles inóspitos e lugubres sitios; e então, prevendo o que sucederia, quanto mais o trem rodava, menos proximo par'cia o termo do passeio...

Antes de chegarmos a Vizeu, passámos sobre o rio Dão, onde nos demorámos uns instantes a admirar as suas margens verdejantes e o seu curso sinuoso, semeado de pedras e de pequenas cachoeiras, lembrando os pequenos rios de Africa...

Sendo, porém, como é, esta quadra do ano a peior para digressões pela Beira, devido ao frio que ali é impertinente e rigoroso, tivemos que encurtar o tempo da nossa *visita*; e, assim, convidados á retirada pelo *hespanhol* — termo com que os beirões se referem ao vento-norte — não hesitámos um momento. A caminho, pois... e apartámo-nos da Beira, desejando aos seus habitantes mais saude e menos frio...

Abrunheira, 23—XI—915.

E.

Camara Municipal

Sessão de 23 de outubro

Presentes os vereadores Monteiro da Costa, Goes, Esteves de Barros e o secretario Rodrigues Pato, sob a presidencia do snr. dr. Simões.

Lida e aprovada a acta da sessão anterior. Foi presente o seguinte expediente:

Um oficio da professora de Verride a comunicar que entrára em exercicio no dia 2 do corrente. Inteirada.

Um oficio da Inspecção do Circulo Escolar a comunicar que a proposta graduada dos concorrentes á escola d'Arazêde (do sexo feminino), não poderá ser organisada dentro do prazo legal, por aparecerem candidatos de diversos concelhos e circulos escolares. Inteirada.

Um oficio da mesma proveniencia a enviar um requerimento do professor das Means a pedir a sua aposentação e que nesta camara seja organisado o competente processo. A presidencia informou ter oficiado ao aludido professor, dizendo-lhe que o requerimento deve ser dirigido á camara e não ao ministro da instrução primaria, e deve apresentar documentos constantes da lei. Inteirada.

Um oficio da secretaria da direcção dos hospitais civis de Lisboa a comunicar que em maio déra entrada naquele hospital Joaquim Gomes Cruz, de Arazêde, e por isso pede que seja enviada a competente guia de responsabilidade pelas despezas. Resolveu responder que a camara não teve conhecimento do individuo a que alude, e por isso não autorisa o tratamento nem se responsabilisa pelas despêsas.

Um oficio da Maternidade de Coimbra a dar conhecimento de ter dado entrada na secretaria as folhas de pagamento das subsidiadas. Inteirada.

Um oficio do inspector do circulo escolar de Santa Comba-Dão a pedir se lhe informe ácerca de D. Lia de Matos e da sua efectividade como professora neste concelho. Resolveu informar conforme se pede.

Um oficio do presidente da junta de paroquia das Means do Campo, fazendo varias considerações e prestando intormações ácerca dum alinhamento em tempo feito a Joaquim da Fonseca Vaz, que diz prejudicar o transito da estrada naquele sitio. O vereador Monteiro da Costa propoz que fosse o alinhamento vistoriado pela camara, o que foi aprovado.

O presidente deu conhecimento á comissão de ter falecido em Verride o colega José Nunes da Silva e propoz para que na acta fosse lançado um voto de sentimento pela perda dum tão prestimoso cidadão, e que desse fácto fosse dado conhecimento á familia do finado. A proposta foi por aclamação aprovada, associando-se ás palavras do presidente o vereador Monteiro da Costa.

Deu conhecimento o presidente de que o vereador Batista da Costa lhe entregara a quantia de 50$00, donativo com que a snr.ª D. Maria Eugenia de Castro Oliveira, de Verride, quiz concorrer para a construção da escola de Verride. Factos desta natureza demonstram que as pessoas mais categorisadas do concelho aprovam a orientação pela camara seguida. Propoz que na acta fosse exarado um voto de louvor áquela senhora pelo seu valioso auxilio, e que se lhe oficiasse a mostrar o seu reconhecimento por tão valiosa oferta. A comissão votou por unanimidade a proposta.

Propoz mais o snr. presidente e foi resolvido enviar para a administração do concelho o relaxe do serviço braçal do ultimo ano.

Disse mais, que tendo-se auzentado da camara o advogado nomeado para tratar das questões, snr. dr. Ismael de Carvalho Sampaio, e sendo necessario nomear outro advogado, porque a camara tem em juizo uma questão com a junta de paroquia de Pereira, convidava a comissão a designar o advogado que entendesse. Foi nomeado o advogado dr. Santos Neto, mandando-se passar a necessaria procuração.

Autorisou e mandou pagar diversas despêsas.

Em seguida foi encerrada a sessão.

Tentugal anedótico

Noutros tempos houve em Tentugal um capitão de milicias, que o povo conhecia por Capitão da Fome, naturalmente por ser uma figura esquelética, semelhante á do D. Quichote, de Cervantes.

Um dia, este célebre capitão teve a *infeliz* ideia de lavar os pés; e, fazendo-o, notou na água, que para isso serviu, umas ôlhas flutuando, semelhantes a gordura de sebo, o que o fez exclamar arrependido:

— Então eu lavo os pés para ficar sem gordura, quando eu tanto preciso dela?! Noutra não torno a caír!

E rezam as tradições que nunca mais se lavou.

Ha anos conheci em Ardazubre, aldeia a dois quilometros de Tentugal, uma mulhersinha que não principiava nenhum periodo no decorrer das suas conversas, que não dissesse invariavelmente estas palavras:

— E vai aos pois, meu amiguinho, françcas e alagaças, cerca, tem-mão, na minha azinhaga...

Fortunato.

Luiz Maria Lopes & Bretão

Negociantes de sal e vinhos,
em vagons,
para diversos pontos do paiz

12—R. Fernandes Tomaz—14
9—Rua da Republica—11

Telefone n.º 205.

FIGUEIRA DA FOZ

Questões de saude

Ladainha dos medicos

Ha tempo, o medico que tinha a seu cargo a secção de *Higiene Pratica*, no *Seculo*, apresentou aos seus leitores uma ladainha interessante dos doentes; e, para que estes não ficassem escandalisados com ele, convidou-os a enviar tambem qualquer ladainha dos medicos para ser publicada no mesmo lugar. Que alguns leitores mandaram as suas queixas em forma de ladainha, não me resta duvida alguma. Não fizeram, todavia, caso de as publicar, conforme tinham prometido e seria mais correcto.

Como o *Dever* é um jornal liberal, vou enviar-lhe uma dessas *ladainhas* para que os leitores deste jornal possam constatar *que em toda a parte ha um bocado de mau caminho*; isto é, não são só os doentes que são custosos de aturar... Segue a *ladainha*.

Do medico que acredita demasiado na eficacia das drogas botiqueirss (á excepção da quinina para as sezões, do mercurio para a sífilis, da santonina para as lombrigas e... da purga *di bico* para a evacuação obrigatoria e rapida dos intestinos):
Libera nos, Dominé!

Do medico que sistematicamente só fala em medicina, a doentes e a sadios:
Libera nos, Dominé!

Do medico que é mecanico, literato, poeta... menos medico:
Libera nos, Dominé!

Do medico que não tem paciencia, ou do que tem modos bruscos:
Libera nos, Dominé!

Do medico que *pega na pinga*, do que é politico ou *conquistador*:
Libera nos, Dominé!

Do medico que vê os doentes atravez do prisma da sua fortaleza ou dos seus proprios achaques, julgando-os tuberculosos, se o está, reumaticos, se o é, etc.:
Libera nos, Dominé!

Do medico que *descobre* varias maselas no corpo alquebrado e se propõe *curá-las*, tal como um mestre carpinteiro quando se dispõe a tirar sucessivos defeitos duma casa já antiga e arruinada:
Libera nos, Dominé!

Do medico que, em vez de receitrr couves, papas, vaca, pão, leite, ovos, bom ar e limpeza, receita de preferencia xaropes, vinhos, digestos, infusos e... *cosimentos*:
Libera nos, Dominé!

Do medico que leva aos doentes *coiro e cabelo*:
Libera nos, Dominé!

Fortunato.

Editos de 30 dias

(2.ª publicação)

PELO cartorio do terceiro oficio do juizo de direito d'esta comarca e no inventario orfanologico a que se procede por obito de José Nunes da Silva e no qual é cabeça de casal a viuva, residente em Verride, correm editos de trinta dias, a contar da ultima publicação d'este anuncio, citando para todos os termos até final do mesmo inventario os interessados Paulo Nunes da Silva, solteiro, maior e Maria José Nunes Couto e marido Antonio Couto, ausentes em parte incerta.

Montemór-o-Velho, 11 de novembro de 1915.

O Escrivão,

José de Paiva Bobela Mota.

Verifiquei a exatidão.

O Juiz de Direito,

Amaral Pereira.

Editos de 30 dias

(2.ª publicação)

PELO cartorio do terceiro oficio do juizo de direito d'esta comarca e no inventario a que se procede por obito de Maria Rodrigues, do Bebedouro, e no qual é cabeça de casal o viuvo Joaquim Loureiro, do mesmo lugar, correm editos de trinta dias, a contar da ultima publicação d'este anuncio, citando para todos os termos até final do mesmo inventario o interessado Manuel Loureiro, solteiro, maior, ausente em parte incerta.

Montemór-o-Velho, 15 de novembro de 1915.

O Escrivão,

José de Paiva Bobela Mota.

Verifiquei a exatidão

O Juiz de Direito,

Amaral Pereira.

Guilherme dos Santos Pinto & Irmão

COM

OFICINA DE CANTEIRO

Encarregam-se de jazigos de toda a especie e todo o serviço concernente á sua arte.

Tambem executam todos os trabalhos que digam respeito a *Plantas, Alçados, Copias, Projectos e orçamentos de edificios, edificações, etc.*

Montemór-o-Velho=Verride

Companhia de Seguros
A Lusitana

Sociedade Anonima
de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz

Antonio d'Oliveira Guerra

RUA DA REPUBLICA, 84

Antonio Pereira de Carvalho

Proprietario dos Grandes Armazens de Bicicletas, Maquinas de Costura, Pianos e toda a qualidade de acessorios.

A maior e mais antiga casa no genero

Oficina para todos os concertos, afinações e reparações em bicicletes, motocicletes e maquinas de costura.

Artista mecanico habilitado. *Vendas, alugueis e trocas.*

Preços sem competencia

34—Avenida Navarro—36

(Estrada da Beira)—COIMBRA

ANTIGO ESTABELECIMENTO

— DE —

Mercearia, Tabacos e Fazendas brancas

— DE —

João Antonio Rodrigues

(SUCESSORES)

Montemór-o-Velho

Nesta casa se encontra um completo sortido em assucar, chá, café, manteiga nacional e ingleza, biscoitos, bolachas, massas, bacalhau, genebra e vinhos do Porto.

Ferragens, prego de arame e de ferro, panelas de ferro, rastilho, chumbo em barra e para caça.

Fosforos e Tabacos, por atacado. Tambem vende pelos preços de Lisboa, farinha de trigo, cimento Portland, vidraça, telha de vidro e velas de cera.

Preços resumidos

Oficina-Garage de Coimbra

LOBO DA COSTA & CASTANHEIRA

Grandes oficinas mecanicas para reparações de automoveis; fabrico de carretos, pinhões e corôas em aço; cementação e temperas; vulcanisação e fundição de metaes. Recolha e tratamento. Ensino. Automoveis de aluguer de $08 a $20 o quilometro e 9 lotações de 1 a 18 passageiros.

Acessorios, gazolina e oleo.

Transações em carros de 2.ª mão. Serviço especial, para bem servir os ex.mos clientes da provincia.

Rua da Figueira da Foz—170

COIMBRA

Local conhecido por «Casa do Sal» á entrada da cidade pela estrada do Porto.

Telefone, 502 — Telegramas «Garage-Coimbra»

Hospedaria do Paço do Conde

— DE —

JOSÈ DOS SANTOS

Rua Adelino Veiga, 36 a 40 — Rua do Paço do Conde, 10

COIMBRA

Vinhos, comidas e tabacos.
Recebem-se comensais por preços modicos.
Camas para pernoitar.

Esta casa, com a transformação porque acaba de passar, melhorou consideravelmente todos os seus serviços, achando-se habilitada a receber hospedes de qualquer categoria, oferecendo-lhes comodidades por preços baratos. Esmero e prontidão no serviço de meza, para o que tem pessoal competente.

O mesmo proprietario negoceia em cereais e legumes de todas as qualidades, tais como farinhas, sêmeas, batata, castanha, palha enfardada, cordas e adubos quimicos.

Rua Adelino Veiga — 44, 48

O seu armazem é já muito conhecido.

Telefone 379

João Antonio Rodrigues

(SUCESSOR)

Montemór-o-Velho

Correspondente das seguintes casas:

Banco Comercial de Lisboa, Banco do Minho, Banco Comercial do Porto, Banco Aliança, Banco Economia Portugueza, Banco Nacional Ultramarino, Companhia de Seguros *A Internacional*, Crédit Franco-Portugais, J. M. Fernandes Guimarães & C.ª, Pinto da Fonseca & Irmão, J. M. Espirito Santo Silva, Borges & Irmão, J. H. Tota & C.ª, e Orey, Antunes & C.ª.

Restaurante Ferro-viario

ALFARELOS

ESTE bufete, um dos que melhor servem o publico que transita nos comboios, acha-se situado na estação do caminho de ferro de Alfarelos. Fornece almoços, jantares e *lunchs* e toda a qualidade de refeições, por preços comodos. Tem pessoal habilitado, tanto em cosinha como em sala de mesa.

Tudo se encontra com esmero e perfeição.

Fornece comida para fóra, e presta-se a servir em casamentos, batisados, etc., desde que seja prevenido com antecipação.

O proprietario, **Artur de Oliveira Coelho.**

Aos proprietarios de Lisboa e Porto

Grande economia

A MUNDIAL, de acordo com os seus importantes reseguradores resolveu efectuar seguros de propriedades, sem uso ou contiguidade perigosa, ao premio de:

$08 por cada . . . . . 100$00
ou $80 » » . . . . . 1:000$00
de capital seguro

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital, Escudos . . . 500:000$00
Reservas em 1914 . . 64.244$75

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmão
(Banqueiros)

Praça da Liberdade, 138 — Telefone 1459

Agencias e Delegações em todo o paiz, ilhas e colonias.

AGUA DE LUSO—Cura pela Diurése

(MEDALHA D'OURO, MADRID, 1913)

(Estabelecimento termal e Hoteis abertos todo o ano)

A mais diurética e mais digestiva. Aumenta a diurése, regularisa as funções digestivas e ativa os fenómenos nutritivo

Muito radioativa—4,49 miligramas—minutos
Muito ionisada, resistividade a 18° 18300 ohms
Muito rica em gazes raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotonica, ponto criospico 0°,04

} Conclusões da analise feita pelos distintos professores Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitissimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tifico

USO EXTERNO—Molestias de pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc,), reumatismo e gôta.
USO INTERNO—Artritismo, impaludismo, neurastenia—Albuminuria, diabetes—Intestinos, estomago—Rins—Bexiga.

DEPOSITOS:— **LISBOA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros, 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 428. FUNCHAL, José Quirino de Castro, rua dos Murças. AFRICA ORIENTAL: Oswald Offmann. BEIRA: F. L. Simões & C.ª. LOANDA: Beltrão, Pena & C.ª**, e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositarios nas terras onde ainda os não haja.

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legitimos acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de fórma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamavel, isca em cordão vendida fraudulentamente a titulo de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva acção civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa a Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente, guardando-se a maior discreção. A Companhia logo que receba informaçõ fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalisação par procederem ás necessarias diligencias. Dirigir-se pessoalmente ou por car á Companhia Portuguêsa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS

MELO & MARTINS

PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada

PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiencia dos nossos adubos, devido ao seu magnifico resultado os adoptarão de preferencia a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem deposito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se tambem de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fóra de Coimbra

FABRICA DE CAL

Cal fina e grossa, fornece-se em muito boas condições. Preços modicos, sobre o wagon, no caminho de ferro e nos proprios fornos.

Agente de telha tipo marselha e tijolos de todos os formatos, da fabrica Lacerda, Figueiredo & C.ª Limitada, da Pampilhosa.

Pedidos a

Joaquim F. Coca Junior
Zambujeiro—Arazede

AOS AGRICULTORES

Estão proximas as sementeiras de nabos e cereais, e por isso previno todos os meus estimaveis freguezes que façam novas encomendas de **adubos quimicos** e **organicos**, da acreditada casa Varela Leal & C.ª, das Varzeas, os quais se encontram á venda em minha casa, no **Casal do Gaio — Arazede.**

Manoel Monteiro Godinho.

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro
PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex.mos passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.

Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA

Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.
PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações

Deposito das afamadas aguas de Luso.

Portugal Previdente

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima — Responsabilidade Limitada

Capital **UM MILHÃO** de Escudos

SÉDE — RUA DO ALECRIM, 10 — LISBOA
N.º Telef.—1849 End. Teleg.—VIDA

Seguros contra incendios de predios, fabricas, etc.
Seguros de estabelecimentos e mobiliarios.
Seguros agricolas de ceáras, eiras, palhas, arvoredos, etc.
Seguros de maquinas e utensilios de lavoura.
Seguros contra incendio proveniente de gréves e tumultos.
Seguros de transportes maritimos e postaes.
Seguros contra roubo de habitações e estabelecimentos.
Seguros contra fraude de empregados.
Seguros contra a quebra de cristais.
Seguros de vida, pensões, dotes e reformas.
Seguros contra acidente de trabalho.

Agencias em todas as terras importantes do paiz, ilhas e colonias.

Sucursal no PORTO — Rua Passos Manoel, 21.

BANQUEIROS—**Borges & Irmão**—Porto e Lisboa

31 Biblioteca da Universidade Coimbra

Ano 4.º Montemór-o-Velho, 12 de Dezembro de 1915 N.º 198

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguêsa

Pátria e Humanidade

Director, Proprietario e Administrador
Almeida Junior

Secretario da Redacção e Editor
Abel M. de Melo Brandão

Red. e Adm.—R. Dr. José Galvão—Montemor-o-Velho

DIRECÇÃO:—COIMBRA
(para onde deve ir a correspondencia)

Composição e Impressão — Tip. Silva (a vapor)
AVEIRO

A dança politica

A crise solucionou-se finalmente com a ascensão ao poder do snr. dr. Afonso Costa, chefe do partido democratico. Isto de partidos — creiam-no os amigos da *politiquice* portuguêsa — hão-de causar sempre grandes obstruções ao ventre da nação, que anda constantemente opilada com os arrufos do ministro A, com os arrôtos do senador B, ou com os caprichos e as irritações do deputado C.

E digam-nos francamente: os partidos já alguma vez trouxeram beneficio a Portugal? Já conseguiram nalgum tempo equilibrar as finanças? Já derramaram a instrução por todas as camadas sociais, de maneira a fazer dêste ditoso país qualquer coisa semelhante á Suissa, á Dinamarca ou á Alemanha? Respondam-nos os apaixonados partidaristas que põem todas as suas esperanças nos seus chefes politicos, como se eles fossem alguns *messias* que viessem anunciar novos processos governativos para darem um futuro glorioso a Portugal. Respondam-nos os pedinchões de votos e os defensores das igrejinhas politicas, armadas e consolidadas com discursatas berrantes — dessas discursatas tão familiares á imaginação fecunda dos nossos pindáricos homens públicos — e digam-nos se os partidos, as seitas, os grupos e os grupêlhos têm feito calar os milhares de bôcas que clamam anciadamente por um bocado de pão e que estão á espera de vêr estabelecida no país a ordem social e a paz da consciencia.

Propõe-se agora fazê-lo o snr. Afonso Costa. Pela nossa parte é-nos indiferente que este mirabolante projecto tenha por origem o cérebro do snr. Costa, do snr. Almeida ou do snr. Camacho, porque sabêmos—e já o dissemos—que todos valem o mesmo. Tudo isto não passa de utopias de ministeriaveis, que querem adquirir um altar na consciencia pública, com bombasticos planos de paz e de concórdia. Tal qual os processos dos homens da monarquia. Antes de guindados ao podêr, dão muitas esperanças com as suas promessas *formais, perentórias, irredutiveis.* Nada esquece no programa: a instrução, as finanças, as colónias, uma perfeita administração, uma rigorosa justiça, e tudo mais que lembrar aos cerebros escandecidos dos concorrentes ás cadeiras do podêr.

Depois... Depois é o que sabem já os escarmentados e os desiludidos na politica portuguêsa. Tudo resulta inâne, infrutifero, esterilisante, sob colôr de vários obstrucionismos e de pífias arlequinadas movidas pelos partidos oposicionistas... que não deixaram realisar todos os planos do ministro X!...

E entendem que assim é que se faz a felicidade duma nação, com nojentas degladiações partidarias e com pruridos e fumaças de superioridade intelectual e de fino tacto administrativo... O que vale é que a nação já os vai conhecendo, mas não os conhece ainda suficientemente, porque vive esperançada na tal *faze de reconstrução social*, que os arautos da politica republicana proclamavam aos quatro ventos.

Pois nós tambem assim vivêmos algum tempo, mas depressa nos desiludimos. *Palavras, palavras* e mais *palavras*, na paródia á celebre frase do inglês que o Shakespeare nos pinta tão graciosamente, fizeram já sua época no tempo da monarquia, que sabia impingir-nos o mijo da porca do meu abade por fina agua de cheiro: mas agora, nesta Republica... monarquica, a coisa tem que fiar mais fino. Não nos venham com lôas de *deficits*, faltas de dinheiro e o diabo a sete, porque estes argumentos já estafados derrubam-se com francas respostas.

Cá no nosso país não ha um homem que perceba a fundo de bólsas, cotações e de toda essa miscelânea de finanças? Pois então, como ultimo recurso, e para se acabar de vêz com esta cruciante situação, chame-se um homem da *estranja*, conforme aconselhou ha tempo o snr. Teófilo Braga.

E basta de palavriado; e basta de dança politica, que sómente serve para complicar as situações!

De semana a semana

A participação

A proposito da nossa participação no grande conflito europeu, o *Temps* publica um artigo em que, depois de se referir ao envio que fizemos aos aliados de espingardas e baterias de artilharia, diz:

> ...foi acrescentando que se preparava para acrescer este auxilio com o concurso de homens, de combatentes.
>
> Assim, Portugal espera saír em breve da situação ambigua em que se encontra perante a Alemanha, tomando parte efectiva nas operações militares.

O capitão de artilharia Albert Hans, no artigo publicado no jornal *Information*, escreve:

> Pelo seu *memorandum* de 10 de outubro a Inglaterra convidou Portugal a tomar parte na guerra.

O snr. Afonso Costa, na sua declaração ministerial, diz que Portugal tem cumprido honradamente os pactos que firmou, dando aos aliados a sua *decidida solidariedade* **moral.**

Respondendo aos *leaders* da oposição no Senado, declara:

> A nossa situação externa não precisa por ora de nenhum novo esclarecimento. Portugal continuará a honrar a sua bandeira e até a sua legitima e intima aspiração relativamente á nossa aliança.

Palavrinha de honra que não percebemos nada disto.

As declarações do snr. Afonso Costa não se parecem nada com as afirmações dos jornais estrangeiros. Nós estamos numa situação extraordinaria — nem beligerante nem neutral — e tudo porque? Para andarmos de bem com Deus e com o Diabo, e não desagradarmos a gregos nem a troianos.

De que precisa?

O *Seculo* publicava ha dias o anuncio seguinte:

> COSTUREIRAS — Precisam-se primeiras mãos para corpos. Casa Ramiro Leão & C.ª

Afinal não percebemos o que é que o snr. Ramiro precisa, se é de *costureiras* ou se é das *mãos* de Adão e Eva para alguns corpos sem mãos, visto serem estas as *primeiras* que existiram.

Se fossem costureiras com corpos em primeira mão, ainda lhe poderiamos indicar alguns.

Revolução

Fala-se para aí que se espera brevemente uma nova revolução monarquica, auxiliada por certos elementos republicanos».

Não nos admiramos disso.

Como o Carnaval já vem proximo, devem ser ensaios de alguma *Cegada* para acompanhar a *Dança da Luta*.

Sem prestigio

A Gazeta da Figueira, tentando demonstrar que Portugal não pode tomar parte na guerra europeia por falta de preparação militar e muitos outros motivos, diz:

> ...se os oficiais de maior prestigio foram separados do serviço efectivo.

E nós a julgarmos que os snrs. coroneis Guedes, Manuel Coelho, Simas Machado, capitão Morais Rosa, tenente Lobo da Costa e outros, militares que fazem parte do evolucionismo eram oficiais de prestigio, mas enganámo-nos. Esses oficiais, segundo a *Gazeta* evolucionista, não teem prestigio. Todo o prestigio do exercito estava nas mãos dos vinte e tantos inimigos das instituições que foram separados.

O melhor é pôr no olho da rua os oficiais republicanos porque não têm prestigio, e colocar á frente do exercito todos os monarquicos de categoria, com o *Manuelsinho da Ericeira* a dirigi-los.

Cheguem-lhe

Segundo informam os jornais da capital, o snr. Leote do Rego participou ás autoridades superiores de marinha, afim de que sejam, perante os tribunais competentes, exigidas as responsabilidades que couberem aos seus autores, na acusação que nos jornais *A Vanguarda*, de 3 do corrente, e *O Dia*, de 4 do corrente, se fez a 200 praças do *Vasco da Gama*, de terem desembarcado ás 16 horas do dia 26, no Arsenal, vestindo-se depois á paisana para irem assaltar a redação dum jornal, roubando documentos da administração.

Cheguem-lhes, a esses moralistas que mentem tão descaradamente, para que não continuem dizendo que as leis da Republica não se cumprem.

Peixe-espada

Segundo dizem as gazetas, tem havido o diabo lá pelo Porto cóm a gréve das costureiras. E os civicos da Invicta, desejando manter a ordem, sem esquecerem o ditado de que *na mulher nem com uma flôr se bate*, teem-lhe dado *peixe-espada* com tanta abundancia, que as pobresinhas fogem espavoridas por aquelas ruas de Cristo.

E ainda ha quem diga que ha falta de peixe no mercado!...

Horas d'insónia

Outra vez no Porto

A vida agitada dos grandes centros constitue um permanente enfado para aqueles que, vivendo do sonho e para o sonho, se tornam adoentados com a constatação de purulentas chagas sociais.

A Mentira criou raizes fundas no seio de todas as classes, e não é facil já uma modificação sem um novo diluvio universal, não de agua nem de calor, mas d'almas apodrecidas para ressuscitarem mais perfeitas e mais tranquilas, menos viciosas de degradação e mais animadas para a luta leal pela luta.

Não venho vez nenhuma ao Porto que não tenha motivo para um lamento dolorido e pezaroso. E isto provem de eu ter imaginado o Porto sádio e exemplar no tocante á moralidade das almas.

Visto aqui de perto, de madrugada, quando o coração da cidade pulsa mais nos lupanares e nas vielas escuras, pouca gente haverá que seja capaz d'abrir os olhos muito á procura da luz bemdita da paz amorosa dos lares em festa...

ALMEIDA JUNIOR.

BRAZIL

São nossos representantes no Brazil, para tudo que diga respeito ao DEVER, os nossos prestimosos amigos, snrs.:

José Marques da Costa, Rua Dr. Ricardo, 115—Campinas.

Elisio Ramalhão, Rua João Otávio, 6, Paquita—Santos.

Adelino Nunes de Souza, Rua Moniz e Barros, 157—Rio de Janeiro.

Augusto Nunes de Souza, Rua Dr. Ricardo, 79 — Campinas.

Cezario Simões Corrêa, Rua Paulo Souza, 90—S. Paulo,

aos quais devem ser pagas as assinaturas d'ora em diante.

Os amigos do "Dever,,

N'esta secção publicaremos, d'hoje em diante, os nomes dos nossos presados cooperadores, de todos aqueles que, tendo amôr á nossa obra, desinteressada e voluntariamente venham em nosso auxilio, quer pagando as suas assinaturas, quer angariando assinantes ou pedindo a inclusão do seu nome no livro de registo. E' uma homenagem merecida e justa.

N'outra local se publicarão os nomes dos que não pagam, depois de nos prejudicarem, etc. E' um contraste que desejamos salientar...

Obsequiaram-nos com a sua assinatura, por intermedio expontaneo dos nossos amigos, snrs. João Antonio Ro-

drigues, Sucessores, d'esta vila, que nos teem dado provas da sua amizade, os snrs. Daniel Corrêa do Vale & C.ª, Francisco Fernandes Braga e Borges & Irmão. todos do Porto; Centro Industrial do Minho, de Famalicão.

Pediram assinatura a ex.ma snr.a D. Maria Angelina Mendes da Silva, de Linhares; e os nossos amigos, snrs. Joaquim Campeão e Cezar Alves, distintos caixeiros de Coimbra.

A todos, os nossos agradecimentos.

Deixaram de pagar: Camilo Augusto Ferreira, de Serroventoso; João Marques Varela, de Marinha Grande; Alfredo Fernandes Martins, de Mortagua; Francisco Maria Madeira e José Joaquim Nunes, de Trancoso; Martim Gonçalves da Cruz, de Espinho, e outros, de Portugal e Brazil, cujos nomes irão d'outra vez.

Ferro-viarios de Portugal

Recomeçaremos no proximo numero esta interessantissima secção dos caminhos de ferro, cuja publicação tanto deu que falar e tantas discussões ventilou.

Belmiro e outros colaboradores insistem comnosco, e vá de fazer a vontade aos nossos amigos, tratando de assuntos respeitantes á grande classe dos briosos empregados ferro-viarios de Portugal.

HENRIQUES D'ALMEIDA

Pelo ilustre oficial da Administração Militar, snr. Antonio Joaquim de Magalhães Quintela, ao serviço no Deposito Central de fardamentos, foi pedida em casamento, para o bricso oficial do exercito, nosso querido amigo e prezado colaborador, snr. João Henriques d'Almeida, cujo enlace se deve realisar em fins de Maio ou principios de Junho, proximo futuro, a ex.ma snr.a D. Cristina da Conceição Roberto, gentil filha do falecido proprietario lisbonense, snr. Lino Roberto e da ex.ma snr.a D. Maria José da Conceição Roberto.

Portadora de primorosos dotes de coração e inteligencia, dama gentil d'entre as mais gentis, a ex.ma snr.a D. Cristina Roberto, estamos certos, ha-de fazer a felicidade daquele nosso querido amigo, oficial distinto que ao seu caráter lhano, alia uma inteligencia robusta e sã, tendo a acompanha-la uma bagagem de conhecimentos literarios.

Antecipamo-nos nas nossas felicitações, desejando aos futuros noivos as venturas de que são credores.

E' esta a agradavel noticia que transcrevemos do nosso presado colega, de Mortagua, o *Sul da Beira*, e com o que rejubilamos.

Foi transferido para Mogofores, a seu pedido, o nosso presado assinante, snr. Antonio Ferreira Junior, que na estação de Marinha Grande exerceu com acerto e inteligencia o logar de chefe de 3.ª classe, que é a sua categoria.

"O DEVER,,

Pela primeira vez deixou de ser publicado o nosso jornal uma semana.

Ninguem, como nós, sentiu o martirio do desgosto!

Um extravio de original deu logar á falta. Esperámos, esperámos, e até hoje.

Já tem acontecido isto, mas aparece sempre. Désta vez ainda nada, até agora!

E lá se foi, d'entre outras coisas de importancia, a explendida carta da Abrunheira, a *Crónica de Lisboa*, maravilhosa, etc., sem falar no trabalho perdido!

Que os nossos estimados assinantes desculpem a falta havida, que aliás não foi da nossa culpa.

A reunião magna do professorado primario portuguez em Coimbra

Reuniram nesta cidade, nos dias 1 e 2 do corrente, os professores primarios na sua maioria.

A essa reunião dos obreiros denodados do edificio grandioso da regeneração e do aperfeiçoamento moral e intelectual da sociedade sobre as bases sublimes da Instrução, dimanada em coriscações de acariciante luz pelo *alfabeto*, assistiu quem confeciona, num impeto de homenagem e admiração, estas humildes linhas desprendidas de elegancia, é certo, e despolidas do brilho que deveriam ter, mas sinceras profundamente.

Essa prestimosa colectividade veio aqui para, num grito unisono e eloquente, conclamar ordeira e nobremente a palavra — tão pouco usada! — Justiça, para repelir energicamente um vexame que a chicotea e avilta, para fazer prevalecer aquilo a que tem jus, aquilo que, sem favor, lhe deveria ter sido já concedido pela Republica, visto que é do professor primario que dimanam os primeiros lampejos do saber, que norteia uma Patria; que é da Escola, de que ele é dirigente, que irradia, em efervescencias benditas, a Instrução que emerge a Humanidade da penumbra horrenda da Ignorancia á alvorada magnifica e rutilante do Saber humano.

Veio aqui para, com a altivez e o desassombro que lhe é peculiar, fazer ruir uma lei que cria em Lisboa e Porto castas especiais de professores *habeis*, a qual faz surgir assim flagrante e inauditamente a maior das desegualdades numa Republica democratica, como esta, que se cinge pelos elos sublimes — mas tão mal interpretados! — da Egualdade, da Fraternidade e da Liberdade.

A ruição dessa lei impõe-se para o prestigio e dignidade da Republica, pois não se pode, de maneira nenhuma, conceber que, a dentro dum regime que estabelece como bases primordiais a Egualdade, se decrete uma tal monstruosa e iniqua lei.

E' realmente inaudito e espantoso.

Mas a reunião teve ainda um outro caracter: o de demonstrar, com evidencia, que entre o professorado primario existem laços de amistosa confraternisação, se impõe um grande espirito de solidariedade e que todo o professorado tem mais do que nunca a concepção nitida do quanto precisa de se unir, afim de fazer prevalecer e adquirir aquilo que lhe é devido.

E, leitores, quando o professorado fôr geralmente considerado, entre nós, como a mais poderosa alavanca para o engrandecimento da Patria; quando merecer a devida consideração e estima dos poderes publicos; quando se vir que o professor realmente, em virtude do seu extenuante e continuo trabalho de remodelação de caracteres, deve ser colocado no mesmo plano em que estão os professores de alguns dos outros paizes, é porque é isso o indicio dum porvir radioso, o nuncio belo duma aceleração no caminho do Progresso, a demonstração clara e evidente de que a Razão, a Instrução, o Progresso e a Verdade, estreitando-se, farão descerrar, entre mil hossanas e canticos, o manteo da Generosidade e do Bem, cujo contacto fará desaparecer o crime e mil cancros de que enferma ainda a sociedade, fará reentrar na devida linha de conduta o assassino, fazendo-o enveredar pela limpida trajectoria, da qual se afastou em virtude de, ao contacto pernicioso do Mal, se tornar um seu sectario.

Não sou professor primario, mas um novo; no entanto, nessa reunião, em frente dos apostolos da Instrução, que verberavam doridamente a injustiça que lhes é duramente inflingida, eu senti-me bem, e como eles fui possuido pela revolta, que nobilita quando a esteia a justiça, e a envolve, como então, a razão e a magua.

Avante, pois, professores, que a victoria virá, não só para a realisação completa das vossas mais do que justas aspirações, mas tambem para o engrandecimento moral e intelectual da Patria ou, antes, da Humanidade, povo da só ainda hoje idealisada *Patria-Una*.

Coimbra, Dezembro de 1915.

Mario Augusto da Silva.

Caixeiros Portuguezes

O nosso jornal começará no proximo numero a publicação d'uma *Tribuna dos Caixeiros*, colaborada por alguns prestimosos e inteligentes caixeiros portuguezes, que saberão dizer da sua justiça e aos quais gostosamente franqueámos as colunas do *Dever*, que defenderá a sua causa com carinhoso interesse.

Foi nomeado ajudante do posto de registo civil de Alfarelos, o nosso estimado assinante e amigo, snr. Antonio Augusto da Costa Nunes.

Felicitamo-lo cordealmente.

Verride, 24--11--915.

(Extraviada)

No dia 16 do corrente foi esperado na estação desta vila, por um cortejo composto por quasi todo o povo de Verride, pela direcção da *Sociedade de Defeza dos Interesses de Verride* e pela filarmonica, o comandante do recrutamento da Instrução Militar Preparatoria, snr. Capitão Pestana Lopes.

Seriam pouco mais ou menos 20 horas quando chegou á estação o comboio que conduzia este cidadão que, ao desembarcar, foi alvo duma manifestação imponentissima, tocando a filarmonica Verridense o hino nacional, e saindo de entre a multidão muitos vivas á patria, á republica e ao exercito. Em seguida o cortejo dirigiu-se para a vila, percorrendo as ruas principais, dirigindo-se depois para a séde da *Sociedade de Defesa dos Interesses de Verride*, onde lhe foi oferecido um calix de vinho do Porto; em seguida dirigiu-se para o *Teatro União Verridense*, onde o snr. Capitão Pestana Lopes fez uma conferencia, com o fim de ser criada nesta vila uma Sociedade de Instrução Militar Preparatoria.

Este ilustre cidadão, entre muitos assuntos de que tratou, explicou as garantias que tinham todos os mancebos filiados nesta sociedade, dizendo que haviam 47 sociedades no paiz e que podia já contar 48, com esta de Verride; acabou a sua preleção por dar um viva ao povo de Verride, a que o povo correspondeu levantando muitos vivas ao ilustre cidadão.

Como já disse, o cortejo foi muito concorrido mas não posso deixar de fazer referencia ao verridense snr. Joaquim Pereira Gaspar, atualmente residente em Buarcos, homem cheio de patriotismo e que, em defeza da sua terra natal, luta até á morte; por isso o nome deste cidadão deve ficar gravado no espirito de todos os verridenses.

Viva o povo unido.

(Correspondente).

Regressou de Lisboa o nosso prestimoso assinante e amigo, snr. João Henriques d'Almeida, ilustre oficial do exercito, que ha tempos se encontra na sua casa de Mortagua.

Camara Municipal

Sessão de 30 de outubro

Presentes os vereadores Monteiro da Costa, B. Lebre e J. Goes, secretariando o vereador Rodrigues Pato, sob a presidencia do snr. dr. Simões.

Lida e aprovada a acta da sessão anterior, com uma ligeira alteração.

Foi presente o seguinte expediente:

Um telegrama do snr. Governador Civil, a dar conhecimento de que Sua Ex.ª o Presidente da Republica o encarregara de agradecer á camara as saudações que ela lhe enviara na ocasião da sua posse. Inteirada.

Um oficio da Inspecção do Circulo Escolar, a comunicar que por ordem superior se achava suspenso o andamento dos concursos para provimento d'escolas primarias, até que seja regulamentada a Lei. Inteirada.

Um oficio da professora de Santo Varão, a dar conhecimento que a retrete da escola tinha caído, sendo de grande urgencia a sua reedificação. Encarregado o vereador Lebre de mandar proceder á obra.

Um oficio da professora das Means a dizer que por motivo imprevisto lhe era preciso auzentar-se pelo tempo de 4 dias, pelo que pedia autorisação á camara. Resolveu responder que a camara não póde dar essa autorisação, mas sim o snr. Inspector Escolar.

Um oficio da professora de Verride a comunicar que a casa da escola a seu cargo não tem condições algumas higienicas e pedagogicas. Informou a presidencia que efetivamente a casa onde funciona a escola, não oferece as condições necessarias, sendo resolvido encarregar o vereador Pato de arrendar outra em melhores condições.

Um oficio do director dos Hospitaes Civis de Lisboa a comunicar que em setembro ultimo fôra recebido no hospital Manuel Gomes Cavaleiro, d'Arazêde, e por isso pede para que a camara lhe envie a guia. Resolveu responder que a camara nem manda a guia de responsabilidade, nem se responsabilisa por a despeza com o tratamento.

Um oficio do Inspector do Circulo Escolar de Aveiro a pedir se lhe informe se Judit Amaral dos Santos Dionisio apresentou todos os documentos ao concurso da escola de Verride, se ainda estão legaes e qual a classificação. Informou que as mesmas informações fôram dadas ao snr. Inspector do Circulo Escolar da Figueira da Foz, sendo resolvido da-las tambem ao Inspector d'Aveiro.

Autorisou e mandou pagar diversas despezas.

Em seguida foi encerrada a sessão.

JORNAIS

Mais um ano de existencia conta o nosso distinto colega das Caldas da Rainha, o *Defensor*, que tão util e prestimoso vem sendo para o glorioso partido democratico, sem esquecer os interesses do seu concelho. Felicitamo-lo.

= Tambem o *Riso do Vouga*, d'Aveiro, brilhante confrade independente na politica, passou mais um aniversario, pelo que lhe enviamos cordiais parabens.

= A *Defeza de Mira* transcreveu do *Dever* o brilhante artigo do nosso colaborador Seabra Cascão, *O crime e o seu modo atual de repressão*, e não quiz dizer d'onde fez a transcrição.

Já não estranhamos, nem comentamos. Sômos assim constantemente *uzurpados*...

A Flôr d'Abrunheira

— DE —

Joaquim de Sousa Carvalho

Fazendas de lã e algodão, ferragens, tintas, mercearia, vinhos e tabacos.

Variado sortimento de miudezas

Especialidade em chá, café, licores, etc.

ABRUNHEIRA

DR. AVELINO FARIA

Advogado

CANTANHEDE

Dá consultas aos domingos em

ARAZEDE

de outubro em diante e trata de qualquer questão no tribunal de Montemór-o-Velho.

Agua da Curia

Mogofores

As unicas aguas sulfatadas-calcicas que existem no paiz, similhantes ás afamadas aguas de Contrexéville, nos Vosges (França).

Companhia de Seguros TAGUS

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

FUNDADA EM 1877

Capital social—1:200.000$00 E.
Capital emitido—500.000$00
Fundo de reserva—268.000$00

Séde do seu predio:
Rua do Comercio, 56

LISBOA

Efectua seguros terrestres, agricolas, maritimos e postais.

Correspondentes em todas as terras do paiz, ilhas e ultramar.

Agente em Coimbra

José Joaquim da Silva Pereira

Guilherme dos Santos Pinto & Irmão

COM

OFICINA DE CANTEIRO

Encarregam-se de jazigos de toda a especie e todo o serviço concernente á sua arte.

Tambem executam todos os trabalhos que digam respeito a *Plantas, Alçados, Copias, Projectos e orçamentos de edificios, edificações, etc.*

Montemór-o-Velho=Verride

Companhia de Seguros
A Lusitana

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 500.000$00 escudos

Seguros de vida, contra incendios maritimos, terrestres, agricolas, cristais, postais e de acidentes de trabalho.

AGENTE na Figueira da Foz

Antonio d'Oliveira Guerra

RUA DA REPUBLICA, 84

Antonio Pereira de Carvalho

Proprietario dos Grandes Armazens de Bicicletas, Maquinas de Costura, Pianos e toda a qualidade de acessorios.

A maior e mais antiga casa no genero

Oficina para todos os concertos, afinações e reparações em bicicletes, motocicletes e maquinas de costura.

Artista mecanico habilitado. *Vendas, alugueis e trocas.*

Preços sem competencia

34—Avenida Navarro—36

(Estrada da Beira)—COIMBRA

Hospedaria do Paço do Conde

— DE —

JOSÈ DOS SANTOS

Rua Adelino Veiga, 36 a 40 — Rua do Paço do Conde, 10

COIMBRA

Vinhos, comidas e tabacos.
Recebem-se comensais por preços modicos.
Camas para pernoitar.

Esta casa, com a transformação porque acaba de passar, melhorou consideravelmente todos os seus serviços, achando-se habilitada a receber hospedes de qualquer categoria, oferecendo-lhes comodidades por preços baratos. Esmero e prontidão no serviço de meza, para o que tem pessoal competente.

O mesmo proprietario negoceia em cereais e legumes de todas as qualidades, tais como farinhas, sêmeas, batata, castanha, palha enfardada, cordas e adubos quimicos.

Rua Adelino Veiga—44, 48

O seu armazem é já muito conhecido.

Telefone 379

João Antonio Rodrigues

(SUCESSOR)

Montemór-o-Velho

Correspondente das seguintes casas:

Banco Comercial de Lisboa, Banco do Minho, Banco Comercial do Porto, Banco Aliança, Banco Economia Portugueza, Banco Nacional Ultramarino, Companhia de Seguros *A Internacional*, Crédit Franco-Portugais, J. M. Fernandes Guimarães & C.ª, Pinto da Fonseca & Irmão, J. M. Espirito Santo Silva, Borges & Irmão, J. H. Tota & C.ª, e Orey, Antunes & C.ª.

ANTIGO ESTABELECIMENTO

— DE —

Mercearia, Tabacos e Fazendas brancas

— DE —

João Antonio Rodrigues

(SUCESSORES)

Montemór-o-Velho

Nesta casa se encontra um completo sortido em assucar, chá, café, manteiga nacional e ingleza, biscoitos, bolachas, massas, bacalhau, genebra e vinhos do Porto.

Ferragens, prego de arame e de ferro, panelas de ferro, rastilho, chumbo em barra e para caça.

Fosforos e Tabacos, por atacado. Tambem vende pelos preços de Lisboa, farinha de trigo, cimento Portland, vidraça, telha de vidro e velas de cera.

Preços resumidos

Restaurante Ferro-viario

ALFARELOS

ESTE bufete, um dos que melhor servem o publico que transita nos comboios, acha-se situado na estação do caminho de ferro de Alfarelos. Fornece almoços, jantares e *lunchs* e toda a qualidade de refeições, por preços comodos. Tem pessoal habilitado, tanto em cosinha como em sala de mesa.

Tudo se encontra com esmero e perfeição.

Fornece comida para fóra, e presta-se a servir em casamentos, batisados, etc., desde que seja prevenido com antecipação.

O proprietario, **Artur de Oliveira Coelho.**

Oficina-Garage de Coimbra

LOBO DA COSTA & CASTANHEIRA

Grandes oficinas mecanicas para reparações de automoveis; fabrico de carretos, pinhões e corôas em aço; cementação e temperas; vulcanisação e fundição de metaes. Recolha e tratamento. Ensino. Automoveis de aluguer de $08 a $20 o quilometro e 9 lotações de 1 a 18 passageiros.

Acessorios, gazolina e oleo.

Transações em carros de 2.ª mão. Serviço especial, para bem servir os ex.mos clientes da provincia.

Rua da Figueira da Foz—170

COIMBRA

Local conhecido por «Casa do Sal» á entrada da cidade pela estrada do Porto.

Telefone, 502 — Telegramas «Garage-Coimbra»

Aos proprietarios de Lisboa e Porto

Grande economia

A MUNDIAL, de acordo com os seus importantes reseguradores resolveu efectuar seguros de propriedades, sem uso ou contiguidade perigosa, ao premio de:

$08 por cada . . . . . 100$00
ou $80 » » . . . . . 1:000$00
de capital seguro

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital, Escudos . . . 500:000$00
Reservas em 1914 . . 64.244$75

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmão
(Banqueiros)

Praça da Liberdade, 138 — Telefone 1459

Agencias e Delegações em todo o paiz, ilhas e colonias.

AGUA DE LUSO—Cura pela Diurése

(MEDALHA D'OURO, MADRID, 1913

(Estabelecimento termal e Hoteis abertos todo o ano)

A mais diurética e mais digestiva. Aumenta a diurése, regularisa as funções digestivas e ativa os fenómenos nutritivo

Muito radioativa—4,49 miligramas—minutos
Muito ionisada, resistividade a 18° 18300 ohms
Muito rica em gazes raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotonica, ponto criospico 0°,04

} Conclusões da analise feita pelos distintos professores Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitissimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tifico

USO EXTERNO—Molestias de pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc,), reumatismo e gôta.
USO INTERNO—Artritismo, impaludismo, neurastenia—Albuminuria, diabetes—Intestinos, estomago—Rins—Bexiga.

DEPOSITOS:— **LISBOA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros, 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 428. FUNCHAL, José Quirino de Castro, rua dos Murças. AFRICA ORIENTAL: Oswald Offmann. BEIRA: F. L. Simões & C.ª. LOANDA: Beltrão, Pena & C.ª**, e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositarios nas terras onde ainda os não haja.

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legitimos acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de fórma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamavel, isca em cordão vendida fraudulentamente a titulo de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva acção civil de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa a Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente guardando se a maior discreção. A Companhia logo que receba informaçõ fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalisação pa procederem ás necessarias diligencias. Dirigir-se pessoalmente ou por car á Companhia Portuguêsa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS

MELO & MARTINS

PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada

PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiencia dos nossos adubos, devido ao seu magnifico resultado os adoptarão de preferencia a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem deposito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se tambem de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fóra de Coimbra

FABRICA DE CAL

Cal fina e grossa, fornece-se em muito boas condições. Preços modicos, sobre o wagon, no caminho de ferro e nos proprios fornos.

Agente de telha tipo marselha e tijolos de todos os formatos, da fabrica Lacerda, Figueiredo & C.ª Limitada, da Pampilhosa.

Pedidos a

Joaquim F. Coca Junior
Zambujeiro—Arazede

AOS AGRICULTORES

Tendo terminado todas as sementeiras, previnem os freguezes que façam novas encommendas de **adubos quimicos** e **organicos**, da acreditada casa *Varela, Leal & C.ª*, **das Varzeas**, que se encontram á venda, por preços sem competencia, em casa de *Manoel Monteiro Godinho*, **Casal do Gaio, Arazede.**

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro
PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex.mos passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.

Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA

Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.
PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações

Deposito das afamadas aguas de Luso.

Portugal Previdente

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima — Responsabilidade Limitada

Capital **UM MILHÃO** de Escudos

SÉDE — RUA DO ALECRIM, 10 — LISBOA
N.º Telef.—1849 End. Teleg.—VIDA

Seguros contra incendios de predios, fabricas, etc.
Seguros de estabelecimentos e mobiliarios.
Seguros agricolas de ceáras, eiras, palhas, arvoredos, etc.
Seguros de maquinas e utensilios de lavoura.
Seguros contra incendio proveniente de gréves e tumultos.
Seguros de transportes maritimos e postaes.
Seguros contra roubo de habitações e estabelecimentos.
Seguros contra fraude de empregados.
Seguros contra a quebra de cristais.
Seguros de vida, pensões, dotes e reformas.
Seguros contra acideute de trabalho.

Agencias em todas as terras importantes do paiz, ilhas e colonias.

Sucursal no PORTO — Rua Passos Manoel, 21.

BANQUEIROS—**Borges & Irmão**—Porto e Lisboa

31 Biblioteca da Universidade

Coimbra

Ano 4.º Montemor-o-Velho, 19 de Dezembro de 1915 N.º 199

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguêsa

Pátria e Humanidade

Director, Proprietario e Administrador
Almeida Junior

Secretario da Redacção e Editor
Abel M. de Melo Brandão

Red. e Adm.—R. Dr. José Galvão—Montemor-o-Velho

DIRECÇÃO:—COIMBRA
(para onde deve ir a correspondencia)

Composição e Impressão — Tip. Silva (a vapor)
AVEIRO

Não será assim?

O nosso colega a *Gazeta da Figueira*, referindo-se a um nosso suelto sobre a indisciplina que lavra na sociedade portugueza, e que nós atribuimos aos politicos e jornalistas que sugestionam o povo e lhe insinuam uma propaganda de odios e de retaliações, depois de nos chamar «ingenuos e desconhecedores do mal dessa indisciplina», aconselha-nos a lêr um suelto transcrito do orgão evolucionista da capital, que diz que «o snr. coronel Coelho publicou uma ordem censurando as praças da guarda fiscal que tomaram parte na festa de confraternisação militar e se associaram a manifestações abusivas nas ruas, declarando não permitir, de futuro, manifestações de egual natureza».

A *Gazeta* foi tão infeliz na sua resposta, que até no proprio numero nos dá razão, pois diz: «Protestamos, como republicanos, como liberais, como jornalistas, contra essa caterva de elementos negativos, desordeiros, fanaticos, *joguetes de meneurs* que assaltaram as redacções de alguns dos nossos colegas de Lisboa. Protestamos contra *a campanha de difamação* que o partido demagogista tenta mover aos republicanos da união republicana».

O proprio orgão evolucionista da capital, no tal suelto sobre a ordem do snr. coronel Coelho, tambem nos dá razão, visto dizer que «o snr. coronel Coelho fez o que o snr. Leote do Rego ainda não foi capaz de fazer nem fará, porque não foi para isso que cooperou no 14 de maio».

Ora o snr. coronel Coelho e o snr. Leote do Rego, são politicos filiados, e por infelicidade nossa quasi todos os oficiaes do exercito e da marinha são politicos e muitos deles põem acima da disciplina os interesses das suas facções partidarias, e daí os actos de indisciplina.

O proprio snr. coronel Coelho, a quem muito respeitamos e consideramos, por ser um grande patriota e um velho republicano, que sofreu os horrores do carcere, o exilio e mil privações por ser um intemerato defensor da causa da Liberdade, ao publicar agora a sua ordem foi movido por um pouco de partidarismo, visto que s. ex.ª não procedeu de egual forma quando das manifestações ao governo Pimenta de Castro, que nós presenceámos, e em que o povo, de mistura com militares de todos os corpos, incluindo os da guarda fiscal, levantaram vivas a diversos politicos e partidos, dando morras ao partido democratico e aos seus marechaes.

O orgão evolucionista, que hoje protesta contra essa indisciplina de militares, juntos com civis, darem vivas e morras a diversos politicos, não se indignou quando muitos militares e civis, em frente do Centro Evolucionista do Chiado, levantaram vivas ao snr. Antonio José d'Almeida e ao seu partido, nem protestou por esses mesmos elementos terem ido apupar a redacção do *Mundo*, dando morras ao partido democratico e ao seu chefe.

Não seriam isto tambem actos de indisciplina?

Não foi tambem um acto de indisciplina a *celebre* manifestação a Belem, que originou a queda do gabinete Afonso Costa, na qual se viam muitos militares e civis, levando á frente o snr. Machado dos Santos, Julio Martins, Camilo Rodrigues e Americo de Oliveira, e onde se levantaram tambem muitos vivas e morras?

Não foi tambem um acto de indisciplina o *celebre* movimento das espadas e muitos e muitos outros que aqui poderiamos citar?

Parece-nos que sim.

No entanto, muita gente o aplaudiu.

E quem os fomentou, organisou e dirigiu, não foram os politicos? Foram.

Aí tem o colega já uma prova de que tinhamos razão, quando diziamos que os culpados da indisciplina eram os politicos.

Sobre a influencia dos jornalistas nesses actos de indisciplina, poderiamos aqui citar muitos factos, mas como o espaço não nos sobra, limitar-nos-hemos a apontar o *celebre* artigo publicado na *Republica* pelo snr. dr. Antonio José d'Almeida contra o snr. dr. Afonso Costa e a transcrever alguns trechos publicados pela propria *Gazeta da Figueira*, que são bastante elucidativos, de que certa imprensa *sugestiona e insinua uma propaganda de odios e retaliações*:

Já ha governo. Lá foi o *Senhor da Serra* com a sua gente dos escandalos.

. . . . . .

Estamos num regimen de desordem, onde a lei, a liberdade e as ideias são calcadas, espesinhadas, e a vida dos cidadãos está á mercê dos malvados que usam o rotulo de *revolucionarios de 14 de maio*.

. . . . . .

O povo, esse povo a quem os poetas tantas vezes cantaram, chamando-lhe *nobre, heroico, valoroso;* o povo esse eterno ludibriado de todos os tempos, sofre imenso.

. . . . . .

Espalharam no meio dele odios baixos, paixões revoltas e tigrinas.

. . . . . .

Levanta-te, gente esmaga la, ergue bem alto o teu clamor!

. . . . . .

Ergue-te, e recorda-te daquele gesto inflamado dos nossos antepassados que, numa manhã limpida de dezembro, lançaram, a golpes certeiros, formidaveis, para longe da Patria, o abutre da tirania, fazendo adejar, no céu imaculado de Portugal, a pomba augusta da Liberdade.

. . . . . .

Cidadãos! Não pode e nem deve, para bem de todos nós, continuar no país uma situação tão duvidosa! Como portugueses e como republicanos, amigos do seu torrão patrio, ergamo-nos para salvar a Republica e, principalmente, o nosso glorioso Portugal, constantemente ameaçado pelo estrangeiro. Afaste-se dos cofres publicos e do poder a demagogia, as *sanguesugas* vermelhas, que podem ser fatais á independencia da patria de Camões!

Mãos á obra, portugueses!

. . . . . .

Mas, engana-se quem julgar arrependido de muitos erros cometidos o chefe da demagogia republicana. Não. O homem pode mudar scientificamente, intelectualmente, mas nunca psicologicamente. E o snr. Afonso Costa ha-de ser, no fundo, o mesmo imperialista demagogico, o mesmo prototipo aperfeiçoado do aristocratico demagogo, o homem que, no seu pensar, no seu sentir, no seu actuar não é mais do que a propria alma e a propria vida da demagogia.

. . . . . .

Que o destino permita que, nesta nova experiencia, a Patria Portuguesa não veja o seu fim como nacionalidade livre e como Povo independente.

Aqui tem tambem o colega a prova da influencia de certos jornalistas na indisciplina, e a razão que tinhamos para dizer que o culpado não era «o povo, esse eterno ludibriado de todos os tempos», mas sim aqueles que «no seu meio espalharam odios baixos, paixões revoltas e tigrinas».

Depois do que deixamos dito, parece-nos que o colega ficará satisfeito.

Não será assim?...

BRAZIL

São nossos representantes no Brazil, para tudo que diga respeito ao DEVER, os nossos prestimosos amigos, snrs.:

José Marques da Costa, Rua Dr. Ricardo, 115—Campinas.

Elisio Ramalhão, Rua João Otávio, 6, Paquita—Santos.

Adelino Nunes de Souza, Rua Moniz e Barros, 157—Rio de Janeiro.

Augusto Nunes de Souza, Rua Dr. Ricardo, 79 — Campinas.

Cezario Simões Corrêa, Rua Paulo Souza, 90—S. Paulo.

A. Gomes da Silva, comerciante, Rua Barão do Rio Branco, 81, Sertãosinho, S. Paulo.

Antonio da Costa Abrantes, caminho de ferro de Benguela, Africa Ocidental, Lobito,
aos quais devem ser pagas as assinaturas d'ora em diante.

De semana a semana

Muitos problemas

Os mais importantes problemas de fomento que o snr. Antonio Maria da Silva tenciona resolver na sua passagem por aquela pasta, são de tal fórma beneficos e em tanta quantidade, que nem que sua ex.ª se eternisasse nas cadeiras do poder, poderia pôr em pratica.

O snr. Silva é um conquistador de vontades e quer a todo o transe grangear as do povo portuguez. Por isso, querendo mostrar as grandes vantagens que nos dá o seu partido no poder e obter o maior exito como ministro, concede duas entrevistas ao *Seculo* em que expõe os importantes problemas que sua ex.ª vai resolver.

O snr. Silva sabe onde lhe aperta o sapato! Viva o ministro do fomento! Viva!

Depois de postos em pratica todos os seus *maravilhosos* problemas, chegámos ao caminho da felicidade.

Desconsideração

Por requisição das autoridades da Golegã, foi ha dias preso em Lisboa um *honradissimo* passador de moeda falsa que se havia evadido da cadeia daquela vila.

Uma *desconsideração* destas, feita a tão *infeliz* creatura, só se explica em Portugal. O *honradissimo* cidadão protesta contra o democratismo do snr. Afonso Costa e a liberdade e egualdade da Republica que lhe não deixa exercer livremente a sua profissão.

E nós, que somos *ferventes devotos* destes *martires* da Justiça, aconselhamo-lo a que proteste contra a sua *injusta* prisão e reclame junto da direcção do Banco de Portugal uma indemnisação a que tem jus, na opinião do snr. José d'Azevedo Castelo Branco, que disse no *Dia* que cada nota de 5 escudos não tinha mais valor que 2 escudos e 75 centavos.

Sciencia iterna

Uma nova sciencia, despertou a atenção do snr. comandante da Policia e do medico da mesma corporação e está causando o assombro de toda a policia e medicina dêste «país á beira mar plantado».

Trata-se do snr. José Vaz, guarda n.º 1575 da policia de Lisboa, que, consultado por um outro civico seu colega, que ha muito se encontrava adoentado, lhe declarou que ele tinha um *espirito mau no corpo* e se promtificou para lh'o sacar cá para fóra.

O que é certo é que o *virtuoso* civico cumpriu a sua promessa, pois conseguiu extirpar o *espirito maligno* do corpo do colega, que se encontra completamente curado, alardeando o outro que, se ele está com vida, o deve a si e só a si.

O snr. comandante, sabendo do caso, chamou o civico *virtuoso* á sua presença e interrogou-o sobre a sua sciencia e o dr. Tavares, que tambem se encontrava na ocasião e queria aprender a nova sciencia, começou a palestrar com o *virtuoso* que, não estando pelos ajustes, lhe respondeu:

— Olhe, snr. doutor, a sciencia de v. ex.ª morre no tumulo. A minha nunca

morre, porque é mais poderosa, sobrenatural, avançando pelas altas regiões.

Mas que grande *maduro* me saiu este civico!

Quem lhe pôz o nome de José Vaz, devia ter-lhe posto mas é *Zé Matias*.

Os amigos do "Dever,,

Pediu a sua assinatura, espontaneamente, o snr. A. Gomes da Silva, considerado comerciante na Rua Barão do Rio Branco, 81, Sertãosinho, S. Paulo. O snr. Silva é um nosso distinto compatriota, que, longe da sua patria, não deixa de acompanhar com interesse todas as coisas que por cá se passam.

Tambem nos escreveu o nosso velho amigo e antigo companheiro, snr. Antonio da Costa Abrantes, zeloso ferro-viario no Lobito, Africa Ocidental, pedindo a sua assinatura e prometendo a sua valiosa cooperação.

Os nossos agradecimentos.

Pagaram prontamente as suas assinaturas os nossos amigos, snrs. Manuel Marques, de Lisboa, Campo Grande; Pedro dos Santos Vitória, de Lisboa; Bernardo Aires & Irmão, de Formozelha, por intermedio do nosso obsequioso cooperador, snr. Azuil Paiva de Carvalho; Alberto Duarte Cadima, de Leiria; José Ferreira Patricio, da mesma cidade; Joaquim Marques Teixeira, inteligente 2.º sargento, Belem.

Deixaram de pagar:

Carlos de Souza Oliveira Canais, de Leiria; José Justo, David da Silva Fernando, Joaquim da Silva Fernando, todos de S. Paulo, Brazil.

(Continúa).

VERRIDE

Os recibos para cobrança dos nossos estimados assinantes de Verride, encontram-se em casa do snr. Constantino Pereira da Silva, onde deverão pagar.

Pela sociedade

Passou no dia 14 o aniversario natalicio do nosso presado amigo Joaquim Coca Junior, do Zambujeiro, a quem enviamos um apertado abraço.

Esteve no Porto, acompanhado de sua esposa, filhinhos, cunhada e pae, o nosso presado assinante do Cacem, Eduardo d'Almeida, considerado ferro-viario.

Deu á luz uma robusta criança do sexo feminino, a estremosa esposa do nosso estimado amigo, snr. José d'Almeida Machado, inteligente professor das Escolas Moveis, em Tentugal, e dedicado democrata. Parabens.

Da capital do norte regressou á sua casa de Albergaria-a-Velha o nosso presado cooperador, snr. José Bento da Cunha, competente fiscal do governo junto da linha do Vale do Vouga.

COIMBRA-CENTRO

Déviamos a esta bela associação de recreio duas palavras de homenagem justa. Visitamo-la ha dias, mercê da cativante amabilidade do seu vice-presidente, o nosso simpatico amigo, snr. João Caetano da Piedade, assinante do *Dever* e seu obsequioso admirador.

Com efeito neste centro conimbricense, a mocidade folgasã reuniu-se no dia 28 de novembro, dançando com entusiasmo, por ter sido inaugurada a nova séde.

Da direcção fazem parte os snrs. Joaquim da Silva Santos, presidente; João Caetano da Piedade, vice-presidente; Francisco Mendes Alcantara, 1.º secretario e 2.º o snr. Fernando Avelino Serra e tesoureiro Antonio Domingos.

1.º vogal o nosso bom amigo, snr. Amadeu Caetano da Piedade e 2.º o snr. José Caetano.

A todos cumprimentamos afétuosamente.

Humberto Beirão

Mais um camarada que desaparece! Mais um moço, com vinte e cinco anos apenas, deixa este mar imenso de ingratidões que se chama a vida!

Humberto Beirão fôra para a Africa, ha tempo, com a visão sorridente de dias mais felizes e tranquilos. Pois Humberto foi-se para a viagem do Além-tumulo. Nosso patricio, nosso parente e nosso amigo, nasceu em Arazêde e era um rapaz inteligente, estudioso e bom.

Ajudou-nos a fundar este *Dever*, que tantos desgostos nos tem causado.

Foi-se, e nunca mais soubémos dêle. Agora os jornais dizem-nos que, vindo ao nosso encontro, inesperadamente, veio encontrar a morte no Hospital de S. José, em quarto particular, no dia 4 do corrente.

Era um amigo leal.

Sentindo profundamente a sua perda, o *Dever* cobre-se de luto, enviando á familia em tristeza o seu modesto mas sincero cartão de pezames.

Com cem anos

No dia 12 do corrente faleceu no logar da Portela, freguezia de Tentugal, dêste concelho, Roza da Silva, proprietaria, que contava a bonita idade de cem anos. Estes casos tendem, infelizmente, a desaparecer, porque a sociedade d'hoje gasta-se prematuramente e prematuramente envelhece...

FERRO-VIARIOS DE PORTUGAL

Fala-se muito, por aí, em solidariedade colectiva, e eu não vejo factos que constatem que a palavra solidariedade seja compreendida em toda a sua alta significação moral e social.

Eu sou um dos que anceio, com a lógica impaciencia dos que vêem caminhar tudo mal, a aurora glorificadora dum momento soléne de libertação, duma hora em que todos, rubros de triunfo e entusiasmados de vitoria, se estreitem num só e profundo amplexo, no abraço intimo da ultima reivindicação.

O nosso seculo, segundo os melhores projectos socialistas e scientistas, é o seculo das lutas e das transformações sociais.

Isso evidentemente se está vendo, com a diferença de que, para mal de nós todos, as sociedades não estão ainda bem preparadas para essas transformações, metamorfóses aliás tão naturais quanto está na ordem das coisas o progressivo aperfeiçoamento da humanidade.

Nos caminhos de ferro do meu país, com saudoso pezar eu o refiro, vem-se de ha muito notando essa falta de compreensão de solidariedade colectiva, com manifesto prejuiso afinal para todas as classes proletarias de Portugal que, não podendo contar comnosco para nada, se vão deixando tambem adormecer na paz tranquila dos resignados e dos cançados de lutar e sofrer.

Outra poderia, porém, ser a orientação da classe ferro-viaria: Conjugar esforços, conglobar e unir ideias, enveredar por uma só estrada e ter em vista o mesmo fim, sem odios nem malcrenças, para bem da nossa causa. Esta seria a unica atitude, o unico altivo e proveitoso gesto de todos.

Mas não. Sob o ponto de vista politico, os que são politicos deixaram-se embebedar, inconscientemente, com o triunfo das novas instituições, como que se não tivessemos, para alem dêste ambiente, outro ambiente mais saudavel e mais tonificante para a alma social em evolução; sob o ponto de vista profissional, os que vão subindo vão olhando com desdem os que não sobem nem descem; colectivamente, ninguem vale coisa nenhuma.

Palavras e só palavras.

Porque se pensou que isto ia a matar, vá de fazer tolices e de levar os inconscientes a maus caminhos. Retrocederam, e ainda bem, para tranquilidade de todos.

Belmiro.

Poetas e Prosadôres

A bandeira

Ao distinto poeta J. Neves

Quem nunca viu brilhando a baloiçar fagueira
Banhadas pelo sol as côres duma bandeira?

E quer esteja a dançar na torre duma igreja
Linda como quem ri, santa como quem beija,

Quer esteja a tremer na escuridão sombria
Tem sempre a mesma côr que anima e alumia.

* * *

Tinha partido o pai havia já dez anos;
E ele, o pobre pequeno
Não conhecia o lar, o lar onde nasceu...
Falaram-lhe uma vez de Portugal ameno
Da bandeira ideal, por quem o avô morreu,
Mas nunca o seu olhar
Tinha visto a bandeira a tremer e a dançar.

Nunca da sua alma alegre de criança
Saíra aquela voz,
Voz da alma a cantar onde o amor avança
Ao torrão: sangue e amor de herois, nossos avós,

Nunca o seu lindo olhar de pequenino amante
Vira ao longe brilhar alegre, triunfante
A bandeira de luz que nos dá vida e canta
Por ser o coração da nossa patria santa.

E numa tarde linda, harmoniosa e leve
Sentado á beira-mar,
Tarde em que o coração na mansidão da neve
Quer fugir... quer voár...
Como foge uma abelha a zumbir pelo ar
O lindo pequenito
Sentiu vibrar em si o grande amôr num grito.

Vira ao longe surgir um barco, num momento,
Por sobre o mar, assim ligeiro como o vento
Tendo em cima ideal uma bandeira rindo
Par'cendo ao baloiçar.
Num sorriso de amôr, uma ilusão fugindo
Como num beijo d'alma em sonho a esvoaçar.

E o pobre pequenito
Vendo correr a si o divinal barquito,
Fitando a distinção do povo portuguez
Como se fita a alguem pela primeira vez...
E ao ve-la então já perto
Dando-lhe ao coração desconhecido bem,
Ajoelhara a rir no areal deserto —
Como dizendo assim: — A tua benção, mãe!

Leão Correia.

Pedro de Noronha

Por noticias recebidas ha dias da America do Norte, sabemos estar de perfeita saude este nosso simpatico amigo, um novo inteligentissimo e a quem está por certo reservado um largo futuro.

E' o Pedro filho dedicado do prestimoso cidadão, snr. Jacinto de Noronha, ha muito tempo considerado chefe de Vila Nova de Gaia e irmão do nosso presado assinante Jeronimo de Noronha, outro novo muito estudioso.

Folgamos em poder dar esta noticia.

Transcrição

Agradecemos ao nosso estimado colega *Defeza de Mira*, a transcrição que fez, do *Dever*, do artigo do nosso director, intitulado *Pão ou Paz*. Mas pouco lhe teria custado dizer de que jornal o tinha transcrito.

Castigo merecido

O 1.º sargento Nascimento, da guarnição de Coimbra, instrutor da escola militar preparatoria na vila de Tentugal, prendeu no domingo e mandou entregar ao regedor afim de serem encerrados na torre do relogio, durante 5 horas, 9 mancebos que por garotice não cumpriam as suas indicações.

Bem haja o digno sargento, para no futuro haver mais respeito e mais disciplina, base essencial de toda a ordem.

Jornais

Passou mais um ano por sobre a preciosa existencia do nosso querido colega de Leiria, *Leiria Ilustrada*, em cuja redacção contamos tantas dedicações sinceras.

Saudamo-lo cordialmente.

Camara Municipal

Sessão de 6 de novembro

Presentes dr. Simões, presidente da Comissão Executiva, secretario Rodrigues Pato, e os vogaes, Monteiro da Costa, Tavares Lebre e Esteves de Barros.

Lida e aprovada a acta da sessão anterior.

Tomou conta do seguinte expediente:

Um oficio do comandante do 5.º Esquadrão de Reserva com sede em Aveiro, a pedir para que sejam cobradas as importancias de duas multas que foram aplicadas a dois reservistas. Resolveu satisfazer.

Dito da Inspecção Escolar da Figueira da Foz, a pedir se lhe informe se a professora de Pereira tem efétividade de serviço, pedindo certidão.

Dito da Direcção d'Obras Publicas a informar sobre uns dois oficios enviados por esta camara, que para visar o precatorio, tinha que observar escrupulosamente o § 1.º do art.º 5.º da Lei n.º 264 de 23 de julho de 1914, com respeito ao segundo pagamento do subsidio concedido pelo governo, para a escola de Verride, sendo para todos os efeitos o 1.º pagamento realisado pelas corporações administrativas, etc.

Disse a presidencia que não pode concordar por forma alguma com a doutrina do oficio do snr. director das Obras Publicas acabado de ler, porque não vê na lei citada cousa alguma em que ela possa apoiar-se, julgando-se portanto com o direito de receber desde já o subsidio, porque já empregou nas obras da escola a quantia de 760$59, como se mostra da avaliação, junto ao oficio agora presente.

Dito do professor desta vila, a pedir a mobilia necessaria para a cosinha da sua casa de habitação, junto á escola. Informou a presidencia que tinha mandado fazer uma bancada para a cosinha da escola do sexo feminino, por isso que tambem se deve mandar fazer uma bancada para a escola do sexo masculino, mas que seja primeiro o oficio presente á Camara na proxima sessão.

A pedido da Direcção da Propaganda de Portugal, foi mandado afixar um cartaz reclame da mesma Sociedade.

Dito oficio da Junta de Paroquia de Verride, a enviar dois exemplares do recensiamento das crianças na idade escolar do corrente ano. Inteirada.

Uma circular das Camaras de Mortagua e de Santa Comba Dão, inserindo uma moção dessas Camaras contra o Decreto e Lei de 23 de agosto ultimo, que eleva os ordenados aos empregados administrativos, e pedem que sejam secundadas nesse protesto pelas Camaras do país.

Resolveu que seja presente á sessão da Camara na proxima reunião de novembro corrente.

O mestre d'obras apresentou varias informações sobre alinhamentos e licenças pedidas.

Concedidas na fórma da lei.

Foi presente um atestado medico para provar que o professor José Gonçalves Margalhau Junior não deu aula por doença nos dias 19, 20, 21, 22 e 23 do mez de outubro. Inteirada.

Informou o presidente que o transgressor de posturas João Gonçalves Perei-

ra, d'Arazêde, pagou voluntariamente a multa de 3$00. Inteirada.

Foi presente varios requerimentos de interesse particular e de José Simões de Sousa, das Chãs, a pedir que lhe seja feita a demarcação do seu predio com o publico. Depois de varias considerações foi resolvido que se procedesse á demarcação, indo assistir os dignos vereadores Tavares Lebre e Esteves de Barros com o mestre d'obras.

Foi resolvido chamar a atenção do ex.mo Sub-Delegado de Saude para o mau cheiro exalado por uns cortêlhos da rua da Carreira, em Verride, pertencentes a Hilario da Silva.

Informou o snr. Presidente que tinha assinado as ordens de recebimento de contribuições diretas do mez de outubro ultimo, na quantia de 838$76.

A Comissão resolveu que fosse depositada na C. E. Portuguêsa a quantia de 650$00 para prefazer ali a de 2:000$00, ficando na tesouraria municipal a quantia de 478$30.

Autorisou e mandou pagar varias despezas.

Em seguida foi discutido e plenamente aprovado o 4.º orçamento suplementar ao ordinario do ano corrente.

Depois foi encerrada a sessão.

Editos de 30 dias

(1.ª publicação)

NO Juiso de Direito de Montemór-o-Velho, cartorio do escrivão Sampaio, pelo inventario orfanologico por obito de Joaquim Ferreira d'Azambuja, do lugar da Coitada, freguezia das Means, no qual é inventariante a viuva Maria da Luz Noronha, do mesmo lugar, correm editos de trinta dias, contados da segunda publicação do respectivo anuncio no *Diario do Governo*, citando o interessado Antonio Couceiro Laranjeiro, casado, ausente em parte incerta nos Estados Unidos do Brazil, para assistir a todos os termos até final do mesmo inventario.

Montemór-o-Velho, 20 de outubro de 1915.

O escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei.

Amaral Pereira.

Companhia de Seguros TAGUS

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

FUNDADA EM 1877

Capital social—1:200.000$00 E.
Capital emitido—500.000$00
Fundo de reserva—268.000$00

Séde do seu predio:
Rua do Comercio, 56

LISBOA

Efectua seguros terrestres, agricolas, maritimos e postais.

Correspondentes em todas as terras do paiz, ilhas e ultramar.

Agente em Coimbra

José Joaquim da Silva Pereira

ANTIGO ESTABELECIMENTO

— DE —

Mercearia, Tabacos e Fazendas brancas

— DE —

João Antonio Rodrigues

(SUCESSORES)

Montemór-o-Velho

Nesta casa se encontra um completo sortido em assucar, chá, café, manteiga nacional e ingleza, biscoitos, bolachas, massas, bacalhau, genebra e vinhos do Porto.

Ferragens, prego de arame e de ferro, panelas de ferro, rastilho, chumbo em barra e para caça.

Fosforos e Tabacos, por atacado. Tambem vende pelos preços de Lisboa, farinha de trigo, cimento Portland, vidraça, telha de vidro e velas de cera.

Preços resumidos

Oficina-Garage de Coimbra

LOBO DA COSTA & CASTANHEIRA

Grandes oficinas mecanicas para reparações de automoveis; fabrico de carretos, pinhões e corôas em aço; cementação e temperas; vulcanisação e fundição de metaes. Recolha e tratamento. Ensino. Automoveis de aluguer de $08 a $20 o quilometro e 9 lotações de 1 a 18 passageiros.

Acessorios, gazolina e oleo.

Transações em carros de 2.ª mão. Serviço especial, para bem servir os ex.mos clientes da provincia.

Rua da Figueira da Foz—170

COIMBRA

Local conhecido por «Casa do Sal» á entrada da cidade pela estrada do Porto.

Telefone, 502 — Telegramas «Garage-Coimbra»

Hospedaria do Paço do Conde

— DE —

JOSÈ DOS SANTOS

Rua Adelino Veiga, 36 a 40 — Rua do Paço do Conde, 10

COIMBRA

Vinhos, comidas e tabacos.
Recebem-se comensais por preços modicos.
Camas para pernoitar.

Esta casa, com a transformação porque acaba de passar, melhorou consideravelmente todos os seus serviços, achando-se habilitada a receber hospedes de qualquer categoria, oferecendo-lhes comodidades por preços baratos. Esmero e prontidão no serviço de meza, para o que tem pessoal competente.

O mesmo proprietario negoceia em cereais e legumes de todas as qualidades, tais como farinhas, sêmeas, batata, castanha, palha enfardada, cordas e adubos quimicos.

Rua Adelino Veiga — 44, 48

O seu armazem é já muito conhecido.

Telefone 379

João Antonio Rodrigues

(SUCESSOR)

Montemór-o-Velho

Correspondente das seguintes casas:

Banco Comercial de Lisboa, Banco do Minho, Banco Comercial do Porto, Banco Aliança, Banco Economia Portugueza, Banco Nacional Ultramarino, Companhia de Seguros *A Internacional*, Crédit Franco-Portugais, J. M. Fernandes Guimarães & C.ª, Pinto da Fonseca & Irmão, J. M. Espirito Santo Silva, Borges & Irmão, J. H. Tota & C.ª, e Orey, Antunes & C.ª.

Restaurante Ferro-viario

ALFARELOS

ESTE bufete, um dos que melhor servem o publico que transita nos comboios, acha-se situado na estação do caminho de ferro de Alfarelos. Fornece almoços, jantares e *lunchs* e toda a qualidade de refeições, por preços comodos. Tem pessoal habilitado, tanto em cosinha como em sala de mesa.

Tudo se encontra com esmero e perfeição.

Fornece comida para fóra, e presta-se a servir em casamentos, batisados, etc., desde que seja prevenido com antecipação.

O proprietario, **Artur de Oliveira Coelho.**

Aos proprietarios de Lisboa e Porto

Grande economia

A MUNDIAL, de acordo com os seus importantes reseguradores resolveu efectuar seguros de propriedades, sem uso ou contiguidade perigosa, ao premio de:

$08 por cada . . . . . 100$00
ou $80 » » . . . . . 1:000$00
de capital seguro

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital, Escudos . . . 500:000$00
Reservas em 1914 . . 64.244$75

Séde em Lisboa — Rua Garrett, 95 — Telefone 4084

Delegação no Porto — Pinto da Fonseca & Irmão
(Banqueiros)
Praça da Liberdade, 138 — Telefone 1459

Agencias e Delegações em todo o paiz, ilhas e colonias.

AGUA DE LUSO—Cura pela Diurése

(MEDALHA D'OURO, MADRID, 1913)

(Estabelecimento termal e Hoteis abertos todo o ano)

A mais diurética e mais digestiva. Aumenta a diurése, regularisa as funções digestivas e átiva os fenómenos nutritivo

Muito radioativa—4,49 miligramas—minutos
Muito ionisada, resistividade a 18° 18300 ohms
Muito rica em gazes raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotonica, ponto criospico 0°,04

} Conclusões da analise feita pelos distintos professores Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitissimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tifico

USO EXTERNO—Molestias de pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc,), reumatismo e gôta.
USO INTERNO—Artritismo, impaludismo, neurastenia—Albuminuria, diabetes—Intestinos, estomago—Rins—Bexiga.

DEPOSITOS:— **LISBOA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros. 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 428. FUNCHAL, José Quirino de Castro, rua dos Murças. AFRICA ORIENTAL: Oswald Offmann. BEIRA: F. L. Simões & C.ª. LOANDA: Beltrão, Pena & C.ª**, e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositarios nas terras onde ainda os não haja.

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legitimos acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de fórma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamavel, isca em cordão vendida fraudulentamente a titulo de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva acção civ de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa a Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosamente guardando-se a maior discreção. A Companhia logo que receba informaçõ fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalisação pa procederem ás necessarias diligencias. Dirigir-se pessoalmente ou por car á Companhia Portuguêsa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS

MELO & MARTINS

PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada

PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiencia dos nossos adubos, devido ao seu magnifico resultado os adoptarão de preferencia a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

A FUNERARIA EM PEDRA

— DE —

FRNCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem deposito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se tambem de fazer esculturas, bustos em pedra, barro. gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fóra de Coimbra

FABRICA DE CAL

Cal fina e grossa, fornece-se em muito boas condições. Preços modicos, sobre o wagon, no caminho de ferro e nos proprios fornos.

Agente de telha tipo marselha e tijolos de todos os formatos, da fabrica Lacerda, Figueiredo & C.ª Limitada, da Pampilhosa.

Pedidos a

Joaquim F. Coca Junior
Zambujeiro—Arazede

AOS AGRICULTORES

Tendo terminado todas as sementeiras, previnem os freguezes que façam novas encomendas de **adubos quimicos** e **organicos**, da acreditada casa *Varela, Leal & C.ª*, **das Varzeas**, que se encontram á venda, por preços sem competencia, em casa de *Manoel Monteiro Godinho*, **Casal do Gaio, Arazede.**

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro
PAMPILHOSA DO BOTÃO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex.mos passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.

Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA

Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.
PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações
Deposito das afamadas aguas de Luso.

Portugal Previdente

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima—Responsabilidade Limitada

Capital **UM MILHÃO** de Escudos

SÉDE — RUA DO ALECRIM, 10 — LISBOA
N.º Telef.—1849 End. Teleg.—VIDA

Seguros contra incendios de predios, fabricas, etc.
Seguros de estabelecimentos e mobiliarios.
Seguros agricolas de ceáras, eiras, palhas, arvoredos, etc.
Seguros de maquinas e utensilios de lavoura.
Seguros contra incendio proveniente de gréves e tumultos.
Seguros de transportes maritimos e postaes.
Seguros contra roubo de habitações e estabelecimentos.
Seguros contra fraude de empregados.
Seguros contra a quebra de cristais.
Seguros de vida, pensões, dotes e reformas.
Seguros contra acideute de trabalho.

Agencias em todas as terras importantes do paiz, ilhas e colonias.

Sucursal no PORTO — Rua Passos Manoel, 21.

BANQUEIROS—**Borges & Irmão**—Porto e Lisboa

Biblioteca da Universidade
Coimbra

Ano 4.º Montemór-o-Velho, 26 de Dezembro de 1915 N.º 200

O DEVER

Semanario defensor da união da familia Portuguêsa

Pátria e Humanidade

Director, Proprietario e Administrador
Almeida Junior

Secretario da Redacção e Editor
Abel M. de Melo Brandão

Red. e Adm.—R. Dr. José Galvão—Montemor-o-Velho

DIRECÇÃO:—COIMBRA
(para onde deve ir a correspondencia)

Composição e Impressão—Tip. Silva (a vapor)
AVEIRO

Um natal de Fome

Foi ontem o dia das lagrimas e das amarguras dos pobres que não têem pão. A sociedade, dividida em varios grupos na escala dos haveres, das alegrias e dos pezares, vai já assistindo ao decorrer dessa data mundialmente historica com o frio indiferentismo de quem se não preocupa com os problemas de ordem psicologica. Os ricos gastavam á vara larga, esquecendo os rotos e os nús. E á mesma hora em que nas suas mezas fartas se degolotiam eguarias caras, no meio de discursatas inflamadas e de gargalhadas estridentes dum bem-estar inconfundivel, nos humildes casebres dos sem pão e sem camisa reinava a desolação e a Dôr, o desespero e a fome.

Logo de manhã, ainda não era sol, fómos á Praça do Bulhão, aqui nesta Invicta primorosa.

Quizemos vêr bem de perto a pobreza destes bairros miseraveis.

Antigamente, com um tostão, enchia-se um cabaz de compras.

Entrava-se em casa com o contentamento bem proprio de quem sabe que vai saciar a lazeira a meia duzia de filhos esfomeados.

O Natal era um dia de festa nos lares humildes, e o pão dos pobres era menos amargurado.

Hoje não! Por toda a parte o clamor da Fome se faz sentir, e não encontramos senão rostos encarquilhados precocemente, vincados com laivos de sofrimento, os olhos amortecidos e as boças escancaradas diante do espétro abominavel da desventura e da Dôr!

Uma semana inteira de trabalho, martelando o ferro, guiando uma locomotiva, amanhando um campo, arroteando um pousio, sulcando mares, gastando a energia e consumindo a paciencia diante de resmas de papel, ou definhando a vida rasgando horisontes á procura de novas auroras de luz, já não dão aos que produzem o suficiente para gosarem um dia de festa e de paz, na mansidão dos seus lares, hoje apagados pela constante carestia da vida, que as circunstancias do seculo mais e mais desolam ainda.

Ha uma desigualdade manifesta, cada vez maior, que vém tendo como consequencia as permanentes lutas entre o Capital e o Trabalho, e em que este, mercê da sua impreparação, está sendo ingloriamente batido.

Mas quando, ha dois mil anos, aquele lendario Nazareno prégava ás multidões, por certo que visionava para esta humanidade em luta, dias de mais venturosa tranquilidade, assim um Natal a valer, em que nos lares, pobres de sua origem, houvesse uma hora ao menos de consolação e conforto.

A ambição, porém, é grande, e é lastimoso e periclitante o estado economico dos que moirejam e, assim, não póde haver o recolhimento indispensavel para nos dar tempo a que pensemos que não é um mito inconcebivel toda a doutrina de paz que dos seus labios descorados veio atravez das idades e dos tempos.

E o Natal, que foi de festa para muitos, foi, para a maior parte, um dos dias mais amargurados do ano que de aqui a 6 dias tomba no além-tumulo carregado de desenganos...

Porto, 1915.

ALMEIDA JUNIOR.

De semana a semana

PROGRESSO

Os nossos presados leitores, e vós, gentis leitoras, lembrais-vos com certeza da tão apregoada liberdade de pensamento e reunião, de direito á gréve e muitas outras maravilhas, como a urbanidade dos agentes da autoridade, com que os nossos impagaveis governantes nos embalavam em tempos idos.

Todos nos lembramos! Eu, tu, ele, nós, vós, só eles, os nossos queridos *amigos*, é que já se não lembram e davam (aqui para nós que ninguem nos ouve), alguma coisa para que esquecessemos essas promessas mirabolantes.

A gréve do Porto, resolvida com cargas de cavalaria e espadas assentes no lombo do Povo Soberano. Os comicios de protesto contra a carestia da vida, proibidos por egual processo, são a prova da tão apregoada liberdade de reunião e de direito á gréve, da urbanidade dos mantenedores da ordem, e do progresso... de ferocidade, com que fostes brindado, meu Zé Povo, meu Zé Zabumba, meu Zé sujo, roto e esfomeado, pelos salvadores da Patria e das batatas.

E tu, meu pacóvio, ainda te entusiasmas e não faltas ás recepções, ás jantaradas, ás conferencias, ás chegadas e ás partidas desses cantadores da mentira nacional, vitoriando-os, e dando-lhes mais força para prosseguirem no seu progresso.. de ferocidade, sepultando-te nos hospitaes, nos calabouços, na *morgue*, nos cemiterios.

O Progresso! O Progresso! Não ha como o Progresso!

PROTESTO

Contam os jornaes da capital que uma gentil corista do *Eden* foi raptada por um não menos gentil cadete da Escola de Guerra, mas que o pae da pequena, não gostando da graça, se queixou á policia, que prendeu os dois pombinhos, interrompendo o sonhado idilio.

Nós protestamos contra estas desconsiderações policiaes.

O facto de ser policia, não autorisa ninguem a meter-se entre dois namorados, cortando bruscamente seus sonhos e seus desejos.

De mais a mais, vivendo nós em pleno regimen democratico, e por tanto, obrigados a respeitar a vontade alheia, manifeste-se ela como se manifestar. Uma mulher bonita, que foge com um rapaz, é porque tem vontade e loucos desejos de conhecer o mundo; e por isso não ha direito da policia se entrometer em tal assunto, a não ser que queira fugir das regras do *crescei e multiplicai-vos*.

Do pão do nosso compadre...

Segundo nos informa o snr. Fonseca Dias, o Estado é um refinadissimo caloteiro, que não paga a quem déve, nem mesmo depois de muito apoquentado.

As ruas de Lisboa estão porquissimas porque a camara municipal não tem dinheiro, visto que o Estado «quando se trata de receber, é ele; quando se trata de pagar, é a camara; e não se contentando com isso ainda a priva de verbas que de direito lhe pertencem, sobrecarregando constantemente a camara com despezas que de direito pertencem a ele, Estado».

Não nos admiramos disso: *do pão do nosso compadre, grossa fatia ao nosso afilhado*.

?..

Parece que estamos perto do fim do mundo.

A epidemia do tifo está-se desenvolvendo por diversas partes do nosso querido Portugal; a agua arrasta vermes nocivos á saude publica; a morte aparece-nos todos os dias á hora da comida, devido aos generos falsificados; o governo vê-se embaraçado para resolver a nossa participação na grande guerra; e o snr. Antonio Maria da Silva não resolve o problema das subsistencias.

As inundações causam importantes prejuizos por toda a parte; os politicos não se entendem uns aos outros. Enfim, um cáos.

Que se irá passar, Deus dos ingratos!

A fome, a peste, a guerra, que sorte nos deparará o destino.

Não só a agua cae sobre nós; caem tambem desgraças nacionaes, contribuições, injustiças, calamidades sem conta e de todo esse diluvio não sabemos se nos salvaremos.

Trez-em-Pipa

Faz grande aranzel *O Dia*, transcrevendo do *Jornal de Noticias* uma local em que se diz que alguns politicos republicanos são assiduos frequentadores do restaurante do *Trez-em-Pipa*, na Travessa da Gloria, como se isso fosse um crime.

O que diriamos então nós se contassemos as celebres ceiatas que no mesmo *Trez-em-Pipa* tivemos até altas horas com os *dignos* correligionarios do *arauto* do Manuelsinho, D. Vasco e D. Pedro de Lencastre, lugares-tenentes do *Capitão-Fantasma* nas *parodias carnavalescas* organisadas na Galisa, e das não menos celebres *camoecas* apanhadas lá pelo atual director da *Nação*, a ponto de caír sobre os *rails* dos eletricos e nós termos que o ir acompanhar a casa!... Nós, em pessoa.

A *celebridade* da casa já vem de outros tempos e a *assistencia elegante* é costume... antigo.

Promoção

Foi promovido justamente a factor de 1.ª classe e colocado em Campanhã, o nosso presado assinante e amigo, snr. Manuel Duarte Licardo, da companhia portuguêsa de caminhos de ferro. Parabens.

TRIBUNA DOS CAIXEIROS

E' enorme, no meio social português, a força de que dispõe esta briosa corporação de trabalhadores. Os dirigentes, lá do *alto*, ainda não pezaram bem até que ponto póde ir o seu valimento, um dia que os caixeiros de Portugal resolverem lutar a sério pelas suas regalias. Até hoje, um sem numero de paliativos tem entravado um pouco a marcha da sua preparação organica, e assim, com magua se verifica, a sua causa continua no mesmo pé de escravidão e de sacrificio. Não sabemos se haverá a certeza de poderem sufucar os seus clamores de justiça, dum momento para o outro. Avaliamos apenas que vae sendo tarde de mais para imporem a quem manda aquilo que um poder retrógrado lhes tem conseguido furtar, insensivelmente, a despeito dos valiosos elementos de que a classe dispõe. Entretanto, quer-nos parecer que alguma coisa conseguiriam no dia em que, unidos, resolvessem pugnar por direitos incontestaveis, já que são tantos e tão complexos os deveres que lhes exigem dentro da esfera limitada da sua acção de humildes moirejadores.

(*Continua*).

Crispim.

Quadro triste...

Caia lentamente a tarde. Lá ao longe, na órbita infinita que limita a vastidão das aguas o Sol procurava sepultar-se inanimado num docel fosforecente de vermelha purpurina; emquanto que, pelo espaço, evolutiam já ténues penumbras que em breve desceram sobre a Terra amortalhando-a com o seu manto de trevas...

Na aldeia ha muito que a noite se tinha cerrado para alguns corações que, opressos pelas agruras do Infortunio, haviam adormecido na superflua conjétura da incerteza; mas, não sem que, nesse sôno repassado de vigilias torturantes houvesse os ingratos pesadelos dum sonho mau em que a imagem da Realidade transparecia com efeito, fazendo reviver o Passado e contemporisar o Presente. Os arrulhos da inocencia, a febre pertinaz da traquinice, as melodiosas canções do berço, apanagio constante dum grupo de louras creancinhas, tinham-se transformado de momento em volumoso montão de espinhos. E' que do lar—sacrario santo de bençãos e de luz—tinha ha pouco debandado a Felicidade, sendo o seu vacuo preenchido com a Desgraça que ali entrou em triunfo com a sua côrte de Sofrimentos!

Havia apênas algumas horas que o vento da Desdita, soprando em impetos de colêra arrebatadora tinha prostrado o unico esteio dessa prole que viveu feliz e despreocupada, deixando, adentro das denegridas paredes onde um remanso tranquilo se albergava, um quadro deveras edificante e tetrico. «Pelos recantos obscuros, abandonadas, tendo nos rostos cavados as sinistras feições da Tristèza, e borbolhando lagrimas e desferindo lamentos encontravam-se as creanças, tendo a resguardar os seus tenros corpitos o frio leito do chão; e, ao fundo, com a cabeça reclinada, abstrata, alheia á Vida, cabelos em desalinho e no olhar fixo a expressão da Dôr e da Saudade, jazia a viuva sem compreensão nitida e isolada do senso comum. Negava o alimento e repudiava os generosos conselhos que lhe ministravam com proventos de Resignação. E' que o dobre a finados, tangido ha pouco pelo velho sacristão, atroava-lhe

ainda os ouvidos com a sua sonoridade lugubre.

«Se ele era tão meu amiguinho!...» — dizia ela por entre os estertôres duma agonia lenta —. «E partiu... sem que a impiedosa morte lhe deixasse ao menos dar-me o abraço da despedida!»

«A miseria... a fome... o espectro hediondo de privações eis o que me rodeia alanceando-me a alma que por certo não resistirá aos impetos brutaes desta sorte adverssa!...

E não se enganára a triste viuva. A' medida que a custo ia articulando algumas impercétiveis palavras, a respiração comprimia-se e aos labios assomavam-lhe já os ultimos alentos da existencia acabrunhada. A Dôr acabava de corroêr fibra a fibra o seu coração; e, pela manhãsinha, quando nos beiraes do casal os passarinhos saudavam os pronuncios dum dia novo e cheio de luz, os gritos dilacerantes das creancinhas atraiam de novo o povo da aldeia que a essa hora seguia para o rude trabalho do campo. Hontem foi o marido que faleceu deixando na Miseria a familia; hoje, foi a viuva que sucumbiu entregando á Desventura os orfãosinhos.

E, á tardinha, quando lá ao longe, na orbita infinita que limita a vastidão das aguas, o Sol ia sepultar-se inanimado, seguiam, a caminho do cemiterio, um grupo de homens conduzindo um humilde caixão que foram depositar ao lado doutro que havia horas ali descançava.

Vivêram, pois, juntos os horrores procelosos da Vida e dormem, unidos, o sóno imperturbavel da Morte!...

Bom Sucesso (Quiaios).

Francisco F. de Carvalho.

As cartas duma infeliz

Meu caro Leopoldo:

Acabei agora de jantar, com minha mãe e meus irmãos. Ha oito dias que todos me tinham abandonado, por um capricho qualquer. Não desanimei. Quem é uma triste como eu sou, não póde desalentar-se mais.

Deram-me varios doces que eu não comi, e ás escondidas, fui guardando no avental. Levei-os ha pouco aos petizitos ali de fronte. Lembrava-me que eles não tinham comido doces ao jantar, porque não póde ter iguarias quem não janta nunca.

E' hoje o dia da festa da familia. E' hoje o dia em que os ausentes, sem lar nem luz, mais choram os que não vêem. Assim sou eu! Lembro-me de ti com amargura, da ingratidão desta distancia que nos atrofia o ser, que nos rouba a paz de que tanto carecemos para levar esta pezada cruz da vida ao grande altar dos nossos martirios.

Adeus. Quantos pequeninos sem pão eu não desejaria ter agora aqui comigo, para os beijar revivendo tempos idos!

Adeus. Saudades da sempre

Tua,

Irène.

Camara Municipal

Sessão de 13 de novembro

Presentes os dignos vereadores, Monteiro da Costa, Esteves de Barros, e o secretario Rodrigues Pato, sob a presidencia do ex.mo dr. Simões.

Lida e aprovada a acta da sessão anterior. Foi presente o seguinte expediente:

Um oficio do professor de Arazede a pedir para que lhe seja concedido o poder dar aula nas quintas-feiras a seguir aos dias da feira ali realisados em todos os mezes.

Dito do Inspector do Circulo Escolar d'Ancião, a pedir para que lhe informem qual o atestado que Maria Perpetua Marques juntou ao concurso da escola de Arazede. Informou a presidencia haver respondido não poder satisfazer porque ainda não baixou a proposta graduada dos concorrentes. Inteirada.

Dito da Inspéção Escolar da Figueira, a dizer que para a organisação do processo de provimento definitivo da professora de Pereira carece de certidão da sua efétividade. Mandou satisfazer.

Dito do professor de Arazede a requisitar impressos. Mandou que se remetessem.

Dito do Director d'Obras Publicas a responder a varios oficios que a Camara lhe enviou, que julga de toda a justiça o pedido, informa que é diminutissima a dotação para reparações de estradas. Espera no entanto uma verba autorisada pelo parlamento e destinada a reparações e construções de estradas, alguma cousa poderá fazer-se em beneficio do pavimento das ruas, que faz parte da estrada n.º 49. Inteirada.

Dito da professora de Pereira a comunicar que as casas da aula e residencia se encontram em mau estado de conservação, e que a proprietaria da casa não se prontifica a fazer as obras de reparação por serem de grande importancia. Resolveu informar o Inspétor Escolar de que em Pereira ha uma casa em condições de servir a casa d'aula e de habitação da professora.

Foi presente uma participação do guarda dos Paços do Concelho, na qual se dá conta que os presos que se achavam na esquadra quebraram varios objectos de mobilia que se achavam naquela casa, dando testemunhas.

Foi presente um atestado medico passado em Coimbra ao amanuense da secretaria da Camara José A. Duarte Geral, necessitando de 60 dias de licença para tratamento da sua saude. A Comissão concedeu a licença.

Foi presente um requerimento de todos os funcionarios administrativos—a pedir por certidão por onde se prove: 1.º, quanto subiu em 1914 a cobrança da contribuição directa á Camara pertencente, cobrada cumulativamente com as contribuições gerais do Estado; 2.º, qual a importancia das mesmas contribuições em 1915, arrecadadas já, até 31 de outubro findo; e 3.º, finalmente, se na Caixa Economica Portuguesa se encontram depositados alguns fundos á ordem da Camara e a ela pertencentes e qual o seu quantitativo, referindo-se ás receitas aludidas á Camara—receitas gerais—como ás da instrução.

A Comissão deferiu o requerimento.

Em seguida propoz o snr. Presidente que, sendo de urgente necessidade a construção de um matadouro, propunha que se representasse ao ex.mo ministro da Justiça a solicitar a cedencia do terreno do Taipal que pertence ao Passal e que se acha em poder da Fazenda Nacional, para nele se construir o matadouro. Aprovada.

Foram presentes pelo mestre d'obras varias informações sobre alinhamentos e licenças pedidas, de varios cidadãos do concelho.

Aprovados nos termos da lei.

Foi presente o balancete semanal, acusando um saldo de 1:350$00 na Caixa E. Portuguesa e de 1:198$11 na tesouraria da Camara.

Autorisou e mandou pagar varias despezas.

Em seguida foi encerrada a sessão.

O Natal dos desditosos

CONTO

E' vespera do Natal. Noite de consoada. A aldeia, sobre a qual se estende um imaculado lençol de néve, é agora silenciosa e triste. De todas as humildes casinhas, onde se presente uma paz bemdita, saem pardacentas nuvens de fumo. Prepara-se a ceia.

Porque será, porém, que dum casebre mais sombrio e mais triste se não evolam essas espirais brancas, sinal de vida e de conforto?

Entremos devagarinho, e vejamos o que nela se passa. Não é uma habitação; é um antro quasi medônho. Ao lembrarmo-nos que um ser humano ali passa a maior parte da existencia, uma tristeza infinita nos confrange o coração.

As paredes, nuas e denegridas, escorrem humidade sobre o pavimento terreo; uma enxerga, com pretenções a cama; uma arca de pinho e um berço, são todo o seu mobiliario.

Junto da lareira apagada, e debruçada sobre um berço, distingue-se um vulto de mulher, de cabelos desgrenhados e a quem sacodem dolorosos soluços; beija sofregamente uma creancinha que, indiferente á sua dôr indiscritivel ao seu desespero mudo, dorme o tranquilo sono da inocencia, o melhor, o unico sono verdadeiro que ha na vida.

A luz baça e trémula duma candeia ilumina vagamente este sombrio quadro.

Pobre Mariana, que consoada a tua! Que crime será esse que assim espias tão cruelmente?! Amaste. Acreditaste nas palavras dum bandido, que só tinha em mira a tua desgraça!

Tu eras tão nova, tinhas tão pouca experiencia da vida, conhecias tão pouco o mundo e os seus embustes, como poderias saber que esse homem, que com tanta meiguice te dizia:

— «E's a unica mulher que amarei, serás a minha esposa, a doce companheira da minha vida!»

Mentia infamemente essa criatura sem alma, e só tinha em vista mostrar-te aos seus companheiros e rir-se da tua desgraça!

Que triunfo! Que gloria, zombar da boa-fé, escarnecer da fraqueza!

Pobre abandonada! Expulsa por teus pais, quem se compadecerá de ti e de teu inocente filhinho?

Hoje, em todos os lares reina a alegria e a abundancia, e tu, nem ao menos terás quem te enxugue as lagrimas!

Em tudo isto pensava a desventurada, e o seu soluçar, mais doloroso se tornava ainda!

E a neve continuava caindo de mansinho, muito de mansinho, para não perturbar a solidão da noite patriarcal.

Batem á porta da triste casinha.

Quem se lembrará da pobre?

Mariana levanta-se, sobresaltada.

Batem de novo e uma voz, suavemente, diz:—Abre, sou eu. E' a tua mãe.

Mariana solta um grito; abre a porta e as duas abraçam-se chorando.

— Minha mãe, ó minha mãe!

— Não chores mais, minha filha, não chores; eu tenho sofrido muido, mas perdoei-te tudo; se tu és minha filha...

Hoje consegui que teu pai te recebesse em casa. Anda comigo, que nos esperam...

Linhares, 24 — XII — 915.

Angelina de Casiro Mendes.

José d'Almeida Guedes

Inicia no presente numero do *Dever* a sua apreciada colaboração este distinto jornalista portuense, antigo redactor da *Madrugada*, mimoso poeta e autor de laureadas peças teatrais.

Almeida Guedes é um novo muito inteligente e culto, que os nossos amaveis leitores terão ensejo de apreciar.

Bem-vindo.

BRAZIL

São nossos representantes no Brazil, para tudo que diga respeito ao DEVER, os nossos prestimosos amigos, snrs.:

José Marques da Costa, Rua Dr. Ricardo, 115—Campinas.

Elisio Ramalhão, Rua João Otávio, 6, Paquita—Santos.

Adelino Nunes de Souza, Rua Moniz e Barros, 157—Rio de Janeiro.

Augusto Nunes de Souza, Rua Dr. Ricardo, 79 — Campinas.

Cezario Simões Corrêa, Rua Paulo Souza, 90—S. Paulo.

A. Gomes da Silva, comerciante, Rua Barão do Rio Branco, 81, Sertãosinho, S. Paulo.

Antonio da Costa Abrantes, caminho de ferro de Benguela, Africa Ocidental, Lobito,

aos quais devem ser pagas as assinaturas d'ora em diante.

D. Angelina de Castro Mendes

Mais um nome ilustre a abrilhantar a galeria dos nossos distintos colaboradores. D. Angelina Mendes é uma talentosa e gentilissima dama, cuja sensibilidade é o seu melhor titulo de gloria. Veio voluntariamente até nós, trazendo ás colunas do nosso jornal pedaços da sua alma de idialista e de prosadora apreciavel, como os nossos presados leitores terão ensejo de constatar no lindo conto que vae noutro logar do *Dever*, e que muito agradecemos.

Poetas e Prosadôres

Em viagem

A' distinta academica
Quina dos Santos Costa

E lá se vai em paz, toda contente,
Escutar na aldeia, longe, o triste outôno!
Enquanto eu fico triste, descontente,
Chorando a sua ausencia, este abandono.

Por ti eu fico orando ardentemente,
Pedindo a Deus do céu, nosso patrono,
Que seja em teu caminho um confidente,
Que mande um seu sorriso em teu abono.

Como é triste a despedida, meu amor!
Mas vai. E' meu destino. Deus o quer.
Qu'importa o meu sofrer, a minha dôr?

Desfolha aí, ao longe, um mal-me-quer...
Escuta em suas folhas, o ardor
Que na alma por ti sinto até morrer.

Almeida Guedes.

Porto, 24—12—1915.

Movimento da população

Nascimentos no mez de agosto

Manuel Maria, filho de Laura de Jesus, nascido no logar da Cabeça Alta, freguezia do Seixo.

José, filho de Albino Monteiro e de Palmira Ferreira, nascido no Casal do Gaio, freguezia de Arazêde.

Gracinda, filha de José da Silva Ranhel e de Nazaré de Jesus Ventura, nascida no Casal do Gaio, freguezia de Arazêde.

Maria da Encarnação, filha de José Faria e de Maria da Gloria do Amaral, nascida na Povoa de Santa Cristina, freguezia de Tentugal.

Joaquim, filho de Antonio Gonçalves Claro e de Maria da Piedade Pereira, nascido na Ereira, freguezia de Verride.

Maria Augusta, filha de Antonio Gonçalves Claro e de Maria da Piedade Pereira, nascida na Ereira, freguezia de Verride.

Amelia, filha de Antonio dos Santos e de Maria de Nazaré Pereira, nascida no Casal de São João, freguezia de Gatões.

Olivia, filha de Augusto da Silva Mendes e de Piedade Roxo d'Oliveira, nascida no Moinho da Mata, freguezia de Montemór-o-Velho.

Maria, filha de Antonio Rama Cascão e de Joaquina Monteiro, nascida nas Means de Cima, freguezia das Means.

José, filho de Antonio Batista Monteiro e de Joaquina da Costa Silva, nascido na vila de Pereira.

Maria da Conceição, filha de José Pimentel Girão Junior e de Maria da Cruz Pereira, nascida em Formozelha, freguezia de Santo Varão.

Manuel, filho de José Ferreira Coelho e de Maria Medina, nascido na Fontinha, freguezia de Pereira.

Carlos, filho de Antonio d'Oliveira e de Maria Melo, nascido na Coitada, freguezia das Means.

Joaquina, filha de Antonio Soares Placido e de Conceição Torres Carruéla, nascida nos Montes de Cima, freguezia de Pereira.

Manuel, filho de José de Barros Amorim e de Maria José, nascido no Zambujeiro, freguezia de Arazêde.

Luiza, filha de Joaquina Marques Morgado e de Tereza da Cruz, nascida no Casal do Gaio, freguezia de Arazêde.

Maria da Natividade, filha de Joaquim Rodrigues Quialheiro e de Maria dos Santos, nascida na Moita, freguezia do Seixo.

Manuel, filho de Antonio Coelho de Almeida e de Margarida Martinho, nascido na Abrunheira, freguezia de Verride.

Rosa, filha de Maria da Cruz d'Oliveira, nascida na Moita da Vagueira, freguezia de Arazêde.

Antonio, filho de Augusto Gomes e de Ermelinda Pires, nascido na vila de Tentugal.

Antonio, filho de José Araujo e de Ma-

ria Varela, nascido na Morraçã, freguezia de Tentugal.

Antonio, filho de João Caldeira e de Maria José Ramos, nascido no Casal dos Nobres, freguezia da Carapinheira.

Henrique, filho de Joaquim do Espirito Santo e de Herminia Henriques, nascido no Marujal, freguezia de Vila Nova da Barca.

José, filho de José Machado e de Ana da Silva Carapeta, nascido nas Cabaçotas, freguezia das Means.

Maria José, filha de Augusto Fortunato Figo de Gois e de Maria do Carmo Carvalho Rasteiro, nascida na Torre, freguezia de Pereira.

Maria, filha de Manuel dos Santos e de Maria d'Oliveira, nascida nos Catarruchos, freguezia de Arazêde.

Manuel, filho de Joaquim Lourenço e de Joaquina Justa, nascida na vila de Tentugal.

Maria, filha de Manuel Gomes Ramalhete e de Maria Ferreira Amado, nascido na Fontinha, freguezia de Pereira.

José, filho de José Maria Pereira Gaspar e de Maria Ferreira, nascido nos Montes de Cima, freguezia de Pereira.

José, filho de José da Silva Gonçalo e de Maria de Jesus Faine, nascido no Zambujeiro, freguezia de Arazêde.

Maria da Conceição, filha de Joaquim Maria Nobre e de Caetana Areiro, nascida na vila de Montemór-o Velho.

Gracinda, filha de José Maria Duarte Gomes e de Gracinda Ferreira Pinto, nascida na vila de Verride.

José, filho de José Maria da Silva e de Maria José da Silva, nascido no Bebedouro, freguezia de Arazêde.

Maria, filha de Antonio d'Oliveira e de Maria de Jesus, nascida nos Bizarros, freguezia de Arazêde.

Maria das Dôres, filha de Joaquim Nobre e de Maria de Nazaré Mendes, nascida na Estrada, freguezia da Carapinheira.

Maria José, filha de Manuel Cristino de Goes e de Mariana Morgado, nascida na vila de Pereira.

Mario, filho de Manuel Virginio dos Santos e de Maria Filomena Bicho, nascido na vila de Pereira.

Manuel, filho de Joaquim Ferreira de Almeida e de Piedade Gonçalves, nascido na Torre, freguezia de Pereira.

Joaquim, filho de Joaquim Gomes Cordeiro e de Ana Travassos, nascido na Bandurreira de Baixo, freguezia da Carapinheira.

José, filho de Antonio Gomes Cavaleiro e de Maria Cruz, nascido na Cruz de Santo Antonio, freguezia da Carapinheira.

Amelia, filha de Antonio Garrido e de Maria José Areiro, nascida na Serrinha, freguezia do Seixo.

Joaquim, filho de Joaquim Simões Monteiro e de Maria da Assunção Ferreira, nascido no Alhastro, freguezia da Carapinheira.

Maria, filha de Joaquim Simões Monteiro e de Maria da Assunção Ferreira, nascida no Alhastro, freguezia da Carapinheira.

Luiza, filha de Joaquim Monteiro e de Maria Matias, nascida na Modoraçã, freguezia de Tentugal.

Maria, filha de José Carvalho e de Maria de Nazaré da Silva, nascida no Casal do Gaio, freguezia de Arazêde.

Alvaro, filho de Bernardino Esteves da Silva Carvalho e de Antonia de Jesus Carvalho, nascido em Vila Franca, freguezia de Arazede.

Maria, filha de Antonio Emidio d'Oliveira e de Maria Pinto Ribeiro, nascida nos Montes de Cima, freguezia de Pereira.

Augusto, filho de Antonio Lopes Seralheiro e de Ana Afonso, nascido na vila de Verride.

Antonio, filho de Manuel Viegas e de Adelaide Mendes, nascido na freguezia de S. Romão, concelho de Ceia.

Julia, filha de Joaquim da Cruz Calvo e de Maria da Cruz Calvo, nascida nos Catarruchos, freguezia de Arazede.

Antonio, filho de Manuel Marques Alho e de Tereza Alves, nascido na vila de Pereira.

VERRIDE

Os recibos para cobrança dos nossos estimados assinantes de Verride, encontram-se em casa do snr. Constantino Pereira da Silva, onde deverão pagar.

CORRESPONDENCIAS

Bom Sucesso, 20-12-915.

Com a epigrafe, *A lealdade portugueza*, publicou a *Voz da Justiça*, da Figueira da Foz, e não sabemos se outros jornaes que, como a *Voz*, nutrem o sacrosanto afecto pela causa justa dos aliados, um substancioso artigo de Jean Finot. E', pois, um estrangeiro que, com noção evidente e justiça bem palpavel o escréve e assina!

São trez colunas coloridas pela luz refulgente da Verdade, que vem banhar, em reverberos de patriotismo, a alma dum povo grande! Jean Finot, francês ilustre e timorato justiceiro é, sem duvida, um adepto ferveroso e um batalhador pela Causa porque lutamos; e a sua pena brilhante, ao deslisar no papel, imprimiu-lhe — não tropos inflamados como o troar dos canhões— mas sim suavissimas concretisações que vieram pôr em fóco, atravez do mundo culto, o civismo e a probidade desta raça de heroes que, perante a Justiça e ante o Dever, nunca hesitou em sacrificar-se individual e materialmente.

O artigo de Jean Finot, é, pois, digno de ser lido por todos os portuguêses, porque, cada periodo que descréve, é uma oração á Patria de Camões e um culto venerando aos descendentes de Vasco da Gama e Albuquerque!...

Afim de ministrar a instrução militar aos mancebos do 1.º grau veio aqui no passado sabado o tenente de infanteria 28 e diretor da carreira de tiro de Quiaios, snr. Manoel Gonçalves Mendes

Em serviço judicial tambem aqui vimos os nossos amigos de Quiaios, snrs. Antonio Mariano e Manuel C. Maia.

Xico.

ANUNCIOS

Acção de divorcio

POR sentença de vinte de novembro ultimo, por transitar em julgado, foi convertida em divorcio, a separação já decretada entre os conjuges Manuel Gaspar, do Tojeiro, e Luiza de Jesus, do logar de Arazêde, o que se faz publico para os devidos efeitos.

Montemór-o-Velho, 3 de dezembro de 1915.

O escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei.

Amaral Pereira.

Arrematação

(1.ª publicação)

No dia 9 de janeiro de 1916, pelas 11 horas, á porta do Tribunal Judicial da comarca de Montemor-o-Velho, se ha de vender em hasta publica, pelo maior lanço oferecido sobre o valor da avaliação, o seguinte predio pertencente ao casal inventariado por obito de Antonio Monteiro, morador que foi na Cirgueira:

A quarta parte de umas casas de habitação, no logar e freguezia da Carapinheira, que todas partem do norte com estrada publica, sul e poente com herdeiros do dr. Galvão e do nascente com Tereza Gonçalves, avaliada em 50$00.

A contribuição de registo é paga por inteiro á custa do arrematante. Pelo presente são citados para a praça quaisquer credores incertos.

Montemor-o-Velho, 16 de dezembro de 1915.

O escrivão,

João Paes da Cunha Mamede.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

Amaral Pereira.

Arrematação

(1.ª publicação)

No dia 9 de janeiro de 1916, pelas 11 horas, á porta do Tribunal Judicial da comarca de Montemor-o-Velho, se hão de vender em hasta publica, pelo maior lanço oferecido sobre o valor da avaliação, os seguintes bens pertencentes ao casal inventariado por obito de Maria Rosa Cavaleira, do Vale Saramago:

Uma terra lavradia em Vale Saramago, freguezia do Seixo, avaliada em 66$00;

Uma terra com mato e pinheiros, na Pedra Branca, freguezia do Seixo, avaliada em 24$00;

Um bocado de terra com vinha, no sitio do Baldio, freguezia do Seixo, avaliado em 24$00;

Um bocado de mato, na Cabeça Alta, freguezia do Seixo, avaliado em 3$00;

Um bocado de pinhal, no Cabeço do Homem, freguezia do Seixo, avaliado em 8$00;

Um bocado de pinhal, no Vale Sobreiro, freguezia d'Arazede, avaliado em 12$00;

Pelo presente são citados para a praça quaisquer credores incertos. A contribuição de registo é paga por inteiro á custa do arrematante.

Montemór-o-Velho, 16 de dezembro de 1915.

O escrivão,

João Paes da Cunha Mamede.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de Direito,

Amaral Pereira.

ANUNCIO

(1.ª publicação)

No dia 19 de janeiro proximo, pelas onze horas, á porta do tribunal judicial desta comarca, se ha-de proceder á venda em hasta publica e pelo maior preço que fôr oferecido alem do que lhe fôr designado, do seguinte predio penhorado na execução hipotecaria que Belmiro Anibal de Lima, de Coimbra, move contra Maria Jorje Mendes, viuva, e filhos Maria da Encarnação, Francisco, José Francisco e Joaquim Francisco Angelo, solteiros, da Povoa de Santa Cristina:

Um predio que se compõe de casas de habitação com curraes, pateo, eira de sal, um moinho de fazer farinha, terra lavradia com arvores de fruto e vinha, no arneiro da Povoa de Santa Cristina, vai á praça no valor de dois mil e seis centos escudos.

Pelo presente são citados para a arrematação quaisquer credores incertos.

Montemór-o-Velho, 17 de dezembro de 1915.

O escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei.

O juiz de Direito,

Amaral Pereira.

DR. AVELINO FARIA
Advogado
CANTANHEDE
Dá consultas aos domingos em
ARAZEDE
de outubro em diante e trata de qualquer questão no tribunal de Montemór-o-Velho.

Editos de 30 dias

(2.ª publicação)

NO Juiso de Direito de Montemór-o-Velho, cartorio do escrivão Sampaio, pelo inventario orfanologico por obito de Joaquim Ferreira d'Azambuja, do lugar da Coitada, freguezia das Means, no qual é inventariante a viuva Maria da Luz Noronha, do mesmo lugar, correm editos de trinta dias, contados da segunda publicação do respectivo anuncio no *Diario do Governo*, citando o interessado Antonio Couceiro Laranjeiro, casado, ausente em parte incerta nos Estados Unidos do Brazil, para assistir a todos os termos até final do mesmo inventario.

Montemór-o-Velho, 20 de outubro de 1915.

O escrivão,

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Verifiquei.

Amaral Pereira.

Companhia de Seguros TAGUS

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

FUNDADA EM 1877

Capital social—1:200.000$00 E.
Capital emitido—500.000$00
Fundo de reserva—268.000$00

Séde do seu predio:
Rua do Comercio, 56

LISBOA

Efectua seguros terrestres, agricolas, maritimos e postais.

Correspondentes em todas as terras do paiz, ilhas e ultramar.

Agente em Coimbra

José Joaquim da Silva Pereira

Companhia de Seguros Fidelidade

Séde: Largo do Corpo Santo, 13—1.º—Lisboa

Capital emitido	1.344:000$00
Capital desembolsado	67:200$00
Reservas	733:702$07,5
Prejuizos pagos	4.497:355$11

Efectua seguros maritimos e terrestres na séde e nas correspondencias.

A Flôr d'Abrunheira

—DE—

Joaquim de Sousa Carvalho

Fazendas de lã e algodão, ferragens, tintas, mercearia, vinhos e tabacos.

Variado sortimento de miudezas

Especialidade em chá, café, licores, etc.

ABRUNHEIRA

Agua da Curia

Mogofores

As unicas aguas sulfatadas-calcicas que existem no paiz, similhantes ás afamadas aguas de Contrexéville, nos Vosges (França).

AGUA DE LUSO—Cura pela Diurése

(MEDALHA D'OURO, MADRID, 1913)

(Estabelecimento termal e Hoteis abertos todo o ano)

A mais diurética e mais digestiva. Aumenta a diurése, regularisa as funções digestivas e ativa os fenómenos nutritivo

Muito radioativa—4,49 miligramas—minutos
Muito ionisada, resistividade a 18° 18300 ohms
Muito rica em gazes raros, argon 1,15, helio 1,00
Muito hipotonica, ponto criospico 0°,04

} Conclusões da analise feita pelos distintos professores Giovanni Costanzo e Charles Lepierre

Muitissimo pura, não tem colibacilo nem bacilo tifico

USO EXTERNO—Molestias de pele (eczema, prurigos, psoriasis, lupus, etc.), reumatismo e gôta.
USO INTERNO—Artritismo, impaludismo, neurastenia—Albuminuria, diabetes—Intestinos, estomago—Rins—Bexiga.

DEPOSITOS:— **LISBOA: Augusto Brandão, rua dos Fanqueiros, 306, telef. 225. PORTO: Victorino d'Almeida, rua 31 de Janeiro, 16-18, telef. 428. FUNCHAL, José Quirino de Castro, rua dos Murças. AFRICA ORIENTAL: Oswald Offmann. BEIRA: F. L. Simões & C.ª. LOANDA: Beltrão, Pena & C.ª**, e nas principais terras do paiz, aceitando-se depositarios nas terras onde ainda os não haja.

GRATIFICA-SE BEM

a quem dê informações de que resulte a condenação por fraudes praticadas com prejuizo dos exclusivos de fosforos e isca (e dos interesses do Estado, da Companhia concessionaria e do comercio legitimos acendedores, algodão ou qualquer outra materia apresentada de fórma e servir de isca, fabricação ou venda de chita com preparo inflamavel, isca em cordão vendida fraudulentamente a titulo de cordão de sacos, etc., reservando-se a Companhia concessionaria intentar a respectiva acção civ. de perdas e danos contra os delinquentes, independentemente da multa a Estado nos termos da legislação em vigor. Gratifica-se generosament guardando-se a maior discreção. A Companhia logo que receba informaçõ fidedignas enviará a qualquer ponto do paiz agentes da fiscalisação par procederem ás necessarias diligencias. Dirigir-se pessoalmente ou por car á Companhia Portuguêsa de Fosforos, 139, rua de S. Julião, Lisboa.

ADUBOS

MELO & MARTINS

PAMPILHOSA DO BOTÃO

Fabricantes dos bons adubos compostos da marca registada

PEIXE

Chamamos a atenção dos snrs. agricultores para fazerem uma experiencia dos nossos adubos, devido ao seu magnifico resultado os adoptarão de preferencia a qualquer outro.

AZEITE

Para revenda e em grandes quantidades, vendemos de excelente qualidade.

Alugam-se Automoveis

MELO & MARTINS
Pampilhosa do Botão

A FUNERARIA EM PEDRA

—— DE ——

FRANCISCO A. DOS SANTOS, FILHO

RUA DIREITA, 139 a 149

COIMBRA

Esta oficina encarrega-se de todo o trabalho de jazigos, mausoleus, campas, cantarias e ornamentações, tanto em calcareo como em marmore, a qual tem desenhos de jazigos, para escolher, em estilos antigos e em ARTE MODERNA.

Tem deposito de bancas de cosinha e mausoleus em lousa preta.

Encarrega-se tambem de fazer esculturas, bustos em pedra, barro, gesso, etc.

Toma conta de qualquer trabalho fóra de Coimbra

FABRICA DE CAL

Cal fina e grossa, fornece-se em muito boas condições. Preços modicos, sobre o wagon, no caminho de ferro e nos proprios fornos.

Agente de telha tipo marselha e tijolos de todos os formatos, da fabrica Lacerda, Figueiredo & C.ª Limitada, da Pampilhosa.

Pedidos a

Joaquim F. Coca Junior
Zambujeiro—Arazede

AOS AGRICULTORES

Tendo terminado todas as sementeiras, previnem os freguezes que façam novas encomendas de **adubos quimicos** e **organicos**, da acreditada casa *Varela, Leal & C.ª*, **das Varzeas**, que se encontram á venda, por preços sem competencia, em casa de *Manoel Monteiro Godinho*, **Casal do Gaio, Arazede.**

HOSPEDARIA SILVA

Junto á Estação do Caminho de Ferro
PAMPILHOSA DO BOTAO

Esta hospedaria, situada em frente á estação do caminho de ferro, oferece aos ex.mos passageiros todas as comodidades, tendo bons quartos.

Serviço esmerado e bom tratamento.

DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA

Mercearia, Vinhos e Tabacos. Especialidade em café.
PREÇOS COMODOS

Comissões e consignações
Deposito das afamadas aguas de Luso.

Portugal Previdente

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade Anonima — Responsabilidade Limitada

Capital **UM MILHÃO** de Escudos

SÉDE — RUA DO ALECRIM, 10 — LISBOA
N.º Telef.—1849 End. Teleg.—VIDA

Seguros contra incendios de predios, fabricas, etc.
Seguros de estabelecimentos e mobiliarios.
Seguros agricolas de ceáras, eiras, palhas, arvoredos, etc.
Seguros de maquinas e utensilios de lavoura.
Seguros contra incendio proveniente de gréves e tumultos.
Seguros de transportes maritimos e postaes.
Seguros contra roubo de habitações e estabelecimentos.
Seguros contra fraude de empregados.
Seguros contra a quebra de cristais.
Seguros de vida, pensões, dotes e reformas.
Seguros contra acideute de trabalho.

Agencias em todas as terras importantes do paiz, ilhas e colonias.
Sucursal no PORTO — Rua Passos Manoel, 21.

BANQUEIROS—**Borges & Irmão**—Porto e Lisboa